

Anne Brontë

THE TENANT OF WILDFELL HALL

BILÍNGUE



A MORADORA DE WILDFELL HALL



LANDMARK

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

COPYRIGHT BY EDITORA LANDMARK LTDA.

A MORADORA DE WILDFELL HALL

PREFÁCIO DA AUTORA À SEGUNDA EDIÇÃO

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

CAPÍTULO VIII

CAPÍTULO IX

CAPÍTULO X

CAPÍTULO XI

CAPÍTULO XII

CAPÍTULO XIII

CAPÍTULO XIV

CAPÍTULO XV

CAPÍTULO XVI

CAPÍTULO XVII

CAPÍTULO XVIII

CAPÍTULO XIX

CAPÍTULO XX

CAPÍTULO XXI

CAPÍTULO XXII

CAPÍTULO XXIII

CAPÍTULO XXIV

CAPÍTULO XXV

CAPÍTULO XXVI

CAPÍTULO XXVII

CAPÍTULO XXVIII

CAPÍTULO XXIX

CAPÍTULO XXX

CAPÍTULO XXXI

CAPÍTULO XXXII

CAPÍTULO XXXIII

CAPÍTULO XXXIV

CAPÍTULO XXXV

CAPÍTULO XXXVI

CAPÍTULO XXXVII

CAPÍTULO XXXVIII

CAPÍTULO XXXIX

CAPÍTULO XL

CAPÍTULO XLI

CAPÍTULO XLII

CAPÍTULO XLIII

CAPÍTULO XLIV

CAPÍTULO XLV

CAPÍTULO XLVI

CAPÍTULO XLVII

CAPÍTULO XLVIII

CAPÍTULO XLIX

CAPÍTULO L

CAPÍTULO LI

CAPÍTULO LII

CAPÍTULO LIII

THE TENANT OF WILDFELL HALL

AUTHOR'S PREFACE TO THE SECOND EDITION

CHAPTER I

CHAPTER II

[CHAPTER III](#)

[CHAPTER IV](#)

[CHAPTER V](#)

[CHAPTER VI](#)

[CHAPTER VII](#)

[CHAPTER VIII](#)

[CHAPTER IX](#)

[CHAPTER X](#)

[CHAPTER XI](#)

[CHAPTER XII](#)

[CHAPTER XIII](#)

[CHAPTER XIV](#)

[CHAPTER XV](#)

[CHAPTER XVI](#)

[CHAPTER XVII](#)

[CHAPTER XVIII](#)

[CHAPTER XIX](#)

[CHAPTER XX](#)

[CHAPTER XXI](#)

[CHAPTER XXII](#)

[CHAPTER XXIII](#)

[CHAPTER XXIV](#)

[CHAPTER XXV](#)

[CHAPTER XXVI](#)

[CHAPTER XXVII](#)

[CHAPTER XXVIII](#)

[CHAPTER XXIX](#)

[CHAPTER XXX](#)

[CHAPTER XXXI](#)

[CHAPTER XXXII](#)

[CHAPTER XXXIII](#)

[CHAPTER XXXIV](#)

[CHAPTER XXXV](#)

[CHAPTER XXXVI](#)

[CHAPTER XXXVII](#)

[CHAPTER XXXVIII](#)

[CHAPTER XXXIX](#)

[CHAPTER XL](#)

[CHAPTER XLI](#)

[CHAPTER XLII](#)

[CHAPTER XLIII](#)

[CHAPTER XLIV](#)

[CHAPTER XLV](#)

[CHAPTER XLVI](#)

[CHAPTER XLVII](#)

[CHAPTER XLVIII](#)

[CHAPTER XLIX](#)

[CHAPTER L](#)

[CHAPTER LI](#)

[CHAPTER LII](#)

[CHAPTER LIII](#)

[ANNE BRONTË](#)

**COPYRIGHT BY EDITORA LANDMARK LTDA.
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA LANDMARK LTDA.
PRIMEIRA EDIÇÃO: THOMAS CAUTLEY NEWBY PUBLISHER, LONDRES, 1848**

**DIRETOR EDITORIAL: FABIO CYRINO
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: ARQUÉTIPO DESIGN+COMUNICAÇÃO
TRADUÇÃO E NOTAS: MARCELLA FURTADO**

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, CBL, SP, BRASIL)
BRONTË, ANNE. (1820-1849)
A MORADORA DE WILDFELL HALL - THE TENANT OF WILDFELL HALL /
ANNE BRONTË; {TRADUÇÃO E NOTAS MARCELLA FURTADO} SÃO PAULO : EDITORA
LANDMARK, 2010.**

**EDIÇÃO BILÍNGUE : INGLÊS / PORTUGUÊS
ISBN 978-85-88781-37-5
E-ISBN 978-85-88781-62-7**

**1. ROMANCE INGLÊS. I. TÍTULO.
II. TÍTULO: THE TENANT OF WILDFELL HALL
08-1185 / CDD - 823**

**ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. ROMANCES: LITERATURA INGLESA / 823
TEXTOS ORIGINAIS EM INGLÊS DE DOMÍNIO PÚBLICO.**

**NENHUMA PARTE DESTA OBRA PODERÁ SER REPRODUZIDA E/OU ARMAZENADA, EM SEU
TODO OU EM PARTES, POR FOTOCÓPIA MICROFILME, PROCESSO FOTOMECÂNICO OU
ELETRÔNICO SEM PERMISSÃO EXPRESSA DA EDITORA LANDMARK, CONFORME LEI N° 9610,
DE 19/02/1998.**

EDITORA LANDMARK

RUA ALFREDO PUJOL, 285 - 12° ANDAR - SANTANA

02017-010 - SÃO PAULO - SP

TEL.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095

E-MAIL: EDITORA@EDITORALANDMARK.COM.BR

WWW.EDITORALANDMARK.COM.BR

IMPRESSO EM SÃO PAULO, SP, BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

2012

ANNE BRONTË

A MORADORA DE WILDFELL HALL

EDIÇÃO BILÍNGUE

THE TENANT OF WILDFELL HALL



EDITORA LANDMARK

2012

A MORADORA DE WILDFELL HALL

PREFÁCIO DA AUTORA À SEGUNDA EDIÇÃO

Embora reconheça que o sucesso do presente trabalho tenha sido maior do que esperava e que os elogios recebidos de alguns bondosos críticos tenham sido maiores do que este merecia, devo também admitir que, em outros quadrantes, a obra foi censurada com uma aspereza que eu mal poderia esperar e que meu julgamento, assim como meus sentimentos, asseguram-me serem mais amargos do que justos. Dificilmente é do campo do autor refutar os argumentos dos seus censores e vingar suas próprias produções; mas possa eu ser permitida a fazer, aqui, algumas observações com as quais teria prefaciado a primeira edição, caso tivesse previsto a necessidade de tais precauções contra a falta de entendimento daqueles que teriam lido o trabalho com uma mente preconceituosa ou estariam contentes em julgá-lo em precipitado relance.

Meu objetivo ao redigir as páginas que se seguem não foi o de apenas entreter o Leitor; nem o de gratificar meu próprio gosto, menos ainda o de agraciar-me com a Imprensa e o Público: desejei contar a verdade, pois a verdade sempre revela a sua própria moral para aqueles que estão aptos a recebê-la. Mas, assim como o mais valioso tesouro com bastante frequência se esconde no fundo de um poço, é necessário coragem para mergulhar em sua busca, especialmente se aquele que assim o faz está mais propenso ao escárnio e ao opróbrio, por causa da lama e da água nas quais ele se aventurou a mergulhar, do que ao agradecimento pela joia que procura; como, da mesma maneira, aquela que realiza a limpeza de um apartamento de um solteiro descuidado está mais propensa a ofensas pela poeira que levanta do que a méritos pela organização que realiza. Não se deixem imaginar, entretanto, que me considero competente para corrigir os erros e os abusos da sociedade, mas somente que eu, prazerosamente, contribuiria com minha humilde parcela para um objetivo assim tão bom; e, se pudesse obter a atenção pública, sussurraria apenas poucas e completas verdades e não muitas e suaves bobagens.

Da mesma maneira como a história de “Agnes Grey” foi acusada de carregar de maneira extravagante nas tintas justo naquelas partes que foram cuidadosamente copiadas da vida, com o mais escrupuloso esforço de evitar qualquer exagero, assim, no presente trabalho, eu me vi censurada por

retratar, CON AMORE [1], com “um mórbido amor pelo rústico, senão pelo brutal”, aquelas cenas que, ousado dizer, não teriam sido mais dolorosas para o mais fastidioso dos meus críticos a ler do que para mim, a descrever. Posso ter ido muito longe; nesse caso, devo ser cuidadosa para não atormentar a mim mesma ou aos meus leitores do mesmo modo, em outra ocasião; mas quando temos de lidar com o vício e com personagens viciados, sustento que é melhor retratá-los como eles realmente são do que como gostariam de parecer. Representar algo mau em seu aspecto menos ofensivo é, sem dúvida, o curso mais agradável que um escritor de ficção pode trilhar; mas seria esse o mais honesto ou o mais seguro? É melhor revelar as armadilhas e as ciladas da vida para o jovem e imprevidente viajante, ou cobri-las com ramos e flores? Oh, leitor! Se houvesse menos desse delicado ocultar dos fatos – deste sussurrar, “Paz, paz”, quando não há paz, haveria menos pecado e dor aos jovens de ambos os sexos que são deixados a extrair seu amargo conhecimento da experiência.

Não me compreendam que eu suponha que os hábitos do infeliz e incorrigível malandro, com seus poucos companheiros imorais que aqui apresentei, são a espécie das práticas comuns da sociedade – esse caso é extremo, como confiei que ninguém deixaria de perceber; mas sei que tais personagens existem e se eu alertar um jovem impetuoso para não seguir tais passos ou evitar que uma imprudente garota cometa o mesmo erro que minha heroína, o livro não terá sido escrito em vão. Porém, ao mesmo tempo, se algum leitor honesto tiver se incomodado mais do que se regozijado em sua reflexão e tiver fechado o último volume com uma desagradável impressão em sua mente, humildemente rogo pelo seu perdão, pois tanto estava longe de ser minha intenção; e me esforçarei para desempenhar de modo melhor em outra ocasião, pois amo propiciar prazer inocente. Ainda, que fique claro, não limitarei minha ambição a isso - ou mesmo a produzir “uma perfeita obra de arte”: com o tempo e os talentos assim investidos, eu deveria considerá-los desperdiçados e mal empregados. Empenhar-me-ei para colocar os humildes talentos que Deus me concedeu ao seu melhor uso; se eu for capaz de entreter, também tentarei fazer o bem; e, quando sentir ser meu dever falar uma verdade incômoda, com a ajuda de Deus, EU A DIREI, embora seja prejudicial ao meu nome e em detrimento do prazer imediato do leitor, assim como do meu.

Uma palavra mais, antes de encerrar. Respeitando a identidade do autor, eu teria compreendido que Acton Bell não é Currer nem Ellis Bell e, portanto, que suas falhas não sejam imputadas a eles. No que tange ao nome ser real ou fictício, não importaria muito àqueles que os conhecem apenas pelos seus trabalhos. Assim como pouco, eu penso, pode significar se o escritor designado é homem ou mulher, como dois dos meus críticos alegam ter descoberto. Sou, em boa parte, responsável e considero um elogio à justa delineação dos meus personagens femininos; e embora esteja inclinada a atribuir muito da severidade dos meus censores a esta suspeita, não me esforço em refutá-la, porque, na minha concepção, estou certa de que se um livro é bom, assim o é independentemente do sexo de seu autor. Todos os romances são, ou deveriam ser, escritos para que tanto os homens quanto as mulheres o leiam, e eu ficaria perplexa ao imaginar como um homem se permitiria a escrever algo que pudesse ser realmente ofensivo a uma mulher ou por que uma mulher seria censurada por escrever qualquer coisa que fosse próprio ou pertencente a um homem.

22 DE JULHO DE 1848.

[1] Expressão italiana para caracterizar um andamento em que a música é interpretada de maneira suave.

CAPÍTULO I

Você deve voltar comigo para o outono de 1827.

Meu pai, como você sabe, era uma espécie de rico fazendeiro em – shire; e eu, por seu expresso desejo, o sucedi na mesma quieta ocupação, pouco a contragosto, pois a ambição me urgia a objetivos maiores e o próprio orgulho me assegurava que, ao não considerar sua voz, estaria enterrando meu talento na terra e me tornando um homem modesto. Minha mãe se esforçara ao extremo para me persuadir de que eu era capaz de grandes feitos; mas meu pai, que acreditava ser a ambição a mais segura rota para a ruína e a mudança uma outra palavra para destruição, não daria ouvidos a nenhum plano para melhorar minha própria condição ou aquela dos seus companheiros mortais. Ele me garantia que tudo era aleivosia e me exortava, com seu hálito moribundo, a continuar no bom e velho caminho, a seguir seus passos e os de seu pai, e que minha mais alta ambição fosse a de trilhar o mundo honestamente, sem olhar para o lado direito e nem para o esquerdo, e a de legar a propriedade paterna para meus filhos em um estado, ao menos, tão florescente quanto ele a deixou para mim.

‘Bem!’ – um honesto e engenhoso fazendeiro é um dos mais úteis membros da sociedade; e se eu dedicar meus talentos ao cultivo da minha fazenda e ao aprimoramento da agricultura em geral, deverei, desse modo, beneficiar não apenas meus familiares mais próximos e meus dependentes, mas, em certo nível, grande parte da humanidade:– portanto, não terei vivido em vão.’ Com tais reflexões eu tentava me consolar, enquanto me arrastava para casa, vindo da lavoura, em uma tarde fria, úmida e nublada já no fim de Outubro. Mas o lampejo de um brilhante fogo vermelho, por meio da janela da sala, teve mais efeito em recuperar meu ânimo e reprovar meu ingrato descontentamento, do que todas as sábias reflexões e as boas resoluções que forcei minha mente a conceber;– pois eu era jovem então, lembre-se – apenas vinte e quatro anos – e não tinha ainda adquirido metade do domínio que agora possuo sobre meu próprio espírito – frívolo como pode ser.

Porém, não deveria entrar naquele refúgio de felicidade até que trocasse minhas enlameadas botas por um par limpo de sapatos e meu rústico sobretudo por um respeitável casaco, e me tornasse totalmente

apresentável diante de decente companhia; pois minha mãe, com toda a sua bondade, era muito meticulosa em certos aspectos.

Ao subir para meu quarto, deparei-me, na escada, com uma bela e astuta garota de dezenove anos, de aparência bem cuidada e atarracada, um rosto redondo, bochechas coradas e vigorosas, cachos brilhantes e agrupados, e pequenos e vívidos olhos castanhos. Não é necessário que eu lhe diga que era a minha irmã Rose. Ela é, sei bem, uma agradável matrona ainda e, sem dúvida, não menos amável – em seus olhos – do que no feliz dia em que você a viu pela primeira vez. Nada me dizia então que ela, poucos anos depois, seria a esposa de alguém inteiramente desconhecido de mim como era, mas destinado, depois disso, a se tornar um amigo mais próximo do que inclusive ela própria, mais íntimo do que aquele mal-educado rapaz de dezessete anos, por quem fui agarrado pelo pescoço na passagem, ao descer, e quase me tirou o equilíbrio e quem, em correção ao seu desrespeito, recebeu um ressonante golpe na cabeça que, contudo, não sofreu danos maiores com o castigo; pois, além de ser mais espessa do que o comum, estava protegida por uma abundante meda de curtos cachos ruivos, que minha mãe chamava de castanho-avermelhados.

Ao entrar na sala, encontramos aquela honorável dama sentada em sua poltrona ao lado da lareira, concentrada em sua costura, conforme seu costume habitual, quando não tinha mais nada a fazer. Ela havia arrumado a cozinha e acendido um brilhante e intenso fogo para a nossa recepção; a criada acabara de trazer o carrinho de chá; e Rose estava providenciando o pote de açúcar e o porta-chá do bufê no aparador de carvalho negro, que brilhava como ébano polido, na agradável penumbra da sala.

‘Bem! Aqui estão ambos’, exclamou minha mãe, olhando para nós sem retardar o movimento de seus ágeis dedos e das reluzentes agulhas. ‘Agora fechem a porta e se aproximem do fogo, enquanto Rose prepara o chá; estou certa de que estão famintos; - e me contem o que fizeram durante o dia; - gosto de saber o que meus filhos fizeram.’

‘Estive adestrando o potro cinza – coisa difícil essa – direcionando o arado do último restolho de trigo – pois o próprio arador não tem nenhum senso de direção – e executando um plano para um completo e eficiente escoamento da pradaria, no vale.’

‘Este é meu bravo garoto! – e Fergus, o que esteve fazendo?’

‘Estava praticando Badger-baiting[1].’

E aqui ele começou a dar um relato detalhado de seu esporte e das respectivas características da façanha realizada pelo texugo e pelos cães; minha mãe fingia ouvir com profunda atenção e observava sua animada feição com um grau de admiração maternal que achei extremamente desproporcional ao seu objeto.

‘É hora de você fazer outra coisa, Fergus’, afirmei, assim que uma pausa momentânea em sua narração permitiu que eu falasse.

‘O que posso fazer?’, ele replicou; ‘minha mãe não me permitiria ir ao mar ou entrar no exército; e eu estou determinado a não fazer nada mais – além de me tornar tamanho estorvo para todos, que vocês ficarão agradecidos por se livrar de mim de qualquer jeito.’

Nossa mãe calmamente arrumou seus curtos e rígidos cachos. Ele resmungou e tentou parecer aborrecido, e então todos nós tomamos nossos lugares à mesa, obedecendo ao chamado repetido três vezes por Rose.

‘Agora tome seu chá,’ ela disse; ‘e eu lhe direi o que estive fazendo. Fui visitar os Wilson; e é uma pena que você não foi comigo, Gilbert, pois Eliza Millward estava lá’

‘Bem! E ela?’

‘Oh, nada!... Não vou lhe falar sobre ela;... apenas que ela é uma garotinha boa e interessante, quando está de bom humor e não me importaria em chamá-la...’

‘Calma, calma, minha querida! Seu irmão não tem tal ideia!’, sussurrou minha mãe com seriedade, erguendo seu dedo.

‘Bem,’ retomou Rose; ‘eu estava para lhes contar uma importante notícia que lá ouvi – estive emocionada com ela desde então. Vocês sabem que há um mês, informou-se que alguém comprou Wildfell Hall – e – O que acham? Já está sendo habitada há uma semana! – e nunca soubemos!’

‘Impossível’, exclamou minha mãe.

‘Absurdo!!!’, gritou Fergus.

‘Está habitado sim! – e por uma dama solteira!’

‘Meu bom Deus, querida! O lugar está em ruínas!’

‘Ela reformou dois ou três cômodos; e lá vive, completamente sozinha – exceto por uma velha mulher, sua criada!’

‘Oh, querida! Isso estraga tudo – eu esperava que fosse uma bruxa’, observou Fergus enquanto trinchava sua grossa fatia de pão com manteiga.

‘Besteira, Fergus! Mas não é estranho, mamãe?’

‘Esquisito! Mal posso acreditar nisso.’

‘Mas você pode crer; pois Jane Wilson a viu. Ela saiu com sua mãe que, claro, quando soube da estranha presente na vizinhança, ficou ansiosa para vê-la e saber tudo o que era possível sobre ela. Ela se chama Sra. Graham e está de luto – não as vestes de viúva, mas um luto suavizado – e elas dizem que ela é muito jovem – não mais do que vinte e cinco, vinte e seis anos – mas tão reservada! Elas fizeram tudo o que podiam para descobrir quem ela era e de onde viera, e tudo o mais a respeito, mas nem a Sra. Wilson, com suas resolutas e impertinentes fofocas, nem a Srta. Wilson, com suas hábeis manobras, conseguiram levantar uma única resposta satisfatória ou mesmo uma observação casual, ou uma expressão oportuna para aliviar a curiosidade ou lançar o mais fraco raio de luz sobre sua história, circunstâncias ou conexões. Além do mais, ela foi apenas educada com elas e evidentemente mais contente em dizer ‘adeus’ do que ‘como vai’. Mas Eliza Millward diz que seu pai pretende convocá-la logo, para oferecer conselhos religiosos, dos quais ele teme que ela necessite, pois, embora se saiba que ela se mudou para a vizinhança no começo da semana passada, não esteve presente na Igreja domingo; e ela – que é Eliza – vai implorar para acompanhá-lo e está certa de que terá êxito em persuadi-la e tirar algo dela – você sabe, Gilbert, ela pode fazer qualquer coisa. E nós devemos convidá-la, mamãe; é apenas apropriado, sabe’.

‘Claro, querida. Pobre coitada! Quão solitária ela deve se sentir!’

‘E por favor, sejam rápidas; e não se esqueçam de me contar quanto de açúcar ela coloca no seu chá e de que tipo de touca e avental usa, e tudo o mais; pois não sei como poderei viver até saber disso’, disse Fergus, muito gravemente.

Mas se ele pretendia que sua fala fosse saudada como um golpe de mestre da ironia, falhou notavelmente, pois ninguém riu. Porém, ele não ficou muito desconcertado por isso; pois, quando tinha um bom pedaço de pão com manteiga na boca e estava prestes a engolir um gole de chá, o humor da coisa eclodiu sobre ele com tamanha força irresistível, que ele foi obrigado a pular da mesa e a correr, rindo e engasgando, da sala; e um minuto depois, ouviu-se gritando em amedrontadora agonia no jardim.

Já eu estava faminto e me contentei em silenciosamente demolir o chá, o presunto e as torradas, enquanto minha mãe e minha irmã seguiam conversando, continuando a discutir as circunstâncias aparentes e não aparentes, e a provável ou improvável história da misteriosa dama; mas devo confessar que, depois da desventura de meu irmão, ergui a xícara aos meus lábios uma ou duas vezes e a pousei novamente sem ousar provar o conteúdo, a menos que devesse ferir minha dignidade com similar explosão.

No dia seguinte, minha mãe e Rose se apressaram em prestar seus respeitos à bela reclusa; e voltaram sabendo tanto quanto sabiam ao partir; embora minha mãe declarasse que não se arrependia da jornada, pois se ela não teve proveito, ao menos se elogiou por ter feito o bem e que isso era o melhor: ela havia dado úteis conselhos, os quais, esperava, não seriam ignorados; pois a Sra. Graham, apesar de ter dito pouco sobre qualquer assunto e parecesse um pouco teimosa, não dera a impressão de ser incapaz de reflexão, embora ela não soubesse onde estivera por toda a sua vida, pobre coitada, pois traíra uma lamentável ignorância sobre certos temas e sequer se sentira envergonhada por isso.

‘Quais temas, mãe?’ perguntei.

‘Questões domésticas e todas as pequenas sutilezas da culinária, e coisas do gênero, que toda dama deveria saber de cor, independentemente de ela ser requisitada a fazer uso prático de seus conhecimentos ou não. Dei-lhe informações profícuas, porém, e muitas receitas excelentes, o valor das quais ela evidentemente não poderia apreciar, pois implorou que não me incomodasse, já que ela vivia de modo tão simples e tranquilo que estava certa de que nunca as usaria. “Não se importe, minha querida”, disse eu; “isso é o que qualquer mulher respeitável deve saber; - e, além disso, embora você esteja sozinha agora, não o estará para sempre; você foi casada e provavelmente - devo dizer quase que com certeza - será novamente.”

“Você se equivoca, madame”, ela disse, perto da arrogância; “Estou certa de que nunca deverei me casar”. – ‘Mas eu lhe disse que não acreditava’.

‘Uma romântica jovem viúva, suponho’ eu disse, ‘que aqui chegou para terminar seus dias em solidão e lamentar em segredo a perda de seu amor – mas não vai durar muito.’

‘Não, eu acho que não’, observou Rose; ‘pois ela não parecia muito desconsolada, no fim das contas; e ela é extremamente bela – linda, aliás – você deve vê-la, Gilbert; você a chamará de beleza perfeita, embora dificilmente possa pensar em descobrir uma semelhança entre ela e Eliza Millward.’

‘Bem, posso imaginar muitos rostos mais bonitos que o de Eliza, embora não mais charmosos. Acedo que ela esteja longe da perfeição; mas então, mantenho que, se ela fosse mais perfeita, seria menos interessante.’

‘Então você prefere as falhas dela do que a perfeição de outras pessoas?’

‘Exato – com exceção da presença de minha mãe.’

‘Oh, meu caro Gilbert, que besteira você fala! – sei que não quer dizer isso; está totalmente fora de questão’, disse minha mãe, levantando e apressando-se para fora da sala, sob a alegação de realizar tarefas de casa, para fugir da contradição que tremia em minha língua.

Depois disso, Rose me pôs a par de todos os detalhes sobre a Sra. Graham. Sua aparência, seus modos, suas roupas e os próprios móveis do cômodo em que ela vivia, tudo estava disposto diante de mim, com muito mais clareza e precisão do que eu precisava para vê-los; mas, como não era um ouvinte atento, não poderia repetir a descrição caso quisesse.

O dia seguinte era sábado; e, no domingo, todos se perguntavam se a bela desconhecida iria aproveitar a reprimenda do vigário e comparecer à igreja. Confesso que olhei com certo interesse para o velho banco familiar, pertencente a Wildfell Hall, onde o puído revestimento e almofadas púrpuras estiveram por tantos anos sem passar, intocados, e os sinistros escudos, com suas bordas lúgubres de tecido negro gasto, resolutamente amarfanhados do alto da parede.

E lá observei uma figura alta, feminina, vestida de negro. Seu rosto estava voltado para mim e havia algo nele que, uma vez visto, me convidava a olhar novamente. Seu cabelo era negro como corvo e arrumado em longos e brilhantes cachos, um estilo de penteado bastante incomum naqueles dias, mas sempre gracioso e apropriado; sua compleição era serena e pálida; eu não podia ver seus olhos, pois, estando baixados para seu livro de orações, eram ocultos pelas suas pálpebras caídas e pelos longos cílios negros, mas sua sobrancelha era expressiva e bem definida; a fronte era alta e intelectual, o nariz, perfeitamente aquilino e os traços, em geral, comuns – havia apenas uma leve depressão perto das bochechas e dos olhos e os lábios, embora finamente formados, eram um pouco delgados, comprimidos não com muita firmeza e havia algo neles que transparecia, pensei, um temperamento não muito suave ou amigável; e disse para mim mesmo – ‘prefiro admirá-la desta distância, bela dama, do que ser seu companheiro de lar.’

Aconteceu então que ela ergueu seus olhos, que encontraram os meus; decidi manter o olhar e ela se voltou mais uma vez para seu livro, mas com uma momentânea e indefinível expressão de silencioso escárnio, que era inexpressivamente provocante para mim.

‘Ela acha que sou um cãozinho sem vergonha’, pensei. ‘Humpf! – ela deverá mudar de ideia logo, se eu achar que vale a pena.’

Mas então me ocorreu que tais pensamentos eram muito impróprios para aquele lugar de adoração e que meu comportamento, na ocasião presente, era tudo menos o que deveria ser. Antes, porém, de encaminhar minha mente para a liturgia, olhei para o interior da igreja para ver se alguém estivera me observando; - mas, não – todos aqueles que não estavam seguindo seus livros de oração estavam acompanhando a estranha dama – minha boa mãe e irmã entre os demais, e a Sra. Wilson e sua filha; e mesmo Eliza Millward olhava matreiramente, de soslaio, para o objeto de atração geral. Então ela resvalou o olhar em mim, deu um leve sorriso envergonhado e corou, olhando modestamente para seu livro de orações e tentando se recompor.

Lá estava eu, transgredindo outra vez; e, desta vez, me tornei ciente disso por um súbito golpe nas costas, desferido pelo cotovelo de meu arrogante irmão. Naquele momento, eu apenas podia devolver o insulto ao

pisar-lhe forte os dedos, completando minha vingança depois que saímos da igreja.

Agora, Halford, antes de terminar minha carta, lhe contarei quem era Eliza Millward: ela era a filha mais nova do vigário e uma pequena criatura deveras atraente, por quem eu não sentia nenhum modesto grau de parcialidade; - e ela sabia disso, embora nunca fosse diretamente explícito e não tivesse nenhuma intenção definida em ser, pois minha mãe, que sustentava não haver ninguém boa o suficiente para mim em vinte milhas de distância, não podia sequer pensar em meu casamento com aquela insignificante garotinha que, além de suas numerosas outras desqualificações, não tinha nem vinte libras. A figura de Eliza era, de uma vez, frágil e cheia, seu rosto pequeno, e quase tão roliça quanto minha irmã - compleição, algo similar à dela, porém mais delicada e decididamente menos florescente - nariz, arrebitado - traços, geralmente irregulares; e, no conjunto, ela era mais charmosa do que bonita. Mas seus olhos - não devo esquecer aqueles extraordinários traços, pois ali residia sua principal atração - pelo menos, no aspecto exterior; - eram longos e estreitos, as íris negras ou de castanho bem escuro, a expressão variada e mudando com constância, mas sempre além do normal - eu quase disse diabólico - malvado ou irresistivelmente enfeitiçado - frequentemente, ambos. Sua voz era fina e infantil, seu andar leve e suave como o de um gato:- mas seus modos muitas vezes lembravam a de uma gatinha bela e brincalhona, que agora é pretensiosa e travessa, agora tímida e recatada, de acordo com a sua própria e doce vontade.

Sua irmã, Mary, era muitos anos mais velha, muitas polegadas mais alta e de uma estrutura maior e mais encorpada - uma garota calma, tranquila e sensível, que havia pacientemente cuidado de sua mãe por toda a sua longa e tediosa doença, e fora a dona de casa e escrava da família, desde então até o presente momento. Seu pai confiava nela e a estimava, e ela era amada e cortejada por todos os cães, gatos, crianças e pobres, e menosprezada e rejeitada por todos os demais.

O próprio Reverendo Michael Millward era um alto e grave gentil-homem, idoso, que usava um chapéu de clérigo sobre sua grande, angular e intensa face, carregava uma robusta bengala na mão e encaixava seus ainda poderosos membros em calções e polainas - ou meias negras de seda em

ocasiões importantes. Ele era um homem de princípios rígidos, sólidos preconceitos e hábitos regulares, que não tolerava ser contrariado de nenhuma forma, agindo sob a firme convicção de que suas opiniões sempre estavam certas e quem discordasse delas deveria ser ou deploravelmente ignorante ou intencionalmente cego.

Na infância, eu havia me acostumado a me referir a ele com um pavor reverencial – mas, ultimamente, mesmo agora, dominado, pois, embora ele tivesse uma bondade paternal para com os bem comportados, era um disciplinador rígido e, por muitas vezes, reprovava duramente nossos deslizes ou pequenos pecados juvenis; e, ainda mais, naqueles dias, sempre que convocava nossos pais, tínhamos de permanecer diante dele e recitar o catecismo ou repetir ‘How doth the little busy bee’^[2] ou qualquer outro hino, ou – pior de tudo – sermos perguntados sobre seu último texto e os temas da narrativa, dos quais nunca poderíamos nos lembrar. Às vezes, o digno senhor reprovava minha mãe por ser muito indulgente com seus filhos, com uma referência a Eli ou David e Absalão, que particularmente embaraçavam seus sentimentos; e, com ela respeitando-o tanto e todos os seus dizeres, eu a ouvi exclamar uma vez, ‘eu queria muito que ele próprio tivesse um filho! Ele não seria tão rápido com seus conselhos para os outros, então; - ele veria como é ter um par de filhos para cuidar.’

Ele tinha um louvável cuidado com sua saúde física – acordava bem cedo, caminhava regularmente antes do desjejum, era muito específico sobre roupas secas e quentes, não se sabia de pregar o sermão sem antes engolir um ovo cru – embora ele fosse dotado de bons pulmões e uma poderosa voz – e era extremamente meticuloso sobre o que comia e bebia, sem ser, porém, de nenhuma forma abstêmio e tinha uma dieta peculiar para si próprio – desprezava completamente o chá e líquidos semelhantes e era um consumidor de bebidas com malte, bacon e ovos, presunto, carne seca e outro alimentos fortes, que combinavam muito bem com seus órgãos digestivos e, portanto, eram mantidos por ele para que continuasse sempre bom e íntegro para todos, e com confiança os recomendava aos mais delicados convalescentes e dispépticos que, caso falhassem em obter as prometidas benesses de suas prescrições, ouviam que não haviam

perseverado e, se reclamassem das inconveniências que delas resultavam, eram assegurados de que era tudo imaginação.

Falarei brevemente de duas outras pessoas que já mencionei e então encerrarei esta longa carta. São a Sra. Wilson e sua filha. A primeira era viúva de um rico fazendeiro, um tacanho e vulgar velho fofoqueiro, cujo caráter nem vale a pena descrever. Ela teve dois filhos, Robert, um rude fazendeiro caipira e Richard, um tímido e estudioso jovem que se dedicava aos clássicos com a ajuda do vigário, com o intuito de entrar para a igreja.

Sua irmã Jane era uma jovem dama de certos talentos e mais ambição. Ela tinha, por seu próprio desejo, recebido educação regular de um internato, superior a que qualquer outro membro da família obtivera. Ela fora bem instruída, adquirira considerável elegância de modos, perdera muito de seu sotaque provinciano e poderia se gabar de mais feitos do que as filhas do vigário. Além disso, ela era considerada bonita; mas nunca, por um momento, poderia me considerar entre seus admiradores. Ela tinha cerca de vinte e seis anos, era mais alta e muito esbelta, seu cabelo não era nem castanho nem dourado, mas de um ruivo mais vívido, brilhante e iluminado; sua compleição era notavelmente bela e reluzente, sua cabeça pequena, o pescoço alongado, o queixo bem afeiçoado porém muito pequeno, os lábios finos e vermelhos, os olhos límpidos e cor de mel, rápidos e penetrantes, mas totalmente desprovidos de poesia ou sentimento. Ela tinha, ou poderia ter tido, muitos pretendentes em sua própria posição na vida, mas desdenhosamente repeliu ou rejeitou todos; pois ninguém, a não ser um gentil-homem, poderia agradar seu gosto refinado e ninguém, a menos que fosse uma pessoa rica, poderia satisfazer sua crescente ambição. Um gentil-homem havia, de quem ela ultimamente tinha recebido alguma atenção específica e sobre cujo coração, nome e fortuna, foi comentado, ela tinha sérios desígnios. Tratava-se do Sr. Lawrence, o jovem fidalgo, cuja família tinha anteriormente ocupado Wildfell Hall, mas a abandonara, uns quinze anos atrás, por uma mansão mais moderna e cômoda na paróquia vizinha.

Agora, Halford, ofereço-lhe meu adeus, para o momento. Esta é a primeira parcela de minha dívida. Se a moeda lhe é conveniente, assim me o diga e lhe enviarei o resto com prazer: se preferir permanecer como meu credor ao invés de recheiar sua carteira com tais peças desajeitadas e

pesadas – diga-me ainda e eu perdoarei seu mau gosto, e desejosamente mantereí o tesouro comigo.

Seu, imutavelmente,

GILBERT MARKHAM.

[1] Esporte típico inglês, em que um cão persegue um texugo. Banido legalmente em 1835, ainda é praticado nas áreas rurais do Reino Unido.

[2] “Como vai a pequena abelha ocupada”, canção para crianças composta por Isaac Watts em 1715 e que se tornou popular na Inglaterra, durante a Era Vitoriana.

CAPÍTULO II

Percebo, com alegria, meu mais valioso amigo, que a nuvem de seu desprazer já se dissipou; a luz de seu semblante me abençoa mais uma vez e você deseja a continuação de minha história; portanto, sem mais delonga, você a terá.

Acho que o dia que por último mencionei foi um certo domingo, o último de outubro de 1827. Eu saíra, na terça-feira seguinte, com meu cão e minha arma, à procura da caça que eu pudesse encontrar no território de Linden-Car; mas, sem achar nada, mirei minhas armas para os falcões e as gralhaspretas, cujas depredações, como suspeitava, privaram-me de melhores presas. Com este fim, deixei as mais frequentadas regiões, os vales cobertos de florestas, os milharais e as várzeas, e me encaminhei para escalar o íngreme aclave de Wildfell, a mais selvagem e alta proeminência em nossa vizinhança onde, enquanto se sobe, as sebes, assim como as árvores, tornam-se raras e mirradas, as primeiras, por fim, dando lugar a rústicas cercas de pedra, parcialmente esverdeadas de hera e de musgo, as últimas, aos lariços e aos abetos escoceses ou aos abrunheiros isolados. Os campos, sendo rudes e pedregosos, e totalmente inaptos para a aragem, foram quase totalmente destinados ao fortalecimento das ovelhas e do gado; o solo era adelgado e pobre: pedaços de rochas cinzas despontavam dos herbáceos outeiros, aqui e ali; mirtilos e urzes – relíquias de uma vastidão mais agreste - cresciam sob os muros; e, em muitos cercados, as ambrósias e os juncos usurpavam a supremacia das escassas ervas; mas estas não eram minha propriedade.

Próximo ao topo deste monte, cerca de duas milhas distante de Linden-Car, ficava Wildfell Hall, uma antiquada mansão da era Elizabetana, construída com pedras cinzas escuras, venerável e pitoresca se observada, mas, sem dúvida, fria e escura o suficiente para ser habitada, com suas espessas fasquias de rocha e pequenas vidraças em treliça, seus orifícios de exaustão consumidos pelo tempo e sua situação, tão solitária, tão exposta – apenas guarnecida do ataque dos ventos e do clima por um grupo de abetos escoceses, os próprios meio que despedaçados pelas tempestades e parecendo tão rígidos e escuros quanto a própria casa. Atrás dela, estendiam-se alguns campos desolados e então o pico da colina, revestido de

charnechas marrons; à sua frente (cercado por muros de pedra, com acesso por um portão de ferro, com grandes esferas de granito cinza – semelhante àqueles que decoravam o telhado e o frontão – abrangendo as colunas do portão) havia um jardim – uma vez repleto de plantas e flores resistentes, tanto quanto poderiam suportar aquele solo e aquele clima, e tais árvores e arbustos que melhor poderiam aguentar as torturantes tosquizadas do jardineiro e muito rapidamente assumir as formas que este atribuía a elas – agora, deixado por muitos anos sem cuidado e sem corte, abandonado às ervas e à grama, ao gelo e ao vento, chuva e seca, apresentava um aspecto de fato singular. Os muros verdes de alfena, que bordejavam próximos o caminho principal, estavam já dois terços ressecados e o resto crescia além dos limites razoáveis; o velho cisne de buxo, atrás da pá, perdera seu pescoço e metade de seu corpo: as torres encasteladas de loureiro, no meio do jardim, o gigante guerreiro que permanecia de um lado da passagem e o leão que guardava o outro lado, haviam germinado formas tão fantásticas que não se pareciam com nada existente tanto na terra quanto no céu ou nas águas subterrâneas; mas, para a minha jovem imaginação, todas elas tinham uma aparência de duendes, que se harmonizava bem com as fantasmagóricas legiões e as obscuras histórias sobre a casa assombrada e seus outrora ocupantes, que nossa antiga ama nos contava.

Eu lograra abater um falcão e duas gralhas quando pude discernir a mansão; e então, abandonando outras depredações, ative-me a dar uma volta para olhar o velho lugar e ver quais mudanças havia operado sua nova habitante. Eu não queria ficar bem de frente e observar do portão; mas me detive defronte ao muro do jardim e olhei, e vi nenhuma mudança – exceto em uma ala, onde as janelas quebradas e o teto dilapidado haviam sido, evidentemente, consertados e de onde uma tênue espiral de fumaça se ondulava da série de chaminés.

Enquanto eu assim permanecia, apoiado em minha arma e observando os escuros frontões, afundado em ocioso devaneio, tecendo uma fazenda de caprichosas fantasias, nas quais velhas associações e a bela jovem ermitã, agora dentro daquelas paredes, ocupavam quase uma parte igual, ouvi um leve farfalhar, agitando-se dentro do jardim; e, virando meu olhar para a direção de onde o som nascia, observei uma pequena mão acima do muro: agarrou-se à mais alta pedra e, então, outra pequena mão ergueu-se

para firmar o controle e daí uma diminuta e branca fronte surgiu, coberta de grinaldas feitas de cabelo castanho claro, com um par de olhos azuis abaixo e a porção superior de um miúdo nariz de marfim.

Os olhos não me aperceberam, mas irradiavam alegria ao observar Sancho, meu belo perdigueiro, preto e branco, que estava rastreando os arredores com seu focinho ao chão. A pequenina criatura ergueu seu rosto e gritou alto para o cão. O animal, de boa natureza, parou, olhou para cima e balançou seu rabo, mas não avançou. A criança (um pequeno garoto, aparentemente com cinco anos de idade) escalou até o topo do muro e chamou-o várias vezes; mas vendo que isso não produzia resultado, visivelmente decidiu-se, como Maomé, ir até a montanha, visto que a montanha não vinha até ele, e tentou ir adiante; mas uma velha cerejeira ranzinza, que crescera próxima, o pegou pela roupa com um de seus tortuosos e mirrados galhos que se estendiam acima do muro. Ao tentar se desvencilhar, seu pé escorregou e ele caiu – mas não até o chão;- a árvore ainda o suspendia. Era uma silenciosa contenda até um grito lancinante;- mas, em um instante, larguei minha arma sobre a grama e peguei o pequeno rapaz nos braços.

Enxuguei seus olhos com sua roupa, disse-lhe que estava tudo bem e chamei Sancho para acalmá-lo. Ele estava prestes a colocar sua mirrada mão no pescoço do cachorro e a começar a sorrir entre suas lágrimas, quando ouvi atrás de mim o abrir do portão de ferro e um agitar de roupas femininas, e Aha! a Sra. Graham lançou-se até mim – seu pescoço descoberto, seus cabelos negros balançando ao vento.

‘Dê-me a criança’ ela disse, em uma voz pouco mais alta do que um sussurro, mas com um tom de assustada veemência e, agarrando o garoto, tirou-o de mim, como se alguma horrenda contaminação estivesse em meu toque e então permaneceu com uma mão firmemente agarrando a dele, a outra em seu ombro, fixando em mim seus olhos grandes, luminosos e escuros – pálida, sem respirar, trêmula de agitação.

‘Eu não estava machucando seu filho, madame’, disse eu, mal sabendo-me surpreso ou incomodado; ‘ele estava caindo do muro, ali e tive muita sorte em pegá-lo, enquanto ele estava suspenso de cabeça para baixo naquela árvore, que nem sei a catástrofe que evitei.’

‘Desculpe-me, senhor’, ela balbuciou;- acalmando-se repentinamente – a luz da razão parecendo irromper sobre seu espírito anuviado e um corar débil revestiu seu rosto – ‘eu não o conheço; - e pensei...’ Ela parou para beijar seu filho e com amor envolveu o braço em seu pescoço.

‘Você pensou que eu ia sequestrar seu filho, suponho.’

Ela balançou a cabeça com um sorriso meio embaraçado e replicou – ‘Eu não sabia que ele tinha tentado subir o muro. – Tenho o prazer de falar com o Sr. Markham, creio?’ ela acrescentou, de certa forma abrupta.

Inclinei-me e me aventurei a perguntar como ela me conhecia.

‘Sua irmã veio aqui, poucos dias atrás, com a Sra. Markham.’

‘Somos assim tão parecidos?’ perguntei, um pouco surpreso e não tão orgulhoso da ideia quanto deveria estar.

‘Há uma semelhança nos olhos e nos traços, acho’ ela replicou, de alguma maneira pesquisando meu rosto;- ‘e penso tê-lo visto na igreja, domingo’.

Sorri. Havia algo no meu sorriso ou nas recordações que despertara que era especialmente incômodo para ela, pois mais uma vez assumiu aquele olhar frio e orgulhoso que, de modo tão silencioso, despertara minha aversão na igreja – um olhar de repelente desdém, assumido com tanta facilidade e totalmente sem a menor distorção de um único traço que, enquanto ali, parecia a expressão natural da face e me era mais provocante, porque eu o achava genuíno.

‘Bom dia, Sr. Markham’, ela disse; e sem outra palavra ou olhar, retirou-se, com seu filho, pelo jardim; e eu voltei para casa, nervoso e insatisfeito – mal poderia lhe dizer por que e, portanto, não tentarei.

Parei apenas para me desfazer de minha arma e da munição, e dar algumas ordens para um dos trabalhadores e então segui ao presbitério, para aplacar meu espírito e aliviar meu temperamento turbulento com a companhia e a conversa de Eliza Millward.

Encontrei-a, como sempre, ocupada com alguma peça de suave bordado (a mania pelas lãs de Berlim não havia começado ainda), enquanto sua irmã estava sentada perto da lareira, com o gato em seus joelhos, remendando um punhado de meias.

‘Mary – Mary! Livre-se delas!’ Eliza dizia apressadamente assim que entrei na sala.

‘Eu é que não’ foi a fleumática resposta; e minha presença evitou uma discussão maior.

‘Você tem tanta falta de sorte, Sr. Markham’ observou a irmã mais jovem, com um de seus olhares maliciosos e de esguelha. ‘Papai acabou de sair da paróquia e não deverá voltar antes de uma hora!’

‘Não tem problema; posso ficar uns poucos minutos com suas filhas, se elas me permitirem’, disse, trazendo uma cadeira para o fogo e me sentando, sem esperar ser convidado.

‘Bem, se você for bondoso e divertido, não objetaremos.’

‘Deixe sua permissão ser incondicional, por favor; pois não vir para causar prazer, mas por procurá-lo’, respondi.

Porém, pensei ser razoável fazer um pequeno esforço para tornar minha companhia agradável; e o menor empenho que fiz foi aparentemente bem sucedido, pois a Srta. Eliza nunca esteve em melhor humor. Parecíamos, de fato, estar mutuamente confortáveis um com o outro e logramos manter entre nós uma conversa alegre e animada, embora não muito profunda. Era um pouco melhor do que um tête-à-tête, pois a Srta. Millward quase não abria a boca, exceto ocasionalmente para corrigir alguma afirmação aleatória ou uma expressão exagerada de sua irmã, e uma vez pedir que ela pegasse o chumaço de algodão que rolara para baixo da mesa. Eu mesmo o fiz, entretanto, como uma obrigação.

‘Obrigado, Sr. Markham’, ela disse, quando o entreguei a ela. ‘Eu mesma o teria pego; apenas não o fiz para não perturbar o gato.’

‘Mary, querida, isso não a desculpará perante os olhos do Sr. Markham’, disse Eliza; ‘ele odeia gatos, ousou dizer, tão cordialmente quanto odeia velhas criadas – como todos os cavalheiros. Não é, Sr. Markham?’

‘Acredito que seja natural para nosso sexo pouco amigável desprezar as criaturas’, repliquei; ‘pois vocês, damas, prodigamente as acariciam’.

‘Abençoe-os – queridinhos!’ ela exclamou, em uma súbita explosão de entusiasmo, virando-se e enchendo o bicho de estimação de sua irmã com um jorro de beijos.

‘Não, Eliza’, disse a Srta. Millward, de certa forma ríspida, enquanto ela impacientemente a afastava.

Mas já era hora de ir: por mais apressado que eu fosse, ainda chegaria tarde para o chá; e minha mãe era a alma da ordem e da pontualidade.

Minha bela amiga estava claramente nada desejosa de oferecer-me adeus. Eu agitei com ternura sua pequena mão ao partir; e ela retribuiu-me com um de seus sorrisos mais suaves e um de seus olhares mais cativantes. Voltei para casa muito feliz, com um coração transbordante de complacência por mim mesmo e inundado de amor por Eliza.

CAPÍTULO III

Dois dias depois, a Sra. Graham apareceu em Linden-Car, contrariamente às expectativas de Rose, que acalentava a ideia de que a misteriosa habitante de Wildfell Hall desconsideraria totalmente os costumes normais da vida civilizada – em cuja opinião era apoiada pelos Wilson, que testemunhavam que nem sua visita ou a dos Millward fora retribuída, ainda. Agora, porém, a causa daquela omissão era explicada, embora não inteiramente satisfazendo Rose. A Sra. Graham trouxera seu filho com ela e com a surpresa de minha mãe de que ele pudesse caminhar tanto, ela replicou – ‘É uma longa caminhada para ele; mas ou eu o trazia comigo ou declinaria da visita; pois nunca o deixo sozinho; e acho, Sra. Markham, que devo pedir-lhe que apresente minhas desculpas aos Millward e à Sra. Wilson, quando os vir, pois temo não poder dar-me o prazer de visitá-los até que meu pequeno Arthur seja capaz de me acompanhar’.

‘Mas você tem uma criada’, disse Rose; ‘não poderia deixá-lo com ela?’

‘Ela tem as suas próprias incumbências para se encarregar; e, além disso, é muito velha para cuidar de uma criança e ele é muito agitado para ficar com uma mulher idosa.’

‘Mas você o deixou para ir à igreja.’

‘Sim, uma vez; mas não o deixaria por nenhum outro propósito; e acho que, no futuro, devo dar um jeito de carregá-lo comigo ou ficar em casa.’

‘Ele é tão travesso?’, perguntou minha mãe, consideravelmente chocada.

‘Não’, replicou a dama, sorrindo tristemente, enquanto acariciava os ondulados cachos de seu filho, que estava sentado em um baixo tamborete aos seus pés; ‘mas ele é meu único tesouro e sou sua única amiga: por isso não gostamos de nos separar.’

‘Mas, querida, eu chamo isso de mimo’, disse minha mãe, direta. ‘Você deve tentar suprimir esta tola paixão, assim como salvar seu filho da ruína e a si mesma do ridículo.’

‘Ruína! Sra. Markham!’

‘Sim! Você está mimando o menino. Mesmo na idade dele, ele não deve ficar sempre preso ao avental da mãe; ele deveria aprender a se envergonhar disso.’

‘Sra. Markham, rogo-lhe que não diga tais coisas, pelo menos na presença dele. Confio que meu filho nunca terá vergonha em amar a sua mãe!’ disse a Sra. Graham, com uma séria energia que assustou os convivas.

Minha mãe tentou apaziguá-la com uma explicação; mas ela pareceu pensar que já se falara o suficiente sobre o assunto e abruptamente mudou a conversa.

‘Exatamente como pensei’, eu disse para mim mesmo; ‘o temperamento da dama não é nada de tranquilo, apesar de sua doce e pálida face e de sua altiva frente, onde o pensamento e o sofrimento pareciam deixar igualmente sua impressão.’

Por todo esse tempo, estive sentado no outro lado da sala, aparentemente imerso em uma concentrada leitura de um exemplar da FARMER’S MAGAZINE, que ocorria de eu estar lendo quando da chegada de nossa visitante; e, não escolhendo ser mais que cortês, meramente inclinei-me quando ela entrou e continuei em minha ocupação como antes.

Em pouco tempo, porém, senti que alguém se me aproximava, com um leve, porém lento e hesitante, passo. Era o pequeno Arthur, irresistivelmente atraído pelo meu cão Sancho, que estava deitado aos meus pés. Ao erguer meus olhos, observei-o parado a duas jardas, com seus límpidos olhos azuis melancolicamente encarando o cão, atônito, mas não por medo do animal, mas por uma tímida relutância em se aproximar de seu mestre. Um leve encorajar, porém, o induziu a avançar. A criança, embora tímida, não era taciturna. Em um minuto, ele estava ajoelhado no tapete, com seus braços ao redor do pescoço de Sancho e, em um minuto ou dois mais, o pequeno companheiro estava sentado em meu joelho, pesquisando com ávido interesse as várias espécies de cavalos, gado, porcos e fazendas-modelo exibidos na revista diante de mim. Eu olhava de relance para sua mãe de vez em quando para verificar como ela via a recém-nascida intimidade; e percebi, pelo aspecto inquieto de seu olho, que por alguma ou outra razão, ela estava incomodada pela posição do garoto.

‘Arthur’, disse ela por fim, ‘venha aqui. Você está atrapalhando o Sr. Markham, ele quer ler’.

‘De maneira alguma, Sra. Graham; por favor, deixe que ele fique. Estou me divertindo tanto quanto ele’, roguei. Mas, ainda, com a mão e com o olhar, ela silenciosamente o convocou para o seu lado.

‘Não, mamãe’, disse a criança; ‘deixe-me ver estas figuras primeiro; e então irei e lhe contarei como são.’

‘Teremos uma pequena festa na segunda, cinco de novembro’, disse minha mãe; ‘e espero que você não recuse vir, Sra. Graham. Você pode trazer seu pequeno filho consigo, sabe – ousou dizer que podemos ser capazes de entretê-lo; - e então você poderá se desculpar com os Millward e os Wilson – eles estarão aqui, espero.’

‘Obrigada, mas nunca vou a festas.’

‘Oh! mas esta será bem uma reunião familiar – começará cedo e ninguém mais além de nós mesmos, e somente os Millward e os Wilson, a maioria dos quais você já conhece e o Sr. Lawrence, seu senhorio, com quem deve fazer boas relações.’

‘Eu já o conheço superficialmente – mas você deve me desculpar desta vez; pois as noites, agora, são escuras e úmidas, e temo que Arthur seja muito delicado para se expor ao risco de sua influência sem impunidade. Devemos retardar o desfrute de sua hospitalidade até o retorno de dias mais longos e de noites mais quentes.’

Rose, então, com uma deusa de minha mãe, trouxera uma garrafa de vinho, acompanhada de taças e de um bolo, do bufê e do aparador de carvalho, e o refresco foi devidamente oferecido aos convidados. Ambos se serviram do bolo, mas recusaram obstinadamente o vinho, apesar das hospitaleiras tentativas da anfitriã de forçá-los. Arthur, especialmente esquivando-se do néctar de rubi como se aterrorizado e desgostoso, estava prestes a chorar quando levado a bebê-lo.

‘Não se importe, Arthur’, disse sua mãe. ‘A Sra. Markham pensa que lhe fará bem, pois você estava cansado da caminhada; mas ela não o obrigará a bebê-lo! – Ouso dizer que você ficará muito bem sem isso. Ele detesta a própria visão do vinho’, ela acrescentou, ‘e o cheiro disso quase o faz ficar

enjoado. Eu o acostumei a fazê-lo engolir um pouco de vinho ou um pouco de licor, à guisa de remédio, quando ele adoecia e, de fato, fiz tudo o que podia para que ele os odiasse’.

Todos riram, exceto a jovem viúva e seu filho.

‘Bem, Sra. Graham’, disse minha mãe, enxugando as lágrimas do riso de seus brilhantes olhos azuis – ‘bem, você me surpreende! Dou-lhe o mérito de ter muito senso. - A pobre criança será o próprio gole de leite que sempre foi tomado! Apenas pense no que o homem fará dele, se você persistir em..’

‘Eu acho que é um plano deveras excelente’, interrompeu a Sra. Graham, com uma gravidade imperturbável. ‘Desse modo, espero poupá-lo de pelo menos um degradante vício. Espero que possa tornar os incentivos para todos os demais igualmente inócuos, no caso dele.’

‘Mas por tais meios’, disse eu, ‘você nunca o fará virtuoso. - O que constitui a virtude, Sra. Graham? É a circunstância de ser capaz e desejoso de resistir à tentação; ou não haver nenhuma tentação para resistir? – É ele um homem forte, que supera grandes obstáculos e realiza surpreendentes feitos, seja à custa de um grande esforço físico e sob o risco da subsequente fadiga, ou é ele aquele que se senta em sua poltrona por todo o dia, com nada mais trabalhoso a fazer do que alimentar o fogo e levar a comida à sua boca? Caso queira que seu filho caminhe honoravelmente pelo mundo, você não deve tentar retirar as pedras do seu caminho, mas ensiná-lo como andar sobre elas com firmeza – não insista em acompanhá-lo de mãos dadas, deixe-o aprender a seguir sozinho.’

‘Trei guiá-lo, Sr. Markham, até que tenha força para prosseguir sozinho; e removerei quantas pedras puder de seu caminho e o ensinarei a evitar o resto – ou que ande firmemente sobre elas, como diz; - pois, quando eu tiver feito o máximo, em termos de remoção, ainda haverá muitas para que ele exercite toda a sua agilidade, rigidez e circunspeção que sempre teve. - Está muito bem falar da nobre resistência e dos julgamentos da virtude; mas, por cinquenta – ou quinhentos homens que cederam à tentação, mostre-me um que tinha a virtude de resistir. E por que eu deveria considerar favas contadas que meu filho será um em mil? – não é

melhor preparar para o pior e supor que ele seja como o seu – como o resto da humanidade, a menos que eu aja para evitar isso?

‘Você tem uma boa opinião sobre nós todos’, observei.

‘Não sei nada sobre vocês – falo sobre aqueles que conheço – e quando vejo toda a raça humana (com poucas e raras exceções) tropeçar e errar, caindo em qualquer armadilha e quebrando as pernas em qualquer impedimento que se apresente em seu caminho, não deveria eu usar de todos os meios em meu poder para assegurá-lo de uma trajetória mais ágil e segura?’

‘Sim, mas os meios mais certos seriam o de tentar fortificá-lo contra a tentação, não removê-la de seu caminho.’

‘Farei ambos, Sr. Markham. Deus sabe que ele terá tentações suficientes para assaltá-lo, sejam internas ou externas, quando eu tiver feito todo o possível para tornar o vício tão repugnante para ele quanto o é abominável em sua própria natureza – eu mesma tive, de fato, poucos incentivos para o que o mundo chama de vício, mas, contudo, vivenciei tentações e julgamentos de outro tipo que exigiram, em muitas ocasiões, mais observação e firmeza para resistir do que até então eu fora capaz de reunir contra eles. E isso, acredito, é o que reconhecera a maioria, que está acostumada a refletir e desejosa de lutar contra suas corrupções naturais.’

‘Sim’, disse minha mãe, meio que temendo seu impulso; ‘mas você não julgaria um garoto por si mesma – e, minha cara Sra. Graham, deixe-me alertá-la em boa hora contra o erro – o erro fatal, posso chamá-lo – de tomar a educação do garoto para si mesma. Como você é inteligente para certas coisas e bem informada, pode se imaginar preparada para a tarefa; mas certamente, não é; e, se persistir na tentativa, acredite-me, se arrependerá amargamente assim que o erro for cometido.’

‘Vou colocá-lo na escola, suponho, para ensiná-lo a desprezar a autoridade e a afeição de sua mãe!’ disse a dama, com um certo sorriso amargo.

‘Oh, não! – Mas se você tiver um filho que despreza a sua mãe, deixe-a mantê-lo em casa e passar sua vida mimando-o e submetendo-se a cumprir seus desejos e caprichos.’

‘Concordo perfeitamente com você, Sra. Markham; mas nada pode estar além dos meus princípios e prática do que fraquezas criminosas como essa.’

‘Certo, mas você o trata como uma garota – vai estragar seu espírito e fazer dele uma mera Srta. Nancy[1] – você o fará, sem dúvida, Sra. Graham, independentemente do que pensar. Mas farei com que o Sr. Millward converse consigo a respeito; - ele lhe dirá as consequências; - ele lhe explicará tão claramente quanto o dia; - e lhe dirá o que você deve fazer e tudo o mais; - e, não duvido, ele será capaz de convencê-la em um instante.’

‘Não é caso de perturbar o vigário’, disse a Sra. Graham, olhando para mim – suponho que estava sorrindo para a ilimitada confiança de minha mãe naquele valoroso cavalheiro – ‘O Sr. Markham aqui pensa que seus poderes de persuasão no mínimo se equivalem aos do Sr. Millward. Se eu não o ouvir, não serei convencida nem se os mortos ressuscitarem, ele lhe diria. Bem, Sra. Markham, você que sustenta que um garoto não deve ser escudado contra o mal e sim enviado para combatê-lo, só e sem ajuda – ensinado não a evitar as ciladas da vida, mas sim irromper contra elas ou sobre elas, com todas as forças, como ele pode – buscar o perigo, ao invés de esquivar-se dele e alimentar sua virtude pela tentação – você...?’

‘Peço que me perdoe, Sra. Graham – mas você prosseguiu muito rapidamente. Eu não disse ainda que um garoto deve ser ensinado a arremeter contra as ciladas da vida – ou mesmo desejosamente buscar a tentação para exercitar sua virtude e superá-la; - apenas digo que é melhor armar e fortalecer seu herói, do que desarmá-lo e enfraquecer o adversário; e se você cultivar um carvalho brotando em uma estufa, cuidando dele com atenção noite e dia, e abrigando-o de qualquer lufada de vento, não poderá esperar que ele se torne uma árvore resistente, como a que cresceu na encosta da montanha, exposta a todo o tipo de ação da natureza e nem mesmo escudada do choque da tempestade.’

‘Concedido; - mas você usaria o mesmo argumento com relação a uma garota?’

‘Certamente não.’

‘Não; você cuidaria dela com ternura e delicadeza, como uma planta em uma estufa – a ensinaria a se agarrar aos outros buscando direção e apoio, e a pouparia, tanto quanto possível, de conhecer o próprio mal. Mas seria você tão bondosa em me explicar por que faria esta distinção? É porque acha que ela não teria virtude?’

‘Claro que não.’

‘Bem, mas você afirma que a virtude é apenas extraída da tentação; - e acha que uma mulher não pode ser minimamente exposta à tentação ou ter pouco conhecimento do vício, ou de qualquer coisa ligada a ambos. Deve ser tanto que você pense que ela é, essencialmente, tão viciada ou tão frágil mentalmente, que ela não possa se deparar com a tentação – e, embora ela seja pura e inocente, conquanto seja mantida em ignorância e isolamento, ainda, sendo destituída de real virtude, ensiná-la como pecar é fazê-la de vez pecadora e, quanto maior for seu conhecimento, mais ampla será sua liberdade e mais profunda a libertinagem – enquanto que, no sexo mais nobre, há uma tendência natural para a bondade, resguardada por uma fortaleza superior que, quanto mais for exercitada por julgamentos e perigos, será apenas mais desenvolvida..’

‘Que o céu me proíba tais pensamentos!’ interrompi-a, por fim.

‘Bom, então, deve ser porque você pensa que ambos são fracos e propensos ao erro, e o menor deslize, a mera sombra de poluição, arruinará um, enquanto o caráter do outro será fortalecido e aperfeiçoado – sua educação apropriadamente encerrada com um pequeno conhecimento prático das coisas proibidas. Tal experiência, para ele (utilizo uma comparação vulgar) seria como a tempestade para o carvalho que, embora possa derrubar suas folhas, estalar seus galhos menores, serve para fixar as raízes, além de endurecer e condensar as fibras da árvore. Você faria com que encorajássemos nossos filhos a provar de todas as coisas pelas próprias experiências, enquanto nossas filhas sequer se aproveitariam das experiências dos outros. Agora eu teria ambos para se beneficiar da experiência dos outros e os preceitos de uma autoridade superior, para que eles soubessem, com antecipação, a recusar o mal e escolher o bem, sem exigir provas experimentais para lhes ensinar o mal da transgressão. Eu não colocaria uma pobre menina no mundo, desarmada contra seus inimigos e ignorante dos percalços que assolam seu caminho; nem eu a vigiaria ou

guardaria até que, privada de autorespeito e autoconfiança, ela perderia a vontade de vigiar ou guardar a si mesma; - e, quanto ao meu filho - se eu pensasse que ele cresceria para ser o que você chama de homem do mundo - aquele que “viu a vida” e as glórias em sua experiência, mesmo se ele devesse, até aqui, se beneficiado para se acalmar, finalmente, em um útil e respeitado membro da sociedade - preferiria que ele morresse amanhã - ou melhor, mil vezes!’ ela repetia com convicção, apertando seu querido ao seu lado e beijando sua testa com intensa afeição. Ele já tinha se afastado de seu novo companheiro e estava há algum tempo junto ao joelho de sua mãe, olhando para seu rosto, e escutando em silencioso maravilhamento seu incompreensível discurso. ‘Bem! Vocês damas sempre têm a última palavra, suponho’ eu disse, vendo-a se levantar e começar a se despedir de minha mãe.

‘Você pode ter quantas palavras quiser - é que não posso ficar para ouvi-las.’

‘Não; acontece que você ouve tanto de um argumento quanto lhe convém; e o resto pode ser dito ao vento.’

‘Se você estiver ansioso para prosseguir neste assunto’ ela replicou, enquanto apertava a mão de Rose, ‘traga sua irmã para me ver em algum dia e o ouvirei, tão pacientemente quanto você deseje, a qualquer coisa que lhe agrade dizer. Prefiro tomar lições de você do que do vigário, porque deverei ter menos remorso em lhe falar, ao final do discurso, que mantereí minha opinião precisamente igual ao seu início - como seria o caso, estou convencida, com respeito a outra lógica.’

‘Sim, claro’ repliquei eu, determinado a ser tão provocante quanto ela; ‘pois quando uma dama consente em ouvir um argumento contra suas próprias opiniões, ela está sempre predeterminada a se opor contra ele - ouvir apenas com seus ouvidos físico, mantendo os órgãos mentais resolutamente fechados contra um raciocínio mais forte.’

‘Bom dia, Sra. Markham’ disse minha bela antagonista, com um sorriso lamentoso; e, não se dignando a mais nenhuma réplica, ela se inclinou levemente e estava pronta para se retirar; mas seu filho, com impaciência infantil, a segurou exclamando - ‘Mamãe, você não deu a mão para o Sr. Markham!’

Ela se voltou sorridente e estendeu sua mão. Dei-lhe um despeitado aperto, pois estava perturbado com a contínua injustiça que ela me fizera bem no início de nossas relações. Sem nada saber sobre meus princípios ou real intenção, ela evidentemente tinha preconceitos contra mim e parecia inclinada a me mostrar que suas opiniões a meu respeito, sobre qualquer detalhe, estavam bem abaixo daquelas que eu nutria sobre mim mesmo. Eu estava sensível, naturalmente, ou isso não teria me afetado tanto. Talvez, também, eu fosse um pouco mimado pela minha mãe e pela minha irmã, e por algumas outras damas que conhecia; - e ainda, eu não era, de maneira alguma, um janota - disso estou inteiramente convencido, independentemente de você achar que não.

[1] “Miss Nancy” (Srta. Nancy) é um eufemismo usado para designar um homossexual.

CAPÍTULO IV

Nossa festa, no dia 5 de novembro, transcorreu muito bem, apesar da recusa da Sra. Graham em agraciá-la com sua presença. De fato, é provável que, estivesse ela lá, teria havido menos cordialidade, liberdade e diversão entre nós do que sem ela.

Minha mãe, como sempre, estava alegre e receptiva, cheia de energia e bom humor, e errava apenas em estar muito ansiosa para tornar seus convidados felizes, forçando, portanto, muitos deles a fazer o que aborreceria sua alma, em termos de comer e beber, permanecendo do lado oposto ao brilhante fogo ou falando quando eles deveriam estar quietos. Nem por isso eles se incomodaram, estando todos com um humor de feriado.

O Sr. Millward estava pujante com importantes dogmas e piadas morais, casos pomposos e discursos oraculares, elaborados com o intuito de edificar todos ali reunidos, e a admiradora Sra. Markham, o educado Sr. Lawrence, a tranquila Mary Millward, o quieto Richard Wilson e o incisivo Robert em particular – como sendo os ouvintes mais atenciosos.

A Sra. Wilson estava mais brilhante do que nunca, com suas pilhas de notícias frescas e velhos escândalos, amarrados junto com questões e comentários triviais, além de observações com frequência repetidas, emitidas aparentemente com o único propósito de negar um momento de descanso para os seus incansáveis órgãos da fala. Ela havia trazido sua costura consigo e parecia que sua língua fizera uma aposta com seus dedos, para se superarem em rapidez e continuidade de movimento.

Sua filha Jane era, sem dúvida, tão graciosa e elegante, além de geniosa e sedutora, quanto poderia ser; pois aqui todas as damas estavam para ofuscar e os homens, flertar – e o Sr. Lawrence, especialmente, para capturar e subjugar. As pequenas artimanhas dela para subjugá-lo eram muito sutis e intangíveis para atrair minha observação; mas pensei que havia uma determinada afetação refinada de superioridade e uma descortês autoconsciência sobre ela, que negava todas as suas qualidades; e, depois que ela se foi, Rose interpretou para mim seus vários olhares, palavras e ações com uma mescla de agudeza e aspereza que me fez pensar, igualmente, no artifício da dama e na penetração de minha irmã, e perguntar

a mim mesmo se ela também não tinha um olho para o fidalgo – mas não importa, Halford; ela não tinha.

Richard Wilson, irmão mais novo de Jane, sentou-se em um canto, aparentemente de bom humor, mas silencioso e tímido, desejoso de passar despercebido, mas o suficiente para escutar e observar: e, embora um pouco deslocado de seu ambiente, ele teria ficado bem feliz em seu próprio comportamento taciturno, se minha mãe pudesse deixá-lo em paz; mas em sua equivocada bondade, ela continuaria o perseguindo com sua atenção – empurrando-lhe todos os tipos de comida, sob a noção de que ele fosse muito envergonhado para se servir e obrigando-o a gritar pelo salão suas réplicas monossilábicas às numerosas perguntas e observações pelas quais ela tentava arrastá-lo para a conversa, em vão.

Rose me contou que ele nunca teria nos favorecido com sua companhia não fosse as inconveniências de sua irmã Jane, que estava mais do que ansiosa para mostrar ao Sr. Lawrence que ela tinha, ao menos, um irmão mais cavalheiro e refinado do que Robert. Ela estivera igualmente solícita em manter aquele valoroso indivíduo distante; mas ele afirmava que não via razão em não apreciar uma palestra com Markham e a velha senhora (minha mãe não era realmente velha) e com a bonita Srta. Rose e o padre, assim como o melhor; - e ele estava no direito disso, também. Ele então falava de trivialidades com minha mãe e Rose, e discutia assuntos da paróquia com o vigário, questões agrícolas comigo e política com nós dois.

Mary Millward era outra muda – nem tanto atormentada pela cruel bondade como Dick Wilson, porque ela tinha um certo modo, decidido e abrupto, de responder e recusar, e propendia a ser soturna em vez de acanhada. O que quer que seja, ela não dava muito prazer à companhia; - nem ela parecia extrair muito dela. Eliza me dissera que ela viera apenas por muita insistência do pai, tendo levado à sua consideração que ela se devotava muito às tarefas domésticas para se negar tais relaxamentos e inocentes diversões próprias à sua idade e sexo. Ela me pareceu, entretanto, bem-humorada, no geral. Ela foi levada ao riso uma ou duas vezes pelo gênio ou pelo contentamento de alguns favorecidos indivíduos entre nós; e então observei que ela buscava o olhar de Richard Wilson, que se sentava do lado oposto a ela. Como ele estudava com seu pai, ela tinha algum relacionamento com ele, apesar dos solitários hábitos dos dois e suponho

que havia um tipo de sentimento de companheirismo estabelecido entre eles.

Minha Eliza estava mais charmosa do que palavras podem descrever, coquete sem afetação e evidentemente mais desejosa de obter minha atenção do que as dos demais, na sala. Seu prazer em me ter perto, sentado ou de pé ao seu lado, sussurrando em seu ouvido ou apertando sua mão ao dançar, estava nitidamente visível em seu fulgurante rosto e em seu peito ofegante, embora inflado de palavras e gestos picantes. Mas é melhor eu segurar minha língua; se contar tais coisas agora, terei de corar depois.

Seguirei, então, com os vários indivíduos de nossa festa; Rose estava simples e natural, como sempre, e cheia de júbilo e vivacidade.

Fergus estava impertinente e absurdo; mas sua impertinência e desatino serviam para fazer os outros rirem, se não para gostarem ainda mais dele.

E finalmente (pois omito a mim mesmo), o Sr. Lawrence era gentil e inofensivo a todos, e educado com o vigário e com as mulheres, especialmente com a anfitriã e sua filha, e Srta. Wilson – homem mal orientado; ele não tinha gosto para preferir Eliza Millward. O Sr. Lawrence e eu éramos íntimos em termos toleráveis. Essencialmente de hábitos reservados e raramente abandonando o recluso lugar de seu nascimento, onde ele vivera em estado solitário desde a morte de seu pai, não tivera a oportunidade nem a inclinação de travar muitas amizades; e, de todos os que ele havia conhecido, eu (a julgar pelos resultados) era o companheiro mais palatável ao seu gosto. Eu gostava bastante do homem, mas ele era muito frio e tímido, e contido, para conquistar minha cordial simpatia. Um espírito de sinceridade e franqueza, quando totalmente desacompanhado de aspereza, era o que ele apreciava nos outros, porém não conseguia obtê-lo para si mesmo. Sua reserva excessiva sobre todos os seus interesses era, de fato, provocadora e fria o suficiente; mas eu a perdoava, convicto de que se originava menos do orgulho e da necessidade de confiança em seus amigos, do que de um certo sentimento mórbido de delicadeza e de uma peculiar desconfiança, ao que ele estava ciente, mas precisava de energia para superar. Seu coração era como uma sensível planta, que se abre por um momento à luz do sol, mas se encurva e se encolhe em si mesma ao mais

leve toque de um dedo ou ao mais ténue sopro de vento. E, acima de tudo, nossa intimidade era mais uma predileção mútua do que uma amizade profunda e sólida, tal como a que se ergueu entre eu e você, Halford, que, apesar de sua rusticidade, não posso comparar a nada além de um velho casaco, de textura irrepreensível, mas frouxo e laceado – que se conformou com a forma de quem o usa e que ele pode usar como bem entende, sem ser incomodado com o medo de estragá-lo; visto que o Sr. Lawrence era como uma roupa nova, tudo muito esmerado e em boa ordem ao se olhar, mas tão justo nos cotovelos, que alguém poderia temer romper as costuras com o movimento irrestrito dos braços, e tão liso e perfeito na superfície que se hesitaria expô-lo a uma única gota de chuva.

Logo após a chegada dos convidados, minha mãe mencionou a Sra. Graham, lamentando que ela não estivesse lá para encontrá-los e explicou aos Millward e aos Wilson as razões que ela dera para não retribuir suas visitas, esperando que eles a desculpassem, pois ela estava certa de que não fora descortês e que ficaria feliz em vê-los a qualquer hora. ‘Mas ela é uma dama muito singular, Sr. Lawrence’, ela acrescentou; ‘não sabemos o que pensar a seu respeito – mas ousou dizer que você pode nos contar algo sobre ela, já que é sua inquilina, sabe – e ela disse que o conhecia um pouco’.

Todos os olhos se voltaram para o Sr. Lawrence. Pensei que ele parecia desnecessariamente confuso em ser tão requisitado.

‘Eu, Sra. Markham!’, disse ele; ‘você está enganada – eu não – quer dizer – eu a tenho visto, claro; mas sou a última pessoa a quem poderia pedir informações a respeito da Sra. Graham.’

Ele se voltou imediatamente para Rose e pediu-lhe o favor de acompanhá-lo em uma canção ou em um tema ao piano.

‘Não’, disse ela, ‘você deve pedir à Srta. Wilson: ela nos ofusca a todos no canto e na interpretação também.’

A Srta. Wilson objetou.

‘Ela logo cantará’, disse Fergus, ‘se você se submeter a ficar ao seu lado e virar as páginas para ela.’

‘Eu ficarei muito feliz em fazê-lo, Srta. Wilson; irá me conceder o prazer?’

Ela empertigou seu longo pescoço e sorriu, e se deixou levar por ele ao instrumento, onde ela tocou e cantou, no seu melhor estilo, um tema após o outro; enquanto ele permanecia paciente, apoiando uma mão nas costas da cadeira e virando as páginas de seu livro com a outra. Talvez ele estivesse muito fascinado com sua performance, tanto quanto ela. Estava tudo muito bem, em seu próprio modo; mas não posso dizer que me emocionei profundamente. Havia muita habilidade e execução, mas pouco sentimento precioso.

Mas não tínhamos encerrado o assunto sobre a Sra. Graham ainda.

‘Eu não tomo vinho, Sra. Markham’, disse o Sr. Millward, quando do oferecimento daquela bebida; ‘Tomarei um pouco de sua cerveja caseira. Sempre a prefiro do que qualquer outra coisa.’

Lisonjeada pelo elogio, minha mãe tocou a sineta e um jarro chinês da nossa melhor cerveja foi imediatamente trazido e colocado perante o valioso cavalheiro que tão bem sabia apreciar suas excelências.

‘ISSO sim que é bebida!’ ele exclamou, despejando um longo jato, habilmente dirigido desde a jarra até seu copo, de forma a fazer o máximo de espuma sem derrubar uma gota; e, tendo o inspecionado por um momento contra a luz da vela, deu um longo gole e então estalou os lábios, tomou uma grande porção de ar e encheu novamente seu copo, minha mãe olhando com a maior satisfação.

‘Não há nada parecido, Sra. Markham’, ele disse. ‘Sempre sustento que não há nada para se comparar à sua cerveja caseira.’

‘Estou feliz de que tenha gostado, esteja certo, senhor. Eu mesma sempre cuido da fermentação, assim como do queijo e da manteiga – gosto de ter as coisas bem feitas, enquanto a fazemos.’

‘Muito certo, Sra. Markham!’

‘Mas então, Sr. Millward, não acha errado que se tome um gole de vinho de vez em quando – ou mesmo um pouco de licor!’ disse minha mãe, enquanto entregava um fumegante copo de gim com água para a Sra. Wilson, que afirmava que o vinho caíra pesado em seu estômago e cujo filho Robert estava, naquele momento, se servindo de um belo copo cheio do mesmo.

‘De maneira alguma!’ replicou o oráculo, balançando a cabeça como Júpiter; ‘essas coisas são todas abençoadas e misericordiosas, mas apenas se soubermos fazer bom uso delas.’

‘Mas a Sra. Graham não pensa assim. Você deveria apenas ouvir agora o que ela nos disse outro dia - eu disse a ela que lhe contaria.’

E minha mãe proporcionou à sua companhia um relato detalhado das ideias equivocadas da dama e de sua conduta em relação ao objeto em pauta, concluindo com um ‘Então, você não acha isso errado?’

‘Errado’, repetiu o vigário, com uma solenidade mais do que comum – ‘criminoso, devo dizer – criminoso! Não apenas está fazendo do garoto um tolo, mas está desprezando os dons da Providência e ensinando-o a esmagá-los com seus pés.’

Ele então adentrou mais completamente pela questão e explicou à exaustão a insensatez e a impiedade de tal procedimento. Minha mãe o ouvia com profunda reverência; e mesmo a Sra. Wilson se dignou a conceder descanso à sua língua por um momento e escutava em silêncio, enquanto sorvia seu gim com água complacentemente. O Sr. Lawrence sentou-se com seu cotovelo sobre a mesa, brincando indiferente com sua taça de vinho ainda pela metade e sorratamente sorrindo para si mesmo.

‘Mas não acha, Sr. Millward’, sugeriu ele, quando por fim aquele cavalheiro pausou seu discurso, ‘que, quando uma criança possa estar certamente propensa à intemperança – por culpa de seus pais ou ancestrais, por exemplo – algumas precauções não são aconselháveis?’ (Naquele momento, todos acreditavam que o pai do Sr. Lawrence encurtara seus dias por causa disso.)

‘Algumas precauções, pode ser; mas a temperança, senhor, é uma coisa e a abstinência, outra.’

‘Mas ouço que, com algumas pessoas, a temperança – isso é, moderação – é quase impossível; e se a abstinência pode ser um mal (o que alguns duvidaram), ninguém negará que o excesso é um mal ainda maior. Alguns pais têm proibido seus filhos de provar bebidas alcoólicas; mas a autoridade de um pai não pode durar para sempre; os filhos são naturalmente inclinados a ansiar coisas proibidas; e uma criança, em tal caso, provavelmente teria uma curiosidade mais forte de provar e buscar o

efeito do que foi tão enaltecido e desfrutado por outros, porém proibido de modo rigoroso para si mesma – cuja curiosidade seria, em geral, satisfeita na primeira oportunidade conveniente; e ao obstáculo, uma vez transposto, poderiam se seguir sérias consequências. Não pretendo ser um juiz de tais questões, mas me parece que esse plano da Sra. Graham, como você o descreve, Sra. Markham, extraordinário como pode ser, tem lá suas vantagens; pois aqui se vê que a criança está finalmente livre da tentação; ela não possui nenhuma curiosidade secreta, nenhum desejo ansiado; ela está tão ciente das tentadoras bebidas quanto sempre deseja estar; e está tão enfasiada delas sem mesmo ter sofrido de seus efeitos.’

‘E está certo isso, senhor? Não terei eu lhe provado quão errado isso é – quão contrário às Escrituras e à razão, ensinar uma criança a olhar com desprezo e enfado para as bênçãos da Providência, ao invés de usá-las corretamente?’

‘Você pode considerar o láudano uma bênção da Providência, senhor’, replicou o Sr. Lawrence, sorrindo; ‘e contudo, concederá que a maioria de nós faria melhor ao se abster dele, mesmo com moderação; mas’, acrescentou ele, ‘eu não desejaria que você seguisse meu exemplo tão ao pé da letra – em testemunha do que, termino meu copo.’

‘E espero que tome outro, Sr. Lawrence’, disse minha mãe, empurrando a garrafa em sua direção.

Ele recusou educadamente e, se afastando um pouco da mesa, inclinou-se para trás em minha direção – eu estava sentado próximo, no sofá ao lado de Eliza Millward – e desatentamente me perguntou se eu conhecia a Sra. Graham.

‘Encontrei-a uma ou duas vezes’, respondi.

‘O que você acha dela?’

‘Não posso dizer que gostei muito dela. Ela é bonita – ou devo dizer distinta e interessante – em sua aparência, mas de modo algum amigável – uma mulher sujeita a fortes orgulhos, devo imaginar e se aferra a eles de todos os modos, alterando o que for para se encaixar em suas próprias opiniões pré-concebidas – muito inflexível, muito afiada, muito amarga para o meu gosto.’

Ele não replicou, mas desceu o olhar e mordiscou seu lábio, e logo depois ergueu-se e foi até a Srta. Wilson, tão repellido por mim, imagino, quanto atraído por ela. Mal notei isso naquele momento, mas depois fui conduzido a relembrar este e outros fatos insignificantes, de natureza similar, em minha memória, quando – mas não devo antecipar.

Encerramos a noite com um baile – nosso valoroso pastor não pensou que fosse um escândalo estar presente à ocasião, embora um dos músicos da vila estivesse comprometido a direcionar nossas evoluções com seu violino. Mas Mary Millward obstinadamente recusou-se a nos acompanhar; e assim o fez Richard Wilson, embora minha mãe, de forma determinada, ter lhe rogado e inclusive se oferecido para ser seu par.

Demo-nos muito bem sem eles, porém. Com um único conjunto de quadrilhas e muitas músicas folclóricas, continuamos até muito tarde; e, por fim, tendo convocado nosso músico a dar início a uma valsa, eu estava prestes a rodopiar Eliza naquela deliciosa dança, acompanhado por Lawrence e Jane Wilson, e Fergus e Rose, quando o Sr. Millward se interpôs com: ‘Não, não; Não permito isso! Venha, é hora de ir embora.’

‘Oh não, papai!’, implorou Eliza.

‘Já é tarde, minha filha, já é tarde! Moderação em todas as coisas, lembre-se! Este é o plano...” Deixe sua moderação ser conhecida por todos os homens!”

Mas, vingativamente, segui Eliza até a passagem mal iluminada, onde, sob a alegação de ajudá-la com seu xale, temi me confessar culpado ao roubar um beijo pelas costas de seu pai, enquanto ele guarnecia sua garganta e seu queixo nas dobras de uma poderosa manta. Mas ah! Ao me voltar, lá estava minha mãe ao lado, perto de mim. A consequência foi que, assim que os convidados partiram, eu estava condenado a uma censura muito séria, que hostilmente interrompeu o rumo galopante do meu humor e deu um encerramento desagradável à noite.

‘Meu caro Gilbert’, disse ela, ‘desejo que não faça mais isso! Você sabe quão profundamente o favoreço, quanto o amo e o estimo acima de tudo o mais neste mundo, e quanto desejo vê-lo bem colocado na vida – e quão amargamente me afligiria vê-lo casado com esta garota – ou qualquer outra da vizinhança. Não sei o que você vê nela. Não é apenas na falta de

dinheiro em que penso – nada assim – mas não há beleza, nem sagacidade, nem bondade, nem tudo o mais que é desejável. Se você soubesse de seu próprio valor, como eu sei, não sonharia com isso. Aguarde um pouco e verá! Se você se unir à ela, se arrependerá pelo resto da sua vida, quando olhar ao redor e ver quantas melhores há. Você se arrependerá, eu sei.’

‘Está bem, mãe, fique quieta! - Odeio ser repreendido! – Não irei me casar ainda, eu lhe digo; mas – puxa! Não posso me divertir um pouco?’

‘Sim, meu querido garoto, mas não deste modo. Com efeito, você não deveria fazer coisas desse gênero. Você estaria enganando a garota, se ela for o que deve ser; mas eu lhe asseguro que ela é tão manhosa, uma pequena sapeca, que todos precisam querer para ver; e ficará preso em suas armadilhas antes que você saiba onde está. E caso se case com ela, Gilbert, você partirá meu coração – e então será o fim de tudo.’

‘Bem, não chore por isso, mãe’ eu disse, pois as lágrimas estavam caindo de seus olhos; ‘agora, deixe que este beijo ofusque o que eu dei em Eliza; não a insulte mais e deixe sua mente descansar; pois prometo que nunca – ou melhor, prometo que pensarei duas vezes antes de dar algum passo importante que você desaprove seriamente.’

Assim dizendo, acendi minha vela e fui me deitar, com o espírito consideravelmente sufocado.

CAPÍTULO V

Foi perto do fim mês que, cedendo por fim às urgentes impertinências de Rose, eu a acompanhei em uma visita à Wildfell Hall. Para nossa surpresa, fomos levados a uma sala em que o primeiro objeto que nos chamou a atenção foi um cavalete de pintura, diante de uma mesa coberta com telas enroladas, frascos de óleo e verniz, paleta, tintas e tudo o mais. Apoiados contra a parede havia vários esboços em vários estágios de desenvolvimento e algumas pinturas concluídas – a maioria de paisagens e de figuras.

‘Devo recebê-los em meu estúdio’ disse a Sra. Graham; ‘não acendi a lareira da sala de estar hoje e está deveras frio para que fiquem em um lugar onde a grelha esteja vazia.’

E soltando um par de cadeiras da artística bagunça que as usurpava, ela nos rogou que sentássemos e voltou à sua posição diante do cavalete – não o encarando diretamente, mas olhando para a pintura de vez em quando enquanto ela conversava e dando um toque ocasional com seu pincel, como se ela achasse impossível afastar sua atenção inteiramente de sua ocupação para fixá-la em seus convidados. Era uma vista de Wildfell Hall, como se observada de um campo inferior em um início de manhã, em um escuro contraste contra um céu de um limpo azul argênteo, com algumas estrias avermelhadas ao horizonte, fervorosamente desenhadas e coloridas, e dispostas com muita elegância e arte.

‘Vejo que sua alma está em seu trabalho, Sra. Graham’, observei: ‘Devo implorar para que continue; pois se você sofre com a interrupção da nossa presença, seremos obrigados a nos considerar intrusos indesejados.’

‘Oh, não!’ ela replicou, jogando seu pincel sobre a mesa, como se assustada pela polidez. ‘Eu não sou tão incomodada por visitantes, de modo que posso, prontamente, reservar alguns minutos para os poucos que me honram com sua companhia.’

‘Você já quase completou seu quadro’, eu disse, aproximando-me para vê-lo mais de perto e esquadrinhando-o com um grau de admiração e prazer maior do que me importei em expressar. ‘Alguns toques mais no primeiro plano bastam, acho eu. Mas por que você o chamou de Fernley

Manor, Cúmbria, ao invés de Wildfell Hall –shire?’, perguntei, aludindo ao nome que ela traçara em pequenos caracteres ao pé da tela.

Mas imediatamente me dei conta de ter cometido um ato de impertinência com a pergunta; pois ela corou e hesitou; mas, depois de uns momentos de pausa, com uma espécie de desesperada franqueza, ela replicou:

‘Porque tenho amigos – relações, pelo menos – no mundo, de quem eu desejo que minha morada presente esteja oculta; e, como eles poderão ver a pintura e possivelmente reconhecer o estilo, apesar das falsas iniciais que coloquei no canto, tomei a precaução de dar um nome falso ao lugar também, para os colocar em uma trilha incorreta caso tentem descobrir-me pelo quadro.’

‘Então você não pretende ficar com a pintura?’ eu disse, ansioso por dizer algo que desviasse a conversa.

‘Não; não tenho meios de pintar para meu próprio prazer.’

‘Mamãe envia todos os seus quadros para Londres,’ disse Arthur; ‘e alguém vende-os lá para ela e nos envia o dinheiro.’

Olhando ao redor, para outras peças, deparei-me com um belo esboço de Linden-hope vista do topo de uma montanha; outra paisagem da velha casa, exposta à ensolarada névoa de uma tranquila tarde de verão; e um simples, porém tocante, pequeno retrato de uma criança pensando, com um aspecto de silencioso, embora profundo e triste arrependimento, sobre um punhado de flores murchas, com relances de pequenos morros escuros e campos outonais ao fundo, e um céu opaco e nublado acima.

‘Veja que há uma triste escassez de temas’, observou a bela artista. ‘Retratei a velha casa uma vez em uma noite de luar e suponho que tenha a retratado novamente em um dia de inverno cheio de neve, e então outra vez em uma tarde escura e nublada; pois realmente não tenho mais nada para pintar. Disseram-me que há uma bela vista do mar em algum lugar da vizinhança. É verdade? – e é possível caminhar até lá?’

‘Sim, se você não se importar em caminhar quatro milhas – ou quase – pouco menos de oito milhas, ida e volta – e por um caminho duro e cansativo.’

‘Para qual direção?’

Descrevi a situação tão bem quanto pude e estava iniciando uma explicação sobre os vários caminhos, trilhas e campos a ser transpostos para chegar até lá, as retas, as curvas para a esquerda e para a direita, quando ela me interrompeu com:

‘Oh, pare! Não me diga agora: esquecerei todas as palavras de sua orientação antes de que eu possa precisá-las. Não penso em ir para lá até a próxima primavera; e então, talvez, eu possa incomodá-lo. Agora temos o inverno diante de nós e...’

Ela pausou de repente, com uma exclamação suspensa, levantou-se de sopetão de seu assento e, dizendo ‘Deem-me licença por um momento’, retirou-se da sala e fechou a porta atrás de si.

Curioso para ver o que a alarmara tanto, olhei pela janela – pois seus olhos estavam despreocupadamente fixos ali pouco antes – e somente observei a bainha de um casaco masculino fugindo por detrás de um enorme busto de azevinho que estava entre a janela e o alpendre.

‘É o amigo de mamãe’, disse Arthur.

Rose e eu nos entreolhamos.

‘Eu não sei o que pensar dela’, sussurrou Rose.

A criança olhou para ela com grave surpresa. Ela imediatamente começou a conversar com ele sobre banalidades e me entretém olhando para os quadros. Havia um, em um canto obscuro, que ainda não tinha visto. Era uma pequena criança, sentada na grama com seu colo cheio de flores. Os diminutos traços e os grandes olhos azuis, sorrindo por entre um chumaço de cachos castanho-claros, sacudidos sobre a testa como que se inclinados acima de seu tesouro, trazia forte semelhança com aquele jovem cavalheiro diante de mim para proclamá-lo um retrato de Arthur Graham em sua tenra infância.

Ao levantar para vê-lo contra a luz, descobri outra pintura, com seu rosto voltado para a parede. Aventurei-me a pegar aquela também. Era o retrato de um cavalheiro com sua jovem virilidade em completo auge – suficientemente belo e bem executado; mas, se feito pela mesma mão que as outras, evidentemente o fora alguns anos antes; pois nele havia muito mais

cuidadasas e exatas minúcias, e menos daquele frescor de cores e liberdade de traços que me deliciava e me surpreendia neles. Não obstante, analisei-o com considerável interesse. Havia uma certa individualidade nos traços e uma expressão que a estampava, de uma vez, uma vitoriosa semelhança. Os brilhantes olhos azuis encaravam o espectador com uma espécie de traiçoeira pilhéria – era possível esperar que piscassem; os lábios – um pouco voluptuosamente carnudos demais – pareciam prontos a irromper um sorriso; as bochechas, vivamente pintadas, foram embelezadas com um luxuriante crescendo das ruivas suíças; enquanto os brilhantes cabelos castanhos, amontoando-se em abundantes e ondulados cachos, ultrapassavam em muito a testa e pareciam anunciar que o seu dono era mais orgulhoso de sua beleza do que de seu intelecto – como, talvez, ele tivesse razão em estar; e, ainda, não parecia um tolo.

Eu não tinha estado com a pintura sequer dois minutos antes de que a bela artista tivesse regressado.

‘Apenas alguém que veio pelas pinturas’, ela disse, desculpando-se pela sua abrupta saída: ‘Pedi-lhe que esperasse.’

‘Temo ser considerado um ato de impertinência, disse ‘atrever-se a ver um quadro que a artista tenha voltado contra a parede; mas posso perguntar –‘

‘É um ato de grande impertinência, senhor; e portanto, rogo-lhe que não faça perguntas, pois sua curiosidade não será satisfeita’, ela replicou, tentando cobrir a rudeza de sua reprovação com um sorriso; mas pude ver, pelo corar de seu rosto e pelo acender de seus olhos, que ela estava seriamente perturbada.

‘Eu apenas ia perguntar se você mesma o pintou’, eu disse, devolvendo-lhe o quadro amuado; pois sem um grão de cerimônia, ela o tomou de mim; e, rapidamente recolocando-o no canto escuro, com sua face para a parede, postou o outro contra ele como antes e, então, se voltou para mim e riu.

Porém, eu já não tinha ânimo para gracejar. Voltei-me indiferente para a janela e passei a olhar para o jardim desolado, deixando-a falar com Rose por um minuto ou dois; e em seguida, dizendo a minha irmã que era hora de ir, despedi-me do pequeno cavaleiro, friamente me inclinei para a

dama e me encaminhei para a porta. Entretanto, tendo dito adeus para Rose, a Sra. Graham me deu a mão, dizendo, com uma voz suave e com um sorriso de maneira alguma desagradável – ‘Não se ponha o sol sobre vossa ira, Sr. Markham^[1]. Desculpe-me se o ofendi com minha rudeza.’

Quando uma dama se digna a se desculpar, não há como manter a raiva, claro; então nos separamos bons amigos definitivamente; e desta vez eu apertei sua mão com uma força cordial, não com desdém.

^[1] Refere-se à passagem de Efésios, cap. 4, v.26: “Se vos irardes, não pequeis; não se ponha o sol sobre vossa ira.”

CAPÍTULO VI

Durante os quatro meses seguintes, não entrei na casa da Sra. Graham, nem ela na minha; mas ainda as damas continuaram a falar sobre ela e ainda nosso relacionamento prosseguiu, embora lentamente, a avançar. Com relação às conversas, prestei pouca atenção (quando se tratava da bela ermitã, quero dizer) e a única informação que obtive foi a de que, em um dia congelado, ela se aventurou a levar seu pequeno garoto tão longe quanto ao vicariato e que, desafortunadamente, não havia ninguém lá além da Srta. Millward; apesar disso, ela se sentou por um bom tempo e, com certeza, encontraram uma porção de assuntos para conversar e se separaram com um desejo mútuo de se encontrar novamente.

Entretanto, Mary gostava de crianças e de mães apaixonadas como aquelas que podem devidamente apreciar seus tesouros.

Porém, eu mesmo a via, não apenas quando ela ia à igreja, mas quando passeava pelas colinas com seu filho, seja em um longo passeio para algum lugar ou – em dias especialmente belos – despreocupadamente perambulando pelos morros ou pelas desertas pastagens que cercavam a velha casa, ela mesma com um livro na mão, seu filho dando saltos ao seu redor; e, em alguma dessas ocasiões, quando eu a via em minhas solitárias caminhadas ou cavalgadas, ou enquanto cumpria com minhas ocupações agrícolas, geralmente tramava encontrá-la ou surpreendê-la, pois muito me agradava ver a Sra. Graham e conversar com ela, e decididamente gostava de conversar com seu pequeno companheiro que, uma vez devidamente rompido o gelo de sua timidez, descobri ser rapazote amigável, inteligente e divertido; e, logo, nos tornamos excelente amigos – o quanto, para a felicidade de sua mãe, eu não poderia tentar dizer. Suspeitei que, a princípio, ela estava desejosa de jogar água fria nesta crescente intimidade – extinguir, naquele estágio, a florescente chama de nossa amizade – mas descobrindo, por fim, apesar de seu preconceito contra mim, que eu era totalmente inofensivo e mesmo bem intencionado, e que, entre mim mesmo e meu cão, seu filho extraía uma grande dose de prazer de um relacionamento que, de outra maneira, ele não teria, ela parou de objetar e até me recebia com um sorriso.

Com relação a Arthur, ele me saudava aos gritos à distância e, saindo do lado de sua mãe, corria cinquenta jardas para me encontrar. Caso acontecia de eu estar montado em um cavalo, ele se assegurava de trotar ou galopar; ou, se um dos cavalos de tiro estivesse relativamente próximo, ele se regalava com uma cavalgada tranquila, que servia muito a um passeio; mas sua mãe sempre o seguia, marchando ao seu lado – não tanto, acredito, para assegurar sua proteção, e sim para se confirmar de que eu não instilaria ideias reprováveis à sua mente infantil, pois ela sempre estava a vigiar e nunca permitiria que ele fosse além de sua vista. O que a agradava, acima de tudo, era vê-lo brincar e correr com Sancho, enquanto eu caminhava ao seu lado – não, temo, pelo amor de minha companhia (embora eu, às vezes, me iludia com tal ideia) e mais pelo prazer que ela tinha em ver seu filho assim tão feliz, entretido na apreciação de tais esportes tão revigorantes ao seu tipo franzino, ainda que raramente exercitado pela falta de companheiros adequados à sua idade: e, talvez, o prazer dela não fosse pouco adocicado pelo fato de eu ser a companhia dela, não a dele, e portanto incapaz de fazê-lo mal, direta ou indiretamente, de propósito ou não, de certa forma graças a ela, por aquilo mesmo.

Mas às vezes, acredito, ela realmente tinha algum prazer em conversar comigo; e em uma brilhante manhã de fevereiro, durante uma caminhada de vinte minutos pelo charco, ela pôs de lado sua habitual aspereza e reserva, e prontamente começou a dialogar comigo, discursando com muita eloquência e profundidade de pensamento e sentimento sobre um tema que, com felicidade, coincidia com as minhas próprias ideias e, além disso, parecendo tão belo, que voltei para casa encantado; e, durante o caminho (moralmente) me peguei pensando que, no fim das contas, seria melhor, talvez, passar os dias com tal mulher do que com Eliza Millward; e então eu (figurativamente) corei pela minha inconstância.

Ao entrar pela sala de estar, lá encontrei Eliza com Rose, e ninguém mais. A surpresa não foi tão aprazível quanto deveria ter sido. Conversamos por muito tempo, mas a achei um tanto frívola e até um pouco insípida, comparada à mais madura e séria Sra. Graham. Ah! Pela constância humana! ‘Porém’, pensei, ‘não devo me casar com Eliza, já que minha mãe se opõe tão fortemente ao fato e não deveria iludir a garota com a ideia de que eu queira isso. Agora, se o clima persistir, terei menos dificuldade em

emancipar minhas afeições de seu suave, porém inflexível, domínio; e, embora a Sra. Graham possa ser igualmente reprovável, pode ser que eu seja permitido, assim como os médicos, a curar um grande mal com outro menor, pois não deverei me apaixonar seriamente pela jovem viúva, acho, e nem ela por mim – isso é certo – mas se encontrar um pouco de prazer em sua companhia, eu seguramente serei autorizado a buscá-lo; e, se a estrela de sua divindade brilhar o suficiente para ofuscar o lustro da de Eliza, tanto melhor, mas mal posso pensar nisso.’

E, desde então, eu raramente passava um dia inteiro sem visitar Wildfell na hora em que minha nova conhecida geralmente saía de seu refúgio; porém, com bastante frequência eu me frustrava na expectativa de outra entrevista, tão inconstante era ela em seus horários de saída e em escolher seus recantos, tão breves eram os olhares ocasionais que era capaz de obter, que sentia-me inclinado a pensar que ela se esforçava tanto para evitar minha companhia quanto eu buscava a dela; mas era tão desagradável tal suposição, para ser cogitada que, logo depois, foi convenientemente dispensada.

Em uma calma e límpida tarde, entretanto, em março, enquanto eu supervisionava o aplainamento da pradaria e o conserto de uma sebe no vale, eu vi a Sra. Graham perto do riacho, com um caderno de rascunhos na mão, absorvida no exercício de sua arte favorita, enquanto Arthur empenhava seu tempo construindo represas e quebra-mares na corrente rasa e pedregosa. A mim faltava entretenimento e aquela era uma oportunidade muito rara para ser desperdiçada; portanto, abandonando a pradaria e a sebe, rapidamente me encaminhei para o local, mas não antes de Sancho que, imediatamente após perceber seu jovem amigo, percorreu a todo galope a distância que os separava e lançou-se sobre ele com uma alegre impetuosidade que precipitou a criança quase ao meio do riacho; mas, felizmente, as pedras evitaram que ele se molhasse, enquanto a agilidade de ambos fez com que ele não se machucasse, a ponto de rir do desajeitado acontecimento.

A Sra. Graham estava estudando os aspectos distintivos das diferentes variedades de árvores em sua nudez de inverno e copiando, com um toque cheio de espírito, embora delicado, suas várias ramificações. Ela não falava muito, mas fiquei e observei o progresso de seu lápis: era um

prazer vê-lo tão habilidosamente guiado por aqueles belos e graciosos dedos. Mas, antes que sua habilidade fosse prejudicada, os dedos começaram a hesitar, a tremer levemente, a fazer falsos traços e, então, subitamente pararam, enquanto sua dona ergueu o rosto para mim com um sorriso e me disse que seu rascunho não se beneficiava de minha supervisão.

‘Então’, eu disse, ‘conversarei com Arthur até que você termine.’

‘Eu gostaria de cavalgar, Sr. Markham, se mamãe me permitir’, disse a criança.

‘Em quê, meu garoto?’

‘Acho que há um cavalo naquele campo’, ele replicou, apontando para onde uma égua forte e negra puxava um enrolador de feno.

‘Não, não, Arthur; está muito longe’, objetou sua mãe.

Porém, eu prometi trazê-lo em segurança depois de uma volta ou duas pela pradaria; e, quando ela olhou para o seu ansioso rosto, sorriu e consentiu. Era a primeira vez que ela me permitia a levá-lo tão longe de sua companhia quanto metade de uma campina.

Entronado sobre seu monstruoso corcel e solenemente indo e voltando pelo amplo e íngreme campo, ele parecia a própria encarnação da quieta e jovial satisfação e prazer. O enrolamento, porém, logo terminou; e, quando desmontei o galante cavaleiro e o devolvi à sua mãe, ela parecia mais contrariada por eu tê-lo mantido tanto tempo longe dela. Ela fechara seu caderno de rascunhos e estivera, provavelmente, impaciente por alguns minutos, esperando pelo seu retorno.

Agora já era tarde para voltar para casa, ela disse e teria me oferecido seu boa-noite, mas eu não ia deixá-la ir, ainda: acompanhei-a até metade da subida pela colina. Ela se tornou mais sociável e eu estava começando a me sentir mais feliz; mas, ao discernir a austera casa velha, ela parou e se virou para mim enquanto falava, como se esperasse que eu não prosseguisse, que a conversa terminara ali, e eu devesse me despedir e partir – como, de fato, era a hora de fazer, pois ‘a límpida e fria tarde’ estava ‘declinando’ rapidamente, o sol havia se posto e a convexa lua estava visivelmente brilhando no céu cinza e pálido; mas um sentimento de quase compaixão prendia-me àquele local. Parecia difícil deixá-la em tal residência, solitária e desconfortável. Subi o olhar para vê-la. Ela franzia, silenciosa e

severa; diante de nós. Uma débil luz vermelha irradiava-se das janelas inferiores de uma ala, mas todas as demais janelas estavam às escuras e muitas exibiam suas reentrâncias negras e cavernosas, inteiramente destituídas de esmalte ou de esquadria.

‘Você não acha esse lugar demais desolado para morar?’ perguntei, após um momento de silenciosa contemplação.

‘Sim, às vezes’, ela replicou. ‘Nas tardes de inverno, quando Arthur está deitado e eu sentada lá, sozinha, ouvindo o gélido vento gemendo ao meu redor e uivando pelas velhas câmaras arruinadas, nenhum livro ou tarefa pode reprimir os lúgubres pensamentos e apreensões que se me vêm aos montes – mas é tolice ceder a tais fraquezas, eu sei. Se Rachel se satisfaz com tal vida, por que não eu? – De fato, não posso ser mais grata por tal albergue, enquanto for o que tenho.’

A última frase foi emitida em voz baixa, como se dita para ela mesma e não para mim. Ela então me deu boa-noite e se retirou.

Eu não havia dado ainda muitos passos no retorno para minha casa quando percebi o Sr. Lawrence, em seu belo pônei cinza, subindo a acidentada trilha que atravessava o topo da colina. Desviei-me um pouco de meu caminho para conversar com ele; pois não nos víamos há um bom tempo.

‘Era com a Sra. Graham que você conversava agorinha?’, ele quis saber, depois que nos cumprimentamos.

‘Sim.’

‘Humpf! Eu sabia’. Ele olhou contemplativamente para a crina de seu cavalo, como se estivesse muito insatisfeito com ela ou outra coisa.

‘Bem! O quê?’

‘Oh, nada!’, ele respondeu. ‘Só que pensava que você não gostava dela’, ele acrescentou rapidamente, retorcendo seu clássico lábio com um sorriso levemente sarcástico.

‘Parece que sim; mas não pode um homem mudar sua opinião depois de conhecê-la melhor?’

‘Claro que sim,’ ele retornou, desfazendo perfeitamente um emaranhado na cheia e respeitável crina. Virando-se então repentinamente

para mim, ele perguntou, ‘Então você mudou de ideia?’

‘Não posso dizer exatamente que mudei. Não; acho que mantenho a mesma opinião sobre ela como antes – mas levemente melhorada.’

‘Oh!’ Ele vasculhou outros assuntos para conversar e, relanceando para a lua, fez algum comentário sobre a beleza da noite, ao qual não respondi, por ser irrelevante ao tema.

‘Lawrence’, disse eu, calmamente olhando para o seu rosto, ‘você está apaixonado pela Sra. Graham?’

Ao invés de se sentir ofendido, o que eu mais esperava, o primeiro ímpeto de surpresa, pela audácia da pergunta, foi seguido por um riso nervoso, como se ele estivesse altamente divertido com a ideia.

‘Eu apaixonado por ela!’, ele repetia. ‘O que o faz sonhar com tal coisa?’

‘Pelo interesse que você tem no avanço de meu relacionamento com a dama e nas mudanças de opinião sobre ela, pensei que estivesse enciumado.’

Ele riu outra vez. ‘Enciumado! Não. Mas pensei que você fosse se casar com Eliza Millward.’

‘Pensou errado, então; Não vou me casar com uma e nem com a outra – que eu saiba..’

‘Então acho melhor você deixá-las em paz’.

‘Você vai se casar com Jane Wilson?’

Ele corou, e brincou com a crina novamente, mas respondeu – ‘Não, acho que não.’

‘Então é melhor deixá-la em paz.’

‘Ela não vai me deixar em paz’, ele poderia ter dito; mas apenas ficou como um tolo e não disse nada pelo espaço de meio minuto, e então fez uma nova tentativa de mudar de assunto; desta vez deixei passar, pois ele já tolerara o bastante: outra palavra sobre o assunto poderia ser o último átomo que quebraria a espinha do camelo.

Eu estava bastante atrasado para o chá; mas minha mãe tinha bondosamente mantido o bule de chá e o muffin quentes, perto da lareira e,

embora ela me repreendesse um pouco, prontamente aceitou minhas desculpas; e, quando reclamei do sabor exagerado do chá, ela derramou o restante pelo ralo da pia e pediu a Rose que colocasse um pouco de chá fresco no bule, e que fervesse novamente a chaleira, ofícios que foram desempenhados com grande comoção e alguns comentários notáveis.

‘Bem, se fosse eu agora, não teria nada de chá pronto – mesmo se fosse Fergus, ele teria de bebê-lo assim como estava e escutaria que teria de estar grato, pois era bom demais para ele; mas você – não podemos fazer o suficiente por você. É sempre assim – se há algo particularmente requintado sobre a mesa, mamãe pisca e meneia para que eu me abstenha, e se não a atendo, ela sussurra, “Não coma muito disso, Rose; Gilbert vai querer para a sua ceia.”- Eu não sou nada. Na sala, é “Venha, Rose, guarde suas coisas e vamos tornar a sala agradável e limpa antes que eles cheguem; e mantenha o fogo bem aceso; Gilbert gosta do fogo bem vivo.” Na cozinha – “Faça a torta bem grande, Rose; ousou dizer que os garotos estarão famintos; e não ponha muita pimenta, eles não vão gostar, estou certa” – ou, “Rose, não ponha muito tempero no pudim, Gilbert gosta sem”, – ou, “Trate de colocar muita groselha no bolo, Fergus gosta de bastante.” Se eu disser, “Bem, mamãe, não vou fazer assim”, escutarei que não devo pensar por mim mesma. “Você sabe, Rose, em todos os assuntos domésticos, temos duas grandes coisas para considerar, primeiro, o que é apropriado fazer; segundo, o que mais favorecer os cavalheiros da casa – qualquer coisa está bem para as damas.”’

‘Uma doutrina muito boa, também’, disse minha mãe. ‘Estou certa de que Gilbert também pensa assim.’

‘Uma doutrina muito conveniente, para nós, em todos os casos’, disse eu; ‘mas se você realmente quiser analisar meu prazer, mãe, deve considerar seu próprio conforto e conveniência um pouco mais – quanto a Rose, não tenho dúvida de que ela cuidará de si mesma; e sempre que ela faz um sacrifício ou executa um ato notável de devoção, cuidará para que eu saiba a sua extensão. Mas, por você, posso afundar na mais baixa condição de autoindulgência e indiferença sobre a necessidade dos outros, pelo mero hábito de ser constantemente mimado por mim mesmo e ter todas as minhas necessidades antecipadas ou imediatamente atendidas, enquanto em total ignorância do que é feito para mim – se Rose não me iluminar de vez

em quando; e tenho de receber toda a sua bondade como uma questão de destino e nunca saber quanto devo a você.’

‘Ah! E nunca saberá, Gilbert, até que se case. Então, quando conquistar alguma mulher insignificante e arrogante como Eliza Millward, indiferente de tudo além de seu benefício e prazer imediatos, ou alguma outra mulher, desviada e obstinada, como a Sra. Graham, ignorante de seus principais deveres e esperta apenas no que concerne às coisas mais inúteis – então você saberá a diferença.’

‘Isso me fará bem, mãe; Não fui colocado no mundo apenas para exercitar as boas habilidades e os bons sentimentos dos outros – fui? – mas para exercer os meus próprios, para eles; e quando me casar, espero encontrar mais prazer em fazer minha esposa feliz e confortável, do que assim ser feito por ela: prefiro dar do que receber.’

‘Oh! Tudo isso é besteira, meu caro. É apenas conversa de garoto! Logo você se cansará de brincar e deixar sua mulher de bom humor, seja ela tão fascinante e logo virá o julgamento.’

‘Bem, então, teremos de carregar o fardo um do outro.’

‘Então você colocará tudo em seu devido lugar. Você cuidará dos seus interesses, e ela, se merecê-lo, cuidará dos dela; mas será do seu interesse agradar a si mesmo, e do dela, agradá-lo. Estou certa de que seu pobre e querido pai foi um marido muito bom enquanto viveu e, depois que uns seis meses iniciais se passaram, eu deveria esperar que ele fugisse tão rápido quanto mudasse de comportamento para me agradar. Ele sempre disse que eu fora uma boa esposa e cumpri com meu dever; e ele sempre cumprira com o dele – bendito seja! – ele era rígido e pontual, raramente errava sem um motivo, sempre fez justiça aos meus bons jantares e dificilmente arruinava minha cozinha pelo atraso – e isso é muito do que qualquer mulher pode esperar de todo homem.’

É dessa maneira, Halford? É essa a totalidade das suas virtudes domésticas; e sua feliz esposa não exige mais?

CAPÍTULO VII

Não muitos dias depois disso, em uma suave e ensolarada manhã – ainda mais agradável para caminhar, pois o último cair de neve apenas se dissipara, deixando ainda uma leve cobertura, aqui e ali, protelando-se na fresca grama verde por entre as sebes; mas, já além delas, as jovens prímulas desabrochavam de sua folhagem escura e úmida, e a cotovia acima cantava o verão, e de esperança, amor e todas as demais coisas divinais – eu estava na encosta da colina, apreciando tais delícias e vigiando o bem-estar de meus jovens cordeiros e suas mães quando, olhando ao redor, vi três pessoas subindo pelo vale abaixo de mim. Eram Eliza Millward, Fergus e Rose; então atravessei o campo para encontrá-los e, ouvindo que iam para Wildfell Hall, declarei minha vontade de acompanhá-los e ofereci meu braço para Eliza, que rapidamente o aceitou em detrimento do de meu irmão, e disse ao último que ele poderia regressar, pois eu iria com elas.

‘Peço que me perdoe’, ele exclamou. ‘São as damas que me acompanham, e não eu a elas. Todos vocês viram esta maravilhosa estranha, mas não eu, e já não posso suportar mais minha desgraçada ignorância – aconteça o que for, deverei ser atendido; então implorei para que Rose viesse comigo até a casa e me apresentasse a ela de uma vez. Ela jurou que não iria, a menos que a Srta. Eliza fosse também; então, corri até o vicariato para buscá-la; e viemos juntos por todo o caminho – tão apaixonados quanto um casal de amantes – e agora você quer tomá-la de mim; e quer me privar de minha caminhada e mais, de minha visita. Volte para a sua lavoura e para o seu rebanho, tosco companheiro; você não é apropriado para se juntar a damas e cavalheiros como nós, que não temos nada para fazer além de sairmos desprezando as casas de nossos vizinhos, espiando em seus recantos privados e farejando seus segredos, e criticando-os quando não somos atendidos imediatamente – você não compreende tais refinadas fontes de entretenimento.’

‘Vocês não podem ir juntos?’, sugeriu Eliza, desconsiderando a última metade do discurso.

‘Sim, ambos, certamente!’, exclamou Rose; ‘quanto mais gente, mais feliz – e estou certa de que queremos toda a alegria que podemos trazer conosco para aquela grande, escura e lúgubre sala, com suas estreitas

janelas com treliças e sua ínfima e velha mobília – a menos que ela nos mostre seu estúdio novamente.’

Então, partirmos em um só corpo; e a magra e velha criada, que abrira a porta, nos conduziu para um cômodo tal como Rose o descrevera como a cena de sua primeira visita à Sra. Graham, uma sala razoavelmente espaçosa e alta, mas pobremente iluminada pelas antiquadas janelas, o telhado, os painéis e a chaminé – peça feita de um austero carvalho negro – a última, trabalhada porém gravada com não muito bom gosto – com mesas e cadeiras combinando, uma velha estante ao lado da lareira, recheada com uma heterogênea seleção de livros e um antigo piano de gabinete do outro lado.

A dama estava sentada em uma cadeira tesa e de costas elevadas, com uma pequena mesa circular, tendo uma escrivaninha com uma cesta de costura a um lado e seu garotinho do outro, que apoiava seu cotovelo em seu joelho e, lendo para ela, com maravilhosa fluência, um pequeno volume no colo dela; enquanto ela descansava sua mão no ombro dele e brincava distraída com os longos e ondulados cachos que caíam em seu pescoço de marfim. Eles me surpreenderam, como se formassem um agradável contraste a todos os objetos ao redor; mas, de fato, suas posições imediatamente mudaram com a nossa entrada. Pude apenas observar o quadro durante os poucos e breves segundos em que Rachel abrira a porta para a nossa entrada.

Não acho que a Sra. Graham ficou particularmente encantada ao nos ver: pois havia algo indescritivelmente frio em sua civilidade calma e quieta; mas não conversei muito com ela. Sentando-me próximo à janela, pouco atrás do círculo, chamei Arthur para perto, e ele, eu e Sancho passamos momentos agradáveis juntos, enquanto as duas jovens damas atormentavam sua mãe com banalidades e Fergus sentava-se do lado oposto, com suas pernas cruzadas e suas mãos enterradas nos bolsos traseiros, recostando-se na cadeira e olhando uma hora para o teto, outra diretamente para a nossa anfitriã (de uma maneira que me inclinou fortemente a expulsá-lo da sala), depois assobiando baixo para si mesmo um trecho de uma canção popular, então interrompendo a conversa ou preenchendo uma pausa (como deveria ser o caso) com alguma pergunta ou observação impertinente. Em um determinado momento, disse – ‘Surpreende-me, Sra. Graham, como você

pôde escolher uma casa assim tão velha, frágil e dilapidada, para viver. Se você não pode ocupar a casa inteira e a tem toda remendada, por que não foi morar em uma cabana pequena e limpa?’

‘Talvez eu seja muito orgulhosa, Sr. Fergus’, ela replicou, sorrindo; ‘talvez tenha uma preferência por este local romântico e antiquado – mas, certamente, com mais vantagens do que uma cabana – em primeiro lugar, veja, as salas são maiores e mais arejadas; depois, os aposentos desocupados, pelos quais eu não pago, podem servir como depósitos, se eu tiver algo para colocar neles; e também são muito úteis para o meu pequeno garoto correr por eles nos dias chuvosos, quando não podemos sair; e então há o pequeno jardim onde ele pode brincar e eu, trabalhar. Você vê que eu já fiz pequenas melhorias’, ela continuou, voltando-se para as janelas. ‘Há uma horta com verduras crescendo naquele canto e aqui há alguns galantos e algumas primulas já florescendo – e há, também, um açafraão amarelo desabrochando agora, à luz do sol.’

‘Mas como você pode suportar tal situação – seus vizinhos mais próximos a duas milhas de distância e ninguém olhando ou passando? Rose enlouqueceria totalmente em um lugar como esse. Ela não se sente viva a menos que veja uma meia dúzia de diferentes vestidos e bonés por dia – sem falar dos rostos dentro deles; mas você pode olhar pelas janelas durante todo o dia e nunca ver mais do que uma velha levando seus ovos para o mercado.’

‘Não estou tão certa se a solidão desse local não foi uma das principais recomendações. Não tenho nenhum prazer em ver pessoas passando pela janela; e eu gosto de ficar tranquila.’

‘Oh! Isso é tanto quanto dizer que você deseja que todos de nós nos importemos com as nossas próprias vidas e que lhe deixemos em paz.’

‘Não, eu antipatizo com extensivos relacionamentos; mas se tenho alguns amigos, claro que estarei feliz em vê-los ocasionalmente. Ninguém pode ser feliz na solidão eterna. Portanto, Sr. Fergus, caso escolha entrar em minha casa como amigo, eu o recepcionarei; caso contrário, devo confessar, preferiria mantê-lo distante.’

Ela então se virou e fez alguma observação para Rose ou Eliza.

‘E, Sra. Graham’, disse ele novamente, cinco minutos depois, ‘estávamos debatendo, enquanto vínhamos, uma questão que pode prontamente decidir por nós, pois ela principalmente concerne à você mesma – e, seguramente, com frequência temos discussões a seu respeito; pois alguns de nós nada têm de melhor a fazer do que se ocupar de assuntos relativos a nossos vizinhos, e nós, plantas nativas deste solo, nos conhecemos há tanto tempo e falamos sobre nós tão corriqueiramente, que já estamos bastante enjoados desse jogo; assim, que um estranho vindo para o nosso meio se torna uma valiosa adição às nossas exauridas fontes de entretenimento. Bem, a questão, ou as questões, que lhe pedimos que responda...’

‘Segure a sua língua, Fergus!’ exclamou Rose, em um arroubo de apreensão e ira.

‘Não irei, é o que lhe digo. As questões que pedimos que responda são estas: - Primeiro, referente ao seu nascimento, família e endereço anterior. Alguns dirão que você é estrangeira, e outros, inglesa; alguns, que você é nativa de algum país ao norte, e outros, do sul; alguns dizem...’

‘Bem, Sr. Fergus, lhe contarei. Sou inglesa – e não vejo porquê alguém duvidaria disso – e nasci no campo, nem no extremo norte nem ao sul de nossa feliz ilha; e no campo passei a maior parte de minha vida e agora espero que esteja satisfeito; pois não estou disposta a responder mais perguntas no momento.’

‘Exceto esta...’

‘Não, nenhuma mais!’ ela riu e, instantaneamente abandonando seu lugar, buscou refúgio na janela perto da qual eu me sentava e, muito desesperada em escapar da perseguição de meu irmão, tentou arrastar-me para a conversa.

‘Sr. Markham,’ ela disse, sua fala rápida e sua cor elevada claramente evidenciando sua inquietação, ‘você se esqueceu da bela vista para o mar de que estávamos falando há algum tempo? Penso que devo incomodá-lo, agora, a dizer o caminho mais curto até lá; pois se este belo clima continua, devo, talvez, ser capaz de ir para lá e levar meu rascunho; já esgotei todos os outros temas para pintura; e anseio por vê-la.’

Estava prestes a ceder ao seu pedido, mas Rose não me permitiria prosseguir.

‘Oh, não diga a ela, Gilbert!’, exclamou, ‘ela deve ir conosco. É - a Baía que você tem em mente, Sra. Graham? É uma longa caminhada, muito longe para você e fora de questão para Arthur. Mas nós estávamos pensando em fazer um piquenique para vê-la em algum dia bom; e, se quiser esperar até que o tempo bom se firme, estou certa de que teremos muito prazer em tê-la conosco.’

A pobre Sra. Graham parecia desalentada e tentou se desculpar, mas Rose, tanto com compaixão sobre a sua vida solitária ou ansiosa em cultivar seu relacionamento, estava determinada a convencê-la; e todas as objeções foram contornadas. Ela ouviu que seria apenas um grupo pequeno, todos amigos e de que a melhor vista era de - Cliffs, cinco milhas distante.

‘Apenas uma boa caminhada para os cavalheiros’, continuou Rose; ‘mas as damas irão à frente e caminharão com paradas; pois teremos nossa carruagem, grande o suficiente para que caibam o pequeno Arthur e três damas, junto com os seus materiais de desenho e nossas provisões.’

Assim, a proposta foi finalmente aceita; e, depois de se seguir uma pequena discussão a respeito de quando e como ocorreria a projetada excursão, nos erguemos e partimos.

Mas era ainda março; um frio e úmido abril e duas semanas de maio se passaram antes de que pudéssemos seguir adiante em nossa expedição, com a razoável esperança de obter o prazer que buscávamos em nossos agradáveis planos, uma disposta companhia, ar fresco, bom ânimo e exercício, sem a combinação de trilhas ruins, ventos frios ou nuvens ameaçadoras. Então, em uma gloriosa manhã, juntamos nossas forças e partimos. A companhia consistia na Sra. e no Mestre Graham, Mary e Eliza Millward, Jane e Richard Wilson, e Rose, Fergus e Gilbert Markham.

Sr. Lawrence fora convidado para se juntar a nós, porém, por alguma razão melhor conhecida apenas por ele mesmo, havia recusado a nos dar sua companhia. Eu lhe solicitara o favor pessoalmente. Quando o fiz, ele hesitou e quis saber quem estava indo. Quando disse o nome da Srta. Wilson entre o resto, ele parecia meio inclinado a ir, mas quando mencionei a Sra. Graham, pensando que pudesse ser de maior persuasão, pareceu ter um

efeito contrário e ele declinou por completo e, para confessar a verdade, a decisão não me fora desagradável, embora dificilmente possa lhe dizer por quê.

Era quase meio-dia quando chegamos ao nosso destino. A Sra. Graham caminhou até os penhascos; e o pequeno Arthur seguiu pela maior parte do caminho também; pois ele era agora muito mais resistente e ativo do que quando se juntou à vizinhança e não gostou de estar na carruagem com estranhos, enquanto seus quatro amigos, mamãe, Sancho, Sr. Markham e a Srta. Millward, estavam a pé, seguindo muito atrás ou passando por distantes campos e trilhas.

Tenho uma lembrança muito agradável daquela caminhada, pela estrada dura, branca e ensolarada, sombreada aqui e acolá com brilhantes árvores verdes e adornada com margens floridas e sebes fluorescentes de deliciosas fragrâncias; ou por entre agradáveis campos e trilhas, todas gloriosas com doces flores e brilhantes folhagens do prazeroso maio. Era verdade, Eliza não estava ao meu lado; mas ela estava com suas amigas na carruagem, tão feliz, confiava, quanto eu; e mesmo quando nós, pedestres, tendo renunciado o caminho por um atalho entre os campos, observávamos a pequena carruagem à distância, desaparecendo entre as árvores, verdes e envolventes, não odiava aquelas árvores por roubar o pequeno e querido boné e o xale de minha vista, nem sentia que todos aqueles objetos intervenientes estavam entre minha felicidade e eu; pois, para confessar a verdade, estava muito feliz com a companhia da Sra. Graham para lamentar a ausência de Eliza Millward.

A primeira, é verdade, estava mais provocantemente insociável a princípio – parecia inclinada a não conversar com mais ninguém além de Mary Millward e Arthur. Ela e Mary viajavam juntas, geralmente com a criança entre elas; - mas onde a estrada permitia, eu sempre caminhava do outro lado dela, Richard Wilson tomando a outra lateral da Srta. Millward e Fergus pairando aqui e ali conforme queria; e, depois de um momento, ela se tornou mais amigável e, por fim, consegui em assegurar quase toda a sua atenção para mim – e, então, eu estava realmente feliz; pois sempre que ela condescendia em conversar, eu gostava de ouvir. Onde suas opiniões e sentimentos comparavam-se com as minhas, era seu extremo bom senso, seu extraordinário gosto e sentimento, que me deliciavam; onde eles

diferiam, era ainda sua descompromissada franqueza no reconhecimento ou defesa daquela diferença, seu ardor e sua veemência, que provocavam minha simpatia: e mesmo quando ela me enervava com suas palavras ou olhares rudes, e suas nada generosas conclusões a meu respeito, isso apenas me fazia mais insatisfeito comigo mesmo por tê-la impressionado tão negativamente e ainda mais desejoso de vingar meu caráter e meu talento perante seus olhos e, se possível, conquistar sua estima.

Por fim, nossa caminhada terminou. A crescente altura e proeminência das colinas tinham, por algum tempo, ocultado a vista; mas, ao ganharmos o topo de um íngreme aclive e, olhando para baixo, uma fenda se estendia perante nós – e o mar azul surgiu aos nossos olhos! – um azul violeta profundo – não mortalmente calmo, mas coberto de resplandecentes ondas – diminutas manchas brancas cintilavam em seu peito e difíceis de ser distinguidas, pela visão mais aguçada, das pequenas gaivotas que folgavam acima, suas asas brancas brilhando à luz do sol: apenas uma ou duas embarcações eram visíveis e estavam muito distantes.

Olhei para a minha companheira para ver o que ela achava deste glorioso cenário. Ela não disse nada: mas estava imóvel e fixava seus olhos sobre a paisagem com uma mirada que me assegurou que ela não estava desapontada. Ela tinha olhos muito bonitos, a propósito – não sei se já lhe disse antes, mas eles eram cheios de alma, grandes, límpidos e quase negros – não castanhos, mas de um cinza muito escuro. Uma brisa cálida e revigorante soprava do mar – suave, pura, saudável; que balançava suas lânguidas madeixas e concedia uma cor mais vívida aos seus lábios e ao seu rosto, geralmente pálidos. Ela sentia sua hilariante influência, assim como eu – sentia-a escalando pelo meu corpo, mas eu não ousava expressá-lo enquanto ela permanecia tão quieta. Havia um aspecto de diversão subjugada em seu rosto, que incitava quase um sorriso de alegre e exultante inteligência, quando seus olhos encontraram os meus. Ela nunca estivera tão encantadora; nunca meu coração partira-se por ela quanto naquele momento. Se tivéssemos sido deixados por dois minutos mais ali sozinhos, não poderia responder pelas consequências. Felizmente, para a minha discrição, talvez pelo meu regozijo durante o restante do dia, fomos convocados rapidamente para o repasto – uma leve refeição bem respeitável, que Rose, ajudada pela Srta. Wilson e por Eliza que, tendo

compartilhado seu assento na carruagem, chegara com ela um pouco antes do resto, havia disposto sobre uma plataforma elevada contemplando o mar e se abrigara do forte sol sob uma rocha inclinada e árvores suspensas.

A Sra. Graham sentara-se distante de mim. Eliza era a minha companhia mais próxima. Ela se esforçava em ser agradável, em seu modo gentil e reservado, e estava, sem dúvida, tão fascinante e encantadora quanto nunca, se eu apenas pudesse ser sensível a isso. Porém, logo meu coração começou a se aquecer por ela mais uma vez; e estávamos todos muito alegres e felizes juntos – tanto quanto eu podia ver – por toda a prolongada refeição social.

Quando tudo se acabou, Rose intimou Fergus a ajudá-la a limpar todos os restos, além das facas, pratos e tudo o mais, e devolvê-los às cestas; e a Sra. Graham tomou seu assento dobradiço e seus materiais de desenho; e, tendo implorado para que a Srta. Millward tomasse conta de seu precioso filho e rigorosamente ordenado a ele que não fosse para longe de sua guardiã, ela nos deixou e seguiu pela íngreme e rochosa colina, para uma saliência mais alta e escarpada um pouco mais distante, de onde uma vista ainda mais bela podia ser obtida, lugar que preferira para fazer seu esboço, embora algumas das damas lhe dissessem que era um local assustador, aconselhando-a a não tentar ir até lá.

Quando ela partiu, senti-me como se a graça tivesse acabado – embora seja difícil dizer sua contribuição para a diversão do grupo. Nenhuma pilhéria, nem uma pequena risada, lhe escapara dos lábios; mas seu sorriso animara minha alegria; uma observação afiada ou uma palavra mais agradável, partida dela, tinha insensivelmente aguçado meu gênio e lançado um interesse sobre tudo o que era dito e feito pelo resto. Mesmo minha conversa com Eliza tinha sido avivada com a sua presença, embora eu não o soubesse; e, agora que ela tinha ido, as brejeiras aleivosias de Eliza já não mais me entretinham – não, faziam-se cansativas à minha alma e fiquei exaurido de entretê-la; senti-me agarrado por uma irresistível atração com relação aquele distante ponto onde a bela artista se sentara e ocupava-se de sua solitária tarefa – e não por muito tempo tentei resistir a ela; enquanto minha pequena vizinha trocava algumas palavras com a Srta. Wilson, ergui-me e, astuciosamente, escapuli. Uns poucos passos largos e algum esforço ao subir, logo me levaram ao lugar onde ela estava sentada – uma estreita

borda de pedra junto à beirada do precipício, que dava, por um íngreme e acentuado declive, bem abaixo na praia rochosa.

Ela não me ouviu chegar; a queda de minha sombra sobre seu papel deu-lhe um susto elétrico; e ela olhou arrogantemente ao redor – qualquer outra dama de meu círculo teria gritado face a tal súbito alarme.

‘Oh! Eu não sabia que era você. – Por que me assustou assim?’ disse ela, com impaciência. ‘Odeio quando alguém se aproxima assim, inesperadamente.’

‘Por que, o que você pensou que eu fosse?’ disse eu; ‘se soubesse que você era tão nervosa, eu teria sido mais cuidadoso; mas...’

‘Bem, não importa. Por que você veio? Estão todos vindo?’

‘Não; esta pequena borda mal poderia conter todos.’

‘Que bom, pois estou cansada de falar.’

‘Bem, então, não falarei. Apenas me sentarei e assistirei você desenhar.’

‘Oh, mas você sabe que eu não gosto disso.’

‘Então me contentarei em apreciar esta bela vista.’

Ela não fez nenhuma objeção a isso; e, por algum tempo, desenhou em silêncio. Mas eu não podia evitar roubar um olhar, de vez em quando, da esplêndida vista sob os nossos pés para as elegantes mãos brancas que seguravam o lápis e o gracioso pescoço e os brilhantes cachos negros que pendiam sobre o papel.

‘Agora’, pensei, ‘se eu tivesse só um lápis e um pedaço de papel, poderia fazer um esboço muito mais apaixonado do que o dela, admitindo que eu tivesse o poder de delinear fervorosamente o que está diante de mim.’

Mas, embora tal satisfação me fosse negada, eu ainda estava muito contente de sentar-me diante dela ali e nada dizer.

‘Você ainda está aí, Sr. Markham?’ disse ela por fim, despejando seu olhar sobre mim – pois eu estava sentado um pouco atrás, em uma musgosa saliência do penhasco. ‘Por que não se retira e se diverte com seus amigos?’

‘Porque estou cansado deles, assim como você; e deverei ficar com eles o bastante amanhã – ou a qualquer outra hora; mas não poderei ter o prazer de ver você por não sei quanto tempo.’

‘O que Arthur fazia quando você saiu de lá?’

‘Ele estava com a Srta. Millward, onde você o deixou – tudo certo, mas esperando que a mamãe não demoraria muito. Você não o confiou a mim, de todo modo’ – murmurei, ‘embora eu tivesse a honra de conhecê-lo há mais tempo; mas a Srta. Millward tem a arte de conciliar e divertir crianças’, acrescentei indiferente, ‘como se fosse apta para mais nada.’

‘A Srta. Millward possui muitas qualidades apreciáveis, as quais não se esperaria que você percebesse ou apreciasse. Pode dizer a Arthur que estarei chegando em alguns poucos minutos?’

‘Se este é o caso, aguardarei, com a sua permissão, que se passem estes poucos minutos; e então poderei ajudar-lhe a descer esta difícil trilha.’

‘Obrigada – sempre faço melhor, em tais ocasiões, sem ajuda.’

‘Mas, ao menos, posso carregar seu banquinho e seu livro de esboços.’

Ela não me recusou tal favor; mas eu já estava ofendido pelo seu evidente desejo de se livrar de mim e estava começando a me arrepender de minha teimosia, quando ela, de alguma maneira, apaziguou-me perguntando minha preferência e minha opinião sobre alguma matéria duvidosa em seu desenho. Minha opinião, felizmente, teve a sua aprovação e a melhoria que sugeri foi adotada sem hesitação.

‘Eu já desejei, em vão’, ela disse, ‘apelar para a opinião de outros quando dificilmente poderia confiar na direção de meu próprio olho e da mente, tendo estes se ocupado por tanto tempo na contemplação de um único objeto até se tornar incapaz de formar uma ideia própria sobre ele.’

‘Isso’, repliquei eu, ‘é apenas um dos males aos quais a vida solitária nos expõe.’

‘É verdade’, ela disse; e novamente recaímos no silêncio.

Cerca de dois minutos depois, porém, ela declarou que terminara seu desenho e fechou o caderno.

Ao regressarmos à cena de nosso repasto, descobrimos que todos o haviam abandonado, com a exceção de três pessoas – Mary Millward, Richard Wilson e Arthur Graham. O jovem cavalheiro aferrara-se ao sono, com sua cabeça no colo da dama à guisa de travesseiro; o outro estava sentado ao lado dela com uma edição de bolso de algum escritor clássico na mão. Ele nunca ia a lugar nenhum sem tal companheiro junto para melhorar seus momentos de ócio: todo o tempo parecia perdido se não fosse devotado ao estudo ou cobrado, pela sua natureza física, ao simples sustento da vida. Mesmo agora ele não podia se abandonar à apreciação do ar puro e da balsâmica luz do sol – aquela esplêndida vista e aqueles relaxantes sons, a música das ondas e da suave brisa nas árvores acima dele, que o abrigavam – nem mesmo uma dama ao seu lado (embora uma não muito atraente, concederei) – ele deve se despojar de seu livro e aproveitar o máximo do tempo ao digerir sua amena refeição e repousar seus membros cansados, desacostumados a tanto exercício.

Talvez, porém, ele guardara um momento para trocar uma palavra ou um olhar com a sua companheira, de vez em quando – de qualquer forma, ela não parecia nem um pouco ressentida por sua conduta; pois seus traços rústicos carregavam uma expressão de alegria e serenidade incomum, e ela estava estudando seu rosto pálido e pensativo com grande complacência quando chegamos.

A jornada de volta para casa não foi, de nenhuma maneira, tão agradável para mim quando na parte anterior do dia; pois agora a Sra. Graham estava na carruagem e Eliza Millward era a companheira de minha caminhada. Ela percebera a minha preferência pela jovem viúva e evidentemente se sentira rejeitada. Ela não manifestara seu desapontamento por afiadas reprovações, sarcasmos amargos ou amuada em um zangado silêncio – eu teria resistido a isso tudo ou sorriria levemente; mas ela o demonstrou por um tipo de gentil melancolia, uma suave e repressora tristeza que cortou meu coração. Tentei alegrá-la e aparentemente tive um certo nível de êxito, antes do fim da caminhada; mas nesse mesmo ato, minha consciência me reprovou, sabendo, como eu, que mais cedo ou mais tarde o laço se quebraria e isto estava apenas florescendo falsas esperanças e adiando o dia fatal.

Quando a carruagem chegou o mais perto de Wildfell Hall que a estrada permitiria – a menos, de fato, que prosseguisse pela longa trilha acidentada, o que a Sra. Graham não permitiria – a jovem viúva e seu filho despertaram, concedendo o assento do condutor para Rose; e eu persuadi Eliza a tomar o lugar da última. Tendo-a confortavelmente instalada, dizendo-lhe que tomasse cuidado com o ar noturno e desejando-lhe uma boa noite, senti-me consideravelmente aliviado e corri para oferecer meus préstimos à Sra. Graham, ajudando-a a carregar seus materiais pelos campos, mas ela já tinha suspenso o banquinho em seu braço e tomado seu caderno de esboços em sua mão, e insistiu em despedir-se de mim ali e naquele momento, junto com o resto do grupo. Mas, dessa vez, ela declinou a ajuda que eu lhe ofertava de tão bondosa e amigável maneira que quase a perdoei.

CAPÍTULO VIII

Seis semanas se passaram. Era uma esplêndida manhã perto do fim de junho. A maior parte do feno já fora cortada, mas a última semana não foi favorável; e, agora que o tempo bom viera por fim, estando determinado a aproveitar o máximo, juntei todos os trabalhadores no campo de feno e estávamos trabalhando, eu inclusive, em meio a eles, em mangas de camisa, com um chapéu de palha leve para a sombra, pegando braçadas de grama úmida e fedorenta e sacudindo-a contra os quatro ventos do céu, sobre as cabeças de uma ótima fila de criados e trabalhadores de estação – pretendendo assim trabalhar desde a manhã até a noite, com tanto zelo e assiduidade quanto eu poderia esperar de cada um deles, tanto como para avançar o trabalho com meu próprio esforço quanto para animar os trabalhadores com o meu exemplo – quando, ah! Minhas resoluções desmoronaram em um momento, pelo simples fato de meu irmão estar correndo até mim e colocando em minhas mãos um pequeno pacote, recém-chegado de Londres, que eu estivera esperando por algum tempo. Rasguei o embrulho e uma elegante e durável edição de ‘Marmion’ se revelou.

‘Acho que sei para quem é isso,’ disse Fergus, que estava olhando enquanto eu examinava o volume complacentemente. ‘É para a Srta. Eliza’.

Ele pronunciou a frase com um tom e um olhar tão prodigiosamente confiante, que fiquei feliz em desmenti-lo.

‘Você está errado, meu rapaz’, eu disse; e, pegando meu casaco, depositei o livro em um de seus bolsos e então o enverguei (o casaco). ‘Agora venha aqui, seu cão vadio e faça de você mesmo útil de uma vez’, continuei. ‘Tire seu casaco e tome o meu lugar no campo até que eu volte.’

‘Até você voltar? – e, por favor, aonde você está indo?’

‘Não importa onde – o quando é que mais lhe interessa; - e devo voltar na hora do jantar, pelo menos.’

‘Oh – oh! E eu devo trabalhar até lá, então? E, além disso, manter todos esses camaradas concentrados no trabalho? Tudo bem, tudo bem! Eu me submeto – mas por esta vez. – Venham, rapazes, vocês devem se apressar: estou vindo para ajudá-los: - e inimigo seja àquele homem ou mulher, que pause por um momento entre vocês – seja para pensar um

pouco, para coçar sua cabeça ou assoar o nariz – nenhum pretexto serve – nada mais do que trabalho, trabalho, trabalho no suor de sua face e tudo o mais...

Deixando-o a falar assim com o pessoal, mais para a diversão deles do que encorajamento, voltei para casa e, tendo me aseado, corri para Wildfell Hall com o livro em meu bolso; pois este era destinado às estantes da Sra. Graham.

‘O quê? Então ela e você se deram assim tão bem a ponto de trocarem presentes?’- Não exatamente, velho amigo; este foi meu primeiro experimento nessa linha; e estava muito ansioso para ver o resultado. Havíamos nos encontrado várias vezes depois da excursão à Baía de - e eu descobrira que ela não era contrária à minha companhia, desde que minha conversa se limitasse à discussão de temas abstratos ou tópicos de interesse comum; - no exato momento em que eu tocava em assuntos sentimentais ou elogiosos, ou fazia a menor referência à ternura ao falar ou olhar, eu era não apenas punido com uma mudança imediata em seus modos naquele instante, mas também condenado a encontrá-la mais fria e distante, se não inteiramente inacessível, quando depois buscava sua companhia. Tal circunstância não muito me desconcertava, entretanto, porque a atribuía não tanto à antipatia, mas a alguma absoluta resolução contra um segundo casamento, formada antes de travarmos relacionamento, independentemente do excesso de afeição pelo seu ex-marido ou por que ela já tivera o suficiente dele e do estado de matrimônio, juntos. Primeiramente, de fato, ela parecia ter prazer em mortificar minha vaidade e esmagar minha presunção – abafando pouco a pouco assim que germinavam; e então, confesso, fui profundamente ferido, embora, ao mesmo tempo, estimulado a procurar vingança; - mas depois descobrindo, com toda a certeza, que eu não era aquele janota de cabeça vazia que ela por primeiro me tomara, ela havia repellido meus modestos avanços com um espírito bem diferente. Era um tipo de desprazer sério, quase magoado, que logo aprendi a cuidadosamente não despertar.

‘Deixe-me primeiro estabelecer minha posição como amigo’, pensei – ‘o protetor e companheiro de seu filho, o sóbrio, sólido e constante amigo dela mesma, e então, quando tiver feito de mim estritamente necessário

para o seu conforto e entretenimento da vida (como acredito que posso), veremos o que mais se poderá fazer.’

Então falávamos sobre pintura, poesia e música, teologia, geologia e filosofia: emprestei a ela um livro, uma ou duas vezes, e uma vez ela me emprestou outro, em troca: eu a encontrava em suas caminhadas sempre que podia; ia à sua casa tão frequentemente quanto eu ousava. Meu primeiro pretexto para invadir seu santuário foi o de levar a Arthur um pequeno e trêmulo filhote, do qual Sancho era o pai e que fascinou a criança além das palavras e, como consequência, não poderia falhar em agradar sua mãe. O segundo foi levar-lhe um livro, o qual, sabendo das particularidades de sua mãe, eu escolhera cuidadosamente e o qual submeti à sua aprovação antes de presentear-lo com ele. Então, levei algumas plantas para o seu jardim, em nome da minha irmã – tendo previamente convencido Rose a enviá-las. Em cada uma destas ocasiões, perguntei sobre o quadro que ela estava pintando a partir do esboço que tomara no penhasco e fui admitido no estúdio, e minha opinião ou conselho a respeito de seu progresso foi solicitada.

Minha última visita fora para devolver o livro que ela me emprestara; e foi quando, então, durante uma discussão casual sobre a poesia de Sir Walter Scott, que ela expressou o desejo de ler ‘Marmion’ e ocultei-lhe a presunçosa ideia de lhe presentear o volume e, ao voltar para casa, solicitei imediatamente pelo espirituoso e pequeno livro que eu recebera nesta manhã. Mas uma desculpa para invadir o refúgio era ainda necessária; então, me guarnei de um colar azul de marrequim para o pequeno cão de Arthur; e sendo o objeto dado e recebido, com muito mais alegria e gratidão, pela parte do presenteado, do que o valor da prenda ou o motivo egoísta que o doador merecia, aventurei-me a pedir para que a Sra. Graham me mostrasse mais uma vez o quadro, se ainda estivesse lá.

‘Oh, sim! Entre’, ela disse (pois havíamos nos encontrado no jardim). ‘Já está terminado e emoldurado, pronto para ser despachado; mas dê-me sua última opinião e se você puder sugerir alguma outra melhora, assim será – devidamente considerado, pelo menos.’

O quadro era pungentemente belo; era o próprio cenário, transferido como se por mágica para a tela; mas expressei minha aprovação em termos reservados, e em poucas palavras, pelo medo de desagradá-la.

Ela, porém, observou minhas expressões atenciosamente e o seu orgulho de artista estava grato, sem dúvida, por ler minha admiração sincera nos meus olhos. Mas, enquanto o contemplava, pensei no livro e me perguntei como eu o entregaria. Meu coração falhou; mas me determinei a não ser um tolo e ir-me sem fazer uma tentativa. Era inútil esperar uma oportunidade, tanto quanto direcionar a conversa para a ocasião. Quanto mais claro e natural fosse a coisa, melhor, pensei; então, olhei pela janela para estimular a minha coragem e então retirei o livro, voltei-me para a sala e o coloquei em sua mão com esta breve explicação:

‘Você estava querendo ler ‘Marmion’, Sra. Graham; e aqui está, se for tão bondosa em recebê-lo.’

Um corar momentâneo difundiu-se pelo seu rosto – talvez, um corar de simpática vergonha por tal estilo desajeitado de presentear; ela examinou o volume com gravidade em ambos os lados; então folheou-o silenciosamente, franzindo seu rosto em certos momentos, em sérias cogitações; então fechou o livro e olhando para mim, calmamente perguntou pelo seu preço – senti o calor do sangue correndo em meu rosto.

‘Desculpe ofendê-lo, Sr. Markham’, ela disse, ‘mas a menos que eu pague pelo livro, não poderei aceitá-lo.’ E o depositou sobre a mesa.

‘Por que não?’

‘Porque’,- ela pausou e olhou para o tapete.

‘Por que não?’, repeti, com um grau de irascibilidade que a fez erguer os olhos e encarar rigidamente meu rosto.

‘Porque não gosto de contrair obrigações que não posso nunca compensar – já lhe devo pela sua bondade com meu filho; mas a sua grata afeição e o seus próprios bons sentimentos devem recompensá-lo por isso.’

‘Besteiras!’ explodi.

Ela recolocou seus olhos sobre mim novamente, com uma expressão de quieta e grave surpresa, que tivera o efeito de uma repreensão, seja intencional ou não.

‘Então você não aceitará o livro?’, perguntei, mais suavemente do que eu já tinha falado.

‘Aceitá-lo-ei com felicidade, se você me deixar pagar por ele.’ Disse-lhe o preço exato, além do custo de envio, em um tom tão calmo quanto poderia controlar – pois, de fato, estava prestes a lamentar de desapontamento e desgosto.

Ela pegou sua bolsa e friamente contou o dinheiro, mas hesitou em colocá-lo em minha mão. Olhando firmemente para mim, com atenção, em um tom de aliviada candura, ela observou – ‘Você se sente insultado, Sr. Markham – eu gostaria de fazê-lo entender que eu... que eu...

‘Eu a compreendo perfeitamente’ eu disse. ‘Você acha que se aceitar esta bagatela de mim agora, deverei esperar por retribuições daqui para a frente; mas está enganada; - se você comprometer-se comigo apenas por aceitar o livro, acredite-me, não terei esperanças a respeito e não considerarei isso um precedente para futuros favores; - e é besteira falar sobre colocar-se em dívida comigo, quando você sabe que, neste caso, a obrigação está inteiramente do meu lado e o favor, do seu.’

‘Bem, então, confiarei em sua palavra’, ela respondeu, com o sorriso mais angelical, devolvendo o odioso dinheiro à sua carteira – ‘mas lembre-se!’

‘Eu me lembrarei – do que eu disse; mas não vá punir minha presunção ao retirar de mim toda a sua amizade – ou esperar que eu a repare ficando mais distante do que antes’, falei, estendendo minha mão para me despedir, pois eu estava muito excitado para ficar ali.

‘Bem, então! Fiquemos como estamos,’ ela replicou, colocando sua mão com sinceridade sobre a minha; e enquanto eu a segurei ali, tive muita dificuldade em evitar apertá-la contra os meus lábios; - mas isso seria loucura suicida: eu já fora audaz o suficiente e esta prematura oferta quase fora o golpe fatal para as minhas esperanças. Foi com a mente e o coração agitados e lancinantes que corri para casa, indiferente ao forte sol do meio-dia – eu saíra esquecido de tudo, menos dela – lamentando nada além de sua impermeabilidade e minha própria precipitação e falta de tato – temendo nada mais do que sua odiosa decisão e minha incapacidade em contorná-la – esperando por nada – somente pela parada – não vou entediá-lo com minhas esperanças e meus medos conflitantes – meus sérios pensamentos e resoluções.

CAPÍTULO IX

Embora possa se dizer que minhas afeições tinham bem se desgarrado de Eliza Millward, eu ainda não abandonara de todo minhas visitas ao vicariato, porque queria me afastar dela aos poucos; sem levantar muitas mágoas ou incorrer em muito ressentimento – ou me tornar o assunto da paróquia; e, além disso, se tivesse me mantido totalmente longe, o vigário, que considerava minhas visitas como principalmente, se não inteiramente, para ele, teria se sentido diretamente afrontado pela rejeição. Mas quando apareci por lá no dia seguinte após minha entrevista com a Sra. Graham, aconteceu que ele não estava em casa – uma circunstância de nenhuma maneira tão agradável para mim, agora, quanto teria sido em outras ocasiões. A Srta. Millward estava lá, era verdade, mas ela, claro, estaria um pouco melhor do que um fantasma. Porém, eu decidira fazer uma visita breve e conversar com Eliza de maneira fraternal e amigável, tal como nosso longo relacionamento me permitia supor e que, pensei, nunca poderia ofender nem incentivar falsas esperanças.

Nunca era de meu costume falar da Sra. Graham, tanto para ela quanto para outras pessoas; mas eu não estava sentado há três minutos antes que ela mesma trouxesse aquela dama à tona, de um modo notável.

‘Oh, Sr. Markham!’ ela disse, com uma expressão de choque e a voz, quase subjugada a um suspiro, ‘o que você acha destas chocantes histórias sobre a Sra. Graham? – pode nos encorajar a não crer nelas?’

‘Quais histórias?’

‘Ah, essa agora! Você sabe!’ ela sorriu furtivamente e meneou a cabeça.

‘Eu não sei nada sobre elas. Pelo amor de Deus, o que você quer dizer, Eliza?’

‘Oh, não me pergunte! Não posso explicar.’ Ela tomou o lenço de cambraia que estava embelezando com uma profunda borda de laços e tornou a se ocupar dele.

‘O que é isso, Srta. Millward? O que ela quer dizer?’, eu disse, apelando para a sua irmã, que parecia estar absorta em fazer a bainha de um lençol grande e rústico.

‘Não sei,’ ela replicou. ‘Alguma calúnia que alguém ocioso deve ter inventado, suponho. Eu nunca a ouvira até que Eliza me contou, um dia desses – mas se toda a paróquia a troasse em meus ouvidos, não acreditaria em uma só palavra – conheço a Sra. Graham muito bem!’

‘Muito certo, Srta. Millward – e tanto quanto eu – o que quer que seja.’

‘Bem,’ observou Eliza, com um suave suspiro, ‘está muito bem em ter uma confortável confiança sobre o valor daqueles que amamos. Apenas desejo que vocês não tenham a sua confiança em local errado.’

E ela ergueu seu rosto e proporcionou-me um olhar de ternura tão triste que poderia ter derretido meu coração, mas dentro daqueles olhos espreitava-se algo de que não gostei; e imaginei como pude tê-los admirado – o rosto honesto da sua irmã, com seus pequenos olhos cinza, me pareceu muito mais agradável. Mas eu já estava irritado com Eliza então, por causa de suas insinuações contra a Sra. Graham, que eram falsas, eu estava certo, soubesse ela disso ou não.

Eu não disse mais nada sobre o assunto, porém, naquele momento e muito menos depois; já que, descobrindo-me incapaz de recuperar minha calma, eu me ergui e parti, alegando negócios na fazenda; e para lá fui, sem perturbar minha mente com a possível veracidade daqueles misteriosos rumores, mas apenas me perguntando sobre o que seriam, quem os originara e sobre quais fatos se baseavam, e como poderiam ser mais eficazmente silenciados ou neutralizados.

Poucos dias depois, tivemos outra de nossas pequenas festas íntimas, à qual o costumeiro grupo de amigos e vizinhos fora convidado e a Sra. Graham entre eles. Ela não poderia se ausentar agora com a justificativa de noites escuras ou clima inclemente e, para o meu grande alívio, ela compareceu. Sem ela, eu teria achado toda a festividade um tédio intolerável; mas o momento de sua chegada deu nova vida à casa e embora não pudesse negligenciar os outros convidados por ela ou esperar absorver a maior parte de sua atenção e conversa apenas para mim, previ uma noite de entretenimento incomum.

O Sr. Lawrence também veio. Ele não chegara até que todos já estivessem reunidos. Eu estava curioso para ver como ele se comportaria

em relação à Sra. Graham. Um leve cumprimento foi tudo o que aconteceu entre eles quando da sua entrada; e, tendo saudado polidamente os outros membros do grupo, ele se sentou bastante afastado da jovem viúva, entre minha mãe e Rose.

‘Você já viu tanta artimanha?’, sussurrou Eliza, que era minha vizinha mais próxima. ‘Não diria que são perfeitos estranhos?’

‘Quase; mas e daí?’

‘E daí; por que você não pode fingir que é ignorante?’

‘Ignorante de quê?’ eu quis saber, tão incisivamente que ela se assustou e replicou:

‘Oh, quieto! Não fale tão alto.’

‘Bem, então me diga’, respondi em um tom mais baixo, ‘o que você quer dizer? Odeio enigmas.’

‘Bem, você sabe, não garanto a veracidade disso – de fato, longe de tal – mas você não ouviu -?’

‘Não ouvi nada, exceto vindo de você.’

‘Você deve ser propositalmente surdo então, pois qualquer um lhe diria isso; mas vejo que apenas o irrita com a repetição, então é melhor segurar minha língua.’

Ela fechou os lábios e envolveu as mãos à sua frente, com um ar de humildade ferida.

‘Se desejasse não me irritar, deveria ter segurado sua língua desde o início ou então ter dito clara e honestamente tudo o que tem para dizer.’

Ela virou o rosto para o outro lado, tirou seu lenço e se levantou, indo para a janela, onde ficou por algum tempo, evidentemente dissolvendo-se em lágrimas. Eu estava pasmado, provocado, envergonhado – nem tanto pela minha aspereza e sim pela sua fraqueza infantil. Contudo, ninguém pareceu ter notado e logo depois fomos convocados para a mesa de chá: naquelas regiões era costumeiro sentar-se à mesa na hora do chá em todas as ocasiões e fazer disso uma refeição, pois jantávamos cedo. Ao tomar meu lugar, eu tinha Rose a um lado e uma cadeira vazia ao outro.

‘Posso me sentar perto de você?’ disse uma voz suave ao meu cotovelo.

‘Se quiser’, foi a resposta; e Eliza deslizou para a cadeira livre; então, olhando para mim com um sorriso meio triste, meio divertido, sussurrou: - ‘Você é muito duro, Gilbert.’

Entreguei a ela o chá com um sorriso de leve desprezo e fiquei calado, pois não tinha nada a dizer.

‘O que eu fiz que o ofendeu?’, ela disse, mais queixosa. ‘Queria saber.’

‘Venha, tome seu chá, Eliza e não seja boba’, respondi, passando-lhe o açúcar e o creme.

Então se iniciou uma leve comoção ao meu outro lado, ocasionada pela vinda da Srta. Wilson em negociar uma troca de assentos com Rose.

‘Seria você bondosa para trocar de lugar comigo, Srta. Markham?’, ela disse; ‘pois não gosto de sentar perto da Sra. Graham. Se a sua mãe acha apropriado convidar tais pessoas para a sua casa, ela não pode objetar que sua filha faça companhia a elas.’

Esta última oração foi dita em um tipo de solilóquio, quando Rose já se fora; mas eu não era educado o suficiente para deixá-la passar.

‘Seria você bondosa para me explicar o que quis dizer, Srta. Wilson?’, eu disse.

A pergunta a assustou, mas não muito.

‘Por que, Sr. Markham,’ ela replicou, friamente, tendo recuperado rápido seu autocontrole, ‘muito me surpreende que a Sra. Markham convide tal pessoa como a Sra. Graham à sua casa; mas, talvez, ela não esteja ciente de que o caráter da dama seja considerado pouco respeitável.’

‘Ela não está ciente, assim como eu; e, portanto, você se comprometeria em explicar o que quer dizer um pouco mais.’

‘Esta provavelmente não é a hora ou o lugar para tais explicações; mas acho que você dificilmente pode ser tão ignorante quanto finge – você deve conhecê-la tão bem quanto eu.’

‘Acho que sim, talvez um pouco melhor; e, portanto, se me informar o que ouviu ou imaginou sobre ela, eu deverei, possivelmente, ser capaz de corrigir.’

‘Você pode me dizer, então, quem é o seu marido ou se ela já teve algum?’

A indignação me manteve silencioso. Em tal hora e lugar, eu não confiaria em mim mesmo para responder.

‘Você nunca observou’, disse Eliza, ‘que impressionante semelhança há entre o filho dela e ...’

‘E quem?’ quis saber a Srta. Wilson, com um ar de fria, porém afiada, severidade.

Eliza estava assustada; a sugestão, timidamente enunciada, fora dirigida apenas para os meus ouvidos.

‘Oh, peço que me desculpe!’, pediu ela. ‘Posso estar equivocada – talvez eu esteja errada.’ Mas ela acompanhou as palavras com um ardiloso olhar de escárnio dirigido a mim, desde o canto de seu malicioso olho.

‘Não há necessidade de me pedir desculpas’, disse sua amiga, ‘mas não vejo ninguém aqui que se pareça com o filho dela, exceto sua mãe e quando você ouvir rumores de má natureza, Srta. Eliza, eu a agradecerei, pois penso que fará bem em evitar repeti-los. Presumo que a pessoa a quem você alude seja o Sr. Lawrence; mas posso assegurá-la de que suas suspeitas, nesse sentido, são extremamente equivocadas; e, se ele tiver alguma relação com aquela dama (o que ninguém tem o direito de asseverar), ao menos ele tem (o que não pode ser dito em relação a outros) senso suficiente de propriedade para se conter a reconhecer apenas um superficial relacionamento na presença de pessoas respeitáveis; ele estava, evidentemente, surpreso e perturbado por encontrá-la aqui.’

‘Vá!’ exclamou Fergus, que se sentara do outro lado de Eliza e era o único indivíduo que compartilhava aquele lado da mesa conosco. ‘Vá como tijolo! Cuide para não deixar pedra sobre pedra!’

A Srta. Wilson desembainhou um olhar de frio escárnio, mas nada disse. Eliza teria replicado, porém a interrompi dizendo, tão calmamente quanto eu podia, embora em um tom que traía, sem dúvida, um pouco do

que sentia por dentro – ‘Já tivemos o bastante desse assunto; se tudo o que temos para dizer são calúnias sobre nossos melhores amigos, então é melhor que fiquemos calados.’

‘É melhor que você faça isso, acho’, observou Fergus, ‘e assim o faz nosso bom pároco; ele estava falando ao grupo com sua melhor inspiração por todo o tempo e o observando, de vez em quando, com olhares de rígido desgosto, enquanto vocês se sentavam aí, sussurrando e murmurando juntos, irreverentemente; e por fim ele parou no meio da história ou de um sermão, não sei qual e fixou seus olhos em você, Gilbert, como se dissesse, “Quando o Sr. Markham parar de flertar com estas duas damas, prosseguirei.”’

O que mais se disse na mesa do chá não posso dizer, nem como encontrei paciência para continuar sentado até que o jantar acabasse. Lembro-me, porém, que engoli com dificuldade o restante do chá que estava em minha xícara e nada comi; e que a primeira coisa que fiz foi olhar fixamente para Arthur Graham, sentado ao lado de sua mãe no lado oposto da mesa e depois para o Sr. Lawrence, sentado adiante; e, primeiramente, surpreendi-me ao notar a semelhança; mas, depois de mais demorada contemplação, concluí que era somente minha imaginação.

Ambos, é verdade, tinham traços mais delicados e ossos menores do que comumente ocorre com a maioria dos indivíduos do sexo forte e a compleição de Lawrence era pálida e clara, e a de Arthur era delicadamente formosa; mas o nariz de Arthur, pequeno e um pouco arrebitado nunca poderia se tornar tão longo e reto quanto o do Sr. Lawrence; e o contorno de seu rosto, embora não de todo redondo e muito sofisticadamente convergindo ao pequeno queixo com covinha para se tornar quadrado, nunca poderia reproduzir o traço longo e oval do outro, enquanto o cabelo da criança era, evidentemente, de uma coloração mais leve e quente do que o cavalheiro mais velho já teve e seus olhos azuis, grandes e claros, embora às vezes prematuramente sérios, eram totalmente diferentes aos tímidos olhos cor de mel do Sr. Lawrence, de onde a sensível alma olhava tão sem confiança para frente, como sempre disposta a se retrair das ofensas de um mundo tão rude, tão desarmônico. O diabo é que eu ia ficar com aquela ideia por um momento! Eu não conhecia a Sra. Graham? Não tinha eu a visto, conversado com ela com frequência? Não estava eu certo de que ela, em

intelecto, em pureza e elevação de alma, era incomensuravelmente superior aos seus detratores; que ela era, de fato, a mais nobre, a mais adorável, de seu sexo que eu já vira ou mesmo imaginado, existir? Sim e diria com Mary Millward (sensível como ela era), que se toda a paróquia, oh, ou todo o mundo, entoasse essas horríveis mentiras aos meus ouvidos, não acreditaria nelas, pois eu a conhecia melhor do que todos.

Enquanto isso, meu cérebro ardia de indignação e meu coração parecia prestes a explodir em sua prisão com paixões conflitantes. Olhei para minhas duas vizinhas com um sentimento de repugnância e aversão que mal tentei ocultar. Fui zombado por alguns por causa de minha abstração e pela deselegante negligência com as damas; mas pouco me importei com isso: tudo o que me preocupava, além do grande tema de meus pensamentos, era ver as xícaras viajarem para a bandeja de chá e, de lá, não voltarem. Pensei que o Sr. Millward nunca pararia de nos dizer que não era um bebedor de chá e que era altamente prejudicial continuar carregando o estômago com tal líquido em detrimento de sustento mais completo e assim dar-lhe tempo para que terminasse sua quarta xícara.

Por fim, terminou; e eu me ergui e deixei a mesa e os convidados sem uma palavra de desculpas – já não mais podia aguentar suas presenças. Apressei-me a esfriar meu cérebro no balsâmico ar vespertino e para recompor minha mente ou indultar meus apaixonados pensamentos na solidão do jardim.

Para evitar ser visto pelas janelas, desci uma pequena e quieta alameda que margeava um lado da cerca, ao fundo do qual havia um assento abobadado de rosas e madressilvas. Ali eu me sentei para pensar sobre as virtudes e os desvios da dama de Wildfell Hall; mas não estava ocupado por dois minutos antes que vozes e risos, e relances de objetos movendo-se pelas árvores, informaram-me de que toda a companhia resolvera tomar ar no jardim, também. Porém, aninhei-me em um canto do caramanchão e esperei reter a sua posse, igualmente salvo da visão e da intrusão. Mas não – com os diabos – havia alguém descendo a alameda! Por que eles não poderiam apreciar as flores e o brilho do sol no jardim aberto, e deixassem aquele refúgio escuro para mim, para as moscas e os mosquitos?

Mas, espiando pela minha fragrante tela de ramos entrelaçados para descobrir quem eram os intrusos (pois o murmúrio de vozes me fez saber

que era mais de um), minha irritação instantaneamente se apaziguou e outros sentimentos bem opostos agitaram minha ainda inquieta alma; pois era a Sra. Graham, lentamente caminhando com Arthur ao seu lado e ninguém mais. Por que estavam sozinhos? Teria o veneno das detratadoras línguas já se espalhado por tudo; e teriam eles voltado suas costas para ela? Agora eu me lembrava de ter visto a Srta. Wilson, no começo da noite, beirar sua cadeira para perto de minha mãe e inclinar-se para frente, evidentemente revelando alguma importante informação confidencial; e, pelo incessante sacudir de sua cabeça, as frequentes distorções de sua fisionomia franzida, o piscar e o malicioso faiscar de seus pequenos e feios olhos, julguei que fosse alguma picante notícia sobre um escândalo em que ela empenhava seus esforços; e, pela cuidadosa privacidade da conversa, supus que alguma pessoa então presente era o desafortunado objeto de suas calúnias: e de todos estes sinais, junto com os olhares e os gestos de horror, mesclados com incredulidade, de minha mãe, assim concluí que o assunto tinha sido a Sra. Graham. Não saí do meu esconderijo até que ela tivesse quase chegado ao fim do trajeto, senão minha aparição a teria espantado; e, quando avancei, ela parou e pareceu inclinada a voltar irresolutamente.

‘Oh, não deixe que o perturbemos, Sr. Markham!’ ela disse. ‘Estamos aqui para buscar refúgio e não para nos intrometermos em seu isolamento.’

‘Não sou um eremita, Sra. Graham – embora reconheça que assim pareça, por me ausentar desta descortês maneira dos meus convidados.’

‘Temí que você não estivesse bem’, ela disse com um olhar de verdadeira preocupação.

‘Eu estava, mas já passou. Sente-se aqui e descanse um pouco, e me diga se gosta deste abrigo’, disse e, erguendo Arthur pelos ombros, o coloquei no meio do banco, de modo a reter sua mãe que, reconhecendo ser um tentador lugar de refúgio, jogou-se a um canto, enquanto eu tomava posse do outro.

Mas a palavra refúgio me perturbava. Teria a maldade deles de fato a induzido a buscar a paz na solidão?

‘Por que eles a deixaram sozinha?’ perguntei.

‘Eu é quem os deixei’, foi a sorridente réplica. ‘Eu já estava extremamente cansada de banalidades – nada me desgasta mais do que isso. Não posso imaginar como eles conseguem continuar assim.’

Não pude conter um sorriso à séria profundidade de sua estupefação.

‘Eles acham que é um dever falar ininterruptamente’, prosseguiu ela: ‘e nunca parar para pensar, mas preencher com inúteis insignificâncias e vãs repetições quando os temas de real interesse falham em se apresentar ou eles realmente sentem prazer em tal conversa?’

‘Muito provavelmente sentem’, disse eu; ‘suas mentes superficiais não podem conter grandes ideias e suas leves mãos são levadas por trivialidades que não moveriam um crânio melhor recheado; e a única alternativa que têm para tal discurso é afundar a cabeça e os ouvidos no pântano dos escândalos – que é a principal delícia deles.’

‘Nem todos eles, certo?’ exclamou a dama, atônita com o amargor de meu comentário.

‘Não, certamente; excludo minha irmã de tais preferências e minha mãe também, se você a incluiu em suas censuras.’

‘Não censurei ninguém e certamente não pretendi aludir de modo desrespeitoso à sua mãe. Conheci algumas pessoas sensíveis, grandes adeptas desse estilo de conversa quando as circunstâncias as obrigam a isso; mas é uma bênção que não posso me gabar de ter. Mantive minha atenção nesta ocasião ao máximo que pude, mas quando minhas forças se esvaíram, me afastei furtivamente para buscar alguns minutos de repouso nesta quieta caminhada. Odeio falar onde não há trocas de ideias ou de sentimentos, e nenhum bem a dar ou receber.’

‘Bem’, disse eu, ‘se alguma vez eu incomodá-la com minha loquacidade, diga-me definitivamente e lhe prometo que não ficarei ofendido; pois possuo a faculdade de apreciar a companhia daqueles que eu – de meus amigos, assim como o silêncio como uma conversa.’

‘Não acredito muito em você; mas se fosse assim, você combinaria comigo como companheiro.’

‘Sou tudo o que deseja, então, em outros assuntos?’

‘Não, não quis dizer isso. Como estão belos estes pequenos grupos de folhas, onde o sol vêm por detrás deles!’ disse ela, com o propósito de mudar de tema.

E eles pareciam belos, onde em intervalos os planos raios de sol, penetrando a espessura das árvores e dos arbustos ao lado oposto do caminho diante de nós, aliviando seu fusco verdor ao exhibir remendos de folhas semitransparentes de um resplandescente verde dourado.

‘Eu quase desejo não ser mais uma pintora’ observou minha companhia.

‘Por quê? Alguém pensaria que em tal ocasião, você deveria exultar seu privilégio de ser capaz de imitar os vários brilhantes e prazerosos toques da natureza.’

‘Não; pois, ao invés de me entregar ao total regozijo deles, como os outros fazem, estou sempre incomodando minha mente sobre como poderia produzir os mesmos efeitos sobre a tela; e, como isso nunca poderia ser feito, é mais vaidade e vexame do espírito.’

‘Talvez você não consiga satisfazer a si mesma, mas pode e consegue, ter êxito em deliciar os outros com os resultados de suas tentativas.’

‘Bem, no final das contas, não deveria reclamar; talvez poucas pessoas ganhem a vida com tanto prazer em seu trabalho como eu. Lá vem alguém chegando.’

Ela parecia irritada com a interrupção.

‘É apenas o Sr. Lawrence e a Srta. Wilson’, disse eu, ‘vindo para aproveitar um tranquilo passeio. Eles não nos perturbarão.’

Não pude decifrar muito bem a expressão em seu rosto; mas fiquei satisfeito por não haver ciúme nele. Que motivo tinha eu para procurar isso?

‘Que tipo de pessoa é a Srta. Wilson?’ ela perguntou.

‘Ela é elegante e realizada, além da maioria em seu nascimento e posição; e alguns dizem que ela é refinada e agradável.’

‘Achei que ela foi um pouco frígida e arrogante em suas maneiras, hoje.’

‘Muito provavelmente ela possa ser, para você. Ela possivelmente tem alguma predisposição contra você, pois acho que ela a vê pela luz de uma rival.’

‘Eu! Impossível, Sr. Markham!’, disse ela, evidentemente atônita e perturbada.

‘Bem, não sei nada a respeito’, devolvi, bem de forma teimosa; pois pensei que sua perturbação fosse principalmente contra mim.

O par tinha já se aproximado alguns passos de nós. Nosso esconderijo estava aconchegantemente disposto em um canto, antes de onde a alameda, em seu término, fazia uma curva para uma trilha mais espaçosa junto ao fundo do jardim. Enquanto se acercavam desse ponto, vi, pelo aspecto de Jane Wilson, que ela estava direcionando a atenção de seu companheiro para nós; e, tanto pelo seu riso frio e sarcástico, quanto pelas poucas isoladas palavras de seu discurso que chegaram até mim, soube que ela estava imprimindo nele a ideia de que estávamos fortemente ligados, um ao outro. Percebi que ele corou até as têmporas, olhou-nos de soslaio ao passar e seguiu adiante, com um ar grave, mas parecendo não oferecer réplica aos seus comentários.

Era verdade, então, que ele tinha alguns desígnios sobre a Sra. Graham; e, fossem estes honrados, ele não estaria tão ansioso em ocultá-los. Ela era inocente, claro, mas ele era detestável além da conta.

Enquanto esses pensamentos irrompiam pela minha mente, minha companheira se levantou abruptamente e, chamando seu filho, disse que iriam então em busca do grupo e saiu pela alameda. Sem dúvida ela ouvira ou adivinhara algo dos comentários da Srta. Wilson e, portanto, era bem natural que ela optasse por não mais continuar com o tête-à-tête, especialmente como naquele momento, em que meu rosto ardia de indignação com minha amiga anterior, o sinal de que ela poderia se enganar com um corar de estúpido embaraço. Eu devia à Srta. Wilson outro rancor, ainda; e quanto mais pensava sobre seu comportamento, mais a odiava.

Já era o fim da tarde quando me juntei ao grupo. Encontrei a Sra. Graham já pronta para partir e se despedindo do resto, que agora voltavam para casa. Ofereci-me, não, implorei para acompanhá-la até sua casa. O Sr. Lawrence estava próximo, naquele momento, conversando com outra

pessoa. Ele não olhou para nós, mas ouvindo meu enérgico pedido, ele pausou no meio de uma frase para ouvir a réplica dela e seguiu, com um olhar de quieta satisfação, depois que descobriu que era uma recusa.

Era uma recusa, decidida, embora não maldosa. Ela não podia ser levada a pensar que poderia estar em perigo ou seu filho, ao cruzar aquelas solitárias trilhas e campos sem companhia. Havia ainda luz e ela não poderia encontrar alguém; ou, se encontrasse, as pessoas seriam silenciosas e inofensivas, ela estava bem certa. De fato, ela não atenderia ninguém que se dispusesse a se desviar do caminho para acompanhá-la, embora Fergus tenha se dignado a oferecer seus serviços caso fossem mais aceitáveis do que os meus, e minha mãe implorou, dizendo que poderia enviar um dos trabalhadores da fazenda para escoltá-la.

Depois que ela se foi, tudo era um vazio ou pior. Lawrence tentou me arrastar para a conversa, mas o desprezei e fui para outra parte da sala. Logo em seguida, o grupo se desfez e ele se despediu. Quando veio até a mim, eu estava cego para a sua mão estendida e surdo para o seu boa noite até que ele o repetira pela segunda vez; e então, para me ver livre dele, murmurei uma réplica inarticulada, seguida de um amuado aceno de cabeça.

‘Qual o problema, Markham?’ sussurrou ele.

Respondi com um olhar cheio de ira e desdém.

‘Você está nervoso porque a Sra. Graham não o deixou ir até sua casa com ela?’ ele perguntou, com um débil sorriso que quase me exasperou além do meu controle.

Porém, engolindo todas as minhas furiosas respostas, apenas perguntei – ‘O que você tem com isso?’

‘Por que, nada’ replicou com uma frieza provocativa; ‘apenas’, e ele ergueu seus olhos ao meu rosto e disse com solenidade incomum – ‘apenas deixe-me dizer, Markham, que se você tem quaisquer planos naquele sentido, eles certamente falharão; e me entristece vê-lo acalentar falsas esperanças e desperdiçar suas forças em empenhos inúteis, pois...’

‘Hipócrita!’ exclamei; e ele conteve a respiração, estupefato, tornando-se branco pela papada e saiu sem mais palavra.

Eu o havia ferido até o âmago; e estava feliz por isso.

CAPÍTULO X

Quando todos se foram, soube que a vil calúnia realmente circulara pelo grupo, mesmo na presença da vítima. Rose, porém, jurou que ela não acreditou e nem acreditaria, e minha mãe também fez a exata declaração, embora sem, temo, a mesma real e resoluta incredulidade. Aquilo parecia persistir sem cessar em sua mente e ela continuava a me irritar com expressões como – ‘Deus meu, quem pensaria nisso! – Bem! Sempre pensei que havia algo estranho nela. – Você vê o que acontece a uma mulher que aparenta ser diferente das outras pessoas.’ E uma vez, foi ‘Suspeitei daquela aparência de mistério desde o início – pensei que nada de bom sairia disso; mas isso é uma coisa triste, muito triste, sem dúvida!’

‘Por quê, mãe, você não acredita nestas histórias?’ disse Fergus.

‘Eu já não mais, querido; mas então, você sabe, deve haver algum fundamento.’

‘O fundamento está na maldade e na falsidade que existe no mundo’, eu disse, ‘e no fato de que o Sr. Lawrence foi visto indo naquela direção uma ou duas tardes – e as fofocas da vila dizem que ele vai visitar a estranha dama regularmente e os boateiros capturaram o rumor com avidez, para fazer dele a base de sua própria estrutura infernal.’

‘Bem, mas, Gilbert, deve haver algo em suas maneiras para encorajar tais histórias.’

‘Você viu algo em suas maneiras?’

‘Certamente não; mas então, você sabe, sempre disse que havia algo de estranho nela.’

Acredito que foi naquela própria tarde que me aventurei em outra incursão à Wildfell Hall. Desde o dia de nossa festa, que fora há mais de uma semana, vinha empenhando esforços diários para encontrar sua patroa em seus passeios; e sempre desapontado (ela deve ter feito de propósito), ficava matutando à noite algum pretexto para outra visita. Por fim, concluí que a separação não poderia durar mais (neste momento, você verá, eu fui longe demais); e, pegando da estante um velho volume que julguei ser interessante para ela, embora, por seu estado pouco apresentável e, de certa forma, dilapidado, ainda não o tinha oferecido para leitura, me apressei a

levá-lo – mas não sem diversos receios sobre como ela me receberia ou como reunir coragem para me apresentar com tão débil justificativa. Entretanto, talvez pudesse vê-la no campo ou no jardim, e então não haveria grandes dificuldades: seria a batida na porta formal, com o objetivo de ser gravemente conduzido por Rachel à presença de uma surpresa e descortês patroa, que tanto me perturbava.

Meu desejo, porém, não foi atendido. A própria Sra. Graham não foi vista; mas lá estava Arthur brincando com seu pequeno cão travesso no jardim. Olhei pelo portão e o chamei. Ele queria que eu entrasse; mas lhe disse que não o faria sem a anuência de sua mãe.

‘Trei chamá-la’, disse a criança.

‘Não, não, Arthur, não precisa fazer isso; mas se ela não está ocupada, apenas peça para que venha aqui um minuto. Diga que quero falar com ela.’

Ele correu para executar meu pedido e voltou rapidamente com sua mãe. Quão encantadora ela estava com seus cachos escuros ondeando na suave brisa do verão, seu belo rosto levemente corado e seu semblante radiante com sorrisos. Caro Arthur! O que eu não lhe devo por este e todos os demais encontros felizes? Por meio dele, fui definitivamente liberto de todas as formalidades, e terror, e constrangimento. Nos assuntos do amor, não há mediador como uma criança alegre e ingênua – sempre pronta para unir corações divididos, para cingir o hostil golfo dos costumes, para derreter o gelo da indiferente reserva ou destruir os divisores muros da pavorosa formalidade e orgulho.

‘Bem, Sr. Markham, o que é?’ disse a jovem mãe, acercando-se de mim com um agradável sorriso.

‘Desejo que olhe este livro e, se quiser, que pegue e o leia, para sua diversão. Não me desculpe por chamá-la em uma tarde tão bela, embora seja por um assunto de pouca importância.’

‘Diga que ele entre, mamãe’, disse Arthur.

‘Você gostaria de entrar?’ perguntou a dama.

‘Sim; gostaria de ver suas melhorias no jardim.’

‘E como as mudas de sua irmã prosperaram sob meus cuidados’ ela acrescentou, enquanto abria o portão.

E passeamos pelo jardim, falando das flores, das árvores e do livro, e então de outras coisas. A tarde era agradável e amena, assim como minha companheira. Aos poucos, tornei-me mais terno e afável do que, talvez, nunca tinha sido antes; mas eu ainda não dissera nada tangível e ela não tentou repelir, até, passando por uma roseira musgosa que eu lhe trouxera algumas semanas atrás, em nome de minha irmã, ela arrancou um belo botão semiaberto e me pediu para que o entregasse a Rose.

‘Posso ficar com ela?’ perguntei.

‘Não; mas eis outra para você.’

Ao invés de tomá-lo silenciosamente, também peguei a mão que o ofertava e olhei para o seu rosto. Ela deixou que eu a segurasse por um momento e vi um rompante de estático brilho em seus olhos, uma incandescência de feliz excitação em seu rosto – pensei que meu momento de vitória chegara – mas imediatamente uma dolorosa lembrança pareceu acometê-la; uma nuvem de angústia escureceu seu semblante, uma palidez marmórea alvejou seu rosto e seus lábios; pareceu que um momento de conflito íntimo e, em um súbito esforço, ela retirou sua mão e retrocedeu um passo ou dois.

‘Agora, Sr. Markham,’ disse ela, com um tipo de desesperada calma, ‘devo-lhe dizer claramente que não posso mais com isso. Gosto de sua companhia, porque estou sozinha aqui e a sua conversa me agrada mais do que a de qualquer outra pessoa; mas se você não puder se contentar em me considerar uma amiga – uma amiga franca, fria, maternal ou fraternal – devo implorar que parta já e deixe-me de agora em diante: na verdade, deveremos ser estranhos no futuro.’

‘Serei, então – seu amigo, ou irmão, ou qualquer coisa que queira, se apenas me deixar que eu continue a vê-la; mas diga-me, por que não posso ser algo mais?’

Seguiu-se uma pausa perplexa e de reflexão.

‘É por causa de alguma temerária promessa?’

‘Algo do tipo’, ela respondeu. ‘Poderei-lhe contar em algum dia, mas agora é melhor que você se vá; e nunca, Gilbert, coloque-me em dolorosa necessidade de repetir o que acabei de lhe dizer’, ela acrescentou com sinceridade, dando-me sua mão em séria bondade. Quão doce, quão musical meu próprio nome soou em sua boca!

‘Nunca o farei,’ repliquei. ‘Mas me perdoará tal ofensa?’

‘Com a condição de que nunca mais a repita.’

‘E poderei vê-la de vez em quando?’

‘Talvez – ocasionalmente; desde que você nunca abuse do privilégio.’

‘Não faço promessas vazias, você verá.’

‘Quando fizer, nossa intimidade estará por um fio, é tudo.’

‘E você sempre me chamará de Gilbert? Soa mais fraternal e servirá para que eu me lembre de nosso pacto.’

Ela sorriu e mais uma vez pediu para que eu me fosse; e, por fim, julguei ser mais prudente obedecer. Ela entrou novamente na casa e eu descí a colina. Porém, enquanto seguia adiante, o ressoar de cascos de cavalos atingiu meus ouvidos e quebrou a imobilidade da refrescante tarde; e, olhando para o caminho, vi um solitário cavaleiro a subir. Caindo a escuridão como estava, reconheci-o de relance: era o Sr. Lawrence em seu pônei cinza. Corri pelo campo, pulei a cerca de pedras e, então, caminhei pela trilha para encontrá-lo. Ao ver-me, ele repuxou o cavalo de repente e pareceu inclinado a dar meia-volta, mas pensando duas vezes, aparentemente julgou melhor continuar seu caminho como antes. Ele se acercou de mim com um leve cumprimento e beirando o muro, tentou passar; mas eu não estava disposto. Agarrando seu cavalo pela rédea, exclamei – ‘Agora, Lawrence, solucionarei este mistério! Diga-me aonde vai e o que pretende fazer – de uma vez por todas e claramente!’

‘Você pode retirar sua mão da rédea?’ disse ele, tranquilamente – ‘você está machucando a boca de meu pônei.’

‘Você e seu pônei sejam...’

‘O que o faz ser tão grosso e agressivo, Markham? Estou deveras envergonhado de você.’

‘Responda minhas perguntas – antes de sair daqui saberei o que você pretende com esta duplicidade perversa!’

‘Não responderei a nenhuma pergunta até que solte as rédeas – fiquemos até a manhã.’

‘E agora,’ disse eu, descerrando minha mão, mas ainda à sua frente.

‘Pergunte-me em qualquer outra hora, quando puder falar como um cavalheiro,’ ele retornou e fez força para passar mais uma vez; mas rapidamente recapturei o pônei, um pouco menos assustado do que seu mestre com tal rude modo.

‘Realmente, Sr. Markham, isto já é demais!’ disse o último. ‘Não posso ver a minha inquilina sobre questões de negócios, sem ser assaltado desta maneira por -?’

‘Agora não é hora para negócios, senhor! – Eu lhe direi, agora, o que penso de sua conduta.’

‘É melhor que você guarde sua opinião para um momento mais apropriado,’ ele interrompeu em voz baixa – ‘eis aí o vigário.’ E, de fato, o vigário estava bem atrás de mim, caminhando lentamente para casa vindo de algum canto remoto de sua paróquia. Soltei o cavaleiro imediatamente; e ele seguiu adiante, cumprimentando o Sr. Millward enquanto passava.

‘O quê! Brigando, Markham?’ exclamou este, dirigindo-se a mim – ‘e sobre a jovem viúva, imagino?’ ele acrescentou, balançando negativamente a cabeça. ‘Mas deixe-me dizer, jovem’ (e aqui ele encostou seu rosto ao meu com um ar importante e confidencial), ‘ela não vale a pena!’ e confirmou sua frase com um solene meneio.

‘SR. MILWARD’ eu exclamei, em um tom de irada ameaça que fez o reverendo cavalheiro olhar ao redor – consternado – pasmado ante tamanha insolência inusitada e encarar-me diretamente, com um olhar que claramente dizia, ‘O que, isso para mim!’ Mas não me dignei a desculpar ou a falar mais com ele: virei-me e me apressei para casa, descendo com rápidas e longas passadas a íngreme e dura trilha, e deixando-o que ele seguisse como o conviesse.

CAPÍTULO XI

Suponha que três semanas se passaram. A Sra. Graham e eu éramos amigos firmes – ou irmão e irmã, como preferíamos considerar a nós mesmos. Ela chamava-me de Gilbert, por meu expresso desejo, e eu a chamava de Helen, pois vira esse nome escrito em seus livros. Eu raramente tentava vê-la mais do que duas vezes por semana; e ainda eu tentava fazer, o máximo que podia, com que nossos encontros parecessem-se com resultados de coincidências – pois descobri necessário ser extremamente cuidadoso – e, em geral, eu me comportava com tamanha propriedade excessiva que ela nunca tivera oportunidade de me reprovar uma vez. Todavia, não podia deixar de perceber que ela estava, às vezes, infeliz e insatisfeita com ela mesma ou sua posição, e verdadeiramente eu mesmo não estava muito contente com a última: esta simulação de fraterna indiferença era muito difícil de sustentar e com frequência me senti um hipócrita mais do que confuso com tudo aquilo; eu também via, ou melhor, sentia que, apesar dela própria, ‘eu não era indiferente a ela’, como os heróis de romances modestamente se expressam e enquanto eu agradecidamente apreciava minha sorte presente, não podia deixar de desejar e ansiar por algo melhor no futuro; mas, claro, guardava tais sonhos inteiramente para mim.

‘Onde você está indo, Gilbert?’ quis saber Rose, uma tarde, logo depois do chá, quando eu estivera ocupado com a fazenda por todo o dia.

‘Dar uma caminhada’ foi a resposta.

‘Você sempre escova cuidadosamente seu chapéu e se penteia tão bem, e veste luvas tão vistosas quando vai dar uma caminhada?’

‘Nem sempre.’

‘Você está indo a Wildfell Hall, não é?’

‘O que a faz pensar assim?’

‘Porque você age como se fosse – mas gostaria que você não fosse tão frequentemente.’

‘Besteira, criança! Não fui uma vez em seis semanas – o que você quer dizer?’

‘Bem, mas se eu fosse você, não teria muito com a Sra. Graham.’

‘Por que, Rose, você está, também, cedendo à opinião predominante?’

‘Não’, devolveu ela, com hesitação – ‘mas ouvi tanto sobre ela ultimamente, na casa dos Wilson e no vicariato; - e, além disso, diz a mamãe, se ela fosse uma pessoa decente, não estaria vivendo lá sozinha – e não se lembra do último inverno, Gilbert, sobre tudo aquilo do nome falso no quadro; e como ela explicou o fato – dizendo que tinha amigos ou conhecidos dos quais desejou ocultar sua presente residência e que estava com medo de que eles a rastreassem; - e então, quão inesperadamente ela se levantou e saiu da sala quando aquela pessoa chegou – a quem ela tomou muito cuidado em nem nos deixar olhar de relance, e que Arthur, com aquele ar de mistério, nos disse que era o amigo de sua mãe?’

‘Sim, Rose, eu me lembro de tudo isso; e posso perdoar suas severas conclusões; pois, talvez, se eu mesmo não a conhecesse, deveria juntar todos esses fatos e acreditar no mesmo que você; mas, graças a Deus, sei quem ela é; e devo ser indigno do nome de homem se pudesse crer em tudo o que foi dito contra ela, a menos que ouvisse dos seus próprios lábios. – Eu deveria crer imediatamente em tais coisas sobre você, Rose.’

‘Oh, Gilbert!’

‘Bem, acha que eu poderia confiar em qualquer coisa do tipo – o que seja que os Wilson ou os Millward ousassem sussurrar?’

‘Claro que não!’

‘E por que não? – Porque eu a conheço – Bem, e eu a conheço muito bem.’

‘Oh, não! Você não sabe nada da sua vida pregressa; e nesta altura do ano passado, você nem sabia que essa pessoa existia.’

‘Não interessa. Há uma coisa como essa em olhar pelos olhos de uma pessoa até o coração e saber mais sobre a altura, e amplitude, e profundidade da alma do outro em uma hora do que pode levar uma vida inteira para descobrir, se ele ou ela não estiver disposto a revelar ou se você não tiver a sensibilidade para compreender.’

‘Então você irá vê-la nesta tarde?’

‘Esteja certa de que sim!’

‘Mas o que mamãe diria, Gilbert!’

‘Mamãe não precisa saber.’

‘Mas ela deverá, se você for.’

‘Se eu for! – não há porque discutir. A Sra. Graham e eu somos dois amigos – e assim seremos; e nenhum ser vivente poderá nos estorvar – ou ter o direito de se interferir entre nós.’

‘Mas se você soubesse como eles falam, seria mais cuidadoso, para o bem dela quanto para o seu próprio. Jane Wilson pensa que suas visitas à velha casa são apenas mais uma prova da devassidão dela...’

‘Para os diabos com Jane Wilson!’

‘E Eliza Millward está muito triste com você.’

‘Espero que esteja.’

‘Mas eu não, se fosse você.’

‘Não, o quê? – Como eles sabem que eu vou lá?’

‘Não há nada que se esconda deles: eles espiam tudo.’

‘Oh, nunca pensei sobre isso! – E então eles ousam transformar minha amizade em alimento para o próximo escândalo contra ela! – Isso prova a falsidade de suas outras mentiras, em todos os casos, se qualquer prova for necessária. – Assegure-se de contradizê-los, Rose, sempre que puder.’

‘Mas eles não falam abertamente sobre essas coisas comigo: é por deixas e insinuações, e pelo o que eu ouço os outros dizerem, que eu descubro o que pensam.’

‘Bem, então, não irei hoje, pois está ficando tarde. Mas oh, diabos os amaldiçoem, línguas envenenadas!’ murmurei, no amargor de minha alma.

E exatamente naquele momento o vigário adentrou pela sala: estávamos muito absortos em nossa conversa para perceber suas batidas. Depois de seu costumeiro cumprimento alegre e paternal a Rose, que era a favorita do velho cavalheiro, ele se voltou um pouco duro para mim:

‘Bem, senhor!’ disse ele, ‘você está muito estranho. É – deixe-me – ver,’ ele continuou, lentamente, enquanto depositava sua pesada estatura na poltrona que Rose oficiosamente empurrava em sua direção; ‘são exatamente – seis semanas – pelas minhas lembranças, desde que você obscureceu – minha – porta!’ Ele falava com ênfase e bateu sua bengala no chão.

‘É, senhor?’ disse eu.

‘Ah! É!’ Ele acrescentou com um meneio afirmativo e continuou a me encarar com um tipo de irada solenidade, segurando sua sólida bengala entre os joelhos, com as mãos presas sobre a cabeça.

‘Estive ocupado’ disse, pois uma desculpa era evidentemente exigida.

‘Ocupado!’ ele repetiu, zombeteiramente.

‘Sim, você sabe que estive preparando o feno; e, agora, a colheita está começando.’

‘Humpf!’

Nesse momento então entrou minha mãe e abriu um desvio a meu favor com sua loquaz e animada recepção ao reverendo convidado. Ela lamentou profundamente que ele não tivesse vindo um pouco antes, em tempo para o chá, mas ofereceu-se a prepará-lo imediatamente, se ele lhe fizesse o favor de compartilhar dele.

‘Nada para mim, eu agradeço’, ele replicou; ‘Devo voltar para casa em alguns minutos.’

‘Oh, mas fique e beba um pouco! Estará pronto em cinco minutos.’

Porém ele rejeitou a oferta com um majestoso ondular da mão.

‘Eu lhe direi o que vou tomar, Sra. Markham,’ ele disse: ‘Beberei um copo de sua excelente cerveja.’

‘Com prazer’, exclamou minha mãe, indo álacre puxar a sineta e ordenar a bebida solicitada.

‘Pensei’, ele continuou, ‘em dar apenas uma passada e beber sua cerveja caseira. Estive visitando a Sra. Graham.’

‘Você foi, de verdade?’

Ele concordou gravemente e acrescentou com uma terrível ênfase – ‘Pensei que era meu dever fazê-lo.’

‘Realmente’, proferiu minha mãe.

‘Por que isso, Sr. Millward?’ perguntei.

Ele olhou para mim com certa aspereza e, voltando-se novamente para minha mãe, repetiu – ‘Pensei que era meu dever!’ e bateu com sua bengala novamente no chão. Minha sentou-se do lado oposto, uma ouvinte intimidada, porém admiradora.

“Sra. Graham”, disse eu’, ele continuou, balançando sua cabeça enquanto falava, “estas histórias são terríveis!” “Quais, senhor?” diz ela, fingindo ignorar o que eu dizia. “É meu – dever – como – seu pastor”, disse eu, “dizer a ambos de tudo o que eu mesmo vejo de repreensível em suas condutas e todas as razões que tenho para suspeitar, e o que os outros me dizem a seu respeito.” – Então eu contei a ela!

‘Você contou, senhor?’ exclamei, me levantando da cadeira e batendo meu punho na mesa. Ele apenas olhou de relance para mim e continuou – falando para sua anfitriã:

‘Foi uma tarefa difícil, Sra. Markham – mas eu disse a ela!’

‘E como ela reagiu?’ perguntou minha mãe.

‘Duramente, eu temo – duramente!’ ele replicou, com um desesperado agitar da cabeça; ‘e, ao mesmo tempo, havia uma clara mostra de indisciplinadas e impróprias paixões. Seu rosto ficou branco e respirava pelos dentes de uma maneira selvagem; - mas ela não ofereceu desculpas ou defesa; e, com um tipo de calma despudorada – realmente chocante para se testemunhar em alguém tão jovem – me disse distintamente que minha reprimenda era inútil e meu conselho pastoral desperdiçado por ela – não, que a minha própria presença era desagradável enquanto eu falava de tais coisas. E, por fim, me retirei, vendo muito claramente que nada podia ser feito – e tristemente magoado ao descobrir que seu caso era incorrigível. Entretanto, estou totalmente decidido, Sra. Markham, que minhas filhas – não – devem – ter relações com ela. Adote a mesma resolução com relação aos seus! – Quanto aos seus filhos – quanto a você, jovem’, ele continuou, olhando rispidamente para mim..

‘Quanto a MIM, senhor’, eu comecei, mas impedido por algum obstáculo em minha fala e descobrindo que todo o meu corpo tremia de fúria, nada mais eu disse, mas interpretei o papel mais sábio de agarrar meu chapéu e disparar da sala, batendo a porta atrás de mim, com um estrondo que sacudiu a casa até suas fundações e fez minha mãe gritar, e deu um alívio momentâneo aos meus excitados sentimentos.

O minuto seguinte viu-me correndo com passadas largas na direção de Wildfell Hall – com qual intenção ou propósito eu mal poderia dizer, mas tinha de ir para algum lugar e nenhum outro objetivo serviria – eu tinha de vê-la, também, e falar com ela – isso era certo; mas eu não tinha uma ideia definida sobre o que dizer ou como agir. Tais pensamentos tormentosos – tantas decisões se empilhavam sobre mim, que minha mente estava um pouco melhor do que um caos de conflitantes paixões.

CAPÍTULO XII

Em pouco mais de vinte minutos a jornada foi completada. Parei no portão para secar o suor de minha testa e recuperar o fôlego e algum grau de compostura. A rápida caminhada já tinha mitigado, de certa forma, minha excitação; e, com uma firme e segura passada percorri o trajeto do jardim. Ao passar pela ala desabitada do edifício, pude ver a Sra. Graham, pela janela aberta, lentamente indo e vindo pela sua solitária sala.

Ela parecia agitada e mesmo assombrada com a minha chegada, como se também pensasse que eu fosse acusá-la. Eu comparecera à sua presença com a intenção de dar-lhe os pêsames pela perversidade do mundo e de ajudá-la a ofender o vigário e seus vis informantes, mas agora me sentia positivamente envergonhado a mencionar o assunto e determinado a não falar sobre isso, a menos que ela conduzisse a conversa.

‘Apareci em uma hora imprópria’, eu disse, supondo uma alegria que não sentia, para reanimá-la; ‘mas não ficarei muito tempo.’

Ela sorriu para mim, debilmente, é verdade, mas de maneira bondosa – eu quase diria que agradecidamente, pois suas apreensões foram removidas.

‘Quão desanimada você está, Helen! Por que não acendeu o fogo?’ eu disse, olhando ao redor do escuro cômodo.

‘É verão, ainda’, ela replicou.

‘Mas sempre acendemos a lareira às tardes, se pudermos; e especialmente você precisa de uma nesta casa fria e cômodo lúgubre.’

‘Deveria ter vindo um pouco antes e eu a teria acendido para você: mas agora não vale a pena – você não ficará muito tempo, como disse, e Arthur já foi dormir.’

‘Mas tenho uma queda pelo fogo, apesar de tudo. Você ordenará, se eu tocar a sineta?’

‘Por que, Gilbert, você não parece estar com frio!’ ela disse, olhando sorridente para o meu rosto, que sem dúvida parecia aquecido o bastante.

‘Não’, repliquei, ‘mas quero vê-la confortável antes de ir.’

‘Eu, confortável!’ ela repetiu, com um riso amargo, como se houvesse algo divertidamente absurdo na ideia. ‘Para mim, está mais conveniente assim’, ela acrescentou, em um tom de triste resignação.

Mas, determinado a fazer do meu jeito, toquei a sineta.

‘E agora, Helen!’ eu disse, enquanto os passos de Rachel, que se aproximava, eram ouvidos em resposta aos chamados. Nada havia a fazer senão voltar-se e pedir à criada que acendesse o fogo.

Devo à Rachel o rancor daquele dia, pelo olhar que ela lançou a mim antes que completasse sua tarefa, o acre, suspeito e inquisitivo olhar que claramente perguntava, ‘O que você está fazendo aqui, me pergunto?’ Sua patroa não deixou de notá-lo e uma sombra de desconforto escureceu sua frente.

‘Você não deve se demorar, Gilbert,’ disse ela, quando a porta se fechou sobre nós.

‘Não irei’, eu disse, de certa forma mal-humorado, embora sem um grão de raiva, em meu coração, contra ninguém além da velha intrometida. ‘Mas, Helen, tenho algo a lhe dizer antes de partir.’

‘O que é?’

‘Não, não agora – eu ainda não sei precisamente o que é ou como dizer,’ repliquei eu, com mais sinceridade do que sabedoria; e então, temendo que ela me expulsasse da casa, comecei a falar sobre banalidades, a fim de ganhar tempo. Enquanto isso, Rachel veio para acender a lareira, o que logo foi conseguido ao se empurrar um atizador em brasa entre as barras da grelha, onde o combustível já estava disposto para a ignição. Ela me honrou com outro de seu olhar, duro e nada hospitaleiro, ao sair, mas pouco incomodado, continuei a falar; e puxando uma cadeira para a Sra. Graham a um lado da lareira e uma para mim do outro, usei-me para sentar, embora meio suspeito de que ela preferisse que eu me fosse.

Em pouco tempo, ambos recaímos ao silêncio e continuamos por muitos minutos olhando abstraidamente para o fogo – ela imersa em seus próprios pensamentos tristes e eu refletindo sobre quão prazeroso seria estar assim sentado, ao seu lado, sem mais nenhuma outra presença para refrear nosso relacionamento – nem mesmo a de Arthur, nosso amigo mútuo, sem quem não teríamos nunca nos conhecido – se apenas eu

pudesse me aventurar a abrir minha mente e aliviar meu coração carregado dos sentimentos que, por tanto tempo, o oprimiam, e que agora lutava para contê-los, com um esforço que parecia impossível manter por mais tempo – e revolvendo os prós e os contras de me declarar a ela ali e naquele instante, e implorando por um retorno de afeição, a permissão de olhar para ela, a partir daquele momento, como minha própria e o direito e o poder de defendê-la das calúnias das línguas maliciosas. Por um lado, eu sentia uma confiança recém-nascida em meus poderes de persuasão – uma forte convicção de que o próprio fervor do meu espírito me concederia a eloquência – que a minha própria determinação – a absoluta necessidade de ter êxito, que sentia me garantir o que eu buscava; enquanto, por outro, temia perder o terreno que já conquistara com tanto trabalho e habilidade, e destruir a esperança futura por um esforço impulsivo, quando o tempo e a paciência teriam trazido o sucesso. Era como definir minha vida com um lance de dados; e, ainda, eu estava pronto para decidir sobre a tentativa. A qualquer momento, eu imploraria a explicação que, antes, ela me prometera a me dar; eu exigiria a razão desta odiosa barreira, este misterioso impedimento à minha felicidade e, como eu confiava, à dela própria.

Mas, enquanto eu considerava a melhor maneira de emoldurar meu pedido, minha companheira, desperta de seu devaneio com um suspiro quase inaudível e olhando para a janela, onde a rubra lua cheia do equinócio, apenas se erguendo sobre uma das severas e fantásticas semprevivas, brilhava sobre nós, disse – ‘Gilbert, está ficando tarde.’

‘Percebo,’ disse eu. ‘Você quer que eu me vá, creio?’

‘Acho que você deve. Se meus bons vizinhos ficam sabendo desta visita – como, sem dúvida, ficarão – não a usarão muito em meu benefício.’

Foi com o que o vigário, indubitavelmente, chamaria de um tipo de sorriso selvagem, que ela disse isso.

‘Deixe-os usá-la como quiserem’, disse eu. ‘O que são seus pensamentos para você ou para mim, contanto que estejam satisfeitos consigo mesmos – e entre si. Deixe-os ir aos diabos com suas vis elucubrações e suas falsas invenções!’

Tal explosão fez com que ela começasse a corar.

‘Você já ouviu, então, o que eles dizem de mim?’

‘Ouvi algumas falsidades detestáveis; mas ninguém, apenas tolos, acreditaria nelas por um momento, Helen, portanto, não deixe que elas a incomodem.’

‘Eu não acho que o Sr. Millward seja um tolo e ele acredita em todas elas; mas embora pouco você possa estimar as opiniões deles sobre si, não é agradável ser encarada como uma mentirosa e uma hipócrita, ser considerada como uma praticante do que você renega e encorajar os vícios que desaprovava, descobrir suas boas intenções frustradas e suas mãos mutiladas pela sua suposta indignidade, e levar desgraça aos princípios que você professa.’

‘Verdade; e se eu, pela minha egoísta desconsideração e negligência às aparências, tivesse ajudado de todas as maneiras a expor-lhe a essas maldades, deixe-me rogar que não apenas me perdoe, mas que me permita a reparar; autorize-me a limpar seu nome de qualquer acusação: dê-me o direito de identificar a sua honra com a minha própria e o de defender sua reputação como mais preciosa do que minha vida!’

‘Seria você corajoso o suficiente para se unir a alguém que sabe que é suspeita e desprezada por todos ao seu redor e identificar seus interesses e sua honra com a dela? Pense! É algo sério.’

‘Eu ficaria orgulhoso disso, Helen! – muito feliz – satisfeito além das palavras! – e se isso for obstáculo para a nossa união, está demolido e você deve – você deverá ser minha!’

E, levantando-se de minha cadeira em um frenesi de ardor, agarrei sua mão e a teria premido contra meus lábios se ela não tivesse, repentinamente, retirado-a, exclamando na amargura da intensa aflição – ‘Não, não, de maneira alguma!’

‘O que é, então? Você prometeu que eu saberia em alguma ocasião e...’

‘Você deverá saber em algum tempo – mas não agora – minha cabeça dói terrivelmente’, ela disse, apertando sua mão contra a testa, ‘e eu devo me repousar um pouco – e com certeza já tive muito sofrimento por hoje!’ ela acrescentou, quase furiosa.

‘Mas contar não poderia machucá-la’, insisti: ‘isso acalmaria sua alma; e então deverei saber como confortá-la.’

Ela balançou a cabeça desanimada. ‘Se soubesse de tudo, você, também, me culparia – talvez mesmo até mais do que eu mereça – embora eu tenha cruelmente o julgado mal’, ela acrescentou em um baixo murmúrio, como se refletisse alto.

‘Você, Helen? Impossível!’

‘Sim, despropositadamente; pois não sabia a força e a profundidade de sua ligação. Pensei – pelo menos, tentei pensar que sua consideração era tão fria e fraternal quanto você afirmou ser.’

‘Ou quanto à sua?’

‘Ou quanto a minha – deveria ter sido – de tal natureza superficial, leve e egoísta, que...’

‘Aí, com certeza, você se equivocou sobre mim.’

‘Sei que sim; e, às vezes, suspeitei, então; mas pensei, que no todo, não deveria fazer muito mal em deixar suas fantasias e suas esperanças sonharem a si mesmas como nada – ou flutuar para algum objetivo mais apropriado, enquanto suas amigáveis simpatias permaneciam comigo; mas se eu soubesse a profundidade de sua consideração, a generosa e a desinteressada afeição que você parece sentir...’

‘Pareço, Helen?’

‘Que você sente, então, eu teria agido de modo diferente.’

‘Como? Você não poderia me encorajar menos ou me tratar com maior severidade do que o fez! E se você pensa que se equivocou a meu respeito, ao me dar sua amizade e ocasionalmente admitindo-me ao prazer de seu convívio e conversa, quando todas as esperanças de forte intimidade eram vãs – como, de fato, sempre me fez compreender – se acha que se equivocou sobre mim por isso, está enganada; pois tais favores, neles próprios, não são apenas prazerosos ao meu coração, mas purificadores, enaltecadores e enobrecedores de minha alma; e eu preferia ter sua amizade do que o amor de qualquer outra mulher no mundo!’

Pouco confortado com isso, ela fechou suas mãos sobre o joelho e, olhando para cima, pareceu, em silenciosa angústia, implorar a ajuda divina;

então, voltando-se para mim, disse calmamente – ‘Amanhã, se você me encontrar no charco perto do meio-dia, eu lhe contarei tudo o que deseja saber; e talvez você então verá a necessidade de interromper nossa intimidade – se, claro, não desejar renunciar a mim como não mais merecedora de sua consideração.’

‘Posso seguramente responder não a isso: você não pode ter graves confissões a fazer – você deve estar a tentar minha fé, Helen.’

‘Não, não, não,’ ela repetiu com sinceridade – ‘quisera eu que fosse! Graças aos céus!’ ela acrescentou, ‘não tenho nenhuma grande culpa a confessar; mas tenho mais do que você gostaria de ouvir, ou talvez, poderia prontamente desculpar – e mais do que eu posso lhe dizer agora; então, deixe-me rogar a você que se vá!’

‘Trei; mas responda-me esta pergunta antes: - você me ama?’

‘Eu não responderei isso!’

‘Então concluirei que sim; e portanto, boa noite!’

Ela virou-se de mim para esconder a emoção que não podia controlar muito bem; mas tomei sua mão e a beijei com ardor.

‘Gilbert, deixe-me!’ ela exclamou, em um tom de tamanha angústia excitada que senti ser cruel desobedecer.

Mas olhei para trás antes de fechar a porta e a vi se inclinando para frente sobre a mesa, com as mãos apertadas sobre os olhos, soluçando convulsivamente; ainda assim, parti em silêncio. Senti que impor meu consolo sobre ela apenas serviria, então, para agravar seus sofrimentos.

Para dizer-lhe todos os questionamentos e as conjeturas – os medos, as esperanças e as selvagens emoções que se colidiam e se perseguiram a cada uma através de minha mente enquanto eu descia a colina, teria quase de preencher todo um volume. Mas antes de que eu chegasse ao meio do caminho, um sentimento de forte simpatia por ela que deixara para trás deslocou todas as demais sensações e parecia me arrastar de volta imperativamente: comecei a pensar, ‘Por que estou indo tão rápido nesta direção? Poderei eu encontrar conforto e consolo – paz, certeza, felicidade, tudo – ou o que mais eu desejar, em casa? E poderei eu deixar toda a perturbação, mágoa e ansiedade para trás de mim?’

E me virei para observar a velha casa. Havia pouco além das chaminés visíveis acima de meu restrito horizonte. Caminhei para trás para ter uma vista melhor. Quando ela surgiu aos meus olhos, parei um momento para olhar e, então, continuei a mover-me no sentido do obscuro objeto de atração. Algo me chamava para mais perto – ainda mais perto – e por que não, por favor? Não poderia eu ter mais benefícios ao contemplar aquela venerável construção com a lua cheia no límpido céu, brilhando tão placidamente sobre ela – com aquele cálido brilho amarelo peculiar a uma noite de agosto – e a dona de minha alma lá dentro, do que em voltar para a minha casa, onde tudo comparativamente era leve, e vivo, e alegre, e portanto adverso a mim, em meu presente corpo de espírito – e mais ainda, que todos os seus habitantes estavam, mais ou menos, imbuídos da mesma crença detestável, o próprio pensamento disso fez meu sangue ferver em minhas veias – e como poderia eu resistir a ouvi-la abertamente declarada ou cuidadosamente insinuada – qual era pior? – eu já tivera problemas o suficiente, com algum demônio falando, murmurando continuamente em meu ouvido, ‘Pode ser verdade’, até que eu gritasse alto, ‘É falso! Eu desafio-lhe a fazer-me supor o contrário!’

Eu poderia ver a vermelha luz incandescente brilhando vagamente desde a janela de sua sala. Subi ao muro do jardim e fiquei apoiado sobre ele, com meus olhos fixos à treliça, imaginando o que ela estaria fazendo, pensando ou sofrendo agora, e desejando que eu pudesse conversar com ela, uma palavra, pelo menos, ou mesmo capturar um relance dela, antes de ir.

Eu não tinha, ainda, olhado e desejado, e imaginado o suficiente, antes de ter rompido a barreira, incapaz de resistir a tentação de dar uma olhada pela janela, só para ver se ela estava mais composta do que quando partimos; - e se eu a descobrisse ainda em profunda aflição, talvez me aventurasse a tentar uma palavra de conforto - expressar uma das muitas coisas que deveria ter dito antes, ao invés de agravar seus sofrimentos com minha estúpida impetuosidade. Olhei. Sua cadeira estava vazia; assim como a sala. Mas, naquele momento, alguém abriu a porta de fora e uma voz – a dela – disse: ‘Vamos – quero ver a lua e respirar o ar noturno: isso me fará bem – se qualquer coisa puder.’

Aqui, então, estavam ela e Rachel saindo para um passeio pelo jardim. Desejei que eu mesmo estivesse em segurança atrás do muro.

Pensei, porém, na sombra do alto azevinho que, estando entre a janela e o alpendre, naquele momento me ocultava de observação, mas não evitava que eu visse as duas figuras avançarem pela luz do luar: a Sra. Graham seguida pela outra – não Rachel, mas um jovem homem, esbelto e muito alto. Oh céus, como minhas têmporas pulsaram! A ansiedade intensa obscureceu minha vista – mas eu pensei – sim e a voz confirmou – era o Sr. Lawrence!

‘Você não deve deixar isso preocupá-la demais, Helen’, disse ele; ‘Serei mais cuidadoso no futuro; e agora..’

Eu não ouvi o resto da frase; pois ele caminhou para perto dela e falava tão levemente que não pude capturar as palavras. Meu coração estava se partindo de ódio; mas ouvi atentamente sua resposta.

‘Mas eu devo deixar este lugar, Frederick’, ela disse – ‘Nunca poderei ser feliz aqui – nem em nenhum outro lugar, de fato’, ela acrescentou, com um triste sorriso – ‘mas não posso descansar aqui.’

‘Mas onde você encontrará um lugar melhor?’ ele replicou, ‘tão isolado – tão perto de mim, se pensar em qualquer coisa do tipo.’

‘Sim’, ela interrompeu, ‘é tudo o que eu desejo, se eles apenas puderem me deixar em paz.’

‘Mas onde você estiver, Helen, terá as mesmas fontes de perturbação. Não posso consentir em perdê-la: devo ir consigo ou ir até você; e há tolos intrometidos em todos os lugares, assim como aqui.’

E assim conversando, eles passaram lentamente por mim, pela trilha e não mais ouvi seu discurso; mas eu o vi colocando o braço sobre sua cintura, enquanto ela amavelmente descansou sua mão em seu ombro; - e então, uma trêmula escuridão obstruiu minha vista, meu coração se nauseou e minha cabeça ardeu como fogo: eu meio que corri, meio que cambaleei daquele local, onde o horror me tivera enraizado, e pulei ou tropecei sobre o muro – dificilmente saberia dizer – mas sei que, depois, como uma criança apaixonada, joguei-me ao chão e lá fiquei em um paroxismo de raiva e desespero – por quanto tempo, sequer posso tentar dizer; mas deve ter sido um período considerável; pois quando, tendo me aliviado parcialmente com uma tormenta de lágrimas e olhado para a lua, brilhando tão calma e indiferente, tão pouco influenciada pela minha miséria quanto eu pelo seu pacífico irradiar, e sinceramente rezei pela morte ou esquecimento, ergui-

me e comecei a voltar para casa – pouco me importando com o caminho, mas carregado instintivamente pelos meus pés até a porta, que encontrei aferrolhada, e todos dormindo exceto minha mãe, que se apressou a responder minhas batidas impacientes e me recebeu com uma tempestade de perguntas e reprovações.

‘Oh, Gilbert! Como você pôde fazer isso? Onde esteve? Entre e jante. Tudo já está pronto, embora você não mereça por me manter em tal medo, depois da estranha maneira como deixou esta casa à tarde. O Sr. Millward estava bastante – Abençoe o garoto! Quão mal ele está! Oh, piedoso! Qual é o problema?’

‘Nada, nada – me dê uma vela.’

‘Mas você não vai jantar nada?’

‘Não; quero me deitar’, disse eu, tomando uma vela e acendendo-a com a outra que ela tinha na mão.

‘Oh, Gilbert, como você trem!’ exclamou minha ansiosa mãe. ‘Como você está branco! Diga-me, o que é? Aconteceu alguma coisa?’

‘Não é nada’, exclamei, pronto para bater o pé de inquietação com a vela que não acendia. Então, contendo minha irritação, acrescentei, ‘Estive andando muito rápido, é tudo. Boa noite!’ e marchei para a cama, indiferente ao ‘Andando muito rápido! Onde você esteve?’ que me foi dito desde abaixo.

Minha mãe me seguiu até a porta de meu quarto com suas perguntas e conselhos a respeito de minha saúde e conduta; mas implorei a ela que me deixasse em paz até a manhã; e ela se retirou e, por fim, tive a satisfação de ouvi-la fechar sua própria porta. Eu não podia dormir, porém, naquela noite, como pensei; e, ao invés de provocar, ocupei-me em caminhar rapidamente pelo quarto, tendo primeiro tirado minhas botas, senão minha mãe me escutaria. Mas as tábuas rangiam e ela estava vigilante. Eu não havia caminhado nem quinze minutos antes que ela estivesse à porta novamente.

‘Gilbert, por que você ainda não está na cama – você disse que queria se deitar, não?’

‘Para os diabos! Estou indo’, disse eu.

‘Mas por que você demora tanto? Deve ter alguma coisa em mente...’

‘Pelo amor de Deus, deixe-me em paz e vá você se deitar.’

‘Pode ser que a Sra. Graham te perturbe tanto?’

‘Não, não, eu lhe digo – não é nada.’

‘Deus queira que não seja mesmo’, ela murmurou, com um suspiro, enquanto voltava para o seu próprio quarto e eu me jogava na cama, sentindo-me desrespeitosamente descontente com ela por ter me privado do que me parecia a única sombra de consolação que me restava e me acorrentava àquela desprezível cama de espinhos.

Nunca eu suportara uma noite tão longa e miserável como aquela. E ainda assim eu não estava totalmente insone. Ao chegar a manhã, meus distraídos pensamentos começaram a perder todas as pretensões de coerência e se mesclaram a sonhos confusos e febris e, por fim, se sucedeu um intervalo de inconsciente inatividade. Mas então a aurora de amarga lembrança que se seguiu – o despertar uma vida que se descobre vazia e pior que vazia, agregada ao tormento e à miséria – não uma mera imensidão estéril, mas cheia de arbustos espinhosos – descobriu-me enganado, incrédulo, desesperançado, minhas afeições pisoteadas, meu anjo não um anjo e minha amiga, um demônio encarnado – isso era pior do que se eu não tivesse dormido por completo.

Foi uma manhã torpe e melancólica; o tempo mudara conforme meu futuro e a chuva estava batendo contra a janela. Levantei-me, não obstante, e saí; não para cuidar da fazenda, embora isso serviria como desculpa, mas para esfriar meu cérebro e reconquistar, se possível, um grau suficiente de compostura para encontrar a família no café da manhã sem excitar observações inconvenientes. Se eu me molhasse, em conjunto com um pretense excesso de esforço antes do café da manhã, poderia justificar minha repentina perda de apetite; e se um resfriado se seguisse, quanto mais forte, melhor – ajudaria a se somar ao taciturno ânimo e à infeliz melancolia capazes de anuviar minha frente por muito tempo.

CAPÍTULO XIII

‘Meu caro Gilbert, desejo que você tente ser um pouco mais amigável’, disse minha mãe em uma manhã, após uma exibição de injustificável mau-humor de minha parte. ‘Você diz que não há nada de errado consigo e que nada aconteceu para afligi-lo, porém nunca vi alguém tão alterado como você nestes últimos dias. Você não trata ninguém bem – amigos e estranhos, iguais e inferiores – é sempre o mesmo. Eu realmente desejo que você tente parar com isso.’

‘Parar com o quê?’

‘Ora, com seu estranho temperamento. Você não sabe como isso o estraga. Estou certa de que um ânimo melhor do que o seu, por natureza, não seria possível, se você o deixasse ter justiça: então você não tem desculpa por isso.’

Enquanto assim ela objetava, eu peguei um livro e, colocando-o aberto sobre a mesa à minha frente, fingi estar profundamente absorvido em sua leitura, pois eu também não podia me justificar, além de não querer reconhecer meus erros; e eu desejava não falar nada sobre a questão. Mas minha excelente mãe continuou com sua bronca e, então passou a me adular e começou a alisar meu cabelo; e eu estava prestes a me sentir um bom menino, porém meu travesso irmão, que estava vadiando pela sala, reavivou minha ira ao exclamar, repentinamente – ‘Não o toque, mãe! Ele vai mordê-la! Ele é o próprio tigre em forma humana. De minha parte, já desisti dele – mais exatamente, o reneguei – o expurguei, por completo. É de arriscar a própria vida se aproximar dele mais do que seis jardas. Outro dia, ele quase fraturou meu crânio porque cantei uma bela e inofensiva canção de amor, com o propósito de acalmá-lo.’

‘Oh, Gilbert! Como você pôde?’ exclamou minha mãe.

‘Você sabe que eu pedi que parasse com aquilo antes, Fergus’, disse eu.

‘Sim, mas quando o assegurei de que não havia problema e passei para o próximo verso, pensando que gostaria mais dele, você me agarrou pelo ombro e lançou-me para longe, exatamente contra aquela parede ali, com tamanha força que pensei ter rompido minha língua em duas e esperei

que o lugar estivesse coalhado com meu cérebro; e quando pus a mão em minha cabeça e vi que meu crânio não estava quebrado, pensei que fosse um milagre e não um erro. Mas, pobre rapaz!’ ele acrescentou, com um suspiro sentimental – ‘seu coração está partido – esta é a verdade – e a sua cabeça está...’

‘Fique quieto AGORA!’ exclamei eu, me levantando e olhando o rapaz com tanta ferocidade que minha mãe, pensando que eu iria infligir algum doloroso ferimento corporal, colocou a mão em meu braço e suplicou que o deixasse em paz, e ele saiu lentamente, com suas mãos nos bolsos, cantando de forma provocadora – ‘Devo eu, por causa da beleza de uma mulher’...

‘Não irei sujar meus dedos com ele’, disse eu, em resposta à intervenção maternal. ‘Tenho nojo até de pegar nele com pinças.’

Então me lembrei de que tinha negócios com Robert Wilson, relativo à aquisição de um certo terreno adjunto à minha fazenda – uma transação que eu vinha protelando a cada dia; pois já não tinha mais interesse em nada; e, além disso, tendia a ser um misantropo, sem contar que tinha uma objeção particular a encontrar Jane Wilson ou sua mãe; pois, embora tivesse boas razões para dar crédito às suas histórias relacionadas à Sra. Graham, eu não gostava mais delas nem um pouco por isso – ou de Eliza Millward também – e a ideia de encontrá-las era mais repugnante para mim agora que já não mais podia desafiar suas aparentes calúnias e triunfar em minhas próprias convicções, como antes. Mas hoje, eu me determinara a fazer um esforço para voltar ao trabalho. Embora não tivesse prazer nisso, seria menos enfadonho do que o ócio – em todos os casos, seria mais lucrativo. Se a vida não prometia alegria dentro de minha vocação, pelo menos oferecia nenhuma ilusão fora dela; e, doravante, eu me concentraria e trabalharia muito, como qualquer pobre escravo de uma carroça razoavelmente quebrada para fazer seu serviço e mourejava pela vida, não totalmente inútil se não aprazível, e sem reclamar, embora não contente com meu quinhão.

Assim decidindo, com um tipo de rabugenta resignação, se tal termo pode ser permitido, dirigi-me ao caminho para Ryecote Farm, pouco esperando que seu proprietário lá estivesse naquela hora do dia, mas esperando descobrir em qual parte do local era mais provável encontrá-lo.

Ele estava ausente, mas deveria voltar em poucos minutos; e eu fui solicitado a entrar na sala e aguardá-lo. A Sra. Wilson estava ocupada na cozinha, mas a sala não estava vazia; e mal pude conter um involuntário recuo quando adentrei; pois lá sentava-se a Srta. Wilson conversando com Eliza Millward. Porém, determinei-me a ser frio e educado. Eliza parecia ter tomado a mesma resolução, de sua parte. Não tínhamos nos encontrado desde a noite do chá; mas não havia nenhuma emoção visível, nem de prazer ou de dor, nenhuma tentativa de compaixão, nenhuma mostra de orgulho ferido: ela estava fria no temperamento, cortês na conduta. Havia mesmo bem-estar e alegria em sua atitude, e modos sobre os quais não tinha nenhuma pretensão; mas havia uma profundidade de malícia em seu olhar muito expressivo que claramente me dizia que eu não estava perdoado; pois, embora ela já não mais esperasse me conquistar para si mesma, ainda odiava sua rival e, de forma óbvia, deliciava-se em descarregar seu rancor em mim. Por outro lado, a Srta. Wilson estava tão afável e cortês quanto à vontade e, embora eu mesmo não estivesse em um humor muito comunicativo, as duas damas conseguiram manter entre elas uma chama de conversa banal bem contínua. Mas Eliza se beneficiou da primeira pausa conveniente para perguntar se eu tinha visto a Sra. Graham ultimamente, com um tom de uma pergunta meramente casual, porém com um olhar indireto – pretensamente de alegre ironia – mas repleto e transbordando de malícia.

‘Não ultimamente’, respondi, em um tom indiferente, mas repelindo de modo severo seus odiosos olhares com os meus; pois eu estava irritado por sentir o rubor em minha testa, apesar de meus vigorosos esforços de parecer impassível.

‘O quê! Já está começando a cansar-se? Eu pensei que tão nobre criatura teria poder de prendê-lo por um ano, ao menos!’

‘Preferiria não falar dela agora.’

‘Ah! Então você está convencido, por fim, de seu erro – você, finalmente, descobriu que sua divindade não é tão imaculada..’

‘Eu lhe pedi que não falasse dela, Srta. Eliza.’

‘Oh, me desculpe! Percebo que as flechas do Cupido foram muito afiadas para você: as feridas, sendo mais do que superficiais, ainda não estão curadas e sangram novamente a cada menção do nome da amada.’

‘Digo, ao contrário’, se interpôs a Srta. Wilson, ‘que o Sr. Markham sente que este nome não é digno de menção na presença de mulheres ajuizadas. Imagino, Eliza, que você deva pensar sobre se referir àquela desafortunada pessoa – você deve saber que mencioná-la seria tudo, menos agradável para todos aqui presentes.’

Como aguentar tudo aquilo? Ergui-me e estava pronto para colocar rapidamente meu chapéu sobre a cabeça e disparar para fora daquela casa, em irada indignação; mas me lembrando – no exato momento para salvar minha honra – a insensatez de tal procedimento e como daria às minhas atormentadoras divertidas risadas às minhas custas, e para o meu bem reconheci em meu próprio âmago ser indigno do menor sacrifício – embora o espírito de minha anterior reverência e amor ainda se suspendesse sobre mim, que sequer poderia suportar ouvir seu nome caluniado pelos outros – apenas me encaminhei à janela e, tendo gasto alguns segundos vingativamente mordendo meus lábios e severamente reprimindo as apaixonadas cargas em meu peito, observei à Srta. Wilson que seu irmão tardava mais do que o esperado e, sendo meu tempo precioso, talvez fosse melhor visitá-lo novamente amanhã, em alguma hora quando eu estivesse seguro de encontrá-lo em casa.

‘Oh, não!’ disse ela; ‘se aguardar um minuto, ele certamente chegará; pois ele tinha negócios em L-’ (que era nosso mercado) ‘e precisará de algum descanso antes de partir.’

Sujeitei-me a concordar, com toda a boa vontade que eu poderia; e, felizmente, não tive de esperar muito. O Sr. Wilson logo chegou e, indisposto a negócios como eu estava naquele momento e pouco me importando pelo campo ou pelo seu dono, forcei minha atenção ao assunto em questão, com honrosa determinação e rapidamente concluí a barganha – talvez mais para a satisfação do próspero fazendeiro do que ele se importava em reconhecer. Então, deixando-o à discussão de seu substancial ‘descanso’, saí da casa feliz e fui cuidar de meus ceifeiros.

Deixando-os ocupados com o trabalho em um lado do vale, subi pela colina, pensando em visitar um milharal nas regiões mais elevadas e verificar quando estariam prontos para a colheita. Mas não fui até lá naquele dia; pois, enquanto me aproximava, observei, a uma distância não muito longa, a Sra. Graham e seu filho descendo na direção oposta. Eles me viram; e Arthur já

estava correndo para me cumprimentar; mas, de imediato, me virei e caminhei apressadamente para casa; pois eu estava completamente determinado a nunca mais encontrar sua mãe outra vez; e, independentemente da penetrante voz em meu ouvido, me convocando a 'esperar um momento', optei pelo tenor regular do meu estilo; e ele logo desistiu da infrutífera perseguição ou foi chamado pela mãe. De todo modo, quando olhei para trás, cinco minutos depois, não pude ver nem um traço de ambos.

Tal incidente me agitou e perturbou inexplicavelmente – a menos que você justifique dizendo que as flechas do Cupido não apenas foram demasiadamente afiadas para mim, como também farpadas e profundamente enraizadas, e que eu ainda não fora capaz de puxá-las de meu coração. O que quer que seja, fiquei duplamente miserável pelo resto do dia.

CAPÍTULO XIV

Na manhã seguinte, me lembrei de que eu também tinha negócios em L...; então, montei em meu cavalo e me pus em marcha logo depois do café da manhã. Era um dia monótono e de garoa; mas isso não era problema: estava totalmente compatível com o meu humor. Parecia ser uma jornada solitária; pois não era dia de mercado e a estrada pela qual eu seguia estava pouco frequentada como em qualquer outro horário; mas isso me caía muito bem, também.

Enquanto cavalgava, porém, ruminando – amargas fantasias, ouvi outro cavalo a uma distância não muito grande atrás de mim; mas não conjecturei quem poderia ser o outro cavaleiro ou me deixei pensar sobre isso até que, moderando minha velocidade para vencer um leve aclive, ou melhor, fazendo meu cavalo atenuar seu passo até um leve trotar – pois, absorto em minhas próprias reflexões, eu estava permitindo que ele trocasse tão à vontade quanto julgasse apropriado – fui alcançado e meu companheiro de viagem me ultrapassou. Ele me abordou pelo nome, pois não era nenhum estranho – era o Sr. Lawrence! Instintivamente os dedos da mão que carregavam meu chicote formigaram e se prenderam ao objeto com convulsiva energia; mas contive o impulso e, respondendo ao seu cumprimento com um meneio de cabeça, tentei me apressar; mas ele também acelerou ao meu lado e começou a falar sobre o tempo e a colheita. Dei as respostas mais breves possíveis para suas perguntas e observações, e recuei. Ele também o fez e perguntou se meu cavalo estava coxo. Respondi com um olhar, ao qual ele sorriu placidamente.

Eu estava tão atônito quanto exasperado com esta singular pertinácia e imperturbável segurança de sua parte. Eu pensava que as circunstâncias de nosso último encontro teriam deixado tal impressão em sua mente que o faria frio e distante depois disso: ao contrário, ele parecia não apenas ter esquecido todas as ofensas anteriores, mas a ser impermeável a todas as indelicadezas presentes. Antigamente, o menor sinal ou a mera suposição de frieza no falar e no olhar bastariam para afastá-lo: agora, a efetiva rudeza não poderia afugentá-lo. Tinha ele sabido de meu desapontamento; e vindo para testemunhar o resultado e triunfar em meu desespero? Segurei meu chicote com mais determinada energia do que

antes – mas ainda abster-me de erguê-lo e cavalguei em silêncio, esperando um motivo mais tangível de ofensa, antes de abrir as comportas de minha alma e despejar a fúria represada que estava espumando e dilatando-se nela.

‘Markham’, ele disse, em seu costumeiro tom tranquilo, ‘por que briga com seus amigos, você se desapontou com alguma coisa? Você descobriu suas esperanças derrotadas; mas como posso ser o culpado? Eu o avisei antes, mas você não...’

Ele nada mais disse; pois, impelido por algum demônio em meu cotovelo, agarrei meu chicote pela parte menor, e – rápido e repentino como um relâmpago – levei a outra ponta sobre a sua cabeça. Não foi sem um sentimento de rude satisfação com que vi a instantânea e mortal palidez que se espalhou pelo seu rosto e as poucas gotas vermelhas que escorreram pela sua testa, enquanto ele cambaleou em sua sela e então caiu de costas ao chão. O pônei, surpreso por se ver livre de maneira tão estranha de sua carga, arrancou e pulou, coiceando um pouco e usou sua liberdade para ir mastigar a grama da margem do caminho: enquanto seu mestre estava caído, imóvel e silencioso como um cadáver. Tinha eu o matado? – uma mão congelada parecia ter se apossado de meu coração e interrompido sua pulsação, conforme eu me inclinava sobre ele, olhando com uma esbaforida intensidade sobre a lívida e soçobrada face. Mas não; ele abriu suas pálpebras e emitiu um leve suspiro. Respirei novamente – ele estava apenas atordoado com a queda. Que lhe serviu bem – o ensinaria a ter melhores modos no futuro. Devia eu ajudá-lo com seu cavalo? Não. Por qualquer outra combinação de ofensas, eu ajudaria; mas a dele era demais imperdoável. Ele mesmo poderia montar, se quisesse – rapidamente: já ele estava começando a se mover e a procurá-lo – e o cavalo estava perto dele, calmamente vagueando pela margem da trilha.

Assim, com um murmúrio de execração, abandonei o rapaz à sua sorte e, aferroando meu cavalo com as esporas, galopei adiante, excitado por uma combinação de sentimentos que não seriam fáceis de analisar; e, talvez, se eu o fizesse, o resultado não seria digno ao meu temperamento; pois não estou certo de que uma espécie de exultação pelo o que fiz não era um dos principais acompanhantes.

Logo após, porém, a efervescência começou a diminuir e não muitos minutos se passaram antes de me virar e regressar para saber o que

aconteceu à minha vítima. Não era um impulso generoso – não era uma bondosa compaixão que me levava a isso – nem mesmo o medo do que poderiam ser as consequências para eu mesmo, se concluísse meu ataque ao cavaleiro com o seu negligente abandono e expusesse a mais ferimentos; era, simplesmente, a voz da consciência; e eu ganhava muitos créditos comigo mesmo ao atender tão prontamente aos seus mandamentos – e, julgando o mérito do feito pelo seu sacrifício, eu não estava muito errado.

O Sr. Lawrence e seu pônei tinham, ambos, alterado suas posições, de certo modo. O pônei tinha vagueado oito ou dez jardas para a frente; e ele tinha conseguido, de alguma maneira, remover-se do meio da estrada: encontrei-o sentado em uma posição de descanso na beira – parecendo muito branco e ainda ferido, e segurando seu lenço de cambraia (agora mais vermelho do que branco) na cabeça. Deve ter sido um golpe poderoso; mas metade do crédito – ou da culpa por isso (o que lhe agradar) deve ser atribuído ao chicote, que era guarnecido com uma maciça cabeça de cavalo de metal laminado. A grama, estando encharcada pela chuva, provia ao jovem cavaleiro uma cama demasiadamente desconfortável; suas roupas estavam consideravelmente enlameadas; e seu chapéu rolava pelo lodo no outro lado da estrada. Mas seus pensamentos pareciam principalmente voltados para o seu pônei, para o qual ele estava olhando avidamente – meio que em impotente ansiedade e meio que em desesperançado abandono à sua sorte.

Eu apeei, porém, e, tendo amarrado meu próprio animal à árvore mais próxima, primeiro peguei seu chapéu, com a intenção de colocá-lo em sua cabeça; mas ou ele considerou sua cabeça inadequada para um chapéu, ou este, em sua presente condição, impróprio para a sua cabeça; pois recuando a primeira, ele pegou o outro de minha mão e o jogou ao lado desdenhosamente.

‘Está bom o bastante para você’, murmurei.

Minha próxima boa ação foi a de capturar seu pônei e trazê-lo para ele, o que logo foi feito; pois o animal estava calmo o suficiente e apenas retraiu e sacudiu-se um pouco até eu controlar as rédeas – mas então, eu deveria vê-lo sobre a sela.

‘Aqui, rapaz – patife – cão – dê-me a sua mão e eu o ajudarei a montar.’

Não; ele se virou de mim com desgosto. Tentei pegá-lo pelo braço. Ele recuou como se pudesse se contaminar com meu toque.

‘O que, não vai! Está bem! Você pode ficar aí sentado até o julgamento final, que me importa. Mas suponho que não queira perder todo o sangue em seu corpo – apenas me dignarei a fazer uma atadura em você.’

‘Deixe-me só, por favor.’

‘Humpf; com todo prazer. Você pode ir ao inspetor detetive se quiser – e diga que foi eu quem o mandou.’

Mas antes de abandoná-lo à sua sorte, arremessei as rédeas de seu pônei sobre uma estaca na sebe e lhe joguei meu lenço, pois o dele já estava saturado de sangue. Ele o pegou e o jogou de volta para mim com repugnância e desprezo, com toda a força que ele poderia juntar. Era necessário somente isso para preencher a medida de suas ofensas. Com execrações não altas, porém profundas, deixei-o à mercê do destino, bem satisfeito por ter feito meu dever ao tentar salvá-lo – mas esquecendo-me de quanto errei em levá-lo a tal condição e quão insultantemente meus serviços de ajuda foram oferecidos – e sombriamente me preparei para enfrentar as consequências caso ele preferisse dizer que eu o tentara matar – o que eu pensei ser capaz, como parecia provável que ele agira por motivos muito maliciosos ao recusar tão obstinadamente minha ajuda.

Tendo montado novamente em meu cavalo, apenas olhei para trás para ver como ele estava se saindo, antes de galopar. Ele se erguera do chão e, agarrando a crina de seu pônei, estava tentando voltar ao seu lugar na sela; mas mal ele tinha colocado seus pés no estribo, quando uma náusea ou tontura pareceu acometê-lo: ele inclinou-se para frente por um momento, com a cabeça curvada sobre o dorso do animal e então fez mais um esforço, que se provou inútil, ele caiu mais uma vez à margem do caminho, onde eu o deixei, repousando a cabeça no gramado limoso e com toda a aparência de reclinar calmamente como se estivesse descansando no sofá de casa.

Eu deveria tê-lo ajudado apesar de si mesmo – ter feito uma atadura para o sangue que ele não conseguira estancar e insistir em fazê-lo montar em seu cavalo, vendo-o ir para casa em segurança; porém, além de minha amarga indignação contra ele, havia a questão do que dizer para seus criados – e para a minha própria família. Ou eu teria de reconhecer o feito, que me

faria ser tomado por louco, a menos que reconhecesse o motivo também – o que parecia impossível – ou eu deveria forjar uma mentira, o que também parecia fora de questão – especialmente porque o Sr. Lawrence provavelmente revelaria toda a verdade e, portanto, decuplicaria minha desgraça – a menos que eu fosse mau o bastante, presumindo a ausência de testemunhas, para persistir na minha versão do caso e fazê-lo um patife maior do que ele era. Não; ele apenas recebera um corte acima das têmporas e talvez alguns machucados pela queda ou coices de seu próprio pônei: o que não o mataria se ele ficasse ali pela metade do dia; e, se ele não pudesse se salvar, certamente alguém passaria por ali: seria impossível que um dia inteiro transcorresse e ninguém viajasse pela estrada além de nós mesmos. Eu decidiria o que fazer pelo o que ele poderia dizer depois: se mentisse, eu o contradiria; se contasse a verdade, eu a sustentaria o melhor que pudesse. Eu não era obrigado a entrar em detalhes além do que julgasse apropriado. Talvez ele decidisse ficar quieto sobre o assunto, pelo medo de levantar perguntas sobre o motivo da briga e atrair atenção pública para a sua ligação com a Sra. Graham que, independentemente de seu benefício ou do dela, ele parecia muito desejoso de esconder.

Assim raciocinando, trotei até a cidade, onde devidamente fiz meus negócios e executei diversas pequenas tarefas para a minha mãe e para Rose, com uma exatidão bem louvável, considerando as diferentes circunstâncias do caso. Ao voltar para casa, fui atormentado por inúmeros receios sobre o desafortunado Lawrence. A pergunta, E se eu o encontrasse ainda deitado na úmida terra, quase morto de frio e cansaço – ou já duro e gelado? se projetava de maneira bem desagradável na minha mente e a apavorante possibilidade se apresentava a si mesma com dolorosa vivacidade à minha imaginação enquanto eu me aproximava do local onde o deixara. Mas não, graças aos céus, tanto o homem quanto o cavalo se foram e nada restava para testemunhar contra mim senão dois objetos – desagradáveis o bastante em si mesmos para ser certo e com uma aparência muito feia, para não dizer assassina – em um lugar, o chapéu encharcado de chuva e coberto de lama, cortado e quebrado acima da aba por aquela maldita alça de chicote; em outro, o lenço escarlate, embebido de uma poça d'água extremamente tingida – pois muita chuva havia caído no ínterim.

As más notícias correm rápido; não eram nem quatro horas quando cheguei em casa, mas minha mãe me abordou com – ‘Oh, Gilbert! Tamanho acidente! Rose estava fazendo compras no vilarejo e soube que o Sr. Lawrence fora derrubado de seu cavalo e trazido para casa morrendo!’

Isso me chocou um pouco, como você pode supor; mas eu estava aliviado por saber que ele tinha espantosamente fraturado seu crânio e quebrado uma perna; pois, seguro da falsidade daquilo, confiei que o resto da história fosse igualmente exagerado; e, quando ouvi minha mãe e minha irmã tão comovidas a lamentar sua condição, tive considerável dificuldade em me segurar para não contá-las a real extensão de seus ferimentos, tanto quanto eu os sabia.

‘Você deve ir vê-lo amanhã’, disse minha mãe.

‘Ou hoje’, sugeriu Rose: ‘há muito tempo; e você pode levar o pônei, pois seu cavalo está cansado. Você não irá, Gilbert – assim que tiver comido alguma coisa?’

‘Não, não – como podemos dizer que não é uma falsa história? É altamente im...’

‘Oh, estou certa de que não é; pois o vilarejo todo está interessado nisso; e encontrei duas pessoas que viram outras pessoas que tiveram com o homem que o encontrou. Isso soa forçado; mas não é tanto quando você pensa a respeito.’

‘Bem, mas Lawrence monta bem; não é plausível que ele caia de seu cavalo; e, se caiu, é altamente improvável que quebre os ossos desse jeito. Deve ser um grande exagero, no mínimo.’

‘Não; mas o cavalo o coiceou – ou algo do tipo.’

‘O que, seu tranquilo e pequeno pônei?’

‘Como você sabe que foi ele?’

‘Ele raramente monta outro.’

‘De qualquer modo’, disse minha mãe, ‘vá visitá-lo amanhã. Seja verdadeira ou falsa, exagerada ou não, devemos saber como ele está.’

‘Fergus pode ir.’

‘Por que não você?’

‘Ele tem mais tempo. Estou ocupado bem agora.’

‘Oh! Mas, Gilbert, como você pode estar tão contido sobre isso? Você não se importa nem um pouco com um caso desse tipo, quando seu amigo está a ponto de morrer.’

‘Ele não está, posso lhe dizer.’

‘O que quer que você saiba, ele pode estar; não pode dizer sem antes vê-lo. Em todo o caso, ele deve ter enfrentado algum terrível acidente e você deve vê-lo; ele irá levar a mal se não for.’

‘Para os diabos! Não posso. Nós não estivemos em bons termos ultimamente.’

‘Oh, meu querido garoto! Certamente, certamente você não está tão rancoroso a ponto de carregar suas pequenas diferenças a tal extensão que...’

‘Pequenas diferenças, de fato!’ murmurei.

‘Bem, mas apenas relembre-se da ocasião. Pense em como...’

‘Bem, bem, não me incomode agora – darei um jeito’, repliquei.

E o meu ver isso era enviar Fergus na manhã seguinte, com as recomendações de minha mãe, para fazer as perguntas necessárias; pois, claro, minha ida estava fora de questão – ou mesmo enviar uma mensagem. Ele trouxe de volta informações de que o jovem cavaleiro fora internado com os complicados males de uma cabeça quebrada e algumas contusões (causadas por uma queda – a qual ele não se incomodou em relatar os pormenores – e a subsequente mal conduta de seu cavalo), e uma severa gripe, a consequência de se deitar no chão úmido na chuva; mas não havia nenhum osso quebrado e nenhuma possibilidade imediata de falecimento.

Era evidente, então, que para o bem da Sra. Graham, não era sua intenção me incriminar.

CAPÍTULO XV

Aquele dia estava tão chuvoso quanto o seu antecessor; mas pela tarde começou a clarear um pouco e a manhã seguinte estava bela e promissora. Eu estava na colina com os ceifadores. Um leve vento balançava o milho e toda a natureza sorria à luz do sol. A cotovia se regozijava entre as flutuantes nuvens prateadas. A última chuva tinha tão suavemente refrescado e limpado o ar, e lavado o céu, e deixado gemas tão brilhantes sobre os ramos e as lâminas que nem mesmo os fazendeiros teriam coragem de reclamar. Mas nenhum raio de sol poderia atingir meu coração, nenhuma brisa poderia refrescá-lo; nada poderia preencher o vazio que a minha fé e esperança, e alegria em Helen Graham deixaram ou levar embora os severos arrependimentos e os amargos resquícios do prolongado amor que ainda o oprimiam.

Enquanto eu permanecia de braços cruzados observando distraidamente o ondulante vagar do milharal, não ainda tocado pelos ceifeiros, algo puxou de leve minha barra e uma pequena voz, não mais bem-vinda aos meus ouvidos, despertou-me com as assustadas palavras – ‘Sr. Markham, mamãe quer vê-lo.’

‘A mim, Arthur?’

‘Sim. Por que você parece tão adoentado?’ ele quis saber, meio rindo, meio assustado com o inesperado aspecto de meu rosto ao virar repentinamente para ele – ‘e por que você se manteve longe por tanto tempo? Vamos! Você não vem?’

‘Estou muito ocupado agora’, repliquei, mal sabendo o que responder.

Ele olhou com um espanto infantil; mas antes que eu pudesse falar novamente, a própria dama estava ao meu lado.

‘Gilbert, tenho de falar com você!’ ela disse, em um tom de contida veemência. Olhei para o seu rosto pálido e os brilhantes olhos, mas nada respondi.

‘Apenas por um momento’, ela suplicou. ‘Vamos para este campo ao lado.’ Ela olhou para os ceifadores, alguns dos quais dirigindo olhares de impertinente curiosidade para ela. ‘Não o segurarei por um minuto.’

Acompanhei-a por entre a brecha.

‘Arthur, querido, vá e pegue aqueles jacintos’, ela disse, apontando para alguns que estavam cintilando a alguma distância sob a sebe junto a qual andávamos. A criança hesitou, como se não desejosa de sair do meu lado. ‘Vá, amor!’ repetiu ela com mais urgência e em um tom que, embora não maldoso, exigia pronta obediência, o que foi obtido.

‘Bem, Sra. Graham?’ disse eu, calmo e friamente; pois, embora visse que ela estava triste e tivesse pena dela, eu me sentia feliz por ter o poder de atormentá-la.

Ela fixou seus olhos em mim com um olhar que me perfurou até o coração; porém, me fez sorrir.

‘Eu não pergunto o motivo da mudança, Gilbert’, ela disse, com amarga tranquilidade: ‘Eu o sei muito bem; mas embora possa me ver suspeita e condenada por todos, e suportar com tranquilidade, não posso resistir vindo de você. – Por que você não foi ouvir minha explicação no dia que marquei para dá-la?’

‘Porque aconteceu, no meio tempo, de eu saber tudo o que você me diria – e um pouco mais, imagino.’

‘Impossível, pois eu teria lhe dito tudo! exclamou ela, apaixonadamente – ‘mas não irei agora, pois vejo que você não é digno disso!’

E seus pálidos lábios tremeram de agitação.

‘Por que não, posso perguntar?’

Ela repeliu meu sorriso zombeteiro com um olhar de indignação cheio de desprezo.

‘Porque você nunca me compreendeu ou não teria ouvido tão rápido aos meus difamadores – minha confiança estaria desperdiçada em você – não é o homem que eu pensei que fosse. Vá! Não me importo com o que pensa de mim.’

Ela se virou e eu fui; pois pensei que isso a atormentaria de qualquer forma; e acredito que estava certo; pois olhando para trás depois de um minuto, eu a vi dando meia volta, como se confiando ou esperando me encontrar ainda ao seu lado; e então ela se deteve e olhou para trás. Era um

olhar menos expressivo de ira do que de amarga angústia e desespero; mas assumi imediatamente um aspecto de indiferença e simulei estar olhando despreocupadamente ao meu redor, e supunho que ela se fora; já que, depois de me manter por um instante para ver se ela voltaria ou me chamaria, aventurei dar outra olhada e a vi já bem distante, movendo-se rapidamente pelo campo, com o pequeno Arthur correndo ao seu lado e, aparentemente, falando enquanto seguia; mas ela mantinha seu rosto afastado dele, como se escondesse alguma incontrolável emoção. E eu voltei aos meus afazeres.

Porém, logo comecei a me arrepender de minha precipitação ao deixá-la tão rápido. Estava evidente que ela me amava – provavelmente estava cansada do Sr. Lawrence e desejava trocá-lo por mim; e, se eu a tivesse amado e reverenciado menos, para começar, a preferência poderia ter me recompensado e surpreendido; mas agora, o contraste entre aparência exterior e sua mente interior, como eu supunha – entre minha antiga e minha atual opinião sobre ela, era tão angustiante – tão aflitiva para os meus sentimentos, que engolfava qualquer consideração mais atenuada.

Porém, eu ainda estava curioso para saber que tipo de explicação ela teria me dado – ou que daria agora, se a pressionasse – quanto ela confessaria e como ela tentaria se desculpar. Eu ansiava por saber o que desprezar e o que admirar nela; quanto a perdoar e quanto a odiar; - e, ainda mais o que eu saberia. Eu a veria mais uma vez e me satisfaria razoavelmente em o que pensar dela, antes de nos despedirmos. Ela estava perdida para mim, para sempre, claro; mas, ainda assim, eu não poderia suportar pensar que nos separamos, pela última vez, com tanta crueldade e tristeza de ambos os lados. Aquele último olhar dela tinha se arraigado em meu coração; não poderia esquecê-lo. Mas que tolo eu era! Não tinha ela me enganado, me ferido – arruinado minha felicidade pelo resto da minha vida? ‘Bem, eu a verei, porém’, foi minha decisão conclusiva, ‘mas não hoje: dia e noite ela deve pensar sobre seus erros e ficar tão triste quanto ela será: amanhã eu a verei outra vez e saberei mais a respeito. A entrevista pode ser útil para ela ou não. De qualquer modo, dará um sopro de excitação à vida que ela condenou à estagnação e pode acalmar com alguma certeza alguns pensamentos agitados.’

Eu fui no dia seguinte, mas não até que a noite caísse, depois que os afazeres do dia estivessem terminados, isto é, entre seis e sete horas; e o sol poente estava brilhando avermelhadamente sobre a velha casa e ardendo nas treliçadas janelas, quando lá cheguei, concedendo ao lugar uma alegria que não era a sua própria. Eu não precisava me estender sobre os sentimentos com os quais me aproximei do templo de minha antiga divindade – o local onde se juntavam mil deliciosas lembranças e gloriosos sonhos – tudo escurecido agora por uma desastrosa verdade.

Rachel me acolheu na sala e foi chamar sua patroa, pois ela não estava lá: mas lá estava sua escrivaninha, aberta sobre a pequena mesa circular, à frente da poltrona de espaldar alto, com um livro deixado sobre ela. Sua limitada, porém de bom gosto, coleção de livros era quase tão familiar para mim quanto a minha própria; mas este volume eu não tinha visto antes. Eu o peguei. Era ‘Last Days of a Philosopher’^[1] de Sir Humpfry Davy e na primeira folha estava escrito ‘Frederick Lawrence’. Fechei o livro, mas o mantive na minha mão e fiquei a encarar a porta, com as minhas costas para a lareira, calmamente aguardando sua chegada; pois eu não duvidaria que ela viria. E logo ouvi seus passos pelo corredor. Meu coração estava começando a pulsar, mas o interrompi com uma censura interna e mantive minha compostura – externamente, pelo menos. Ela entrou, tranquila, pálida, serena.

‘A que devo por este favor, Sr. Markham?’ ela disse, com tamanha dignidade severa, contudo calma, que quase me desconcertou; mas respondi com um sorriso, descarado o bastante.

‘Bem, vim ouvir sua explicação.’

‘Eu lhe disse que não a daria’, ela afirmou. ‘Eu falei que você que você era indigno de minha confiança.’

‘Oh, muito bem’, repliquei eu, indo para a porta.

‘Fique um momento’, ela falou. ‘Esta é a última vez que devo vê-lo; não vá, ainda.’

Permaneci, esperando as próximas ordens.

‘Diga-me’, ela retornou, ‘em que termos você acredita nestas coisas contra mim; quem lhe disse; e o que disseram?’

Pausei por um momento. Ela me encarou com um olhar tão inabalável como se seu peito estivesse encouraçado com uma consciente inocência. Ela estava decidida a saber o pior e determinada a desafiá-lo também. ‘Posso esmagar este valente espírito’, pensei. Mas enquanto eu exultava secretamente meus poderes, senti-me disposto a brincar com minha vítima, como um gato. Mostrando a ela o livro que eu ainda segurava em minha mão e apontando para o nome na guarda, mas fixando meus olhos em seu rosto, perguntei – ‘Você conhece este cavalheiro?’

‘Claro que sim’, ela respondeu; e um súbito rubor espalhou-se pelos seus traços – de vergonha ou de raiva, eu não poderia dizer; a mim me parecia a última. ‘O que mais, senhor?’

‘Quanto tempo faz desde que o viu?’

‘Quem lhe deu o direito de catequizar-me neste ou em qualquer outro assunto?’

‘Oh, ninguém – é bem o seu direito de responder ou não. E agora, deixe-me perguntar – você já sabe o que aconteceu por último a este seu amigo? – porque, se não...’

‘Não serei insultada, Sr. Markham!’ ela exclamou, quase furiosa com meus modos. ‘Então, é melhor deixar esta casa de vez, se veio apenas para isso.’

‘Não vim para insultá-la: vim para ouvir sua explicação.’

‘E eu lhe digo que não a darei!’, ela retorquiu, caminhando pela sala em um estado de forte excitação, com as mãos fechadas apertadas uma à outra, ofegante e disparando chamas de indignação pelos olhos. ‘Não me condescenderei a me explicar para alguém que pode fazer pilhéria de suspeitas demasiado horríveis e ser tão facilmente conduzido a levá-las em consideração.’

‘Não faço gracejos delas, Sra. Graham’, devolvi, derrubando de vez meu tom de escarnecido sarcasmo. ‘Eu verdadeiramente desejaria encontrar nelas algo de engraçado. E, quanto a ser facilmente levado a suspeitar, só Deus sabe quão cego e incrédulo tolo fui até então, fechando meus olhos e tapando meus ouvidos com persistência contra tudo que ameaçava a balançar minha confiança em você, até que a própria prova destruiu minha paixão!’

‘Qual prova, senhor?’

‘Bem, eu lhe direi. Lembra-se daquela última noite em que estive aqui?’

‘Sim.’

‘Até então, você fornecia indícios que poderiam ter abertos os olhos de um homem mais esperto; mas eles não tinham efeito sobre mim: continuei confiando e acreditando, esperando contra a esperança e adorando onde eu não poderia compreender. Aconteceu, porém, que depois de eu deixá-la, regressei – levado pela pura profundidade de simpatia e ardor de afeição – não ousando me intrometer com minha presença abertamente, mas incapaz de resistir à tentação de capturar mais um relance pela janela, apenas para ver como você estava: pois eu a tinha deixado em grande aflição e culpava, parcialmente, minha falta de paciência e discrição como a causa disso. Se eu errei, o amor era meu único incentivo e a punição foi severa demais; pois foi apenas quando cheguei àquela árvore, que você saiu para o jardim com o seu amigo. Escolhendo não me revelar, sob as circunstâncias, permaneci parado na sombra, até que vocês dois tivessem passado.’

‘E quanto da nossa conversa você ouviu?’

‘Ouvi o suficiente, Helen. E foi bom para mim ouvir aquilo; pois nada menos teria curado minha paixão. Eu sempre disse e pensei, que nunca acreditaria em uma palavra contra você a menos que a ouvisse de seus próprios lábios. Eu tratei todas as pistas e afirmações dos outros como malignas, calúnias sem fundamentos; acreditei nas suas próprias autoacusações como forçadas; e tudo o que parecia inexplicável na sua posição, confiei que você poderia explicá-las, se quisesse.’

A Sra. Graham tinha parado de caminhar. Ela se apoiou contra uma ponta da cornija da lareira, oposta à mais próxima a qual eu estava me apoiando, com o queixo descansando em sua mão fechada, os olhos – não mais ardendo de ira, mas brilhando de agitada excitação – às vezes me vislumbrando enquanto eu falava, então voltados para a parede contrária ou fixos sobre o tapete.

‘Você deveria ter me procurado, depois de tudo’, disse ela, ‘e ouvido o que eu tinha de contar para me justificar. Foi mesquinho e errado se retirar tão secreta e repentinamente, logo após de manifestações de afeição

tão ardentes, sem mesmo indicar uma razão para a mudança. Você deveria ter me dito tudo – não importa quão amargamente. Teria sido melhor do que este silêncio.’

‘Para qual fim eu deveria ter feito isso? Você não poderia ter me esclarecido ainda mais sobre o assunto que exclusivamente era de meu interesse; nem você poderia desacreditar a prova de meus sentidos. Desejei que nossa intimidade fosse descontinuada de uma vez, como você mesma tinha reconhecido que provavelmente seria o caso se eu soubesse tudo; mas não quis reprová-la – embora (como também reconheceu) que se equivocou profundamente sobre mim. Sim, você me feriu de um modo que nunca poderá remediar – ou ninguém mais – você secou o frescor e a promessa da juventude, e tornou minha vida um deserto! Poderei viver por cem anos, mas nunca poderei me recuperar dos efeitos deste golpe destruidor – e nunca esquecê-lo! Daqui em diante – Você sorri, Sra. Graham’, disse eu, parando subitamente, interrompido em minha apaixonada declaração por sentimentos indizíveis ao observá-la realmente sorrir ao quadro de ruína que ela tinha operado.

‘Sorri?’ ela replicou, ficando séria; ‘Eu não tinha me apercebido. Se o fiz, não foi por prazer ao pensar na ruína que eu lhe causei. Deus sabe que eu já tive suplícios o suficiente com a simples possibilidade disso; sorria de alegria por descobrir que você teve alguma profundidade de alma e de sentimento depois de tudo, e por esperar que eu não estivesse extremamente equivocada em seu valor. Mas sorrisos e lágrimas são semelhantes para mim, nenhum deles estão confinados a quaisquer sentimentos em particular: frequentemente choro quando estou feliz e sorrio quando estou triste.’

Ela olhou para mim novamente e pareceu esperar pela réplica; mas continuei em silêncio.

‘Você ficaria feliz’, ela retomou, ‘ao descobrir que estava errado em suas conclusões?’

‘Como você pode pedir isso, Helen?’

‘Eu não digo que posso me isentar completamente’, ela disse, baixo e rápido, enquanto as batidas de seu coração eram visíveis e seu peito se

enchia de excitação – ‘mas você ficaria feliz em descobrir que sou melhor do que você julga?’

‘Qualquer coisa que possa, minimamente, tender a restaurar minha antiga opinião a seu respeito, a justificar a estima que ainda sinto por você e a aliviar as pontadas de indizível remorso que a acompanham, seria recebida apenas com muita felicidade, muita ansiedade!’ Seu rosto ardeu e todo o seu corpo tremeu, agora, com o excesso de agitação. Ela não falou, mas correu à sua escrivaninha e, agarrando de lá algo que se pareceu com um grosso álbum ou um volume manuscrito, apressadamente rasgou umas poucas folhas do final e empurrou-me o resto à minha mão, dizendo, ‘Você não precisa ler tudo; mas leve-o para casa consigo’ e disparou para fora da sala. Mas, quando deixei a casa e estava seguindo para a trilha, ela abriu a janela e chamou-me de volta. Era apenas para dizer – ‘Traga-o de volta quando tiver lido; e não solte uma palavra do que aí está escrito para nenhum ser vivente. Confio em sua honra.’

Antes que eu pudesse responder, ela fechou o caixilho e se afastou. Vi-a se arremessar na velha poltrona de carvalho e cobrir seu rosto com as mãos. Seus sentimentos tinham trabalhado a um nível que se fazia necessário buscar alívio em lágrimas.

Arquejando de ansiedade e lutando para controlar minhas esperanças, corri para casa e me lancei escadas acima até meu quarto, tendo primeiro providenciado uma vela, embora nem fosse o crepúsculo ainda – então, fechei e tranquei a porta, determinado a não tolerar nenhuma interrupção; e sentando-me diante da mesa, abri meu prêmio e me entreguei à sua leitura – primeiro virando apressadamente as folhas e lendo uma frase aqui e outra ali, e então me aprumei com firmeza para ler o volume todo.

Eu o tenho agora, diante de mim; e embora você, claro, não possa lê-lo com metade do interesse que eu tinha, sei que não ficará satisfeito com um resumo do seu conteúdo e deve ter tudo, menos, talvez, poucas passagens aleatórias de interesse meramente temporário para o escritor ou que poderiam estorvar a história ao invés de elucidá-la. Começa, de certa forma, abruptamente, porém – mas reservaremos seu início para o outro capítulo.

[1] 'Consolations in Travel: Or the Last Days of a Philosopher', editado por John Murray em 1830.

CAPÍTULO XVI

Primeiro de junho de 1821.

Recém-chegamos de Staningley – isto é, chegamos alguns dias atrás e eu ainda não estou instalada ainda, e sinto que nunca estarei. Deixamos a cidade antes do que pensávamos, em consequência da indisposição de meu tio; - Eu me pergunto o que teria acontecido se tivéssemos ficado por todo o tempo. Tenho vergonha deste meu desgosto que ressurgiu pela vida no campo. Todas as minhas ocupações anteriores pareciam tão tediosas e monótonas, minhas antigas diversões, insípidas e inúteis. Não posso apreciar minha música, porque não há ninguém para ouvi-la. Não posso apreciar minhas caminhadas, porque não há ninguém para encontrar. Não posso apreciar meus livros, porque não têm o poder para prender minha atenção: minha cabeça está tão assombrada com as lembranças das últimas semanas que não me concentro nelas. Desenhar me apetece mais, pois posso também pensar ao mesmo tempo; e se meus trabalhos não podem, agora, ser vistos por mais ninguém além de mim e aqueles que não se importam com eles, possivelmente poderão, de agora em diante. Mas, então, há um rosto que sempre tento pintar ou rascunhar, e sempre sem sucesso; e isso me incomoda. No que concerne ao dono desse rosto, não consigo esquecê-lo – e, com efeito, nunca tento. Eu me pergunto se ele alguma vez pensa em mim; e me pergunto se deveria vê-lo novamente. E então segue-se um encadeamento de outros assombros – questões que o tempo e o destino deverão responder – concluindo com – Supondo que todo o resto seja respondido afirmativamente, eu me pergunto se me arrependerei disso? Minha tia diria que sim, se soubesse no que estou pensando.

Quão claramente me recordo de nossa conversa naquela noite, antes de partirmos da cidade, quando estávamos sentadas juntas perto da lareira, meu tio tendo ido dormir com um leve ataque de gota.

‘Helen’, disse ela, depois de um pensativo silêncio, ‘você já pensou em casamento?’

‘Sim, tia, frequentemente.’

‘E você já contemplou a possibilidade de se casar, ou de noivar, antes do fim desta estação?’

‘Às vezes; mas não acho provável que eu deva.’

‘Por quê?’

‘Porque, penso, deve haver apenas muito, muito poucos homens no mundo com quem eu gostaria de me casar; e, destes poucos, é de dez para um a proporção dos quais eu me relacionaria; ou, se eu devesse, seria de vinte para um a probabilidade de ele não ser solteiro ou de se apaixonar por mim.’

‘Isso não é justificativa, de maneira alguma. Pode ser verdade – e espero que seja, que há muito poucos homens com quem você gostaria de se casar. Não é, de fato, esperado que você queira se casar com qualquer um até que seja pedida em casamento: as afeições de uma garota nunca devem ser concedidas sem consideração. Mas quando elas são consideradas – quando a cidadela do coração está totalmente cercada – é conveniente se render antes que a dona fique ciente e frequentemente contra o seu melhor julgamento, e em oposição às suas ideias pré-concebidas sobre quem ela poderia ter amado, a menos que fosse extremamente cuidadosa e discreta. Agora, quero alertá-la, Helen, destas coisas, e exortá-la a ser vigilante e circunspeta desde o início exato de sua carreira e não deixar seu coração ser furtado pelo primeiro tolo ou inescrupuloso que cobiçar a sua posse. – Você sabe, minha querida, que tem apenas dezoito anos; há muito tempo diante de si e nem seu tio ou eu temos pressa em nos ver livre de você e aventuro-me a dizer, não faltarão pretendentes; pois você pode formar uma boa família, uma fortuna e expectativas bem consideráveis e, da mesma maneira, posso eu lhe dizer – pois se não, outros o farão – que você tem uma boa porção de beleza, além disso – e espero que nunca tenha motivos para se arrepender dela!’

‘Eu espero que não, tia; mas por que você a teme?’

‘Porque, minha querida, a beleza é aquela qualidade que, próxima ao dinheiro, geralmente é a mais atrativa aos piores tipos de homem; e, portanto, é capaz de impor uma grande quantidade de problemas a quem a possui.’

‘Você teve problemas dessa natureza, tia?’

‘Não, Helen’, ela disse, com uma gravidade repreensiva, ‘mas conheço muitas que tiveram; e algumas, pela indiferença, foram as

arruinadas vítimas do engano; e outras, pela fraqueza, caíram em armadilhas e tentações terríveis de serem descritas.’

‘Bem, eu não devo ser indiferente nem fraca!’

‘Lembre-se de Peter, Helen! Não se elogie, mas observe. Mantenha guarda sobre seus olhos e ouvidos, como se fossem as entradas do seu coração e sobre seus lábios como se fossem a saída, para que eles não a traíam em um momento de imprudência. Receba, fria e sem paixão, toda a atenção, até que tenha se assegurado e apropriadamente considerado o valor do aspirante; e deixe suas afeições serem consequência apenas da aprovação. Primeiro, estude; então, aprove; e depois, ame. Deixe seus olhos cegos a todas as atrações externas, seus ouvidos surdos a todos os fascínios da bajulação e da conversa mole. – Estas coisas não são nada – piores que o nada – armadilhas e ardis do tentador, para seduzir a que não pensa até sua própria destruição. Princípio é a primeira coisa, no final das contas; e depois disso, bom senso, respeito e saúde moderada. Se você se casar com o mais belo e o mais realizado e superficialmente agradável homem no mundo, pouco conhecerá a miséria que poderá abatê-lo se, depois de tudo, descobrir que ele é um réprobo sem valor ou mesmo um tolo incorrigível.’

‘Mas o que devem fazer todos os pobres tolos e réprobos, tia? Se todas seguissem seu conselho, o mundo logo acabaria!’

‘Nunca tema, minha querida! Aos tolos e réprobos nunca faltarão parceiras, enquanto houver tantas do outro sexo para se unir a eles; mas siga meu conselho. E este não é um assunto para pilhérias, Helen – lamento ver que você trata a questão de maneira irresponsável. Acredite-me, o matrimônio é um assunto sério.’ E ela falava tão seriamente, que alguém poderia ter imaginado que ela o sabia por experiência própria; mas não fiz mais perguntas impertinentes e meramente respondi – ‘Eu sei que é; e sei que há verdade e sentido no que você diz; mas não é necessário temer por mim, pois não só acho errado casar com um homem que é deficiente em orientação ou em princípios, mas nunca deverei ser tentada a isso; pois não poderia gostar dele, mesmo que ele fosse tão belo e tão charmoso, em outros respeitos; eu deveria odiá-lo – desprezá-lo – ter compaixão por ele – tudo menos amá-lo. Minhas afeições não apenas se basearão na aprovação, mas elas serão e deverão ser assim: pois, sem aprovação, não posso amar. É

desnecessário dizer que devo ser capaz de respeitar e honrar o homem com quem me casarei, assim como amá-lo, pois não poderei amá-lo sem isso. Então, deixe sua mente descansar.’

‘Espero que assim seja’, ela respondeu.

‘Você sabe que assim será’, persisti.

‘Você ainda não foi tentada, Helen – mas podemos ter esperanças’, disse ela em seu modo frio e cuidadoso.

‘Eu estava incomodada com a sua incredulidade; mas não certa de que suas dúvidas eram totalmente sem sagacidade; temo que eu tenha descoberto ser muito mais fácil lembrar de seu conselho do que me beneficiar dele; - com efeito, tenho sido, às vezes, levada a perguntar sobre a solidez de suas doutrinas sobre esses temas. Seus conselhos podiam ser bons em si mesmos – nos principais pontos, pelo menos; - mas há algumas coisas que ela negligenciou em seus cálculos. Eu me pergunto se ela já se apaixonou.

Comecei minha carreira – ou minha primeira campanha, como meu tio a chama – reluzindo com brilhantes esperanças e fantasias – especialmente levantadas por aquela conversa – e cheia de confiança em minha própria discrição. A princípio, eu me deslumbrara com a novidade e a agitação de nossa vida em Londres; mas logo comecei a me cansar de sua mescla de turbulência e repressão, e suspirar pelo frescor e pela liberdade de casa. Minhas novas amizades, tanto masculinas quanto femininas, desapontaram minhas expectativas e me incomodavam e me deprimiam às vezes; rapidamente me esgotei de estudar suas peculiaridades e de rir sobre seus defeitos – particularmente quando era obrigada a manter minhas críticas para mim mesma, pois minha tia não as compreenderia – e eles – as damas, em especial – pareciam tão provocadoramente estúpidas e insensíveis, e artificiais. Os cavalheiros eram mais desprezados, mas, talvez, porque eu os conhecesse menos – talvez, porque eles me bajulassem; mas não me apaixonei por nenhum deles; e, se suas atenções me agradavam em um momento, elas me provocavam no próximo, porque me tiravam do sério comigo mesma, ao revelar minha vaidade e me fazer temer que eu me transformasse naquelas damas que tão profundamente desprezava.

Havia um cavalheiro idoso que muito me perturbava; um velho amigo rico de meu tio que, acredito, pensava que eu não poderia fazer melhor do que me casar com ele; mas, além de ser velho, ele era feio e desagradável – e pervertido, estou certa, embora minha tia me repreendesse quando eu dizia isso; mas ela concedera que ele não era santo. E havia outro, menos odioso, porém mais cansativo, porque ela o favorecia e sempre o estava empurrando para mim e ressoando elogios para ele em meus ouvidos – Sr. Boarham de nome, Bore'em^[1], como eu preferia soletrar, pois ele era um tédio terrível: ainda estremeço ao lembrar sua voz – zumbindo, zumbindo, zumbindo em meu ouvido – enquanto ele se sentava ao meu lado e juntos, falávamos sobre trivialidades por meia hora, enganando-se com a ideia de que ele estava aprimorando meu intelecto com úteis informações ou imprimindo seus conceitos sobre mim e corrigindo meus erros de julgamento, ou talvez ele estivesse rebaixando sua conversa ao meu nível e me entretendo com seu divertido discurso. Ainda, ele era, na maior parte, um homem decente, ousado dizer; e se ele tivesse mantido distante, eu nunca o teria odiado. Mas, assim como estava, era impossível evitar, pois ele não apenas me incomodava com o fardo de sua presença, mas me mantinha longe da apreciação de companhia mais agradável.

Uma noite, porém, em um baile, ele estava mais atormentador do que de costume e minha paciência estava já bem cansada. Parecia como se toda a noite estivesse condenada a ser insuportável; eu acabara de dançar com um janota de cabeça oca e, então, o Sr. Boarham se aproximara de mim determinado a me agarrar pelo resto da noite. Ele nunca dançava e ali se sentou, empurrando sua cabeça em meu rosto e imprimindo em todos que observavam a ideia de que ele era um amante confirmado e reconhecido; minha tia olhava complacente por todo o tempo, desejando-lhe boa sorte. Tentei, em vão, afugentá-lo afrouxando meus exasperados sentimentos, mesmo uma indiscutível rudeza: nada poderia convencê-lo de que sua presença era desagradável. O silêncio emburrado foi tomado por arrebatada atenção, o que lhe dava mais incentivo para falar; respostas enviesadas foram recebidas como tiradas espertas de uma moça vivaz, que apenas exigiam uma leve reprimenda; e simplórias contradições eram apenas combustível para o fogo, invocando novos esforços de argumentação para sustentar seus

conceitos e fazendo cair sobre mim infindáveis dilúvios de raciocínio para me subjugar com convicção.

Mas havia alguém presente que parecia ter uma melhor consideração sobre meu corpo de espírito. Um cavalheiro próximo, que estava observando nossa conversa por algum tempo, evidentemente muito divertido com a pertinácia sem remorso de meu companheiro e com minha declarada perturbação, e rindo consigo mesmo com a aspereza e o espírito descompromissado de minhas respostas. Por fim, porém, ele se retirou e buscou a dama da casa, aparentemente com o propósito de solicitar que fosse apresentado a mim, pois, logo depois, ambos chegaram e ela o apresentou como o Sr. Huntingdon, o filho de um falecido amigo de meu tio. Ele me solicitou uma dança. Consentii com alegria, claro; e ele foi minha companhia pelo resto de minha permanência, que não foi longa, pois minha tia, como de hábito, insistiu em partir cedo.

Eu estava triste por ir, pois descobrira que minha nova amizade era um companheiro muito vivo e divertido. Havia um certo sossego gracioso e liberdade em tudo o que ele falava e fazia, o que dava um sentido de repouso e expansão para a mente, depois de tanta reserva e formalidade que eu estivera condenada a sofrer. Podia ser, é verdade, um pouco demasiada e indiferente ousadia em seus modos e em seu discurso, mas eu estava de tão bom humor e tão grata por ter sido libertada do Sr. Boarham, que aquilo não me enervou.

‘Bem, Helen, o que você pensa do Sr. Boarham agora?’ perguntou minha tia, enquanto tomávamos nossos lugares na carruagem e partíamos.

‘Pior do que nunca’, respondi.

Ela pareceu desgostosa, mas nada mais disse sobre o assunto.

‘Quem era o cavalheiro com quem você dançou por último?’ ela retomou, depois de uma pausa - ‘que era tão intrometido em ajudá-la com seu xale?’

‘Ele não era nem um pouco intrometido, tia; ele não tentou me ajudar até ver que o Sr. Boarham estava chegando para isso; e então ele se adiantou com um sorriso e disse, “Venha, eu a protegerei daquele castigo”’.

‘Quem era ele, quero saber’, ela disse, com gélida gravidade.

‘Era o Sr. Huntingdon, o filho do velho amigo do tio.’

‘Eu tenho ouvido seu tio falar do jovem Sr. Huntingdon. Ouço-o dizer, “Ele é um bom rapaz, aquele jovem Huntingdon, mas um pouco irresponsável, imagino”. Então lhe pediria cuidado.’

‘O que “um pouco irresponsável” quer dizer?’ quis saber.

‘Quer dizer destituído de princípios e propenso a todos os vícios comuns à juventude.’

‘Mas eu tenho ouvido o tio dizer que ele mesmo era um triste rapaz irresponsável, quando ele era jovem.’

Ela balançou a cabeça rispidamente.

‘Ele deveria estar brincando, suponho’, disse eu, ‘e sobre isso, falando à toa – pelo menos, não posso acreditar que há algum perigo naqueles sorridentes olhos azuis.’

‘Raciocínio errado, Helen!’ ela disse, com um suspiro.

‘Bem, devemos ser tolerantes, você sabe, tia – além disso, não acho que é errado: sou uma excelente fisionomista e sempre julgo o caráter das pessoas pelo seu olhar – não se são belos ou feios, mas pelo matiz geral de sua compleição. Por exemplo, sei pela sua feição que você não está com um ânimo alegre, otimista; e sei, pela do Sr. Wilmot, que ele era um inútil velho réprobo; e pela do Sr. Boarham, que ele não foi uma companhia agradável; e, pela do Sr. Huntingdon, que ele não era nem um tolo e nem um patife, embora, possivelmente, tampouco um sábio ou um santo – mas isso não me importa, pois não devo me encontrar com ele novamente – a menos como um parceiro ocasional no salão de dança.’

Não foi assim, porém, pois o encontrei outra vez na manhã seguinte. Ele veio visitar meu tio, desculpando-se por não tê-lo feito antes, dizendo que ele acabara de voltar do Continente e que não soubera, até a noite anterior, da chegada de meu tio à cidade; e depois disso, eu o encontrava com frequência; às vezes em público, outras em casa; pois ele era muito assíduo em visitar seu velho amigo que, contudo, não se considerava muito obrigado a dar-lhe atenção.

‘Eu imagino que diabos o rapaz quer com visitas tão frequentes’, ele diria, ‘pode me dizer, Helen? – Ei? Ele não quer minha companhia, assim

como não quero a dele – isso é certo.’

‘Gostaria que lhe dissesse isso, então’, disse minha tia.

‘Por que, para quê? Se não o quero, alguém quer, talvez’ (piscando para mim). ‘Além disso, ele tem uma boa e considerável fortuna, Peggy, você sabe – não tão bom partido como Wilmot; mas então Helen não ouvirá sobre tal união; pois, de alguma maneira, esses velhos camaradas não saem com garotas – com todo o seu dinheiro e sua experiência, ademais. Aposto qualquer coisa que ela preferiria esse jovem rapaz sem um centavo do que Wilmot com sua casa cheia de ouro. Não é, Nell?’

‘Sim, tio; mas isso não conta muito a favor do Sr. Huntingdon; pois eu preferiria ser uma velha empregada e pobre do que a Sra. Wilmot.’

‘E ser a Sra. Huntingdon? O que lhe faria preferir ser do que a Sra. Huntingdon, hein?’

‘Direi-lhe quando tiver pensado sobre o assunto.’

‘Ah! Então isso precisa de consideração? Mas vamos – você preferiria ser uma velha empregada – sem dizer pobre?’

‘Não poderei dizer até que me peça em casamento.’

E deixei a sala imediatamente, para escapar de mais perguntas. Mas cinco minutos depois, ao olhar pela minha janela, observei o Sr. Boarham aproximando-se da porta. Esperei por quase meia hora em um desconfortável suspense, esperando ser chamada a cada minuto e desejando em vão ouvi-lo sair. Então, passos foram ouvidos das escadas e minha tia entrou no quarto com um solene semblante e fechou a porta atrás de si.

‘Aqui está o Sr. Boarham, Helen’, ela disse. ‘Ele quer vê-la.’

‘Oh, tia! – Você não pode dizer que estou indisposta? – Estou certa de que estou – em vê-lo.’

‘Besteira, minha querida! Isto não é um assunto trivial. Ele veio com uma incumbência muito importante – pedir sua mão em casamento para mim e seu tio.’

‘Espero que você e meu tio lhe digam que não está em seu poder dá-la. Que direitos ele tinha de pedir alguém na minha frente?’

‘Helen!’

‘O que meu tio disse?’

‘Que não interferiria na questão; se quiser aceitar a oferta obrigatória do Sr. Boarham, você...’

‘Ele disse oferta obrigatória?’

‘Não; ele disse que você poderá aceitá-lo, se quiser; e se não, poderá fazer o que quiser.’

‘Ele falou bem; e o que você diz?’

‘Não importa o que eu disse. O que você dirá? – esta é a questão. Ele está, agora, esperando para pedi-la em casamento; mas pense bem antes de ir; e se quiser recusá-lo, dê-me seus motivos.’

‘Eu o recusarei, claro; mas você deve me dizer como, pois quero ser polida e, ainda, decidida – e quando me vir livre dele, darei-lhe minhas razões.’

‘Mas fique, Helen; sente-se um pouco e se componha. O Sr. Boarham não tem nenhuma pressa, pois ele pouco duvida de seu consentimento; e quero falar com você. Diga-me, minha querida, quais são suas objeções à ele? Você nega que ele seja uma pessoa correta e honrada?’

‘Não.’

‘Você nega que ele seja sensível, sóbrio, respeitável?’

‘Não; ele pode ser tudo isso, mas...’

‘Mas, Helen! Quantos homens você espera encontrar no mundo? Corretos, honrados, sensíveis, sóbrios, respeitáveis! Seria esse um caráter tão comum que você deva rejeitar o possuidor de tão nobres qualidades sem hesitar por um momento? Sim, posso chamá-las de nobres; pois pense no sentido completo de cada uma e quantas inestimáveis virtudes elas incluem (e posso adicionar muitas mais à lista) e considere tudo o que está colocado aos seus pés. Está em seu poder assegurar esta inestimável bênção para toda a vida – um digno e excelente marido, que a ama ternamente, mas não tão apaixonadamente a ponto de se cegar aos seus erros e que será seu guia por toda a peregrinação da vida, e seu parceiro na felicidade eterna. Pense em como...’

‘Mas eu o odeio, tia’, disse eu, interrompendo seu incomum fluxo de eloquência.

‘Odiar, Helen! Este é o espírito cristão? – você o odeia? Ele, um homem tão bom!’

‘Eu não o odeio como homem, mas como marido. Como um homem, eu o amo tanto que lhe desejo uma esposa melhor do que eu – alguém tão boa quanto ele, ou melhor – se você pensar que seja possível – desde que ela possa gostar dele; mas eu nunca poderia, e portanto...’

‘Mas por que não? Qual objeção você faz?’

‘Primeiro, ele tem, no mínimo, quarenta anos de idade – consideravelmente mais, devo crer – e eu, apenas dezoito; em segundo lugar, ele é obtuso e intolerante ao extremo; em terceiro, seus gostos e sentimentos são totalmente diferentes dos meus; em quarto, seus olhares, sua voz e seus modos são particularmente repugnantes para mim; e, finalmente, tenho aversão à toda a sua pessoa que nunca conseguirei superar.’

‘Você deve superá-la, então. E, por favor, compare-o por um minuto com o Sr. Huntingdon e, beleza à parte (pois não contribuí em nada para o mérito de um homem ou para a felicidade da vida conjugal, a qual você tão frequentemente declara ter em alta estima), diga-me qual é o melhor homem.’

‘Eu não tenho dúvida de que o Sr. Huntingdon é muito melhor do que você pensa ser; mas não estamos falando sobre ele agora, e sim sobre o Sr. Boarham; e como eu preferiria crescer, viver e morrer completamente solteira – do que ser sua esposa, mas o certo é dizer-lhe isso de uma vez e eliminar o suspense – então deixe-me ir.’

‘Mas não lhe dê uma recusa direta; ele não pressupõe tal coisa e isso o ofenderia demasiadamente: diga que você não tem planos de se casar no momento...’

‘Mas eu tenho planos a respeito.’

‘Ou que você deseja conhecê-lo melhor.’

‘Mas não desejo conhecê-lo melhor – é justamente o contrário.’

E, sem esperar mais admoestações, deixei o quarto e fui falar com o Sr. Boarham. Ele andava para cima e para baixo pela sala de visitas, sussurrando trechos de músicas e mordiscando a ponta de sua bengala.

‘Minha querida jovem dama’, ele disse, inclinando e sorrindo com grande complacência, ‘eu tenho a permissão do seu bondoso guardião...’

‘Eu sei, senhor’, disse eu, preferindo encurtar a cena tanto quanto possível, ‘e estou enormemente grata pela sua preferência, mas devo declinar da honra que me deseja conferir, pois penso que não fomos feitos um para o outro, como você mesmo descobriria brevemente se a experiência fosse posta em prática.’

Minha tia estava certa. Estava muito evidente que ele tinha pouca dúvida sobre o meu consentimento e nem ideia de uma real recusa. Ele estava surpreso, pasmado com tal resposta, mas também incrédulo para se sentir tão ofendido; e depois de algum murmurar e certa hesitação, ele voltou ao ataque.

‘Eu sei, minha querida, que existe uma considerável disparidade entre nós em tempo, temperamento, e talvez, em outras coisas mais; mas deixe-me assegurar-lá de que não serei severo em marcar as falhas e as fraquezas de uma natureza jovem e ardente como a sua e, enquanto eu as reconheça e mesmo as repreve com todo o cuidado de um pai, acredite-me, nenhum amante mais jovem poderá ser mais ternamente indulgente com o objeto de suas aflições do que eu para com você; e, por outro lado, deixe-me esperar que meus anos de mais experiência ou meus hábitos mais maduros de reflexão não sejam depreciados aos seus olhos, enquanto tento fazer para que tudo leve à sua felicidade. Vamos, então! O que você diz? Que não tenhamos mais as afetações e os caprichos de uma jovem dama, mas fale de uma vez.’

‘Sim, mas apenas para repetir o que eu disse antes, que estou certa de que não fomos feitos um para o outro.’

‘Você realmente acha isso?’

‘Sim.’

‘Mas você não me conhece – deseja um relacionamento mais próximo – um tempo maior para...’

‘Não, não desejo isso. Conheço-o como devo e melhor do que você a mim, ou nunca sonharia em se unir a alguém tão incongruente – tão completamente inadequada à você, de todos os modos.’

‘Mas, minha querida e jovem dama, eu busco perfeição; posso perdoar...’

‘Obrigado, Sr. Boarham, mas não ultrapassarei sua bondade. Você pode guardar sua indulgência e consideração para alguém mais digno, que não o esforçará em demasia.’

‘Mas eu lhe imploro que me permita consultar sua tia; esta excelente dama, estou certo, irá...’

‘Eu a consultei; e sei que os desejos dela coincidem com os seus; mas em questões de tal importância, tomei a liberdade de decidir por mim mesma; e nenhum argumento pode alterar minhas inclinações ou me induzir a acreditar que tal passo levaria à minha felicidade ou à sua – e me intriga que um homem com a sua experiência e seu discernimento deva considerar escolher tal esposa.’

‘Ah, bem!’ disse ele, ‘tenho me feito tal pergunta. Às vezes digo a mim mesmo, “Então, Boarham, o que é isso que você busca? Cuidado, homem – olhe antes de pular! Trata-se de uma doce e cativante criatura, mas lembre-se, as atrações mais brilhantes ao amante muitas vezes provam ser as maiores tormentas aos maridos!” Eu a asseguro de que minha opção não foi feita sem muito pensar e refletir. A aparente imprudência da união custou-me muitos pensamentos ansiosos por dia e muitas horas de insônia à noite; mas, por fim, eu me convenci de que esta não é, de forma alguma, imprudente. Percebi que minha doce garota não era isenta de falhas, mas destas sua juventude, confiei, não era um, porém, ao contrário, uma garantia de virtudes ainda não florescidas – uma certeza solidamente baseada em que seus pequenos defeitos de temperamento e os erros de julgamento, opinião ou modos não eram irremediáveis, que poderiam ser removidos ou mitigados facilmente com os pacientes esforços de um vigilante e sensato conselheiro, e onde eu falharia em esclarecer e controlar, pensei que seguramente poderia tentar perdoar, para o bem de suas muitas excelências. Portanto, minha caríssima garota, como estou convencido, porque você deveria desaprovar – por minha conta, pelo menos?’

‘Para dizer-lhe a verdade, Sr. Boarham, é na minha própria conta que eu principalmente desaprovo; então – que mudemos de assunto’ eu disse, ‘pois é mais que inútil seguir adiante com isso’, mas ele, persistentemente, me interrompeu com –‘Mas por quê? Eu a amaria, a acariciaria, a protegeria..’

Não vou me incomodar em escrever tudo o que se passou entre nós. É suficiente dizer que o achei muito incômodo e muito difícil de convencer de que eu realmente fui sincera, e ele foi tão obstinado e cego aos meus próprios interesses, que não havia uma sombra de chance que tanto ele quanto minha tia seriam capazes de superar minhas objeções. De fato, não estou certa de que tive êxito, apesar de tudo; embora cansada com sua teimosia de voltar sempre ao mesmo ponto e repetir os mesmos argumentos repetidas vezes, forçando-me a reiterar as mesmas réplicas, por fim me tornei curta e grossa com ele, e minhas últimas palavras foram – ‘Vou lhe dizer claramente, isso não pode ser. Nenhuma consideração pode me induzir a um casamento que vai contra minhas inclinações. Eu o respeito – pelo menos, eu o teria respeitado, caso se comportasse como um homem sensível – mas não posso amá-lo e nunca poderia – e quanto mais você fala, mais me afasta; então, por favor, não diga mais nada a respeito.’ Depois disso, ele me desejou bom dia e se retirou, desconcertado e ofendido, sem dúvida; mas, seguramente, não por culpa minha.

[1] Aqui, a autora faz um trocadilho com a palavra “Bored”, cujo significado em inglês é entediado. Então, “Bore’em” seria algo como “Deixe-os entediados”.

CAPÍTULO XVII

No dia seguinte, acompanhei meu tio e minha tia a um jantar na casa do Sr. Wilmot. Ele tinha duas damas morando com ele: sua sobrinha Annabella, uma bela e elegante garota, ou melhor, jovem mulher – cerca de vinte e cinco anos de idade, muito coquete para estar casada, de acordo com sua própria avaliação, mas grandemente admirada pelos cavalheiros, que universalmente a proclamavam ser uma mulher esplêndida; e sua delicada prima, Milicent Hargrave, que se tomara de uma violenta afeição por mim, confundindo-me por algo muito melhor do que eu era. E eu, em retorno, gostava muito dela. Eu deveria excluir a pobre Milicent totalmente de minhas reprovações gerais contra as damas que eu conhecia. Mas não era por sua conta, ou de sua prima, que eu mencionara o jantar: era graças ao outro dos convidados do Sr. Wilmot, o brincalhão Sr. Huntingdon. Tenho bons motivos para me lembrar de sua presença ali, pois esta foi a última vez que o vi.

Ele não se sentou próximo a mim à mesa; pois era seu destino conduzir uma espaçosa e velha viúva, e o meu ser conduzida pelo Sr. Grimsby, um amigo seu, mas um homem a quem eu enormemente detestava: havia uma sombra sinistra em sua feição e uma mistura de ferocidade à espreita e uma ofensiva falsidade em sua conduta, que eu não podia perdoar. Que cansativo costume, aliás – um entre as muitas fontes de artificiais perturbações desta vida ultracivilizada. Se os cavalheiros devem levar as damas para a sala de jantar, por que eles não podem escolher aquelas com quem se dão melhor?

Não estou certa, porém, de que o Sr. Huntingdon teria me conduzido, se ele tivesse a liberdade de fazer sua própria escolha. É bem possível que ele escolhesse a Srta. Wilmot; pois ela parecia dedicada a absorver sua atenção para ela mesma e ele parecia nada relutante em prestar a homenagem que ela exigia. Assim eu pensava, pelo menos, quando vi o quanto que eles falavam e riam, e olhavam pela mesa, negligenciando e, evidentemente, ofendendo seus respectivos vizinhos – e, depois disso, enquanto os cavalheiros se juntavam a nós na sala de visitas, quando ela, imediatamente após a entrada dele, o chamou em voz alta para ser o árbitro de uma disputa entre ela e outra dama, e ele respondeu aos chamados com

rapidez e decidiu a questão sem um momento de hesitação ao seu favor – embora, para mim, ela estivesse obviamente equivocada – e então permaneceu conversando familiarmente com ela e um grupo de outras damas; enquanto me sentei com Milicent Hargrave na ponta oposta da sala, observando os seus desenhos e ajudando-a com minhas críticas observações e conselhos, de acordo com seus pedidos particulares. Mas, apesar de meus esforços para permanecer composta, minha atenção vagueava dos desenhos para o feliz grupo e contra meu melhor julgamento, minha ira despertou-se e sem dúvida meu rosto se abateu; pois Milicent, observando que eu deveria estar cansada de suas garatujas e esboços, implorou para que me juntasse ao grupo e postergasse o exame do restante para outra oportunidade. Mas enquanto eu a assegurava de que não queria me juntar a eles e de que eu não estava cansada, o próprio Sr. Huntingdon veio à pequena mesa redonda onde estávamos.

‘São seus?’ ele disse, pegando um dos desenhos com indiferença.

‘Não, são da Srta. Hargrave.’

‘Oh! Bem, vamos vê-los.’

E, apesar das alegações da Srta. Hargrave de que eles não valiam a pena ser observados, ele puxou uma cadeira para o meu lado e, recebendo os desenhos, um por um, de minha mão, sucessivamente os esquadrihava e os jogava sobre a mesa, mas sem dizer uma palavra a respeito, embora estivesse falando por todo o tempo. Não sei o que Milicent Hargrave pensou de tal conduta, mas achei sua conversa extremamente interessante; embora, como descobri mais adiante, quando a analisei, ela estava principalmente dedicada a zombar dos diferentes membros do grupo ali presente; e, embora ele tivesse feito alguns comentários inteligentes e alguns excessivamente engraçados, não acho que tudo pareceria algo de muito extraordinário, se aqui escrita, sem o auxílio fortuito dos olhares, e do tom, e dos gestos, e do que teria feito um prazer olhar para o seu rosto e ouvir a música de sua voz, se ele estivesse falando, de fato, besteiras – e o que, ainda mais, me fez sentir tão amarga contra minha tia quando ela pôs um basta a esta diversão, ao se aproximar compostamente, sob a alegação de querer ver os desenhos, sobre os quais ela nada sabia ou se importava e, enquanto fingia examiná-los, dirigindo-se ao Sr. Huntingdon, com um de

seus mais frios e repelentes semblantes, e iniciando uma série das mais banais e incrivelmente formais perguntas e observações, com o propósito de arrancar sua atenção de mim – com o propósito de me irritar, como pensei: e, tendo então olhado toda a pasta, eu os deixei em seu tête-à-tête e me sentei em um sofá, bastante distante deles – sem nunca pensar em quão estranho tal conduta poderia parecer, mas apenas para ceder à irritação do momento, em primeiro lugar e, depois, apreciar meus pensamentos particulares.

Porém, não fiquei sozinha por muito tempo, pois o Sr. Wilmot, de todos os homens o menos bem-vindo, se aproveitou de minha isolada posição para se aproximar e se plantar diante de mim. Eu tinha me exaltado por ter repellido tão eficazmente seus avanços em todas as ocasiões anteriores, que já não tinha mais o que temer de sua desafortunada predileção; mas parecia que eu me enganara: tanta era a sua confiança, tanto pela sua riqueza ou pelos seus poderes de atração restantes, e tão firme em sua convicção da fraqueza feminina, que ele se considerou garantido em retomar o cerco, o que ele fez com renovado ardor, inflamado pela quantidade de vinho que bebera – um fato que o tornou infinitamente mais repugnante; mas, embora o abominasse muito naquele momento, não queria tratá-lo com aspereza, pois eu era sua convidada e estava então apreciando sua hospitalidade; e não podia rejeitá-lo, educadamente, porém com determinação e nem isso teria me sido de benefício, pois ele estava muito mal intencionado para ser repellido, a não ser por uma recusa tão clara e indiscutível quanto seu próprio descaramento. A consequência foi que ele passou a ser mais grosseiramente oferecido e mais repugnantemente excitado, que fui levada bem à beira do desespero e a ponto de dizer nem sei o que, quando senti minha mão, que pendia do braço do sofá, repentinamente tomada por alguém e gentilmente, porém pressionada de modo intenso. Adivinhei quem era instintivamente e, ao subir o olhar, estava menos surpresa do que encantada em ver o Sr. Huntingdon sorrir para mim. Era como se virar de algum demônio de purgatório para um anjo de luz, vindo para anunciar que a época de tormentos era passada.

‘Helen’, disse ele (frequentemente me chamava de Helen e eu nunca me resenti da liberdade), ‘quero que veja este quadro. O Sr. Wilmot lhe concederá um momento, tenho certeza.’

Levantei-me com rapidez. Ele cruzou seu braço ao meu e me conduziu pela sala até uma esplêndida pintura de Vandyke, que eu já percebera antes, mas não a examinara suficientemente. Depois de um momento de silenciosa contemplação, eu estava começando a comentar suas belezas e peculiaridades quando, divertidamente apertando a mão que ele ainda retinha em seu braço, me interrompeu com – ‘Não se importe com o quadro: não foi por isso que a trouxe até aqui; foi para livrá-la daquele velho devasso patife, que está olhando como se quisesse me desafiar para uma afronta.’

‘Estou muito agradecida a você’, disse eu. ‘Esta é a segunda vez que você me livra de companhias muito desagradáveis.’

‘Não seja tão grata’, ele respondeu: ‘nem tudo é bondade por você; em parte, é por uma sensação de desprezo aos seus atormentadores que faz com que eu me delicie ao provocar nos velhos rapazes uma má jogada, embora não ache que tenha muito motivo para temê-los como rivais. Tenho, Helen?’

‘Você sabe que detesto a ambos.’

‘E eu?’

‘Não tenho razão para detestá-lo.’

‘Mas quais são seus sentimentos sobre mim? Helen - Fale! Como você me vê?’

E novamente ele apertou minha mão; mas temi que houvesse mais consciência de poder do que ternura em sua conduta e senti que ele não tinha direito de extorquir de mim uma confissão de ligação quando ele mesmo não fizera nenhuma declaração e não soube o que responder. Por fim, disse – ‘Como você me vê?’

‘Doce anjo, eu a adoro! Eu...’

‘Helen, me dê um momento’, disse a distinta e baixa voz de minha tia, bem perto diante de nós. E eu o deixei, resmungando maldições contra seu anjo mau.

‘Bem, tia, o que é? O que você quer?’ disse eu, seguindo-a até o vão da janela.

‘Quero que se una ao grupo, quando você está apropriada para ser vista’, devolveu ela, olhando para mim com severidade; ‘mas, por favor, fique aqui mais um pouco, até que esta cor chocante esteja um pouco mais amena e seus olhos tenham recuperado algo de sua expressão natural. Eu deveria me envergonhar por alguém vê-la neste estado.’

Claro que tal comentário não teve nenhum efeito em reduzir a ‘cor chocante’; ao contrário, senti minha face arder com chamas redobradas, incitadas por uma confusão de emoções, das quais uma raiva indignada e crescente era a principal. Não ofereci nenhuma resposta, porém, mas puxei a cortina para o lado e observei a noite – ou melhor, ao quadrado cheio de lâmpadas.

‘O Sr. Huntingdon estava lhe pedindo a mão, Helen?’ perguntou minha parente deveras vigilante.

‘Não.’

‘O que ele estava dizendo, então? Ouvi algo muito parecido.’

‘Não sei o que ele teria dito, se você não o tivesse interrompido.’

‘E você teria aceito, Helen, se ele tivesse lhe pedido em casamento?’

‘Claro que não – sem consultar o tio e você.’

‘Oh! Estou feliz, minha querida, que você ainda tenha prudência. Bem, agora’, ela acrescentou, depois de uma pausa momentânea, ‘você se fez distinta o bastante para uma noite. As damas estão nos direcionando inquisidores olhares neste momento, eu vejo: devo me juntar a elas. Venha também, quando estiver composta o suficiente para parecer como sempre.’

‘Já estou composta.’

‘Fale calmamente, então, e não pareça tão malévola’, disse minha calma, porém provocadora, tia. ‘Deveremos voltar para casa em breve e daí’, ela acrescentou com uma expressão solene, ‘eu terei muito o que lhe falar.’

Então, fui para casa preparada para uma formidável reprimenda. Pouco foi dito por um de nós na carruagem, durante nossa curta jornada de regresso; mas, quando entrei em meu quarto e me joguei na espreguiçadeira, para refletir sobre os acontecimentos do dia, minha tia me seguiu até lá e, tendo dispensado Rachel, que estava cuidadosamente guardando meus adereços, fechou a porta; e, colocando uma cadeira diante

de mim, ou melhor, em um ângulo reto na minha direção, sentou-se. Com a deferência devida, ofereci a ela meu lugar, mais confortável. Ela o recusou e assim abriu a conferência: ‘Você se lembra, Helen, da nossa conversa na noite anterior à nossa partida de Staningley?’

‘Sim, tia.’

‘E se lembra como eu a alertei sobre como deixar seu coração ser furtado de si por aqueles indignos de sua posse e fixando suas afeições onde a aprovação não se seguiu e onde a razão e o julgamento contiveram sua sanção?’

‘Sim; mas minha razão...’

‘Desculpe-me – e você se lembra de me assegurar que não havia ocasião para intranquilidades de sua parte; pois nunca estaria tentada a se casar com um homem que fosse deficiente em senso ou princípio, embora ele pudesse ser bonito ou encantador em outros quesitos, pois você não o amaria; você deveria odiá-lo – desprezá-lo – ter pena dele – qualquer coisa menos amá-lo – não foram estas suas palavras?’

‘Sim; mas...’

‘E você não disse que sua afeição deve ser baseada em aprovação; e que, a menos que pudesse aprovar e honrar e respeitar, você não poderia amar?’

‘Sim, mas eu aprovo e honro, e respeito...’

‘Como assim, minha querida? O Sr. Huntingdon é um bom homem?’

‘Ele é um homem muito melhor do que você pensa.’

‘Isso não tem nada a ver com a questão. Ele é um bom homem?’

‘Sim – em alguns aspectos. Ele tem um bom ânimo.’

‘Ele é um homem de princípios?’

‘Talvez não exatamente; mas isso é apenas pela falta de pensar. Se ele tivesse alguém para aconselhá-lo e lembrá-lo do que é certo...’

‘Ele logo aprenderia, você acha – e você mesma tentaria, de bom grado, ser seu professor? Mas, minha cara, ele é, acredito, dez anos completos mais velho do que você – como é que pode estar tão adiantada em aptidões morais?’

‘Graças a você, tia, fui bem educada e tive bons exemplos sempre diante de mim, o que ele, muito provavelmente, não teve; e, além disso, ele é de um temperamento confiante e de um humor jovial e relaxado, e eu sou naturalmente inclinada à reflexão.’

‘Bem, agora você o fez deficiente em senso e princípio, pela sua própria confissão...’

‘Então, meu senso e meu princípio estão à disposição dele.’

‘Isso soa presunçoso, Helen. Você acha que tem o suficiente para ambos; e imagina que seu libertino alegre e relaxado se permitiria ser guiado por uma jovem garota como você?’

‘Não; não desejo guiá-lo; mas acho que teria influência suficiente para evitar que ele cometa certos erros e deverei julgar minha vida bem empregada no esforço de preservar uma natureza tão nobre da destruição. Ele sempre ouve muito atentamente quando falo sério consigo (e frequentemente me aventuro a reprovar seu modo despropositado de falar) e, às vezes, ele diz que se me tivesse sempre ao seu lado, nunca faria ou diria algo mau e que uma pequena conversa diária comigo o faria um belo de um santo. Pode ser parte pilhéria e parte bajulação, mas ainda assim...’

‘Mas ainda você acha que pode ser verdade?’

‘Se acho que há alguma mescla de verdade nisso, não é da confiança em meus próprios poderes, mas em sua bondade natural. E você não tem o direito de chamá-lo de libertino, tia; ele não é nada deste tipo.’

‘Quem lhe disse, querida? Qual era aquela história sobre seu caso com uma dama casada – Lady quem era ela? – A própria Srta. Wilmot estava lhe contando um dia desses.’

‘Era mentira – mentira!’ exclamei. ‘Não acredito em uma palavra disso.’

‘Você acha, então, que ele é um homem virtuoso e bem orientado?’

‘Não sei de nada positivo sobre seu caráter. Apenas sei que não ouvi nada definido contra ele – nada que pudesse ser provado, pelo menos; e até que as pessoas possam provar suas difamadoras acusações, não acreditarei nelas. E sei que, se ele cometeu erros, foram apenas aqueles comuns à juventude e, como tais, ninguém pensa nada a respeito; pois vejo que todos

gostam dele e todas as mães sorriem para ele, e suas filhas – e a própria Srta. Wilmot – estão apenas empenhadas em atrair sua atenção.’

‘Helen, o mundo pode olhar a tais ofensas como desculpáveis; algumas mães sem princípios podem estar ansiosas para agarrar um jovem homem rico sem referências ao seu caráter; e garotas impensadas podem ficar felizes em ganhar sorrisos de um cavalheiro tão bonito, sem buscar penetrar além da superfície; mas você, eu confiava, era melhor informada para ver com os olhos delas e avaliar com o pervertido julgamento delas. Não pensei que você chamaria esses erros de perdoáveis!’

‘Não chamo, tia; mas, se odeio os pecados, amo o pecador e faria muito pela sua salvação, mesmo supondo que suas suspeitas sejam verdadeiras, o que não acredito e nunca acreditarei.’

‘Bem, minha querida, pergunte ao seu tio que tipo de companhia ele mantém e se ele não se junta a um bando de jovens devassos e perdidos, a quem ele chama de amigos, seus companheiros de festas e cujo principal prazer é chafurdar no vício e disputar entre eles quem pode correr mais rápido e mais longe pela invertida estrada que leva ao lugar preparado pelo demônio e seus anjos.’

‘Então eu o salvarei deles.’

‘Oh Helen, Helen! Você pouco sabe da miséria que é unir seu destino a um homem como esse!’

‘Tenho tanta confiança nele, tia, apesar de tudo o que você diz, que arriscaria de bom grado minha felicidade pela chance de garantir a dele. Deixarei homens melhores para aquelas que apenas consideram suas próprias vantagens. Se ele cometeu deslizos, devo considerar minha vida bem empregada em salvá-lo das consequências de seus erros anteriores e lutar para trazê-lo de volta ao caminho da virtude. Que Deus me conceda sucesso!’

A conversa terminou aqui, pois nesse ponto a voz de meu tio se fez ouvir de seu quarto, chamando em alto som minha tia para a cama. Ele estava de mau humor naquela noite; pois sua gota piorara. Estivera aumentando gradualmente sobre ele desde que chegamos à cidade; e minha tia se aproveitou da circunstância, na manhã seguinte, para convencê-lo a voltar para o campo imediatamente, sem esperar o final da estação. O

médico apoiou e reforçou seus argumentos; e, contrário aos seus hábitos, ela apressou em muito os preparativos para a remoção (tanto para o meu bem quanto o do meu tio, penso), tanto que partimos em poucos dias; e não mais vi o Sr. Huntingdon. Minha tia se gaba de que logo o esquecerei – talvez ela pense que já o esqueci, pois nunca menciono seu nome; e ela pode continuar a pensar assim, até nos encontrarmos novamente – se isso por acaso ocorrer. Eu me pergunto se irá...

CAPÍTULO XVIII

25 de agosto.

Estou agora bem estabelecida em minha habitual rotina de ocupações fixas e diversões tranquilas – toleravelmente satisfeita e alegre, mas ainda esperando ansiosa pela primavera, com a esperança de regressar à cidade, não pelos seus divertimentos e seus excessos, mas pela oportunidade de encontrar o Sr. Huntingdon uma vez mais; pois, ainda, ele está sempre em meus pensamentos e em meus sonhos. Em todos os meus afazeres, tudo o que eu faço ou vejo, ou escuto, há uma referência fundamental com relação a ele; quaisquer habilidades ou conhecimentos que eu adquira são, em algum dia, a ser aproveitados para seu benefício ou entretenimento; quaisquer novas belezas da natureza ou da arte que eu descubra são para ser desenhadas para que ele as veja ou guardadas na memória para ser-lhe ditas em algum momento no futuro. Esta, pelo menos, é a esperança que eu acalento, a fantasia que me ilumina nesta minha solitária senda. Poderia ser apenas fogo-fátuo, no final das contas, mas não pode fazer mal segui-lo com meus olhos e me regozijar com seu brilho, desde que não me desvie do caminho que eu devo seguir; e acho que não me desviará, pois tenho pensado profundamente no conselho de minha tia e vejo claramente, agora, a loucura de me jogar nos braços de alguém que é indigno de todo o amor que tenho para dar e incapaz de responder aos melhores e mais intensos sentimentos de minha íntima essência – tão obviamente que, mesmo que eu o veja mais uma vez e, caso ele ainda se lembre de mim e me ame (o que, ah!, é tão pouco provável, considerando como ele está situado e por quem cercado) e, se ele me pedir para que me case com ele – estou determinada a não consentir até que eu saiba, por certo, se a opinião de minha tia ou a minha está mais próxima da verdade; se a minha estiver completamente errada, não é ele quem amo; é uma criatura de minha imaginação. Mas não penso que esteja errada – não, não – há um quê de segredo – um íntimo instinto que me assegura de que estou certa. Há uma bondade essencial nele; - e que prazer desfolhá-la! Se ele está perdido, que bênção chamá-lo de volta! Se agora ele está exposto à perniciosa influência de seus corruptores e nocivos companheiros, que

glória libertá-lo deles! Oh! Se eu pudesse ao menos acreditar que o Céu me destinou a isso!

* * * * *

Hoje é primeiro de setembro; mas meu tio ordenou ao coiteiro que guardasse as perdizes até que os cavalheiros chegassem. ‘Quais cavalheiros?’ perguntei quando soube. Um pequeno grupo que ele convidara para caçar. Seu amigo, Sr. Wilmot, era um deles e o amigo de minha tia, o Sr. Boarham, outro. Aquilo me atingiu como uma terrível notícia no momento; mas todo o pesar e apreensão se esvaíram como um sonho quando ouvi que o Sr. Huntingdon era, de fato, o terceiro! Minha tia é totalmente contra sua vinda, claro; ela severamente tentou dissuadir meu tio de convidá-lo; mas ele, rindo para as suas objeções, lhe disse que era inútil falar, pois o dano já tinha sido feito: ele chamara Huntingdon e seu amigo, Lord Lowborough, antes de deixarmos Londres, e nada agora restava a não ser determinar o dia para a chegada deles. Então ele está seguro e eu, certa de vê-lo. Não posso expressar minha alegria. Descubro ser muito difícil escondê-la de minha tia; mas não desejo incomodá-la com meus sentimentos até que eu saiba se devo ceder a eles ou não. Se achar que é meu dever absoluto suprimi-los, eles incomodarão apenas a mim mesma; e, se realmente me sentir justificada em ceder a esta ligação, posso desafiar qualquer coisa, mesmo a ira e a tristeza de minha melhor amiga, por tal objeto – certamente, logo deverei saber. Mas eles não chegarão até o meio do mês.

Teremos duas damas nos visitando também: o Sr. Wilmot deve trazer sua sobrinha e sua prima Milicent. Suponho que minha tia pensa que a última me beneficiará com sua companhia e com o exemplo salutar de seu gentil comportamento e seu humilde e dócil espírito; sobre a primeira dama, suspeito que ela pense que seja um tipo de contra-atração para conquistar a atenção do Sr. Huntingdon de mim. Não a agradeço por isso; mas fico feliz pela presença de Milicent: ela é uma garota doce e bondosa, e gostaria de ser como ela – mais como ela, pelo menos, do que eu sou.

* * * * *

Dia 19.

Eles chegaram. Vieram anteontem. Todos os cavalheiros saíram para caçar e as damas estão com minha tia, trabalhando na sala de visitas. Retirei-me para a biblioteca, pois estou muito infeliz e quero estar sozinha. Os livros não podem me distrair; assim, tendo aberto minha escrivania, tentarei o que pode ser feito detalhando a causa de meu desassossego. Ou melhor, este papel servirá como um amigo confidencial a cujo ouvido eu possa despejar os excessos de meu coração. Ele não simpatizará com minhas angústias, mas não rirá deles e, se o mantiver próximo, não poderá repeti-los; por isso ele é, talvez, o melhor amigo que eu tenha para tal propósito.

Primeiro, deixe-me falar sobre sua chegada – como me sentei na janela e olhei por quase duas horas, antes que sua carruagem entrasse pelos portões do parque – pois todos chegaram antes dele – e como fiquei desapontada a cada chegada, porque não era ele. Primeiro apareceram o Sr. Wilmot e as damas. Quando Milicent se instalara em seu quarto, abandonei meu posto por poucos minutos para fazer-lhe uma rápida visita e ter uma curta conversa privada, pois agora ela era minha amiga íntima, inúmeras e extensas cartas trocadas entre nós desde nossa separação. Ao voltar para minha janela, observei outra carruagem na porta. Era a dele? Não; era a carruagem escura e comum do Sr. Boarham; e ele estava sobre os degraus, vigiando cuidadosamente o desembarque de suas várias caixas e pacotes. Quanta coisa! Alguém teria pensado que ele programara uma visita de seis meses, pelo menos. Depois de um tempo considerável, veio Lord Lowborough em sua caleche. Seria ele um dos devassos amigos, me pergunto? Devo pensar que não; pois ninguém poderia chamá-lo de um companheiro de festas, estou certa – e, além disso, ele parece muito sóbrio e cavalheiresco em sua conduta para valer tais suspeitas. Ele é um homem alto, magro e sombrio, aparentando entre trinta e quarenta anos, e de um aspecto um pouco doentio e cansado.

Finalmente, a pequena e leve carruagem do Sr. Huntingdon chegou se sacudindo alegremente pelo gramado. Tudo o que eu tive foi um rápido relance dele: pois no momento em que parou, ele pulou pelo lado para os degraus do pórtico e desapareceu pela casa.

Agora, tenho de me vestir para o jantar – uma tarefa que Rachel estivera me urgindo pelos últimos vinte minutos; e, quando esse importante afazer foi concluído, dirigi-me para a sala de visitas, onde encontrei o Sr. e a

Srta. Wilmot, e Milicent Hargrave, já reunidos. Logo depois, Lord Lowborough entrou e então o Sr. Boarham, que parecia muito disposto a esquecer e a perdoar meu procedimento anterior, e a desejar que uma certa conciliação e rígida perseverança de sua parte poderia, ainda, fazer com que me levasse à razão. Enquanto eu permanecia à janela, conversando com Milicent, ele se aproximou de mim e estava começando a falar quase em seu tom habitual, quando o Sr. Huntingdon adentrou pela sala.

‘Como ele me cumprimentará, pergunto a mim mesma?’ disse meu coração sobressaltado; e, ao invés de avançar para encontrá-lo, voltei-me para a janela para esconder ou controlar minha emoção. Mas tendo saudado seus anfitriões e o resto do grupo, ele veio até mim, apertou ardentemente minha mão e murmurou que estava feliz em ver-me outra vez. Naquele momento, o jantar foi anunciado: minha tia desejava que ele conduzisse a Srta. Hargrave para a sala de jantar e o odioso Sr. Wilmot, com indizíveis caretas, ofereceu seu braço para mim; e fui condenada a sentar-me entre ele próprio e o Sr. Boarham. Mas, depois, quando estávamos todos novamente reunidos na sala de visitas, fui compensada de tanto sofrimento por alguns deliciosos momentos de conversa com o Sr. Huntingdon.

No decorrer da noite, a Srta. Wilmot foi intimada a cantar e a tocar para a diversão de todo o grupo e, eu, a exhibir meus desenhos e, embora ele gostasse de música e ela fosse uma talentosa música, penso que estou certa ao afirmar que ele prestou mais atenção aos meus desenhos do que à música.

Até aquele momento, tudo estava bem; - mas, ouvindo-o anunciar, em baixa voz, mas com peculiar ênfase, em relação a uma das peças, ‘Esta é a melhor de todas!’ - ergui meu olhar curiosa para ver qual delas e, para o meu horror, observei-o a encarar complacentemente o verso da pintura: era a sua própria face que eu esboçara ali e me esquecera de apagar! Para tornar as coisas piores, na agonia do momento, tentei arrancá-la de sua mão; mas ele frustrou a tentativa e exclamando, ‘Não - por Deus, eu ficarei com ela!’, colocou-a contra seu colete e abotoou seu casaco sobre ela com uma risada deliciada.

Então, arrastando uma vela para perto de seu cotovelo, ele juntou todos os desenhos para si mesmo, mesmo os que ele já tinha visto e murmurando, ‘Agora devo ver frente e verso’, ele ansiosamente começou o exame, o qual observei com tolerante compostura, na confiança de que sua

vaidade não seria recompensada por mais descobertas; pois, embora eu confesse ter desfigurado o verso de muitas com tentativas abortadas de delinear aquela deveras fascinante fisionomia, estava certa de que, com apenas uma desafortunada exceção, eu tivera removido cuidadosamente todas as provas de minha paixão. Mas o lápis frequentemente deixa uma impressão sobre a cartolina que nenhum esforço de apagar pode eliminar. Tal, parecia, era o caso na maioria delas; e, confesso, tremi quando o vi segurando-os tão perto da vela e cismando tão intensamente com os aparentes espaços em branco; mas ainda, eu confiava, ele não seria capaz de decifrar aqueles débeis traços para a sua própria satisfação. Entretanto, eu estava equivocada. Havendo terminado seu escrutínio, ele observou tranquilamente – ‘Percebo que os versos dos quadros das damas, como os pós-escritos de suas cartas, são as mais importantes e interessantes partes do assunto.’

Então, recostando-se em sua cadeira, ele refletiu por poucos minutos em silêncio, sorrindo complacientemente para si mesmo e, enquanto eu estava urdindo algum cortante discurso com o qual interromper seu orgulho, ele se levantou e, passando sobre onde Annabella Wilmot estava flertando veementemente com Lord Lowborough, sentou-se no sofá diante dela e a acompanhou pelo resto da noite.

‘Então’, pensei, ‘ele me despreza, porque sabe que o amo.’

E tal pensamento me deixou muito triste, pois eu não sabia o que fazer. Milicent veio e começou a elogiar meus desenhos, e a fazer comentários sobre eles; mas eu não podia falar com ela – eu não podia conversar com ninguém e, quando o chá foi introduzido, aproveitei a oportunidade da porta aberta e da leve distração causada pela sua chegada para fugir – pois estava certa de que não poderia tomá-lo – e me refugiei na biblioteca. Minha tia enviou Thomas atrás de mim, para perguntar se eu não iria tomar chá; mas ordenei que ele dissesse que eu não poderia beber nada à noite e, felizmente, ela estava muito ocupada com seus convidados para fazer mais indagações naquela ocasião.

Como a maioria do grupo tinha viajado muito naquele dia, logo se retiraram para descansar; e, tendo ouvido todos, como eu pensei, subir as escadas, aventurei-me a sair, para pegar meu castiçal no aparador da sala de visitas. Mas o Sr. Huntingdon se demorara mais que o restante. Ele estava

ao pé da escada quando abri a porta e ouvindo meus passos pelo corredor – embora eu mesma mal pudesse ouvi-los – logo se voltou.

‘Helen, é você?’ disse ele. ‘Por que fugiu de nós?’

‘Boa noite, Sr. Huntingdon’, disse eu friamente, optando por não responder sua pergunta. E segui adiante para entrar na sala de visitas.

‘Mas você me cumprimentará, não?’ disse ele, colocando-se diante da entrada da porta, à minha frente. E ele agarrou minha mão e a segurou, muito contra minha vontade.

‘Deixe-me ir, Sr. Huntingdon’, disse eu. ‘Preciso pegar uma vela.’

‘A vela pode esperar’, ele devolveu.

Fiz um esforço desesperado para livrar minha mão de seu controle.

‘Por que você está com tanta pressa de me deixar, Helen?’ ele disse, com um sorriso da mais provocadora autossuficiência. ‘Você sabe que não me odeia.’

‘Sim, eu o odeio – neste momento.’

‘Não você. É Annabella Wilmot quem você odeia, não eu.’

‘Não tenho nada a ver com Annabella Wilmot’, disse eu, ardendo de indignação.

‘Mas eu tenho, sabe’, ele retornou, com uma ênfase peculiar.

‘Isso não significa nada para mim, senhor’, revidei.

‘Não é nada para você, Helen? Você jura? Jura?’

‘Não, não juro, Sr. Huntingdon! E deixe-me ir’, exclamei, sem saber se ria, chorava ou irrompia em uma tempestade de fúria.

‘Vá, então, sua megera!’ ele disse; mas no instante em que libertou minha mão, ele teve a audácia de colocar seu braço em volta do meu pescoço e me beijar.

Tremendo de raiva e de agitação, e nem sei mais o quê, soltei-me, peguei minha vela e corri escada acima até meu quarto. Ele não teria feito isso se não fosse por aquele odioso quadro. E ele ainda o tinha em sua posse, um monumento eterno para o seu orgulho e para a minha humilhação.

Pouco pude dormir naquela noite e, pela manhã, levantei-me perplexa e incomodada ao pensar que o encontraria no café da manhã. Eu não sabia como levar a situação. Assumir uma indiferença digna e fria pouco funcionaria, dado que ele sabia de minha devoção – ao seu rosto, pelo menos. Ainda, algo deveria ser feito para controlar sua arrogância – eu não me submeteria a ser oprimida por aqueles brilhantes e sorridentes olhos. E, de acordo, recebi sua saudação de bom dia tão calma e friamente quanto minha tia teria desejado e derrotei, com breves respostas, uma ou duas tentativas de engatar conversa comigo, enquanto me comportava com uma alegria e afabilidade incomuns para com os demais membros do grupo, especialmente com Annabella Wilmot e mesmo seu tio e o Sr. Boarham foram tratados com uma dose extra de cortesia naquela ocasião, não por motivos de flerte, mas apenas para mostrar a ele que minha frieza e reserva particulares não eram por causa de um mau humor geral ou por desânimo.

Ele não se deixou abater, porém, por tal comportamento. Ele não falou muito comigo, mas quando o fazia era com um grau de liberdade e de abertura, e de generosidade, também, que claramente parecia insinuar que ele sabia suas palavras serem música para os meus ouvidos; e quando o seu olhar encontrava o meu, era acompanhado de um sorriso – presunçoso, pode ser – mas oh! Tão doce, tão brilhante, tão amável, que possivelmente eu não poderia me manter brava; todo o vestígio de desprazer logo se derreteu entre eles, como as nuvens da manhã antes do sol de verão.

Logo após o café da manhã, todos os cavalheiros, salvo um, com ansiedade infantil, partiram em sua expedição contra as infelizes perdizes; meu tio e o Sr. Wilmot em seus pôneis de caça, o Sr. Huntingdon e Lord Lowborough a pé: sendo a exceção o Sr. Boarham que, em consideração à chuva que cáira durante a noite, achou prudente permanecer um pouco e se unir a eles em breve, quando o sol tivesse secado a grama. E ele propiciou a todos um longo e preciso tratado sobre os males e os perigos relativos a pés úmidos, pronunciado com a mais imperturbável gravidade, entre a zombaria e os risos do Sr. Huntingdon e de meu tio que, deixando o prudente esportista a entreter as damas com suas discussões médicas, arrancaram com suas armas, rumando para os estábulos primeiro, para olhar os cavalos e soltar os cães.

Não desejosa de compartilhar da companhia do Sr. Boarham por toda a manhã, dirigi-me à biblioteca e lá busquei meu cavalete e comecei a pintar. O cavalete e o aparato de pintura serviriam de desculpa por abandonar a sala de visitas caso minha tia viesse a reclamar da deserção e, além disso, eu queria terminar o quadro. Era um que havia me imposto várias dificuldades e queria que fosse minha obra-prima, embora fosse um projeto um tanto presunçoso. Pelo azul brilhante do céu e pelas cálidas e brilhantes luzes, e as longas e penetrantes sombras, eu tentara transmitir a ideia de uma manhã ensolarada. Eu me aventurara a dar mais do verdejante frescor do início do verão à grama e à folhagem do que é mais comumente tentado em pintura. A cena representada era a de uma clareira aberta na floresta. Um grupo de pinheiros escoceses era apresentado à meia distância para mitigar a frescura predominante do resto; mas, em primeiro plano, estava parte do nodoso tronco e dos desfraldados galhos de uma enorme árvore da floresta, cujas folhas eram de um reluzente verde dourado – não o dourado brando do outono, mas do brilho do sol e da própria imaturidade das pouco expandidas folhas. Sobre esse galho, que permanecia em claro relevo contra os sombrios pinheiros, estava pousado um amoroso casal de pombinhos, cuja plumagem, escura e suave, propiciava um contraste de outra natureza; e, entremeios, uma jovem garota estava ajoelhada no relvado salpicado de margaridas, com a cabeça jogada para trás e tufo de cabelo louro caindo sobre os ombros, as mãos juntas, os lábios separados e os olhos intensamente fixos acima em uma contemplação feliz, ainda que sincera, daqueles emplumados amantes – profundamente absortos um no outro para a perceberem.

Eu mal tinha me acomodado em meu trabalho que, porém, precisava não mais de alguns toques para ser concluído, quando os esportistas passaram pela janela retornando dos estábulos. Ela estava parcialmente aberta e o Sr. Huntingdon deve ter me visto enquanto seguia, pois em meio minuto ele retornou e, encostando sua arma contra a parede, soltou o caixilho da janela e pulou, ficando diante de meu quadro.

‘Muito bonito, penso’, ele disse, depois de esquadrinhá-lo com muita atenção por poucos segundos; ‘é um estudo muito apropriado para uma jovem dama. A primavera apenas se abrindo para o verão – a manhã bem perto do meio-dia – a mocidade apenas amadurecendo em mulher e a

esperança apenas à beira da realização. Ela é uma doce criatura! Mas por que você não fez seu cabelo negro?’

‘Pensei que um cabelo iluminado ficaria melhor nela. Veja que eu a fiz de olhos azuis e gorda, loira e rosada.’

‘Sobre minha palavra – a própria Hebe! Eu me apaixonaria por ela se não tivesse a artista diante de mim. Doce inocência! Ela está pensando que chegará o tempo quando ela será cortejada e conquistada como aquela bela pomba, por um apaixonado e fervente amante; e ela está pensando em quão agradável será e quão terno e fiel ele saberá que ela é.’

‘E talvez’, sugeri, ‘quão terno e fiel ela saberá que ele é.’

‘Talvez, pois há um limite à louca extravagância das imaginações da Esperança em tal idade.’

‘Você chama aquilo, então, uma das ilusões loucas e extravagantes dela?’

‘Não; meu coração me diz que não. Posso ter pensado nisso uma vez, mas agora, digo, dê-me a garota que eu amo e jurarei constância eterna para ela e apenas ela, pelo verão e pelo inverno, pela juventude e pela velhice, e pela vida e pela morte! Se a velhice e a morte chegarem.’

Ele falava com tão séria determinação que meu coração se transbordou de prazer; mas no minuto seguinte ele mudou de tom e perguntou, com um sugestivo sorriso, se eu tinha ‘mais retratos’.

‘Não’, repliquei, ruborizando com confusão e ódio.

Mas minha pasta estava sobre a mesa; ele a pegou e calmamente sentou-se para examinar seu conteúdo.

‘Sr. Huntingdon, estes são meus esboços inacabados’, exclamei, ‘e nunca deixo ninguém vê-los.’

E coloquei minha mão sobre a pasta para puxá-lo dele, mas ele manteve o controle, assegurando-me de que ‘gostava de esboços inacabados de todas as coisas’.

‘Mas odeio que esses sejam vistos’, devolvi. ‘Não posso permitir que os veja, de fato!’

‘Deixe-me ver as entranhas deles, então’, ele disse; e enquanto eu arrancava a pasta de sua mão, ele habilmente retirava a maior parte de seu conteúdo e, depois de virá-los por um momento, ele exclamou – ‘Graças à minha boa sorte, eis outro’; e deslizou um pequeno papel oval cor de marfim para o bolso de seu colete – um completo retrato em miniatura que eu rascunhara com um certo sucesso para ser levado à pintura com sacrifício e cuidado. Porém, eu estava determinada a não deixar que ele o levasse.

‘Sr. Huntingdon’, exclamei, ‘insisto em tê-lo de volta! É meu e você não tem o direito de levá-lo. Dê-me imediatamente – nunca o perderei se não o fizer!’

Contudo, quanto mais veementemente eu protestava, mais ele agravava minha aflição pela sua risada insultante e alegre. Por fim, porém, ele me devolveu, dizendo – ‘Bem, bem, como você o aprecia tanto, não o privarei dele.’

Para mostrar o quanto eu o apreciava, rasguei-o em dois e joguei ao fogo. Ele não estava preparado para aquilo. Sua felicidade imediatamente morrendo, ele olhou em muda surpresa ao tesouro sendo consumido; e então, com um indiferente ‘Humpf! Irei caçar agora’, ele se virou e abandonou o quarto pela janela, assim como veio e, ajustando o chapéu com uma melodia, pegou sua arma e caminhou, assobiando como veio – e deixou-me não muito agitada para terminar meu quadro, pois eu estava feliz, no momento, por tê-lo aborrecido.

Quando regresssei à sala de visitas, descobri que o Sr. Boarham tinha se aventurado a seguir seus confrades ao campo; e logo depois do almoço, ao qual eles não pensavam em retornar, ofereci-me a acompanhar as damas em um passeio e a mostrar para Annabella e a Milicent as belezas do campo. Vagueamos por um bom tempo e reentramos pelo parque exatamente quando os esportistas estavam voltando de sua expedição. Exauridos pelo cansaço e sujos pela viagem, a maior parte deles cruzou pelo gramado para nos evitar, mas o Sr. Huntingdon, todo respingado e chafurdado como estava, além de manchado com o sangue de sua presa – para a ofensa que não era pequena ao estrito sentido de decência de minha tia – desviou-se de seu caminho para nos encontrar, com alegres sorrisos e palavras para todas, menos para mim e, colocando-se entre Annabella Wilmot e eu, seguiu pelo caminho e começou a nos contar os vários feitos e os desastres do dia, de

uma maneira que teria me convulsionado de risos caso eu estivesse em bons termos com ele; mas ele se dirigia totalmente a Annabella, e eu, claro, deixei todos os risos e todos os gracejos para ela, e fingindo extrema indiferença para tudo o que se passava entre eles, caminhei alguns passos distante, e olhando tudo menos eles, enquanto minha tia e Milicent seguiam antes, de braços dados e conversando seriamente juntas. Por fim, o Sr. Huntingdon se virou em minha direção e, se voltando para mim em um sussurro confidencial, disse – ‘Helen, por que você queimou meu retrato?’

‘Porque eu queria destruí-lo’, respondi, com uma aspereza agora inútil lamentar.

‘Oh, muito bem!’ foi a resposta; ‘se você não me aprecia, devo me voltar para aquela que o fará.’

Pensei que fosse parcialmente uma pilhéria – uma mescla meio-divertida de escarnecida resignação e afetada indiferença: mas imediatamente ele retornou para o lugar ao lado da Srta. Wilmot e daquela hora até esta – durante toda a noite e todo o dia seguinte, e o seguinte, e o seguinte, e toda esta manhã (do dia 22), ele não me deu uma boa palavra ou um olhar agradável sequer – não falou comigo além do puramente necessário – não me encarou senão com um olhar frio e pouco amistoso, que pensava que ele fosse incapaz de assumir.

Minha tia observa a mudança e, embora não tenha perguntado o motivo ou feito qualquer comentário sobre o tema, percebo que isso a apraz. A Srta. Wilmot também nota e triunfalmente o imputa aos seus encantos e carinhos superiores; mas estou realmente triste – mais do que eu gostaria de reconhecer a mim mesma. O orgulho recusa-se a me socorrer. Ele me trouxe dificuldades e não me auxiliará a sair delas.

Ele não me fez nenhum mal – foi apenas seu espírito alegre e travesso; e eu, com meu amargo ressentimento – tão sério, tão desproporcional à ofensa – ferí tanto seus sentimentos, o ofendi tão profundamente, que temo nunca ser perdoada por ele – e tudo por uma mera zombaria! Ele acha que não gosto dele e deve continuar a pensar assim. Eu o perderei para sempre e Annabella poderá conquistá-lo, e seguramente triunfará.

Mas não é a minha perda nem seu triunfo que lamento tanto, senão a ruína de minhas apaixonadas esperanças pelo seu bem e por ela ser indigna de suas afeições, e a injúria que ele fará a si mesmo ao confiar a ela sua felicidade. Ela não o ama: ela pensa apenas em si própria. Ela não pode apreciar o bem que ele é: ela nunca o verá, nem o apreciará, nem o acalentará. Ela nunca lamentará seus erros e nem tentará corrigi-los, mas, ao contrário, os agravará com os seus próprios. E duvido se ela não o enganará, no final das contas. Vejo que ela está jogando duplamente entre ele e Lord Lowborough, e enquanto entretém a si mesma com o animado Huntingdon, ela tenta ao máximo escravizar seu taciturno amigo; e, se ela tiver êxito em trazer os dois aos seus pés, o fascinante plebeu terá poucas chances contra seu nobre colega. Se ele observar seu jogo duplo cheio de artimanhas, isso lhe dará pouca preocupação, mas, ao contrário, adicionará um novo sabor à sua diversão por opor uma estimulante barreira à sua conquista, antes muito fácil.

Os Senhores Wilmot e Boarham têm seriamente se aproveitado da ocasião pela sua negligência comigo para renovar seus avanços; e, se eu fosse como Annabella e algumas outras, me beneficiaria da perseverança deles para tentar provocá-lo com uma renovação de afeições; mas, justiça e honestidade à parte, não poderia suportar fazê-lo. Estou perturbada o suficiente com as atuais perseguições deles sem os encorajar ainda mais; e, mesmo que o fizesse, teria pouco efeito precioso sobre ele. Ele me vê sofrer sob as atenções condescendentes e os prosaicos discursos de um e das repulsivas intromissões de outro, sem sequer uma sombra de comiseração por mim ou de ressentimento contra meus atormentadores. Ele nunca poderia ter me amado ou ele não teria desistido de mim tão à vontade, e ele não iria conversar com todos os demais tão alegremente quanto o faz – rindo e gracejando com o Lord Lowborough e meu tio, provocando Milicent Hargrave e flertando com Annabella Wilmot – como se nada houvesse em sua mente. Oh! Por que não consigo odiá-lo? Devo estar apaixonada ou deveria rejeitar lamentá-lo como faço. Mas devo reunir todos os poderes que ainda tenho e tentar arrancá-lo de meu coração. Agora toca o sino para o jantar e lá vem minha tia para me repreender por estar sentada em minha escrivaninha todo o dia, ao invés de permanecer com o grupo: queria que todos tivessem – partido.

CAPÍTULO XIX

Vinte e dois: Noite. – O que eu fiz? E qual será o fim disso? Não posso refletir calmamente a respeito; não posso dormir. Tenho de recorrer ao meu diário novamente; irei confiá-lo ao papel esta noite e ver o que penso disso amanhã.

Desci para o jantar decidida a ser alegre e bem comportada, e manter minha resolução inteiramente crível, considerando o quanto minha cabeça doeu e quão arruinada por dentro eu me senti. Não sei o que me virá depois; minhas próprias energias, tanto mentais quanto físicas, devem estar estranhamente danificadas ou eu não teria agido tão debilmente sobre tantas coisas como fiz; mas não estive bem nestes últimos dias. Suponho que tenha a ver com dormir e comer tão pouco, e estar continuamente de mau humor. Mas, voltemos. Eu estava tentando cantar e tocar para me divertir, e, a pedidos, de minha tia e de Milicent, antes que os cavalheiros entrassem na sala de visitas (a Srta. Wilmot nunca gosta de desperdiçar seus talentos musicais apenas aos ouvidos das damas). Milicent pedira uma breve canção escocesa e eu estava no meio dela quando eles chegaram. A primeira coisa que o Sr. Huntingdon fez foi caminhar até Annabella.

‘Então, Srta. Wilmot, você não nos oferecerá nenhuma música nesta noite?’ ele quis saber. ‘Toque agora! Sei que irá, quando lhe disser que estive faminto e sedento durante todo o dia pelo som de sua voz. Venha! O piano está livre.’

Estava, pois o deixei imediatamente após ouvir seu pedido. Estivesse eu dotada do nível apropriado de presença de espírito e teria me virado à dama eu mesma, e alegremente uniria minhas súplicas às dele, pelas quais eu teria frustrado suas expectativas, se a afronta tivesse sido feita de propósito ou tornado-o sensível ao erro, se tivesse surgida de sua falta de consideração; mas senti-a tão profundamente para fazer qualquer outra coisa além de erguer-me do banco do piano e jogar-me de volta ao sofá, suprimindo com dificuldade a audível expressão da amargura que sentia dentro de mim. Eu sabia que os talentos musicais de Annabella eram superiores aos meus, mas isso não era razão pela qual eu devesse ser tratada como uma pessoa sem nenhuma importância. O momento e a maneira de seu

pedido a ela tornou-se um insulto gratuito para mim; e eu poderia ter chorado de pura irritação.

Enquanto isso, ela sentou-se exultante ao piano e o propiciou com duas de suas canções favoritas, em estilo tão superior que, logo, eu mesmo perdi minha raiva na admiração e ouvi com um tipo de melancólico prazer as habilidosas modulações de sua voz poderosa e cheia de tons, tão criteriosamente auxiliada pelo seu polido e espirituoso toque; e enquanto meus ouvidos sorviam o som, meus olhos descansavam no rosto do seu principal ouvinte e obtinham um prazer igual ou superior à contemplação de sua expressiva feição, enquanto ele permanecia diante dela – aquele olho e aquela sobrancelha erguidas em fogoso entusiasmo, e aquele doce sorriso passando e parecendo raios de sol em um dia de abril. Não surpreende que ele estivesse faminto e sedento por ouvi-la cantar. Agora, eu o perdoo de coração pelo seu descuidado desprezo de minha pessoa e me senti envergonhada pelo meu rabugento ressentimento por tamanha ninharia – envergonhada também por aquelas contorções amargas e invejosas que corroíam meu mais profundo âmagô, apesar de toda esta admiração e prazer.

‘E agora’, ela disse, correndo divertidamente os dedos pelas teclas quando concluíra a segunda canção. ‘Que mais devo lhe dar?’

Porém, ao dizer isso, ela olhou para Lord Lowborough, que estava um pouco atrás, apoiando-se contra as costas de uma cadeira, um ouvinte atento, também, experimentando, ao julgar pelas suas feições, muitos dos mesmos sentimentos de prazer mesclado com tristeza, como eu sentia. Mas o olhar que ela lhe dera dizia claramente, ‘Escolha para mim agora: já fiz bastante por ele e me esforçarei com felicidade para satisfazê-lo’; e, assim incentivado, o lorde se adiantou e, se inclinando sobre o livro de músicas, logo colocou diante dela uma pequena canção na qual eu havia reparado antes e lido mais de uma vez, com um interesse surgindo da circunstância da conexão, em minha mente, com o ditador reinante em meus pensamentos. E agora, com os meus nervos já excitados e meio frouxos, não poderia ouvir aquelas palavras tão suavemente trinadas sem alguns sintomas da emoção que eu não era capaz de conter. As lágrimas surgiram espontaneamente em meus olhos e enterrei meu rosto na almofada para que pudessem correr sem serem vistas enquanto eu ouvia. A melodia era

simples, doce e triste. Ainda posso ouvi-la em minha cabeça, e esta era a letra:

Adeus a ti! Mas não adeus
Para todos os meus apaixonados pensamentos de ti:
Dentro de meu coração eles ainda residirão;
E deverão me alegrar e me confortar.
Oh belo e cheio de graça!
Se meus olhos nunca tivessem o encontrado
Eu não teria sonhado de um rosto vivo
Teria imaginado encantos até agora incomparáveis.
Se eu nunca mais puder ver outra vez
Aquela forma e rosto tão caros a mim,
Nem ouvir tua voz, ainda eu me contentaria
Em manter, para sempre, sua memória.
Aquela voz, a magia de cujo tom
Pode despertar eco em meu peito,
Criando sentimentos que, sozinhos,
Podem abençoar meu espírito em êxtase.
Aqueles olhos sorridentes, cujos raios ensolarados
Minha memória não acalentaria menos;
E, oh, que sorriso! Eu, cujo alegre cintilar
Nem definhando mortalmente posso expressar.
Adeus! Mas deixe-me acalantar, ainda,
A esperança da qual não posso me separar.
O desprezo pode ferir e a frieza arrepiar
Mas ainda se tarda em meu coração.
E quem pode dizer além do Céu, pelo menos,
Possa responder às minhas milhares de orações
E propor que o futuro compense o passado
Com alegria por angústia, sorrisos por lágrimas.

Quando ela parou, eu desejava por nada tanto quanto estar fora da sala. O sofá não estava longe da porta, mas não ousei erguer minha cabeça, pois sabia que o Sr. Huntingdon estava próximo a mim e soube pelo som de sua voz, enquanto ele falava em resposta a um algum comentário de Lord Lowborough, que seu rosto estava virado para mim. Talvez ele tivesse ouvido um soluço mal contido, que o fizera olhar ao redor – Deus me livre! Mas, com um esforço violento, bloqueei todos os sinais de fraqueza, enxuguei meus olhos e, quando pensei que ele tinha se voltado novamente, me levantei e deixei o cômodo imediatamente, me refugiando em meu recanto preferido, a biblioteca.

Não havia luz lá, somente o débil reluzir avermelhado da lareira abandonada; - mas eu não queria luz; apenas queria me perder em meus pensamentos, sem ser percebida e perturbada; e, sentando-me em um banquinho diante da poltrona, afundei minha cabeça em seu assento acolchoado e pensei, e pensei, até que as lágrimas irromperam novamente e chorei como uma criança. Naquele momento, porém, a porta se abriu suavemente e alguém entrou na sala. Confiei que fosse apenas um criado e não me mexi. A porta se fechou outra vez – mas eu não estava sozinha; uma mão calmamente pousou em meu ombro e uma voz disse, com brandura – ‘Helen, o que aconteceu?’

Eu não podia responder de imediato.

‘Você deve, você tem de me dizer’, foi acrescentado, mais veementemente, e quem falava se ajoelhou ao meu lado no tapete e com força se apoderou de minha mão; mas eu a retirei com rapidez e respondi – ‘Nada de seu interesse, Sr. Huntingdon.’

‘Você está certa de que não é nada comigo?’ ele retornou; ‘você pode jurar que não pensava em mim enquanto chorava?’ Aquilo era insuportável. Fiz um esforço para me levantar, mas ele se ajoelhou sobre meu vestido.

‘Conte-me’, ele continuou – ‘Quero saber – porque se for, tenho algo a lhe dizer – senão, irei embora.’

‘Vá, então!’ exclamei; mas, temendo que ele obedecesse muito bem e nunca mais voltasse, acrescentei com pressa - ‘Ou diga o que tem a dizer e terminamos com isso!’

‘Mas o quê?’ disse ele – ‘pois direi apenas se você estiver realmente pensando em mim. Portanto, diga-me, Helen.’

‘Você é excessivamente impertinente, Sr. Huntingdon!’

‘De modo algum – muito pertinente, você quer dizer. Então, não me dirá? – Bem, dispensarei seu orgulho de mulher e, interpretando seu silêncio como “Sim”, tomarei por certo que eu era o objeto de seus pensamentos e a causa de sua aflição...’

‘De fato, senhor...’

‘Se você nega, não lhe contarei meu segredo’, ele ameaçou; e eu não o interrompi novamente ou mesmo tentei expulsá-lo: embora ele tenha pego minha mão mais uma vez e me abraçado em parte com seu outro braço, eu estava pouco consciente disso naquele momento.

‘É isso’, ele retomou: ‘que Annabella Wilmot, em comparação a você, é como uma pomposa peônia em contraste a um doce e indômito botão de rosa adornado com orvalho – e eu a amo loucamente! Agora, diga-me se saber isso lhe dá algum prazer. Quieta outra vez? Isso significa que sim. Então, deixe-me acrescentar que não posso viver sem você e se responder Não a esta última questão, você me enlouquecerá. – Você se entregaria a mim? – sim!’ ele exclamou, quase me balançando por completo com seus braços.

‘Não, não!’ exclamei, lutando para me libertar dele – ‘você deve perguntar ao meu tio e à minha tia.’

‘Eles não me recusarão, se você não o fizer.’

‘Não estou tão certa disso – minha tia não gosta de você.’

‘Mas você sim, Helen – diga-me que me ama e eu irei.’

‘Gostaria que fosse!’, repliquei.

‘Trei neste instante – se você apenas disser que me ama.’

‘Você sabe que sim’, respondi. E novamente ele me pegou em seus braços e me sufocou com beijos.

Naquele momento, minha tia escancarou a porta e ficou diante de nós, vela em mãos, surpresa, chocada e horrorizada, olhando alternativamente para o Sr. Huntingdon e para mim – pois nós tínhamos nos

levantado e, agora, estávamos bem separados. Mas a confusão dele durou apenas um momento. Reanimando-se em um instante, com uma mais que invejável segurança, ele começou – ‘Imploro dez mil perdões, Sra. Maxwell! Não seja muito severa comigo. Perguntei à sua doce sobrinha se ela me aceita ou me rejeita; e ela, como uma boa garota, me informa que não pode decidir sem o consentimento de sua tia e de seu tio. Portanto lhe imploro que não me condene à eterna ruína: se estiver a meu favor, estou seguro; pois o Sr. Maxwell, estou certo, não lhe pode recusar nada.’

‘Falaremos disso amanhã, senhor’, disse minha tia, friamente. ‘É um assunto que exige uma deliberação madura e séria. No momento, é melhor que retorne à sala de visitas.’

‘Mas nesse meio-tempo’, ele pleiteou, ‘deixe-me confiar minha causa à sua maior indulgência..’

‘Nenhuma indulgência para você, Sr. Huntingdon, deve se intrometer entre mim e a consideração da felicidade da minha sobrinha.’

‘Ah, verdade! Sei que ela é um anjo e eu um cão presunçoso a sonhar em possuir tal tesouro; mas, apesar disso, morrerei mais rápido do que desistir dela em favor de um homem melhor que já foi ao paraíso – e, pela sua felicidade, eu sacrificaria meu corpo e minha alma..’

‘Corpo e alma, Sr. Huntingdon – sacrificar a alma?’

‘Bem, eu depositaria minha vida..’

‘Não lhe seria exigido que a depositasse.’

‘Eu a passaria, então – devotaria minha vida – e todos os seus poderes à promoção e à preservação..’

‘Falaremos disso em outra hora, senhor – e eu teria me sentido mais disposta a julgar mais favoravelmente às suas pretensões, se você também tivesse escolhido outra hora e outro lugar, e deixe-me acrescentar – outra maneira para a sua declaração.’

‘Por que, você vê, Sra. Maxwell’, ele começou: ‘Perdoe-me, senhor’, ela disse, com dignidade – ‘O grupo solicita sua companhia na outra sala.’ E ela se voltou para mim.

‘Então, você tem de me defender, Helen’, disse ele e, por fim, se retirou.

‘É melhor que você vá para o seu quarto, Helen’, disse minha tia, com seriedade. ‘Discutirei esse assunto com você amanhã, também.’

‘Não fique zangada, tia’, eu disse.

‘Minha querida, não estou zangada’, ela replicou: ‘Estou surpresa. Se é verdade que você lhe disse que não poderia aceitar seu pedido sem o nosso consentimento...’

‘É verdade’, interrompi.

‘Então como poderia eu permitir...?’

‘Eu não pude evitar, tia’, exclamei, irrompendo em lágrimas. Elas não eram lágrimas totalmente de tristeza ou de medo pelo seu descontentamento, mas sim a deflagração da tormentosa excitação geral dos meus sentimentos. Mas minha boa tia estava tocada pela minha agitação. Em um tom mais ameno, ela repetiu sua recomendação para me retirar e, beijando suavemente minha testa, deu-me boa noite e pôs a vela em minha mão; e eu fui; mas meu cérebro trabalhou tanto, que sequer podia pensar em dormir. Sinto-me mais calma agora que escrevi tudo isso; e irei me deitar, tentar conquistar o doce restaurador da natureza dos cansados.

CAPÍTULO XX

24 de setembro.

Levantei-me de manhã, leve e alegre – não, intensamente alegre. A nuvem que pairava sobre mim, trazida pelos comentários de minha tia e pelo medo de não obter seu consentimento, se dissipou com o brilhante esplendor das minhas próprias esperanças e da consciência deveras prazerosa do amor recompensado. Era uma manhã esplêndida; e saí para aproveitá-la, em uma caminhada tranquila a esmo, em companhia dos meus próprios felizes pensamentos. O orvalho estava sobre a grama e dez mil teias estavam ondulando pela brisa; o afortunado pintarroxo estava despejando sua pequena alma no canto e meu coração transbordava com silenciosos hinos de gratidão e elogio aos céus.

Mas eu não tinha ido longe quando minha solidão foi interrompida pela única pessoa que poderia perturbar minhas meditações, naquele momento, sem ser considerado um invasor indesejado: o Sr. Huntingdon apareceu-me de repente. Tão inesperada foi sua aparição, que eu poderia ter pensado ser a criação de uma imaginação mais do que excitada, fosse somente o sentido da visão a testemunhar sua presença; mas senti, imediatamente, seu forte braço cingir-me pela cintura e seu cálido beijo em meu rosto, enquanto sua incisiva e regozijada saudação, ‘Minha própria Helen!’ ressoou em meu ouvido.

‘Não sua, ainda!’ disse eu, rapidamente desviando-me de seu cumprimento muito presunçoso, para o lado. ‘Lembre-se dos meus guardiões. Você não obterá facilmente o consentimento de minha tia. Não vê que ela já tem uma ideia formada contra você?’

‘Sim, querida; e você deve me dizer por que, para que eu possa saber melhor como combater suas objeções. Suponho que ela pense que eu seja um perdulário’, ele insistiu, observando que eu não queria responder ‘e concluí que devo ter poucos bens materiais com os quais dotar minha melhor metade? Se é isso, você deve dizer a ela que a maior parte da minha propriedade está alienada e não posso me livrar dela. Deve haver umas poucas hipotecas sobre o resto – algumas pequenas dívidas e obrigações aqui e ali, mas nada relevante; e, embora reconheça que não sou tão rico quanto poderia ser – ou fui – ainda, penso, poderemos viver muito bem com

o que restou. Meu pai, você sabe, tinha algo de avarento e em seus últimos dias não encontrou prazer maior na vida do que acumular riquezas; e, por isso, não é nenhuma surpresa que seu filho tenha como seu principal prazer dissipá-las, o que foi realmente o caso, até que meu relacionamento com você, Helen, ensine-me outras perspectivas e objetivos mais nobres. E a própria ideia de ter você para cuidar, sob o meu teto, me obrigaria a moderar os gastos e a viver como um cristão – sem mencionar toda a prudência e a virtude que você instilaria em minha mente pelos seus sábios conselhos e pela sua doce e atraente bondade.’

‘Mas não é isso’, disse eu; ‘não é com dinheiro que a minha tia se preocupa. Ela sabe mais do que avaliar bens materiais acima do seu preço.’

‘O que é, então?’

‘Ele deseja que eu – me case apenas com um homem realmente bom.’

‘O que, um homem de “decidida piedade”? – ah! – Bem, vamos lá, lidarei com isso também! Hoje é domingo, não? Irei à igreja pela manhã, tarde e noite, e me comportarei de maneira tão divina que ela me considerará com admiração e amor fraternal, como um tição arrancado de uma fogueira. Voltarei para casa suspirando como uma fornalha e repleto de perfume e unção pelo discurso do estimado Sr. Blatant...’

‘Sr. Leighton’, eu disse, secamente.

‘O Sr. Leighton é um “doce pregador”, Helen – um “homem estimado, encantador, de mente celestial”?’

‘Ele é um bom homem, Sr. Huntingdon. Gostaria de poder dizer a metade sobre você.’

‘Oh, esqueci, você é uma santa, também. Querida, anseio pelo seu perdão – mas não me chame de Sr. Huntingdon; meu nome é Arthur.’

‘Não o chamarei de nada – pois não terei nada a ver consigo se você falar assim novamente. Se você realmente pretende enganar minha tia como diz, você é muito mau; e, se não, comete um erro grave ao gracejar sobre tal assunto.’

‘Eu me ponho à correção’, disse ele, concluindo seu riso com um entristecido suspiro. ‘Agora’, ele retomou, depois de uma pausa

momentânea, ‘vamos conversar sobre outras coisas. E chegue perto de mim, Helen, e pegue no meu braço; e então a deixarei sozinha. Não posso me acalmar enquanto a vir caminhar por aqui.’

Concordei; mas disse que logo deveríamos retornar para casa.

‘Ninguém descerá para o café da manhã ainda, por tempo suficiente’, ele respondeu. ‘Você falava dos seus guardiões há pouco, Helen, mas seu pai ainda não está vivo?’

‘Sim, mas sempre considero meu tio e minha tia como os meus guardiões, pois eles o são, de fato, embora não por nome. Meu pai me cedeu inteiramente à sua tutela. Nunca mais o vi desde que minha querida mamãe morreu, quando eu era uma pequena garota e minha tia, atendendo a seu pedido, ofereceu-se para cuidar de mim e me levou para Staningley, onde permaneci desde então; e não acho que ele teria alguma objeção sobre algo relativo a mim que ela ache apropriado para sancionar.’

‘Mas ele sancionaria algo que ela ache apropriado objetar?’

‘Não, não acho que ele se preocupa muito comigo.’

‘Ele tem muita culpa – mas não sabe que anjo ele tem como filha – o que é muito melhor para mim, pois, se soubesse, ele não gostaria de compartilhar tal tesouro.’

‘E, Sr. Huntingdon’, disse eu, ‘suponho que você saiba que não sou herdeira?’

Ele protestou, dizendo que nunca pensara sobre isso e implorou para que eu não perturbasse seu prazer pela menção de tais assuntos desinteressantes. Fiquei feliz com tal demonstração de desprendida afeição; pois Annabella Wilmot é a provável herdeira de toda a riqueza de seu tio, além da propriedade de seu finado pai, que ela já possui.

Insisti então em retomar nossos passos em direção à casa; mas caminhávamos devagar e continuamos conversando enquanto seguíamos. Não preciso repetir o que dissemos: melhor, deixe-me relatar o que se passou entre eu e minha tia após o café da manhã, quando o Sr. Huntingdon chamou meu tio para o lado, para sem dúvida fazer suas propostas e ela me acenou para a outra sala, onde mais uma vez começou uma solene

reprimenda, a qual, porém, falhou por completo em convencer-me de que sua visão do caso era preferível à minha própria.

‘Você o julga com severidade, tia, eu sei’, disse eu. ‘Seus próprios amigos não são nem metade ruins como você os julga. Há Walter Hargrave, o irmão de Milicent, por exemplo: ele é um pouco menor do que os anjos, se metade do que ela diz for verdade. Ela sempre está me falando dele e louvando suas muitas virtudes aos céus.’

‘Você formará uma estimativa muito inadequada do caráter de um homem’, ela replicou, ‘se o julga pelo o que uma irmã apaixonada diz dele. Os piores deles geralmente sabem como esconder suas falhas dos olhos de suas irmãs e os de suas mães, também.’

‘E há Lord Lowborough’, continuei, ‘um homem bem decente.’

‘Quem lhe disse isso? Lord Lowborough é um homem desesperado. Ele gastou toda a sua fortuna no jogo e em outras coisas, e agora busca uma herdeira para recuperá-la. Eu disse isso à Srta. Wilmot; mas vocês são todas parecidas: ela respondeu com arrogância que estava muito agradecida a mim, mas acreditava saber quando um homem estava atrás dela pela sua fortuna e quando por ela mesma; ela se gabou de ter tido experiências o suficiente nesses assuntos para se assegurar em confiar no seu próprio julgamento – e, com relação à falta de fortuna do Lord, ela não se importava a respeito, pois esperava que o que ela tinha fosse o suficiente para ambos; e, pela sua irreverência, ela supunha que não era pior do que a dos outros – além disso, ele se emendara. Sim, todos podem agir como hipócritas quando querem capturar uma mulher apaixonada e desencaminhada!’

‘Bem, acho que ele é tão bom quanto ela’, disse. ‘Mas quando o Sr. Huntingdon se casar, ele não terá muitas oportunidades de se juntar aos seus amigos solteiros; - e, quanto piores forem eles, mais eu desejarei de libertá-lo deles.’

‘Para ficar claro, minha querida; e quanto pior ele for, eu suponho, mais você ansiará para libertá-lo dele mesmo.’

‘Sim, dado que ele não é incorrigível – ou seja, muito anseio para libertá-lo de seus erros – dar-lhe uma oportunidade de se ver livre dos males fortuitos contraídos de outros piores do que ele e deixando brilhar a luz desimpedida de sua própria bondade genuína – fazer o meu extremo

para ajudar a sua melhor parte contra a sua pior, e fazer dele o que ele teria sido se não tivesse, desde o começo, um pai mau, egoísta e avarento que, para satisfazer suas próprias sórdidas paixões, o restringiu as mais inocentes diversões da infância e da juventude, e tanto o desgostou com todos os tipos de cerceamento; - e uma mãe tola, que cedia a ele até não mais poder, enganando o seu marido por ele e fazendo o que podia para encorajar estes germes de desatinos e vícios que era seu dever suprimir - e então, tal grupo de companheiros como você os representa...’

‘Pobre homem!’, disse ela sarcasticamente, ‘seus pais lhe fizeram um grande erro!’

‘Eles fizeram!’ exclamei eu - ‘e já não deverão fazer mais - sua esposa desfará o que sua mãe fez!’

‘Bem’, ela disse, depois de uma curta pausa, ‘devo dizer, Helen, que julguei melhor seu discernimento do que isso - e seu gosto, também. Como pode amar um homem que nem posso distinguir ou qual prazer você encontra em sua companhia; pois “qual companheirismo ilumina a escuridão; ou ele, que se acreditou um infiel?”’

‘Ele não é um infiel; - e eu não sou luz, nem ele, escuridão; seu pior e único vício é o descuido.’

‘E o descuido’, prosseguiu minha tia, ‘pode levar a todo o crime e irá somente desculpar insuficientemente nossos erros na presença de Deus. O Sr.Huntingdon, suponho, possui as faculdades comuns aos homens; ele não é tão avoado para ser irresponsável; seu Criador o dotou de razão e consciência, como a todos nós; as Escrituras estão abertas a ele, assim como para as outras pessoas; - e “se ele não as ouvir, não irá também escutar alguém se levantar dos mortos.” E lembre-se, Helen’, ela continuou, solenemente, “os maus deverão seguir ao inferno e eles que esqueçam de Deus!”’ E suponha, mesmo, que ele continue a amá-la e você a ele, e que vocês passem pela vida juntos com um conforto razoável - como será no fim, quando você vir a si mesmos separados para sempre; você, talvez, levada pela bênção eterna e ele, lançado ao lago que arde com o fogo inextinguível - para sempre...’

‘Não para sempre’, exclamei, “apenas até que ele tenha pago a mais extrema insignificância;” pois “se o trabalho de qualquer homem não é

moldado pelo fogo, ele deverá sofrer a perda, embora deva ser salvo, porém apenas pelo fogo;” e Ele que “é capaz de subjugar todas as coisas para Si mesmo terá todos os homens a salvar”, e “irá, no todo do tempo, reunir todas as coisas em Jesus Cristo, que provou a morte para todos os homens e no qual Deus reconciliará todas as coisas a Si próprio, sejam elas coisas na terra ou coisas no céu.”

‘Oh, Helen! Onde você aprendeu isso tudo?’

‘Na Bíblia, tia. Fiz uma pesquisa e encontrei quase trinta passagens, todas tendendo a basear a mesma teoria.’

‘E é este o uso que você faz da sua Bíblia? E não encontrou nenhuma passagem tendendo a provar o perigo e a falsidade de tal crença?’

‘Não: encontrei, ao contrário, algumas passagens que, consideradas em si mesmas, podem parecer contradizer tal opinião; mas todas elas trazem um significado diferente ao qual é comumente dado e, na maioria, a única dificuldade é a palavra que traduzimos “duradouro” ou “eterno”. Não conheço grego, mas acredito estritamente que estejam relacionadas a eras e podem tanto significar sem fim ou muito resistentes. E quanto ao perigo da crença, eu não a disseminaria se pensasse que qualquer pobre miserável estaria propenso a presumir sobre ela a sua própria destruição, mas é um pensamento glorioso alguém acalentá-la em seu próprio coração e não me afastaria dela por tudo o que o mundo poderia dar!’

Aqui nossa conversa terminou, pois estava bem na hora de se preparar para a igreja. Todos compareceram à missa da manhã, exceto meu tio, que dificilmente ia e o Sr. Wilmot, que ficou em casa com ele para apreciar um tranquilo jogo de cribbage[1]. À tarde, a Srta. Wilmot e Lord Lowborough, da mesma forma, declinaram ir; mas o Sr. Huntingdon dignou-se a acompanhar-nos novamente. Eu não poderia dizer se para impressionar minha tia, mas, se fosse, ele certamente poderia ter se comportado melhor. Devo confessar que não gostei de sua conduta durante a missa. Segurando seu livro de orações ao contrário ou aberto em qualquer lugar menos na página certa, nada mais fez do que olhar sobre ele, exceto quando acontecia de ele pegar os olhos de minha tia ou os meus e, então, repousava seu olhar no livro, com um ar puritano de solene zombaria que seria burlesco, se não fosse tão provocativo. Uma vez, durante o sermão,

depois de olhar com atenção para o Sr. Leighton por alguns minutos, ele repentinamente pegou seu estojo dourado e agarrou uma Bíblia. Percebendo que eu observava o movimento, ele sussurrou que iria fazer uma nota do sermão; mas, ao invés disso, como eu me sentava perto dele, não pude deixar de notar que ele fazia uma caricatura do pregador, dando ao respeitável, pio e idoso cavalheiro o ar e o aspecto de um velho hipócrita dos mais absurdos. E ainda, quando voltávamos, ele falava à minha tia sobre o sermão com um grau de modesto e sério detalhamento que me instou a crer que ele realmente assistira e aprendera com o discurso.

Pouco antes do jantar, meu tio me convocou à biblioteca para a discussão de um assunto muito importante, que foi tratado em poucas palavras.

‘Então, Nell’, ele disse, ‘este jovem Huntingdon me pediu a sua mão: o que devo responder? Sua tia responderia “não” – mas o que diz você?’

‘Digo sim, tio’, repliquei, sem um momento de hesitação; pois eu já tinha tomado minha decisão irrevogavelmente.

‘Muito bem!’ ele exclamou. ‘Esta sim que é uma resposta bem honesta - maravilhoso para uma garota! – Bem, escreverei para o seu pai amanhã. Ele deverá dar seu consentimento; assim, considere o assunto por encerrado. Posso lhe dizer que você teria feito um negócio melhor se tivesse aceito Wilmot; mas não acreditará. Na sua idade, é o amor que faz o assado; na minha, é o sólido e o resistente ouro. Suponho, então, que sequer sonhou em olhar para o estado das finanças de seu marido ou se preocupou com o dote, ou qualquer coisa do gênero?’

‘Eu acho que não.’

‘Bem, seja grata então por ter cabeças mais sábias para pensar por você. Não tive tempo ainda de examinar completamente os negócios desse jovem escroque, mas vejo que uma grande parte da boa propriedade de seu pai foi esbanjada; - mas, contudo, acho, há uma boa parte que restou e um pouco de cuidadosa assistência ainda pode fazer dela uma coisa bonita; e então devemos persuadir seu pai a lhe dar uma fortuna decente, pois ele tem apenas uma pessoa além de você para cuidar; - e, caso se comporte bem, quem sabe se eu não possa ser induzido a lembrar de você em meu

testamento!’ continuou ele, colocando os dedos no nariz, com uma piscadela sagaz.

‘Obrigado, tio, por isso e por toda a sua bondade’, repliquei.

‘Bem, questioneei esse jovem galante sobre a questão do dote’, ele prosseguiu; ‘e ele parece disposto a ser generoso o suficiente neste aspecto...’

‘Eu sabia que ele seria!’ disse eu; ‘Mas por favor, não se incomode – ou a ele, ou a mim, com isso; pois tudo o que tenho será dele e tudo o que ele tem, meu; e o que mais poderia um de nós querer?’ E estava prestes a me retirar, mas ele me chamou de volta.

‘Pare, pare!’ ele exclamou; ‘não mencionamos a data ainda. Quando deve ser? Sua tia adiará até sabe Deus quando, mas ele está ansioso para se casar o mais rápido possível: ele não vai querer esperar além do mês que vem; e você, acho, pensará da mesma forma, então...’

‘Nem um pouco, tio; ao contrário, gostaria de esperar o Natal passar, pelo menos.’

‘Oh! Basta, basta! Não me diga – eu sei mais’, exclamou; e persistiu em sua incredulidade. Apesar disso, é bem verdade. Não estou nem um pouco com pressa. Como poderia ser, quando penso da instantânea mudança que me aguarda e de tudo que terei de deixar? É felicidade o suficiente saber que seremos unidos; e que ele realmente me ama e que posso amá-lo com tanta devoção, e pensar nele com a frequência que quiser. Porém, insisti em consultar minha tia sobre a data do casamento, pois me decidi a não desconsiderar totalmente seus conselhos; e nenhuma decisão sobre este ponto vai ser feita, ainda.

[1] Criado pelo poeta inglês Sir John Suckling, no início do século XVII, cribbage é um jogo para 2 a 4 pessoas, no qual cada jogador tenta formar combinações de cartas para acumular pontos em uma série de mãos.

CAPÍTULO XXI

Primeiro de outubro.

Tudo está arranjado, agora. Meu pai deu seu consentimento e a data será o Natal, por um tipo de compromisso entre os respectivos advogados pela pressa e pela protelação. Milicent Hargrave será uma madrinha e Annabella Wilmot, a outra – não que eu goste particularmente da última, mas ela é íntima da família e eu não tenho outra amiga.

Quando disse à Milicent sobre meu noivado, ela, antes, me provocou pela sua maneira de falar a respeito. Depois de me fitar por um momento, em muda surpresa, ela disse – ‘Bem, Helen, suponho que eu deva congratulá-la – e estou feliz por vê-la tão feliz; mas não acho que você deva se casar com ele; e não posso evitar me sentir surpresa por você gostar tanto dele.’

‘Por quê?’

‘Porque você é tão superior a ele, em todos os aspectos, e há algo tão impertinente e precipitado nele – então, nem sei como – mas sempre sinto um desejo de sair de seu caminho quando o vejo se aproximar.’

‘Você é tímida, Milicent; mas isso não é culpa dele.’

‘E então, seu semblante’, continuou ela. ‘As pessoas dizem que ele é bonito e claro que é; mas não gosto daquele tipo de beleza e me surpreende que você sim.’

‘Por que, por favor?’

‘Bem, você sabe, acho que não há nada nobre ou altivo em sua aparência.’

‘Na verdade, você está surpresa por eu poder gostar de alguém tão diferente daqueles fantasiosos heróis de romances. Bem, dê-me meu namorado de carne e osso, e deixarei todos os Sir Herberts e os Valentines para você – se puder encontrá-los.’

‘Eu não os quero’, disse ela. ‘Ficarei satisfeita com carne e osso também – apenas o espírito deve brilhar e predominar. Mas você não acha que o rosto do Sr. Huntingdon é muito vermelho?’

‘Não!’ exclamei, indignada. ‘Nem um pouco vermelho. Há apenas uma agradável incandescência, um saudável frescor em sua compleição – a cálida e rosada matiz do todo se harmonizando com a tonalidade mais profunda das bochechas, exatamente como deve ser. Odeio homens que sejam vermelhos e brancos, como uma boneca pintada, ou de um branco totalmente doentio, ou de um negror esfumaçado, ou de um amarelo cadavérico.’

‘Bom, gosto não se discute – mas eu aprecio pálido ou moreno’, ela replicou. ‘Porém, para lhe dizer a verdade, Helen, estive me iludindo com a esperança de que, algum dia, você seria minha irmã. Esperei que Walter lhe fosse apresentado na estação seguinte; e pensei que você gostaria dele e estava certa de que ele gostaria de você; e me gabei por que, assim, eu teria a felicidade de ver as duas pessoas que mais gosto no mundo – exceto minha mãe – unidos em um. Ele pode não ser exatamente o que você chama de bonito, mas tem uma aparência bem mais distinta, mais bela e melhor do que a do Sr. Huntingdon; - e tenho certeza de que concordaria, caso o conhecesse.’

‘Impossível, Milicent! Você acha isso porque você é irmã dele; e, por isso, eu a perdoo; porém, ninguém mais deverá depreciar o Arthur Huntingdon para mim impunemente.’

A Srta. Wilmot expressou seus sentimentos sobre o assunto quase tão abertamente.

‘Então, Helen’, ela disse, vindo até a mim com um sorriso sem expressar amizade, ‘você será a Sra. Huntingdon, suponho?’

‘Sim’, repliquei. ‘Você não me inveja?’

‘Oh, querida, não!’ ela exclamou. ‘Provavelmente serei Lady Lowborough algum dia e então você sabe, querida, deverei estar em posição de perguntar, “Você não me inveja?”’

‘De agora em diante, não invejarei mais ninguém’, devolvi.

‘Claro! Está muito feliz, então?’ disse ela, pensativamente; e algo muito semelhante a uma nuvem de desapontamento obscureceu seu rosto. ‘E ele a ama – quero dizer, ele a idolatra tanto quanto você a ele?’ ela acrescentou, fixando seus olhos sobre mim com uma ansiedade mal disfarçada pela resposta.

‘Eu não quero ser idolatrada’, respondi. ‘mas estou bem certa de que ele me ama mais do que qualquer pessoa no mundo – como eu a ele.’

‘Exatamente’, disse ela, com um meneio. ‘Eu desejo – ‘ ela pausou.

‘O que você deseja?’, perguntei, incomodada com a vingativa expressão de seu semblante.

‘Desejo’, ela retomou, com um breve riso, ‘que todos os pontos de atração e as desejáveis qualificações dos dois cavalheiros sejam unidas em um – que Lord Lowborough tivesse o belo rosto e o bom temperamento do Sr. Huntingdon, e toda a sua perspicácia, jovialidade, e encanto, e que o Sr. Huntingdon tivesse a linhagem de Lowborough, e o título, e o delicioso assento da família, e que eu o tivesse; e você poderia ter o outro e tudo bem.’

‘Obrigado, cara Annabella: estou muito satisfeita com as coisas como elas são, de minha própria parte; e para você, desejo que fosse bem contente com o que lhe virá como sou com o que me virá’, disse eu; e era bem verdade; pois, embora irritada, no começo, com seu espírito nada amigável, sua franqueza me tocou e o contraste entre nossas situações era tal, que eu bem poderia me condoer por ela e desejar-lhe tudo de bom.

Os amigos do Sr. Huntingdon parecem não estar mais felizes com nossa vindoura união do que os meus. O correio desta manhã trouxe-lhe cartas de muitos de seus amigos, durante a leitura das quais, na mesa do café da manhã, ele despertou a atenção do grupo pela singular variedade de seus trejeitos. Mas ele as esmagou todas dentro de seu bolso, com um riso interno e nada disse até que a refeição estivesse concluída. Então, enquanto o grupo estava ao redor da lareira ou tardando pela sala, antes de se dedicar aos seus passatempos variados da manhã, ele se aproximou e se apoiou nas costas de minha cadeira, com seu rosto em contato com meus cachos e começando com um tranquilo beijinho, despejou as seguintes reclamações em meus ouvidos:

‘Helen, sua bruxa, você sabe que me legou as maldições de todos os meus amigos? Escrevi a eles há alguns dias, para contar-lhes das minhas felizes perspectivas e agora, ao invés de um monte de congratulações, tenho o bolso cheio de amargas execrações e reprovações. Não há um desejo bom sequer ou uma boa palavra para você, entre todas. Eles dizem que não

haverá mais diversões, não haverá mais dias alegres e noites gloriosas – e tudo por minha culpa – sou o primeiro a sair do jovial bando e os outros, por puro desespero, seguirão meu exemplo. Eu era a própria vida e escora da comunidade, eles me honram em dizer e vergonhosamente traí minha confiança...’

‘Você pode se juntar a eles novamente, se quiser’, disse eu, de certa forma ressentida com o tom lamentoso de seu discurso. ‘Devo me desculpar por me intrometer entre qualquer homem – ou reunião de homens e tanta felicidade; e, talvez, eu possa viver sem você, assim como seus pobres e abandonados amigos.’

‘Bendita seja, não’, ele murmurou. ‘É “tudo por amor ou o mundo perdido”, comigo. Deixe-os ir – para onde eles pertencem, falando educadamente. Mas se visse como eles me abusam, Helen, você me amaria mais por ter me aventurado tanto pelo seu bem.’

Ele retirou suas cartas amarrotadas. Pensei que ele me fosse mostrá-las e lhe disse que não queria vê-las.

‘Não irei mostrá-las a você, amor’, ele disse. ‘Elas não são apropriadas para os olhos de uma dama – a maior parte delas. Mas olhe aqui. Esta é a garatuja de Grimsby – apenas três linhas, aquele cão mal-humorado! Ele não diz muito, isso é certo, mas seu próprio silêncio implica em mais do que as palavras dos outros e quanto menos ele diz, mais ele pensa – e esta é a missiva de Hargrave. Ele está particularmente ofendido comigo, porque, de fato, ele se apaixonou por você por causa dos relatos de sua irmã e queria ter se casado consigo assim que ele tivesse semeado seu bromo.’

‘Estou muito agradecida a ele’, observei.

‘Assim como eu’, ele disse. ‘E olhe isso. Esta é de Hattersley – cada página repleta de más acusações, amargas maldições e lamentáveis reclamações, terminando com um juramento de que ele irá se casar por vingança: ele se atirará à primeira velha criada que escolher jogar sua touca para ele – como se ele se importasse com o que faz a si mesmo.’

‘Bem’, eu disse, ‘se você realmente desistir da intimidade desses homens, acho que não terá muito motivo para lamentar a perda de sua companhia; pois é de minha crença que eles nunca lhe fizeram muito bem.’

‘Talvez não; mas fizemos uma época feliz disso, também, embora mesclada de tristeza e dor, como sabe bem Lowborough o seu preço – Ha ha!’ e, enquanto ele estava rindo com a lembrança dos problemas de Lowborough, meu tio veio e bateu em seu ombro.

‘Venha, meu rapaz!’ ele disse. ‘Você está muito ocupado namorando com a minha sobrinha para declarar guerra aos faisões? – Primeiro de outubro, lembre-se! – O sol brilha – a chuva parou – até Boarham não teme se aventurar com suas botas impermeáveis; e Wilmot e eu vamos derrotar todos vocês. Eu declaro, nós, a velha guarda, somos os esportistas mais bem preparados da turma!’

‘Eu lhe mostrarei o que posso fazer hoje, porém’, disse meu companheiro. ‘Assassinarei seus pássaros aos montes, somente por me manter distante de melhor companhia do que você e eles.’

E, assim dizendo, ele saiu; e não o vi mais até o jantar. Pareceu-me um tempo aborrecido; pergunto-me o que deverei fazer sem ele.

É bem verdade que os três cavalheiros mais velhos se provaram esportistas de mira mais precisa do que os dois mais jovens; pois tanto Lord Lowborough e Arthur Huntingdon têm recusado as últimas excursões quase diariamente para nos acompanhar em nossos vários passeios e caminhadas. Mas estas épocas felizes estão logo chegando ao seu fim. Em menos do que a noite seguinte o grupo se dispersará, muito para a minha tristeza, pois a cada dia, aprecio-o mais e mais – agora que os senhores Boarham e Wilmot pararam de me chatear, e minha tia, de me repreender, e eu, de ter ciúmes de Annabella – e mesmo de não gostar dela – e, agora que o Sr. Huntingdon se tornou meu Arthur e posso apreciar sua companhia sem moderação. O que eu devo fazer sem ele, repito?

CAPÍTULO XXII

5 de outubro.

Minha taça de doces está misturada: está diluída em um amargor que não posso esconder de mim mesma, dissimular como gostaria. Posso tentar me persuadir de que a doçura a supera; posso chamá-la de um agradável sabor aromático; mas qualquer coisa que eu diga, ele ainda está lá, e apenas posso sentir seu gosto. Não posso fechar meus olhos aos erros de Arthur; e, quanto mais eu o amo, mais eles me incomodam. Seu próprio coração, que eu confiei tanto, é, temo, menos cálido e generoso do que pensei. Pelo menos, ele me deu uma amostra de seu caráter, hoje, que me pareceu merecer um nome pior do que descuido. Ele e Lord Lowborough estavam acompanhando Annabella e eu em um longo e prazeroso passeio; ele estava montado ao meu lado, como sempre, e Annabella e Lord Lowborough estavam um pouco atrás de nós, o último se inclinando para a sua companheira com se em terno e confidencial discurso.

‘Aqueles dois vão roubar a primazia de nós, Helen, se não nos cuidarmos’, observou Huntingdon. ‘Eles vão se casar, isso é tão certo quanto pode ser. Este Lowborough está devidamente enfeitiçado. Mas ele se encontrará em maus lençóis quando conquistá-la, desconfio.’

‘E ela se encontrará em maus lençóis quando conquistá-lo’, eu disse, ‘se o que eu ouvi dele for verdade.’

‘Nem um pouco. Ela sabe o que quer; mas ele, pobre tolo, se ilude com a noção de que ela o provera com uma boa esposa e porque ela o diverte com alguma fanfarronice sobre menores posição e riqueza em questões de amor e casamento, ele se gaba de que ela está devotadamente ligada a ele; que ela não o recusará por causa de sua pobreza e que não o corteja pela sua posição, mas que o ama por ele mesmo.’

‘Mas ele não está a cortejando pela sua fortuna?’

‘Não, não ele. Esta certamente foi a sua primeira atração; mas agora, ele já não mais a enxerga: nunca entra em seus cálculos, exceto meramente, como algo essencial, sem o qual, pelo próprio bem da dama, ele não poderia pensar em se casar com ela; Não; ele está mesmo apaixonado. Ele pensou que nunca estaria novamente, mas está, outra vez. Ele estava prestes a se

casar antes, cerca de dois ou três anos atrás; mas ele perdeu sua noiva ao dissipar sua fortuna. Ele foi pelo mau caminho, entre nós, em Londres: ele tinha um desafortunado gosto pelo jogo; e seguramente o rapaz nasceu sem sorte, pois ele sempre perdia três vezes onde ganhava uma. Este é um modo de se atormentar no qual nunca fui muito interessado. Quando gasto meu dinheiro, gosto de apreciar seu valor por inteiro: não vejo graça em desperdiçá-los com ladrões e renegados; e, sobre ganhar dinheiro, até então tive o suficiente; a hora de se apertar por mais, acho, é bem quando se vê o final do quanto você tem. Mas às vezes eu frequentei as casas de jogo apenas para observar o que acontece com estes loucos devotos da sorte – um estudo muito interessante, asseguro-lhe, Helen, e ocasionalmente deveras divertido: já ri muito com os simplórios e os maníacos. Lowborough estava muito apaixonado – não porque queria, mas por necessidade – ele sempre decidia parar e sempre quebrava suas resoluções. Cada aventura era ‘apenas uma mais’: se ele ganhasse um pouco, esperava ganhar mais um pouco adiante, e se perdesse, não poderia sair naquele ponto; ele deveria prosseguir até que recuperasse seu último infortúnio, pelo menos: a má sorte não poderia durar para sempre; e cada jogada de sorte era considerada como a aurora de tempos melhores, até que a experiência provava o contrário. Por fim, ele se tornou desesperado e estávamos vigiando diariamente, para o caso de felo-de-se[1] - nada muito importante, alguns sussurravam, como sua existência já não era mais uma aquisição ao nosso clube. Finalmente, ele decidiu parar. Fez uma grande aposta, que ele determinou ser a última, perdesse ou ganhasse. Ele fora muitas vezes determinado antes, certamente, e violou com bastante frequência sua determinação; e assim era daquela vez. Ele perdeu: e, enquanto seu antagonista sorridentemente recolhia seus ganhos, ele se tornou branco como um giz, recuou em silêncio e enxugou a testa. Eu estava presente naquele momento; e, enquanto ele permanecia com os braços cruzados e os olhos fixos ao chão, eu bem sabia o que estava se passando em sua mente.

“Esta será a última, Lowborough?” eu disse, me aproximando dele.

“A última, depois dessa”, ele respondeu, com um sorriso sombrio; e, então, correndo de volta para a mesa, ele bateu sua mão contra ela e, erguendo a voz bem acima de toda a confusão de moedas tilintando, promessas e xingamentos murmurados pela sala, ele fez um profundo e

solene juramento que, acontecesse o que fosse, esta tentativa seria a última e rogou indizíveis maldições sobre sua cabeça se ele voltasse a embaralhar cartas ou sacudir a caixa de dados mais uma vez. Então, ele duplicou sua aposta anterior e desafiou qualquer presente a jogar contra ele. Grimsby imediatamente se apresentou. Lowborough olhou ferozmente para ele, pois Grimsby era quase tão celebrado por sua sorte quanto ele era por seu azar. Porém, começaram o jogo. Acontece que Grimsby tinha muita habilidade e pouco escrúpulo, e se ele aproveitou do tremor e da ânsia cega do outro para derrotá-lo injustamente, não posso me comprometer a dizer; mas Lowborough perdeu outra vez e caiu mortalmente doente.

“É melhor tentar uma outra vez”, disse Grimsby, inclinando-se sobre a mesa. E, então, ele piscou para mim.

“Não tenho com o que jogar”, disse o pobre diabo, com um sorriso horrível.

“Oh, Huntingdon lhe emprestará o quanto você quiser”, disse o outro.

“Não; você ouviu meu juramento”, respondeu Lowborough, voltando-se em calmo desespero. Peguei-o pelo braço e o conduzi para fora.

“Esta será a última, Lowborough?” perguntei, quando chegamos à rua.

“A última”, ele respondeu, um pouco contra a minha expectativa. E levei-o para casa – ou seja, nosso clube – pois ele estava submisso como uma criança – e ministrei-lhe conhaque com água até que ele começasse a ficar mais corado – ou melhor, mais vivo, pelo menos.

“Huntingdon, estou arruinado!” ele disse, tomando o terceiro copo de minha mão – bebera os anteriores em um mortal silêncio.

“Não você”, disse eu. “Você descobrirá que um homem pode viver sem seu dinheiro tão alegremente quanto uma tartaruga sem a cabeça ou a vespa sem seu corpo.”

“Mas estou endividado”, ele disse – “profundamente endividado. E eu nunca, nunca poderei me livrar disso.”

“Bem, e daí? Muitos homens melhores do que você viveram e morreram endividados; e eles não podem prendê-lo, sabe, porque é um

lorde.” E lhe entreguei sua quarta dose.

“Mas odeio ter dívidas!” ele gritou. “Não nasci para isso e não posso suportar isso.”

“O que não pode ser curado deve ser aguentado”, eu disse, começando a misturar a quinta.

“E então, perdi minha Caroline.” E ele começou a chorar, pois o conhaque amolecera seu coração.

“Não importa”, respondi, “há outras Carolines no mundo além daquela.”

“Há apenas uma para mim”, ele replicou, com um dolorido suspiro. “E se houvesse outras cinquenta, quem as conquistaria, eu me pergunto, sem dinheiro?”

“Oh, alguém se interessará pelo seu título: e você ainda tem a fazenda de sua família; você sabe que é intransferível.”

“Gostaria muito que poder vendê-la para pagar as dívidas”, ele murmurou.

“E então”, disse Grimsby, que acabara de entrar, “você sabe que pode tentar outra vez. Eu teria mais do que uma chance, se fosse você. Eu nunca pararia agora.”

“Eu não, lhe digo!” ele gritou. E se levantou e deixou a sala – andando um tanto quanto cambaleante, pois a bebida subira à cabeça. Ele não era muito afeito àquilo até então, mas depois disso ele recorria gentilmente à ela para consolar suas dores.

‘Ele manteve seu juramento sobre o jogo (nem um pouco, para surpresa de nós todos), embora Grimsby fizera o possível para tentá-lo a quebrá-lo, mas agora ele se viciara em outro hábito que o incomodava igualmente, pois logo ele descobriu que o demônio da bebida era tão negro quanto o demônio do jogo e quase tão difícil de se livrar quanto – especialmente quando seus bons amigos fizeram tudo o que podiam para secundar os impulsos de seus próprios anseios insaciáveis.’

‘Então, eles eram os próprios demônios’, exclamei, incapaz de conter minha indignação. ‘E você, Sr. Huntingdon, parece, foi o primeiro a tentá-lo.’

‘Bem, o que poderíamos fazer?’ ele respondeu, em tom de censura. – ‘Fizemos isso como favor – não podíamos suportar ver o pobre rapaz tão miserável;- e, além disso, ele era como um balde de água fria para nós, sentando-se acolá em silêncio e carrancudo, quando estava sob a tripla influência – da perda de sua namorada e da sua fortuna, e da reação com o excesso da noite perdida; sendo que, quando lhe dávamos algo, se ele não estava feliz por si só, era uma fonte infalível de alegria para nós. Mesmo Grimsby gargalhava com seus estranhos dizeres: eles o deliciavam muito mais do que minhas alegres pilhérias, ou a turbulenta hilariedade de Hattersley. Mas uma noite, quando estávamos todos sentados bebendo vinho, após um de nossos jantares do clube e todos sendo muito cordiais uns aos outros – Lowborough nos fazendo seus insanos brindes e ouvindo nossas selvagens canções, e aplaudindo efusivamente, se não estivesse nos ajudando ele mesmo a cantar – ele subitamente recaiu em silêncio, afundando a cabeça na mão e não mais erguendo o copo aos lábios;- mas isso não era nada novo; então o deixamos em paz e seguimos com a algazarra até que, repentinamente erguendo sua cabeça, ele nos interrompeu no meio de uma gargalhada exclamando: ‘Cavalheiros, onde terminará tudo isso? – Vocês podem me dizer? Onde tudo isso terminará?’ Ele se ergueu.

“Um discurso, um discurso!” gritamos. “Ouçam, ouçam! Lowborough irá discursar para nós!”

‘Ele esperou tranquilamente que o espoucar dos aplausos e o tilintar dos copos se esmorecessem e então prosseguiu – “É apenas isso, cavalheiros – que eu acho melhor não continuarmos. Melhor pararmos enquanto podemos.”

“Isso mesmo!” exclamou Hattersley –

“Pare, pobre pecador, pare e pense Antes de seguir adiante Não mais brinque sobre a borda Da miséria eterna.”

“Exatamente!” replicou o lorde, com extrema gravidade. “E se escolherem visitar o buraco sem fundo, não irei com vocês – devemos nos separar, pois juro que não mais darei um passo nesta direção! – O que é isso?” ele disse, pegando seu copo de vinho.

“Prove”. sugeri eu.

“Este é o caldo do inferno!” ele exclamou. “Renuncio a ele para sempre!” E ele jogou o líquido no meio da mesa.

“Encha novamente!” eu disse, entregando-lhe a garrafa – “e deixemos beber à sua renúncia.”

“Isso é um veneno grosseiro”, ele disse, agarrando a garrafa pelo gargalo, “e eu o abomino! Abandonei o jogo e abandonarei isso também.” Ele estava a ponto de, deliberadamente, despejar todo o conteúdo do vasilhame na mesa, mas Hargrave o tomou dele. “Que a maldição caia sobre você”, disse ele. E, afastando-se da sala, gritou, “Adeus, seus tentadores!” e se foi, entre risos e aplausos.

‘Esperamos que estivesse de volta entre nós no dia seguinte; mas, para a nossa surpresa, o lugar permaneceu vazio: não o vimos por uma semana inteira; e começamos a pensar que, realmente, ele iria manter a sua palavra. Por fim, em uma noite, quando a maioria de nós estava reunida outra vez, ele entrou, silencioso e horrível como um fantasma, e teria se deslizado tranquilamente para o seu lugar habitual, ao meu lado, mas todos nós nos levantamos para recebê-lo e muitas vozes se ergueram para perguntar o que lhe acontecera, e muitas mãos se ocuparam com a garrafa e com o copo para servi-lo; mas eu sabia que uma dose fumegante de conhaque com água melhor o reconfortaria, e já tinha quase a preparado, quando ele a empurrou, de mau humor, dizendo:

“Deixe-me em paz, Huntingdon! Todos vocês, fiquem quietos! Não venho para me juntar a vocês: apenas estou aqui para ficar um momento, porque não posso suportar meus próprios pensamentos.” E ele cruzou os braços e se recostou na cadeira; e assim o deixamos ficar. Mas mantive o copo próximo a ele; e, depois de algum tempo, Grimsby chamou-me a atenção para ele, com uma significativa piscada; e, ao virar minha cabeça, vi que estava vazio até o fundo. Ele me fez um sinal para enchê-lo mais uma vez e discretamente empurrou a garrafa. Fi-lo de bom grado; mas Lowborough descobriu a encenação e, irritado com os risos comunicativos que eram trocados entre nós, agarrou o copo de minha mão, lançou o líquido ali dentro no rosto de Grimsby, jogou o copo em mim e disparou para fora da sala.’

‘Espero que tenha quebrado sua cabeça’, eu disse.

‘Não, amor,’ ele replicou, rindo exageradamente com a lembrança de todo o caso; ‘ele teria feito isso – e, talvez, arruinado meu rosto, também, mas, providencialmente, esta floresta de cachos’ (tirando seu chapéu e mostrando seus vastos cachos castanhos) ‘salvou meu crânio e evitou que o copo se quebrasse, até que atingisse a mesa.’

‘Depois disso’, ele continuou, ‘Lowborough se manteve longe de nós por mais uma semana ou duas. Eu costumava me encontrar com ele ocasionalmente, na cidade; e então, como eu era de muito boa natureza para me ressentir de sua conduta inapropriada e ele não tinha más intenções contra mim – ele nunca se recusou a falar comigo; pelo contrário, ele se agarraria a mim e me seguiria a todos os lugares, menos ao clube, e às casas de jogo, e tais lugares perigosos de refúgio – ele estava tão farto de sua própria insípida e melancólica mente. Por fim, convenci-o a me acompanhar até o clube, com a condição de que eu não o tentaria fazê-lo beber; e, por algum tempo, ele continuou a nos visitar quase regularmente à noite – ainda abstinente, com uma perseverança maravilhosa, do “grosseiro veneno” que ele tão bravamente renegou. Mas alguns de nossos membros protestaram contra sua conduta. Eles não gostavam de tê-lo sentado ali como um esqueleto em uma festa, ao invés de dar sua contribuição à diversão geral, lançando uma nuvem sobre tudo e observando, com olhos ambiciosos, cada gota que levavam aos lábios – eles afirmavam que não era justo; e alguns deles sustentavam que ele deveria ser obrigado a fazer como os demais ou excluído da sociedade; e juraram que, da próxima vez que ele aparecesse, eles lhe diriam tudo aquilo e, se ele não considerasse o aviso, seguiriam para as medidas ativas. Porém, fiquei ao lado dele naquela ocasião e recomendei a eles que o deixassem assim por um tempo, declarando que, com um pouco de paciência de nossa parte, ele logo se aprumaria novamente. Mas, para estar certo, era mais provocação; pois, embora ele se recusasse a beber como um bom cristão, era bem sabido para mim que ele mantinha uma garrafa escondida de láudano com ele, da qual ele se embriagava – ou melhor, pegando e largando, se abstendo um dia e se excedendo no seguinte – conforme se lhe dava.

‘Uma noite, entretanto, durante uma de nossas orgias – uma de nossas grandes festas, quero dizer – ele surgiu, como o fantasma em “Macbeth” e se sentou, como de hábito, um pouco distante da mesa, na

cadeira sempre colocada para o “espectro”, seja para sentar-se nela ou não. Vi pelo seu rosto que ele estava sofrendo dos efeitos do excesso de seu insidioso confortante; mas ninguém falou com ele e ele, com ninguém. Alguns olhares para o lado e uma observação sussurrada, que “o fantasma chegara”, foi toda a percepção que ele causou com a sua aparição e seguimos com nossa feliz comemoração como antes, até que ele assustou a todos nós ao puxar de repente sua cadeira e se inclinar para a frente com os cotovelos sobre a mesa, exclamando com portentosa solenidade – “Bem! Intriga-me que vocês possam descobrir como ser tão felizes. O que vocês veem na vida, eu não sei – apenas vejo o negror da escuridão e uma temerosa espera por julgamento e ardente indignação!”

‘Todo o grupo simultaneamente empurrou os copos para ele e eu os ordenei em um semicírculo à sua frente e, batendo levemente em suas costas, pedi que bebesse, para que logo visse um futuro tão brilhante quanto o de todos nós; mas ele os afastou, resmungando:

“Leve-os para longe! Eu lhes digo, não beberei. Não beberei – não beberei!” Então entreguei-os aos seus donos; mas vi que ele os seguia com um olhar de faminto arrependimento enquanto se iam. Daí ele entrelaçou as mãos diante dos olhos para bloquear a visão e dois minutos depois ergueu a cabeça novamente, e disse, em um sussurro rouco, porém veemente -

“Porém, eu devo! Huntingdon, dê-me um copo!”

“Pegue a garrafa, homem!” eu disse, enfiando a garrafa de conhaque em sua mão – mas pare, estou falando demais’, resmungou o narrador, assustado com o olhar que lancei sobre ele. ‘Mas que importa’, ele acrescentou indiferentemente e, portanto, continuou seu relato: ‘em sua ânsia desesperada, ele agarrou a garrafa e bebeu do gargalo até cair repentinamente de sua cadeira, desaparecendo sob a mesa entre uma tempestade de aplausos. A consequência de sua imprudência foi algo como um desmaio apoplético, seguido de uma severa febre mental..’

‘E o que você acha de si mesmo, senhor?’ eu disse, rapidamente.

‘Claro, eu estava muito arrependido’, ele replicou. ‘Fui vê-lo uma ou duas vezes - não, duas ou três vezes – por nossa Senhora, umas quatro vezes – e, quando ele melhorou, ternamente o levei de volta para a congregação.’

‘O que você quer dizer?’

‘Que eu o devolvi ao coração do grupo e, misericordioso com a fragilidade de sua saúde e extrema deterioração do seu espírito, recomendei que “tomasse um pouco de vinho para o bem de seu estômago” e, quando ele já estava suficientemente restabelecido, a adotar o meio termo, *ni-jamais-ni-tourjours* [2] – não se matar como um tolo e não se abster como um bobo – em uma palavra, aproveitar a si mesmo como uma criatura racional e fazer como eu fazia; pois não pense, Helen, que sou um beberrão; não sou nada deste tipo e nunca fui, e nunca serei. Dou muito valor ao meu conforto. Vejo que um homem não pode se entregar à bebida sem ser miserável na metade de um dia e louco no outro; além disso, gosto de apreciar minha vida de todos os modos e meios, o que não pode ser feito por alguém que se submete a ser escravo de uma única propensão – e, além do mais, a bebida destrói a boa aparência’, ele concluiu, com um sorriso mais do que presunçoso, que deveria ter me provocado mais do que fez.

‘E seu conselho fez bem a Lord Lowborough?’ perguntei.

‘Veja, sim, por um lado. Por algum tempo ele se deu muito bem; de fato, ele era um modelo de moderação e prudência – algo demasiado para os gostos de nossa selvagem comunidade; mas, de alguma forma, Lowborough não tinha o dom da moderação: se ele tropeçasse um pouco para o outro lado, deveria descer antes de se aprumar; se ele ultrapassava o limite em uma noite, os efeitos o faziam tão miserável, no dia seguinte, que ele deveria repetir a ofensa para corrigi-la; e assim foi, dia após dia, até que sua exigente consciência o levou a se posicionar. E então, em seus momentos de sobriedade, ele importunava tanto seus amigos com seu remorso, e seus terrores e medos, que eles eram obrigados, em autodefesa, a fazê-lo escoar suas mágoas pelo vinho ou qualquer outra bebida potente que estivesse à mão; e quando seus primeiros escrúpulos de consciência fossem superados, ele não precisaria de mais persuasão, ele se tornaria, frequentemente, desesperado e um patife tanto quanto qualquer um poderia desejar – mas apenas para lamentar mais a própria e indizível maldade e degradação, quando o acesso terminava.

‘Por fim, um dia quando estávamos apenas eu e ele, depois de ponderar por um momento em um de seus ânimos sombrios e abstratos,

com os braços cruzados e a cabeça afundada no peito, ele de súbito despertou e veementemente agarrando meu braço, disse:

“Huntingdon, isso não pode mais ficar assim! Estou decidido a acabar com isso.”

“O que, vai atirar em si mesmo?” eu disse.

“Não; irei me corrigir.”

“Oh, nada novo! Você esteve para se corrigir nestes mais de doze meses.”

“Sim, mas você não me deixou; e fui muito tolo por não poder viver sem você. Mas agora vejo o que me segura e o que deseja me salvar; e eu moveria céu e terra para consegui-lo – apenas temo que não haja mais chances.” E suspirou como se seu coração fosse partir.

“O que é isso, Lowborough?” eu disse, pensando que ele estivesse, finalmente, arrebatado.

“Uma esposa”, ele respondeu; “pois não posso viver sozinho, porque minha própria mente me confunde e não posso viver consigo, porque você joga a tentação do demônio contra mim.”

“Quem... eu?”

“Sim – todos vocês – e você mais do que os outros, bem sabe. Mas se eu pudesse arranjar uma esposa, com dinheiro o suficiente para quitar minhas dívidas e me ajeitar no mundo –“

“Com certeza”, disse eu.

“E com doçura e bondade o suficiente”, ele continuou, “para tornar o lar tolerável e para me reconciliar comigo mesmo, ainda acho que devo fazê-lo. Nunca me apaixonarei novamente, isso é certo; mas talvez isso não seja de grande importância e me capacitaria a escolher com consciência – e eu deveria me tornar um bom marido apesar disso; mas poderia alguém se apaixonar por mim? – eis a questão. Com sua beleza e poder de fascinação” (ele estava satisfeito em dizer-lo), “eu poderia ter esperanças; mas desse jeito, Huntingdon, você acha que alguém me aceitaria – arruinado e miserável como estou?”

“Sim, certamente.”

“Quem?”

“Ah, alguma velha criada rejeitada, afundando-se rapidamente no desespero, teria o maior prazer de...”

“Não, não”, disse ele – “deve ser alguém que eu possa amar.”

“Por que, se você acabou de dizer que nunca se apaixonaria novamente!”

“Bem, amor não é bem a palavra – alguém de quem eu possa gostar. Procurarei por toda a Inglaterra, em todo o caso!” ele exclamou, com um súbito irromper de esperança ou desespero. “Conseguindo ou não, será melhor do que correr abruptamente para a destruição naquele maldito clube: então, adeus a ele e a você. Sempre que eu encontrá-lo em lugares honestos ou sob um teto cristão, ficarei feliz em vê-lo; mas nunca mais me instigue a ir àquele covil do diabo!”

‘Ele falou meio ofensivamente, mas eu apertei sua mão e nos despedimos. Ele manteve sua palavra; e, desde aquele momento, ele foi um padrão de propriedade tanto quanto posso dizer; mas até ultimamente eu não tinha muito contato com ele. Às vezes, ele buscava minha companhia, mas se recolhia com muita frequência, temendo que eu pudesse enganá-lo e levá-lo de volta à destruição, e descobri que seu convívio não era muito divertido, especialmente quando, ocasionalmente, ele tentava despertar minha consciência e me salvar da perdição da qual considerava ter escapado; mas, quando acontecia de eu encontrá-lo, raramente esquecia de perguntá-lo sobre o progresso de seus esforços e pesquisas matrimoniais e, em geral, tudo o que ele me respondia era um pobre relato. As mães eram repelidas pelo seu cofre vazio e sua reputação como jogador, e as filhas pelo seu nublado semblante e melancólico temperamento – além disso, ele não as entendia; ele precisava do espírito e da segurança para se firmar.

‘Deixei-o assim quando parti para o continente; e, ao voltar, no final do ano, encontrei-o ainda um desconsolado solteiro – embora, certamente, parecendo-se um pouco menos do que um profano exilado do cemitério do que antes. As jovens damas já não mais o temiam e estavam começando a achá-lo bem interessante; mas as mães ainda estavam inflexíveis. Foi mais ou menos naquele momento, Helen, que meu bom anjo trouxe-me ao seu encontro; e então eu não tinha olhos e ouvidos para ninguém mais. Porém,

no meio tempo, Lowborough conheceu nossa encantadora amiga, a Srta. Wilmot – pela intervenção do seu bom anjo, sem dúvida que ele lhe diria, embora ele não ousasse fixar suas esperanças em alguém tão cortejada e admirada, até depois que foram levados a um contato mais próximo aqui em Staningley, e ela, na ausência dos seus outros admiradores, sem dúvida cortejou sua atenção e manteve todo o encorajamento aos seus tímidos avanços. Então, de fato, ele começou a ter esperança por uma aurora de dias mais brilhantes; e se, por um momento, fez sombra aos seus prospectos por estar entre ele e seu sol – e por muito pouco o lancei de volta ao abismo do desespero – isso apenas intensificou seu ardor e fortaleceu suas esperanças quando escolhi abandonar a área para buscar um tesouro melhor. Em uma palavra, como eu lhe disse, ele está muito embriagado. Primeiramente, ele apenas poderia, indistintamente, perceber as falhas dela, o que lhe deram incômodo suficiente; mas, agora, sua paixão e as artes dela juntos o cegaram para qualquer coisa além de suas perfeições e de sua surpreendente boa sorte. Ele veio até a mim, na última noite, repleto de sua recém encontrada felicidade:

“Huntingdon, não sou um naufrago!” ele disse, agarrando minha mão e sacudindo-a como um vício. “Há ainda felicidade armazenada para mim – mesmo nesta vida – ela me ama!”

“De fato!” disse eu. “Ela lhe disse isso?”

“Não, contudo já não duvido mais disso. Você não vê quão intencionalmente bondosa e afetuosa ela é? E ela conhece a extrema extensão de minha pobreza e não se importa em nada com isso! Ela sabe todos os desatinos e as maldades de minha vida pregressa, e não tem medo de confiar em mim – e minha posição, e meu título, não a atraem; pois ela os despreza intensamente. Ela é o mais generoso e magnânimo ser que se pode conceber. Ela me salvará, corpo e alma, da destruição. Ela já me enobrece em minha própria estima e me fez três vezes melhor, mais sábio, maior do que eu era. Oh! Se a tivesse conhecido antes, quanta degradação e tristeza eu não deveria ter passado! Mas o que eu fiz para merecer uma criatura tão magnífica?”

‘E o ápice da piada’, continuou o Sr. Huntingdon, rindo, ‘é que a rapariga manhosa nada ama nele senão seu título e sua linhagem, e “aquele

delicioso velho assento da família”.

‘Como você sabe?’ eu disse.

‘Ela mesma me contou isso; ela disse, “Quanto ao homem em si, eu o desprezo completamente; mas então, suponho, é hora de eu fazer minha escolha e se aguardei por alguém capaz de invocar minha estima e afeição, não terei de passar minha vida em solteira venturança, pois eu detesto vocês todos!” Ha, ha! Suspeito que ela estivesse errada neste aspecto; mas, porém, é evidente que ela não o ama, pobre rapaz.’

‘Então você deveria dizer isso a ele.’

‘O quê! E estragar todos os seus planos e seu futuro, pobre garota? Não, não: isso seria uma quebra de confiança, não seria, Helen? Ha, ha! Além disso, partiria seu coração.’ E ele riu novamente.

‘Bem, Sr. Huntingdon, não sei o que você vê de tão surpreendentemente divertido na questão; não vejo motivo para rir.’

‘Estou rindo de você, agora, amor’, ele disse, redobrando suas maquinações.

E, deixando-o a apreciar sua felicidade sozinho, toquei Ruby com o chicote e trotei para juntar-me aos companheiros; pois estivemos andando com nossos cavalos por todo este tempo e estávamos conseqüentemente muito atrás. Arthur logo estava ao meu lado de novo; mas, não disposta a conversar com ele, parti em um galope. Ele fez o mesmo; e não moderamos o passo até que emparelhamos com a Srta. Wilmot e Lord Lowborough, que estavam a mais de meia milha dos portões do parque. Evitei posteriores conversas com ele até chegarmos ao final de nosso passeio, quando eu quis pular do meu cavalo e fugir para dentro de casa, antes que ele pudesse oferecer sua ajuda; mas enquanto eu estava soltando meu traje do apoio, ele me ergueu e, segurando-me com as duas mãos, me assegurou de que não me soltaria até que eu o tivesse perdoado.

‘Não tenho nada para perdoar’, eu disse. ‘Você não me fez mal.’

‘Não, querida – Deus me proíba de fazê-lo! Mas você está nervosa porque era para mim que Annabella confessou sua falta de estima pelo seu namorado.’

‘Não, Arthur, não é isso o que me desagrada: é todo o sistema de sua conduta em relação ao seu amigo e se você deseja que eu o esqueça, vá agora e conte-lhe que tipo de mulher é essa que ele adora tão loucamente e sobre quem ele depositou suas esperanças de felicidade futura.’

‘Eu lhe digo, Helen, isso partiria seu coração – seria a sua morte – além de ser um truque escandaloso para a pobre Annabella. Não há ajuda para ele agora; já não adianta mais rezar por ele. Além disso, ela pode manter a decepção até o final do capítulo; e, então, ele ficará tão feliz na ilusão quanto na realidade; ou talvez ele apenas descubra seu erro quando não mais amá-la; e, se não, é muito melhor que a verdade amanheça gradualmente sobre ele. Portanto, meu anjo, espero que você tenha conseguido entender, e esteja totalmente convencida de que não posso fazer a reparação que deseja. Há outras requisições que tem a fazer? Diga e eu obedecerei com satisfação.’

‘Não tenho nenhuma outra além dessa’, eu disse, tão gravemente quanto antes: ‘que, no futuro, você nunca faça graça do sofrimento dos outros e sempre use sua influência sobre seus amigos para o benefício deles próprios, contra as suas más inclinações, ao invés de promover as más inclinações contra eles mesmos.’

‘Farei o meu melhor’, ele disse, ‘para me lembrar e executar as prescrições de minha angélica monitora;’ e, depois de beijar minhas mãos enluvadas, deixou que eu me fosse.

Quando entrei em meu quarto, me surpreendi ao ver Annabella Wilmot diante de meu toucador, metodicamente estudando seus traços no espelho, com uma mão agitando seu chicote de suporte dourado e a outra, segurando seu longo traje.

‘Ela é, certamente, uma criatura magnífica!’ pensei, enquanto observava aquela alta e finamente desenvolvida figura, e o reflexo de seu belo rosto no espelho diante de mim, com seu reluzente cabelo escuro, levemente desarrumado, porém não sem graça, pela força da brisa, a preciosa compleição castanha brilhando com encanto e os olhos negros faiscando um brilho inédito. Ao me perceber, ela se virou, exclamando, com um riso mais com sabor de malícia do que de alegria – ‘Ora, Helen! O que esteve fazendo por tanto tempo? Vim lhe contar minha boa sorte’, ela

continuou, indiferente à presença de Rachel. ‘Lord Lowborough me pediu em casamento e eu graciosamente me satisfiz em dizer sim. Você não me inveja, querida?’

‘Não, amor’, disse eu – ‘nem a ele’, acrescentei em pensamento. ‘E você gosta dele, Annabella?’

‘Gostar dele! Claro que sim – profundamente apaixonada!’

‘Bem, espero que você lhe seja uma boa esposa.’

‘Obrigado, minha querida! E o que mais você deseja?’

‘Espero que vocês se amem um ao outro, e que ambos sejam felizes.’

‘Obrigado; e espero que você seja uma esposa muito boa para o Sr. Huntingdon!’ disse ela, com uma majestosa reverência, e saiu.

‘Oh, Srta! Como pôde dizer isso a ela!’ exclamou Rachel.

‘Dizer o quê?’ repliquei.

‘Oras, que você esperava que ela fosse uma boa esposa. Nunca ouvi tal coisa!’

‘Porque realmente espero isso, ou melhor, desejo isso; ela está quase desesperada.’

‘Bem’, disse ela, ‘estou certa de que ele lhe será um bom marido. Dizem coisas estranhas sobre ele no térreo. Estavam dizendo...’

‘Eu sei, Rachel. Já ouvi de tudo sobre ele; mas ele está corrigido agora. E eles não têm porque contar histórias sobre seus mestres.’

‘Não, mãezinha – ou mais, eles têm dito algumas coisas sobre o Sr. Huntingdon também.’

‘Não as ouvirei, Rachel; eles mentem.’

‘Sim, mãe,’ ela disse, calmamente, enquanto seguia arrumando meu cabelo.

‘Você acredita neles, Rachel?’ perguntei, depois de uma pequena pausa.

‘Não, Srta., nem um pouco. Você sabe que, quando muitos criados se juntam, eles se satisfazem ao falar sobre seus superiores; e alguns, por um pouco de bazófia, gostam de fazer parecer como se soubessem mais do

que realmente sabem e dar pistas e ideias apenas para surpreender os demais. Mas acho, se fosse você, Srta. Helen, eu olharia muito bem antes de pular. Eu realmente acredito que uma jovem dama não pode ser muito cuidadosa com quem ela se casa.’

‘Claro que não’, eu disse; ‘mas seja rápida, está bem, Rachel? Quero ser vestida.’

E, de fato, eu estava ansiosa para me ver livre da boa mulher, pois estava com um espírito tão melancólico que mal pude segurar as lágrimas em meus olhos, enquanto ela me vestia. Não era por Lord Lowborough – não era por Annabella – não era por mim mesma – era por Arthur Huntingdon que elas brotavam.

* * * * *

Dia 13.

Eles se foram e ele se foi. Deveremos ficar separados por mais de dois meses, mais de dez semanas! Muito, muito tempo para viver sem vê-lo. Mas ele me prometeu escrever com frequência e me fez prometer escrever ainda mais, porque ele estará ocupado resolvendo seus negócios e eu não terei nada melhor para fazer. Bem, acho que sempre terei muito o que dizer. Mas, oh!, Pelo tempo em que sempre devemos estar juntos e poderemos trocar nossas ideias sem a intervenção destes frios meios, caneta, tinta e papel!

Dia 22

Já tenho recebido muitas cartas de Arthur. Elas não são longas, mas transmitem doçura e, tal como ele próprio, são cheias de ardente afeição e de um vívido e divertido tom; mas sempre há um ‘porém’ neste mundo imperfeito e eu realmente gostaria que ele fosse sério, às vezes. Não posso fazê-lo escrever ou conversar com real e sólida sinceridade. Não me importo muito com isso agora, mas se for sempre assim, o que devo fazer com a parte séria de mim mesma?

[1] Do latim: crime contra si mesmo, ou seja, suicídio. Naquela época, o suicídio era considerado crime, sendo que os bens do suicida eram confiscados ao rei e o enterro era considerado uma vergonha.

[2] Do francês: nem nunca, nem sempre.

CAPÍTULO XXIII

18 de fevereiro de 1822.

No começo da manhã, Arthur montou seu alazão e partiu, muito contente, para se juntar aos caçadores. Ele estará longe por todo o dia e então eu me entreterei com meu abandonado diário, se é que possa dar tal nome a esta tão irregular composição. Faz exatamente quatro meses que o abri pela última vez.

Estou casada e agora estabelecida como a Sra. Huntingdon de Grassdale Manor. Tenho oito semanas de experiência em meu matrimônio. Arrependo-me do passo que dei? Não, embora deva confessar, em meu íntimo secreto, que Arthur não é o que eu primeiro pensava dele e, se o conhecesse, no princípio, tão completamente quanto o conheço agora, provavelmente nunca o amaria, e se o amava antes, e então fizesse a descoberta, temo que fosse meu dever não me casar com ele. Certamente que poderia tê-lo conhecido melhor, pois todos estavam desejosos o bastante para me falar sobre ele e ele próprio não era um completo hipócrita, mas eu estava conscientemente cega; e agora, ao invés de lamentar que não pude discernir todo o seu caráter antes de estar indissoluvelmente ligada a ele, estou feliz, pois me poupou de uma grande batalha contra minha consciência e das enormes consequências de aborrecimento e dor; e, o que quer que eu tenha feito, meu dever agora é claramente amar e ser fiel a ele, o que vem justamente de encontro às minhas inclinações.

Ele está muito apaixonado por mim, quase demais. Preferiria menos carícias e mais razão. Eu deveria ser menos um animal de estimação e mais uma amiga, se pudesse escolher; mas não reclamarei disso: apenas temo que sua afeição perca em profundidade onde ganha em ardor. Às vezes, a comparo a uma fogueira de brotos e galhos secos em relação à outra, de sólido carvão, muito brilhante e quente; mas se esta deve se consumir e deixar nada além de cinzas, o que devo fazer? Mas não será assim, não devo permitir, a isto estou determinada; e com certeza terei poder para mantê-la acesa. Assim, deixe-me dissipar tal pensamento em definitivo. Mas Arthur é egoísta; sou obrigada a reconhecer isso; e, com efeito, admiti-lo me causa menos dor do que eu esperaria, pois, já que o amo tanto, posso facilmente

perdoá-lo por amar a si próprio: ele gosta de ser agradado e é meu prazer agradá-lo; e, quando lamento tal tendência, é pelo seu próprio bem e não pelo meu.

A primeira amostra que ele deu foi na ocasião de nossa viagem de lua de mel. Ele desejava apressá-la, pois todos os cenários continentais já lhe eram conhecidos: muitos perderam o interesse aos seus olhos e os outros, nada tinham a perder. A consequência foi a de que, depois de um rápido passeio por parte da França e por parte da Itália, voltei quase tão ignorante quanto fui, sem travar relacionamento com pessoas e costumes, e muito pouca com objetos, minha cabeça fervilhando com uma indistinta confusão de coisas e cenários; algumas, é verdade, deixando uma impressão mais profunda e mais agradável do que outras, mas estas estavam carregadas de um amargor com a lembrança de que minhas emoções não haviam sido compartilhadas pelo meu companheiro, mas que, ao contrário, quando eu expressava um interesse particular em algum lugar que via ou desejava ver, lhe era desagradável, porque eu poderia ter prazer com qualquer coisa não relacionada a ele.

Com relação à Paris, apenas a tocamos e ele não me deu tempo de ver um décimo das belezas e dos locais interessantes de Roma. Ele queria me devolver para casa, ele disse, para ter-me totalmente e me ver instalada com segurança como a patroa de Grassdale Manor, apenas como uma pessoa sincera, e ingênua e estimulante, como eu era; e se eu fosse alguma frágil borboleta, ele se expressaria temeroso de esfregar o brilho de minhas asas ao levar-me ao contato com a sociedade, especialmente as de Paris e de Roma; e, além do mais, ele não teve escrúpulos em me dizer que lá haveria damas que inundariam seus olhos caso acontecesse de encontrá-lo comigo.

Claro que tudo aquilo me incomodava; mas, ainda, não era tanto o desapontamento comigo mesma que me perturbava e sim o desapontamento com ele, e o incômodo que eu tivera ao formular desculpas aos meus amigos por ter visto e observado tão pouco, sem imputar uma partícula de culpa ao meu companheiro. Mas, quando chegamos à casa – ao meu novo e prazeroso lar – eu estava tão feliz e ele, tão bondoso, que deliberadamente o perdoei por completo; e estava começando a pensar que meu quinhão era demasiado afortunado e meu marido realmente muito bom para mim, senão para este mundo, quando, no segundo domingo depois de nosso retorno, ele me

chocou e me horrorizou com outro exemplo de sua irracional cobrança. Estávamos indo para casa a pé, voltando da missa matinal, pois estava um frio e belo dia e, como estávamos muito próximos da igreja, requisitei não usarmos a carruagem.

‘Helen’, ele disse, com rara gravidade, ‘não estou muito satisfeito com você.’

Eu quis saber o que estava errado.

‘Você promete se corrigir caso eu lhe conte?’

‘Sim, se eu puder e sem ofender uma autoridade maior.’

‘Ah! Aí está, veja: você não me ama com todo seu coração.’

‘Não o compreendo, Arthur (pelo menos, espero não compreender): por favor, diga-me o que deixei de fazer ou dizer.’

‘Não é nada que deixou de fazer ou dizer; é algo que você é – você é muito religiosa. Veja, eu gosto de uma mulher religiosa e acho que sua crença é um dos seus maiores encantos; mas então, como todas as outras boas coisas, ela pode ter ido muito longe. Para mim, a religião de uma mulher não deveria diminuir a devoção ao seu senhor terreno. Ela deveria ter o bastante para purificar e tornar etérea sua alma, mas não o suficiente para polir seu coração e elevar-se de todas as simpatias humanas.’

‘E estou acima de todas as simpatias humanas?’ eu disse.

‘Não, querida; mas você está progredindo mais em direção a tal santificada condição do que eu gostaria; ao longo destas duas horas estive pensando em você e desejando encontrar seus olhos, e você estava tão absorta em suas devoções que não tinha sequer um relance para mim – eu declaro que isso é o bastante para alguém se tornar ciumento de seu Criador – o que é um grande erro, você sabe; portanto, não suscite más paixões como essa novamente, pelo bem de minha alma.’

‘Eu daria todo o meu coração e minha alma para o Criador, se eu pudesse’, respondi, ‘e nem mais um átomo deles para você do que Ele permitiria. O que é você, senhor, para se posicionar como um deus e ter a pretensão de disputar a posse de meu coração com Ele, a quem devo tudo o que tenho e tudo o que sou, cada bênção que eu já fiz ou possa sempre

apreciar – você mesmo, entre o resto – se for uma bênção, o que estou um pouco inclinada a duvidar.’

‘Não seja muito dura comigo, Helen; e não aperte meu braço assim: você está quase chegando ao osso.’

‘Arthur’, continuei, relaxando a pressão em seu braço, ‘você não me ama a metade do que eu a você; e, ainda, se me amasse bem menos do que eu, não reclamaria, dado que você amaria o Criador ainda mais. Eu deveria me regozijar em vê-lo, a qualquer hora, tão profundamente absorto em suas devoções a ponto de não ter um pensamento sobre mim sequer. Mas, de fato, eu nada perderia com a mudança, pois quanto mais você amasse seu Deus, mais profundo e puro e verdadeiro seria seu amor para mim.’

Com isso, ele apenas sorriu e beijou minha mão, me chamando de doce entusiasta. Então, tirando o chapéu, ele acrescentou: ‘Mas olhe aqui, Helen – o que pode fazer um homem com uma cabeça como esta?’

A cabeça parecia estar bem, mas quando ele colocou minha mão sobre ela, esta afundou-se em um tufo de cachos, ralo o suficiente para causar alarme, especialmente no meio.

‘Você vê que não fui feito para ser um santo’, ele disse, rindo. ‘Se Deus me quisesse como religioso, por que Ele não me daria um órgão apropriado para venerar?’

‘Você é como um criado’, repliquei, ‘que, ao invés de empregar seu grande talento a serviço de seu mestre, o devolve sem melhoria, alegando como desculpa que ele o conhecia como “um homem trabalhador, colhendo onde ele não semeara e recolhendo onde ele não colhera.” Àquele que menos é dado, menos é exigido, mas esforços extremos são requeridos de todos nós. Você possui a capacidade de venerar e de ter fé e esperança, consciência e razão, e todos os demais requisitos para um caráter cristão, caso decida empregá-los; mas todos os nossos talentos aumentam com o uso e toda a faculdade, as boas e as más, fortalecem-se com o exercício: portanto, se escolher usar as más ou aquelas que tendem para o mau, até que se tornem suas mestras, e negligenciar as boas até que elas definham, você será o único culpado. Mas você tem talentos, Arthur – dotes naturais de coração, mente e temperamento, tais como um bom cristão estaria feliz em possuir, apenas se você os empregasse a serviço de Deus. Nunca

esperaria vê-lo como um devoto, mas é bastante possível ser um bom cristão sem deixar de ser um homem feliz e alegre de coração.’

‘Você fala como um oráculo, Helen, e tudo o que diz é irrefutavelmente verdadeiro; mas escute aqui: estou faminto e vejo diante de mim um jantar substancial; me disseram que se eu me abster disso hoje, terei um suntuoso banquete amanhã, consistindo em todos os modos de iguarias e guloseimas. Agora, em primeiro lugar, sou firmemente contrário a esperar até amanhã quando tenho os meios de aplacar minha fome já, diante de mim: em segundo lugar, as sólidas provisões de hoje são mais apetitosas ao meu paladar do que os acepipes que me são prometidos; em terceiro lugar, não vejo o banquete de amanhã e como posso dizer que tudo isso não é uma fábula, contada pelo camarada de rosto engordurado que me aconselha a me abster para que ele fique com toda a boa comida para si mesmo? Em quarto lugar, esta mesa deve ser posta para alguém e como diz Salomão, “Quem pode comer ou quem pode correr até aqui mais do que eu?” e, finalmente, com sua saída, me sentarei e satisfarei meus apetites de hoje, e deixarei o amanhã à deriva em si mesmo – quem sabe não poderei garantir isso e aquilo?”

‘Mas você não é obrigado a se abster do substancial jantar de hoje: é apenas aconselhado a usufruir de tais rústicos víveres moderadamente, para que não lhe seja incapaz de apreciar o banquete superior de amanhã. Se, apesar desse conselho, você decidir se tornar uma besta, agora e comer e beber demais, a ponto de transformar os bons alimentos em veneno, quem será o culpado se, depois, enquanto estiver sofrendo os tormentos da gulodice e da bebedeira de ontem, você vir homens mais temperados sentando-se para se refestelar naquele esplêndido banquete que sua pessoa será incapaz de provar?’

‘Bem verdadeiro, minha santa padroeira; mas, novamente, nosso amigo Salomão diz, “Não há nada melhor para um homem do que beber e comer, e ser alegre.”’

‘E novamente’, devolvi, ‘ele diz, “Exulte-se, Oh jovem, em tua juventude; e siga os caminhos de teu coração, e na visão de teus olhos: mas saibas, que por todas as coisas Deus te levarás a julgamento.”’

‘Bem, mas, Helen, estou certo de que tenho sido muito bom nestas últimas semanas. O que você vê faltando em mim e o que me pediria para fazer?’

‘Nada mais do que você faz, Arthur: suas ações até então são corretas; mas eu mudaria seus pensamentos; fortaleceria você mesmo contra a tentação e não chamaria o mau de bom e o bom de mau; desejaria que pensasse mais profundamente, que olhasse mais adiante e tivesse objetivos maiores do que os que você tem.’

CAPÍTULO XXIV

25 de março.

Arthur está se cansando – não de mim, eu sei, mas da vida ociosa e tranquila que leva – o que não me surpreende, pois ele tem tão poucas fontes de entretenimento: ele nunca lê nada mais do que jornais e revistas de caça; e, quando me vê ocupada com um livro, ele não me deixa em paz até que eu o feche. Quando o clima está bom, ele geralmente passa o tempo muito bem, mas em dias chuvosos, dos quais ultimamente temos tido uma boa quantidade, é muito doloroso testemunhar seu tédio. Faço tudo o que posso para distraí-lo, mas é impossível conseguir com que ele se sinta interessado no que eu mais gosto de conversar, enquanto, por outro lado, ele gosta de falar sobre assuntos que não me atraem – ou, mesmo, me perturbam – e que o agradam – a maior parte deles: pois sua diversão favorita é se sentar ou encostar em mim, no sofá e me contar as histórias de seus amores antigos, sempre terminando com a ruína de alguma confidente garota ou com a traição de algum marido insuspeito; e, quando expresso meu horror e minha indignação, ele coloca toda a culpa no ciúme e ri até que as lágrimas descem pelo seu rosto. Eu costumava me irritar ou desfazer-me em pranto no início, mas vendo que seu prazer aumentava na proporção da minha raiva e da minha agitação, tenho, desde então, tentado suprimir meus sentimentos e receber suas revelações no silêncio do frio desprezo; mas, ainda, ele discerne em meu rosto a íntima batalha e interpreta erroneamente o amargor em minha alma com sua inconveniência em pontadas do ciúme ferido; e, quando ele se divertiu o bastante com isso ou teme que meu desprazer se torne muito sério para o seu conforto, tenta me beijar e me aliviar com sorrisos, novamente – nunca suas carícias foram tão mal recebidas como então! Isso é seu duplo egoísmo exibido a mim e às vítimas de seu amor anterior. Há momentos quando, com uma pontada momentânea – um rompante de intenso terror, eu me pergunto, ‘Helen, o que você fez?’ Mas repreendo o íntimo inquisidor e repilo os intrometidos pensamentos que se acumulam sobre mim; pois, fosse ele dez vezes mais sensual e impenetrável aos bons e altivos pensamentos, eu bem sei que não teria motivos para reclamar. E não reclamo, não reclamarei. Eu o amo e

ainda o amarei; e não me arrependo, nem me arrependerei, de ter juntado meu destino ao dele.

4 de abril.

Tivemos uma discussão declarada. Os detalhes seguem: Arthur me dissera, em momentos diferentes, toda a história de seu caso com a Lady F..., que eu antes não acreditara. Foi de algum consolo, porém, descobrir que, neste caso, a dama era mais culpada do que ele, pois ele era muito jovem naquele tempo e ela decididamente tomara a iniciativa, se o que ele disse era verdade. Eu a odiava por isso, pois parecia que ela contribuía em muito para a sua imoralidade; e, quando ele estava começando a falar sobre ela em um destes dias, implorei para que não a mencionasse, pois eu detestava o próprio som de seu nome.

‘Não é porque você a amou, Arthur, veja, mas porque ela o feriu e enganou seu marido, e era, em seu todo, uma mulher muito abominável a quem você deveria ter vergonha de mencionar.’

Mas ele a defendeu dizendo que ela tinha um marido idoso e bobo, impossível de ser amado.

‘Então, por que ela se casou com ele?’ eu disse.

‘Pelo seu dinheiro’, foi a resposta.

‘Então este é outro crime e sua promessa solene de amá-lo e honrá-lo foi outro, que apenas agravou ainda mais o anterior.’

‘Você é muito severa com a pobre dama’, ele riu. ‘Mas não se preocupe, Helen, não me importo com ela agora; e nunca amei nenhuma delas com a metade do amor que sinto por você, então não precisa temer ser abandonada como as outras.’

‘Se você tivesse me dito estas coisas antes, Arthur, nunca teria lhe dado a chance.’

‘Não, minha querida?’

‘Muito certamente que não!’

Ele riu, incrédulo.

‘Gostaria de poder convencê-lo disso, agora!’ exclamei, afastando-me de seu lado: e, pela primeira vez na minha vida e espero a última, desejei não

ter me casado com ele.

‘Helen’, ele disse, mais seriamente, ‘você sabe que se eu acreditasse agora, deveria estar muito bravo? Mas graças aos céus que não. Embora você fique aí, com seu rosto pálido e seus olhos faiscantes, olhando-me como a própria tigresa, sei que seu coração é, talvez, um pouco melhor do que você mesmo o considera.’

Sem mais palavras, deixei o aposento e me tranquei em meu próprio quarto. Em cerca de meia hora, ele veio até a porta e primeiro tentou a maçaneta, depois bateu.

‘Não me deixará entrar, Helen?’ ele disse.

‘Não; você me irritou’, repliquei, ‘e não quero ver seu rosto ou escutar sua voz novamente até a manhã.’

Ele parou por um momento, como se confuso ou incerto da resposta para tamanho discurso, e então se virou e se afastou. Isso foi apenas uma hora depois do jantar: eu sabia que ele se entediaria ao ficar sozinho por toda a noite; e isso aliviou consideravelmente meu ressentimento, embora não me fizesse apiedada. Eu estava determinada a lhe mostrar que meu coração não era seu escravo e que poderia viver sem ele, caso quisesse; sentei-me e escrevi uma longa carta à minha tia, sem contar, claro, nada disso tudo. Logo depois das dez horas, ouvi-o voltar, mas ele passou pela minha porta e dirigiu-se diretamente ao seu quarto de vestir, onde se fechou por toda a noite.

Eu estava muito curiosa para ver como ele me encontraria pela manhã e não um pouco desapontada ao observá-lo entrar para o aposento do desjejum com um sorriso indiferente.

‘Você ainda está zangada, Helen?’ ele disse, aproximando-se como para me cumprimentar. Virei-me friamente para a mesa e comecei a despejar o café, reparando que ele estava bem atrasado.

Ele emitiu um baixo assobio e dirigiu-se para a janela, onde permaneceu por alguns minutos olhando para o agradável prospecto das sombrias nuvens cinzas, da chuva incessante, do gramado encharcado e das gotejantes árvores desfolhadas e, exclamando xingamentos para o tempo,

sentou para o café da manhã. Enquanto tomava seu café, resmungou que estava ‘frio para caramba’.

‘Você não deveria tê-lo abandonado por tanto tempo’, eu disse.

Ele não respondeu e a refeição foi concluída em silêncio. Foi um alívio para ambos quando a correspondência chegou. Continha, em um exame, um jornal, uma ou duas cartas para ele e um par de cartas para mim, que ele lançou pela mesa sem comentários. Uma era de meu irmão, a outra, de Milicent Hargrave, que está agora em Londres com a sua mãe. As dele, penso, eram cartas de negócios e, aparentemente, ele não deu muito de seu interesse, pois as esmagou dentro de seu bolso com algumas imprecações resmungadas pelas quais eu deveria tê-lo reprovado em alguma outra hora. Ele colocou o jornal diante dele e fingiu estar profundamente absorto pelo seu conteúdo durante o restante do café da manhã e por um considerável período depois.

A leitura e as respostas de minhas cartas, e a ocupação com as questões da casa me propiciaram amplo trabalho pela manhã: depois do almoço, desenhei e, do jantar até a hora de dormir, li. Enquanto isso, o pobre Arthur estava, tristemente, sem ter o que entretê-lo ou ocupar seu tempo. Ele queria parecer tão ocupado e despreocupado como eu. Tivesse o clima permitido e ele, sem dúvida, teria solicitado seu cavalo e partido para alguma distante região, não importa onde, logo depois do café da manhã e não retornado até a noite: tivesse uma dama em qualquer lugar ao seu alcance, de qualquer idade entre quinze e quarenta e cinco anos, e ele teria buscado vingança e encontrado ocupação em erguer, ou em tentar erguer, algum flerte desesperado com ela; mas estando, para minha satisfação em particular, totalmente alijado dessas fontes de diversão, seus sofrimentos eram verdadeiramente deploráveis. Quando ele terminara seu aborrecimento com seu jornal e com as suas rápidas respostas para suas ainda mais curtas cartas, passou o resto da manhã e toda a tarde inquieto, de cômodo em cômodo, observando as nuvens, maldizendo a chuva, uma hora brincando, outra provocando e mais uma abusando de seus cães, às vezes deitando-se no sofá com um livro o qual ele não poderia se forçar a ler e, muito frequentemente, olhando de maneira fixa para mim, pensando que eu não perceberia, com a vã esperança de detectar traços de lágrimas ou alguns sinais de uma angústia cheia de remorsos em meu rosto. Mas cuidei de

preservar uma tranquila, embora grave, serenidade ao longo de todo o dia. Eu não estava realmente nervosa: senti por ele todo o tempo e desejei a reconciliação; mas determinei que ele devesse tomar a iniciativa ou, pelo menos, mostrar alguns sinais de um espírito humilde e contrito primeiro; pois, se eu começasse, apenas serviria para a sua própria vaidade, para aumentar sua arrogância e arruinar por completo a lição que eu queria lhe ensinar.

Ele se demorou por muito tempo na sala de jantar, após a refeição e, temo, tomou uma quantidade incomum de vinho, porém não suficiente para soltar sua língua: pois, quando ele entrou e me encontrou calmamente ocupada com meu livro, muito entretida para erguer minha cabeça com sua chegada, ele apenas murmurou uma expressão de contida desaprovação e, fechando a porta com um estrondo, seguiu e se estendeu inteiro no sofá e se ajeitou para dormir. Mas seu cocker favorito, Dash, que estava deitado aos meus pés, tomou a liberdade de pular sobre ele e começar a lambe-lo seu rosto. Ele o afastou com um forte golpe e o pobre cão guinchou e voltou, se escondendo em mim. Quando ele despertou, cerca de meia hora depois, ele o chamou de volta, mas Dash apenas o olhou timidamente e balançou a ponta de seu rabo. Ele o chamou outra vez, com mais ênfase, mas Dash apenas se agarrou mais forte em mim e lambeu minha mão, como se implorando proteção. Enraivecido por isso, seu mestre pegou um livro pesado e o lançou contra a sua cabeça. O pobre cão emitiu um grito de piedade e correu para a porta. Deixei-o sair, e então, tranquilamente, peguei o livro.

‘Dê-me o livro’, disse Arthur em um tom nada cortês. Eu o devolvi à ele.

‘Por que você deixou o cão sair?’ ele perguntou; ‘você sabia que eu o queria.’

‘De que jeito?’ repliquei; ‘Jogando o livro nele? Ou talvez era em mim?’

‘Não; mas você viu do que sou capaz’, ele disse, olhando para a minha mão, que também fora atingida e estava severamente esfolada.

Retornei à minha leitura e ele tentou se ocupar da mesma maneira; mas, em pouco tempo, depois de vários bocejos portentosos, ele anunciou

que seu livro era um ‘lixo maldito’ e o jogou sobre a mesa. Então seguiram-se oito ou dez minutos de silêncio, durante a maior parte, acredito, ele estava olhando para mim. Por fim, sua paciência se esgotou.

‘Sobre o que é este livro, Helen?’ ele quis saber.

Respondi.

‘É interessante?’

‘Sim, muito.’

Continuei a ler ou pelo menos fingi que lia – não posso dizer que havia muita comunicação entre meus olhos e meu cérebro; pois enquanto os primeiros corriam pelas páginas, o último estava sinceramente se perguntando quando Arthur falaria novamente e o que ele diria, e o que eu deveria responder. Mas ele nada falou até eu me levantar para fazer o chá e então apenas para dizer que não o tomaria. Ele continuou deitado no sofá e fechava os olhos de forma alternada, olhava para o relógio e então para mim, até a hora de dormir, quando me levantei, peguei minha vela e me retirei.

‘Helen!’ ele exclamou no momento em que deixei a sala. Voltei-me e fiquei a aguardar suas ordens.

‘O que você quer, Arthur?’ eu disse por fim.

‘Nada’, ele replicou. ‘Vá!’

Fui, mas ouvindo-o exclamar algo enquanto eu fechava a porta, voltei-me outra vez. Pareceu algo como ‘maldita estúpida’, mas eu estava bem desejosa de ser outra coisa.

‘Você falou algo, Arthur?’ perguntei.

‘Não’, foi a resposta e fechei a porta, e saí. Não o vi mais até o café da manhã seguinte, quando ele desceu uma hora além do horário habitual.

‘Você está muito atrasado’, foi meu cumprimento matinal.

‘Não precisava ter me esperado’, foi o dele; e ele foi até a janela novamente. Era o mesmo clima de ontem.

‘Oh, esta maldita chuva!’ ele resmungou. Mas, depois de observá-la minuciosamente por alguns minutos, uma ideia brilhante pareceu atingi-lo, pois de súbito exclamou, ‘Mas eu sei o que farei!’ e então retornou e

sentou-se à mesa. A sacola da correspondência já estava lá, esperando ser aberta. Ele a abriu e examinou seu conteúdo, mas nada disse a respeito.

‘Alguma coisa para mim?’ perguntei.

‘Não.’

Ele abriu o jornal e começou a ler.

‘Melhor tomar seu café’, sugeri; ‘vai esfriar de novo.’

‘Pode ir’, ele disse, ‘se você já terminou; não preciso de você.’

Levantei-me e retirei-me ao cômodo contíguo, me perguntando se teríamos outro dia miserável como o de ontem e desejando intensamente por um fim daqueles tormentos mutuamente inflingidos. Logo depois, escutei-o tocar o sino e dar algumas ordens sobre suas vestimentas, que soaram como se ele considerasse uma longa jornada. Ele então solicitou o cocheiro e ouvi algo sobre a carruagem e cavalos, e Londres, e sete horas da manhã, amanhã, que muito me assustaram e perturbaram.

‘Não devo deixá-lo ir para Londres, custe o que custar’, eu disse a mim mesma; ‘ele cometerá todos os tipos de má conduta e eu devo ser a causa disso. Mas a questão é, como farei para alterar seu propósito? Bem, esperarei um pouco e verei se ele o menciona.’

Esperei, muito ansiosa, hora após hora; mas nem uma palavra foi dita, sobre aquele ou qualquer outro assunto, para mim. Ele assobiou e falou com seus cachorros, e vagueou de cômodo a cômodo, muito igual a ontem. Finalmente, comecei a pensar em tocar no assunto eu mesma e estava ponderando em como trazê-lo à tona, quando John, involuntariamente, veio em minha ajuda com a seguinte mensagem do cocheiro:

‘Perdão, senhor, Richard diz que um dos cavalos tem um resfriado muito forte e ele acha, senhor, que se pudesse adiar a viagem para depois de amanhã, ao invés de amanhã, ele poderia curá-lo hoje, assim que...’

‘Maldita impudência!’ exclamou o mestre.

‘Perdão, senhor, ele diz que seria muito melhor se pudesse’, persistiu John, ‘pois ele espera que o tempo melhore em breve e ele diz que não é frequente, quando um cavalo está tão mal de resfriado e recebendo medicação e tudo...’

‘Para os diabos com o cavalo!’ gritou o gentil-homem. ‘Bem, diga a ele que pensarei a respeito’, ele acrescentou, depois de um momento de reflexão. Ele lançou um olhar interrogativo para mim assim que o criado se retirou, esperando ver algum sinal de profunda surpresa e alarme; mas, estando previamente preparada, mantive um aspecto de estoica indiferença. Seu semblante despedaçou-se assim que ele encontrou meu olhar fixo e ele se virou em um grande e óbvio desapontamento, e caminhou até a lareira, onde ficou em uma atitude de indisfarçado desânimo, apoiando-se contra o consolo da lareira com sua testa afundada sobre o braço.

‘Aonde deseja ir, Arthur?’ disse eu.

‘Para Londres’, ele respondeu com seriedade.

‘Para quê?’ perguntei.

‘Porque não posso ser feliz aqui.’

‘Por que não?’

‘Porque minha esposa não me ama.’

‘Ela o amaria com o seu coração, se você o merecesse.’

‘O que devo fazer para merecê-lo?’

Isso pareceu ser humilde e sincero o bastante; e eu estava tão afetada, entre a mágoa e a alegria, que fui obrigada a pausar por poucos segundos antes de poder firmar a voz para responder.

‘Se ela lhe der seu coração’, eu disse, ‘você deve recebê-lo, com gratidão, e usá-lo bem, e não despedaçá-lo e rir dela, porque ela não pode arrancá-lo de volta.’

Ele agora se voltara e, me encarou, com as suas costas ao fogo. ‘Vamos, Helen, você será uma boa garota?’ ele disse.

Isso soou deveras arrogante e o sorriso que o acompanhou não me agradou. Eu, portanto, hesitei em responder. Talvez minha resposta anterior tivesse implicado em demasia: ele ouviu minha voz vacilar e poderia ter me visto secar uma lágrima.

‘Você irá me perdoar, Helen?’ ele retomou, mais humildemente.

‘Você está arrependido?’ repliquei, indo até ele e sorrindo.

‘Magoado!’ ele respondeu, com uma aparência infeliz, embora com um sorriso alegre à espreita em seus olhos e cerca dos cantos de sua boca; mas isso não poderia me repelir e me joguei aos seus braços. Ele me abraçou calorosamente e, embora eu derramasse uma torrente de lágrimas, pensei que nunca seria mais feliz em minha vida do que naquele momento.

‘Então você não irá à Londres, Arthur?’ eu disse, quando o primeiro acesso de lágrimas e beijos se dissipou.

‘Não, amor – a menos que você venha comigo.’

‘Trei, com alegria’, respondi, ‘se você acha que a mudança irá agradá-lo e se adiar a viagem até a semana que vem.’

Ele consentiu prontamente, mas disse que não havia necessidade de muito preparo, pois ele não deveria se demorar, já que não queria que eu ficasse “Londronizada” e perdesse meu frescor e minha originalidade interiorana pelo relacionamento excessivo com as damas do mundo. Achei aquilo uma besteira; mas não quis contradizê-lo naquele momento: apenas disse que eu era de hábitos muito domésticos, como ele bem sabia e não tinha nenhum desejo em particular de me misturar com o mundo.

Assim, partiremos para Londres na segunda-feira, depois de amanhã. Já são, agora, quatro dias desde o fim de nossa discussão, a qual, estou certa, nos fez muito bem: me fez gostar de Arthur muito mais e o fez se comportar muito melhor comigo. Ele nunca mais tentou me perturbar desde então, pela mais distante alusão à Lady F... ou a qualquer daquelas desagradáveis reminiscências de sua vida pregressa. Gostaria de eliminá-las de minha memória, ou melhor, fazer com que ele considerasse tais questões com a mesma luz que eu. Bem! É alguma coisa, porém, fazê-lo ver que não são assuntos apropriados para a vida conjugal. Ele pode pensar assim, mais adiante. Não porei limites às minhas esperanças; e, apesar dos maus agouros de minha tina e de meus próprios medos ignorados, confio que ainda seremos felizes.

CAPÍTULO XXV

Em oito de abril partimos para Londres, em oito de maio eu retornei, em obediência ao desejo de Arthur; muito contra o meu, porque eu o deixei. Se ele tivesse vindo comigo, eu ficaria muito feliz em estar em casa novamente, pois lá ele me conduziu por uma rodada de incansável desregramento que, naquele curto espaço de tempo, muito me cansou. Ele parecia inclinado a me exhibir perante seus amigos e seus conhecidos em particular, e ao público em geral, em cada ocasião possível e para o maior benefício possível. Era algo especial sentir que ele me considerava um valioso objeto de orgulho; mas paguei caro pela satisfação: pois, em primeiro lugar, para agradá-lo eu tive de violar minhas acalentadas predileções, meus quase enraizados princípios em favor de um estilo de vestimenta raso, escuro e sóbrio – eu tinha de cintilar em caras joias e me enfeitar como uma colorida borboleta, tal como tinha, há muito, determinado que nunca faria – e isso não era pouco sacrifício; em segundo lugar, eu estava me esforçando continuamente para satisfazer suas audaciosas expectativas e honrar sua escolha com minha conduta e comportamento gerais, e temendo desapontá-lo com alguma embaraçosa gafe ou alguma peculiaridade de inexperiente ignorância sobre os costumes da sociedade, especialmente quando eu interpretava o papel de anfitriã, o que eu não era convocada a fazer com frequência; e, em terceiro lugar, como confessei antes, estava cansada do tropel e do alvoroço, a pressa incansável e a ininterrupta mudança de uma vida tão estranha aos meus hábitos anteriores. Por fim, ele subitamente descobriu que o ar de Londres não estava em concordância comigo e eu estava saudosa de meu lar no interior, e deveria voltar imediatamente para Grassdale.

Assegurei-lhe, sorridente, de que o caso não era tão urgente quanto ele aparentava pensar, mas eu estava bem disposta a voltar para casa se ele estivesse. Ele replicou que era obrigado a permanecer uma ou duas semanas mais, pois tinha negócios que requeriam sua presença.

‘Então, ficarei com você’, eu disse.

‘Mas eu não posso ficar com você, Helen’, foi sua resposta: ‘enquanto ficar, tenho de cuidar de você e abandonar meus negócios.’

‘Mas não o deixarei’, retornei; ‘agora que sei que você tem negócios para cuidar, insisto que se ocupe deles e me deixe sozinha; e, para dizer a verdade, ficarei feliz com um pouco de descanso. Posso passear e caminhar pelo Parque como sempre; e seus negócios não podem ocupar todo o seu tempo: deverei vê-lo durante as refeições e às noites, pelo menos, e isso será melhor do que estar muito distante e nunca vê-lo.’

‘Mas, meu amor, não posso deixar que fique. Como posso resolver minhas transações sabendo que você está aqui, abandonada...?’

‘Eu não deverei me sentir abandonada: enquanto você estiver trabalhando, Arthur, nunca reclamarei de abandono. Se tivesse me dito antes, que tinha algo para fazer, já teria sido feito a metade antes disso; e, agora, você tem de compensar o tempo perdido redobrando seus esforços. Diga-me o que é; e serei sua capataz, ao invés de um fardo.’

‘Não, não’, persistiu a impraticável criatura; ‘você deve voltar para casa, Helen; devo ter a satisfação de saber que você está segura e bem, embora distante. Seus olhos brilhantes estão opacos e aquela terna e delicada exuberância há muito abandonou seu rosto.’

‘Isso é só devido à muita folia e fadiga.’

‘Não é, eu lhe digo; é o ar de Londres: você está ansiando pelas frescas brisas de seu lar no interior e deve senti-las antes de ficar dois dias mais velha. E lembre-se de sua situação, cara Helen; da sua saúde, você sabe, depende a saúde, se não a vida, de nossa esperança futura.’

‘Então você realmente deseja se livrar de mim?’

‘Com efeito, sim; e eu mesmo a levarei para Grassdale e, então, retornarei. Não me ausentarei por mais de uma semana ou quinze dias, se muito.’

‘Mas, se devo ir, irei sozinha; se você deve ficar, é desnecessário desperdiçar seu tempo viajando para lá e voltando.’

Mas ele não gostou da ideia de me despachar sozinha.

‘Por que, que criatura inútil pensa que sou’, repliquei, ‘não confia em percorrer cem milhas em nossa própria carruagem, com nosso próprio lacaios e uma ama a me servir? Se vier comigo, eu certamente o impedirei

que volte. Mas, diga-me, Arthur, qual é este exaustivo negócio; e por que nunca o mencionou antes?’

‘É apenas um pequeno assunto com meu advogado’, ele disse; e me contou algo sobre uma porção da propriedade que desejava vender, para pagar uma parte das penhoras sobre seus bens; mas ou o relato era um pouco confuso ou eu estava inerte de compreensão, pois não pude entender claramente como aquilo poderia mantê-lo na cidade por uma quinzena longe de mim. Ainda menos eu posso, agora, entender como pôde mantê-lo por um mês, pois é quase o tempo desde que o deixei e não há sinais de seu retorno por enquanto. Em cada carta, ele promete estar comigo em poucos dias e sempre me engana, ou a si próprio. Suas desculpas são vagas e insuficientes. Não posso duvidar de que ele está entre seus antigos companheiros outra vez. Oh, por que eu o deixei! Desejo – desejo intensamente que ele volte!

29 de junho.

Nada de Arthur ainda; e, por muitos dias, estive procurando e ansiando, em vão, por uma carta. Suas missivas, quando chegam, são bondosas, se as belas palavras e os afetuosos epítetos podem capacitá-las ao título – mas muito curtas e cheias de desculpas e promessas triviais que não posso confiar; e, ainda, quão ansiosa eu as espero, quão impulsivamente eu as abro e devoro uma daquelas breves e rapidamente escritas respostas às três ou quatro longas cartas, até agora não respondidas, que ele recebeu de mim!

Oh, é tão cruel deixar-me sozinha por tanto tempo! Ele sabe que não tenho ninguém além de Rachel com quem conversar, pois não temos vizinhos aqui, exceto os Hargrave, cuja residência eu mal posso divisar destas altas janelas ocultas entre as baixos montes cobertos de floresta além de Dale. Fiquei feliz quando soube que Milicent estava tão perto de nós; e sua companhia seria um consolo aliviador para mim, agora; mas ela ainda está na cidade com sua mãe; não há ninguém em Grove além da pequena Esther e sua governanta francesa, pois Walter está sempre longe. Vi aquele modelo de perfeições humanas em Londres; ele pouco parecia merecer os elogios de sua mãe e de sua irmã, embora parecesse, certamente, mais aberto e agradável do que Lord Lowborough, mais cândido e de espírito

superior do que o Sr. Grimsby, e mais educado e cavalheiresco do que o Sr. Hattersley, o único outro amigo de Arthur que ele julgou apropriado me apresentar. – Oh, Arthur, por que você não volta? Por que, pelo menos, não me escreve? Você falou sobre a minha saúde: como pode esperar que eu reúna exuberância e vigor aqui, definhando em solidão e em incansável ansiedade dia após dia? – Serviria bem para que você voltasse e encontrasse minha beleza inteiramente desvanecida. Eu imploraria para que meu tio e minha tia, ou meu irmão, viessem me ver, mas não gosto de reclamar da minha solidão a eles e certamente a solidão é o menor de meus sofrimentos. Mas o que ele está fazendo - o que é que o mantém longe? É esta intermitente questão e as horríveis sugestões que ela suscita, que me distraem.

3 de julho.

Minha última amarga carta extraiu dele, por fim, uma resposta, e bem maior do que o habitual; mas, ainda, não sei o que pensar dela. Ele divertidamente me maltrata pelo amargor e pelo azedume de meu último desabafo, me diz que não tenho ideia dos milhares de compromissos que o mantém longe, mas assevera que, certamente, estará comigo antes do final da semana que vem, apesar de tudo; embora seja impossível para um homem de circunstâncias, como ele é, fixar uma data precisa de seu retorno: enquanto isso, ele me exorta a exercitar a paciência, ‘aquele primeira das virtudes femininas’, e deseja que eu lembre o ditado, ‘A ausência faz o coração se apaixonar mais’, e me conforta com a certeza de que, quanto mais ele fica distante, melhor ele me amará ao voltar; e, até que retorne, implora para que eu continue a escrever a ele constantemente, pois, embora às vezes esteja muito ocioso e frequentemente muito ocupado para responder minhas cartas assim que chegam, ele gosta de recebê-las diariamente; e, se eu cumprir minha ameaça de punir seu aparente abandono com a interrupção das minhas cartas, ele ficará tão bravo que fará seu melhor para me esquecer. Ele acrescenta esta informação a respeito da pobre Milicent Hargrave:

‘Sua pequena amiga Milicent está prestes, depois de tanto tempo, a seguir seu exemplo e se aprisionar ao grilhão do matrimônio com um amigo meu. Hattersley, você sabe, ainda não cumpriu sua sombria ameaça de lançar sua preciosa pessoa à primeira velha criada que escolher revelar

ternura por ele; mas ele ainda preserva uma resoluta determinação de se ver um homem casado antes do fim do ano. “Apenas”, ele me disse, “devo ter alguém que me deixe cuidar de tudo à minha maneira – não como a sua esposa, Huntingdon: ela é uma criatura encantadora, mas parece que ela tem uma vontade própria e poderia agir de mau humor se necessário (pensei “essa você acertou, rapaz”, mas eu não disse isso). “Devo ter alguma boa e tranquila alma que me deixará fazer o que quero e ir aonde quero, ficar em casa ou sair, sem uma palavra de reprovação ou reclamação; pois não aguento ser incomodado.” “Bem”, disse eu, “conheço alguém que lhe cairá como uma luva, se você não se importar com dinheiro, e essa é a irmã de Hargrave, Milicent.” Ele quis ser apresentado à ela sem demora, pois disse que estava muito necessitado ou ficará quando sua velha governanta escolher abandonar o palco. Então você vê, Helen, eu agi muito bem, tanto pela sua amiga quanto pelo meu.’

Pobre Milicent! Mas não posso imaginar que ela será convencida a aceitar tal pretendente - alguém tão repugnante a todas as suas ideias de um homem a ser honrado e amado.

Dia 5.

Ah! Eu estava enganada. Recebi uma longa carta dela nesta manhã, me dizendo que ela já está noiva e espera estar casada antes do final do mês.

‘Nem sei o que dizer sobre isso’, ela escreve, ‘ou o que pensar. Para lhe dizer a verdade, Helen, não gosto nem um pouco de pensar a respeito. Se estou prestes a me tornar a esposa do Sr. Hattersley, devo me esforçar para amá-lo; e tentarei fazer tudo o que eu puder; mas fiz poucos progressos, ainda; e o pior sintoma do caso é que, quanto mais longe ele está de mim, mais eu gosto dele; ele me assusta com suas maneiras abruptas e estranhos modos fanfarrões, e eu temo a ideia de me casar com ele. “Então, por que você o aceitou?”, você perguntará; e eu não sabia que o havia aceitado; mas minha mãe me diz que eu deveria e ele parece concordar, também. Eu, certamente, não queria fazê-lo; mas não gostaria de lhe dar uma simples recusa, pois temo que mamãe ficaria triste e nervosa (pois sei que ela gostaria que eu me casasse com ele) e eu queria falar com ela primeiro, sobre isso: então, respondi a ele com o que eu pensei ser uma evasiva, uma resposta meio negativa; mas ela diz que foi tão boa quanto um

sim e ele me acharia muito caprichosa se tentasse recuar – e, com efeito, eu estava tão confusa e amedrontada no momento que mal posso lhe contar o que disse. E, na vez seguinte em que o vi, ele se aproximou de mim tão confiante como sua prometida noiva e começou imediatamente a ajustar questões com mamãe. Eu não tive coragem de contradizê-lo, então, e como poderei fazê-lo agora? Não posso; pensariam que eu enlouqueci. Além disso, mamãe está tão feliz com a ideia da união; ela acha que trabalhou tão bem por mim; e não posso suportar desapontá-la. Eu faço objeções, algumas vezes, e falo a ela como me sinto, mas você não sabe como ela fala. O Sr. Hattersley, você sabe, é o filho de um rico banqueiro e como Esther e eu não temos fortunas, e Walter, muito pouco, nossa querida mamãe está muito ansiosa para nos ver todas bem casadas, ou seja, unidas a ricos maridos. Não é minha ideia estar bem casada, mas ela tem todas as melhores intenções. Ela diz que, quando eu estiver segura além de suas mãos, será um grande alívio para sua mente; e ela me assegura algo bom para a família, assim como para mim. Mesmo Walter está animado com a perspectiva e quando confessei minha relutância a ele, este me disse que tudo era uma bobagem infantil. Você acha que é bobagem, Helen? Eu não me preocuparia se pudesse ver alguma possibilidade de ser capaz de amá-lo, mas não posso. Não há nada nele que possa manter a estima e a afeição de alguém; ele é diametralmente oposto ao que imaginei ser meu marido. Escreva para mim e diga tudo o que puder para me encorajar. Não tente me dissuadir, pois meu destino já está certo: já estão me envolvendo nos preparativos para o importante evento; e não diga uma palavra contra o Sr. Hattersley, pois desejo pensar bem dele; e, embora eu mesma tenha falado mal dele, foi pela última vez: de agora em diante, nunca me permitirei expressar uma palavra contra ele, embora possa parecer que ele a mereça; e quem quer que seja que ouse falar depreciativamente do homem que eu prometi amar, honrar e obedecer, deve esperar minha séria repreensão. No final das contas, acredito que ele é tão bom quanto o Sr. Huntingdon, se não melhor; e, ainda, você o ama e parece estar feliz e satisfeita; e talvez eu possa lidar bem com isso da mesma maneira. Você tem de me dizer, se puder, que o Sr. Hattersley é melhor do que aparenta – que ele é correto, honorável e sincero – de fato, um diamante a ser lapidado. Ele pode ser tudo isso, mas não o conheço. Sei apenas do exterior, o que confio ser a pior parte dele.’

Ela conclui com ‘Adeus, querida Helen. Estou esperando ansiosamente pelo seu conselho – mas cuide para que esteja do lado correto.’

Ah! Pobre Milicent, que encorajamento posso lhe oferecer? Ou qual conselho – exceto o de que é melhor tomar uma firme posição agora, embora às custas do desapontamento e da irritação de sua mãe, de seu irmão e de seu enamorado, do que dedicar sua vida inteira, de agora em diante, à miséria e ao vão arrependimento?

Sábado, 13.

A semana terminou e ele não chegou. Todo o doce verão está passando sem um alento de prazer para mim ou benefício para ele. E eu estive, por todo o tempo, ansiando por esta estação com a apaixonada e iludida esperança de que iríamos apreciá-la juntos; e que, com a ajuda de Deus e com meus esforços, seria o meio de elevar sua mente e refinar seu gosto para a devida apreciação dos salutareos e puros prazeres da natureza, e da paz e do amor sagrado. Mas agora – à tarde, quando vejo o círculo rubro do sol se afundar calmamente atrás das arborizadas serras, deixando-as dormir em uma cálida, vermelha e dourada névoa, apenas penso que outro dia encantador se perdeu para ele e para mim; e, de manhã, quando despertada pelo alvoroço e pelo trinado dos pássaros, e pelo esfuziante gorjeio das andorinhas – todas ocupadas em alimentar suas crias e cheias de vida e de alegria em seus pequeninos corpos – abro a janela para inspirar o balsâmico ar, reanimador da alma e olhar para a encantadora paisagem, sorrindo entre o orvalho e o brilho do sol – eu frequentemente envergonho tal glorioso cenário com lágrimas de desgraçada miséria, porque ele não pode sentir sua refrescante influência; e, quando vagueio pelas velhas árvores e descubro as pequenas flores silvestres sorrindo pelo meu caminho ou sento-me à sombra de nossos nobres freixos à beira d’água, com seus galhos gentilmente balançando na leve brisa de verão que murmura pela sua suave folhagem – meus ouvidos, cheios daquela calma música misturada com o etéreo revoar dos insetos, meus olhos distraidamente olhando para a vítrea superfície do pequeno lago diante de mim, com as árvores que se amontoam pela sua margem, algumas graciosamente inclinando-se para beijar suas águas, algumas soerguendo suas portentosas cabeças bem acima, mas estendendo seus amplos braços sobre sua margem, tudo fielmente

espelhado ao longe, na embaciada profundidade – embora, algumas vezes, as imagens estejam parcialmente quebradas pela ação dos insetos aquáticos, e às vezes, por um instante, tudo se despedaça em trêmulos fragmentos por uma passageira brisa que varre a superfície muito asperamente – contudo, não tenho prazer; pois, quanto maior for a felicidade que a natureza dispõe diante de mim, mais eu lamento que ele não esteja aqui para apreciá-la: quanto maior for a bênção que desfrutaremos juntos, mais eu sinto nossa presente miséria à parte (sim, nossa; ele deve estar miserável, embora não o saiba); e, quanto mais meus sentidos estão satisfeitos, mais meu coração está oprimido; pois ele o mantém confinado entre a poeira e a fumaça de Londres – talvez preso entre as paredes de seu próprio abominável clube.

Porém, acima de tudo, à noite, quando entro em minha solitária câmara e olho para o luar do verão, ‘doce regente do céu’, flutuando acima de mim na ‘abóbada negra e azul do firmamento’, tornando uma torrente de irradiação prata sobre o bosque, as árvores e a água, tão pura, tão pacífica, tão divina – e penso, Onde ele estará agora? – o que ele está fazendo neste momento? Totalmente inconsciente desta cena divinal – talvez farreando com seus colegas, talvez – Deus me ajude, é muito – é demais!

Dia 23.

Graças aos céus, ele finalmente voltou! Mas tão alterado! Avermelhado e febril, indiferente e lânguido, sua beleza estranhamente puída, seu vigor e sua vivacidade bem diminuídos. Não o censurei com palavras ou olhares; nem mesmo perguntei o que ele esteve fazendo. Não tenho coragem de fazê-lo, pois acho que ele está com vergonha de si mesmo – ele deve estar, de fato, e tais perguntas não poderiam deixar de ser-nos dolorosas. Minha paciência o agrada – mesmo, o comove, estou propensa a pensar. Ele diz que está feliz por estar em casa novamente e Deus sabe o quão feliz estou por tê-lo de volta, mesmo como ele está. Ele permanece deitado no sofá praticamente o dia inteiro; e eu toco e canto para ele por muitas horas. Escrevo suas cartas por ele e lhe trago tudo o que quer; e, às vezes, leio para ele, e às vezes converso, e às vezes apenas me sento ao seu lado e o alívio com silenciosas carícias. Sei que ele não merece; e temo estar mimando-o; mas, desta vez, eu o perdoo, livre e inteiramente. Eu o envergonharei até a virtude, se puder e nunca deixarei que me abandone novamente.

Ele está contente com a minha atenção – pode ser que grato por isso. Ele gosta de que eu fique ao seu lado: e, embora ele seja rabugento e petulante com seus criados e seus cães, ele é gentil e bondoso comigo. O que ele seria, se eu não antecipasse seus desejos tão atenciosamente e tão cuidadosamente evitasse, ou desistisse imediatamente de fazer qualquer coisa com a tendência de irritá-lo ou perturbá-lo, com embora pouca razão, não posso dizer. Quão intensamente gostaria que ele fosse merecedor de todo este cuidado! Ontem à noite, enquanto eu me sentava ao seu lado, com sua cabeça em meu colo, passando meus dedos pelos seus belos cachos, esse pensamento fez encher meus olhos com magoadas lágrimas – como frequentemente acontece; mas, desta vez, uma lágrima caiu em seu rosto e o fez olhar para cima. Ele sorriu, mas não como um insulto. ‘Querida Helen!’ ele disse – ‘Por que você chora? Você sabe que eu a amo (e ele pressionou minha mão contra seus lábios febris), ‘e o que mais você deseja?’

‘Apenas, Arthur, que você se amasse tão verdadeira e fielmente quanto é amado por mim.’

‘Isso seria difícil, com efeito!’ ele replicou, agitando ternamente minha mão.

24 de agosto.

Arthur está recomposto, robusto e temerário, tão leve de coração e de cabeça quanto antes, e tão incansável e difícil de entreter como uma criança mimada, e quase tão cheio de artimanhas também, especialmente quando o clima úmido o mantém dentro de casa. Gostaria que ele tivesse algo para fazer, alguma ocupação útil, ou profissão, ou emprego – alguma coisa para ocupar a cabeça ou as mãos por poucas horas no dia e dar a ele alguma coisa para pensar além do seu próprio prazer. Se ele fosse um gentil-homem do interior e cuidasse da fazenda – mas disso ele sabe pouco e não se importará em considerar – ou se ele tomasse algum estudo literário ou aprendesse a pintar ou a tocar – como ele é muito apaixonado por música, frequentemente tento convencê-lo a aprender a tocar piano, mas ele é muito preguiçoso para tal tarefa; ele não tem mais ideia de se esforçar para superar obstáculos, como não tem a de conter seu apetite natural; e essas duas coisas são sua ruína. Eu as atribuo ao seu severo, ainda que indiferente, pai,

e à sua loucamente indulgente mãe. – Se eu for mãe, me esforçarei zelosamente contra o crime do excesso de indulgência. Mal posso dar outro nome a isso quando penso nos males que traz.

Felizmente, logo começará a estação de caça e então, se o clima permitir, ele estará ocupado o suficiente na perseguição e na destruição das perdizes e dos faisões: não temos tetrazes ou ele poderia estar igualmente ocupado neste momento, ao invés de se deitar sob a acácia puxando as orelhas do pobre Dash. Mas ele diz que é tedioso caçar sozinho; ele deveria ter alguns amigos para ajudá-lo.

‘Deixe-os ser toleravelmente decentes, então, Arthur’, eu disse. A palavra ‘amigo’, em sua boca, me faz tremer: sei que foram alguns de seus ‘amigos’ que o induziram a ficar sem mim em Londres e lá o mantiveram por tanto tempo: de fato, do que ele imprudentemente me revelou ou insinuava de vez em quando, não posso duvidar que ele lhes mostrava minhas cartas com frequência, para que pudessem ver o quanto sua esposa apaixonadamente cuidava de seus interesses e quão veementemente ela lamentava sua ausência; e que eles o induziram a permanecer semana após semana e a mergulhar em todos os tipos de excesso, para que não fosse zombado como um tolo guiado pela esposa e, talvez, para mostrar quão longe ele poderia se aventurar a ir sem perigo de arriscar a devotada união da apaixonada criatura. É uma ideia odiosa, mas não posso crer que seja falsa.

‘Bem’, ele replicou, ‘pensei em Lord Lowborough, por exemplo; mas não há a possibilidade de consegui-lo sem sua melhor metade, nossa amiga mútua, Annabella; então devemos convidar ambos. Você não está com medo dela, não é Helen?’ ele perguntou, com um brilho malicioso nos olhos.

‘Claro que não’, respondi; ‘por que deveria? E quem, mais?’

‘Hargrave também. Ele ficará feliz por vir, embora sua própria fazenda seja tão perto, pois ele tem muito pouca terra para caçar e podemos estender nossas atividades para lá, se quisermos; e ele é totalmente respeitável, você sabe, Helen – um rapaz bem feminino; e eu acho que Grimsby: ele é um rapaz decente e tranquilo. Você não objetará Grimsby?’

‘Eu o odeio: mas, porém, se você deseja, tentarei suportar sua presença por um momento.’

‘Tudo preconceito, Helen, apenas antipatia feminina.’

‘Não; tenho bases sólidas para a minha aversão. E são todos?’

‘Ora, sim, acho. Hattersley estará muito ocupado entretendo sua noiva para ter tempo suficiente para armas e cães, no momento’, ele replicou. E isso me lembra de que tenho muitas cartas de Milicent desde o casamento dela e que ou ela é, ou finge ser, bem resignada com seu futuro. Ela alega ter descoberto inúmeras virtudes e perfeições em seu marido, algumas das quais, temo, olhos menos parciais falhariam em distinguir, embora as tenha buscado cuidadosamente entre lágrimas; e, agora que está acostumada com sua voz alta e suas maneiras abruptas e rudes, ela afirma que não tem dificuldade em amá-lo como uma esposa deveria e implora para que eu queime aquela carta, na qual ela fala tão insensatamente contra ele. Então, eu confio que, ainda, ela possa estar feliz; mas, se ela estiver, será totalmente a recompensa da própria bondade do seu coração; pois tivesse ela escolhido se considerar uma vítima do destino, ou da prudência de sua mãe, ela teria sido completamente miserável; e se, pelo bem do dever, ela não tivesse feito todo o esforço para amar seu marido, ela teria, sem dúvida, o odiado até o fim de seus dias.

CAPÍTULO XXVI

23 de setembro.

Nossos convidados chegaram cerca de três semanas atrás. Lord e Lady Lowborough estão, agora, casados há mais de oito meses; e concedo à Lady o crédito de dizer que seu marido é um homem transformado; sua aparência, seu espírito e seu temperamento estão todos perceptivelmente mudados para melhor, desde que o vi pela última vez. Mas ainda há o que melhorar. Ele não é sempre alegre, nem sempre satisfeito e ela, às vezes, reclama de seu mau humor que, entretanto, de todas as pessoas, ela deveria ser a última a acusá-lo, pois ele nunca o exhibe diante dela, exceto por tais condutas que provocariam um santo. Ele ainda a adora e iria até o fim do mundo para agradá-la. Ela sabe de seu poder e o usa também; mas, bem ciente de que a lisonja e a adulação são mais seguras do que o comando, ela judiciosamente modera seu controle com a bajulação e agrados suficientes para que ele se julgue um homem feliz e de sorte.

Porém, ela tem uma maneira de atormentá-lo, na qual sou uma companheira de sofrimentos, ou poderia ser, se escolhesse me considerar de tal modo. Trata-se abertamente, mas não muito patente, de galantear o Sr. Huntingdon, que deseja muito ser seu parceiro neste jogo; mas eu não me importo com ele, porque, com ele, eu sei que não há nada além de vaidade pessoal e um desejo travesso de excitar meu ciúme e, talvez, atormentar seu amigo; e ela, sem dúvida, é movida pelos mesmos motivos; somente que há mais malícia e menos diversão em suas manobras. É óbvio, portanto, meu interesse em desapontar a ambos, no tocante a mim, ao preservar uma completa serenidade alegre e imperturbável; e, assim, tento mostrar a mais completa confiança em meu marido e a maior indiferença às artimanhas de minha atraente convidada. Nunca repreendi o primeiro além de uma vez e foi por rir das feições ansiosas e deprimidas de Lord Lowborough em uma noite, quando ambos foram particularmente provocantes; e então, com efeito, eu disse muito sobre o assunto e o repreendi com dureza suficiente; mas ele apenas riu e disse – ‘Você pode sentir por ele, Helen, não pode?’

‘Posso sentir por qualquer um que seja tratado injustamente’, repliquei, ‘e posso sentir por aqueles que os ferem também.’

‘Ora, Helen, você é tão ciumenta quanto ele!’, ele exclamou, rindo ainda mais; e eu soube que era impossível convencê-lo de seu erro. Assim, a partir daquele momento, tenho cuidadosamente refreado qualquer aviso sobre o tema e deixei Lord Lowborough cuidar de si mesmo. Ele sequer tem o senso ou o poder de seguir meu exemplo, embora tente ocultar seu incômodo o melhor que possa; mas, ainda, aparecerá em seu rosto e seu mau humor surgirá em intervalos, embora não na forma de um ressentimento franco – eles nunca vão longe o suficiente para tanto. Mas confesso que me sinto enciumada, às vezes, mais dolorida, amarga até; quando ela canta e toca para ele, e ele se apoia sobre o instrumento e mergulha em sua voz sem afetar interesse; pois então eu sei que ele está realmente deliciado e não tenho o poder de despertar fervor similar. Posso entreter e agradá-lo com minhas simples canções, mas não deleitá-lo a tal ponto.

Dia 28.

Ontem, fomos todos a Grove, o lar bastante abandonado do Sr. Hargrave. Sua mãe frequentemente nos convida, para que possa ter o prazer da companhia de seu querido Walter; e, desta vez, ela nos convidara para um jantar dançante e reuniu o quanto pôde das boas famílias ao seu alcance para nos receber. A diversão foi muito bem planejada; mas não pude deixar de pensar no custo de tudo aquilo por todo o tempo. Eu não gosto da Sra. Hargrave; ela é uma mulher difícil, pretensiosa e mundana. Ela tem dinheiro suficiente para viver bem confortavelmente, se apenas soubesse usá-lo de modo criterioso e tivesse ensinado seu filho a fazer o mesmo; mas ela está sempre se esforçando para manter as aparências, com aquele desprezível orgulho que evita a imagem da pobreza como a de um crime vergonhoso. Ela aflige seus servidores, oprime seus criados e se priva, e as suas filhas, dos reais confortos da vida, porque não consente em ceder um palmo da exibição exterior para aqueles que têm três vezes maior fortuna do que ela; e, acima de tudo, porque ela determinou que seu querido filho deva ser capaz de ‘andar junto com os maiores cavalheiros da região’. Esse mesmo filho, imagino, é um homem de hábitos caros, não um temerário esbanjador ou um sensualista abandonado, mas alguém que gosta de ter ‘tudo de belo ao seu redor’ e que vai até um certo ponto nas indulgências juvenis, nem tanto para satisfazer seus próprios gostos como para manter sua reputação

de um homem da moda no mundo e um rapaz respeitável entre seus companheiros imorais; enquanto ele é, também, muito egoísta para considerar o quanto de bem-estar ele poderia ter obtido para sua apaixonada mãe e para suas irmãs, com o dinheiro que ele gasta consigo mesmo: enquanto lhes for possível conseguir criar uma aparência respeitável uma vez ao ano, quando eles chegam à cidade, ele pouco se preocupa com suas misérias privadas e batalhas em casa. Este é um severo julgamento sobre o ‘querido, nobre de intenções e com generoso coração Walter’, mas temo que seja demasiado justo.

A ânsia da Sra. Hargrave em obter bons casamentos para as suas filhas é parcialmente a causa, e parcialmente o resultado, de tais erros; ao fazer vulto para o mundo e mostrá-los em benefício delas, esta espera obter melhores oportunidades para elas; e, por assim viver além de seus meios legítimos e esbanjando tanto com o irmão delas, ela as deixa sem dote e as faz fardos em suas costas. Pobre Milicent, temo, já caiu em sacrifício das manobras dessa equivocada mãe, que se congratula de ter tão satisfatoriamente cumprido o dever maternal e espera fazer o mesmo para Esther. Mas Esther é ainda uma criança, uma alegre travessura de catorze anos: tão honesta e tão ingênua e simples quanto sua irmã, mas com um espírito destemido próprio, que imagino sua mãe terá alguma dificuldade em inclinar para os seus propósitos.

CAPÍTULO XXVII

9 de outubro.

Foi na noite do dia 4, um pouco depois do chá, que Annabella estivera cantando e tocando, com Arthur ao seu lado, como sempre: ela terminara sua canção, mas ainda estava sentada perto do instrumento; e ele ficara apoiado nas costas da cadeira dela, conversando em um tom de voz quase inaudível, com sua face muito perto da dela. Olhei para Lord Lowborough. Ele estava no outro canto da sala, conversando com a Sra. Hargrave e Grimsby; mas o vi lançar, em direção da sua esposa e de seu anfitrião, um olhar rápido e impaciente, expressando uma intensa inquietação, à qual Grimsby sorriu. Determinada a interromper a conversa íntima, me levantei e, selecionando uma canção do porta-partitura, caminhei até o piano, com a intenção de pedir à dama que a tocasse; mas fiquei paralisada e muda ao vê-la sentada ali, ouvindo, com o que parecia um sorriso exultante em sua face corada, aos murmúrios suaves dele, com a sua mão calmamente entregue à dele. O sangue subiu primeiro ao meu coração e, depois, à cabeça; pois havia mais do que isso: quase no momento de minha chegada, ele lançou um olhar apressado sobre seu ombro para os demais ocupantes da sala e, então, ardentemente pressionou a mão sem resistência em seus lábios. Ao erguer os olhos, ele me observou e os derrubou novamente, confuso e assombrado. Ela me viu também e me confrontou com um olhar de duro desafio. Deixei a partitura sobre o piano e me retirei. Sentia-me mal; mas não deixei a sala: felizmente, estava ficando tarde e não demoraria para que o grupo se dispersasse.

Fui até a lareira e inclinei minha cabeça contra a cornija. Em pouco tempo, alguém me perguntou se eu me sentia bem. Não respondi; com efeito, naquele momento, não sabia o que se dizia; mas olhei mecanicamente e vi o Sr. Hargrave diante de mim, no tapete.

‘Quer que eu lhe traga uma taça de vinho?’ ele disse.

‘Não, obrigada’, repliquei; e, dando as costas para ele, olhei ao redor. Lady Lowborough estava ao lado de seu marido, inclinando-se sobre ele, que estava sentado, com a mão em seu ombro; e Arthur estava à mesa, folheando um livro de gravuras. Sentei-me na cadeira mais próxima; e o Sr. Hargrave, achando que seus serviços não eram desejados, criteriosamente

se retirou. Logo depois, o grupo se desmanchou e, enquanto os convidados se dirigiam aos seus quartos, Arthur se aproximou de mim, sorrindo com a mais extrema segurança.

‘Você está muito brava, Helen?’ ele murmurou.

‘Isso não tem graça, Arthur’, eu disse, séria, mas tão calma quanto podia – ‘a menos que você ache engraçado perder minha afeição para sempre.’

‘O que! Tão amarga?’ ele exclamou, sorridente, agarrando minha mão entre as dele; mas eu a retirei, indignada – quase desgostosa, pois ele estava obviamente afetado pelo vinho.

‘Então, devo me ajoelhar’, ele disse; e, pondo-se de joelhos diante de mim, com as mãos juntas, elevado em zombeteira humilhação, ele continuou como se implorasse – ‘Perdoe-me, Helen – querida Helen, perdoe-me e nunca farei isso outra vez!’ e, enterrando seu rosto no lenço, fingiu soluçar alto.

Deixando-o assim, peguei minha vela e, esquivando-me calmamente da sala, apressei-me escada acima o mais rápido que pude. Mas ele logo descobriu que eu o havia deixado e, correndo atrás de mim, pegou-me pelos braços, assim que entrei no meu quarto e estava prestes a fechar a porta em seu rosto.

‘Não, não, pelos céus, você não deve escapar de mim assim!’ ele exclamou. Então, alarmado pela minha agitação, ele me implorou a não ficar irada, dizendo que eu estava com o rosto pálido e deveria me matar se o fizesse.

‘Deixe-me ir, então’, murmurei; e, imediatamente, ele me soltou – e ainda bem que o fez, pois eu realmente estava irada. Afundei-me na espreguiçadeira e tentei me recompor, pois queria conversar com ele com tranquilidade. Ele ficou diante de mim, mas não se aventurou a me tocar ou falar por alguns segundos; então, chegando mais perto, ele ficou sobre um joelho – não em zombeteira humilhação, mas para ficar mais na minha altura e, apoiando sua mão no braço do móvel, ele começou a falar baixo: ‘É tudo besteira, Helen – uma pilhéria, um mero nada – que nem vale um pensamento. Você nunca aprenderá’, ele continuou, mais atrevido, ‘que você nada tem a temer de mim? Que a amo integral e inteiramente? – ou, se’, ele

acrescentou com um sorriso furtivo, ‘eu por acaso der um pensamento à outra, você pode bem desconsiderá-lo, pois estas fantasias surgem e se vão como relâmpagos, enquanto meu amor por você queima regularmente e para sempre, como o sol. Sua pequena ditadora exorbitante, nunca...?’

‘Fique quieto por momento, está bem, Arthur?’ eu disse, ‘e ouça-me – e não pense que estou furiosa de ciúmes: estou perfeitamente calma. Sinta minha mão.’ E a estendi com gravidade em sua direção – mas a fechei sobre a dele como uma energia que parecia contradizer minha afirmação e o fez sorrir. ‘Não precisa sorrir, senhor’, eu disse, ainda apertando sua mão e olhando-o rigidamente até que ele quase tremeu diante de mim. ‘Você pode pensar que tudo está bem, Sr. Huntingdon, em entreter-se eriçando meu ciúme; mas cuide para que, ao contrário, não desperte meu ódio. E, quando você finalmente tiver extinguido meu amor, descobrirá que não é coisa fácil reacendê-lo.’

‘Bem, Helen, não repetirei a ofensa. Mas eu nada quis dizer com isso, asseguro-lhe. Bebi muito vinho e eu estava bem fora de mim naquele momento.’

‘Você sempre toma muito vinho; e essa é outra prática que eu detesto.’ Ele subiu o olhar, atônito com meu fervor. ‘Sim’, continuei; ‘nunca falei isso antes, porque tinha muita vergonha; mas agora eu direi o que me irrita e pode me desgostar, se você continuar e permitir que o hábito desenvolva-se em você, como irá se não interrompê-lo a tempo. Mas toda a sistemática de sua conduta com Lady Lowborough não se refere ao vinho; e, nesta noite, você sabia o que fazia por todo o tempo.’

‘Bem, lamento por isso’, ele replicou, com mais enfado do que arrependimento: ‘e o que mais você tem?’

‘Você lamenta por eu ter visto, sem dúvida’, respondi friamente.

‘Se você não tivesse me visto’, ele murmurou, fixando seus olhos sobre o tapete, ‘não teria feito nenhum mal.’

Meu coração estava prestes a explodir; mas decididamente engoli seca minha emoção e respondi tranquilamente,

‘Você acha que não?’

‘Não’, ele replicou, audaciosamente. ‘Final, o que foi que eu fiz? Nada – exceto que você prefere fazer disso um assunto de acusação e desgraça.’

‘O que Lord Lowborough, seu amigo, acharia, se soubesse de tudo? Ou o que você mesmo acharia, se ele ou qualquer outro fizesse o mesmo comigo, completamente, como você fez com Annabella?’

‘Eu estouraria o cérebro dele.’

‘Bem, então, Arthur, como pode dizer que isso não é nada – uma ofensa pela qual você se julgaria vingado por estourar o cérebro de outro homem? Não é nada brincar com os meus sentimentos e os de seu amigo – tentar roubar as afeições de uma mulher de seu marido – o que ele dá mais valor do que ao seu ouro e, portanto, é mais desonesto pegar? Os votos do matrimônio são gracejos? E é nada fazer como seu esporte quebrá-los e tentar outra a fazer o mesmo? Posso amar um homem que faz tais coisas e friamente sustenta que não é nada?’

‘Você mesma está quebrando os votos do matrimônio’, ele disse, erguendo-se indignado e andando para lá e para cá. ‘Você prometeu me honrar e me obedecer, e agora tenta me intimidar, me ameaçar e me acusar, e me chamar de ser pior do que um ladrão de estrada. Se não fosse pela sua situação, Helen, eu não me submeteria tão docilmente. Não serei comandado por uma mulher, embora ela seja minha esposa.’

‘O que você fará, então? Continuará até que eu o odeie e então me acusará de quebrar meus votos?’

Ele ficou silencioso por um momento, e então respondeu: ‘Você nunca me odiará.’ Voltando e retomando sua antiga posição aos meus pés, ele repetiu com mais veemência – ‘Você não pode me odiar enquanto eu amá-la.’

‘Mas como posso acreditar que você me ama se continua a agir desta maneira? Apenas coloque-se em meu lugar; você acha que eu o amaria, se eu fizesse igual? Você acreditaria em meus protestos e honraria e confiaria em mim sob tais circunstâncias?’

‘Os casos são diferentes’, ele replicou. ‘É da natureza de uma mulher ser constante – amar uma pessoa e somente ela, cega, ternamente e para sempre – Deus as abençoe, queridas criaturas! E você acima de todas; mas

you must have some consideration for us, Helen; you must give us a little more license, for, as Shakespeare says:

Embora nos louvemos,
Nossas fantasias são mais levianas e instáveis,
Mais ansiosas, indecisas, rapidamente perdidas e vencidas
Do que as das mulheres.'

'You want to say that, just because your fantasies were lost to me, were conquered by Lady Lowborough?'

'No! Heaven is my witness that I find her but dust and ashes in comparison to you and I will continue to think so, at least that I do not make myself as harsh to her with such severity. She is a daughter of the earth; you are an angel of heaven; only do not be too austere in your divinity and remember that I am a poor and fallible mortal. Come, Helen; will you forgive me?' he said, taking my hand gently and looking up with an innocent smile.

'Will you forgive me, you will repeat the offense?'

'I swear...'

'Do not swear; I will believe your word as much as your oath. I would like to be able to trust both.'

'Give me a chance, then, Helen: only trust me and forgive me this time, and you will see! Come, I will suffer the torments of hell until you say the word.'

I did not pronounce it, but I put my hand on his shoulder and kissed his forehead, and then, I burst into tears. He embraced me tenderly; and we remained in good terms from then on. He was decently behaved at the table and well-educated with Lady Lowborough. On the first day, he remained disinterested in her, as much as he could without any violation of hospitality; from then on he was friendly and courteous, but nothing more – in my presence, at least, nor at any other time, I think; for she seems arrogant and dissatisfied, and Lord Lowborough is clearly more cheerful and cordial to his host than he was before. But I will be happy when they are together, for I value Annabella very little as a

tarefa e tanto ser polida com ela e, como é a única mulher aqui, além de mim mesma, estamos necessariamente muito tempo juntas. Deverei saudar a próxima visita da Sra. Hargrave como um grande alívio. Tenho a boa intenção de pedir permissão a Arthur para convidar a velha dama para ficar conosco até que nossos convidados tenham ido embora. Acho que devo. Ela considerará como uma bondosa atenção e, embora tenha pouco deleite pela sua companhia, ela será verdadeiramente bem-vinda como uma terceira, a ficar entre Lady Lowborough e eu.

A primeira vez em que eu e a última ficamos juntas, sozinhas, depois daquela noite infeliz, foi uma hora ou duas depois do café da manhã do dia seguinte, quando os cavalheiros estavam lá fora, depois do tempo habitual escrevendo cartas, lendo jornais e conversando sem propósito. Sentamo-nos silenciosas por alguns minutos. Ela estava ocupada com seu trabalho e eu estava percorrendo as colunas de um jornal do qual já extraíra a essência uns vinte minutos antes. Era um momento de doloroso embaraço para mim e pensei que seria infinitamente mais para ela; mas parecia que eu estava equivocada. Ela foi a primeira a falar; e, sorrindo com a mais fria segurança, ela começou...

‘Seu marido estava alegre ontem à noite, Helen; ele é sempre assim?’

Meu sangue ferveu em meu rosto; mas era melhor que ela atribuisse a conduta dele a isso do que a qualquer outra coisa.

‘Não’, respondi, ‘e nunca será novamente, confio.’

‘Você lhe deu uma repreensão no quarto, não?’

‘Não! Mas eu lhe disse que não gostei de sua conduta e ele me prometeu não repeti-la.’

‘Ele me pareceu bem subjugado, esta manhã’, ela continuou; ‘e você, Helen? Vejo que você esteve chorando – este é o nosso grande recurso, você sabe. Mas isso não torna seus olhos mais espertos? E você sempre descobre que isso funciona?’

‘Nunca choro por um propósito; nem consigo conceber como alguém o possa.’

‘Bem, eu não sei; nunca tive uma ocasião para tentar; mas acho que se Lowborough cometesse tais impropriedades, eu o faria chorar. Não me

surpreende que estivesse nervosa, pois estou certa de que daria uma lição ao meu marido de que ele nunca esqueceria, por uma ofensa menor do que aquela. Mas então, ele nunca faria nada deste tipo; pois eu o manteria em boa ordem com relação a isso.’

‘Você está certa em não clamar para si muito do crédito. Lord Lowborough era muito notável por ser abstêmio algum tempo antes de você se casar com ele, como ele é agora, eu soube.’

‘Oh, você quer dizer o vinho – sim, ele é seguro o bastante para isso. E, com relação a olhar de soslaio para outra mulher, ele é seguro o bastante para isso também, enquanto eu viver, pois ele cultua o próprio chão em que piso.’

‘De fato! E você está certa de que merece isso?’

‘Ora, quanto a isso, não posso dizer; você sabe que somos, todos, criaturas falíveis, Helen; nenhum de nós merece ser cultuado. Mas você está certa de que o querido Huntingdon merece todo o amor que você lhe dá?’

Não sabia o que responder a isso. Eu estava ardendo de raiva; mas suprimi todas as manifestações exteriores e apenas mordi meu lábio e fingi arrumar meu trabalho.

‘De qualquer forma’, ela retomou, buscando seu objetivo, ‘você pode se consolar com a certeza de que vale todo o amor que ele lhe dá.’

‘Você está me bajulando’, eu disse; ‘mas, pelo menos, posso tentar ser merecedora dele.’ E então, mudei de assunto.

CAPÍTULO XXVIII

25 de dezembro.

No último Natal, eu estava noiva, com o coração transbordando de júbilo pelo momento e cheio de ardentes esperanças pelo futuro, embora misturadas com medos e agouros. Agora, sou uma esposa: meu júbilo está aquietado, mas não destruído; minhas esperanças estão menores, mas não esvaecidas; meus medos aumentaram, mas não foram totalmente confirmados, ainda; e, graças aos céus, sou também mãe. Deus me enviou uma alma a educar para o bem e me deu um novo e mais tranquilo júbilo, e esperanças mais fortes para me confortar.

25 de dezembro de 1823.

Outro ano se foi. Meu pequeno Arthur vive e viceja. Ele é saudável, mas não robusto, repleto de gentis brincadeiras e vivacidade, já com afeição, e suscetível a paixões e emoções que durarão antes que ele possa encontrar palavras para expressá-las. Ele herdou o coração de seu pai, finalmente; e, agora, meu terror constante é que ele não seja arruinado por aquela indulgência impensada de seu pai. Mas devo me guardar da minha própria fraqueza, também, pois nunca soube, até agora, quão fortes são as tentações de uma mãe para mimar seu filho único.

Busco consolo em meu filho, pois (posso confessar a este silencioso papel) tenho muito pouco em meu marido. Ainda o amo; e ele me ama, de seu próprio jeito – mas, oh!, quão diferente é o amor que eu poderia ter dado e que, uma vez, esperei receber! Quão pouca real simpatia existe entre nós dois; quantos dos meus pensamentos e sentimentos são tristemente enclausurados em minha mente; quanto do melhor e do mais superior de mim está, de fato, descasada – condenada tanto à insensibilidade e ao amargor na sombra sem sol da solidão ou a muito degenerar e se esvaír pela falta dos nutrientes neste solo insalubre! Porém, eu repito, não tenho direito de reclamar; apenas deixe-me declarar a verdade – um pouco dela, pelo menos – e ver, depois, se outras verdades, mais obscuras, irão manchar estas páginas. Completamos, agora, dois anos juntos; o ‘romance’ de nossa ligação já se esgarçou. Certamente, eu teria agora descido ao menor grau das afeições de Arthur e descoberto todos os males de sua natureza: se houvesse alguma mudança posterior, deveria ser para melhor, pois já nos

tornamos mais acostumados um ao outro; com certeza, não desceremos além do que isso. E, se descermos, posso suportar isso bem – tão bem, pelo menos, quanto tenho suportado até agora.

Arthur não é o que se chama, comumente, de um homem mau: ele tem muitas boas qualidades; mas é um homem sem autocontrole ou altas aspirações, um amante do prazer, dado a diversões bestiais: ele não é um mau marido, mas suas noções de deveres matrimoniais e confortos não são as minhas. A julgar pelas aparências, sua ideia de esposa é algo a amar alguém devotamente e a ficar em casa a esperar pelo seu marido, e entretê-lo e cuidar de seu conforto de todas as maneiras possíveis, enquanto ele escolhe ficar com ela; e, quando ele está ausente, para cuidar de seus interesses, domésticos ou não, ela deve esperar pacientemente pelo seu retorno, não importa o quanto ele possa estar ocupado neste entretanto.

Logo na primavera, ele anunciou sua intenção de ir à Londres: seus negócios exigiam sua presença, ele disse e já não podia mais se demorar. Ele expressou seu lamento por me deixar, mas esperou que eu passasse meu tempo com o bebê até que ele voltasse.

‘Mas por que me deixar?’ eu disse. ‘Posso ir com você; estarei pronta quando quiser.’

‘Você não levaria a criança à cidade?’

‘Sim, por que não?’

A coisa era absurda: o ar da cidade certamente não cairia bem à criança, e em mim, que estava amamentando; as horas tardias e os hábitos de Londres não me fariam bem sob tais circunstâncias; e, no todo, ele me assegurou que seria excessivamente incômodo, prejudicial e inseguro. Rejeitei suas objeções o melhor que pude, pois tremia com a ideia de ele ir sozinho e sacrificaria praticamente tudo por mim mesma, quanto tanto por meu filho, para evitar isso; mas, por fim, ele me disse, claramente, e de certa forma a me testar, que não iria comigo: estava cansado das noites insones do bebê e precisava ter algum repouso. Propus quartos separados; mas ele não quis.

‘A verdade é, Arthur’, eu disse, por fim, ‘você está cansado de minha companhia e está determinado a não me ter ao seu lado. Você poderia ter dito isso de uma vez.’

Ele negou; mas eu imediatamente deixei a sala e corri para o quarto de meu filho, para esconder meus sentimentos, se não pudesse aliviá-los, ali.

Eu estava muito ferida para expressar quaisquer insatisfações adicionais com os seus planos ou com tudo o que se refere ao assunto, novamente, exceto pelos arranjos necessários relativos à sua partida e à conduta dos negócios durante a sua ausência, até o dia anterior ao de sua viagem, quando o exortei, com sinceridade, a tomar cuidado consigo mesmo e a se manter distante do caminho da tentação. Ele riu com a minha ansiedade, mas me assegurou de que não havia motivo para isso e prometeu seguir o meu conselho.

‘Suponho ser inútil marcar um dia para o seu retorno?’ eu falei.

‘Ora, não; dificilmente eu possa, com as circunstâncias; mas esteja certa, amor, não me demorarei.’

‘Não quero que fique como um prisioneiro em casa’, repliquei; ‘não devo rosnar com a sua presença por meses a fio – se você pode ficar tão feliz por tanto tempo sem mim – dado que eu soubesse que você estava seguro; mas não gosto da ideia de estar lá entre seus amigos, como você os chama.’

‘Ora, ora, sua tonta! Você acha que eu não sei me cuidar?’

‘Você não soube, da última vez. Mas DESTA, Arthur’, acrescentei, sincera, ‘mostre-me que sabe e me ensine que não preciso temer em confiar em você!’

Ele bem que prometeu, mas de uma maneira como se estivesse buscando consolar uma criança. E ele manteve sua promessa? Não; e, portanto, não posso nunca confiar em sua palavra. Amarga, amarga confissão! As lágrimas me cegam enquanto escrevo. Foi logo em março que ele partiu e não retornou até julho. Desta vez, ele não se importou em dar desculpas, como antes e suas cartas eram menos frequentes, mais curtas e menos carinhosas, especialmente depois das primeiras semanas: elas vinham mais e mais espaçadas, e mais sucintas e descuidadas a cada vez. Mas ainda, quando eu deixava de escrever, ele reclamava de minha negligência. Quando lhe escrevi com rispidez e severidade, como confesso que frequentemente fazia no final, ele culpava minha dureza e dizia que já bastava espantá-lo de sua casa: quando eu tentava a suave persuasão, ele era um pouco mais gentil

em suas respostas e prometia regressar; mas aprendi, por fim, a desconsiderar suas promessas.

CAPÍTULO XXIX

Aqueles foram quatro miseráveis meses, alternando-se entre intensa ansiedade, desespero e indignação, pena por mim e por ele. E, ainda, apesar de tudo, eu não estava totalmente desconsolada: tinha meu pequeno, querido, puro e inofensivo, para me consolar; mas, mesmo este consolo se amargava pelo pensamento intermitente, ‘Como deverei ensiná-lo a respeitar seu pai e, ainda, a evitar seu exemplo?’

Entretanto, lembrei-me de que tinha trazido todas estas aflições, desejosa de certa maneira, para mim mesma; e me determinei a suportá-la sem um murmúrio. Ao mesmo tempo, resolvi não me entregar à miséria pelas transgressões do outro e tentei me divertir tanto quanto podia; e, além da companhia de meu filho e da minha querida e fiel Rachel, que evidentemente adivinhava minhas mágoas e sentia por elas, embora fosse muito discreta para aludir a estas, eu tinha meus livros e meu lápis, minhas ocupações domésticas e o bem-estar e o conforto dos pobres arrendatários e trabalhadores de Arthur para cuidar: e eu, às vezes, buscava e obtinha entretenimento na companhia de minha jovem amiga Esther Hargrave: ocasionalmente, cavalgava para vê-la e uma ou duas vezes eu fazia com que ela passasse o dia comigo em Manor. A Sra. Hargrave não visitava Londres naquela estação: não tendo filha para se casar, ela pensava que faria bem permanecer em casa e economizar; e, como uma surpresa, seu filho Walter viera se juntar a ela no começo de junho e ficou até quase o final de agosto.

A primeira vez em que o vi foi em uma suave e quente tarde, quando eu passeava pelo bosque com o pequeno Arthur e com Rachel, que é enfermeira-chefe e ama em uma só pessoa – pois, pela minha vida reclusa e meus hábitos relativamente ativos, requeiro pouca assistência e, como ela já tinha me pajeadado e desejava pajear meu filho, e era, além do mais, tão confiável, preferi atribuir a importante tarefa a ela, com uma jovem assistente sob suas ordens, do que contratar qualquer outra: além disso, poupo dinheiro; e, desde que tomei conhecimento dos negócios de Arthur, aprendi a não considerar isso como uma recomendação banal; pois, pelo meu próprio desejo, quase a totalidade da renda de meus bens está devotada, por anos a fio, a pagar dívidas e o dinheiro que ele consegue esbanjar em Londres é incompreensível. Mas, voltando ao Sr. Hargrave, eu

estava com Rachel diante da água, brincando com o sorridente bebê em seus braços com um galho de salgueiro carregado de dourados amentilhos quando, muito para a minha surpresa, ele entrou no bosque, montado em seu caro garanhão negro, e atravessou a grama para me cumprimentar. Ele me saudou com um cumprimento muito educado, com um palavreado delicado e além do mais modestamente proporcionado, o que ele sem dúvida planejou enquanto cavalgava. Ele me disse que trazia uma mensagem de sua mãe que, como ele estava cavalgando naquela direção, lhe pedira para que fosse até Manor e implorasse o prazer de minha companhia para um amigável jantar de família amanhã.

‘Não haverá ninguém além de nós’, ele disse; ‘mas Esther está muito ansiosa para vê-la; e minha mãe teme que você se sinta solitária nesta grande casa tão vazia e ambiciona poder persuadi-la para lhe proporcionar o prazer de sua companhia com mais frequência e fazer você sentir-se em casa na nossa humilde morada, até que o retorno do Sr. Huntingdon possa fazer dela um pouco mais útil para o seu conforto.’

‘Ela é muito bondosa’, respondi, ‘mas não estou sozinha, como vê; - e estas cujo tempo está totalmente ocupado mal podem reclamar de solidão.’

‘Você não irá amanhã, então? Ela ficará tristemente desapontada se recusar.’

Não gostei de estar assim compadecida pela minha solidão; mas, porém, prometi ir.

‘Que doce tarde, esta!’ ele observou, olhando ao redor do bosque ensolarado, com seu imponente morro e seu declive, suas plácidas águas e com os majestosos grupos de árvores. ‘E em que paraíso você mora!’

‘Está uma tarde encantadora’, respondi; e suspirei ao pensar quão pouco eu senti seus encantos e quão pouco um paraíso doce Grassdale era, para mim – quão ainda menos pelo voluntário exílio de seus cenários. Se o Sr. Hargrave adivinhou meus pensamentos, não posso dizer, mas, com uma seriedade de tom e de modo, em parte hesitante e simpatizante, ele me perguntou se eu tinha alguma notícia do Sr. Huntingdon.

‘Não ultimamente’, repliquei.

‘Pensei que não’, ele murmurou, como se a si mesmo, olhando pensativamente para o chão.

‘Você não voltou há pouco tempo de Londres?’ perguntei.

‘Apenas ontem.’

‘E não o viu lá?’

‘Sim – eu o vi.’

‘Ele estava bem?’

‘Sim – ou seja,’ disse ele, com uma crescente hesitação e uma aparência de contida indignação, ‘ele estava tão bem quanto – ele merece estar, mas sob circunstâncias que eu deveria julgar incríveis para um homem tão sortudo como ele é.’ Ele olhou para cima e pontuou a frase com uma séria inclinação para mim. Supus que meu rosto estivesse púrpura.

‘Desculpe, Sra. Huntingdon’, ele continuou, ‘mas não posso conter minha indignação quando vejo tal cega paixão e perversão de gosto; - mas, talvez, você não esteja ciente – ‘ ele pausou.

‘Não estou ciente de nada, senhor – exceto que ele retarda sua chegada mais do que eu esperaria; e se, neste momento, ele prefere a companhia de seus amigos do que a de sua esposa e a devassidão da cidade à tranquila vida do interior, suponho que tenho amigos a agradecer por isso. Os gostos e as ocupações deles são similar às dele e eu não vejo por que sua conduta deveria despertar indignação ou surpresa a eles.’

‘Você se equivoca cruelmente sobre mim’, ele respondeu. ‘Compartilhei muito pouco da companhia do Sr. Huntingdon, nestas últimas semanas; e, com relação aos seus gostos e ocupações, estas estão bem além de mim – um solitário viajante que sou. Onde apenas sorvo e provo, ele enxuga o copo até o fim; e, se mesmo por um momento eu tenha buscado abafar a voz da reflexão na loucura e na extravagância, ou se desperdicei muito de meu tempo e meus talentos entre companhias despreocupadas e depravadas, Deus sabe que eu renunciaria, com felicidade, a eles, totalmente e para sempre, se tivesse apenas a metade das bênçãos que o homem tão ingratamente joga para trás – apenas a metade das induções à virtude e aos hábitos domésticos e ordeiros que ele despreza – mas tal lar e tal parceira para compartilhar deles! É infame!’ ele resmungou, entre dentes. ‘E não

acho, Sra. Huntingdon’, ele acrescentou em bom som, ‘que eu possa ser culpado de incitá-lo a perseverar em seus objetivos atuais: ao contrário, tenho-o censurado com frequência; tenho, constantemente, expressado minha surpresa com sua conduta e o lembrado de seus deveres e de seus privilégios – mas sem propósito; ele apenas...’

‘Basta, Sr. Hargrave; você deve saber que, quaisquer que sejam as falhas de meu marido, apenas pode agravar o mal, para mim, ouvi-los de um lábio estranho.’

‘Sou, então, um estranho?’ ele disse em um tom triste. ‘Sou seu vizinho mais próximo, o filho de seu padrinho e amigo de seu marido; não posso ser seu amigo, também?’

‘A familiaridade íntima deve preceder a verdadeira amizade; conheço muito pouco de você, Sr. Hargrave, exceto as histórias.’

‘Você já esqueceu as seis ou sete semanas que passei sob seu teto, no último outono? Eu não as esqueci. E sei o bastante de você, Sra. Huntingdon, para pensar que seu marido é o homem mais invejável do mundo e eu seria o segundo se você me julgasse merecedor de sua amizade.’

‘Se soubesse mais de mim, você não acharia isso ou, se soubesse, não diria isso, e esperaria que eu ficasse lisonjeada com o elogio.’

Retrocedi enquanto falava. Ele percebeu que eu queria que a conversa terminasse; e, imediatamente tomando a deixa, despediu-se seriamente, desejando-me boa tarde e dirigiu seu cavalo para a estrada. Ele parecia entristecido e ferido pela minha má recepção de sua simpática proposta. Eu não estava certa se fiz o correto em falar tão arrogantemente com ele; mas, naquele momento, eu me sentia irritada – quase que insultada pela sua conduta; pareceu-me que ele estava se aproveitando da ausência e da negligência de meu marido, e insinuando mais que a verdade contra ele.

Rachel se movera, durante nossa conversa, a algumas jardas de distância. Ele cavalgou até ela e pediu para ver a criança. Ele o pegou cuidadosamente em seus braços, olhou para ele com um sorriso quase que paternal e eu o ouvi dizer, enquanto me aproximava –

‘E este também, ele desamparou!’

Ele, então, o beijou ternamente e o devolveu à satisfeita ama.

‘Você gosta de crianças, Sr. Hargrave?’ eu perguntei, um pouco amolecida em relação a ele.

‘Geralmente, não,’ ele respondeu, ‘mas esta é uma criança tão doce e tão parecida com a sua mãe,’ ele acrescentou a meia-voz.

‘Aí, você se engana; é o pai dele com quem ele se parece.’

‘Não estou certo, ama?’ ele disse, dirigindo-se a Rachel.

‘Acho, senhor, que um pouco de ambos’, ela replicou.

Ele partiu; e Rachel disse que ele era um cavalheiro muito gentil. Eu ainda tinha minhas dúvidas sobre o assunto.

No decorrer das seis semanas seguintes, encontrei-o muitas vezes, mas sempre, exceto uma vez, na companhia de sua mãe ou de sua irmã, ou de ambas. Quando eu os visitava, sempre acontecia de ele estar em casa e, quando me visitavam, era sempre ele quem as guiava na factante. Sua mãe, evidentemente, estava muito feliz com suas obedientes atenções e os recém-adquiridos hábitos domésticos.

A ocasião em que o encontrei sozinho foi em um dia brilhante, mas não opressivamente quente, no início de julho; eu tinha levado o pequeno Arthur para as árvores que bordejam o bosque e, lá, o sentei nas raízes almofadadas de musgo de um velho carvalho; e, tendo juntado um punhado de jacintos e rosas silvestres, estava ajoelhada diante dele e dava as flores, uma a uma, para que as segurasse com seus frágeis dedos; apreciando a divinal beleza das flores, por meio de seus sorridentes olhos: esquecendo, por um momento, todas as minhas preocupações, rindo com seu alegre riso e me deliciando com seu prazer – quando uma sombra repentinamente eclipsou o pequeno espaço onde os raios de sol caíam sobre a grama diante de nós; e, subindo o olhar, observei Walter Hargrave parado, olhando para nós.

‘Desculpe-me, Sra. Huntingdon’, ele disse, ‘mas estava maravilhado; não tinha nem força para avançar e interrompê-la, nem para me retirar da contemplação de tal cena. Quão vigoroso meu pequeno afilhado cresce! E quão feliz ele está, nesta manhã!’ Ele chegou perto da criança e inclinou-se para pegar em sua mão; mas, ao ver que suas carícias eram propensas a causar lágrimas e lamentações, ao invés da devolução das amigáveis demonstrações, ele prudentemente se afastou.

‘Que prazer e conforto esta pequena criatura deve ser para você, Sra. Huntingdon!’ ele observou, com um toque de tristeza em sua entonação, enquanto admiravelmente contemplava o infante.

‘É é’, repliquei; e então, perguntei pela sua mãe e pela sua irmã.

Ele respondeu polidamente as minhas questões e então voltou novamente ao tema que eu desejava evitar; embora com uma certa timidez que evidenciava seu temor em ofender.

‘Não recebeu notícias de Huntingdon, ultimamente?’ quis saber.

‘Não nesta semana’, repliquei. Não nestas três semanas, eu poderia ter dito.

‘Recebi uma carta dele, nesta manhã. Gostaria que fosse uma que eu pudesse mostrar para a sua dama.’ Ele retirou em parte de seu colete uma carta com a ainda amada grafia de Arthur no endereço, franziu a testa ao vê-la e a guardou novamente, acrescentando – ‘Mas ele me diz que retornará na semana que vem.’

‘É o que ele me diz sempre que escreve.’

‘De fato! Bem, é dele. Mas, para mim, ele sempre admitiu que sua intenção é ficar até este mês.’

Tal prova de premeditada transgressão e de sistemática desconsideração da verdade me atingiu como um golpe.

‘É apenas uma parte do restante de sua conduta’, observou o Sr. Hargrave, olhando pensativamente para mim, e lendo, suponho, os sentimentos em meu rosto.

‘Então ele realmente está voltando na semana que vem?’ eu disse, depois de uma pausa.

‘Pode confiar nisso, se a certeza lhe proporciona algum prazer. E é possível, Sra. Huntingdon, que você possa se regozijar com seu retorno?’ ele exclamou, analisando meus traços novamente com atenção.

‘Claro, Sr. Hargrave; não é ele meu marido?’

‘Oh, Huntingdon; você não sabe o que despreza!’ ele apaixonadamente murmurou.

Peguei meu filho e, desejando-lhe um bom dia, parti, para ceder aos meus pensamentos não examinados no santuário de meu lar.

E estava eu feliz? Sim, encantada; apesar de nervosa com a conduta de Arthur e, embora sentisse que ele havia me enganado, e estava determinada que assim ele se sentisse também.

CAPÍTULO XXX

Na manhã seguinte, recebi algumas poucas linhas do próprio, confirmando as insinuações de Hargrave em relação ao seu iminente retorno. E ele, de fato, voltou na semana seguinte, mas em uma condição de corpo e espírito pior do que antes. Entretanto, eu não pretendia passar por suas faltas sem um comentário, desta vez; decidi que não poderia ser. Porém, no primeiro dia, ele estava cansado pela sua viagem e eu, feliz com seu retorno: eu não o censurei então; esperei até o dia seguinte. Ele ainda estava cansado na manhã posterior: eu poderia esperar um pouco mais. Ao jantar, porém, depois de tomar, como desjejum ao meio-dia, uma garrafa de água gaseificada e uma xícara de café forte, e almoçando, às duas, outra garrafa de água com gás misturada com um brandy, ele começou a reclamar de tudo que estava sobre a mesa e, declarando que deveríamos mudar de cozinheira, pensei que o momento havia chegado.

‘É a mesma cozinheira que tínhamos antes de você partir, Arthur’, eu disse. ‘Você estava geralmente muito bem satisfeito com ela, então.’

‘Você deve tê-la deixado cair em seus hábitos relaxados então, enquanto estive fora. É o bastante para envenenar alguém, se comer esta bagunça repugnante!’ E ele, impertinente, empurrou seu prato e se recostou desesperado em sua cadeira.

‘Acho que foi você quem mudou, e não ela’, eu disse, mas com extrema gentileza, pois não queria irritá-lo.

‘Pode ser’, ele respondeu com indiferença, enquanto agarrava um copo de vinho com água, acrescentando, depois de tê-lo virado, ‘pois tenho um fogo infernal em minhas veias, que nem toda a água dos oceanos pode debelar!’

‘O que o acendeu?’ eu estava prestes a perguntar, mas naquele momento o mordomo entrou e começou a levar as coisas.

‘Seja rápido, Benson; pare com este barulho infernal!’ exclamou seu patrão. ‘E não traga o queijo, a menos que queira me adoecer totalmente!’

Benson, um pouco surpreso, levou o queijo e fez seu melhor para limpar rápida e silenciosamente a mesa do resto; mas, desafortunadamente, havia uma dobra no tapete, causada pelo apressado recuar da cadeira do seu

patrão, na qual ele pisou e tropeçou, causando um deveras alarmante choque na bandeja cheia de louças em sua mão, mas nenhum dano de fato, exceto a queda e o quebrar de uma terrina de molhos; mas, para a minha indizível vergonha e desalento, Arthur voltou-se furiosamente contra ele e o xingou com selvagem grosseria. O pobre homem empalideceu e visivelmente tremia enquanto se ajoelhava para pegar os fragmentos.

‘Ele não pôde evitar, Arthur’, eu disse; ‘o carpete prendeu seu pé e nada de grave aconteceu. Não se importe com os pedaços agora, Benson; você pode limpá-los depois.’

Feliz por ser liberado, Benson expeditamente trouxe a sobremesa e se retirou.

‘O que você quis, Helen, ao tomar partido do criado contra mim’, disse Arthur, assim que a porta se fechou, ‘quando sabia que eu estava distraído?’

‘Eu não sabia que você estava distraído, Arthur: e o pobre homem estava bastante assustado e magoado com a sua súbita explosão.’

‘Pobre homem, de fato! E você acha que eu poderia parar para considerar os sentimentos de um bruto insensato como aquele, quando os meus próprios nervos foram tensionados e despedaçados pelas confusas estupidezes dele?’

‘Nunca ouvi você reclamar de seus nervos antes.’

‘E por que eu não deveria ter nervos assim como você?’

‘Oh, não estou discutindo seu direito de possuí-los, mas nunca reclamei dos meus.’

‘Não, como você poderia, quando você nunca faz nada para testá-los?’

‘Então por que você testa os seus, Arthur?’

‘Você acha que eu não tenho nada a fazer além de ficar em casa e cuidar de mim mesmo como uma mulher?’

‘É impossível, então, que você cuide de si mesmo como um homem quando você viaja? Você me disse que poderia, e que iria, também; e você prometeu...’

‘Vamos, vamos, Helen, não comece com essa besteira novamente; não posso suportar isso.’

‘Não pode suportar o quê? – ser lembrado das promessas que você não cumpre?’

‘Helen, você é cruel. Se você soubesse como meu coração bateu e como cada nervo vibrou dentro de mim enquanto você falava, me pouparia. Você pode se apiedar de um estúpido criado por quebrar a louça; mas não tem nenhuma compaixão por mim quando minha cabeça está dividida em duas e tudo está incendiado com esta ardente febre.’

Ele apoiou a cabeça em sua mão e suspirou. Fui até ele e coloquei minha mão em sua testa. Estava, de fato, queimando.

‘Então venha comigo até a sala, Arthur; e não beba mais vinho: você já tomou várias taças desde o jantar e não comeu quase nada todo o dia. Como isso pode lhe fazer melhor?’

Com alguma lisonja e persuasão, fiz com que deixasse a mesa. Quando o bebê me foi trazido, tentei entretê-lo com ele; mas estavam nascendo os dentes do pobre e pequeno Arthur, e seu pai não podia aguentar suas reclamações: a sentença de banimento imediato passou sobre ele na primeira indicação de mau humor; e porque, no decorrer da tarde, eu quis compartilhar seu exílio por um breve momento, fui reprovada, na minha volta, por preferir meu filho ao meu marido. Encontrei este último reclinando no sofá como eu o deixara.

‘Bem!’, exclamou o homem doente, em um tom de pseudoresignação. ‘Pensei em não mandá-la chamar; pensei que veria quanto tempo lhe agradaria em me deixar sozinho.’

‘Não me demorei muito, não é, Arthur? Nem uma hora, estou certa.’

‘Oh, claro, uma hora não é nada para você, tão agradavelmente ocupada; mas para mim..’

‘Não estive agradavelmente ocupada’, interrompi. ‘Estive cuidando do nosso pobre e pequeno bebê, que está muito longe de estar bem, eu não pude deixá-lo até que dormisse.’

‘Oh, de fato, você está transbordando de bondade e piedade para com todos, menos eu.’

‘E por que teria eu piedade por você? Qual é o seu problema?’

‘Bem! Isso passa dos limites! Depois de todo o desgaste que eu tive, quando voltei para casa doente e cansado, ansiando por conforto e esperando encontrar atenção e bondade, pelo menos da minha esposa, ela tranquilamente pergunta qual é o problema comigo!’

‘Não há nenhum problema com você’, retornei, ‘exceto o que você, voluntariamente, lançou sobre si mesmo, contra minhas sinceras exortações e rogos.’

‘Agora, Helen’, ele disse enfaticamente, meio que se erguendo de sua posição reclinada, ‘se você me incomodar com mais uma palavra, tocarei a sineta e pedirei mais seis garrafas de vinho e, pelos céus, eu as beberei inteiras antes de me erguer deste lugar!’

Nada mais eu disse, mas me sentei diante da mesa e puxei um livro para mim.

‘Deixe que eu tenha tranquilidade, pelo menos!’ ele continuou, ‘se você me negar qualquer outro conforto;’ e, se afundando de volta à sua antiga posição, com uma respiração impaciente entre um suspiro e um gemido, ele languidamente fechou os olhos, como se dormisse.

Eu não poderia dizer qual era o livro aberto diante de mim, pois eu não olhava para ele. Com um cotovelo a cada lado e minhas mãos juntas diante dos meus olhos, entreguei-me a um choro silencioso. Mas Arthur não dormia; ao primeiro soluço leve, ele ergueu a cabeça e olhou ao redor, exclamando com impaciência, ‘Por que você está chorando, Helen? Que diabo de problema é agora?’

‘Estou chorando por sua causa, Arthur’, repliquei, enxugando rapidamente meus olhos; e, levantando-me, joguei-me de joelhos diante dele e agarrando sua abatida mão, continuei: ‘Você não sabe que é parte de mim? E você acha que pode se prejudicar e se degradar sem que eu sinta?’

‘Degradar-me, Helen?’

‘Sim, degradar! O que você esteve fazendo por todo esse tempo?’

‘Melhor nem perguntar’, disse ele, com um frágil sorriso.

‘E é melhor você nem dizer; mas não pode negar que se degradou miseravelmente. Você se enganou vergonhosamente, corpo e alma, e a mim,

também; e não posso mais aguentar quieta e não irei!

‘Bem, não chacoalhe minha mão tão freneticamente e não me agite tanto, pelo amor de Deus! Oh, Hattersley! Você estava certo: esta mulher será a minha morte, com seus incisivos sentimentos e sua interessante força de caráter. Calma, calma, poupe-me um pouco.’

‘Arthur, você tem de se arrepender!’ exclamei, em um frenesi de desespero, jogando meus braços ao redor dele e enterrando meu rosto em seu peito. ‘Você tem de dizer que lamenta o que fez!’

‘Bem, bem, lamento.’

‘Não! Você fará novamente!’

‘Eu não deverei viver para fazer isso de novo se você me tratar com tanta selvageria’, ele respondeu, afastando-me dele. ‘Você quase espremeu todo o ar de meu corpo.’ Ele apertou sua mão sobre seu coração e parecia realmente agitado e doente.

‘Agora, traga-me uma taça de vinho’, ele disse, ‘para remediar o que você fez, sua megera! Estou prestes a desmaiar!’

Voei para buscar o remédio requisitado. Pareceu que ele reviveu consideravelmente.

‘Que vergonha é’, eu disse, enquanto tomava a taça vazia de sua mão, ‘para um homem forte como você reduzir-se a tal estado!’

‘Se você soubesse de tudo, minha garota, você diria, “Que maravilha é você suportar isso tudo assim tão bem!” Vivi mais nestes quatro meses, Helen, do que você em todo o decorrer de sua existência ou viverá até o fim de seus dias, se chegarem a cem anos; assim espero ter de pagar por isso de alguma forma.’

‘Você terá de pagar um preço mais alto do que espera, se não tomar cuidado: que será a perda total de sua própria saúde e de minha afeição também, se é que esta tem algum valor para você.’

‘Que! Você está nesse jogo de me ameaçar com a perda de sua afeição novamente, é? Acho que não poderia ter sido a coisa mais genuína para começar, se é tão facilmente demolida. Se não se importa, minha bela tirana, você fará com que eu me arrependa de minha escolha com boa sinceridade e inveje meu amigo Hattersley com sua pequena esposa

submissa: ela é bem um padrão para o seu sexo, Helen. Ele a tinha consigo em Londres por toda a estação e ela não incomodava nem um pouco. Ele podia se entreter exatamente como queria, em estilo comum de solteiro e ela nunca reclamava de abandono; ele poderia voltar para casa a qualquer hora da noite ou da manhã, ou nem voltar; estar emburrado, sóbrio ou gloriosamente bêbado; e fingir-se de tolo ou louco de acordo com seus próprios desejos, sem nenhum medo ou aborrecimento. Ela nunca lhe dirige uma palavra de reprovação ou de reclamação, faça o que ele fizer. Ele diz que não há tal joia em toda a Inglaterra e jura que ele não a trocaria por um reino.'

'Mas ele faz da vida dela uma maldição.'

'Não ele! Ela não tem vontades além das dele e está sempre satisfeita e feliz, enquanto ele está se divertindo.'

'Neste caso, ela é uma enorme tola, tanto quanto ele; mas não é assim. Tenho várias cartas dela, expressando uma grande ansiedade sobre seus afazeres e reclamando que você o incita a cometer estas extravagâncias – em uma, especificamente, ela implora que eu use minha influência para mantê-lo longe de Londres e afirma que seu marido nunca fizera tais coisas antes de sua chegada e certamente as interromperia tão logo você partisse e o deixasse à mercê de seu próprio bom-senso.'

'A detestável pequena traidora! Dê-me a carta e ele deverá vê-la como é, tão certo quanto sou um homem vivo.'

'Não, ele não deverá vê-la sem o consentimento dela; mas, se o fizesse, não há nada lá para enervá-lo, nem em nenhuma das outras. Ela nunca fala uma palavra contra ele; ela expressa apenas ansiedade por ele. Ela somente alude à conduta dele nos termos mais delicados e faz todas as justificativas por ele que ela é capaz de pensar; e, sobre a sua própria miséria, prefiro senti-la do que vê-la expressa em suas cartas.'

'Mas ela me ofende; e, sem dúvida, você a ajudou.'

'Não; eu disse que ela sobrestimava minha influência sobre você, que eu poderia facilmente retirar-lhe das tentações da cidade se pudesse, mas tinha poucas esperanças de sucesso e que pensava que ela estava equivocada em supor que você tinha instigado o Sr. Hattersley, ou qualquer outro, ao erro. Eu mesma mantinha a opinião contrária em uma ocasião, mas agora

acredito que vocês corrompem um ao outro mutuamente; e, talvez, se ela desse uma gentil, mas séria bronca no seu marido, poderia ter algum efeito; pois, embora ele fosse mais bruto do que o meu, acreditei que fosse de um material menos impenetrável.’

‘E então este é o caminho que vocês trilham – encorajando cada uma ao motim e abusando dos parceiros de cada uma, e lançando implicações contra o seu próprio, para a satisfação mútua de ambas!’

‘De acordo com a sua própria história’, eu disse, ‘meu mau conselho teve somente pouco efeito sobre ela. E, sobre abuso e difamações, estamos nós dois muito envergonhados dos erros e dos vícios de nossas outras metades para fazer deles o assunto comum de nossas correspondências. Amigas como somos, somos desejosas de manter nossas próprias falhas a nós mesmas – mesmo de nós, se pudéssemos, a menos que, por saber delas, pudéssemos livrá-las de você.’

‘Bem, bem! Não me preocupe com elas: você nunca conseguirá nada de bom com isso. Tenha paciência comigo e aguente meu langor e meu mau humor um pouco mais, até que esta maldita febre baixa saia de minhas veias e então, você me descobrirá alegre e bondoso como sempre. Por que você não pode ser gentil e boa, como da última vez? – estou certo de que eu seria muito grato por isso.’

‘E que bem sua gratidão fez? Eu me iludi com a ideia de que você estava envergonhado pelas suas transgressões e esperei que nunca as repetiria; mas agora, não me deixou nada para ter esperança!’

‘Meu caso é bem desesperador, não é? Uma consideração bem abençoada, se apenas me proteger da dor e da preocupação da minha adorável e ansiosa esposa e dos seus esforços em me converter e, do lado dela, do esforço e do incômodo de tais empenhos, e sua doce face e das convincentes falas dos ruinosos efeitos do mesmo. Uma explosão de paixão é uma boa coisa a fazer na ocasião, Helen, e uma inundação de lágrimas é esplendidamente tocante mas, quando cedido com frequência, são ambos excessivamente maçantes para estragar a beleza de alguém e cansar seus amigos.’

Desde então eu contive minhas lágrimas e paixões o máximo que pude. Poupei-o de minhas exortações e infrutíferos esforços de conversão,

também, pois vi que tudo era em vão: que Deus possa despertar aquele coração, indolente e entorpecido de autoindulgência e remover a película de sensual obscuridade de seus olhos, pois eu não pude. Sua injustiça e seu mau humor com relação aos seus inferiores, que não podem se defender, eu ainda ressentia e me opunha; mas quando apenas eu era o objeto, como frequentemente era o caso, eu resistia com calma omissão, exceto em ocasiões em que meu temperamento, desgastado por repetidos aborrecimentos ou picado até a loucura por um novo exemplo de irracionalidade, abria caminho apesar de mim mesma e me expunha às imputações de ferocidade, crueldade e impaciência. Eu atendia cuidadosamente aos seus desejos e diversões, mas não, reconheço, com a mesma dedicada paixão de antes, porque não a sentia; além disso, eu tinha agora outro requerente do meu tempo e de minha atenção – meu aflito infante, por cujo bem eu, com frequência, desafiava e enfrentava as reprovações e as reclamações de seu irracionalmente exigente pai.

Porém, Arthur não é, naturalmente, um homem rabugento ou irritável; longe disso, pois havia algo quase ridículo na incoerência daquele accidental mau humor e nervosa irritabilidade, mais calculada para excitar o riso do que a raiva, se não fossem pelas intensamente doloridas considerações servindo àqueles sintomas de um corpo desordenado e seu temperamento gradualmente melhorou com a restauração de sua saúde física, que foi muito mais rápido do que teria sido o caso, pelos meus esforços extenuados; pois havia ainda uma coisa sobre ele que eu não desistira em desespero e um esforço pela sua preservação que eu não adiaría. Seu apetite pelo estímulo do vinho crescera, como eu tinha muito bem previsto. Era, para ele agora, algo muito mais do que um simples acessório do regozijo social: era uma importante fonte de regozijo nele mesmo. Neste momento de fraqueza e depressão, ele o teria feito seu remédio e apoio, seu confortador, sua recreação e seu amigo e, portanto, se aprofundava mais e mais, e se lançava sempre além no anticlímax onde ele caía.

Entretanto, eu determinei que isso nunca aconteceria, enquanto tivesse ainda alguma influência; e, embora eu não pudesse evitar que ele bebesse mais do que seria bom para si, ainda, por uma incessante perseverança, pela bondade, firmeza e pela vigilância, pela adulação, ousadia e determinação, consegui preservá-lo da dependência daquela detestável

propensão, tão insidiosa em seus avanços, tão inexorável em sua opressão, tão desastrosa em seus efeitos.

E, aqui, não devo esquecer que sou não pouco grata ao seu amigo, o Sr. Hargrave. Naquele tempo em que ele, com frequência, visitava Grassdale e jantava muitas vezes conosco, nas quais ocasiões eu temia que Arthur pudesse, voluntariamente, jogar a prudência e o decoro aos ventos, e fizesse uma ‘noite daquelas’, como tão frequentemente seu amigo concordaria em se juntar à ele naquele exaltado passado; e, se o último tivesse escolhido aceder, ele poderia, em uma noite ou duas, ter arruinado trabalho de semanas e destruído com um toque a frágil proteção que me custou tanto incômodo e esforço construir. Eu estava tão temerosa, no começo, que me rebaixei a lhe confessar, privadamente, minhas apreensões com a tendência de Arthur a estes excessos e a expressar a esperança de que ele não o encorajaria. Ele ficou contente com tal sinal de confiança e, certamente, não a traiu. Naquela, e em todas as ocasiões subsequentes, sua presença serviu como um obstáculo sobre seu anfitrião, do que a um incitamento para mais atos de destemperança; e ele sempre lograva em levá-lo da sala de jantar em hora oportuna e em razoavelmente boas condições; pois, se Arthur desconsiderava tais sugestões como ‘Bem, não posso detê-lo de sua mulher’, ou ‘Não devemos esquecer que a Sra. Huntingdon está sozinha’, ele próprio insistia em deixar a mesa, para me fazer companhia e seu anfitrião, embora de má vontade, era obrigado a acompanhá-lo.

Daí que aprendi a receber o Sr. Hargrave como um amigo verdadeiro da família, um companheiro inofensivo para Arthur, para alegrar seus espíritos e preservá-lo do tédio de um ócio absoluto e de um total isolamento de todas as companhias, além da minha, e um útil aliado meu. Eu não poderia senão sentir-me grata a ele sob tais circunstâncias; e não hesitei em reconhecer minha dívida na primeira oportunidade conveniente; embora, enquanto o fazia, meu coração sussurrou que algo não estava certo e trouxe um brilho ao meu rosto que ele aumentou com seu olhar rígido e sério, enquanto, pela sua maneira de receber aqueles agradecimentos, ele mais do que dobrou minhas suspeitas. Seu grande prazer em ser capaz de me ajudar foi purificado pela simpatia por mim e comiseração por ele mesmo – pelo o que, não sei, pois eu não fiquei para perguntar ou permitir que ele descarregasse suas mágoas em mim. Seus suspiros e insinuações de contidas

aflições pareciam vir de um coração pesado; mas ou ele deve lutar para reter aquilo dentro de si ou exalá-las adiante, em ouvidos que não os meus: já havia confiança o bastante entre nós. Parecia errado que devesse existir uma secreta compreensão entre o amigo de meu marido e eu, desconhecida a ele, da qual ele era o tema. Mas meu pensamento posterior foi, ‘Se for errado, certamente os erros de Arthur são culpados, não eu.’

E, com efeito, eu não sei se, naquele momento, não era por ele, ao invés de mim mesma, que corei; pois, já que ele e eu somos um, eu, portanto, identifico-me nele, pois sinto sua degradação, suas falhas e transgressões como minhas próprias: coro por ele, temo por ele; me arrependo por ele, choro, rezo e sinto por ele como para eu mesma; mas não posso agir por ele; e, por isso, devo ser, e sou, corrompida, contaminada pelo casamento, tanto em meus próprios olhos quanto pela real verdade. Estou tão determinada a amá-lo, tão intensamente ansiosa em desculpar seus erros, que estou continuamente residindo neles e trabalhando para extenuar o mais frouxo de seus princípios e a pior de suas práticas, até que esteja familiarizada com o vício e seja quase uma cúmplice de seus pecados. Coisas que, antes, me chocavam e me desgostavam agora se parecem apenas naturais. Sei que são erradas, porque a razão e a palavra de Deus assim as declaram; mas estou, gradualmente, perdendo aquele horror e aquela repulsa instintivas que me foram dadas naturalmente ou instiladas em mim pelos preceitos e pelo exemplo de minha tia. Talvez, então, eu seja muito severa em meus julgamentos, pois abomino o pecador como o pecado; agora, me encanto por ser mais caridosa e ponderada; mas não estou me tornando mais indiferente e mais insensata, também? Tola que fui, ao sonhar que tinha força e pureza suficientes para salvar a mim mesma e a ele! Tal vã presunção seria corretamente servida, se eu pudesse sucumbir com ele no vórtice do qual busquei salvá-lo! Sim, pobre Arthur, ainda tenho esperanças e rezo por você; e, embora escreva como se você fosse alguma ruína abandonada além da esperança e do perdão, são apenas minhas ansiosas lágrimas, meus mais fortes desejos que me fazem escrever assim; alguém que lhe amasse menos, seria menos amarga, menos frustrada.

Sua conduta tem sido, ultimamente, o que o mundo chamaria de irrepreensível; mas então, sei que seu coração ainda está inalterado; e sei

que a primavera está se aproximando e temo profundamente as consequências.

Assim que ele começou a recuperar o tom e o vigor de seu exaurido corpo, e com isso, algo de sua antiga impaciência de retiro e de repouso, sugeri uma curta residência no litoral, para seu divertimento e posterior recuperação, e para o benefício de nosso pequeno, também. Mas, não: balneários são intoleravelmente monótonos; além disso, ele fora convidado por um de seus amigos a passar um mês ou dois na Escócia, para a melhor diversão de caçar tetrazes e gamos, e ele prometera ir.

‘Então você me deixará novamente, Arthur?’ eu disse.

‘Sim, querida, mas apenas para amá-la mais quando eu voltar e compensar por todas as passadas ofensas e fraquezas; e você não precisa me temer desta vez: não há tentações nas montanhas. E, durante a minha ausência, pode devolver a visita a Staningley, se quiser: seu tio e sua tia há muito querem que vamos lá, você sabe; mas, de alguma maneira, há uma repulsa entre a boa senhora e eu, que nunca poderia sequer ter uma ideia do por quê.’

Cerca da terceira semana de agosto, Arthur partiu para a Escócia e o Sr. Hargrave o acompanhou até lá, para a minha íntima satisfação. Logo depois, eu, com o pequeno Arthur e com Rachel, seguimos para Staningley, meu querido e antigo lar que, assim como nossos velhos amigos seus habitantes, eu vi outra vez com sentimentos mesclados de prazer e dor, tão intimamente fundidos, que mal poderia distinguir um de outro ou dizer a qual eram atribuídas as abundantes lágrimas, sorrisos e suspiros despertados por aqueles cenários, tons e rostos familiares.

Arthur não voltou até muitas semanas depois de meu retorno a Grassdale; mas eu não me senti tão ansiosa por ele; pensar nele comprometido em ativos esportes entre as selvagens serras da Escócia era muito diferente de saber que ele estava imerso na corrupção e nas tentações de Londres. Suas cartas, agora; embora nenhuma fosse longa ou de um amante, eram mais regulares do que sempre foram antes; e, quando ele retornou, para minha grande alegria, ao invés de estar pior do que quando foi, ele estava mais alegre e vigoroso, e melhor em todos os aspectos. Desde então, tenho pouco do que reclamar. Ele ainda tem uma desafortunada

predileção pelos prazeres da mesa, contra a qual tenho de lutar e vigiar; mas começou a prestar atenção em seu garoto e isso é uma crescente fonte de entretenimento para ele dentro de casa, enquanto a caça à raposa e a caça com cães são ocupações suficientes externas, quando o solo não está endurecido pelo gelo; portanto, ele não depende totalmente de mim para passar o tempo. Mas agora é janeiro; a primavera se aproxima; e, repito, temo pelas consequências de sua chegada. Aquela doce estação, que eu uma vez alegremente recepcionei como o tempo da esperança e da felicidade, desperta agora outras expectativas, opostas, pelo seu retorno.

CAPÍTULO XXXI

20 de março de 1824.

O tempo temido chegou e Arthur se foi, como eu esperava. Desta vez, ele anunciou sua intenção de fazer uma curta estada em Londres e passar pelo continente, onde provavelmente ficaria umas poucas semanas; mas não devo esperá-lo pelo lapso de muitas semanas: agora sei que, com ele, os dias significam semanas, e semanas, meses.

30 de julho

Ele voltou cerca de três semanas, bem melhor de saúde, certamente, do que antes, mas ainda pior em temperamento. E, ainda, talvez, eu esteja errada: eu é que estou menos paciente e indulgente. Estou cansada de sua injustiça, de seu egoísmo e de sua incorrigível depravação. Gostaria que bastasse uma palavra mais amena; não sou um anjo e minha corrupção ergue-se contra isso. Meu pobre pai faleceu na semana passada: Arthur se irritou ao saber, porque ele viu que eu estava chocada e triste, e temeu que tal fato arruinasse seu conforto. Quando falei de ordenar meu luto, ele exclamou, ‘Oh, odeio preto! Mas, porém, suponho que você deva usá-lo por um momento, pelo bem das normas; mas espero, Helen, que não pense ser seu dever obrigatório compor seu rosto e suas maneiras conforme suas funéreas vestes. Por que você deve suspirar e gemer, e eu ficar desconfortável, porque um velho cavalheiro em -shire, um estranho perfeito a nós dois, julgou apropriado beber até a morte? Aí, agora, declaro que você está chorando! Bem, deve ser afetação.’

Ele não compreenderia meu comparecimento ao funeral ou ir por um dia ou dois para animar a solidão do pobre Frederick. Era muito desnecessário, ele disse, e eu era exagerada ao desejar isso. O que era meu pai, para mim? Eu nunca o vira, apenas uma vez quando eu era um bebê e bem sabia que ele não dava a mínima para mim; e meu irmão, também, era pouco mais do que um estranho. ‘Além disso, cara Helen’, ele disse, me abraçando com afeto bajulador, ‘não posso me privar de você por um único dia.’

‘Então, como você passou sem mim estes muitos dias?’ eu disse.

‘Ah! Então eu estava vagueando pelo mundo, agora estou em casa e a casa sem você, minha divindade doméstica, seria intolerável.’

‘Sim, enquanto sou necessária ao seu conforto; mas você não dizia isso antes, quando me urgiu a abandoná-lo, para que pudesse escapar de sua casa sem mim’, devolvi; mas antes que essas palavras fossem exprimidas pela minha boca, eu me arrependi de tê-las emitido. Parecia uma acusação muito pesada: se falsa, um insulto muito grosseiro; se verdadeira, um fato deveras humilhante para ser lançado assim de chofre. Mas eu poderia ter me poupado daquela momentânea pontada de autorreprovação. A acusação não lhe despertou nem vergonha ou indignação: ele não tentou refutá-la ou se defender, mas apenas respondeu com uma longa, baixa e gostosa risada, como se visse toda a discussão como uma inteligente e alegre pilhéria do começo ao fim. Certamente esse homem me fará odiá-lo, por fim!

Sine as ye brew, my maiden fair,

Keep mind that ye maun drink the yill.[\[1\]](#)

Sim; e eu beberei até o final: e ninguém, além de mim mesma, deverá saber quão amargo é para mim!

20 de agosto

Fomos devolvidos novamente à nossa posição original. Arthur praticamente retornou à sua antiga condição e aos seus hábitos; e eu descobri ser o melhor plano fechar meus olhos para o passado e o futuro, pelo menos no que tange à ele e viver apenas para o presente: amá-lo quando eu puder; sorrir (se possível) quando ele sorrir, ficar alegre quando ele estiver alegre e disposta quando ele estiver disposto; e, quando ele não estiver, tentar torná-lo; e, se não obtiver resposta, suportar, desculpar e esquecê-lo o melhor que eu puder, e conter meus próprios impulsos maus para não agravar os dele; e, ainda, embora assim eu ceda e contribua às suas mais inofensivas propensões à autoindulgência, faço tudo que está em meu poder para salvá-lo do pior.

Entretanto, não deveremos ficar sozinhos por muito tempo. Logo serei convocada a entreter o mesmo grupo seletivo de amigos que tivemos antes do último outono, com a adição do Sr. Hattersley e, por um pedido meu especial, de sua esposa e criança. Anseio por ver Millicent e sua

pequena garota, também. A última tem, agora, mais de um ano; ela será uma charmosa companheira para o meu pequeno Arthur.

30 de setembro.

Nossos convidados já estão aqui há algumas semanas; mas não tenho tido lazer em fazer alguns comentários sobre eles, até agora. Não posso superar meu desprezo por Lady Lowborough. Não é fundamentado em algum mero ressentimento pessoal; é a própria mulher que desprezo, porque a desaprovo por completo. Sempre evito sua companhia ao máximo que posso, sem violar as leis da hospitalidade; mas, quando falamos ou conversamos juntas, é com extrema civilidade, mesmo aparente cordialidade de sua parte; mas preserve-me de tal cordialidade! É como segurar rosas cheias de espinho e flores do espinheiro branco, reluzentes o suficiente para os olhos e externamente macias ao toque, mas você sabe que há espinhos e constantemente os sente; e, talvez, ressinta o ferimento ao esmagá-los até que tenha destruído sua força, embora, de certa forma, em detrimento dos seus dedos. De último, porém, nada tenho visto em sua conduta para com Arthur que me enerve ou me alarme. Durante os primeiros dias, pensei que ela parecia muito solícita em conquistar sua admiração. Seus esforços não eram despercebidos por ele: frequentemente eu o via sorrindo para si mesmo com suas manhosas manobras: mas, para elogiá-lo, as setas dela caíam enfraquecidas ao lado dele. Seus sorrisos mais enfeitados, seus arrogantes olhares franzidos eram sempre recebidos com o mesmo bom humor, imutável e indiferente; até, descobrindo-o ser de fato impenetrável, ela repentinamente mitigou seus esforços e se tornou, para todas as aparências, tão perfeitamente indiferente quanto ele próprio. Não testemunhei nenhum sintoma de ressentimento da parte dele ou renovadas tentativas de conquista, da dela.

Está como deve ser; mas Arthur nunca me deixará estar satisfeita com ele. Nunca tive, por uma única hora desde que me casei com ele, como saber o que é compreender aquela doce ideia, 'Na tranquilidade e na confiança deverá ter seu descanso'. Estes dois homens detestáveis, Grimsby e Hattersley, destruíram todo o meu trabalho contra seu amor pelo vinho. Eles o encorajam diariamente a exceder os limites da moderação e não raramente a se desgraçar pela intemperança. Não posso esquecer a segunda noite após sua chegada. Assim que me retirei da sala de jantar com as damas,

antes de que a porta se fechasse atrás de nós, Arthur exclamou, ‘E agora, meus rapazes, o que dizem de uma festa completa?’

Milicent me fitou com uma olhar de meia reprovação, como se eu pudesse impedir aquilo; mas sua feição mudou quando ela ouviu a voz de Hattersley, gritando através da porta e das paredes, ‘Estou contigo! Peça mais vinho: aqui não tem nem metade!’

Mal tínhamos entrado na sala de visitas quando Lord Lowborough se juntou a nós.

‘O que pode induzi-lo a vir tão rápido?’ perguntou sua esposa, com um ar muito descortês de insatisfação.

‘Você sabe que nunca bebo, Annabella’, ele replicou seriamente.

‘Bem, você poderia ficar um pouco com eles: parece tão estúpido estar sempre pendurado às mulheres; me surpreende como você consegue!’

Ele a repreendeu com um olhar de amargor, mesclado com surpresa e, afundando-se em uma cadeira, suprimiu um pesado suspiro, mordiscou seu lábio pálido e fixou seus olhos no chão.

‘Você fez bem em deixá-los, Lord Lowborough’, eu disse. ‘Confio que sempre continuará a nos proporcionar a honra de ter sua companhia tão cedo. E, se Annabella soubesse o valor da verdadeira sabedoria e a miséria da insensatez e – e da intemperança, não deveria falar tamanha besteira – nem por pilhéria.’

Ele ergueu os olhos enquanto eu falava e gravemente os colocou sobre mim, com um olhar meio surpreso, meio abstrato e, então, os deitou sobre sua mulher.

‘Pelo menos’, ela disse, ‘sei o valor de um cáldo coração e de um espírito viril e audacioso.’

‘Bem, Annabella’, ele disse, em tom profundo e oco, ‘já que minha presença lhe é desagradável, eu a aliviarei dela.’

‘Você vai voltar para eles, então?’ ela disse, indiferente.

‘Não’, ele exclamou, com uma ênfase áspera e assustadora. ‘Não voltarei para eles! E nunca ficarei com eles um momento a mais do que acho apropriado, por você ou por qualquer outra tentadora! Mas não precisa se

importar com isso; nunca deverei importuná-la novamente por impor minha companhia sobre você tão inoportunamente.’

Ele saiu da sala: ouvi a porta da frente abrir e se fechar, e imediatamente após, ao puxar a cortina, o vi caminhando para o bosque, na desconfortável escuridão do úmido e nublado crepúsculo.

‘Cairia-lhe bem, Annabella’, eu disse por fim, ‘se Lord Lowborough retornasse aos seus velhos hábitos, que praticamente o levaram à ruína e que lhe custou tanto se livrar: você, então, veria a causa para se arrepender de conduta como essa.’

‘Nem um pouco, minha querida! Eu não me importaria se o nobre achasse apropriado se intoxicar todos os dias: apenas me veria livre dele mais rápido.’

‘Oh, Annabella!’ exclamou Milicent. ‘Como você pode dizer coisas tão más! Seria, decerto, uma punição justa, ao tanto que lhe concerne, se a Providência a considerasse ao pé da letra e fizesse você sentir o que os outros sentem, que...’ Ela pausou assim que uma súbita explosão de palavras e risos altos nos atingiu, vindo da sala de jantar, na qual a voz de Hattersley era preeminentemente notável, mesmo para o meu ouvido destreinado.

‘O que você sente neste momento, eu suponho?’ disse Lady Lowborough, com um sorriso malicioso, fixando seus olhos no semblante aflito de sua prima.

A última não respondeu, mas afastou seu rosto e enxugou uma lágrima. Naquele momento, a porta se abriu e de lá saiu o Sr. Hargrave, apenas um pouco avermelhado, seus olhos escuros cintilando de uma vivacidade invulgar.

‘Oh, estou tão feliz por ter vindo, Walter’ exclamou sua irmã. ‘Mas gostaria que você tivesse vindo com Ralph, também.’

‘Extremamente impossível, querida Milicent’, ele replicou, alegremente. ‘Tive muito trabalho para me livrar. Ralph tentou me manter à força; Huntingdon ameaçou-me com a perda eterna de sua amizade; e Grimsby, pior do que todos, tentou me envergonhar de minha virtude, com sarcasmos e insinuações tão irritantes que ele sabia que muito me feririam. Vejam então, damas, que vocês devem me recepcionar por ter desafiado e

sofrido tanto em favor de sua doce companhia.' Ele virou-se sorridente para mim e se inclinou enquanto terminava sua frase.

'Não é ele belo, Helen!' sussurrou Milicent, seu orgulho fraternal superando, naquele momento, todas as outras considerações.

'Ele seria', retornei, 'se aquele brilho no olho, no lábio e no rosto lhe fossem naturais; mas olhe novamente, daqui a algumas horas.'

Neste ponto, o cavalheiro sentou-se próximo de mim à mesa e pediu uma xícara de café.

'Considero isto uma ilustração apropriada do céu sendo tomado pela tempestade', ele disse, enquanto eu lhe entregava a xícara. 'Estou no paraíso, agora; mas abri meu caminho pela inundação e pelo fogo para conquistá-lo. O último recurso de Ralph Hattersley foi o de colocar suas costas contra a porta e jurar que eu não teria passagem senão pelo seu corpo (bem substancial, também). Felizmente, porém, aquela não era a única porta e consegui escapar pela entrada lateral através da despensa do mordomo, para a surpresa infinita de Benson, que estava lavando a louça.'

O Sr. Hargrave riu e assim fez sua prima; mas sua irmã e eu continuamos caladas e sérias.

'Perdoe minha leviandade, Sra. Huntingdon', ele murmurou, mais grave, enquanto erguia os olhos ao meu rosto. 'Você não está acostumada a estas coisas: você as tolera a ponto de afetar a delicadeza de seu espírito muito sensivelmente. Mas pensei em você no meio desses fanfarrões corruptos; e tentei persuadir o Sr. Huntingdon a pensar sobre isso também; mas para nada conseguir: temo que ele esteja totalmente determinado a se divertir esta noite; e será inútil manter o café esperando por ele e seus companheiros; será muito caso se juntem a nós para o chá. Enquanto isso, sinceramente gostaria de poder banir os pensamentos sobre eles de sua mente – e da minha também, pois odeio pensar neles – sim – mesmo no meu querido amigo Huntingdon, quando considero o poder que ele tem sobre a felicidade de alguém tão incomensuravelmente superior a ele mesmo e o uso que ele faz dele – eu realmente odeio o homem!'

'Melhor então nem dizer isso a mim', eu disse; 'pois, por pior que seja, ele é parte de mim no momento e não pode insultá-lo sem me ofender.'

‘Perdoe-me, então, pois eu preferiria morrer mais cedo em vez de ofendê-la. Mas não digamos mais nada a respeito dele por enquanto, por favor.’

Por fim, chegaram; mas não até depois das dez, quando o chá, que atrasou por mais de meia hora, estava no final. Tanto quanto eu esperava pelo retorno deles, meu coração me falhou com o turbulento tumulto de sua chegada; e Milicent empalideceu e quase pulou de seu assento, quando o Sr. Hattersley irrompeu pela sala com uma clamorosa torrente de pragas em sua boca, que Hargrave tentou conter ao rogar a ele que se lembrasse das damas.

‘Ah! Você faz bem em me lembrar das damas, seu covarde desertor’, ele exclamou, brandindo o punho para seu cunhado. ‘Se não fosse por elas, você bem sabe, eu lhe demoliria no piscar dos olhos e daria seu corpo às aves do céu e aos lírios dos campos!’ Então, colocando uma cadeira ao lado de Lady Lowborough, ele se posicionou e começou a falar com ela em uma mistura de absurdos e impudências que pareciam mais divertir do que ofendê-la; embora ela simulasse ressentir sua insolência e a entretê-lo com tiradas e réplicas espertas e espirituosas.

Enquanto isso, o Sr. Grimsby sentou-se ao meu lado, na cadeira vaga por Hargrave enquanto entravam e gravemente afirmou que ele me agradeceria por uma xícara de café: e Arthur se posicionou ao lado da pobre Milicent, confidencialmente empurrando sua cabeça para o rosto dela e arrastando para mais perto enquanto ela se afastava dele. Ele não estava tão barulhento quanto Hattersley, mas seu rosto estava excessivamente ruborizado: ele ria incessantemente e, enquanto eu corava por tudo que via e ouvia dele, estava feliz por ele ter escolhido falar com sua companheira em voz tão baixa que ninguém poderia ouvir o que ele dizia além dela.

‘Que tolos são!’ falou o Sr. Grimsby com voz pastosa, que estivera conversando, ao meu cotovelo, com sentenciosa gravidade por todo o tempo; mas eu estivera muito absorta na contemplação do deplorável estado dos outros dois – especialmente de Arthur – para prestar atenção nele.

‘Você já ouviu tanta besteira como as deles, Sra. Huntingdon?’ ele continuou. ‘Estou bastante envergonhado deles, de minha parte: eles não

podem beber tanto quanto uma garrafa entre eles sem que suba para as suas cabeças...’

‘Você está despejando o creme sobre o pires, Sr. Grimsby.’

‘Ah! Sim, eu vejo, mas estamos quase na escuridão, aqui. Hargrave, espevite estas velas, está bem?’

‘São de cera; não precisam de espevitadeira’, eu disse.

“A luz do corpo é o olho”, observou Hargrave, com um sorriso sarcástico. “Se teu olho for são, todo o teu corpo terá luz.”[\[2\]](#)

Grimsby o repeliu com um solene ondear da mão e então, voltando-se para mim, continuou, com o mesmo tom arrastado e estranha incerteza de elocução e pesada gravidade de aspecto quanto antes: ‘Mas, como eu ia dizendo, Sra. Huntingdon, eles sequer têm cabeça: não podem beber meia garrafa sem se afetar de alguma forma; enquanto eu – bem, bebi três vezes mais do que eles esta noite e você me vê em perfeita rigidez. Isso pode surpreendê-la por ser muito singular, mas acho que posso explicar: você vê seus cérebros – não menciono nomes, mas entenderá a quem me refiro – seus cérebros são leves, para começar e os vapores da bebida fermentada os tornam ainda mais leves, o que produz uma inteira leveza de espírito, ou vertigem, resultando na intoxicação; enquanto meu cérebro, por ser composto de materiais mais sólidos, pode absorver uma quantidade maior desse vapor alcoólico sem produzir nenhum resultado sensível...’

‘Acho que você encontrará um resultado sensível produzido naquele chá’, interrompeu o Sr. Hargrave, ‘pela quantidade de açúcar que colocou nele. Ao invés de seu habitual complemento de um colherada, você colocou seis.’

‘Eu fiz isso?’ replicou o filósofo, mergulhando sua colher na xícara e trazendo várias partes mal dissolvidas para confirmar a afirmação. ‘Hum! Percebo. Portanto, Madame, você vê os males da ausência de espírito – de pensar muito enquanto ocupado com as comuns preocupações da vida. Agora, se eu tivesse meu gênio ao meu redor, como os homens comuns, ao invés de dentro de mim, como um filósofo, não deveria ter estragado essa xícara de chá e ser constrangido a incomodá-la com outra.’

‘Este é o pote de açúcar, Sr. Grimsby. Agora, você estragou o açúcar também; e eu o agradecerei se tocar a sineta e pedir mais, pois aqui

está Lord Lowborough, por fim; e espero que o lorde tenha condescendência e sente-se conosco, assim como estamos, e me permita lhe dar um pouco de chá.’

O lorde inclinou-se gravemente em resposta ao meu apelo, mas nada disse. Enquanto isso, Hargrave se ofereceu para solicitar o açúcar, enquanto Grimsby lamentava seu erro e tentava provar que se devia à sombra da chaleira e à fraqueza das luzes.

Lord Lowborough havia entrado alguns minutos antes, despercebido de todos menos de mim, e estivera parado na porta, analisando sombriamente o grupo. Ele então caminhará até Annabella, que se sentava com as costas voltadas para ele, com Hattersley ainda ao lado dela, embora não dando atenção a ela, estando ocupado em vociferar abusos e provocações contra seu anfitrião.

‘Bem, Annabella’, disse seu marido enquanto se apoiava nas costas de sua cadeira, ‘com qual destes três “audaciosos e vigorosos espíritos” você gostaria que eu me parecesse?’

‘Pelo céu e pela terra, você se parece com nós todos!’ exclamou Hattersley, levantando-se e agarrando rudemente seu braço. ‘Vamos, Huntingdon!’ ele gritou – ‘Eu o peguei! Venha, homem e me ajude! E que eu seja maldito se não embebedá-lo antes de deixá-lo ir! Ele deverá pagar por todas as delinquências passadas, isso é tão certo quanto eu sou uma alma viva!’

Então seguiu-se uma desgraçada peleja: Lord Lowborough, em um desespero sincero e pálido de raiva, silenciosamente se esforçava para se ver livre do poderoso louco que se esforçava a arrastá-lo para fora da sala. Tentei urgir Arthur a interferir no auxílio de nosso ultrajado convidado, mas ele não podia fazer nada além de rir. ‘Huntingdon, seu tolo, venha e me ajude, está bem!’ exclamou Hattersley, ele mesmo um pouco enfraquecido pelos seus excessos.

‘Estou lhe desejando boa sorte, Hattersley’, exclamou Arthur, ‘e o ajudando com minhas orações: não posso fazer mais nada se minha vida depender disso! Estou bem desgastado. Oh – oh!’ e, afundando-se na sua cadeira, ele aplaudia e suspirava alto.

‘Annabella, dê-me uma vela!’ disse Lowborough, cujo antagonista o tinha agora preso pela cintura e estava tentando arrancá-lo do batente da porta, ao qual ele loucamente se agarrou com toda a energia do desespero.

‘Não participarei de seus rudes esportes!’ replicou a dama, afastando-se friamente. ‘Imagino que você já esperasse.’ Mas eu agarrei uma vela e a levei para ele, que a pegou e manteve a chama nas mãos de Hattersley até que, gritando como uma besta selvagem, o último o soltou. Ele fugiu, suponho que para o seu próprio quarto, pois não foi mais visto até a manhã. Praguejando e xingando como um maníaco, Hattersley se jogou sobre a poltrona ao lado da janela. Estando a porta agora livre, Milicent tentou escapar da cena da desgraça do seu marido; mas ele a chamou de volta e insistiu para que ela fosse até ele.

‘O que você quer, Ralph?’ ela murmurou, relutantemente se aproximando dele.

‘Quero saber qual é seu problema’, ele disse, puxando-a para seu joelho como a uma criança. ‘Por que está chorando, Milicent? – Diga-me!’

‘Não estou chorando.’

‘Você está’, insistiu ele, rudemente puxando as mãos de seu rosto. ‘Como você ousa dizer tamanha mentira!’

‘Não estou chorando agora’, implorou ela.

‘Mas você esteve e neste minuto também; e eu sei porquê. Vamos, agora, você tem me dizer!’

‘Deixe-me em paz, Ralph! Lembre-se, você não está em casa.’

‘Não importa: você tem de responder a minha pergunta!’ exclamou seu torturador; e ele tentou extrair a confissão ao sacudi-la e a esmagar sem remorsos seus leves braços com o aperto de seus poderosos dedos.

‘Não o deixe tratar sua irmã desta forma’, eu disse ao Sr. Hargrave.

‘Chega, Hattersley, não posso permitir isso’, disse aquele cavalheiro, caminhando ao desarmônico casal. ‘Deixe minha irmã em paz, por favor.’

E ele se esforçou para tirar os dedos do rufião do braço dela, mas foi repentinamente empurrado para trás e quase caiu ao chão por um violento

golpe no peito, acompanhado da admoestação, ‘Tome isto pela sua insolência! E aprenda a não interferir entre eu e o que é meu novamente.’

‘Se você não estivesse bêbado, eu tiraria satisfações por isso!’ ofegou Hargrave, branco e sem respiração tanto pela emoção quanto pelos efeitos imediatos do golpe.

‘Vá para o inferno!’, respondeu seu cunhado. ‘Agora, Milicent, diga-me por que você está chorando.’

‘Eu lhe direi em outro momento’, ela murmurou, ‘quando estivermos sozinhos.’

‘Diga-me agora!’, ele disse, com outro safanão e um empurrão que a fez perder a respiração e a morder seu lábio para suprimir um grito de dor.

‘Eu lhe direi, Sr. Hattersley’, eu disse. ‘Ela estava chorando de pura vergonha e humilhação por você; porque ela não pode suportar ver sua conduta tão desgraçada’.

‘Maldita seja, Madame!’, ele emitiu, com um olhar de estúpida surpresa pela minha ‘impudência’. ‘Não foi por isso – foi, Milicent?’

Ela ficou quieta.

‘Vamos, diga, filha!’

‘Não posso falar agora’, ela soluçou.

‘Mas pode dizer “sim” ou “não” tanto quanto “não posso dizer”. – Vamos!’

‘Sim’, ela sussurrou, balançando a cabeça e corando pelo terrível reconhecimento.

‘Maldita seja por uma impertinente mulher vil, então!’, ele exclamou, jogando-a dele com tal violência que ela caiu para o lado; mas ela se levantou novamente antes de eu ou seu irmão ir em sua ajuda e fez o melhor para sair da sala e, suponho, subir as escadas sem perda de tempo.

O próximo objeto de assalto foi Arthur, que se sentava no lado oposto e tinha, sem dúvida, apreciado muito toda a cena.

‘Agora, Huntingdon’, exclamou seu irascível amigo, ‘você não ficará sentado aí e rindo como um idiota!’

‘Oh, Hattersley’, ele falou, enxugando seus olhos inundados – ‘você será a minha morte’.

‘Sim, serei, mas não como você supõe: tirarei o coração de seu corpo, rapaz, se você me irritar com mais daquela estúpida risada! – O que! Você continua? – Tome! Veja se isto o acalma!’, gritou Hattersley, agarrando um tamborete e o lançando à cabeça de seu anfitrião; mas ele errou o alvo e o último ainda estava desfalecendo e tremendo com uma fraca risada, com as lágrimas descendo pela sua face: de fato, um espetáculo deplorável.

Hattersley tentou xingar e praguejar, mas também não funcionaria: ele, então, pegou uma porção de livros e a jogou, um a um, ao objeto de sua ira; mas Arthur apenas ria mais; e, finalmente, Hattersley lançou-se sobre ele em um frenesi e o agarrou pelos ombros, dando-lhe uma violenta sacudida, com o que ele riu e gritou alarmantemente. Mas nada mais vi: pensei já ter testemunhado o suficiente da degradação de meu marido; e, deixando Annabella e o resto a me seguir quando quisessem, me retirei, mas não para a cama. Dispensando Rachel para o descanso, caminhei pelo meu quarto, em uma triste agonia pelo o que se foi feito, e em suspense, sem saber o que mais poderia acontecer ou como ou quando aquela infeliz criatura viria para a cama.

Por fim ele veio, lento e trôpego a subir as escadas, ajudado por Grimsby e Hattersley, eles mesmos não caminhando firmemente, mas estavam ambos rindo e zombando dele, e fazendo barulho o suficiente para que todos os criados ouvissem. Ele mesmo já não ria mais e estava aborrecido e estúpido. Não escreverei mais sobre isso.

Tais desgraçadas cenas (ou quase) se repetiram mais de uma vez. Não falo muito a Arthur sobre isso, pois, se o fizesse, faria mais mal do que bem; mas fiz saber que eu intensamente odiei tais exhibições; e, a cada vez, ele prometia que não mais as repetiria. Mas temo que ele esteja perdendo o pouco de autocontrole e respeito próprio que uma vez possuiu; antes, ele teria se envergonhado de ter agido assim – pelo menos, diante de outras testemunhas do que seus companheiros de farra ou como eles. Seu amigo Hargrave, com uma prudência e um domínio de si que eu invejo, nunca se desgraça por beber mais do que o suficiente para ficar um pouco ‘elevado’ e

é sempre o primeiro a deixar a mesa depois de Lord Lowborough que, ainda mais sábio, persevera em abandonar a sala de jantar imediatamente depois de nós: mas nem uma vez sequer, desde que Annabella o ofendera tão profundamente, ele entra na sala de estar antes do resto; sempre passando o intervalo na biblioteca, que eu tenho o cuidado de deixar acesa para seu conforto; ou, em belas noites de luar, vagueia pelos arredores. Mas acho que ela se arrepende de sua conduta imprópria, pois nunca a repetiu desde então e, ultimamente, ela tem se comportado com maravilhosa propriedade com relação a ele, tratando-o com mais uniforme bondade e consideração do que nunca que eu tenha a observado antes. Situo o começo de seu progresso desde o período em que ela interrompeu esperar e lutar pela admiração de Arthur.

[1] Trecho de um poema de Robert Burns, principal poeta escocês (1759-1796), que escrevia em escocês, inglês e em um dialeto escocês ao mesmo tempo, como é o caso da citação acima. Por isso, optamos por mantê-la no original.

[2] Refere-se à passagem de Mateus, cap. 6, v.22: “O olho é a lâmpada do corpo. Se o teu olho for são, todo o teu corpo terá luz.”

CAPÍTULO XXXII

5 de outubro.

Esther Hargrave está se tornando uma grande garota. Ela ainda não terminou seu período escolar, mas sua mãe frequentemente a leva para nos visitar pela manhã, quando os cavalheiros estão fora e, às vezes, ela passa uma hora ou duas em companhia de sua irmã e de mim, e das crianças; e, quando vamos a Grove, sempre dou um jeito de vê-la e falar mais com ela do que com qualquer outra, pois sou muito ligada à minha pequena amiga e ela também a mim. Eu me pergunto o que ela pode ver em mim que a agrade, pois já não sou mais a feliz e vívida garota que costumava ser; mas ela não tem outra amizade, a menos aquela de sua destoante mãe e de sua governanta (uma pessoa tão artificial e convencional como a que sua prudente mãe poderia procurar para corrigir as qualidades naturais de sua pupila) e, de vez em quando, sua subjugada e tranquila irmã. Com frequência, imagino o que lhe acontecerá no futuro, assim como ela; mas suas especulações sobre o futuro são repletas de alegres esperanças; assim eram as minhas, uma vez. Tremo ao pensar nela sendo despertada, como eu, para um sentimento de suas ilusórias vaidades. Parece como se eu devesse sentir seu desapontamento, ainda mais profundamente do que o meu próprio. Sinto quase como se eu tivesse nascido com tal destino, mas ela é tão alegre e viçosa, tão leve de coração e livre de espírito, e tão pura e insuspeita, também. Oh, seria cruel fazê-la sentir como eu me sinto agora e saber o que aprendi!

Sua irmã treme por ela, também. Ontem pela manhã, um dos dias mais brilhantes e encantadores de outubro, Milicent e eu estávamos no jardim apreciando uma breve meia hora juntas com nossos filhos, enquanto Annabella estava deitada no sofá da sala de visitas, concentrada no último romance. Estávamos brincando com as pequenas criaturas, quase tão felizes e desenvoltas quanto elas, e então, paramos à sombra de uma alta faia comum para recuperar o fôlego e arrumar o cabelo, desordenado pela brincadeira agitada e pela travessa brisa, enquanto elas passeavam juntas pela ampla e ensolarada trilha; meu Arthur, apoiando os frágeis passos da pequena Helen e sagazmente apontando à ela as brilhantes belezas da cerca enquanto passavam, com uma conversa semiarticulada, que fazia tanto bem à

ela quanto qualquer outro modo de conversa. Depois de rir com a bela visão, começamos a conversar sobre a futura vida das crianças; o que nos fez pensativas. Ambas recaímos em uma silenciosa meditação enquanto seguíamos, lentamente, pelo passeio; e suponho que Milicent, por um encadeamento de associações, foi conduzida a pensar na sua irmã.

‘Helen’, ela disse, ‘você vê Esther com frequência, não?’

‘Não muita’.

‘Mas você tem mais oportunidades de encontrá-la do que eu; e ela a ama, eu sei e a reverencia também: não há opinião de ninguém que ela mais considera; e ela diz que você tem mais senso do que mamãe.’

‘Isso é porque ela é obstinada e as minhas opiniões geralmente coincidem com as dela e não com as de sua mãe. Mas o que é, Milicent?’

‘Bem, já que você tem tanta influência sobre ela, eu gostaria que a convencesse seriamente de que nunca, por nenhum motivo ou por persuasão de alguém, se case por dinheiro ou posição, ou estabelecimento, ou qualquer coisa terrena, mas apenas por verdadeira afeição e estima bem fundamentada.’

‘Não há necessidade disso’, eu disse, ‘pois já tivemos alguma conversa sobre este tema e eu lhe asseguro que as ideias dela sobre o amor e o casamento são tão românticas quanto qualquer um poderia desejar.’

‘Mas noções românticas não servem: quero que ela tenha as reais.’

‘Muito certo: mas, em meu julgamento, o que o mundo torna estigmatizado como romântico é mais comumente e quase aliado à verdade do que é mais geralmente suposto; pois, se as generosas ideias da juventude são, frequentemente anuviadas pelas sórdidas visões da vida madura, isso pouco prova que elas sejam falsas.’

‘Bem, mas se você acha que as ideias dela são as que devem ser, fortaleça-as, está bem? E as confirme, o máximo que puder; pois eu, uma vez, tive românticas noções e – não quero dizer que me arrependo do meu quinhão, pois estou bem certa de que não, mas...’

‘Eu a compreendo’, eu disse; ‘você está satisfeita por si mesma, mas não queria que a sua irmã passasse pelo mesmo que você.’

‘Não – ou pior. Ela poderia passar por muito pior do que eu, pois realmente estou satisfeita, Helen, embora você possa discordar; digo a solene verdade ao afirmar que não trocaria meu marido por nenhum outro homem na terra, se pudesse fazê-lo igual a arrancar esta folha’.

‘Bem, acredito em você: agora que o tem, não o trocaria por outro; mas então, você alegremente trocaria algumas de suas qualidades por aquelas de homens melhores’.

‘Sim: assim como eu alegremente trocaria algumas das minhas qualidades por aquelas de mulheres melhores; pois nem eu ou ele somos perfeitos, e desejo seu aprimoramento tão sinceramente quanto o meu. E ele se aprimorará, você não acha, Helen? Ele tem apenas vinte e seis anos de idade.’

‘É possível’, respondi.

‘Ele irá, ele IRÁ!’, ela repetiu.

‘Desculpe a debilidade de meu reconhecimento, Milicent, eu não desencorajaria suas esperanças pelo mundo, mas as minhas têm sido tão frustradas, que estou a me tornar tão fria e vacilante em minhas expectativas como a mais fraca das octogenárias’.

‘E você ainda tem esperanças, mesmo pelo Sr. Huntingdon?’

‘Confesso que tenho, “mesmo” por ele; pois parece que a vida e a esperança terminam juntas. E é ele tão pior, Milicent, do que o Sr. Hattersley?’

‘Bem, para dar a minha opinião sincera, acho que não há comparação entre os dois. Mas não se ofenda, Helen, pois sabe que sempre falo pela minha cabeça e você pode falar pela sua, também. Não me importo,’

‘Não estou ofendida, querida; e a minha opinião é que, se há uma comparação entre os dois, a diferença, na maior parte, é certamente a favor do Sr. Hattersley.’

O próprio coração de Milicent lhe disse o quanto me custava fazer tal admissão; e, com um impulso infantil, ela expressou sua simpatia ao me beijar, repentinamente, no rosto, sem uma palavra de resposta e então, virando-se rapidamente, pegou sua filha e escondeu o rosto em sua saia. Quão estranho é quando choramos, com frequência, pelos problemas de

cada uma, quando não derramamos uma lágrima sequer pelos nossos! Seu coração estivera cheio o suficiente com as próprias mágoas, mas transbordou com a ideia das minhas; e eu, também, derramei lágrimas pela visão de sua simpática emoção, embora eu não chorara por mim por já uma semana.

Era um dia chuvoso da semana passada; a maior parte do grupo estava matando tempo na sala de bilhar, mas Milicent e eu, com o pequeno Arthur e Helen, na biblioteca, e entre nossos livros, nossos filhos e uma a outra, esperávamos ter uma manhã muito agradável. Não estávamos isoladas por mais de duas horas, porém, quando o Sr. Hattersley entrou, atraído, suponho, pela voz de sua filha, enquanto ele cruzava o corredor, pois é prodigiosamente apaixonado por ela, e ela, por ele.

Ele cheirava a estábulo, onde estivera se regalando com a companhia de seus semelhantes, os cavalos, desde o café da manhã. Porém, aquilo não era nenhum problema para a minha pequenina homônima; tão logo a colossal pessoa de seu pai sombreou a porta, ela emitiu um agudo grito de prazer e, abandonando a companhia de sua mãe, correu gritando de satisfação até ele, balançando seu trajeto com os braços abertos e abraçando seu joelho, jogou sua cabeça para trás e sorriu para o seu rosto. Ele bem que poderia olhar sorridente para baixo, para aqueles pequenos e belos traços, radiante de inocente alegria, aqueles claros e brilhantes olhos azuis, e aquele cabelo, suave e linhoso, lançado para trás sobre o pequeno pescoço e ombros de marfim. Ele não pensava o quão desmerecedor era de tal posse? Temo que tal ideia passou pela sua mente. Ele a levantou e seguiram-se alguns minutos de brincadeiras agitadas, durante a qual era difícil dizer se o pai ou a filha ria e gritava mais alto. Por fim, porém, a impetuosa diversão acabou, repentinamente, como se poderia esperar: a pequena se machucou e começou a chorar; e o bruto companheiro de brincadeira a jogou no colo da mãe, pedindo a ela que ‘faça tudo direito’. Tão feliz para regressar àquela gentil confortadora como estava ao partir dela, a criança se aninhou em seus braços e silenciou os gritos por um momento; e, afundando sua cansada cabeça em seu peito, logo caiu adormecida.

Enquanto isso, o Sr. Hattersley caminhou rapidamente para a lareira e, interpondo seu peso e sua altura entre nós e ela, permaneceu com as

mãos no quadril, expandindo seu peito e olhando ao redor como se a casa e todos os seus pertences e conteúdo fossem de sua incontestável posse.

‘Maldito mau tempo, esse!’, ele começou. ‘Não haverá caça hoje, acho.’ Então, subitamente erguendo a voz, ele nos presenteou com alguns compassos de uma brincalhona canção que, interrompendo abruptamente, encerrou com um assobio, e então, continuou: ‘Eu digo, Sra. Huntingdon, que belo garanhão seu marido tem! Não grande, mas bom. Estive olhando para eles um bocado, esta manhã; e, pela minha palavra, Black Boss, Grey Tom e aquele jovem Nimrod são os melhores animais que há muito tempo eu não via!’ Então, seguiu com uma discussão particular dos vários méritos dos cavalos seguida por um apanhado das grandes coisas que ele pretendia fazer na linha de cavaleiro, quando seu velho governante achasse apropriado deixar o palco. ‘Não que eu queira que ele feche a conta’, ele acrescentou: ‘o velho troiano está à vontade para deixar o livro dele aberto o quanto queira, por mim.’

‘Espero que sim, de fato, Sr. Hattersley.’

‘Oh, sim! É apenas meu jeito de falar. O evento deve ocorrer em algum momento, e então, olho para o lado positivo dele: é o plano correto – não é, Sra. H.? O que vocês duas estão fazendo aqui? Por falar nisso, onde está Lady Lowborough?’

‘Na sala de bilhar.’

‘Que criatura esplêndida ela é!’, ele continuou, fixando os olhos em sua esposa, que mudou de cor e parecia mais e mais desconcertada à medida que ele prosseguia. ‘Que nobre figura ela tem; e que olhos negros magníficos; e que bom espírito ela possui; e que língua, também, quando ela gosta de usá-la. Eu a adoro, perfeitamente! Mas não se importe, Millicent: eu não a trocaria pela minha esposa, nem se ela tivesse um reino como dote! Estou mais satisfeito com a que tenho. E agora, então! Por que você aparenta estar tão amuada? Não acredita em mim?’

‘Sim, acredito em você’, ela murmurou, um tom meio triste, meio de emburrada resignação, enquanto se virava para acariciar o cabelo de sua adormecida infante, que ela tinha colocado no sofá diante dela.

‘Bem, então, o que a faz tão contrariada? Venha aqui, Milly, e me diga por que não pode estar satisfeita com minha afirmação.’

Ela foi e, colocando sua pequena mão por entre seu braço, olhou para o seu rosto e disse com suavidade:

‘O que isso quer dizer, Ralph? Apenas isso, que embora tanto admire Annabella e pelas qualidades que eu não possuo, você ainda preferiria ter a mim do que ela como esposa, o que somente prova que não acha necessário amar sua esposa; você está satisfeito se ela limpa a casa e toma conta de sua filha. Mas não estou contrariada; estou apenas desanimada; pois’, ela acrescentou, em um tom baixo e trêmulo, tirando a mão de seu braço e inclinando seu olhar para o tapete, ‘se você não me ama, não me ama e isso não pode ser evitado.’

‘Bem verdade; mas quem disse que eu não a amo? Eu disse que amo Annabella?’

‘Você disse que a adorava.’

‘Certo, mas adoração não é amor. Adoro Annabella, mas não a amo; e eu amo a ti, Milicent, mas não a adoro’. Em prova de sua afeição, ele apertou um punhado de seus cachos castanho-claros e pareceu torcê-los sem misericórdia.

‘Você realmente me ama, Ralph?’, ela murmurou, com um débil sorriso irradiando-se por entre as lágrimas, apenas colocando sua mão sobre a dele, demonstrando que ele puxara muito forte.

‘Esteja certa de que sim’, ele respondeu: ‘só que, às vezes, você me irrita demais.’

‘Eu o irrito!’, ela exclamou, com uma surpresa muito natural.

‘Sim, você – mas apenas com a sua bondade excessiva. Quando um garoto esteve comendo passas e bombons por todo o dia, ele anseia por uma espremida de uma laranja amarga à guisa de mudança. E você, Milicent, nunca observa a areia na praia; quão bela e lisa ela se parece, e quão macia e indolor ela se sente aos pés? Mas, se caminhar por ela, por meia hora, sobre este carpete macio e liso – abrindo-se a cada passo, cedendo à medida da pressão – você achará um trabalho cansativo e ficaria feliz o bastante ao chegar em pedaço de boa e firme pedra, que não se move uma polegada mesmo se permanecer ou caminhar, ou pular sobre ela; e, embora seja dura

como a mó inferior, você descobrirá que é mais fácil pisar sobre ela, no fim das contas.’

‘Entendo o que você quer dizer, Ralph’, ela disse, brincando nervosamente com sua anágua e desenhando uma figura com a ponta do seu pequeno pé no tapete – ‘entendo o que quer dizer: mas achei que você sempre gostou de que eu cedesse e não posso mudar agora.’

‘Na verdade, eu gosto’, ele replicou, trazendo-a para perto com outro puxão de cabelo. ‘Você não deve se importar com o que falo, Milly. Um homem sempre deve ter algo para resmungar; e, se ele não reclama que sua esposa o arrasa até a morte com a sua perversidade e mau humor, ele deve se queixar de que sua esposa o desgasta com sua bondade e gentileza.’

‘Mas por que reclamar de tudo, a menos porque você esteja cansado e insatisfeito?’

‘Para justificar meus próprios sentimentos, esteja certa. Você acha que eu suportarei todo o fardo de meus pecados nos meus ombros, enquanto há alguém pronto para me ajudar, com nenhum dos seus para carregar?’

‘Não há ninguém assim na terra’, ela disse, séria; e então, tirando a mão de sua cabeça, ela a beijou com um ar de genuína devoção e avançou até a porta.

‘O que foi, agora?, ele disse. ‘Aonde você está indo?’

‘Arrumar meu cabelo’, ela respondeu, sorrindo por entre suas desordenadas tranças; ‘você as fez todas caírem.’

‘Vá, então! – Uma excelente pequena mulher’, ele observou, quando ela se foi, ‘mas um pouco suave demais – ela quase derrete nas mãos de alguém. Positivamente, acho que eu a desperdiço, às vezes, quando bebo demais – mas não posso evitar, porque ela nunca reclama, nem durante, nem depois. Suponho que ela não se importe.’

‘Posso esclarecê-lo neste aspecto, Sr. Hattersley’, eu disse: ‘ela se importa, sim; e com algumas outras coisas, ela se importa ainda mais, embora você possa nunca tê-la ouvido reclamar.’

‘Como você sabe? – ela reclama para você?’, ele exigiu, com uma súbita centelha de fúria pronta para explodir em uma chama se eu

respondesse “sim”.

‘Não’, eu repliquei; ‘mas a conheço há muito tempo e a estudei mais de perto do que você. – E posso lhe dizer, Sr. Hattersley, que Milicent o ama mais do que você merece e que tem o poder de fazê-la muito feliz, ao invés disso, você é o gênio mal dela e, ousou dizer, não há um único dia que passa sem que não lhe inflija alguma ofensa de que poderia poupá-la, se quisesse.’

‘Bem – não é culpa minha’, ele disse, olhando com indiferença para o teto e afundando as mãos nos bolsos: ‘se meus avanços não combinam com ela, ela deveria me dizer.’

‘Não é ela exatamente a esposa que você queria? Você não disse ao Sr. Huntingdon que deveria ter alguém que se submeteria a qualquer coisa sem murmurar e nunca culpá-lo, independentemente do que fizesse?’

‘Certo, mas nós não devemos ter, sempre, o que desejamos: isso mima até o melhor de nós, não é? Como posso evitar ter o diabo no corpo quando vejo que é tudo igual, para ela, se me comporto como um cristão ou como um patife, tal como a natureza me fez? E como posso evitar provocá-la quando ela é tão convidativamente meiga e mimosa, quando ela se deita aos meus pés como um spaniel e nunca gane para me dizer que já basta?’

‘Se você é um tirano por natureza, a tentação é forte, admito; mas nenhuma mente generosa tem prazer ao oprimir o fraco, e sim, acalentar e protegê-lo’.

‘Eu não a oprimo; mas é tão malditamente chato ser acalentado e protegido; e então, como posso dizer que a oprimo quando ela “se derrete e não se dá conta”? Eu, às vezes, penso que ela não tem nenhum sentimento; e daí continuo até ela chorar e isso me satisfaz.’

‘Então você tem prazer ao oprimi-la?’

‘Não, eu lhe digo! Apenas quando estou de mau humor ou um particularmente bom, e quero afligi-la pelo prazer do conforto; ou quando ela aparenta estar entediada e deseja alguma agitação. E, às vezes, ela me provoca ao chorar sem motivo e não me diz por que; e então, admito, isso me enerva além do normal, especialmente quando estou fora de mim.’

‘Como é, sem dúvida, o caso nestas ocasiões’, eu disse. ‘Mas, no futuro, Sr. Hattersley, quando você a vir aparentando estar entediada ou chorando “por nada” (como você diz), atribua tudo a si mesmo: esteja certo de que é algo que fez sem perceber ou sua conduta geralmente inapropriada, que a angustia.’

‘Não acredito. Se fosse, ela já teria me dito: não gosto deste modo de se deprimir e se lamentar em silêncio e nada dizer: não é honesto. Como ela pode esperar que eu me corrija desta forma?’

‘Talvez ela lhe dê crédito por ter mais senso do que você e se ilude com a esperança de que, algum dia, veja seus erros e os conserte, se deixado à própria reflexão.’

‘Nada de sarcasmo, Sra. Huntingdon. Tenho o senso de ver que não sou sempre correto, mas às vezes penso que não é grande coisa, desde que eu não fira ninguém além de mim mesmo...’

‘É uma grande coisa’, eu o interrompi, ‘para vocês dois (como descobrirá de agora em diante, às suas próprias custas) e com relação a tudo que está ligado a você, principalmente sua esposa. Mas, de fato, é besteira falar em ferir ninguém além de si mesmo: é impossível ferir a si mesmo, especialmente por tais atos aos quais aludimos, sem ferir centenas, se não milhares, além disso, em um grau maior ou menor, tanto pelo mal que você causa ou pelo bem que não realiza.’

‘E, como eu estava dizendo’, ele continuou, ‘ou teria dito se não tivesse me cortado, às vezes acho que faria melhor se me juntasse a alguém que sempre me lembre quando eu estiver errado e me dê um motivo para fazer o bem e abster-me do mal, por decididamente mostrar sua aprovação a um e desaprovação ao outro.’

‘Se você não tem motivo maior do que a aprovação de sua companheira, isso lhe seria de pouca monta.’

‘Bem, mas se eu tivesse um par que nem sempre cedesse, e sempre igualmente bondosa, mas que teria o espírito de se manter distante de vez em quando e de revelar a sua mente em todos os momentos, tal como você, por exemplo. Agora, se eu continuasse com você como o faço com ela, quando estou em Londres, você tornaria a casa muito atraente para me manter lá, eu acredito.’

‘Você se equivoca: não sou uma megera.’

‘Bem, melhor assim, pois não posso suportar contradição, de um modo geral, e sou tão apaixonado pela minha vontade própria como outrem; apenas acho que muito disso não ajuda nenhum homem.’

‘Bem, eu nunca lhe contradiria sem motivo, mas certamente sempre o deixaria saber o que penso de sua conduta; e, se você me oprimisse, em corpo, mente ou propriedade, teria ao menos nenhum motivo para pensar que “eu não me importei com isso.”’

‘Eu sei, minha senhora; e acho que se minha pequena esposa seguisse o mesmo plano, estaria melhor para nós dois.’

‘Eu direi isso a ela.’

‘Não, não, deixe estar; há muito para ser dito de ambos os lados e, pensando agora a respeito, Huntingdon às vezes lamenta que sua pessoa não seja mais como ela, cão vagabundo que ele é, e você vê, depois de tudo, que não pode corrigi-lo: ele é dez vezes pior do que eu. Ele teme você, esteja certa; ou seja, ele está sempre em seu melhor comportamento na sua presença – mas...’

‘Eu imagino como seria o pior comportamento dele, então?’ não pude evitar observar.

‘Ora, para lhe dizer a verdade, é de fato muito ruim – não é, Hargrave?’, ele disse, dirigindo-se àquele cavalheiro, que entrara na sala sem que eu percebesse, pois eu estava agora perto da lareira, com minhas costas para a porta. ‘Não é Huntingdon’, ele continuou, ‘um réprobo tão grande quanto sempre foi maldito?’

‘Sua senhora não o ouvirá censurado com impunidade’, replicou o Sr. Hargrave, adiantando-se; ‘mas, devo dizer, dou graças a Deus por não ser mais um.’

‘Talvez isso o fez ser melhor,’ eu disse, ‘olhar para o que você é e dizer, “Deus, seja misericordioso comigo, um pecador.”’

‘Você é severa’, ele devolveu, inclinando-se levemente e enchendo-se de um ar orgulhoso, ainda que ferido. Hattersley riu e bateu em seu ombro. Movendo-se de sob sua mão com um gesto de insultada dignidade, o Sr. Hargrave dirigiu-se à outra ponta do tapete.

‘Não é uma vergonha, Sra. Huntingdon?’ exclamou seu cunhado; ‘Bati em Walter Hargrave quando eu estava bêbado, na segunda noite depois de nossa chegada e ele me virou as costas desde então; embora eu tenha pedido seu perdão logo na manhã seguinte depois do evento!’

‘Sua maneira de pedir’, devolveu o outro, ‘e a clareza com que você se lembrou de tudo mostrou que não estava tão bêbado para estar totalmente consciente do que fez e muito responsável pelo feito.’

‘Você queria se intrometer entre mim e minha esposa’, rosnou Hattersley, ‘e isso é o bastante para provocar qualquer homem.’

‘Você justifica, então?’, disse seu oponente, lançando-lhe um olhar puramente vingativo.

‘Não, eu lhe digo que não teria feito isso se não estivesse sob tal excitação; e, se você preferir ver malícia nisso depois de todas as belas coisas que lhe disse, que assim seja e que se dane!’

‘Eu evitaria tal linguagem na presença de uma dama, pelo menos’, disse o Sr. Hargrave, ocultando sua raiva sob uma máscara de desgosto.

‘O que eu disse?’ devolveu Hattersley: ‘nada além da verdade celestial. Ele se danará, não é, Sra. Huntingdon, se ele não perdoar os delitos de seu irmão?’

‘Você deve perdô-lo, Sr. Hargrave, já que ele lhe pede’, eu disse.

‘Você diz isso? Então o perdorei!’ E, sorrindo quase sinceramente, ele se adiantou e ofereceu sua mão. Esta foi apertada de imediato pela de seu parente e a reconciliação foi, aparentemente, cordial de ambos os lados.

‘A afronta’, continuou Hargrave, virando-se para mim, ‘devia metade de seu amargor pelo fato de ter sido feita diante de você; e, já que me pede para perdô-lo, eu o farei e a esquecerei também.’

‘Acho que a melhor recompensa que posso fazer é me retirar’, murmurou Hattersley, com um largo sorriso afetado. Seu companheiro sorriu e ele saiu da sala. Isto me pôs em guarda. O Sr. Hargrave se virou para mim com seriedade e começou francamente:

‘Cara Sra. Huntingdon, como ansiei por esta, ainda que temerosa, hora! Não se alarme’, ele acrescentou, pois minha face estava vermelha de raiva: ‘Não irei ofendê-la com quaisquer rogos e queixas inúteis. Não

presumirei incomodá-la com a menção de meus próprios sentimentos ou das suas perfeições, mas tenho algo a revelar, o qual você deve saber e que, ainda, me dói inexpressavelmente...'

'Então, não se incomode em revelá-lo!'

'Mas é de importância...'

'Se é assim, logo deverei saber, especialmente se forem más notícias, como você parece considerar. Agora, irei levar as crianças ao quarto delas.'

'Mas não pode pedir que os criados façam isso?'

'Não; quero o exercício de subir ao topo da casa. Vamos, Arthur'.

'Mas você retornará?'

'Ainda não; nem espere.'

'Então, quando poderei vê-la novamente?'

'No almoço', eu disse, saindo com a pequena Helen em um braço e levando Arthur pela mão.

Ele se voltou, murmurando alguma frase de impaciente censura ou reclamação, da qual 'sem coração' foi a única palavra distinguível.

'Que besteira é essa, Sr. Hargrave?', eu disse, parando na soleira da porta. 'O que quer dizer com isso?'

'Oh, nada; não esperava que você ouvisse meu solilóquio. Mas o fato é, Sra. Huntingdon, que tenho uma revelação a fazer, dolorosa para mim a falar quanto a você, para ouvir; e quero que me dê poucos minutos de sua atenção em particular em qualquer hora e lugar que escolha. Não é por um motivo egoísta que lhe peço e não por alguma causa que pudesse alarmar sua pureza sobre-humana; portanto, não precisa me matar com este olhar de frio e inclemente desdém. Sei muito bem os sentimentos com os quais os portadores de más informações são considerados não para...'

'Qual é esta maravilhosa revelação?', eu disse, interrompendo-o com impaciência. 'Se é algo de real importância, diga em três palavras antes que eu me vá.'

'Em três palavras, não é possível. Peça que levem as crianças e fique comigo.'

‘Não; mantenha as más notícias consigo. Sei que é algo que não quero escutar e algo que me desagradará ao contar.’

‘Você adivinhou muito bem, temo; mas ainda, já que eu sei, sinto que é meu dever revelá-lo a você.’

‘Oh, poupe nós dois do sofrimento e eu o desincumbirei da tarefa. Você se ofereceu para contar; eu recusei ouvir: minha ignorância não será sua culpa.’

‘Que assim seja: você não saberá por mim. Mas se o golpe lhe vier demasiado repentino para você, lembre-se de que tentei amenizá-lo!’

Eu o deixei. Estava determinada a não permitir que suas palavras me alarmassem. O que poderia ele, entre todos, me revelar de tão importante para que eu o ouvisse? Era, sem dúvida, alguma fábula exagerada sobre meu desafortunado marido, que ele desejava usar ao máximo para servir ao seu próprio mau objetivo.

Dia 6

Ele não aludiu àquele significativo mistério desde então e não vejo razão para me arrepender da minha falta de vontade em escutá-lo. O golpe ameaçado ainda não foi desferido e não o temo muito. No momento, estou feliz com Arthur: ele não tem positivamente se desgraçado por mais de quinze dias e por toda esta semana ele tem sido tão moderado em sua indulgência à mesa que posso perceber uma ressaltada diferença em seu temperamento e aparência geral. Ouso esperar que isso continue?

CAPÍTULO XXXIII

Dia sete.

Sim, eu espero! Ouvi, durante a noite, Grimsby e Hattersley rosnando juntos sobre a falta de hospitalidade de seu anfitrião. Eles não sabiam que estava próxima, pois aconteceu de eu estar atrás da cortina, no arco da janela, observando o nascer da lua sobre o grupo dos altos e escuros elmos abaixo do gramado e me perguntando por que Arthur estava tão sentimental para estar sozinho, apoiando-se contra o pilar externo do pórtico, aparentemente o olhando também.

‘Então, suponho que vimos a última de nossas alegres festanças nesta casa’, disse o Sr. Hattersley; ‘pensei que sua boa companhia não duraria muito. Mas’, ele acrescentou, rindo, ‘não esperava que teria seu fim deste modo. Duvido muito que nossa bela anfitriã não estivesse eriçando os espinhos do ouriço e ameaçando nos expulsar desta casa se não observássemos nossas maneiras.’

‘Você não previu isso, então?’, respondeu Grimsby, com uma risada gutural. ‘Mas ele mudará novamente, quando estiver cheio dela. Se viermos para cá um ou dois anos mais adiante, teremos tudo do nosso modo, você verá.’

‘Eu não sei’, replicou o outro: ‘ela não é o estilo de mulher de que você logo se cansa. Mas pode ser que sim, é diabolicamente provocante agora não poderemos estar ébrios porque ele opta por estar em bom comportamento.’

‘Culpa destas malditas mulheres!’, murmurou Grimsby: ‘elas são a própria perdição do mundo! Trazem problemas e desconforto para onde vão, com seus belos e falsos rostos e suas enganosas línguas.’

Neste ponto, saí de meu esconderijo e, sorrindo para o Sr. Grimsby enquanto eu passava, deixei a sala e fui em busca de Arthur. Vendo-o dobrar seu trajeto em direção da moita, segui-o até lá e o encontrei apenas entrando no sombreado caminho. Eu estava tão leve de coração, tão transbordante de afeição, que pulei sobre ele e o agarrei em meus braços. Esta assustadora conduta teve um efeito singular sobre ele: primeiro, ele murmurou, ‘Que bênção, querida!’ e devolveu meu apertado abraço como

um fervor igual aos velhos tempos, e então se assustou e, com um tom de terror absoluto, exclamou, ‘Helen! Que diabos é isso?’ e eu vi, pela débil luz brilhando pela frondosa árvore, que ele estava realmente pálido de choque.

Quão estranho que o impulso instintivo de afeição tenha vindo primeiro e daí o choque da surpresa! Isso mostra, pelo menos, que a afeição é genuína: ele ainda não se cansou de mim.

‘Assustei-o, Arthur’, eu disse, rindo de felicidade. ‘Quão nervoso você está!’

‘Por que diabos fez isso?’, ele exclamou, bem nervoso, livrando-se dos meus braços e enxugando a testa com seu lenço. ‘Volte, Helen – volte direto para casa! Você morrerá de frio!’

‘Não irei, até lhe contar porque eu vim. Eles o estão culpando, Arthur, por sua temperança e sobriedade, e vim agradecê-lo por isso. Eles dizem que é culpa “destas malditas mulheres” e que somos a perdição do mundo; mas não os deixe rir ou rosnar pelas suas boas resoluções ou pela sua afeição por mim.’

Ele riu. Apertei-o em meus braços novamente e exclamei, em emocionada sinceridade, ‘Continue, continue assim! E eu o amarei mais do que amei antes!’

‘Bem, bem, continuarei!’, ele disse, beijando-me apressadamente. ‘Bem, agora, vá. Sua louca, como você pode sair em seu leve vestido vespertino nesta fria noite de outono?’

‘É uma noite gloriosa’, eu disse.

‘É a noite que lhe trará a morte, em mais um minuto. Corra, vá!’

‘Você vê minha morte entre estas árvores, Arthur?’, eu disse, pois ele estava observando atentamente os arbustos, como se a visse chegar e eu estava relutante em deixá-lo, na minha recém encontrada felicidade e renascimento de esperança e amor. Mas ele se tornava mais nervoso com minha demora, então o beijei e corri de volta para casa.

Eu estava em muito bom humor naquela noite: Milicent me disse que fui a vida da festa e sussurrou que ela nunca me vira tão radiante. Certamente, eu falei o suficiente para vinte e sorri para todos. Grimsby, Hattersley, Hargrave, Lady Lowborough, todos compartilharam de meus

beijos fraternais. Grimsby fitava e se maravilhava; Hattersley ria e gracejava (apesar do pouco vinho que ele se permitira beber), mas ainda se comportava tão bem quanto ele sabia como. Hargrave e Annabella, por motivos diferentes e por modos diferentes, disputavam comigo, e sem dúvida ambos me ultrapassaram, o primeiro com sua versatilidade discursiva e eloquência, a última em audácia e animação, pelo menos. Milicent, prazerosa por ver seu marido, seu irmão e sua sobre-estimada amiga se relacionando tão bem, estava vívida e alegre da mesma forma, em seu modo tranquilo. Mesmo Lord Lowborough foi pego pelo contágio geral: seus escuros olhos esverdeados estavam acesos por entre as taciturnas sobrancelhas; seu sombrio semblante estava embelezado por sorrisos; todos os traços de escuridão e orgulho, ou fria reserva, fugiram naquela ocasião; e ele nos surpreendia a todos, não apenas pela sua alegria geral e animação, mas pelos rompantes positivos de verdadeira força e brilho que ele emitia de tempos em tempos. Arthur não falou muito, mas ria e ouvia ao resto, e estava de perfeito bom humor, embora não excitado pelo vinho. Assim que, todos juntos, formamos um grupo muito agradável, inocente e divertido.

Dia 9

Ontem, quando Rachel veio me vestir para o jantar, vi que ela esteve chorando. Quis saber a causa disso, mas ela parecia relutante em contar. Ela não se sentia bem? Não. Ouvira más notícias de seus amigos? Não. Algum dos criados a irritara?

‘Oh, não, madame!’, ela respondeu. ‘Não é por mim.’

‘O que foi, então, Rachel? Você esteve lendo romances?’

‘Por favor, não!’, ela disse, com um triste menear de cabeça; e então, ela suspirou e continuou: ‘Mas para dizer a verdade, madame, não gosto dos meios de proceder do patrão.’

‘O que você quer dizer, Rachel? Ele está se comportando muito bem no momento.’

‘Bem, madame, se você acha assim, está certo.’

E ela continuou a pentear meu cabelo, de um modo apressado, muito diferente da sua habitual calma e modos serenos, murmurando, meio que para si mesma, de que estava certa de que era um cabelo muito bonito: ela

‘gostaria de vê-los combinar’. Quando terminou, ela acariciou-o com ternura e gentilmente bateu em minha cabeça.

‘Esta afetuosa ebulição é pelo meu cabelo ou para mim mesma, ama?’, eu disse, voltando-me sorridente para ela; mas uma lágrima acabara de irromper em seu olho.

‘O que você quer dizer, Rachel?’, exclamei.

‘Bem, madame, eu não sei; mas se...’

‘Se o quê?’

‘Bem, se eu fosse você, não teria Lady Lowborough nesta casa nem por mais um minuto – nem por mais um minuto!’

Eu estava atordoada; mas, antes que pudesse me recuperar do choque o suficiente para exigir uma explicação, Milicent entrou em meu aposento, como ela frequentemente faz quando se veste antes de mim; e ela ficou comigo até que era hora de descer. Ela deve ter me achado uma companhia bem insociável, desta vez, pois as últimas palavras de Rachel ainda ressoavam em meus ouvidos. Mas, ainda, eu tinha esperança, confiava que elas não tinham nenhum fundamento além de um rumor barato dos criados pelo o que eles viram das maneiras de Lady Lowborough no mês passado; ou, talvez, de algo que se passou entre o patrão deles e ela durante a sua última visita. No jantar, observei atentamente ela e Arthur, e nada vi de extraordinário na conduta de ambos, nada calculado para levantar suspeitas, exceto em mentes desconfiadas, que não eram a minha e, portanto, de nada suspeitaria.

Quase imediatamente após o jantar, Annabella saiu com seu marido para compartilhar um passeio ao luar, pois estava uma noite esplêndida, como a passada. O Sr. Hargrave entrou à sala de visitas um pouco antes dos demais e desafiou-me para um jogo de xadrez. Ele o fez sem nada daquela triste, porém orgulhosa, humildade que ele geralmente assume ao se dirigir a mim, a menos que esteja excitado pelo vinho. Olhei para o seu rosto, afim de saber se, desta vez, era o caso. Seus olhos encontraram os meus incisivamente, porém rígidos: havia algo nele que eu não compreendia, mas ele parecia sóbrio o bastante. Escolhendo não aceitar sua proposta, recomendei Milicent.

‘Ela joga mal’, ele disse, ‘quero rivalizar minha habilidade com a sua. Vamos! Você não pode fingir que não está relutante em terminar seu trabalho. Sei que nunca se ocupa dele a menos para passar um tempo ocioso, quando não há nada melhor a fazer.’

‘Mas jogadores de xadrez são tão insociáveis’, objetei; ‘não fazem companhia para ninguém, além deles mesmos.’

‘Não há ninguém além de Milicent e ela..’

‘Oh, terei o maior prazer em vê-los jogar!’, exclamou nossa amiga mútua. ‘Dois bons jogadores – será um grande desafio! Pergunto-me quem irá vencer.’

Consenti.

‘Agora, Sra. Huntingdon’, disse Hargrave, enquanto arrumava as peças sobre o tabuleiro, falando com distinção e com uma ênfase peculiar, como se desse sentido duplo a todas as palavras, ‘você é uma boa jogadora, mas eu sou melhor: deveremos ter um longo jogo e você me dará algum incômodo; mas posso ser tão paciente quanto você, e no final, deverei certamente vencer. Ele fixou seus olhos sobre mim com um brilho de que não gostei, incisivo, astucioso, audaz e quase impudente; - já meio triunfante em seu sucesso antecipado.

‘Espero que não, Sr. Hargrave!’, devolvi, com uma veemência que deve ter assustado Milicent, por fim; mas ele apenas sorriu e murmurou, ‘O tempo mostrará’.

Começamos a jogar: ele suficientemente interessado na partida, mas calmo e destemido na consciência de sua habilidade superior: eu, intensamente ansiosa em frustrar suas expectativas, pois a considerei como um tipo de um contenda mais séria, como imaginei que ele também, e senti um temor quase supersticioso de ser derrotada: em todo caso, mal poderia tolerar que o sucesso presente pudesse acrescentar um nada ao seu poder consciente (sua insolente autoconfiança, devo dizer) ou encorajar por um momento seu sonho de futura conquista. Seu jogo era cauteloso e profundo, mas lutei duro contra ele. Por algum tempo o combate questionável: por fim, para a minha alegria, a vitória pareceu se inclinar para o meu lado: eu já tinha muitas das suas melhores peças e evidentemente sabotado seus projetos. Ele colocou a mão em sua frente e pausou, em clara perplexidade.

Regozije-me em minha vantagem, mas não ousei cantar glória, ainda. Finalmente, ele ergueu a cabeça e tranquilamente fez uma jogada, olhou para mim e disse, com calma, ‘Agora você acha que irá vencer, não?’

‘Espero que sim’, repliquei, tomando o peão que ele deslocou para obstruir meu bispo, de maneira tão descuidada que pensei ter sido uma omissão, mas não tão generosa, sob as circunstâncias, para direcionar sua atenção a ela, e muito negligente, no momento, para prever as consequências depois de minha jogada.

‘São estes bispos que me incomodam’, ele disse. ‘mas o audaz cavalo pode saltar por cima dos reverenciáveis cavalheiros’, tomando meu último bispo com seu cavalo; ‘e, agora, tendo essas sagradas pessoas finalmente removidas, poderei trazer todos diante de mim’.

‘Oh, Walter, como você fala’, exclamou Milicent; ‘ela ainda tem muito mais peças do que você.’

‘Desejo ainda lhe causar alguns incômodos’, eu disse; ‘e talvez, senhor, você se descobrirá em um cheque-mate antes de se dar conta. Olhe para a sua rainha’.

O combate se aprofundou. O jogo estava se alongando e eu lhe causei alguns danos: mas ele era melhor jogador do que eu.

‘Que entusiásticos jogadores vocês são!’ disse o Sr. Hattersley, que entrara na sala e estivera nos observando por algum tempo. ‘Ora, Sra. Huntingdon, sua mão treme como se tivesse se jogado inteira sobre ela! E Walter, seu cão, você parece tão concentrado e frio como se estivesse certo da vitória, e tão afiado e cruel como se fosse tirar todo o sangue dela! Mas, se eu fosse você, não a derrotaria, pelo próprio medo: ela o odiará se você fizer – ela irá, pelos céus! Eu vejo em seu olho.’

‘Fique quieto, está bem?’ eu disse; sua conversa me distraiu, pois eu estava em meu extremo. Um poucas jogadas mais e eu estava completamente enredada na armadilha de meu antagonista.

‘Cheque’, ele exclamou: busquei, em agonia, algum meio de escapar. ‘Mate!’, ele acrescentou, calmamente, mas com evidente prazer. Ele havia suspenso a expressão da última palavra fatal para melhor apreciar meu desalento. Eu estava tolamente desconcertada pelo acontecido. Hattersley

riu; Milicent estava incomodada ao me ver tão perturbada. Hargrave colocou sua mão sobre a minha, que descansava sobre a mesa e agitando-a com uma pressão firme porém gentil, murmurou, ‘Derrotada, derrotada!’ e fitou meu rosto com um olhar onde a exultação se mesclou com uma expressão de ardor e ternura ainda mais insultante.

‘Não, nunca, Sr. Hargrave!’ exclamei, rapidamente retirando minha mão.

‘Você não reconhece?’ ele replicou, sorridentemente apontando para o tabuleiro. ‘Não, não’, respondi, ponderando quão estranha minha conduta deveria parecer: ‘você me derrotou neste jogo’.

‘Tentará outro, então?’

‘Não.’

‘Você reconhece minha superioridade?’

‘Sim, como um jogador de xadrez’.

Ergui-me para retomar meu trabalho.

‘Onde está Annabella?’, disse Hargrave, com gravidade, após olhar ao redor da sala.

‘Saiu com Lord Lowborough’, respondi, pois ele olhava para mim por uma resposta.

‘E ainda não retornou!’, ele disse, seriamente.

‘Suponho que não’.

‘Onde está Huntingdon?’, olhando em volta novamente.

‘Saiu com Grimsby, como você sabe’, disse Hattersley, suprimindo um sorriso, que irrompeu assim que ele terminou a frase. Por que ele ria? Por que Hargrave os conectou desta maneira? Era verdade, então? E era este o terrível segredo que ele queria me revelar? Eu deveria saber e rapidamente. Levantei-me e deixei a sala instantaneamente para buscar Rachel e exigir uma explicação de suas palavras; mas o Sr. Hargrave me seguiu pela antessala e antes que eu pudesse abrir sua porta externa, gentilmente colocou sua mão sobre a fechadura. ‘Posso lhe dizer algo, Sra. Huntingdon?’, ele disse, com um tom de voz subjugado e olhos caídos e sérios.

‘Se for algo valioso de se escutar’, repliquei, me esforçando para manter a compostura, pois cada membro de meu corpo tremia.

Ele calmamente puxou uma cadeira para mim. Apenas apoiei minha mão sobre ela e pedi para que continuasse.

‘Não se alarme’, ele disse: ‘o que desejo dizer não é nada em si mesmo; e deixarei que você mesma faça as inferências disso. Você disse que Annabella ainda não voltou?’

‘Sim, sim – continue!’, disse eu, impaciente; pois temi que minha forçada calma me abandonaria antes do fim de sua revelação, seja qual fosse.

‘E você sabe’, ele continuou, ‘que Huntingdon saiu com Grimsby?’

‘Bem?’

‘Ouvi o último dizer para o seu marido – ou o homem que se considera tão...’

‘Continue, senhor!’

Ele se inclinou com submissão e continuou: ‘Eu o ouvi dizer, “deverei conseguir, você verá! Eles foram para o lago; deverei encontrá-los lá e dizer-lhe que quero conversar um pouco com ele sobre algumas coisas que não devem incomodar a dama; e ela dirá que estará voltando para casa; e então, devo me desculpar, você sabe, e tudo o mais e indicar-lhe com o olho para que ela pegue o caminho da moita. Eu o manterei conversando lá, sobre esses assuntos que mencionei e tudo o mais que eu conseguir pensar, o máximo que puder, e então levá-lo pelo outro caminho, parando para ver as árvores, os campos e tudo o mais que puder encontrar assunto.”’ O Sr. Hargrave parou e olhou para mim.

Sem uma palavra de comentário ou mais perguntas, ergui-me e lancei-me para fora da sala e da casa. O tormento do suspense não deveria ser tolerado: eu não suspeitaria de meu marido falsamente, com a acusação deste homem e não confiaria nele sem que o merecesse – devo saber a verdade de uma vez. Corri para a moita. Eu mal tinha me aproximado dela quando um rumor de vozes interrompeu minha desabalada carreira.

‘Demoramo-nos demais; ele voltará’, disse a voz de Lady Lowborough.

‘Certamente que não, querida’, foi a sua resposta; ‘mas você pode correr pelo gramado e entrar o mais tranquilamente que puder; eu a seguirei em um momento.’

Meu joelhos tremeram; meu cérebro se dispersou. Estava prestes a desmaiar. Ela não deveria me ver assim. Ocultei-me atrás dos arbustos e me apoiei contra o tronco de uma árvore para vê-la passar.

‘Ah, Huntingdon!’, ela disse em um tom de reprovação, parando onde eu estivera com ele na noite anterior – ‘foi aqui que você beijou aquela mulher!’, ela olhou para a folhosa sombra atrás dela. Avançando até lá, ele respondeu, com uma risada indiferente:

‘Bem, querida, não pude evitar. Você sabe que eu tenho de me manter correto com ela o máximo que puder. E não tenho visto você beijar o estúpido de seu marido um monte de vezes? – e eu reclamo?’

‘Mas diga-me, você não a ama ainda – nem um pouco?’ ela disse, colocando a mão em seu braço e olhando sinceramente para o rosto dele – pois eu podia vê-los, claramente, a lua cheia brilhando completa sobre eles por entre os galhos da árvore que me abrigava.

‘Nem um pouco, por tudo que é sagrado!’, ele replicou, beijando seu reluzente rosto.

‘Pelo bom céu, tenho de ir!’, exclamou ela, repentinamente se separando dele e para longe se foi.

Ali ele ficou diante de mim; mas eu não tinha forças para confrontá-lo agora: minha língua grudou no céu da boca; eu estava por muito pouco a afundar na terra e quase me admirei de que ele não ouvisse as batidas de meu coração acima do sussurrar do vento e do indeciso farfalhar das folhas que caíam. Meus sentidos pareceram me falhar, mas ainda pude ver sua sombreada forma passar diante de mim e pelo som que chegava impetuosamente aos meus ouvidos, ouvi-o claramente dizer, enquanto olhava para o gramado – ‘Lá vai o tolo! Corra, Annabella, corra! Lá – vá para dentro! Ah – ele não viu! Muito bem, Grimsby, mantenha-o atrás!’ E mesmo sua baixa risada chegou até a mim enquanto ele se afastava.

‘Deus me ajude, agora’, murmurei, caindo de joelhos entre as úmidas ervas e gravetos que me cercavam e olhando para o céu iluminado pela lua,

por meio da escassa folhagem acima de mim. Tudo parecia turvo e trêmulo para a minha escurecida visão. Meu coração, ardente e inquieto, se esforçou para despejar sua agonia a Deus, mas não podia estruturar sua angústia em uma oração; até que uma rajada de vento se me atingiu, o que, enquanto espalhou as folhas secas como esperanças arruinadas, esfriou minha cabeça e pareceu reanimar um pouco meu corpo enfraquecido. Então, enquanto eu erguia minha alma em uma súplica muda e sincera, alguma influência divina pareceu me fortalecer por dentro: respirei com mais liberdade; minha visão clareou; vi nitidamente a pura lua a brilhar e as leves nuvens passando lentamente pelo límpido e escuro céu; e então eu vi as estrelas eternas cintilando acima de mim; soube que seu Deus era o meu e Ele era forte para salvar e rápido ao ouvir. ‘Eu nunca te abandonarei, nem te renunciarei’, parecia sussurrar desde as inúmeras orbes. Não, não; senti que Ele não me deixaria desamparada: apesar da terra e do inferno, deverei ter força para todos os meus julgamentos e conquistar um glorioso descanso por fim!

Reanimada, revigorada, se não composta, ergui-me e voltei para casa. Muito da minha recém-nascida força e coragem me abandonou, confesso, assim que entrei e deixei o vento fresco e o glorioso céu para fora: tudo o que via e ouvia parecia afligir meu coração – o corredor, o lustre, a escadaria, as portas dos diferentes quartos, o som social da conversa e da risada vindo da sala de visitas. Como eu poderia suportar minha vida futura! Nesta casa, entre estas pessoas – oh, como eu poderia tolerar! Então John entrou no corredor e, ao me ver, disse-me que tinha me procurado, acrescentando que acabara de levar o chá e o patrão desejava saber se eu viria.

‘Peça para que a Sra. Hattersley seja bondosa e faça o chá, John’, eu disse. ‘Diga que não estou bem esta noite e que desejo que me desculpem.’

Retirei-me na ampla e vazia sala de jantar, onde tudo era silêncio e escuridão, além do suave suspiro do vento lá fora e do débil brilho do luar que perfurava as cortinas e os cortinados; e, lá, eu caminhava para cima e para baixo, digerindo meus amargos pensamentos sozinha. Quão diferente era esta noite da de ontem! Aquela, parece, foi o último rompante a expirar da felicidade de minha vida. Pobre e cega tola que acreditou ser tão feliz! Eu podia, agora, ver a razão da estranha recepção de Arthur a mim, na moita; a explosão de bondade foi para a sua amante, o susto de horror, para a sua

esposa. Agora, também, eu podia entender melhor a conversa entre Hattersley e Grimsby; era, sem dúvida, de seu amor que eles falavam, não de mim.

Ouvi a porta da sala de visitas se abrir: uma luz rápida passou pela antessala, atravessou o corredor e subiu as escadas. Era Milicent, pobre Milicent, vindo para ver como eu estava – ninguém mais se importava comigo; porém, ela ainda era boa. Eu já não derramava mais lágrimas, mas agora elas vinham, rápidas e desimpedidas. Assim, ela me fizera bem, sem se aproximar de mim. Desapontada em sua busca, eu a ouvi descer, mais lentamente do que subira. Viria ela até aqui para me descobrir? Não, ela virou-se na direção oposta e entrou novamente na sala de visitas. Eu estava feliz, pois não sabia como tratá-la ou o que lhe dizer. Não queria nenhuma confidente para a minha angústia. Não merecia ninguém e não queria ninguém. Eu tomara o peso para mim mesma; que o carregasse sozinha.

Assim que a hora habitual de se recolher se aproximou, enxuguei meus olhos e tentei limpar minha voz e clarear minha mente. Eu deveria ver Arthur à noite e falar com ele; mas o faria tranquilamente: não haveria escândalo – nada para reclamar ou para alardear aos seus companheiros – nada de rir do seu amor pela dama. Quando o grupo estava se retirando aos seus aposentos, eu gentilmente abri a porta e, assim que ele passou, acenei para que ele entrasse.

‘O que aconteceu com você, Helen?’, ele disse. ‘Por que você não pôde fazer o chá para nós? E por que diabos você está aqui, no escuro? O que a aflige, jovem: você parece um fantasma!’ ele continuou, analisando-me pela luz de sua vela.

‘Não lhe importa’, eu respondi, ‘mais; você não tem mais nenhuma consideração por mim, parece; e não tenho mais nenhuma por você.’

‘Ah! Que diabos é isso?’, ele resmungou.

‘Eu o deixaria amanhã’, continuei, ‘e nunca mais viria para sob este teto, somente pelo meu filho’ - parei um momento para firmar minha voz.

‘O que é isso, em nome dos demônios, Helen?’, ele exclamou. ‘O que você está querendo dizer?’

‘Você sabe perfeitamente bem. Não percamos tempo com inúteis explicações, mas diga-me, está bem...?’

Ele jurou veementemente nada saber a respeito e insistiu em saber qual venenosa e velha mulher estivera denegrindo seu nome e em quais infames mentiras eu fora tola o suficiente de acreditar.

‘Poupe-se do trabalho de repudiar a si mesmo e de afligir sua mente, e de reprimir a verdade com falsidades’, repliquei friamente. ‘Não confiei no testemunho de nenhuma outra pessoa. Eu estava na moita esta noite, e vi e ouvi eu mesma.’

Isso foi o bastante. Ele emitiu uma exclamação contida de consternação e surpresa, e resmungando, ‘Tenho de me safar dessa!’, colocou sua vela sobre a cadeira mais próxima e, apoiando suas costas contra a parede, permaneceu me confrontando com os braços cruzados.

‘Bem, e então?’, ele disse, com a calma insolência do cinismo misturado com o desespero.

‘Apenas isso’, eu devolvi; ‘você me deixará levar nosso filho e o que resta de minha fortuna, e ir?’

‘Ir para onde?’

‘Qualquer lugar, onde eu possa estar segura de sua influência contagiosa e eu livre de sua presença, e você, da minha.’

‘Não.’

‘Você me deixará levar a criança, então, sem o dinheiro?’

‘Não, nem você mesma sem a criança. Você acha que serei motivo de conversa do país por causa de seus fastidiosos caprichos?’

‘Então deverei ficar aqui, a ser odiada e desprezada. Mas, de agora em diante, somos marido e mulher apenas em nome.’

‘Muito bem.’

‘Sou a mãe de seu filho e sua dona de casa, nada mais. Assim, você não precisa mais se preocupar em simular um amor que não consegue sentir: não cobrarei mais carícias insensíveis de você, nem as oferecerei ou as tolerarei mais. Não serei zombada com o invólucro vazio dos apreços conjugais, quando você dá a substância para outra!’

‘Muito bem, se a satisfaz. Veremos quem se cansará primeiro, minha dama.’

‘Se eu me cansar, será de viver neste mundo com você: não de viver sem suas pilhérias de amor. Quando você se cansar de seus modos pecaminosos e se mostrar verdadeiramente arrependido, eu o perdooarei e, talvez, tente amá-lo novamente, embora isso será, de fato, difícil.’

‘Humpf! E, enquanto isso, você irá reclamar de mim para a Sra. Hargrave e escreverá longas cartas para a tia Maxwell para reclamar da maldita ruína com quem você se casou?’

‘Não reclamarei para ninguém. Até então, me esforcei muito para esconder seus vícios de todos e lhe investir das virtudes que você nunca possuiu; mas agora, deve olhar para si mesmo.’

Deixei-o murmurando palavras de baixo calão para ele mesmo e subi as escadas.

‘Você está abatida, madame’, disse Rachel, analisando-me com profunda ansiedade.

‘É bem verdade, Rachel’, eu disse, respondendo aos seus tristes olhares ao invés de suas palavras.

‘Eu sabia, se não nem teria mencionado tal coisa.’

‘Mas não se incomode com isso’, eu disse, beijando seu rosto pálido e desgastado pelo tempo. ‘Posso suportar melhor do que imagina.’

‘Sim, você sempre esteve “suportando”. Mas se eu fosse você, não suportaria; daria vazão a isso e choraria bem alto! E falaria também, bem isso – eu lhe avisaria o que era para...’

‘Eu falei’, eu disse; ‘falei o bastante.’

‘Então eu choraria’, ela persistiu. ‘Não aparentaria estar tão branca e tão calma, e explodiria meu coração ao guardar isso’.

‘Eu chorei’, eu disse, sorrindo, apesar de minha tristeza; ‘e estou calma agora, realmente: portanto não me descomponha novamente, ama: não falemos mais a respeito e não mencione isso aos criados. Agora, você pode ir. Boa noite; e não perturbe seu sono por mim: deverei dormir bem – se eu puder.’

Apesar da minha resolução, descobri minha cama tão intolerável que me levantei, antes das duas da manhã e, acendendo minha vela com o toco que ainda estava queimando, peguei meu caderno e me sentei, com meu

roupão, para recontar os eventos da última noite. Era melhor estar assim ocupada do que deitada na cama torturando meu cérebro com as lembranças do passado distante e as expectativas do temível futuro. Tenho encontrado alívio em descrever as várias circunstâncias que destruíram minha paz, assim como os pequenos e triviais detalhes relativos às suas descobertas. Sono nenhum teria feito tanto em compor minha mente e me preparar para os julgamentos do dia. Assim imagino, pelo menos; e ainda, quando paro de escrever, vejo que minha cabeça dói terrivelmente; e, quando olho para o espelho, me assusto com minha aparência fatigada e gasta.

Rachel esteve para me vestir e diz que eu tive uma noite triste, ela pode ver. Milicent acabou de passar para ver como eu estava. Disse-lhe que estava melhor, mas que desculpasse minha aparência dado que eu tive uma noite de insônia. Espero que este dia acabe logo! Tremo aos pensamentos em descer para o desjejum. Como deverei encontrá-los todos? Ainda, deixe-me lembrar que não sou eu a culpada: não tenho motivos para temer; e, se me desprezarem como vítima de sua culpa, posso perdoar as sandices deles e desprezar seu escárnio.

CAPÍTULO XXXIV

Noite.

O café da manhã acabou bem: eu estava calma e fria por todo o tempo. Respondi educadamente a todas as perguntas sobre minha saúde; e o que fosse diferente ou incomum em minha aparência ou modo era geralmente atribuído à ínfima indisposição que acarretou em meu prematuro recolhimento na noite passada. Mas como poderei eu suportar os dez ou doze dias que ainda devem se transcorrer até eles partirem? Ainda, por que tanto tempo para irem embora? Quando todos se forem, como deverei atravessar os meses e os anos de minha futura vida na companhia daquele homem – meu maior inimigo? Pois ninguém poderia me ferir mais do que ele. Oh! Quando penso quão apaixonada, quão tolamente eu o amei, quão fervorosamente confiei nele, quão constantemente trabalhei e estudei, e rezei, e me esforcei para o seu benefício; e quão cruelmente ele pisou sobre meu amor, traiu minha confiança, desprezou minhas orações e minhas lágrimas, os meus esforços para a sua saúde, esmagou minhas esperanças, destruiu os melhores sentimentos de minha juventude e me condenou a uma vida de desesperançada miséria, tanto quanto um homem pode fazer, não é o suficiente dizer que eu não mais amo meu marido – eu o ODEIO! A palavra saltava-me ao rosto como uma confissão de culpa, mas é a verdade: eu o odeio – eu o odeio! Mas que Deus tenha misericórdia desta alma miserável! E faça com que ele veja e sinta a sua culpa – não peço outra vingança! Se ele pudesse apenas completamente saber e verdadeiramente sentir as minhas injustiças, eu estaria bem vingada e poderia livremente perdoar todas; mas ele está tão perdido, tão endurecido em sua insensível devassidão, que nesta vida eu acredito que ele nunca irá. Mas é inútil permanecer neste tema: deixe-me tentar mais uma vez dissipar a reflexão sobre os menores detalhes dos eventos que se passaram.

O Sr. Hargrave me perturbou por todo o dia com sua polidez séria, simpática e (como ele pensa) discreta. Se fosse mais indiscreta, não me importunaria menos, pois então eu poderia repreendê-lo; mas, assim como é, ele planeja parecer realmente bom e atencioso para que eu não possa aguentar sem rudeza e aparente ingratidão. Às vezes, penso que devo dar-lhe crédito pelo bom sentimento que ele simula tão bem; e então,

novamente, acho que é meu dever suspeitar dele pelas peculiares circunstâncias sob as quais estou colocada. Sua bondade pode não ser totalmente fingida; mas ainda, que o mais puro impulso de gratidão a ele me induza a esquecer de mim mesma: que eu me lembre do jogo de xadrez, das expressões que ele utilizou durante a ocasião e daqueles seus olhares indescritíveis, que tão merecidamente despertaram a minha indignação e dos quais penso que tanto devo me proteger. Eu fiz bem em gravá-los tão minuciosamente.

Acho que ele deseja uma oportunidade de falar comigo reservadamente: ele pareceu estar em vigília por todo o dia; mas tive o cuidado de frustrá-lo – não que eu tema qualquer coisa que ele possa dizer, mas já tenho problemas o bastante sem a adição de seus insultantes consolos, condolências ou qualquer outra coisa que ele possa tentar; e, pelo bem de Milicent, não desejo discutir com ele. Ele se esquivou de caçar com os outros cavalheiros pela manhã, sob o pretexto de ter cartas a escrever; e, ao invés de se retirar para tal propósito na biblioteca, ele foi com seu caderno para a sala do desjejum, onde eu estava sentada com Milicent e Lady Lowborough. Elas estavam concentradas em seu trabalho; eu, menos para divertir minha mente do que para desprezar conversas, tinha me providenciado um livro. Milicent percebeu que eu desejava ficar quieta e, portanto, me deixou em paz. Annabella, sem dúvida, também percebeu: mas isso não era motivo para segurar sua língua ou frear seus alegres espíritos: assim, ela falava a esmo, dirigindo-se quase exclusivamente a mim e com a mais extrema segurança e familiaridade, tornando-se mais animada e amigável quanto mais frias e breves ficavam minhas respostas. O Sr. Hargrave viu que eu mal poderia suportar aquilo e, erguendo o olhar de seu caderno, respondia as questões e as observações dela por mim, tanto quanto podia e tentava transferir as atenções sociais de mim para ele próprio; mas não conseguia. Talvez ela pensasse que eu estava com dor de cabeça e não podia suportar falar; de qualquer forma, ela via que aquela loquaz vivacidade me perturbava, conforme eu poderia dizer pela maliciosa pertinácia com a qual ela persistia. Mas eu a interrompi, efetivamente, ao colocar na mão dela o livro que eu estava tentando ler, aberto na guarda onde eu escrevera apressadamente:

‘Sei muito bem seu caráter e a sua conduta para sentir qualquer real amizade por você e, como não tenho o seu talento para dissimular, não posso assumir esta aparência. Devo, portanto, implorar que, de agora em diante, todo relacionamento familiar entre nós seja interrompido; e, se continuo a tratá-la com civilidade, como se você fosse uma mulher merecedora de consideração e respeito, entenda que é por consideração aos sentimentos de sua prima Milicent e não pelos seus.’

Depois de ler aquilo, ela se tornou escarlate e mordeu o lábio. Secretamente rasgando a folha, ela a amassou e a jogou ao fogo e, então, se ocupou em folhear o livro e, real ou aparentemente, lendo seu conteúdo. Logo depois, Milicent anunciou sua intenção de dirigir-se ao quarto das crianças e me pediu para que a acompanhasse.

‘Annabella nos desculpará’, ela disse; ‘está ocupada lendo.’

‘Não, não irei’, exclamou Annabella, subitamente erguendo seu olhar e jogando o livro sobre a mesa; ‘Quero falar com Helen por um minuto. Você pode ir, Milicent e ela a acompanhará em um instante’ (Milicent foi). ‘Você me concede o favor, Helen?’, ela continuou.

Sua impudência me surpreendeu; mas obedeci e a segui até a biblioteca. Ela fechou a porta e caminhou até a lareira.

‘Quem lhe disse isso?’, ela disse.

‘Ninguém: não sou incapaz de ver por mim mesma.’

‘Ah, você suspeita!’, ela exclamou, sorrindo, com um vislumbre de esperança. Até então, havia um certo desespero em sua dureza; agora, ela estava evidentemente aliviada.

‘Se eu suspeitasse de algo’, repliquei, ‘teria descoberto sua infâmia muito antes. Não, Lady Lowborough, não acho que minha acusação seja uma suspeita.’

‘Baseada em que, então?’, ela quis saber, jogando-se em uma poltrona e esticando seu pé ao guarda-fogo, um esforço óbvio para se aparentar composta.

‘Aprecio um passeio ao luar tanto quanto você’, respondi, olhando fixamente para ela; ‘e a moita acontece de ser um dos meus lugares favoritos.’

Ela mais uma vez se ruborizou excessivamente e permaneceu silenciosa, pressionando seu dedo contra o dente e olhando para o fogo. Observei-a por alguns momentos com um sentimento de malévola satisfação; então, caminhando para a porta, calmamente perguntei se ela tinha algo mais a me dizer.

‘Sim, sim!’, ela exclamou com ansiedade, levantando-se de sua postura reclinada. ‘Quero saber se contará para Lord Lowborough’.

‘E se?’

‘Bem, se você está disposta a revelar a questão, não posso dissuadi-la, claro – mas será uma coisa horrível se o fizer – e, se não o fizer, pensarei que você é a mais generosa dos seres mortais – e se houver qualquer coisa no mundo que eu possa fazer por você – qualquer coisa exceto –’, ela hesitou.

‘Exceto renunciar a sua culpada ligação com meu marido, é isso o que quer dizer?’, eu disse.

Ela parou, em evidente desconcerto e perplexidade, misturado com uma raiva que ela ousava não exibir.

‘Não posso renunciar ao que me é mais querido do que a vida’, ela exclamou, em um tom baixo e apressado. Então, levantando subitamente sua cabeça e fixando seus brilhantes olhos sobre mim, ela continuou com sinceridade: ‘Mas, Helen – ou Sra. Huntingdon, ou qualquer modo como você queira que eu a chame – você contará a ele? Se for generosa, eis uma apropriada oportunidade para o exercício de sua magnanimidade; se for orgulhosa, aqui estou – sua rival – pronta para reconhecer-me como devedora de um ato da mais nobre clemência.’

‘Não contarei a ele.’

‘Você não contará’, ela exclamou, extasiada. ‘Aceite meus sinceros agradecimentos, então!’

Ela se levantou e estendeu a mão. Eu recuei.

‘Não me agradeça; não é por você que não o faço. Nem é um ato de clemência: não tenho desejo de revelar sua vergonha. Eu deveria me lamentar por incomodar seu marido com o conhecimento disso.’

‘E Milicent? Você contará a ela?’

‘Não: pelo contrário, farei o meu melhor para esconder dela. Eu não gostaria que ela soubesse da infâmia e da desgraça de sua parente!’

‘Você usa palavras duras, Sra. Huntingdon, mas posso perdoá-la.’

‘E agora, Lady Lowborough’, continuei, ‘permita-me aconselhá-la que deixe esta casa o mais rápido possível. Você deve estar ciente de que sua permanência aqui é excessivamente desagradável para mim – não para o Sr. Huntingdon’, eu disse, observando a aurora de um malicioso sorriso de triunfo em seu rosto – ‘você é bem-vinda para ele, se gosta dele, no que tange a mim – mas porque é doloroso estar sempre escondendo meus verdadeiros sentimentos por você e lutando para manter uma aparência de civilidade e respeito por alguém que não tenho nem a mais remota sombra de estima; e porque, se ficar, sua conduta possivelmente não permanecerá oculta por muito tempo das duas pessoas na casa que ainda não a conhecem. E, para o bem de seu marido, Annabella, e mesmo para o seu, desejo – sinceramente aconselho e rogo que quebre esta relação ilegal de uma vez e volte para o seu dever enquanto possa, antes que terríveis consequências...’

‘Sim, sim, claro’, ela disse, me interrompendo com um gesto de impaciência. ‘Mas não posso ir, Helen, antes do dia marcado para a nossa saída. Qual possível pretexto eu poderia criar para tal coisa? Se eu propuser voltar sozinha – o que Lowborough sequer ouvirá – ou levá-lo comigo, a própria circunstância em si certamente levantaria suspeitas – e quando nossa visita está tão perto do fim, também – pouco mais de uma semana – seguramente você tolerará minha presença por esse período! Não a perturbarei com nada mais de minhas impertinências amigáveis.’

‘Bem, nada mais tenho a lhe dizer.’

‘Você mencionou este caso para Huntingdon?’ ela perguntou, enquanto eu deixava a sala.

‘Como ousa repetir este nome para mim!’ foi a única resposta que dei.

Não trocamos nenhuma palavra desde então, mas apenas as que a decência externa ou a pura necessidade exigiram.

CAPÍTULO XXXV

Dia dezanove.

Na proporção em que Lady Lowborough descobre que nada tem a temer de mim e enquanto o tempo de sua partida se torna ínfimo, mais audaciosa e insolente ela se torna. Ela não tem escrúpulos em falar com meu marido com afetuosa familiaridade na minha presença, quando ninguém está por perto e particularmente prefere exhibir seu interesse em sua saúde e bem estar ou em qualquer coisa que se lhe refira, como se buscasse contrastar sua bondosa solícitude contra minha fria indiferença. E ele a recompensa com tamanhos sorrisos e olhares, tamanhas palavras sussurradas ou insinuações claramente ditas, indicativas de sua percepção sobre a bondade dela e minha negligência, como a fazer o sangue correr ao meu rosto, apesar de mim mesma – pois eu seria extremamente indiferente a tudo isso – surda e cega a qualquer coisa que passe entre eles, já que quanto mais me mostro sensível a suas maldades, mais ela triunfa em sua vitória e mais ele se bajula por eu ainda amá-lo com devoção, apesar de minha fingida indiferença. Em tais ocasiões, tenho às vezes sido assustada por uma sugestão, sutil e demoníaca, incitando-me a mostrar-lhe o oposto com um aparente encorajamento aos avanços de Hargrave; mas tais ideias são banidas em um momento, com horror e autodegradação; e então, eu o odeio dez vezes mais do que nunca por ter me trazido a isso! – Deus me perdoe por esta e todas as minhas ideias pecadoras! Ao invés de me rebaixar e me purificar com minhas aflições, sinto que elas estão transformando minha natureza em fel. Este deve ser meu erro, tanto quanto os deles que me enganaram. Nenhum verdadeiro cristão poderia acalentar sentimento tão amargo quanto eu, contra ele e ela, especialmente a última; ainda sinto que poderia perdoá-lo – livremente, com felicidade – ao menor sinal de arrependimento; mas ela – as palavras não podem exprimir minha repugnância. A razão proíbe, mas a paixão urge fortemente; e devo rezar e me esforçar muito antes de subjugá-la.

Ainda bem que ela está partindo amanhã, pois não poderia mais tolerar sua presença por mais um dia. Esta manhã, ela se levantou mais cedo do que o habitual. Descobri-a sozinha na sala, quando descí para o café da manhã.

‘Oh, Helen, é você?’, ela disse, voltando-se quando entrei.

Retrocedi involuntariamente ao vê-la, ao que ela soltou uma curta risada, observando, ‘Acho que estamos as duas desapontadas’.

Avancei e me ocupei com os afazeres do café da manhã.

‘Este é o último dia em que sobrecarregarei sua hospitalidade’, ela disse, enquanto se sentava à mesa. ‘Ah, aqui está aquele que não ficará feliz com isso!’, ela murmurou, meio para si mesma, assim que Arthur entrou na sala.

Ele apertou sua mão e lhe desejou bom dia: então, olhando apaixonadamente para o seu rosto e ainda segurando sua mão, murmurou pateticamente, ‘O último – ultimo dia!’

‘Sim’, ela disse com alguma aspereza; ‘e me levantei cedo para aproveitá-lo ao máximo – estive aqui sozinha nesta meia hora e você – sua criatura preguiçosa.’

‘Bem, pensei que fosse cedo também’, ele disse; ‘mas’, abaixando sua voz para quase um suspiro, ‘você vê que não estamos mais sozinhos’.

‘Nunca estamos’, ela retrucou. Mas eles estavam quase tão bem quanto sós, pois eu estava agora olhando pela janela, observando as nuvens e lutando para segurar minha ira.

Algumas palavras mais foram trocadas entre eles, as quais, felizmente, não escutei; mas Annabella teve a audácia de vir se colocar diante de mim e mesmo de repousar a mão sobre meu ombro e dizer suavemente, ‘Você não precisa ter rancor de mim por causa dele, Helen, pois o amo mais do que você jamais poderia.’

Isso me tirou do sério. Peguei sua mão e a tirei violentamente de mim, com uma expressão de repugnância e indignação que não poderia ser reprimida. Assustada, quase intimidada por essa erupção, ela recolheu-se em silêncio. Eu teria dado vazão à minha fúria e dito mais, mas a risada baixa de Arthur me trouxe de volta a mim mesma. Interrompi a invectiva no meio e, desdenhosamente, me virei, lamentando que eu lhe dera tanta diversão. Ele ainda ria quando o Sr. Hargrave apareceu. Eu não sabia quanto da cena ele testemunhara, pois a porta estava entreaberta quando ele entrou. Ele cumprimentou seu anfitrião e sua prima com frieza, e a mim com um olhar,

com a intenção de expressar a mais profunda simpatia, mesclada com alta admiração e estima.

‘Quanta obediência você deve àquele homem?’, ele perguntou em voz baixa, enquanto permanecia ao meu lado na janela, fingindo fazer observações sobre o clima.

‘Nenhuma’, respondi. E, imediatamente voltando à mesa, ocupei-me em fazer o chá. Ele seguiu e teria entrado em algum tipo de conversa comigo, se os demais convidados não estivessem começando a se reunir, e não mais dei atenção a ele, exceto ao dar-lhe café.

Depois do desjejum, determinada a passar o menos possível do dia na companhia de Lady Lowborough, eu calmamente me aparteí do grupo e me retirei para a biblioteca. O Sr. Hargrave me seguiu até lá, com o pretexto de procurar um livro; e, primeiro voltando-se para as estantes, selecionou um volume e então em silêncio, mas de nenhuma maneira timidamente, aproximou-se de mim e, à minha frente, descansando sua mão nas costas da minha cadeira, disse com brandura, ‘E você considera-se livre, por fim?’

‘Sim’, eu disse, sem me mover ou erguer meus olhos do livro, ‘livre para fazer qualquer coisa menos ofender Deus e a minha consciência’.

Seguiu-se uma pausa momentânea.

‘Muito certo’, ele disse, ‘dado que a sua consciência não seja morbidamente fraca em demasia e as suas ideias de Deus não muito erroneamente severas; mas posso supor que ofenderia aquele Ser benevolente fazer a felicidade de alguém que morreria pela sua? – elevar um coração devotado dos tormentos do purgatório para um estado de bênção celestial, quando você poderia fazer isso sem a menor injúria para si mesma ou qualquer outro?’

Isso foi dito em um tom baixo, sincero e terno, enquanto ele se inclinava sobre mim. Eu, então, ergui minha cabeça; e confrontando rigidamente seu olhar, respondi com tranquilidade, ‘Sr. Hargrave, o senhor quer me insultar?’

Ele não estava preparado para isso. Parou por um momento para se recompor do choque; então, afastando-se e retirando sua mão da cadeira, ele

respondeu, com uma tristeza orgulhosa – ‘Esta não era a minha intenção’.

Apenas olhei para a porta, com um leve movimento da cabeça e voltei para meu livro. Ele se retirou imediatamente. Isso foi melhor do que ter respondido com mais palavras e no espírito apaixonado ao qual meu primeiro impulso teria instigado. Que coisa boa é ser capaz de comandar o temperamento de alguém! Devo trabalhar para cultivar essa qualidade inestimável: só Deus sabe quão frequentemente devo precisar dela nesta estrada dura e escura que se abre diante de mim.

No decorrer da manhã, dirigi-me até Grove com as duas damas, para dar à Milicent uma oportunidade de se despedir de sua mãe e de sua irmã. Elas a persuadiram a ficar o resto do dia, a Sra. Hargrave prometendo levá-la de volta à tarde e permanecer até que o grupo se dispersasse no dia seguinte.

Consequentemente, Lady Lowborough e eu tivemos o prazer de retornar conversando privadamente juntas, na carruagem. Ficamos em silêncio nas primeiras milhas, eu olhando pela janela e ela recostada a um canto. Mas eu não iria me restringir a alguma posição particular por causa dela; quando me cansei de me apoiar para a frente, com o vento frio e cru no meu rosto, e de analisar as avermelhadas sebes e a úmida e desordenada grama de suas margens, desisti e me recostei, também. Com a sua usual impudência, minha companheira então fez algumas tentativas de estabelecer uma conversa; mas as monossilábicas ‘sim’, ‘não’ e ‘humpf’ foram o máximo que seus muitos comentários arrancaram de mim. Por fim, ao perguntar minha opinião sobre algum ponto de discussão imaterial, respondi – ‘Por que você deseja conversar comigo, Lady Lowborough? Você deve saber o que penso de você.’

‘Bem, se você será tão amarga comigo’, ela replicou, ‘não posso evitar; mas não vou ficar amuada por causa de ninguém.’

Nosso pequeno passeio tinha chegado então ao seu fim. Assim que as portas da carruagem se abriram, ela pulou para fora e desceu até o bosque para se encontrar com os cavaleiros, que estavam apenas retornando da floresta. Claro que não a segui.

Mas eu não estava livre de sua impudência ainda: após o jantar, retirei-me à sala de visitas, como sempre e ela me acompanhou, mas eu

tinha as duas crianças comigo, e dei a elas toda a minha atenção e me determinei a ficar com elas até que os cavalheiros viessem ou até que Milicent chegasse com sua mãe. A pequena Helen, porém, logo cansou-se de brincar e insistiu em ir dormir; e, enquanto eu me sentava no sofá com ela no joelho, e Arthur sentado ao meu lado, gentilmente brincando com o cabelo suave e loiro dela, Lady Lowborough educadamente veio e se posicionou do outro lado.

‘Amanhã, Sra. Huntingdon’, ela disse, ‘você ficará livre de minha presença, o que, sem dúvida, lhe fará muito feliz – é natural que você fique; mas sabe que lhe prestei um grande serviço? Devo lhe dizer qual é?’

‘Ficarei feliz em saber sobre qualquer serviço que você me prestou’, eu disse, determinada a ficar calma, pois sabia, pelo tom de sua voz, que ela desejava me provocar.

‘Bem’, ela retomou, ‘você não observou a mudança salutar no Sr. Huntingdon? Você não vê que sóbrio e temperado homem ele se tornou? Você via com pesar os tristes hábitos que ele estava contraindo, eu sei; e sei também que fez seu melhor para livrá-lo deles, mas sem sucesso, até que vim em sua ajuda. Disse-lhe em poucas palavras que não suportava vê-lo degradar-se assim e que eu deveria parar de – não importa o que eu disse a ele, mas você vê a mudança que eu operei; e me deve um obrigado por isso.’

Levantei-me e chamei a ama.

‘Mas eu não desejo agradecimento’, ela continuou; ‘tudo o que peço é que você cuide dele quando eu me for, e que não, pela dureza e pela negligência, conduza-o de volta para as suas velhas maldições.’

Eu estava quase doente de aflição, mas Rachel estava na porta. Apontei para as crianças, pois não tinha confiança em falar: ela os levou e eu a segui.

‘Você irá, Helen?’, ela continuou a falar.

Dei-lhe um olhar que minou o malicioso sorriso em seu rosto ou o interrompeu, pelo menos por um momento e saí. Na antessala, encontrei-me com o Sr. Hargrave. Ele percebeu que não estava em condições de conversar e me deixou passar sem uma palavra; mas quando, depois de um isolamento de alguns minutos na biblioteca, recuperei minha compostura e estava retornando para me juntar à Sra. Hargrave e Milicent, que eu tinha

acabado de ouvir descer as escadas e entrar na sala de visitas, encontrei-o ainda no parcamente iluminado cômodo, evidentemente esperando por mim.

‘Sra. Huntingdon’, ele disse enquanto eu passava, ‘você me permitirá uma palavra?’

‘O que é agora? Seja rápido, por favor.’

‘Eu a ofendi nesta manhã; e não posso viver sob seu desprazer.’

‘Então vá e não peque mais’, repliquei e me virei.

‘Não, não!’, ele disse, apressadamente, se colocando diante de mim. ‘Desculpe-me, mas devo ter seu perdão. Deixarei-a amanhã e posso não ter a oportunidade de falar com você novamente. Eu me equivoquei ao esquecer você e a mim mesmo, como fiz; mas permita-me implorar para que esqueça e perdoe minha imprudente presunção, e pensar de mim como se aquelas palavras nunca tivessem sido pronunciadas; pois, acredite em mim, me arrependo delas profundamente e a perda de sua estima é uma punição muito severa: não posso suportá-la.’

‘O perdão não deve ser conquistado com um pedido; e não posso investir minha estima sobre todos que a desejam, a menos que eles a mereçam também.’

‘Deverei achar que a minha foi muito proveitosa se trabalhar para merecê-la, se você perdoar essa ofensa – a perdoará?’

‘Sim.’

‘Sim! Mas foi friamente dito. Dê-me a sua mão e eu acreditarei em você, Não a dará? Então, Sra. Huntingdon, você não me perdoou!’

‘Sim; aqui está e meu perdão com ela: apenas, NÃO PEQUE MAIS.’

Ele apertou minha mão fria com um fervor apaixonado, mas nada disse e se pôs de lado para que eu passasse à sala, onde todo o grupo estava reunido. O Sr. Grimsby estava sentado perto da porta: ao ver-me entrar, quase imediatamente seguida por Hargrave, olhou-me de soslaio com um vislumbre de intolerável importância, enquanto eu transitava. Olhei-o de frente, até que ele sombriamente se virou, se não envergonhado, pelo menos confuso com o momento. Enquanto isso, Hattersley agarrara Hargrave pelo braço e estava sussurrando alguma coisa em seu ouvido – alguma piada grosseira, sem dúvida, pois o último não ria nem falava em

resposta, mas, virando-se dele com um leve ondular do lábio, livrou-se e foi até sua mãe, que estava contando a Lord Lowborough as muitas razões que ela tinha para estar orgulhosa de seu filho.

Graças a Deus, vão todos embora amanhã.

CAPÍTULO XXXVI

20 de dezembro de 1824.

Este é o terceiro aniversário de nossa feliz união. Faz, agora, dois meses desde que nossos convidados nos deixaram para apreciar a companhia de cada um; e eu tive nove semanas de experiência desta nova fase da vida conjugal – duas pessoas vivendo juntas, como patrão e patroa da casa, e pai e mãe de um agradável e alegre pequeno filho, com a compreensão mútua de que não há amor, amizade e simpatia entre eles. Ao que toca a mim, tento viver em paz com ele: trato-o com impecável civilidade, cedi minha conveniência à ele, onde quer que seja razoável e consulto-me com ele de um modo como se fosse empresarial sobre os assuntos da casa, de acordo com seu prazer e julgamento, mesmo quando sei que a última é inferior ao meu próprio.

Enquanto ele, pelas primeiras semanas, foi irritadiço e baixo, lamentando, suponho, a partida de sua querida Annabella e particularmente de mau humor para comigo: tudo o que eu fazia estava errado; eu era insensível, dura e insensata; meu rosto amargo e pálido lhe era totalmente repulsivo; minha voz lhe fazia tremer; ele não sabia como poderia viver no inverno comigo; eu deveria matá-lo aos poucos. Novamente eu propus a separação, mas ele não a aceitou: ele não seria vítima de todas as velhas fofocas na vizinhança: ele não queria que se dissesse que era tão bruto que nem sua esposa pôde viver com ele. Não; ele deveria conseguir me aguentar.

‘Eu devo conseguir aguentá-lo, você quer dizer’, eu disse; ‘pois, enquanto eu desempenhar minhas funções de administradora e dona de casa, tão conscientemente e bem, sem remuneração e agradecimento, você não pode se separar de mim. Devo, portanto, desistir de tais tarefas quando minha ligação se tornar intolerável’. Esta ameaça, pensei, serviria para dar um jeito, se qualquer coisa pudesse.

Acredito que ele se desapontou com o fato de eu não sentir suas ofensas muito agudamente, pois quando ele dizia alguma coisa bem calculada para magoar meus sentimentos, me olhava como que perscrutando meu rosto e então murmurava contra meu ‘coração de mármore’ ou minha ‘brutal insensibilidade’. Se eu tivesse chorado amargamente e lamentado a

perda de sua afeição, ele teria, talvez, se dignado a ter piedade de mim e a me tratar melhor por um tempo, apenas para confortar sua solidão e consolá-lo pela ausência de sua amada Annabella, até que pudesse encontrá-la novamente ou encontrar outra substituta mais apropriada. Graças a Deus, não sou tão fraca assim! Estive apaixonada, uma vez, por uma tola e embriagada afeição, que se agarrou a ele apesar de sua indignidade, mas já está totalmente dissipada agora – completamente esmagada e definhada; e ele nada tem, além de si mesmo e de seus vícios, para agradecer.

Primeiro (de acordo com as determinações de sua doce senhora, suponho), ele se absteve maravilhosamente bem de buscar remédio pelas suas preocupações no vinho; mas, por fim, ele começou a relaxar seus virtuosos esforços e de vez em quando se excedia um pouco, e ainda continua a fazê-lo; não, às vezes, não um pouco. Quando ele está sob a excitante influência destes excessos, às vezes se inflama e tenta bancar o bruto; e, então, pouco me esforço para suprimir meu desdém e desgosto. Quando ele está sob a depressiva influência da ressaca, ele chora sobre seus sofrimentos e seus erros, e lança a culpa de ambos sobre mim; ele sabe que tal indulgência é prejudicial à sua saúde e lhe faz mais mal do que bem; mas ele diz que eu o levo a isso por minha conduta artificial e indigna de uma mulher; no fim, será a sua ruína, mas é tudo minha culpa; e então sou levada a me defender, às vezes com amargas recriminações. Esta é um tipo de injustiça que não posso tolerar pacientemente. Não tenho eu trabalhado tanto e tão duro para salvá-lo deste próprio vício? Não trabalharia eu ainda para livrá-lo dele, se eu pudesse? Mas, como eu poderia fazê-lo pela bajulação e acariciando-o quando sei que ele me despreza? É minha culpa ter perdido minha influência sobre ele ou que ele tenha negligenciado todos os clamores com relação a mim? E devo eu buscar a reconciliação com ele, quando sinto que o abomino e que ele me menospreza? E, enquanto ele continua ainda a se corresponder com Lady Lowborough, como eu sei que ele faz? Não, nunca, nunca, nunca! Ele pode beber até a morte, mas isso NÃO é minha culpa!

Ainda, faço a minha parte para tentar salvá-lo: dou a entender que a bebida faz seus olhos embotados, e seu rosto avermelhado e inchado; e que isso tende a lhe tornar lento física e mentalmente; e se Annabella o visse tão frequentemente quanto eu, ela rapidamente ficaria desencantada; e que ela

certamente acabará com a sua preferência por ele, se ele continuar em tal caminho. Tal modo de adverti-lo me proporciona apenas ásperos xingamentos – e, de fato, eu me sentia como se os merecesse, pois odiava usar aqueles argumentos; mas eles ressoavam em seu coração entorpecido e o faziam parar, ponderar e se abster, mais do que qualquer outra coisa que eu poderia dizer.

Agora, aprecio um alívio temporário de sua presença: ele saiu com Hargrave para se juntar a uma distante caçada e provavelmente não estará de volta até a noite de amanhã. Quão diferente eu costumava sentir sua ausência!

O Sr. Hargrave ainda está em Grove. Ele e Arthur se encontram com frequência para realizar seus esportes rurais juntos: ele frequentemente nos visita aqui e Arthur também muitas vezes vai de cavalo até sua casa. Eu não acho que algum destes assim chamados amigos está transbordando de amor um pelo outro; mas tal relacionamento serve para passar o tempo e estou muito desejosa de que assim continue, pois me poupa de horas de desconforto na companhia de Arthur e lhe dá algum passatempo melhor do que a embriagada indulgência de seus sensuais apetites. A única objeção que tenho pelo Sr. Hargrave estar por perto é que o medo de encontrá-lo em Grove me impeça de ver sua irmã tão frequentemente quanto deveria; pois, ultimamente, ele tem agido comigo com tal segura propriedade que eu quase me esqueço de sua conduta anterior. Suponho que ele esteja se esforçando para ‘conquistar minha estima’. Caso continue assim, ele poderá conquistá-la; mas, e depois? No momento em que tentar exigir algo mais, ele a perderá novamente.

10 de fevereiro

É algo difícil e cheio de amargor repelir os bondosos sentimentos e as boas intenções de alguém tão claramente. Eu estava começando a ceder perante meu arruinado parceiro; perdoar sua condição abandonada e miserável, não aliviada pelos consolos dos recursos intelectuais e pela resposta de uma boa consciência para Deus; e pensar que devo sacrificar meu orgulho e renovar meus esforços mais uma vez para tornar este lar agradável e conduzi-lo de volta ao caminho da virtude; não pela falsa prática do amor e não pelo fingido remorso, mas por mitigar minha habitual frieza

de modos e comutar minha frígida civilidade em bondade, sempre que surgir uma oportunidade; e não apenas estava eu começando a pensar assim, mas já tinha começado a agir sob tal pensamento – e qual foi o resultado? Nenhuma centelha de bondade como resposta, nenhum despertar de penitência e sim um implacável mau humor, e um espírito de opressora obrigação que crescia com a indulgência e um furtivo brilho de um triunfo autocomplacente a cada detecção de piedosa brandura em meus modos, que me solidificava em mármore novamente tão frequentemente quanto ocorriam; e, nesta manhã, ele concluiu a tarefa: acho que a petrificação foi tão completamente realizada, por fim, que nada pode me fundir novamente. Entre suas cartas estava uma, que ele leu com mostras de rara satisfação e então jogou sobre a mesa para mim, com a advertência...

‘Ai! Leia isso e aprenda!’

Era a própria e enérgica caligrafia de Lady Lowborough. Olhei para a primeira página; parecia cheia de extravagantes manifestações de afeto; impetuosos anseios por uma rápida reunião – e ímpio desafio aos mandatos de Deus e imprecações contra Sua providência por ter jogado os destinos deles distante, e os condenado à odiosa ligação de aliança com aqueles que não poderiam amar. Ele deu uma pequena risada ao ver-me corar. Dobrei a carta, me levantei e a devolvi para ele, sem nenhum comentário, porém...

‘Obrigada, aprenderei com ela.’

Meu pequeno Arthur estava entre meus joelhos, brincando prazerosamente com o brilhante anel de rubi em seu dedo. Urgida por um repentino e imperativo impulso de livrar meu filho daquela contagiosa influência, peguei-o em meus braços e o levei para fora da sala. Não gostando daquela retirada abrupta, a criança começou a se amuar e a chorar. Isto foi um novo golpe ao meu já torturado coração. Eu não poderia soltá-lo; mas, levando-o comigo para a biblioteca, fechei a porta e, me ajoelhando no chão diante dele, o abracei e o beijei, chorando junto com ele com emotiva paixão. Mais assustado do que consolado por isso, ele se virou debatendo-se contra mim e chamou alto pelo seu pai. Livrei-o de meus braços e nunca as lágrimas foram tão amargas como aquelas que o ocultavam de meus cegos e ardentes olhos. Ouvindo seus gritos, o pai veio até a sala. Eu me virei instantaneamente, pois ele poderia ver e interpretar mal minha emoção. Ele me amaldiçoou e levou a agora tranquila criança embora.

É duro que meu pequeno querido o ame mais do que a mim; e que, quando o bem-estar e a educação de meu filho é tudo pelo o que vivo, eu veja minha influência destruída por alguém cujo afeto egoísta é mais danoso do que a mais fria indiferença ou a mais severa opressão poderia ser. Se eu, para o seu próprio bem, negar-lhe a mais ínfima indulgência, ele vai para o seu pai, e ele, apesar de sua indolência egoísta, mesmo se incomodará para atender os desejos do garoto: se eu tentar refrear suas vontades ou olhar para ele com gravidade por algum ato de desobediência infantil, ele sabe que seu pai irá sorrir e tomar seu partido contra mim. Assim, não apenas tenho o espírito do pai no filho, para lutar contra, o embrião de suas más tendências para buscar e erradicar, e seu relacionamento corrupto e o exemplo da maturidade para contra-atacar, como também ele age contra meu árduo trabalho para o bem da criança, destrói minha influência em sua tenra mente e rouba de mim seu próprio amor; já não tenho mais esperanças na terra além desta e ele parece ter um prazer diabólico em despedaçá-la.

Mas é errado me desesperar; lembrarei do conselho que a inspirada missivista lhe dera, ‘temas o Senhor e obedecais a voz de seu criado, sentais na escuridão e não tenhas luz; deixe-o confiar na palavra do Senhor e fique com seu Deus!’

CAPÍTULO XXXVII

20 de dezembro de 1825.

Outro ano se passou; e estou cansada de minha vida. E, ainda, não posso desejar abandoná-la: independentemente das aflições que me assolam aqui, não posso querer partir e deixar meu querido sozinho neste escuro e maldoso mundo, sem um amigo para guiá-lo por entre estes seus extenuantes labirintos, para alertá-lo dos milhares de suas armadilhas e a guardá-lo dos perigos que o cercam a cada curva. Não sou a mais apropriada para ser sua única companhia, eu sei; mas não há ninguém mais para me substituir. Sou muito séria para contribuir com as suas diversões e entrar em suas atividades infantis, como uma ama ou uma mãe deveria fazer, e frequentemente seus rompantes de grande contentamento me incomodam e me alarmam; vejo neles o espírito e o temperamento de seu pai, e tremo pelas consequências; e, com muita frequência, amorteço o inocente júbilo que deveria compartilhar. Aquele pai, pelo contrário, não tem o peso da tristeza em sua mente; não se incomoda com medo ou escrúpulo algum sobre o bem-estar futuro de seu filho; e, principalmente às noites, as horas em que a criança o vê mais e com mais constância, ele está sempre particularmente bem disposto e gentil: pronto para rir e brincar com tudo e todos exceto eu, e fico particularmente quieta e triste: claro, portanto, que a criança ama cegamente seu aparentemente alegre, divertido e sempre indulgente papai, e trocará, a qualquer momento, minha companhia pela dele com felicidade. Isso muito me perturba; não tanto em relação à afeição do meu filho (embora eu altamente a preze e embora sinta que é meu direito, e sei que fiz muito para conquistá-la) quanto àquela influência sobre ele que, para seu próprio benefício, eu deveria lutar para adquirir e reter, e o qual, por excessivo rancor, seu pai se delicia em me privar e, por motivos de puro egoísmo ocioso, se satisfaz em conquistar para si próprio; fazendo uso nenhum disso, a não ser me atormentar e estragar a criança. Meu único consolo é que ele passa, comparativamente, pouco de seu tempo em casa e, durante os meses em que está em Londres ou em qualquer lugar, tenho chance de recuperar o terreno perdido e superar com o bem a maldade que ele operou pela sua deliberada malversação. Mas, então, é uma amarga experiência vê-lo, ao retornar, fazer seu melhor para subverter meus

trabalhos e transformar o meu inocente, afetuoso e tratável querido em um egoísta, desobediente e travesso garoto; assim, portanto, preparando o solo para aqueles vícios que ele tão bem cultivou em sua própria natureza pervertida.

Felizmente, nenhum dos ‘amigos’ de Arthur foi convidado a Grassdale no último outono: ele é que partiu para visitar alguns deles. Espero que ele sempre faça assim e gostaria que seus amigos fossem muitos e carinhosos o bastante para mantê-lo com eles por todo o ano. O Sr. Hargrave, muito para o meu incômodo, não foi com ele; mas acho que me livrei daquele cavalheiro, finalmente.

Ele se comportou incrivelmente bem por sete ou oito meses, e foi também tão habilidoso, que baixeí minha guarda quase por completo e estava começando a vê-lo, de fato, como um amigo e mesmo a tratá-lo como tal, com certas prudentes restrições (as quais eu julguei pouco necessárias); quando, presumindo minha bondade insuspeita, ele pensou que poderia se aventurar a ultrapassar os limites da decente moderação e propriedade que, por tanto tempo, o haviam contido. Foi em uma agradável noite no final de maio: eu estava passeando pelo bosque e ele, a me ver lá enquanto cavalgava, fez-se audacioso ao entrar e se aproximar de mim, desmontando e deixando seu cavalo no portão. Aquela foi a primeira vez em que ele ousou adentrar em seu recanto desde que fui deixada sozinha, sem a sanção da companhia de sua mãe ou de sua irmã, ou pelo menos com a desculpa de uma mensagem delas. Mas ele conseguiu se aparentar tão calmo e tranquilo, tão respeitoso e controlado em sua amizade que eu, embora um pouco surpresa, não me alarmei nem me ofendi com a incomum liberdade, e ele caminhou comigo sob os freixos e pelo lago, e conversamos, com considerável animação, bom gosto e inteligência, sobre muitos assuntos, antes que eu começasse a pensar em como me livraria dele. Então, depois de uma pausa, durante a qual ambos ficamos observando a calma e azulada água – eu, revolvendo em minha mente os melhores meios de dispensá-lo com polidez, ele, sem dúvida, ponderando outras questões igualmente alheias à doce paisagem e sons que se apresentavam aos seus sentidos, repentinamente ele me eletrificou iniciando, em um tom peculiar, baixo e suave, mas perfeitamente diferente, a despejar as mais inequívocas expressões de amor sincero e apaixonado; defendendo sua causa com a mais eminente, ainda que

habilidosa, eloquência que ele poderia reunir em seu auxílio. Mas logo interrompi seu apelo e o repeli com tanta determinação e decisão, e com tal mistura de desdenhosa indignação, temperada com uma mágoa fria e desapaixonada, e comiseração pela sua mente ignorante, que ele se retirou, atônito, mortificado e desconsolado; e, alguns dias depois, soube que ele partira para Londres. Ele voltou, porém, em oito ou nove semanas, e não se manteve totalmente distante de mim, mas se comportou de maneira tão notável que sua observadora irmã não pôde deixar de perceber a mudança.

‘O que você fez a Walter, Sra. Huntingdon?’, ela perguntou em uma manhã, quando a visitei em Grove e ele acabara de deixar a sala depois de trocar algumas palavras da mais fria civilidade. ‘Ele tem sido tão cerimonioso e majestoso ultimamente, e não posso imaginar por que, a menos que você o tenha desesperadamente ofendido. Diga-me o que é e posso ser a mediadora, e fazê-los amigos novamente.’

‘Não fiz nada voluntariamente para ofendê-lo’, eu disse. ‘Se ele está ofendido, pode melhor lhe dizer o que aconteceu.’

‘Perguntarei a ele’, exclamou a leviana garota, se levantando e colocando a cabeça para fora da janela: ‘ele está perto, no jardim – Walter!’

‘Não, não, Esther, você me desagradará profundamente se o fizer; e irei embora imediatamente e não voltarei por meses – talvez anos.’

‘Você chamou, Esther?’ perguntou seu irmão, chegando à janela pelo lado de fora.

‘Sim, queria lhe pedir...’

‘Bom dia, Esther’, eu disse, pegando sua mão e a balançando com severidade.

‘Pedir’, ela continuou, ‘que pegue uma rosa para a Sra. Huntingdon.’ Ele saiu. ‘Sra. Huntingdon’, ela exclamou, virando-se para mim e me segurando pela mão com força, ‘Estou chocada com você – você estava tão nervosa e distante e fria quanto ele: e estou determinada que vocês fiquem bons amigos como sempre, antes de você ir.’

‘Esther, como você pode ser tão rude!’ exclamou a Sra. Hargrave, que estava sentada tricotando séria em sua poltrona. ‘Certamente nunca aprenderá a se comportar como uma dama!’

‘Bem, mamãe, você mesmo disse – ‘, mas a jovem dama foi interrompida pelo dedo erguido de sua mãe, acompanhado de um austero meneio de cabeça.

‘Ela não é rabugenta?’, sussurrou ela para mim; mas, antes que eu pudesse acrescentar mais reprovações, o Sr. Hargrave reapareceu na janela com uma bela rosa em sua mão.

‘Aqui, Esther, eu trouxe sua rosa’, ele disse, estendendo-a para ela.

‘Dê você mesmo, seu estúpido!’, ela exclamou, recuando com um pulo de nós.

‘A Sra. Huntingdon preferiria recebê-la de você’, ele replicou, com um tom sério, mas abaixando a voz para que sua mãe não a ouvisse. Sua irmã pegou a rosa e a entregou para mim.

‘Os cumprimentos de meu irmão, Sra. Huntingdon e ele deseja que, por meio dela, você e ele possam se entender melhor. Isso basta, Walter?’, acrescentou a temperada garota, voltando-se para ele e colocando seu braço ao redor de seu pescoço, enquanto ele permanecia apoiado no parapeito da janela – ‘ou deveria eu dizer que você lamenta ser tão sensível? Ou que espera que ela perdoe sua ofensa?’

‘Sua garota estúpida! Você nem sabe o que fala!’, ele replicou com gravidade.

‘Claro que não: pois estou completamente no escuro!’

‘Agora, Esther’, se interpôs a Sra. Hargrave que, se igualmente ignorante no assunto de nosso estranhamento, via ao menos que sua filha estava se comportando muito inapropriadamente, ‘eu devo insistir em que deixe a sala!’

‘Por favor não, Sra. Hargrave, pois estou eu mesma saindo’, eu disse e imediatamente me despedi.

Cerca de uma semana depois, o Sr. Hargrave levou sua irmã para me ver. Ele se portou, primeiro, com sua habitual frieza e distância, meio imponente, meio melancolicamente, mas no todo, com um ar ferido; mas Esther não fez nenhum comentário a respeito, desta vez: ela tinha sido, evidentemente, ensinada a ter melhores maneiras. Ela conversava comigo, e ria e brincava com o pequeno Arthur, seu amado e afetuoso companheiro de

brincadeiras. Ele, de certa forma para o meu desconforto, a induziu para sair da sala e correr pelo corredor, e daí para o jardim. Levantei-me para acender o fogo. O Sr. Hargrave perguntou se eu sentia frio e fechou a porta – um serviço bem fora de hora, pois eu meditava seguindo os barulhentos brincalhões, caso não voltassem rapidamente. Ele, então, tomou a liberdade de caminhar até o fogo e me perguntar se eu sabia que o Sr. Huntingdon estava hospedado com o Lord Lowborough, e pretendia ficar lá algum tempo.

‘Não; mas não me importa’, respondi com indiferença; e, se meu rosto brilhou como fogo, era mais pela pergunta do que pela resposta a que ela levava.

‘Você não tem objeção a isso?’ ele disse.

‘Nem um pouco, se Lord Lowborough gosta de sua companhia.’

‘Você não o ama mais, então?’

‘Nem um pouco.’

‘Eu sabia – eu sabia que você era muito elevada de espírito e pura, em sua própria natureza, para continuar a considerar alguém tão extremamente falso e poluído com quaisquer sentimentos além daqueles de indignada e desprezível repugnância!’

‘Não é ele seu amigo?’, eu disse, levando meus olhos do fogo para o seu rosto, com talvez um leve toque daqueles sentimentos que ele atribuiu ao outro.

‘Ele era’, replicou ele, com a mesma tranquila gravidade de antes; ‘mas não me leve a mal ao supor que eu poderia continuar minha amizade e estima com relação a um homem que poderia, tão infamemente, tão impiamente renunciar e ferir alguém tão transcendentalmente – bem, não falarei disso. Mas, diga-me, você nunca pensou em se vingar?’

‘Vingança! Não – que bem isso me faria? – não me ajudaria em nada, nem me faria mais feliz.’

‘Não sei como falar a você, Sra. Huntingdon’, ele disse, com um sorriso; ‘você é apenas meia mulher – sua natureza deve ser meio humana, meio angélica. Tal bondade me intimida; não sei o que fazer com isso.’

‘Então, senhor, temo que você seja muito pior do que deveria, se eu, uma mera mortal, sou, pela sua própria confissão, tão grandemente superior; e, desde que não exista sequer uma pequena simpatia entre nós, acho que faríamos melhor procurar algum companheiro mais parecido’. E, movendo-me sem demora para a janela, comecei a procurar meu pequeno filho e sua alegre jovem amiga.

‘Não, sou o ordinário mortal, eu mantenho’, replicou o Sr. Hargrave. ‘Não me permitirei ser pior do que meus companheiros; mas você, Madame – igualmente sustento que não há ninguém como você. Mas está feliz?’ ele perguntou com um tom sério.

‘Tão feliz quanto os demais, suponho’.

‘Você está feliz como deseja estar?’

‘Ninguém é tão abençoado assim, deste lado da eternidade.’

‘Uma coisa eu sei’, ele retornou, com um profundo e triste suspiro; ‘você é incomensuravelmente mais feliz do que eu.’

‘Lamento muito por você, então’, não pude deixar de responder.

‘Você é, de fato? Não, pois se fosse, ficaria feliz em me aliviar.’

‘E assim eu faria se deixasse de ferir a mim mesma ou qualquer outro.’

‘E supõe que eu desejo que você mesma se fira? Não: ao contrário, é a sua própria felicidade que anseio, mais do que a minha. Você está triste agora, Sra. Huntingdon’, ele continuou, olhando audaciosamente no meu rosto. ‘Você não reclama, mas eu vejo – e sinto – e sei que está triste – e assim permanecerá, enquanto mantiver estes muros de gelo impenetrável ao redor de seu coração, ainda quente e palpitando; e eu estou triste, também. Conceda um sorriso para mim e ficarei feliz: confie em mim e você deverá ficar feliz, também, pois se é uma mulher, eu posso fazê-la assim – e o farei, apesar de você mesma’, ele disse entre os dentes; ‘e, quanto aos outros, a questão está entre nós, apenas; você não pode ferir seu marido, você sabe, e ninguém tem nada a ver com este assunto.’

‘Eu tenho um filho, Sr. Hargrave, e você, uma mãe’, eu disse, saindo da janela, para onde ele me seguira.

‘Eles não precisam saber’, ele começou; mas, antes que qualquer coisa mais pudesse ser dita de qualquer lado, Esther e Arthur entraram novamente na sala. A primeira olhou para a feição ruborizada e excitada de Walter, e então para a minha – um pouco ruborizada e excitada também, ousou dizer, embora por causas bem diferentes. Ela deve ter pensado que estivemos discutindo desesperadamente e estava evidentemente perplexa e perturbada com a circunstância; mas ela era tão polida ou muito temerosa da raiva de seu irmão para se referir a isso. Ela se sentou no sofá e, colocando seus cachos brilhantes e dourados para trás, pois estavam espalhados em selvagem profusão pelo seu rosto, imediatamente começou a falar sobre o jardim e seu pequeno companheiro de diversão, e continuou a tagarelar em seu ritmo habitual até que seu irmão a chamou para ir embora.

‘Se falei muito acaloradamente, me perdoe’, ele murmurou ao se despedir, ‘ou eu nunca me perdoarei’. Esther sorriu e olhou para mim; eu apenas me inclinei e o semblante dela se fechou. Ela achou que era uma pobre resposta à generosa concessão de Walter e ficou desapontada com sua amiga. Pobre criança, ela mal conhece o mundo onde vive!

O Sr. Hargrave não teve uma oportunidade de me encontrar em particular por muitas semanas depois desta; mas quando ele me encontrava, havia menos orgulho e mais de uma tocante melancolia em seus modos do que antes. Oh, quanto ele me perturbava! Eu estava obrigada, pelo menos quase inteiramente, a interromper minhas visitas a Grove, ao custo de profundamente ofender a Sra. Hargrave e seriamente afligindo a pobre Esther, que realmente aprecia minha companhia pela falta de outra melhor e que não deveria sofrer pela falta de seu irmão. Mas aquele incansável adversário ainda não fora derrotado: ele parecia estar sempre em vigília. Eu o via com frequência cavalgando lentamente pelo recinto, olhando como se buscasse ao seu redor enquanto seguia – ou, se eu não o via, Rachel sim. Aquela mulher de visão aguçada logo adivinharia como a situação entre nós estava e, espreitando os movimentos do inimigo desde a altura de sua janela, no quarto das crianças, ela me dava uma silenciosa informação se me via me preparando para uma caminhada, quando ela não tinha motivos para acreditar que ele estivesse próximo ou para pensar que ele dificilmente me encontraria ou me surpreenderia no caminho que eu pretendia tomar. Eu, então, atrasaria meu passeio ou me confinaria por todo o dia até o bosque e

os jardins, ou, se a proposta excursão era importante, como visitar um doente ou afligido, eu levaria Rachel comigo e então não era molestada.

Mas em um dia ensolarado e brando, no começo de novembro, aventurei-me a sair sozinha para visitar a escola da vila e alguns dos pobres moradores e, ao meu retorno, me alarmei com o tropel de um cavalo perto de mim, aproximando-se a um trotar rápido e determinado. E não havia saída ou uma passagem próxima por onde eu poderia escapar para as campinas, então, caminhei tranquila, dizendo para mim mesma, “Pode não ser ele, afinal de contas; e, se for e ele me perturbar, deverá ser pela última vez, estou determinada, se houver poder em palavras e em olhares contra a fria impudência e insípido sentimentalismo, tão incansáveis quanto as dele.”

O cavalo logo me alcançou e parou bem perto de mim. Era o Sr. Hargrave. Ele me cumprimentou com um sorriso planejado para ser suave e melancólico, mas sua triunfante satisfação em ter me capturado, por fim, brilhou tanto que o transformou em um tremendo fracasso. Depois de responder brevemente à sua saudação e de perguntar sobre as damas em Grove, me virei e me afastei; mas ele me seguiu e manteve seu cavalo ao meu lado: estava evidente que ele queria me acompanhar por todo o caminho.

‘Bem, não me importo. Se quiser outra reprimenda, tome – e seja bem-vindo’, pensei comigo mesma. ‘E então, senhor, o que vai ser?’

Esta pergunta, embora não pronunciada, não ficou por muito tempo sem resposta; depois de algumas observações passageiras sobre assuntos triviais, ele começou, em tons solenes, a apelar para a minha humanidade:

‘Completará quatro anos, em abril próximo, que a vi pela primeira vez, Sra. Huntingdon – você poderá ter esquecido daquela circunstância, mas eu jamais poderei. Eu a admirei profundamente, desde então, mas não ousei amá-la. No outono seguinte, vi tantas das suas perfeições que não pude falhar em amá-la, embora ousei não demonstrar. No decorrer de três anos, resisti a um perfeito martírio. Da angústia de emoções reprimidas, intensos e infrutíferos anseios, silenciosa mágoa, esmagadas esperanças e afeições pisoteadas, sofri mais do que posso lhe dizer ou que você possa imaginar – e era você a causa de tudo, e não completamente inocente. Minha juventude está sendo desperdiçada; minhas perspectivas,

obscurecidas; minha vida é um vazio desolado; não tenho descanso, noite e dia: sou um fardo para mim mesmo e para os outros, e você poderia me salvar com uma palavra – um olhar, e não o fará – não é mesmo?’

‘Em primeiro lugar, não acredito em você’, respondi; ‘em segundo, se você é tão tolo assim, não posso ajudá-lo’.

‘Se você assume’, ele respondeu com sinceridade, ‘considerar como tolice os impulsos melhores, mais fortes e mais divinos de nossa natureza, não acredito em você. Sei que você não é o ser sem coração e gélido que finge ser – você teve um coração antes e o deu para o seu marido. Quando o descobriu extremamente indigno do tesouro, você o reclamou; e não fingirá que amou aquele libertino sensual e mundano tão profundamente, tão devotamente, que nunca poderá amar outro? Sei que há sentimentos que ainda não irromperam em sua natureza; sei, também, que em seu estado atual, solitário e abandonado, você é e deve estar miserável. Você tem o poder de elevar dois seres humanos de um estado de real sofrimento para o de tal indizível beatitude como apenas o amor generoso, nobre e dedicado pode proporcionar (pois você pode me amar, se quiser); pode me dizer que me despreza e me detesta, mas, como me deu o exemplo de falar claramente, responderei que não acredito em você. Mas você não o fará! Você prefere nos deixar miseráveis; e pode me dizer, friamente, que é a vontade de Deus que assim permaneçamos. Você pode chamar isso de religião, mas eu chamo de louco fanatismo!’

‘Há outra vida tanto para mim quanto para você’, eu disse. ‘Se for a vontade de Deus que devamos semear em lágrimas agora, é somente para que, depois, possamos colher em alegria. É a vontade Dele que não devamos ferir os outros pela satisfação de nossas próprias paixões mundanas; e você tem mãe e irmãs, e amigos que ficariam seriamente feridos pela sua desgraça; e eu, também, tenho amigas, cuja paz de espírito nunca deverá ser sacrificada pelo meu prazer, ou pelo seu, com meu consentimento; e, se eu estiver sozinha no mundo, ainda teria Deus e minha religião, e preferiria morrer do que desgraçar minha vocação e quebrar minha fé pelo céu para obter alguns breves anos de falsa e fugaz felicidade – felicidade que certamente terminará em miséria ainda aqui – por mim mesma ou por qualquer outro!’

‘Não é necessário que haja desgraça, tristeza ou sacrifício em lugar algum’, ele persistiu. ‘Não pedirei para que deixe sua casa ou que desafie a opinião do mundo’. Mas não preciso repetir todos os seus argumentos. Refutei-os com o melhor de minha força; mas aquele poder era provocantemente pequeno, naquele momento, pois eu ainda estava muito comovida de indignação – e mesmo vergonha – de que ele assim ousasse se dirigir a mim, para reter suficiente ordenação de pensamento e linguagem para me capacitar a lutar adequadamente contra seus poderosos sofismos. Compreendendo, porém, que ele não poderia ser silenciado pela razão e mesmo veladamente exultava em sua aparente vantagem, e se aventurava a escarnecer as assertivas que eu não tinha frieza para provar, mudei minha tática e tentei outro plano.

‘Você realmente me ama?’ eu disse com seriedade, pausando e olhando calmamente para o seu rosto.

‘Se eu a amo!’ ele exclamou.

‘De verdade?’ quis saber.

Seu semblante reluziu; ele pensou que seu triunfo estava próximo. Então, começou uma apaixonada demonstração da verdade e do fervor de sua ligação, que eu interrompi com outra pergunta:

‘Mas não é um amor egoísta? Você tem afeição desinteressada o bastante para capacitá-lo a sacrificar seu próprio prazer pelo meu?’

‘Eu daria minha vida para servi-la.’

‘Não quero sua vida; mas você tem simpatia real o bastante pelas minhas aflições para lhe induzir a se esforçar para aliviá-las, com o risco do seu próprio desconforto?’

‘Tente e verá.’

‘Se você tem, nunca mencione este assunto novamente. Você não pode mencioná-lo sem dobrar, de qualquer modo, o peso desses sofrimentos que tão sensivelmente deplora. Nada mais tenho senão o consolo de uma boa consciência e uma esperançosa confiança no céu, e você trabalha constantemente para me roubar dele. Se você continuar, deverei considerá-lo com meu mais mortal inimigo.’

‘Mas ouça-me por um momento...’

‘Não, senhor! Você disse que daria sua vida para me servir; apenas peço seu silêncio sobre um determinado assunto. Eu disse claramente; e o que eu falei é o que penso. Se você continuar a me atormentar deste modo, deverei concluir que suas demonstrações são totalmente falsas e que você me odeia em seu coração, com tanto fervor quanto promete que me ama!’

Ele mordeu o lábio e desceu os olhos para o chão em silêncio, por um momento.

‘Então, devo deixá-la’, ele disse por fim, olhando fixamente para mim, como se a última esperança de detectar algum sinal de irreprimível angústia ou temor, despertado por aquelas solenes palavras. ‘Tenho de deixá-la. Não posso viver aqui e ficar sempre silencioso sobre esse assunto que absorve todos os meus pensamentos e desejos.’

‘Anteriormente, acredito, você passou muito pouco tempo em sua casa’, respondi; ‘não fará nenhum mal que você se ausente mais uma vez, por um tempo – se isso for realmente necessário.’

‘Se isso for realmente possível’, ele retrucou; ‘como você pode pedir que eu me vá tão friamente? Você realmente deseja isso?’

‘Muito certamente que sim. Se você não pode me ver sem que me atormente, como tem feito ultimamente, eu me despediria com alegria e nunca mais o veria outra vez.’

Ele não respondeu, mas, inclinando-se em seu cavalo, estendeu sua mão para mim. Olhei para o seu rosto e vi ali um olhar de genuína agonia da alma que, se por amargo desapontamento ou orgulho ferido, ou amor refreado, ou uma ira ardente que estava à frente de tudo, e não hesitei em colocar minha mão na sua, tão francamente quanto me despedia de um amigo. Ele a segurou com muita força e imediatamente esporeou seu cavalo e galopou adiante. Muito logo depois, soube que ele se fora para Paris, onde ainda se encontra; e quanto mais fique por lá, melhor para mim.

Agradeço a Deus por estar livre dele!

CAPÍTULO XXXVIII

20 de dezembro de 1826.

O quinto aniversário de meu casamento e, confio, o último que passarei sob este teto. Minha decisão está tomada, meu plano elaborado e já parcialmente posto em marcha. Minha consciência não me culpa, mas enquanto o propósito amadurece, que eu me divirta em algumas destas longas noites de inverno em determinar o caso para a minha própria satisfação: um entretenimento lúgubre o bastante, mas com o tom de uma útil ocupação e sendo executado como uma tarefa, me é mais aprazível do que um mais leve.

Em setembro, a tranqüila Grassdale esteve, novamente, viva com um grupo de damas e cavalheiros (assim chamados) que consistia nos mesmos indivíduos que foram convidados no ano anterior ao último, com a inclusão de mais dois ou três, entre eles a Sra. Hargrave e sua filha mais nova. Os cavalheiros e Lady Lowborough foram convidados para o prazer e a conveniência do anfitrião; as outras damas, suponho, para sustentar as aparências, manter-me sob vigilância e tornar-me discreta e polida em meu tratamento. Mas as damas ficaram apenas por três semanas; os cavalheiros, com duas exceções, mais de dois meses: pois seu hospitaleiro animador não estava propenso a se separar deles e ficar sozinho com seu brilhante intelecto, sua consciência inoxidável e sua amada e amante esposa.

No dia da chegada de Lady Lowborough, segui-a até seu quarto e lhe disse claramente que, se eu encontrasse razão para acreditar que ela mantinha sua relação criminal com o Sr. Huntingdon, pensaria que era meu dever absoluto informar seu marido de tal fato – ou, pelo menos, despertar suas suspeitas – não importa quão doloroso poderia ser ou terríveis suas consequências. Primeiro, ela se assustou com a declaração, tão inesperada e tão determinada, ainda que calmamente feita; mas, refletindo por um momento, ela friamente replicou que, se eu visse algo repreensível ou suspeito em sua conduta, ela deliberadamente me permitiria contar ao lorde tudo sobre aquilo. Desejando estar satisfeita com isso, deixei-a; e, certamente, nada vi, desde aquele momento, de particularmente repreensível ou suspeito em seu tratamento para com seu anfitrião; mas, também, eu tinha de cuidar dos outros hóspedes e não os vigiei

estritamente – pois, para confessar a verdade, temia ver algo entre eles. Eu já não mais considerava o caso como de minha preocupação e se fosse meu dever iluminar Lord Lowborough, seria uma tarefa dolorosa e temia ser convocada a realizá-la.

Porém, meus medos terminaram de um modo que eu não previra. Uma noite, cerca de quinze dias depois da chegada dos convidados, eu tinha me retirado para a biblioteca para repousar por alguns minutos de minha alegria forçada e do cansativo discurso, pois após um período tão longo de reclusão, de fato terrível como eu frequentemente achava, não podia sempre suportar o fato de violar meus sentimentos e de estimular meus poderes a falar, ouvir, sorrir e interpretar a atenciosa anfitriã ou mesmo a feliz amiga: tinha acabado de me esconder no arco da janela e estava olhando para o oeste, onde as obscuras serras se erguiam perfeitamente delineadas contra a límpida luz âmbar do entardecer, que gradualmente se mesclava e se dissolvia no puro e pálido azul do céu acima, onde uma brilhante estrela estava cintilando, como se a prometer – ‘Quando a desvanescente luz se for, o mundo não será deixado à escuridão e aqueles que acreditam em Deus, cujas mentes não se nublam com a névoa da descrença e do pecado e nunca estão desconsoladas’, – quando ouvi um passo apressado se aproximando e Lord Lowborough entrou. Esse cômodo era ainda seu refúgio predileto. Ele arremessou a porta com violência incomum e jogou seu chapéu ao lado sem se importar onde caísse. Qual seria o problema com ele? Sua face estava pavorosamente pálida; seus olhos, presos ao chão; seus dentes rangiam: sua testa reluzia com o suor da agonia. Estava claro que, por fim, ele sabia seus erros!

Sem saber de minha presença, ele começou a caminhar pelo cômodo em um estado de temerosa agitação, torcendo suas mãos e soltando resmungos ou expressões incoerentes em voz baixa. Fiz um movimento para que ele soubesse não estar sozinho; mas ele estava muito preocupado para percebê-lo. Talvez, enquanto estivesse de costas para mim, eu poderia cruzar o ambiente e me esgueirar sem ser observada. Ergui-me para a tentativa, mas então ele me percebeu. Assustou-se e parou por um momento; então, enxugou sua gotejante testa e, avançando em minha direção, com um tipo de postura artificial, disse em um tom profundo, quase sepulcral, ‘Sra. Huntingdon, deverei deixá-la amanhã’.

‘Amanhã’ repeti. ‘Não perguntarei o porquê.’

‘Então você sabia e como pode estar tão calma!’, ele disse, perscrutando-me com profundo assombro, não mesclado com um tipo de amargor ressentido, como me pareceu.

‘Já sabia há muito tempo’ – parei a tempo e acrescentei, ‘do caráter de meu marido, nada me surpreende’.

‘Mas isso – há quanto tempo você sabia disso?’, ele quis saber, colocando sua mão cerrada sobre a mesa à sua frente e olhando para mim aguçada e rigidamente em meu rosto.

Senti-me como uma criminosa.

‘Não muito’, respondi.

‘Você sabia!’ ele exclamou, com amarga veemência – ‘e não me contou! Você ajudou a me enganar!’

‘Meu senhor, não ajudei a enganá-lo.’

‘Então, por que não me contou?’

‘Porque eu sabia que lhe seria muito doloroso. Esperei que ela retornasse ao seu dever e então não haveria razão para atormentar seus sentimentos com tais...’

‘Oh, Deus! Por quanto tempo isto está acontecendo? Por quanto tempo, Sra. Huntingdon? – Diga-me – Tenho de saber!’, exclamou, com intensa e temerosa ansiedade.

‘Por dois anos, creio.’

‘Pelos céus! E ela me enganou por todo este tempo!’ Ele se virou com um lamento contido de agonia e caminhou pelo cômodo novamente, no auge de uma renovada agitação. Meu coração me golpeou; mas eu tentei consolá-lo, embora não soubesse como fazê-lo.

‘Ela é uma mulher má’, eu disse. ‘Ela desprezivelmente o enganou e o;traiu. Ela pouco vale seu arrependimento, assim como sua afeição. Não a deixe ferir mais: abstraia-se dela e fique sozinho.’

‘E você, Madame’, ele disse rudemente, controlando-se e virando para mim, ‘você também me feriu com tal ocultação egoísta!’

Houve uma súbita náusea em meus sentimentos. Algo se levantou dentro de mim e me urgiu a se ofender com aquela áspera resposta à minha sincera simpatia, e a me defender com igual severidade. Felizmente, não cedi ao impulso. Eu vi sua angústia enquanto, repentinamente batendo em sua testa, ele se voltou abruptamente para a janela e, olhando para o plácido céu, murmurou apaixonadamente, ‘Oh Deus, se eu pudesse morrer!’ – e senti que lançar mais uma gota de amargura àquela taça já transbordante seria, de fato, egoísmo. E, ainda, eu temia que houvesse mais frieza do que gentileza no tranquilo tom de minha resposta: ‘Posso lhe dar muitas desculpas que alguns admitiriam ser válidas, mas não tentarei enumerá-las...’

‘Eu as conheço’, ele disse rápido: ‘você diria que não era problema seu: que eu deveria ter cuidado de mim mesmo; que, se minha própria cegueira me conduziu a este poço do inferno, não tenho o direito de culpar alguém por me dar crédito devido a uma quantidade maior de sagacidade do que eu possuía...’

‘Confesso que errei’, eu continuei, sem considerar sua amarga interrupção; ‘mas, se a falta de coragem ou a equivocada bondade for a causa de meu erro, acho que você me culpa com muita severidade. Eu disse a Lady Lowborough, duas semanas atrás, na própria hora em que ela chegou, que eu certamente consideraria ser meu dever lhe contar se ela continuasse a enganá-lo; ela me deu toda a liberdade de fazê-lo, caso eu visse qualquer coisa de repreensível ou de suspeito em sua conduta; eu nada vi; e confiei que ela mudara seu caminho.’

Ele continuou a olhar pela janela enquanto eu falava e não respondeu, mas, picado pelas lembranças que minhas palavras evocavam, ele bateu seu pé contra o chão, apertou os dentes e franziu a fronte, como alguém sob a influência de uma aguda dor física.

‘Foi errado, foi errado’, ele murmurou, por fim. ‘Nada pode justificar; nada pode reparar – pois nada pode recuperar estes anos de maldita credulidade; nada apaga isso! - nada, nada!’, ele repetia em um sussurro, cujo amargo desespero impedia qualquer ressentimento.

‘Quando eu penso a respeito, reconheço que errei’, respondi; ‘mas, agora, somente posso lamentar não ter visto sob este prisma antes e que, como você diz, nada pode recuperar o passado.’

Algo em minha voz ou no espírito desta resposta pareceu alterar seu humor. Voltando-se para mim e observando atenciosamente meu rosto pela parca luz, ele disse, em um tom mais suave do que ele usara antes – ‘Você sofreu também, suponho.’

‘Sofri muito, no início.’

‘Quando foi isso?’

‘Dois anos atrás; e, depois de dois anos, você estará tão calmo quanto estou agora, e bem, bem mais feliz, confio, pois você é homem e livre para agir como quiser.’

Algo como um sorriso, mas muito encarniçado, atravessou seu rosto por um momento.

‘Você não esteve feliz, ultimamente?’, ele disse, com um tipo de esforço para reconquistar compostura e uma determinação em desistir de mais discussão sobre a sua própria calamidade.

‘Feliz?’, repeti, quase que provocada por tal questão. ‘Como eu poderia, com um marido desses?’

‘Tenho percebido uma mudança em sua aparência desde os primeiros anos de seu casamento’, ele persistiu: ‘Comentei isso para – para aquele demônio infernal’, ele murmurou entre dentes; ‘e ele disse que era o seu próprio temperamento ácido que estava corroendo sua exuberância: estava lhe envelhecendo e lhe enfeando antes do tempo, e tinha tornado seu lugar à lareira tão desconfortável quando uma cela de convento. Você sorri, Sra. Huntingdon; nada a comove. Gostaria de que minha natureza fosse tão tranquila quanto a sua.’

‘Minha natureza não era originalmente calma’, eu disse. ‘Aprendi a aparentar assim pelos golpes das duras lições e de muitos esforços repetidos.’

Neste ponto, o Sr. Hattersley irrompeu pela sala.

‘Olá, Lowborough!’ ele começou – ‘Oh! Desculpe-me’, ele exclamou ao me ver. ‘Não sabia que era uma conversa privada. Alegre-se, rapaz’, ele continuou, dando em Lord Lowborough um tapa nas costas, que fez este se retrair dele com olhares de inefáveis desgosto e irritação. ‘Venha, quero conversar com você um pouco.’

‘Fale, então.’

‘Mas não estou certo de que o que tenho a lhe dizer seria bem agradável para a dama.’

‘Então não seria agradável para mim’, disse o lorde, virando-se para deixar o cômodo.

‘Sim, seria’, exclamou o outro, seguindo-o pelo corredor. ‘Se você tiver o coração de um homem, seria bem apropriado para você. É somente isso, meu amigo’, ele continuou, agora baixando sua voz, mas não o suficiente para evitar que eu ouvisse cada palavra que ele dizia, embora a porta estivesse semiaberta entre nós. ‘Acho que você é um homem mal aproveitado – não, agora, não fique nervoso; não quero ofendê-lo; é apenas meu modo rude de falar. Devo falar diretamente, você sabe ou me calar por completo; e vim – pare agora! deixe-me explicar – vim lhe oferecer meus serviços, pois embora Huntingdon seja meu amigo, ele é um demoníaco patife, como todos nós sabemos e nunca mais serei amigo dele. Sei que é isso o que você deseja, ajustar as contas: basta desafiá-lo para um duelo e então você se sentirá bem novamente; e, se um acidente acontecer – ora, isso pode acontecer também, ousou dizer, a um homem desesperado como você. Vamos, me dê a sua mão e não olhe tão negativamente para isso. Diga a hora e o lugar, e deixe o resto comigo.’

‘Isso’, respondeu a voz mais baixa e mais deliberada de Lord Lowborough, ‘é o remédio que meu próprio coração ou o demônio dentro dele, sugeriu – encontrá-lo e não me separar sem sangue. Se eu ou ele cair, ou ambos, seria um alívio indizível para mim, se...’

‘Assim seja! Diga quando...’

‘Não!’ exclamou o lorde, com profunda e determinada ênfase. ‘Embora o odeie com todo o meu coração e deva me alegrar com qualquer calamidade que caia sobre ele, deixarei-o a Deus; e, embora o abomine por toda a minha vida, deixarei isso, também, para Aquele que a deu.’

‘Mas veja, neste caso’, apelou Hattersley...

‘Não lhe darei ouvidos!’ exclamou seu companheiro, virando-se rapidamente. ‘Nem mais uma palavra! Já tenho de lutar o suficiente contra o demônio dentro de mim.’

‘Então é um tolo covarde e lavo minhas mãos sobre você’, resmungou o tentador, enquanto ele se volteava e saía.

‘Certo, certo, Lord Lowborough’, exclamei, me lançando e agarrando sua mão ardente, enquanto ele se encaminhava para a escada. ‘Começo a pensar que o mundo não merece você!’ Sem compreender tal repentina ebulição, ele virou-se para mim com um olhar de melancólica e desnorteada surpresa, que me envergonhou do impulso ao qual cedi; mas logo uma expressão mais humana alvoreceu em seu semblante e, antes que eu pudesse retirar minha mão, ele a apertou bondosamente, enquanto um cintilar de genuíno sentimento irrompeu em seus olhos e ele murmurou, ‘Que Deus nos ajude!’.

‘Amém!’ respondi; e nos separamos.

Voltei para a sala de visitas, onde, sem dúvida, minha presença era esperada pela maioria e desejada por um ou dois. Na antessala, o Sr. Hattersley, praguejando contra a covardia de Lord Lowborough diante de uma seleta audiência, ou seja, o Sr. Huntingdon, que estava descansando contra a mesa, exultante em sua própria traiçoeira vilania e rindo de sua vítima até o desprezo, e o Sr. Grimsby, parado, esfregando suas mãos em silêncio e gargalhando com maligna satisfação.

Encontrei, na sala de visitas, Lady Lowborough, evidentemente em um estado de espírito não muito invejável e lutando duro para ocultar sua descompostura com um sobre-esforço de afetar raras alegria e vivacidade, muito desnecessária sob as circunstâncias, pois ela mesma tinha dado a entender ao grupo que seu marido havia recebido notícias desagradáveis desde casa, que exigiam sua partida imediata e que ele tinha sujeitado tanto sua mente a refletir sobre isso que padecia de uma irritadiça dor de cabeça, devido à qual e às preparações que ele julgava necessárias para apressar seu retorno, ela acreditava que eles não teriam o prazer de vê-lo naquela noite. Porém, ela assegurava, era apenas uma questão de negócios e não pretendia que aquilo a incomodasse. Ela estava dizendo justamente isso quando entrei e me lançou tal olhar de audácia e desafio que, de uma vez, me surpreendeu e me revoltou.

‘Mas estou incomodada’, ela continuou, ‘e irritada, também, pois acho que é meu dever acompanhar o lorde e claro que lamento muito deixar

todos os meus queridos amigos inesperadamente tão rápido.’

‘E, ainda, Annabella’, disse Esther, que se sentava ao seu lado, ‘nunca a vi de tão bom humor na minha vida.’

‘Precisamente isso, minha querida: porque desejo aproveitar o máximo de sua companhia, já que parece ser esta a última noite em que poderei apreciá-la até sabe Deus quando; e desejo deixar uma boa impressão em todos vocês’ - ela olhou ao redor e, vendo os olhos de sua tia fixos nela, ou melhor, perscrutando-a em demasia, como ela provavelmente pensou, levantou-se e continuou: ‘Para o qual darei-lhes uma canção - devo, tia? Devo, Sra. Huntingdon? Devo, senhoras e senhores? Muito bem. Farei o meu melhor para diverti-los.’

Ela e Lord Lowborough ocupavam os aposentos contíguos ao meu. Não sei como ela passou a noite, mas eu fiquei acordada a maior parte dela ouvindo os pesados passos dele monotonamente cruzando seu quarto de vestir, que era o mais próximo de meu quarto. Uma hora, ouvi-o parar e jogar algo pela janela, com uma exclamação apaixonada; e, pela manhã, depois que se foram, um afiado punhal foi encontrado no canteiro de grama, abaixo; uma lâmina, do mesmo modo, foi partida em duas e enterrada fundo nas cinzas da grade, mas parcialmente corroída pelas brasas se extinguindo. Tão forte fora sua tentação de acabar com sua vida miserável, tão determinada sua resolução em resistir à ela.

Meu coração sangrava por ele enquanto ouvia sua ininterrupta marcha. Até então, eu pensara muito em mim mesma e pouco nele: agora, eu esquecia minhas próprias aflições e pensava apenas nas dele; da ardente afeição desperdiçada tão miseravelmente, a fé apaixonada traída tão cruelmente, a - não, não tentarei enumerar seus erros - mas eu odiava a sua esposa e meu marido mais intensamente do que nunca, e não por mim, mas por ele.

Partiram cedo pela manhã, antes que todos acordassem, exceto a mim mesma e, assim que eu estava deixando meu quarto, Lord Lowborough estava descendo para ocupar seu lugar na carruagem, onde sua dama já estava oculta; e Arthur (ou o Sr. Huntingdon, como prefiro chamá-lo, pois o outro é o nome de meu filho) teve a gratuita insolência de descer em sua roupa de dormir para se despedir de seu ‘amigo’.

‘O que, indo já, Lowborough!’, ele disse. ‘Então, bom dia.’ Ele estendeu sua mão sorridente.

Acho que o outro o nocautearia, não tivesse ele antes recuado diante daquele magro punho tremendo de raiva e cerrado até as juntas brilharem brancas e reluzentes pela sua pele. Olhando para ele com o rosto lívido de furioso ódio, Lord Lowborough soltou entre dentes uma execração mortal que não teria dito se estivesse calmo o suficiente para escolher suas palavras e saiu.

‘É o que chamo de um espírito nada cristão, agora’, disse o vilão. ‘Mas nunca acabaria uma velha amizade por causa de uma esposa. Você pode ter a minha se quiser e eu diria que seria belo; não posso fazer mais do que lhe oferecer restituição, não é?’

Mas Lowborough já estava no final da escadaria e cruzava o corredor; e o Sr. Huntingdon, apoiando-se no balaústre, gritou, ‘Dê meu amor para Annabella! Desejo uma boa viagem!’ e se retirou, rindo, para o seu aposento.

Ele, subsequentemente, declarou-se feliz quando ela se foi. ‘Ela era tão imperiosa e exigente, com os diabos’, ele disse. ‘Agora, devo ser meu próprio homem novamente e prefiro estar mais no meu sossego.’

CAPÍTULO XXXIX

Minha grande fonte de desconforto, neste tempo de provação, era meu filho, em quem seu pai e os amigos dele tinham prazer em incubar todos os embriões de vícios que uma pequena criança pode mostrar e instruir todos os maus hábitos que ele poderia adquirir – em uma palavra, ‘fazê-lo um amigo dele’ era uma de suas rotineiras diversões; e não preciso dizer mais nada para justificar meu alarme sobre isso e minha determinação em livrá-lo de qualquer dano das mãos de tais instrutores. Primeiro, tentei mantê-lo sempre comigo ou no seu quarto, e dei a Rachel ordens particulares de nunca deixá-lo descer para a sobremesa enquanto aqueles ‘cavalheiros’ permanecessem; mas foi inútil: estas ordens foram imediatamente contraditas e desrespeitadas pelo seu pai; ele não iria deixar o pequeno rapaz se lastimar até a morte entre uma velha ama e uma maldita tola de uma mãe. Então o pequeno rapaz descia toda noite, apesar de sua rabugenta mãe e aprendeu a beber vinho como seu pai, a xingar como o Sr. Hattersley e a se comportar como um homem, e a mandar mamãe para o inferno quando ela tentava impedi-lo. Ver tais coisas feitas com a selvagem ingenuidade daquela bela pequena criança e ouvir tais coisas ditas por aquela pequena voz infantil era tão peculiarmente picante e irresistivelmente engraçado para eles como era inexpressivamente aflitivo e doloroso para mim; e, quando ele bagunçava toda a mesa, olhava para todos com prazer e somava seu riso agudo ao deles. Mas, se aqueles irradiantes olhos azuis encontravam-se com os meus, sua luz fugia por um momento, e ele dizia, de certa forma preocupado, ‘Mamãe, por que você não ri? Faça-a rir, papai – ela nunca irá.’

Daí, eu era obrigada a permanecer entre aqueles seres brutos, esperando por uma oportunidade de tirar meu filho deles ao invés de deixá-los imediatamente após a retirada da toalha de mesa, como eu sempre tivera feito antes. Ele nunca queria ir e eu frequentemente tinha de levá-lo a força, o que o fazia pensar que eu era cruel e injusta; e, às vezes, seu pai insistia para que eu o deixasse ficar; e então, eu o deixava com seus bondosos amigos e me retirava para ceder à minha amargura e ao meu desespero sozinha, ou para arruinar meu cérebro em busca de uma solução para este grande mal.

Mas aqui, novamente, devo ao Sr. Hargrave a justiça de reconhecer que eu nunca o vi rir do mal comportamento da criança, nem o ouvi pronunciar uma palavra de incentivo às suas aspirações de feitos viris. Mas, quando qualquer coisa de muito extraordinária era dita ou feita, pelo infante réprobo, eu percebia, às vezes, uma expressão peculiar em seu rosto que não poderia interpretar nem definir: uma leve estremeção perto da boca; um brilho repentino nos olhos, enquanto ele lançava um súbito olhar para a criança e, então, para mim: e, então, eu poderia imaginar que nele se erguia uma satisfação severa, mordaz e sombria em seu semblante, no olhar de ira e angústia impotentes que ele, muito certamente, deveria observar no meu. Porém, em uma ocasião, quando Arthur estava se comportando especialmente mau e o Sr. Huntingdon e seus convidados estavam particularmente me provocando e me insultando ao encorajá-lo, e eu mormente estava ansiosa em sair da sala e a ponto de eu mesma ter um péssimo comportamento por uma explosão de uma paixão incontrolável – o Sr. Hargrave se levantou de seu assento com um aspecto de rígida determinação, ergueu a criança dos joelhos de seu pai, onde ele se sentara meio embriagado, suspendendo a cabeça e rindo de mim, e me xingando com palavras que ele mal sabia seu significado, levou-o da sala e, sentando-o no corredor, deixou a porta aberta para mim, gravemente se inclinou enquanto eu saía e a fechou depois de mim. Ouvi palavras duras trocadas entre ele e seu já quase bêbado anfitrião enquanto eu saía, levando meu desnorteado e desconcertado garoto.

Mas aquilo não deveria continuar: meu filho não poderia ser abandonado à sua corrupção: bem melhor que ele vivesse na pobreza e na obscuridade, com uma mãe fugitiva, do que em luxúria e em excesso com tal pai. Aqueles convidados não poderiam ficar conosco por mais tempo, mas retornariam novamente: e ele, o mais danoso de todos, o pior inimigo de seu filho, ainda permaneceria. Eu poderia resistir por mim mesma, mas pelo meu filho, aquilo não deveria mais ser suportado: as opiniões do mundo e os sentimentos dos meus amigos devem ser igualmente desconsiderados neste ponto, pelo menos – igualmente incapazes de me deter a cumprir meu dever. Mas onde posso encontrar um refúgio e como obter subsistência para nós dois? Oh, eu levaria minha carga preciosa ao irromper da aurora, tomaria a carruagem para M..., voaria ao porto de ..., cruzaria o Atlântico e buscaria um lar tranquilo e humilde na Nova Inglaterra, onde eu poderia

sustentar a mim mesma e a ele com o trabalho de minhas mãos. A paleta e o cavalete, meus queridos companheiros de diversão uma vez, devem ser meus sóbrios camaradas de trabalho, agora. Mas era eu habilidosa o suficiente como uma artista para obter meu sustento em uma terra estranha, sem amigos e sem recomendações? Não; devo aguardar um pouco; devo trabalhar duro para melhorar meu talento e para produzir algo que valha como uma amostra de minhas possibilidades, algo para falar bem de mim, seja como uma verdadeira pintora ou como professora. Claro que não busco o sucesso brilhante, mas algum grau de segurança do efetivo fracasso era indispensável: não devo levar meu filho para passar fome. E, então, terei dinheiro para a jornada, a passagem e algum para nos sustentar em nossa retirada caso eu, primeiramente, não tenha êxito; e nem tão pouco assim: pois, quem poderia dizer quanto eu terei de lutar com a indiferença e a negligência dos outros, ou com a minha própria inexperiência ou inabilidade de me ajustar aos seus gostos?

O que devo fazer, então? Dirigir-me ao meu irmão e explicar minhas circunstâncias e minhas decisões a ele? Não, não; mesmo que eu lhe dissesse todas as minhas mágoas, o que eu deveria ser bem relutante em fazer, ele certamente desaprovava meu próximo passo: pareceria-lhe loucura, como ao meu tio e à minha tia, ou para Milicent. Não; devo ter paciência e reunir a quantia eu mesma. Rachel deverá ser minha única confidente – acho que posso convencê-la a entrar no plano; e ela deve me ajudar, primeiro a encontrar um negociante de quadros em alguma cidade distante; então, pelos seus meios, eu venderia privadamente os quadros que tivesse à mão e que prestariam para tal propósito, e alguns dos quais deverei pintar de agora em diante. Além disso, poderia planejar vender minhas joias, não as da família, mas as poucas que eu trouxe comigo desde casa e aquelas que meu tio me deu ao me casar. O árduo trabalho de poucos meses pode ser efetuado por mim com tal fim em vista; e, neste ínterim, meu filho não poderia ser mais prejudicado do que já foi.

Tendo formado tal resolução, imediatamente dediquei-me ao trabalho para realizá-la, já que eu poderia esfriar a cabeça sobre ela depois ou talvez continuar a ponderar sobre os prós e os contras em minha mente até que os últimos superassem os primeiros, e eu fosse levada a desistir de todo o projeto ou a retardar a sua execução a um período indefinido, não

houvesse algo ocorrido para me confirmar aquela decisão, à qual ainda estou fiel, que ainda penso fiz bem em tomar e farei ainda melhor em executar.

Desde a partida de Lord Lowborough, eu considerava a biblioteca como inteiramente minha, um refúgio seguro em todas as horas do dia. Nenhum dos nossos cavalheiros tinha a menor pretensão a um gosto literário, exceto o Sr. Hargrave; e ele, naquele momento, estava bastante satisfeito com os jornais e as revistas do dia. E se, de qualquer modo, ele olhasse para dentro, eu me sentia segura de que logo ele sairia ao me ver, pois, ao invés de passar a ser menos frio e distante para comigo, ele tinha, resolutamente, se tornado mais, desde a partida de sua mãe e de suas irmãs, que era justamente o que eu desejava. Ali, então, instalei meu cavalete e ali trabalhava nas minhas telas desde a manhã até a noite, com pouca intromissão, salvo quando por pura necessidade ou meus deveres com Arthur me convocavam: pois eu ainda achava apropriado dedicar alguma porção de todo dia exclusivamente para a sua educação e diversão. Mas, contrária às minhas expectativas, na terceira manhã, enquanto eu assim estava ocupada, o Sr. Hargrave entrou e não se retirou imediatamente ao me ver. Ele se desculpou por sua intrusão e disse que viera apenas por um livro; mas, quando o pegou, ele condescendeu em lançar um olhar ao meu quadro. Sendo um homem refinado, ele tinha algo a dizer sobre este assunto assim como o outro e, tendo comentado modestamente sobre ele, sem muito incentivo por mim, continuou a analisar a arte em geral. Não recebendo incentivo sobre esse assunto também, ele o largou, mas não se retirou.

‘Você não nos dá muito de sua companhia, Sra. Huntingdon’, ele observou, depois de uma breve pausa, durante a qual prossegui friamente misturando e ajustando minhas cores; ‘e não posso me surpreender com isso, pois você deve estar completamente farta de nós todos. Eu mesmo estou tão envergonhado de meus companheiros e tão cansado de suas conversas e objetivos irracionais – agora que não há ninguém para sensibilizá-los e mantê-los sob controle, já que você justamente nos abandonou à nossa própria sorte – que eu devo, neste momento, me retirar deles, provavelmente nesta semana; e não posso supor que lamentará minha partida.’

Ele parou. Eu não respondi.

‘Provavelmente’, ele acrescentou com um sorriso, ‘seu único lamento a este respeito seja o de que eu não leve meus companheiros comigo. Eu me felicito, às vezes, de que embora esteja entre eles, não seja como eles; mas é natural que você fique feliz em se ver livre de mim. Eu posso lamentar isso, mas não posso culpá-la.’

‘Não deverei ficar feliz com sua partida, pois você pode se comportar como um cavalheiro’, eu disse, pensando ser certo fazer algum reconhecimento à sua boa conduta; ‘mas devo confessar que ficarei feliz em me despedir do resto, tão hostil quanto possa parecer.’

‘Ninguém pode culpá-la por tal confissão’, ele replicou gravemente; ‘nem mesmo os próprios cavalheiros, imagino. Apenas lhe contarei’, ele continuou, como se fosse movido por uma resolução repentina, ‘o que se disse na noite passada na sala de jantar, depois que você nos deixou: talvez não se importe com isso, por ser tão filosófica em certos aspectos’, ele acrescentou com um leve zombar. ‘Eles estavam conversando sobre Lord Lowborough e sua deleitável dama, a causa de cuja súbita partida não era segredo entre eles; e o caráter dela é tão bem conhecido entre eles todos que, quase sendo minha parente como ela é, não pude tentar defendê-la. Maldito eu seja!’, ele murmurou, a propósito, ‘se não me vingar disso! Se o vilão deve desgraçar a família, deve ele espalhar para todos os patifes mal nascidos dos seus amigos? Desculpe-me, Sra. Huntingdon. Bem, eles estavam falando dessas coisas e alguns deles observaram que, como ela estava separada de seu marido, ele pode vê-la quando quiser.’

“Obrigado”, disse ele; “Já tive o bastante dela para o momento: não me incomodarei em vê-la, a menos que ela venha até a mim.”

“Então, o que você pretende fazer, Huntingdon, quando nos formos?”, disse Ralph Hattersley. “Você pretende se desviar dos erros de sua conduta e ser um bom marido, um bom pai e assim por diante; como eu sou, quando estou livre de você e de todos estes divertidos demônios que chama de amigos? Acho que já é hora; e sua esposa é cinquenta vezes muito boa para você, bem o sabe...”

‘E ele acrescentou alguns elogios a seu respeito, os quais você não me agradecerá por repetir, nem a ele por dizê-los; proclamando-os em bom som, como ele fez, sem delicadeza ou discriminação, a um público no qual

parecia profanação dizer seu nome: ele mesmo extremamente incapaz de compreender ou apreciar suas verdadeiras excelências. Huntingdon, entretanto, estava quieto tomando seu vinho – ou olhando sorridente para sua taça sem interromper ou responder, até que Hattersley gritou, “Está me ouvindo, rapaz?”

“Sim, prossiga”, ele disse.

“Não, já terminei”, replicou o outro: “Apenas quero saber se você pretende seguir meu conselho.”

“Qual conselho?”

“Virar uma nova página, seu vagabundo duplamente manchado”, gritou Ralph, “e pedir o perdão de sua esposa e ser um bom garoto no futuro.”

“Minha esposa! Qual esposa? Eu não tenho esposa”, respondeu Huntingdon, olhando inocentemente acima de seu óculo, “ou, se tenho, vejam bem, cavalheiros: Eu a estimo tanto que qualquer um entre vocês, que tenha uma queda por ela, pode tê-la e ser bem-vindo: você pode, por Júpiter, e ter minha bênção na barganha!”

‘Eu – hem – alguém perguntou se ele realmente sabia o que estava a dizer; com o que ele solenemente jurou que sim, sem erro. O que você acha disso, Sra. Huntingdon?’, perguntou o Sr. Hargrave, depois de uma curta pausa, durante a qual senti que ele estava atentamente examinando meu rosto meio afastado.

‘Digo’, respondi calmamente, ‘que o ele estima tão pouco, logo não estará mais em sua posse.’

‘Você não quer dizer que partirá seu coração e morrerá com a detestável conduta de um infame vilão como aquele!’

‘De jeito nenhum: meu coração está completamente seco para ser partido em um impulso e desejo viver o máximo que puder.’

‘Você o deixará, então?’

‘Sim’.

‘Quando: e como?’ ele perguntou, ansioso.

‘Quando eu estiver pronta e como puder fazê-lo da maneira mais eficaz.’

‘Mas e seu filho?’

‘Ele vem comigo.’

‘Ele não permitirá.’

‘Não deverei pedir.’

‘Ah, então, você pensa em uma fuga secreta! Mas com quem, Sra. Huntingdon?’

‘Com meu filho: e, possivelmente, sua ama.’

‘Sozinha – e desprotegida! Mas para onde você pode ir? O que pode fazer? Ele a seguirá e a trará de volta.’

‘Já planejei isso muito bem. Deixe-me sair de uma vez de Grassdale e deverei me considerar segura.’

O Sr. Hargrave avançou um passo em minha direção, olhou-me no rosto e segurou sua respiração para falar; mas aquele olhar, aquela cor ressaltada, aquele súbito brilho no olho fizeram com que meu sangue se levantasse em fúria: virei-me abruptamente e, agarrando meu pincel, comecei a atacar minha tela com mais intensidade do que seria apropriado para a pintura.

‘Sra. Huntingdon’, ele disse com amarga solenidade, ‘você é cruel – cruel para mim – cruel para si mesma’.

‘Sr. Hargrave, lembre-se de sua promessa.’

‘Devo falar: caso contrário, meu coração explodirá! Estive calado tempo suficiente e você deve me ouvir!’ ele exclamou, audaciosamente bloqueando meu recuo para a porta. ‘Você diz que não deve obediência ao seu marido; ele claramente se declara cansado de você e tranquilamente a cede a qualquer um que lhe deseje; você está prestes a abandoná-lo; ninguém acreditará que irá sozinho; e todo o mundo dirá, “Ela o deixou, por fim, e quem pode se surpreender com isso? Poucos podem culpá-la e ainda menos terão pena dele; mas quem é o companheiro de sua fuga?” Assim, você não terá créditos pela sua virtude (se assim você a chama): mesmo suas melhores amigas não acreditarão nisso; porque é monstruoso e ninguém se fiará além daqueles que sofrem dos seus efeitos, tais cruéis

tormentos que eles sabem ser, de fato, realidade. Mas o que você pode fazer sozinha no frio e rude mundo? Você, uma jovem e inexperiente mulher, delicadamente educada e extremamente...’

‘Em uma palavra, você me aconselharia a ficar onde estou’, eu o interrompi. ‘Bem, pensarei a respeito.’

‘De maneira alguma, deixe-o!’ ele exclamou com sinceridade; ‘mas NÃO sozinha! Helen! Deixe-me protegê-la!’

‘Nunca! Enquanto o céu me deixar razão’, repliquei, retirando a mão que ele presumira agarrar e colocar entre as suas. Mas ele foi duro naquele momento; ele tinha nitidamente quebrado a barreira; ele estava completamente eriçado e determinado a arriscar tudo pela vitória.

‘Não posso ser rejeitado!’, ele exclamou com veemência; e, agarrando minhas duas mãos, apertou-as com força, mas deixou-as cair sobre seu joelho e olhou para o meu rosto com um vislumbre meio pedinte, meio imperioso. ‘Você não tem motivos, agora: está voando sobre os decretos divinos. Deus me designou para confortá-la e protegê-la – eu sinto isso, sei tão claramente como se uma voz do céu declarasse, “Porque serão dois em uma só carne” [1] – e você me separa de si mesma –’

‘Deixe-me ir, Sr. Hargrave!’, eu disse com rigor. Mas ele apenas apertou mais forte.

‘Deixe-me ir!’, repeti, tremendo de indignação.

Seu rosto estava quase oposto à janela a qual se ajoelhava. Com um leve impulso, vi que olhava para ela; e então um brilho de malicioso triunfo iluminou seu semblante. Olhando sobre meu ombro, observei uma sombra apenas se retirando para o canto.

‘Aquele é Grimsby’, ele disse deliberadamente. ‘Ele contará o que viu para Huntingdon e todo o resto, com tais embelezamentos que julgar apropriados. Ele não tem amor por você, Sra. Huntingdon – nenhuma reverência pelo seu sexo, nenhuma crença na virtude, nenhuma admiração pela sua imagem. Ele dará tal versão à história que não deixará dúvida sobre o seu caráter às mentes que a escutarem. Sua justa fama se foi; e nada do que eu ou você possa dizer poderá jamais recuperá-la. Mas me dê o poder de protegê-la e mostre-me o vilão que ouse insultar!’

‘Ninguém ousou me insultar como você está fazendo agora’, eu disse, soltando minhas mãos, por fim, e retraíndo-me dele.

‘Eu não a insulto’, ele gritou: ‘Eu a cultuo. Você é meu anjo, minha divindade! Deposito minhas forças aos seus pés e você deve e irá aceitá-las!’, ele exclamou, pulando impetuosamente. ‘Serei seu consolador e seu defensor! E, se sua consciência censurá-la por isso, diga que eu a superarei e não terá escolha senão ceder!’

Nunca vi um homem se excitar a tal ponto. Ele se lançou sobre mim. Agarrei minha espátula e a ergui contra ele. Isso o assustou: ele parou e me olhou, atônito; ousei dizer que eu o encarava tão ameaçadora e resoluta quanto ele. Corri para o sino e segurei a corda. Isso o domou ainda mais. Com um movimento da mão meio autoritário, meio depreciativo, ele buscou me impedir de tocar o sino.

‘Afastese, então!’, eu disse; ele recuou. ‘E me ouça. Não gosto de você’, continuei, tão deliberada e enfaticamente quanto poderia, para dar mais eficácia às minhas palavras; ‘e, se eu me divorciar de meu marido ou se ele morrer, não me casarei com você. Pronto! Espero que esteja satisfeito.’

Seu rosto se empalideceu de raiva.

‘Estou satisfeito’, ele replicou, com amarga ênfase, ‘que você seja a mais fria, artificial e ingrata mulher que já vi!’

‘Ingrata, senhor?’

‘Ingrata.’

‘Não, Sr. Hargrave, não sou. Por todo o bem que você me fez ou mesmo desejou fazer, eu sinceramente lhe agradeço: por todo o mal que me fez e que poderia ter feito, rezo que Deus o perdoe e lhe faça um espírito melhor.’ Então a porta se abriu e os senhores Huntingdon e Hattersley surgiram. O último permaneceu no corredor, ocupado com a vareta e a sua arma; o primeiro entrou e ficou com as suas costas contra o fogo, analisando o Sr. Hargrave e eu, particularmente ele, com um sorriso de insuportável significado, acompanhado como estava pela impudência de sua descarada frente e o brilho dissimulado e malicioso de seus olhos.

‘Bem, senhor?’ disse Hargrave, interrogativamente, com um ar de alguém preparado para se defender.

‘Bem, senhor’, respondeu seu anfitrião.

‘Queremos saber se você tem a liberdade de nos acompanhar aos faisões, Walter’, interpôs Hattersley do lado de fora. ‘Venha! Não deve haver algo para atirar, além de um bichano ou dois; eu lhe garanto.’

Walter não respondeu, mas caminhou até a janela para recompor seu pensamento. Arthur emitiu um baixo assobio e o seguiu com os olhos. Um leve rubor de cólera emergiu no rosto de Hargrave; mas, em um momento, ele se acalmou e disse com indiferença:

‘Vim aqui para me despedir da Sra. Huntingdon e dizer-lhe que irei embora amanhã.’

‘Humpf! Você está bastante abrupto em sua decisão. O que lhe faz partir tão cedo, posso perguntar?’

‘Negócios’, ele replicou, repelindo a zombaria incrédula do outro com um olhar de desdenhoso desafio.

‘Muito bem’, foi a resposta; e Hargrave saiu. Logo após, o Sr. Huntingdon, juntando as dobras de seu casaco sob os braços e colocando o ombro contra o consolo da lareira, virou-se para mim e, falando em voz baixa, pouco acima de sua respiração, despejou uma torrente dos mais vis e grosseiros abusos que era possível uma imaginação conceber para uma língua exprimir. Não tentei interrompê-lo; mas meu espírito se acendeu dentro de mim e, quando ele terminou, repliquei, ‘Se sua acusação for verdadeira, Sr. Huntingdon, como ousa me culpar?’

‘Ela acertou, por Júpiter!’, exclamou Hattersley, apoiando sua arma contra a parede; e, entrando no cômodo, pegou seu precioso amigo pelo braço e tentou arrastá-lo para fora. ‘Vamos, meu amigo’, ele murmurou; ‘verdadeiro ou falso, não tem o direito de culpá-la, você sabe, nem a ele; depois do que disse na noite passada. Então, vamos.’

Havia algo implícito ali que não pude resistir.

‘Você ousa suspeitar de mim, Sr. Hattersley?’ eu perguntei, quase fora de mim por tanta fúria.

‘Não, não suspeito de ninguém. Está tudo certo, tudo certo. Então vamos, Huntingdon, seu patife.’

‘Ela não pode negar!’ exclamou o cavalheiro assim dirigido, com um sorriso de raiva mesclado de triunfo. ‘Ela não pode negar como se sua vida dependesse disso!’ e, emitindo mais palavras abusivas, caminhou para o corredor e pegou seu chapéu e sua arma da mesa.

‘Desprezo me justificar para você!’ eu disse. ‘Mas a você’, me voltando para Hattersley, ‘se presume ter algumas dúvidas sobre esse assunto, pergunte ao Sr. Hargrave.’

Com isso, eles irromperam simultaneamente em uma rude risada que fez todo o meu corpo latejar, até a ponta dos dedos.

‘Onde está ele? Perguntarei eu mesma!’ eu disse, avançando entre eles.

Suprimindo uma nova erupção de risos, Hattersley apontou para a porta de fora. Estava semiaberta. Seu cunhado estava de frente, do lado de fora.

‘Sr. Hargrave, poderia vir até aqui?’, eu disse.

Ele se voltou e me olhou com grave surpresa.

‘Venha até aqui, por favor!’, repeti, de maneira tão determinada que ele não pôde ou escolheu não resistir à autoridade. Ele subiu os degraus relutante, de certa forma, e avançou um passo ou dois pelo corredor.

‘E diga a estes cavalheiros’, continuei – ‘a estes homens, se eu cedi ou não aos seus pedidos.’

‘Eu não a compreendo, Sra. Huntingdon.’

‘Você não me compreende, senhor; e eu lhe encarrego, sobre a sua honra como cavalheiro (se tiver alguma), a responder com a verdade. Cedi ou não cedi?’

‘Não’, ele murmurou, voltando-se.

‘Fale, senhor; eles não podem ouvi-lo. Concedi ao seu pedido?’

‘Não.’

‘Não, juro que não’, disse Hattersley, ‘ou ele nunca estaria tão sombrio.’

‘Desejo lhe conceder a satisfação de um cavalheiro, Huntingdon’, disse o Sr. Hargrave, dirigindo-se tranquilamente ao seu anfitrião, mas com

um amargo tom de zombaria em seu semblante.

‘Vá para o diabo!’, replicou o último, com um impaciente menear de cabeça. Hargrave saiu com um olhar de frio escárnio, dizendo, ‘Você sabe onde me encontrar, caso sintá-se disposto a enviar um amigo[2]’.

Xingamentos e maldições murmuradas foram todas as respostas que tal intimação obteve.

‘Agora, Huntingdon, você vê!’, disse Hattersley. ‘Claro como o dia.’

‘Não me importo com o que ele vê’, eu disse, ‘ou com o que ele imagina; mas você, Sr. Hattersley, quando ouvir meu nome vilipendiado e difamado, o defenderá?’

‘Defenderei.’

Instantaneamente saí e me tranquei na biblioteca. O que me possuía a fazer tal pedido para tal homem, eu não poderia dizer; mas quem não tem cão, caça com gato: eles me desesperaram entre eles; eu mal sabia o que disse. Não havia mais ninguém para preservar meu nome de ser achincalhado e caluniado entre este ninho de companheiros de farra e, por meio deles, talvez, para o mundo; e, além da minha abandonada ruína de marido, o baixo e maligno Grimsby e o falso vilão Hargrave, este rude rufião, ordinário e brutal como ele era, resplandeciam como um vaga-lume entre seus companheiros vermes.

Que cena foi aquela! Poderia eu ter imaginado que seria condenada a tolerar tais insultos debaixo do meu próprio teto – ouvir tais coisas ditas em minha presença; não, ditas para mim sobre mim; e por aqueles que atribuíam a si próprios o título de cavalheiros? E poderia eu ter imaginado que seria capaz de suportar aquilo tão tranquilamente e repelir seus insultos, tão firme e audaciosa como fizera? Uma firmeza tal como esta é ensinada apenas pela dura experiência e pelo desespero.

Tais pensamentos perseguiram um ao outro pela minha mente, enquanto eu andava para lá e para cá pela sala, e me demorava – oh, como me demorei – a pegar meu filho e deixá-los imediatamente, sem esperar mais uma hora! Mas não poderia ser assim; havia trabalho diante de mim: muito trabalho, que deveria ser executado.

‘Então, vamos a ele’, eu disse, ‘e que não perca mais um segundo em vãs lamentações e ociosas imprecações contra meu destino, e contra aqueles que o influenciam.’

E derrotando minha agitação com um poderoso esforço, voltei imediatamente à minha tarefa e trabalhei duro pelo resto do dia.

O Sr. Hargrave partiu no dia seguinte; e nunca mais o vi desde então. Os outros permaneceram mais duas ou três semanas; mas mantive-me longe deles o máximo possível e ainda perseverei em meu trabalho e o teria continuado, com o mais infatigável ardor, até agora. Logo inteirei Rachel de meus planos, confiando todos os motivos e intenções ao seu ouvido e, muito para a minha agradável surpresa, tive pouca dificuldade em convencê-la a concordar com as minhas opiniões. Ela é uma mulher sóbria e precavida, mas odeia tanto seu patrão e ama tanto sua patroa e seu bebê, que depois de vários gritos, algumas débeis objeções e muitas lágrimas e lamentações de que eu deveria ser levada por tal passagem, ela aplaudiu minha resolução e consentiu em me ajudar com todos os seus esforços: com uma condição apenas: que ela compartilhasse meu exílio; caso contrário, ela era extremamente inexorável, considerando como perfeita loucura que eu e Arthur fossemos sozinhos. Com tocante generosidade, ela modestamente me ofereceu ajudar com suas pequenas economias, esperando que eu ‘a desculpasse pela liberdade, mas realmente, se quisesse lhe fazer o favor de aceitá-las como um empréstimo, ela ficaria muito feliz’. Claro que eu não poderia pensar em tal coisa; mas agora, graças a Deus, já juntei minhas próprias e pequenas economias, e meus preparativos já estão tão avançados que estou ansiosa por uma rápida emancipação. Apenas espero que tempestuosa severidade deste clima invernal esteja um pouco diminuída e então, em alguma manhã, o Sr. Huntingdon descerá para um café da manhã solitário e talvez esteja pedindo pela casa pela sua invisível esposa e filho, quando estiverem a umas cinquenta milhas em seu caminho para o mundo ocidental ou mais, até: pois devemos deixá-lo horas antes da aurora e não é provável que ele descubra a perda de ambos até que o dia esteja bem adiantado.

Estou completamente ciente dos males que podem e devem resultar deste passo que estou prestes a dar; mas nunca desanimo em minha decisão, porque nunca esqueço de meu filho. Foi apenas nesta manhã, enquanto eu

seguia com meu trabalho rotineiro, ele estava sentado aos meus pés, brincando tranquilamente com os restos de telas que eu tinha jogado sobre o tapete; mas sua mente estava ocupada com outra coisa, pois, em um momento, ele me olhou melancolicamente e perguntou com gravidade - 'Mamãe, por que você é má?'

'Quem disse que eu sou má, querido?'

'Rachel.'

'Não, Arthur, Rachel nunca disse isso, estou certa.'

'Bem, então, foi papai', ele replicou pensativamente. Então, depois de uma pausa para refletir, ele acrescentou, 'Pelo menos, lhe contarei como soube disso: quando estou com papai, se eu digo que mamãe me quer ou que a mamãe diz que não devo fazer algo que ele diz que eu faça, ele sempre diz, "A mamãe que se dane" e Rachel diz que apenas as pessoas más se danam. Então, mamãe, é por isso que eu acho que você é má: e eu queria que você não fosse.'

'Meu querido filho, eu não sou. Estas são palavras ruins e as pessoas más frequentemente as dizem para os que são melhores do que elas mesmas. Essas palavras não podem fazer as pessoas serem malditas, nem mostrar porque elas merecem se danar. Deus nos julgará pelos nossos próprios pensamentos e feitos, não pelo o que as pessoas dizem sobre nós. E, quando você ouvir tais palavras, Arthur, lembre-se de nunca repeti-las: é mau dizer tais coisas sobre os outros, não tê-las ditas contra você.'

'Então, papai que é mau', ele disse, magoado.

'Papai está errado em dizer tais coisas e você errará muito em imitá-lo, agora que o conhece melhor.'

'O que é imitar?'

'Fazer como ele faz.'

'Ele sabe que é errado?'

'Talvez saiba; mas isso não lhe diz respeito.'

'Se ele não sabe, talvez você devesse dizer-lhe, mamãe.'

'Eu já disse.'

O pequeno moralista parou e ponderou. Tentei, em vão, mudar sua mente de assunto.

‘Lamento que papai seja mau’, ele disse em tom lamentoso, por fim, ‘pois não desejo que ele vá para o inferno.’ E, assim dizendo, ele irrompeu em lágrimas.

Consolei-o com a esperança de que, talvez, seu papai mudasse e se tornasse bom antes de morrer-; mas já não é hora de livrá-lo de um pai como esse?

[1] Refere-se à passagem de Coríntios, cap. 6, v.16: “Não sabeis que o que se junta com uma prostituta torna-se o mesmo corpo? ‘Porque serão’, disse, ‘dois em uma só carne’.”

[2] Hargrave sutilmente convida Huntingdon para um duelo. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, o desafiante, geralmente o ultrajado, enviava um amigo para comunicar ao desafiado, ou o ultrajante, um duelo para acertarem as contas.

CAPÍTULO XL

10 de janeiro de 1827.

Enquanto eu escrevia o trecho acima, ontem à noite, sentei-me na sala de visitas. O Sr. Huntingdon estava presente, mas, como eu pensava, dormindo no sofá diante de mim. Ele tinha se levantando, porém, sem que eu o visse e, agindo por algum baixo espírito de curiosidade, estivera olhando por sobre meu ombro por não sei quanto tempo; pois, quando eu tinha deitado minha pena de lado e estava prestes a fechar o livro, ele subitamente colocou sua mão sobre ele, dizendo – ‘Com sua permissão, minha querida, darei uma olhada nisso’, e o arrancou forçosamente de mim, arrastou uma cadeira para a mesa e sentou-se compostamente para examiná-lo; virando página por página para encontrar uma explicação para o que ele lera. Desafortunadamente para mim, ele estava mais sóbrio do que costumava estar em tal horário.

Claro que não o deixei executar sua ocupação com tranquilidade: fiz várias tentativas de agarrar o livro de suas mãos, mas ele o segurava muito firme; eu o censurei com amargura e desprezo por sua conduta má e desonrosa, mas não teve efeito sobre ele; e, finalmente, apaguei todas as velas, mas ele apenas se dirigiu para o fogo e, erguendo uma chama suficiente para os seus propósitos, calmamente continuou sua investigação. Pensei seriamente em obter um cântaro de água para apagar aquela luz também; mas estava muito evidente que sua curiosidade estava muito afiada para ser extinguida assim e quanto mais eu manifestasse minha ansiedade em frustrar seu escrutínio, maior seria sua determinação em persistir nele e, além do mais, já era tarde.

‘Parece muito interessante, querida’, ele disse, erguendo sua cabeça e olhando para onde eu estava, torcendo minhas mãos em silenciosa fúria e angústia; ‘mas é deveras longo; lerei-o em qualquer outra hora; e, enquanto isso, lhe incomodarei pelas suas chaves, minha querida.’

‘Quais chaves?’

‘As chaves de seu gabinete, escrivaninha, gavetas e de tudo o mais que você possui’, ele disse, erguendo-se e estendendo sua mão.

‘Eu não as tenho’, repliquei. A chave de minha escrivaninha, de fato, estava, naquele momento, na fechadura e as outras estavam juntas a ela. ‘Então mande-as buscar’, ele disse; ‘e, se aquele velho demônio, Rachel, não as trouxer imediatamente, ela empacota as coisas dela amanhã.’

‘Ela não sabe onde estão’, respondi, colocando minha mão em silêncio sobre elas e as tirando da escrivaninha, como eu pensava, sem que ele as visse. ‘Eu sei, mas não as darei sem um motivo.’

‘E eu sei, também’, disse ele, agarrando repentinamente minha mão fechada e rudemente as retirando de lá. Ele, então, pegou uma das velas e a reacendeu ao colocá-la no fogo.

‘Agora, então’, ele zombou, ‘devemos fazer um confisco de propriedade. Mas, primeiro, olhemos ao estúdio.’

E, colocando as chaves em seu bolso, ele caminhou pela biblioteca. Eu o segui, seja pela turva ideia de prevenir alguma falcaturia ou somente para saber o pior, nem sei dizer. Meus materiais de pintura estavam agrupados sobre a mesa de canto, prontos para serem usados amanhã e apenas cobertos com um pano. Ele logo os espiou e, abaixando a vela, deliberadamente prosseguiu em lançá-los ao fogo: paleta, tintas, bexigas, pincéis, verniz: vi tudo ser consumido: as espátulas partidas em duas, o óleo e a aguarrás assobiando e agitando a lareira. Ele então tocou o sino.

‘Benson, leve estas coisas embora’, ele disse, apontando para o cavalete, as telas e o tensor; ‘e diga à criada que ela pode acender o fogo com isso; sua patroa não mais os quer.’

Benson parou, aterrorizado e olhou para mim.

‘Leve-os, Benson’, eu disse; e seu patrão vociferou.

‘E isto e tudo o mais, senhor?’, disse o atônito criado, referindo-se à pintura inacabada.

‘Isto e tudo o mais’, respondeu o patrão; e todas as coisas foram levadas.

O Sr. Huntingdon então subiu a escada. Não tentei segui-lo, mas permaneci sentada na poltrona, muda, sem chorar e quase sem movimentos, até que ele retornou meia hora depois e, caminhando até a mim, segurou a vela em meu rosto para observar atentamente, com olhares e risos muito

insultantes para serem tolerados. Com um súbito golpe da minha mão, lancei a vela para o chão.

‘Ah!’, ele exclamou, recuando com um pulo; ‘ela é o próprio demônio em rancor. Algum mortal já viu tais olhos? – brilham no escuro como os de um gato. Oh, você é uma doçura!’ Assim dizendo, ele juntou a vela e o castiçal. Estando a primeira apagada e quebrada, ele pediu outra.

‘Benson, sua patroa quebrou a vela; traga outra.’

‘Você se expôs bem’, observei, enquanto o homem partia.

‘Não vou dizer que eu quebrei a vela, não é?’, ele retornou. Então, ele jogou minhas chaves em meu colo, dizendo – ‘Pronto! Você não sentirá falta de nada além do seu dinheiro, das joias e de algumas pequenas ninharias que julguei aconselhável ter em minha posse, já que seu espírito mercantil pode ser tentado a transformá-las em ouro. Deixei algum dinheiro em sua bolsa, que eu espero que durem até o final do mês; em todos os casos, quando você quiser mais, será bondosa em me dar um relato dos seus gastos. Eu deverei lhe dar uma pequena quantia mensalmente, no futuro, para as suas despesas particulares; e você não precisará se incomodar mais com meus negócios; deverei contratar um administrador, minha querida – não a exporei à tentação. E, com relação às despesas da casa, a Sra. Greaves deverá ser muito detalhista em manter suas contas; devemos seguir por um plano inteiramente novo...’

‘Qual grande descoberta você fez agora, Sr. Huntingdon? Eu tentei roubá-lo?’

‘Não em questões financeiras, exatamente, ao que parece; mas é melhor manter distância do caminho da tentação.’

Neste ponto, Benson entrou com as velas e então se seguiu um curto intervalo de silêncio; eu sentada imóvel em minha cadeira e ele de pé, dando as costas para o fogo, silenciosamente triunfante em meu desespero.

‘E então’, ele disse por fim, ‘você pensou em me desgraçar, não é, por fugir e se tornar uma artista, e se manter com o trabalho de suas mãos, não é mesmo? E pensou em me roubar meu filho, também, e fazê-lo se tornar um homem de negócios Yankee ou um humilde e mendicante pintor?’

‘Sim, para evitar que ele se transforme em um cavalheiro tal como o pai.’

‘Está bem que você não pôde manter seu próprio segredo – ha,ha! Está bem que estas mulheres continuem fofocando. Se elas não tivessem uma amiga com quem falar, deveriam sussurrar seus segredos aos peixes ou escrevê-los na areia, ou algo do tipo; e está bem, também, que eu não tivesse bebido muito naquela noite, agora me ocorre, ou eu poderia ter pego no sono e nunca ter sonhado em ver o que minha doce dama estava tramando; ou eu poderia ter perdido o senso de exercer meu poder como um homem, como fiz.’

Deixando-o com suas autocongratulações, ergui-me para salvar meu manuscrito, pois eu me lembrei então de tê-lo deixado sobre a mesa da sala de visitas e eu me determinei, se possível, de me resguardar da humilhação de vê-lo nas mãos dele outra vez. Eu não podia suportar a ideia de ele se divertir com meus pensamentos e lembranças secretas; embora, para estar certa, ele encontraria pouco de bom sobre ele ali escrito, exceto na primeira parte; e, oh, eu logo queimaria todo o diário em vez de deixar que ele lesse tudo o que escrevi quando eu era tão tola por amá-lo!

‘E, à propósito’, ele exclamou enquanto eu deixava a sala, ‘é melhor que você diga àquela maldita velha covarde de ama para se manter longe de mim por alguns dias; eu pagaria suas contas e a mandaria embora amanhã, mas sei que ela faria mais danos fora da casa do que dentro dela.’

E, enquanto eu saía, ele prosseguiu xingando e insultando minha fiel amiga e serva, com epítetos os quais não repetirei para não conspurcar este papel. Procurei-a assim que guardei meu livro e lhe contei como nosso projeto fracassou. Ela estava tão angustiada e horrorizada quanto eu – e ainda mais do que eu naquela noite, pois eu estava parcialmente aturdida pelo golpe e parcialmente excitada e confortada contra ele pelo amargor de minha ira. Mas, pela manhã, quando despertei sem aquela alegre esperança que fora meu secreto conforto e apoio por tanto tempo, e durante todo este dia, quando vagueio sem descanso e sem objetivo, evitando meu marido, me recolhendo mesmo de meu filho, sabendo que não estou preparada para ser sua professora e sua companheira, nada esperando pela sua vida futura e fervorosamente desejando que ele nunca tivesse nascido – senti minha calamidade em toda a sua extensão e a sinto ainda agora. Sei que, dia após

dia, esses sentimentos voltarão a cair sobre mim. Sou uma escrava – uma prisioneira – mas isso não é nada; se eu estivesse sozinha, não reclamaria, mas estou proibida de resgatar meu filho da ruína e o que era meu único consolo se tornou a principal fonte de meu desespero.

Não tenho eu fé em Deus? Tento olhar para Ele e elevar meu coração aos céus, mas ele se pulveriza. Apenas posso dizer, ‘Ele me tem presa, pois não posso sair: Ele tornou meu castigo pesado. Ele me encheu de amargura – Ele me embebedou de vermes.’ Esqueço de adicionar, ‘Mas embora Ele me entristeça, ainda Ele terá compaixão conforme a vastidão de Suas misericórdias. Pois Ele não me aflige por sua própria vontade, nem aflige os filhos dos homens.’ Assim devo pensar; e se não há nada além de mágoas neste mundo, para mim, o que é a mais longa vida de misérias se comparada à total eternidade de paz? E, quanto ao meu pequeno Arthur – não tem ele outro amigo além de mim? Quem foi que disse, ‘Não é a vontade de seu Pai que está no céu que um destes pequenos pereça?’

CAPÍTULO XLI

20 de março.

Tendo me livrado do Sr. Huntingdon por uma estação, meus espíritos começam a reviver. Ele me deixou no começo de fevereiro; e, no momento em que se foi, respirei novamente e senti minha energia vital retornar; não com a esperança de fuga – ele tomou cuidado para não me deixar chances visíveis disso – mas com a determinação de fazer o melhor das circunstâncias existentes. Aqui está Arthur deixado a mim, por fim; e, erguendo-se de minha desesperançada apatia, empreguei todas as minhas forças para erradicar as ervas que foram nutridas em sua mente infantil e plantar novamente a boa semente que elas tornaram improdutivas. Graças aos céus, não é um solo estéril ou cheio de pedras; se as ervas prosperam rápidas ali, as plantas ainda mais. Suas descobertas estão mais ágeis, seu coração transbordante de emoção mais do que o de seu pai sempre esteve e não é uma tarefa inútil incliná-lo para a obediência e conquistá-lo para o amor e se saber seu próprio verdadeiro amigo, enquanto não há alguém para anular meus esforços.

No início, tive muitos problemas em libertá-lo daqueles péssimos hábitos que seu pai lhe ensinou a adquirir, mas já aquela dificuldade está quase desaparecida: o mau linguajar raramente polui sua boca e eu tenho tido êxito em dar-lhe um desgosto absoluto por todas as tóxicas bebidas, que espero nem mesmo seu pai ou os amigos de seu pai serão capazes de superar. Ele estava desordenadamente apaixonado por eles para uma criatura tão jovem e, lembrando meu desafortunado pai tão bem quanto o dele, apavorei-me com as consequências de tal gosto. Mas se eu limitei em sua habitual quantidade de vinho ou o proibi de prová-lo por completo, isso apenas aumentou sua preferência pela bebida e o fez considerar como um prazer maior do que nunca. Eu, portanto, dei-lhe tanto quanto seu pai estava acostumado a permitir; tanto quanto, decerto, ele desejava tomar – mas em cada taça, eu sub-repticiamente introduzia uma pequena quantidade de purgante, apenas o suficiente para provocar a inevitável náusea e depressão, sem, porém, o mal em si. Descobrimo que tais desagradáveis consequências invariavelmente resultavam de sua indulgência, ele logo se cansou daquilo, mas quanto mais ele se recolhia do prazer diário, mais eu

lhe oferecia, até que sua relutância se fortificou em perfeita repugnância. Quando ele se decepcionou por completo com qualquer tipo de vinho, o permiti, por seu próprio pedido, de provar conhaque com água e então gim com água, pois o pequeno beberrão as conhecia todas e eu estava determinada que tudo lhe deveria ser igualmente odioso. Assim fiz; e como ele declara que o gosto, o cheiro e a visão de qualquer uma delas é suficiente para enjoá-lo, desisti de provocá-lo com elas, exceto em uma ocasião ou outra, como objetos de terror em casos de desobediência. ‘Arthur, se você não for um bom garoto, lhe darei uma taça de vinho’, ou ‘Agora, Arthur, se disser isso novamente, irá tomar um copo de conhaque com água’, eram tão bons quanto qualquer ameaça; e, uma vez ou duas, quando ele estava doente, obriguei a pobre criança a ingerir um pouco de vinho com água sem o purgante, à modo de medicamento; e esta prática pretendo continuar por algum tempo mais; não que eu ache que seja útil em algum senso físico, mas porque estou decidida a listar todos os poderes de associação a meu serviço; desejo que esta aversão tenha raízes tão profundas em sua natureza que nada, quando ele estiver maduro, possa ser capaz de superá-la.

Assim, me felicito, devo resguardá-lo desse único vício; e, quanto ao resto, se no retorno de seu pai eu tiver motivos para desconfiar que minhas boas lições serão todas destruídas – se o Sr. Huntingdon começar outra vez com o jogo de ensinar a criança a odiar e desprezar sua mãe, e a emular o mal de seu pai – ainda, eu o livrarei das mãos de seu pai. Tenho delineado um plano ao qual poderei recorrer, se necessário; e, se eu puder obter o consentimento e a ajuda de meu irmão, não duvidarei de seu sucesso. A velha casa onde eu e ele nascemos, e onde nossa mãe faleceu, está agora desabitada, não ainda toda em decadência, como eu acredito. Agora, se eu puder persuadi-lo a tornar uma ou duas salas habitáveis e me alugá-las como a uma estranha, poderei viver lá, com meu filho, sob um nome falso e ainda me sustentar com minha arte favorita. Ele poderá me emprestar dinheiro para o começo e eu lhe devolveria e viveria em humilde independência e em estrita reclusão, pois a casa está em um lugar solitário e a vizinhança é esparsamente habitada, e ele mesmo pode negociar a vendas dos quadros para mim. Tenho todo o plano formulado em minha cabeça: e tudo o que eu desejo é convencer Frederick a concordar comigo. Ele logo chegará para

me visitar e então farei-lhe a proposta, tendo primeiro o colocado a par das circunstâncias o suficiente para lhe apresentar o projeto.

Já, acredito, ele sabe muito mais da minha situação do que lhe contei. Posso dizer isso pelo tom de suave tristeza que permeia suas cartas; e pelo fato de que ele tão raramente menciona meu marido e geralmente evocando um tipo de oculta amargura quando se refere a ele; assim como pela circunstância de nunca vir me ver quando o Sr. Huntingdon está em casa. Mas ele nunca expressou abertamente qualquer desaprovação por ele ou simpatia por mim; ele nunca fez perguntas ou disse qualquer coisa para despertar minha confiança. Tivesse ele feito isso e eu provavelmente pouco teria o que esconder dele. Talvez ele se sinta ferido com a minha reserva. Ele é um ser desconhecido; gostaria que nos conhecêssemos melhor. Ele costumava passar um mês em Staningley todos os anos, antes de eu me casar; mas, desde a morte de nosso pai, apenas o vi uma vez, quando ele veio passar alguns dias enquanto o Sr. Huntingdon não estava. Ele deverá ficar um longo período, desta vez, e deverá haver mais candura e cordialidade entre nós do que nunca houve antes, desde nossa tenra infância. Meu coração se apega a ele mais do que nunca; e minha alma está doente de solidão.

16 de abril

Ele veio e se foi. Ele não ficou nem uma quinzena. O tempo passou rápido, mas de maneira muito, muito feliz e me fez bem. Devo ter tido uma indisposição, pois meus infortúnios me azedaram e me amargaram em demasia: eu estava começando a, sem perceber, acalentar sentimentos muito inamistosos contra meus semelhantes, a parte masculina deles, em especial; mas é um alento ver que há, pelo menos, um entre eles no qual vale a pena confiar e estimar; e, sem dúvida, há mais, embora eu nunca os tenha conhecido, a menos que isente o pobre Lord Lowborough e ele estava mal o suficiente em seu dia. Mas o que Frederick teria sido se tivesse vivido no mundo e misturado sua infância com as de tais homens que conheço? E o que Arthur será, com toda a doçura de seu temperamento, se eu não o salvá-lo deste mundo e daqueles companheiros? Mencionei meus medos a Frederick e introduzi o assunto do meu plano de resgate na noite posterior à sua chegada, quando apresentei meu pequeno filho ao seu tio.

‘Ele é como você, Frederick’, eu disse, ‘em alguns de seus humores: às vezes acho que ele lembra mais você do que o pai dele; e fico feliz por isso.’

‘Você está me bajulando, Helen’, ele replicou, arrumando os cachos suaves e ondulados da criança.

‘Não, você não achará que é um elogio quando eu lhe disser que preferiria que ele se parecesse com Benson do que com o pai dele.’

Ele subiu suas pálpebras levemente, mas nada disse.

‘Você sabe que tipo de homem o Sr. Huntingdon é?’, perguntei.

‘Acho que faço uma ideia.’

‘Você teria uma ideia tão clara a ponto de poder ouvir, sem surpresa ou desaprovação, que eu penso em escapar com esta criança para algum refúgio secreto, onde eu possa viver em paz e nunca mais vê-lo?’

‘É isso, realmente?’

‘Se você não tem’, continuei, ‘eu lhe direi algo mais sobre ele’; e dei-lhe um esboço de sua conduta geral e um relato mais detalhado de seu comportamento em relação ao seu filho, e expliquei minhas apreensões sobre o último registro e minha determinação em livrá-lo da influência de seu pai.

Frederick estava excessivamente indignado com o Sr. Huntingdon e muito entristecido por mim; mas, ainda, ele considerava meu projeto louco e impraticável. Ele julgou meus medos por Arthur desproporcionais às circunstâncias e opôs tantas objeções ao meu plano, e elaborou tantos métodos mais brandos para melhorar minha condição, que fui obrigada a entrar em detalhes adicionais para convencê-lo de que meu marido era extremamente incorrigível e nada poderia convencê-lo a ceder seu filho, independentemente do que aconteceria comigo, estando ele totalmente determinado que a criança não devesse abandoná-lo, como eu estava em não deixar a criança; e isso, de fato, nada resolveria, a menos que eu fugisse do país, como tinha planejado antes. Para evitar isso, ele por fim consentiu em ter uma ala da velha casa em condições habitáveis, como um refúgio em momento de necessidade; mas que esperava que eu não tomasse vantagem disso a menos que as circunstâncias se tornassem realmente necessárias, o

que eu estava pronta o suficiente para prometer; pois embora, para o meu próprio bem, tal eremitério se parecesse com o paraíso, comparado à minha atual situação, ainda para o bem de minhas amigas, pois Milicent e Esther, minhas irmãs em coração e afeição, para os pobres moradores de Grassdale e, acima de tudo, para a minha tia, eu ficaria se pudesse.

29 de julho

A Sra. Hargrave e sua filha voltaram de Londres. Esther está saciada pela sua primeira temporada na cidade; mas ela ainda não se apaixonou e está descompromissada. Sua mãe buscou um par perfeito para ela e mesmo trouxe o cavalheiro para depositar seu coração e sua fortuna aos pés dela; mas Esther teve a audácia de recusar as nobres prendas. Ele era um homem de boa família e enormes posses, mas a desobediente garota sustentava que ele era velho como Adão, feio como o pecado e odioso como – alguém que deveria ficar sem ser chamado.

‘Mas, de fato, eu tive um período muito difícil a respeito’, ela disse: ‘mamãe estava enormemente desapontada com o fracasso de seu querido projeto e muito, muito nervosa com minha obstinada resistência à sua vontade e ainda está; mas não posso evitar. E Walter, também, está tão seriamente descontente com a minha perversidade e absurdo capricho, como ele diz, que temo nunca me perdoar – não acho que ele poderia ser tão maldoso como tem se mostrado ultimamente. Mas Milicent me implorou a não ceder e estou certa, Sra. Huntingdon, que se você tivesse visto o homem que queriam empalmar sobre mim, teria me aconselhado a não aceitá-lo também.’

‘Eu teria a aconselhado assim tendo o visto ou não’, eu disse; ‘já basta que você não goste dele.’

‘Eu sabia que diria isso; embora mamãe afirmasse que você ficaria muito chocada com minha indecorosa conduta. Você não pode imaginar as broncas que ela me dá: que sou desobediente e ingrata; que estou frustrando seus desejos, que estou enganando meu irmão e me tornando um peso em suas mãos. Às vezes, temo que ela me convencerá, afinal de contas. Tenho uma vontade forte, mas ela também e quando diz tais coisas amargas, me provoca a tal ponto que me sinto inclinada a fazer como ela me pede e então partir meu coração e dizer, “Pronto, mamãe, é tudo a sua culpa!”’

‘Por favor, não!’, eu disse. ‘Obedecer a tal motivo seria efetiva maldade e certo de trazer a punição que merece. Permaneça firme e sua mamãe logo desistirá de persegui-la; e o próprio cavalheiro parará de importuná-la com suas cartas caso se veja rigidamente rejeitado.’

‘Oh, não! Mamãe se aborrecerá de tudo ao seu redor antes de se cansar de si própria com seus esforços; e, com relação ao Sr. Oldfield, ela deu-lhe a entender que recusei sua oferta, não por não gostar de sua pessoa, mas meramente porque sou leviana e jovem, e não posso agora me reconciliar com os pensamentos de casamento sob quaisquer circunstâncias: mas, pela próxima temporada, ela não tem dúvida, eu deverei ter mais senso e espera que minha infantil fantasia já esteja rasgada. Assim ela me trouxe para casa, para me escolar no próprio sentido do meu dever, caso o momento se reapresente outra vez. De fato, acredito que ela não se proporá a custear minha viagem a Londres novamente, a menos que me renda; ela não pode bancar me levar à cidade por prazer e diversão, ela diz, e não é todo rico cavalheiro que consentirá em me aceitar sem fortuna, sejam quais forem as louvadas ideias que eu tenha sobre as minhas atrações.’

‘Bem, Esther, tenho pena de você; mas ainda, repito, permaneça firme. Você pode muito bem se vender à escravidão uma vez, como se casar com um homem de quem você não gosta. Se sua mãe e seu irmão não são bondosos com você, deixe-os, mas lembre-se de que está presa ao seu marido pelo resto da vida.’

‘Mas não posso deixá-los a menos que eu me case e não posso me casar se ninguém me vê. Vi um ou dois cavalheiros em Londres de quem eu poderia ter gostado, mas eles ainda são muito jovens e mamãe não deixaria que eu os conhecesse – um em especial, que eu também acredito ter gostado de mim – mas ela lançou todo obstáculo possível no caminho de nos conhecermos melhor. Não é irritante?’

‘Não tenho dúvida de que você se sentiu assim, mas é possível que, depois de se casar com ele, possa ter mais motivos para lamentar isso do que caso tivesse se casado com o Sr. Oldfield. Quando eu lhe digo para não se casar sem amor, não a aconselho a se casar apenas por amor: há muitas, muitas outras coisas a ser consideradas. Mantenha tanto o coração quanto a mão em sua posse, até que você veja bons motivos para se separar deles; e,

se tal ocasião nunca se apresentar, console sua mente com esta reflexão, que embora na vida solteira suas alegrias possam não ser muitas, suas mágoas, pelo menos, não serão mais do que as que você pode tolerar. O casamento pode mudar suas circunstâncias para melhor, mas, na minha opinião particular, é muito mais propenso a produzir um resultado contrário.’

‘Assim pensa Milicent; mas permita-me dizer que discordo. Se eu me acho condenada a envelhecer solteira, deveria parar de estimar minha vida. Os pensamentos de viver, ano após ano, em Grove – um peso sobre mamãe e Walter, um mero embaraço sobre o chão (agora que sei sob qual prisma eles considerariam isso), são perfeitamente intoleráveis; preferiria fugir com o mordomo.’

‘Suas circunstâncias são peculiares, concedo; mas tenha paciência, amor; não faça nada apressadamente. Lembre-se de que você nem tem dezenove anos ainda e muitos anos devem se passar antes que lhe considerem uma velha solteira: você não pode dizer o que a Providência lhe reservou. E, nesse meio tempo, lembre-se de que tem direito à proteção e ao sustento de sua mãe e de seu irmão, não importa o quanto eles pareçam ter aversão a isso.’

‘Você é tão séria, Sra. Huntingdon’, disse Esther, depois de uma pausa. ‘Quando Milicent expressou os mesmos sentimentos desencorajadores sobre o casamento, perguntei se ela era feliz: ela disse que sim; mas não acreditei totalmente nela; e agora, devo fazer a mesma pergunta a você.’

‘É uma pergunta muito impertinente’, eu ri, ‘de uma jovem garota para uma mulher casada muitos anos mais velha e não deverei respondê-la.’

‘Perdoe-me, querida madame’, ela disse e rindo, jogou-se aos meus braços, beijando-me com divertida afeição; mas senti uma lágrima em meu pescoço, enquanto ela abaixava sua cabeça ao meu peito e continuava, com uma estranha mistura de tristeza e frivolidade, timidez e audácia – ‘Sei que você não está tão feliz quando eu gostaria que fosse, pois passa metade de seu tempo sozinha em Grassdale, enquanto o Sr. Huntingdon vai se divertir onde e como se lhe agrada. Devo esperar que meu marido não tenha outros prazeres senão aqueles que compartilha comigo; e se seu maior prazer entre todos não for o de minha companhia, ora, será pior para ele, é isso.’

‘Se tais são suas expectativas sobre o matrimônio, Esther, deve, de fato, se importar com quem você se casa – ou melhor, você deve evitá-lo por completo.’

CAPÍTULO XLII

Primeiro de setembro

Nada do Sr. Huntingdon, ainda. Talvez ele fique entre seus amigos até o Natal; e então, na primavera seguinte, ele partirá novamente. Se ele continuar com este plano, deverei permanecer em Grassdale bem o suficiente – ou seja, eu deverei ser capaz de ficar e isso é o bastante; mesmo um ocasional grupo de amigos na estação de caça pode ser tolerado, se Arthur ficar tão firmemente ligado a mim, tão bem estabelecido no bom senso e nos princípios, antes que eles cheguem, que deverei ser capaz, pela razão e pela afeição, a mantê-lo puro de suas contaminações. Vã esperança, temo! Mas, ainda, até que o tempo de privação chegue, evitarei pensar em meu tranquilo refúgio na amada casa velha.

O Sr. e a Sra. Hattersley têm estado em Grove por uma quinzena; e, como o Sr. Hargrave ainda permanece ausente e o tempo está notavelmente bom, nunca passei um dia sem ver minhas duas amigas, Milicent e Esther, seja aqui ou lá. Em uma ocasião, quando o Sr. Hattersley as conduziu para Grassdale na pequena carruagem, com a pequena Helen e Ralph, e estávamos todos nos divertindo no jardim – tive alguns minutos de conversa com aquele cavalheiro, enquanto as damas estavam se divertindo com as crianças.

‘Você quer ouvir algo de seu marido, Sra. Huntingdon?’, ele perguntou.

‘Não, a menos que você possa me dizer quando devo esperá-lo em casa.’

‘Não posso. Você não o quer, não é?’ ele disse, com um amplo sorriso.

‘Não.’

‘Bem, acho que você está melhor sem ele, certamente - de minha parte, estou perfeitamente cansado dele. Eu lhe disse que eu o deixaria se ele não corrigisse seus modos e ele não o fez; então, o deixei. Você vê, sou um homem melhor do que pensa; e, ademais, tenho sérios pensamentos de me livrar dele por completo e de todos eles, e de me comportar a partir

deste dia com toda a decência e sobriedade, como um cristão e um pai de família faria. O que você acha disso?’

‘É uma decisão que deveria ter tomado há muito tempo.’

‘Bem, não tenho trinta anos ainda; não é muito tarde, não acha?’

‘Não; nunca é muito tarde para se corrigir, desde que você tenha o senso de desejar isso e a força para executar seu propósito.’

‘Bem, para lhe dizer a verdade, pensei muito a respeito com frequência, antes; mas ele é uma companhia boa dos infernos, este Huntingdon, no fim das contas. Você não pode imaginar que jovial bom rapaz ele é, quando não está totalmente bêbado, apenas alcoolizado ou meio ébrio. Todos nós temos uma pequena queda por ele no fundo de nossos corações, embora não possamos respeitá-lo.’

‘Mas deve você querer ser como ele?’

‘Não, prefiro ser eu mesmo, mau como sou.’

‘Você não pode continuar mau como é sem piorar e se brutalizar a cada dia e, portanto, se tornar mais parecido com ele.’

Não pude deixar de rir com o cômico olhar, meio raivoso, meio confuso, que ele pôs com este incomum modo de falar.

‘Não se importe com minha franqueza’, eu disse; ‘é pelo melhor dos motivos. Mas diga-me, você deseja que seus filhos sejam como o Sr. Huntingdon – ou mesmo como você?’

‘Caramba! Não.’

‘Você deseja que sua filha o despreze - ou, pelo menos, não sinta nenhum vestígio de respeito por você e nenhuma afeição além daquela misturada com o mais amargo arrependimento?’

‘Oh, não! Não poderia suportar isso.’

‘E, finalmente, você deseja que sua esposa esteja pronta para se afundar na terra quando ela escuta seu nome; e que deteste o próprio som de sua voz e trema com sua aproximação?’

‘Ela nunca o fará; ela gosta de mim da mesma forma, não importa o que eu faça.’

‘Impossível, Sr. Hattersley! Você confunde sua calma submissão com afeição.’

‘Fogo e fúria..’

‘Agora não irrompa em uma tempestade com isso. Não quero dizer que ela não o ama - ela o ama, eu sei, muito mais do que você merece; mas estou bem certa de que, se você se comportasse melhor, ela o amaria ainda mais e caso se comportasse pior, ela o amaria cada vez menos, até que tudo se perca em medo, aversão e amargor de alma, se não em secreto ódio e desprezo. Mas, deixando o assunto da afeição para lá, você deseja ser o opressor de sua vida – levar embora todo o raio de sol de sua existência e torná-la miserável por completo?’

‘Claro que não; e não o faço, nem o farei.’

‘Você fez mais do que supõe.’

‘Ora, ora! Ela não é a criatura suscetível, ansiosa e preocupante que você imagina: ela é um corpo meigo, pacífico e afetuoso; apta para estar amuada às vezes, mas tranquila e fria no geral, e pronta para aceitar as coisas como elas se lhe vêm.’

‘Pense no que ela era cinco anos atrás, quando você se casou com ela e no que ela é agora.’

‘Sei que ela era uma pequena e gorda moça então, com uma bela face rosa e branca: agora ela é uma pobre e pequenina parte de uma criatura, desaparecendo e se derretendo como uma coroa de neve. Mas que se dane! – não é culpa minha.’

‘Qual é a causa disso, então? Não é a idade, pois ela tem apenas vinte e cinco anos.’

‘É a sua própria saúde delicada e droga, madame! O que você pensaria de mim? - e as crianças, esteja certa, a preocupam demais entre eles.’

‘Não, Sr. Hattersley, as crianças lhe dão mais prazer do que dor: elas são crianças boas e bem dispostas...’

‘Eu sei que são – graças a Deus!’

‘Então por que culpá-las? – Eu lhe direi o que é: é a preocupação silenciosa e ansiedade constante sobre você, misturada, suspeito, com algo de corpóreo medo sobre ela mesma. Quando você se comporta bem, ela pode apenas se regozijar sem tremer; ela não tem segurança, nem confiança no seu julgamento ou nos seus princípios; mas é continuamente aterrorizante o fim de felicidade tão curta; quando você se comporta mal, suas causas de terror e de tristeza vão além do que alguém pode contar, além dela. Na paciente resistência ao mal, ela esquece que é dever dela admoestar nossos vizinhos sobre as suas transgressões. Já que você confunde o silêncio dela com indiferença, venha comigo, e lhe mostrarei uma ou duas de suas cartas – sem quebrar a confiança, espero, já que você é a outra metade dela.’

Ele me seguiu até a biblioteca. Busquei e coloquei em suas mãos duas das cartas de Milicent: uma datada de Londres e escrita durante uma das mais selvagens temporadas de descuido desperdício; a outra, no campo, durante um intervalo de lucidez. A primeira era cheia de problemas e de angústia; não o acusava, mas lamentava profundamente sua ligação com seus réprobos companheiros, ofendendo o Sr. Grimsby e os demais, insinuando amargas coisas contra o Sr. Huntingdon e, mais ingenuamente, lançando a culpa da má conduta de seu marido sobre os ombros dos outros homens. A última era cheia de esperança e de alegria, ainda com uma trêmula consciência de que aquela felicidade não duraria; elogiando a bondade dele até os céus, mas com um evidente, embora meio formulado, desejo, que era baseado em uma fundamentação mais confiável do que os impulsos naturais do coração, e um temor em parte profético pela queda daquela casa então firmada em areia – cuja queda logo ocorreu, como Hattersley deveria estar ciente à medida que lia.

Quase no começo da primeira carta, tive o inesperado prazer de vê-lo corar; mas ele me deu as costas imediatamente e terminou a leitura na janela. Na segunda, eu o vi erguer a mão uma ou duas vezes, e passá-la apressadamente pelo rosto. Poderia ser que ele derrubara uma lágrima? Quando ele terminou, houve um intervalo para limpar sua garganta e olhar pela janela e então, depois de assobiar alguns compassos de um tema popular, ele se virou, me devolveu as cartas e me sacudiu com a mão em silêncio.

‘Deus sabe que fui um maldito patife’, ele disse, enquanto dava um forte balanço, ‘mas você verá que eu me corrigirei – maldito eu seja se não!’

‘Não se esconjure, Sr. Hattersley; se Deus ouviu metade de suas evocações deste tipo, você estaria no inferno há muito – e não pode corrigir o passado ao fazer seu dever no futuro, visto que seu dever é somente aquele que prometeu ao Criador e nada mais pode fazer do que cumpri-lo: outro deve corrigir suas delinquências passadas. Se você pretende se aprumar, evoque a bênção de Deus, Sua misericórdia e Sua ajuda; não Sua maldição.’

‘Que Deus me ajude, então – pois estou certo de que irei precisar. Onde está Milicent?’

‘Ali, já vindo com sua irmã.’

Ele passou pela porta de vidro e seguiu para encontrá-las. Acompanhei à curta distância. Um pouco para a surpresa de sua esposa, ele a ergueu do chão e a saudou com um vigoroso beijo e um forte abraço; então, colocando as duas mãos sobre seus ombros, ele lhe deu, suponho, um esboço das grandes coisas que pretendia fazer, pois ela repentinamente lançou seus braços ao redor dele e irrompeu em lágrimas, exclamando – ‘Faça, faça, Ralph – deveremos ser tão felizes! Você é muito, muito bom!’

‘Não, não eu’, ele disse, virando-a e a empurrando para mim. ‘Agradeça a ela – é obra dela.’

Milicent correu para me agradecer, transbordando de gratidão. Recusei qualquer crédito, dizendo para ela que seu marido estava predisposto a se corrigir antes que eu acrescentasse minha bagatela de exortação e encorajamento, e que apenas tinha feito o que ela podia, e deveria, ter feito.

‘Oh, não!’ ela exclamou; ‘Eu não poderia tê-lo influenciado, estou certa, por qualquer coisa que pudesse ter dito. Apenas poderia tê-lo incomodado com meus atrapalhados esforços e persuasão, se tivesse tentado.’

‘Você nunca me tenta, Milly’, ele disse.

Logo depois eles se despediram. Foram, agora, visitar o pai de Hattersley. Depois disso, irão retornar ao seu lar. Espero que essas boas

decisões não se percam e que a pobre Milicent não seja novamente desapontada. Sua última carta estava repleta de felicidade e agradáveis expectativas para o futuro; mas nenhuma tentação em particular ainda se apresentou para colocar a virtude dele a teste.

De agora em diante, porém, ela irá, sem dúvida, ser um pouco menos tímida e reservada, e ele, mais bondoso e solícito. Certamente, então, as esperanças dela não estão sem fundamento; e eu tenho um local brilhante, pelo menos, onde repousar meus pensamentos.

CAPÍTULO XLIII

10 de outubro.

O Sr. Huntingdon retornou cerca de três semanas atrás. Sua aparência, seu comportamento e sua conversa, e meus sentimentos com relação a ele, não devo me incomodar em descrever. No dia seguinte à sua chegada, contudo, ele me surpreendeu com o anúncio da intenção em procurar uma governanta para o pequeno Arthur: eu lhe disse que era muito desnecessário, não para dizer ridículo, na presente temporada: pensei que fosse completamente competente para a tarefa de ensiná-lo eu mesma – por alguns dos anos vindouros, pelo menos: a educação da criança era o único prazer e ocupação da minha vida; e, desde que ele me privara de qualquer outra ocupação, ele poderia, certamente, me deixar com aquela.

Ele disse que eu não era adequada para ensinar crianças ou estar com elas: eu já tinha reduzido o garoto para algo pouco melhor do que um autômato; eu quebrara seu fino espírito com minha rígida severidade; e poderia congelar todo o brilho de seu coração e torná-lo um ascético tão sombrio quanto eu mesma, se tivesse a tutela dele por mais tempo. E a pobre Rachel, também, pagara sua porção de abuso, como sempre; ele não podia aguentá-la, porque ele sabe que ela tem uma apreciação apropriada por ele.

Eu defendi nossas várias qualificações como ama e governanta com tranquilidade, e ainda resisti à proposta adição à nossa família; mas ele me interrompeu dizendo que era inútil se incomodar com a questão, pois já tinha contratado uma governanta e ela estaria chegando na semana que vem; portanto, tudo o que eu tinha a fazer era ter tudo pronto para recebê-la. Esta era uma informação deveras alarmante. Aventurei-me a perguntar seu nome e seu endereço, por quem ela tinha sido recomendada ou como ele fora levado a escolhê-la.

‘Ela é uma jovem muito estimada e pia’, ele disse; ‘você não precisa ter medo. Seu nome é Myers, acredito; e ela me foi recomendada por uma respeitável velha matrona: uma dama de alta reputação no mundo religioso. Eu mesmo não a vi e, portanto, não posso lhe dar um relato detalhado de sua pessoa e de sua conversação, e tudo o mais; mas, se os elogios da velha dama estiverem corretos, você descobrirá que ela possui todas as

qualificações desejadas para seu cargo: um amor arrebatado por crianças entre os demais.’

Tudo isso foi dito séria e calmamente, mas havia um demônio sorrindo em seus olhos em parte afastados que não soavam bem, imaginei. Porém, pensei em meu refúgio em –shire e não fiz mais objeções.

Quando a Srta. Myers chegou, eu não estava preparada para lhe dar uma recepção muito cordial. Sua aparência não era particularmente calculada para produzir uma impressão favorável à primeira vista, nem seus modos e sua conduta subsequentes removeram, em algum grau, o preconceito que já tinha estabelecido contra ela. Seus feitos eram limitados, seu intelecto de modo algum acima do medíocre. Ela tinha uma bela voz e poderia cantar como um rouxinol, e acompanhava a si mesma no piano suficientemente bem; mas esses eram seus únicos dotes. Havia um quê de fraude e sutileza em seu rosto, que ressoavam em sua voz. Ela parecia me temer e pularia se eu me aproximasse dela subitamente. Em seu comportamento, ela era respeitosa e complacente, até a servidão: ela tentou me bajular e me cortejar de início, mas logo a interrompi. Sua paixão pelo seu pequeno pupilo era exacerbada e fui obrigada a repreendê-la pelo excesso de indulgência e pelo elogio sem critério; mas ela não pôde conquistar o coração dele. Sua piedade consistia em ocasionais liberações de suspiros e erguer os olhos para o teto, e em exprimir poucas frases de beatas. Ela me disse que era filha de um clérigo e fora deixada como órfã desde a infância, mas tivera a boa sorte de obter uma posição em uma família muito pia; e então, ela falou tão agradecidamente da bondade que tivera dos diferentes membros, que repreendi a mim mesma de meus pensamentos nada caridosos e de minha conduta inamistosa, e abrandei-me um pouco, mas não por muito tempo: as causas de minha antipatia eram racionais, minhas suspeitas muito bem fundamentadas por isso; e eu sabia que era meu dever vigiar e escrutinar até que as suspeitas fossem satisfatoriamente desfeitas ou confirmadas.

Perguntei o nome e a residência da boa e pia família. Ela mencionou um nome comum e um lugar distante e desconhecido como morada, mas me disse que eles estavam agora no Continente e seu endereço atual lhe era desconhecido. Nunca a vi falar muito com o Sr. Huntingdon; mas ele frequentemente olhava para a sala escolar para ver como o pequeno Arthur

se dava com sua nova companheira, quando eu não estava lá. À noite, ela se sentava conosco na sala de jantar, e cantava e tocava para divertir a ele ou a nós, como ela dissimulava e era muito atenciosa aos desejos dele, e vigilante em antecipá-los, embora ela apenas falasse comigo; de fato, era raro ele estar em condições de conversar. Fosse ela diferente do que ela era e teria sentido sua presença como um grande alívio a vir entre nós, porém, exceto, de fato, que eu estaria completamente envergonhada por qualquer pessoa decente vê-lo como frequentemente ele era.

Não mencionei minhas suspeitas a Rachel; mas ela, tendo habitado por meio século nesta terra de pecados e de mágoas, aprendera a suspeitar ela mesma. Ela me disse desde o início que ela ‘não gostava da nova governanta’ e logo descobri que ela a vigiava tão estritamente quanto eu; e eu estava contente por isso, pois desejava saber a verdade: a atmosfera de Grassdale parecia me sufocar e eu apenas podia viver com o pensamento em Wildfell Hall.

Por fim, em uma manhã, ela entrou em meu aposento com tal notícia que minha decisão foi tomada antes que ela terminasse de falar. Enquanto ela me vestia, expliquei a ela minhas intenções e a ajuda que eu precisaria dela, e lhe disse quais das minhas coisas ela tinha de empacotar e o que era para deixar para ela mesma, pois não tinha como recompensá-la por tal súbita demissão depois de tão longo e fiel serviço: uma circunstância que eu profundamente lamentava, mas não poderia evitar.

‘E o que você fará, Rachel?’ eu disse; ‘voltará para casa ou buscará outro lugar?’

‘Não tenho lar, madame, além do seu’, ela respondeu; ‘e, se eu deixá-la, nunca irei a nenhum outro lugar enquanto eu viver.’

‘Mas não tenho como viver como uma dama, agora’, repliquei: ‘devo ser minha própria criada e ama de meu filho.’

‘Que diferença!’ ela replicou, com alguma excitação. ‘Você irá querer alguém para limpar e lavar, além de cozinhar, não é? Posso fazer tudo isso; e não se importe com os salários: tenho algumas economias ainda e se você não me levar, terei de encontrar minha própria mesa e morada em algum outro lugar, ou então, trabalhar entre estranhos: e isso é o que não estou

acostumada a fazer: portanto, você pode se contentar, madame.’ Sua voz tremia enquanto ela falava e lágrimas brotavam de seus olhos.

‘Eu deveria apreciar isso acima de tudo, Rachel e lhe pagaria tais salários os quais pudesse prover: tais como eu daria a qualquer criada de todos os trabalhos que pudesse empregar: mas você não vê que estaria se afundando comigo quando nada tem que o mereça?’

‘Oh, bobagem!’ ela exclamou.

‘E, além disso, meu futuro estilo de vida será completamente diferente do passado: tão diferente de tudo com o que você se acostumou..’

‘Você acha, madame, que não posso suportar o que a senhora pode? Certamente não sou tão orgulhosa e delicada a que isso convêm; e meu pequeno patrão, também, Deus o abençoe!’

‘Mas sou jovem, Rachel; não deverei me importar com isso; e Arthur é jovem também: não será nada para ele.’

‘Para mim, também: não sou tão velha, mas posso suportar o duro destino e duro trabalho, se for apenas para ajudar e confortar a quem tenho amado como meus próprios filhos: para o resto, estou velha demais para esperar os pensamentos de deixá-los em incômodo e perigo, e ir eu mesma trabalhar entre estranhos.’

‘Então você não precisa, Rachel!’ exclamei, abraçando minha fiel amiga. ‘Iremos todas juntas e você verá como a nova vida lhe cairá.’

‘Deus a abençoe, querida!’ ela exclamou, retribuindo afetuosamente meu abraço. ‘Apenas que nos livremos desta casa amaldiçoada e nos daremos muito bem, você verá.’

‘Assim acho’, foi minha resposta; e então, aquele assunto foi resolvido.

Pelo correio da manhã, despachei apressadas linhas para Frederick, suplicando-lhe que preparasse meu refúgio para recepção imediata: pois eu provavelmente chegaria para solicitá-lo um dia depois da chegada daquela nota: e lhe dizendo, em poucas linhas, a causa de minha súbita resolução. Escrevi, então, três cartas de despedida: a primeira para Esther Hargrave, na qual lhe dizia que me era impossível permanecer mais em Grassdale ou deixar meu filho sob a proteção de seu pai; e, como era de suma importância

que nossa futura morada fosse desconhecida para ele e seu círculo de amizades, eu deveria revelá-lo a ninguém além de meu irmão, por meio de quem esperava ainda me corresponder com minhas amigas. Então, eu dei seu endereço, a exortei a escrever com frequência, reiterei algumas de minhas admoestações relativas às suas próprias preocupações e me despedi apaixonadamente.

A segunda era para Milicent; com muito do mesmo conteúdo, mas um pouco mais confidencial, conforme nossa mais longa intimidade e sua maior experiência e melhor conhecimento de minhas circunstâncias.

A terceira era para a minha tia: um esforço mais difícil e mais doloroso, e portanto deixei-a por último; mas eu deveria dar alguma explicação sobre aquele extraordinário passo que havia dado; e o fiz rapidamente, pois ela e meu tio, sem dúvida, saberiam disso um dia ou dois depois de meu desaparecimento, pois era possível que o Sr. Huntingdon rapidamente recorresse a eles para saber o que acontecera comigo. Por fim, contudo, disse-lhe que eu estava ciente de meu erro: não reclamava da punição e que lamentava incomodar meus amigos com suas consequências; mas era meu dever para com meu filho não mais me submeter; era absolutamente necessário que eu o livrasse da influência corrupta de seu pai. Eu não revelei meu refúgio nem para ela, para que ela e meu tio fossem capazes, com a verdade, negar qualquer conhecimento sobre ele; mas que quaisquer comunicação dirigida a mim, disfarçada para o meu irmão, certamente chegariam em minhas mãos. Esperava que ela e meu tio perdoassem o passo que dava, pois se eles soubessem de tudo, eu estava certa de que não me culpariam; e confiei que eles não se afligiriam por mim, pois se eu pudesse apenas chegar ao meu refúgio em segurança e o mantivesse isolado, deveria ser muito feliz, apenas com os pensamentos neles; e deveria ficar bem contente por viver na obscuridade, devotando-me a educar meu filho e ensiná-lo a evitar os erros do seu pai e da sua mãe.

Estas coisas foram feitas ontem: eu dei dois dias inteiros para os preparativos de nossa partida, assim Frederick teria mais tempo para aprontar os quartos, e Rachel, para empacotar as coisas: pois a última tarefa deveria ser feita com o mais extremo cuidado e segredo, e não há mais ninguém para me ajudar além dela. Eu posso reunir os artigos, mas não compreendo a arte de alojá-los dentro das caixas, para que ocupem o menor

espaço possível; e há as coisas dela própria por fazer, assim como as minhas e as de Arthur. Não posso me dar ao luxo de deixar nada para trás, já que não tenho dinheiro, exceto alguns guinéus[1] em minha bolsa; e, além disso, como Rachel observou, o que eu deixar será propriedade da Srta. Myers, e eu não posso apreciar isso.

Porém, que incômodo eu tive por meio destes dois dias, lutando para parecer calma e composta, encontrar a ele e a ela como sempre, quando eu era obrigada a encontrá-los e forçando-me a deixar meu pequeno Arthur nas mãos delas por horas a fio! Mas confio que esses sofrimentos já se acabaram, agora: deitei-o em minha cama para melhor segurança e nunca mais, confio, seus inocentes lábios serão conspurcados pelos beijos contaminados deles ou seus jovens ouvidos poluídos pelas suas palavras. Entretanto, deveremos escapar com segurança? Oh, que a manhã chegue logo e que estejamos em nosso caminho, por fim! Nesta noite, quando eu dei a Rachel toda a ajuda que pude e nada mais tinha a fazer senão esperar, desejar e tremer, me tornei tão agitada que não sabia o que fazer. Desci para jantar, mas não podia me forçar a comer. O Sr. Huntingdon observou o fato.

‘O que você tem agora?’, ele disse, quando a remoção do segundo prato deu-lhe tempo para olhar ao seu redor.

‘Não me sinto bem’, repliquei: ‘Acho que devo me deitar um pouco; sentirá muito a minha falta?’

‘Nem um pouco: se você deixar sua cadeira, ficará ainda melhor, uma ninharia’, ele murmurou, enquanto eu saía da sala, ‘pois posso imaginar alguém mais para preenchê-la.’

‘Alguém mais poderá preenchê-la amanhã’, pensei, mas não disse. ‘Pronto! Espero tê-lo visto pela última vez’, murmurei, enquanto fechava a porta.

Rachel urgiu-me a buscar repouso definitivamente, para revigorar minhas forças para a jornada de amanhã, pois devemos partir antes do amanhecer; mas, em meu estado atual de excitação nervosa, aquilo estava totalmente fora de questão. Assim como estava fora de questão me sentar ou caminhar pelo meu quarto, contando as horas e os minutos entre eu e o horário marcado para a ação, cansando meus ouvidos e tremendo a cada som, a menos que alguém descobrisse e nos traísse, no final das contas.

Peguei um livro e tentei ler: meus olhos vagueavam pelas páginas, mas me era impossível concentrar meus pensamentos em seu conteúdo. Por que não recorrer ao velho expediente e acrescentar este último evento às minhas crônicas? Abri suas páginas mais uma vez e escrevi o relato acima – primeiramente com dificuldade, mas gradualmente minha mente se tornou mais calma e firme. Assim, várias horas se passaram: a hora está ficando próxima; e, agora, meus olhos sentem-se cansados e meu corpo, exaurido. Recomendarei minha causa a Deus e então, me deitarei e ganharei uma hora ou duas de sono; e daí!

O pequeno Arthur dorme profundamente. Toda a casa está imóvel: não pode haver ninguém vigiando. As caixas foram todas amarradas por Benson e silenciosamente transportadas pelas escadas de trás depois do crepúsculo, e enviadas em uma carroça à agência de transportes M-. O nome sobre as caixas era o da Sra. Graham, cuja denominação passarei a adotar de agora em diante. O nome de solteira de minha mãe era Graham e, portanto, imagino que tenho alguns direitos sobre ele e o prefira a qualquer outro, exceto o meu próprio, que ousar não retomar.

[1] Antiga denominação da moeda de ouro que circulou na Grã-Bretanha entre 1663 e 1816, quando uma reorganização monetária a substituiu pela libra.

CAPÍTULO XLIV

24 de outubro.

Graças aos céus, estou livre e segura, por fim. Cedo nos levantamos, rápida e tranquilamente nos vestimos, lenta e furtivamente descemos para o corredor, onde Benson estava pronto com uma luz para abrir a porta e fechá-la depois de nós. Fomos obrigadas a permitir um homem em nosso segredo, para cuidar das caixas e de tudo o mais. Todos os criados conheciam bem a conduta de seu patrão e tanto Benson quanto John estavam desejosos de me servir; mas, como o primeiro era mais sério e idoso, e além disso íntimo de Rachel, eu, claro, a orientei a escolhê-lo como seu ajudante e confidente na ocasião, tanto quanto a necessidade exigia, apenas espero que ele não tenha problemas por causa disso e somente gostaria de poder recompensá-lo pelo arriscado serviço que ele estava tão disposto a empreender. Deslizei dois guinéus para a sua mão, à modo de lembrança, enquanto ele ficou parado na entrada, segurando a vela para iluminar nossa partida, com uma lágrima em seus honestos olhos cinza e uma multidão de bons desejos representados em sua solene feição. Ah! Eu não poderia oferecer mais: mal tinha o restante suficiente para os prováveis custos da jornada.

Que trêmula alegria se deu quando a portinhola se fechou atrás de nós, enquanto saíamos do parque! Então, por um momento, parei, para encher meu peito daquele ar frio e estimulante e aventurar outro olhar para a casa. Tudo estava escuro e silencioso: nada luzia pelas janelas, nenhuma guirlanda de fumaça obscurecia as estrelas que cintilavam acima da casa no céu congelado. Enquanto eu me despedia para sempre daquele lugar, cenário de tanta culpa e miséria, me sentia feliz por não tê-la deixado antes, pois agora não havia dúvida sobre a adequação de tal passo – nenhuma sombra de remorso por aquele que eu deixava para trás. Não havia nada para perturbar minha alegria além do medo de ser descoberta; e cada passo nos removia mais da chance disso ocorrer.

Já havíamos deixado Grassdale muitas milhas para trás antes de que o círculo vermelho do sol se erguesse para recepcionar nossa libertação; e, se qualquer habitante das vizinhanças tivesse a oportunidade de nos ver então, enquanto sacudíamos no topo da carruagem, eu mal pensaria que eles

pudessem suspeitar de nossa identidade. Como pretendo ser tomada por uma viúva, pensei ser aconselhável entrar em minha nova residência de luto: eu estava, portanto, usando um vestido liso de seda negra e uma manta, um véu negro (que eu cuidadosamente mantinha sobre meu rosto pelas primeiras vinte ou trinta milhas da viagem) e um gorro também de seda negra, que me constrangi a tomar emprestado de Rachel, pela minha própria necessidade de tal artigo. Não era da última moda, claro; mas não havia nada pior do que aquilo, sob aquelas circunstâncias. Arthur estava vestido em suas roupas mais simples e envolto em um rústico xale de lã; e Rachel estava encapotada em uma túnica e gorro cinzas que tinham visto dias melhores e lhe davam mais a aparência de uma senhora comum, embora decente, do que a ama de uma dama.

Oh, que delícia era estar sentada assim no alto, se sacudindo pela ampla e ensolarada estrada, com a fresca brisa da manhã em meu rosto, cercada por um campo desconhecido, tudo sorrindo – sorrindo alegre e gloriosamente no brilho amarelado daqueles raios matutinos; com meu querido filho em meus braços, quase tão feliz quanto eu mesma, e minha fiel amiga ao meu lado: uma prisão e o desespero atrás de mim, recuando mais e mais a cada tropel das patas dos cavalos; e a liberdade e esperança adiante! Eu mal podia evitar louvar a Deus em bom som pela minha libertação ou assombrar meus companheiros de viagem com alguma surpreendente irrupção de hilaridade.

Porém, a jornada era longa e estávamos todos bem cansados muito antes de seu final. Já era tarde da noite quando atingimos a cidade de L..., e ainda estávamos a sete milhas do fim da jornada; e não havia mais transporte, nem outra condução disponível, exceto uma carroça comum e aquela com a maior dificuldade, pois metade da cidade dormia. E uma viagem assustadora aquela, o estágio final do trajeto, frios e cansados como estávamos; sentando em nossas caixas, com nada para se agarrar, nada para se apoiar, lentamente arrastados e cruelmente sacudidos pelas duras e íngremes estradas. Mas Arthur dormia no colo de Rachel e conseguimos protegê-lo muito bem do frio ar da noite.

Por fim, começamos a descer uma trilha abrupta e rochosa, a qual, apesar da escuridão, Rachel disse que se lembrava bem: ela frequentemente caminhava por ali comigo em seus braços e pouco pensava em retornar

depois de tantos anos, sob tais circunstâncias como aquelas. Com Arthur estando agora desperto pelos solavancos e pelas paradas, descemos todos e caminhamos. Não tínhamos muito para percorrer; mas e se Frederick não tivesse recebido minha carta? Ou se ele não tivesse tido tempo para preparar os quartos para a nossa recepção e os encontrássemos todos escuros, úmidos e desconfortáveis, destituídos de alimentos, fogo e mobília, depois de todo nosso esforço?

Por fim, a austera e escura casa grande se nos apareceu. A trilha nos conduzia para a parte de trás. Entramos pelo pátio desolado e em uma apreensiva ansiedade, perscrutamos o arruinado edifício. Era tudo negror e desolação? Não; um débil brilho avermelhado nos animou, desde a janela onde a treliça estava em boas condições.

A porta estava trancada, mas depois de convenientes batidas e espera, e alguma discussão com uma voz pela janela superior, fomos recebidas por uma velha mulher, que fora incumbida de arejar e manter a casa até nossa chegada, a um toleravelmente confortável pequeno quarto, antes a área de serviço da mansão, que Frederick tinha adaptado para uma cozinha. Ali, ela nos deu luz, avivou o fogo para uma revigorante labareda e logo preparou um simples repasto para nossa refeição; enquanto isso, nos livrávamos de nossas vestes de viagem e fizemos uma rápida análise de nossa nova morada. Além da cozinha, havia dois quartos de dormir, uma sala de bom tamanho e outra menor, que destinei para o meu estúdio, todos bem arejados e aparentemente em boa ordem, mas apenas parcialmente mobiliada com alguns poucos artigos, principalmente daquele cansativo carvalho negro, aqueles autênticos que já estavam lá antes e que foram mantidos como relíquias de antiquários na atual residência de meu irmão e que, agora, com toda a pressa, foram levados de volta.

A velha mulher levou meu jantar e o de Arthur para a sala, e me disse, com a devida formalidade, que ‘o patrão enviava seus cumprimentos à Sra. Graham e havia preparado os cômodos tão bem quanto pôde em função do aviso de última hora; mas ele mesmo teria o prazer de visitá-la amanhã, para receber suas próximas ordens.’

Eu estava feliz em subir a escadaria de pedra de aspecto austero e me deitar na triste e antiquada cama, ao lado de meu pequeno Arthur. Ele

dormiu em um minuto; mas, cansada como eu estava, meus excitados sentimentos e as incansáveis cogitações mantiveram-me desperta até que a aurora iniciou sua contenda contra a escuridão; porém, o sono foi doce e refrescante quando veio, e o despertar foi prazeroso além das palavras. Foi o pequeno Arthur quem me despertou, com seus gentis beijos. Ele estava aqui, então, agarrado com segurança em meus braços e muitas léguas distante de seu indigno pai! A luz do dia iluminou amplamente o quarto, pois o sol estava alto no céu, embora obscuro por esvoaçantes massas do vapor outonal.

O cenário, decerto, não era notavelmente animador em si mesmo, tanto por dentro quanto por fora. A enorme sala nua, com sua sombria e velha mobília, as janelas estreitas e entrelaçadas revelando o céu cinza e monótono acima e a imensidão desolada abaixo, onde os escuros muros de pedra e o portão de ferro, o elevado crescimento da grama e das ervas, e as robustas semprevivas de formas sobrenaturais, apenas restavam para dizer que houvera, uma vez, um jardim – e os campos desolados e estéreis além poderiam ter me atingido como demasiadamente sombrios, em outro momento; mas agora, cada objeto separado parecia ecoar meu próprio hilariante sentimento de esperança e liberdade: sonhos indefinidos do passado distante e brilhantes expectativas do futuro pareciam me cumprimentar a cada volta. Eu deveria me regozijar com mais segurança, para estar certa, tivesse o amplo mar rolando entre meu lar atual e o anterior; mas certamente, neste local solitário, poderei permanecer desconhecida; e então, terei meu irmão aqui para alegrar minha solidão com suas visitas ocasionais.

Ele veio naquela manhã; e tenho tido várias entrevistas com ele, desde então; mas é obrigado a ser muito cauteloso quando e como ele vem; nem mesmo seus criados ou seus melhores amigos devem saber de suas visitas a Wildfell – exceto em tais ocasiões em que o senhorio deve ser esperado a visitar sua estranha inquilina – para que menos suspeitas se levantem contra mim, seja pela verdade ou alguma difamadora falsidade.

Já estou aqui há cerca de quinze dias e, apesar de uma perturbadora preocupação, o perseguidor temor de minha descoberta, estou confortavelmente instalada em meu novo lar: Frederick me proveu com toda a mobília necessária e materiais de pintura: Rachel vendeu a maior

parte das roupas para mim, em uma cidade distante e adquiriu um guarda-roupa mais condizente com a minha condição atual: tenho um piano de segunda mão e uma estante relativamente bem nutrida em minha sala; e meu outro quarto já assumiu uma aparência profissional, quase executiva. Trabalho arduamente para devolver ao meu irmão todo o dinheiro gasto para mim; não que haja a menor necessidade por algo do tipo, mas me agrada assim: devo ter tanto prazer em meu trabalho, em meus ganhos, minha frugal mesa e com a economia doméstica, quando sei que estou pagando de modo honesto e que o pouco que possuo é legitimamente de minha posse; e que ninguém sofre pela minha insensatez – pelo menos, financeiramente. Tenho de devolver até o último centavo que lhe devo, se eu puder fazer de maneira que o ofenda muito profundamente. Já tenho alguns quadros prontos, pois pedi a Rachel que empacotasse tudo o que eu tinha; e ela executou sua incumbência muito bem – pois, entre o restante, ela colocou um retrato do Sr. Huntingdon que eu pintara no primeiro ano de meu casamento. Fui atingida por um desânimo, no momento em que o tirei da caixa e observei aqueles olhos fixos em mim com sua alegria zombeteira, como se exultante ainda em seu poder de controlar meu destino e motejar meus esforços para escapar.

Quão amplamente distintos eram meus sentimentos ao pintar aquele retrato do que eles são agora, ao observá-lo! Como eu me estudara e trabalhara duro para produzir algo, eu pensava, digno do original! Que mescla de prazer e insatisfação eu tivera com o resultado de meus esforços! – prazer pela semelhança que eu capturara; insatisfação porque eu não o fizera bonito o suficiente. Agora, não vejo beleza nele – nada agradável em qualquer parte de sua expressão; e, ainda, é muito mais belo e bem mais agradável – bem menos repulsivo, melhor dizendo – do que ele é agora: pois estes seis anos operaram uma mudança tão grande sobre ele, mesmo quanto sobre meus sentimentos sobre ele. A moldura, porém, é bela o bastante; servirá para outro quadro. Não destruí o retrato em si, como primeiro pretendia; coloquei-o de lado; não, acho, por alguma ternura à espreita da memória pela afeição passada, nem ainda para me lembrar de minha loucura anterior, mas principalmente para que eu compare os traços e o semblante de meu filho com esta, enquanto ele cresce, e assim se capacite para julgar se muito ou pouco ele lembra seu pai – se eu puder me permitir a ficar com

ele e nunca observar aquele rosto de seu pai novamente – uma bênção que dificilmente ousou contar.

Parece que o Sr. Huntingdon está fazendo todos os esforços para descobrir o local de meu refúgio. Ele foi em pessoa até Staningley, em busca de reparação para suas tristezas – esperando saber de suas vítimas, se não as encontrar lá – e disse tantas mentiras e com tal desavergonhada frieza, que meu tio quase que acredita nele por completo, e fortemente defende meu retorno para ele e que nos reconciliemos novamente. Mas minha tia não acredita: ela é tão fria e cautelosa, e conhece muito bem o caráter do meu marido, assim como o meu, para se iludir por qualquer plausível falsidade que o primeiro poderia inventar. Porém, ele não me quer de volta; ele quer meu filho; e dá a entender aos seus amigos que, se eu prefiro viver separado dele, ele cederá ao capricho e me permitirá sem incômodo, e mesmo estabelecerá um razoável auxílio para mim, dado que eu lhe entregue seu filho imediatamente. Mas que o céu me ajude! Não venderei meu filho por ouro, embora este possa salvar a mim e a ele da fome: seria melhor que ele morresse comigo do que ter de viver com seu pai.

Frederick me mostrou uma carta que ele recebera daquele cavalheiro, cheia de fria impudência tal que surpreenderia qualquer um que não o conhecesse, mas que, estou convencida, ninguém saberia melhor como responder do que meu irmão. Ele não me contou a resposta, exceto para me dizer que não reconheceu saber o lugar de meu refúgio, ou melhor, deixou implícito que este lhe era totalmente desconhecido, ao dizer que era inútil recorrer a ele ou a qualquer outro de minhas relações, para obter informações a respeito, pois parecia que eu fora levada a tal extremo que escondera meu retiro até mesmo das minhas melhores amigas; mas que, se ele tivesse sabido ou tivesse ciência, a qualquer tempo, muito certamente o Sr. Huntingdon seria a última pessoa a quem ele teria comunicado tal informação; e que ele não precisaria se incomodar em barganhar pela criança, pois ele (Frederick) imaginava que conhecia sua irmã o bastante para estar apto a declarar que, onde ela estivesse ou de que modo estabelecida, nenhuma consideração a induziria de entregar a criança para ele.

Ah! Meus bondosos vizinhos não me deixarão sozinha. De algum modo eles me desentocaram e tive de tolerar visitas de três famílias diferentes, todas mais ou menos inclinadas a descobrir quem e o que eu sou, de onde vim e por que escolhi tal lar como este. A companhia deles me é desnecessária, para dizer o mínimo, e sua curiosidade me perturba e me alarma: se eu a satisfizer, poderá levar à ruína de meu filho, e se eu for muito misteriosa apenas excitará suas suspeitas, suscitará conjeturas e os ericará a mais esforços – e, talvez, será o meio pelo qual minha fama se espalhará de paróquia em paróquia, até que atinja os ouvidos de alguém que levará a notícia ao Lord de Grassdale Manor.

Esperam que eu retribua as visitas, mas se, depois de perguntas, descobrir que algum deles more muito longe para que Arthur me acompanhe, deverão esperar em vão por algum tempo, pois não posso suportar deixá-lo, a menos que seja para ir à igreja, o que ainda não tentei: pois – pode ser tola fraqueza, mas estou sob um temor tão constante de que ele me seja levado, que nunca estou tranquila quando ele não está ao meu lado; e temo que estes nervosos terrores transtornem por inteiro minhas devoções, para que eu não obtenha benefício algum em comparecer. Pretendo, porém, fazer um experimento no próximo domingo e me obrigar a deixá-lo sob a responsabilidade de Rachel por algumas horas. Será uma tarefa difícil, mas certamente, nenhuma imprudência; e o vigário já ralhou comigo por causa do meu abandono das ordenanças da religião. Eu não tenho desculpas suficientes para dar e prometi, se tudo ir bem, que ele me verá no banco da igreja no domingo que vem; pois não desejo ficar marcada como uma infiel; e, além disso, devo extrair grande conforto e benefícios de um comparecimento ocasional com um culto público, se apenas eu pudesse ter fé e força para compor meus pensamentos em conformidade com a solene ocasião, e proibi-los de estar para sempre fixados em meu ausente filho e na terrível possibilidade de não encontrá-lo ao meu retorno; e certamente Deus, em Sua misericórdia, irá me preservar de tão severo castigo; pelo bem do meu próprio filho, se não pelo meu, Ele não permitirá que ele seja levado.

3 de novembro

Tenho aprofundado meu relacionamento com meus vizinhos. O bom cavaleiro e o belo da paróquia e da vizinhança (pelo menos é o que ele

mesmo pensa) é um jovem..

* * * * *

Aqui terminou. O resto foi rasgado. Que cruel, justo quando ela ia mencionar a mim! Pois eu não poderia duvidar que era este seu humilde criado que ela estava prestes a mencionar, embora não muito favoravelmente, claro. Eu poderia dizê-lo, tanto por estas poucas palavras quanto pela lembrança de todo o seu aspecto e comportamento para comigo, no começo de nosso relacionamento. Bem! Eu poderia prontamente perdoar seu preconceito contra mim e seus rígidos pensamentos sobre nosso sexo em geral, quando vi os brilhantes espécimes com quem sua experiência se limitou.

Com respeito a mim, porém, ela viu bem antes seu erro e, talvez, caiu em outro ao extremo oposto; pois se, primeiramente, sua opinião sobre mim fora inferior ao que eu merecia, estava convencido de que meus castigos foram menores do que me eram justos; e, se a primeira parte de sua continuação fora rasgada para não ferir meus sentimentos, talvez a porção final havia sido removida por medo de contribuir muito para a minha própria presunção. De qualquer forma, eu daria muito para ter lido tudo – ter testemunhado a gradual mudança e observado o progresso de sua estima e amizade por mim, e quaisquer outros sentimentos mais cálidos que ela possa ter pela minha pessoa; ter visto quanto de amor havia em sua consideração e como ele cresceu sobre ela apesar de suas virtuosas decisões e extenuantes esforços – mas não, eu não tinha o direito de ver isso: tudo isso era muito sagrado para outros olhos além dos dela e ela fez muito bem em esconder de mim.

CAPÍTULO XLV

Bem, Halford, o que você pensa de tudo isso? E, enquanto lê, você já imaginou como provavelmente eu me sentiria durante sua leitura? Talvez não; mas não irei contrapô-la agora: farei apenas um reconhecimento, embora pouco favorável à natureza humana e especialmente a mim mesmo – que a primeira metade da narrativa foi, para mim, mais dolorosa do que a última, não que eu fosse totalmente insensível aos erros do Sr. Huntingdon ou impassível aos sofrimentos dela, mas, confesso, senti uma espécie de satisfação egoísta ao observar o declínio gradual de seu marido em suas boas graças e ao ver quão completamente ele extinguiu toda a afeição dela, por fim. O efeito do todo, porém, apesar de toda a minha simpatia por ela e minha fúria contra ele, foi o de aliviar minha mente de um fardo intolerável e preencher minha alma de alegria, como se algum amigo tivesse me despertado de um terrível pesadelo.

Eram então quase oito horas da manhã, pois minha vela tinha acabado no meio da leitura, deixando-me sem mais alternativas além de buscar outra, com o risco de alarmar a casa, ou ir para a cama e esperar o retorno da luz do dia. Para o bem de minha mãe, escolhi a última; mas deixo que você imagine minha vontade de buscar meu travesseiro e quanto sono ele me trouxe.

Logo no começo da aurora, levantei-me e levei o manuscrito à janela, mas ainda era impossível lê-lo. Dediquei meia hora para me vestir e, então, voltei a ele novamente. Agora, com pouca dificuldade, consegui; e, com intenso e ansioso interesse, devorei o restante de seu conteúdo. Quando terminei e meu breve lamento com seu abrupto final passou, abri a janela e coloquei a cabeça para fora para aspirar a fria brisa e inalar profundamente o ar puro matinal. Era uma esplêndida manhã; o orvalho quase congelado estava espesso sobre a grama, as andorinhas gorjeavam ao meu redor, as gralhas crocitavam e as vacas mugiam à distância; e o gelo precoce e o sol do verão misturavam suas doçuras no ar. Mas eu não pensava nisso: uma profusão de incontáveis pensamentos e variadas emoções amontoavam-se em mim enquanto eu mirava distraidamente a encantadora face da natureza. Logo, porém, este caos de ideias e paixões se dissipou, dando lugar a duas distintas emoções: a indizível alegria de que minha adorada Helen era tudo o

que eu desejava pensar dela – que, através dos deletérios vapores das aspersões do mundo e de minhas ilusórias convicções, seu caráter resplandecia, límpido e imaculado, como o sol que eu não suportava encarar; e vergonha e profundo remorso pela minha própria conduta.

Imediatamente após o café da manhã, me apressei até Wildfell Hall. Rachel tinha elevado muitos graus em minha estima desde ontem. Eu estava pronto para cumprimentá-la como a um velho amigo; mas todo impulso bondoso foi obstruído pelo olhar de fria desconfiança que ela lançou a mim ao abrir a porta. A velha virgem se constituíra, ela mesma, na guardiã da honra de sua dama, suponho, e sem dúvida ela via em mim outro Sr. Hargrave, apenas mais perigoso por ser mais estimado e ter mais confiança de sua patroa.

‘A senhora não pode ser vista por ninguém hoje, senhor – ela está indisposta’, ela disse, em resposta ao meu pedido pela Sra. Graham.

‘Mas devo vê-la, Rachel’, eu disse, colocando a mão na porta para impedir que fosse fechada contra mim.

‘De fato, senhor, ela não pode’, ela respondeu, ajustando sua feição com ainda mais frieza de ferro do que antes.

‘Seja bondosa em me anunciar.’

‘É inútil, Sr. Markham; ela está indisposta, eu lhe digo.’

Exatamente em tempo de evitar que eu cometesse a impropriedade de tomar a cidadela de assalto e entrasse sem ser anunciado, uma porta interior se abriu e o pequeno Arthur apareceu com seu divertido companheiro de bagunça, o cão. Ele agarrou minha mão com as suas e sorridentemente me arrastou para dentro.

‘Mamãe disse que é para você entrar, Sr. Markham’, ele disse, ‘e eu devo sair para brincar com Rover.’

Rachel retirou-se com um suspiro, e entrei na sala e fechei a porta. Lá, diante da lareira, estava a alta e graciosa figura, desgastada por muitas mágoas. Lancei o manuscrito sobre a mesa e olhei para o seu rosto. Ansiosa e pálida, ela estava virada para mim; seus olhos escuros e límpidos estavam fixos aos meus por um olhar tão intensamente sincero que me enfeitiçaram como que por magia.

‘Você deu uma folheada?’ ela murmurou. A magia se quebrou.

‘Li inteiro’, eu disse, avançando pela sala, ‘e quero saber se você me perdoa – você pode?’

Ela não respondeu, mas seus olhos brilharam e um débil corar revestiu seus lábios e sua face. Enquanto eu me aproximava, ela se voltou abruptamente e se dirigiu à janela. Não era por raiva, eu estava bem certo, mas apenas para ocultar ou controlar sua emoção. Eu, portanto, me aventurei a segui-la e a me posicionar diante dela – mas não a falar. Ela me deu sua mão, sem virar a cabeça e murmurou em uma voz que ela se esforçou em vão para firmar, ‘Você pode me perdoar?’

Pensei que poderia ser julgada como uma quebra de confiança, levar aquela imaculada mão aos meus lábios, portanto apenas a apertei gentilmente entre as minhas e sorrindo, respondi – ‘Dificilmente posso. Você deveria ter me dito isso antes. Isso mostra uma falta de confiança –’

‘Oh, não’, ela disse, me interrompendo ansiosa; ‘não foi isso. Não foi por falta de confiança em você; mas, se eu tivesse lhe dito qualquer coisa de minha história, deveria tê-la contado inteira, para justificar minha conduta; e eu bem que poderia evitar tal revelação, até que a necessidade me obrigasse a fazê-la. Mas você me perdoa? – fiz muito, muito mal, eu sei; mas, como sempre, colhi os amargos frutos de meu próprio erro – e devo colhê-los até o fim.’

Certamente era amargo o tom angustiado e reprimido por uma resoluta firmeza, com que aquilo foi dito. Então, ergui sua mão aos meus lábios e a beijei fervorosamente uma vez e então outra; pois as lágrimas me impediam qualquer outra resposta. Ela permitiu aquelas desenfreadas carícias sem resistência ou indignação; então, repentinamente se afastando de mim, ela caminhou duas ou três vezes pela sala. Soube, pelo franzir de sua frente, a firme compressão de seus lábios e o torcer de suas mãos, que naquele entretempo um violento conflito entre a razão e a paixão estava silenciosamente se passando por dentro dela. Por fim, ela parou diante da vazia lareira e, virando-se para mim, disse calmamente – se pudesse ser chamado de calma o que era, tão evidente, o resultado de um intenso esforço – ‘Agora, Gilbert, você deve me deixar – não neste momento, mas logo – e nunca mais voltar.’

‘Nunca mais, Helen? Justamente quando a amo mais do que nunca.’

‘Por esta mesma razão, se assim for, não devemos nunca mais nos encontrar. Pensei que esta entrevista fosse necessária – pelo menos, assim me convenci – para que pudéssemos pedir com veemência e receber, o perdão de cada um pelo passado; mas não deve haver motivos para outra. Devo deixar este lugar, assim que eu tiver meios de procurar por outro refúgio; mas nosso relacionamento deve terminar aqui.’

‘Terminar aqui!’ repeti; e, me aproximando da elevada e entalhada cornija da lareira, apoiei minha mão contra seus austeros frisos e derrubei a cabeça sobre ela em silencioso e taciturno desalento.

‘Você não deve voltar outra vez’, ela continuou. Havia um leve tremor em sua voz, mas pensei que todo o seu comportamento estava provocadoramente composto, considerando a terrível sentença que ela pronunciava. ‘Você deve saber porque lhe digo isso’, ela retomou; ‘e deve ver que é melhor nos separarmos definitivamente: - se for difícil dizer adeus para sempre, você deverá me ajudar.’ Ela parou. Eu não respondi. ‘Você prometerá não vir? – se não prometer e vier aqui novamente, você me expulsará antes que eu saiba onde encontrar outro lugar de refúgio – ou como procurar um.’

‘Helen’, eu disse, voltando-me impacientemente para ela, ‘não posso discutir o assunto de separação eterna com calma e sem paixão assim como você. Não é uma questão de conveniência minha; é uma questão de vida ou morte!’

Ela estava quieta. Seus pálidos lábios tiritavam e seus dedos tremiam de agitação, enquanto ela nervosamente os entrelaçava no prendedor de cabelo do qual pendia seu pequeno relógio de ouro – o único objeto de valor que ela se permitira manter. Eu tinha dito algo injusto e cruel; e tinha de continuar com algo ainda pior...

‘Mas, Helen!’, comecei em um tom de voz suave, sem ousar erguer meus olhos para o seu rosto, ‘aquele homem não é seu marido: na visão dos céus, ele teve confiscado todo o direito de...’ Ela agarrou meu braço com um aperto de assustadora energia.

‘Gilbert, não!’, ela exclamou, em um tom que teria perfurado o mais rígido coração. ‘Pelo amor de Deus, não me tente com estes argumentos!’

Nenhum demônio poderia me torturar assim!

‘Não irei, não irei!’, eu disse, colocando gentilmente minha mão sobre a dela; quase tão alarmado pela sua contundência quanto envergonhado pela minha má conduta.

‘Ao invés de agir como um verdadeiro amigo’, ela continuou, distanciando-se de mim e se jogando na velha poltrona, ‘e me ajudar com todo o seu poder – ou então, tomando a sua própria decisão na contenda entre o certo e a paixão – você deixa todo o fardo para mim; - e, não satisfeito com isso, faz o seu melhor para lutar contra mim – quando você sabe que! – ‘, ela parou e escondeu seu rosto com um lenço.

‘Perdoe-me, Helen!’ implorei. ‘Nunca mais exprimirei outra palavra sobre o assunto. Mas não poderemos nos encontrar como amigos?’

‘Não serviria’, ela replicou, balançando a cabeça pesarosamente; e, então, ela ergueu seus olhos aos meus, com um vislumbre de meiga repreensão como se dissesse, ‘Você sabe tão bem disso quanto eu’.

‘Então, o que devemos fazer?’, exclamei apaixonadamente. Mas, imediatamente, acrescentei em um tom mais tranquilo – ‘Farei o que você quiser; apenas diga que este encontro não é o último.’

‘E por que não? Você não sabe que a cada vez que nos encontrarmos a ideia da separação final se tornará mais dolorosa? Você não sente que cada entrevista nos torna mais queridos um ao outro do que a última?’

A expressão desta última questão foi apressada e quase inaudível, e os olhos baixos e o ardente rubor claramente mostravam que ela, pelo menos, sentia aquilo. Era pouco prudente fazer tal admissão ou acrescentar – como realmente fizera – ‘Eu tenho forças para pedir que você se vá agora; depois, pode ser diferente’, - mas eu não era baixo o suficiente para tentar me beneficiar de sua candura.

‘Podemos escrever’, sugeri timidamente. ‘Você me negará tal consolo?’

‘Podemos saber um do outro pelo meu irmão.’

‘Seu irmão!’ Uma pontada de remorso e vergonha me atingiu. Ela não soubera da injúria que ele sofrera pelas minhas mãos; e eu não tinha

coragem de contar a ela. ‘Seu irmão não nos ajudará’, eu disse: ‘ele preferiria que qualquer comunhão entre nós se encerrasse por completo.’

‘E ele estaria certo, suponho. Como um amigo de ambos, ele desejaria que estivéssemos bem; e cada amigo nos diria que era de nosso interesse, assim como nosso dever, esquecer um ao outro, embora não podemos nós mesmos ver isso. Mas não tema, Gilbert’, ela acrescentou, sorrindo com tristeza em minha declarada descompostura; ‘há poucas chances de eu esquecê-lo. Mas não quis dizer que Frederick seja o meio pelo qual as mensagens sejam enviadas entre nós – apenas que podemos saber, por ele, da situação um do outro; - e mais do que isso não deveria ser: pois você é jovem, Gilbert e deverá se casar – e irá em algum tempo, apesar de achar impossível agora: e, embora eu mal possa dizer que desejo que você me esqueça, sei que é seu direito caso o faça, tanto para a sua própria felicidade, quanto pela a da sua futura esposa; - e, portanto, devo e irei desejar isso’, ela acrescentou com firmeza.

‘E você é jovem também, Helen’, respondi com audácia; ‘e, quando aquele réprobo vagabundo terminar sua carreira, você dará a sua mão para mim – esperarei até lá.’

Contudo, ela não me permitiu tal suporte. Independentemente do mal moral de basear nossas esperanças na morte de alguém que, se não adequado a este mundo, era não menos ao próximo, no mínimo, e cuja melhora se tornaria, assim, nossa ruína e sua maior transgressão, nosso maior benefício – ela mantinha que era loucura: muitos homens com os hábitos do Sr. Huntingdon viveram embriagados até a idade provecta. ‘E se eu’, ela disse, sou jovem em idade, sou velha de mágoas; mas mesmo que a preocupação falhe em me matar antes que o vício o destrua, pense, se ele chegar perto dos cinquenta anos, você teria esperado vinte, ou quinze – em vaga incerteza e suspense – por todo o melhor período da juventude e da virilidade – e se casaria, ao fim, com uma mulher esvaída e puída como deverei ser – sem mesmo ter-me visto desde este dia? – Você não se casaria’, ela continuou, interrompendo minhas mais sinceras demonstrações de rígida constância – ‘ou, caso se casasse, não deveria. Confie em mim, Gilbert; sei mais sobre este assunto do que você. Você me acha fria e com coração de pedra, e você pode, mas...

‘Eu não, Helen.’

‘Bem, não importa: você poderia, se quisesse: mas não passei minha solidão em extremo ócio e não falo agora pelo impulso do momento, como você. Tenho pensado em todas estas questões repetidamente; tenho debatido sobre elas comigo mesma e bem ponderado nossas vidas no passado, presente e futuro; e, acredite-me, cheguei a uma conclusão irreduzível, por fim. Confie em minhas palavras mais do que nos sentimentos por agora e em poucos anos você verá que eu estava certa – embora, agora, eu mesma não possa ver com clareza’, ela murmurou com um suspiro enquanto descansava a cabeça em sua mão. ‘E não discuta mais comigo: tudo o que você pode dizer já foi dito pelo meu próprio coração e refutado pela minha razão. Foi muito difícil combater tais sugestões enquanto eram sussurradas dentro de mim; em sua boca, elas são dez vezes pior e, se você soubesse o quanto elas me doem, não as diria definitivamente, eu sei. Se conhecesse meus sentimentos agora, você mesmo tentaria aliviá-los à custa dos seus próprios.’

‘Irei – em um minuto, se isso puder aliviá-la – e NUNCA retornarei!’, eu disse, com amarga ênfase. ‘Mas, se nunca pudermos nos encontrar e nunca esperar nos ver outra vez, é um crime trocar nossas ideias por carta? Não podem espíritos semelhantes se encontrar e se mesclar em comunhão, seja qual forem o destino e as circunstâncias de suas moradas terrenas?’

‘Elas podem, elas podem!’, ela exclamou, com um rompante momentâneo de alegre entusiasmo. ‘Pensei nisso também, Gilbert, mas temi mencionar, porque temi que você não entendesse minha posição sobre este assunto. Temo ainda agora – temo que qualquer bom amigo diga que estamos nos iludindo com a ideia de manter um relacionamento espiritual sem esperança ou perspectiva de algo mais – sem nutrir vãs lamentações e danosas aspirações, e alimentando ideias que poderiam ser rigidamente deixadas a perecer de inanição, sem misericórdia.’

‘Não se importe com os bons amigos: se eles podem separar nossos corpos, já é o bastante; em nome de Deus, não deixemos que rompam nossas almas!’, exclamei, aterrorizado que ela pudesse julgar seu dever nos negar esse último consolo remanescente.

‘Mas nenhuma carta pode ser trocada conosco aqui’, ela disse, ‘sem propiciar fresco alimento para o escândalo; e, quando fugi, pretendia que minha residência lhe fosse desconhecida, assim como para o resto do mundo; não que eu duvide de sua palavra, como você prometeu não mais me visitar, mas pensei que ficaria mais tranquilo em sua própria mente se soubesse que não poderia fazê-lo e igualmente tivesse menos dificuldade em se abstrair de mim se não pudesse imaginar minha situação. Mas ouça’, ela disse, colocando seu dedo com um sorriso para conter minha impaciente resposta: ‘em seis meses, você saberá por Frederick o lugar exato onde estarei; e, se continuar com seu desejo de me escrever e achar que poderá manter uma correspondência totalmente de pensamento, totalmente de espírito – tais como almas incorpóreas ou amigos sem paixão podem ter – escreva e eu responderei.’

‘Seis meses!’

‘Sim, para dar ao seu atual ardor tempo para arrefecer e testar a fidelidade e a constância do amor de sua alma pela minha. E agora, muito já foi dito entre nós. Por que não nos separamos de uma vez?’, ela exclamou, quase sem pensar, depois de uma curta pausa, enquanto se erguia repentinamente de sua cadeira, com as mãos resolutamente juntas. Pensei que era meu dever ir sem demora; e me aproximei e meio que estendi minha mão como se me despedisse – ela a agarrou em silêncio. Mas esse pensamento de separação final me era muito intolerável: parecia extrair o sangue de meu coração; e meus pés estavam colados ao chão.

‘E nunca deveremos nos encontrar?’, murmurei, na angústia de minha alma.

‘Deveremos nos encontrar no céu. Pensemos nisso’, ela disse em um tom de desesperada calma; mas seus olhos cintilavam loucamente e seu rosto era de uma palidez mortal.

‘Mas não como estamos agora’, não pude deixar de responder. ‘É-me de pouco consolo pensar que devo observá-lo, da próxima vez, como um espírito desencarnado ou um ser alterado, com um corpo perfeito e glorioso, mas não como este! – e um coração, talvez, totalmente alheio a mim.’

‘Não, Gilbert, o amor perfeito existe no céu!’

‘Tão perfeito, suponho, que se ergue acima das distinções e você não terá uma simpatia mais íntima por mim do que por qualquer um dos dez milhões de anjos e pela inumerável multidão de felizes espíritos ao nosso redor.’

‘O que quer que eu seja, você será o mesmo e, portanto, possivelmente não poderá lamentar; e seja a mudança qual for, sabe que será para melhor.’

‘Mas, se estiver tão mudado para não mais adorá-la com todo o meu coração e toda a minha alma, e amá-la além de qualquer outra criatura, não deverei ser eu mesmo; e ainda, mesmo que conquiste o céu por completo, deverei, bem sei, ser infinitamente melhor e mais feliz do que sou agora, mas minha natureza terrena não pode se regozijar na antecipação de tal bênção, da qual ela mesma e sua principal alegria devem ser excluídas.’

‘O seu amor é apenas terreno, então?’

‘Não, mas suponho que não deveremos mais ter uma comunhão íntima um com o outro do que com todos os demais.’

‘Se é assim, é porque os amamos mais e não menos um ao outro. O aumento de amor leva ao aumento de felicidade, quando é mútuo e puro como será.’

‘Mas você pode, Helen, contemplar com prazer a perspectiva de me perder em um mar de glória?’

‘Reconheço que não; mas sabemos que não será assim;- e eu bem sei que lamentar a troca de prazeres terrenos pelas alegrias do céu é como se a rebaixada lagarta devesse lastimar que, um dia, terá de abandonar a mordiscada folha para decolar ao alto e agitar-se pelo ar, pairando deliberadamente de flor em flor, sugando o doce mel de seus copos ou aquecendo-se em suas ensolaradas pétalas. Se essas pequenas criaturas soubessem que uma mudança tão grande as aguarda, sem dúvida se arrependeriam; mas não devem ser desalojadas tais mágoas? E, se essa ilustração não comovê-lo, eis outra:- Somos crianças, agora; nos sentimos como crianças e compreendemos como crianças; e, quando nos dizem que os homens e as mulheres não devem se divertir com os seus brinquedos, e que nossos companheiros se cansarão, um dia, dos esportes e das ocupações triviais que os interessam, assim como a nós, agora, não podemos evitar que

nos entristecemos com a ideia de tais mudanças, porque não podemos conceber que, enquanto crescemos, nossas mentes se tornam tão amplas e elevadas que nós mesmos devemos considerar, então, como ninharias estes objetos e os propósitos que agora tão apaixonadamente acalentamos e que, embora nossos companheiros não mais se unam a nós nestas brincadeiras infantis, eles beberão conosco em outras fontes de prazer e misturarão suas almas com as nossas em objetivos mais superiores e em ocupações mais nobres que estão além de nossa compreensão, mas não menos profundamente saboreadas ou menos verdadeiramente boas por isso, enquanto, ainda, nós e eles permanecemos essencialmente os mesmos indivíduos de antes. Mas, Gilbert, você realmente não pode extrair consolo do pensamento que podemos estar juntos onde não há mais dor e mágoa, não mais esforços contra o pecado e não mais combates entre o espírito e a carne; onde ambos contemplarão as mesmas verdades gloriosas e beberão a exaltada e suprema felicidade da mesma fonte de luz e bondade – aquele Ser a quem ambos cultuam com a mesma intensidade do sagrado ardor – e onde as criaturas puras e felizes amarão ambas com a mesma afeição divina? Se você não pode, não me escreva!

‘Helen, eu posso! Se a fé nunca falhar.’

‘Agora, então’, ela exclamou, ‘enquanto esta esperança é forte entre nós...’

‘Iremos nos separar’, gritei. ‘Você não deve ter a dor de outro esforço em me dispensar. Irei, por fim; mas...’

Não expressei meu pedido em palavras: ela o compreendeu instintivamente, e desta vez, cedeu também – ou melhor, nada havia tão deliberado quanto pedir ou ceder nesta questão: houve um súbito impulso que não pudemos resistir. Em um momento, parei e olhei para o seu rosto, depois segurei-a próxima ao meu coração e parecemos crescer juntos em um forte abraço do qual nenhuma força, física ou mental, poderia nos rasgar. Um ‘Deus lhe abençoe!’ sussurrado e ‘Vá - vá!’, foi tudo o que ela disse; mas enquanto falava, ela se apegou a mim tão forte que, sem violência, eu não poderia tê-la obedecido. Contudo, por fim, com algum heroico esforço, nos separamos e corri daquela casa.

Tenho uma confusa lembrança de ver o pequeno Arthur correr pelo muro do jardim para me encontrar e de escapulir pelo muro para evitá-lo – e, conseqüentemente, descer os íngremes campos, evitando as cercas de pedra e as sebes enquanto se me apareciam pelo caminho, até que perdi por completo a vista da velha casa, indo abaixo até o fundo da colina; e, então, das longas horas gastas em amargas lágrimas e lamentações, e dos olhares meditabundos para o solitário vale, com a música eterna em meus ouvidos, do vento do oeste correndo pelas folhas enegrecidas e do riacho balbuciando e borboteando por entre seu pedregoso leito; meu olhos, quase sempre, fixos nas sombras profundas e multicoloridas brincando, sem se cansarem, sobre a ensolarada grama aos meus pés, onde de vez em quando uma ou duas folhas secas caíam, dançando para compartilhar a farra; mas meu coração estava acima da colina, naquela escura sala onde ela estava chorando, desolada e sozinha – ela, que eu não poderia confortar, nem ver novamente, até que as lágrimas de sofrimento derrotaram a ambos e expulsavam nossos espíritos de suas perecíveis moradas do homem.

Pouco trabalhei naquele dia, pode estar certo. A fazenda fora abandonada aos trabalhadores e os trabalhadores, deixados por sua própria conta. Mas uma tarefa eu deveria cumprir: não tinha esquecido minha agressão contra Frederick Lawrence; e deveria visitá-lo para me desculpar do infeliz fato. Eu teria, de bom grado, adiado para o dia seguinte; mas e se ele me denunciasse para a sua irmã, no entretanto? Não, não! Devo pedir seu perdão hoje e rogar a ele para que seja leniente em sua acusação, se a revelação tiver de ser feita. Procrastinei, contudo, até a noite, quando meus espíritos estavam mais compostos e quando – oh, maravilhosa perversidade da natureza humana! – alguns débeis embriões de indefinida esperança estavam começando a ser erguer em minha mente; não que eu pretendesse acalentá-los, depois de tudo o que fora dito sobre o assunto, mas eles deveriam ficar lá por um momento, a salvo porém não encorajados, até que eu aprendesse a viver sem eles.

Chegando em Woodford, a residência do jovem escudeiro, não tive dificuldade em obter permissão para vê-lo. O criado que abriu a porta me disse que o seu patrão estava bem doente e parecia achar improvável que ele fosse capaz de me ver. Eu não deveria ser impedido, porém. Esperei calmamente ser chamado, no corredor, mas intimamente, determinado a não

aceitar ser recusado. A mensagem foi como eu esperava – um polido comunicado que o Sr. Lawrence não poderia ver ninguém e não poderia ser perturbado.

‘Não deverei perturbá-lo por muito tempo’, eu disse; ‘mas devo vê-lo por um momento: é um assunto de importância o qual desejo falar a ele.’

‘Eu direi, senhor’, disse o homem. E avancei pela sala, seguindo-o quase até a porta do quarto onde estava seu patrão – pois parecia que ele não estava de cama. A mensagem de retorno foi que o Sr. Lawrence esperava que eu fosse bondoso o suficiente para deixar uma mensagem ou um recado com o criado, pois ele não poderia cuidar de nenhum negócio naquele momento.

‘Se ele pode vê-lo, pode a mim também’, eu disse; e, passando pelo lacaio estupefato, abri a porta com audácia, entrei e a fechei atrás de mim. O cômodo era espaçoso e mobiliado com sofisticação – muito confortável, também, para um solteiro. Um fogo, cálido e límpido, queimava sobre a polida grelha: um galgo aposentado, dado ao ócio e à boa vida, deitava-se aquecendo-se diante da lareira no grosso e suave tapete, em um canto do qual, ao lado do sofá, um jovem e esperto springer, olhando avidamente para o rosto de seu dono – talvez a pedir permissão para compartilhar seu sofá ou, poderia ser, apenas solicitando um carinho de sua mão ou uma palavra bondosa de seus lábios. O próprio inválido se aparentava de modo muito interessante, reclinado ali, em seu elegante roupão, com um lenço de seda amarrado em suas têmporas. Seu rosto, geralmente pálido, estava corado e febril; seus olhos estavam semicerrados, até que ele se tornou ciente de minha presença – e então, ele os escancarou: uma mão estava jogada languidamente sobre as costas do sofá e segurava um pequeno volume, com o qual, aparentemente, ele estivera tentando em vão passar pelas cansativas horas. Ele o soltou, contudo, ao saltar em indignada surpresa enquanto eu avançava pela sala e ficava de frente a ele sobre o tapete. Ele se ergueu sobre seus travesseiros e olhou para mim com graus idênticos de horror nervoso, ira e surpresa, reproduzidos em seu rosto.

‘Sr. Markham, eu mal esperava por isso!’, ele disse; e o sangue se esvaiu de seu rosto enquanto ele falava.

‘Sei que não’, respondi; ‘mas fique quieto por um minuto e lhe direi porque vim.’ Sem pensar, avancei alguns passos. Ele estremeceu com minha aproximação, com uma expressão de aversão e instintivo medo físico, nada mais conciliador aos meus sentimentos. Recuei, contudo.

‘Que a sua história seja breve’, ele disse, colocando sua mão sobre a sineta de prata que estava sobre a mesa diante dele, ‘ou serei obrigado a pedir ajuda. Não tenho condições de suportar suas brutalidades agora, nem sua presença.’ E, de fato, ele começava a suar pelos poros e a umedecer em sua pálida testa como orvalho.

Tal recepção foi duramente calculada para diminuir as dificuldades de minha nada invejável tarefa. Esta deveria ser executada, contudo, de alguma maneira: e, assim, mergulhei nela de uma vez e enleei-me por ela como eu podia.

‘A verdade, Lawrence, é que’, eu disse, ‘não tenho agido de modo muito correto com você ultimamente – especialmente nesta última ocasião; e vim para – em suma, expressar meu arrependimento pelo o que eu fiz e pedir seu perdão. Se você decidir que não me perdoará’, acrescentei apressadamente, não gostando do aspecto de seu rosto, ‘não importa; apenas fiz meu dever – e é tudo.’

‘E foi feito com facilidade’, ele replicou, com um débil sorriso beirando o sarcasmo: ‘maltratar seu amigo e batê-lo em sua cabeça sem nenhum motivo, e então dizer-lhe que tal fato não foi muito correto, mas que não importa se ele perdoará ou não.’

‘Esqueci de lhe dizer que foi em consequência de um engano’, - murmurei. ‘Eu deveria ter feito uma desculpa muito bonita, mas você me provocou tão malditamente com sua -. Bem, suponho que seja minha culpa. O fato é, eu não sabia que você é o irmão da Sra. Graham e vi e ouvi algumas coisas sobre sua conduta com relação à ela que foram calculadas a levantar desagradáveis suspeitas que, permita-me dizer, um pouco de franqueza e confiança de sua parte teriam removido; e, por fim, aconteceu de eu escutar parte de uma conversa entre você e ela que me fez pensar que eu tinha direito de odiá-lo.’

‘E como você descobriu que eu sou o irmão dela?’, ele me perguntou com alguma ansiedade.

‘Ela mesma me disse. Ela me contou tudo. Ela sabia que poderia confiar em mim. Mas não precisa se preocupar a respeito, Sr. Lawrence, pois foi a última vez que a vi!’

‘A última! Ela se foi, então?’

‘Não; mas ela se despediu de mim e eu prometi nunca me aproximar daquela casa novamente enquanto ela morar lá.’ Eu poderia ter resmungado alto os amargos pensamentos despertados por esta volta na conversa. Mas apenas fechei as mãos e pisei forte sobre o tapete. Meu companheiro, entretanto, estava evidentemente aliviado.

‘Você fez bem’, ele disse, com um tom de absoluta aprovação, enquanto seu rosto brilhava em quase uma expressão solar. ‘E, em relação ao engano, lamento por nós dois que tenha ocorrido. Talvez possa perdoar minha falta de franqueza e, lembre-se, como alguma mitigação parcial da ofensa, quão pouco encorajamento à amigável confiança você ultimamente me deu.’

‘Sim, sim – lembro de tudo: ninguém pode me culpar mais do que mim mesmo, em meu próprio coração; de qualquer forma, ninguém pode lamentar mais sinceramente do que eu o resultado de minha brutalidade, como você corretamente a denomina.’

‘Não se importe com isso’, ele disse, sorrindo debilmente; ‘vamos esquecer todas as desagradáveis palavras dos dois lados, assim como os fatos e consignar ao esquecimento tudo o que nos leva a lamentar. Você tem alguma objeção em apertar minha mão ou prefere que não?’ Ela tremia de fraqueza enquanto ele a sustentava e caiu antes que eu tivesse tempo para agarrá-la e dar um vigoroso aperto, que ele não tinha a força de devolver.

‘Como sua mão está seca e ardente, Lawrence’, eu disse. ‘Você realmente está doente e eu lhe piorei com toda esta conversa’.

‘Oh, não é nada; apenas um resfriado por causa da chuva.’

‘Minha culpa, também.’

‘Não se importe com isso. Mas, diga-me, você mencionou este caso para minha irmã?’

‘Para confessar a verdade, não tive coragem; mas, quando você contar a ela, dirá apenas que eu profundamente o lamento e ...?’

‘Oh, não tema isso! Nada devo dizer contra você, enquanto permaneça com sua boa resolução de permanecer longe dela. Ela ainda não sabe de minha doença, então, até onde você está ciente?’

‘Acho que não.’

‘Fico feliz com isso, pois estive, por todo este tempo, me atormentando com o medo de que alguém a dissesse que eu estava morrendo ou desesperadamente doente, e ela se afligiria em sua incapacidade de saber de mim ou me ajudar, ou talvez, cometer a loucura de vir me ver. Tenho de planejar que ela saiba alguma coisa a respeito, se eu puder’, ele continuou, pensativamente, ‘ou ela será informada de alguma história assim. Muitos ficariam satisfeitos em contar-lhe tais notícias, apenas para ver como ela reagiria; e então, ela poderia se expor a um novo escândalo.’

‘Gostaria de contar a ela’, eu disse. ‘Se não fosse minha promessa, eu contaria a ela agora.’

‘De jeito nenhum! Nem sonho com isso; - mas se eu escrevesse um bilhete curto, agora, sem mencionar a você, Markham, mas apenas dando um leve relato de minha doença, como desculpa para não ir vê-la e colocá-la em guarda contra quaisquer relatos exagerados que ela possa escutar – e enviar de modo disfarçado – você me faria o favor de colocá-la na caixa de correio quando passar por ela? Pois não ousou confiar em nenhum dos criados neste caso.’

Muito prontamente consenti e imediatamente lhe levei seu caderno. Havia pouca necessidade de disfarçar sua caligrafia, pois o pobre rapaz parecia ter considerável dificuldade em escrever e de modo legível. Quando o bilhete estava pronto, pensei que era hora de me retirar e me despedi, depois de perguntar se havia qualquer outra coisa no mundo que eu pudesse fazer por ele, pequena ou grande, de modo a aliviar seus sofrimentos e reparar o mal que eu havia causado.

‘Não’, ele disse; ‘você já fez muito com relação a isso; fez mais por mim do que o mais habilidoso médico poderia fazer: pois aliviou minha mente de dois grandes fardos – a ansiedade sobre minha irmã e uma profunda lamentação sobre você mesmo: pois realmente acredito que estas duas fontes de tormento tiveram mais efeito em me tornar febril do

qualquer outra coisa mais; e estou convencido de que logo me recuperarei. Há mais uma coisa que pode fazer para mim, que é vir me visitar de vez em quando – pois você vê que estou muito solitário aqui e prometo que sua entrada não será dificultada outra vez.’

Assim me comprometi e saí com um cordial aperto de mão. Enviei a carta ao voltar para casa, resistindo com muita força em acrescentar uma palavra minha à ela, ao mesmo tempo.

CAPÍTULO XLVI

Senti-me fortemente tentado, às vezes, em esclarecer à minha mãe e minha irmã sobre o verdadeiro caráter e as circunstâncias da perseguida moradora de Wildfell Hall, e primeiro me arrependi enormemente em ter me esquecido de pedir a permissão da dama para o fazer; mas, em devida reflexão, considerei que se elas soubessem, logo não permaneceria um segredo para os Millward e para os Wilson, e tal era minha presente apreciação do temperamento de Eliza Millward que, se ela tivesse uma deixa, uma única vez, da história, temo que logo encontraria um meio de contar ao Sr. Huntingdon o local do refúgio de sua esposa. Eu, portanto, esperaria pacientemente até que estes extenuantes seis meses terminassem e, então, quando a fugitiva tivesse encontrado outro lar e eu tivesse permissão para escrever a ela, imploraria que me fosse concedido do direito de limpar o nome dela de tais vis calúnias: no momento, eu deveria me contentar em simplesmente afirmar que eu as sabia serem falsas e que provaria em algum dia, para a vergonha daqueles que a difamaram. Eu não acho que alguém acreditou em mim, mas todos logo aprenderam a evitar insinuar uma palavra contra ela ou mesmo mencionar seu nome em minha presença. Eles pensavam que eu estava tão loucamente apaixonado pelas seduções daquela infeliz dama que estava determinado a apoiá-la mesmo contra a razão; e, enquanto isso, eu me tornava insuportavelmente apático e misantropo, com a ideia de que todos que eu encontrava, fomentava indignos pensamentos da suposta Sra. Graham e os expressaria se quisessem.

Minha pobre mãe estava muito aflita comigo; mas eu não podia evitar – pelo menos eu pensava que não, embora às vezes sentia uma pontada de remorso pela minha desrespeitosa conduta para com ela e fazia um esforço para corrigir, o que conseguia com sucesso parcial; e, de fato, eu estava geralmente mais sensibilizado em meu comportamento com ela do que com qualquer outro, exceto o Sr. Lawrence. Rose e Fergus frequentemente evitavam minha presença; e estava bem que o fizessem, pois eu não era uma companhia adequada para eles, nem eles para mim, sob as circunstâncias atuais.

A Sra. Huntingdon não deixou Wildfell Hall até mais de dois meses depois de nosso encontro de despedida. Durante este tempo, ela nunca apareceu na igreja e eu nunca me aproximei de sua casa: apenas soube que ela estava lá pelas breves respostas de seu irmão às minhas muitas e diversas perguntas a seu respeito. Eu fora um visitante constante e muito atencioso à ele durante todo o período de sua doença e convalescença; não apenas pelo interesse que eu tinha em sua recuperação e pelo meu desejo de animá-lo e fazer os reparos mais possíveis pela minha ‘brutalidade’ anterior, mas pela minha crescente ligação para com ele pelo prazer cada vez maior que eu sentia em sua companhia – parcialmente pela sua elevada cordialidade para comigo, mas principalmente pela sua íntima relação, tanto em sangue como em afeição, com minha adorada Helen. Eu o amava por causa disso mais do que gostaria de admitir: e tinha um secreto prazer em apertar aqueles esbeltos dedos brancos, tão maravilhosamente parecidos com os dela, considerando que ele não era uma mulher, e em observar as mudanças se operando em seus belos e pálidos traços e notando as entonações de sua voz, detectando semelhanças que me surpreendiam por não terem tido nenhum impacto em mim antes. Ele me provocava, às vezes, de fato, com a sua relutância em falar comigo sobre a sua irmã, embora eu não pusesse em dúvida a amizade de seus motivos em desejar desencorajar minha lembrança dela.

Sua recuperação não foi tão rápida quanto ele esperava que fosse; ele não foi capaz de montar em seu pônei até quinze dias depois de nossa reconciliação; e o primeiro uso que ele fez de sua força restituída foi cavalgar, à noite, para Wildfell Hall, para ver sua irmã. Era uma aventura arriscada para ele e para ela, mas ele julgou necessário consultar com ela sobre o assunto de sua planejada partida, se não arrefecer as apreensões dela sobre sua saúde e o pior resultado foi uma leve recaída de sua doença, pois ninguém sabia de sua visita além das moradoras de Wildfell Hall e de mim mesmo; e acredito que não fora sua intenção mencioná-la para mim, pois quando fui vê-lo no dia seguinte e reparei que ele não estava tão bem quanto deveria estar, ele apenas disse que pegara frio por estar fora até altas horas.

‘Nunca será capaz de ver sua irmã, se não cuidar de você mesmo’, eu disse, um pouco irritado pela circunstância em si mesma, ao invés de consolá-lo.

‘Eu já a vi’, ele disse, tranquilamente.

‘Você a viu!’, exclamei, atônito.

‘Sim’. E, então, ele me disse os motivos que o levaram a executar tal aventura e com quais precauções ele a realizara.

‘E como ela estava?’ perguntei ansioso.

‘A de sempre’, foi a resposta, breve porém triste.

‘A de sempre – ou seja, longe de estar feliz e forte.’

‘Ela não está realmente doente’, ele replicou; ‘e recuperará seu bom humor em breve, não tenho dúvidas – mas estes muitos sofrimentos foram quase que o bastante para ela. Como estão ameaçadoras estas nuvens’, ele continuou, olhando pela janela. ‘Ainda teremos tempestades antes do anoitecer, imagino, e elas chegam bem na hora de empilhar o milho. Você já empilhou a sua colheita?’

‘Não. E, Lawrence, ela – ela fez alguma menção sobre mim?’

‘Ela perguntou se eu o vi ultimamente.’

‘E o que mais ela disse?’

‘Não posso lhe contar tudo o que ela disse’, ele respondeu, com um leve sorriso; ‘pois falamos sobre muitas coisas, embora minha permanência tenha sido curta; mas nossa conversa foi principalmente sobre a intenção de sua partida, que implorei para que retardasse até que eu estivesse em melhores condições de ajudar na procura por outro lar.’

‘Mas ela nada mais disse sobre mim?’

‘Ela não disse muito sobre você, Markham. Eu não teria a encorajado a fazê-lo, caso ela estivesse inclinada para tanto; mas, felizmente, ela não estava: fez apenas algumas perguntas sobre você e pareceu satisfeita com minhas breves respostas, em que ela se mostrou mais sábia do que seu amigo; e, posso lhe dizer, também, que ela parecia bem mais ansiosa para que você não pensasse muito nela, do que você a esquecesse.’

‘Ela estava certa.’

‘Mas temo que sua ansiedade seja bastante por outro modo de respeitá-la.’

‘Não, não é; desejo que ela seja feliz; mas não desejo que ela me esqueça por completo. Ela sabe que é impossível que eu a esqueça; e ela está certa em desejar que eu não a relembre muito também. Eu não desejaria que ela me lamentasse tão profundamente; mas, mal posso imaginar que ela fique muito infeliz por minha causa, porque sei que não digno disso, exceto na minha apreciação por ela.’

‘Nenhum de vocês é digno de um coração partido – nem de todos os suspiros, lágrimas e tristes pensamentos que já se desperdiçaram sobre ambos, e temo que ainda serão; mas, por agora, cada um tem uma opinião mais exaltada sobre o outro do que, temo, ele ou ela merece; e os sentimentos de minha irmã são, naturalmente, tão ardentes quanto os seus e, acredito, mais constantes; mas ela tem o bom senso e a força de lutar contra eles, neste particular; e confio que ela não descansará até que tenha se desapegado de seus pensamentos...’, ele hesitou.

‘De mim’, eu disse.

‘E espero que você faça os mesmos esforços’, ele continuou.

‘Ela lhe contou que essa era a intenção dela?’

‘Não; a questão não foi mencionada entre nós: não havia necessidade disso, pois não tinha dúvidas de que tal era a sua determinação.’

‘Esquecer de mim?’

‘Sim, Markham! Por que não?’

‘Oh, bem!’, foi minha única resposta audível; mas, dentro de mim, respondi – ‘Não, Lawrence, você está equivocando aqui: ela não está determinada a me esquecer. Seria um erro esquecer alguém tão profunda e apaixonadamente devotado a ela, que pode tão completamente apreciar suas excelências e simpatizar com todas as suas excelências, como eu posso, e seria um erro meu esquecer uma peça da criação de Deus tão excelente e divina como ela, quando apenas conheci e amei, verdadeiramente, ela.’ Porém, nada mais eu disse para ele sobre o assunto. Iniciei de imediato um novo assunto na conversa e logo me despedi de meu companheiro, com um sentimento de menor cordialidade sobre ele do que o habitual. Talvez eu não tivesse o direito de estar desgostoso dele, mas eu estava, não obstante.

Em pouco mais de uma semana, depois disso, encontrei-o retornando de uma visita aos Wilson; e eu me resolvera a dar-lhe um bom troco, embora às custas de seus sentimentos e, talvez, ao risco de incorrer naquele desprazer que é, tão comumente, a paga daqueles que dão informações desagradáveis ou conselhos, espontaneamente. Nisto, creia-me, eu não era movido por motivos de vingança pelos incômodos ocasionais que tinha sofrido ultimamente dele – nem, ainda, por qualquer sentimento de malévola inimizade em relação a Srta. Wilson, mas puramente pelo efeito de que eu não poderia suportar que tal mulher devesse ser a irmã da Sra. Huntingdon e que, tanto pelo seu próprio bem quanto para o dela, não poderia tolerar que ele fosse enganado por uma união com alguém tão indigna dele e tão extremamente inapropriada para ser a companheira de seu tranquilo lar e consorte de sua vida. Ele tivera desconfortáveis suspeitas em sua própria cabeça, imaginei; mas tal era sua inexperiência e tais eram os poderes de atração da dama, e sua habilidade de levá-los à sua jovem imaginação, que elas não o perturbaram por muito tempo; e acredito que as únicas causas efetivas da vacilante indecisão que lhe impedia, até então, de fazer uma verdadeira declaração de amor era a consideração dos relacionamentos dela e especialmente os de sua mãe, que ele não poderia suportar. Tivessem eles vivido longe e ele poderia ter vencido a objeção, mas em duas ou três milhas de Woodford, não era de fato um assunto leve.

‘Você foi visitar os Wilson, Lawrence’, eu disse, enquanto caminhava ao lado de seu pônei.

‘Sim’, ele respondeu, virando um pouco o rosto; ‘Pensei que fosse polido aproveitar a primeira oportunidade de retribuir suas bondosas atenções, já que eles foram tão minuciosos e constantes em suas perguntas durante todo o curso de minha enfermidade.’

‘É tudo culpa da Srta. Wilson.’

‘E, se for’, ele retornou, com um corar muito perceptível, ‘é isto algum motivo para que eu não deva fazer um adequado reconhecimento?’

‘É a razão pela qual não deve fazer o reconhecimento que ela anseia.’

‘Vamos mudar de assunto, por favor’, ele disse, com evidente desprazer.

‘Não, Lawrence, com sua permissão continuaremos nele um pouco mais; e eu lhe direi algo, agora que estamos nisso, que pode optar por acreditar ou não – apenas, por favor, lembre-se de que não é meu costume falar falsamente e que, neste caso, não tenho nenhum motivo para deturpar a verdade...’

‘Bem, Markham, o que é agora?’

‘A Srta. Wilson odeia sua irmã. Pode ser bem natural que, por ela ser ignorante do relacionamento, ela sinta algum grau de inimizade contra ela, mas nenhuma mulher boa ou amigável seria capaz de revelar aquela malícia de desígnios amarga e de sangue frio para com uma imaginada rival como a que eu observei nela.’

‘Markham!’

‘Sim – e acredito que Eliza Millward e ela, se não forem as próprias criadoras dos difamadores boatos que foram espalhados, foram, de propósito, as encorajadoras e as principais disseminadoras deles. Ela não estava desejosa de misturar seu nome com esta questão, claro, mas seu prazer era, e ainda é, denegrir o caráter de sua irmã com o máximo de suas forças, sem se arriscar muito em expor sua própria malevolência!’

‘Não posso acreditar nisso’, interrompeu meu companheiro, seu rosto ardendo de indignação.

‘Bem, como não posso provar nada, devo me contentar em asseverar que assim é, conforme acredito; mas, como você não se casaria de boa vontade com a Srta. Wilson, se assim fosse, fará bem em ser cauteloso, até que se prove o contrário.’

‘Eu nunca lhe disse, Markham, que pretendo me casar com a Srta. Wilson’, ele disse, orgulhoso.

‘Não, mas queira ou não, ela pretende se casar com você.’

‘Ela lhe disse isso?’

‘Não, mas...’

‘Então você não tem o direito de fazer tal afirmação sobre ela.’ Ele apressou levemente o trotar de seu pônei, mas coloquei minha mão sobre sua crina, determinando que ele ainda não se afastasse de mim.

‘Espere um momento, Lawrence, e deixe que eu me explique; e não seja muito – não sei como dizer – inacessível, como você é. Sei o que pensa sobre Jane Wilson; e acredito que sei o quanto está equivocado em sua opinião: você pensa que ela é singularmente charmosa, elegante, sensível e refinada; mas não se apercebe que ela é egoísta, insensível, ambiciosa, ardilosa, superficial...’

‘Basta, Markham, basta!’

‘Não; deixe-me terminar: - você não sabe que, se a desposasse, seu lar seria escuro e desconsolado; e partiria seu coração, por fim, se descobrir unido a alguém tão completamente incapaz de compartilhar seus gostos, sentimentos e ideias – extremamente destituída de sensibilidade, bons sentimentos e a verdadeira nobreza de alma.’

‘Você já descobriu?’, perguntou meu companheiro, tranquilamente.

‘Sim; - sei que você me odeia pela minha impertinência, mas não me importo, se conduzi-lo a preservá-lo de tamanho erro fatal.’

‘Bem!’, ele replicou, com um sorriso bem gélido – ‘Fico feliz por ter superado ou esquecido suas próprias aflições, a ponto de ser capaz de estudar tão profundamente os negócios dos outros e incomodar sua cabeça tão desnecessariamente sobre as imaginadas, ou possíveis, calamidades das vidas futuras deles.’

Separamo-nos – de certa forma, com frieza, outra vez: mas ainda não deixamos de ser amigos; e meu bem intencionado alerta, embora este possa ter sido feito judiciosamente, e tanto quanto bem recebido, não foi totalmente improdutivo pelo efeito desejado: sua visita aos Wilson não se repetiu e, embora, em nossos encontros subsequentes, ele nunca mencionasse seu nome para mim, nem eu a ele – tenho motivos para acreditar que ele ponderou minhas palavras em sua mente, buscou, ansiosa porém discretamente, informações sobre a bela dama em outras paragens, comparou secretamente a descrição que eu fizera dela com o que ele mesmo observara e ouvira dos outros, e finalmente concluiu que, tudo considerado, era melhor que ela permanecesse a Srta. Wilson de Ryecote Farm do que se transformada em Sra. Lawrence, de Woodford Hall. Acredito, também, que ele logo aprendera a contemplar, com oculta estupefação, sua antiga predileção e a se congratular com a fuga de sorte que tivera; mas ele nunca

se confessou para mim ou aludiu a alguma palavra de agradecimento pelo papel que eu tive em sua libertação, mas isto não era nenhuma surpresa para alguém que o conhecia como eu.

Já Jane Wilson, claro, ficou desapontada e amargurada pela repentina e fria negligência, e posterior abandono, de seu antigo admirador. Fiz eu algum erro em frustrar suas acalentadas esperanças? Acho que não; e, certamente, minha consciência nunca me acusou, daquele dia até este, de algum desígnio maligno neste respeito.

CAPÍTULO XLVII

Em uma manhã, no início de novembro, enquanto eu estava escrevendo algumas cartas comerciais, logo depois do café da manhã, Eliza Millward veio visitar minha irmã. Rose não tivera a discriminação nem a virulência de considerar o pequeno demônio como eu tinha, e ainda preservavam sua antiga intimidade. No momento de sua chegada, porém, não havia mais ninguém na sala além de Fergus e de mim, estando minha mãe e minha irmã ausentes, ‘cuidando atentamente dos assuntos domésticos’; mas eu não iria me fechar para seu deleite, que ninguém pense nisso: apenas a honrei com uma saudação indiferente e poucas palavras, claro, e então prossegui com minhas cartas, deixando ao meu irmão ser mais polido, caso quisesse. Mas ela desejava me provocar.

‘Que prazer é encontrá-lo em casa, Sr. Markham!’ ela disse, com um falso e malicioso sorriso. ‘Raramente o vejo, agora, pois você nunca vai ao vicariato. Papai está muito ofendido, posso lhe dizer’, ela acrescentou divertida, olhando para o meu rosto com um riso impertinente, enquanto ela se sentava, meio de lado e meio de frente à minha escrivaninha, ao canto da mesa.

‘Tenho tido muito trabalho ultimamente’, eu disse, sem tirar os olhos de minha carta.

‘De fato, muito! Alguém disse que você tem estranhamente negligenciado seu negócio nos últimos meses’.

‘Alguém se equivocou, pois, nestes dois últimos meses, especialmente, tenho sido particularmente trabalhador e diligente.’

‘Ah! Bem, não há nada como um emprego ativo, suponho, para consolar os aflitos; - e, perdoe-me, Sr. Markham, mas você aparenta não estar nada bem e tem sido, de acordo com todos, tão temperamental e pensativo, nos últimos tempos - eu poderia até pensar que você tem alguma secreta preocupação pilhando seu espírito. Antigamente’, ela disse com timidez, ‘eu poderia me aventurar em lhe perguntar o que era e o que poderia fazer para consolá-lo; não ousou fazê-lo agora.’

‘Você é muito bondosa, Srta. Eliza. Quando pensar no que você poderia fazer para me consolar, tomarei a liberdade de lhe dizer.’

‘Por favor! – suponho que eu não possa adivinhar o que lhe incomoda?’

‘Não há necessidade, pois lhe direi claramente. A coisa que me incomoda mais, no momento, é uma jovem dama sentada ao meu lado, me impedindo de terminar minha carta e, portanto, reparando meu trabalho diário.’

Antes que ela pudesse replicar a este diálogo deselegante, Rose entrou na sala; e a Srta. Eliza levantou-se para cumprimentá-la, e ambas sentaram-se próximas ao fogo, onde aquele ocioso rapaz, Fergus, estava, apoiando seu ombro contra o canto da cornija, com suas pernas cruzadas e suas mãos nos bolsos de trás.

‘Agora, Rose, lhe contarei uma notícia – espero que você não a tenha ouvido antes: pois sendo bom, ruim ou indiferente, alguém sempre gosta de ser o primeiro a contar. É sobre a triste Sra. Graham..’

‘Hush-sh-sh!’, sussurrou Fergus em um tom de solene importância. “‘Nunca a mencionamos; o nome dela nunca é ouvido”^[1]. E, de relance, peguei-o olhando de soslaio para mim, com seu dedo apontado para a testa; então, piscando para a jovem dama com um sombrio menear de cabeça, cochichou – ‘Uma monomania – mas não a mencione – tudo certo, menos isso.’

‘Eu deveria lamentar ferir os sentimentos de alguém’, ela respondeu, falando o mais baixo possível. ‘Em outra hora, talvez.’

‘Fale, Srta. Eliza!’, eu disse, sem me dignar a perceber as bufonarias do outro: ‘você não precisa temer em dizer qualquer coisa em minha presença.’

‘Bem’, ela respondeu, ‘talvez você já saiba que o marido da Sra. Graham não está realmente morto e que ela fugiu dele?’ Sobressaltei-me e senti meu rosto corar; mas voltei para a minha carta e prossegui arrumando-a enquanto ela prosseguia.

‘Mas talvez você não saiba que ela voltou para ele novamente e que uma perfeita reconciliação ocorreu entre eles? Apenas pense’, ela continuou, virando-se para a confundida Rose, ‘quão tolo um homem pode ser!’

‘E quem lhe contou isso, Srta. Eliza?’, disse eu, interrompendo as exclamações de minha irmã.

‘Uma fonte bem autêntica.’

‘De quem, posso perguntar?’

‘De um dos criados em Woodford.’

‘Oh! Eu não sabia que você era tão íntima com a criadagem do Sr. Lawrence.’

‘Não foi dele próprio que eu soube, mas ele disse em segredo para a nossa ama Sarah e Sarah me contou.’

‘Em segredo, eu suponho? E você nos conta em segredo? Mas eu posso lhe dizer que é uma história esfarrapada e nem mesmo metade dela é verdadeira.’

Enquanto eu falava, completava a selagem e preenchia o endereço das minhas cartas, com uma mão um pouco trêmula, apesar de todos os meus esforços para manter a compostura e apesar da minha firme convicção de que a história era falsa – que a suposta Sra. Graham, muito certamente, não tinha voluntariamente voltado ao seu marido ou sonhado em reconciliação. O mais provável era de que ela tinha ido embora e a criada fofoqueira, não sabendo o destino dela, tinha imaginado que tal era o caso, e nossa bela visitante a detalhara como uma certeza, deliciada com tal oportunidade de me atormentar. Mas era possível – pouco possível – que alguém possa tê-la traído e ela ter sido levada pela força. Determinado a saber o pior, coloquei apressadamente no bolso minhas duas cartas e murmurando que eu estava atrasado para ir até o correio, deixei a sala, corri pelo jardim e vociferei pelo meu cavalo. Não estando ninguém no estábulo, arrastei o cavalo eu mesmo para fora, preendi a sela em seu dorso e a rédea em sua cabeça, montei e galopei com velocidade para Woodford. Encontrei seu proprietário vagueando pensativamente pelo terreno.

‘Sua irmã se foi?’, foram as minhas primeiras palavras enquanto eu agarrava sua mão, ao invés da habitual pergunta sobre a sua saúde.

‘Sim, ela se foi’, foi sua resposta, pronunciada tão calmamente que meu terror se dissipou definitivamente.

‘Suponho que eu não possa saber para onde?’, disse eu, enquanto desmontava e cedia meu cavalo para o jardineiro que, sendo o único criado a quem se podia chamar, fora convocado pelo patrão para abandonar a colheita das folhas caídas sobre o gramado para levá-lo ao estábulo.

Meu companheiro gravemente pegou em meu braço e, levando-me para fora do jardim, assim respondeu minha pergunta – ‘Ela está em Grassdale Manor, em – shire.’

‘Onde?’ gritei, com um convulsivo susto.

‘Em Grassdale Manor.’

‘Como se deu isso?’, engasguei. ‘Quem a traiu?’

‘Ela foi por sua própria vontade.’

‘Impossível, Lawrence! Ela não poderia ser tão desvairada!’ exclamei, agarrando veementemente seu braço, como se a forçá-lo a desmentir aquelas odiosas palavras.

‘Ela foi’, ele persistiu do mesmo modo, grave e composto, de antes; ‘e não sem motivos’, continuou, gentilmente se desvencilhando de mim. ‘O Sr. Huntingdon está doente.’

‘E ela foi cuidar dele?’

‘Sim.’

‘Tola!’, não pude deixar de exclamar e Lawrence me olhou com um ar de reprovação. ‘Ele está morrendo, então?’

‘Acho que não, Markham.’

‘E quantas mais enfermeiras ele tem? Quantas damas estão ao seu lado para cuidar dele?’

‘Nenhuma; ele estava sozinho ou ela não teria ido.’

‘Oh, maldito seja! Isto é intolerável!’

‘O quê? Que ele esteja sozinho?’

Não tentei responder, pois não estava certo que aquela circunstância não conduzia, em parte, à minha distração. Portanto, continuei a caminhar pelo passeio em silenciosa angústia, com minha mão sobre a testa; então, subitamente parando e virando para o meu

companheiro, exclamei impaciente, ‘Por que ela deu esse apaixonado passo? Qual demônio a convenceu?’

‘Nada a convenceu, além do seu próprio senso de dever.’

‘Tapeação!’

‘Eu estava meio inclinado a dizer isso a mim mesmo, Markham, primeiramente. Asseguro-lhe de que não foi por meu conselho que ela partiu, pois detesto aquele homem tão fervorosamente quanto você – exceto, de fato, que sua correção me daria muito mais prazer do que sua morte; mas tudo o que eu fiz foi informá-la da circunstância da doença dele (consequência de uma queda de cavalo, em uma caçada) e lhe dizer que aquela infeliz pessoa, a Srta. Myers, lhe deixara algum tempo atrás.’

‘Foi bem feito! Agora, quando ele descobre a conveniência da presença dela, ele fará, de todas as maneiras, discursos e falsas e belas promessas para o futuro, e ela acreditará nele e então sua condição será dez vezes pior e dez vezes mais irremediável do que antes.’

‘Aparentemente, não há muita base para tais apreensões no momento’, ele disse, retirando uma carta de seu bolso. ‘Pelo relato que recebi nesta manhã, devo dizer...’

Era a caligrafia dela! Por um impulso irresistível, estendi minha mão e as palavras, ‘Deixe-me vê-la’, passou involuntariamente pelos meus lábios. Ele estava, evidentemente, relutante em conceder ao meu pedido, mas enquanto ele hesitava, eu a agarrei de sua mão. Recompondo-me, porém, no minuto seguinte, ofereci sua devolução.

‘Aqui, pegue-a’, eu disse, ‘caso não queira que eu a leia.’

‘Não’, ele respondeu, ‘você pode ler se quiser.’

Eu a li e agora você pode.

Grassdale, 4 de novembro.

Caro Frederick,

Sei que você está ansioso em saber de mim e eu lhe direi tudo o que posso. O Sr. Huntingdon está muito doente, mas não moribundo ou em qualquer perigo iminente; e ele está muito melhor agora do que quando cheguei. Encontrei a casa em triste confusão: a Sra. Greaves, Benson, todos

os decentes criados foram embora e aqueles que vieram tomar seus lugares estavam negligente e desordeiramente dispostos, para dizer o pior – deverei trocá-los todos, se eu ficar. Uma enfermeira profissional, uma sombria e dura velha senhora, foi contratada para cuidar do arruinado inválido. Ele sofre muito e não tem forças para se aguentar. As feridas diretas causadas pelo acidente, contudo, não foram muito severas, e seriam, como o médico diz, nada mais do que triviais para um homem de hábitos temperados, mas com ele, é muito diferente. Na noite de minha chegada, quando entrei pela primeira vez no quarto, ele estava estirado em um tipo de semidelírio. Ele não se apercebeu de mim até que falei e então ele me confundiu com outra pessoa.

‘É você, Alice, que voltou?’, ele murmurou. ‘Por que você me deixou?’

‘Sou eu, Arthur – é Helen, sua esposa’, repliquei.

‘Minha esposa’, ele disse, sobressaltado. ‘Pelos céus, não fale dela – eu não tenho esposa. Que o demônio a carregue’, ele exclamou, um momento depois, ‘e você, também! Por que você fez isso?’

Nada mais eu disse; mas, observando que ele se mantinha fitando o pé da cama, para lá eu fui e ali me sentei, colocando a luz para que brilhasse por completo sobre mim, pois pensei que ele estivesse morrendo e quis que me reconhecesse. Ele ficou me olhando, em silêncio, por um longo tempo, primeiro com uma mirada inexpressiva, então encarando fixamente com uma estranha e crescente intensidade. Por fim, ele me assustou por erguer-se, de súbito, em seus cotovelos e perguntando, com um sussurro horrível, seus olhos ainda deitados em mim, ‘Quem é você?’

‘Sou Helen Huntingdon’, eu disse, erguendo-me com calma ao mesmo tempo e mudando para uma posição menos proeminente.

‘Devo estar enlouquecendo’, ele exclamou, ‘ou algo do tipo – delirante, talvez; mas deixe-me, seja você quem for. Não posso tolerar este rosto pálido e estes olhos. Pelo amor de Deus, vá e traga alguém que não se aparente assim!’

Fui de vez e enviei a enfermeira contratada; mas, na manhã seguinte, ousei entrar em seu quarto novamente e, tomando o lugar da enfermeira ao lado da cama, o observei e o servi por muitas horas, mostrando-me o menos

possível e apenas falando quando necessário, e então, em voz baixa. Primeiro, ele se dirigiu a mim como se eu fosse a enfermeira, mas, ao cruzar o quarto para baixar as persianas, de acordo com suas instruções, ele disse, ‘Não, não é a enfermeira; é Alice. Fique comigo, por favor! Aquela velha bruxa será a minha morte!’

‘Eu quero ficar com você’, eu disse. E, depois disso, ele me chamou de Alice ou qualquer outro nome quase igualmente repugnante aos meus sentimentos. Forcei-me a resistir por um momento, temendo que uma contradição pudesse perturbá-lo muito; mas quando, tendo pedido um copo de água, ele murmurou, ‘Obrigado, querida!’, eu não pude deixar de observar distintamente, ‘Você não diria isso se me reconhecesse’, pretendendo continuar com outra declaração de minha identidade; mas ele apenas boquejou uma resposta incoerente, então desisti outra vez, até algum tempo depois, quando estava banhando sua fronte e suas têmporas com vinagre e água para aliviar o calor e a dor em sua cabeça, ele observou, depois de me olhar gravemente por alguns minutos, ‘Tenho fantasias tão estranhas – não posso me livrar delas e elas não me deixam descansar; e a mais singular e pertinaz delas todas é o seu rosto e a sua voz – parecem-se com as dela. Poderia jurar, neste momento, que ela estava ao meu lado’.

‘Ela está’, eu disse.

‘Isso parece confortável’, ele continuou, sem perceber minhas palavras; ‘e, enquanto você faz isso, as outras fantasias desvanecem – mas esta, se torna mais forte. – Continue – continue, até que desapareça, também. Não posso aguentar tal mania como essa; irá me matar!’

‘Nunca desaparecerei’, eu disse, com clareza, ‘pois é a verdade!’

‘A verdade!’, ele exclamou, sobressaltado, como se uma víbora o aferroasse. ‘Você não quer dizer que é realmente ela?’

‘Quero; mas não precisa se encolher de mim, como se eu fosse sua maior inimiga: vim para cuidar de você e fazer o que nenhuma delas faria.’

‘Pelo amor de Deus, não me atormente agora!’, ele exclamou, em deplorável agitação; e, então, começou a expressar amargas maldições contra mim ou contra a má sorte que me levou até lá; enquanto eu abaixava a esponja e a bacia e tomava meu lugar de volta ao lado de sua cama.

‘Onde eles estão?’, ele disse: ‘todos eles me deixaram – criados e todos?’

‘Os criados estão ao seu dispor, se quiser chamá-los; mas é melhor que você deite, agora, e fique tranquilo: nenhum deles poderia, ou desejaria, cuidar de você tão atentamente quanto eu.’

‘Não posso entender nada disso’, ele disse, com desconcertada perplexidade. ‘Era um sonho que...’ e ele cobriu seus olhos com as mãos, como se tentando desvendar o mistério.

‘Não, Arthur, não era um sonho, pois sua conduta era tal que me obrigou a deixá-lo; mas soube que estava doente e sozinho, e voltei para cuidar de você. Você não precisa temer em me confiar todas as suas necessidades, eu tentarei satisfazê-las. Não há ninguém para cuidar de você; e eu não o censurarei agora.’

‘Oh! Entendo’, ele disse, com um sorriso amargo; ‘é um ato de caridade cristã, pelo qual espera ganhar um assento superior no céu para si mesma e escavar uma toca mais profunda, para mim, no inferno.’

‘Não; vim para lhe oferecer o conforto e a ajuda que a sua situação requer; e, se isso puder beneficiar sua alma, assim como seu corpo, e despertar algum sentido de arrependimento e ...’

‘Oh, sim; se você quiser me subjugar com remorso e confusão de rostos, esta é a hora. O que você fez com meu filho?’

‘Ele está bem e você poderá vê-lo em breve, caso se componha, mas não agora.’

‘Onde está ele?’

‘Ele está seguro.’

‘Ele está aqui?’

‘Onde quer que ele esteja, você não o verá até que tenha prometido a deixá-lo completamente sob meu cuidado e proteção, e a me deixar levá-lo sempre e para onde eu quiser, se eu, de agora em diante, julgar necessário removê-lo outra vez. Mas falaremos disso amanhã; aquiete-se, agora.’

‘Não, deixe-me vê-lo agora, eu prometo, se assim deve ser.’

‘Não...’

‘Juro, como Deus está no céu! Agora, deixe-me vê-lo.’

‘Mas não posso acreditar em seus juramentos e em suas promessas: devo ter um acordo por escrito e você deve assiná-lo na presença de uma testemunha: mas não hoje – amanhã.’

‘Não, hoje; agora’, ele persistiu: e estava em tal estado de febril excitação e tão inclinado à imediata satisfação de seu desejo, que achei melhor concedê-lo de uma vez, pois via que ele não descansaria até que eu o fizesse. Mas eu estava determinada a não esquecer os interesses de meu filho; e, tendo claramente escrito a promessa que desejava que o Sr. Huntingdon desse, em um pedaço de papel, eu a li deliberadamente para ele e o fiz assinar na presença de Rachel. Ele implorou para que eu não insistisse nisso; era uma inútil exposição da minha falta de fé na palavra dele, perante uma criada. Disse-lhe que lamentava, mas desde que faltou com a minha confiança, ele deveria arcar com as consequências. Depois, ele alegou inabilidade em segurar a pena. ‘Então, devemos esperar até que você possa segurá-la’, eu disse. Com isso, ele disse que tentaria; mas, então, não podia ver onde assinar. Coloquei meu dedo onde a assinatura deveria estar e lhe disse que ele poderia escrever seu nome no escuro, bastando saber onde ele tinha de escrevê-lo. Mas ele não tinha força para formar as letras. ‘Neste caso, você deve estar muito doente para ver a criança’, eu disse; e, ao me saber inexorável, ele por fim logrou ratificar o acordo; e pedi à Rachel que trouxesse o garoto.

Tudo isso pode lhe parecer severo, mas senti que não deveria perder minha vantagem atual e o bem estar futuro de meu filho não deveria ser sacrificado por nenhuma ternura equivocada pelos sentimentos deste homem. O pequeno Arthur não esquecera seu pai, mas treze meses de ausência, durante a qual ele raramente era permitido a ouvir uma palavra sobre ele ou dificilmente sussurrar seu nome, o tornaram um pouco tímido; e, quando ele foi conduzido à escurecida sala onde estava o homem adoecido, tão diferente de seu antigo eu, com um furioso rosto corado e olhos brilhantes como os de um louco – ele se agarrou a mim instintivamente e ficou a olhar seu pai com um semblante exprimindo muito mais pavor do que prazer.

‘Venha aqui, Arthur’, disse o último, estendendo sua mão para ele. A criança foi e timidamente tocou aquela mão ardente, mas quase pulou

alarmado quando seu pai subitamente agarrou seu braço e o puxou para perto.

‘Você me conhece?’, perguntou o Sr. Huntingdon, analisando intensamente seus traços.

‘Sim.’

‘Quem sou eu?’

‘Papai.’

‘Você está feliz por me ver?’

‘Sim.’

‘Você não está’, replicou o desapontado pai, relaxando seu controle e lançando um olhar vindicativo para mim.

Arthur, então livre, arrastou-se de volta para mim e colocou sua mão na minha. Seu pai jurou que eu fizera a criança odiá-lo, e me xingou e me amaldiçoou amargamente. No instante em que ele começou, levei a criança para fora do quarto; e, quando ele pausou para respirar, calmamente lhe assegurei de que ele estava completamente enganado; eu nunca tinha tentado colocar a criança contra ele.

‘Eu realmente quis que ele o esquecesse’, eu disse, ‘e, especialmente, esquecesse as lições que você lhe ensinou; e, por isso, e para diminuir o perigo da descoberta, reconheço que eu, geralmente, desencorajei sua vontade de falar sobre você; mas ninguém pode me culpar por isso, acho.’

O inválido apenas replicou com um alto gemido e em rolar a cabeça sobre o travesseiro em um acesso de impaciência.

‘Já estou no inferno!’ ele exclamou. ‘Esta maldita sede está queimando meu coração às cinzas! Ninguém irá...?’

Antes que ele pudesse terminar sua frase, despejei em um copo a bebida refrigerante e acidulada que estava sobre a mesa e a levei até ele. Ele a bebeu com vontade, mas murmurou, enquanto eu levava o copo – ‘Suponho que você esteja empilhando brasas sobre a minha cabeça, não acha?’

Sem dar atenção ao que dizia, perguntei se havia algo mais que eu pudesse fazer por ele.

‘Sim; darei-lhe outra oportunidade de mostrar magnanimidade cristã’, ele zombou: ‘ajuste meu travesseiro e estes malditos lençóis.’ Assim o fiz. ‘Agora: traga-me outro copo daquela lavadura.’ Assim obedeci. ‘Isto é delicioso, não é?’, ele disse com um sorriso malicioso, enquanto eu segurava o copo em seus lábios, ‘você nunca esperou por tal gloriosa oportunidade?’

‘Agora, devo ficar com você?’ eu disse, enquanto recolocava o copo sobre a mesa: ‘ou ficará mais tranquilo se eu me for e enviar a enfermeira?’

‘Oh, sim, você é maravilhosa, gentil e dedicada! Mas me levou à loucura com tudo isso!’, ele respondeu, com um impaciente agitar.

‘Deixarei-o, então’, eu disse; e me retirei, e não o incomodei com minha presença novamente naquele dia, exceto por alguns minutos, apenas para ver como ele estava e o que ele queria.

Na manhã seguinte, o médico ordenou que ele fosse sangrado; e depois disso, ele estava mais subjugado e tranquilo. Passei metade do dia em seu quarto, em intervalos diferentes. Minha presença não pareceu agitar ou irritá-lo como antes, e ele aceitou meus serviços calmamente, sem nenhum comentário amargo: de fato, ele mal falou, exceto para comunicar suas vontades e pouco mais, então. Mas, no dia seguinte, que seja dito, na proporção em que ele se recuperava do estado de exaustão e abatimento, sua má natureza pareceu reviver.

‘Oh, esta doce vingança!’ ele exclamou, quando fiz tudo o que podia para fazê-lo confortável e para remediar a indiferença de sua enfermeira. ‘E você pode apreciar com a consciência bem tranquila, também, porque é tudo à guisa do dever.’

‘É bom para mim que eu esteja cumprindo meu dever’, eu disse, com uma amargura que não podia reprimir, ‘pois é o único conforto que tenho; e a satisfação de minha própria consciência, parece, é a única recompensa que preciso procurar!’

Ele pareceu bem surpreso com a sinceridade de minhas maneiras.

‘Qual recompensa você precisa procurar?’, ele perguntou.

‘Você achará que sou uma mentirosa se eu lhe disser; mas realmente esperava ajudá-lo: também melhorar sua mente, como para aliviar seus atuais sofrimentos; mas parece que não consigo nenhum dos dois; seu próprio mau espírito não me permite. No que tange a você, tenho sacrificado meus sentimentos e todo o pequeno conforto mundano que me restou, para nenhum propósito; e cada pequena coisa que faço por você é atribuído à malícia autojustificada e à refinada vingança!’

‘Está tudo muito bem, ousei dizer’, ele falou, olhando com uma estúpida surpresa; ‘e, claro, devo derreter-me em lágrimas de penitência e de admiração por ver tanta generosidade e bondade sobre-humanas; mas você vê que não consigo. Contudo, por favor, me faça todo o bem que puder, se realmente encontrar algum prazer nisso; pois percebe que estou quase tão miserável quanto você gostaria de me ver. Desde que chegou, confesso, fui melhor cuidado do que antes, pois esses infelizes me negligenciaram vergonhosamente e todos os meus velhos amigos parecem ter me abandonado por completo. Passei por momentos pavorosos, lhe asseguro: às vezes, penso que deveria ter morrido: você acha que há alguma chance?’

‘Sempre há uma chance de morrer; e é sempre apropriado viver com tal perspectiva em vista.’

‘Sim, sim! Mas você acha que há alguma probabilidade de que esta doença tenha um fim fatal?’

‘Não posso dizer; mas, supondo que sim, como você está preparado para enfrentar o evento?’

‘Ora, o doutor me disse que não deveria pensar nisso, pois eu estava certo de melhorar se seguisse seu regime e suas prescrições.’

‘Espero que você possa, Arthur; mas nem o médico, nem eu, podemos falar com certeza de tal caso; há uma ferida interna e é difícil saber sua gravidade.’

‘Agora essa! Você quer me assustar por completo!’

‘Não; mas não quero embalá-lo em falsa segurança. Se a consciência da incerteza da vida pode lhe dispor pensamentos sérios e úteis, eu não lhe

privaria do benefício de tais reflexões, caso eventualmente se recupere ou não. A ideia da morte o amedronta tanto assim?

‘É a única coisa apenas que não consigo suportar pensar; assim, se você tiver alguma...’

‘Mas ela deve vir em algum momento’, interrompi, ‘e seja daqui há alguns anos, certamente ela se apoderará de você como se viesse hoje – e, sem dúvida, será tão indesejada então como agora, a menos que você...’

‘Oh, para os diabos! Não me atormente com suas pregações agora, a não ser que queira me matar imediatamente. Não suporto isso, lhe digo. Já sofri o bastante sem isso. Se você acha que há riscos, salve-me deles; e então, em gratidão, escutarei o que você quiser me dizer.’

Abandonei o assunto conforme ele queria. E agora, Frederick, acho que devo encerrar esta carta. A partir desses detalhes, você pode formar seu próprio julgamento do estado do meu paciente e de minha própria posição e panorama futuro. Deixe-me saber sobre você logo e escreverei novamente para lhe contar como seguimos; mas, agora que minha presença é tolerada e mesmo requerida, no quarto do doente, terei muito pouco tempo para passar entre meu marido e meu filho – pois não devo negligenciar este último por completo: não faria bem mantê-lo sempre com Rachel e não ousa deixá-lo por um momento com qualquer um dos criados, ou que ele fique sozinho, para que não os encontre. Se o pai dele piorar, pedirei para que Esther Hargrave cuide dele por algum tempo, até que eu tenha reorganizado a criadagem, por fim; mas preferiria muito mantê-lo debaixo dos meus próprios olhos.

Encontro-me em uma situação singular: estou me esforçando ao máximo para promover a recuperação e a reforma de meu marido e, se conseguir, o que deverei fazer? Meu dever, claro – mas como? Não importa; posso executar a tarefa que está diante de mim agora e Deus me dará a força para fazer o que Ele exigir, de agora em diante. Adeus, querido Frederick.

HELEN HUNTINGDON

‘O que você acha disso?’ perguntou Lawrence, enquanto eu silenciosamente dobrava de novo a carta.

‘Parece-me’, respondi, ‘que ela está lançando suas pérolas aos porcos. Que eles se satisfaçam ao esmagá-las com seus pés e não voltem a despedaçá-la outra vez! Mas nada mais devo dizer contra ela: vejo que ela age pelos melhores e mais nobres motivos no que tem feito; e, se o ato não é o mais sábio, possa o céu protegê-la de suas consequências! Posso guardar esta carta, Lawrence? – você vê que ela não me menciona em toda a sua extensão – ou fez a mais distante alusão a mim; portanto, não há impropriedade ou mal nisso.’

‘E, portanto, por que você deseja mantê-la?’

‘Não foram estas letras escritas pela mão dela? E não foram estas palavras concebidas pela sua mente e muitas delas ditas por entre os seus lábios?’

‘Bem’, ele disse. E assim, a manteve; caso contrário, Halford, você nunca poderia ter conhecido todo o seu conteúdo.

‘E, quando você escrever’, eu disse, ‘terá a bondade de perguntá-la se posso ser permitido a revelar para minha mãe e minha irmã a real história e a circunstância, apenas o necessário para tornar a vizinhança sensível à vergonhosa injustiça que fizeram a ela? Não quero ternas mensagens, mas pergunte apenas isso, e diga-lhe que é um grande favor que ela poderia me fazer; e diga que – não, nada mais. Veja que sei o endereço e eu mesmo poderia escrever para ela, mas sou muito virtuoso para não fazê-lo.’

‘Bem, farei isso por você, Markham.’

‘E, tão logo quanto receba uma resposta, você me dirá?’

‘Se tudo correr bem, eu mesmo irei e lhe contarei imediatamente.’

[1] “Oh no, we never mention her/her name is never heard/my lips are no forbid to speak/that once familiar word”. Trecho de “Oh! No! We never mention her”, canção composta por Thomas Hayles Bayly (1797-1839), escritor inglês, e que se tornou muito popular em sua época.

CAPÍTULO XLVIII

Cinco ou seis dias depois disso, o Sr. Lawrence nos deu a honra de uma visita; e, quando eu e ele estávamos sozinhos – o que planejei o mais rápido possível, ao levá-lo para observar meu estoque de milho – ele me mostrou outra carta de sua irmã. Ele estava muito desejoso de submetê-la à minha longa observação; ele pensou, suponho, que me faria bem. A única resposta que dava à minha mensagem era esta:

‘O Sr. Markham tem a liberdade de fazer as revelações relativas a mim que ele julgar necessárias. Ele saberá que desejo que pouco seja dito sobre o assunto. Espero que ele esteja bem; mas peça a ele que não mais pense em mim.’

Posso lhe contar alguns trechos do restante da carta, pois fui permitido a guardar esta também – talvez, como um antídoto contra todas as perniciosas esperanças e imaginações.

* * * * *

Ele está decididamente melhor, mas muito abatido pelos efeitos depressivos de sua doença e pelo estrito regime que é obrigado a respeitar – tão oposto a todos os seus antigos hábitos. É deplorável ver quanto sua vida egressa degenerou sua uma vez nobre constituição e viciou todo o sistema de sua organização. Mas o médico diz que ele pode ser considerado como fora de perigo, se continuar a seguir as restrições necessárias. Ele deve ter alguns estimulantes, mas criteriosamente diluídos e usados com moderação; e, tenho muita dificuldade em mantê-lo assim. Primeiro, seu medo extremo da morte tornou a tarefa muito fácil; mas, na proporção em que ele sente que seu agudo sofrimento diminui e vê o perigo se afastar, mais intratável ele se torna. Agora, também, seu apetite por comida está começando a reaparecer; e aqui, também, seus antigos hábitos de autoindulgência estão enormemente contra ele. Eu o vigio e o refreio o melhor que posso, e com frequência sou amargamente ofendida pela minha rígida severidade; e, às vezes, ele se esforça para enganar minha vigilância e, em outras, age em oposição à minha vontade. Mas ele está tão completamente reconciliado com meu cuidado em geral, que nunca está

satisfeito quando não estou por perto. Sou obrigada a ser um pouco dura com ele, às vezes ou ele me faria uma completa escrava; e sei que seria uma fraqueza imperdoável desistir de todos os outros interesses por ele. Tenho criados para supervisionar e meu pequeno Arthur para cuidar – e a minha própria saúde, também, e tudo isso seria completamente negligenciado se eu fosse satisfazer suas exorbitantes exigências. Geralmente não fico com ele à noite, pois acho que a enfermeira que tem feito isso é melhor qualificada para tais tarefas do que eu; - mas ainda, uma noite de descanso ininterrupta é o que eu mais raramente tenho apreciado, e nunca conto com isso; pois meu paciente não tem escrúpulos em me chamar em tais horas quando suas necessidades ou fantasias requerem minha presença. Mas ele está evidentemente temeroso de meu desprazer; e, se em um momento ele testa minha paciência com suas irracionais cobranças, e suas irascíveis reclamações e reprovações, em outro me deprime com sua abjeta submissão e depreciativa autodegradação, quando teme ter ido muito longe. Mas posso perdoar prontamente tudo isso; sei que é principalmente o resultado de sua constituição debilitada e nervos em desordem. O que mais me perturba são suas tentativas ocasionais de afetuosa paixão, que não posso nem dar crédito e retribuir; não que eu o odeie: seus sofrimentos e meu próprio meticuloso cuidado têm lhe dado alguma pretensão à minha estima – mesmo à minha afeição, apenas se ele pudesse ser tranquilo e sincero, e contente em deixar as coisas como estão; mas quanto mais ele tenta se reconciliar, mais recuo dele e do futuro.

‘Helen, o que você pretende fazer quando eu estiver bem?’, ele perguntou nesta manhã. ‘Você fugirá de novo?’

‘Depende totalmente de sua conduta.’

‘Oh, serei muito bom.’

‘Mas se achar necessário deixá-lo, Arthur, não deverei “fugir”: você sabe que tenho a sua própria promessa de que posso ir quando eu bem quiser e levar meu filho comigo.’

‘Oh, mas você não terá motivos.’ E então, seguiu-se uma variedade de confissões que eu preferi interromper friamente.

‘Você não me perdoará, então?’, ele disse.

‘Sim – eu o perdoei: mas não pode me amar como amou, uma vez – e eu lamentaria muito se pudesse, pois não pretendo retribuí-lo; então, mudemos de assunto e nunca voltemos a ele novamente. Pelo o que tenho feito por você, é possível julgar o que farei – se não for incompatível com o dever que tenho com meu filho (maior, porque ele nunca prevaricou em suas pretensões e porque espero fazer mais bem a ele do que sempre poderei a você); e, se deseja que eu me sinta bondosa para consigo, são atos, e não palavras, que devem comprar minha afeição e estima.’

Sua única resposta a isso foi uma leve careta e um pouco perceptível dar de ombros. Ah, homem infeliz! As palavras, para ele, são muito mais baratas do que atos; foi como se eu tivesse dito, ‘Muito dinheiro, não pouco, devem comprar o artigo que você deseja’. E, então, ele soltou um suspiro lamuriante, de autocomiseração, como se em puro arrependimento ele, o amado e cortejado por tantos fiéis, devesse ser, agora, abandonado à misericórdia de uma mulher severa, exigente e insensível como aquela, e mesmo feliz da bondade que ele decidiu lhe investir.

‘É uma pena, não é?’, eu disse; e, se eu adivinhei acertadamente seus pensamentos ou não, a observação aderiu aos seus pensamentos, pois ele respondeu – ‘Não pode ser evitado’, com um pesaroso sorriso pela minha perspicácia.

* * * * *

Vi Esther Hargrave duas vezes. Ela é uma criatura encantadora, mas seu espírito jovial está quase partido e seu doce temperamento, quase estragado, pelas ainda incessantes perseguições de sua mãe a favor de seu rejeitado pretendente – não violentas, mas cansativas e contínuas como um pingar ininterrupto. A desnaturada mãe parece determinada a fazer da vida de sua filha um fardo, caso ela não ceda aos seus desejos.

‘Mamãe faz tudo o que ela pode’, ela disse, ‘para me fazer sentir um fardo e um encargo à família, e a mais ingrata, egoísta e irresponsável filha que jamais nasceu; e Walter, também, é tão rígido, frio e arrogante como se ele me odiasse por completo. Acredito que eu teria cedido de uma vez se soubesse, desde o início, quanta resistência isso teria me custado; mas, agora, por pura obstinação, eu resistirei!’

‘Um mau motivo para uma boa decisão’, respondi. ‘Mas, contudo, você sabe que tem motivos melhores, realmente, para perseverar: e eu a aconselho a mantê-los ainda em vista.’

‘Confie-me, irei. Ameaço mamãe, às vezes, que fugirei e desgraçarei a família ao ganhar meu próprio sustento, caso ela continue me atormentando; e, então, isso a assusta um pouco. Mas eu farei isso, com boa sinceridade, se eles não se importarem.’

‘Fique tranquila e tenha paciência por um tempo’, eu disse, ‘e tempos melhores virão.’

Pobre garota! Gostaria que alguém, digno de possuí-la, viesse e a levasse – você não, Frederick?

* * * * *

Se a leitura dessa carta me encheu de desânimo pela vida futura de Helen, e pela minha, havia uma grande fonte de consolo: estava agora em meu poder limpar seu nome de toda a calúnia e difamação. Os Millward e os Wilson deveriam ver com seus próprios olhos, o sol a brilhar por entre as nuvens – e eles deveriam ser bronzeados e ofuscados por seus raios; - e meus próprios amigos também deveriam vê-lo – aqueles, cujas suspeitas foram amargas e desgostosas à minha alma. Para tal fim, eu apenas tinha de lançar a semente ao solo e logo se tornaria uma árvore imponente e cheia de galhos: poucas palavras para a minha mãe e para a minha irmã, eu sabia, seriam suficientes para espalhar as notícias por toda a vizinhança, sem qualquer outro esforço de minha parte.

Rose estava deliciada; e, tão logo eu lhe contara tudo o que julgara apropriado – que era tudo o que aparentava saber – ela correu com rapidez para colocar sua touca e seu xale, e se apressou a levar as boas novas aos Millward e aos Wilson – boas notícias, suspeito, a ninguém além dela e de Mary Millward – aquela rígida e sensível garota cujo genuíno valor fora tão rapidamente percebido e devidamente apreciado pela suposta Sra. Graham, apesar de sua modesta aparência; e quem, de sua parte, fora a mais capaz de ver e apreciar o verdadeiro caráter e as qualidades daquela dama, do que os gênios mais brilhantes entre elas.

Como é possível que eu não tenha mais oportunidades de mencioná-la novamente, posso também lhe dizer aqui que ela estava, naquele momento, privadamente comprometida com Richard Wilson – um segredo, acredito, para todos menos para eles próprios. Aquele honrado estudante estava agora em Cambridge, onde sua mais exemplar conduta e sua diligente perseverança em busca do saber o levaram em segurança para lá, e conseqüentemente o trouxeram de volta com honras duramente conquistadas e com uma reputação ilibada, ao final de sua carreira acadêmica. No tempo devido, ele se tornou o primeiro e único pároco do Sr. Millward – pois os anos declinantes daquele senhor o forçaram, por fim, a reconhecer que os deveres de sua ampla paróquia eram um pouco demais para aquelas alardeadas energias das quais ele estava acostumado a se jactar sobre sua mais jovem e menos ativa irmandade de hábito. Isto era o que os pacientes e fervorosos enamorados tinham planejado em segredo e tranquilamente aguardado anos a fio; e, na hora certa, eles se uniram, para a surpresa do pequeno mundo onde viviam, que há muito os declarara nascidos para a solteirice; afirmando ser impossível que o pálido e recluso devorador de livros pudesse sequer juntar coragem para buscar uma esposa ou ser capaz de obter uma, caso tentasse, e igualmente impossível que a modesta, fácil de lidar, sem atrativos e inamistosa Srta. Millward devesse mesmo encontrar marido.

Eles ainda continuaram a viver no vicariato, a dama dividindo seu tempo entre seu pai, seu marido e os pobres paroquianos – e, subsequentemente, sua própria crescente família; e agora que o Reverendo Michael Millward juntou-se aos seus pais, cheio de anos e de honras, o Reverendo Richard Wilson lhe sucedeu ao vicariato de Linden-hope, muito para a satisfação de seus habitantes, que há muito testaram e comprovaram totalmente seus méritos, e aqueles de sua excelente e bem amada companheira.

Se você estiver interessado no que se deu com a irmã dessa dama, apenas posso lhe contar – o que, talvez, você já tenha ouvido em outras paragens – que há uns doze ou treze anos, ela aliviou o feliz casal de sua presença ao se casar com um rico comerciante de L...; e eu não invejo sua barganha. Temo que ela o conduza para uma vida bem desconfortável, embora, felizmente, ele seja muito estúpido para perceber todo o seu

infortúnio. Tenho muito pouco o que ver com ela: não nos encontramos por muitos anos; mas, estou bem certo, ela ainda não esqueceu ou perdoou seu antigo enamorado, ou a dama cujas qualidades superiores primeiro abriu os olhos dele à insensatez de sua relação juvenil.

Quanto à irmã de Richard Wilson, ela, tendo sido totalmente incapaz de reconquistar o Sr. Lawrence ou de obter algum companheiro rico e elegante o bastante para combinar com suas ideias de como o marido de Jane Wilson deve ser, ainda está solteirona. Logo depois da morte de sua mãe, ela retirou à luz de sua presença de Ryecote Farm, descobrindo ser impossível resistir mais aos rudes modos e os vulgares hábitos de seu honesto irmão, Robert, e sua valiosa esposa, ou à ideia de ser identificada com pessoas tão vulgares aos olhos do mundo e se abrigou em – a cidade do condado, onde ela vivia e ainda vive, suponho, em um tipo de sovino, frio e desconfortável requinte, não fazendo o bem aos outros e ainda, pouco para si mesma; passando seus dias em trabalhos ilusórios e em escândalos; referindo-se frequentemente ao seu ‘irmão, o vigário’ e à sua ‘irmã, a dama do vigário’, mas nunca ao seu irmão, o fazendeiro e à sua irmã, a esposa do fazendeiro; vendo tantas companhias quanto ela pode, sem muito custo, mas não amando ninguém e sem ser amada por ninguém – uma insensível, arrogante, mordaz, insidiosa e repressora velha senhora.

CAPÍTULO XLIX

Embora a saúde do Sr. Lawrence estivesse bem reestabelecida, agora, minhas visitas à Woodford eram tão ininterruptas quanto nunca; embora, frequentemente, menos demoradas do que antes. Raramente falávamos sobre a Sra. Huntingdon; mas, ainda, nunca nos encontrávamos sem mencioná-la, pois eu nunca buscava sua companhia senão com a esperança de saber algo sobre ela e ele nunca buscou a minha, porque me via com regularidade, mesmo sem o fazer. Mas sempre começava falando sobre outras coisas, esperando primeiro para ver se ele tocava no assunto. Se ele não o fizesse, eu perguntava casualmente, ‘Você sabe de alguma coisa de sua irmã, ultimamente?’; se ele dissesse ‘Não’, o assunto morria: se ele dissesse ‘Sim’, eu me aventurava a perguntar, ‘Como ela está?’, mas nunca ‘Como está seu marido?’, apesar de poder estar morrendo de curiosidade; porque não era hipócrita para confessar ansiedade pela sua recuperação e não tinha coragem de expressar nenhum desejo por um resultado contrário. Tinha eu tal desejo? – temo confessar minha culpa; mas, já que você sabe de minha confissão, deve ouvir sua justificativa também – algumas desculpas, pelo menos, com as quais busco pacificar minha própria consciência acusadora.

Em primeiro lugar, veja você, sua vida fez mal a outros e, evidentemente, nenhum bem a ele próprio; e, embora eu gostaria que ele morresse, não teria apressado seu final se, pelo erguer de um dedo, pudesse tê-lo feito ou se um espírito tivesse sussurrado em meu ouvido que um único esforço intencional seria o bastante – a menos, claro, eu tivesse o poder de trocá-lo por alguma outra vítima fatal, cuja vida pudesse ser útil a esta raça e cuja morte seria lamentada pelos seus amigos. Mas havia algum mal em desejar isso, entre os muitos milhares cujas almas certamente seriam requisitadas antes de que o ano terminasse, que umas delas fosse a desse arruinado mortal? Acho que não; e, portanto, desejava com todas as minhas forças que fosse do agrado do céu removê-lo para um mundo melhor ou, caso não fosse, ainda tirá-lo desta; pois, se ele ainda não estava pronto para atender ao chamado agora, depois de uma doença que lhe foi como aviso e com tal anjo ao seu lado, parecia muito certo que ele nunca estaria – pois, pelo contrário, a saúde lhe retornando traria de volta a luxúria e a

maldade, e enquanto sua recuperação se tornava mais evidente, mais acostumada à generosa bondade dela, seus sentimentos se faziam mais insensíveis, seu coração, mais cruel e impenetrável aos persuasivos argumentos dela – porém, Deus sabia que não. Enquanto isso, contudo, eu apenas poderia ficar ansioso pelo resultado de Seus decretos; sabendo, como eu, que (deixando eu mesmo completamente fora de questão), embora Helen pudesse sentir interesse pelo bem-estar do marido, ainda ela deplorava o destino dele e enquanto ele vivesse, ela deveria estar miserável.

Uma quinzena se passou e minhas perguntas eram sempre respondidas com uma negativa. Por fim, um bem-vindo ‘sim’ extraiu de mim a segunda questão. Lawrence adivinhou meus ansiosos pensamentos e apreciou minha reserva. Temi, primeiramente, que ele fosse me torturar com respostas insatisfatórias e ou me deixaria no escuro com relação ao que eu queria saber, ou me forçaria a arrancar as informações dele, pouco a pouco, por meio de perguntas diretas. ‘E lhe cairá bem’, dirá você; mas ele era mais misericordioso; e, em pouco tempo, colocou a carta de sua irmã em minhas mãos. Eu a li em silêncio e a devolvi sem comentários ou observações. Este modo de proceder se adequou muito bem a ele, pois desde então sempre me mostrou suas cartas de uma vez, quando ‘inquirido’ sobre ela, se houvesse alguma a mostrar – era muito menos incômodo do que dizer seu conteúdo; e eu recebia tais confidências tão silenciosa e discretamente que ele nunca precisou parar de fazê-lo.

Porém, eu devorava aquelas preciosas cartas com meus olhos e nunca as entregava até que seu conteúdo estivesse gravado em minha memória; e, quando voltava para casa, as passagens mais importantes eram escritas em meu diário, entre os eventos notáveis do dia.

A primeira destas missivas trouxe informações sobre uma séria recaída na doença do Sr. Huntingdon, totalmente o resultado de sua própria obsessão em persistir na indulgência de seu apetite pelas bebidas estimulantes. Ela lhe reprovava em vão e, em vão, ela misturara seu vinho com água; seus argumentos e rogos eram um estorvo, sua interferência um insulto tão intolerável que, por fim, ao descobrir que ela ocultamente diluía o claro porto que lhe fora trazido, ele jogou a garrafa pela janela, jurando que não seria enganado como a uma criança, chamou o mordomo e, sob pena de demissão, ordenou que trouxesse uma garrafa do vinho mais forte

na adega, e afirmando que estaria melhor há muito tempo se lhe deixassem agir de seu próprio modo, mas que ela queria mantê-lo fraco para controlá-lo – mas que, pelo Lord Harry, ele não seria mais tapeado – agarrou uma taça, em uma mão, a garrafa em outra e não descansou até que ele tivesse secado a garrafa. Alarmantes sintomas foram o resultado imediato de sua ‘imprudência’, como ela suavemente chamou – sintomas que têm aumentado, ao invés de diminuir, desde então; e esta era a causa de seu atraso em escrever ao seu irmão. Cada traço anterior de sua enfermidade voltara com maior virulência: a menor ferida externa, meio curada, irrompera fresca; inflamações internas ocorreram, que poderiam terminar fatalmente se não logo removidas. Claro, o temperamento do arruinado sofredor não melhorou com tal calamidade – na verdade, suspeito que era bem quase intolerável, embora sua bondosa enfermeira não reclamasse; mas ela disse que fora obrigada, por fim, a dar seu filho para que Esther Hargrave cuidasse, pois sua presença era constantemente exigida no quarto do enfermo e ela não poderia, possivelmente, tomar conta dele ela mesma; e embora a criança tenha implorado que lhe fosse permitido continuar com ela lá e a ajudá-la a cuidar de seu pai, e embora ela não tivesse dúvida de que ele teria sido bom e tranquilo, ela não poderia pensar em sujeitar seus juvenis e ternos sentimentos à visão de tanto sofrimento ou permitir que ele testemunhasse a impaciência de seu pai ou ouvisse a terrível linguagem que ele estava acostumado a usar em seus acessos de dor ou de irritação.

O último (continuava ela) lamenta muito profundamente o passo que ocasionara sua recaída; mas, como sempre, ele joga a culpa em mim. Se eu tivesse o persuadido, como uma criatura racional, ele diz, isso nunca teria acontecido; mas ser tratado como um bebê ou um tolo foi o suficiente para colocar qualquer homem além de sua paciência e levá-lo a asseverar sua independência mesmo ao sacrifício de seu próprio interesse. Ele esquece quão frequentemente eu o persuadi ‘além de sua paciência’, antes. Ele parece estar sensível ao perigo; mas nada pode convencê-lo a observar pelo ângulo apropriado. Na noite anterior, enquanto eu cuidava dele e justo quando tinha lhe levado uma dose para amenizar sua ardente sede, ele observou, com um retorno de seu antigo amargor sarcástico, ‘Sim, você está muito atenciosa, agora! Suponho que não há nada que não faria por mim, agora?’

‘Você sabe’, disse eu um pouco surpresa com seus modos, ‘que estou deseiosa de fazer qualquer coisa para aliviá-lo.’

‘Sim, agora, meu imaculado anjo; mas, quando tiver assegurado sua recompensa e se encontrar segura no céu, e eu uivando no fogo do inferno, nunca erguerá um dedo para me servir, então! Não, você olhará complacentemente para a frente e sequer mergulhará a ponta de seu dedo na água para esfriar minha língua!’

‘Se assim for, será por causa do grande abismo que não poderei ultrapassar; e, se puder olhar com complacência adiante, em tal caso, será apenas pela certeza de que você estará sendo purificado dos seus pecados e sendo preparado para apreciar a felicidade que eu senti. – Mas você está determinado, Arthur, de que eu não deva encontrá-lo no paraíso?’

‘Humpf! E o que eu deveria fazer lá, deverei gostar de saber?’

‘De fato, não posso dizer; e temo que seja muito certo que seus gostos e sentimentos sejam amplamente alterados antes que possa ter algum prazer lá. Mas você prefere se afundar, sem um esforço, no estado de tormenta em que se imagina?’

‘Oh, é tudo uma fábula’, ele disse, desdenhosamente.

‘Você está seguro, Arthur? Você está bem seguro? Porque, se houver alguma dúvida e caso se descubra enganado depois de tudo, quando for muito tarde para voltar...’

‘Seria muito embaraçoso, esteja certa’, ele disse; ‘mas não me incomode agora – não irei morrer, ainda. Não posso e não irei’, ele acrescentou veementemente, como se subitamente atingido pelo apavorante aspecto do terrível evento.

‘Helen, você tem de me salvar!’ E ele agarrou minha mão com sinceridade e olhou para o meu rosto com tamanha implorante ansiedade que meu coração sangrou por ele e não pude falar pelas lágrimas.

* * * * *

A carta seguinte informava que a enfermidade piorou rapidamente; e o horror do pobre sofredor pela morte era ainda mais penoso do que sua impaciência com a dor física. Nem todos os seus amigos tinham lhe

abandonado; pois o Sr. Hattersley, sabendo de seu perigo, viera vê-lo de seu distante lar, ao norte. Sua esposa o acompanhara, tanto pelo prazer de ver sua querida amiga, de quem ela havia se separado há tanto tempo, quanto para visitar sua mãe e sua irmã.

A Sra. Huntingdon se mostrara contente por ver Milicent mais uma vez e satisfeita por observá-la tão feliz e bem. Ela está agora em Grove, continuava a carta, mas me visita constantemente. O Sr. Hattersley passa muito de seu tempo ao lado da cama de Arthur. Com mais bons sentimentos do que eu lhe atribuiria, ele extrai considerável simpatia pelo seu infeliz amigo e é bem mais desejoso do que capaz em servi-lo. Às vezes, ele tenta gracejos e ri com ele, mas isso não basta; às vezes, ele se esforça em alegrá-lo com conversas sobre os velhos tempos, e isso, em um momento, serve para distrair o sofredor de seus próprios pensamentos tristes; em outro, apenas o afunda em uma melancolia mais profunda do que antes; e então Hattersley se confunde e não sabe o que dizer, a menos que seja uma tímida sugestão de que se solicite a presença do clérigo. Mas Arthur nunca consentiria a isso: ele sabe que rejeitou as bem-intencionadas admoestações do clérigo com escarnecida leviandade em outras ocasiões e, agora, sequer pode sonhar em recorrer a ele em busca de consolo.

O Sr. Hattersley às vezes oferece seus serviços ao invés dos meus, mas Arthur não me deixará ir: aquele estranho capricho aumenta enquanto sua força se esvai – a fantasia de sempre ter a mim ao seu lado. Eu quase nunca o deixo, exceto para ir ao quarto ao lado, onde às vezes consigo dormir uma hora ou mais quando ele está tranquilo; mas mesmo assim a porta fica aberta, para que ele saiba que estarei ao seu alcance quando chamar. Estou com ele agora, enquanto escrevo e temo que essa ocupação o perturbe; embora eu frequentemente interrompa para cuidar dele e embora o Sr. Hattersley esteja também ao seu lado. Aquele cavalheiro veio, como ele disse, para implorar um descanso para mim, para que eu possa ir ao parque, nesta bela manhã gélida, com Milicent, Esther e o pequeno Arthur, quem ele tinha levado para me ver. Nosso pobre inválido evidentemente sentiu que era uma insensível proposta e a teria sentido ainda mais insensível em mim se eu a aceitasse. Portanto, eu disse que sairia e conversaria com eles por um minuto, e então voltaria. Troquei algumas palavras com eles, bem do lado de fora do pórtico, inalando o ar fresco e

estimulante enquanto ali estava e então, resistindo aos pedidos sinceros e eloquentes dos três, para que ficasse um pouco mais e me juntasse a eles para um passeio no jardim, separei-me e voltei ao meu paciente. Não estive ausente por cinco minutos, mas ele me reprovou com amargura pela minha leviandade e pelo abandono. Seu amigo defendeu a minha causa.

‘Não, não, Huntingdon’, ele disse, ‘você é muito duro com ela; ela deve comer e dormir, e respirar um pouco de ar fresco de vez em quando ou não conseguirá aguentar, eu lhe digo. Olhe para ela, rapaz! Ela já se reduziu a uma sombra.’

‘O que são os sofrimentos dela perto dos meus?’ disse o pobre inválido. ‘Você não tem lamenta esses cuidados por mim, não é Helen?’

‘Não, Arthur, se eu realmente lhe puder servir com eles. Eu daria a minha vida para salvá-lo, se eu pudesse.’

‘Daria, mesmo? Não!’

‘De muito bom grado.’

‘Ah! É porque você se acha mais pronta para morrer!’

Houve uma dolorosa pausa. Ele estava, evidentemente, imerso em sombrias reflexões; mas, enquanto eu ponderava por algo a dizer, que pudesse ajudar sem alarmá-lo, Hattersley, cuja mente estava prossequindo quase na mesma direção, quebrou o silêncio com ‘Eu digo, Huntingdon, que chamaria um pároco de algum tipo: se você não gosta do vigário, sabe, poderia chamar o cura ou outra pessoa.’

‘Não; nenhum deles pode me ajudar, se ela não puder’, foi a resposta. E as lágrimas jorraram de seus olhos enquanto ele sinceramente exclamava, ‘Oh, Helen, se eu tivesse lhe ouvido, isso nunca chegaria a este ponto! E, se eu lhe tivesse ouvido há muito antes – oh, Deus! Quão diferente teria sido!’

‘Escute-me agora, então, Arthur’, eu disse, apertando sua mão gentilmente.

‘É muito tarde, agora’, ele disse, desanimado. E, depois disso, outro acesso de dor se lhe acometeu; e então sua mente começou a delirar e tememos que sua morte estivesse se aproximando: mas um analgésico lhe foi administrado: seus sofrimentos começaram a diminuir, ele gradualmente se tornou mais composto e, por fim, afundou-se em uma espécie de sono.

Ele tem estado mais tranquilo, desde então; e agora Hattersley o deixou, expressando a esperança de que o encontrará melhor quando visitá-lo amanhã.

‘Talvez eu possa me recuperar’, ele replicou; ‘quem sabe? Esta pode ter sido a crise. O que você acha, Helen?’ Não querendo deprimi-lo, dei a mais estimulante resposta que poderia, mas ainda lhe recomendei que se preparasse para a possibilidade do que eu apenas temia ser a mais certa. Mas ele estava determinado a ter esperança. Logo depois, recaiu em um tipo de modorra, mas agora ele geme de novo.

Há uma mudança. Repentinamente ele me chamou ao seu lado, com uma maneira estranha e agitada, que eu temi ser de delírio, mas não era. ‘Aquela era a crise, Helen!’, ele disse, deliciado. ‘Eu tinha uma dor infernal aqui – e já quase se foi, agora. Nunca me senti tão tranquilo desde a queda – quase se foi, pelos céus!’, e ele agarrou e beijou minha mão com todo o seu coração; mas descobrindo que eu não compartilhava de sua alegria, ele logo a lançou dele e, amargamente, amaldiçoou minha frieza e minha insensibilidade. Como eu poderia responder? Ajoelhado-me ao seu lado, peguei sua mão e a apertei apaixonadamente contra meus lábios – pela primeira vez desde a nossa separação – e lhe disse, tão bem quanto as lágrimas me deixavam, que não era isso o que me mantinha em silêncio: era o medo de que tal súbita cessação da dor não era um sintoma tão favorável quanto ele supunha. Chamei o médico de imediato: estamos agora esperando por ele ansiosamente. Eu lhe contarei o que ele diz. Há, ainda, a liberdade da dor, a mesma insensibilidade à toda sensação onde o sofrimento era mais agudo.

Meus piores medos se realizaram: começou a mortificação. O doutor lhe disse que não há mais esperança. Nenhuma palavra pode descrever sua angústia. Já não posso mais escrever.

* * * * *

A seguinte era ainda mais aflita no teor de seu conteúdo. O enfermo estava se aproximando rapidamente da morte – arrastado quase ao vórtice daquele terrível abismo que ele tremia ao contemplar, do qual nenhuma agonia de rezas ou lágrimas poderia salvá-lo. Nada poderia confortá-lo,

agora; as rudes tentativas de Hattersley de consolá-lo eram em vão. O mundo era nada para ele: a vida e todos os seus interesses, suas triviais preocupações e transitórios prazeres, tudo era uma cruel zombaria. Falar do passado era torturá-lo com um vão remorso; referir-se ao futuro era aumentar sua angústia; e, ainda, ficar em silêncio era deixá-lo à mercê de seus próprios arrependimentos e apreensões. Frequentemente ele se estendia em trêmulas minúcias sobre o destino de seu corpo a perecer – a lenta e gradativa dissolução já invadindo sua composição: a mortalha, o caixão, a tumba escura e solitária, e todos os horrores da corrupção.

‘Se eu tentar’, disse sua aflita esposa, ‘afastá-lo destas coisas – erguer seus pensamentos para temas superiores, nada melhora: “Pior e pior!”, ele resmunga. “Se realmente houver vida depois da tumba e julgamento após a morte, como poderei enfrentá-lo?” – não posso lhe fazer nenhum bem; ele nunca será iluminado, nem estimulado, nem confortado por qualquer coisa que eu disser; e, ainda, ele se agarra à mim com inflexível teimosia – com um tipo de desespero infantil, como se eu pudesse salvá-lo do fim que ele teme. Ele me mantém dia e noite ao seu lado. Ele está segurando minha mão esquerda, agora, enquanto escrevo; ele a segura assim há horas: às vezes quieto, com o seu rosto pálido voltado para o meu: às vezes, agarrando meu braço com violência – as grandes gotas brotando de sua testa com os pensamentos do que ele vê ou acha que vê, diante dele. Se eu retiro minha mão por um momento, isso o aflige.

“Fique comigo, Helen”, ele diz; “Deixe-me segurar você assim: parece que o mal não pode chegar a mim enquanto estiver aqui. Mas a morte chegará – está vindo, agora – rápida, rápida! – e – oh!, se eu pudesse acreditar que não há nada, depois!”

“Não tente acreditar nisso, Arthur; há alegria e glória depois, se você tentar buscá-la!”

“O que, para mim?”, ele disse com algo como um sorriso. “Não devemos ser julgados de acordo com o que fazemos ao corpo? Qual é o sentido de uma existência em provação, se um homem pode passá-la como lhe convém, justamente contrário aos decretos de Deus e então ir ao paraíso com o melhor – se o pecador mais vil pode conquistar a recompensa do santo mais pio, apenas dizendo “Eu me arrependo!””

“Mas se você realmente se arrepende...”

“Não posso me arrepender; apenas temo.”

“Você apenas lamenta o passado pelas suas consequências a si mesmo?”

“Exatamente – exceto que lamento por tê-la enganado, Nell, porque você é muito boa para mim.”

“Pense na bondade de Deus e você só poderá se entristecer por tê-Lo ofendido.”

“O que é Deus? – Não posso vê-Lo ou ouvi-Lo. – Deus é apenas uma ideia.”

“Deus é Sabedoria Infinita, Poder e Bondade – e AMOR; mas, se essa ideia é muito ampla para as suas faculdades humanas – se sua mente se perde em sua avassaladora imensidão, fixe-se Nele que se condescendeu a se encarregar de nossa natureza, que se elevou ao céu mesmo em Seu glorificado corpo humano, em quem a totalidade da Divindade resplandece.”

‘Mas ele apenas meneou a cabeça e suspirou. Então, em outro acesso de trêmulo horror, ele aumentou o aperto em minha mão e em meu braço e, gemendo e se lamentando, ainda se agarrava a mim com aquela sinceridade insana e desesperada que tanto atormentava minha alma, porque eu sabia que não poderia ajudá-lo. Fiz meu melhor para aliviar e confortá-lo.

“A morte é tão horrível”, ele exclamou, “não posso suportar! Você não sabe, Helen – você não pode imaginar o que é, porque não a tem diante de si! E, quando eu for enterrado, você voltará aos seus velhos hábitos e será feliz como nunca, e mesmo o mundo seguirá tão atribulado e feliz quanto nunca fui; enquanto eu...” Ele irrompeu em lágrimas.

“Não é preciso que você se deixe afligir”, eu disse; “todos devemos segui-lo em breve.”

“Desejo a Deus que eu pudesse levar você comigo, agora”, ele exclamou: “você suplicaria por mim”.

“Nenhum homem pode libertar seu irmão, nem fazer qualquer acordo com Deus por ele”, eu repliquei: “custa mais redimir suas almas – custa o sangue de um Deus encarnado, perfeito e imaculado em Si mesmo, para nos redimir das amarras do mal:- deixe que Ele suplique por você.”

‘Mas pareço falar em vão. Ele já não mais, agora, como antes, ri de escárnio dessas abençoadas verdades: mas, ainda, ele não pode confiar ou compreendê-las. Ele não pode se estender o bastante. Ele sofre terrivelmente e também aqueles que cuidam dele. Mas não o atormentarei com mais detalhes: já disse o bastante, acho, para convencê-lo de que fiz bem em vir até ele.’

* * * * *

Pobre, pobre Helen! Terríveis, de fato, devem ter sido suas provações! E eu nada podia fazer para atenuá-las – não, parecia quase como se eu mesmo tivesse as lançado sobre ela, pelos meus secretos desejos; e, indiferentemente a olhar para os sofrimentos de seu marido ou os dela própria, parecia quase um julgamento sobre mim mesmo por ter acalentando tal desejo.

No dia posterior ao seguinte, outra carta chegou. Também foi colocada em minhas mãos, sem um comentário, e este é o seu conteúdo:

5 de dezembro

Ele se foi, por fim. Fiquei ao seu lado por toda a noite, com minha mão fortemente apertada à dele, observando as mudanças de seu semblante e escutando sua irregular respiração. Ele ficara em silêncio por um longo tempo e pensei que nunca falaria novamente, quando murmurou, débil porém distintamente – ‘Reze por mim, Helen!’

‘Rezarei por você, a cada hora e a cada minuto, Arthur; mas você deve rezar para si mesmo.’

Seus lábios se moveram, mas nenhum som foi emitido; - então, sua aparência se tornou desordenada; e, das palavras incoerentes e semiexpressadas que se lhe escapavam de tempos em tempos, supondo que ele estivesse inconsciente, gentilmente soltei minha mão da dele, pretendendo respirar um pouco de ar fresco, pois eu estava prestes a desmaiar: mas um movimento convulsivo de seus dedos e um ligeiramente sussurrado ‘Não me deixe!’, de imediato me fizeram retornar: peguei sua mão outra vez e a segurei até que ele não estivesse mais – e, então, desmaiei. Não foi de tristeza; era exaustão que, até então, eu havia sido capaz de combater com êxito. Oh, Frederick! Ninguém pode imaginar as

misérias, físicas e mentais, daquele leito de morte! Como pude resistir a pensar que aquela pobre e trêmula alma estava se apressando para o tormento eterno? Levaria-me à loucura. Mas, graças a Deus, tenho esperanças – não apenas de uma vaga dependência na possibilidade de que a penitência e o perdão possam ter chegado a ele, por fim, mas da abençoada confiança que, seja quais forem os purificadores fogos pelo quais o espírito errante possa ser condenado a passar – seja qual for o destino que o aguarda – ainda não está perdido e Deus, que nada odeia o que Ele fez, irá abençoá-lo ao final!

Seu corpo será consignado àquela escura tumba que ele tanto temia na quinta-feira; mas o caixão deve ser fechado o mais rápido possível. Se quiser comparecer ao funeral, venha rapidamente, pois preciso de ajuda.

HELEN HUNTINGDON.

CAPÍTULO L

Ao ler aquilo, não tive motivos para esconder minha alegria e minha esperança de Frederick Lawrence, pois nada tinha para me envergonhar. Não sentia alegria além daquela por sua irmã ter sido, por fim, libertada de seu trabalho aflitivo e opressivo – nenhuma esperança além da de que ela iria, com o tempo, se recuperar de seus efeitos e ser permitida a descansar em paz e tranquilidade, finalmente, pelo restante de sua vida. Senti uma dolorosa comiseração pelo seu infeliz marido (embora totalmente ciente de que ele acarretara cada partícula dos sofrimentos para si mesmo e que bem os mereceu) e uma grande simpatia pelas próprias aflições dela, e uma profunda ansiedade pelas consequências daquelas atormentadas preocupações, aquelas terríveis vigílias, aquele incessante e deletério confinamento ao lado de um cadáver ainda vivo – pois eu estava convencido de que ela não deu a entender nem a metade dos sofrimentos a que teve de resistir.

‘Você irá até ela, Lawrence?’, eu disse, enquanto lhe devolvia a carta.

‘Sim, imediatamente.’

‘Está certo! Deixarei-o, então, a se preparar para sua partida.’

‘Já o fiz, enquanto você lia a carta e antes de chegar; e a carruagem já está dando a volta até a porta.’

Intimamente aprovando sua prontidão, despedi-me dele com um bom dia e me retirei. Ele me deu um olhar investigativo enquanto apertávamos nossas mãos, ao nos separar; mas seja o que for que ele buscava em meu semblante, nada viu além da mais conveniente seriedade – poderia se misturar com um pouco de rigidez ao momentâneo ressentimento, que eu suspeitava estar se passando em sua mente.

Tinha eu esquecido meus próprios planos, meu ardente amor, minhas pertinazes esperanças? Parecia sacrilégio voltar a eles, agora, mas eu não os tinha esquecido. Era, contudo, com uma sombria sensação de turvação daqueles planos, a falácia daquelas esperanças e a futilidade daquela afeição, que eu refletia sobre aquelas coisas enquanto montava novamente em meu cavalo e, devagar, voltava para casa. A Sra. Huntingdon estava livre, agora; já não era mais um crime pensar nela – mas ela pensaria em mim?

Não agora – claro que não deveria se esperar isso – mas iria, depois que o choque passasse? Durante todo o curso de sua correspondência com seu irmão (nosso amigo mútuo, como ela mesma o chamou), ela nunca me mencionara, senão uma vez – e foi por necessidade. Esse fato isolado propiciava uma forte suspeita de que eu já tinha sido esquecido; ainda, isso não era o pior: poderia ser que o seu senso de dever a tivesse mantido em silêncio: ela poderia tentar esquecer; mas, além disso, eu tinha uma triste convicção de que a pavorosa realidade que tinha visto e sentido, sua reconciliação com o homem que, uma vez, ela amou, os terríveis sofrimentos e a morte dele, deveriam, finalmente, apagar de sua mente todos os traços de seu amor passageiro por mim. Ela poderia se recuperar desses horrores a ponto de restabelecer sua antiga saúde, sua tranquilidade, mesmo sua alegria – mas nunca para aqueles sentimentos que lhe pareciam, desde então, como uma fugaz fantasia, um sonho vão e ilusório; especialmente quando não havia ninguém para lembrá-la de minha existência – nenhum meio de assegurá-la de minha fervente constância, agora que estávamos tão distantes, e delicadamente me proibira de vê-la ou de escrevê-la, por meses a fio, por fim. E como eu poderia incumbir seu irmão, em meu interesse? Como eu poderia quebrar aquela gélida casca de tímida reserva? Talvez ele desaprovasse minha ligação agora, tão fortemente quanto antes; talvez ele me achasse muito pobre – de nascimento muito inferior, para se unir à sua irmã. Sim, havia outra barreira: sem dúvida havia uma ampla distinção entre a posição e as circunstâncias da Sra. Huntingdon, a dama de Grassdale Manor e aquela da Sra. Graham, a artista, a moradora de Wildfell Hall. E poderia ser julgado como minha pretensão pelo mundo, pelos amigos dela, se não por ela mesma, oferecer minha mão à primeira; uma pena que poderia desafiar, se eu estivesse certo de que ela me amava; mas, por outro lado, como eu poderia? E, finalmente, seu falecido marido, com seu habitual egoísmo, poderia ter elaborado seu testamento de forma a colocar barreiras para que ela se case novamente. Veja você, assim, que eu tinha razões o suficiente para me desesperar, caso escolhesse ceder a isso.

Não obstante, não foi sem um pequeno grau de impaciência que eu ansiava pelo retorno do Sr. Lawrence de Grassdale: impaciência que aumentava na proporção em que sua ausência se prolongava. Ele ficou longe por uns dez, doze dias. Estava tudo muito certo que ele se demorasse para consolar sua irmã, mas ele poderia ter escrito para dizer como ela estava ou,

pelo menos, para quando esperar seu retorno; pois poderia ter imaginado que eu passava por torturas de ansiedade por ela e incerteza quanto meus próprios planos para o futuro. E, quando ele retornou, tudo o que me disse sobre a seu respeito foi que ela estava muito exausta e desgastada pelos seus incessantes esforços no interesse daquele homem que fora o flagelo de sua vida e que a arrastou com ele até quase aos portais do túmulo, e estava ainda abalada e deprimida pelo seu melancólico fim e pelas circunstâncias em que aquilo se deu; mas nenhuma palavra referente a mim; nenhuma declaração de que meu nome sequer passara pelos seus lábios ou mesmo tenha sido dito na presença dela. Esteja certo de que eu não fiz nenhuma pergunta sobre o assunto; não poderia conduzir minha mente para assim fazer, acreditando, como eu acreditava, que Lawrence estava, de fato, avesso à ideia de minha união à sua irmã.

Percebi que ele esperava ser mais inquirido sobre sua visita e percebi também, com a aguçada percepção do ciúme desperto, ou da alarmada autoestima, ou por qualquer outro nome que eu deva chamá-la, que ele se retraía daquele iminente escrutínio e não estava menos satisfeito do que surpreso em descobrir que ele não chegava. Claro, eu estava ardendo de raiva, mas o orgulho me abrigou a suprimir meus sentimentos e a preservar uma aparência polida ou, pelo menos, uma calma estoica, durante toda a conversa. Ainda bem que o fiz, pois, ao revisar a questão por um julgamento mais sóbrio, devo dizer que teria sido muito absurdo e impróprio ter discutido com ele em tal ocasião. Devo confessar, também, que eu estava completamente equivocado sobre ele: a verdade era que ele gostava muito de mim, mas estava totalmente ciente de que uma união entre a Sra. Huntingdon e eu seria o que o mundo chama de casamento de interesse; e não era de sua natureza colocar o mundo em desafio; especialmente em um caso como esse, pois sua horrível risada ou sua má opinião, seria muito terrível a ele se dirigido diretamente à sua irmã do que a ele próprio. Tivesse ele acreditado que uma união era necessária para a felicidade de ambos, ou de qualquer um, ou tivesse ele sabido o quão fervorosamente eu a amava, e ele teria agido de modo diferente; mas ao me ver tão calmo e frio, nem pelo mundo ele perturbaria minha filosofia; e, embora evitando por completo qualquer oposição ativa ao casamento, ele ainda não faria nada para realizá-lo e preferivelmente tomaria o papel da

prudência, ao nos ajudar a superar nossas mútuas predileções, do que o do sentimento, para encorajá-los. 'E ele tinha esse direito', você dirá. Talvez ele tivesse; de qualquer forma, eu não tinha motivo para me sentir tão amargo contra ele, como me sentia; mas, então, não poderia considerar a questão sob uma luz moderada; e, depois de uma breve conversa sobre tópicos triviais, fui embora, sofrendo todas as pontadas do orgulho ferido e da amizade magoada, além daquelas resultantes do medo de que eu, de fato, fora esquecido, e o conhecimento de que aquela que eu amava estava sozinha e aflita, padecendo com uma saúde debilitada e espíritos abatidos, e eu estava proibido de consolar ou ajudá-la: proibido mesmo de lhe assegurar minha simpatia, pois o envio de qualquer mensagem pelo Sr. Lawrence estava, agora, completamente fora de questão.

Mas o que eu deveria fazer? Esperar e ver se ela se aperceberia de mim, o que, claro, ela não iria, a menos que alguma boa mensagem, confiada ao seu irmão que, em todas as probabilidades, ele não entregaria, e então, terrível pensamento!, ela acharia que eu esfriara e mudara por não tê-la respondido ou, talvez, ele teria dado a entender que eu parara de pensar nela. Eu esperaria, contudo, até que seis meses de nossa separação fossem justamente passados (o que seria perto do final de fevereiro) e, então, eu lhe enviaria uma carta, modestamente relembrando-a de sua antiga permissão para escrever a ela no final de tal período e esperando que pudesse me beneficiar por isso – pelo menos para expressar minha sincera mágoa pelas suas últimas aflições, minha correta apreciação de sua generosa conduta e minha esperança de que sua saúde estivesse, então, completamente reestabelecida, e que fosse, em algum momento, permitida a apreciar estas bênçãos de uma vida pacífica e feliz, que lhe fora negada por tanto tempo, mas que ninguém poderia ser dito mais verdadeiramente a merecê-la do que ela – acrescentando algumas palavras de bondosa lembrança de meu pequeno amigo Arthur, com a esperança de que ele não tenha se esquecido de mim, e talvez, outras mais em referência aos tempos idos, às deliciosas horas em que passei em a sua companhia e minhas inesquecíveis lembranças delas, que eram a conservação e o consolo de minha vida, e a esperança de que seus recentes incômodos não me tivessem banido por completo de sua mente. Se ela não respondesse a isso, claro que eu não deveria escrever mais: se ela respondesse (tão certo quanto ela o faria, de alguma forma), meus procedimentos futuros deveriam ser regulados pela sua resposta.

Dez semanas eram muito a esperar em tal miserável estado de incerteza; mas, coragem! Deverei resistir! E, enquanto isso, continuaria a ver Lawrence de vez em quando, embora não tão frequentemente quanto antes, e ainda continuarei com minhas perguntas habituais sobre sua irmã, se ele soube de alguma novidade a seu respeito e como ela estava, mas nada mais.

Assim fiz e as respostas que obtive sempre foram, irritantemente, limitadas ao termo da pergunta: ela estava como de hábito: não reclamava, mas o tom de sua última carta evidenciava uma grande depressão mental: ela dizia que estava melhor: e, finalmente, dizia que estava bem e muito ocupada com a educação de seu filho e com a administração dos bens de seu finado marido, e com a regulação de seus negócios. O patife nunca me dissera o quanto da propriedade se dispunha ou se o Sr. Huntingdon tinha falecido com um testamento; eu preferiria morrer antes a lhe perguntar, com receio de que ele confundisse com cobiça minha vontade de saber. Ele agora nunca oferecia me mostrar as cartas de sua irmã e nunca dei a entender o desejo de vê-las. Fevereiro, contudo, estava se aproximando; dezembro já se fora; janeiro, por fim, estava quase em seu término – algumas semanas mais e então, certo desespero ou uma renovação de esperança colocariam um final nesta longa agonia de suspense.

Mas, ah! Exatamente naquele momento, ela fora intimada a aguentar outro golpe com a morte de seu tio – um sujeito idoso e indigno em si mesmo, ousou dizer, mas ele sempre mostrara mais bondade e afeição para ela do que para qualquer outra criatura e ela sempre fora acostumada a considerá-lo um pai. Ela estava com ele em sua morte e ajudara sua tia a cuidar dele durante o último estágio de sua doença. Seu irmão foi à Staningley para comparecer ao funeral, e me disse, em seu regresso, que ela ainda estava lá, tentando animar sua tia com a presença dela e provavelmente permaneceria mais algum tempo. Não eram boas notícias para mim, pois enquanto estivesse lá, eu não poderia escrever para ela, pois não sabia o endereço e não perguntaria para ele. Mas à semana se seguiu outra semana e sempre que eu perguntava sobre ela, em Staningley ainda ela estava.

‘Onde é Staningley?’, perguntei, por fim.

‘Em –shire’, foi a breve resposta; e havia algo tão frio e seco em sua maneira, que eu efetivamente fiquei intimidado em solicitar uma descrição mais apurada.

‘Quando ela retornará a Grassdale?’, foi minha pergunta seguinte.

‘Eu não sei.’

‘Para os diabos!’ murmurei.

‘Por que, Markham?’ perguntou meu companheiro, com um ar de inocente surpresa. Mas não me dignei a responder, salvo com um olhar de silencioso e zangado desprezo, com o qual ele se virou e contemplou o tapete com um leve sorriso, meio pensativo, meio divertido; mas, subindo rapidamente seu olhar, ele começou a falar de outros assuntos, tentando me arrastar para uma conversa alegre e amigável, mas eu estava deveras irritado para conversar com ele e logo me despedi.

Veja que Lawrence e eu não podíamos, de forma alguma, conseguir nos dar muito bem juntos. O fato é, acredito, que éramos os dois um pouco sensíveis demais. É algo incômodo, Halford, esta suscetibilidade às afrontas onde não há propósito. Não me martirizo por isso, como você pode testemunhar: aprendi a ser alegre e sábio, a ser mais tranquilo comigo mesmo e mais indulgente com meus vizinhos, e posso me permitir rir tanto de Lawrence quanto de você.

Em parte por acidente, em parte por voluntária negligência no que tange a mim (pois eu estava realmente começando a ficar desgostoso com ele), muitas semanas se passaram até que eu visse meu amigo novamente. Quando nos encontramos, foi ele quem me buscou. Em uma brilhante manhã, no início de junho, ele veio até a lavoura, onde eu estava começando a colher o feno.

‘Faz tempo que não o vejo, Markham’, ele disse, depois que as primeiras palavras foram trocadas entre nós. ‘Não deseja mais ir à Woodford outra vez?’

‘Fui lá uma vez e você não estava.’

‘Lamento, mas já foi há muito; esperei que me visitasse novamente e agora venho até aqui, e você estava fora, algo corriqueiro ou eu teria o prazer de vir com mais frequência; mas, tendo me determinado a vê-lo desta

vez, deixei meu pônei no caminho e vim pulando as sebes e as valas para me juntar a você; pois estou prestes a deixar Woodford por algum tempo e posso não ter o prazer de vê-lo outra vez por um mês ou dois.’

‘Para onde você vai?’

‘Primeiro, para Grassdale’, ele disse, com um meio sorriso que teria voluntariamente suprimido, se pudesse.

‘Para Grassdale! Ela está lá, então?’

‘Sim, mas em um dia ou dois ela irá acompanhar a Sra. Maxwell até F-, para desfrutar da brisa marinha e deverei ir com elas.’ (F- era, naquele tempo, um balneário tranquilo e respeitável: agora, é consideravelmente mais frequentado).

Lawrence parecia esperar que me aproveitasse de tal circunstância para confiá-lo algum tipo de mensagem para a sua irmã; e acredito que teria se encarregado de entregá-la sem nenhuma objeção material, se eu tivesse tido o senso de pedir-lhe, embora, claro, ele não poderia se oferecer para isso, se me satisfizesse em não interferir. Mas eu não podia me levar a fazer tal pedido e só quando ele se foi, que vi tão clara oportunidade perdida; e então, de fato, lamentei profundamente minha estupidez e meu tolo orgulho, mas já era muito tarde para remediar o mal.

Ele não retornou até o final de agosto. Ele me escreveu duas ou três vezes de F-, mas suas cartas eram tão irritantemente insatisfatórias, tratando de generalidades ou de banalidades que não me importavam nenhum pouco, ou repletas de imaginações e reflexões igualmente nada bem-vindas para mim naquele momento, dizendo quase nada sobre sua irmã e menos ainda sobre ele mesmo. Eu esperaria, contudo, até que ele voltasse; talvez eu pudesse conseguir algo mais dele então. Em todo o caso, eu não escreveria para ela então, enquanto ela estivesse com ele e com sua tia que, sem dúvida, seria ainda mais hostil às minhas presunçosas aspirações do que ele próprio. Quando ela retornasse ao silêncio e à solidão de seu próprio lar, esta seria minha oportunidade mais adequada.

Quando Lawrence chegou, contudo, ele estava reservado como nunca sobre o tema de minha aguçada ansiedade. Ele me contou que sua irmã tinha obtido considerável benefício de sua estada em F-, que seu filho estava muito bem, também e – ah! que ambos tinham ido, com a Sra.

Maxwell, de volta para Staningley e lá ficaram pelo menos três meses. Mas, ao invés de entediá-lo com meu enfado, minhas expectativas e frustrações, minhas flutuações de entorpecido desalento e vacilante esperança, minhas volúveis resoluções, agora desistir, agora perseverar – agora fazer um lance ousado e, agora, deixar as coisas passarem e pacientemente esperar minha vez – me ocuparei em esclarecer o final de alguns dos personagens apresentados no decorrer dessa narrativa, que posso não ter outra ocasião para mencionar mais uma vez.

Algum tempo antes da morte do Sr. Huntingdon, Lady Lowborough fugiu com outro galã ao Continente, onde, tendo vivido em despreocupado esplendor e desperdício, eles brigaram e se separaram. Ela continuou com ímpeto por uma estação, mas os anos chegaram e o dinheiro se foi: ela se afundou, por fim, em dificuldades e em dívidas, desgraças e misérias; e morreu, finalmente, como eu soube, na penúria, abandonada e em extrema ruína. Mas isso pode ser apenas um boato: ela pode ainda estar vivendo, por tudo o que eu ou outros de seus parentes ou antigos amigos podemos contar; pois todos perderam contato com ela há muitos anos e gostariam de esquecê-la por completo, se pudessem. Seu marido, porém, com essa segunda travessura, imediatamente buscou e conseguiu o divórcio e, não muito depois, se casou novamente. Foi bom que assim ele fizesse, pois Lord Lowborough, lento e temperamental como parecia ser, não era um homem para a vida de solteiro. Não tinha interesses públicos, nem projetos ambiciosos ou carreira ativa – ou mesmo laços de amizade (se ele tivesse tido amigos) que poderiam lhe compensar a falta de conforto e carinho domésticos. Ele tivera um filho e uma filha de batismo, é verdade, mas eles dolorosamente remetiam à mãe deles e a desafortunada pequena Annabella era uma fonte de perpétuo amargor à sua alma. Ele se obrigara a tratá-la com bondade paternal: ele se forçara a não odiá-la e, até, talvez, a sentir algum grau de bondosa consideração por ela, afinal, em retribuição à sua sincera e insuspeita ligação com ele; mas a amargura de sua autocondenação pelos seus sentimentos íntimos para com aquele inocente ser, suas constantes contendas para subjugar os maus impulsos de sua natureza (pois esta não era generosa), embora parcialmente adivinhados por aqueles que o conheciam, poderiam ser conhecidos apenas por Deus e seu próprio coração; - assim também era a dureza de seus conflitos com a tentação de

retornar ao vício de sua juventude e buscar o esquecimento das calamidades passadas, e a apatia da presente miséria de um coração seco, uma vida sem graça e sem amigos, e uma mente morbidamente desconsolada, por ceder novamente àquele insidioso inimigo a saúde, o senso e a virtude, que tanto lhe tinham, deploravelmente, o escravizado e o degradado antes.

O segundo objeto de sua escolha era bastante diferente do primeiro. Alguns se perguntavam do seu gosto; alguns, mesmo, o ridicularizavam – mas, nisso, a insensatez deles era mais aparente do que a dele. A dama era quase da sua idade – ou seja, entre trinta e quarenta anos – nada notável pela sua beleza, pela sua saúde e nem por brilhantes realizações; nem por nada que eu saiba, exceto pelo genuíno bom senso, inabalável integridade, ativa piedade, amável benevolência e um cabedal de alegres espíritos. Essas qualidades, contudo, como você pode prontamente imaginar, combinavam para torná-la uma mãe excelente para seus filhos e uma inestimável esposa para o lorde. Ele, com sua habitual autodepreciação, achava que ela era muito superior a ele, e enquanto ele se perguntava sobre a bondade da Providência em lhe conferir tal prenda e mesmo ao gosto dela em preferi-lo a outros homens, ele fez seu melhor para retribuir o bem que ela lhe fazia e tanto sucesso obteve que ela era, e acredito que ainda seja, uma das esposas mais felizes e apaixonadas da Inglaterra; e todos que questionam o bom gosto de cada um deles dois podem ser gratos se suas respectivas escolhas lhe proporcionarem metade da genuína satisfação ao final ou retribuírem suas preferências com uma afeição que seja a metade tão duradoura e sincera.

Se você estiver interessado no destino daquele baixo vagabundo, Grimsby, apenas posso lhe dizer que ele foi de mal a pior, caindo nível a nível no vício e na vilania, juntando-se apenas aos piores membros de seu clube e à mais inferior escória da sociedade – felizmente para o resto do mundo – e, por fim, encontrou seu fim em uma briga de bêbados, nas mãos, dizem, de algum irmão vagabundo que ele enganara no jogo.

E, quanto ao Sr. Hattersley, ele nunca esquecera totalmente sua resolução de ‘sair do meio deles’ e se comportar como um homem e como um cristão, e a última doença e morte de seu, uma vez, companheiro de farras Huntingdon o impressionou tão profunda e seriamente, com o mal de seus antigos hábitos, que ele nunca mais precisou de outra lição do tipo.

Evitando as tentações da cidade, ele continuou a passar sua vida no campo, imerso nas atribuições usuais de um cavaleiro vigoroso, ativo e camponês; suas ocupações sendo aquelas da fazenda e cultivando cavalos e gado, diversificando com um pouco de caça e de tiro, e se reanimado com a companhia ocasional de seus amigos (melhores dos que os de sua juventude) e com o convívio de sua feliz e pequena esposa (agora alegre e confiante como o coração poderia desejar) e sua bela família de robustos filhos e exuberantes filhas. Seu pai, o banqueiro, tendo morrido alguns anos antes e lhe deixado toda a sua fortuna, ele agora tinha todos os meios para a prática de seus gostos predominantes e não preciso lhe dizer que Ralph Hattersley, Cavaleiro, é celebrado por todo o país por sua nobre raça de cavalos.

CAPÍTULO LI

Voltaremos agora para uma certa tarde, imóvel, fria e nublada, perto do começo de dezembro, quando a primeira queda de neve permanecia finamente espalhada sobre os secos campos e os congelados caminhos ou armazenadas mais espessas nas trilhas profundas das rodas das carroças e nas pegadas dos homens e dos cavalos, impressas na agora petrificada lama das chuvas torrenciais do último mês. Eu me lembro bem, pois estava voltando para casa, do vicariato, com uma personagem não menos notável do que a Srta. Eliza Millward, ao meu lado. Eu fora visitar seu pai – um sacrifício à civilidade executado inteiramente para contentar minha mãe, não a mim, pois odiava ir perto da casa; não apenas por causa de minha antipatia para com aquela, uma vez, encantadora Eliza, mas porque eu não tinha nem meio perdoado o próprio velho cavalheiro por sua má opinião sobre a Sra. Huntingdon; pois, embora, agora, limitado a reconhecer ele mesmo seu erro em seu antigo julgamento, ainda sustentava que ela errara ao abandonar seu marido; era uma violação de suas sagradas tarefas como esposa e uma tentadora da Providência ao se expor à tentação; e nada perto de mal-tratos físicos (e aqueles não eram pouca coisa) poderiam justificar tal passo – nem mesmo aquilo, pois em tal caso ela deveria apelar às leis por proteção. Mas não era dele que eu pretendia falar; era de sua filha Eliza. Justo quando eu me despedia do vigário, ela entrou pela sala, prontamente equipada para uma caminhada.

‘Eu estava indo ver sua irmã, Sr. Markham’, ela disse; ‘e assim, se você não tiver objeção, lhe acompanharei até sua casa. Gosto de companhia quando passeio – você não?’

‘Sim, quando é agradável.’

‘Isso, com certeza’, replicou a jovem dama, rindo maliciosamente.

Então prosseguimos juntos.

‘Deverei encontrar Rose em casa, não?’, ela disse, enquanto fechávamos o portão do jardim e nos voltamos para Linden-Car.

‘Acredito que sim.’

‘Confio que sim, pois tenho algumas notícias para ela – se você não tiver se antecipado a mim.’

‘Eu?’

‘Sim: você sabe para que o Sr. Lawrence se foi?, ela olhou para mim com ansiedade pela resposta.

‘Ele se foi?’, eu disse; e sua face brilhou.

‘Ah! Então ele não lhe contou sobre a irmã dele?’

‘O que há com ela?’, exigi aterrorizado, com receio de que algum mal teria recaído sobre ela.

‘Oh, Sr. Markham, como você cora!’, ela exclamou, com um riso atormentador. “Ha , ha, você ainda não a esqueceu. Mas é melhor você se apressar, posso lhe dizer, pois - ah, ah! – ela se casará na próxima quinta-feira!’

‘Não, Srta. Eliza, isso é falso.’

‘O senhor me acusa de mentir?’

‘Você está mal informada.’

‘Estou? Você sabe mais, então?’

‘Acho que sim.’

‘O que o faz empalidecer assim?’, ela disse, sorrindo com deleite da minha emoção. ‘É de raiva pela pobre de mim, que conta tal lorota? Bem, apenas “conto a história como ela me foi contada”: não atesto a veracidade dela; mas, ao mesmo tempo, não vejo por qual razão Sarah teria me enganado ou a informante dela, a ela; e isso foi o que ela me disse que o laçao lhe dissera:- que a Sra. Huntingdon iria se casar na quinta-feira e que o Sr. Lawrence iria ao casamento. Ela me disse o nome do cavalheiro, mas o esqueci. Talvez você possa me ajudar em lembrá-lo. Não há alguém que vive próximo – ou visita frequentemente a vizinhança, que há muito se relaciona com ela? – um Sr.... oh, querido! Sr. ...’

‘Hargrave?’, sugeri, com um amargo sorriso.

‘Você acertou’, ela exclamou; ‘era este mesmo o nome.’

‘Impossível, Srta. Eliza!’ exclamei, com um tom que a fez pular.

‘Bem, você sabe, é o que me disseram’, ela disse, olhando-me no rosto com compostura. E, então, ela irrompeu em um longo e agudo riso que me pôs ao fim de meu juízo com fúria.

‘Realmente, você tem me desculpar’, ela exclamou. ‘Sei que é muito rude, mas ha, ha, ha! – você pensou que iria se casar com ela? Caro, caro, que pena! – ha, ha, ha! Deus, Sr. Markham, você vai desmaiar? Oh, misericórdia! Devo chamar aquele homem? Aqui, Jacob...’ Mas, interrompendo a palavra em seus lábios, agarrei seu braço e dei, acho, uma sacudida muito severa, pois ela se recolheu em si mesma com um débil grito de dor ou terror; mas o espírito dentro dela não estava subjugado: instantaneamente se recompondo, ela continuou, com bem simulada preocupação, ‘O que posso fazer por você? Quer um pouco de água – um conhaque? Ouso dizer que deve haver um pouco na taverna adiante, se me permitir que eu corra até lá.’

‘Acabe com esta besteira!’ exclamei, rispidamente. Ela olhou confusa – quase assustada novamente, por um momento. ‘Você sabe que odeio tais brincadeiras’, continuei.

‘Brincadeiras, de fato! Eu não estava brincando!’

‘Você estava rindo, em todo o caso; e não gosto que riam de mim’, respondi, fazendo violentos esforços para falar com apropriada dignidade e compostura, e a nada dizer além do que fosse coerente e sensível. ‘E, já que você está de tão bom humor, Srta. Eliza, deve ser boa companhia para si mesma; portanto, devo deixá-la para que termine sua caminhada sozinha – pois, agora me lembro, tenho negócios em algum lugar; então, boa noite.’

Com isso, a deixei (sufocando sua maliciosa risada) e virei para o lado, pelos campos, pulei a margem do caminho e me esgueirei pelo mais próximo buraco na cerca viva. Determinado a provar, de uma vez, uma verdade – ou então, a falsidade – de sua história, me apressei à Woodford tão rápido quanto minhas pernas podiam me carregar; primeiro seguindo um sinuoso caminho, mas no momento em que eu estava fora do alcance da visão de minha bela atormentadora, cortando através dos campos, exatamente como um pássaro poderia voar, sobre pastagens e terras não cultivadas, restolhos e caminhos, pulando sebes e valas e cercas, até que cheguei aos portões do jovem cavaleiro. Nunca, até então, eu experimentara o total fervor de meu amor – a força integral de minhas esperanças, não totalmente esmagadas mesmo nas minhas horas de mais profunda apatia, sempre tenazmente se agarrando à ideia de que, um dia, ela seria minha ou

se não isso, pelo menos que algo de minha memória, alguma pequena lembrança de nossa amizade e de nosso amor, fosse para sempre acalentada em seu coração. Marchei para a porta, determinado a, se visse o patrão, perguntar-lhe claramente sobre sua irmã, sem esperar ou hesitar mais, mas lançar a falsa delicadeza e o estúpido orgulho longe de mim, e saber finalmente meu destino.

‘O Sr. Lawrence se encontra?’ perguntei ansiosamente ao criado que abriu a porta.

‘Não, senhor, o patrão se foi ontem’, ele respondeu, olhando com alarme.

‘Para onde?’

‘Para Grassdale, senhor – não sabia? Ele deve estar chegando, o patrão’, disse o rapaz, com um sorriso tolo e afetado. ‘Suponho, senhor...’

Mas me virei e o deixei, sem esperar ouvir o que ele supunha. Eu não iria ficar ali para expor meus torturados sentimentos ao riso insolente e à impertinente curiosidade de um rapaz como aquele.

Mas o que deveria ser feito, agora? Seria possível que ela tivesse me deixado por aquele homem? Eu não poderia acreditar. Ela poderia me abandonar, mas não se entregar a ele! Bem, eu saberia a verdade; a nenhuma preocupação do dia a dia eu poderia me dedicar enquanto esta tempestade de dúvida e terror, de ciúme e de fúria, me distraía. Eu tomaria a carruagem da manhã para L- (a da noite já deveria ter partido) e voaria até Grassdale – eu deveria chegar antes do casamento. E por quê? Porque uma ideia me atingiu, que talvez eu pudesse impedi-lo – que, se não fizesse, ela e eu lamentaríamos até o último momento de nossas vidas. Veio-me a ideia de que alguém mentiu sobre mim a ela: talvez seu irmão; sim, sem dúvida seu irmão a tinha convencido de que eu era falso e sem fé, e tomando vantagem de sua natural indignação e talvez sua desanimada indiferença sobre sua vida futura, lhe urgira, ardilosamente, cruelmente, a seguir a esse outro casamento, para afastá-la de mim. Se esse era o caso e se ela pudesse descobrir o erro apenas quando fosse muito tarde para repará-lo – a que vida de miséria e vão arrependimento ela poderia ser condenada, assim como eu; e que remorso me seria pensar que meus tolos escrúpulos induziram a tudo isso! Oh, eu deveria vê-la – ela deveria saber a minha

verdade mesmo se eu a dissesse na porta da igreja! Eu poderia passar por um louco ou um tolo impertinente – mesmo ela poderia se ofender com tal interrupção, ou ao menos, poderia me dizer que era muito tarde. Mas se eu pudesse salvá-la, se ela pudesse ser minha! – era uma ideia muito arrebatadora!

Alado por tal esperança e impelido por tais medos, apressei-me para casa a preparar minha partida no dia seguinte. Disse à minha mãe que negócios urgentes, que não admitiam demora, mas que ainda eu não os poderia explicar, me intimavam a viajar.

Minha profunda ansiedade e séria preocupação não puderam ser ocultados de seus olhos maternais; e eu tive muito trabalho em acalmar suas apreensões de algum desastroso mistério.

Naquela noite, caiu uma pesada tempestade de neve, que retardou o progresso das carruagens no dia seguinte, o que quase me levou à loucura. Viajei por toda a noite, claro, pois já era quarta-feira: no dia seguinte, pela manhã, ocorreria o casamento. Mas a noite era longa e escura; a neve travava pesadamente as rodas e embaralhava as patas dos cavalos; os animais estavam excessivamente preguiçosos; o cocheiro, execravelmente mais cauteloso; os passageiros, malditamente apáticos em sua indolente indiferença à velocidade com que avançávamos. Ao invés de me ajudar em intimidar os vários cocheiros e urgi-los a avançar, eles apenas olhavam e riam com minha impaciência: um rapaz até mesmo tentou me zombar por isso – mas eu o silencieei com um olhar que o abrandou pelo resto da viagem; e, quando, no último estágio, eu teria tomado as rédeas em minhas próprias mãos, todos eles unanimemente se opuseram.

Já estava muito claro quando entramos em M- e descemos na ‘Rose and Crown’. Apeei e gritei por uma diligência até Grassdale. Não havia nenhuma disponível: a única na cidade estava em reparos. ‘Um trole, então – uma carruagem – uma carroça – qualquer coisa – apenas sejam rápidos!’ Havia um trole, mas nenhum cavalo. Enviei alguém até a cidade para buscar um: mas eles demoravam intoleravelmente e eu já não mais poderia esperar – pensei que meus próprios pés poderiam me carregar mais rápido; e, pedindo que enviassem o transporte por mim, se estivesse pronto dentro de uma hora, parti tão veloz quanto eu poderia caminhar. A distância era pouco mais de seis milhas, mas a estrada era estranha e eu tinha de parar

constantemente para perguntar o caminho; chamando a atenção de carroceiros e lavradores, e frequentemente invadindo as cabanas, pois havia poucos na rua naquela manhã de inverno; às vezes despertando os preguiçosos em suas camas, pois havia tão pouco trabalho a ser feito, talvez tão pouca comida e fogo, que eles não se importavam em encurtar seu sono. Eu não tinha tempo para pensar neles, porém; doendo de cansaço e desespero, me apressei. O trole não me alcançou: e estava bem que eu não esperara por ele; vexatório, aliás, que fora tolo o bastante para esperar tanto tempo.

Por fim, contudo, entrei na vizinhança de Grassdale. Aproximei-me da pequena igreja rural – mas, ah! Havia uma fila de carruagens diante dela; não eram necessárias as brancas prendas ornando os criados e os cavalos, nem as felizes vozes dos ociosos do vilarejo reunidos para assistir à cerimônia, para me notificar de que havia um casamento dentro dela. Corri entre eles, perguntando, com esbaforida ansiedade, faz tempo que a cerimônia começou? Eles apenas bocejavam e olhavam. Em meu desespero, eu os empurrava para trás e estava prestes a atravessar o portão do jardim da igreja, quando um grupo de rotos rapazes, que estavam suspensos como abelhas na janela, de repente pularam e correram apressadamente para o pórtico, vociferando em deselegante dialeto de sua região algo que significava, ‘Acabou – eles estão saindo!’

Se Eliza Millward tivesse me visto ela teria, de fato, se deliciado. Agarrei a viga do portão como apoio e fiquei olhando intensamente para a porta para dar a última olhada no prazer de minha alma, meu primeiro naquele detestável mortal que a separara de meu coração e a condenara, eu estava certo, a uma vida de miséria e inútil, vã aflição – pois qual felicidade ela poderia apreciar com ele? Eu não desejava chocá-la com a minha presença então, mas não tinha força para sair dali. Adiante vieram a esposa e o marido. Não o vi; somente tinha olhos para ela. Um longo véu cobria metade de sua graciosa forma, mas não a escondia; pude ver que, enquanto ela mantinha a cabeça ereta, seus olhos estavam voltados para o chão e sua face e seu pescoço estavam cobertos de um rubor carmesim; mas cada traço estava radiante de sorrisos e, brilhando por entre a enevoada brancura de seu véu estavam ramalhetes de dourados cachos! Oh, pelos céus! Não era a minha Helen! O primeiro relance me assustou – mas meus olhos estavam

obscurcidos de exaustão e desespero. Ousaria eu confiar neles? ‘Sim – não é ela! Era uma beldade mais jovem, mais magra, mais rosada – encantadora, de fato, mas com bem menos dignidade e profundidade de alma – sem aquela indefinível graça, aquele mordaz e espiritual, ainda que gentil, encanto, aquela força inefável de atrair e subjugar o coração – o meu, pelo menos. Olhei para o recém-casado – era Frederick Lawrence! Enxuguei as frias gotas que escorriam pela minha testa e recuei enquanto ele se aproximava; mas seus olhos caíram sobre mim e ele me reconheceu, alterado quanto minha aparência deveria estar.

‘É você, Markham?’ ele disse, assustado e confuso com a aparição – talvez, também, com a turbulência de meus olhares.

‘Sim, Lawrence; é você?’, convoquei a presença de espírito para a resposta.

Ele sorriu e corou, como se meio orgulhoso e meio envergonhado de sua identidade; e, se ele tinha motivos para estar orgulhoso da doce dama em seu braço, tinha ainda menos razão para se envergonhar de ter escondido sua boa sorte por tanto tempo.

‘Permita-me apresentar minha esposa’, ele disse, tentando ocultar seu embaraço fingindo uma indiferente alegria. ‘Esther, este é o Sr. Markham; meu amigo Markham, a Sra. Lawrence, antiga Srta. Hargrave.’

Reverenciei a esposa e apertei a mão do noivo com veemência.

‘Por que não me contou isso?’, eu disse, em tom de reprovação, fingindo um ressentimento que eu não sentia (pois, na verdade, eu estava quase louco de alegria por me encontrar tão feliz com o engano e transbordando de afeição por ele por isso e pela baixa injustiça que, senti, eu tinha feito a ele em minha mente – ele poderia ter me enganado, mas não àquele ponto; e, como o odiara como um demônio pelas últimas quarenta horas, a reação de tal sentimento era tão grande que eu poderia perdoar todas as ofensas pelo momento – e amá-lo, apesar delas, também).

‘Eu lhe contei’, ele disse, com um ar de culpada confusão; ‘você recebeu minha carta?’

‘Qual carta?’

‘A que anunciava meu casamento.’

‘Nunca recebi a mais remota deixa de tal intenção.’

‘Deve ter lhe cruzado em seu caminho, então – deveria ter lhe chegado ontem pela manhã – muito tarde, também, reconheço. Mas o que o trouxe aqui, então, se você não recebeu a informação?’

Agora, era a minha vez de estar confuso; mas a jovem dama, que estivera ocupada em bater a neve com seu pé durante nosso curto colóquio em voz baixa, muito oportunamente veio em minha ajuda ao beliscar o braço de seu companheiro e sussurrar uma sugestão de que seu amigo deveria ser convidado a entrar na carruagem e seguir com eles; sendo pouco agradável permanecer ali com tantos curiosos e manter seus amigos esperando pela festa.

‘E tão frio como está, também!’, ele disse, olhando com desânimo à sua leve roupagem e imediatamente ajudando-a a entrar na carruagem. ‘Markham, você vem? Estamos indo para Paris, mas podemos deixá-lo em algum lugar até Dover.’

‘Não, obrigado. Adeus – não preciso desejar uma boa viagem; mas devo esperar uma desculpa muito bonita em algum momento, veja bem, e muitas cartas, antes que nos encontremos novamente.’

Ele apertou minha mão e se apressou para tomar seu assento ao lado da dama. Aquele não era o momento nem o lugar para explicação ou discurso: já estávamos parados o suficiente para excitar a surpresa dos curiosos do vilarejo e, talvez, a ira dos comensais da festa de casamento; embora, de fato, tudo isso se passou em um tempo mais curto do que eu demorei em relatar ou mesmo que você tomará para ler. Fiquei ao lado da carruagem e, a janela estando aberta, vi meu feliz amigo cingir apaixonadamente com seu braço a cintura de sua companheira, enquanto ela descansava sua ardente face em seu ombro, parecendo a própria personificação da felicidade enamorada e confiante. No intervalo entre o fechar da porta pelo lacaio e ele tomar seu assento, na frente, ela ergueu seus alegres olhos castanhos ao seu rosto, observando, divertida - ‘Temo que você me ache insensível, Frederick; sei que é o costume das damas chorar nestas ocasiões, mas não poderia derramar uma lágrima pela minha vida.’

Ele apenas respondeu com um beijo e a apertou ainda mais contra seu peito.

‘Mas o que é isto?’ ele murmurou. ‘Ora, Esther, você está chorando agora!’

‘Oh, não é nada – apenas muita felicidade – e o desejo’, ela soluçou, ‘de que nossa querida Helen fosse tão feliz como nós.’

‘Deus lhe abençoe por este desejo’ respondi dentro de mim, enquanto a carruagem se afastava – ‘e que os céus concedam que não seja totalmente em vão!’

Pensei que uma nuvem subitamente escurecera o rosto de seu marido enquanto ela falava. O que ele pensou? Poderia ele invejar tal felicidade à sua querida irmã e ao seu amigo o quanto ele mesmo sentia? Em tal momento, era impossível. O contraste entre o destino dela e o dele deve ter obscurecido sua bênção por algum tempo. Talvez, também, ele tenha pensado em mim: talvez ele se arrependesse do papel que desempenhara em evitar nossa união, por omitir a nós sua ajuda, se não por efetivamente conspirar contra nós. Eu o livreí daquela acusação, então, e profundamente lamentei minhas anteriores e nada generosas suspeitas; mas ele tinha nos enganado, ainda – eu esperava, confiava que ele tivesse. Ele não tinha tentado abrir o curso de nosso amor por, realmente, represar os afluentes em nossa passagem, mas ele tinha passivamente observado as duas correntes serpenteando pela árida imensidão da vida, declinando a remover as obstruções que as dividia e secretamente esperando que ambas se perdessem na areia antes que pudessem se juntar em uma. E, enquanto isso, ele estivera tranquilamente prosseguindo com seus próprios negócios; talvez, seu coração e sua mente estivessem tão cheios de sua bela dama que ele tivera pouco tempo para os outros. Sem dúvida, ele travara seu primeiro contato com ela – seu primeiro relacionamento íntimo, pelo menos – durante sua estadia de três meses em F..., pois então eu me lembrava que, uma vez, ele deixara casualmente escapar a informação de que sua tia e sua irmã tinham uma jovem amiga com elas naquela ocasião e isso era responsável por, pelo menos, metade de seu silêncio sobre tudo o que aconteceu ali. Agora, também, eu via um motivo para tantas pequenas coisas que tinham levemente me intrigado antes; entre as quais, as diversas

partidas de Woodford e as ausências mais ou menos prolongadas, as quais ele nunca satisfatoriamente explicava e sobre o que ele odiava ser questionado em seu retorno. Bem poderia dizer o criado que seu patrão estava 'bem próximo'. Mas por que esta estranha reserva comigo? Parcialmente, por aquela notável idiosincrasia à qual aludi antes; parcialmente, talvez, por ternura aos meus sentimentos ou medo de perturbar minha filosofia por mencionar o tema infeccioso do amor.

CAPÍTULO LII

A atrasada trole me alcançou, por fim. Entrei e pedi ao homem que a dirigia para levá-la a Grassdale Manor – eu estava muito ocupado com os meus próprios pensamentos para me preocupar em dirigir eu mesmo. Eu veria a Sra. Huntingdon – não haveria impropriedade nisso, agora que seu marido morrera há mais de um ano – e, pela sua indiferença ou pela sua alegria com a minha chegada inesperada, eu logo poderia dizer que seu coração seria verdadeiramente meu. Porém, meu companheiro, um rapaz loquaz e atrevido, não estava disposto a me deixar na indulgência de minhas privadas cogitações.

‘Lá vão eles!’ ele disse, enquanto as carruagens se enfileiravam diante de nós. Haverá coisas bacanas mais tarde hoje e amanhã também. – Conhece alguém da família, senhor? Ou é estranho nessas bandas?’

‘Conheço-os de nome.’

‘Humpf! Lá se foram os melhores, parece. E acho que a ex-senhorita vai embora depois que a festança acabar, se mudar para algum lugar, para viver com a sua grana; e o mais jovem – pelo menos o mais novo (ela não tem nenhum tão muito jovem) – está vindo para morar em Grove.’

‘Então o Sr. Hargrave se casou?’

‘Ah, senhor, uns meses atrás. Era para ter se casado antes, com uma viúva, mas eles não se acertaram sobre o dinheiro: ela tinha uma bolsa muito funda, difícil de encontrar e o Sr. Hargrave queria tudo prele; mas ela não iria dar, então eles se separaram. Essa agora não é tão rica, nem tão bonita, mas não esteve casada antes. Ela é muito modesta, dizem e já chegando nos quarenta, ou mais, e então, você vê, se ela não pegasse essa chance, pensaria que nunca teria outra melhor. Acho que ela pensava que um marido jovem e bonito valia tudo o que ela tinha e ele poderia pegar tudo e ser bem-vindo, mas tenho que ela se arrependerá de sua barganha logo logo. Dizem que ela já começa a ver que ele não é um pouco bom, generoso, educado e agradável cavalheiro como ela pensava que era antes de casar – ele já está mais indiferente e mandão. Ah, e ela vai achar ele mais difícil e mais desatento do que ela pensa.’

‘Você parece conhecê-lo bem’, eu observei.

‘Sim senhor; conheço-o desde que ele era um cavalheiro bem jovem; e um cara orgulhoso ele era e teimoso. Trabalhei lá por muitos anos; mas não podia aguentar a sovinice deles – ela ficou cada vez pior, a patroa, com suas broncas e seu controle, vigiando e reclamando; então achei melhor procurar outro lugar.’

‘Não estamos perto da casa?’ perguntei, interrompendo-o.

‘Sim, senhor; à frente está o parque.’

Meu coração afundou-se em mim quando observei aquela imponente mansão em meio ao seu caro jardim. O parque estava bonito, agora, em sua roupa invernal, quanto poderia estar em sua glória de verão: as majestosas curvas, as ondulantes elevações e depressões, exibidas em toda a sua beleza naquele manto de deslumbrante pureza, imaculada e etérea – com exceção de uma longa e ampla trilha aberta pelos cervos – os imponentes troncos das árvores, com seus galhos carregados resplandecentes de branco contra o céu inerte e cinza; os bosques, profundos e envolventes; a ampla expansão de água, dormindo em congelada tranquilidade; e o freixo chorando e o salgueiro inclinando seus galhos revestidos de neve sobre o lago – tudo se apresentava como um quadro, de fato impressionante e agradável para uma mente despreocupada, mas de maneira alguma me encorajando. Havia, contudo, um consolo – tudo isso seria herdado pelo pequeno Arthur e não poderia, sob nenhuma circunstância, falando claramente, ser de sua mãe. Mas como ela estava estabelecida? Superando, com um súbito esforço, minha repugnância em mencionar o seu nome para o meu tagarela companheiro, perguntei se ele sabia se o finado marido dela deixara um testamento e como a propriedade havia sido disposta. Oh, sim, ele sabia tudo a respeito; e eu fui rapidamente informado que, a ela, foi deixado o controle e a administração total do espólio durante a minoridade de seu filho, além da posse absoluta e incondicional da própria fortuna dela (mas eu sabia que seu pai não lhe dera muito) e a pequena soma adicional que havia sido combinada com ela antes do casamento.

Antes do final da explicação, chegamos aos portões do parque. Agora, a pena. Se eu a encontrasse lá dentro – mas, ah! Ela ainda poderia estar em Staningley: seu irmão não me informara do contrário. Perguntei na morada do porteiro se a Sra. Huntingdon estava em casa. Não, ela estava com a sua tia em –shire, mas deveria voltar antes do Natal. Ela geralmente

passava a maior parte do seu tempo em Staningley, vindo para Grassdale apenas ocasionalmente, quando a administração dos negócios ou o interesse de seus inquilinos e dependentes, requeriam sua presença.

‘Staningley fica perto de qual cidade?’, perguntei. A informação requisitada foi logo obtida. ‘Agora, meu rapaz, dê-me as rédeas e voltaremos para M-. Devo tomar o café da manhã em “Rose and Crown” e, então, partir para Staningley na primeira carruagem para...’

Em M..., tive tempo, antes da carruagem partir, para reabastecer minhas forças com um vigoroso café da manhã e obter o frescor de minhas habituais abluções, e a melhora de meu vestuário com uma pequena mudança e também despachar um recado para minha mãe (eu era um excelente filho) para lhe assegurar de que eu ainda existia e para desculpar minha ausência na hora esperada. Era uma longa jornada até Staningley para aqueles dias de lenta viagem, mas não me neguei o necessário descanso na estrada, nem mesmo um repouso noturno em uma estalagem à beira do caminho, achando melhor tolerar um pequeno atraso do que me apresentar cansado, desarrumado e abatido perante minha patroa e sua tia, que ficariam bem surpresas ao me ver em tal estado. Portanto, na manhã seguinte, eu não somente me fortifiquei com um substancial desjejum quanto meus excitados sentimentos me permitiriam engolir, mas investi um tempo e cuidado pouco maior que o habitual em meu aseo; e, equipado com uma muda de linho de minha pequena valise, roupas bem escovadas, botas bem polidas e luvas novas, montei em ‘The Lightning’ e retomei minha jornada. Eu ainda tinha quase duas etapas ainda à minha frente, mas a carruagem, fui informado, passava pela vizinhança de Staningley e, tendo desejado descer o mais próximo da Casa quanto possível, eu nada tinha a fazer senão me sentar com os braços cruzados e especular a hora da chegada.

Era uma manhã límpida e fria. O próprio fato de estar sentado bem ao alto, pesquisando a paisagem coberta de neve e o doce céu ensolarado, inalando o ar puro e revigorante, e triturando a crespada neve congelada era bem divertido em si mesmo; mas, adicione a esta ideia o objetivo ao qual eu me apressava e quem esperava encontrar, e você poderá ter um frágil conceito de minha presença de espírito naquele momento – apenas frágil, porém: pois meu coração se agigantava com um indizível prazer e meus espíritos se erguiam quase à loucura, apesar de meus prudentes esforços

para reduzi-los à trivialidade racional por pensar na inegável diferença entre a posição de Helen e a minha; de tudo o que ela passou desde a nossa separação; de seu longo e contínuo silêncio; e, acima de tudo, de sua fria e cautelosa tia, cujos conselhos ela sem dúvida teria cuidado em não diminuir outra vez. Essas considerações faziam meu coração adejar de ansiedade, e meu peito, arfar de impaciência para terminar esta crise; mas não poderiam obscurecer sua imagem em minha mente ou desfigurar a vívida lembrança do que fora dito e sentido entre nós, ou destruir a ardente espera do que tinha de ser: na verdade, eu não poderia compreender aqueles terrores, agora. Quase ao fim da viagem, porém, uma dupla de companheiros de viagem veio, bondosamente, me ajudar a descer.

‘Bela terra, esta’, disse um deles, apontando com seu guarda-chuva para os amplos campos à direita, notáveis pelas compactas fileiras de cerca vivas, profundas e bem escavadas valas e grandes árvores, crescendo às vezes nas margens, às vezes no meio da cerca: ‘muito bela terra, se você a visse na primavera ou no verão.’

‘Ah’, respondeu o outro, um rude e velho senhor, com um sobretudo pardo abotoado até o queixo e um guarda-chuva de algodão entre seus joelhos. ‘É do velho Maxwell, suponho.’

‘Era dele, senhor; mas ele está morto agora, sabe, e deixou tudo para a sua sobrinha.’

‘Tudo?’

‘Cada hectare, a mansão e tudo! Cada átomo de seus bens materiais, exceto esta ninharia, como lembrança, para seu sobrinho lá em –shire e uma anuidade para a esposa.’

‘É estranho, senhor!’

‘É, senhor; e ela nem era sua única sobrinha. Mas ele não tinha relacionamentos próximos – nada além de um sobrinho, com quem se desentendeu; e ele sempre tinha uma preferência por ela. E então sua esposa o aconselhou, dizem: ela trouxera a maior parte da propriedade e era o desejo dela que esta dama herdasse tudo.’

‘Humpf! Ela será um bom partido para alguém.’

‘Ela será. Ela é viúva, mas bem jovem ainda e de beleza incomum: uma fortuna própria, aliás, e um único filho e ela está cuidado de uma boa propriedade para ele em... Haverá muito o que falar dela! Temo que não haverá chance para nós – (cutucando-me divertidamente com seu cotovelo, assim como seu companheiro) – ‘ha, ha, ha! Não ofendo, senhor, espero? (para mim). ‘Ahem! Penso que ela deverá se casar com ninguém além de um nobre. Olhe ali, senhor’, ele retomou, virando-se para seu outro vizinho e apontando, sobre mim, com seu guarda-chuva, ‘aquela é a Casa: o grande parque, você vê, e todas aquelas árvores – muita madeira ali e muitas caças. Olá! O que é, agora?’

Essa exclamação foi ocasionada pela súbita parada da carruagem nos portões do parque.

‘Quem desce em Staningley Hall?’ gritou o cocheiro e me ergui e joguei minha valise ao chão, preparando-me para descer depois.

‘Doente, senhor?’, perguntou meu vizinho tagarela, olhando-me no rosto. Ouso dizer que estava muito pálido.

‘Não. Aqui, cocheiro!’

‘Obrigado, senhor. – Tudo certo!’

O cocheiro colocou o dinheiro da passagem em seu bolso e me deixou, não caminhando pelo parque, mas andando de lá para cá diante de seus portões, com os braços cruzados e os olhos fixos ao chão, uma força irresistível de imagens, pensamentos e impressões se avolumando em minha mente e nada tangivelmente distinto além disso: meu amor tinha sido acalentado em vão – minha esperança se desvanecera para sempre; devo ir embora de uma vez e banir ou reprimir todos os pensamentos sobre ela, como a lembrança de um sonho selvagem e ensandecido. Eu teria me demorado feliz naquele lugar por horas, na esperança de capturar ao menos um distante relance dela antes de ir-me, mas não deveria ser – eu não deveria sujeitá-la a me ver; pois o que poderia ter me levado até lá além da esperança de reviver tal ligação, com a ideia, depois, de obter a sua mão? E poderia eu tolerar que ela pensasse que era capaz de tal coisa? – de presumir sobre o relacionamento – o amor, se quiser – acidentalmente ajustado, ou melhor, forçado sobre ela contra a sua vontade, quando ela era uma desconhecida fugitiva, trabalhando para se manter, aparentemente sem

fortuna, família ou relacionamentos; chegar à ela agora, quando estava reinstalada em seu próprio círculo e clamar um pouco de sua prosperidade que, não tivesse faltado a ela, teria, mais certamente, a mantido desconhecida de mim para sempre? E isso, também, quando nos separamos há dezesseis meses, e ela expressamente me proibira de esperar um reencontro neste mundo e nunca me enviou uma linha ou uma mensagem desde aquele dia. Não! A própria ideia era intolerável.

E, mesmo que ela tivesse uma ainda prolongada afeição por mim, deveria eu perturbar sua paz por despertar tais sentimentos? Sujeitá-la às contendas do conflituoso dever e inclinação – seja qual for o lado que o último pode aludir ou a anterior imperativamente a convocar – se ela julgar seu dever se arriscar ao menosprezo e às censuras do mundo, a mágoa e o desprazer daqueles a quem ela amava, por uma ideia romântica da verdade e constância por mim ou sacrificar os seus desejos individuais pelos sentimentos de suas amigas e seu próprio senso de prudência e o ajuste das coisas? Não – e eu não iria! Sairia de uma vez e ela nunca saberá que eu me aproximara do lugar de sua residência: pois, embora eu possa renunciar a todas as ideias de sempre desejar sua mão ou mesmo de solicitar um lugar em sua amigável consideração, sua paz não deveria ser quebrada pela minha presença, nem seu coração ser afligido pela visão de minha fidelidade.

‘Adeus, então, querida Helen, adeus! Adeus para sempre!’

Assim eu disse – e, ainda, eu não poderia partir. Movi alguns passos e então olhei para trás, para uma última olhada em seu imponente lar, para que eu pudesse ter sua forma exterior, pelo menos, impressa em minha mente tão indelével quando a própria imagem dela, que, ah! Eu não deveria ver novamente – daí, caminhei alguns passos adiante; e então, perdido em melancólicas meditações, parei novamente e me apoiei contra uma encrespada velha árvore arraigada ao lado da estrada.

CAPÍTULO LIII

Enquanto eu permanecia assim, absorto em meu sombrio devaneio, a carruagem de um cavaleiro dobrou uma curva da estrada. Não olhei para ela; e, se ela tivesse passado calmamente por mim, não teria recordado o fato de sua aparição por completo; mas uma fina voz de dentro dela me eriçou ao exclamar, ‘Mamãe, mamãe, eis o Sr. Markham!’

Não ouvi a resposta, mas logo depois a mesma voz respondeu, ‘É ele sim, mamãe – olhe você mesma’.

Eu não ergui meus olhos, mas supus que a mamãe olhou, pois uma voz melodiosa e límpida, cujos tons vibraram pelos meus nervos, exclamou, ‘Oh, tia! Eis o Sr. Markham, amigo de Arthur! Pare, Richard!’

Havia tal evidência de uma alegre, porém reprimida, excitação na afirmação daquelas poucas palavras – especialmente naquele trêmulo ‘Oh, tia!’, que quase me desconcertou por completo. A carruagem parou imediatamente e subi o olhar para encontrar os olhos de uma pálida, séria e idosa senhora a me analisar pela janela aberta. Ela me cumprimentou, assim como eu e então ela retirou sua cabeça, enquanto Arthur gritava para o lacaios para deixá-lo sair; mas, antes que o funcionário pudesse descê-lo, uma mão saiu em silêncio pela janela da carruagem. Eu conhecia aquela mão, embora uma luva negra ocultasse sua delicada palidez e metade de suas belas proporções, e rapidamente agarrando-a, apertei contra a minha – ardentemente por um momento, mas instantaneamente me recompondo, eu a soltei e ela se retirou de imediato.

‘Você veio nos ver ou estava apenas de passagem?’, perguntou a baixa voz de sua dona, quem, senti, estava atentamente analisando meu semblante por detrás do grosso véu negro que, com as suas cortinas escurecidas, ocultava-a por inteiro de mim.

‘Eu... eu vim para ver o lugar’, gaguejei.

‘O lugar’, ela repetiu, em um tom que transpareceu mais desprazer ou desapontamento do que surpresa.

‘Você não vai entrar, então?’

‘Se você desejar.’

‘Você duvida?’

‘Sim, sim! Ele deve entrar’, exclamou Arthur, contornando a carruagem; e agarrando minha mão com as dele, ele a balançou vigorosamente.

‘Você se lembra de mim, senhor?’, ele disse.

‘Sim, muito bem, meu pequeno amigo, embora mudado como você está’, repliquei, analisando o relativamente alto e magro jovem cavalheiro, com a imagem de sua mãe visivelmente estampada em seus traços belos e inteligentes, apesar dos olhos azuis a irradiar felicidade e os cachos brilhantes se amontoando por entre boné.

‘Eu não cresci?’, ele disse, esticando-se ao máximo de sua altura.

‘Se cresceu! Três polegadas, com a minha palavra!’

‘Fiz sete anos no meu último aniversário’, foi a orgulhosa réplica. ‘Em mais sete anos, deverei estar quase tão alto quanto você.’

‘Arthur’, disse sua mãe, ‘diga a ele para entrar. Vá em frente, Richard.’

Havia um toque de tristeza, assim como de frieza, em sua voz, mas eu não sabia a que atribuir. A carruagem se moveu e entrou pelos portões diante de nós. Meu pequeno companheiro me conduziu pelo parque, falando alegremente pelo caminho. Chegando à porta da frente, parei nos degraus e olhei ao meu redor, esperando recuperar minha compostura, se possível – ou, de qualquer forma, rememorar minhas recém-tomadas resoluções e os princípios nas quais se fundavam; e não foi até um certo tempo em que Arthur puxou meu casaco levemente, repetindo seus convites para entrar, que eu por fim consenti em acompanhá-lo ao cômodo onde as damas nos esperavam.

Helen me olhou enquanto eu entrava com um tipo de gentil e sério escrutínio, e educadamente perguntou pela Sra. Markham e por Rose. Respondi respeitosamente suas perguntas. A Sra. Maxwell implorou para que me sentasse, observando que estava muito frio, mas ela supunha que eu não viajara muito naquela manhã.

‘Nem bem vinte milhas’, respondi.

‘Não à pé!’

‘Não, Madame, de carruagem.’

‘Eis Rachel, senhor’, disse Arthur, o único verdadeiramente feliz entre nós, dirigindo minha atenção para aquela digna pessoa, que acabara de entrar para pegar os pertences de sua patroa. Ela se dignou a me dar um sorriso quase amigável de reconhecimento – um favor que exigiu, pelo menos, uma saudação cortês de minha parte, que foi conformemente dada e respeitavelmente retribuída – ela vira o erro de sua anterior estimativa sobre o meu caráter.

Quando Helen se livrou de sua lúgubre touca e véu, sua pesada túnica de inverno e tudo o mais, ela se pareceu tanto com ela mesma que eu não soube lidar. Eu estava particularmente feliz ao ver seu belo cabelo negro, ainda abundante e revelado em sua brilhante exuberância.

‘Mamãe abandonou a touca de viúva em honra ao casamento do tio’, observou Arthur, interpretando meus olhares com a simplicidade, mesclada com rapidez de observação, de uma criança. Sua mãe ficou grave e a Sra. Maxwell balançou a cabeça. ‘E a tia Maxwell nunca tira a dela’, continuou o travesso garoto; mas, quando ele viu que seu atrevimento fora seriamente desagradável e doloroso para a sua tia, ele silenciosamente colocou seu braço ao redor de seu pescoço, beijou seu rosto e se retirou para um recesso de uma das grandes janelas de sacadas, onde ele tranquilamente se divertia com seu cão, enquanto a Sra. Maxwell gravemente discutia, comigo, os interessantes assuntos do clima, da estação e das estradas. Eu considerei sua presença muito útil como um bloqueio contra meus impulsos naturais – um antídoto àquelas emoções de turbulenta excitação que teriam, caso contrário, me levado contra minha razão e minha vontade; mas, justamente quando comecei a sentir a barreira quase intolerável e eu tinha grande dificuldade em me forçar a prestar atenção em seus comentários e a respondê-los com comum polidez; pois eu era sensível ao fato de que Helen estava bem perto de mim, ao lado da lareira. Eu não ousava olhar para ela, mas sentia seu olhar em mim e, com um relance apressado e furtivo, pensei que seu rosto estava levemente corado e que seus dedos, enquanto ela brincava com a corrente de seu relógio, estavam agitados com aquele movimento incansável e trêmulo que indica grande excitação.

‘Diga-me’, ela disse, se aproveitando da primeira pausa na tentativa de conversa entre sua tia e eu, e falando rápido e baixo, com seus olhos inclinados na corrente dourada – pois eu aventurara outro relance – ‘Diga-me como estão todos em Linden-hope – nada mais aconteceu desde que eu os deixei?’

‘Acredito que não.’

‘Ninguém morreu? Ninguém se casou?’

‘Não.’

‘Ou... ou esperando se casar? – Nenhuma velha amizade desmanchada ou novas feitas? Nenhum velho amigo esquecido ou trocado?’

Ela abaixara a voz tanto, na última sentença, que ninguém poderia ter pego as palavras finais além de mim mesmo e, ao mesmo tempo, virou seus olhos para mim com uma aurora de sorriso, da mais doce melancolia e um olhar de tímida, porém afiada curiosidade que fez meu rosto latejar com indizíveis emoções.

‘Acredito que não’, respondi. ‘Certamente não, se os outros mudaram tão pouco quanto eu.’ Seu rosto brilhou de simpatia com o meu.

‘E você realmente não iria entrar?’, ela me interrogou.

‘Temi ser intrusivo.’

‘Ser intrusivo!’, ela exclamou com um gesto de impaciência. ‘O que...’, mas, lembrando-se subitamente da presença de sua tia, ela interrompeu e, virando-se para aquela dama, continuou - ‘Ora, tia, este homem é amigo íntimo de meu irmão e foi meu próprio conhecido mais chegado (por alguns curtos meses, pelo menos), e declarava uma grande ligação com meu garoto - e, quando passa pela casa, muitas milhas de distância da sua, ele declina entrar por medo de ser invasivo!’

‘O Sr. Markham é muito modesto’, observou a Sra. Maxwell.

‘Ou melhor, muito cerimonioso’, disse sua sobrinha – ‘muito... bem, não importa.’ E, virando-se de mim, ela sentou-se em uma poltrona em frente à mesa e puxando um livro pela capa, começou a virar as páginas em um tipo enérgico de abstração.

‘Se eu soubesse’, eu disse, ‘que você teria me honrado ao se lembrar de mim como um íntimo amigo, muito provavelmente não me teria negado o

prazer de visitá-la, mas pensei que tinha me esquecido há muito tempo.’

‘Você julgou os outros por si mesmo’, ela sussurrou sem erguer seus olhos do livro, mas corando enquanto falava, virando apressadamente mais de doze folhas de uma vez.

Houve uma pausa, a qual Arthur pensou que pudesse aproveitar para apresentar seu belo setter e me mostrar quão maravilhosamente ele crescera e melhorara, e para perguntar sobre o estado do pai dele, Sancho. A Sra. Maxwell então se retirou para cuidar de suas coisas. Helen empurrou o livro imediatamente e, depois de analisar em silêncio seu filho, seu amigo e seu cão por alguns momentos, ela dispensou o primeiro da sala sob a alegação de desejar que ele fosse buscar seu último livro para me mostrá-lo. A criança obedeceu com rapidez; mas continuei acariciando o cão. O silêncio poderia ter durado até o retorno de seu dono, se dependesse de mim em quebrá-lo; mas, em meio minuto, ou menos, minha anfitriã se ergueu impaciente e, tomando sua antiga posição no tapete, entre eu e o canto da lareira, exclamou com sinceridade:

‘Gilbert, qual é o problema com você? – Por que está tão mudado? É uma pergunta muito indiscreta, eu sei’, ela se apressou para adicionar: ‘talvez bem rude – não responda se achar que não deva – mas odeio mistérios e encobrimentos.’

‘Não estou mudado, Helen – desafortunadamente, estou tão ardente e apaixonado como nunca – não sou eu, as circunstâncias é que mudaram.’

‘Quais circunstâncias? Diga-me!’ Seu rosto estava pálido, com a própria angústia da ansiedade – poderia ser com o medo de que eu estouvadamente garantisse minha fé para outra?

‘Direi-lhe de uma vez’, eu disse. ‘Confesso que vim aqui com o propósito de vê-la (não sem algumas admonitórias apreensões sobre a minha própria presunção e temores de que eu fosse pouco bem-vindo quanto esperava ao chegar), mas não sabia que esta propriedade era sua até que fui esclarecido sobre o assunto de sua herança com a conversa de dois companheiros de viagem, no último estágio de minha jornada; e, então, eu vi, de uma vez, a insensatez das esperanças que acalentara e a loucura de mantê-las por mais um momento; e, embora tenha descido à sua porta, eu

decidira não entrar; demorei-me mais alguns minutos para ver o lugar, mas estava completamente resolvido a regressar para M... sem ver a sua patroa.’

‘E, se a minha tia e eu não estivéssemos acabando de retornar de nosso passeio matinal, não deveria mais ver nem saber de você?’

‘Pensei que fosse melhor para nós dois que não nos encontrássemos’, respondi, o mais tranquilo que pude, mas não ousando falar em bom som por causa da consciência incapacidade de firmar minha voz e não ousando olhar para o seu rosto, com receio de que minha firmeza me abandonasse por completo. ‘Pensei que um encontro iria apenas perturbar a sua paz e me enlouquecer. Mas estou feliz, agora, por esta oportunidade de vê-la mais uma vez e saber que não me esqueceu, e de lhe assegurar que nunca deixarei de me lembrar de você.’

Houve uma pausa momentânea. A Sra. Huntingdon caminhou para ficar no recesso da janela. Considerava ela isso como uma deixa de que apenas a modéstia me impedia de pedir sua mão? E estaria ela pensando em como me repelir causando a menor dor aos meus sentimentos? Antes que eu pudesse falar para aliviá-la de tal perplexidade, ela mesma quebrou o silêncio ao, repentinamente, virar-se para mim e observar...

‘Você poderia ter tido tal oportunidade antes – tanto quanto, quero dizer, quando a considerar em me assegurar de suas bondosas lembranças e a si mesmo de mim, se tivesse me escrito.’

‘Eu teria feito, mas não sabia seu endereço e não gostaria de perguntar ao seu irmão, porque pensei que ele se objetaria à minha correspondência; mas isso não teria me detido nem por um momento, se eu pudesse ter aventurado a acreditar que você esperava notícias minhas ou mesmo gastava um pensamento sobre seu infeliz amigo; mas seu silêncio naturalmente me levou a concluir que eu fora esquecido.’

‘Você esperava que eu escrevesse para você, então?’

‘Não, Helen – Sra. Huntingdon’, eu disse, corando com a implícita imputação, ‘certamente não; mas se você tivesse me enviado uma mensagem por meio de seu irmão ou mesmo perguntado a ele sobre mim, de vez em quando...’

‘Eu perguntava sobre você com frequência. Eu não ia fazer mais’, ela continuou, sorrindo, ‘enquanto continuasse a se restringir a algumas polidas perguntas sobre minha saúde.’

‘Seu irmão nunca me disse que você mencionava meu nome.’

‘Você perguntava a ele?’

‘Não; pois eu via que ele não desejava ser perguntado sobre você ou dar o menor encorajamento ou ajuda para a minha deveras obstinada ligação.’ Helen não respondeu. ‘E ele estava perfeitamente certo’, acrescentei. Mas ela permaneceu em silêncio, olhando para o gramado coberto de neve. ‘Oh, eu a aliviarei de minha presença’, pensei; e me ergui imediatamente e avancei para me despedir, com uma resolução muito heróica – mas o orgulho estava no fundo ou não poderia ter ido adiante.

‘Você já está indo?’, ela disse, pegando a mão que eu lhe oferecia e não a soltando de imediato.

‘Por que eu deveria ficar mais?’

‘Espere até Arthur voltar, pelo menos.’

Muito feliz somente por obedecer, fiquei e apoiei no lado oposto da janela.

‘Você disse que não estava mudado’, disse minha companheira; ‘você está – e muito.’

‘Não, Sra. Huntingdon, eu apenas deveria estar.’

‘Você quer dizer que sustenta ter a mesma consideração por mim que tinha na última vez em que nos encontramos?’

‘Tenho; mas seria um erro falar disso agora.’

‘Era um erro falar disso naquele momento, Gilbert; não seria agora – a menos que assim fazendo, violaríamos a verdade.’

Eu estava muito agitado para falar; mas, sem esperar por uma resposta, ela virou seus resplandecentes olhos e ruborizado rosto, e abriu a janela e olhou para fora, seja para acalmar seus próprios excitados sentimentos ou para aliviar seu embaraço, ou apenas para arrancar um belíssimo heléboro ainda a desabrochar que crescia sobre o pequeno arbusto, apenas espiando a neve que, até aquele momento, sem dúvida, a

defendera da geada e estava agora derretendo-se sob o sol. Ela, contudo, o puxou e tendo gentilmente soprado para tirar o brilhante pó de suas folhas, o aproximou aos seus lábios e disse:

‘Esta rosa não é tão fragrante quanto uma flor de verão, mas resistiu a tantas privações que nenhuma delas poderia suportar: a fria chuva de inverno bastou para alimentá-la e seu débil sol, para aquecê-la; os gélidos ventos não a empalideceram ou quebraram seu talo, e a afiada geada não a murchou. Olhe, Gilbert, está ainda fresca e fluorescente quanto uma flor pode estar, mesmo com a fria neve agora em suas pétalas. – Você a aceita?’

Estendi minha mão: não ousei falar com medo de que minha emoção me dominasse. Ela deitou a rosa sobre a palma de minha mão, mas mal fechei os dedos sobre ela, tanto que estava absorvido em pensar qual poderia ser o significado de suas palavras e sobre o que eu deveria fazer ou dizer naquele momento; seja abrir caminho aos meus sentimentos ou ainda, contê-los. Mal interpretando essa hesitação como indiferença – ou mesmo relutância – em aceitar sua prenda, Helen subitamente a agarrou de minha mão e a jogou sobre a neve, fechou a janela com ênfase e se retirou para a lareira.

‘Helen, o que isso significa?’ exclamei, eletrificado com esta assustadora mudança em seu comportamento.

‘Você não entendeu minha prenda’, ela disse – ‘ou, o que é pior, você a desprezou. Lamento ter dado a você; mas já que cometeu tal erro, o único remédio que pude pensar foi o de retirá-la.’

‘Você cruelmente me interpretou mal’, repliquei e em um minuto abri novamente a janela, pulei, peguei a flor e a trouxe de volta, e a dei para ela, implorando para que me presenteasse novamente e que eu a guardaria para sempre, por ela e a estimaria mais do que qualquer coisa que possuía no mundo.

‘E isto lhe satisfará?’, ela disse, enquanto a pegava de minha mão.

‘Deverá’, respondi.

‘Eis, então; pegue.’

Apertei a flor contra meus lábios com sinceridade e a coloquei em meu peito, a Sra. Huntingdon olhando com um sorriso meio sarcástico.

‘Agora, você se vai?’ ela disse.

‘Trei, se... se eu tiver.’

‘Você está mudado’, ela insistiu – ‘você se tornou muito orgulhoso ou muito indiferente.’

‘Nenhum dos dois, Helen – Sra. Huntingdon. Se você pudesse ver meu coração...’

‘Você está um dos dois – senão os dois. E por que Sra. Huntingdon? – por que não Helen, como antes?’

‘Helen, então – querida Helen!’ murmurei. Eu estava em agonia de uma mistura de amor, esperança, prazer, incerteza e suspense.

‘A rosa que lhe dei era um emblema de meu coração’, ela disse; ‘você o levaria embora e me deixaria aqui sozinha?’

‘Você me daria a sua mão, também, se eu a pedisse?’

‘Eu não disse o bastante?’ ela respondeu, com um sorriso mais encantador. Eu agarrei sua mão e a teria beijado fervorosamente, mas subitamente me contive, e disse:

‘Mas você já considerou as consequências?’

‘Difícilmente, acho, ou não teria me oferecido a alguém muito orgulhoso para me aceitar ou muito indiferente para fazer sua afeição ter mais valor do que meus bens materiais.’

Estúpido e tapado que eu era! – tremi ao agarrá-la em meus braços, mas não ousei acreditar em tanta alegria e ainda me contive de dizer:

‘Mas e se você se arrepender?’

‘Seria sua culpa’, ela replicou: ‘Nunca me arrependerei, a menos que você me desaponte com amargura. Se você não tem confiança o suficiente em minha afeição para acreditar nisso, deixe-me em paz.’

‘Meu querido anjo – minha própria Helen’, exclamei, agora beijando apaixonadamente a mão que eu ainda segurava e jogando meu braço esquerdo sobre ela, ‘você nunca se arrependerá, se depender apenas de mim. Mas já pensou em sua tia?’ Tremi pela resposta e a agarrei ainda mais forte ao meu coração com o instintivo terror de perder meu recém-descoberto tesouro.

‘Minha tia não deve saber a respeito, ainda’, ela disse. ‘Ela pensaria ser um passo apressado e insensato, porque não pode imaginar quão bem eu o conheço; mas ela deve conhecê-lo e aprender a gostar de você. Você deve nos deixar agora, depois do almoço e voltar novamente na primavera, e ficar mais tempo e cultivar seu relacionamento, e eu sei que vocês gostarão um do outro.’

‘E então você será minha’, eu disse, imprimindo um beijo em seus lábios e outro, e outro; pois eu estava tão ousado quanto impetuoso agora, quanto estivera relutante e reprimido antes.

‘Não – no ano seguinte’, ela replicou, gentilmente se livrando de meu abraço, mas ainda agarrando apaixonadamente minha mão.

‘Outro ano! Oh, Helen, não posso esperar tanto!’

‘Onde está sua fidelidade?’

‘Quero dizer que não posso resistir à miséria de uma separação tão longa.’

‘Não seria uma separação: nos escreveremos todos os dias: meu espírito sempre deverá estar com você e, às vezes, você deverá me ver com os seus olhos carnis. Não serei tão hipócrita como para fingir que desejo esperar tanto tempo, mas como meu casamento deverá agradar apenas a mim, sozinha, eu deveria consultar minhas amigas sobre o seu tempo.’

‘Suas amigas não aprovarão.’

‘Elas não irão desaprovar muito, caro Gilbert’, ela disse, beijando minha mão com sinceridade; ‘elas não poderiam, quando conhecê-lo, ou, se pudessem, não seriam verdadeiras amigas – não deverei me importar em perdê-las. Agora, você está satisfeito?’ Ela olhou meu rosto com um sorriso de inefável ternura.

‘Como eu não poderia estar, com o seu amor? E você me ama, Helen?’, quis saber, não duvidando do fato, mas desejando ouvi-lo confirmado com o próprio reconhecimento dela.

‘Se você amasse como eu’, ela respondeu com sinceridade, ‘não teria nem mesmo quase me perdido – estes escrúpulos de falsa delicadeza e orgulho nunca deveriam tê-lo incomodado – você teria visto que as maiores distinções terrenas e as discrepâncias de posição, berço e fortuna são como

pó na balança, comparados com a unidade dos pensamentos e sentimentos concordantes, e o real amor, corações e almas se simpatizando.’

‘Mas isso é muita felicidade’, eu disse, abraçando-a novamente; ‘Eu não mereço tanto, Helen – ousa não acreditar em tanta ventura: e, quanto mais eu tenho de esperar, maior será meu terror de que algo intervenha para tirá-la de mim – e, pense, mil coisas podem acontecer em um ano! – Deverei ficar em uma longa febre de incansável terror e impaciência por todo o tempo. E, além disso, o inverno é uma estação muito lúgubre.’

‘Pensei nisso, também’, ela replicou, gravemente: ‘Eu não me casaria no inverno – em dezembro, pelo menos’, ela acrescentou, com um arrepio – pois, naquele mês, ocorrera tanto o seu malfadado casamento, que a havia ligado ao seu marido anterior e a terrível morte que a libertara – ‘e, portanto, eu digo ano que vem, na primavera.’

‘Na próxima primavera?’

‘Não, não – no próximo outono, talvez.’

‘Verão, então?’

‘Bem, o fim do verão. Agora pronto! Fique satisfeito.’

Enquanto ela falava, Arthur entrou novamente na sala – bom garoto para se ausentar por tanto tempo.

‘Mamãe, não pude encontrar o livro em nenhum dos lugares que você me disse para procurar’ (havia um quê de ciência no sorriso da mamãe que parecia dizer, ‘Não, querido, eu sabia que você não poderia’), ‘mas Rachel conseguiu, por fim. Olhe, Sr. Markham, uma história natural, com todos os tipos de pássaros e animais, e a leitura é tão boa quanto as figuras!’

Com muito bom humor, sentei-me para examinar o livro e puxei o pequeno rapaz para entre meus joelhos. Tivesse ele chegado um minuto antes e o teria recebido com menos graça, mas agora eu afetuosamente arrumava seus cachos dourados e, mesmo, beijado sua testa de marfim: ele era filho de minha própria Helen e, portanto, meu; e como tal, eu o tenho considerado desde então. Aquela bela criança é, agora, um bom jovem: ele cumpriu as mais brilhantes expectativas de sua mãe e está, agora, residindo em Grassdale Manor com sua jovem esposa – a alegre pequena Helen Hattersley de outrora.

Eu não tinha ainda olhado metade do livro quando a Sra. Maxwell apareceu para me convidar à outra sala, para o almoço. Os modos frios e distantes daquela dama mais me arrepiaram no começo; mas fiz meu melhor para aplacá-la e não inteiramente sem sucesso, acho, mesmo naquela primeira e curta visita; pois, quando eu conversava animadamente com ela, ela gradualmente se tornou mais bondosa e cordial, e quando parti, me deu um gracioso adeus, esperando que não demorasse muito para ter o prazer de me ver novamente.

‘Mas você não deve partir até ter visto a estufa, o jardim de inverno de minha tia’, disse Helen, enquanto eu avançava para me despedir dela, com tanta filosofia e autocontrole quanto eu poderia reunir em meu auxílio.

Eu, com felicidade, me aproveitei de tal intervalo e a segui pela grande e bela estufa, completamente sortida de flores, considerando a estação – mas, claro, eu tinha pouca atenção para elas. Não era, contudo, por outro terno colóquio que minha companheira me levara para lá:

‘Minha tia é particularmente apaixonada por flores’, ela observou, ‘e ela é apaixonada por Staningley, também: trouxe-lhe até aqui para oferecer uma petição em nome dela, que esta possa ser sua casa enquanto ela viva e – se não for nosso lar, igualmente – que eu possa vê-la e estar com ela; pois temo que ela lamente me perder; e, embora ela leve uma vida reclusa e contemplativa, é propensa a se deprimir se deixada muito tempo sozinha.’

‘De todos os modos, querida Helen! – faça o que quiser com os seus. Não sonho em desejar que sua tia deixe esse lugar sob quaisquer circunstâncias; e viveremos tanto aqui quanto em qualquer outro lugar, como você e ela possam determinar, e você deverá vê-la tão frequentemente quanto quiser. Sei que ela sofrerá se separar de você e eu desejo fazer todas as compensações que puder. Eu a amo por você e a felicidade dela será tão cara a mim quanto a da minha própria mãe.’

‘Obrigada, querido! Você terá um beijo, por isso. Adeus. Pronto, agora... pronto, Gilbert – solte-me – eis Arthur; não assuste o cérebro infantil dele com a sua loucura.’

* * * * *

Mas é hora de trazer um fim à minha narrativa. Qualquer um, menos você, poderia dizer que eu já a estendi demais. Porém, para a sua satisfação, acrescentarei mais algumas palavras; porque sei que terá um sentimento igual pela velha dama e desejará saber o fim de sua história. Voltei novamente na primavera e, de acordo com as recomendações de Helen, fiz meu melhor para cultivar seu relacionamento. Ela me recebeu muito bondosamente, tendo sido, com certeza, já preparada para pensar bem de meu caráter pelo relato muito favorável de sua sobrinha. Extraí o melhor de mim, claro, e nos demos maravilhosamente bem juntos. Quando minhas ambiciosas intenções lhe foram conhecidas, ela as recebeu mais sensivelmente do que eu tinha aventurado a esperar. Seu único comentário sobre o assunto, que escutei, foi...

‘E assim, Sr. Markham, você irá me roubar de minha sobrinha, compreendo. Bem! Espero que Deus faça prosperar sua união e faça minha querida garota feliz, finalmente. Tivesse ela se contentado em continuar solteira e eu mesma teria ficado mais satisfeita; mas, se ela deve se casar novamente, não sei de ninguém, que agora viva e de idade compatível, a quem eu mais resignaria sua mão com mais vontade do que a si mesmo ou quem seria mais provável apreciar seu valor e fazê-la verdadeiramente feliz, tanto quanto eu possa dizer.’

Claro que eu estava deleitado com o elogio e esperava mostrar a ela que não estava equivocada em seu julgamento favorável.

‘Tenho, porém, uma exigência a fazer’, ela continuou. ‘Parece que ainda deva considerar Staningley como meu lar: desejo que seja o de vocês igualmente, pois Helen é ligada ao lugar e a mim – como eu sou a ela. Há dolorosas associações ligadas à Grassdale, as quais ela não pode facilmente superar; e não devo incomodá-los com minha companhia ou interferência, aqui: sou uma pessoa muito quieta e deverei manter meus próprios cômodos, e cuidar dos meus negócios, e apenas vê-los de vez em quando.’

Claro que consenti mais do que prontamente a isso; e vivemos na maior harmonia com nossa querida tia até o dia de sua morte, que melancolicamente ocorreu poucos anos depois – melancólica, não para ela mesma (pois se lhe chegou quieta e ela estava feliz em concluir sua jornada),

mas apenas para os poucos amigos que a amavam e aos gratos dependentes que ela deixou.

Voltemos, contudo, aos meus próprios assuntos: casei-me no verão, em uma gloriosa manhã de agosto. Tomou oito meses completos e toda a bondade e a afabilidade para repelir e superar o preconceito de minha mãe contra a minha noiva eleita, e para se reconciliar com a ideia de minha partida de Linden Grange e viver tão longe. Ainda, ela estava grata com a boa fortuna de seu filho, no fim das contas, e orgulhosamente atribuía tudo aos méritos e dotes superiores dele. Transmiti a fazenda para Fergus, com as melhores esperanças de sua prosperidade do que eu teria tido um ano atrás, sob as mesmas circunstâncias; pois ele, ultimamente, se apaixonara pela filha mais velha do Vigário de L - - uma dama cuja superioridade havia ericado suas virtudes latentes e o estimulara aos esforços mais surpreendentes, não apenas para ganhar sua afeição e estima, e para obter uma fortuna suficiente para aspirar à sua mão, além de se tornar ele mesmo digno dela, em seus próprios olhos, assim como aos dos pais dela; e, no final, ele teve sucesso, como você já sabe. Quanto à mim, não preciso dizer quão feliz minha Helen e eu temos vivido juntos, e quão abençoados ainda somos na companhia um do outro e com os promissores descendentes que estão crescendo conosco. Estamos, agora, justamente, ansiosos pela chegada de você e de Rose, pois o tempo de sua visita anual se aproxima, quando deve deixar sua cidade empoeirada, esfumaçada, barulhenta, atribulada e contundente por uma temporada de revigorante relaxamento e retiro social conosco.

Até lá, adeus,

GILBERT MARKHAM.

STANINGLEY: 10 de junho de 1847.

THE TENANT OF WILDFELL HALL

AUTHOR'S PREFACE TO THE SECOND EDITION

While I acknowledge the success of the present work to have been greater than I anticipated, and the praises it has elicited from a few kind critics to have been greater than it deserved, I must also admit that from some other quarters it has been censured with an asperity which I was as little prepared to expect, and which my judgment, as well as my feelings, assures me is more bitter than just. It is scarcely the province of an author to refute the arguments of his censors and vindicate his own productions; but I may be allowed to make here a few observations with which I would have prefaced the first edition, had I foreseen the necessity of such precautions against the misapprehensions of those who would read it with a prejudiced mind or be content to judge it by a hasty glance.

My object in writing the following pages was not simply to amuse the Reader; neither was it to gratify my own taste, nor yet to ingratiate myself with the Press and the Public: I wished to tell the truth, for truth always conveys its own moral to those who are able to receive it. But as the priceless treasure too frequently hides at the bottom of a well, it needs some courage to dive for it, especially as he that does so will be likely to incur more scorn and obloquy for the mud and water into which he has ventured to plunge, than thanks for the jewel he procures; as, in like manner, she who undertakes the cleansing of a careless bachelor's apartment will be liable to more abuse for the dust she raises than commendation for the clearance she effects. Let it not be imagined, however, that I consider myself competent to reform the errors and abuses of society, but only that I would fain contribute my humble quota towards so good an aim; and if I can gain the public ear at all, I would rather whisper a few wholesome truths therein than much soft nonsense.

As the story of 'Agnes Grey' was accused of extravagant over-colouring in those very parts that were carefully copied from the life, with a most scrupulous avoidance of all exaggeration, so, in the present work, I find myself censured for depicting CON AMORE, with 'a morbid love of the coarse, if not of the brutal,' those scenes which, I will venture to say, have not been more painful for the most fastidious of my critics to read than they were for me to describe. I may have gone too far; in which case I shall

be careful not to trouble myself or my readers in the same way again; but when we have to do with vice and vicious characters, I maintain it is better to depict them as they really are than as they would wish to appear. To represent a bad thing in its least offensive light is, doubtless, the most agreeable course for a writer of fiction to pursue; but is it the most honest, or the safest? Is it better to reveal the snares and pitfalls of life to the young and thoughtless traveller, or to cover them with branches and flowers? Oh, reader! if there were less of this delicate concealment of facts - this whispering, 'Peace, peace,' when there is no peace, there would be less of sin and misery to the young of both sexes who are left to wring their bitter knowledge from experience.

I would not be understood to suppose that the proceedings of the unhappy scapegrace, with his few profligate companions I have here introduced, are a specimen of the common practices of society - the case is an extreme one, as I trusted none would fail to perceive; but I know that such characters do exist, and if I have warned one rash youth from following in their steps, or prevented one thoughtless girl from falling into the very natural error of my heroine, the book has not been written in vain. But, at the same time, if any honest reader shall have derived more pain than pleasure from its perusal, and have closed the last volume with a disagreeable impression on his mind, I humbly crave his pardon, for such was far from my intention; and I will endeavour to do better another time, for I love to give innocent pleasure. Yet, be it understood, I shall not limit my ambition to this - or even to producing 'a perfect work of art': time and talents so spent, I should consider wasted and misapplied. Such humble talents as God has given me I will endeavour to put to their greatest use; if I am able to amuse, I will try to benefit too; and when I feel it my duty to speak an unpalatable truth, with the help of God, I WILL speak it, though it be to the prejudice of my name and to the detriment of my reader's immediate pleasure as well as my own.

One word more, and I have done. Respecting the author's identity, I would have it to be distinctly understood that Acton Bell is neither Currer nor Ellis Bell, and therefore let not his faults be attributed to them. As to whether the name be real or fictitious, it cannot greatly signify to those who know him only by his works. As little, I should think, can it

matter whether the writer so designated is a man, or a woman, as one or two of my critics profess to have discovered. I take the imputation in good part, as a compliment to the just delineation of my female characters; and though I am bound to attribute much of the severity of my censors to this suspicion, I make no effort to refute it, because, in my own mind, I am satisfied that if a book is a good one, it is so whatever the sex of the author may be. All novels are, or should be, written for both men and women to read, and I am at a loss to conceive how a man should permit himself to write anything that would be really disgraceful to a woman, or why a woman should be censured for writing anything that would be proper and becoming for a man.

JULY 22nd 1848.

CHAPTER I

You must go back with me to the autumn of 1827.

My father, as you know, was a sort of gentleman farmer in-shire; and I, by his express desire, succeeded him in the same quiet occupation, not very willingly, for ambition urged me to higher aims, and self-conceit assured me that, in disregarding its voice, I was burying my talent in the earth, and hiding my light under a bushel. My mother had done her utmost to persuade me that I was capable of great achievements; but my father, who thought ambition was the surest road to ruin, and change but another word for destruction, would listen to no scheme for bettering either my own condition, or that of my fellow mortals. He assured me it was all rubbish, and exhorted me, with his dying breath, to continue in the good old way, to follow his steps, and those of his father before him, and let my highest ambition be to walk honestly through the world, looking neither to the right hand nor to the left, and to transmit the paternal acres to my children in, at least, as flourishing a condition as he left them to me.

‘Well! - an honest and industrious farmer is one of the most useful members of society; and if I devote my talents to the cultivation of my farm, and the improvement of agriculture in general, I shall thereby benefit, not only my own immediate connections and dependants, but, in some degree, mankind at large:- hence I shall not have lived in vain.’ With such reflections as these I was endeavouring to console myself, as I plodded home from the fields, one cold, damp, cloudy evening towards the close of October. But the gleam of a bright red fire through the parlour window had more effect in cheering my spirits, and rebuking my thankless repinings, than all the sage reflections and good resolutions I had forced my mind to frame; - for I was young then, remember - only four-and-twenty - and had not acquired half the rule over my own spirit that I now possess - trifling as that may be.

However, that haven of bliss must not be entered till I had exchanged my miry boots for a clean pair of shoes, and my rough surtout for a respectable coat, and made myself generally presentable before decent society; for my mother, with all her kindness, was vastly particular on certain points.

In ascending to my room I was met upon the stairs by a smart, pretty girl of nineteen, with a tidy, dumpy figure, a round face, bright, blooming cheeks, glossy, clustering curls, and little merry brown eyes. I need not tell you this was my sister Rose. She is, I know, a comely matron still, and, doubtless, no less lovely – in your eyes - than on the happy day you first beheld her. Nothing told me then that she, a few years hence, would be the wife of one entirely unknown to me as yet, but destined hereafter to become a closer friend than even herself, more intimate than that unmannerly lad of seventeen, by whom I was collared in the passage, on coming down, and well-nigh jerked off my equilibrium, and who, in correction for his impudence, received a resounding whack over the scone, which, however, sustained no serious injury from the infliction; as, besides being more than commonly thick, it was protected by a redundant shock of short, reddish curls, that my mother called auburn.

On entering the parlour we found that honoured lady seated in her arm-chair at the fireside, working away at her knitting, according to her usual custom, when she had nothing else to do. She had swept the hearth, and made a bright blazing fire for our reception; the servant had just brought in the tea-tray; and Rose was producing the sugar-basin and tea-caddy from the cupboard in the black oak side-board, that shone like polished ebony, in the cheerful parlour twilight.

‘Well! here they both are,’ cried my mother, looking round upon us without retarding the motion of her nimble fingers and glittering needles. ‘Now shut the door, and come to the fire, while Rose gets the tea ready; I’m sure you must be starved; - and tell me what you’ve been about all day; - I like to know what my children have been about.’

‘I’ve been breaking in the grey colt - no easy business that - directing the ploughing of the last wheat stubble - for the ploughboy has not the sense to direct himself - and carrying out a plan for the extensive and efficient draining of the low meadowlands.’

‘That’s my brave boy! - and Fergus, what have you been doing?’

‘Badger-baiting.’

And here he proceeded to give a particular account of his sport, and the respective traits of prowess evinced by the badger and the dogs; my

mother pretending to listen with deep attention, and watching his animated countenance with a degree of maternal admiration I thought highly disproportioned to its object.

‘It’s time you should be doing something else, Fergus,’ said I, as soon as a momentary pause in his narration allowed me to get in a word.

‘What can I do?’ replied he; ‘my mother won’t let me go to sea or enter the army; and I’m determined to do nothing else - except make myself such a nuisance to you all, that you will be thankful to get rid of me on any terms.’

Our parent soothingly stroked his stiff, short curls. He growled, and tried to look sulky, and then we all took our seats at the table, in obedience to the thrice-repeated summons of Rose.

‘Now take your tea,’ said she; ‘and I’ll tell you what I’ve been doing. I’ve been to call on the Wilsons; and it’s a thousand pities you didn’t go with me, Gilbert, for Eliza Millward was there!’

‘Well! what of her?’

‘Oh, nothing!... I’m not going to tell you about her; ...only that she’s a nice, amusing little thing, when she is in a merry humour, and I shouldn’t mind calling her...’

‘Hush, hush, my dear! your brother has no such idea!’ whispered my mother earnestly, holding up her finger.

‘Well,’ resumed Rose; ‘I was going to tell you an important piece of news I heard there - I have been bursting with it ever since. You know it was reported a month ago, that somebody was going to take Wildfell Hall - and - what do you think? It has actually been inhabited above a week! - and we never knew!’

‘Impossible!’ cried my mother.

‘Preposterous!!!’ shrieked Fergus.

‘It has indeed! - and by a single lady!’

‘Good gracious, my dear! The place is in ruins!’

‘She has had two or three rooms made habitable; and there she lives, all alone - except an old woman for a servant!’

‘Oh, dear! that spoils it - I’d hoped she was a witch,’ observed Fergus, while carving his inch-thick slice of bread and butter.

‘Nonsense, Fergus! But isn’t it strange, mamma?’

‘Strange! I can hardly believe it.’

‘But you may believe it; for Jane Wilson has seen her. She went with her mother, who, of course, when she heard of a stranger being in the neighbourhood, would be on pins and needles till she had seen her and got all she could out of her. She is called Mrs. Graham, and she is in mourning - not widow’s weeds, but slightish mourning - and she is quite young, they say - not above five or six and twenty - but so reserved! They tried all they could to find out who she was and where she came from, and, all about her, but neither Mrs. Wilson, with her pertinacious and impertinent home-thrusts, nor Miss Wilson, with her skilful manoeuvring, could manage to elicit a single satisfactory answer, or even a casual remark, or chance expression calculated to allay their curiosity, or throw the faintest ray of light upon her history, circumstances, or connections. Moreover, she was barely civil to them, and evidently better pleased to say ‘good-bye,’ than ‘how do you do.’ But Eliza Millward says her father intends to call upon her soon, to offer some pastoral advice, which he fears she needs, as, though she is known to have entered the neighbourhood early last week, she did not make her appearance at church on Sunday; and she - Eliza, that is - will beg to accompany him, and is sure she can succeed in wheedling something out of her - you know, Gilbert, she can do anything. And we should call some time, mamma; it’s only proper, you know.’

‘Of course, my dear. Poor thing! How lonely she must feel!’

‘And pray, be quick about it; and mind you bring me word how much sugar she puts in her tea, and what sort of caps and aprons she wears, and all about it; for I don’t know how I can live till I know,’ said Fergus, very gravely.

But if he intended the speech to be hailed as a master-stroke of wit, he signally failed, for nobody laughed. However, he was not much disconcerted at that; for when he had taken a mouthful of bread and butter and was about to swallow a gulp of tea, the humour of the thing burst upon him with such irresistible force, that he was obliged to jump up from the

table, and rush snorting and choking from the room; and a minute after, was heard screaming in fearful agony in the garden.

As for me, I was hungry, and contented myself with silently demolishing the tea, ham, and toast, while my mother and sister went on talking, and continued to discuss the apparent or non-apparent circumstances, and probable or improbable history of the mysterious lady; but I must confess that, after my brother's misadventure, I once or twice raised the cup to my lips, and put it down again without daring to taste the contents, lest I should injure my dignity by a similar explosion.

The next day my mother and Rose hastened to pay their compliments to the fair recluse; and came back but little wiser than they went; though my mother declared she did not regret the journey, for if she had not gained much good, she flattered herself she had imparted some, and that was better: she had given some useful advice, which, she hoped, would not be thrown away; for Mrs. Graham, though she said little to any purpose, and appeared somewhat self-opinionated, seemed not incapable of reflection, though she did not know where she had been all her life, poor thing, for she betrayed a lamentable ignorance on certain points, and had not even the sense to be ashamed of it.

'On what points, mother?' asked I.

'On household matters, and all the little niceties of cookery, and such things, that every lady ought to be familiar with, whether she be required to make a practical use of her knowledge or not. I gave her some useful pieces of information, however, and several excellent receipts, the value of which she evidently could not appreciate, for she begged I would not trouble myself, as she lived in such a plain, quiet way, that she was sure she should never make use of them. "No matter, my dear," said I; "it is what every respectable female ought to know, - and besides, though you are alone now, you will not be always so; you have been married, and probably - I might say almost certainly - will be again." "You are mistaken there, ma'am," said she, almost haughtily; "I am certain I never shall." - But I told her I knew better.'

'Some romantic young widow, I suppose,' said I, 'come there to end her days in solitude, and mourn in secret for the dear departed - but it

won't last long.'

'No, I think not,' observed Rose; 'for she didn't seem very disconsolate after all; and she's excessively pretty - handsome rather - you must see her, Gilbert; you will call her a perfect beauty, though you could hardly pretend to discover a resemblance between her and Eliza Millward.'

'Well, I can imagine many faces more beautiful than Eliza's, though not more charming. I allow she has small claims to perfection; but then, I maintain that, if she were more perfect, she would be less interesting.'

'And so you prefer her faults to other people's perfections?'

'Just so - saving my mother's presence.'

'Oh, my dear Gilbert, what nonsense you talk! - I know you don't mean it; it's quite out of the question,' said my mother, getting up, and bustling out of the room, under pretence of household business, in order to escape the contradiction that was trembling on my tongue.

After that Rose favoured me with further particulars respecting Mrs. Graham. Her appearance, manners, and dress, and the very furniture of the room she inhabited, were all set before me, with rather more clearness and precision than I cared to see them; but, as I was not a very attentive listener, I could not repeat the description if I would.

The next day was Saturday; and, on Sunday, everybody wondered whether or not the fair unknown would profit by the vicar's remonstrance, and come to church. I confess I looked with some interest myself towards the old family pew, appertaining to Wildfell Hall, where the faded crimson cushions and lining had been unpressed and unrenewed so many years, and the grim escutcheons, with their lugubrious borders of rusty black cloth, frowned so sternly from the wall above.

And there I beheld a tall, lady-like figure, clad in black. Her face was towards me, and there was something in it which, once seen, invited me to look again. Her hair was raven black, and disposed in long glossy ringlets, a style of coiffure rather unusual in those days, but always graceful and becoming; her complexion was clear and pale; her eyes I could not see, for, being bent upon her prayer-book, they were concealed by their drooping lids and long black lashes, but the brows above were expressive and well

defined; the forehead was lofty and intellectual, the nose, a perfect aquiline and the features, in general, unexceptionable - only there was a slight hollowness about the cheeks and eyes, and the lips, though finely formed, were a little too thin, a little too firmly compressed, and had something about them that betokened, I thought, no very soft or amiable temper; and I said in my heart - 'I would rather admire you from this distance, fair lady, than be the partner of your home.'

Just then she happened to raise her eyes, and they met mine; I did not choose to withdraw my gaze, and she turned again to her book, but with a momentary, indefinable expression of quiet scorn, that was inexpressibly provoking to me.

'She thinks me an impudent puppy,' thought I. 'Humph! - she shall change her mind before long, if I think it worth while.'

But then it flashed upon me that these were very improper thoughts for a place of worship, and that my behaviour, on the present occasion, was anything but what it ought to be. Previous, however, to directing my mind to the service, I glanced round the church to see if any one had been observing me; - but no - all, who were not attending to their prayer-books, were attending to the strange lady - my good mother and sister among the rest, and Mrs. Wilson and her daughter; and even Eliza Millward was slyly glancing from the corners of her eyes towards the object of general attraction. Then she glanced at me, simpered a little, and blushed, modestly looked at her prayer-book, and endeavoured to compose her features.

Here I was transgressing again; and this time I was made sensible of it by a sudden dig in the ribs, from the elbow of my pert brother. For the present, I could only resent the insult by pressing my foot upon his toes, deferring further vengeance till we got out of church.

Now, Halford, before I close this letter, I'll tell you who Eliza Millward was: she was the vicar's younger daughter, and a very engaging little creature, for whom I felt no small degree of partiality; - and she knew it, though I had never come to any direct explanation, and had no definite intention of so doing, for my mother, who maintained there was no one good enough for me within twenty miles round, could not bear the thoughts of my marrying that insignificant little thing, who, in addition to

her numerous other disqualifications, had not twenty pounds to call her own. Eliza's figure was at once slight and plump, her face small, and nearly as round as my sister's - complexion, something similar to hers, but more delicate and less decidedly blooming - nose, retrousse - features, generally irregular; and, altogether, she was rather charming than pretty. But her eyes - I must not forget those remarkable features, for therein her chief attraction lay - in outward aspect at least; - they were long and narrow in shape, the irids black, or very dark brown, the expression various, and ever changing, but always either preternaturally - I had almost said diabolically - wicked, or irresistibly bewitching - often both. Her voice was gentle and childish, her tread light and soft as that of a cat:- but her manners more frequently resembled those of a pretty playful kitten, that is now pert and roguish, now timid and demure, according to its own sweet will.

Her sister, Mary, was several years older, several inches taller, and of a larger, coarser build - a plain, quiet, sensible girl, who had patiently nursed their mother, through her last long, tedious illness, and been the housekeeper, and family drudge, from thence to the present time. She was trusted and valued by her father, loved and courted by all dogs, cats, children, and poor people, and slighted and neglected by everybody else.

The Reverend Michael Millward himself was a tall, ponderous elderly gentleman, who placed a shovel hat above his large, square, massive-featured face, carried a stout walking-stick in his hand, and incased his still powerful limbs in knee-breeches and gaiters - or black silk stockings on state occasions. He was a man of fixed principles, strong prejudices, and regular habits, intolerant of dissent in any shape, acting under a firm conviction that his opinions were always right, and whoever differed from them must be either most deplorably ignorant, or wilfully blind.

In childhood, I had always been accustomed to regard him with a feeling of reverential awe - but lately, even now, surmounted, for, though he had a fatherly kindness for the well-behaved, he was a strict disciplinarian, and had often sternly reproved our juvenile failings and peccadilloes; and moreover, in those days, whenever he called upon our parents, we had to stand up before him, and say our catechism, or repeat, 'How doth the little busy bee,' or some other hymn, or - worse than all - be questioned about his last text, and the heads of the discourse, which we

never could remember. Sometimes, the worthy gentleman would reprove my mother for being over-indulgent to her sons, with a reference to old Eli, or David and Absalom, which was particularly galling to her feelings; and, very highly as she respected him, and all his sayings, I once heard her exclaim, 'I wish to goodness he had a son himself! He wouldn't be so ready with his advice to other people then; - he'd see what it is to have a couple of boys to keep in order.'

He had a laudable care for his own bodily health - kept very early hours, regularly took a walk before breakfast, was vastly particular about warm and dry clothing, had never been known to preach a sermon without previously swallowing a raw egg - albeit he was gifted with good lungs and a powerful voice - and was, generally, extremely particular about what he ate and drank, though by no means abstemious, and having a mode of dietary peculiar to himself - being a great despiser of tea and such slops, and a patron of malt liquors, bacon and eggs, ham, hung beef, and other strong meats, which agreed well enough with his digestive organs, and therefore were maintained by him to be good and wholesome for everybody, and confidently recommended to the most delicate convalescents or dyspeptics, who, if they failed to derive the promised benefit from his prescriptions, were told it was because they had not persevered, and if they complained of inconvenient results therefrom, were assured it was all fancy.

I will just touch upon two other persons whom I have mentioned, and then bring this long letter to a close. These are Mrs. Wilson and her daughter. The former was the widow of a substantial farmer, a narrow-minded, tattling old gossip, whose character is not worth describing. She had two sons, Robert, a rough countrified farmer, and Richard, a retiring, studious young man, who was studying the classics with the vicar's assistance, preparing for college, with a view to enter the church.

Their sister Jane was a young lady of some talents, and more ambition. She had, at her own desire, received a regular boarding-school education, superior to what any member of the family had obtained before. She had taken the polish well, acquired considerable elegance of manners, quite lost her provincial accent, and could boast of more accomplishments than the vicar's daughters. She was considered a beauty besides; but never

for a moment could she number me amongst her admirers. She was about six and twenty, rather tall and very slender, her hair was neither chestnut nor auburn, but a most decided bright, light red; her complexion was remarkably fair and brilliant, her head small, neck long, chin well turned, but very short, lips thin and red, eyes clear hazel, quick, and penetrating, but entirely destitute of poetry or feeling. She had, or might have had, many suitors in her own rank of life, but scornfully repulsed or rejected them all; for none but a gentleman could please her refined taste, and none but a rich one could satisfy her soaring ambition. One gentleman there was, from whom she had lately received some rather pointed attentions, and upon whose heart, name, and fortune, it was whispered, she had serious designs. This was Mr. Lawrence, the young squire, whose family had formerly occupied Wildfell Hall, but had deserted it, some fifteen years ago, for a more modern and commodious mansion in the neighbouring parish.

Now, Halford, I bid you adieu for the present. This is the first instalment of my debt. If the coin suits you, tell me so, and I'll send you the rest at my leisure: if you would rather remain my creditor than stuff your purse with such ungainly, heavy pieces - tell me still, and I'll pardon your bad taste, and willingly keep the treasure to myself.

Yours immutably,

GILBERT MARKHAM.

CHAPTER II

I perceive, with joy, my most valued friend, that the cloud of your displeasure has passed away; the light of your countenance blesses me once more, and you desire the continuation of my story: therefore, without more ado, you shall have it.

I think the day I last mentioned was a certain Sunday, the latest in the October of 1827. On the following Tuesday I was out with my dog and gun, in pursuit of such game as I could find within the territory of Linden-Car; but finding none at all, I turned my arms against the hawks and carrion crows, whose depredations, as I suspected, had deprived me of better prey. To this end I left the more frequented regions, the wooded valleys, the corn-fields, and the meadow-lands, and proceeded to mount the steep acclivity of Wildfell, the wildest and the loftiest eminence in our neighbourhood, where, as you ascend, the hedges, as well as the trees, become scanty and stunted, the former, at length, giving place to rough stone fences, partly greened over with ivy and moss, the latter to larches and Scotch fir-trees, or isolated blackthorns. The fields, being rough and stony, and wholly unfit for the plough, were mostly devoted to the posturing of sheep and cattle; the soil was thin and poor: bits of grey rock here and there peeped out from the grassy hillocks; bilberry-plants and heather - relics of more savage wildness - grew under the walls; and in many of the enclosures, ragweeds and rushes usurped supremacy over the scanty herbage; but these were not my property.

Near the top of this hill, about two miles from Linden-Car, stood Wildfell Hall, a superannuated mansion of the Elizabethan era, built of dark grey stone, venerable and picturesque to look at, but doubtless, cold and gloomy enough to inhabit, with its thick stone mullions and little latticed panes, its time-eaten air-holes, and its too lonely, too unsheltered situation - only shielded from the war of wind and weather by a group of Scotch firs, themselves half blighted with storms, and looking as stern and gloomy as the Hall itself. Behind it lay a few desolate fields, and then the brown heath-clad summit of the hill; before it (enclosed by stone walls, and entered by an iron gate, with large balls of grey granite - similar to those which decorated the roof and gables - surmounting the gate-posts) was a garden -

once stocked with such hard plants and flowers as could best brook the soil and climate, and such trees and shrubs as could best endure the gardener's torturing shears, and most readily assume the shapes he chose to give them - now, having been left so many years untilled and untrimmed, abandoned to the weeds and the grass, to the frost and the wind, the rain and the drought, it presented a very singular appearance indeed. The close green walls of privet, that had bordered the principal walk, were two-thirds withered away, and the rest grown beyond all reasonable bounds; the old boxwood swan, that sat beside the scraper, had lost its neck and half its body: the castellated towers of laurel in the middle of the garden, the gigantic warrior that stood on one side of the gateway, and the lion that guarded the other, were sprouted into such fantastic shapes as resembled nothing either in heaven or earth, or in the waters under the earth; but, to my young imagination, they presented all of them a goblinish appearance, that harmonised well with the ghostly legions and dark traditions our old nurse had told us respecting the haunted hall and its departed occupants.

I had succeeded in killing a hawk and two crows when I came within sight of the mansion; and then, relinquishing further depredations, I sauntered on, to have a look at the old place, and see what changes had been wrought in it by its new inhabitant. I did not like to go quite to the front and stare in at the gate; but I paused beside the garden wall, and looked, and saw no change - except in one wing, where the broken windows and dilapidated roof had evidently been repaired, and where a thin wreath of smoke was curling up from the stack of chimneys.

While I thus stood, leaning on my gun, and looking up at the dark gables, sunk in an idle reverie, weaving a tissue of wayward fancies, in which old associations and the fair young hermit, now within those walls, bore a nearly equal part, I heard a slight rustling and scrambling just within the garden; and, glancing in the direction whence the sound proceeded, I beheld a tiny hand elevated above the wall: it clung to the topmost stone, and then another little hand was raised to take a firmer hold, and then appeared a small white forehead, surmounted with wreaths of light brown hair, with a pair of deep blue eyes beneath, and the upper portion of a diminutive ivory nose.

The eyes did not notice me, but sparkled with glee on beholding Sancho, my beautiful black and white setter, that was coursing about the field with its muzzle to the ground. The little creature raised its face and called aloud to the dog. The good-natured animal paused, looked up, and wagged his tail, but made no further advances. The child (a little boy, apparently about five years old) scrambled up to the top of the wall, and called again and again; but finding this of no avail, apparently made up his mind, like Mahomet, to go to the mountain, since the mountain would not come to him, and attempted to get over; but a crabbed old cherry- tree, that grew hard by, caught him by the frock in one of its crooked scraggy arms that stretched over the wall. In attempting to disengage himself his foot slipped, and down he tumbled – but not to the earth; – the tree still kept him suspended. There was a silent struggle, and then a piercing shriek; – but, in an instant, I had dropped my gun on the grass, and caught the little fellow in my arms.

I wiped his eyes with his frock, told him he was all right and called Sancho to pacify him. He was just putting little hand on the dog's neck and beginning to smile through his tears, when I heard behind me a click of the iron gate, and a rustle of female garments, and lo! Mrs. Graham darted upon me – her neck uncovered, her black locks streaming in the wind.

'Give me the child!' she said, in a voice scarce louder than a whisper, but with a tone of startling vehemence, and, seizing the boy, she snatched him from me, as if some dire contamination were in my touch, and then stood with one hand firmly clasping his, the other on his shoulder, fixing upon me her large, luminous dark eyes – pale, breathless, quivering with agitation.

'I was not harming the child, madam,' said I, scarce knowing whether to be most astonished or displeased; 'he was tumbling off the wall there; and I was so fortunate as to catch him, while he hung suspended headlong from that tree, and prevent I know not what catastrophe.'

'I beg your pardon, sir,' stammered she; – suddenly calming down – the light of reason seeming to break upon her beclouded spirit, and a faint blush mantling on her cheek – 'I did not know you; – and I thought...'

She stooped to kiss the child, and fondly clasped her arm round his neck.

‘You thought I was going to kidnap your son, I suppose?’

She stroked his head with a half-embarrassed laugh, and replied - ‘I did not know he had attempted to climb the wall. - I have the pleasure of addressing Mr. Markham, I believe?’ she added, somewhat abruptly.

I bowed, but ventured to ask how she knew me.

‘Your sister called here, a few days ago, with Mrs. Markham.’

‘Is the resemblance so strong then?’ I asked, in some surprise, and not so greatly flattered at the idea as I ought to have been.

‘There is a likeness about the eyes and complexion I think,’ replied she, somewhat dubiously surveying my face; - ‘and I think I saw you at church on Sunday.’

I smiled. - There was something either in that smile or the recollections it awakened that was particularly displeasing to her, for she suddenly assumed again that proud, chilly look that had so unspeakably roused my aversion at church - a look of repellent scorn, so easily assumed, and so entirely without the least distortion of a single feature, that, while there, it seemed like the natural expression of the face, and was the more provoking to me, because I could not think it affected.

‘Good-morning, Mr. Markham,’ said she; and without another word or glance, she withdrew, with her child, into the garden; and I returned home, angry and dissatisfied - I could scarcely tell you why, and therefore will not attempt it.

I only stayed to put away my gun and powder-horn, and give some requisite directions to one of the farming-men, and then repaired to the vicarage, to solace my spirit and soothe my ruffled temper with the company and conversation of Eliza Millward.

I found her, as usual, busy with some piece of soft embroidery (the mania for Berlin wools had not yet commenced), while her sister was seated at the chimney-corner, with the cat on her knee, mending a heap of stockings.

‘Mary - Mary! put them away!’ Eliza was hastily saying, just as I entered the room.

‘Not I, indeed!’ was the phlegmatic reply; and my appearance prevented further discussion.

‘You’re so unfortunate, Mr. Markham!’ observed the younger sister, with one of her arch, sidelong glances. ‘Papa’s just gone out into the parish, and not likely to be back for an hour!’

‘Never mind; I can manage to spend a few minutes with his daughters, if they’ll allow me,’ said I, bringing a chair to the fire, and seating myself therein, without waiting to be asked.

‘Well, if you’ll be very good and amusing, we shall not object.’

‘Let your permission be unconditional, pray; for I came not to give pleasure, but to seek it,’ I answered.

However, I thought it but reasonable to make some slight exertion to render my company agreeable; and what little effort I made, was apparently pretty successful, for Miss Eliza was never in a better humour. We seemed, indeed, to be mutually pleased with each other, and managed to maintain between us a cheerful and animated though not very profound conversation. It was little better than a TETE- E-TETE, for Miss Millward never opened her lips, except occasionally to correct some random assertion or exaggerated expression of her sister’s, and once to ask her to pick up the ball of cotton that had rolled under the table. I did this myself, however, as in duty bound.

‘Thank you, Mr. Markham,’ said she, as I presented it to her. ‘I would have picked it up myself; only I did not want to disturb the cat.’

‘Mary, dear, that won’t excuse you in Mr. Markham’s eyes,’ said Eliza; ‘he hates cats, I daresay, as cordially as he does old maids - like all other gentlemen. Don’t you, Mr. Markham?’

‘I believe it is natural for our unamiable sex to dislike the creatures,’ replied I; ‘for you ladies lavish so many caresses upon them.’

‘Bless them - little darlings!’ cried she, in a sudden burst of enthusiasm, turning round and overwhelming her sister’s pet with a shower of kisses.

‘Don’t, Eliza!’ said Miss Millward, somewhat gruffly, as she impatiently pushed her away.

But it was time for me to be going: make what haste I would, I should still be too late for tea; and my mother was the soul of order and punctuality.

My fair friend was evidently unwilling to bid me adieu. I tenderly squeezed her little hand at parting; and she repaid me with one of her softest smiles and most bewitching glances. I went home very happy, with a heart brimful of complacency for myself, and overflowing with love for Eliza.

CHAPTER III

Two days after, Mrs. Graham called at Linden-Car, contrary to the expectation of Rose, who entertained an idea that the mysterious occupant of Wildfell Hall would wholly disregard the common observances of civilized life - in which opinion she was supported by the Wilsons, who testified that neither their call nor the Millwards' had been returned as yet. Now, however, the cause of that omission was explained, though not entirely to the satisfaction of Rose. Mrs. Graham had brought her child with her, and on my mother's expressing surprise that he could walk so far, she replied - 'It is a long walk for him; but I must have either taken him with me, or relinquished the visit altogether; for I never leave him alone; and I think, Mrs. Markham, I must beg you to make my excuses to the Millwards and Mrs. Wilson, when you see them, as I fear I cannot do myself the pleasure of calling upon them till my little Arthur is able to accompany me.'

'But you have a servant,' said Rose; 'could you not leave him with her?'

'She has her own occupations to attend to; and besides, she is too old to run after a child, and he is too mercurial to be tied to an elderly woman.'

'But you left him to come to church.'

'Yes, once; but I would not have left him for any other purpose; and I think, in future, I must contrive to bring him with me, or stay at home.'

'Is he so mischievous?' asked my mother, considerably shocked.

'No,' replied the lady, sadly smiling, as she stroked the wavy locks of her son, who was seated on a low stool at her feet; 'but he is my only treasure, and I am his only friend: so we don't like to be separated.'

'But, my dear, I call that doting,' said my plain-spoken parent. 'You should try to suppress such foolish fondness, as well to save your son from ruin as yourself from ridicule.'

'Ruin! Mrs. Markham!'

‘Yes; it is spoiling the child. Even at his age, he ought not to be always tied to his mother’s apron-string; he should learn to be ashamed of it.’

‘Mrs. Markham, I beg you will not say such things, in his presence, at least. I trust my son will never be ashamed to love his mother!’ said Mrs. Graham, with a serious energy that startled the company.

My mother attempted to appease her by an explanation; but she seemed to think enough had been said on the subject, and abruptly turned the conversation.

‘Just as I thought,’ said I to myself: ‘the lady’s temper is none of the mildest, notwithstanding her sweet, pale face and lofty brow, where thought and suffering seem equally to have stamped their impress.’

All this time I was seated at a table on the other side of the room, apparently immersed in the perusal of a volume of the FARMER’S MAGAZINE, which I happened to have been reading at the moment of our visitor’s arrival; and, not choosing to be over civil, I had merely bowed as she entered, and continued my occupation as before.

In a little while, however, I was sensible that some one was approaching me, with a light, but slow and hesitating tread. It was little Arthur, irresistibly attracted by my dog Sancho, that was lying at my feet. On looking up I beheld him standing about two yards off, with his clear blue eyes wistfully gazing on the dog, transfixed to the spot, not by fear of the animal, but by a timid disinclination to approach its master. A little encouragement, however, induced him to come forward. The child, though shy, was not sullen. In a minute he was kneeling on the carpet, with his arms round Sancho’s neck, and, in a minute or two more, the little fellow was seated on my knee, surveying with eager interest the various specimens of horses, cattle, pigs, and model farms portrayed in the volume before me. I glanced at his mother now and then to see how she relished the new-sprung intimacy; and I saw, by the unquiet aspect of her eye, that for some reason or other she was uneasy at the child’s position.

‘Arthur,’ said she, at length, ‘come here. You are troublesome to Mr. Markham: he wishes to read.’

‘By no means, Mrs. Graham; pray let him stay. I am as much amused as he is,’ pleaded I. But still, with hand and eye, she silently called him to her side.

‘No, mamma,’ said the child; ‘let me look at these pictures first; and then I’ll come, and tell you all about them.’

‘We are going to have a small party on Monday, the fifth of November,’ said my mother; ‘and I hope you will not refuse to make one, Mrs. Graham. You can bring your little boy with you, you know - I daresay we shall be able to amuse him; - and then you can make your own apologies to the Millwards and Wilsons - they will all be here, I expect.’

‘Thank you, I never go to parties.’

‘Oh! but this will be quite a family concern - early hours, and nobody here but ourselves, and just the Millwards and Wilsons, most of whom you already know, and Mr. Lawrence, your landlord, with whom you ought to make acquaintance.’

‘I do know something of him - but you must excuse me this time; for the evenings, now, are dark and damp, and Arthur, I fear, is too delicate to risk exposure to their influence with impunity. We must defer the enjoyment of your hospitality till the return of longer days and warmer nights.’

Rose, now, at a hint from my mother, produced a decanter of wine, with accompaniments of glasses and cake, from the cupboard and the oak sideboard, and the refreshment was duly presented to the guests. They both partook of the cake, but obstinately refused the wine, in spite of their hostess’s hospitable attempts to force it upon them. Arthur, especially shrank from the ruby nectar as if in terror and disgust, and was ready to cry when urged to take it.

‘Never mind, Arthur,’ said his mamma; ‘Mrs. Markham thinks it will do you good, as you were tired with your walk; but she will not oblige you to take it! - I daresay you will do very well without. He detests the very sight of wine,’ she added, ‘and the smell of it almost makes him sick. I have been accustomed to make him swallow a little wine or weak spirits-and-water, by way of medicine, when he was sick, and, in fact, I have done what I could to make him hate them.’

Everybody laughed, except the young widow and her son.

‘Well, Mrs. Graham,’ said my mother, wiping the tears of merriment from her bright blue eyes - ‘well, you surprise me! I really gave you credit for having more sense. - The poor child will be the veriest milksop that ever was sopped! Only think what a man you will make of him, if you persist in...’

‘I think it a very excellent plan,’ interrupted Mrs. Graham, with imperturbable gravity. ‘By that means I hope to save him from one degrading vice at least. I wish I could render the incentives to every other equally innoxious in his case.’

‘But by such means,’ said I, ‘you will never render him virtuous. - What is it that constitutes virtue, Mrs. Graham? Is it the circumstance of being able and willing to resist temptation; or that of having no temptations to resist? - Is he a strong man that overcomes great obstacles and performs surprising achievements, though by dint of great muscular exertion, and at the risk of some subsequent fatigue, or he that sits in his chair all day, with nothing to do more laborious than stirring the fire, and carrying his food to his mouth? If you would have your son to walk honourably through the world, you must not attempt to clear the stones from his path, but teach him to walk firmly over them - not insist upon leading him by the hand, but let him learn to go alone.’

‘I will lead him by the hand, Mr. Markham, till he has strength to go alone; and I will clear as many stones from his path as I can, and teach him to avoid the rest - or walk firmly over them, as you say; - for when I have done my utmost, in the way of clearance, there will still be plenty left to exercise all the agility, steadiness, and circumspection he will ever have. - It is all very well to talk about noble resistance, and trials of virtue; but for fifty - or five hundred men that have yielded to temptation, show me one that has had virtue to resist. And why should I take it for granted that my son will be one in a thousand? - and not rather prepare for the worst, and suppose he will be like his - like the rest of mankind, unless I take care to prevent it?’

‘You are very complimentary to us all,’ I observed.

‘I know nothing about you - I speak of those I do know - and when I see the whole race of mankind (with a few rare exceptions) stumbling and blundering along the path of life, sinking into every pitfall, and breaking their shins over every impediment that lies in their way, shall I not use all the means in my power to insure for him a smoother and a safer passage?’

‘Yes, but the surest means will be to endeavour to fortify him against temptation, not to remove it out of his way.’

‘I will do both, Mr. Markham. God knows he will have temptations enough to assail him, both from within and without, when I have done all I can to render vice as uninviting to him, as it is abominable in its own nature - I myself have had, indeed, but few incentives to what the world calls vice, but yet I have experienced temptations and trials of another kind, that have required, on many occasions, more watchfulness and firmness to resist than I have hitherto been able to muster against them. And this, I believe, is what most others would acknowledge who are accustomed to reflection, and wishful to strive against their natural corruptions.’

‘Yes,’ said my mother, but half apprehending her drift; ‘but you would not judge of a boy by yourself - and, my dear Mrs. Graham, let me warn you in good time against the error - the fatal error, I may call it - of taking that boy’s education upon yourself. Because you are clever in some things and well informed, you may fancy yourself equal to the task; but indeed you are not; and if you persist in the attempt, believe me you will bitterly repent it when the mischief is done.’

‘I am to send him to school, I suppose, to learn to despise his mother’s authority and affection!’ said the lady, with rather a bitter smile.

‘Oh, no! - But if you would have a boy to despise his mother, let her keep him at home, and spend her life in petting him up, and slaving to indulge his follies and caprices.’

‘I perfectly agree with you, Mrs. Markham; but nothing can be further from my principles and practice than such criminal weakness as that.’

‘Well, but you will treat him like a girl - you’ll spoil his spirit, and make a mere Miss Nancy of him - you will, indeed, Mrs. Graham, whatever you may think. But I’ll get Mr. Millward to talk to you about it:- he’ll tell

you the consequences; - he'll set it before you as plain as the day; - and tell you what you ought to do, and all about it; - and, I don't doubt, he'll be able to convince you in a minute.'

'No occasion to trouble the vicar,' said Mrs. Graham, glancing at me - I suppose I was smiling at my mother's unbounded confidence in that worthy gentleman - 'Mr. Markham here thinks his powers of conviction at least equal to Mr. Millward's. If I hear not him, neither should I be convinced though one rose from the dead, he would tell you. Well, Mr. Markham, you that maintain that a boy should not be shielded from evil, but sent out to battle against it, alone and unassisted - not taught to avoid the snares of life, but boldly to rush into them, or over them, as he may - to seek danger, rather than shun it, and feed his virtue by temptation - would you...?'

'I beg your pardon, Mrs. Graham - but you get on too fast. I have not yet said that a boy should be taught to rush into the snares of life - or even wilfully to seek temptation for the sake of exercising his virtue by overcoming it; - I only say that it is better to arm and strengthen your hero, than to disarm and enfeeble the foe; - and if you were to rear an oak sapling in a hothouse, tending it carefully night and day, and shielding it from every breath of wind, you could not expect it to become a hardy tree, like that which has grown up on the mountain-side, exposed to all the action of the elements, and not even sheltered from the shock of the tempest.'

'Granted; - but would you use the same argument with regard to a girl?'

'Certainly not.'

'No; you would have her to be tenderly and delicately nurtured, like a hot-house plant - taught to cling to others for direction and support, and guarded, as much as possible, from the very knowledge of evil. But will you be so good as to inform me why you make this distinction? Is it that you think she has no virtue?'

'Assuredly not.'

'Well, but you affirm that virtue is only elicited by temptation; - and you think that a woman cannot be too little exposed to temptation, or too

little acquainted with vice, or anything connected therewith. It must be either that you think she is essentially so vicious, or so feeble-minded, that she cannot withstand temptation - and though she may be pure and innocent as long as she is kept in ignorance and restraint, yet, being destitute of real virtue, to teach her how to sin is at once to make her a sinner, and the greater her knowledge, the wider her liberty, the deeper will be her depravity - whereas, in the nobler sex, there is a natural tendency to goodness, guarded by a superior fortitude, which, the more it is exercised by trials and dangers, is only the further developed..'

'Heaven forbid that I should think so!' I interrupted her at last.

'Well, then, it must be that you think they are both weak and prone to err, and the slightest error, the merest shadow of pollution, will ruin the one, while the character of the other will be strengthened and embellished - his education properly finished by a little practical acquaintance with forbidden things. Such experience, to him (to use a trite simile), will be like the storm to the oak, which, though it may scatter the leaves, and snap the smaller branches, serves but to rivet the roots, and to harden and condense the fibres of the tree. You would have us encourage our sons to prove all things by their own experience, while our daughters must not even profit by the experience of others. Now I would have both so to benefit by the experience of others, and the precepts of a higher authority, that they should know beforehand to refuse the evil and choose the good, and require no experimental proofs to teach them the evil of transgression. I would not send a poor girl into the world, unarmed against her foes, and ignorant of the snares that beset her path; nor would I watch and guard her, till, deprived of self-respect and self-reliance, she lost the power or the will to watch and guard herself; - and as for my son - if I thought he would grow up to be what you call a man of the world - one that has "seen life," and glories in his experience, even though he should so far profit by it as to sober down, at length, into a useful and respected member of society - I would rather that he died tomorrow! - rather a thousand times!' she earnestly repeated, pressing her darling to her side and kissing his forehead with intense affection. He had already left his new companion, and been standing for some time beside his mother's knee, looking up into her face, and listening in silent wonder to her incomprehensible discourse.

‘Well! you ladies must always have the last word, I suppose,’ said I, observing her rise, and begin to take leave of my mother.

‘You may have as many words as you please - only I can’t stay to hear them.’

‘No; that is the way: you hear just as much of an argument as you please; and the rest may be spoken to the wind.’

‘If you are anxious to say anything more on the subject,’ replied she, as she shook hands with Rose, ‘you must bring your sister to see me some fine day, and I’ll listen, as patiently as you could wish, to whatever you please to say. I would rather be lectured by you than the vicar, because I should have less remorse in telling you, at the end of the discourse, that I preserve my own opinion precisely the same as at the beginning - as would be the case, I am persuaded, with regard to either logician.’

‘Yes, of course,’ replied I, determined to be as provoking as herself; ‘for when a lady does consent to listen to an argument against her own opinions, she is always predetermined to withstand it - to listen only with her bodily ears, keeping the mental organs resolutely closed against the strongest reasoning.’

‘Good-morning, Mr. Markham,’ said my fair antagonist, with a pitying smile; and deigning no further rejoinder, she slightly bowed, and was about to withdraw; but her son, with childish impertinence, arrested her by exclaiming - ‘Mamma, you have not shaken hands with Mr. Markham!’

She laughingly turned round and held out her hand. I gave it a spiteful squeeze, for I was annoyed at the continual injustice she had done me from the very dawn of our acquaintance. Without knowing anything about my real disposition and principles, she was evidently prejudiced against me, and seemed bent upon showing me that her opinions respecting me, on every particular, fell far below those I entertained of myself. I was naturally touchy, or it would not have vexed me so much. Perhaps, too, I was a little bit spoiled by my mother and sister, and some other ladies of my acquaintance; - and yet I was by no means a fop - of that I am fully convinced, whether you are or not.

CHAPTER IV

Our party, on the 5th of November, passed off very well, in spite of Mrs. Graham's refusal to grace it with her presence. Indeed, it is probable that, had she been there, there would have been less cordiality, freedom, and frolic amongst us than there was without her.

My mother, as usual, was cheerful and chatty, full of activity and good-nature, and only faulty in being too anxious to make her guests happy, thereby forcing several of them to do what their soul abhorred in the way of eating or drinking, sitting opposite the blazing fire, or talking when they would be silent. Nevertheless, they bore it very well, being all in their holiday humours.

Mr. Millward was mighty in important dogmas and sententious jokes, pompous anecdotes and oracular discourses, dealt out for the edification of the whole assembly in general, and of the admiring Mrs. Markham, the polite Mr. Lawrence, the sedate Mary Millward, the quiet Richard Wilson, and the matter-of-fact Robert in particular - as being the most attentive listeners.

Mrs. Wilson was more brilliant than ever, with her budgets of fresh news and old scandal, strung together with trivial questions and remarks, and oft-repeated observations, uttered apparently for the sole purpose of denying a moment's rest to her inexhaustible organs of speech. She had brought her knitting with her, and it seemed as if her tongue had laid a wager with her fingers, to outdo them in swift and ceaseless motion.

Her daughter Jane was, of course, as graceful and elegant, as witty and seductive, as she could possibly manage to be; for here were all the ladies to outshine, and all the gentlemen to charm - and Mr. Lawrence, especially, to capture and subdue. Her little arts to effect his subjugation were too subtle and impalpable to attract my observation; but I thought there was a certain refined affectation of superiority, and an ungenial self-consciousness about her, that negatived all her advantages; and after she was gone, Rose interpreted to me her various looks, words, and actions with a mingled acuteness and asperity that made me wonder, equally, at the lady's artifice and my sister's penetration, and ask myself if she too had an eye to the squire - but never mind, Halford; she had not.

Richard Wilson, Jane's younger brother, sat in a corner, apparently good-tempered, but silent and shy, desirous to escape observation, but willing enough to listen and observe: and, although somewhat out of his element, he would have been happy enough in his own quiet way, if my mother could only have let him alone; but in her mistaken kindness, she would keep persecuting him with her attentions - pressing upon him all manner of viands, under the notion that he was too bashful to help himself, and obliging him to shout across the room his monosyllabic replies to the numerous questions and observations by which she vainly attempted to draw him into conversation.

Rose informed me that he never would have favoured us with his company but for the importunities of his sister Jane, who was most anxious to show Mr. Lawrence that she had at least one brother more gentlemanly and refined than Robert. That worthy individual she had been equally solicitous to keep away; but he affirmed that he saw no reason why he should not enjoy a crack with Markham and the old lady (my mother was not old, really), and bonny Miss Rose and the parson, as well as the best; - and he was in the right of it too. So he talked common-place with my mother and Rose, and discussed parish affairs with the vicar, farming matters with me, and politics with us both.

Mary Millward was another mute - not so much tormented with cruel kindness as Dick Wilson, because she had a certain short, decided way of answering and refusing, and was supposed to be rather sullen than diffident. However that might be, she certainly did not give much pleasure to the company; - nor did she appear to derive much from it. Eliza told me she had only come because her father insisted upon it, having taken it into his head that she devoted herself too exclusively to her household duties, to the neglect of such relaxations and innocent enjoyments as were proper to her age and sex. She seemed to me to be good-humoured enough on the whole. Once or twice she was provoked to laughter by the wit or the merriment of some favoured individual amongst us; and then I observed she sought the eye of Richard Wilson, who sat over against her. As he studied with her father, she had some acquaintance with him, in spite of the retiring habits of both, and I suppose there was a kind of fellow-feeling established between them.

My Eliza was charming beyond description, coquettish without affectation, and evidently more desirous to engage my attention than that of all the room besides. Her delight in having me near her, seated or standing by her side, whispering in her ear, or pressing her hand in the dance, was plainly legible in her glowing face and heaving bosom, however belied by saucy words and gestures. But I had better hold my tongue: if I boast of these things now, I shall have to blush hereafter.

To proceed, then, with the various individuals of our party; Rose was simple and natural as usual, and full of mirth and vivacity.

Fergus was impertinent and absurd; but his impertinence and folly served to make others laugh, if they did not raise himself in their estimation.

And finally (for I omit myself), Mr. Lawrence was gentlemanly and inoffensive to all, and polite to the vicar and the ladies, especially his hostess and her daughter, and Miss Wilson - misguided man; he had not the taste to prefer Eliza Millward. Mr. Lawrence and I were on tolerably intimate terms. Essentially of reserved habits, and but seldom quitting the secluded place of his birth, where he had lived in solitary state since the death of his father, he had neither the opportunity nor the inclination for forming many acquaintances; and, of all he had ever known, I (judging by the results) was the companion most agreeable to his taste. I liked the man well enough, but he was too cold, and shy, and self-contained, to obtain my cordial sympathies. A spirit of candour and frankness, when wholly unaccompanied with coarseness, he admired in others, but he could not acquire it himself. His excessive reserve upon all his own concerns was, indeed, provoking and chilly enough; but I forgave it, from a conviction that it originated less in pride and want of confidence in his friends, than in a certain morbid feeling of delicacy, and a peculiar diffidence, that he was sensible of, but wanted energy to overcome. His heart was like a sensitive plant, that opens for a moment in the sunshine, but curls up and shrinks into itself at the slightest touch of the finger, or the lightest breath of wind. And, upon the whole, our intimacy was rather a mutual predilection than a deep and solid friendship, such as has since arisen between myself and you, Halford, whom, in spite of your occasional crustiness, I can liken to nothing so well as an old coat, unimpeachable in texture, but easy and loose

- that has conformed itself to the shape of the wearer, and which he may use as he pleases, without being bothered with the fear of spoiling it; - whereas Mr. Lawrence was like a new garment, all very neat and trim to look at, but so tight in the elbows, that you would fear to split the seams by the unrestricted motion of your arms, and so smooth and fine in surface that you scruple to expose it to a single drop of rain.

Soon after the arrival of the guests, my mother mentioned Mrs. Graham, regretted she was not there to meet them, and explained to the Millwards and Wilsons the reasons she had given for neglecting to return their calls, hoping they would excuse her, as she was sure she did not mean to be uncivil, and would be glad to see them at any time. - 'But she is a very singular lady, Mr. Lawrence,' added she; 'we don't know what to make of her - but I daresay you can tell us something about her, for she is your tenant, you know - and she said she knew you a little.'

All eyes were turned to Mr. Lawrence. I thought he looked unnecessarily confused at being so appealed to.

'I, Mrs. Markham!' said he; 'you are mistaken - I don't - that is - I have seen her, certainly; but I am the last person you should apply to for information respecting Mrs. Graham.'

He then immediately turned to Rose, and asked her to favour the company with a song, or a tune on the piano.

'No,' said she, 'you must ask Miss Wilson: she outshines us all in singing, and music too.'

Miss Wilson demurred.

'She'll sing readily enough,' said Fergus, 'if you'll undertake to stand by her, Mr. Lawrence, and turn over the leaves for her.'

'I shall be most happy to do so, Miss Wilson; will you allow me?'

She bridled her long neck and smiled, and suffered him to lead her to the instrument, where she played and sang, in her very best style, one piece after another; while he stood patiently by, leaning one hand on the back of her chair, and turning over the leaves of her book with the other. Perhaps he was as much charmed with her performance as she was. It was

all very fine in its way; but I cannot say that it moved me very deeply. There was plenty of skill and execution, but precious little feeling.

But we had not done with Mrs. Graham yet.

‘I don’t take wine, Mrs. Markham,’ said Mr. Millward, upon the introduction of that beverage; ‘I’ll take a little of your home-brewed ale. I always prefer your home-brewed to anything else.’

Flattered at this compliment, my mother rang the bell, and a china jug of our best ale was presently brought and set before the worthy gentleman who so well knew how to appreciate its excellences.

‘Now THIS is the thing!’ cried he, pouring out a glass of the same in a long stream, skilfully directed from the jug to the tumbler, so as to produce much foam without spilling a drop; and, having surveyed it for a moment opposite the candle, he took a deep draught, and then smacked his lips, drew a long breath, and refilled his glass, my mother looking on with the greatest satisfaction.

‘There’s nothing like this, Mrs. Markham!’ said he. ‘I always maintain that there’s nothing to compare with your home-brewed ale.’

‘I’m sure I’m glad you like it, sir. I always look after the brewing myself, as well as the cheese and the butter - I like to have things well done, while we’re about it.’

‘Quite right, Mrs. Markham!’

‘But then, Mr. Millward, you don’t think it wrong to take a little wine now and then - or a little spirits either!’ said my mother, as she handed a smoking tumbler of gin-and-water to Mrs. Wilson, who affirmed that wine sat heavy on her stomach, and whose son Robert was at that moment helping himself to a pretty stiff glass of the same.

‘By no means!’ replied the oracle, with a Jove-like nod; ‘these things are all blessings and mercies, if we only knew how to make use of them.’

‘But Mrs. Graham doesn’t think so. You shall just hear now what she told us the other day - I told her I’d tell you.’

And my mother favoured the company with a particular account of that lady’s mistaken ideas and conduct regarding the matter in hand, concluding with, ‘Now, don’t you think it is wrong?’

‘Wrong!’ repeated the vicar, with more than common solemnity - ‘criminal, I should say - criminal! Not only is it making a fool of the boy, but it is despising the gifts of Providence, and teaching him to trample them under his feet.’

He then entered more fully into the question, and explained at large the folly and impiety of such a proceeding. My mother heard him with profoundest reverence; and even Mrs. Wilson vouchsafed to rest her tongue for a moment, and listen in silence, while she complacently sipped her gin-and-water. Mr. Lawrence sat with his elbow on the table, carelessly playing with his half-empty wine-glass, and covertly smiling to himself.

‘But don’t you think, Mr. Millward,’ suggested he, when at length that gentleman paused in his discourse, ‘that when a child may be naturally prone to intemperance - by the fault of its parents or ancestors, for instance - some precautions are advisable?’ (Now it was generally believed that Mr. Lawrence’s father had shortened his days by intemperance.)

‘Some precautions, it may be; but temperance, sir, is one thing, and abstinence another.’

‘But I have heard that, with some persons, temperance - that is, moderation - is almost impossible; and if abstinence be an evil (which some have doubted), no one will deny that excess is a greater. Some parents have entirely prohibited their children from tasting intoxicating liquors; but a parent’s authority cannot last for ever; children are naturally prone to hanker after forbidden things; and a child, in such a case, would be likely to have a strong curiosity to taste, and try the effect of what has been so lauded and enjoyed by others, so strictly forbidden to himself - which curiosity would generally be gratified on the first convenient opportunity; and the restraint once broken, serious consequences might ensue. I don’t pretend to be a judge of such matters, but it seems to me, that this plan of Mrs. Graham’s, as you describe it, Mrs. Markham, extraordinary as it may be, is not without its advantages; for here you see the child is delivered at once from temptation; he has no secret curiosity, no hankering desire; he is as well acquainted with the tempting liquors as he ever wishes to be; and is thoroughly disgusted with them, without having suffered from their effects.’

‘And is that right, sir? Have I not proven to you how wrong it is - how contrary to Scripture and to reason, to teach a child to look with contempt and disgust upon the blessings of Providence, instead of to use them aright?’

‘You may consider laudanum a blessing of Providence, sir,’ replied Mr. Lawrence, smiling; ‘and yet, you will allow that most of us had better abstain from it, even in moderation; but,’ added he, ‘I would not desire you to follow out my simile too closely - in witness whereof I finish my glass.’

‘And take another, I hope, Mr. Lawrence,’ said my mother, pushing the bottle towards him.

He politely declined, and pushing his chair a little away from the table, leant back towards me - I was seated a trifle behind, on the sofa beside Eliza Millward - and carelessly asked me if I knew Mrs. Graham.

‘I have met her once or twice,’ I replied.

‘What do you think of her?’

‘I cannot say that I like her much. She is handsome - or rather I should say distinguished and interesting - in her appearance, but by no means amiable - a woman liable to take strong prejudices, I should fancy, and stick to them through thick and thin, twisting everything into conformity with her own preconceived opinions - too hard, too sharp, too bitter for my taste.’

He made no reply, but looked down and bit his lip, and shortly after rose and sauntered up to Miss Wilson, as much repelled by me, I fancy, as attracted by her. I scarcely noticed it at the time, but afterwards I was led to recall this and other trifling facts, of a similar nature, to my remembrance, when - but I must not anticipate.

We wound up the evening with dancing - our worthy pastor thinking it no scandal to be present on the occasion, though one of the village musicians was engaged to direct our evolutions with his violin. But Mary Millward obstinately refused to join us; and so did Richard Wilson, though my mother earnestly entreated him to do so, and even offered to be his partner.

We managed very well without them, however. With a single set of quadrilles, and several country dances, we carried it on to a pretty late hour; and at length, having called upon our musician to strike up a waltz, I was just about to whirl Eliza round in that delightful dance, accompanied by Lawrence and Jane Wilson, and Fergus and Rose, when Mr. Millward interposed with: 'No, no; I don't allow that! Come, it's time to be going now.'

'Oh, no, papa!' pleaded Eliza.

'High time, my girl, high time! Moderation in all things, remember! That's the plan... "Let your moderation be known unto all men!"'

But in revenge I followed Eliza into the dimly-lighted passage, where, under pretence of helping her on with her shawl, I fear I must plead guilty to snatching a kiss behind her father's back, while he was enveloping his throat and chin in the folds of a mighty comforter. But alas! in turning round, there was my mother close beside me. The consequence was, that no sooner were the guests departed, than I was doomed to a very serious remonstrance, which unpleasantly checked the galloping course of my spirits, and made a disagreeable close to the evening.

'My dear Gilbert,' said she, 'I wish you wouldn't do so! You know how deeply I have your advantage at heart, how I love you and prize you above everything else in the world, and how much I long to see you well settled in life - and how bitterly it would grieve me to see you married to that girl - or any other in the neighbourhood. What you see in her I don't know. It isn't only the want of money that I think about - nothing of the kind - but there's neither beauty, nor cleverness, nor goodness, nor anything else that's desirable. If you knew your own value, as I do, you wouldn't dream of it. Do wait awhile and see! If you bind yourself to her, you'll repent it all your lifetime when you look round and see how many better there are. Take my word for it, you will.'

'Well, mother, do be quiet! - I hate to be lectured! - I'm not going to marry yet, I tell you; but - dear me! mayn't I enjoy myself at all?'

'Yes, my dear boy, but not in that way. Indeed, you shouldn't do such things. You would be wronging the girl, if she were what she ought to be; but I assure you she is as artful a little hussy as anybody need wish to

see; and you'll got entangled in her snares before you know where you are. And if you marry her, Gilbert, you'll break my heart - so there's an end of it.'

'Well, don't cry about it, mother,' said I, for the tears were gushing from her eyes; 'there, let that kiss efface the one I gave Eliza; don't abuse her any more, and set your mind at rest; for I'll promise never - that is, I'll promise to think twice before I take any important step you seriously disapprove of.'

So saying, I lighted my candle, and went to bed, considerably quenched in spirit.

CHAPTER V

It was about the close of the month, that, yielding at length to the urgent importunities of Rose, I accompanied her in a visit to Wildfell Hall. To our surprise, we were ushered into a room where the first object that met the eye was a painter's easel, with a table beside it covered with rolls of canvas, bottles of oil and varnish, palette, brushes, paints, &c. Leaning against the wall were several sketches in various stages of progression, and a few finished paintings - mostly of landscapes and figures.

'I must make you welcome to my studio,' said Mrs. Graham; 'there is no fire in the sitting-room today, and it is rather too cold to show you into a place with an empty grate.'

And disengaging a couple of chairs from the artistical lumber that usurped them, she bid us be seated, and resumed her place beside the easel - not facing it exactly, but now and then glancing at the picture upon it while she conversed, and giving it an occasional touch with her brush, as if she found it impossible to wean her attention entirely from her occupation to fix it upon her guests. It was a view of Wildfell Hall, as seen at early morning from the field below, rising in dark relief against a sky of clear silvery blue, with a few red streaks on the horizon, faithfully drawn and coloured, and very elegantly and artistically handled.

'I see your heart is in your work, Mrs. Graham,' observed I: 'I must beg you to go on with it; for if you suffer our presence to interrupt you, we shall be constrained to regard ourselves as unwelcome intruders.'

'Oh, no!' replied she, throwing her brush on to the table, as if startled into politeness. 'I am not so beset with visitors but that I can readily spare a few minutes to the few that do favour me with their company.'

'You have almost completed your painting,' said I, approaching to observe it more closely, and surveying it with a greater degree of admiration and delight than I cared to express. 'A few more touches in the foreground will finish it, I should think. But why have you called it Fernley Manor, Cumberland, instead of Wildfell Hall -shire?' I asked, alluding to the name she had traced in small characters at the bottom of the canvas.

But immediately I was sensible of having committed an act of impertinence in so doing; for she coloured and hesitated; but after a moment's pause, with a kind of desperate frankness, she replied:

'Because I have friends - acquaintances at least - in the world, from whom I desire my present abode to be concealed; and as they might see the picture, and might possibly recognise the style in spite of the false initials I have put in the corner, I take the precaution to give a false name to the place also, in order to put them on a wrong scent, if they should attempt to trace me out by it.'

'Then you don't intend to keep the picture?' said I, anxious to say anything to change the subject.

'No; I cannot afford to paint for my own amusement.'

'Mamma sends all her pictures to London,' said Arthur; 'and somebody sells them for her there, and sends us the money.'

In looking round upon the other pieces, I remarked a pretty sketch of Linden-hope from the top of the hill; another view of the old hall basking in the sunny haze of a quiet summer afternoon; and a simple but striking little picture of a child brooding, with looks of silent but deep and sorrowful regret, over a handful of withered flowers, with glimpses of dark low hills and autumnal fields behind it, and a dull beclouded sky above.

'You see there is a sad dearth of subjects,' observed the fair artist. 'I took the old hall once on a moonlight night, and I suppose I must take it again on a snowy winter's day, and then again on a dark cloudy evening; for I really have nothing else to paint. I have been told that you have a fine view of the sea somewhere in the neighbourhood. Is it true? - and is it within walking distance?'

'Yes, if you don't object to walking four miles - or nearly so - little short of eight miles, there and back - and over a somewhat rough, fatiguing road.'

'In what direction does it lie?'

I described the situation as well as I could, and was entering upon an explanation of the various roads, lanes, and fields to be traversed in order

to reach it, the goings straight on, and turnings to the right and the left, when she checked me with:

‘Oh, stop! don’t tell me now: I shall forget every word of your directions before I require them. I shall not think about going till next spring; and then, perhaps, I may trouble you. At present we have the winter before us, and..’

She suddenly paused, with a suppressed exclamation, started up from her seat, and saying, ‘Excuse me one moment,’ hurried from the room, and shut the door behind her.

Curious to see what had startled her so, I looked towards the window - for her eyes had been carelessly fixed upon it the moment before - and just beheld the skirts of a man’s coat vanishing behind a large holly-bush that stood between the window and the porch.

‘It’s mamma’s friend,’ said Arthur.

Rose and I looked at each other.

‘I don’t know what to make of her at all,’ whispered Rose.

The child looked at her in grave surprise. She straightway began to talk to him on indifferent matters, while I amused myself with looking at the pictures. There was one in an obscure corner that I had not before observed. It was a little child, seated on the grass with its lap full of flowers. The tiny features and large blue eyes, smiling through a shock of light brown curls, shaken over the forehead as it bent above its treasure, bore sufficient resemblance to those of the young gentleman before me to proclaim it a portrait of Arthur Graham in his early infancy.

In taking this up to bring it to the light, I discovered another behind it, with its face to the wall. I ventured to take that up too. It was the portrait of a gentleman in the full prime of youthful manhood - handsome enough, and not badly executed; but if done by the same hand as the others, it was evidently some years before; for there was far more careful minuteness of detail, and less of that freshness of colouring and freedom of handling that delighted and surprised me in them. Nevertheless, I surveyed it with considerable interest. There was a certain individuality in the features and expression that stamped it, at once, a successful likeness. The

bright blue eyes regarded the spectator with a kind of lurking drollery - you almost expected to see them wink; the lips - a little too voluptuously full - seemed ready to break into a smile; the warmly-tinted cheeks were embellished with a luxuriant growth of reddish whiskers; while the bright chestnut hair, clustering in abundant, wavy curls, trespassed too much upon the forehead, and seemed to intimate that the owner thereof was prouder of his beauty than his intellect - as, perhaps, he had reason to be; and yet he looked no fool.

I had not had the portrait in my hands two minutes before the fair artist returned.

‘Only some one come about the pictures,’ said she, in apology for her abrupt departure: ‘I told him to wait.’

‘I fear it will be considered an act of impertinence,’ said ‘to presume to look at a picture that the artist has turned to the wall; but may I ask -’

‘It is an act of very great impertinence, sir; and therefore I beg you will ask nothing about it, for your curiosity will not be gratified,’ replied she, attempting to cover the tartness of her rebuke with a smile; but I could see, by her flushed cheek and kindling eye, that she was seriously annoyed.

‘I was only going to ask if you had painted it yourself,’ said I, sulkily resigning the picture into her hands; for without a grain of ceremony she took it from me; and quickly restoring it to the dark corner, with its face to the wall, placed the other against it as before, and then turned to me and laughed.

But I was in no humour for jesting. I carelessly turned to the window, and stood looking out upon the desolate garden, leaving her to talk to Rose for a minute or two; and then, telling my sister it was time to go, shook hands with the little gentleman, coolly bowed to the lady, and moved towards the door. But, having bid adieu to Rose, Mrs. Graham presented her hand to me, saying, with a soft voice, and by no means a disagreeable smile - ‘Let not the sun go down upon your wrath, Mr. Markham. I’m sorry I offended you by my abruptness.’

When a lady condescends to apologise, there is no keeping one’s anger, of course; so we parted good friends for once; and this time I

squeezed her hand with a cordial, not a spiteful pressure.

CHAPTER VI

During the next four months I did not enter Mrs. Graham's house, nor she mine; but still the ladies continued to talk about her, and still our acquaintance continued, though slowly, to advance. As for their talk, I paid but little attention to that (when it related to the fair hermit, I mean), and the only information I derived from it was, that one fine frosty day she had ventured to take her little boy as far as the vicarage, and that, unfortunately, nobody was at home but Miss Millward; nevertheless, she had sat a long time, and, by all accounts, they had found a good deal to say to each other, and parted with a mutual desire to meet again. But Mary liked children, and fond mammas like those who can duly appreciate their treasures.

But sometimes I saw her myself, not only when she came to church, but when she was out on the hills with her son, whether taking a long, purpose-like walk, or - on special fine days - leisurely rambling over the moor or the bleak pasture-lands, surrounding the old hall, herself with a book in her hand, her son gambolling about her; and, on any of these occasions, when I caught sight of her in my solitary walks or rides, or while following my agricultural pursuits, I generally contrived to meet or overtake her, for I rather liked to see Mrs. Graham, and to talk to her, and I decidedly liked to talk to her little companion, whom, when once the ice of his shyness was fairly broken, I found to be a very amiable, intelligent, and entertaining little fellow, and we soon became excellent friends - how much to the gratification of his mamma I cannot undertake to say. I suspected at first that she was desirous of throwing cold water on this growing intimacy - to quench, as it were, the kindling flame of our friendship - but discovering, at length, in spite of her prejudice against me, that I was perfectly harmless, and even well-intentioned, and that, between myself and my dog, her son derived a great deal of pleasure from the acquaintance that he would not otherwise have known, she ceased to object, and even welcomed my coming with a smile.

As for Arthur, he would shout his welcome from afar, and run to meet me fifty yards from his mother's side. If I happened to be on horseback he was sure to get a canter or a gallop; or, if there was one of the

draught horses within an available distance, he was treated to a steady ride upon that, which served his turn almost as well; but his mother would always follow and trudge beside him - not so much, I believe, to ensure his safe conduct, as to see that I instilled no objectionable notions into his infant mind, for she was ever on the watch, and never would allow him to be taken out of her sight. What pleased her best of all was to see him romping and racing with Sancho, while I walked by her side - not, I fear, for love of my company (though I sometimes deluded myself with that idea), so much as for the delight she took in seeing her son thus happily engaged in the enjoyment of those active sports so invigorating to his tender frame, yet so seldom exercised for want of playmates suited to his years: and, perhaps, her pleasure was sweetened not a little by the fact of my being with her instead of with him, and therefore incapable of doing him any injury directly or indirectly, designedly or otherwise, small thanks to her for that same.

But sometimes, I believe, she really had some little gratification in conversing with me; and one bright February morning, during twenty minutes' stroll along the moor, she laid aside her usual asperity and reserve, and fairly entered into conversation with me, discoursing with so much eloquence and depth of thought and feeling on a subject happily coinciding with my own ideas, and looking so beautiful withal, that I went home enchanted; and on the way (morally) started to find myself thinking that, after all, it would, perhaps, be better to spend one's days with such a woman than with Eliza Millward; and then I (figuratively) blushed for my inconstancy.

On entering the parlour I found Eliza there with Rose, and no one else. The surprise was not altogether so agreeable as it ought to have been. We chatted together a long time, but I found her rather frivolous, and even a little insipid, compared with the more mature and earnest Mrs. Graham. Alas, for human constancy!

'However,' thought I, 'I ought not to marry Eliza, since my mother so strongly objects to it, and I ought not to delude the girl with the idea that I intended to do so. Now, if this mood continue, I shall have less difficulty in emancipating my affections from her soft yet unrelenting sway; and, though Mrs. Graham might be equally objectionable, I may be permitted, like the doctors, to cure a greater evil by a less, for I shall not

fall seriously in love with the young widow, I think, nor she with me - that's certain - but if I find a little pleasure in her society I may surely be allowed to seek it; and if the star of her divinity be bright enough to dim the lustre of Eliza's, so much the better, but I scarcely can think it.'

And thereafter I seldom suffered a fine day to pass without paying a visit to Wildfell about the time my new acquaintance usually left her hermitage; but so frequently was I baulked in my expectations of another interview, so changeable was she in her times of coming forth and in her places of resort, so transient were the occasional glimpses I was able to obtain, that I felt half inclined to think she took as much pains to avoid my company as I to seek hers; but this was too disagreeable a supposition to be entertained a moment after it could conveniently be dismissed.

One calm, clear afternoon, however, in March, as I was superintending the rolling of the meadow-land, and the repairing of a hedge in the valley, I saw Mrs. Graham down by the brook, with a sketch-book in her hand, absorbed in the exercise of her favourite art, while Arthur was putting on the time with constructing dams and breakwaters in the shallow, stony stream. I was rather in want of amusement, and so rare an opportunity was not to be neglected; so, leaving both meadow and hedge, I quickly repaired to the spot, but not before Sancho, who, immediately upon perceiving his young friend, scoured at full gallop the intervening space, and pounced upon him with an impetuous mirth that precipitated the child almost into the middle of the beck; but, happily, the stones preserved him from any serious wetting, while their smoothness prevented his being too much hurt to laugh at the untoward event.

Mrs. Graham was studying the distinctive characters of the different varieties of trees in their winter nakedness, and copying, with a spirited, though delicate touch, their various ramifications. She did not talk much, but I stood and watched the progress of her pencil: it was a pleasure to behold it so dexterously guided by those fair and graceful fingers. But ere long their dexterity became impaired, they began to hesitate, to tremble slightly, and make false strokes, and then suddenly came to a pause, while their owner laughingly raised her face to mine, and told me that her sketch did not profit by my superintendence.

‘Then,’ said I, ‘I’ll talk to Arthur till you’ve done.’

‘I should like to have a ride, Mr. Markham, if mamma will let me,’ said the child.

‘What on, my boy?’

‘I think there’s a horse in that field,’ replied he, pointing to where the strong black mare was pulling the roller.

‘No, no, Arthur; it’s too far,’ objected his mother.

But I promised to bring him safe back after a turn or two up and down the meadow; and when she looked at his eager face she smiled and let him go. It was the first time she had even allowed me to take him so much as half a field’s length from her side.

Enthroned upon his monstrous steed, and solemnly proceeding up and down the wide, steep field, he looked the very incarnation of quiet, gleeful satisfaction and delight. The rolling, however, was soon completed; but when I dismounted the gallant horseman, and restored him to his mother, she seemed rather displeased at my keeping him so long. She had shut up her sketch-book, and been, probably, for some minutes impatiently waiting his return.

It was now high time to go home, she said, and would have bid me good-evening, but I was not going to leave her yet: I accompanied her half-way up the hill. She became more sociable, and I was beginning to be very happy; but, on coming within sight of the grim old hall, she stood still, and turned towards me while she spoke, as if expecting I should go no further, that the conversation would end here, and I should now take leave and depart - as, indeed, it was time to do, for ‘the clear, cold eve’ was fast ‘declining,’ the sun had set, and the gibbous moon was visibly brightening in the pale grey sky; but a feeling almost of compassion riveted me to the spot. It seemed hard to leave her to such a lonely, comfortless home. I looked up at it. Silent and grim it frowned; before us. A faint, red light was gleaming from the lower windows of one wing, but all the other windows were in darkness, and many exhibited their black, cavernous gulfs, entirely destitute of glazing or framework.

‘Do you not find it a desolate place to live in?’ said I, after a moment of silent contemplation.

‘I do, sometimes,’ replied she. ‘On winter evenings, when Arthur is in bed, and I am sitting there alone, hearing the bleak wind moaning round me and howling through the ruinous old chambers, no books or occupations can repress the dismal thoughts and apprehensions that come crowding in - but it is folly to give way to such weakness, I know. If Rachel is satisfied with such a life, why should not I? - Indeed, I cannot be too thankful for such an asylum, while it is left me.’

The closing sentence was uttered in an under-tone, as if spoken rather to herself than to me. She then bid me good-evening and withdrew.

I had not proceeded many steps on my way homewards when I perceived Mr. Lawrence, on his pretty grey pony, coming up the rugged lane that crossed over the hill-top. I went a little out of my way to speak to him; for we had not met for some time.

‘Was that Mrs. Graham you were speaking to just now?’ said he, after the first few words of greeting had passed between us.

‘Yes.’

‘Humph! I thought so.’ He looked contemplatively at his horse’s mane, as if he had some serious cause of dissatisfaction with it, or something else.

‘Well! what then?’

‘Oh, nothing!’ replied he. ‘Only I thought you disliked her,’ he quietly added, curling his classic lip with a slightly sarcastic smile.

‘Suppose I did; mayn’t a man change his mind on further acquaintance?’

‘Yes, of course,’ returned he, nicely reducing an entanglement in the pony’s redundant hoary mane. Then suddenly turning to me, and fixing his shy, hazel eyes upon me with a steady penetrating gaze, he added, ‘Then you have changed your mind?’

‘I can’t say that I have exactly. No; I think I hold the same opinion respecting her as before - but slightly ameliorated.’

‘Oh!’ He looked round for something else to talk about; and glancing up at the moon, made some remark upon the beauty of the evening, which I did not answer, as being irrelevant to the subject.

‘Lawrence,’ said I, calmly looking him in the face, ‘are you in love with Mrs. Graham?’

Instead of his being deeply offended at this, as I more than half expected he would, the first start of surprise, at the audacious question, was followed by a tittering laugh, as if he was highly amused at the idea.

‘I in love with her!’ repeated he. ‘What makes you dream of such a thing?’

‘From the interest you take in the progress of my acquaintance with the lady, and the changes of my opinion concerning her, I thought you might be jealous.’

He laughed again. ‘Jealous! no. But I thought you were going to marry Eliza Millward.’

‘You thought wrong, then; I am not going to marry either one or the other - that I know of..’

‘Then I think you’d better let them alone.’

‘Are you going to marry Jane Wilson?’

He coloured, and played with the mane again, but answered - ‘No, I think not.’

‘Then you had better let her alone.’

‘She won’t let me alone,’ he might have said; but he only looked silly and said nothing for the space of half a minute, and then made another attempt to turn the conversation; and this time I let it pass; for he had borne enough: another word on the subject would have been like the last atom that breaks the camel’s back.

I was too late for tea; but my mother had kindly kept the teapot and muffin warm upon the hobs, and, though she scolded me a little, readily admitted my excuses; and when I complained of the flavour of the overdrawn tea, she poured the remainder into the slop-basin, and bade Rose put some fresh into the pot, and reboil the kettle, which offices were performed with great commotion, and certain remarkable comments.

‘Well! - if it had been me now, I should have had no tea at all - if it had been Fergus, even, he would have to put up with such as there was, and

been told to be thankful, for it was far too good for him; but you - we can't do too much for you. It's always so - if there's anything particularly nice at table, mamma winks and nods at me to abstain from it, and if I don't attend to that, she whispers, "Don't eat so much of that, Rose; Gilbert will like it for his supper." - I'm nothing at all. In the parlour, it's "Come, Rose, put away your things, and let's have the room nice and tidy against they come in; and keep up a good fire; Gilbert likes a cheerful fire." In the kitchen - "Make that pie a large one, Rose; I daresay the boys'll be hungry; and don't put so much pepper in, they'll not like it, I'm sure" - or, "Rose, don't put so many spices in the pudding, Gilbert likes it plain," - or, "Mind you put plenty of currants in the cake, Fergus liked plenty." If I say, "Well, mamma, I don't," I'm told I ought not to think of myself. "You know, Rose, in all household matters, we have only two things to consider, first, what's proper to be done; and, secondly, what's most agreeable to the gentlemen of the house - anything will do for the ladies."

'And very good doctrine too,' said my mother. 'Gilbert thinks so, I'm sure.'

'Very convenient doctrine, for us, at all events,' said I; 'but if you would really study my pleasure, mother, you must consider your own comfort and convenience a little more than you do - as for Rose, I have no doubt she'll take care of herself; and whenever she does make a sacrifice or perform a remarkable act of devotedness, she'll take good care to let me know the extent of it. But for you I might sink into the grossest condition of self-indulgence and carelessness about the wants of others, from the mere habit of being constantly cared for myself, and having all my wants anticipated or immediately supplied, while left in total ignorance of what is done for me - if Rose did not enlighten me now and then; and I should receive all your kindness as a matter of course, and never know how much I owe you.'

'Ah! and you never will know, Gilbert, till you're married. Then, when you've got some trifling, self-conceited girl like Eliza Millward, careless of everything but her own immediate pleasure and advantage, or some misguided, obstinate woman, like Mrs. Graham, ignorant of her principal duties, and clever only in what concerns her least to know - then you'll find the difference.'

‘It will do me good, mother; I was not sent into the world merely to exercise the good capacities and good feelings of others – was I? - but to exert my own towards them; and when I marry, I shall expect to find more pleasure in making my wife happy and comfortable, than in being made so by her: I would rather give than receive.’

‘Oh! that’s all nonsense, my dear. It’s mere boy’s talk that! You’ll soon tire of petting and humouring your wife, be she ever so charming, and then comes the trial.’

‘Well, then, we must bear one another’s burdens.’

‘Then you must fall each into your proper place. You’ll do your business, and she, if she’s worthy of you, will do hers; but it’s your business to please yourself, and hers to please you. I’m sure your poor, dear father was as good a husband as ever lived, and after the first six months or so were over, I should as soon have expected him to fly, as to put himself out of his way to pleasure me. He always said I was a good wife, and did my duty; and he always did his - bless him! - he was steady and punctual, seldom found fault without a reason, always did justice to my good dinners, and hardly ever spoiled my cookery by delay - and that’s as much as any woman can expect of any man.’

Is it so, Halford? Is that the extent of your domestic virtues; and does your happy wife exact no more?

CHAPTER VII

Not many days after this, on a mild sunny morning - rather soft under foot; for the last fall of snow was only just wasted away, leaving yet a thin ridge, here and there, lingering on the fresh green grass beneath the hedges; but beside them already, the young primroses were peeping from among their moist, dark foliage, and the lark above was singing of summer, and hope, and love, and every heavenly thing - I was out on the hill-side, enjoying these delights, and looking after the well-being of my young lambs and their mothers, when, on glancing round me, I beheld three persons ascending from the vale below. They were Eliza Millward, Fergus, and Rose; so I crossed the field to meet them; and, being told they were going to Wildfell Hall, I declared myself willing to go with them, and offering my arm to Eliza, who readily accepted it in lieu of my brother's, told the latter he might go back, for I would accompany the ladies.

'I beg your pardon!' exclaimed he. 'It's the ladies that are accompanying me, not I them. You had all had a peep at this wonderful stranger but me, and I could endure my wretched ignorance no longer - come what would, I must be satisfied; so I begged Rose to go with me to the Hall, and introduce me to her at once. She swore she would not, unless Miss Eliza would go too; so I ran to the vicarage and fetched her; and we've come hooked all the way, as fond as a pair of lovers - and now you've taken her from me; and you want to deprive me of my walk and my visit besides. Go back to your fields and your cattle, you lubberly fellow; you're not fit to associate with ladies and gentlemen like us, that have nothing to do but to run snooking about to our neighbours' houses, peeping into their private corners, and scenting out their secrets, and picking holes in their coats, when we don't find them ready made to our hands - you don't understand such refined sources of enjoyment.'

'Can't you both go?' suggested Eliza, disregarding the latter half of the speech.

'Yes, both, to be sure!' cried Rose; 'the more the merrier - and I'm sure we shall want all the cheerfulness we can carry with us to that great, dark, gloomy room, with its narrow latticed windows, and its dismal old furniture - unless she shows us into her studio again.'

So we went all in a body; and the meagre old maid-servant, that opened the door, ushered us into an apartment such as Rose had described to me as the scene of her first introduction to Mrs. Graham, a tolerably spacious and lofty room, but obscurely lighted by the old-fashioned windows, the ceiling, panels, and chimney-piece of grim black oak - the latter elaborately but not very tastefully carved - with tables and chairs to match, an old bookcase on one side of the fire-place, stocked with a motley assemblage of books, and an elderly cabinet piano on the other.

The lady was seated in a stiff, high-backed arm-chair, with a small round table, containing a desk and a work-basket on one side of her, and her little boy on the other, who stood leaning his elbow on her knee, and reading to her, with wonderful fluency, from a small volume that lay in her lap; while she rested her hand on his shoulder, and abstractedly played with the long, wavy curls that fell on his ivory neck. They struck me as forming a pleasing contrast to all the surrounding objects; but of course their position was immediately changed on our entrance. I could only observe the picture during the few brief seconds that Rachel held the door for our admittance.

I do not think Mrs. Graham was particularly delighted to see us: there was something indescribably chilly in her quiet, calm civility; but I did not talk much to her. Seating myself near the window, a little back from the circle, I called Arthur to me, and he and I and Sancho amused ourselves very pleasantly together, while the two young ladies baited his mother with small talk, and Fergus sat opposite with his legs crossed and his hands in his breeches-pockets, leaning back in his chair, and staring now up at the ceiling, now straight forward at his hostess (in a manner that made me strongly inclined to kick him out of the room), now whistling sotto voce to himself a snatch of a favourite air, now interrupting the conversation, or filling up a pause (as the case might be) with some most impertinent question or remark. At one time it was - 'It, amazes me, Mrs. Graham, how you could choose such a dilapidated, rickety old place as this to live in. If you couldn't afford to occupy the whole house, and have it mended up, why couldn't you take a neat little cottage?'

'Perhaps I was too proud, Mr. Fergus,' replied she, smiling; 'perhaps I took a particular fancy for this romantic, old-fashioned place -

but, indeed, it has many advantages over a cottage - in the first place, you see, the rooms are larger and more airy; in the second place, the unoccupied apartments, which I don't pay for, may serve as lumber-rooms, if I have anything to put in them; and they are very useful for my little boy to run about in on rainy days when he can't go out; and then there is the garden for him to play in, and for me to work in. You see I have effected some little improvement already,' continued she, turning to the window. 'There is a bed of young vegetables in that corner, and here are some snowdrops and primroses already in bloom - and there, too, is a yellow crocus just opening in the sunshine.'

'But then how can you bear such a situation - your nearest neighbours two miles distant, and nobody looking in or passing by? Rose would go stark mad in such a place. She can't put on life unless she sees half a dozen fresh gowns and bonnets a day - not to speak of the faces within; but you might sit watching at these windows all day long, and never see so much as an old woman carrying her eggs to market.'

'I am not sure the loneliness of the place was not one of its chief recommendations. I take no pleasure in watching people pass the windows; and I like to be quiet.'

'Oh! as good as to say you wish we would all of us mind our own business, and let you alone.'

'No, I dislike an extensive acquaintance; but if I have a few friends, of course I am glad to see them occasionally. No one can be happy in eternal solitude. Therefore, Mr. Fergus, if you choose to enter my house as a friend, I will make you welcome; if not, I must confess, I would rather you kept away.' She then turned and addressed some observation to Rose or Eliza.

'And, Mrs. Graham,' said he again, five minutes after, 'we were disputing, as we came along, a question that you can readily decide for us, as it mainly regarded yourself - and, indeed, we often hold discussions about you; for some of us have nothing better to do than to talk about our neighbours' concerns, and we, the indigenous plants of the soil, have known each other so long, and talked each other over so often, that we are quite sick of that game; so that a stranger coming amongst us makes an

invaluable addition to our exhausted sources of amusement. Well, the question, or questions, you are requested to solve...'

'Hold your tongue, Fergus!' cried Rose, in a fever of apprehension and wrath.

'I won't, I tell you. The questions you are requested to solve are these:- First, concerning your birth, extraction, and previous residence. Some will have it that you are a foreigner, and some an Englishwoman; some a native of the north country, and some of the south; some say...'

'Well, Mr. Fergus, I'll tell you. I'm an Englishwoman - and I don't see why any one should doubt it - and I was born in the country, neither in the extreme north nor south of our happy isle; and in the country I have chiefly passed my life, and now I hope you are satisfied; for I am not disposed to answer any more questions at present.'

'Except this...'

'No, not one more!' laughed she, and, instantly quitting her seat, she sought refuge at the window by which I was seated, and, in very desperation, to escape my brother's persecutions, endeavoured to draw me into conversation.

'Mr. Markham,' said she, her rapid utterance and heightened colour too plainly evincing her disquietude, 'have you forgotten the fine sea-view we were speaking of some time ago? I think I must trouble you, now, to tell me the nearest way to it; for if this beautiful weather continue, I shall, perhaps, be able to walk there, and take my sketch; I have exhausted every other subject for painting; and I long to see it.'

I was about to comply with her request, but Rose would not suffer me to proceed.

'Oh, don't tell her, Gilbert!' cried she; 'she shall go with us. It's - Bay you are thinking about, I suppose, Mrs. Graham? It is a very long walk, too far for you, and out of the question for Arthur. But we were thinking about making a picnic to see it some fine day; and, if you will wait till the settled fine weather comes, I'm sure we shall all be delighted to have you amongst us.'

Poor Mrs. Graham looked dismayed, and attempted to make excuses, but Rose, either compassionating her lonely life, or anxious to cultivate her acquaintance, was determined to have her; and every objection was overruled. She was told it would only be a small party, and all friends, and that the best view of all was from - Cliffs, full five miles distant.

‘Just a nice walk for the gentlemen,’ continued Rose; ‘but the ladies will drive and walk by turns; for we shall have our pony-carriage, which will be plenty large enough to contain little Arthur and three ladies, together with your sketching apparatus, and our provisions.’

So the proposal was finally acceded to; and, after some further discussion respecting the time and manner of the projected excursion, we rose, and took our leave.

But this was only March: a cold, wet April, and two weeks of May passed over before we could venture forth on our expedition with the reasonable hope of obtaining that pleasure we sought in pleasant prospects, cheerful society, fresh air, good cheer and exercise, without the alloy of bad roads, cold winds, or threatening clouds. Then, on a glorious morning, we gathered our forces and set forth. The company consisted of Mrs. and Master Graham, Mary and Eliza Millward, Jane and Richard Wilson, and Rose, Fergus, and Gilbert Markham.

Mr. Lawrence had been invited to join us, but, for some reason best known to himself, had refused to give us his company. I had solicited the favour myself. When I did so, he hesitated, and asked who were going. Upon my naming Miss Wilson among the rest, he seemed half inclined to go, but when I mentioned Mrs. Graham, thinking it might be a further inducement, it appeared to have a contrary effect, and he declined it altogether, and, to confess the truth, the decision was not displeasing to me, though I could scarcely tell you why.

It was about midday when we reached the place of our destination. Mrs. Graham walked all the way to the cliffs; and little Arthur walked the greater part of it too; for he was now much more hardy and active than when he first entered the neighbourhood, and he did not like being in the carriage with strangers, while all his four friends, mamma, and Sancho, and

Mr. Markham, and Miss Millward, were on foot, journeying far behind, or passing through distant fields and lanes.

I have a very pleasant recollection of that walk, along the hard, white, sunny road, shaded here and there with bright green trees, and adorned with flowery banks and blossoming hedges of delicious fragrance; or through pleasant fields and lanes, all glorious in the sweet flowers and brilliant verdure of delightful May. It was true, Eliza was not beside me; but she was with her friends in the pony-carriage, as happy, I trusted, as I was; and even when we pedestrians, having forsaken the highway for a short cut across the fields, beheld the little carriage far away, disappearing amid the green, embowering trees, I did not hate those trees for snatching the dear little bonnet and shawl from my sight, nor did I feel that all those intervening objects lay between my happiness and me; for, to confess the truth, I was too happy in the company of Mrs. Graham to regret the absence of Eliza, Millward.

The former, it is true, was most provokingly unsociable at first - seemingly bent upon talking to no one but Mary Millward and Arthur. She and Mary journeyed along together, generally with the child between them; - but where the road permitted, I always walked on the other side of her, Richard Wilson taking the other side of Miss Millward, and Fergus roving here and there according to his fancy; and, after a while, she became more friendly, and at length I succeeded in securing her attention almost entirely to myself - and then I was happy indeed; for whenever she did condescend to converse, I liked to listen. Where her opinions and sentiments tallied with mine, it was her extreme good sense, her exquisite taste and feeling, that delighted me; where they differed, it was still her uncompromising boldness in the avowal or defence of that difference, her earnestness and keenness, that piqued my fancy: and even when she angered me by her unkind words or looks, and her uncharitable conclusions respecting me, it only made me the more dissatisfied with myself for having so unfavourably impressed her, and the more desirous to vindicate my character and disposition in her eyes, and, if possible, to win her esteem.

At length our walk was ended. The increasing height and boldness of the hills had for some time intercepted the prospect; but, on gaining the summit of a steep acclivity, and looking downward, an opening lay before us

- and the blue sea burst upon our sight! - deep violet blue - not deadly calm, but covered with glinting breakers - diminutive white specks twinkling on its bosom, and scarcely to be distinguished, by the keenest vision, from the little seamews that sported above, their white wings glittering in the sunshine: only one or two vessels were visible, and those were far away.

I looked at my companion to see what she thought of this glorious scene. She said nothing: but she stood still, and fixed her eyes upon it with a gaze that assured me she was not disappointed. She had very fine eyes, by-the-by - I don't know whether I have told you before, but they were full of soul, large, clear, and nearly black - not brown, but very dark grey. A cool, reviving breeze blew from the sea - soft, pure, salubrious: it waved her drooping ringlets, and imparted a livelier colour to her usually too pallid lip and cheek. She felt its exhilarating influence, and so did I - I felt it tingling through my frame, but dared not give way to it while she remained so quiet. There was an aspect of subdued exhilaration in her face, that kindled into almost a smile of exalted, glad intelligence as her eye met mine. Never had she looked so lovely: never had my heart so warmly cleaved to her as now. Had we been left two minutes longer standing there alone, I cannot answer for the consequences. Happily for my discretion, perhaps for my enjoyment during the remainder of the day, we were speedily summoned to the repast - a very respectable collation, which Rose, assisted by Miss Wilson and Eliza, who, having shared her seat in the carriage, had arrived with her a little before the rest, had set out upon an elevated platform overlooking the sea, and sheltered from the hot sun by a shelving rock and overhanging trees.

Mrs. Graham seated herself at a distance from me. Eliza was my nearest neighbour. She exerted herself to be agreeable, in her gentle, unobtrusive way, and was, no doubt, as fascinating and charming as ever, if I could only have felt it. But soon my heart began to warm towards her once again; and we were all very merry and happy together - as far as I could see - throughout the protracted social meal.

When that was over, Rose summoned Fergus to help her to gather up the fragments, and the knives, dishes, &c., and restore them to the baskets; and Mrs. Graham took her camp-stool and drawing materials; and having begged Miss Millward to take charge of her precious son, and

strictly enjoined him not to wander from his new guardian's side, she left us and proceeded along the steep, stony hill, to a loftier, more precipitous eminence at some distance, whence a still finer prospect was to be had, where she preferred taking her sketch, though some of the ladies told her it was a frightful place, and advised her not to attempt it.

When she was gone, I felt as if there was to be no more fun - though it is difficult to say what she had contributed to the hilarity of the party. No jests, and little laughter, had escaped her lips; but her smile had animated my mirth; a keen observation or a cheerful word from her had insensibly sharpened my wits, and thrown an interest over all that was done and said by the rest. Even my conversation with Eliza had been enlivened by her presence, though I knew it not; and now that she was gone, Eliza's playful nonsense ceased to amuse me - nay, grew wearisome to my soul, and I grew weary of amusing her: I felt myself drawn by an irresistible attraction to that distant point where the fair artist sat and plied her solitary task - and not long did I attempt to resist it: while my little neighbour was exchanging a few words with Miss Wilson, I rose and cannily slipped away. A few rapid strides, and a little active clambering, soon brought me to the place where she was seated - a narrow ledge of rock at the very verge of the cliff, which descended with a steep, precipitous slant, quite down to the rocky shore.

She did not hear me coming: the falling of my shadow across her paper gave her an electric start; and she looked hastily round - any other lady of my acquaintance would have screamed under such a sudden alarm.

'Oh! I didn't know it was you. - Why did you startle me so?' said she, somewhat testily. 'I hate anybody to come upon me so unexpectedly.'

'Why, what did you take me for?' said I: 'if I had known you were so nervous, I would have been more cautious; but...'

'Well, never mind. What did you come for? are they all coming?'

'No; this little ledge could scarcely contain them all.'

'I'm glad, for I'm tired of talking.'

'Well, then, I won't talk. I'll only sit and watch your drawing.'

'Oh, but you know I don't like that.'

‘Then I’ll content myself with admiring this magnificent prospect.’

She made no objection to this; and, for some time, sketched away in silence. But I could not help stealing a glance, now and then, from the splendid view at our feet to the elegant white hand that held the pencil, and the graceful neck and glossy raven curls that drooped over the paper.

‘Now,’ thought I, ‘if I had but a pencil and a morsel of paper, I could make a lovelier sketch than hers, admitting I had the power to delineate faithfully what is before me.’

But, though this satisfaction was denied me, I was very well content to sit beside her there, and say nothing.

‘Are you there still, Mr. Markham?’ said she at length, looking round upon me - for I was seated a little behind on a mossy projection of the cliff. - ‘Why don’t you go and amuse yourself with your friends?’

‘Because I am tired of them, like you; and I shall have enough of them tomorrow - or at any time hence; but you I may not have the pleasure of seeing again for I know not how long.’

‘What was Arthur doing when you came away?’

‘He was with Miss Millward, where you left him - all right, but hoping mamma would not be long away. You didn’t intrust him to me, by-the-by,’ I grumbled, ‘though I had the honour of a much longer acquaintance; but Miss Millward has the art of conciliating and amusing children,’ I carelessly added, ‘if she is good for nothing else.’

‘Miss Millward has many estimable qualities, which such as you cannot be expected to perceive or appreciate. Will you tell Arthur that I shall come in a few minutes?’

‘If that be the case, I will wait, with your permission, till those few minutes are past; and then I can assist you to descend this difficult path.’

‘Thank you - I always manage best, on such occasions, without assistance.’

‘But, at least, I can carry your stool and sketch-book.’

She did not deny me this favour; but I was rather offended at her evident desire to be rid of me, and was beginning to repent of my

pertinacity, when she somewhat appeased me by consulting my taste and judgment about some doubtful matter in her drawing. My opinion, happily, met her approbation, and the improvement I suggested was adopted without hesitation.

‘I have often wished in vain,’ said she, ‘for another’s judgment to appeal to when I could scarcely trust the direction of my own eye and head, they having been so long occupied with the contemplation of a single object as to become almost incapable of forming a proper idea respecting it.’

‘That,’ replied I, ‘is only one of many evils to which a solitary life exposes us.’

‘True,’ said she; and again we relapsed into silence.

About two minutes after, however, she declared her sketch completed, and closed the book.

On returning to the scene of our repast we found all the company had deserted it, with the exception of three - Mary Millward, Richard Wilson, and Arthur Graham. The younger gentleman lay fast asleep with his head pillowed on the lady’s lap; the other was seated beside her with a pocket edition of some classic author in his hand. He never went anywhere without such a companion wherewith to improve his leisure moments: all time seemed lost that was not devoted to study, or exacted, by his physical nature, for the bare support of life. Even now he could not abandon himself to the enjoyment of that pure air and balmy sunshine - that splendid prospect, and those soothing sounds, the music of the waves and of the soft wind in the sheltering trees above him - not even with a lady by his side (though not a very charming one, I will allow) - he must pull out his book, and make the most of his time while digesting his temperate meal, and reposing his weary limbs, unused to so much exercise.

Perhaps, however, he spared a moment to exchange a word or a glance with his companion now and then - at any rate, she did not appear at all resentful of his conduct; for her homely features wore an expression of unusual cheerfulness and serenity, and she was studying his pale, thoughtful face with great complacency when we arrived.

The journey homeward was by no means so agreeable to me as the former part of the day: for now Mrs. Graham was in the carriage, and Eliza

Millward was the companion of my walk. She had observed my preference for the young widow, and evidently felt herself neglected. She did not manifest her chagrin by keen reproaches, bitter sarcasms, or pouting sullen silence - any or all of these I could easily have endured, or lightly laughed away; but she showed it by a kind of gentle melancholy, a mild, reproachful sadness that cut me to the heart. I tried to cheer her up, and apparently succeeded in some degree, before the walk was over; but in the very act my conscience reproved me, knowing, as I did, that, sooner or later, the tie must be broken, and this was only nourishing false hopes and putting off the evil day.

When the pony-carriage had approached as near Wildfell Hall as the road would permit - unless, indeed, it proceeded up the long rough lane, which Mrs. Graham would not allow - the young widow and her son alighted, relinquishing the driver's seat to Rose; and I persuaded Eliza to take the latter's place. Having put her comfortably in, bid her take care of the evening air, and wished her a kind good-night, I felt considerably relieved, and hastened to offer my services to Mrs. Graham to carry her apparatus up the fields, but she had already hung her camp-stool on her arm, and taken her sketch-book in her hand, and insisted upon bidding me adieu then and there, with the rest of the company. But this time she declined my proffered aid in so kind and friendly a manner that I almost forgave her.

CHAPTER VIII

Six weeks had passed away. It was a splendid morning about the close of June. Most of the hay was cut, but the last week had been very unfavourable; and now that fine weather was come at last, being determined to make the most of it, I had gathered all hands together into the hay-field, and was working away myself, in the midst of them, in my shirt-sleeves, with a light, shady straw hat on my head, catching up armfuls of moist, reeking grass, and shaking it out to the four winds of heaven, at the head of a goodly file of servants and hirelings - intending so to labour, from morning till night, with as much zeal and assiduity as I could look for from any of them, as well to prosper the work by my own exertion as to animate the workers by my example - when lo! My resolutions were overthrown in a moment, by the simple fact of my brother's running up to me and putting into my hand a small parcel, just arrived from London, which I had been for some time expecting. I tore off the cover, and disclosed an elegant and portable edition of 'Marmion.'

'I guess I know who that's for,' said Fergus, who stood looking on while I complacently examined the volume. 'That's for Miss Eliza, now.'

He pronounced this with a tone and look so prodigiously knowing, that I was glad to contradict him.

'You're wrong, my lad,' said I; and, taking up my coat, I deposited the book in one of its pockets, and then put it on (i.e. the coat). 'Now come here, you idle dog, and make yourself useful for once,' I continued. 'Pull off your coat, and take my place in the field till I come back.'

'Till you come back? - and where are you going, pray?

'No matter where - the when is all that concerns you; - and I shall be back by dinner, at least.'

'Oh - oh! and I'm to labour away till then, am I? - and to keep all these fellows hard at it besides? Well, well! I'll submit - for once in a way. - Come, my lads, you must look sharp: I'm come to help you now:- and woe be to that man, or woman either, that pauses for a moment amongst you - whether to stare about him, to scratch his head, or blow his nose - no

pretext will serve - nothing but work, work, work in the sweat of your face,' &c., &c.

Leaving him thus haranguing the people, more to their amusement than edification, I returned to the house, and, having made some alteration in my toilet, hastened away to Wildfell Hall, with the book in my pocket; for it was destined for the shelves of Mrs. Graham.

‘What! then had she and you got on so well together as to come to the giving and receiving of presents?’ - Not precisely, old buck; this was my first experiment in that line; and I was very anxious to see the result of it.

We had met several times since the - Bay excursion, and I had found she was not averse to my company, provided I confined my conversation to the discussion of abstract matters, or topics of common interest; - the moment I touched upon the sentimental or the complimentary, or made the slightest approach to tenderness in word or look, I was not only punished by an immediate change in her manner at the time, but doomed to find her more cold and distant, if not entirely inaccessible, when next I sought her company. This circumstance did not greatly disconcert me, however, because I attributed it, not so much to any dislike of my person, as to some absolute resolution against a second marriage formed prior to the time of our acquaintance, whether from excess of affection for her late husband, or because she had had enough of him and the matrimonial state together. At first, indeed, she had seemed to take a pleasure in mortifying my vanity and crushing my presumption - relentlessly nipping off bud by bud as they ventured to appear; and then, I confess, I was deeply wounded, though, at the same time, stimulated to seek revenge; - but latterly finding, beyond a doubt, that I was not that empty-headed coxcomb she had first supposed me, she had repulsed my modest advances in quite a different spirit. It was a kind of serious, almost sorrowful displeasure, which I soon learnt carefully to avoid awakening.

‘Let me first establish my position as a friend,’ thought I - ‘the patron and playfellow of her son, the sober, solid, plain-dealing friend of herself, and then, when I have made myself fairly necessary to her comfort and enjoyment in life (as I believe I can), we’ll see what next may be effected.’

So we talked about painting, poetry, and music, theology, geology, and philosophy: once or twice I lent her a book, and once she lent me one in return: I met her in her walks as often as I could; I came to her house as often as I dared. My first pretext for invading the sanctum was to bring Arthur a little waddling puppy of which Sancho was the father, and which delighted the child beyond expression, and, consequently, could not fail to please his mamma. My second was to bring him a book, which, knowing his mother's particularity, I had carefully selected, and which I submitted for her approbation before presenting it to him. Then, I brought her some plants for her garden, in my sister's name - having previously persuaded Rose to send them. Each of these times I inquired after the picture she was painting from the sketch taken on the cliff, and was admitted into the studio, and asked my opinion or advice respecting its progress.

My last visit had been to return the book she had lent me; and then it was that, in casually discussing the poetry of Sir Walter Scott, she had expressed a wish to see 'Marmion,' and I had conceived the presumptuous idea of making her a present of it, and, on my return home, instantly sent for the smart little volume I had this morning received. But an apology for invading the hermitage was still necessary; so I had furnished myself with a blue morocco collar for Arthur's little dog; and that being given and received, with much more joy and gratitude, on the part of the receiver, than the worth of the gift or the selfish motive of the giver deserved, I ventured to ask Mrs. Graham for one more look at the picture, if it was still there.

'Oh, yes! come in,' said she (for I had met them in the garden). 'It is finished and framed, all ready for sending away; but give me your last opinion, and if you can suggest any further improvement, it shall be - duly considered, at least.'

The picture was strikingly beautiful; it was the very scene itself, transferred as if by magic to the canvas; but I expressed my approbation in guarded terms, and few words, for fear of displeasing her. She, however, attentively watched my looks, and her artist's pride was gratified, no doubt, to read my heartfelt admiration in my eyes. But, while I gazed, I thought upon the book, and wondered how it was to be presented. My heart failed me; but I determined not to be such a fool as to come away without having

made the attempt. It was useless waiting for an opportunity, and useless trying to concoct a speech for the occasion. The more plainly and naturally the thing was done, the better, I thought; so I just looked out of the window to screw up my courage, and then pulled out the book, turned round, and put it into her hand, with this short explanation:

‘You were wishing to see ‘Marmion,’ Mrs. Graham; and here it is, if you will be so kind as to take it.’

A momentary blush suffused her face - perhaps, a blush of sympathetic shame for such an awkward style of presentation: she gravely examined the volume on both sides; then silently turned over the leaves, knitting her brows the while, in serious cogitation; then closed the book, and turning from it to me, quietly asked the price of it - I felt the hot blood rush to my face.

‘I’m sorry to offend you, Mr. Markham,’ said she, ‘but unless I pay for the book, I cannot take it.’ And she laid it on the table.

‘Why cannot you?’

‘Because,’ - she paused, and looked at the carpet.

‘Why cannot you?’ I repeated, with a degree of irascibility that roused her to lift her eyes and look me steadily in the face.

‘Because I don’t like to put myself under obligations that I can never repay - I am obliged to you already for your kindness to my son; but his grateful affection and your own good feelings must reward you for that.’

‘Nonsense!’ ejaculated I.

She turned her eyes on me again, with a look of quiet, grave surprise, that had the effect of a rebuke, whether intended for such or not.

‘Then you won’t take the book?’ I asked, more mildly than I had yet spoken.

‘I will gladly take it, if you will let me pay for it.’ I told her the exact price, and the cost of the carriage besides, in as calm a tone as I could command - for, in fact, I was ready to weep with disappointment and vexation.

She produced her purse, and coolly counted out the money, but hesitated to put it into my hand. Attentively regarding me, in a tone of

soothing softness, she observed - 'You think yourself insulted, Mr Markham - I wish I could make you understand that... that I...'

'I do understand you, perfectly,' I said. 'You think that if you were to accept that trifle from me now, I should presume upon it hereafter; but you are mistaken:- if you will only oblige me by taking it, believe me, I shall build no hopes upon it, and consider this no precedent for future favours:- and it is nonsense to talk about putting yourself under obligations to me when you must know that in such a case the obligation is entirely on my side, the favour on yours.'

'Well, then, I'll take you at your word,' she answered, with a most angelic smile, returning the odious money to her purse - 'but remember!'

'I will remember - what I have said; - but do not you punish my presumption by withdrawing your friendship entirely from me - or expect me to atone for it by being more distant than before,' said I, extending my hand to take leave, for I was too much excited to remain.

'Well, then! let us be as we were,' replied she, frankly placing her hand in mine; and while I held it there, I had much difficulty to refrain from pressing it to my lips; - but that would be suicidal madness: I had been bold enough already, and this premature offering had well-nigh given the death-blow to my hopes.

It was with an agitated, burning heart and brain that I hurried homewards, regardless of that scorching noonday sun - forgetful of everything but her I had just left - regretting nothing but her impenetrability, and my own precipitancy and want of tact - fearing nothing but her hateful resolution, and my inability to overcome it - hoping nothing - but halt - I will not bore you with my conflicting hopes and fears - my serious cogitations and resolves.

CHAPTER IX

Though my affections might now be said to be fairly weaned from Eliza Millward, I did not yet entirely relinquish my visits to the vicarage, because I wanted, as it were, to let her down easy; without raising much sorrow, or incurring much resentment - or making myself the talk of the parish; and besides, if I had wholly kept away, the vicar, who looked upon my visits as paid chiefly, if not entirely, to himself, would have felt himself decidedly affronted by the neglect. But when I called there the day after my interview with Mrs. Graham, he happened to be from home - a circumstance by no means so agreeable to me now as it had been on former occasions. Miss Millward was there, it is true, but she, of course, would be little better than a nonentity. However, I resolved to make my visit a short one, and to talk to Eliza in a brotherly, friendly sort of way, such as our long acquaintance might warrant me in assuming, and which, I thought, could neither give offence nor serve to encourage false hopes.

It was never my custom to talk about Mrs. Graham either to her or any one else; but I had not been seated three minutes before she brought that lady on to the carpet herself in a rather remarkable manner.

‘Oh, Mr. Markham!’ said she, with a shocked expression and voice subdued almost to a whisper, ‘what do you think of these shocking reports about Mrs. Graham? - can you encourage us to disbelieve them?’

‘What reports?’

‘Ah, now! you know!’ she slyly smiled and shook her head.

‘I know nothing about them. What in the world do you mean, Eliza?’

‘Oh, don’t ask me! I can’t explain it.’ She took up the cambric handkerchief which she had been beautifying with a deep lace border, and began to be very busy.

‘What is it, Miss Millward? what does she mean?’ said I, appealing to her sister, who seemed to be absorbed in the hemming of a large, coarse sheet.

‘I don’t know,’ replied she. ‘Some idle slander somebody has been inventing, I suppose. I never heard it till Eliza told me the other day - but if

all the parish dinned it in my ears, I shouldn't believe a word of it - I know Mrs. Graham too well!

'Quite right, Miss Millward! - and so do I - whatever it may be.'

'Well,' observed Eliza, with a gentle sigh, 'it's well to have such a comfortable assurance regarding the worth of those we love. I only wish you may not find your confidence misplaced.'

And she raised her face, and gave me such a look of sorrowful tenderness as might have melted my heart, but within those eyes there lurked a something that I did not like; and I wondered how I ever could have admired them - her sister's honest face and small grey optics appeared far more agreeable. But I was out of temper with Eliza at that moment for her insinuations against Mrs. Graham, which were false, I was certain, whether she knew it or not.

I said nothing more on the subject, however, at the time, and but little on any other; for, finding I could not well recover my equanimity, I presently rose and took leave, excusing myself under the plea of business at the farm; and to the farm I went, not troubling my mind one whit about the possible truth of these mysterious reports, but only wondering what they were, by whom originated, and on what foundations raised, and how they could the most effectually be silenced or disproved.

A few days after this we had another of our quiet little parties, to which the usual company of friends and neighbours had been invited, and Mrs. Graham among the number. She could not now absent herself under the plea of dark evenings or inclement weather, and, greatly to my relief, she came. Without her I should have found the whole affair an intolerable bore; but the moment of her arrival brought new life to the house, and though I might not neglect the other guests for her, or expect to engross much of her attention and conversation to myself alone, I anticipated an evening of no common enjoyment.

Mr. Lawrence came too. He did not arrive till some time after the rest were assembled. I was curious to see how he would comport himself to Mrs. Graham. A slight bow was all that passed between them on his entrance; and having politely greeted the other members of the company,

he seated himself quite aloof from the young widow, between my mother and Rose.

‘Did you ever see such art?’ whispered Eliza, who was my nearest neighbour. ‘Would you not say they were perfect strangers?’

‘Almost; but what then?’

‘What then; why, you can’t pretend to be ignorant?’

‘Ignorant of what?’ demanded I, so sharply that she started and replied:

‘Oh, hush! don’t speak so loud.’

‘Well, tell me then,’ I answered in a lower tone, ‘what is it you mean? I hate enigmas.’

‘Well, you know, I don’t vouch for the truth of it - indeed, far from it - but haven’t you heard -?’

‘I’ve heard nothing, except from you.’

‘You must be wilfully deaf then, for anyone will tell you that; but I shall only anger you by repeating it, I see, so I had better hold my tongue.’

She closed her lips and folded her hands before her, with an air of injured meekness.

‘If you had wished not to anger me, you should have held your tongue from the beginning, or else spoken out plainly and honestly all you had to say.’

She turned aside her face, pulled out her handkerchief, rose, and went to the window, where she stood for some time, evidently dissolved in tears. I was astounded, provoked, ashamed - not so much of my harshness as for her childish weakness. However, no one seemed to notice her, and shortly after we were summoned to the tea-table: in those parts it was customary to sit to the table at tea-time on all occasions, and make a meal of it, for we dined early. On taking my seat, I had Rose on one side of me and an empty chair on the other.

‘May I sit by you?’ said a soft voice at my elbow.

‘If you like,’ was the reply; and Eliza slipped into the vacant chair; then, looking up in my face with a half-sad, half-playful smile, she whispered

- 'You're so stern, Gilbert.'

I handed down her tea with a slightly contemptuous smile, and said nothing, for I had nothing to say.

'What have I done to offend you?' said she, more plaintively. 'I wish I knew.'

'Come, take your tea, Eliza, and don't be foolish,' responded I, handing her the sugar and cream.

Just then there arose a slight commotion on the other side of me, occasioned by Miss Wilson's coming to negotiate an exchange of seats with Rose.

'Will you be so good as to exchange places with me, Miss Markham?' said she; 'for I don't like to sit by Mrs. Graham. If your mamma thinks proper to invite such persons to her house, she cannot object to her daughter's keeping company with them.'

This latter clause was added in a sort of soliloquy when Rose was gone; but I was not polite enough to let it pass.

'Will you be so good as to tell me what you mean, Miss Wilson?' said I.

The question startled her a little, but not much.

'Why, Mr. Markham,' replied she, coolly, having quickly recovered her self-possession, 'it surprises me rather that Mrs. Markham should invite such a person as Mrs. Graham to her house; but, perhaps, she is not aware that the lady's character is considered scarcely respectable.'

'She is not, nor am I; and therefore you would oblige me by explaining your meaning a little further.'

'This is scarcely the time or the place for such explanations; but I think you can hardly be so ignorant as you pretend - you must know her as well as I do.'

'I think I do, perhaps a little better; and therefore, if you will inform me what you have heard or imagined against her, I shall, perhaps, be able to set you right.'

‘Can you tell me, then, who was her husband, or if she ever had any?’

Indignation kept me silent. At such a time and place I could not trust myself to answer.

‘Have you never observed,’ said Eliza, ‘what a striking likeness there is between that child of hers and...’

‘And whom?’ demanded Miss Wilson, with an air of cold, but keen severity.

Eliza was startled; the timidly spoken suggestion had been intended for my ear alone.

‘Oh, I beg your pardon!’ pleaded she; ‘I may be mistaken – perhaps I was mistaken.’ But she accompanied the words with a sly glance of derision directed to me from the corner of her disingenuous eye.

‘There’s no need to ask my pardon,’ replied her friend, ‘but I see no one here that at all resembles that child, except his mother, and when you hear ill-natured reports, Miss Eliza, I will thank you, that is, I think you will do well, to refrain from repeating them. I presume the person you allude to is Mr. Lawrence; but I think I can assure you that your suspicions, in that respect, are utterly misplaced; and if he has any particular connection with the lady at all (which no one has a right to assert), at least he has (what cannot be said of some others) sufficient sense of propriety to withhold him from acknowledging anything more than a bowing acquaintance in the presence of respectable persons; he was evidently both surprised and annoyed to find her here.’

‘Go it!’ cried Fergus, who sat on the other side of Eliza, and was the only individual who shared that side of the table with us. ‘Go it like bricks! mind you don’t leave her one stone upon another.’

Miss Wilson drew herself up with a look of freezing scorn, but said nothing. Eliza would have replied, but I interrupted her by saying as calmly as I could, though in a tone which betrayed, no doubt, some little of what I felt within - ‘We have had enough of this subject; if we can only speak to slander our betters, let us hold our tongues.’

‘I think you’d better,’ observed Fergus, ‘and so does our good parson; he has been addressing the company in his richest vein all the while, and eyeing you, from time to time, with looks of stern distaste, while you sat there, irreverently whispering and muttering together; and once he paused in the middle of a story or a sermon, I don’t know which, and fixed his eyes upon you, Gilbert, as much as to say, “When Mr. Markham has done flirting with those two ladies I will proceed.”’

What more was said at the tea-table I cannot tell, nor how I found patience to sit till the meal was over. I remember, however, that I swallowed with difficulty the remainder of the tea that was in my cup, and ate nothing; and that the first thing I did was to stare at Arthur Graham, who sat beside his mother on the opposite side of the table, and the second to stare at Mr. Lawrence, who sat below; and, first, it struck me that there was a likeness; but, on further contemplation, I concluded it was only in imagination.

Both, it is true, had more delicate features and smaller bones than commonly fall to the lot of individuals of the rougher sex, and Lawrence’s complexion was pale and clear, and Arthur’s delicately fair; but Arthur’s tiny, somewhat snubby nose could never become so long and straight as Mr. Lawrence’s; and the outline of his face, though not full enough to be round, and too finely converging to the small, dimpled chin to be square, could never be drawn out to the long oval of the other’s, while the child’s hair was evidently of a lighter, warmer tint than the elder gentleman’s had ever been, and his large, clear blue eyes, though prematurely serious at times, were utterly dissimilar to the shy hazel eyes of Mr. Lawrence, whence the sensitive soul looked so distrustfully forth, as ever ready to retire within, from the offences of a too rude, too uncongenial world. Wretch that I was to harbour that detestable idea for a moment! Did I not know Mrs. Graham? Had I not seen her, conversed with her time after time? Was I not certain that she, in intellect, in purity and elevation of soul, was immeasurably superior to any of her detractors; that she was, in fact, the noblest, the most adorable, of her sex I had ever beheld, or even imagined to exist? Yes, and I would say with Mary Millward (sensible girl as she was), that if all the parish, ay, or all the world, should din these

horrible lies in my ears, I would not believe them, for I knew her better than they.

Meantime, my brain was on fire with indignation, and my heart seemed ready to burst from its prison with conflicting passions. I regarded my two fair neighbours with a feeling of abhorrence and loathing I scarcely endeavoured to conceal. I was rallied from several quarters for my abstraction and ungallant neglect of the ladies; but I cared little for that: all I cared about, besides that one grand subject of my thoughts, was to see the cups travel up to the tea-tray, and not come down again. I thought Mr. Millward never would cease telling us that he was no tea-drinker, and that it was highly injurious to keep loading the stomach with slops to the exclusion of more wholesome sustenance, and so give himself time to finish his fourth cup.

At length it was over; and I rose and left the table and the guests without a word of apology - I could endure their company no longer. I rushed out to cool my brain in the balmy evening air, and to compose my mind or indulge my passionate thoughts in the solitude of the garden.

To avoid being seen from the windows I went down a quiet little avenue that skirted one side of the inclosure, at the bottom of which was a seat embowered in roses and honeysuckles. Here I sat down to think over the virtues and wrongs of the lady of Wildfell Hall; but I had not been so occupied two minutes, before voices and laughter, and glimpses of moving objects through the trees, informed me that the whole company had turned out to take an airing in the garden too. However, I nestled up in a corner of the bower, and hoped to retain possession of it, secure alike from observation and intrusion. But no - confound it - there was some one coming down the avenue! Why couldn't they enjoy the flowers and sunshine of the open garden, and leave that sunless nook to me, and the gnats and midges?

But, peeping through my fragrant screen of the interwoven branches to discover who the intruders were (for a murmur of voices told me it was more than one), my vexation instantly subsided, and far other feelings agitated my still unquiet soul; for there was Mrs. Graham, slowly moving down the walk with Arthur by her side, and no one else. Why were they alone? Had the poison of detracting tongues already spread through

all; and had they all turned their backs upon her? I now recollected having seen Mrs. Wilson, in the early part of the evening, edging her chair close up to my mother, and bending forward, evidently in the delivery of some important confidential intelligence; and from the incessant wagging of her head, the frequent distortions of her wrinkled physiognomy, and the winking and malicious twinkle of her little ugly eyes, I judged it was some spicy piece of scandal that engaged her powers; and from the cautious privacy of the communication I supposed some person then present was the luckless object of her calumnies: and from all these tokens, together with my mother's looks and gestures of mingled horror and incredulity, I now concluded that object to have been Mrs. Graham. I did not emerge from my place of concealment till she had nearly reached the bottom of the walk, lest my appearance should drive her away; and when I did step forward she stood still and seemed inclined to turn back as it was.

'Oh, don't let us disturb you, Mr. Markham!' said she. 'We came here to seek retirement ourselves, not to intrude on your seclusion.'

'I am no hermit, Mrs. Graham - though I own it looks rather like it to absent myself in this uncourteous fashion from my guests.'

'I feared you were unwell,' said she, with a look of real concern.

'I was rather, but it's over now. Do sit here a little and rest, and tell me how you like this arbour,' said I, and, lifting Arthur by the shoulders, I planted him in the middle of the seat by way of securing his mamma, who, acknowledging it to be a tempting place of refuge, threw herself back in one corner, while I took possession of the other.

But that word refuge disturbed me. Had their unkindness then really driven her to seek for peace in solitude?

'Why have they left you alone?' I asked.

'It is I who have left them,' was the smiling rejoinder. 'I was wearied to death with small talk - nothing wears me out like that. I cannot imagine how they can go on as they do.'

I could not help smiling at the serious depth of her wonderment.

'Is it that they think it a duty to be continually talking,' pursued she: 'and so never pause to think, but fill up with aimless trifles and vain

repetitions when subjects of real interest fail to present themselves, or do they really take a pleasure in such discourse?’

‘Very likely they do,’ said I; ‘their shallow minds can hold no great ideas, and their light heads are carried away by trivialities that would not move a better-furnished skull; and their only alternative to such discourse is to plunge over head and ears into the slough of scandal - which is their chief delight.’

‘Not all of them, surely?’ cried the lady, astonished at the bitterness of my remark.

‘No, certainly; I exonerate my sister from such degraded tastes, and my mother too, if you included her in your animadversions.’

‘I meant no animadversions against any one, and certainly intended no disrespectful allusions to your mother. I have known some sensible persons great adepts in that style of conversation when circumstances impelled them to it; but it is a gift I cannot boast the possession of. I kept up my attention on this occasion as long as I could, but when my powers were exhausted I stole away to seek a few minutes’ repose in this quiet walk. I hate talking where there is no exchange of ideas or sentiments, and no good given or received.’

‘Well,’ said I, ‘if ever I trouble you with my loquacity, tell me so at once, and I promise not to be offended; for I possess the faculty of enjoying the company of those I - of my friends as well in silence as in conversation.’

‘I don’t quite believe you; but if it were so you would exactly suit me for a companion.’

‘I am all you wish, then, in other respects?’

‘No, I don’t mean that. How beautiful those little clusters of foliage look, where the sun comes through behind them!’ said she, on purpose to change the subject.

And they did look beautiful, where at intervals the level rays of the sun penetrating the thickness of trees and shrubs on the opposite side of the path before us, relieved their dusky verdure by displaying patches of semi-transparent leaves of resplendent golden green.

‘I almost wish I were not a painter,’ observed my companion.

‘Why so? one would think at such a time you would most exult in your privilege of being able to imitate the various brilliant and delightful touches of nature.’

‘No; for instead of delivering myself up to the full enjoyment of them as others do, I am always troubling my head about how I could produce the same effect upon canvas; and as that can never be done, it is more vanity and vexation of spirit.’

‘Perhaps you cannot do it to satisfy yourself, but you may and do succeed in delighting others with the result of your endeavours.’

‘Well, after all, I should not complain: perhaps few people gain their livelihood with so much pleasure in their toil as I do. Here is some one coming.’

She seemed vexed at the interruption.

‘It is only Mr. Lawrence and Miss Wilson,’ said I, ‘coming to enjoy a quiet stroll. They will not disturb us.’

I could not quite decipher the expression of her face; but I was satisfied there was no jealousy therein. What business had I to look for it?

‘What sort of a person is Miss Wilson?’ she asked.

‘She is elegant and accomplished above the generality of her birth and station; and some say she is ladylike and agreeable.’

‘I thought her somewhat frigid and rather supercilious in her manner today.’

‘Very likely she might be so to you. She has possibly taken a prejudice against you, for I think she regards you in the light of a rival.’

‘Me! Impossible, Mr. Markham!’ said she, evidently astonished and annoyed.

‘Well, I know nothing about it,’ returned I, rather doggedly; for I thought her annoyance was chiefly against myself.

The pair had now approached within a few paces of us. Our arbour was set snugly back in a corner, before which the avenue at its termination turned off into the more airy walk along the bottom of the garden. As they approached this, I saw, by the aspect of Jane Wilson, that she was directing

her companion's attention to us; and, as well by her cold, sarcastic smile as by the few isolated words of her discourse that reached me, I knew full well that she was impressing him with the idea, that we were strongly attached to each other. I noticed that he coloured up to the temples, gave us one furtive glance in passing, and walked on, looking grave, but seemingly offering no reply to her remarks.

It was true, then, that he had some designs upon Mrs. Graham; and, were they honourable, he would not be so anxious to conceal them. She was blameless, of course, but he was detestable beyond all count.

While these thoughts flashed through my mind, my companion abruptly rose, and calling her son, said they would now go in quest of the company, and departed up the avenue. Doubtless she had heard or guessed something of Miss Wilson's remarks, and therefore it was natural enough she should choose to continue the *tete-a-tete* no longer, especially as at that moment my cheeks were burning with indignation against my former friend, the token of which she might mistake for a blush of stupid embarrassment. For this I owed Miss Wilson yet another grudge; and still the more I thought upon her conduct the more I hated her.

It was late in the evening before I joined the company. I found Mrs. Graham already equipped for departure, and taking leave of the rest, who were now returned to the house. I offered, nay, begged to accompany her home. Mr. Lawrence was standing by at the time conversing with some one else. He did not look at us, but, on hearing my earnest request, he paused in the middle of a sentence to listen for her reply, and went on, with a look of quiet satisfaction, the moment he found it was to be a denial.

A denial it was, decided, though not unkind. She could not be persuaded to think there was danger for herself or her child in traversing those lonely lanes and fields without attendance. It was daylight still, and she should meet no one; or if she did, the people were quiet and harmless she was well assured. In fact, she would not hear of any one's putting himself out of the way to accompany her, though Fergus vouchsafed to offer his services in case they should be more acceptable than mine, and my mother begged she might send one of the farming-men to escort her.

When she was gone the rest was all a blank or worse. Lawrence attempted to draw me into conversation, but I snubbed him and went to another part of the room. Shortly after the party broke up and he himself took leave. When he came to me I was blind to his extended hand, and deaf to his good-night till he repeated it a second time; and then, to get rid of him, I muttered an inarticulate reply, accompanied by a sulky nod.

‘What is the matter, Markham?’ whispered he.

I replied by a wrathful and contemptuous stare.

‘Are you angry because Mrs. Graham would not let you go home with her?’ he asked, with a faint smile that nearly exasperated me beyond control.

But, swallowing down all fiercer answers, I merely demanded - ‘What business is it of yours?’

‘Why, none,’ replied he with provoking quietness; ‘only,’ - and he raised his eyes to my face, and spoke with unusual solemnity - ‘only let me tell you, Markham, that if you have any designs in that quarter, they will certainly fail; and it grieves me to see you cherishing false hopes, and wasting your strength in useless efforts, for...’

‘Hypocrite!’ I exclaimed; and he held his breath, and looked very blank, turned white about the gills, and went away without another word.

I had wounded him to the quick; and I was glad of it.

CHAPTER X

When all were gone, I learnt that the vile slander had indeed been circulated throughout the company, in the very presence of the victim. Rose, however, vowed she did not and would not believe it, and my mother made the same declaration, though not, I fear, with the same amount of real, unwavering incredulity. It seemed to dwell continually on her mind, and she kept irritating me from time to time by such expressions as - 'Dear, dear, who would have thought it! - Well! I always thought there was something odd about her. - You see what it is for women to affect to be different to other people.' And once it was - 'I misdoubted that appearance of mystery from the very first - I thought there would no good come of it; but this is a sad, sad business, to be sure!'

'Why, mother, you said you didn't believe these tales,' said Fergus.

'No more I do, my dear; but then, you know, there must be some foundation.'

'The foundation is in the wickedness and falsehood of the world,' said I, 'and in the fact that Mr. Lawrence has been seen to go that way once or twice of an evening - and the village gossips say he goes to pay his addresses to the strange lady, and the scandal-mongers have greedily seized the rumour, to make it the basis of their own infernal structure.'

'Well, but, Gilbert, there must be something in her manner to countenance such reports.'

'Did you see anything in her manner?'

'No, certainly; but then, you know, I always said there was something strange about her.'

I believe it was on that very evening that I ventured on another invasion of Wildfell Hall. From the time of our party, which was upwards of a week ago, I had been making daily efforts to meet its mistress in her walks; and always disappointed (she must have managed it so on purpose), had nightly kept revolving in my mind some pretext for another call. At length I concluded that the separation could be endured no longer (by this time, you will see, I was pretty far gone); and, taking from the book-case an old volume that I thought she might be interested in, though, from its

unsightly and somewhat dilapidated condition, I had not yet ventured to offer it for perusal, I hastened away - but not without sundry misgivings as to how she would receive me, or how I could summon courage to present myself with so slight an excuse. But, perhaps, I might see her in the field or the garden, and then there would be no great difficulty: it was the formal knocking at the door, with the prospect of being gravely ushered in by Rachel, to the presence of a surprised, uncordial mistress, that so greatly disturbed me.

My wish, however, was not gratified. Mrs. Graham herself was not to be seen; but there was Arthur playing with his frolicsome little dog in the garden. I looked over the gate and called him to me. He wanted me to come in; but I told him I could not without his mother's leave.

'I'll go and ask her,' said the child.

'No, no, Arthur, you mustn't do that; but if she's not engaged, just ask her to come here a minute. Tell her I want to speak to her.'

He ran to perform my bidding, and quickly returned with his mother. How lovely she looked with her dark ringlets streaming in the light summer breeze, her fair cheek slightly flushed, and her countenance radiant with smiles. Dear Arthur! what did I not owe to you for this and every other happy meeting? Through him I was at once delivered from all formality, and terror, and constraint. In love affairs, there is no mediator like a merry, simple-hearted child - ever ready to cement divided hearts, to span the unfriendly gulf of custom, to melt the ice of cold reserve, and overthrow the separating walls of dread formality and pride.

'Well, Mr. Markham, what is it?' said the young mother, accosting me with a pleasant smile.

'I want you to look at this book, and, if you please, to take it, and peruse it at your leisure. I make no apology for calling you out on such a lovely evening, though it be for a matter of no greater importance.'

'Tell him to come in, mamma,' said Arthur.

'Would you like to come in?' asked the lady.

'Yes; I should like to see your improvements in the garden.'

‘And how your sister’s roots have prospered in my charge,’ added she, as she opened the gate.

And we sauntered through the garden, and talked of the flowers, the trees, and the book, and then of other things. The evening was kind and genial, and so was my companion. By degrees I waxed more warm and tender than, perhaps, I had ever been before; but still I said nothing tangible, and she attempted no repulse, until, in passing a moss rose-tree that I had brought her some weeks since, in my sister’s name, she plucked a beautiful half-open bud and bade me give it to Rose.

‘May I not keep it myself?’ I asked.

‘No; but here is another for you.’

Instead of taking it quietly, I likewise took the hand that offered it, and looked into her face. She let me hold it for a moment, and I saw a flash of ecstatic brilliance in her eye, a glow of glad excitement on her face - I thought my hour of victory was come - but instantly a painful recollection seemed to flash upon her; a cloud of anguish darkened her brow, a marble paleness blanched her cheek and lip; there seemed a moment of inward conflict, and, with a sudden effort, she withdrew her hand, and retreated a step or two back.

‘Now, Mr. Markham,’ said she, with a kind of desperate calmness, ‘I must tell you plainly that I cannot do with this. I like your company, because I am alone here, and your conversation pleases me more than that of any other person; but if you cannot be content to regard me as a friend - a plain, cold, motherly, or sisterly friend - I must beg you to leave me now, and let me alone hereafter: in fact, we must be strangers for the future.’

‘I will, then - be your friend, or brother, or anything you wish, if you will only let me continue to see you; but tell me why I cannot be anything more?’

There was a perplexed and thoughtful pause.

‘Is it in consequence of some rash vow?’

‘It is something of the kind,’ she answered. ‘Some day I may tell you, but at present you had better leave me; and never, Gilbert, put me to the painful necessity of repeating what I have just now said to you,’ she

earnestly added, giving me her hand in serious kindness. How sweet, how musical my own name sounded in her mouth!

‘I will not,’ I replied. ‘But you pardon this offence?’

‘On condition that you never repeat it.’

‘And may I come to see you now and then?’

‘Perhaps - occasionally; provided you never abuse the privilege.’

‘I make no empty promises, but you shall see.’

‘The moment you do our intimacy is at an end, that’s all.’

‘And will you always call me Gilbert? It sounds more sisterly, and it will serve to remind me of our contract.’

She smiled, and once more bid me go; and at length I judged it prudent to obey, and she re-entered the house and I went down the hill. But as I went the tramp of horses’ hoofs fell on my ear, and broke the stillness of the dewy evening; and, looking towards the lane, I saw a solitary equestrian coming up. Inclining to dusk as it was, I knew him at a glance: it was Mr. Lawrence on his grey pony. I flew across the field, leaped the stone fence, and then walked down the lane to meet him. On seeing me, he suddenly drew in his little steed, and seemed inclined to turn back, but on second thought apparently judged it better to continue his course as before. He accosted me with a slight bow, and, edging close to the wall, endeavoured to pass on; but I was not so minded. Seizing his horse by the bridle, I exclaimed - ‘Now, Lawrence, I will have

this mystery explained! Tell me where you are going, and what you mean to do - at once, and distinctly!’

‘Will you take your hand off the bridle?’ said he, quietly - ‘you’re hurting my pony’s mouth.’

‘You and your pony be...’

‘What makes you so coarse and brutal, Markham? I’m quite ashamed of you.’

‘You answer my questions - before you leave this spot I will know what you mean by this perfidious duplicity!’

‘I shall answer no questions till you let go the bridle - if you stand till morning.’

‘Now then,’ said I, unclosing my hand, but still standing before him.

‘Ask me some other time, when you can speak like a gentleman,’ returned he, and he made an effort to pass me again; but I quickly recaptured the pony, scarce less astonished than its master at such uncivil usage.

‘Really, Mr. Markham, this is too much!’ said the latter. ‘Can I not go to see my tenant on matters of business, without being assaulted in this manner by -?’

‘This is no time for business, sir! - I’ll tell you, now, what I think of your conduct.’

‘You’d better defer your opinion to a more convenient season,’ interrupted he in a low tone - ‘here’s the vicar.’ And, in truth, the vicar was just behind me, plodding homeward from some remote corner of his parish. I immediately released the squire; and he went on his way, saluting Mr. Millward as he passed.

‘What! quarrelling, Markham?’ cried the latter, addressing himself to me - ‘and about that young widow, I doubt?’ he added, reproachfully shaking his head. ‘But let me tell you, young man’ (here he put his face into mine with an important, confidential air), ‘she’s not worth it!’ and he confirmed the assertion by a solemn nod.

‘MR. MILLWARD,’ I exclaimed, in a tone of wrathful menace that made the reverend gentleman look round - aghast - astounded at such unwonted insolence, and stare me in the face, with a look that plainly said, ‘What, this to me!’ But I was too indignant to apologise, or to speak another word to him: I turned away, and hastened homewards, descending with rapid strides the steep, rough lane, and leaving him to follow as he pleased.

CHAPTER XI

You must suppose about three weeks passed over. Mrs. Graham and I were now established friends - or brother and sister, as we rather chose to consider ourselves. She called me Gilbert, by my express desire, and I called her Helen, for I had seen that name written in her books. I seldom attempted to see her above twice a week; and still I made our meetings appear the result of accident as often as I could - for I found it necessary to be extremely careful - and, altogether, I behaved with such exceeding propriety that she never had occasion to reprove me once. Yet I could not but perceive that she was at times unhappy and dissatisfied with herself or her position, and truly I myself was not quite contented with the latter: this assumption of brotherly nonchalance was very hard to sustain, and I often felt myself a most confounded hypocrite with it all; I saw too, or rather I felt, that, in spite of herself, 'I was not indifferent to her,' as the novel heroes modestly express it, and while I thankfully enjoyed my present good fortune, I could not fail to wish and hope for something better in future; but, of course, I kept such dreams entirely to myself.

'Where are you going, Gilbert?' said Rose, one evening, shortly after tea, when I had been busy with the farm all day.

'To take a walk,' was the reply.

'Do you always brush your hat so carefully, and do your hair so nicely, and put on such smart new gloves when you take a walk?'

'Not always.'

'You're going to Wildfell Hall, aren't you?'

'What makes you think so?'

'Because you look as if you were - but I wish you wouldn't go so often.'

'Nonsense, child! I don't go once in six weeks - what do you mean?'

'Well, but if I were you, I wouldn't have so much to do with Mrs. Graham.'

'Why, Rose, are you, too, giving in to the prevailing opinion?'

‘No,’ returned she, hesitatingly - ‘but I’ve heard so much about her lately, both at the Wilsons’ and the vicarage; - and besides, mamma says, if she were a proper person she would not be living there by herself - and don’t you remember last winter, Gilbert, all that about the false name to the picture; and how she explained it - saying she had friends or acquaintances from whom she wished her present residence to be concealed, and that she was afraid of their tracing her out; - and then, how suddenly she started up and left the room when that person came - whom she took good care not to let us catch a glimpse of, and who Arthur, with such an air of mystery, told us was his mamma’s friend?’

‘Yes, Rose, I remember it all; and I can forgive your uncharitable conclusions; for, perhaps, if I did not know her myself, I should put all these things together, and believe the same as you do; but thank God, I do know her; and I should be unworthy the name of a man, if I could believe anything that was said against her, unless I heard it from her own lips. - I should as soon believe such things of you, Rose.’

‘Oh, Gilbert!’

‘Well, do you think I could believe anything of the kind - whatever the Wilsons and Millwards dared to whisper?’

‘I should hope not indeed!’

‘And why not? - Because I know you - Well, and I know her just as well.’

‘Oh, no! you know nothing of her former life; and last year, at this time, you did not know that such a person existed.’

‘No matter. There is such a thing as looking through a person’s eyes into the heart, and learning more of the height, and breadth, and depth of another’s soul in one hour than it might take you a lifetime to discover, if he or she were not disposed to reveal it, or if you had not the sense to understand it.’

‘Then you are going to see her this evening?’

‘To be sure I am!’

‘But what would mamma say, Gilbert!’

‘Mamma needn’t know.’

‘But she must know some time, if you go on.’

‘Go on! - there’s no going on in the matter. Mrs. Graham and I are two friends - and will be; and no man breathing shall hinder it - or has a right to interfere between us.’

‘But if you knew how they talk you would be more careful, for her sake as well as for your own. Jane Wilson thinks your visits to the old hall but another proof of her depravity...’

‘Confound Jane Wilson!’

‘And Eliza Millward is quite grieved about you.’

‘I hope she is.’

‘But I wouldn’t, if I were you.’

‘Wouldn’t what? - How do they know that I go there?’

‘There’s nothing hid from them: they spy out everything.’

‘Oh, I never thought of this! - And so they dare to turn my friendship into food for further scandal against her! - That proves the falsehood of their other lies, at all events, if any proof were wanting. - Mind you contradict them, Rose, whenever you can.’

‘But they don’t speak openly to me about such things: it is only by hints and innuendoes, and by what I hear others say, that I knew what they think.’

‘Well, then, I won’t go today, as it’s getting latish. But oh, deuce take their cursed, envenomed tongues!’ I muttered, in the bitterness of my soul.

And just at that moment the vicar entered the room: we had been too much absorbed in our conversation to observe his knock. After his customary cheerful and fatherly greeting of Rose, who was rather a favourite with the old gentleman, he turned somewhat sternly to me:

‘Well, sir!’ said he, ‘you’re quite a stranger. It is - let - me - see,’ he continued, slowly, as he deposited his ponderous bulk in the arm-chair that Rose officiously brought towards him; ‘it is just - six-weeks - by my reckoning, since you darkened - my - door!’ He spoke it with emphasis, and struck his stick on the floor.

‘Is it, sir?’ said I.

‘Ay! It is so!’ He added an affirmatory nod, and continued to gaze upon me with a kind of irate solemnity, holding his substantial stick between his knees, with his hands clasped upon its head.

‘I have been busy,’ I said, for an apology was evidently demanded.

‘Busy!’ repeated he, derisively.

‘Yes, you know I’ve been getting in my hay; and now the harvest is beginning.’

‘Humph!’

Just then my mother came in, and created a diversion in my favour by her loquacious and animated welcome of the reverend guest. She regretted deeply that he had not come a little earlier, in time for tea, but offered to have some immediately prepared, if he would do her the favour to partake of it.

‘Not any for me, I thank you,’ replied he; ‘I shall be at home in a few minutes.’

‘Oh, but do stay and take a little! it will be ready in five minutes.’

But he rejected the offer with a majestic wave of the hand.

‘I’ll tell you what I’ll take, Mrs. Markham,’ said he: ‘I’ll take a glass of your excellent ale.’

‘With pleasure!’ cried my mother, proceeding with alacrity to pull the bell and order the favoured beverage.

‘I thought,’ continued he, ‘I’d just look in upon you as I passed, and taste your home-brewed ale. I’ve been to call on Mrs. Graham.’

‘Have you, indeed?’

He nodded gravely, and added with awful emphasis - ‘I thought it incumbent upon me to do so.’

‘Really!’ ejaculated my mother.

‘Why so, Mr. Millward?’ asked I.

He looked at me with some severity, and turning again to my mother, repeated - ‘I thought it incumbent upon me!’ and struck his stick

on the floor again. My mother sat opposite, an awe-struck but admiring auditor.

“Mrs. Graham,” said I, he continued, shaking his head as he spoke, “these are terrible reports!” “What, sir?” says she, affecting to be ignorant of my meaning. “It is my - duty - as - your pastor,” said I, “to tell you both everything that I myself see reprehensible in your conduct, and all I have reason to suspect, and what others tell me concerning you.” - So I told her!

‘You did, sir?’ cried I, starting from my seat and striking my fist on the table. He merely glanced towards me, and continued - addressing his hostess:

‘It was a painful duty, Mrs. Markham - but I told her!’

‘And how did she take it?’ asked my mother.

‘Hardened, I fear - hardened!’ he replied, with a despondent shake of the head; ‘and, at the same time, there was a strong display of unchastened, misdirected passions. She turned white in the face, and drew her breath through her teeth in a savage sort of way; - but she offered no extenuation or defence; and with a kind of shameless calmness - shocking indeed to witness in one so young - as good as told me that my remonstrance was unavailing, and my pastoral advice quite thrown away upon her - nay, that my very presence was displeasing while I spoke such things. And I withdrew at length, too plainly seeing that nothing could be done - and sadly grieved to find her case so hopeless. But I am fully determined, Mrs. Markham, that my daughters - shall - not - consort with her. Do you adopt the same resolution with regard to yours! - As for your sons - as for you, young man,’ he continued, sternly turning to me...

‘As for ME, sir,’ I began, but checked by some impediment in my utterance, and finding that my whole frame trembled with fury, I said no more, but took the wiser part of snatching up my hat and bolting from the room, slamming the door behind me, with a bang that shook the house to its foundations, and made my mother scream, and gave a momentary relief to my excited feelings.

The next minute saw me hurrying with rapid strides in the direction of Wildfell Hall - to what intent or purpose I could scarcely tell, but I must

be moving somewhere, and no other goal would do - I must see her too, and speak to her - that was certain; but what to say, or how to act, I had no definite idea. Such stormy thoughts - so many different resolutions crowded in upon me, that my mind was little better than a chaos of conflicting passions.

CHAPTER XII

In little more than twenty minutes the journey was accomplished. I paused at the gate to wipe my streaming forehead, and recover my breath and some degree of composure. Already the rapid walking had somewhat mitigated my excitement; and with a firm and steady tread I paced the garden-walk. In passing the inhabited wing of the building, I caught a sight of Mrs. Graham, through the open window, slowly pacing up and down her lonely room.

She seemed agitated and even dismayed at my arrival, as if she thought I too was coming to accuse her. I had entered her presence intending to condole with her upon the wickedness of the world, and help her to abuse the vicar and his vile informants, but now I felt positively ashamed to mention the subject, and determined not to refer to it, unless she led the way.

‘I am come at an unseasonable hour,’ said I, assuming a cheerfulness I did not feel, in order to reassure her; ‘but I won’t stay many minutes.’

She smiled upon me, faintly it is true, but most kindly - I had almost said thankfully, as her apprehensions were removed.

‘How dismal you are, Helen! Why have you no fire?’ I said, looking round on the gloomy apartment.

‘It is summer yet,’ she replied.

‘But we always have a fire in the evenings, if we can bear it; and you especially require one in this cold house and dreary room.’

‘You should have come a little sooner, and I would have had one lighted for you: but it is not worth while now - you won’t stay many minutes, you say, and Arthur is gone to bed.’

‘But I have a fancy for a fire, nevertheless. Will you order one, if I ring?’

‘Why, Gilbert, you don’t look cold!’ said she, smilingly regarding my face, which no doubt seemed warm enough.

‘No,’ replied I, ‘but I want to see you comfortable before I go.’

‘Me comfortable!’ repeated she, with a bitter laugh, as if there were something amusingly absurd in the idea. ‘It suits me better as it is,’ she added, in a tone of mournful resignation.

But determined to have my own way, I pulled the bell.

‘There now, Helen!’ I said, as the approaching steps of Rachel were heard in answer to the summons. There was nothing for it but to turn round and desire the maid to light the fire.

I owe Rachel a grudge to this day for the look she cast upon me ere she departed on her mission, the sour, suspicious, inquisitorial look that plainly demanded, ‘What are you here for, I wonder?’ Her mistress did not fail to notice it, and a shade of uneasiness darkened her brow.

‘You must not stay long, Gilbert,’ said she, when the door was closed upon us.

‘I’m not going to,’ said I, somewhat testily, though without a grain of anger in my heart against any one but the meddling old woman. ‘But, Helen, I’ve something to say to you before I go.’

‘What is it?’

‘No, not now - I don’t know yet precisely what it is, or how to say it,’ replied I, with more truth than wisdom; and then, fearing lest she should turn me out of the house, I began talking about indifferent matters in order to gain time. Meanwhile Rachel came in to kindle the fire, which was soon effected by thrusting a red-hot poker between the bars of the grate, where the fuel was already disposed for ignition. She honoured me with another of her hard, inhospitable looks in departing, but, little moved thereby, I went on talking; and setting a chair for Mrs. Graham on one side of the hearth, and one for myself on the other, I ventured to sit down, though half suspecting she would rather see me go.

In a little while we both relapsed into silence, and continued for several minutes gazing abstractedly into the fire - she intent upon her own sad thoughts, and I reflecting how delightful it would be to be seated thus beside her with no other presence to restrain our intercourse - not even that of Arthur, our mutual friend, without whom we had never met before - if only I could venture to speak my mind, and disburden my full heart of the feelings that had so long oppressed it, and which it now struggled to retain,

with an effort that it seemed impossible to continue much longer - and revolving the pros and cons for opening my heart to her there and then, and imploring a return of affection, the permission to regard her thenceforth as my own, and the right and the power to defend her from the calumnies of malicious tongues. On the one hand, I felt a new-born confidence in my powers of persuasion - a strong conviction that my own fervour of spirit would grant me eloquence - that my very determination - the absolute necessity for succeeding, that I felt must win me what I sought; while, on the other, I feared to lose the ground I had already gained with so much toil and skill, and destroy all future hope by one rash effort, when time and patience might have won success. It was like setting my life upon the cast of a die; and yet I was ready to resolve upon the attempt. At any rate, I would entreat the explanation she had half promised to give me before; I would demand the reason of this hateful barrier, this mysterious impediment to my happiness, and, as I trusted, to her own.

But while I considered in what manner I could best frame my request, my companion, wakened from her reverie with a scarcely audible sigh, and looking towards the window, where the blood-red harvest moon, just rising over one of the grim, fantastic evergreens, was shining in upon us, said - 'Gilbert, it is getting late.'

'I see,' said I. 'You want me to go, I suppose?'

'I think you ought. If my kind neighbours get to know of this visit - as no doubt they will - they will not turn it much to my advantage.'

It was with what the vicar would doubtless have called a savage sort of smile that she said this.

'Let them turn it as they will,' said I. 'What are their thoughts to you or me, so long as we are satisfied with ourselves - and each other. Let them go to the deuce with their vile constructions and their lying inventions!'

This outburst brought a flush of colour to her face.

'You have heard, then, what they say of me?'

'I heard some detestable falsehoods; but none but fools would credit them for a moment, Helen, so don't let them trouble you.'

‘I did not think Mr. Millward a fool, and he believes it all; but however little you may value the opinions of those about you - however little you may esteem them as individuals, it is not pleasant to be looked upon as a liar and a hypocrite, to be thought to practise what you abhor, and to encourage the vices you would discountenance, to find your good intentions frustrated, and your hands crippled by your supposed unworthiness, and to bring disgrace on the principles you profess.’

‘True; and if I, by my thoughtlessness and selfish disregard to appearances, have at all assisted to expose you to these evils, let me entreat you not only to pardon me, but to enable me to make reparation; authorise me to clear your name from every imputation: give me the right to identify your honour with my own, and to defend your reputation as more precious than my life!’

‘Are you hero enough to unite yourself to one whom you know to be suspected and despised by all around you, and identify your interests and your honour with hers? Think! it is a serious thing.’

‘I should be proud to do it, Helen! - most happy - delighted beyond expression! - and if that be all the obstacle to our union, it is demolished, and you must - you shall be mine!’

And starting from my seat in a frenzy of ardour, I seized her hand and would have pressed it to my lips, but she as suddenly caught it away, exclaiming in the bitterness of intense affliction - ‘No, no, it is not all!’

‘What is it, then? You promised I should know some time, and...’

‘You shall know some time - but not now - my head aches terribly,’ she said, pressing her hand to her forehead, ‘and I must have some repose - and surely I have had misery enough today!’ she added, almost wildly.

‘But it could not harm you to tell it,’ I persisted: ‘it would ease your mind; and I should then know how to comfort you.’

She shook her head despondingly. ‘If you knew all, you, too, would blame me - perhaps even more than I deserve - though I have cruelly wronged you,’ she added in a low murmur, as if she mused aloud.

‘You, Helen? Impossible?’

‘Yes, not willingly; for I did not know the strength and depth of your attachment. I thought - at least I endeavoured to think your regard for me was as cold and fraternal as you professed it to be.’

‘Or as yours?’

‘Or as mine - ought to have been - of such a light and selfish, superficial nature, that...’

‘There, indeed, you wronged me.’

I know I did; and, sometimes, I suspected it then; but I thought, upon the whole, there could be no great harm in leaving your fancies and your hopes to dream themselves to nothing - or flutter away to some more fitting object, while your friendly sympathies remained with me; but if I had known the depth of your regard, the generous, disinterested affection you seem to feel...’

‘Seem, Helen?’

‘That you do feel, then, I would have acted differently.’

‘How? You could not have given me less encouragement, or treated me with greater severity than you did! And if you think you have wronged me by giving me your friendship, and occasionally admitting me to the enjoyment of your company and conversation, when all hopes of closer intimacy were vain - as indeed you always gave me to understand - if you think you have wronged me by this, you are mistaken; for such favours, in themselves alone, are not only delightful to my heart, but purifying, exalting, ennobling to my soul; and I would rather have your friendship than the love of any other woman in the world!’

Little comforted by this, she clasped her hands upon her knee, and glancing upward, seemed, in silent anguish, to implore divine assistance; then, turning to me, she calmly said - ‘Tomorrow, if you meet me on the moor about mid-day, I will tell you all you seek to know; and perhaps you will then see the necessity of discontinuing our intimacy - if, indeed, you do not willingly resign me as one no longer worthy of regard.’

‘I can safely answer no to that: you cannot have such grave confessions to make - you must be trying my faith, Helen.’

‘No, no, no,’ she earnestly repeated - ‘I wish it were so! Thank heaven!’ she added, ‘I have no great crime to confess; but I have more than you will like to hear, or, perhaps, can readily excuse - and more than I can tell you now; so let me entreat you to leave me!’

‘I will; but answer me this one question first; - do you love me?’

‘I will not answer it!’

‘Then I will conclude you do; and so good-night.’

She turned from me to hide the emotion she could not quite control; but I took her hand and fervently kissed it.

‘Gilbert, do leave me!’ she cried, in a tone of such thrilling anguish that I felt it would be cruel to disobey.

But I gave one look back before I closed the door, and saw her leaning forward on the table, with her hands pressed against her eyes, sobbing convulsively; yet I withdrew in silence. I felt that to obtrude my consolations on her then would only serve to aggravate her sufferings.

To tell you all the questionings and conjectures - the fears, and hopes, and wild emotions that jostled and chased each other through my mind as I descended the hill, would almost fill a volume in itself. But before I was half-way down, a sentiment of strong sympathy for her I had left behind me had displaced all other feelings, and seemed imperatively to draw me back: I began to think, ‘Why am I hurrying so fast in this direction? Can I find comfort or consolation - peace, certainty, contentment, all - or anything that I want at home? and can I leave all perturbation, sorrow, and anxiety behind me there?’

And I turned round to look at the old Hall. There was little besides the chimneys visible above my contracted horizon. I walked back to get a better view of it. When it rose in sight, I stood still a moment to look, and then continued moving towards the gloomy object of attraction. Something called me nearer - nearer still - and why not, pray? Might I not find more benefit in the contemplation of that venerable pile with the full moon in the cloudless heaven shining so calmly above it - with that warm yellow lustre peculiar to an August night - and the mistress of my soul within, than in returning to my home, where all comparatively was light, and life, and

cheerfulness, and therefore inimical to me in my present frame of mind - and the more so that its inmates all were more or less imbued with that detestable belief, the very thought of which made my blood boil in my veins - and how could I endure to hear it openly declared, or cautiously insinuated - which was worse? - I had had trouble enough already, with some babbling fiend that would keep whispering in my ear, 'It may be true,' till I had shouted aloud, 'It is false! I defy you to make me suppose it!'

I could see the red firelight dimly gleaming from her parlour window. I went up to the garden wall, and stood leaning over it, with my eyes fixed upon the lattice, wondering what she was doing, thinking, or suffering now, and wishing I could speak to her but one word, or even catch one glimpse of her, before I went.

I had not thus looked, and wished, and wondered long, before I vaulted over the barrier, unable to resist the temptation of taking one glance through the window, just to if she were more composed than when we parted; - and if I found her still in deep distress, perhaps I might venture attempt a word of comfort - to utter one of the many things I should have said before, instead of aggravating her sufferings by my stupid impetuosity. I looked. Her chair was vacant: so was the room. But at that moment some one opened the outer door, and a voice - her voice - said - 'Come out - I want to see the moon, and breathe the evening air: they will do me good - if anything will.'

Here, then, were she and Rachel coming to take a walk in the garden. I wished myself safe back over the wall. I stood, however, in the shadow of the tall holly-bush, which, standing between the window and the porch, at present screened me from observation, but did not prevent me from seeing two figures come forth into the moonlight: Mrs. Graham followed by another - not Rachel, but a young man, slender and rather tall. O heavens, how my temples throbbed! Intense anxiety darkened my sight; but I thought - yes, and the voice confirmed it - it was Mr. Lawrence!

'You should not let it worry you so much, Helen,' said he; 'I will be more cautious in future; and in time...'

I did not hear the rest of the sentence; for he walked close beside her and spoke so gently that I could not catch the words. My heart was

splitting with hatred; but I listened intently for her reply. I heard it plainly enough.

‘But I must leave this place, Frederick,’ she said - ‘I never can be happy here - nor anywhere else, indeed,’ she added, with a mirthless laugh - ‘but I cannot rest here.’

‘But where could you find a better place?’ replied he, ‘so secluded - so near me, if you think anything of that.’

‘Yes,’ interrupted she, ‘it is all I could wish, if they could only have left me alone.’

‘But wherever you go, Helen, there will be the same sources of annoyance. I cannot consent to lose you: I must go with you, or come to you; and there are meddling fools elsewhere, as well as here.’

While thus conversing they had sauntered slowly past me, down the walk, and I heard no more of their discourse; but I saw him put his arm round her waist, while she lovingly rested her hand on his shoulder; - and then, a tremulous darkness obscured my sight, my heart sickened and my head burned like fire: I half rushed, half staggered from the spot, where horror had kept me rooted, and leaped or tumbled over the wall - I hardly know which - but I know that, afterwards, like a passionate child, I dashed myself on the ground and lay there in a paroxysm of anger and despair - how long, I cannot undertake to say; but it must have been a considerable time; for when, having partially relieved myself by a torment of tears, and looked up at the moon, shining so calmly and carelessly on, as little influenced by my misery as I was by its peaceful radiance, and earnestly prayed for death or forgetfulness, I had risen and journeyed homewards - little regarding the way, but carried instinctively by my feet to the door, I found it bolted against me, and every one in bed except my mother, who hastened to answer my impatient knocking, and received me with a shower of questions and rebukes.

‘Oh, Gilbert! how could you do so? Where have you been? Do come in and take your supper. I’ve got it all ready, though you don’t deserve it, for keeping me in such a fright, after the strange manner you left the house this evening. Mr. Millward was quite - Bless the boy! how ill he looks. Oh, gracious! what is the matter?’

‘Nothing, nothing - give me a candle.’

‘But won’t you take some supper?’

‘No; I want to go to bed,’ said I, taking a candle and lighting it at the one she held in her hand.

‘Oh, Gilbert, how you tremble!’ exclaimed my anxious parent. ‘How white you look! Do tell me what it is? Has anything happened?’

‘It’s nothing,’ cried I, ready to stamp with vexation because the candle would not light. Then, suppressing my irritation, I added, ‘I’ve been walking too fast, that’s all. Good-night,’ and marched off to bed, regardless of the ‘Walking too fast! where have you been?’ that was called after me from below.

My mother followed me to the very door of my room with her questionings and advice concerning my health and my conduct; but I implored her to let me alone till morning; and she withdrew, and at length I had the satisfaction to hear her close her own door. There was no sleep for me, however, that night as I thought; and instead of attempting to solicit it, I employed myself in rapidly pacing the chamber, having first removed my boots, lest my mother should hear me. But the boards creaked, and she was watchful. I had not walked above a quarter of an hour before she was at the door again.

‘Gilbert, why are you not in bed - you said you wanted to go?’

‘Confound it! I’m going,’ said I.

‘But why are you so long about it? You must have something on your mind..’

‘For heaven’s sake, let me alone, and get to bed yourself.’

‘Can it be that Mrs. Graham that distresses you so?’

‘No, no, I tell you - it’s nothing.’

‘I wish to goodness it mayn’t,’ murmured she, with a sigh, as she returned to her own apartment, while I threw myself on the bed, feeling most undutifully disaffected towards her for having deprived me of what seemed the only shadow of a consolation that remained, and chained me to that wretched couch of thorns.

Never did I endure so long, so miserable a night as that. And yet it was not wholly sleepless. Towards morning my distracting thoughts began to lose all pretensions to coherency, and shape themselves into confused and feverish dreams, and, at length, there followed an interval of unconscious slumber. But then the dawn of bitter recollection that succeeded - the waking to find life a blank, and worse than a blank, teeming with torment and misery - not a mere barren wilderness, but full of thorns and briers - to find myself deceived, duped, hopeless, my affections trampled upon, my angel not an angel, and my friend a fiend incarnate - it was worse than if I had not slept at all.

It was a dull, gloomy morning; the weather had changed like my prospects, and the rain was pattering against the window. I rose, nevertheless, and went out; not to look after the farm, though that would serve as my excuse, but to cool my brain, and regain, if possible, a sufficient degree of composure to meet the family at the morning meal without exciting inconvenient remarks. If I got a wetting, that, in conjunction with a pretended over-exertion before breakfast, might excuse my sudden loss of appetite; and if a cold ensued, the severer the better - it would help to account for the sullen moods and moping melancholy likely to cloud my brow for long enough.

CHAPTER XIII

‘My dear Gilbert, I wish you would try to be a little more amiable,’ said my mother one morning after some display of unjustifiable ill-humour on my part. ‘You say there is nothing the matter with you, and nothing has happened to grieve you, and yet I never saw anyone so altered as you within these last few days. You haven’t a good word for anybody - friends and strangers, equals and inferiors - it’s all the same. I do wish you’d try to check it.’

‘Check what?’

‘Why, your strange temper. You don’t know how it spoils you. I’m sure a finer disposition than yours by nature could not be, if you’d let it have fair play: so you’ve no excuse that way.’

While she thus remonstrated, I took up a book, and laying it open on the table before me, pretended to be deeply absorbed in its perusal, for I was equally unable to justify myself and unwilling to acknowledge my errors; and I wished to have nothing to say on the matter. But my excellent parent went on lecturing, and then came to coaxing, and began to stroke my hair; and I was getting to feel quite a good boy, but my mischievous brother, who was idling about the room, revived my corruption by suddenly calling out - ‘Don’t touch him, mother! he’ll bite! He’s a very tiger in human form. I’ve given him up for my part - fairly disowned him - cast him off, root and branch. It’s as much as my life is worth to come within six yards of him. The other day he nearly fractured my skull for singing a pretty, inoffensive love-song, on purpose to amuse him.’

‘Oh, Gilbert! how could you?’ exclaimed my mother.

‘I told you to hold your noise first, you know, Fergus,’ said I.

‘Yes, but when I assured you it was no trouble and went on with the next verse, thinking you might like it better, you clutched me by the shoulder and dashed me away, right against the wall there, with such force that I thought I had bitten my tongue in two, and expected to see the place plastered with my brains; and when I put my hand to my head, and found my skull not broken, I thought it was a miracle, and no mistake. But, poor

fellow!' added he, with a sentimental sigh - 'his heart's broken - that's the truth of it - and his head's...'

'Will you be silent NOW?' cried I, starting up, and eyeing the fellow so fiercely that my mother, thinking I meant to inflict some grievous bodily injury, laid her hand on my arm, and besought me to let him alone, and he walked leisurely out, with his hands in his pockets, singing provokingly - 'Shall I, because a woman's fair,' &c.

'I'm not going to defile my fingers with him,' said I, in answer to the maternal intercession. 'I wouldn't touch him with the tongs.'

I now recollected that I had business with Robert Wilson, concerning the purchase of a certain field adjoining my farm - a business I had been putting off from day to day; for I had no interest in anything now, and besides, I was misanthropically inclined, and, moreover, had a particular objection to meeting Jane Wilson or her mother; for though I had too good reason, now, to credit their reports concerning Mrs. Graham, I did not like them a bit the better for it - or Eliza Millward either - and the thought of meeting them was the more repugnant to me that I could not, now, defy their seeming calumnies and triumph in my own convictions as before. But today I determined to make an effort to return to my duty. Though I found no pleasure in it, it would be less irksome than idleness - at all events it would be more profitable. If life promised no enjoyment within my vocation, at least it offered no allurements out of it; and henceforth I would put my shoulder to the wheel and toil away, like any poor drudge of a cart-horse that was fairly broken in to its labour, and plod through life, not wholly useless if not agreeable, and uncomplaining if not contented with my lot.

Thus resolving, with a kind of sullen resignation, if such a term may be allowed, I wended my way to Ryecote Farm, scarcely expecting to find its owner within at this time of day, but hoping to learn in what part of the premises he was most likely to be found.

Absent he was, but expected home in a few minutes; and I was desired to step into the parlour and wait. Mrs. Wilson was busy in the kitchen, but the room was not empty; and I scarcely checked an involuntary recoil as I entered it; for there sat Miss Wilson chattering with

Eliza Millward. However, I determined to be cool and civil. Eliza seemed to have made the same resolution on her part. We had not met since the evening of the tea-party; but there was no visible emotion either of pleasure or pain, no attempt at pathos, no display of injured pride: she was cool in temper, civil in demeanour. There was even an ease and cheerfulness about her air and manner that I made no pretension to; but there was a depth of malice in her too expressive eye that plainly told me I was not forgiven; for, though she no longer hoped to win me to herself, she still hated her rival, and evidently delighted to wreak her spite on me. On the other hand, Miss Wilson was as affable and courteous as heart could wish, and though I was in no very conversable humour myself, the two ladies between them managed to keep up a pretty continuous fire of small talk. But Eliza took advantage of the first convenient pause to ask if I had lately seen Mrs. Graham, in a tone of merely casual inquiry, but with a sidelong glance - intended to be playfully mischievous - really, brimful and running over with malice.

‘Not lately,’ I replied, in a careless tone, but sternly repelling her odious glances with my eyes; for I was vexed to feel the colour mounting to my forehead, despite my strenuous efforts to appear unmoved.

‘What! are you beginning to tire already? I thought so noble a creature would have power to attach you for a year at least!’

‘I would rather not speak of her now.’

‘Ah! then you are convinced, at last, of your mistake - you have at length discovered that your divinity is not quite the immaculate...’

‘I desired you not to speak of her, Miss Eliza.’

‘Oh, I beg your pardon! I perceive Cupid’s arrows have been too sharp for you: the wounds, being more than skin-deep, are not yet healed, and bleed afresh at every mention of the loved one’s name.’

‘Say, rather,’ interposed Miss Wilson, ‘that Mr. Markham feels that name is unworthy to be mentioned in the presence of right-minded females. I wonder, Eliza, you should think of referring to that unfortunate person - you might know the mention of her would be anything but agreeable to any one here present.’

How could this be borne? I rose and was about to clap my hat upon my head and burst away, in wrathful indignation from the house; but recollecting - just in time to save my dignity - the folly of such a proceeding, and how it would only give my fair tormentors a merry laugh at my expense, for the sake of one I acknowledged in my own heart to be unworthy of the slightest sacrifice - though the ghost of my former reverence and love so hung about me still, that I could not bear to hear her name aspersed by others - I merely walked to the window, and having spent a few seconds in vengibly biting my lips and sternly repressing the passionate heavings of my chest, I observed to Miss Wilson, that I could see nothing of her brother, and added that, as my time was precious, it would perhaps be better to call again tomorrow, at some time when I should be sure to find him at home.

‘Oh, no!’ said she; ‘if you wait a minute, he will be sure to come; for he has business at L-’ (that was our market-town), ‘and will require a little refreshment before he goes.’

I submitted accordingly, with the best grace I could; and, happily, I had not long to wait. Mr. Wilson soon arrived, and, indisposed for business as I was at that moment, and little as I cared for the field or its owner, I forced my attention to the matter in hand, with very creditable determination, and quickly concluded the bargain - perhaps more to the thrifty farmer’s satisfaction than he cared to acknowledge. Then, leaving him to the discussion of his substantial ‘refreshment,’ I gladly quitted the house, and went to look after my reapers.

Leaving them busy at work on the side of the valley, I ascended the hill, intending to visit a corn-field in the more elevated regions, and see when it would be ripe for the sickle. But I did not visit it that day; for, as I approached, I beheld, at no great distance, Mrs. Graham and her son coming down in the opposite direction. They saw me; and Arthur already was running to meet me; but I immediately turned back and walked steadily homeward; for I had fully determined never to encounter his mother again; and regardless of the shrill voice in my ear, calling upon me to ‘wait a moment,’ I pursued the even tenor of my way; and he soon relinquished the pursuit as hopeless, or was called away by his mother. At

all events, when I looked back, five minutes after, not a trace of either was to be seen.

This incident agitated and disturbed me most unaccountably – unless you would account for it by saying that Cupid's arrows not only had been too sharp for me, but they were barbed and deeply rooted, and I had not yet been able to wrench them from my heart. However that be, I was rendered doubly miserable for the remainder of the day.

CHAPTER XIV

Next morning, I bethought me, I, too, had business at L...; so I mounted my horse, and set forth on the expedition soon after breakfast. It was a dull, drizzly day; but that was no matter: it was all the more suitable to my frame of mind. It was likely to be a lonely journey; for it was no market-day, and the road I traversed was little frequented at any other time; but that suited me all the better too.

As I trotted along, however, chewing the cud of - bitter fancies, I heard another horse at no great distance behind me; but I never conjectured who the rider might be, or troubled my head about him, till, on slackening my pace to ascend a gentle acclivity, or rather, suffering my horse to slacken his pace into a lazy walk - for, rapt in my own reflections, I was letting it jog on as leisurely as it thought proper - I lost ground, and my fellow-traveller overtook me. He accosted me by name, for it was no stranger - it was Mr. Lawrence! Instinctively the fingers of my whip-hand tingled, and grasped their charge with convulsive energy; but I restrained the impulse, and answering his salutation with a nod, attempted to push on; but he pushed on beside me, and began to talk about the weather and the crops. I gave the briefest possible answers to his queries and observations, and fell back. He fell back too, and asked if my horse was lame. I replied with a look, at which he placidly smiled.

I was as much astonished as exasperated at this singular pertinacity and imperturbable assurance on his part. I had thought the circumstances of our last meeting would have left such an impression on his mind as to render him cold and distant ever after: instead of that, he appeared not only to have forgotten all former offences, but to be impenetrable to all present incivilities. Formerly, the slightest hint, or mere fancied coldness in tone or glance, had sufficed to repulse him: now, positive rudeness could not drive him away. Had he heard of my disappointment; and was he come to witness the result, and triumph in my despair? I grasped my whip with more determined energy than before - but still forbore to raise it, and rode on in silence, waiting for some more tangible cause of offence, before I opened the floodgates of my soul and poured out the dammed-up fury that was foaming and swelling within.

‘Markham,’ said he, in his usual quiet tone, ‘why do you quarrel with your friends, because you have been disappointed in one quarter? You have found your hopes defeated; but how am I to blame for it? I warned you beforehand, you know, but you would not...’

He said no more; for, impelled by some fiend at my elbow, I had seized my whip by the small end, and - swift and sudden as a flash of lightning - brought the other down upon his head. It was not without a feeling of savage satisfaction that I beheld the instant, deadly pallor that overspread his face, and the few red drops that trickled down his forehead, while he reeled a moment in his saddle, and then fell backward to the ground. The pony, surprised to be so strangely relieved of its burden, started and capered, and kicked a little, and then made use of its freedom to go and crop the grass of the hedge-bank: while its master lay as still and silent as a corpse. Had I killed him? - an icy hand seemed to grasp my heart and check its pulsation, as I bent over him, gazing with breathless intensity upon the ghastly, upturned face. But no; he moved his eyelids and uttered a slight groan. I breathed again - he was only stunned by the fall. It served him right - it would teach him better manners in future. Should I help him to his horse? No. For any other combination of offences I would; but his were too unpardonable. He might mount it himself, if he liked - in a while: already he was beginning to stir and look about him - and there it was for him, quietly browsing on the road-side.

So with a muttered execration I left the fellow to his fate, and clapping spurs to my own horse, galloped away, excited by a combination of feelings it would not be easy to analyse; and perhaps, if I did so, the result would not be very creditable to my disposition; for I am not sure that a species of exultation in what I had done was not one principal concomitant.

Shortly, however, the effervescence began to abate, and not many minutes elapsed before I had turned and gone back to look after the fate of my victim. It was no generous impulse - no kind relentings that led me to this - nor even the fear of what might be the consequences to myself, if I finished my assault upon the squire by leaving him thus neglected, and exposed to further injury; it was, simply, the voice of conscience; and I took great credit to myself for attending so promptly to its dictates - and judging the merit of the deed by the sacrifice it cost, I was not far wrong.

Mr. Lawrence and his pony had both altered their positions in some degree. The pony had wandered eight or ten yards further away; and he had managed, somehow, to remove himself from the middle of the road: I found him seated in a recumbent position on the bank - looking very white and sickly still, and holding his cambric handkerchief (now more red than white) to his head. It must have been a powerful blow, but half the credit - or the blame of it (which you please) must be attributed to the whip, which was garnished with a massive horse's head of plated metal. The grass, being sodden with rain, afforded the young gentleman a rather inhospitable couch; his clothes were considerably bemired; and his hat was rolling in the mud on the other side of the road. But his thoughts seemed chiefly bent upon his pony, on which he was wistfully gazing - half in helpless anxiety, and half in hopeless abandonment to his fate.

I dismounted, however, and having fastened my own animal to the nearest tree, first picked up his hat, intending to clap it on his head; but either he considered his head unfit for a hat, or the hat, in its present condition, unfit for his head; for shrinking away the one, he took the other from my hand, and scornfully cast it aside.

'It's good enough for you,' I muttered.

My next good office was to catch his pony and bring it to him, which was soon accomplished; for the beast was quiet enough in the main, and only winced and flirted a trifle till I got hold of the bridle - but then, I must see him in the saddle.

'Here, you fellow - scoundrel - dog - give me your hand, and I'll help you to mount.'

No; he turned from me in disgust. I attempted to take him by the arm. He shrank away as if there had been contamination in my touch.

'What, you won't! Well! you may sit there till doomsday, for what I care. But I suppose you don't want to lose all the blood in your body - I'll just condescend to bind that up for you.'

'Let me alone, if you please.'

'Humph; with all my heart. You may go to the d-l, if you choose - and say I sent you.'

But before I abandoned him to his fate I flung his pony's bridle over a stake in the hedge, and threw him my handkerchief, as his own was now saturated with blood. He took it and cast it back to me in abhorrence and contempt, with all the strength he could muster. It wanted but this to fill the measure of his offences. With execrations not loud but deep I left him to live or die as he could, well satisfied that I had done my duty in attempting to save him - but forgetting how I had erred in bringing him into such a condition, and how insultingly my after-services had been offered - and sullenly prepared to meet the consequences if he should choose to say I had attempted to murder him - which I thought not unlikely, as it seemed probable he was actuated by such spiteful motives in so perseveringly refusing my assistance.

Having remounted my horse, I just looked back to see how he was getting on, before I rode away. He had risen from the ground, and grasping his pony's mane, was attempting to resume his seat in the saddle; but scarcely had he put his foot in the stirrup, when a sickness or dizziness seemed to overpower him: he leant forward a moment, with his head drooped on the animal's back, and then made one more effort, which proving ineffectual, he sank back on the bank, where I left him, reposing his head on the oozy turf, and to all appearance, as calmly reclining as if he had been taking his rest on his sofa at home.

I ought to have helped him in spite of himself - to have bound up the wound he was unable to staunch, and insisted upon getting him on his horse and seeing him safe home; but, besides my bitter indignation against himself, there was the question what to say to his servants - and what to my own family. Either I should have to acknowledge the deed, which would set me down as a madman, unless I acknowledged the motive too - and that seemed impossible - or I must get up a lie, which seemed equally out of the question - especially as Mr. Lawrence would probably reveal the whole truth, and thereby bring me to tenfold disgrace - unless I were villain enough, presuming on the absence of witnesses, to persist in my own version of the case, and make him out a still greater scoundrel than he was. No; he had only received a cut above the temple, and perhaps a few bruises from the fall, or the hoofs of his own pony: that could not kill him if he lay there half the day; and, if he could not help himself, surely some one would

be coming by: it would be impossible that a whole day should pass and no one traverse the road but ourselves. As for what he might choose to say hereafter, I would take my chance about it: if he told lies, I would contradict him; if he told the truth, I would bear it as best I could. I was not obliged to enter into explanations further than I thought proper. Perhaps he might choose to be silent on the subject, for fear of raising inquiries as to the cause of the quarrel, and drawing the public attention to his connection with Mrs. Graham, which, whether for her sake or his own, he seemed so very desirous to conceal.

Thus reasoning, I trotted away to the town, where I duly transacted my business, and performed various little commissions for my mother and Rose, with very laudable exactitude, considering the different circumstances of the case. In returning home, I was troubled with sundry misgivings about the unfortunate Lawrence. The question, What if I should find him lying still on the damp earth, fairly dying of cold and exhaustion - or already stark and chill? Thrust itself most unpleasantly upon my mind, and the appalling possibility pictured itself with painful vividness to my imagination as I approached the spot where I had left him. But no, thank heaven, both man and horse were gone, and nothing was left to witness against me but two objects - unpleasant enough in themselves to be sure, and presenting a very ugly, not to say murderous appearance - in one place, the hat saturated with rain and coated with mud, indented and broken above the brim by that villainous whip-handle; in another, the crimson handkerchief, soaking in a deeply tintured pool of water - for much rain had fallen in the interim.

Bad news flies fast: it was hardly four o'clock when I got home, but my mother gravely accosted me with - 'Oh, Gilbert! - Such an accident! Rose has been shopping in the village, and she's heard that Mr. Lawrence has been thrown from his horse and brought home dying!'

This shocked me a trifle, as you may suppose; but I was comforted to hear that he had frightfully fractured his skull and broken a leg; for, assured of the falsehood of this, I trusted the rest of the story was equally exaggerated; and when I heard my mother and sister so feelingly deploring his condition, I had considerable difficulty in preventing myself from telling them the real extent of the injuries, as far as I knew them.

‘You must go and see him tomorrow,’ said my mother.

‘Or today,’ suggested Rose: ‘there’s plenty of time; and you can have the pony, as your horse is tired. Won’t you, Gilbert – as soon as you’ve had something to eat?’

‘No, no - how can we tell that it isn’t all a false report? It’s highly im...’

‘Oh, I’m sure it isn’t; for the village is all alive about it; and I saw two people that had seen others that had seen the man that found him. That sounds far-fetched; but it isn’t so when you think of it.’

‘Well, but Lawrence is a good rider; it is not likely he would fall from his horse at all; and if he did, it is highly improbable he would break his bones in that way. It must be a gross exaggeration at least.’

‘No; but the horse kicked him - or something.’

‘What, his quiet little pony?’

‘How do you know it was that?’

‘He seldom rides any other.’

‘At any rate,’ said my mother, ‘you will call tomorrow. Whether it be true or false, exaggerated or otherwise, we shall like to know how he is.’

‘Fergus may go.’

‘Why not you?’

‘He has more time. I am busy just now.’

‘Oh! but, Gilbert, how can you be so composed about it? You won’t mind business for an hour or two in a case of this sort, when your friend is at the point of death.’

‘He is not, I tell you.’

‘For anything you know, he may be: you can’t tell till you have seen him. At all events, he must have met with some terrible accident, and you ought to see him: he’ll take it very unkind if you don’t.’

‘Confound it! I can’t. He and I have not been on good terms of late.’

‘Oh, my dear boy! Surely, surely you are not so unforgiving as to carry your little differences to such a length as...’

‘Little differences, indeed!’ I muttered.

‘Well, but only remember the occasion. Think how...’

‘Well, well, don’t bother me now - I’ll see about it,’ I replied.

And my seeing about it was to send Fergus next morning, with my mother’s compliments, to make the requisite inquiries; for, of course, my going was out of the question - or sending a message either. He brought back intelligence that the young squire was laid up with the complicated evils of a broken head and certain contusions (occasioned by a fall - of which he did not trouble himself to relate the particulars - and the subsequent misconduct of his horse), and a severe cold, the consequence of lying on the wet ground in the rain; but there were no broken bones, and no immediate prospects of dissolution.

It was evident, then, that for Mrs. Graham’s sake it was not his intention to criminate me.

CHAPTER XV

That day was rainy like its predecessor; but towards evening it began to clear up a little, and the next morning was fair and promising. I was out on the hill with the reapers. A light wind swept over the corn, and all nature laughed in the sunshine. The lark was rejoicing among the silvery floating clouds. The late rain had so sweetly freshened and cleared the air, and washed the sky, and left such glittering gems on branch and blade, that not even the farmers could have the heart to blame it. But no ray of sunshine could reach my heart, no breeze could freshen it; nothing could fill the void my faith, and hope, and joy in Helen Graham had left, or drive away the keen regrets and bitter dregs of lingering love that still oppressed it.

While I stood with folded arms abstractedly gazing on the undulating swell of the corn, not yet disturbed by the reapers, something gently pulled my skirts, and a small voice, no longer welcome to my ears, aroused me with the startling words - 'Mr. Markham, mamma wants you.'

'Wants me, Arthur?'

'Yes. Why do you look so queer?' said he, half laughing, half frightened at the unexpected aspect of my face in suddenly turning towards him - 'and why have you kept so long away? Come! Won't you come?'

'I'm busy just now,' I replied, scarce knowing what to answer.

He looked up in childish bewilderment; but before I could speak again the lady herself was at my side.

'Gilbert, I must speak with you!' said she, in a tone of suppressed vehemence.

I looked at her pale cheek and glittering eye, but answered nothing.

'Only for a moment,' pleaded she. 'Just step aside into this other field.' She glanced at the reapers, some of whom were directing looks of impertinent curiosity towards her. 'I won't keep you a minute.'

I accompanied her through the gap.

'Arthur, darling, run and gather those bluebells,' said she, pointing to some that were gleaming at some distance under the hedge along which

we walked. The child hesitated, as if unwilling to quit my side. 'Go, love!' repeated she more urgently, and in a tone which, though not unkind, demanded prompt obedience, and obtained it.

'Well, Mrs. Graham?' said I, calmly and coldly; for, though I saw she was miserable, and pitied her, I felt glad to have it in my power to torment her.

She fixed her eyes upon me with a look that pierced me to the heart; and yet it made me smile.

'I don't ask the reason of this change, Gilbert,' said she, with bitter calmness: 'I know it too well; but though I could see myself suspected and condemned by every one else, and bear it with calmness, I cannot endure it from you. - Why did you not come to hear my explanation on the day I appointed to give it?'

'Because I happened, in the interim, to learn all you would have told me - and a trifle more, I imagine.'

'Impossible, for I would have told you all!' cried she, passionately - 'but I won't now, for I see you are not worthy of it!'

And her pale lips quivered with agitation.

'Why not, may I ask?'

She repelled my mocking smile with a glance of scornful indignation.

'Because you never understood me, or you would not soon have listened to my traducers - my confidence would be misplaced in you - you are not the man I thought you. Go! I won't care what you think of me.'

She turned away, and I went; for I thought that would torment her as much as anything; and I believe I was right; for, looking back a minute after, I saw her turn half round, as if hoping or expecting to find me still beside her; and then she stood still, and cast one look behind. It was a look less expressive of anger than of bitter anguish and despair; but I immediately assumed an aspect of indifference, and affected to be gazing carelessly around me, and I suppose she went on; for after lingering awhile to see if she would come back or call, I ventured one more glance, and saw her a good way off, moving rapidly up the field, with little Arthur running by her side and apparently talking as he went; but she kept her face averted

from him, as if to hide some uncontrollable emotion. And I returned to my business.

But I soon began to regret my precipitancy in leaving her so soon. It was evident she loved me - probably she was tired of Mr. Lawrence, and wished to exchange him for me; and if I had loved and revered her less to begin with, the preference might have gratified and amused me; but now the contrast between her outward seeming and her inward mind, as I supposed - between my former and my present opinion of her, was so harrowing - so distressing to my feelings, that it swallowed up every lighter consideration.

But still I was curious to know what sort of an explanation she would have given me - or would give now, if I pressed her for it - how much she would confess, and how she would endeavour to excuse herself. I longed to know what to despise, and what to admire in her; how much to pity, and how much to hate; - and, what was more, I would know. I would see her once more, and fairly satisfy myself in what light to regard her, before we parted. Lost to me she was, for ever, of course; but still I could not bear to think that we had parted, for the last time, with so much unkindness and misery on both sides. That last look of hers had sunk into my heart; I could not forget it. But what a fool I was! Had she not deceived me, injured me - blighted my happiness for life? 'Well, I'll see her, however,' was my concluding resolve, 'but not today: today and tonight she may think upon her sins, and be as miserable as she will: tomorrow I will see her once again, and know something more about her. The interview may be serviceable to her, or it may not. At any rate, it will give a breath of excitement to the life she has doomed to stagnation, and may calm with certainty some agitating thoughts.'

I did go on the morrow, but not till towards evening, after the business of the day was concluded, that is, between six and seven; and the westering sun was gleaming redly on the old Hall, and flaming in the latticed windows, as I reached it, imparting to the place a cheerfulness not its own. I need not dilate upon the feelings with which I approached the shrine of my former divinity - that spot teeming with a thousand delightful recollections and glorious dreams - all darkened now by one disastrous truth.

Rachel admitted me into the parlour, and went to call her mistress, for she was not there: but there was her desk left open on the little round table beside the high-backed chair, with a book laid upon it. Her limited but choice collection of books was almost as familiar to me as my own; but this volume I had not seen before. I took it up. It was Sir Humphry Davy's 'Last Days of a Philosopher,' and on the first leaf was written, 'Frederick Lawrence.' I closed the book, but kept it in my hand, and stood facing the door, with my back to the fire-place, calmly waiting her arrival; for I did not doubt she would come. And soon I heard her step in the hall. My heart was beginning to throb, but I checked it with an internal rebuke, and maintained my composure – outwardly at least. She entered, calm, pale, collected.

'To what am I indebted for this favour, Mr. Markham?' said she, with such severe but quiet dignity as almost disconcerted me; but I answered with a smile, and impudently enough.

'Well, I am come to hear your explanation.'

'I told you I would not give it,' said she. 'I said you were unworthy of my confidence.'

'Oh, very well,' replied I, moving to the door.

'Stay a moment,' said she. 'This is the last time I shall see you: don't go just yet.'

I remained, awaiting her further commands.

'Tell me,' resumed she, 'on what grounds you believe these things against me; who told you; and what did they say?'

I paused a moment. She met my eye as unflinchingly as if her bosom had been steeled with conscious innocence. She was resolved to know the worst, and determined to dare it too. 'I can crush that bold spirit,' thought I. But while I secretly exulted in my power, I felt disposed to dally with my victim like a cat. Showing her the book that I still held, in my hand, and pointing to the name on the fly-leaf, but fixing my eye upon her face, I asked - 'Do you know that gentleman?'

'Of course I do,' replied she; and a sudden flush suffused her features - whether of shame or anger I could not tell: it rather resembled

the latter. 'What next, sir?'

'How long is it since you saw him?'

'Who gave you the right to catechize me on this or any other subject?'

'Oh, no one! - it's quite at your option whether to answer or not. And now, let me ask - have you heard what has lately befallen this friend of yours? - because, if you have not...'

'I will not be insulted, Mr. Markham!' cried she, almost infuriated at my manner. 'So you had better leave the house at once, if you came only for that.'

'I did not come to insult you: I came to hear your explanation.'

'And I tell you I won't give it!' retorted she, pacing the room in a state of strong excitement, with her hands clasped tightly together, breathing short, and flashing fires of indignation from her eyes. 'I will not condescend to explain myself to one that can make a jest of such horrible suspicions, and be so easily led to entertain them.'

'I do not make a jest of them, Mrs. Graham,' returned I, dropping at once my tone of taunting sarcasm. 'I heartily wish I could find them a jesting matter. And as to being easily led to suspect, God only knows what a blind, incredulous fool I have hitherto been, perseveringly shutting my eyes and stopping my ears against everything that threatened to shake my confidence in you, till proof itself confounded my infatuation!'

'What proof, sir?'

'Well, I'll tell you. You remember that evening when I was here last?'

'I do.'

'Even then you dropped some hints that might have opened the eyes of a wiser man; but they had no such effect upon me: I went on trusting and believing, hoping against hope, and adoring where I could not comprehend. It so happened, however, that after I left you I turned back - drawn by pure depth of sympathy and ardour of affection - not daring to intrude my presence openly upon you, but unable to resist the temptation of catching one glimpse through the window, just to see how you were: for I had left

you apparently in great affliction, and I partly blamed my own want of forbearance and discretion as the cause of it. If I did wrong, love alone was my incentive, and the punishment was severe enough; for it was just as I had reached that tree, that you came out into the garden with your friend. Not choosing to show myself, under the circumstances, I stood still, in the shadow, till you had both passed by.'

'And how much of our conversation did you hear?'

'I heard quite enough, Helen. And it was well for me that I did hear it; for nothing less could have cured my infatuation. I always said and thought, that I would never believe a word against you, unless I heard it from your own lips. All the hints and affirmations of others I treated as malignant, baseless slanders; your own self-accusations I believed to be overstrained; and all that seemed unaccountable in your position I trusted that you could account for if you chose.'

Mrs. Graham had discontinued her walk. She leant against one end of the chimney-piece, opposite that near which I was standing, with her chin resting on her closed hand, her eyes - no longer burning with anger, but gleaming with restless excitement - sometimes glancing at me while I spoke, then coursing the opposite wall, or fixed upon the carpet.

'You should have come to me after all,' said she, 'and heard what I had to say in my own justification. It was ungenerous and wrong to withdraw yourself so secretly and suddenly, immediately after such ardent protestations of attachment, without ever assigning a reason for the change. You should have told me all - no matter how bitterly. It would have been better than this silence.'

'To what end should I have done so? You could not have enlightened me further, on the subject which alone concerned me; nor could you have made me discredit the evidence of my senses. I desired our intimacy to be discontinued at once, as you yourself had acknowledged would probably be the case if I knew all; but I did not wish to upbraid you - though (as you also acknowledged) you had deeply wronged me. Yes, you have done me an injury you can never repair - or any other either - you have blighted the freshness and promise of youth, and made my life a wilderness! I might live a hundred years, but I could never recover from the effects of this

withering blow - and never forget it! Hereafter - You smile, Mrs. Graham,' said I, suddenly stopping short, checked in my passionate declamation by unutterable feelings to behold her actually smiling at the picture of the ruin she had wrought.

'Did I?' replied she, looking seriously up; 'I was not aware of it. If I did, it was not for pleasure at the thoughts of the harm I had done you. Heaven knows I have had torment enough at the bare possibility of that; it was for joy to find that you had some depth of soul and feeling after all, and to hope that I had not been utterly mistaken in your worth. But smiles and tears are so alike with me, they are neither of them confined to any particular feelings: I often cry when I am happy, and smile when I am sad.'

She looked at me again, and seemed to expect a reply; but I continued silent.

'Would you be very glad,' resumed she, 'to find that you were mistaken in your conclusions?'

'How can you ask it, Helen?'

'I don't say I can clear myself altogether,' said she, speaking low and fast, while her heart beat visibly and her bosom heaved with excitement - 'but would you be glad to discover I was better than you think me?'

'Anything that could in the least degree tend to restore my former opinion of you, to excuse the regard I still feel for you, and alleviate the pangs of unutterable regret that accompany it, would be only too gladly, too eagerly received!' Her cheeks burned, and her whole frame trembled, now, with excess of agitation. She did not speak, but flew to her desk, and snatching thence what seemed a thick album or manuscript volume, hastily tore away a few leaves from the end, and thrust the rest into my hand, saying, 'You needn't read it all; but take it home with you,' and hurried from the room. But when I had left the house, and was proceeding down the walk, she opened the window and called me back. It was only to say - 'Bring it back when you have read it; and don't breathe a word of what it tells you to any living being. I trust to your honour.'

Before I could answer she had closed the casement and turned away. I saw her cast herself back in the old oak chair, and cover her face with her

hands. Her feelings had been wrought to a pitch that rendered it necessary to seek relief in tears.

Panting with eagerness, and struggling to suppress my hopes, I hurried home, and rushed up-stairs to my room, having first provided myself with a candle, though it was scarcely twilight yet - then, shut and bolted the door, determined to tolerate no interruption; and sitting down before the table, opened out my prize and delivered myself up to its perusal - first hastily turning over the leaves and snatching a sentence here and there, and then setting myself steadily to read it through.

I have it now before me; and though you could not, of course, peruse it with half the interest that I did, I know you would not be satisfied with an abbreviation of its contents, and you shall have the whole, save, perhaps, a few passages here and there of merely temporary interest to the writer, or such as would serve to encumber the story rather than elucidate it. It begins somewhat abruptly, thus - but we will reserve its commencement for another chapter.

CHAPTER XVI

June 1st, 1821.

We have just returned to Staningley - that is, we returned some days ago, and I am not yet settled, and feel as if I never should be. We left town sooner than was intended, in consequence of my uncle's indisposition; - I wonder what would have been the result if we had stayed the full time. I am quite ashamed of my new-sprung distaste for country life. All my former occupations seem so tedious and dull, my former amusements so insipid and unprofitable. I cannot enjoy my music, because there is no one to hear it. I cannot enjoy my walks, because there is no one to meet. I cannot enjoy my books, because they have not power to arrest my attention: my head is so haunted with the recollections of the last few weeks, that I cannot attend to them. My drawing suits me best, for I can draw and think at the same time; and if my productions cannot now be seen by any one but myself, and those who do not care about them, they, possibly, may be, hereafter. But, then, there is one face I am always trying to paint or to sketch, and always without success; and that vexes me. As for the owner of that face, I cannot get him out of my mind - and, indeed, I never try. I wonder whether he ever thinks of me; and I wonder whether I shall ever see him again. And then might follow a train of other wonderments - questions for time and fate to answer - concluding with - Supposing all the rest be answered in the affirmative, I wonder whether I shall ever repent it? as my aunt would tell me I should, if she knew what I was thinking about.

How distinctly I remember our conversation that evening before our departure for town, when we were sitting together over the fire, my uncle having gone to bed with a slight attack of the gout.

'Helen,' said she, after a thoughtful silence, 'do you ever think about marriage?'

'Yes, aunt, often.'

'And do you ever contemplate the possibility of being married yourself, or engaged, before the season is over?'

'Sometimes; but I don't think it at all likely that I ever shall.'

'Why so?'

‘Because, I imagine, there must be only a very, very few men in the world that I should like to marry; and of those few, it is ten to one I may never be acquainted with one; or if I should, it is twenty to one he may not happen to be single, or to take a fancy to me.’

‘That is no argument at all. It may be very true - and I hope is true, that there are very few men whom you would choose to marry, of yourself. It is not, indeed, to be supposed that you would wish to marry any one till you were asked: a girl’s affections should never be won unsought. But when they are sought - when the citadel of the heart is fairly besieged - it is apt to surrender sooner than the owner is aware of, and often against her better judgment, and in opposition to all her preconceived ideas of what she could have loved, unless she be extremely careful and discreet. Now, I want to warn you, Helen, of these things, and to exhort you to be watchful and circumspect from the very commencement of your career, and not to suffer your heart to be stolen from you by the first foolish or unprincipled person that covets the possession of it. - You know, my dear, you are only just eighteen; there is plenty of time before you, and neither your uncle nor I are in any hurry to get you off our hands, and I may venture to say, there will be no lack of suitors; for you can boast a good family, a pretty considerable fortune and expectations, and, I may as well tell you likewise - for, if I don’t, others will - that you have a fair share of beauty besides - and I hope you may never have cause to regret it!’

‘I hope not, aunt; but why should you fear it?’

‘Because, my dear, beauty is that quality which, next to money, is generally the most attractive to the worst kinds of men; and, therefore, it is likely to entail a great deal of trouble on the possessor.’

‘Have you been troubled in that way, aunt?’

‘No, Helen,’ said she, with reproachful gravity, ‘but I know many that have; and some, through carelessness, have been the wretched victims of deceit; and some, through weakness, have fallen into snares and temptations terrible to relate.’

‘Well, I shall be neither careless nor weak.’

‘Remember Peter, Helen! Don’t boast, but watch. Keep a guard over your eyes and ears as the inlets of your heart, and over your lips as the

outlet, lest they betray you in a moment of unwariness. Receive, coldly and dispassionately, every attention, till you have ascertained and duly considered the worth of the aspirant; and let your affections be consequent upon approbation alone. First study; then approve; then love. Let your eyes be blind to all external attractions, your ears deaf to all the fascinations of flattery and light discourse. - These are nothing - and worse than nothing - snares and wiles of the tempter, to lure the thoughtless to their own destruction. Principle is the first thing, after all; and next to that, good sense, respectability, and moderate wealth. If you should marry the handsomest, and most accomplished and superficially agreeable man in the world, you little know the misery that would overwhelm you if, after all, you should find him to be a worthless reprobate, or even an impracticable fool.'

'But what are all the poor fools and reprobates to do, aunt? If everybody followed your advice, the world would soon come to an end.'

'Never fear, my dear! the male fools and reprobates will never want for partners, while there are so many of the other sex to match them; but do you follow my advice. And this is no subject for jesting, Helen - I am sorry to see you treat the matter in that light way. Believe me, matrimony is a serious thing.' And she spoke it so seriously, that one might have fancied she had known it to her cost; but I asked no more impertinent questions, and merely answered - 'I know it is; and I know there is truth and sense in what you say; but you need not fear me, for I not only should think it wrong to marry a man that was deficient in sense or in principle, but I should never be tempted to do it; for I could not like him, if he were ever so handsome, and ever so charming, in other respects; I should hate him - despise him - pity him - anything but love him. My affections not only ought to be founded on approbation, but they will and must be so: for, without approving, I cannot love. It is needless to say, I ought to be able to respect and honour the man I marry, as well as love him, for I cannot love him without. So set your mind at rest.'

'I hope it may be so,' answered she.

'I know it is so,' persisted I.

‘You have not been tried yet, Helen - we can but hope,’ said she in her cold, cautious way.

‘I was vexed at her incredulity; but I am not sure her doubts were entirely without sagacity; I fear I have found it much easier to remember her advice than to profit by it; - indeed, I have sometimes been led to question the soundness of her doctrines on those subjects. Her counsels may be good, as far as they go - in the main points at least; - but there are some things she has overlooked in her calculations. I wonder if she was ever in love.

I commenced my career - or my first campaign, as my uncle calls it - kindling with bright hopes and fancies - chiefly raised by this conversation - and full of confidence in my own discretion. At first, I was delighted with the novelty and excitement of our London life; but soon I began to weary of its mingled turbulence and constraint, and sigh for the freshness and freedom of home. My new acquaintances, both male and female, disappointed my expectations, and vexed and depressed me by turns; I for I soon grew tired of studying their peculiarities, and laughing at their foibles - particularly as I was obliged to keep my criticisms to myself, for my aunt would not hear them - and they - the ladies especially - appeared so provokingly mindless, and heartless, and artificial. The gentlemen scorned better, but, perhaps, it was because I knew them less - perhaps, because they flattered me; but I did not fall in love with any of them; and, if their attentions pleased me one moment, they provoked me the next, because they put me out of humour with myself, by revealing my vanity and making me fear I was becoming like some of the ladies I so heartily despised.

There was one elderly gentleman that annoyed me very much; a rich old friend of my uncle’s, who, I believe, thought I could not do better than marry him; but, besides being old, he was ugly and disagreeable - and wicked, I am sure, though my aunt scolded me for saying so; but she allowed he was no saint. And there was another, less hateful, but still more tiresome, because she favoured him, and was always thrusting him upon me, and sounding his praises in my ears - Mr. Boarham by name, Bore’em, as I prefer spelling it, for a terrible bore he was: I shudder still at the remembrance of his voice - drone, drone, drone, in my ear - while he sat beside me, prosing away by the half-hour together, and beguiling himself

with the notion that he was improving my mind by useful information, or impressing his dogmas upon me and reforming my errors of judgment, or perhaps that he was talking down to my level, and amusing me with entertaining discourse. Yet he was a decent man enough in the main, I daresay; and if he had kept his distance, I never would have hated him. As it was, it was almost impossible to help it, for he not only bothered me with the infliction of his own presence, but he kept me from the enjoyment of more agreeable society.

One night, however, at a ball, he had been more than usually tormenting, and my patience was quite exhausted. It appeared as if the whole evening was fated to be insupportable: I had just had one dance with an empty-headed coxcomb, and then Mr. Boarham had come upon me and seemed determined to cling to me for the rest of the night. He never danced himself, and there he sat, poking his head in my face, and impressing all beholders with the idea that he was a confirmed, acknowledged lover; my aunt looking complacently on all the time, and wishing him God-speed. In vain I attempted to drive him away by giving a loose to my exasperated feelings, even to positive rudeness: nothing could convince him that his presence was disagreeable. Sullen silence was taken for rapt attention, and gave him greater room to talk; sharp answers were received as smart sallies of girlish vivacity, that only required an indulgent rebuke; and flat contradictions were but as oil to the flames, calling forth new strains of argument to support his dogmas, and bringing down upon me endless floods of reasoning to overwhelm me with conviction.

But there was one present who seemed to have a better appreciation of my frame of mind. A gentleman stood by, who had been watching our conference for some time, evidently much amused at my companion's remorseless pertinacity and my manifest annoyance, and laughing to himself at the asperity and uncompromising spirit of my replies. At length, however, he withdrew, and went to the lady of the house, apparently for the purpose of asking an introduction to me, for, shortly after, they both came up, and she introduced him as Mr. Huntingdon, the son of a late friend of my uncle's. He asked me to dance. I gladly consented, of course; and he was my companion during the remainder of my stay, which was not long, for my aunt, as usual, insisted upon an early departure.

I was sorry to go, for I had found my new acquaintance a very lively and entertaining companion. There was a certain graceful ease and freedom about all he said and did, that gave a sense of repose and expansion to the mind, after so much constraint and formality as I had been doomed to suffer. There might be, it is true, a little too much careless boldness in his manner and address, but I was in so good a humour, and so grateful for my late deliverance from Mr. Boarham, that it did not anger me.

‘Well, Helen, how do you like Mr. Boarham now?’ said my aunt, as we took our seats in the carriage and drove away.

‘Worse than ever,’ I replied.

She looked displeased, but said no more on that subject.

‘Who was the gentleman you danced with last,’ resumed she, after a pause - ‘that was so officious in helping you on with your shawl?’

‘He was not officious at all, aunt: he never attempted to help me till he saw Mr. Boarham coming to do so; and then he stepped laughingly forward and said, “Come, I’ll preserve you from that infliction.”’

‘Who was it, I ask?’ said she, with frigid gravity.

‘It was Mr. Huntingdon, the son of uncle’s old friend.’

‘I have heard your uncle speak of young Mr. Huntingdon. I’ve heard him say, “He’s a fine lad, that young Huntingdon, but a bit wildish, I fancy.” So I’d have you beware.’

‘What does “a bit wildish” mean?’ I inquired.

‘It means destitute of principle, and prone to every vice that is common to youth.’

‘But I’ve heard uncle say he was a sad wild fellow himself, when he was young.’

She sternly shook her head.

‘He was jesting then, I suppose,’ said I, ‘and here he was speaking at random - at least, I cannot believe there is any harm in those laughing blue eyes.’

‘False reasoning, Helen!’ said she, with a sigh.

‘Well, we ought to be charitable, you know, aunt - besides, I don’t think it is false: I am an excellent physiognomist, and I always judge of people’s characters by their looks - not by whether they are handsome or ugly, but by the general cast of the countenance. For instance, I should know by your countenance that you were not of a cheerful, sanguine disposition; and I should know by Mr. Wilmot’s, that he was a worthless old reprobate; and by Mr. Boarham’s, that he was not an agreeable companion; and by Mr. Huntingdon’s, that he was neither a fool nor a knave, though, possibly, neither a sage nor a saint - but that is no matter to me, as I am not likely to meet him again - unless as an occasional partner in the ball-room.’

It was not so, however, for I met him again next morning. He came to call upon my uncle, apologising for not having done so before, by saying he was only lately returned from the Continent, and had not heard, till the previous night, of my uncle’s arrival in town; and after that I often met him; sometimes in public, sometimes at home; for he was very assiduous in paying his respects to his old friend, who did not, however, consider himself greatly obliged by the attention.

‘I wonder what the deuce the lad means by coming so often,’ he would say - ‘can you tell, Helen? - Hey? He wants none o’ my company, nor I his - that’s certain.’

‘I wish you’d tell him so, then,’ said my aunt.

‘Why, what for? If I don’t want him, somebody does, mayhap’ (winking at me). ‘Besides, he’s a pretty tidy fortune, Peggy, you know - not such a catch as Wilmot; but then Helen won’t hear of that match: for, somehow, these old chaps don’t go down with the girls - with all their money, and their experience to boot. I’ll bet anything she’d rather have this young fellow without a penny, than Wilmot with his house full of gold. Wouldn’t you, Nell?’

‘Yes, uncle; but that’s not saying much for Mr. Huntingdon; for I’d rather be an old maid and a pauper than Mrs. Wilmot.’

‘And Mrs. Huntingdon? What would you rather be than Mrs. Huntingdon - eh?’

‘I’ll tell you when I’ve considered the matter.’

‘Ah! it needs consideration, then? But come, now - would you rather be an old maid - let alone the pauper?’

‘I can’t tell till I’m asked.’

And I left the room immediately, to escape further examination. But five minutes after, in looking from my window, I beheld Mr. Boarham coming up to the door. I waited nearly half-an-hour in uncomfortable suspense, expecting every minute to be called, and vainly longing to hear him go. Then footsteps were heard on the stairs, and my aunt entered the room with a solemn countenance, and closed the door behind her.

‘Here is Mr. Boarham, Helen,’ said she. ‘He wishes to see you.’

‘Oh, aunt! - Can’t you tell him I’m indisposed? - I’m sure I am - to see him.’

‘Nonsense, my dear! this is no trifling matter. He is come on a very important errand - to ask your hand in marriage of your uncle and me.’

‘I hope my uncle and you told him it was not in your power to give it. What right had he to ask any one before me?’

‘Helen!’

‘What did my uncle say?’

‘He said he would not interfere in the matter; if you liked to accept Mr. Boarham’s obliging offer, you...’

‘Did he say obliging offer?’

‘No; he said if you liked to take him you might; and if not, you might please yourself.’

‘He said right; and what did you say?’

‘It is no matter what I said. What will you say? - that is the question. He is now waiting to ask you himself; but consider well before you go; and if you intend to refuse him, give me your reasons.’

‘I shall refuse him, of course; but you must tell me how, for I want to be civil and yet decided - and when I’ve got rid of him, I’ll give you my reasons afterwards.’

‘But stay, Helen; sit down a little and compose yourself. Mr. Boarham is in no particular hurry, for he has little doubt of your

acceptance; and I want to speak with you. Tell me, my dear, what are your objections to him? Do you deny that he is an upright, honourable man?

‘No.’

‘Do you deny that he is sensible, sober, respectable?’

‘No; he may be all this, but...’

‘But, Helen! How many such men do you expect to meet with in the world? Upright, honourable, sensible, sober, respectable! Is this such an every-day character that you should reject the possessor of such noble qualities without a moment’s hesitation? Yes, noble I may call them; for think of the full meaning of each, and how many inestimable virtues they include (and I might add many more to the list), and consider that all this is laid at your feet. It is in your power to secure this inestimable blessing for life - a worthy and excellent husband, who loves you tenderly, but not too fondly so as to blind him to your faults, and will be your guide throughout life’s pilgrimage, and your partner in eternal bliss. Think how...’

‘But I hate him, aunt,’ said I, interrupting this unusual flow of eloquence.

‘Hate him, Helen! Is this a Christian spirit? - you hate him? And he so good a man!’

‘I don’t hate him as a man, but as a husband. As a man, I love him so much that I wish him a better wife than I - one as good as himself, or better - if you think that possible - provided she could like him; but I never could, and therefore...’

‘But why not? What objection do you find?’

‘Firstly, he is at least forty years old - considerably more, I should think - and I am but eighteen; secondly, he is narrow-minded and bigoted in the extreme; thirdly, his tastes and feelings are wholly dissimilar to mine; fourthly, his looks, voice, and manner are particularly displeasing to me; and, finally, I have an aversion to his whole person that I never can surmount.’

‘Then you ought to surmount it. And please to compare him for a moment with Mr. Huntingdon, and, good looks apart (which contribute nothing to the merit of the man, or to the happiness of married life, and

which you have so often professed to hold in light esteem), tell me which is the better man.'

'I have no doubt Mr. Huntingdon is a much better man than you think him; but we are not talking about him now, but about Mr. Boarham; and as I would rather grow, live, and die in single blessedness - than be his wife, it is but right that I should tell him so at once, and put him out of suspense - so let me go.'

'But don't give him a flat denial; he has no idea of such a thing, and it would offend him greatly: say you have no thoughts of matrimony at present...'

'But I have thoughts of it.'

'Or that you desire a further acquaintance.'

'But I don't desire a further acquaintance - quite the contrary.'

And without waiting for further admonitions I left the room and went to seek Mr. Boarham. He was walking up and down the drawing-room, humming snatches of tunes and nibbling the end of his cane.

'My dear young lady,' said he, bowing and smirking with great complacency, 'I have your kind guardian's permission...'

'I know, sir,' said I, wishing to shorten the scene as much as possible, 'and I am greatly obliged for your preference, but must beg to decline the honour you wish to confer, for I think we were not made for each other, as you yourself would shortly discover if the experiment were tried.'

My aunt was right. It was quite evident he had had little doubt of my acceptance, and no idea of a positive denial. He was amazed, astounded at such an answer, but too incredulous to be much offended; and after a little humming and hawing, he returned to the attack.

'I know, my dear, that there exists a considerable disparity between us in years, in temperament, and perhaps some other things; but let me assure you, I shall not be severe to mark the faults and foibles of a young and ardent nature such as yours, and while I acknowledge them to myself, and even rebuke them with all a father's care, believe me, no youthful lover could be more tenderly indulgent towards the object of his affections than I

to you; and, on the other hand, let me hope that my more experienced years and graver habits of reflection will be no disparagement in your eyes, as I shall endeavour to make them all conducive to your happiness. Come, now! What do you say? Let us have no young lady's affectations and caprices, but speak out at once.'

'I will, but only to repeat what I said before, that I am certain we were not made for each other.'

'You really think so?'

'I do.'

'But you don't know me - you wish for a further acquaintance - a longer time to...'

'No, I don't. I know you as well as I ever shall, and better than you know me, or you would never dream of uniting yourself to one so incongruous - so utterly unsuitable to you in every way.'

'But, my dear young lady, I don't look for perfection; I can excuse...'

'Thank you, Mr. Boarham, but I won't trespass upon your goodness. You may save your indulgence and consideration for some more worthy object, that won't tax them so heavily.'

'But let me beg you to consult your aunt; that excellent lady, I am sure, will...'

'I have consulted her; and I know her wishes coincide with yours; but in such important matters, I take the liberty of judging for myself; and no persuasion can alter my inclinations, or induce me to believe that such a step would be conducive to my happiness or yours - and I wonder that a man of your experience and discretion should think of choosing such a wife.'

'Ah, well!' said he, 'I have sometimes wondered at that myself. I have sometimes said to myself, "Now Boarham, what is this you're after? Take care, man - look before you leap! This is a sweet, bewitching creature, but remember, the brightest attractions to the lover too often prove the husband's greatest torments!" I assure you my choice has not been made without much reasoning and reflection. The seeming imprudence of the match has cost me many an anxious thought by day, and many a sleepless

hour by night; but at length I satisfied myself that it was not, in very deed, imprudent. I saw my sweet girl was not without her faults, but of these her youth, I trusted, was not one, but rather an earnest of virtues yet unblown - a strong ground of presumption that her little defects of temper and errors of judgment, opinion, or manner were not irremediable, but might easily be removed or mitigated by the patient efforts of a watchful and judicious adviser, and where I failed to enlighten and control, I thought I might safely undertake to pardon, for the sake of her many excellences. Therefore, my dearest girl, since I am satisfied, why should you object - on my account, at least?’

‘But to tell you the truth, Mr. Boarham, it is on my own account I principally object; so let us - drop the subject,’ I would have said, ‘for it is worse than useless to pursue it any further,’ but he pertinaciously interrupted me with - ‘But why so? I would love you, cherish you, protect you,’ &c., &c.

I shall not trouble myself to put down all that passed between us. Suffice it to say, that I found him very troublesome, and very hard to convince that I really meant what I said, and really was so obstinate and blind to my own interests, that there was no shadow of a chance that either he or my aunt would ever be able to overcome my objections. Indeed, I am not sure that I succeeded after all; though wearied with his so pertinaciously returning to the same point and repeating the same arguments over and over again, forcing me to reiterate the same replies, I at length turned short and sharp upon him, and my last words were - ‘I tell you plainly, that it cannot be. No consideration can induce me to marry against my inclinations. I respect you - at least, I would respect you, if you would behave like a sensible man - but I cannot love you, and never could - and the more you talk the further you repel me; so pray don’t say any more about it.’

Whereupon he wished me a good-morning, and withdrew, disconcerted and offended, no doubt; but surely it was not my fault.

CHAPTER XVII

The next day I accompanied my uncle and aunt to a dinner-party at Mr. Wilmot's. He had two ladies staying with him: his niece Annabella, a fine dashing girl, or rather young woman - of some five-and-twenty, too great a flirt to be married, according to her own assertion, but greatly admired by the gentlemen, who universally pronounced her a splendid woman; and her gentle cousin, Milicent Hargrave, who had taken a violent fancy to me, mistaking me for something vastly better than I was. And I, in return, was very fond of her. I should entirely exclude poor Milicent in my general animadversions against the ladies of my acquaintance. But it was not on her account, or her cousin's, that I have mentioned the party: it was for the sake of another of Mr. Wilmot's guests, to wit Mr. Huntingdon. I have good reason to remember his presence there, for this was the last time I saw him.

He did not sit near me at dinner; for it was his fate to hand in a capacious old dowager, and mine to be handed in by Mr. Grimsby, a friend of his, but a man I very greatly disliked: there was a sinister cast in his countenance, and a mixture of lurking ferocity and fulsome insincerity in his demeanour, that I could not away with. What a tiresome custom that is, by-the-by - one among the many sources of factitious annoyance of this ultra-civilised life. If the gentlemen must lead the ladies into the dining-room, why cannot they take those they like best?

I am not sure, however, that Mr. Huntingdon would have taken me, if he had been at liberty to make his own selection. It is quite possible he might have chosen Miss Wilmot; for she seemed bent upon engrossing his attention to herself, and he seemed nothing loth to pay the homage she demanded. I thought so, at least, when I saw how they talked and laughed, and glanced across the table, to the neglect and evident umbrage of their respective neighbours - and afterwards, as the gentlemen joined us in the drawing-room, when she, immediately upon his entrance, loudly called upon him to be the arbiter of a dispute between herself and another lady, and he answered the summons with alacrity, and decided the question without a moment's hesitation in her favour - though, to my thinking, she was obviously in the wrong - and then stood chatting familiarly with her

and a group of other ladies; while I sat with Milicent Hargrave at the opposite end of the room, looking over the latter's drawings, and aiding her with my critical observations and advice, at her particular desire. But in spite of my efforts to remain composed, my attention wandered from the drawings to the merry group, and against my better judgment my wrath rose, and doubtless my countenance lowered; for Milicent, observing that I must be tired of her daubs and scratches, begged I would join the company now, and defer the examination of the remainder to another opportunity. But while I was assuring her that I had no wish to join them, and was not tired, Mr. Huntingdon himself came up to the little round table at which we sat.

‘Are these yours?’ said he, carelessly taking up one of the drawings.

‘No, they are Miss Hargrave’s.’

‘Oh! well, let’s have a look at them.’

And, regardless of Miss Hargrave’s protestations that they were not worth looking at, he drew a chair to my side, and receiving the drawings, one by one from my hand, successively scanned them over, and threw them on the table, but said not a word about them, though he was talking all the time. I don’t know what Milicent Hargrave thought of such conduct, but I found his conversation extremely interesting; though, as I afterwards discovered, when I came to analyse it, it was chiefly confined to quizzing the different members of the company present; and albeit he made some clever remarks, and some excessively droll ones, I do not think the whole would appear anything very particular, if written here, without the adventitious aids of look, and tone, and gesture, and that ineffable but indefinite charm, which cast a halo over all he did and said, and which would have made it a delight to look in his face, and hear the music of his voice, if he had been talking positive nonsense - and which, moreover, made me feel so bitter against my aunt when she put a stop to this enjoyment, by coming composedly forward, under pretence of wishing to see the drawings, that she cared and knew nothing about, and while making believe to examine them, addressing herself to Mr. Huntingdon, with one of her coldest and most repellent aspects, and beginning a series of the most common-place and formidably formal questions and observations, on purpose to wrest his

attention from me - on purpose to vex me, as I thought: and having now looked through the portfolio, I left them to their tete-a-tete, and seated myself on a sofa, quite apart from the company - never thinking how strange such conduct would appear, but merely to indulge, at first, the vexation of the moment, and subsequently to enjoy my private thoughts.

But I was not left long alone, for Mr. Wilmot, of all men the least welcome, took advantage of my isolated position to come and plant himself beside me. I had flattered myself that I had so effectually repulsed his advances on all former occasions, that I had nothing more to apprehend from his unfortunate predilection; but it seems I was mistaken: so great was his confidence, either in his wealth or his remaining powers of attraction, and so firm his conviction of feminine weakness, that he thought himself warranted to return to the siege, which he did with renovated ardour, enkindled by the quantity of wine he had drunk - a circumstance that rendered him infinitely the more disgusting; but greatly as I abhorred him at that moment, I did not like to treat him with rudeness, as I was now his guest, and had just been enjoying his hospitality; and I was no hand at a polite but determined rejection, nor would it have greatly availed me if I had, for he was too coarse-minded to take any repulse that was not as plain and positive as his own effrontery. The consequence was, that he waxed more fulsomely tender, and more repulsively warm, and I was driven to the very verge of desperation, and about to say I know not what, when I felt my hand, that hung over the arm of the sofa, suddenly taken by another and gently but fervently pressed. Instinctively, I guessed who it was, and, on looking up, was less surprised than delighted to see Mr. Huntingdon smiling upon me. It was like turning from some purgatorial fiend to an angel of light, come to announce that the season of torment was past.

‘Helen,’ said he (he frequently called me Helen, and I never resented the freedom), ‘I want you to look at this picture. Mr. Wilmot will excuse you a moment, I’m sure.’

I rose with alacrity. He drew my arm within his, and led me across the room to a splendid painting of Vandyke’s that I had noticed before, but not sufficiently examined. After a moment of silent contemplation, I was beginning to comment on its beauties and peculiarities, when, playfully pressing the hand he still retained within his arm, he interrupted me with -

‘Never mind the picture: it was not for that I brought you here; it was to get you away from that scoundrelly old profligate yonder, who is looking as if he would like to challenge me for the affront.’

‘I am very much obliged to you,’ said I. ‘This is twice you have delivered me from such unpleasant companionship.’

‘Don’t be too thankful,’ he answered: ‘it is not all kindness to you; it is partly from a feeling of spite to your tormentors that makes me delighted to do the old fellows a bad turn, though I don’t think I have any great reason to dread them as rivals. Have I, Helen?’

‘You know I detest them both.’

‘And me?’

‘I have no reason to detest you.’

‘But what are your sentiments towards me? Helen - Speak! How do you regard me?’

And again he pressed my hand; but I feared there was more of conscious power than tenderness in his demeanour, and I felt he had no right to extort a confession of attachment from me when he had made no correspondent avowal himself, and knew not what to answer. At last I said - ‘How do you regard me?’

‘Sweet angel, I adore you! I...’

‘Helen, I want you a moment,’ said the distinct, low voice of my aunt, close beside us. And I left him, muttering maledictions against his evil angel.

‘Well, aunt, what is it? What do you want?’ said I, following her to the embrasure of the window.

‘I want you to join the company, when you are fit to be seen,’ returned she, severely regarding me; ‘but please to stay here a little, till that shocking colour is somewhat abated, and your eyes have recovered something of their natural expression. I should be ashamed for anyone to see you in your present state.’

Of course, such a remark had no effect in reducing the ‘shocking colour’; on the contrary, I felt my face glow with redoubled fires kindled by a complication of emotions, of which indignant, swelling anger was the

chief. I offered no reply, however, but pushed aside the curtain and looked into the night - or rather into the lamp-lit square.

‘Was Mr. Huntingdon proposing to you, Helen?’ inquired my too watchful relative.

‘No.’

‘What was he saying then? I heard something very like it.’

‘I don’t know what he would have said, if you hadn’t interrupted him.’

‘And would you have accepted him, Helen, if he had proposed?’

‘Of course not - without consulting uncle and you.’

‘Oh! I’m glad, my dear, you have so much prudence left. Well, now,’ she added, after a moment’s pause, ‘you have made yourself conspicuous enough for one evening. The ladies are directing inquiring glances towards us at this moment, I see: I shall join them. Do you come too, when you are sufficiently composed to appear as usual.’

‘I am so now.’

‘Speak gently then, and don’t look so malicious,’ said my calm, but provoking aunt. ‘We shall return home shortly, and then,’ she added with solemn significance, ‘I have much to say to you.’

So I went home prepared for a formidable lecture. Little was said by either party in the carriage during our short transit homewards; but when I had entered my room and thrown myself into an easy-chair, to reflect on the events of the day, my aunt followed me thither, and having dismissed Rachel, who was carefully stowing away my ornaments, closed the door; and placing a chair beside me, or rather at right angles with mine, sat down. With due deference I offered her my more commodious seat. She declined it, and thus opened the conference: ‘Do you remember, Helen, our conversation the night but one before we left Staningley?’

‘Yes, aunt.’

‘And do you remember how I warned you against letting your heart be stolen from you by those unworthy of its possession, and fixing your affections where approbation did not go before, and where reason and judgment withheld their sanction?’

‘Yes; but my reason...’

‘Pardon me - and do you remember assuring me that there was no occasion for uneasiness on your account; for you should never be tempted to marry a man who was deficient in sense or principle, however handsome or charming in other respects he might be, for you could not love him; you should hate - despise - pity - anything but love him - were not those your words?’

‘Yes; but...’

‘And did you not say that your affection must be founded on approbation; and that, unless you could approve and honour and respect, you could not love?’

‘Yes; but I do approve, and honour, and respect...’

‘How so, my dear? Is Mr. Huntingdon a good man?’

‘He is a much better man than you think him.’

‘That is nothing to the purpose. Is he a good man?’

‘Yes - in some respects. He has a good disposition.’

‘Is he a man of principle?’

‘Perhaps not, exactly; but it is only for want of thought. If he had some one to advise him, and remind him of what is right...’

‘He would soon learn, you think - and you yourself would willingly undertake to be his teacher? But, my dear, he is, I believe, full ten years older than you - how is it that you are so beforehand in moral acquirements?’

‘Thanks to you, aunt, I have been well brought up, and had good examples always before me, which he, most likely, has not; and, besides, he is of a sanguine temperament, and a gay, thoughtless temper, and I am naturally inclined to reflection.’

‘Well, now you have made him out to be deficient in both sense and principle, by your own confession...’

‘Then, my sense and my principle are at his service.’

‘That sounds presumptuous, Helen. Do you think you have enough for both; and do you imagine your merry, thoughtless profligate would

allow himself to be guided by a young girl like you?’

‘No; I should not wish to guide him; but I think I might have influence sufficient to save him from some errors, and I should think my life well spent in the effort to preserve so noble a nature from destruction. He always listens attentively now when I speak seriously to him (and I often venture to reprove his random way of talking), and sometimes he says that if he had me always by his side he should never do or say a wicked thing, and that a little daily talk with me would make him quite a saint. It may be partly jest and partly flattery, but still...’

‘But still you think it may be truth?’

‘If I do think there is any mixture of truth in it, it is not from confidence in my own powers, but in his natural goodness. And you have no right to call him a profligate, aunt; he is nothing of the kind.’

‘Who told you so, my dear? What was that story about his intrigue with a married lady - Lady who was it? - Miss Wilmot herself was telling you the other day?’

‘It was false - false!’ I cried. ‘I don’t believe a word of it.’

‘You think, then, that he is a virtuous, well-conducted young man?’

‘I know nothing positive respecting his character. I only know that I have heard nothing definite against it - nothing that could be proved, at least; and till people can prove their slanderous accusations, I will not believe them. And I know this, that if he has committed errors, they are only such as are common to youth, and such as nobody thinks anything about; for I see that everybody likes him, and all the mammams smile upon him, and their daughters - and Miss Wilmot herself - are only too glad to attract his attention.’

‘Helen, the world may look upon such offences as venial; a few unprincipled mothers may be anxious to catch a young man of fortune without reference to his character; and thoughtless girls may be glad to win the smiles of so handsome a gentleman, without seeking to penetrate beyond the surface; but you, I trusted, were better informed than to see with their eyes, and judge with their perverted judgment. I did not think you would call these venial errors!’

‘Nor do I, aunt; but if I hate the sins, I love the sinner, and would do much for his salvation, even supposing your suspicions to be mainly true, which I do not and will not believe.’

‘Well, my dear, ask your uncle what sort of company he keeps, and if he is not banded with a set of loose, profligate young men, whom he calls his friends, his jolly companions, and whose chief delight is to wallow in vice, and vie with each other who can run fastest and furthest down the headlong road to the place prepared for the devil and his angels.’

‘Then I will save him from them.’

‘Oh, Helen, Helen! you little know the misery of uniting your fortunes to such a man!’

‘I have such confidence in him, aunt, notwithstanding all you say, that I would willingly risk my happiness for the chance of securing his. I will leave better men to those who only consider their own advantage. If he has done amiss, I shall consider my life well spent in saving him from the consequences of his early errors, and striving to recall him to the path of virtue. God grant me success!’

Here the conversation ended, for at this juncture my uncle’s voice was heard from his chamber, loudly calling upon my aunt to come to bed. He was in a bad humour that night; for his gout was worse. It had been gradually increasing upon him ever since we came to town; and my aunt took advantage of the circumstance next morning to persuade him to return to the country immediately, without waiting for the close of the season. His physician supported and enforced her arguments; and contrary to her usual habits, she so hurried the preparations for removal (as much for my sake as my uncle’s, I think), that in a very few days we departed; and I saw no more of Mr. Huntingdon. My aunt flatters herself I shall soon forget him - perhaps she thinks I have forgotten him already, for I never mention his name; and she may continue to think so, till we meet again - if ever that should be. I wonder if it will?

CHAPTER XVIII

August 25th.

I am now quite settled down to my usual routine of steady occupations and quiet amusements - tolerably contented and cheerful, but still looking forward to spring with the hope of returning to town, not for its gaieties and dissipations, but for the chance of meeting Mr. Huntingdon once again; for still he is always in my thoughts and in my dreams. In all my employments, whatever I do, or see, or hear, has an ultimate reference to him; whatever skill or knowledge I acquire is some day to be turned to his advantage or amusement; whatever new beauties in nature or art I discover are to be depicted to meet his eye, or stored in my memory to be told him at some future period. This, at least, is the hope that I cherish, the fancy that lights me on my lonely way. It may be only an ignis fatuus, after all, but it can do no harm to follow it with my eyes and rejoice in its lustre, as long as it does not lure me from the path I ought to keep; and I think it will not, for I have thought deeply on my aunt's advice, and I see clearly, now, the folly of throwing myself away on one that is unworthy of all the love I have to give, and incapable of responding to the best and deepest feelings of my inmost heart - so clearly, that even if I should see him again, and if he should remember me and love me still (which, alas! is too little probable, considering how he is situated, and by whom surrounded), and if he should ask me to marry him - I am determined not to consent until I know for certain whether my aunt's opinion of him or mine is nearest the truth; for if mine is altogether wrong, it is not he that I love; it is a creature of my own imagination. But I think it is not wrong - no, no - there is a secret something - an inward instinct that assures me I am right. There is essential goodness in him; - and what delight to unfold it! If he has wandered, what bliss to recall him! If he is now exposed to the baneful influence of corrupting and wicked companions, what glory to deliver him from them! Oh! if I could but believe that Heaven has designed me for this!

* * * * *

Today is the first of September; but my uncle has ordered the gamekeeper to spare the partridges till the gentlemen come. 'What

gentlemen?' I asked when I heard it. A small party he had invited to shoot. His friend Mr. Wilmot was one, and my aunt's friend, Mr. Boarham, another. This struck me as terrible news at the moment; but all regret and apprehension vanished like a dream when I heard that Mr. Huntingdon was actually to be a third! My aunt is greatly against his coming, of course: she earnestly endeavoured to dissuade my uncle from asking him; but he, laughing at her objections, told her it was no use talking, for the mischief was already done: he had invited Huntingdon and his friend Lord Lowborough before we left London, and nothing now remained but to fix the day for their coming. So he is safe, and I am sure of seeing him. I cannot express my joy. I find it very difficult to conceal it from my aunt; but I don't wish to trouble her with my feelings till I know whether I ought to indulge them or not. If I find it my absolute duty to suppress them, they shall trouble no one but myself; and if I can really feel myself justified in indulging this attachment, I can dare anything, even the anger and grief of my best friend, for its object - surely, I shall soon know. But they are not coming till about the middle of the month.

We are to have two lady visitors also: Mr. Wilmot is to bring his niece and her cousin Milicent. I suppose my aunt thinks the latter will benefit me by her society, and the salutary example of her gentle deportment and lowly and tractable spirit; and the former I suspect she intends as a species of counter-attraction to win Mr. Huntingdon's attention from me. I don't thank her for this; but I shall be glad of Milicent's company: she is a sweet, good girl, and I wish I were like her - more like her, at least, than I am.

* * * * *

19th.

They are come. They came the day before yesterday. The gentlemen are all gone out to shoot, and the ladies are with my aunt, at work in the drawing-room. I have retired to the library, for I am very unhappy, and I want to be alone. Books cannot divert me; so having opened my desk, I will try what may be done by detailing the cause of my uneasiness. This paper will serve instead of a confidential friend into whose ear I might pour forth

the overflowings of my heart. It will not sympathise with my distresses, but then it will not laugh at them, and, if I keep it close, it cannot tell again; so it is, perhaps, the best friend I could have for the purpose.

First, let me speak of his arrival - how I sat at my window, and watched for nearly two hours, before his carriage entered the park-gates - for they all came before him - and how deeply I was disappointed at every arrival, because it was not his. First came Mr. Wilmot and the ladies. When Milicent had got into her room, I quitted my post a few minutes to look in upon her and have a little private conversation, for she was now my intimate friend, several long epistles having passed between us since our parting. On returning to my window, I beheld another carriage at the door. Was it his? No; it was Mr. Boarham's plain dark chariot; and there stood he upon the steps, carefully superintending the dislodging of his various boxes and packages. What a collection! One would have thought he projected a visit of six months at least. A considerable time after, came Lord Lowborough in his barouche. Is he one of the profligate friends, I wonder? I should think not; for no one could call him a jolly companion, I'm sure - and, besides, he appears too sober and gentlemanly in his demeanour to merit such suspicions. He is a tall, thin, gloomy-looking man, apparently between thirty and forty, and of a somewhat sickly, careworn aspect.

At last, Mr. Huntingdon's light phaeton came bowling merrily up the lawn. I had but a transient glimpse of him: for the moment it stopped, he sprang out over the side on to the portico steps, and disappeared into the house.

I now submitted to be dressed for dinner - a duty which Rachel had been urging upon me for the last twenty minutes; and when that important business was completed, I repaired to the drawing-room, where I found Mr. and Miss Wilmot and Milicent Hargrave already assembled. Shortly after, Lord Lowborough entered, and then Mr. Boarham, who seemed quite willing to forget and forgive my former conduct, and to hope that a little conciliation and steady perseverance on his part might yet succeed in bringing me to reason. While I stood at the window, conversing with Milicent, he came up to me, and was beginning to talk in nearly his usual strain, when Mr. Huntingdon entered the room.

‘How will he greet me, I wonder?’ said my bounding heart; and, instead of advancing to meet him, I turned to the window to hide or subdue my emotion. But having saluted his host and hostess, and the rest of the company, he came to me, ardently squeezed my hand, and murmured he was glad to see me once again. At that moment dinner was announced: my aunt desired him to take Miss Hargrave into the dining-room, and odious Mr. Wilmot, with unspeakable grimaces, offered his arm to me; and I was condemned to sit between himself and Mr. Boarham. But afterwards, when we were all again assembled in the drawing-room, I was indemnified for so much suffering by a few delightful minutes of conversation with Mr. Huntingdon.

In the course of the evening, Miss Wilmot was called upon to sing and play for the amusement of the company, and I to exhibit my drawings, and, though he likes music, and she is an accomplished musician, I think I am right in affirming, that he paid more attention to my drawings than to her music.

So far so good; - but hearing him pronounce, sotto voce, but with peculiar emphasis, concerning one of the pieces, ‘This is better than all!’ - I looked up, curious to see which it was, and, to my horror, beheld him complacently gazing at the back of the picture: it was his own face that I had sketched there and forgotten to rub out! To make matters worse, in the agony of the moment, I attempted to snatch it from his hand; but he prevented me, and exclaiming, ‘No - by George, I’ll keep it!’ placed it against his waistcoat and buttoned his coat upon it with a delighted chuckle.

Then, drawing a candle close to his elbow, he gathered all the drawings to himself, as well what he had seen as the others, and muttering, ‘I must look at both sides now,’ he eagerly commenced an examination, which I watched, at first, with tolerable composure, in the confidence that his vanity would not be gratified by any further discoveries; for, though I must plead guilty to having disfigured the backs of several with abortive attempts to delineate that too fascinating physiognomy, I was sure that, with that one unfortunate exception, I had carefully obliterated all such witnesses of my infatuation. But the pencil frequently leaves an impression upon cardboard that no amount of rubbing can efface. Such, it seems, was

the case with most of these; and, I confess, I trembled when I saw him holding them so close to the candle, and poring so intently over the seeming blanks; but still, I trusted, he would not be able to make out these dim traces to his own satisfaction. I was mistaken, however. Having ended his scrutiny, he quietly remarked - 'I perceive the backs of young ladies' drawings, like the postscripts of their letters, are the most important and interesting part of the concern.'

Then, leaning back in his chair, he reflected a few minutes in silence, complacently smiling to himself, and while I was concocting some cutting speech wherewith to check his gratification, he rose, and passing over to where Annabella Wilmot sat vehemently coquetting with Lord Lowborough, seated himself on the sofa beside her, and attached himself to her for the rest of the evening.

'So then,' thought I, 'he despises me, because he knows I love him.'

And the reflection made me so miserable I knew not what to do. Milicent came and began to admire my drawings, and make remarks upon them; but I could not talk to her - I could talk to no one, and, upon the introduction of tea, I took advantage of the open door and the slight diversion caused by its entrance to slip out - for I was sure I could not take any - and take refuge in the library. My aunt sent Thomas in quest of me, to ask if I were not coming to tea; but I bade him say I should not take any tonight, and, happily, she was too much occupied with her guests to make any further inquiries at the time.

As most of the company had travelled far that day, they retired early to rest; and having heard them all, as I thought, go up-stairs, I ventured out, to get my candlestick from the drawing-room sideboard. But Mr. Huntingdon had lingered behind the rest. He was just at the foot of the stairs when I opened the door, and hearing my step in the hall - though I could hardly hear it myself - he instantly turned back.

'Helen, is that you?' said he. 'Why did you run away from us?'

'Good-night, Mr. Huntingdon,' said I, coldly, not choosing to answer the question. And I turned away to enter the drawing-room.

'But you'll shake hands, won't you?' said he, placing himself in the doorway before me. And he seized my hand and held it, much against my

will.

‘Let me go, Mr. Huntingdon,’ said I. ‘I want to get a candle.’

‘The candle will keep,’ returned he.

I made a desperate effort to free my hand from his grasp.

‘Why are you in such a hurry to leave me, Helen?’ he said, with a smile of the most provoking self-sufficiency. ‘You don’t hate me, you know.’

‘Yes, I do - at this moment.’

‘Not you. It is Annabella Wilmot you hate, not me.’

‘I have nothing to do with Annabella Wilmot,’ said I, burning with indignation.

‘But I have, you know,’ returned he, with peculiar emphasis.

‘That is nothing to me, sir,’ I retorted.

‘Is it nothing to you, Helen? Will you swear it? Will you?’

‘No I won’t, Mr. Huntingdon! and I will go,’ cried I, not knowing whether to laugh, or to cry, or to break out into a tempest of fury.

‘Go, then, you vixen!’ he said; but the instant he released my hand he had the audacity to put his arm round my neck, and kiss me.

Trembling with anger and agitation, and I don’t know what besides, I broke away, and got my candle, and rushed up-stairs to my room. He would not have done so but for that hateful picture. And there he had it still in his possession, an eternal monument to his pride and my humiliation.

It was but little sleep I got that night, and in the morning I rose perplexed and troubled with the thoughts of meeting him at breakfast. I knew not how it was to be done. An assumption of dignified, cold indifference would hardly do, after what he knew of my devotion - to his face, at least. Yet something must be done to check his presumption - I would not submit to be tyrannised over by those bright, laughing eyes. And, accordingly, I received his cheerful morning salutation as calmly and coldly as my aunt could have wished, and defeated with brief answers his one or two attempts to draw me into conversation, while I comported myself with unusual cheerfulness and complaisance towards every other

member of the party, especially Annabella Wilmot, and even her uncle and Mr. Boarham were treated with an extra amount of civility on the occasion, not from any motives of coquetry, but just to show him that my particular coolness and reserve arose from no general ill-humour or depression of spirits.

He was not, however, to be repelled by such acting as this. He did not talk much to me, but when he did speak it was with a degree of freedom and openness, and kindness too, that plainly seemed to intimate he knew his words were music to my ears; and when his looks met mine it was with a smile - presumptuous, it might be - but oh! so sweet, so bright, so genial, that I could not possibly retain my anger; every vestige of displeasure soon melted away beneath it like morning clouds before the summer sun.

Soon after breakfast all the gentlemen save one, with boyish eagerness, set out on their expedition against the hapless partridges; my uncle and Mr. Wilmot on their shooting ponies, Mr. Huntingdon and Lord Lowborough on their legs: the one exception being Mr. Boarham, who, in consideration of the rain that had fallen during the night, thought it prudent to remain behind a little and join them in a while when the sun had dried the grass. And he favoured us all with a long and minute disquisition upon the evils and dangers attendant upon damp feet, delivered with the most imperturbable gravity, amid the jeers and laughter of Mr. Huntingdon and my uncle, who, leaving the prudent sportsman to entertain the ladies with his medical discussions, sallied forth with their guns, bending their steps to the stables first, to have a look at the horses and let out the dogs.

Not desirous of sharing Mr. Boarham's company for the whole of the morning, I betook myself to the library, and there brought forth my easel and began to paint. The easel and the painting apparatus would serve as an excuse for abandoning the drawing-room if my aunt should come to complain of the desertion, and besides I wanted to finish the picture. It was one I had taken great pains with, and I intended it to be my masterpiece, though it was somewhat presumptuous in the design. By the bright azure of the sky, and by the warm and brilliant lights and deep long shadows, I had endeavoured to convey the idea of a sunny morning. I had ventured to give more of the bright verdure of spring or early summer to the grass and foliage than is commonly attempted in painting. The scene represented was

an open glade in a wood. A group of dark Scotch firs was introduced in the middle distance to relieve the prevailing freshness of the rest; but in the foreground was part of the gnarled trunk and of the spreading boughs of a large forest-tree, whose foliage was of a brilliant golden green - not golden from autumnal mellowness, but from the sunshine and the very immaturity of the scarce expanded leaves. Upon this bough, that stood out in bold relief against the sombre firs, were seated an amorous pair of turtle doves, whose soft sad-coloured plumage afforded a contrast of another nature; and beneath it a young girl was kneeling on the daisy-spangled turf, with head thrown back and masses of fair hair falling on her shoulders, her hands clasped, lips parted, and eyes intently gazing upward in pleased yet earnest contemplation of those feathered lovers - too deeply absorbed in each other to notice her.

I had scarcely settled to my work, which, however, wanted but a few touches to the finishing, when the sportsmen passed the window on their return from the stables. It was partly open, and Mr. Huntingdon must have seen me as he went by, for in half a minute he came back, and setting his gun against the wall, threw up the sash and sprang in, and set himself before my picture.

‘Very pretty, i’faith,’ said he, after attentively regarding it for a few seconds; ‘and a very fitting study for a young lady. Spring just opening into summer - morning just approaching noon - girlhood just ripening into womanhood, and hope just verging on fruition. She’s a sweet creature! but why didn’t you make her black hair?’

‘I thought light hair would suit her better. You see I have made her blue-eyed and plump, and fair and rosy.’

‘Upon my word - a very Hebe! I should fall in love with her if I hadn’t the artist before me. Sweet innocent! she’s thinking there will come a time when she will be wooed and won like that pretty hen-dove by as fond and fervent a lover; and she’s thinking how pleasant it will be, and how tender and faithful he will find her.’

‘And perhaps,’ suggested I, ‘how tender and faithful she shall find him.’

‘Perhaps, for there is no limit to the wild extravagance of Hope’s imaginings at such an age.’

‘Do you call that, then, one of her wild, extravagant delusions?’

‘No; my heart tells me it is not. I might have thought so once, but now, I say, give me the girl I love, and I will swear eternal constancy to her and her alone, through summer and winter, through youth and age, and life and death! if age and death must come.’

He spoke this in such serious earnest that my heart bounded with delight; but the minute after he changed his tone, and asked, with a significant smile, if I had ‘any more portraits.’

‘No,’ replied I, reddening with confusion and wrath.

But my portfolio was on the table: he took it up, and coolly sat down to examine its contents.

‘Mr. Huntingdon, those are my unfinished sketches,’ cried I, ‘and I never let any one see them.’

And I placed my hand on the portfolio to wrest it from him, but he maintained his hold, assuring me that he ‘liked unfinished sketches of all things.’

‘But I hate them to be seen,’ returned I. ‘I can’t let you have it, indeed!’

‘Let me have its bowels then,’ said he; and just as I wrenched the portfolio from his hand, he deftly abstracted the greater part of its contents, and after turning them over a moment he cried out - ‘Bless my stars, here’s another;’ and slipped a small oval of ivory paper into his waistcoat pocket - a complete miniature portrait that I had sketched with such tolerable success as to be induced to colour it with great pains and care. But I was determined he should not keep it.

‘Mr. Huntingdon,’ cried I, ‘I insist upon having that back! It is mine, and you have no right to take it. Give it me directly - I’ll never forgive you if you don’t!’

But the more vehemently I insisted, the more he aggravated my distress by his insulting, gleeful laugh. At length, however, he restored it to

me, saying - 'Well, well, since you value it so much, I'll not deprive you of it.'

To show him how I valued it, I tore it in two and threw it into the fire. He was not prepared for this. His merriment suddenly ceasing, he stared in mute amazement at the consuming treasure; and then, with a careless 'Humph! I'll go and shoot now,' he turned on his heel and vacated the apartment by the window as he came, and setting on his hat with an air, took up his gun and walked away, whistling as he went - and leaving me not too much agitated to finish my picture, for I was glad, at the moment, that I had vexed him.

When I returned to the drawing-room, I found Mr. Boarham had ventured to follow his comrades to the field; and shortly after lunch, to which they did not think of returning, I volunteered to accompany the ladies in a walk, and show Annabella and Milicent the beauties of the country. We took a long ramble, and re-entered the park just as the sportsmen were returning from their expedition. Toil-spent and travel-stained, the main body of them crossed over the grass to avoid us, but Mr. Huntingdon, all spattered and splashed as he was, and stained with the blood of his prey - to the no small offence of my aunt's strict sense of propriety - came out of his way to meet us, with cheerful smiles and words for all but me, and placing himself between Annabella Wilmot and myself, walked up the road and began to relate the various exploits and disasters of the day, in a manner that would have convulsed me with laughter if I had been on good terms with him; but he addressed himself entirely to Annabella, and I, of course, left all the laughter and all the badinage to her, and affecting the utmost indifference to whatever passed between them, walked along a few paces apart, and looking every way but theirs, while my aunt and Milicent went before, linked arm in arm and gravely discoursing together. At length Mr. Huntingdon turned to me, and addressing me in a confidential whisper, said - 'Helen, why did you burn my picture?'

'Because I wished to destroy it,' I answered, with an asperity it is useless now to lament.

'Oh, very good!' was the reply; 'if you don't value me, I must turn to somebody that will.'

I thought it was partly in jest - a half-playful mixture of mock resignation and pretended indifference: but immediately he resumed his place beside Miss Wilmot, and from that hour to this - during all that evening, and all the next day, and the next, and the next, and all this morning (the 22nd), he has never given me one kind word or one pleasant look - never spoken to me, but from pure necessity - never glanced towards me but with a cold, unfriendly look I thought him quite incapable of assuming.

My aunt observes the change, and though she has not inquired the cause or made any remark to me on the subject, I see it gives her pleasure. Miss Wilmot observes it, too, and triumphantly ascribes it to her own superior charms and blandishments; but I am truly miserable - more so than I like to acknowledge to myself. Pride refuses to aid me. It has brought me into the scrape, and will not help me out of it.

He meant no harm - it was only his joyous, playful spirit; and I, by my acrimonious resentment - so serious, so disproportioned to the offence - have so wounded his feelings, so deeply offended him, that I fear he will never forgive me - and all for a mere jest! He thinks I dislike him, and he must continue to think so. I must lose him for ever, and Annabella may win him, and triumph as she will.

But it is not my loss nor her triumph that I deplore so greatly as the wreck of my fond hopes for his advantage, and her unworthiness of his affection, and the injury he will do himself by trusting his happiness to her. She does not love him: she thinks only of herself. She cannot appreciate the good that is in him: she will neither see it, nor value it, nor cherish it. She will neither deplore his faults nor attempt their amendment, but rather aggravate them by her own. And I doubt whether she will not deceive him after all. I see she is playing double between him and Lord Lowborough, and while she amuses herself with the lively Huntingdon, she tries her utmost to enslave his moody friend; and should she succeed in bringing both to her feet, the fascinating commoner will have but little chance against the lordly peer. If he observes her artful by-play, it gives him no uneasiness, but rather adds new zest to his diversion by opposing a stimulating check to his otherwise too easy conquest.

Messrs. Wilmot and Boarham have severally taken occasion by his neglect of me to renew their advances; and if I were like Annabella and some others I should take advantage of their perseverance to endeavour to pique him into a revival of affection; but, justice and honesty apart, I could not bear to do it. I am annoyed enough by their present persecutions without encouraging them further; and even if I did it would have precious little effect upon him. He sees me suffering under the condescending attentions and prosaic discourses of the one, and the repulsive obtrusions of the other, without so much as a shadow of commiseration for me, or resentment against my tormentors. He never could have loved me, or he would not have resigned me so willingly, and he would not go on talking to everybody else so cheerfully as he does - laughing and jesting with Lord Lowborough and my uncle, teasing Milicent Hargrave, and flirting with Annabella Wilmot - as if nothing were on his mind. Oh! why can't I hate him? I must be infatuated, or I should scorn to regret him as I do. But I must rally all the powers I have remaining, and try to tear him from my heart. There goes the dinner-bell, and here comes my aunt to scold me for sitting here at my desk all day, instead of staying with the company: wish the company were - gone.

CHAPTER XIX

Twenty Second: Night. - What have I done? and what will be the end of it? I cannot calmly reflect upon it; I cannot sleep. I must have recourse to my diary again; I will commit it to paper tonight, and see what I shall think of it tomorrow.

I went down to dinner resolving to be cheerful and well-conducted, and kept my resolution very creditably, considering how my head ached and how internally wretched I felt. I don't know what is come over me of late; my very energies, both mental and physical, must be strangely impaired, or I should not have acted so weakly in many respects as I have done; but I have not been well this last day or two. I suppose it is with sleeping and eating so little, and thinking so much, and being so continually out of humour. But to return. I was exerting myself to sing and play for the amusement, and at the request, of my aunt and Milicent, before the gentlemen came into the drawing-room (Miss Wilmot never likes to waste her musical efforts on ladies' ears alone). Milicent had asked for a little Scotch song, and I was just in the middle of it when they entered. The first thing Mr. Huntingdon did was to walk up to Annabella.

'Now, Miss Wilmot, won't you give us some music tonight?' said he. 'Do now! I know you will, when I tell you that I have been hungering and thirsting all day for the sound of your voice. Come! the piano's vacant.'

It was, for I had quitted it immediately upon hearing his petition. Had I been endowed with a proper degree of self-possession, I should have turned to the lady myself, and cheerfully joined my entreaties to his, whereby I should have disappointed his expectations, if the affront had been purposely given, or made him sensible of the wrong, if it had only arisen from thoughtlessness; but I felt it too deeply to do anything but rise from the music-stool, and throw myself back on the sofa, suppressing with difficulty the audible expression of the bitterness I felt within. I knew Annabella's musical talents were superior to mine, but that was no reason why I should be treated as a perfect nonentity. The time and the manner of his asking her appeared like a gratuitous insult to me; and I could have wept with pure vexation.

Meantime, she exultingly seated herself at the piano, and favoured him with two of his favourite songs, in such superior style that even I soon lost my anger in admiration, and listened with a sort of gloomy pleasure to the skilful modulations of her full-toned and powerful voice, so judiciously aided by her rounded and spirited touch; and while my ears drank in the sound, my eyes rested on the face of her principal auditor, and derived an equal or superior delight from the contemplation of his speaking countenance, as he stood beside her - that eye and brow lighted up with keen enthusiasm, and that sweet smile passing and appearing like gleams of sunshine on an April day. No wonder he should hunger and thirst to hear her sing. I now forgave him from my heart his reckless slight of me, and I felt ashamed at my pettish resentment of such a trifle - ashamed too of those bitter envious pangs that gnawed my inmost heart, in spite of all this admiration and delight.

‘There now,’ said she, playfully running her fingers over the keys when she had concluded the second song. ‘What shall I give you next?’

But in saying this she looked back at Lord Lowborough, who was standing a little behind, leaning against the back of a chair, an attentive listener, too, experiencing, to judge by his countenance, much the same feelings of mingled pleasure and sadness as I did. But the look she gave him plainly said, ‘Do you choose for me now. I have done enough for him, and will gladly exert myself to gratify you;’ and thus encouraged, his lordship came forward, and turning over the music, presently set before her a little song that I had noticed before, and read more than once, with an interest arising from the circumstance of my connecting it in my mind with the reigning tyrant of my thoughts. And now, with my nerves already excited and half unstrung, I could not hear those words so sweetly warbled forth without some symptoms of emotion I was not able to suppress. Tears rose unbidden to my eyes, and I buried my face in the sofa-pillow that they might flow unseen while I listened. The air was simple, sweet, and sad. It is still running in my head, and so are the words:

Farewell to thee! but not farewell
To all my fondest thoughts of thee:
Within my heart they still shall dwell;

And they shall cheer and comfort me.
O beautiful, and full of grace!
If thou hadst never met mine eye,
I had not dreamed a living face
Could fancied charms so far outvie.
If I may ne'er behold again
That form and face so dear to me,
Nor hear thy voice, still would I fain
Preserve, for aye, their memory.
That voice, the magic of whose tone
Can wake an echo in my breast,
Creating feelings that, alone,
Can make my tranced spirit blest.
That laughing eye, whose sunny beam
My memory would not cherish less;
And oh, that smile! I whose joyous gleam
No mortal languish can express.
Adieu! but let me cherish, still,
The hope with which I cannot part.
Contempt may wound, and coldness chill,
But still it lingers in my heart.
And who can tell but Heaven, at last,
May answer all my thousand prayers,
And bid the future pay the past
With joy for anguish, smiles for tears.

When it ceased, I longed for nothing so much as to be out of the room. The sofa was not far from the door, but I did not dare to raise my head, for I knew Mr. Huntingdon was standing near me, and I knew by the sound of his voice, as he spoke in answer to some remark of Lord Lowborough's, that his face was turned towards me. Perhaps a half-suppressed sob had caught his ear, and caused him to look round - heaven forbid! But with a violent effort, I checked all further signs of weakness,

dried my tears, and, when I thought he had turned away again, rose, and instantly left the apartment, taking refuge in my favourite resort, the library.

There was no light there but the faint red glow of the neglected fire; - but I did not want a light; I only wanted to indulge my thoughts, unnoticed and undisturbed; and sitting down on a low stool before the easy-chair, I sunk my head upon its cushioned seat, and thought, and thought, until the tears gushed out again, and I wept like any child. Presently, however, the door was gently opened and someone entered the room. I trusted it was only a servant, and did not stir. The door was closed again - but I was not alone; a hand gently touched my shoulder, and a voice said, softly - 'Helen, what is the matter?'

I could not answer at the moment.

'You must, and shall tell me,' was added, more vehemently, and the speaker threw himself on his knees beside me on the rug, and forcibly possessed himself of my hand; but I hastily caught it away, and replied - 'It is nothing to you, Mr. Huntingdon.'

'Are you sure it is nothing to me?' he returned; 'can you swear that you were not thinking of me while you wept?' This was unendurable. I made an effort to rise, but he was kneeling on my dress.

'Tell me,' continued he - 'I want to know - because if you were, I have something to say to you - and if not, I'll go.'

'Go then!' I cried; but, fearing he would obey too well, and never come again, I hastily added - 'Or say what you have to say, and have done with it!'

'But which?' said he - 'for I shall only say it if you really were thinking of me. So tell me, Helen.'

'You're excessively impertinent, Mr. Huntingdon!'

'Not at all - too pertinent, you mean. So you won't tell me? - Well, I'll spare your woman's pride, and, construing your silence into "Yes," I'll take it for granted that I was the subject of your thoughts, and the cause of your affliction...'

'Indeed, sir...'

‘If you deny it, I won’t tell you my secret,’ threatened he; and I did not interrupt him again, or even attempt to repulse him: though he had taken my hand once more, and half embraced me with his other arm, I was scarcely conscious of it at the time.

‘It is this,’ resumed he: ‘that Annabella Wilmot, in comparison with you, is like a flaunting peony compared with a sweet, wild rosebud gemmed with dew - and I love you to distraction! - Now, tell me if that intelligence gives you any pleasure. Silence again? That means yes. Then let me add, that I cannot live without you, and if you answer No to this last question, you will drive me mad. - Will you bestow yourself upon me? - you will!’ he cried, nearly squeezing me to death in his arms.

‘No, no!’ I exclaimed, struggling to free myself from him - ‘you must ask my uncle and aunt.’

‘They won’t refuse me, if you don’t.’

‘I’m not so sure of that - my aunt dislikes you.’

‘But you don’t, Helen - say you love me, and I’ll go.’

‘I wish you would go!’ I replied.

‘I will, this instant - if you’ll only say you love me.’

‘You know I do,’ I answered. And again he caught me in his arms, and smothered me with kisses.

At that moment my aunt opened wide the door, and stood before us, candle in hand, in shocked and horrified amazement, gazing alternately at Mr. Huntingdon and me - for we had both started up, and now stood wide enough asunder. But his confusion was only for a moment. Rallying in an instant, with the most enviable assurance, he began - ‘I beg ten thousand pardons, Mrs. Maxwell! Don’t be too severe upon me. I’ve been asking your sweet niece to take me for better, for worse; and she, like a good girl, informs me she cannot think of it without her uncle’s and aunt’s consent. So let me implore you not to condemn me to eternal wretchedness: if you favour my cause, I am safe; for Mr. Maxwell, I am certain, can refuse you nothing.’

‘We will talk of this tomorrow, sir,’ said my aunt, coldly. ‘It is a subject that demands mature and serious deliberation. At present, you had

better return to the drawing-room.'

'But meantime,' pleaded he, 'let me commend my cause to your most indulgent...'

'No indulgence for you, Mr. Huntingdon, must come between me and the consideration of my niece's happiness.'

'Ah, true! I know she is an angel, and I am a presumptuous dog to dream of possessing such a treasure; but, nevertheless, I would sooner die than relinquish her in favour of the best man that ever went to heaven - and as for her happiness, I would sacrifice my body and soul...'

'Body and soul, Mr. Huntingdon - sacrifice your soul?'

'Well, I would lay down life...'

'You would not be required to lay it down.'

'I would spend it, then - devote my life - and all its powers to the promotion and preservation...'

'Another time, sir, we will talk of this - and I should have felt disposed to judge more favourably of your pretensions, if you too had chosen another time and place, and let me add - another manner for your declaration.'

'Why, you see, Mrs. Maxwell,' he began: 'Pardon me, sir,' said she, with dignity - 'The company are inquiring for you in the other room.' And she turned to me.

'Then you must plead for me, Helen,' said he, and at length withdrew.

'You had better retire to your room, Helen,' said my aunt, gravely. 'I will discuss this matter with you, too, tomorrow.'

'Don't be angry, aunt,' said I.

'My dear, I am not angry,' she replied: 'I am surprised. If it is true that you told him you could not accept his offer without our consent...'

'It is true,' interrupted I.

'Then how could you permit...?'

'I couldn't help it, aunt,' I cried, bursting into tears. They were not altogether the tears of sorrow, or of fear for her displeasure, but rather the

outbreak of the general tumultuous excitement of my feelings. But my good aunt was touched at my agitation. In a softer tone, she repeated her recommendation to retire, and, gently kissing my forehead, bade me good-night, and put her candle in my hand; and I went; but my brain worked so, I could not think of sleeping. I feel calmer now that I have written all this; and I will go to bed, and try to win tired nature's sweet restorer.

CHAPTER XX

September 24th.

In the morning I rose, light and cheerful - nay, intensely happy. The hovering cloud cast over me by my aunt's views, and by the fear of not obtaining her consent, was lost in the bright effulgence of my own hopes, and the too delightful consciousness of requited love. It was a splendid morning; and I went out to enjoy it, in a quiet ramble, in company with my own blissful thoughts. The dew was on the grass, and ten thousand gossamers were waving in the breeze; the happy red-breast was pouring out its little soul in song, and my heart overflowed with silent hymns of gratitude and praise to heaven.

But I had not wandered far before my solitude was interrupted by the only person that could have disturbed my musings, at that moment, without being looked upon as an unwelcome intruder: Mr. Huntingdon came suddenly upon me. So unexpected was the apparition, that I might have thought it the creation of an over-excited imagination, had the sense of sight alone borne witness to his presence; but immediately I felt his strong arm round my waist and his warm kiss on my cheek, while his keen and gleeful salutation, 'My own Helen!' was ringing in my ear.

'Not yours yet!' said I, hastily swerving aside from this too presumptuous greeting. 'Remember my guardians. You will not easily obtain my aunt's consent. Don't you see she is prejudiced against you?'

'I do, dearest; and you must tell me why, that I may best know how to combat her objections. I suppose she thinks I am a prodigal,' pursued he, observing that I was unwilling to reply, 'and concludes that I shall have but little worldly goods wherewith to endow my better half? If so, you must tell her that my property is mostly entailed, and I cannot get rid of it. There may be a few mortgages on the rest - a few trifling debts and incumbrances here and there, but nothing to speak of; and though I acknowledge I am not so rich as I might be - or have been - still, I think, we could manage pretty comfortably on what's left. My father, you know, was something of a miser, and in his latter days especially saw no pleasure in life but to amass riches; and so it is no wonder that his son should make it his chief delight to spend them, which was accordingly the case, until my

acquaintance with you, dear Helen, taught me other views and nobler aims. And the very idea of having you to care for under my roof would force me to moderate my expenses and live like a Christian - not to speak of all the prudence and virtue you would instil into my mind by your wise counsels and sweet, attractive goodness.'

'But it is not that,' said I; 'it is not money my aunt thinks about. She knows better than to value worldly wealth above its price.'

'What is it, then?'

'She wishes me to - to marry none but a really good man.'

'What, a man of "decided piety"? - ahem! - Well, come, I'll manage that too! It's Sunday today, isn't it? I'll go to church morning, afternoon, and evening, and comport myself in such a godly sort that she shall regard me with admiration and sisterly love, as a brand plucked from the burning. I'll come home sighing like a furnace, and full of the savour and unction of dear Mr. Blatant's discourse...'

'Mr. Leighton,' said I, dryly.

'Is Mr. Leighton a "sweet preacher," Helen - a "dear, delightful, heavenly-minded man"?''

'He is a good man, Mr. Huntingdon. I wish I could say half as much for you.'

'Oh, I forgot, you are a saint, too. I crave your pardon, dearest - but don't call me Mr. Huntingdon; my name is Arthur.'

'I'll call you nothing - for I'll have nothing at all to do with you if you talk in that way any more. If you really mean to deceive my aunt as you say, you are very wicked; and if not, you are very wrong to jest on such a subject.'

'I stand corrected,' said he, concluding his laugh with a sorrowful sigh. 'Now,' resumed he, after a momentary pause, 'let us talk about something else. And come nearer to me, Helen, and take my arm; and then I'll let you alone. I can't be quiet while I see you walking there.'

I complied; but said we must soon return to the house.

'No one will be down to breakfast yet, for long enough,' he answered. 'You spoke of your guardians just now, Helen, but is not your

father still living?’

‘Yes, but I always look upon my uncle and aunt as my guardians, for they are so in deed, though not in name. My father has entirely given me up to their care. I have never seen him since dear mamma died, when I was a very little girl, and my aunt, at her request, offered to take charge of me, and took me away to Staningley, where I have remained ever since; and I don’t think he would object to anything for me that she thought proper to sanction.’

‘But would he sanction anything to which she thought proper to object?’

‘No, I don’t think he cares enough about me.’

‘He is very much to blame - but he doesn’t know what an angel he has for his daughter - which is all the better for me, as, if he did, he would not be willing to part with such a treasure.’

‘And Mr. Huntingdon,’ said I, ‘I suppose you know I am not an heiress?’

He protested he had never given it a thought, and begged I would not disturb his present enjoyment by the mention of such uninteresting subjects. I was glad of this proof of disinterested affection; for Annabella Wilmot is the probable heiress to all her uncle’s wealth, in addition to her late father’s property, which she has already in possession.

I now insisted upon retracing our steps to the house; but we walked slowly, and went on talking as we proceeded. I need not repeat all we said: let me rather refer to what passed between my aunt and me, after breakfast, when Mr. Huntingdon called my uncle aside, no doubt to make his proposals, and she beckoned me into another room, where she once more commenced a solemn remonstrance, which, however, entirely failed to convince me that her view of the case was preferable to my own.

‘You judge him uncharitably, aunt, I know,’ said I. ‘His very friends are not half so bad as you represent them. There is Walter Hargrave, Milicent’s brother, for one: he is but a little lower than the angels, if half she says of him is true. She is continually talking to me about him, and lauding his many virtues to the skies.’

‘You will form a very inadequate estimate of a man’s character,’ replied she, ‘if you judge by what a fond sister says of him. The worst of them generally know how to hide their misdeeds from their sisters’ eyes, and their mother’s, too.’

‘And there is Lord Lowborough,’ continued I, ‘quite a decent man.’

‘Who told you so? Lord Lowborough is a desperate man. He has dissipated his fortune in gambling and other things, and is now seeking an heiress to retrieve it. I told Miss Wilmot so; but you’re all alike: she haughtily answered she was very much obliged to me, but she believed she knew when a man was seeking her for her fortune, and when for herself; she flattered herself she had had experience enough in those matters to be justified in trusting to her own judgment - and as for his lordship’s lack of fortune, she cared nothing about that, as she hoped her own would suffice for both; and as for his wildness, she supposed he was no worse than others - besides, he was reformed now. Yes, they can all play the hypocrite when they want to take in a fond, misguided woman!’

‘Well, I think he’s about as good as she is,’ said I. ‘But when Mr. Huntingdon is married, he won’t have many opportunities of consorting with his bachelor friends; - and the worse they are, the more I long to deliver him from them.’

‘To be sure, my dear; and the worse he is, I suppose, the more you long to deliver him from himself.’

‘Yes, provided he is not incorrigible - that is, the more I long to deliver him from his faults - to give him an opportunity of shaking off the adventitious evil got from contact with others worse than himself, and shining out in the unclouded light of his own genuine goodness - to do my utmost to help his better self against his worse, and make him what he would have been if he had not, from the beginning, had a bad, selfish, miserly father, who, to gratify his own sordid passions, restricted him in the most innocent enjoyments of childhood and youth, and so disgusted him with every kind of restraint; - and a foolish mother who indulged him to the top of his bent, deceiving her husband for him, and doing her utmost to encourage those germs of folly and vice it was her duty to suppress - and then, such a set of companions as you represent his friends to be...’

‘Poor man!’ said she, sarcastically, ‘his kind have greatly wronged him!’

‘They have!’ cried I - ‘and they shall wrong him no more - his wife shall undo what his mother did!’

‘Well,’ said she, after a short pause, ‘I must say, Helen, I thought better of your judgment than this - and your taste too. How you can love such a man I cannot tell, or what pleasure you can find in his company; for “what fellowship hath light with darkness; or he that believeth with an infidel?”’

‘He is not an infidel; - and I am not light, and he is not darkness; his worst and only vice is thoughtlessness.’

‘And thoughtlessness,’ pursued my aunt, ‘may lead to every crime, and will but poorly excuse our errors in the sight of God. Mr. Huntingdon, I suppose, is not without the common faculties of men: he is not so light-headed as to be irresponsible: his Maker has endowed him with reason and conscience as well as the rest of us; the Scriptures are open to him as well as to others; - and “if he hear not them, neither will he hear though one rose from the dead.” And remember, Helen,’ continued she, solemnly, “the wicked shall be turned into hell, and they that forget God!”’ And suppose, even, that he should continue to love you, and you him, and that you should pass through life together with tolerable comfort - how will it be in the end, when you see yourselves parted for ever; you, perhaps, taken into eternal bliss, and he cast into the lake that burneth with unquenchable fire - there for ever to...’

‘Not for ever,’ I exclaimed, “only till he has paid the uttermost farthing;” for “if any man’s work abide not the fire, he shall suffer loss, yet himself shall be saved, but so as by fire;” and He that “is able to subdue all things to Himself will have all men to be saved,” and “will, in the fulness of time, gather together in one all things in Christ Jesus, who tasted death for every man, and in whom God will reconcile all things to Himself, whether they be things in earth or things in heaven.”’

‘Oh, Helen! where did you learn all this?’

‘In the Bible, aunt. I have searched it through, and found nearly thirty passages, all tending to support the same theory.’

‘And is that the use you make of your Bible? And did you find no passages tending to prove the danger and the falsity of such a belief?’

‘No: I found, indeed, some passages that, taken by themselves, might seem to contradict that opinion; but they will all bear a different construction to that which is commonly given, and in most the only difficulty is in the word which we translate “everlasting” or “eternal.” I don’t know the Greek, but I believe it strictly means for ages, and might signify either endless or long-enduring. And as for the danger of the belief, I would not publish it abroad if I thought any poor wretch would be likely to presume upon it to his own destruction, but it is a glorious thought to cherish in one’s own heart, and I would not part with it for all the world can give!’

Here our conference ended, for it was now high time to prepare for church. Every one attended the morning service, except my uncle, who hardly ever goes, and Mr. Wilmot, who stayed at home with him to enjoy a quiet game of cribbage. In the afternoon Miss Wilmot and Lord Lowborough likewise excused themselves from attending; but Mr. Huntingdon vouchsafed to accompany us again. Whether it was to ingratiate himself with my aunt I cannot tell, but, if so, he certainly should have behaved better. I must confess, I did not like his conduct during service at all. Holding his prayer-book upside down, or open at any place but the right, he did nothing but stare about him, unless he happened to catch my aunt’s eye or mine, and then he would drop his own on his book, with a puritanical air of mock solemnity that would have been ludicrous, if it had not been too provoking. Once, during the sermon, after attentively regarding Mr. Leighton for a few minutes, he suddenly produced his gold pencil-case and snatched up a Bible. Perceiving that I observed the movement, he whispered that he was going to make a note of the sermon; but instead of that, as I sat next him, I could not help seeing that he was making a caricature of the preacher, giving to the respectable, pious, elderly gentleman, the air and aspect of a most absurd old hypocrite. And yet, upon his return, he talked to my aunt about the sermon with a degree of modest, serious discrimination that tempted me to believe he had really attended to and profited by the discourse.

Just before dinner my uncle called me into the library for the discussion of a very important matter, which was dismissed in few words.

‘Now, Nell,’ said he, ‘this young Huntingdon has been asking for you: what must I say about it? Your aunt would answer “no” – but what say you?’

‘I say yes, uncle,’ replied I, without a moment’s hesitation; for I had thoroughly made up my mind on the subject.

‘Very good!’ cried he. ‘Now that’s a good honest answer - wonderful for a girl! - Well, I’ll write to your father tomorrow. He’s sure to give his consent; so you may look on the matter as settled. You’d have done a deal better if you’d taken Wilmot, I can tell you; but that you won’t believe. At your time of life, it’s love that rules the roast: at mine, it’s solid, serviceable gold. I suppose now, you’d never dream of looking into the state of your husband’s finances, or troubling your head about settlements, or anything of that sort?’

‘I don’t think I should.’

‘Well, be thankful, then, that you’ve wiser heads to think for you. I haven’t had time, yet, to examine thoroughly into this young rascal’s affairs, but I see that a great part of his father’s fine property has been squandered away; - but still, I think, there’s a pretty fair share of it left, and a little careful nursing may make a handsome thing of it yet; and then we must persuade your father to give you a decent fortune, as he has only one besides yourself to care for; - and, if you behave well, who knows but what I may be induced to remember you in my will!’ continued he, putting his fingers to his nose, with a knowing wink.

‘Thanks, uncle, for that and all your kindness,’ replied I.

‘Well, and I questioned this young spark on the matter of settlements,’ continued he; ‘and he seemed disposed to be generous enough on that point...’

‘I knew he would!’ said I. ‘But pray don’t trouble your head – or his, or mine about that; for all I have will be his, and all he has will be mine; and what more could either of us require?’ And I was about to make my exit, but he called me back.

‘Stop, stop!’ cried he; ‘we haven’t mentioned the time yet. When must it be? Your aunt would put it off till the Lord knows when, but he is anxious to be bound as soon as may be: he won’t hear of waiting beyond next month; and you, I guess, will be of the same mind, so...’

‘Not at all, uncle; on the contrary, I should like to wait till after Christmas, at least.’

‘Oh! pooh, pooh! never tell me that tale - I know better,’ cried he; and he persisted in his incredulity. Nevertheless, it is quite true. I am in no hurry at all. How can I be, when I think of the momentous change that awaits me, and of all I have to leave? It is happiness enough to know that we are to be united; and that he really loves me, and I may love him as devotedly, and think of him as often as I please. However, I insisted upon consulting my aunt about the time of the wedding, for I determined her counsels should not be utterly disregarded; and no conclusions on that particular are come to yet.

CHAPTER XXI

October 1st .

All is settled now. My father has given his consent, and the time is fixed for Christmas, by a sort of compromise between the respective advocates for hurry and delay. Milicent Hargrave is to be one bridesmaid and Annabella Wilmot the other - not that I am particularly fond of the latter, but she is an intimate of the family, and I have not another friend.

When I told Milicent of my engagement, she rather provoked me by her manner of talking it. After staring a moment in mute surprise, she said - 'Well, Helen, I suppose I ought to congratulate you - and I am glad to see you so happy; but I did not think you would take him; and I can't help feeling surprised that you should like him so much.'

'Why so?'

'Because you are so superior to him in every way, and there's something so bold and reckless about him - so, I don't know how - but I always feel a wish to get out of his way when I see him approach.'

'You are timid, Milicent; but that's no fault of his.'

'And then his look,' continued she. 'People say he's handsome, and of course he is; but I don't like that kind of beauty, and I wonder that you should.'

'Why so, pray?'

'Well, you know, I think there's nothing noble or lofty in his appearance.'

'In fact, you wonder that I can like any one so unlike the stilted heroes of romance. Well, give me my flesh and blood lover, and I'll leave all the Sir Herberts and Valentines to you - if you can find them.'

'I don't want them,' said she. 'I'll be satisfied with flesh and blood too - only the spirit must shine through and predominate. But don't you think Mr. Huntingdon's face is too red?'

'No!' cried I, indignantly. 'It is not red at all. There is just a pleasant glow, a healthy freshness in his complexion - the warm, pinky tint of the whole harmonising with the deeper colour of the cheeks, exactly as it

ought to do. I hate a man to be red and white, like a painted doll, or all sickly white, or smoky black, or cadaverous yellow.'

'Well, tastes differ - but I like pale or dark,' replied she. 'But, to tell you the truth, Helen, I had been deluding myself with the hope that you would one day be my sister. I expected Walter would be introduced to you next season; and I thought you would like him, and was certain he would like you; and I flattered myself I should thus have the felicity of seeing the two persons I like best in the world - except mamma - united in one. He mayn't be exactly what you would call handsome, but he's far more distinguished-looking, and nicer and better than Mr. Huntingdon; - and I'm sure you would say so, if you knew him.'

'Impossible, Milicent! You think so, because you're his sister; and, on that account, I'll forgive you; but nobody else should so disparage Arthur Huntingdon to me with impunity.'

Miss Wilmot expressed her feelings on the subject almost as openly.

'And so, Helen,' said she, coming up to me with a smile of no amiable import, 'you are to be Mrs. Huntingdon, I suppose?'

'Yes,' replied I. 'Don't you envy me?'

'Oh, dear, no!' she exclaimed. 'I shall probably be Lady Lowborough some day, and then you know, dear, I shall be in a capacity to inquire, "Don't you envy me?"'

'Henceforth I shall envy no one,' returned I.

'Indeed! Are you so happy then?' said she, thoughtfully; and something very like a cloud of disappointment shadowed her face. 'And does he love you - I mean, does he idolise you as much as you do him?' she added, fixing her eyes upon me with ill-disguised anxiety for the reply.

'I don't want to be idolised,' I answered; 'but I am well assured that he loves me more than anybody else in the world - as I do him.'

'Exactly,' said she, with a nod. 'I wish - ' she paused.

'What do you wish?' asked I, annoyed at the vindictive expression of her countenance.

‘I wish,’ returned, she, with a short laugh, ‘that all the attractive points and desirable qualifications of the two gentlemen were united in one - that Lord Lowborough had Huntingdon’s handsome face and good temper, and all his wit, and mirth and charm, or else that Huntingdon had Lowborough’s pedigree, and title, and delightful old family seat, and I had him; and you might have the other and welcome.’

‘Thank you, dear Annabella: I am better satisfied with things as they are, for my own part; and for you, I wish you were as well content with your intended as I am with mine,’ said I; and it was true enough; for, though vexed at first at her unamiable spirit, her frankness touched me, and the contrast between our situations was such, that I could well afford to pity her and wish her well.

Mr. Huntingdon’s acquaintances appear to be no better pleased with our approaching union than mine. This morning’s post brought him letters from several of his friends, during the perusal of which, at the breakfast-table, he excited the attention of the company by the singular variety of his grimaces. But he crushed them all into his pocket, with a private laugh, and said nothing till the meal was concluded. Then, while the company were hanging over the fire or loitering through the room, previous to settling to their various morning avocations, he came and leant over the back of my chair, with his face in contact with my curls, and commencing with a quiet little kiss, poured forth the following complaints into my ear:

‘Helen, you witch, do you know that you’ve entailed upon me the curses of all my friends? I wrote to them the other day, to tell them of my happy prospects, and now, instead of a bundle of congratulations, I’ve got a pocketful of bitter execrations and reproaches. There’s not one kind wish for me, or one good word for you, among them all. They say there’ll be no more fun now, no more merry days and glorious nights - and all my fault - I am the first to break up the jovial band, and others, in pure despair, will follow my example. I was the very life and prop of the community, they do me the honour to say, and I have shamefully betrayed my trust...’

‘You may join them again, if you like,’ said I, somewhat piqued at the sorrowful tone of his discourse. ‘I should be sorry to stand between any

man - or body of men, and so much happiness; and perhaps I can manage to do without you, as well as your poor deserted friends.'

'Bless you, no,' murmured he. 'It's "all for love or the world well lost," with me. Let them go to - where they belong, to speak politely. But if you saw how they abuse me, Helen, you would love me all the more for having ventured so much for your sake.'

He pulled out his crumpled letters. I thought he was going to show them to me, and told him I did not wish to see them.

'I'm not going to show them to you, love,' said he. 'They're hardly fit for a lady's eyes - the most part of them. But look here. This is Grimsby's scrawl - only three lines, the sulky dog! He doesn't say much, to be sure, but his very silence implies more than all the others' words, and the less he says, the more he thinks - and this is Hargrave's missive. He is particularly grieved at me, because, forsooth he had fallen in love with you from his sister's reports, and meant to have married you himself, as soon as he had sown his wild oats.'

'I'm vastly obliged to him,' observed I.

'And so am I,' said he. 'And look at this. This is Hattersley's - every page stuffed full of railing accusations, bitter curses, and lamentable complaints, ending up with swearing that he'll get married himself in revenge: he'll throw himself away on the first old maid that chooses to set her cap at him - as if I cared what he did with himself.'

'Well,' said I, 'if you do give up your intimacy with these men, I don't think you will have much cause to regret the loss of their society; for it's my belief they never did you much good.'

'Maybe not; but we'd a merry time of it, too, though mingled with sorrow and pain, as Lowborough knows to his cost - Ha, ha!' and while he was laughing at the recollection of Lowborough's troubles, my uncle came and slapped him on the shoulder.

'Come, my lad!' said he. 'Are you too busy making love to my niece to make war with the pheasants? - First of October, remember! Sun shines out - rain ceased - even Boarham's not afraid to venture in his waterproof boots; and Wilmot and I are going to beat you all. I declare, we old 'uns are the keenest sportsmen of the lot!'

‘I’ll show you what I can do today, however,’ said my companion. ‘I’ll murder your birds by wholesale, just for keeping me away from better company than either you or them.’

And so saying he departed; and I saw no more of him till dinner. It seemed a weary time; I wonder what I shall do without him.

It is very true that the three elder gentlemen have proved themselves much keener sportsmen than the two younger ones; for both Lord Lowborough and Arthur Huntingdon have of late almost daily neglected the shooting excursions to accompany us in our various rides and rambles. But these merry times are fast drawing to a close. In less than a fortnight the party break up, much to my sorrow, for every day I enjoy it more and more - now that Messrs. Boarham and Wilmot have ceased to tease me, and my aunt has ceased to lecture me, and I have ceased to be jealous of Annabella - and even to dislike her - and now that Mr. Huntingdon is become my Arthur, and I may enjoy his society without restraint. What shall I do without him, I repeat?

CHAPTER XXII

October 5th.

My cup of sweets is not unmingled: it is dashed with a bitterness that I cannot hide from myself, disguise it as I will. I may try to persuade myself that the sweetness overpowers it; I may call it a pleasant aromatic flavour; but say what I will, it is still there, and I cannot but taste it. I cannot shut my eyes to Arthur's faults; and the more I love him the more they trouble me. His very heart, that I trusted so, is, I fear, less warm and generous than I thought it. At least, he gave me a specimen of his character today that seemed to merit a harder name than thoughtlessness. He and Lord Lowborough were accompanying Annabella and me in a long, delightful ride; he was riding by my side, as usual, and Annabella and Lord Lowborough were a little before us, the latter bending towards his companion as if in tender and confidential discourse.

'Those two will get the start of us, Helen, if we don't look sharp,' observed Huntingdon. 'They'll make a match of it, as sure as can be. That Lowborough's fairly besotted. But he'll find himself in a fix when he's got her, I doubt.'

'And she'll find herself in a fix when she's got him,' said I, 'if what I've heard of him is true.'

'Not a bit of it. She knows what she's about; but he, poor fool, deludes himself with the notion that she'll make him a good wife, and because she has amused him with some rodomontade about despising rank and wealth in matters of love and marriage, he flatters himself that she's devotedly attached to him; that she will not refuse him for his poverty, and does not court him for his rank, but loves him for himself alone.'

'But is not he courting her for her fortune?'

'No, not he. That was the first attraction, certainly; but now he has quite lost sight of it: it never enters his calculations, except merely as an essential without which, for the lady's own sake, he could not think of marrying her. No; he's fairly in love. He thought he never could be again, but he's in for it once more. He was to have been married before, some two or three years ago; but he lost his bride by losing his fortune. He got into a

bad way among us in London: he had an unfortunate taste for gambling; and surely the fellow was born under an unlucky star, for he always lost thrice where he gained once. That's a mode of self-torment I never was much addicted to. When I spend my money I like to enjoy the full value of it: I see no fun in wasting it on thieves and blacklegs; and as for gaining money, hitherto I have always had sufficient; it's time enough to be clutching for more, I think, when you begin to see the end of what you have. But I have sometimes frequented the gaming-houses just to watch the on-goings of those mad votaries of chance - a very interesting study, I assure you, Helen, and sometimes very diverting: I've had many a laugh at the boobies and bedlamites. Lowborough was quite infatuated - not willingly, but of necessity - he was always resolving to give it up, and always breaking his resolutions. Every venture was the 'just once more:' if he gained a little, he hoped to gain a little more next time, and if he lost, it would not do to leave off at that juncture; he must go on till he had retrieved that last misfortune, at least: bad luck could not last for ever; and every lucky hit was looked upon as the dawn of better times, till experience proved the contrary. At length he grew desperate, and we were daily on the look-out for a case of *felo-de-se* - no great matter, some of us whispered, as his existence had ceased to be an acquisition to our club. At last, however, he came to a check. He made a large stake, which he determined should be the last, whether he lost or won. He had often so determined before, to be sure, and as often broken his determination; and so it was this time. He lost; and while his antagonist smilingly swept away the stakes, he turned chalky white, drew back in silence, and wiped his forehead. I was present at the time; and while he stood with folded arms and eyes fixed on the ground, I knew well enough what was passing in his mind.

"Is it to be the last, Lowborough?" said I, stepping up to him.

"The last but one," he answered, with a grim smile; and then, rushing back to the table, he struck his hand upon it, and, raising his voice high above all the confusion of jingling coins and muttered oaths and curses in the room, he swore a deep and solemn oath that, come what would, this trial should be the last, and imprecated unspeakable curses on his head if ever he should shuffle a card or rattle a dice-box again. He then doubled his former stake, and challenged any one present to play against him. Grimsby

instantly presented himself. Lowborough glared fiercely at him, for Grimsby was almost as celebrated for his luck as he was for his ill-fortune. However, they fell to work. But Grimsby had much skill and little scruple, and whether he took advantage of the other's trembling, blinded eagerness to deal unfairly by him, I cannot undertake to say; but Lowborough lost again, and fell dead sick.

"You'd better try once more," said Grimsby, leaning across the table. And then he winked at me.

"I've nothing to try with," said the poor devil, with a ghastly smile.

"Oh, Huntingdon will lend you what you want," said the other.

"No; you heard my oath," answered Lowborough, turning away in quiet despair. And I took him by the arm and led him out.

"Is it to be the last, Lowborough?" I asked, when I got him into the street.

"The last," he answered, somewhat against my expectation. And I took him home - that is, to our club - for he was as submissive as a child - and plied him with brandy-and-water till he began to look rather brighter - rather more alive, at least.

"Huntingdon, I'm ruined!" said he, taking the third glass from my hand - he had drunk the others in dead silence.

"Not you," said I. "You'll find a man can live without his money as merrily as a tortoise without its head, or a wasp without its body.

"But I'm in debt," said he - "deep in debt. And I can never, never get out of it."

"Well, what of that? Many a better man than you has lived and died in debt; and they can't put you in prison, you know, because you're a peer." And I handed him his fourth tumbler.

"But I hate to be in debt!" he shouted. "I wasn't born for it, and I cannot bear it."

"What can't be cured must be endured," said I, beginning to mix the fifth.

“And then, I’ve lost my Caroline.” And he began to snivel then, for the brandy had softened his heart.

“No matter,” I answered, “there are more Carolines in the world than one.”

“There’s only one for me,” he replied, with a dolorous sigh. “And if there were fifty more, who’s to get them, I wonder, without money?”

“Oh, somebody will take you for your title; and then you’ve your family estate yet; that’s entailed, you know.”

“I wish to God I could sell it to pay my debts,” he muttered.

“And then,” said Grimsby, who had just come in, “you can try again, you know. I would have more than one chance, if I were you. I’d never stop here.”

“I won’t, I tell you!” shouted he. And he started up, and left the room - walking rather unsteadily, for the liquor had got into his head. He was not so much used to it then, but after that he took to it kindly to solace his cares.

‘He kept his oath about gambling (not a little to the surprise of us all), though Grimsby did his utmost to tempt him to break it, but now he had got hold of another habit that bothered him nearly as much, for he soon discovered that the demon of drink was as black as the demon of play, and nearly as hard to get rid of - especially as his kind friends did all they could to second the promptings of his own insatiable cravings.’

‘Then, they were demons themselves,’ cried I, unable to contain my indignation. ‘And you, Mr. Huntingdon, it seems, were the first to tempt him.’

‘Well, what could we do?’ replied he, deprecatingly. - ‘We meant it in kindness - we couldn’t bear to see the poor fellow so miserable:- and besides, he was such a damper upon us, sitting there silent and glum, when he was under the threefold influence - of the loss of his sweetheart, the loss of his fortune, and the reaction of the lost night’s debauch; whereas, when he had something in him, if he was not merry himself, he was an unfailing source of merriment to us. Even Grimsby could chuckle over his odd sayings: they delighted him far more than my merry jests, or Hattersley’s

riotous mirth. But one evening, when we were sitting over our wine, after one of our club dinners, and all had been hearty together - Lowborough giving us mad toasts, and hearing our wild songs, and bearing a hand in the applause, if he did not help us to sing them himself - he suddenly relapsed into silence, sinking his head on his hand, and never lifting his glass to his lips; - but this was nothing new, so we let him alone, and went on with our jollification, till, suddenly raising his head, he interrupted us in the middle of a roar of laughter by exclaiming - 'Gentlemen, where is all this to end? - Will you just tell me that now? - Where is it all to end?' He rose.

"A speech, a speech!" shouted we. "Hear, hear! Lowborough's going to give us a speech!"

'He waited calmly till the thunders of applause and jingling of glasses had ceased, and then proceeded - "It's only this, gentlemen - that I think we'd better go no further. We'd better stop while we can."

"Just so!" cried Hattersley -

"Stop, poor sinner, stop and think Before you further go, No longer sport upon the brink Of everlasting woe."

"Exactly!" replied his lordship, with the utmost gravity. "And if you choose to visit the bottomless pit, I won't go with you - we must part company, for I swear I'll not move another step towards it! - What's this?" he said, taking up his glass of wine.

"Taste it," suggested I.

"This is hell broth!" he exclaimed. "I renounce it for ever!" And he threw it out into the middle of the table.

"Fill again!" said I, handing him the bottle - "and let us drink to your renunciation."

"It's rank poison," said he, grasping the bottle by the neck, "and I forswear it! I've given up gambling, and I'll give up this too." He was on the point of deliberately pouring the whole contents of the bottle on to the table, but Hargrave wrested it from him. "On you be the curse, then!" said he. And, backing from the room, he shouted, "Farewell, ye tempters!" and vanished amid shouts of laughter and applause.

‘We expected him back among us the next day; but, to our surprise, the place remained vacant: we saw nothing of him for a whole week; and we really began to think he was going to keep his word. At last, one evening, when we were most of us assembled together again, he entered, silent and grim as a ghost, and would have quietly slipped into his usual seat at my elbow, but we all rose to welcome him, and several voices were raised to ask what he would have, and several hands were busy with bottle and glass to serve him; but I knew a smoking tumbler of brandy-and-water would comfort him best, and had nearly prepared it, when he peevishly pushed it away, saying:

“Do let me alone, Huntingdon! Do be quiet, all of you! I’m not come to join you: I’m only come to be with you awhile, because I can’t bear my own thoughts.” And he folded his arms, and leant back in his chair; so we let him be. But I left the glass by him; and, after awhile, Grimsby directed my attention towards it, by a significant wink; and, on turning my head, I saw it was drained to the bottom. He made me a sign to replenish, and quietly pushed up the bottle. I willingly complied; but Lowborough detected the pantomime, and, nettled at the intelligent grins that were passing between us, snatched the glass from my hand, dashed the contents of it in Grimsby’s face, threw the empty tumbler at me, and then bolted from the room.’

‘I hope he broke your head,’ said I.

‘No, love,’ replied he, laughing immoderately at the recollection of the whole affair; ‘he would have done so - and perhaps, spoilt my face, too, but, providentially, this forest of curls’ (taking off his hat, and showing his luxuriant chestnut locks) ‘saved my skull, and prevented the glass from breaking, till it reached the table.’

‘After that,’ he continued, ‘Lowborough kept aloof from us a week or two longer. I used to meet him occasionally in the town; and then, as I was too good-natured to resent his unmannerly conduct, and he bore no malice against me - he was never unwilling to talk to me; on the contrary, he would cling to me, and follow me anywhere but to the club, and the gaming-houses, and such-like dangerous places of resort - he was so weary of his own moping, melancholy mind. At last, I got him to come in with me

to the club, on condition that I would not tempt him to drink; and, for some time, he continued to look in upon us pretty regularly of an evening - still abstaining, with wonderful perseverance, from the "rank poison" he had so bravely forsworn. But some of our members protested against this conduct. They did not like to have him sitting there like a skeleton at a feast, instead of contributing his quota to the general amusement, casting a cloud over all, and watching, with greedy eyes, every drop they carried to their lips - they vowed it was not fair; and some of them maintained that he should either be compelled to do as others did, or expelled from the society; and swore that, next time he showed himself, they would tell him as much, and, if he did not take the warning, proceed to active measures. However, I befriended him on this occasion, and recommended them to let him be for a while, intimating that, with a little patience on our parts, he would soon come round again. But, to be sure, it was rather provoking; for, though he refused to drink like an honest Christian, it was well known to me that he kept a private bottle of laudanum about him, which he was continually soaking at - or rather, holding off and on with, abstaining one day and exceeding the next - just like the spirits.

'One night, however, during one of our orgies - one of our high festivals, I mean - he glided in, like the ghost in "Macbeth," and seated himself, as usual, a little back from the table, in the chair we always placed for "the spectre," whether it chose to fill it or not. I saw by his face that he was suffering from the effects of an overdose of his insidious comforter; but nobody spoke to him, and he spoke to nobody. A few sidelong glances, and a whispered observation, that "the ghost was come," was all the notice he drew by his appearance, and we went on with our merry carousals as before, till he startled us all by suddenly drawing in his chair, and leaning forward with his elbows on the table, and exclaiming with portentous solemnity - "Well! it puzzles me what you can find to be so merry about. What you see in life I don't know - I see only the blackness of darkness, and a fearful looking for of judgment and fiery indignation!"

'All the company simultaneously pushed up their glasses to him, and I set them before him in a semicircle, and, tenderly patting him on the back, bid him drink, and he would soon see as bright a prospect as any of us; but he pushed them back, muttering:

“Take them away! I won’t taste it, I tell you. I won’t – I won’t!” So I handed them down again to the owners; but I saw that he followed them with a glare of hungry regret as they departed. Then he clasped his hands before his eyes to shut out the sight, and two minutes after lifted his head again, and said, in a hoarse but vehement whisper -

“And yet I must! Huntingdon, get me a glass!”

“Take the bottle, man!” said I, thrusting the brandy-bottle into his hand - but stop, I’m telling too much,’ muttered the narrator, startled at the look I turned upon him. ‘But no matter,’ he recklessly added, and thus continued his relation: ‘In his desperate eagerness, he seized the bottle and sucked away, till he suddenly dropped from his chair, disappearing under the table amid a tempest of applause. The consequence of this imprudence was something like an apoplectic fit, followed by a rather severe brain fever...’

‘And what did you think of yourself, sir?’ said I, quickly.

‘Of course, I was very penitent,’ he replied. ‘I went to see him once or twice - nay, twice or thrice - or by’r lady, some four times - and when he got better, I tenderly brought him back to the fold.’

‘What do you mean?’

‘I mean, I restored him to the bosom of the club, and compassionating the feebleness of his health and extreme lowness of his spirits, I recommended him to “take a little wine for his stomach’s sake,” and, when he was sufficiently re-established, to embrace the media-via, ni-jamais-ni-toujours plan - not to kill himself like a fool, and not to abstain like a ninny - in a word, to enjoy himself like a rational creature, and do as I did; for, don’t think, Helen, that I’m a tippler; I’m nothing at all of the kind, and never was, and never shall be. I value my comfort far too much. I see that a man cannot give himself up to drinking without being miserable one-half his days and mad the other; besides, I like to enjoy my life at all sides and ends, which cannot be done by one that suffers himself to be the slave of a single propensity - and, moreover, drinking spoils one’s good looks,’ he concluded, with a most conceited smile that ought to have provoked me more than it did.

‘And did Lord Lowborough profit by your advice?’ I asked.

‘Why, yes, in a manner. For a while he managed very well; indeed, he was a model of moderation and prudence - something too much so for the tastes of our wild community; but, somehow, Lowborough had not the gift of moderation: if he stumbled a little to one side, he must go down before he could right himself: if he overshot the mark one night, the effects of it rendered him so miserable the next day that he must repeat the offence to mend it; and so on from day to day, till his clamorous conscience brought him to a stand. And then, in his sober moments, he so bothered his friends with his remorse, and his terrors and woes, that they were obliged, in self-defence, to get him to drown his sorrows in wine, or any more potent beverage that came to hand; and when his first scruples of conscience were overcome, he would need no more persuading, he would often grow desperate, and be as great a blackguard as any of them could desire - but only to lament his own unutterable wickedness and degradation the more when the fit was over.

‘At last, one day when he and I were alone together, after pondering awhile in one of his gloomy, abstracted moods, with his arms folded and his head sunk on his breast, he suddenly woke up, and vehemently grasping my arm, said:

“Huntingdon, this won’t do! I’m resolved to have done with it.”

“What, are you going to shoot yourself?” said I.

“No; I’m going to reform.”

“Oh, that’s nothing new! You’ve been going to reform these twelve months and more.”

“Yes, but you wouldn’t let me; and I was such a fool I couldn’t live without you. But now I see what it is that keeps me back, and what’s wanted to save me; and I’d compass sea and land to get it - only I’m afraid there’s no chance.” And he sighed as if his heart would break.

“What is it, Lowborough?” said I, thinking he was fairly cracked at last.

“A wife,” he answered; “for I can’t live alone, because my own mind distracts me, and I can’t live with you, because you take the devil’s part against me.”

“Who...I?”

“Yes - all of you do - and you more than any of them, you know. But if I could get a wife, with fortune enough to pay off my debts and set me straight in the world - “

“To be sure,” said I.

“And sweetness and goodness enough,” he continued, “to make home tolerable, and to reconcile me to myself, I think I should do yet. I shall never be in love again, that’s certain; but perhaps that would be no great matter, it would enable me to choose with my eyes open - and I should make a good husband in spite of it; but could any one be in love with me? - that’s the question. With your good looks and powers of fascination” (he was pleased to say), “I might hope; but as it is, Huntingdon, do you think anybody would take me - ruined and wretched as I am?”

“Yes, certainly.”

“Who?”

“Why, any neglected old maid, fast sinking in despair, would be delighted to...”

“No, no,” said he - “it must be somebody that I can love.”

“Why, you just said you never could be in love again!”

“Well, love is not the word - but somebody that I can like. I’ll search all England through, at all events!” he cried, with a sudden burst of hope, or desperation. “Succeed or fail, it will be better than rushing headlong to destruction at that d-d club: so farewell to it and you. Whenever I meet you on honest ground or under a Christian roof, I shall be glad to see you; but never more shall you entice me to that devil’s den!”

‘This was shameful language, but I shook hands with him, and we parted. He kept his word; and from that time forward he has been a pattern of propriety, as far as I can tell; but till lately I have not had very much to do with him. He occasionally sought my company, but as frequently shrunk from it, fearing lest I should wile him back to destruction, and I found his not very entertaining, especially as he sometimes attempted to awaken my conscience and draw me from the perdition he considered himself to have escaped; but when I did happen to meet him, I seldom failed to ask after the

progress of his matrimonial efforts and researches, and, in general, he could give me but a poor account. The mothers were repelled by his empty coffers and his reputation for gambling, and the daughters by his cloudy brow and melancholy temper - besides, he didn't understand them; he wanted the spirit and assurance to carry his point.

'I left him at it when I went to the continent; and on my return, at the year's end, I found him still a disconsolate bachelor - though, certainly, looking somewhat less like an unblest exile from the tomb than before. The young ladies had ceased to be afraid of him, and were beginning to think him quite interesting; but the mammas were still unrelenting. It was about this time, Helen, that my good angel brought me into conjunction with you; and then I had eyes and ears for nobody else. But, meantime, Lowborough became acquainted with our charming friend, Miss Wilmot - through the intervention of his good angel, no doubt he would tell you, though he did not dare to fix his hopes on one so courted and admired, till after they were brought into closer contact here at Staningley, and she, in the absence of her other admirers, indubitably courted his notice and held out every encouragement to his timid advances. Then, indeed, he began to hope for a dawn of brighter days; and if, for a while, I darkened his prospects by standing between him and his sun - and so nearly plunged him again into the abyss of despair - it only intensified his ardour and strengthened his hopes when I chose to abandon the field in the pursuit of a brighter treasure. In a word, as I told you, he is fairly besotted. At first, he could dimly perceive her faults, and they gave him considerable uneasiness; but now his passion and her art together have blinded him to everything but her perfections and his amazing good fortune. Last night he came to me brimful of his new-found felicity:

"Huntingdon, I am not a castaway!" said he, seizing my hand and squeezing it like a vice. "There is happiness in store for me yet - even in this life - she loves me!"

"Indeed!" said I. "Has she told you so?"

"No, but I can no longer doubt it. Do you not see how pointedly kind and affectionate she is? And she knows the utmost extent of my poverty, and cares nothing about it! She knows all the folly and all the

wickedness of my former life, and is not afraid to trust me - and my rank and title are no allurements to her; for them she utterly disregards. She is the most generous, high-minded being that can be conceived of. She will save me, body and soul, from destruction. Already, she has ennobled me in my own estimation, and made me three times better, wiser, greater than I was. Oh! if I had but known her before, how much degradation and misery I should have been spared! But what have I done to deserve so magnificent a creature?"

'And the cream of the jest,' continued Mr. Huntingdon, laughing, 'is, that the artful minx loves nothing about him but his title and pedigree, and "that delightful old family seat."' "

'How do you know?' said I.

'She told me so herself; she said, "As for the man himself, I thoroughly despise him; but then, I suppose, it is time to be making my choice, and if I waited for some one capable of eliciting my esteem and affection, I should have to pass my life in single blessedness, for I detest you all!" Ha, ha! I suspect she was wrong there; but, however, it is evident she has no love for him, poor fellow.'

'Then you ought to tell him so.'

'What! and spoil all her plans and prospects, poor girl? No, no: that would be a breach of confidence, wouldn't it, Helen? Ha, ha! Besides, it would break his heart.' And he laughed again.

'Well, Mr. Huntingdon, I don't know what you see so amazingly diverting in the matter; I see nothing to laugh at.'

'I'm laughing at you, just now, love,' said he, redoubling his machinations.

And leaving him to enjoy his merriment alone, I touched Ruby with the whip, and cantered on to rejoin our companions; for we had been walking our horses all this time, and were consequently a long way behind. Arthur was soon at my side again; but not disposed to talk to him, I broke into a gallop. He did the same; and we did not slacken our pace till we came up with Miss Wilmot and Lord Lowborough, which was within half a mile of the park-gates. I avoided all further conversation with him till we came to the end of our ride, when I meant to jump off my horse and vanish into

the house, before he could offer his assistance; but while I was disengaging my habit from the crutch, he lifted me off, and held me by both hands, asserting that he would not let me go till I had forgiven him.

‘I have nothing to forgive,’ said I. ‘You have not injured me.’

‘No, darling - God forbid that I should! but you are angry because it was to me that Annabella confessed her lack of esteem for her lover.’

‘No, Arthur, it is not that that displeases me: it is the whole system of your conduct towards your friend, and if you wish me to forget it, go now, and tell him what sort of a woman it is that he adores so madly, and on whom he has hung his hopes of future happiness.’

‘I tell you, Helen, it would break his heart - it would be the death of him - besides being a scandalous trick to poor Annabella. There is no help for him now; he is past praying for. Besides, she may keep up the deception to the end of the chapter; and then he will be just as happy in the illusion as if it were reality; or perhaps he will only discover his mistake when he has ceased to love her; and if not, it is much better that the truth should dawn gradually upon him. So now, my angel, I hope I have made out a clear case, and fully convinced you that I cannot make the atonement you require. What other requisition have you to make? Speak, and I will gladly obey.’

‘I have none but this,’ said I, as gravely as before: ‘that, in future, you will never make a jest of the sufferings of others, and always use your influence with your friends for their own advantage against their evil propensities, instead of seconding their evil propensities against themselves.’

‘I will do my utmost,’ said he, ‘to remember and perform the injunctions of my angel monitress;’ and after kissing both my gloved hands, he let me go.

When I entered my room, I was surprised to see Annabella Wilmot standing before my toilet-table, composedly surveying her features in the glass, with one hand flirting her gold-mounted whip, and the other holding up her long habit.

‘She certainly is a magnificent creature!’ thought I, as I beheld that tall, finely developed figure, and the reflection of the handsome face in the mirror before me, with the glossy dark hair, slightly and not ungracefully

disordered by the breezy ride, the rich brown complexion glowing with exercise, and the black eyes sparkling with unwonted brilliance. On perceiving me, she turned round, exclaiming, with a laugh that savoured more of malice than of mirth - 'Why, Helen! what have you been doing so long? I came to tell you my good fortune,' she continued, regardless of Rachel's presence. 'Lord Lowborough has proposed, and I have been graciously pleased to accept him. Don't you envy me, dear?'

'No, love,' said I - 'or him either,' I mentally added. 'And do you like him, Annabella?'

'Like him! yes, to be sure - over head and ears in love!'

'Well, I hope you'll make him a good wife.'

'Thank you, my dear! And what besides do you hope?'

'I hope you will both love each other, and both be happy.'

'Thanks; and I hope you will make a very good wife to Mr. Huntingdon!' said she, with a queenly bow, and retired.

'Oh, Miss! how could you say so to her!' cried Rachel.

'Say what?' replied I.

'Why, that you hoped she would make him a good wife. I never heard such a thing!'

'Because I do hope it, or rather, I wish it; she's almost past hope.'

'Well,' said she, 'I'm sure I hope he'll make her a good husband. They tell queer things about him downstairs. They were saying...'

'I know, Rachel. I've heard all about him; but he's reformed now. And they have no business to tell tales about their masters.'

'No, mum - or else, they have said some things about Mr. Huntingdon too.'

'I won't hear them, Rachel; they tell lies.'

'Yes, mum,' said she, quietly, as she went on arranging my hair.

'Do you believe them, Rachel?' I asked, after a short pause.

'No, Miss, not all. You know when a lot of servants gets together they like to talk about their betters; and some, for a bit of swagger, likes to

make it appear as though they knew more than they do, and to throw out hints and things just to astonish the others. But I think, if I was you, Miss Helen, I'd look very well before I leaped. I do believe a young lady can't be too careful who she marries.'

'Of course not,' said I; 'but be quick, will you, Rachel? I want to be dressed.'

And, indeed, I was anxious to be rid of the good woman, for I was in such a melancholy frame I could hardly keep the tears out of my eyes while she dressed me. It was not for Lord Lowborough - it was not for Annabella - it was not for myself - it was for Arthur Huntingdon that they rose.

* * * * *

13th .

They are gone, and he is gone. We are to be parted for more than two months, above ten weeks! a long, long time to live and not to see him. But he has promised to write often, and made me promise to write still oftener, because he will be busy settling his affairs, and I shall have nothing better to do. Well, I think I shall always have plenty to say. But oh! for the time when we shall be always together, and can exchange our thoughts without the intervention of these cold go-betweens, pen, ink, and paper!

22nd .

I have had several letters from Arthur already. They are not long, but passing sweet, and just like himself, full of ardent affection, and playful lively humour; but there is always a 'but' in this imperfect world, and I do wish he would sometimes be serious. I cannot get him to write or speak in real, solid earnest. I don't much mind it now, but if it be always so, what shall I do with the serious part of myself?

CHAPTER XXIII

Feb. 18th, 1822.

Early this morning Arthur mounted his hunter and set off in high glee to meet the - hounds. He will be away all day, and so I will amuse myself with my neglected diary, if I can give that name to such an irregular composition. It is exactly four months since I opened it last.

I am married now, and settled down as Mrs. Huntingdon of Grassdale Manor. I have had eight weeks' experience of matrimony. And do I regret the step I have taken? No, though I must confess, in my secret heart, that Arthur is not what I thought him at first, and if I had known him in the beginning as thoroughly as I do now, I probably never should have loved him, and if I loved him first, and then made the discovery, I fear I should have thought it my duty not to have married him. To be sure I might have known him, for every one was willing enough to tell me about him, and he himself was no accomplished hypocrite, but I was wilfully blind; and now, instead of regretting that I did not discern his full character before I was indissolubly bound to him, I am glad, for it has saved me a great deal of battling with my conscience, and a great deal of consequent trouble and pain; and, whatever I ought to have done, my duty now is plainly to love him and to cleave to him, and this just tallies with my inclination.

He is very fond of me, almost too fond. I could do with less caressing and more rationality. I should like to be less of a pet and more of a friend, if I might choose; but I won't complain of that: I am only afraid his affection loses in depth where it gains in ardour. I sometimes liken it to a fire of dry twigs and branches compared with one of solid coal, very bright and hot; but if it should burn itself out and leave nothing but ashes behind, what shall I do? But it won't, it sha'n't, I am determined; and surely I have power to keep it alive. So let me dismiss that thought at once. But Arthur is selfish; I am constrained to acknowledge that; and, indeed, the admission gives me less pain than might be expected, for, since I love him so much, I can easily forgive him for loving himself: he likes to be pleased, and it is my delight to please him; and when I regret this tendency of his, it is for his own sake, not for mine.

The first instance he gave was on the occasion of our bridal tour. He wanted to hurry it over, for all the continental scenes were already familiar to him: many had lost their interest in his eyes, and others had never had anything to lose. The consequence was, that after a flying transit through part of France and part of Italy, I came back nearly as ignorant as I went, having made no acquaintance with persons and manners, and very little with things, my head swarming with a motley confusion of objects and scenes; some, it is true, leaving a deeper and more pleasing impression than others, but these embittered by the recollection that my emotions had not been shared by my companion, but that, on the contrary, when I had expressed a particular interest in anything that I saw or desired to see, it had been displeasing to him, inasmuch as it proved that I could take delight in anything disconnected with himself.

As for Paris, we only just touched at that, and he would not give me time to see one-tenth of the beauties and interesting objects of Rome. He wanted to get me home, he said, to have me all to himself, and to see me safely installed as the mistress of Grassdale Manor, just as single-minded, as naive, and piquante as I was; and as if I had been some frail butterfly, he expressed himself fearful of rubbing the silver off my wings by bringing me into contact with society, especially that of Paris and Rome; and, moreover, he did not scruple to tell me that there were ladies in both places that would tear his eyes out if they happened to meet him with me.

Of course I was vexed at all this; but still it was less the disappointment to myself that annoyed me, than the disappointment in him, and the trouble I was at to frame excuses to my friends for having seen and observed so little, without imputing one particle of blame to my companion. But when we got home - to my new, delightful home - I was so happy and he was so kind that I freely forgave him all; and I was beginning to think my lot too happy, and my husband actually too good for me, if not too good for this world, when, on the second Sunday after our arrival, he shocked and horrified me by another instance of his unreasonable exaction. We were walking home from the morning service, for it was a fine frosty day, and as we are so near the church, I had requested the carriage should not be used.

‘Helen,’ said he, with unusual gravity, ‘I am not quite satisfied with you.’

I desired to know what was wrong.

‘But will you promise to reform if I tell you?’

‘Yes, if I can, and without offending a higher authority.’

‘Ah! there it is, you see: you don’t love me with all your heart.’

‘I don’t understand you, Arthur (at least I hope I don’t): pray tell me what I have done or said amiss.’

‘It is nothing you have done or said; it is something that you are - you are too religious. Now I like a woman to be religious, and I think your piety one of your greatest charms; but then, like all other good things, it may be carried too far. To my thinking, a woman’s religion ought not to lessen her devotion to her earthly lord. She should have enough to purify and etherealise her soul, but not enough to refine away her heart, and raise her above all human sympathies.’

‘And am I above all human sympathies?’ said I.

‘No, darling; but you are making more progress towards that saintly condition than I like; for all these two hours I have been thinking of you and wanting to catch your eye, and you were so absorbed in your devotions that you had not even a glance to spare for me - I declare it is enough to make one jealous of one’s Maker - which is very wrong, you know, so don’t excite such wicked passions again, for my soul’s sake.’

‘I will give my whole heart and soul to my Maker if I can,’ I answered, ‘and not one atom more of it to you than He allows. What are you, sir, that you should set yourself up as a god, and presume to dispute possession of my heart with Him to whom I owe all I have and all I am, every blessing I ever did or ever can enjoy - and yourself among the rest - if you are a blessing, which I am half inclined to doubt.’

‘Don’t be so hard upon me, Helen; and don’t pinch my arm so: you are squeezing your fingers into the bone.’

‘Arthur,’ continued I, relaxing my hold of his arm, ‘you don’t love me half as much as I do you; and yet, if you loved me far less than you do, I would not complain, provided you loved your Maker more. I should rejoice to see you at any time so deeply absorbed in your devotions that you had not a single thought to spare for me. But, indeed, I should lose nothing by

the change, for the more you loved your God the more deep and pure and true would be your love to me.'

At this he only laughed and kissed my hand, calling me a sweet enthusiast. Then taking off his hat, he added: 'But look here, Helen - what can a man do with such a head as this?'

The head looked right enough, but when he placed my hand on the top of it, it sunk in a bed of curls, rather alarmingly low, especially in the middle.

'You see I was not made to be a saint,' said he, laughing, 'If God meant me to be religious, why didn't He give me a proper organ of veneration?'

'You are like the servant,' I replied, 'who, instead of employing his one talent in his master's service, restored it to him unimproved, alleging, as an excuse, that he knew him "to be a hard man, reaping where he had not sown, and gathering where he had not strawed." Of him to whom less is given, less will be required, but our utmost exertions are required of us all. You are not without the capacity of veneration, and faith and hope, and conscience and reason, and every other requisite to a Christian's character, if you choose to employ them; but all our talents increase in the using, and every faculty, both good and bad, strengthens by exercise: therefore, if you choose to use the bad, or those which tend to evil, till they become your masters, and neglect the good till they dwindle away, you have only yourself to blame. But you have talents, Arthur - natural endowments both of heart and mind and temper, such as many a better Christian would be glad to possess, if you would only employ them in God's service. I should never expect to see you a devotee, but it is quite possible to be a good Christian without ceasing to be a happy, merry-hearted man.'

'You speak like an oracle, Helen, and all you say is indisputably true; but listen here: I am hungry, and I see before me a good substantial dinner; I am told that if I abstain from this today I shall have a sumptuous feast tomorrow, consisting of all manner of dainties and delicacies. Now, in the first place, I should be loth to wait till tomorrow when I have the means of appeasing my hunger already before me: in the second place, the solid viands of today are more to my taste than the dainties that are promised

me; in the third place, I don't see tomorrow's banquet, and how can I tell that it is not all a fable, got up by the greasy-faced fellow that is advising me to abstain in order that he may have all the good victuals to himself? in the fourth place, this table must be spread for somebody, and, as Solomon says, "Who can eat, or who else can hasten hereunto more than I?" and finally, with your leave, I'll sit down and satisfy my cravings of today, and leave tomorrow to shift for itself - who knows but what I may secure both this and that?

'But you are not required to abstain from the substantial dinner of today: you are only advised to partake of these coarser viands in such moderation as not to incapacitate you from enjoying the choicer banquet of tomorrow. If, regardless of that counsel, you choose to make a beast of yourself now, and over-eat and over-drink yourself till you turn the good victuals into poison, who is to blame if, hereafter, while you are suffering the torments of yesterday's gluttony and drunkenness, you see more temperate men sitting down to enjoy themselves at that splendid entertainment which you are unable to taste?'

'Most true, my patron saint; but again, our friend Solomon says, "There is nothing better for a man than to eat and to drink, and to be merry."'

'And again,' returned I, 'he says, "Rejoice, O young man, in thy youth; and walk in the ways of thine heart, and in the sight of thine eyes; but know thou, that for all these things God will bring thee into judgment."'

'Well, but, Helen, I'm sure I've been very good these last few weeks. What have you seen amiss in me, and what would you have me to do?'

'Nothing more than you do, Arthur: your actions are all right so far; but I would have your thoughts changed; I would have you to fortify yourself against temptation, and not to call evil good, and good evil; I should wish you to think more deeply, to look further, and aim higher than you do.'

CHAPTER XXIV

March 25th

Arthur is getting tired - not of me, I trust, but of the idle, quiet life he leads - and no wonder, for he has so few sources of amusement: he never reads anything but newspapers and sporting magazines; and when he sees me occupied with a book, he won't let me rest till I close it. In fine weather he generally manages to get through the time pretty well, but on rainy days, of which we have had a good many of late, it is quite painful to witness his ennui. I do all I can to amuse him, but it is impossible to get him to feel interested in what I most like to talk about, while, on the other hand, he likes to talk about things that cannot interest me - or even that annoy me - and these please him - the most of all: for his favourite amusement is to sit or loll beside me on the sofa, and tell me stories of his former amours, always turning upon the ruin of some confiding girl or the cozening of some unsuspecting husband; and when I express my horror and indignation, he lays it all to the charge of jealousy, and laughs till the tears run down his cheeks. I used to fly into passions or melt into tears at first, but seeing that his delight increased in proportion to my anger and agitation, I have since endeavoured to suppress my feelings and receive his revelations in the silence of calm contempt; but still he reads the inward struggle in my face, and misconstrues my bitterness of soul for his unworthiness into the pangs of wounded jealousy; and when he has sufficiently diverted himself with that, or fears my displeasure will become too serious for his comfort, he tries to kiss and soothe me into smiles again - never were his caresses so little welcome as then! This is double selfishness displayed to me and to the victims of his former love. There are times when, with a momentary pang - a flash of wild dismay, I ask myself, 'Helen, what have you done?' But I rebuke the inward questioner, and repel the obtrusive thoughts that crowd upon me; for were he ten times as sensual and impenetrable to good and lofty thoughts, I well know I have no right to complain. And I don't and won't complain. I do and will love him still; and I do not and will not regret that I have linked my fate with his.

April 4th

We have had a downright quarrel. The particulars are as follows: Arthur had told me, at different intervals, the whole story of his intrigue with Lady F..., which I would not believe before. It was some consolation, however, to find that in this instance the lady had been more to blame than he, for he was very young at the time, and she had decidedly made the first advances, if what he said was true. I hated her for it, for it seemed as if she had chiefly contributed to his corruption; and when he was beginning to talk about her the other day, I begged he would not mention her, for I detested the very sound of her name.

‘Not because you loved her, Arthur, mind, but because she injured you and deceived her husband, and was altogether a very abominable woman, whom you ought to be ashamed to mention.’

But he defended her by saying that she had a doting old husband, whom it was impossible to love.

‘Then why did she marry him?’ said I.

‘For his money,’ was the reply.

‘Then that was another crime, and her solemn promise to love and honour him was another, that only increased the enormity of the last.’

‘You are too severe upon the poor lady,’ laughed he. ‘But never mind, Helen, I don’t care for her now; and I never loved any of them half as much as I do you, so you needn’t fear to be forsaken like them.’

‘If you had told me these things before, Arthur, I never should have given you the chance.’

‘Wouldn’t you, my darling?’

‘Most certainly not!’

He laughed incredulously.

‘I wish I could convince you of it now!’ cried I, starting up from beside him: and for the first time in my life, and I hope the last, I wished I had not married him.

‘Helen,’ said he, more gravely, ‘do you know that if I believed you now I should be very angry? but thank heaven I don’t. Though you stand there with your white face and flashing eyes, looking at me like a very

tigress, I know the heart within you perhaps a trifle better than you know it yourself.'

Without another word I left the room and locked myself up in my own chamber. In about half an hour he came to the door, and first he tried the handle, then he knocked.

'Won't you let me in, Helen?' said he.

'No; you have displeased me,' I replied, 'and I don't want to see your face or hear your voice again till the morning.'

He paused a moment as if dumfounded or uncertain how to answer such a speech, and then turned and walked away. This was only an hour after dinner: I knew he would find it very dull to sit alone all the evening; and this considerably softened my resentment, though it did not make me relent. I was determined to show him that my heart was not his slave, and I could live without him if I chose; and I sat down and wrote a long letter to my aunt, of course telling her nothing of all this. Soon after ten o'clock I heard him come up again, but he passed my door and went straight to his own dressing-room, where he shut himself in for the night.

I was rather anxious to see how he would meet me in the morning, and not a little disappointed to behold him enter the breakfast-room with a careless smile.

'Are you cross still, Helen?' said he, approaching as if to salute me. I coldly turned to the table, and began to pour out the coffee, observing that he was rather late.

He uttered a low whistle and sauntered away to the window, where he stood for some minutes looking out upon the pleasing prospect of sullen grey clouds, streaming rain, soaking lawn, and dripping leafless trees, and muttering execrations on the weather, and then sat down to breakfast. While taking his coffee he muttered it was 'd-d cold.'

'You should not have left it so long,' said I.

He made no answer, and the meal was concluded in silence. It was a relief to both when the letter-bag was brought in. It contained upon examination a newspaper and one or two letters for him, and a couple of letters for me, which he tossed across the table without a remark. One was

from my brother, the other from Milicent Hargrave, who is now in London with her mother. His, I think, were business letters, and apparently not much to his mind, for he crushed them into his pocket with some muttered expletives that I should have reproved him for at any other time. The paper he set before him, and pretended to be deeply absorbed in its contents during the remainder of breakfast, and a considerable time after.

The reading and answering of my letters, and the direction of household concerns, afforded me ample employment for the morning: after lunch I got my drawing, and from dinner till bed-time I read. Meanwhile, poor Arthur was sadly at a loss for something to amuse him or to occupy his time. He wanted to appear as busy and as unconcerned as I did. Had the weather at all permitted, he would doubtless have ordered his horse and set off to some distant region, no matter where, immediately after breakfast, and not returned till night: had there been a lady anywhere within reach, of any age between fifteen and forty-five, he would have sought revenge and found employment in getting up, or trying to get up, a desperate flirtation with her; but being, to my private satisfaction, entirely cut off from both these sources of diversion, his sufferings were truly deplorable. When he had done yawning over his paper and scribbling short answers to his shorter letters, he spent the remainder of the morning and the whole of the afternoon in fidgeting about from room to room, watching the clouds, cursing the rain, alternately petting and teasing and abusing his dogs, sometimes lounging on the sofa with a book that he could not force himself to read, and very often fixedly gazing at me when he thought I did not perceive it, with the vain hope of detecting some traces of tears, or some tokens of remorseful anguish in my face. But I managed to preserve an undisturbed though grave serenity throughout the day. I was not really angry: I felt for him all the time, and longed to be reconciled; but I determined he should make the first advances, or at least show some signs of an humble and contrite spirit first; for, if I began, it would only minister to his self-conceit, increase his arrogance, and quite destroy the lesson I wanted to give him.

He made a long stay in the dining-room after dinner, and, I fear, took an unusual quantity of wine, but not enough to loosen his tongue: for when he came in and found me quietly occupied with my book, too busy to

lift my head on his entrance, he merely murmured an expression of suppressed disapprobation, and, shutting the door with a bang, went and stretched himself at full length on the sofa, and composed himself to sleep. But his favourite cocker, Dash, that had been lying at my feet, took the liberty of jumping upon him and beginning to lick his face. He struck it off with a smart blow, and the poor dog squeaked and ran cowering back to me. When he woke up, about half an hour after, he called it to him again, but Dash only looked sheepish and wagged the tip of his tail. He called again more sharply, but Dash only clung the closer to me, and licked my hand, as if imploring protection. Enraged at this, his master snatched up a heavy book and hurled it at his head. The poor dog set up a piteous outcry, and ran to the door. I let him out, and then quietly took up the book.

‘Give that book to me,’ said Arthur, in no very courteous tone. I gave it to him.

‘Why did you let the dog out?’ he asked; ‘you knew I wanted him.’

‘By what token?’ I replied; ‘by your throwing the book at him? But perhaps it was intended for me?’

‘No; but I see you’ve got a taste of it,’ said he, looking at my hand, that had also been struck, and was rather severely grazed.

I returned to my reading, and he endeavoured to occupy himself in the same manner; but in a little while, after several portentous yawns, he pronounced his book to be ‘cursed trash,’ and threw it on the table. Then followed eight or ten minutes of silence, during the greater part of which, I believe, he was staring at me. At last his patience was tired out.

‘What is that book, Helen?’ he exclaimed.

I told him.

‘Is it interesting?’

‘Yes, very.’

I went on reading, or pretending to read, at least - I cannot say there was much communication between my eyes and my brain; for, while the former ran over the pages, the latter was earnestly wondering when Arthur would speak next, and what he would say, and what I should answer. But he did not speak again till I rose to make the tea, and then it

was only to say he should not take any. He continued lounging on the sofa, and alternately closing his eyes and looking at his watch and at me, till bedtime, when I rose, and took my candle and retired.

‘Helen!’ cried he, the moment I had left the room. I turned back, and stood awaiting his commands.

‘What do you want, Arthur?’ I said at length.

‘Nothing,’ replied he. ‘Go!’

I went, but hearing him mutter something as I was closing the door, I turned again. It sounded very like ‘confounded slut,’ but I was quite willing it should be something else.

‘Were you speaking, Arthur?’ I asked.

‘No,’ was the answer, and I shut the door and departed. I saw nothing more of him till the following morning at breakfast, when he came down a full hour after the usual time.

‘You’re very late,’ was my morning’s salutation.

‘You needn’t have waited for me,’ was his; and he walked up to the window again. It was just such weather as yesterday.

‘Oh, this confounded rain!’ he muttered. But, after studiously regarding it for a minute or two, a bright idea, seemed to strike him, for he suddenly exclaimed, ‘But I know what I’ll do!’ and then returned and took his seat at the table. The letter-bag was already there, waiting to be opened. He unlocked it and examined the contents, but said nothing about them.

‘Is there anything for me?’ I asked.

‘No.’

He opened the newspaper and began to read.

‘You’d better take your coffee,’ suggested I; ‘it will be cold again.’

‘You may go,’ said he, ‘if you’ve done; I don’t want you.’

I rose and withdrew to the next room, wondering if we were to have another such miserable day as yesterday, and wishing intensely for an end of these mutually inflicted torments. Shortly after I heard him ring the bell and give some orders about his wardrobe that sounded as if he meditated a long journey. He then sent for the coachman, and I heard

something about the carriage and the horses, and London, and seven o'clock tomorrow morning, that startled and disturbed me not a little.

'I must not let him go to London, whatever comes of it,' said I to myself; 'he will run into all kinds of mischief, and I shall be the cause of it. But the question is, How am I to alter his purpose? Well, I will wait awhile, and see if he mentions it.'

I waited most anxiously, from hour to hour; but not a word was spoken, on that or any other subject, to me. He whistled and talked to his dogs, and wandered from room to room, much the same as on the previous day. At last I began to think I must introduce the subject myself, and was pondering how to bring it about, when John unwittingly came to my relief with the following message from the coachman:

'Please, sir, Richard says one of the horses has got a very bad cold, and he thinks, sir, if you could make it convenient to go the day after tomorrow, instead of tomorrow, he could physic it today, so as...'

'Confound his impudence!' interjected the master.

'Please, sir, he says it would be a deal better if you could,' persisted John, 'for he hopes there'll be a change in the weather shortly, and he says it's not likely, when a horse is so bad with a cold, and physicked and all...'

'Devil take the horse!' cried the gentleman. 'Well, tell him I'll think about it,' he added, after a moment's reflection. He cast a searching glance at me, as the servant withdrew, expecting to see some token of deep astonishment and alarm; but, being previously prepared, I preserved an aspect of stoical indifference. His countenance fell as he met my steady gaze, and he turned away in very obvious disappointment, and walked up to the fire-place, where he stood in an attitude of undisguised dejection, leaning against the chimney-piece with his forehead sunk upon his arm.

'Where do you want to go, Arthur?' said I.

'To London,' replied he, gravely.

'What for?' I asked.

'Because I cannot be happy here.'

'Why not?'

'Because my wife doesn't love me.'

‘She would love you with all her heart, if you deserved it.’

‘What must I do to deserve it?’

This seemed humble and earnest enough; and I was so much affected, between sorrow and joy, that I was obliged to pause a few seconds before I could steady my voice to reply.

‘If she gives you her heart,’ said I, ‘you must take it, thankfully, and use it well, and not pull it in pieces, and laugh in her face, because she cannot snatch it away.’

He now turned round, and stood facing me, with his back to the fire. ‘Come, then, Helen, are you going to be a good girl?’ said he.

This sounded rather too arrogant, and the smile that accompanied it did not please me. I therefore hesitated to reply. Perhaps my former answer had implied too much: he had heard my voice falter, and might have seen me brush away a tear.

‘Are you going to forgive me, Helen?’ he resumed, more humbly.

‘Are you penitent?’ I replied, stepping up to him and smiling in his face.

‘Heart-broken!’ he answered, with a rueful countenance, yet with a merry smile just lurking within his eyes and about the corners of his mouth; but this could not repulse me, and I flew into his arms. He fervently embraced me, and though I shed a torrent of tears, I think I never was happier in my life than at that moment.

‘Then you won’t go to London, Arthur?’ I said, when the first transport of tears and kisses had subsided.

‘No, love - unless you will go with me.’

‘I will, gladly,’ I answered, ‘if you think the change will amuse you, and if you will put off the journey till next week.’

He readily consented, but said there was no need of much preparation, as he should not be for staying long, for he did not wish me to be Londonized, and to lose my country freshness and originality by too much intercourse with the ladies of the world. I thought this folly; but I did not wish to contradict him now. I merely said that I was of very domestic

habits, as he well knew, and had no particular wish to mingle with the world.

So we are to go to London on Monday, the day after tomorrow. It is now four days since the termination of our quarrel, and I am sure it has done us both good: it has made me like Arthur a great deal better, and made him behave a great deal better to me. He has never once attempted to annoy me since, by the most distant allusion to Lady F..., or any of those disagreeable reminiscences of his former life. I wish I could blot them from my memory, or else get him to regard such matters in the same light as I do. Well! It is something, however, to have made him see that they are not fit subjects for a conjugal jest. He may see further some time. I will put no limits to my hopes; and, in spite of my aunt's forebodings and my own unspoken fears, I trust we shall be happy yet.

CHAPTER XXV

On the eighth of April we went to London, on the eighth of May I returned, in obedience to Arthur's wish; very much against my own, because I left him behind. If he had come with me, I should have been very glad to get home again, for he led me such a round of restless dissipation while there, that, in that short space of time, I was quite tired out. He seemed bent upon displaying me to his friends and acquaintances in particular, and the public in general, on every possible occasion, and to the greatest possible advantage. It was something to feel that he considered me a worthy object of pride; but I paid dear for the gratification: for, in the first place, to please him I had to violate my cherished predilections, my almost rooted principles in favour of a plain, dark, sober style of dress - I must sparkle in costly jewels and deck myself out like a painted butterfly, just as I had, long since, determined I would never do - and this was no trifling sacrifice; in the second place, I was continually straining to satisfy his sanguine expectations and do honour to his choice by my general conduct and deportment, and fearing to disappoint him by some awkward misdemeanour, or some trait of inexperienced ignorance about the customs of society, especially when I acted the part of hostess, which I was not unfrequently called upon to do; and, in the third place, as I intimated before, I was wearied of the throng and bustle, the restless hurry and ceaseless change of a life so alien to all my previous habits. At last, he suddenly discovered that the London air did not agree with me, and I was languishing for my country home, and must immediately return to Grassdale.

I laughingly assured him that the case was not so urgent as he appeared to think it, but I was quite willing to go home if he was. He replied that he should be obliged to remain a week or two longer, as he had business that required his presence.

'Then I will stay with you,' said I.

'But I can't do with you, Helen,' was his answer: 'as long as you stay I shall attend to you and neglect my business.'

'But I won't let you,' I returned; 'now that I know you have business to attend to, I shall insist upon your attending to it, and letting me

alone; and, to tell the truth, I shall be glad of a little rest. I can take my rides and walks in the Park as usual; and your business cannot occupy all your time: I shall see you at meal-times, and in the evenings at least, and that will be better than being leagues away and never seeing you at all.'

'But, my love, I cannot let you stay. How can I settle my affairs when I know that you are here, neglected...?'

'I shall not feel myself neglected: while you are doing your duty, Arthur, I shall never complain of neglect. If you had told me before, that you had anything to do, it would have been half done before this; and now you must make up for lost time by redoubled exertions. Tell me what it is; and I will be your taskmaster, instead of being a hindrance.'

'No, no,' persisted the impracticable creature; 'you must go home, Helen; I must have the satisfaction of knowing that you are safe and well, though far away. Your bright eyes are faded, and that tender, delicate bloom has quite deserted your cheek.'

'That is only with too much gaiety and fatigue.'

'It is not, I tell you; it is the London air: you are pining for the fresh breezes of your country home, and you shall feel them before you are two days older. And remember your situation, dearest Helen; on your health, you know, depends the health, if not the life, of our future hope.'

'Then you really wish to get rid of me?'

'Positively, I do; and I will take you down myself to Grassdale, and then return. I shall not be absent above a week or fortnight at most.'

'But if I must go, I will go alone: if you must stay, it is needless to waste your time in the journey there and back.'

But he did not like the idea of sending me alone.

'Why, what helpless creature do you take me for,' I replied, 'that you cannot trust me to go a hundred miles in our own carriage, with our own footman and a maid to attend me? If you come with me I shall assuredly keep you. But tell me, Arthur, what is this tiresome business; and why did you never mention it before?'

'It is only a little business with my lawyer,' said he; and he told me something about a piece of property he wanted to sell, in order to pay off a

part of the incumbrances on his estate; but either the account was a little confused, or I was rather dull of comprehension, for I could not clearly understand how that should keep him in town a fortnight after me. Still less can I now comprehend how it should keep him a month, for it is nearly that time since I left him, and no signs of his return as yet. In every letter he promises to be with me in a few days, and every time deceives me, or deceives himself. His excuses are vague and insufficient. I cannot doubt that he has got among his former companions again. Oh, why did I leave him! I wish - I do intensely wish he would return!

June 29th .

No Arthur yet; and for many days I have been looking and longing in vain for a letter. His letters, when they come, are kind, if fair words and endearing epithets can give them a claim to the title - but very short, and full of trivial excuses and promises that I cannot trust; and yet how anxiously I look forward to them I how eagerly I open and devour one of those little, hastily-scribbled returns for the three or four long letters , hitherto unanswered, he has had from me!

Oh, it is cruel to leave me so long alone! He knows I have no one but Rachel to speak to, for we have no neighbours here, except the Hargraves, whose residence I can dimly descry from these upper windows embosomed among those low, woody hills beyond the Dale. I was glad when I learnt that Milicent was so near us; and her company would be a soothing solace to me now, but she is still in town with her mother; there is no one at the Grove but little Esther and her French governess, for Walter is always away. I saw that paragon of manly perfections in London: he seemed scarcely to merit the eulogiums of his mother and sister, though he certainly appeared more conversable and agreeable than Lord Lowborough, more candid and high-minded than Mr. Grimsby, and more polished and gentlemanly than Mr. Hattersley, Arthur's only other friend whom he judged fit to introduce to me. - Oh, Arthur, why won't you come? why won't you write to me at least? You talked about my health: how can you expect me to gather bloom and vigour here, pining in solitude and restless anxiety from day to day? - It would serve you right to come back and find my good looks entirely wasted away. I would beg my uncle and aunt, or my brother, to come and see me, but I do not like to complain of my loneliness

to them, and indeed loneliness is the least of my sufferings. But what is he, doing - what is it that keeps him away? It is this ever-recurring question, and the horrible suggestions it raises, that distract me.

July 3rd.

My last bitter letter has wrung from him an answer at last, and a rather longer one than usual; but still I don't know what to make of it. He playfully abuses me for the gall and vinegar of my latest effusion, tells me I can have no conception of the multitudinous engagements that keep him away, but avers that, in spite of them all, he will assuredly be with me before the close of next week; though it is impossible for a man so circumstanced as he is to fix the precise day of his return: meantime he exhorts me to the exercise of patience, 'that first of woman's virtues,' and desires me to remember the saying, 'Absence makes the heart grow fonder,' and comfort myself with the assurance that the longer he stays away the better he shall love me when he returns; and till he does return, he begs I will continue to write to him constantly, for, though he is sometimes too idle and often too busy to answer my letters as they come, he likes to receive them daily; and if I fulfil my threat of punishing his seeming neglect by ceasing to write, he shall be so angry that he will do his utmost to forget me. He adds this piece of intelligence respecting poor Milicent Hargrave:

'Your little friend Milicent is likely, before long, to follow your example, and take upon her the yoke of matrimony in conjunction with a friend of mine. Hattersley, you know, has not yet fulfilled his direful threat of throwing his precious person away on the first old maid that chose to evince a tenderness for him; but he still preserves a resolute determination to see himself a married man before the year is out. "Only," said he to me, "I must have somebody that will let me have my own way in everything - not like your wife, Huntingdon: she is a charming creature, but she looks as if she had a will of her own, and could play the vixen upon occasion" (I thought "you're right there, man," but I didn't say so). "I must have some good, quiet soul that will let me just do what I like and go where I like, keep at home or stay away, without a word of reproach or complaint; for I can't do with being bothered." "Well," said I, "I know somebody that will suit you to a tee, if you don't care for money, and that's Hargrave's sister,

Milicent.” He desired to be introduced to her forthwith, for he said he had plenty of the needful himself, or should have when his old governor chose to quit the stage. So you see, Helen, I have managed pretty well, both for your friend and mine.’

Poor Milicent! But I cannot imagine she will ever be led to accept such a suitor - one so repugnant to all her ideas of a man to be honoured and loved.

5th.

Alas! I was mistaken. I have got a long letter from her this morning, telling me she is already engaged, and expects to be married before the close of the month.

‘I hardly know what to say about it,’ she writes, ‘or what to think. To tell you the truth, Helen, I don’t like the thoughts of it at all. If I am to be Mr. Hattersley’s wife, I must try to love him; and I do try with all my might; but I have made very little progress yet; and the worst symptom of the case is, that the further he is from me the better I like him: he frightens me with his abrupt manners and strange hectoring ways, and I dread the thoughts of marrying him. “Then why have you accepted him?” you will ask; and I didn’t know I had accepted him; but mamma tells me I have, and he seems to think so too. I certainly didn’t mean to do so; but I did not like to give him a flat refusal, for fear mamma should be grieved and angry (for I knew she wished me to marry him), and I wanted to talk to her first about it: So I gave him what I thought was an evasive, half negative answer; but she says it was as good as an acceptance, and he would think me very capricious if I were to attempt to draw back - and indeed I was so confused and frightened at the moment, I can hardly tell what I said. And next time I saw him, he accosted me in all confidence as his affianced bride, and immediately began to settle matters with mamma. I had not courage to contradict them then, and how can I do it now? I cannot; they would think me mad. Besides, mamma is so delighted with the idea of the match; she thinks she has managed so well for me; and I cannot bear to disappoint her. I do object sometimes, and tell her what I feel, but you don’t know how she talks. Mr. Hattersley, you know, is the son of a rich banker, and as Esther and I have no fortunes, and Walter very little, our dear mamma is very

anxious to see us all well married, that is, united to rich partners. It is not my idea of being well married, but she means it all for the best. She says when I am safe off her hands it will be such a relief to her mind; and she assures me it will be a good thing for the family as well as for me. Even Walter is pleased at the prospect, and when I confessed my reluctance to him, he said it was all childish nonsense. Do you think it nonsense, Helen? I should not care if I could see any prospect of being able to love and admire him, but I can't. There is nothing about him to hang one's esteem and affection upon; he is so diametrically opposite to what I imagined my husband should be. Do write to me, and say all you can to encourage me. Don't attempt to dissuade me, for my fate is fixed: preparations for the important event are already going on around me; and don't say a word against Mr. Hattersley, for I want to think well of him; and though I have spoken against him myself, it is for the last time: hereafter, I shall never permit myself to utter a word in his dispraise, however he may seem to deserve it; and whoever ventures to speak slightingly of the man I have promised to love, to honour, and obey, must expect my serious displeasure. After all, I think he is quite as good as Mr. Huntingdon, if not better; and yet you love him, and seem to be happy and contented; and perhaps I may manage as well. You must tell me, if you can, that Mr. Hattersley is better than he seems - that he is upright, honourable, and open-hearted - in fact, a perfect diamond in the rough. He may be all this, but I don't know him. I know only the exterior, and what, I trust, is the worst part of him.'

She concludes with 'Good-bye, dear Helen. I am waiting anxiously for your advice - but mind you let it be all on the right side.'

Alas! poor Milicent, what encouragement can I give you? or what advice - except that it is better to make a bold stand now, though at the expense of disappointing and angering both mother and brother and lover, than to devote your whole life, hereafter, to misery and vain regret?

Saturday, 13th .

The week is over, and he is not come. All the sweet summer is passing away without one breath of pleasure to me or benefit to him. And I had all along been looking forward to this season with the fond, delusive hope that we should enjoy it so sweetly together; and that, with God's help and my exertions, it would be the means of elevating his mind, and refining

his taste to a due appreciation of the salutary and pure delights of nature, and peace, and holy love. But now - at evening, when I see the round red sun sink quietly down behind those woody hills, leaving them sleeping in a warm, red, golden haze, I only think another lovely day is lost to him and me; and at morning, when roused by the flutter and chirp of the sparrows, and the gleeful twitter of the swallows - all intent upon feeding their young, and full of life and joy in their own little frames - I open the window to inhale the balmy, soul-reviving air, and look out upon the lovely landscape, laughing in dew and sunshine - I too often shame that glorious scene with tears of thankless misery, because he cannot feel its freshening influence; and when I wander in the ancient woods, and meet the little wild flowers smiling in my path, or sit in the shadow of our noble ash-trees by the water-side, with their branches gently swaying in the light summer breeze that murmurs through their feathery foliage - my ears full of that low music mingled with the dreamy hum of insects, my eyes abstractedly gazing on the glassy surface of the little lake before me, with the trees that crowd about its bank, some gracefully bending to kiss its waters, some rearing their stately heads high above, but stretching their wide arms over its margin, all faithfully mirrored far, far down in its glassy depth - though sometimes the images are partially broken by the sport of aquatic insects, and sometimes, for a moment, the whole is shivered into trembling fragments by a transient breeze that sweeps the surface too roughly - still I have no pleasure; for the greater the happiness that nature sets before me, the more I lament that he is not here to taste it: the greater the bliss we might enjoy together, the more I feel our present wretchedness apart (yes, ours; he must be wretched, though he may not know it); and the more my senses are pleased, the more my heart is oppressed; for he keeps it with him confined amid the dust and smoke of London - perhaps shut up within the walls of his own abominable club.

But most of all, at night, when I enter my lonely chamber, and look out upon the summer moon, 'sweet regent of the sky,' floating above me in the 'black blue vault of heaven,' shedding a flood of silver radiance over park, and wood, and water, so pure, so peaceful, so divine - and think, Where is he now? - what is he doing at this moment? wholly unconscious of this heavenly scene - perhaps revelling with his boon companions, perhaps - God help me, it is too - too much!

23rd .

Thank heaven, he is come at last! But how altered! Flushed and feverish, listless and languid, his beauty strangely diminished, his vigour and vivacity quite departed. I have not upbraided him by word or look; I have not even asked him what he has been doing. I have not the heart to do it, for I think he is ashamed of himself-he must be so indeed, and such inquiries could not fail to be painful to both. My forbearance pleases him - touches him even, I am inclined to think. He says he is glad to be home again, and God knows how glad I am to get him back, even as he is. He lies on the sofa, nearly all day long; and I play and sing to him for hours together. I write his letters for him, and get him everything he wants; and sometimes I read to him, and sometimes I talk, and sometimes only sit by him and soothe him with silent caresses. I know he does not deserve it; and I fear I am spoiling him; but this once, I will forgive him, freely and entirely. I will shame him into virtue if I can, and I will never let him leave me again.

He is pleased with my attentions - it may be, grateful for them. He likes to have me near him: and though he is peevish and testy with his servants and his dogs, he is gentle and kind to me. What he would be, if I did not so watchfully anticipate his wants, and so carefully avoid, or immediately desist from doing anything that has a tendency to irritate or disturb him, with however little reason, I cannot tell. How intensely I wish he were worthy of all this care! Last night, as I sat beside him, with his head in my lap, passing my fingers through his beautiful curls, this thought made my eyes overflow with sorrowful tears - as it often does; but this time, a tear fell on his face and made him look up. He smiled, but not insultingly.

‘Dear Helen!’ he said - ‘why do you cry? you know that I love you’ (and he pressed my hand to his feverish lips), ‘and what more could you desire?’

‘Only, Arthur, that you would love yourself as truly and as faithfully as you are loved by me.’

‘That would be hard, indeed!’ he replied, tenderly squeezing my hand.

August 24th .

Arthur is himself again, as lusty and reckless, as light of heart and head as ever, and as restless and hard to amuse as a spoiled child, and almost as full of mischief too, especially when wet weather keeps him within doors. I wish he had something to do, some useful trade, or profession, or employment – anything to occupy his head or his hands for a few hours a day, and give him something besides his own pleasure to think about. If he would play the country gentleman and attend to the farm – but that he knows nothing about, and won't give his mind to consider – or if he would take up with some literary study, or learn to draw or to play – as he is so fond of music, I often try to persuade him to learn the piano, but he is far too idle for such an undertaking: he has no more idea of exerting himself to overcome obstacles than he has of restraining his natural appetites; and these two things are the ruin of him. I lay them both to the charge of his harsh yet careless father, and his madly indulgent mother. – If ever I am a mother I will zealously strive against this crime of over-indulgence. I can hardly give it a milder name when I think of the evils it brings.

Happily, it will soon be the shooting season, and then, if the weather permit, he will find occupation enough in the pursuit and destruction of the partridges and pheasants: we have no grouse, or he might have been similarly occupied at this moment, instead of lying under the acacia-tree pulling poor Dash's ears. But he says it is dull work shooting alone; he must have a friend or two to help him.

'Let them be tolerably decent then, Arthur,' said I. The word 'friend' in his mouth makes me shudder: I know it was some of his 'friends' that induced him to stay behind me in London, and kept him away so long: indeed, from what he has unguardedly told me, or hinted from time to time, I cannot doubt that he frequently showed them my letters, to let them see how fondly his wife watched over his interests, and how keenly she regretted his absence; and that they induced him to remain week after week, and to plunge into all manner of excesses, to avoid being laughed at for a wife-ridden fool, and, perhaps, to show how far he could venture to go without danger of shaking the fond creature's devoted attachment. It is a hateful idea, but I cannot believe it is a false one.

'Well,' replied he, 'I thought of Lord Lowborough for one; but there is no possibility of getting him without his better half, our mutual

friend, Annabella; so we must ask them both. You're not afraid of her, are you, Helen?' he asked, with a mischievous twinkle in his eyes.

'Of course not,' I answered: 'why should I? And who besides?'

'Hargrave for one. He will be glad to come, though his own place is so near, for he has little enough land of his own to shoot over, and we can extend our depredations into it, if we like; and he is thoroughly respectable, you know, Helen - quite a lady's man: and I think, Grimsby for another: he's a decent, quiet fellow enough. You'll not object to Grimsby?'

'I hate him: but, however, if you wish it, I'll try to endure his presence for a while.'

'All a prejudice, Helen, a mere woman's antipathy.'

'No; I have solid grounds for my dislike. And is that all?'

'Why, yes, I think so. Hattersley will be too busy billing and cooing, with his bride to have much time to spare for guns and dogs at present,' he replied. And that reminds me, that I have had several letters from Milicent since her marriage, and that she either is, or pretends to be, quite reconciled to her lot. She professes to have discovered numberless virtues and perfections in her husband, some of which, I fear, less partial eyes would fail to distinguish, though they sought them carefully with tears; and now that she is accustomed to his loud voice, and abrupt, uncourteous manners, she affirms she finds no difficulty in loving him as a wife should do, and begs I will burn that letter wherein she spoke so unadvisedly against him. So that I trust she may yet be happy; but, if she is, it will be entirely the reward of her own goodness of heart; for had she chosen to consider herself the victim of fate, or of her mother's worldly wisdom, she might have been thoroughly miserable; and if, for duty's sake, she had not made every effort to love her husband, she would, doubtless, have hated him to the end of her days.

CHAPTER XXVI

Sept. 23rd.

Our guests arrived about three weeks ago. Lord and Lady Lowborough have now been married above eight months; and I will do the lady the credit to say that her husband is quite an altered man; his looks, his spirits, and his temper, are all perceptibly changed for the better since I last saw him. But there is room for improvement still. He is not always cheerful, nor always contented, and she often complains of his ill-humour, which, however, of all persons, she ought to be the last to accuse him of, as he never displays it against her, except for such conduct as would provoke a saint. He adores her still, and would go to the world's end to please her. She knows her power, and she uses it too; but well knowing that to wheedle and coax is safer than to command, she judiciously tempers her despotism with flattery and blandishments enough to make him deem himself a favoured and a happy man.

But she has a way of tormenting him, in which I am a fellow-sufferer, or might be, if I chose to regard myself as such. This is by openly, but not too glaringly, coquetting with Mr. Huntingdon, who is quite willing to be her partner in the game; but I don't care for it, because, with him, I know there is nothing but personal vanity, and a mischievous desire to excite my jealousy, and, perhaps, to torment his friend; and she, no doubt, is actuated by much the same motives; only, there is more of malice and less of playfulness in her manoeuvres. It is obviously, therefore, my interest to disappoint them both, as far as I am concerned, by preserving a cheerful, undisturbed serenity throughout; and, accordingly, I endeavour to show the fullest confidence in my husband, and the greatest indifference to the arts of my attractive guest. I have never reproached the former but once, and that was for laughing at Lord Lowborough's depressed and anxious countenance one evening, when they had both been particularly provoking; and then, indeed, I said a good deal on the subject, and rebuked him sternly enough; but he only laughed, and said - 'You can feel for him, Helen, can't you?'

'I can feel for anyone that is unjustly treated,' I replied, 'and I can feel for those that injure them too.'

‘Why, Helen, you are as jealous as he is!’ cried he, laughing still more; and I found it impossible to convince him of his mistake. So, from that time, I have carefully refrained from any notice of the subject whatever, and left Lord Lowborough to take care of himself. He either has not the sense or the power to follow my example, though he does try to conceal his uneasiness as well as he can; but still, it will appear in his face, and his ill-humour will peep out at intervals, though not in the expression of open resentment - they never go far enough for that. But I confess I do feel jealous at times, most painfully, bitterly so; when she sings and plays to him, and he hangs over the instrument, and dwells upon her voice with no affected interest; for then I know he is really delighted, and I have no power to awaken similar fervour. I can amuse and please him with my simple songs, but not delight him thus.

28th .

Yesterday, we all went to the Grove, Mr. Hargrave’s much-neglected home. His mother frequently asks us over, that she may have the pleasure of her dear Walter’s company; and this time she had invited us to a dinner-party, and got together as many of the country gentry as were within reach to meet us. The entertainment was very well got up; but I could not help thinking about the cost of it all the time. I don’t like Mrs. Hargrave; she is a hard, pretentious, worldly-minded woman. She has money enough to live very comfortably, if she only knew how to use it judiciously, and had taught her son to do the same; but she is ever straining to keep up appearances, with that despicable pride that shuns the semblance of poverty as of a shameful crime. She grinds her dependents, pinches her servants, and deprives even her daughters and herself of the real comforts of life, because she will not consent to yield the palm in outward show to those who have three times her wealth; and, above all, because she is determined her cherished son shall be enabled to ‘hold up his head with the highest gentlemen in the land.’ This same son, I imagine, is a man of expensive habits, no reckless spendthrift and no abandoned sensualist, but one who likes to have ‘everything handsome about him,’ and to go to a certain length in youthful indulgences, not so much to gratify his own tastes as to maintain his reputation as a man of fashion in the world, and a respectable fellow among his own lawless companions; while he is too

selfish to consider how many comforts might be obtained for his fond mother and sisters with the money he thus wastes upon himself: as long as they can contrive to make a respectable appearance once a year, when they come to town, he gives himself little concern about their private stintings and struggles at home. This is a harsh judgment to form of 'dear, noble-minded, generous-hearted Walter,' but I fear it is too just.

Mrs. Hargrave's anxiety to make good matches for her daughters is partly the cause, and partly the result, of these errors: by making a figure in the world, and showing them off to advantage, she hopes to obtain better chances for them; and by thus living beyond her legitimate means, and lavishing so much on their brother, she renders them portionless, and makes them burdens on her hands. Poor Milicent, I fear, has already fallen a sacrifice to the manoeuvrings of this mistaken mother, who congratulates herself on having so satisfactorily discharged her maternal duty, and hopes to do as well for Esther. But Esther is a child as yet, a little merry romp of fourteen: as honest-hearted, and as guileless and simple as her sister, but with a fearless spirit of her own, that I fancy her mother will find some difficulty in bending to her purposes.

CHAPTER XXVII

October 9th

It was on the night of the 4th, a little after tea, that Annabella had been singing and playing, with Arthur as usual at her side: she had ended her song, but still she sat at the instrument; and he stood leaning on the back of her chair, conversing in scarcely audible tones, with his face in very close proximity with hers. I looked at Lord Lowborough. He was at the other end of the room, talking with Messrs. Hargrave and Grimsby; but I saw him dart towards his lady and his host a quick, impatient glance, expressive of intense disquietude, at which Grimsby smiled. Determined to interrupt the *tere-a-tete*, I rose, and, selecting a piece of music from the music stand, stepped up to the piano, intending to ask the lady to play it; but I stood transfixed and speechless on seeing her seated there, listening, with what seemed an exultant smile on her flushed face to his soft murmurings, with her hand quietly surrendered to his clasp. The blood rushed first to my heart, and then to my head; for there was more than this: almost at the moment of my approach, he cast a hurried glance over his shoulder towards the other occupants of the room, and then ardently pressed the unresisting hand to his lips. On raising his eyes, he beheld me, and dropped them again, confounded and dismayed. She saw me too, and confronted me with a look of hard defiance. I laid the music on the piano, and retired. I felt ill; but I did not leave the room: happily, it was getting late, and could not be long before the company dispersed.

I went to the fire, and leant my head against the chimney-piece. In a minute or two, some one asked me if I felt unwell. I did not answer; indeed, at the time, I knew not what was said; but I mechanically looked up, and saw Mr. Hargrave standing beside me on the rug.

‘Shall I get you a glass of wine?’ said he.

‘No, thank you,’ I replied; and, turning from him, I looked round. Lady Lowborough was beside her husband, bending over him as he sat, with her hand on his shoulder, softly talking and smiling in his face; and Arthur was at the table, turning over a book of engravings. I seated myself in the nearest chair; and Mr. Hargrave, finding his services were not desired, judiciously withdrew. Shortly after, the company broke up, and, as

the guests were retiring to their rooms, Arthur approached me, smiling with the utmost assurance.

‘Are you very angry, Helen?’ murmured he.

‘This is no jest, Arthur,’ said I, seriously, but as calmly as I could - ‘unless you think it a jest to lose my affection for ever.’

‘What! so bitter?’ he exclaimed, laughingly, clasping my hand between both his; but I snatched it away, in indignation - almost in disgust, for he was obviously affected with wine.

‘Then I must go down on my knees,’ said he; and kneeling before me, with clasped hands, uplifted in mock humiliation, he continued imploringly - ‘Forgive me, Helen - dear Helen, forgive me, and I’ll never do it again!’ and, burying his face in his handkerchief, he affected to sob aloud.

Leaving him thus employed, I took my candle, and, slipping quietly from the room, hastened up-stairs as fast as I could. But he soon discovered that I had left him, and, rushing up after me, caught me in his arms, just as I had entered the chamber, and was about to shut the door in his face.

‘No, no, by heaven, you sha’n’t escape me so!’ he cried. Then, alarmed at my agitation, he begged me not to put myself in such a passion, telling me I was white in the face, and should kill myself if I did so.

‘Let me go, then,’ I murmured; and immediately he released me - and it was well he did, for I was really in a passion. I sank into the easy-chair and endeavoured to compose myself, for I wanted to speak to him calmly. He stood beside me, but did not venture to touch me or to speak for a few seconds; then, approaching a little nearer, he dropped on one knee - not in mock humility, but to bring himself nearer my level, and leaning his hand on the arm of the chair, he began in a low voice: ‘It is all nonsense, Helen - a jest, a mere nothing - not worth a thought. Will you never learn,’ he continued more boldly, ‘that you have nothing to fear from me? that I love you wholly and entirely? - or if,’ he added with a lurking smile, ‘I ever give a thought to another, you may well spare it, for those fancies are here and gone like a flash of lightning, while my love for you burns on steadily, and for ever, like the sun. You little exorbitant tyrant, will not that...?’

‘Be quiet a moment, will you, Arthur?’ said I, ‘and listen to me - and don’t think I’m in a jealous fury: I am perfectly calm. Feel my hand.’ And I

gravely extended it towards him - but closed it upon his with an energy that seemed to disprove the assertion, and made him smile. 'You needn't smile, sir,' said I, still tightening my grasp, and looking steadfastly on him till he almost quailed before me. 'You may think it all very fine, Mr. Huntingdon, to amuse yourself with rousing my jealousy; but take care you don't rouse my hate instead. And when you have once extinguished my love, you will find it no easy matter to kindle it again.'

'Well, Helen, I won't repeat the offence. But I meant nothing by it, I assure you. I had taken too much wine, and I was scarcely myself at the time.'

'You often take too much; and that is another practice I detest.' He looked up astonished at my warmth. 'Yes,' I continued; 'I never mentioned it before, because I was ashamed to do so; but now I'll tell you that it distresses me, and may disgust me, if you go on and suffer the habit to grow upon you, as it will if you don't check it in time. But the whole system of your conduct to Lady Lowborough is not referable to wine; and this night you knew perfectly well what you were doing.'

'Well, I'm sorry for it,' replied he, with more of sulkiness than contrition: 'what more would you have?'

'You are sorry that I saw you, no doubt,' I answered coldly.

'If you had not seen me,' he muttered, fixing his eyes on the carpet, 'it would have done no harm.'

My heart felt ready to burst; but I resolutely swallowed back my emotion, and answered calmly,

'You think not?'

'No,' replied he, boldly. 'After all, what have I done? It's nothing - except as you choose to make it a subject of accusation and distress.'

'What would Lord Lowborough, your friend, think, if he knew all? Or what would you yourself think, if he or any other had acted the same part to me, throughout, as you have to Annabella?'

'I would blow his brains out.'

'Well, then, Arthur, how can you call it nothing - an offence for which you would think yourself justified in blowing another man's brains

out? Is it nothing to trifle with your friend's feelings and mine - to endeavour to steal a woman's affections from her husband - what he values more than his gold, and therefore what it is more dishonest to take? Are the marriage vows a jest; and is it nothing to make it your sport to break them, and to tempt another to do the same? Can I love a man that does such things, and coolly maintains it is nothing?

'You are breaking your marriage vows yourself,' said he, indignantly rising and pacing to and fro. 'You promised to honour and obey me, and now you attempt to hector over me, and threaten and accuse me, and call me worse than a highwayman. If it were not for your situation, Helen, I would not submit to it so tamely. I won't be dictated to by a woman, though she be my wife.'

'What will you do then? Will you go on till I hate you, and then accuse me of breaking my vows?'

He was silent a moment, and then replied: 'You never will hate me.' Returning and resuming his former position at my feet, he repeated more vehemently - 'You cannot hate me as long as I love you.'

'But how can I believe that you love me, if you continue to act in this way? Just imagine yourself in my place: would you think I loved you, if I did so? Would you believe my protestations, and honour and trust me under such circumstances?'

'The cases are different,' he replied. 'It is a woman's nature to be constant - to love one and one only, blindly, tenderly, and for ever - bless them, dear creatures! and you above them all; but you must have some commiseration for us, Helen; you must give us a little more licence, for, as Shakespeare has it:

However we do praise ourselves,
Our fancies are more giddy and unfirm,
More longing, wavering, sooner lost and won
Than women's are.'

'Do you mean by that, that your fancies are lost to me, and won by Lady Lowborough?'

‘No! heaven is my witness that I think her mere dust and ashes in comparison with you, and shall continue to think so, unless you drive me from you by too much severity. She is a daughter of earth; you are an angel of heaven; only be not too austere in your divinity, and remember that I am a poor, fallible mortal. Come now, Helen; won’t you forgive me?’ he said, gently taking my hand, and looking up with an innocent smile.

‘If I do, you will repeat the offence.’

‘I swear by...’

‘Don’t swear; I’ll believe your word as well as your oath. I wish I could have confidence in either.’

‘Try me, then, Helen: only trust and pardon me this once, and you shall see! Come, I am in hell’s torments till you speak the word.’

I did not speak it, but I put my hand on his shoulder and kissed his forehead, and then burst into tears. He embraced me tenderly; and we have been good friends ever since. He has been decently temperate at table, and well-conducted towards Lady Lowborough. The first day he held himself aloof from her, as far as he could without any flagrant breach of hospitality: since that he has been friendly and civil, but nothing more - in my presence, at least, nor, I think, at any other time; for she seems haughty and displeased, and Lord Lowborough is manifestly more cheerful, and more cordial towards his host than before. But I shall be glad when they are gone, for I have so little love for Annabella that it is quite a task to be civil to her, and as she is the only woman here besides myself, we are necessarily thrown so much together. Next time Mrs. Hargrave calls I shall hail her advent as quite a relief. I have a good mind to ask Arthur’s leave to invite the old lady to stay with us till our guests depart. I think I will. She will take it as a kind attention, and, though I have little relish for her society, she will be truly welcome as a third to stand between Lady Lowborough and me.

The first time the latter and I were alone together, after that unhappy evening, was an hour or two after breakfast on the following day, when the gentlemen were gone out, after the usual time spent in the writing of letters, the reading of newspapers, and desultory conversation. We sat silent for two or three minutes. She was busy with her work, and I

was running over the columns of a paper from which I had extracted all the pith some twenty minutes before. It was a moment of painful embarrassment to me, and I thought it must be infinitely more so to her; but it seems I was mistaken. She was the first to speak; and, smiling with the coolest assurance, she began...

‘Your husband was merry last night, Helen: is he often so?’

My blood boiled in my face; but it was better she should seem to attribute his conduct to this than to anything else.

‘No,’ replied I, ‘and never will be so again, I trust.’

‘You gave him a curtain lecture, did you?’

‘No! but I told him I disliked such conduct, and he promised me not to repeat it.’

‘I thought he looked rather subdued this morning,’ she continued; ‘and you, Helen? you’ve been weeping, I see - that’s our grand resource, you know. But doesn’t it make your eyes smart? and do you always find it to answer?’

‘I never cry for effect; nor can I conceive how any one can.’

‘Well, I don’t know. I never had occasion to try it; but I think if Lowborough were to commit such improprieties, I’d make him cry. I don’t wonder at your being angry, for I’m sure I’d give my husband a lesson he would not soon forget for a lighter offence than that. But then he never will do anything of the kind; for I keep him in too good order for that.’

‘Are you sure you don’t arrogate too much of the credit to yourself. Lord Lowborough was quite as remarkable for his abstemiousness for some time before you married him, as he is now, I have heard.’

‘Oh, about the wine you mean - yes, he’s safe enough for that. And as to looking askance to another woman, he’s safe enough for that too, while I live, for he worships the very ground I tread on.’

‘Indeed! and are you sure you deserve it?’

‘Why, as to that, I can’t say: you know we’re all fallible creatures, Helen; we none of us deserve to be worshipped. But are you sure your darling Huntingdon deserves all the love you give to him?’

I knew not what to answer to this. I was burning with anger; but I suppressed all outward manifestations of it, and only bit my lip and pretended to arrange my work.

‘At any rate,’ resumed she, pursuing her advantage, ‘you can console yourself with the assurance that you are worthy of all the love he gives to you.’

‘You flatter me,’ said I; ‘but, at least, I can try to be worthy of it.’ And then I turned the conversation.

CHAPTER XXVIII

December 25th .

Last Christmas I was a bride, with a heart overflowing with present bliss, and full of ardent hopes for the future, though not unmingled with foreboding fears. Now I am a wife: my bliss is sobered, but not destroyed; my hopes diminished, but not departed; my fears increased, but not yet thoroughly confirmed; and, thank heaven, I am a mother too. God has sent me a soul to educate for heaven, and give me a new and calmer bliss, and stronger hopes to comfort me.

Dec. 25th , 1823.

Another year is gone. My little Arthur lives and thrives. He is healthy, but not robust, full of gentle playfulness and vivacity, already affectionate, and susceptible of passions and emotions it will be long ere he can find words to express. He has won his father's heart at last; and now my constant terror is, lest he should be ruined by that father's thoughtless indulgence. But I must beware of my own weakness too, for I never knew till now how strong are a parent's temptations to spoil an only child.

I have need of consolation in my son, for (to this silent paper I may confess it) I have but little in my husband. I love him still; and he loves me, in his own way - but oh, how different from the love I could have given, and once had hoped to receive! How little real sympathy there exists between us; how many of my thoughts and feelings are gloomily cloistered within my own mind; how much of my higher and better self is indeed unmarried - doomed either to harden and sour in the sunless shade of solitude, or to quite degenerate and fall away for lack of nutriment in this unwholesome soil! But, I repeat, I have no right to complain; only let me state the truth - some of the truth, at least - and see hereafter if any darker truths will blot these pages. We have now been full two years united; the 'romance' of our attachment must be worn away. Surely I have now got down to the lowest gradation in Arthur's affection, and discovered all the evils of his nature: if there be any further change, it must be for the better, as we become still more accustomed to each other; surely we shall find no lower depth than this. And, if so, I can bear it well - as well, at least, as I have borne it hitherto.

Arthur is not what is commonly called a bad man: he has many good qualities; but he is a man without self-restraint or lofty aspirations, a lover of pleasure, given up to animal enjoyments: he is not a bad husband, but his notions of matrimonial duties and comforts are not my notions. Judging from appearances, his idea of a wife is a thing to love one devotedly, and to stay at home to wait upon her husband, and amuse him and minister to his comfort in every possible way, while he chooses to stay with her; and, when he is absent, to attend to his interests, domestic or otherwise, and patiently wait his return, no matter how he may be occupied in the meantime.

Early in spring he announced his intention of going to London: his affairs there demanded his attendance, he said, and he could refuse it no longer. He expressed his regret at having to leave me, but hoped I would amuse myself with the baby till he returned.

‘But why leave me?’ I said. ‘I can go with you: I can be ready at any time.’

‘You would not take that child to town?’

‘Yes; why not?’

The thing was absurd: the air of the town would be certain to disagree with him, and with me as a nurse; the late hours and London habits would not suit me under such circumstances; and altogether he assured me that it would be excessively troublesome, injurious, and unsafe. I over-ruled his objections as well as I could, for I trembled at the thoughts of his going alone, and would sacrifice almost anything for myself, much even for my child, to prevent it; but at length he told me, plainly, and somewhat testily, that he could not do with me: he was worn out with the baby’s restless nights, and must have some repose. I proposed separate apartments; but it would not do.

‘The truth is, Arthur,’ I said at last, ‘you are weary of my company, and determined not to have me with you. You might as well have said so at once.’

He denied it; but I immediately left the room, and flew to the nursery, to hide my feelings, if I could not soothe them, there.

I was too much hurt to express any further dissatisfaction with his plans, or at all to refer to the subject again, except for the necessary arrangements concerning his departure and the conduct of affairs during his absence, till the day before he went, when I earnestly exhorted him to take care of himself and keep out of the way of temptation. He laughed at my anxiety, but assured me there was no cause for it, and promised to attend to my advice.

‘I suppose it is no use asking you to fix a day for your return?’ said I.

‘Why, no; I hardly can, under the circumstances; but be assured, love, I shall not be long away.’

‘I don’t wish to keep you a prisoner at home,’ I replied; ‘I should not grumble at your staying whole months away - if you can be happy so long without me - provided I knew you were safe; but I don’t like the idea of your being there among your friends, as you call them.’

‘Pooh, pooh, you silly girl! Do you think I can’t take care of myself?’

‘You didn’t last time. But THIS time, Arthur,’ I added, earnestly, ‘show me that you can, and teach me that I need not fear to trust you!’

He promised fair, but in such a manner as we seek to soothe a child. And did he keep his promise? No; and henceforth I can never trust his word. Bitter, bitter confession! Tears blind me while I write. It was early in March that he went, and he did not return till July. This time he did not trouble himself to make excuses as before, and his letters were less frequent, and shorter and less affectionate, especially after the first few weeks: they came slower and slower, and more terse and careless every time. But still, when I omitted writing, he complained of my neglect. When I wrote sternly and coldly, as I confess I frequently did at the last, he blamed my harshness, and said it was enough to scare him from his home: when I tried mild persuasion, he was a little more gentle in his replies, and promised to return; but I had learnt, at last, to disregard his promises.

CHAPTER XXIX

Those were four miserable months, alternating between intense anxiety, despair, and indignation, pity for him and pity for myself. And yet, through all, I was not wholly comfortless: I had my darling, sinless, inoffensive little one to console me; but even this consolation was embittered by the constantly-recurring thought, 'How shall I teach him hereafter to respect his father, and yet to avoid his example?'

But I remembered that I had brought all these afflictions, in a manner wilfully, upon myself; and I determined to bear them without a murmur. At the same time I resolved not to give myself up to misery for the transgressions of another, and endeavoured to divert myself as much as I could; and besides the companionship of my child, and my dear, faithful Rachel, who evidently guessed my sorrows and felt for them, though she was too discreet to allude to them, I had my books and pencil, my domestic affairs, and the welfare and comfort of Arthur's poor tenants and labourers to attend to: and I sometimes sought and obtained amusement in the company of my young friend Esther Hargrave: occasionally I rode over to see her, and once or twice I had her to spend the day with me at the Manor. Mrs. Hargrave did not visit London that season: having no daughter to marry, she thought it as well to stay at home and economise; and, for a wonder, Walter came down to join her in the beginning of June, and stayed till near the close of August.

The first time I saw him was on a sweet, warm evening, when I was sauntering in the park with little Arthur and Rachel, who is head-nurse and lady's-maid in one - for, with my secluded life and tolerably active habits, I require but little attendance, and as she had nursed me and coveted to nurse my child, and was moreover so very trustworthy, I preferred committing the important charge to her, with a young nursery-maid under her directions, to engaging any one else: besides, it saves money; and since I have made acquaintance with Arthur's affairs, I have learnt to regard that as no trifling recommendation; for, by my own desire, nearly the whole of the income of my fortune is devoted, for years to come, to the paying off of his debts, and the money he contrives to squander away in London is incomprehensible. But to return to Mr. Hargrave. I was standing with

Rachel beside the water, amusing the laughing baby in her arms with a twig of willow laden with golden catkins, when, greatly to my surprise, he entered the park, mounted on his costly black hunter, and crossed over the grass to meet me. He saluted me with a very fine compliment, delicately worded, and modestly delivered withal, which he had doubtless concocted as he rode along. He told me he had brought a message from his mother, who, as he was riding that way, had desired him to call at the Manor and beg the pleasure of my company to a friendly family dinner tomorrow.

‘There is no one to meet but ourselves,’ said he; ‘but Esther is very anxious to see you; and my mother fears you will feel solitary in this great house so much alone, and wishes she could persuade you to give her the pleasure of your company more frequently, and make yourself at home in our more humble dwelling, till Mr. Huntingdon’s return shall render this a little more conducive to your comfort.’

‘She is very kind,’ I answered, ‘but I am not alone, you see; - and those whose time is fully occupied seldom complain of solitude.’

‘Will you not come tomorrow, then? She will be sadly disappointed if you refuse.’

I did not relish being thus compassionated for my loneliness; but, however, I promised to come.

‘What a sweet evening this is!’ observed he, looking round upon the sunny park, with its imposing swell and slope, its placid water, and majestic clumps of trees. ‘And what a paradise you live in!’

‘It is a lovely evening,’ answered I; and I sighed to think how little I had felt its loveliness, and how little of a paradise sweet Grassdale was to me - how still less to the voluntary exile from its scenes. Whether Mr. Hargrave divined my thoughts, I cannot tell, but, with a half-hesitating, sympathising seriousness of tone and manner, he asked if I had lately heard from Mr. Huntingdon.

‘Not lately,’ I replied.

‘I thought not,’ he muttered, as if to himself, looking thoughtfully on the ground.

‘Are you not lately returned from London?’ I asked.

‘Only yesterday.’

‘And did you see him there?’

‘Yes - I saw him.’

‘Was he well?’

‘Yes - that is,’ said he, with increasing hesitation and an appearance of suppressed indignation, ‘he was as well as - as he deserved to be, but under circumstances I should have deemed incredible for a man so favoured as he is.’ He here looked up and pointed the sentence with a serious bow to me. I suppose my face was crimson.

‘Pardon me, Mrs. Huntingdon,’ he continued, ‘but I cannot suppress my indignation when I behold such infatuated blindness and perversion of taste; - but, perhaps, you are not aware - ‘ He paused.

‘I am aware of nothing, sir - except that he delays his coming longer than I expected; and if, at present, he prefers the society of his friends to that of his wife, and the dissipations of the town to the quiet of country life, I suppose I have those friends to thank for it. Their tastes and occupations are similar to his, and I don’t see why his conduct should awaken either their indignation or surprise.’

‘You wrong me cruelly,’ answered he. ‘I have shared but little of Mr. Huntingdon’s society for the last few weeks; and as for his tastes and occupations, they are quite beyond me - lonely wanderer as I am. Where I have but sipped and tasted, he drains the cup to the dregs; and if ever for a moment I have sought to drown the voice of reflection in madness and folly, or if I have wasted too much of my time and talents among reckless and dissipated companions, God knows I would gladly renounce them entirely and for ever, if I had but half the blessings that man so thanklessly casts behind his back - but half the inducements to virtue and domestic, orderly habits that he despises - but such a home, and such a partner to share it! It is infamous!’ he muttered, between his teeth. ‘And don’t think, Mrs. Huntingdon,’ he added aloud, ‘that I could be guilty of inciting him to persevere in his present pursuits: on the contrary, I have remonstrated with him again and again; I have frequently expressed my surprise at his conduct, and reminded him of his duties and his privileges - but to no purpose; he only...’

‘Enough, Mr. Hargrave; you ought to be aware that whatever my husband’s faults may be, it can only aggravate the evil for me to hear them from a stranger’s lips.’

‘Am I then a stranger?’ said he in a sorrowful tone. ‘I am your nearest neighbour, your son’s godfather, and your husband’s friend; may I not be yours also?’

‘Intimate acquaintance must precede real friendship; I know but little of you, Mr. Hargrave, except from report.’

‘Have you then forgotten the six or seven weeks I spent under your roof last autumn? I have not forgotten them. And I know enough of you, Mrs. Huntingdon, to think that your husband is the most enviable man in the world, and I should be the next if you would deem me worthy of your friendship.’

‘If you knew more of me, you would not think it, or if you did you would not say it, and expect me to be flattered by the compliment.’

I stepped backward as I spoke. He saw that I wished the conversation to end; and immediately taking the hint, he gravely bowed, wished me good-evening, and turned his horse towards the road. He appeared grieved and hurt at my unkind reception of his sympathising overtures. I was not sure that I had done right in speaking so harshly to him; but, at the time, I had felt irritated - almost insulted by his conduct; it seemed as if he was presuming upon the absence and neglect of my husband, and insinuating even more than the truth against him.

Rachel had moved on, during our conversation, to some yards’ distance. He rode up to her, and asked to see the child. He took it carefully into his arms, looked upon it with an almost paternal smile, and I heard him say, as I approached -

‘And this, too, he has forsaken!’

He then tenderly kissed it, and restored it to the gratified nurse.

‘Are you fond of children, Mr. Hargrave?’ said I, a little softened towards him.

‘Not in general,’ he replied, ‘but that is such a sweet child, and so like its mother,’ he added in a lower tone.

‘You are mistaken there; it is its father it resembles.’

‘Am I not right, nurse?’ said he, appealing to Rachel.

‘I think, sir, there’s a bit of both,’ she replied.

He departed; and Rachel pronounced him a very nice gentleman. I had still my doubts on the subject.

In the course of the following six weeks I met him several times, but always, save once, in company with his mother, or his sister, or both. When I called on them, he always happened to be at home, and, when they called on me, it was always he that drove them over in the phaeton. His mother, evidently, was quite delighted with his dutiful attentions and newly-acquired domestic habits.

The time that I met him alone was on a bright, but not oppressively hot day, in the beginning of July: I had taken little Arthur into the wood that skirts the park, and there seated him on the moss-cushioned roots of an old oak; and, having gathered a handful of bluebells and wild-roses, I was kneeling before him, and presenting them, one by one, to the grasp of his tiny fingers; enjoying the heavenly beauty of the flowers, through the medium of his smiling eyes: forgetting, for the moment, all my cares, laughing at his gleeful laughter, and delighting myself with his delight - when a shadow suddenly eclipsed the little space of sunshine on the grass before us; and looking up, I beheld Walter Hargrave standing and gazing upon us.

‘Excuse me, Mrs. Huntingdon,’ said he, ‘but I was spell-bound; I had neither the power to come forward and interrupt you, nor to withdraw from the contemplation of such a scene. How vigorous my little godson grows! and how merry he is this morning!’ He approached the child, and stooped to take his hand; but, on seeing that his caresses were likely to produce tears and lamentations, instead of a reciprocation of friendly demonstrations, he prudently drew back.

‘What a pleasure and comfort that little creature must be to you, Mrs. Huntingdon!’ he observed, with a touch of sadness in his intonation, as he admiringly contemplated the infant.

‘It is,’ replied I; and then I asked after his mother and sister.

He politely answered my inquiries, and then returned again to the subject I wished to avoid; though with a degree of timidity that witnessed his fear to offend.

‘You have not heard from Huntingdon lately?’ he said.

‘Not this week,’ I replied. Not these three weeks, I might have said.

‘I had a letter from him this morning. I wish it were such a one as I could show to his lady.’ He half drew from his waistcoat-pocket a letter with Arthur’s still beloved hand on the address, scowled at it, and put it back again, adding - ‘But he tells me he is about to return next week.’

‘He tells me so every time he writes.’

‘Indeed! well, it is like him. But to me he always avowed it his intention to stay till the present month.’

It struck me like a blow, this proof of premeditated transgression and systematic disregard of truth.

‘It is only of a piece with the rest of his conduct,’ observed Mr. Hargrave, thoughtfully regarding me, and reading, I suppose, my feelings in my face.

‘Then he is really coming next week?’ said I, after a pause.

‘You may rely upon it, if the assurance can give you any pleasure. And is it possible, Mrs. Huntingdon, that you can rejoice at his return?’ he exclaimed, attentively perusing my features again.

‘Of course, Mr. Hargrave; is he not my husband?’

‘Oh, Huntingdon; you know not what you slight!’ he passionately murmured.

I took up my baby, and, wishing him good-morning, departed, to indulge my thoughts unscrutinized, within the sanctum of my home.

And was I glad? Yes, delighted; though I was angered by Arthur’s conduct, and though I felt that he had wronged me, and was determined he should feel it too.

CHAPTER XXX

On the following morning I received a few lines from him myself, confirming Hargrave's intimations respecting his approaching return. And he did come next week, but in a condition of body and mind even worse than before. I did not, however, intend to pass over his derelictions this time without a remark; I found it would not do. But the first day he was weary with his journey, and I was glad to get him back: I would not upbraid him then; I would wait till tomorrow. Next morning he was weary still: I would wait a little longer. But at dinner, when, after breakfasting at twelve o'clock on a bottle of soda-water and a cup of strong coffee, and lunching at two on another bottle of soda-water mingled with brandy, he was finding fault with everything on the table, and declaring we must change our cook, I thought the time was come.

'It is the same cook as we had before you went, Arthur,' said I. 'You were generally pretty well satisfied with her then.'

'You must have been letting her get into slovenly habits, then, while I was away. It is enough to poison one, eating such a disgusting mess!' And he pettishly pushed away his plate, and leant back despairingly in his chair.

'I think it is you that are changed, not she,' said I, but with the utmost gentleness, for I did not wish to irritate him.

'It may be so,' he replied carelessly, as he seized a tumbler of wine and water, adding, when he had tossed it off, 'for I have an infernal fire in my veins, that all the waters of the ocean cannot quench!'

'What kindled it?' I was about to ask, but at that moment the butler entered and began to take away the things.

'Be quick, Benson; do have done with that infernal clatter!' cried his master. 'And don't bring the cheese, unless you want to make me sick outright!'

Benson, in some surprise, removed the cheese, and did his best to effect a quiet and speedy clearance of the rest; but, unfortunately, there was a rumple in the carpet, caused by the hasty pushing back of his master's chair, at which he tripped and stumbled, causing a rather alarming concussion with the trayful of crockery in his hands, but no positive

damage, save the fall and breaking of a sauce tureen; but, to my unspeakable shame and dismay, Arthur turned furiously around upon him, and swore at him with savage coarseness. The poor man turned pale, and visibly trembled as he stooped to pick up the fragments.

‘He couldn’t help it, Arthur,’ said I; ‘the carpet caught his foot, and there’s no great harm done. Never mind the pieces now, Benson; you can clear them away afterwards.’

Glad to be released, Benson expeditiously set out the dessert and withdrew.

‘What could you mean, Helen, by taking the servant’s part against me,’ said Arthur, as soon as the door was closed, ‘when you knew I was distracted?’

‘I did not know you were distracted, Arthur: and the poor man was quite frightened and hurt at your sudden explosion.’

‘Poor man, indeed! and do you think I could stop to consider the feelings of an insensate brute like that, when my own nerves were racked and torn to pieces by his confounded blunders?’

‘I never heard you complain of your nerves before.’

‘And why shouldn’t I have nerves as well as you?’

‘Oh, I don’t dispute your claim to their possession, but I never complain of mine.’

‘No, how should you, when you never do anything to try them?’

‘Then why do you try yours, Arthur?’

‘Do you think I have nothing to do but to stay at home and take care of myself like a woman?’

‘Is it impossible, then, to take care of yourself like a man when you go abroad? You told me that you could, and would too; and you promised...’

‘Come, come, Helen, don’t begin with that nonsense now, I can’t bear it.’

‘Can’t bear what? - to be reminded of the promises you have broken?’

‘Helen, you are cruel. If you knew how my heart throbbed, and how every nerve thrilled through me while you spoke, you would spare me. You can pity a dolt of a servant for breaking a dish; but you have no compassion for me when my head is split in two and all on fire with this consuming fever.’

He leant his head on his hand, and sighed. I went to him and put my hand on his forehead. It was burning indeed.

‘Then come with me into the drawing-room, Arthur; and don’t take any more wine: you have taken several glasses since dinner, and eaten next to nothing all the day. How can that make you better?’

With some coaxing and persuasion, I got him to leave the table. When the baby was brought I tried to amuse him with that; but poor little Arthur was cutting his teeth, and his father could not bear his complaints: sentence of immediate banishment was passed upon him on the first indication of fretfulness; and because, in the course of the evening, I went to share his exile for a little while, I was reproached, on my return, for preferring my child to my husband. I found the latter reclining on the sofa just as I had left him.

‘Well!’ exclaimed the injured man, in a tone of pseudo-resignation. ‘I thought I wouldn’t send for you; I thought I’d just see how long it would please you to leave me alone.’

‘I have not been very long, have I, Arthur? I have not been an hour, I’m sure.’

‘Oh, of course, an hour is nothing to you, so pleasantly employed; but to me...’

‘It has not been pleasantly employed,’ interrupted I. ‘I have been nursing our poor little baby, who is very far from well, and I could not leave him till I got him to sleep.’

‘Oh, to be sure, you’re overflowing with kindness and pity for everything but me.’

‘And why should I pity you? What is the matter with you?’

‘Well! that passes everything! After all the wear and tear that I’ve had, when I come home sick and weary, longing for comfort, and expecting

to find attention and kindness, at least from my wife, she calmly asks what is the matter with me!

‘There is nothing the matter with you,’ returned I, ‘except what you have wilfully brought upon yourself, against my earnest exhortation and entreaty.’

‘Now, Helen,’ said he emphatically, half rising from his recumbent posture, ‘if you bother me with another word, I’ll ring the bell and order six bottles of wine, and, by heaven, I’ll drink them dry before I stir from this place!’

I said no more, but sat down before the table and drew a book towards me.

‘Do let me have quietness at least!’ continued he, ‘if you deny me every other comfort;’ and sinking back into his former position, with an impatient expiration between a sigh and a groan, he languidly closed his eyes, as if to sleep.

What the book was that lay open on the table before me, I cannot tell, for I never looked at it. With an elbow on each side of it, and my hands clasped before my eyes, I delivered myself up to silent weeping. But Arthur was not asleep: at the first slight sob, he raised his head and looked round, impatiently exclaiming, ‘What are you crying for, Helen? What the deuce is the matter now?’

‘I’m crying for you, Arthur,’ I replied, speedily drying my tears; and starting up, I threw myself on my knees before him, and clasping his nerveless hand between my own, continued: ‘Don’t you know that you are a part of myself? And do you think you can injure and degrade yourself, and I not feel it?’

‘Degrade myself, Helen?’

‘Yes, degrade! What have you been doing all this time?’

‘You’d better not ask,’ said he, with a faint smile.

‘And you had better not tell; but you cannot deny that you have degraded yourself miserably. You have shamefully wronged yourself, body and soul, and me too; and I can’t endure it quietly, and I won’t!’

‘Well, don’t squeeze my hand so frantically, and don’t agitate me so, for heaven’s sake! Oh, Hattersley! you were right: this woman will be the death of me, with her keen feelings and her interesting force of character. There, there, do spare me a little.’

‘Arthur, you must repent!’ cried I, in a frenzy of desperation, throwing my arms around him and burying my face in his bosom. ‘You shall say you are sorry for what you have done!’

‘Well, well, I am.’

‘You are not! you’ll do it again.’

‘I shall never live to do it again if you treat me so savagely,’ replied he, pushing me from him. ‘You’ve nearly squeezed the breath out of my body.’ He pressed his hand to his heart, and looked really agitated and ill.

‘Now get me a glass of wine,’ said he, ‘to remedy what you’ve done, you she tiger! I’m almost ready to faint.’

I flew to get the required remedy. It seemed to revive him considerably.

‘What a shame it is,’ said I, as I took the empty glass from his hand, ‘for a strong young man like you to reduce yourself to such a state!’

‘If you knew all, my girl, you’d say rather, “What a wonder it is you can bear it so well as you do!” I’ve lived more in these four months, Helen, than you have in the whole course of your existence, or will to the end of your days, if they numbered a hundred years; so I must expect to pay for it in some shape.’

‘You will have to pay a higher price than you anticipate, if you don’t take care: there will be the total loss of your own health, and of my affection too, if that is of any value to you.’

‘What! you’re at that game of threatening me with the loss of your affection again, are you? I think it couldn’t have been very genuine stuff to begin with, if it’s so easily demolished. If you don’t mind, my pretty tyrant, you’ll make me regret my choice in good earnest, and envy my friend Hattersley his meek little wife: she’s quite a pattern to her sex, Helen. He had her with him in London all the season, and she was no trouble at all. He might amuse himself just as he pleased, in regular bachelor style, and she

never complained of neglect; he might come home at any hour of the night or morning, or not come home at all; be sullen, sober, or glorious drunk; and play the fool or the madman to his own heart's desire, without any fear or botheration. She never gives him a word of reproach or complaint, do what he will. He says there's not such a jewel in all England, and swears he wouldn't take a kingdom for her.'

'But he makes her life a curse to her.'

'Not he! She has no will but his, and is always contented and happy as long as he is enjoying himself.'

'In that case she is as great a fool as he is; but it is not so. I have several letters from her, expressing the greatest anxiety about his proceedings, and complaining that you incite him to commit those extravagances - one especially, in which she implores me to use my influence with you to get you away from London, and affirms that her husband never did such things before you came, and would certainly discontinue them as soon as you departed and left him to the guidance of his own good sense.'

'The detestable little traitor! Give me the letter, and he shall see it as sure as I'm a living man.'

'No, he shall not see it without her consent; but if he did, there is nothing there to anger him, nor in any of the others. She never speaks a word against him: it is only anxiety for him that she expresses. She only alludes to his conduct in the most delicate terms, and makes every excuse for him that she can possibly think of; and as for her own misery, I rather feel it than see it expressed in her letters.'

'But she abuses me; and no doubt you helped her.'

'No; I told her she over-rated my influence with you, that I would gladly draw you away from the temptations of the town if I could, but had little hope of success, and that I thought she was wrong in supposing that you enticed Mr. Hattersley or any one else into error. I had myself held the contrary opinion at one time, but I now believed that you mutually corrupted each other; and, perhaps, if she used a little gentle but serious remonstrance with her husband, it might be of some service; as, though he

was more rough-hewn than mine, I believed he was of a less impenetrable material.'

'And so that is the way you go on - heartening each other up to mutiny, and abusing each other's partners, and throwing out implications against your own, to the mutual gratification of both!'

'According to your own account,' said I, 'my evil counsel has had but little effect upon her. And as to abuse and aspersions, we are both of us far too deeply ashamed of the errors and vices of our other halves, to make them the common subject of our correspondence. Friends as we are, we would willingly keep your failings to ourselves - even from ourselves if we could, unless by knowing them we could deliver you from them.'

'Well, well! don't worry me about them: you'll never effect any good by that. Have patience with me, and bear with my languor and crossness a little while, till I get this cursed low fever out of my veins, and then you'll find me cheerful and kind as ever. Why can't you be gentle and good, as you were last time? - I'm sure I was very grateful for it.'

'And what good did your gratitude do? I deluded myself with the idea that you were ashamed of your transgressions, and hoped you would never repeat them again; but now you have left me nothing to hope!'

'My case is quite desperate, is it? A very blessed consideration, if it will only secure me from the pain and worry of my dear anxious wife's efforts to convert me, and her from the toil and trouble of such exertions, and her sweet face and silver accents from the ruinous effects of the same. A burst of passion is a fine rousing thing upon occasion, Helen, and a flood of tears is marvellously affecting, but, when indulged too often, they are both deuced plaguy things for spoiling one's beauty and tiring out one's friends.'

Thenceforth I restrained my tears and passions as much as I could. I spared him my exhortations and fruitless efforts at conversion too, for I saw it was all in vain: God might awaken that heart, supine and stupefied with self-indulgence, and remove the film of sensual darkness from his eyes, but I could not. His injustice and ill-humour towards his inferiors, who could not defend themselves, I still resented and withstood; but when I alone was their object, as was frequently the case, I endured it with calm forbearance, except at times, when my temper, worn out by repeated

annoyances, or stung to distraction by some new instance of irrationality, gave way in spite of myself, and exposed me to the imputations of fierceness, cruelty, and impatience. I attended carefully to his wants and amusements, but not, I own, with the same devoted fondness as before, because I could not feel it; besides, I had now another claimant on my time and care - my ailing infant, for whose sake I frequently braved and suffered the reproaches and complaints of his unreasonably exacting father.

But Arthur is not naturally a peevish or irritable man; so far from it, that there was something almost ludicrous in the incongruity of this adventitious fretfulness and nervous irritability, rather calculated to excite laughter than anger, if it were not for the intensely painful considerations attendant upon those symptoms of a disordered frame, and his temper gradually improved as his bodily health was restored, which was much sooner than would have been the case but for my strenuous exertions; for there was still one thing about him that I did not give up in despair, and one effort for his preservation that I would not remit. His appetite for the stimulus of wine had increased upon him, as I had too well foreseen. It was now something more to him than an accessory to social enjoyment: it was an important source of enjoyment in itself. In this time of weakness and depression he would have made it his medicine and support, his comforter, his recreation, and his friend, and thereby sunk deeper and deeper, and bound himself down for ever in the bathos whereinto he had fallen. But I determined this should never be, as long as I had any influence left; and though I could not prevent him from taking more than was good for him, still, by incessant perseverance, by kindness, and firmness, and vigilance, by coaxing, and daring, and determination, I succeeded in preserving him from absolute bondage to that detestable propensity, so insidious in its advances, so inexorable in its tyranny, so disastrous in its effects.

And here I must not forget that I am not a little indebted to his friend Mr. Hargrave. About that time he frequently called at Grassdale, and often dined with us, on which occasions I fear Arthur would willingly have cast prudence and decorum to the winds, and made 'a night of it,' as often as his friend would have consented to join him in that exalted pastime; and if the latter had chosen to comply, he might, in a night or two, have ruined the labour of weeks, and overthrown with a touch the frail bulwark it had

cost me such trouble and toil to construct. I was so fearful of this at first, that I humbled myself to intimate to him, in private, my apprehensions of Arthur's proneness to these excesses, and to express a hope that he would not encourage it. He was pleased with this mark of confidence, and certainly did not betray it. On that and every subsequent occasion his presence served rather as a check upon his host, than an incitement to further acts of intemperance; and he always succeeded in bringing him from the dining-room in good time, and in tolerably good condition; for if Arthur disregarded such intimations as 'Well, I must not detain you from your lady,' or 'We must not forget that Mrs. Huntingdon is alone,' he would insist upon leaving the table himself, to join me, and his host, however unwillingly, was obliged to follow.

Hence I learned to welcome Mr. Hargrave as a real friend to the family, a harmless companion for Arthur, to cheer his spirits and preserve him from the tedium of absolute idleness and a total isolation from all society but mine, and a useful ally to me. I could not but feel grateful to him under such circumstances; and I did not scruple to acknowledge my obligation on the first convenient opportunity; yet, as I did so, my heart whispered all was not right, and brought a glow to my face, which he heightened by his steady, serious gaze, while, by his manner of receiving those acknowledgments, he more than doubled my misgivings. His high delight at being able to serve me was chastened by sympathy for me and commiseration for himself - about, I know not what, for I would not stay to inquire, or suffer him to unburden his sorrows to me. His sighs and intimations of suppressed affliction seemed to come from a full heart; but either he must contrive to retain them within it, or breathe them forth in other ears than mine: there was enough of confidence between us already. It seemed wrong that there should exist a secret understanding between my husband's friend and me, unknown to him, of which he was the object. But my after-thought was, 'If it is wrong, surely Arthur's is the fault, not mine.'

And indeed I know not whether, at the time, it was not for him rather than myself that I blushed; for, since he and I are one, I so identify myself with him, that I feel his degradation, his failings, and transgressions as my own: I blush for him, I fear for him; I repent for him, weep, pray, and

feel for him as for myself; but I cannot act for him; and hence I must be, and I am, debased, contaminated by the union, both in my own eyes and in the actual truth. I am so determined to love him, so intensely anxious to excuse his errors, that I am continually dwelling upon them, and labouring to extenuate the loosest of his principles and the worst of his practices, till I am familiarised with vice, and almost a partaker in his sins. Things that formerly shocked and disgusted me, now seem only natural. I know them to be wrong, because reason and God's word declare them to be so; but I am gradually losing that instinctive horror and repulsion which were given me by nature, or instilled into me by the precepts and example of my aunt. Perhaps then I was too severe in my judgments, for I abhorred the sinner as well as the sin; now I flatter myself I am more charitable and considerate; but am I not becoming more indifferent and insensate too? Fool that I was, to dream that I had strength and purity enough to save myself and him! Such vain presumption would be rightly served, if I should perish with him in the gulf from which I sought to save him! Yet, God preserve me from it, and him too! Yes, poor Arthur, I will still hope and pray for you; and though I write as if you were some abandoned wretch, past hope and past reprieve, it is only my anxious fears, my strong desires that make me do so; one who loved you less would be less bitter, less dissatisfied.

His conduct has, of late, been what the world calls irreproachable; but then I know his heart is still unchanged; and I know that spring is approaching, and deeply dread the consequences.

As he began to recover the tone and vigour of his exhausted frame, and with it something of his former impatience of retirement and repose, I suggested a short residence by the sea-side, for his recreation and further restoration, and for the benefit of our little one as well. But no: watering-places were so intolerably dull; besides, he had been invited by one of his friends to spend a month or two in Scotland for the better recreation of grouse-shooting and deer-stalking, and had promise to go.

'Then you will leave me again, Arthur?' said I.

'Yes, dearest, but only to love you the better when I come back, and make up for all past offences and short-comings; and you needn't fear me this time: there are no temptations on the mountains. And during my absence you may pay a visit to Staningley, if you like: your uncle and aunt

have long been wanting us to go there, you know, but somehow there's such a repulsion between the good lady and me, that I never could bring myself up to the scratch.'

About the third week in August, Arthur set out for Scotland, and Mr. Hargrave accompanied him thither, to my private satisfaction. Shortly after, I, with little Arthur and Rachel, went to Staningley, my dear old home, which, as well as my dear old friends its inhabitants, I saw again with mingled feelings of pleasure and pain so intimately blended that I could scarcely distinguish the one from the other, or tell to which to attribute the various tears, and smiles, and sighs awakened by those old familiar scenes, and tones, and faces.

Arthur did not come home till several weeks after my return to Grassdale; but I did not feel so anxious about him now, to think of him engaged in active sports among the wild hills of Scotland, was very different from knowing him to be immersed amid the corruptions and temptations of London. His letters now, though neither long nor loverlike, were more regular than ever they had been before; and when he did return, to my great joy, instead of being worse than when he went, he was more cheerful and vigorous, and better in every respect. Since that time I have had little cause to complain. He still has an unfortunate predilection for the pleasures of the table, against which I have to struggle and watch; but he has begun to notice his boy, and that is an increasing source of amusement to him within-doors, while his fox-hunting and coursing are a sufficient occupation for him without, when the ground is not hardened by frost; so that he is not wholly dependent on me for entertainment. But it is now January; spring is approaching; and, I repeat, I dread the consequences of its arrival. That sweet season, I once so joyously welcomed as the time of hope and gladness, awakens now far other anticipations by its return.

CHAPTER XXXI

March 20th 1824.

The dreaded time is come, and Arthur is gone, as I expected. This time he announced it his intention to make but a short stay in London, and pass over to the Continent, where he should probably stay a few weeks; but I shall not expect him till after the lapse of many weeks: I now know that, with him, days signify weeks, and weeks months.

July 30th

He returned about three weeks ago, rather better in health, certainly, than before, but still worse in temper. And yet, perhaps, I am wrong: it is I that am less patient and forbearing. I am tired out with his injustice, his selfishness and hopeless depravity. I wish a milder word would do; I am no angel, and my corruption rises against it. My poor father died last week: Arthur was vexed to hear of it, because he saw that I was shocked and grieved, and he feared the circumstance would mar his comfort. When I spoke of ordering my mourning, he exclaimed, 'Oh, I hate black! But, however, I suppose you must wear it awhile, for form's sake; but I hope, Helen, you won't think it your bounden duty to compose your face and manners into conformity with your funereal garb. Why should you sigh and groan, and I be made uncomfortable, because an old gentleman in -shire, a perfect stranger to us both, has thought proper to drink himself to death? There, now, I declare you're crying! Well, it must be affectation.'

He would not hear of my attending the funeral, or going for a day or two, to cheer poor Frederick's solitude. It was quite unnecessary, he said, and I was unreasonable to wish it. What was my father to me? I had never seen him but once since I was a baby, and I well knew he had never cared a stiver about me; and my brother, too, was little better than a stranger. 'Besides, dear Helen,' said he, embracing me with flattering fondness, 'I cannot spare you for a single day.'

'Then how have you managed without me these many days?' said I.

'Ah! then I was knocking about the world, now I am at home, and home without you, my household deity, would be intolerable.'

‘Yes, as long as I am necessary to your comfort; but you did not say so before, when you urged me to leave you, in order that you might get away from your home without me,’ retorted I; but before the words were well out of my mouth, I regretted having uttered them. It seemed so heavy a charge: if false, too gross an insult; if true, too humiliating a fact to be thus openly cast in his teeth. But I might have spared myself that momentary pang of self-reproach. The accusation awoke neither shame nor indignation in him: he attempted neither denial nor excuse, but only answered with a long, low, chuckling laugh, as if he viewed the whole transaction as a clever, merry jest from beginning to end. Surely that man will make me dislike him at last!

Sine as ye brew, my maiden fair,
Keep mind that ye maun drink the yill.

Yes; and I will drink it to the very dregs: and none but myself shall know how bitter I find it!

August 20th

We are shaken down again to about our usual position. Arthur has returned to nearly his former condition and habits; and I have found it my wisest plan to shut my eyes against the past and future, as far as he, at least, is concerned, and live only for the present: to love him when I can; to smile (if possible) when he smiles, be cheerful when he is cheerful, and pleased when he is agreeable; and when he is not, to try to make him so; and if that won’t answer, to bear with him, to excuse him, and forgive him as well as I can, and restrain my own evil passions from aggravating his; and yet, while I thus yield and minister to his more harmless propensities to self-indulgence, to do all in my power to save him from the worse.

But we shall not be long alone together. I shall shortly be called upon to entertain the same select body of friends as we had the autumn before last, with the addition of Mr. Hattersley and, at my special request, his wife and child. I long to see Milicent, and her little girl too. The latter is now above a year old; she will be a charming playmate for my little Arthur.

September 30th

Our guests have been here a week or two; but I have had no leisure to pass any comments upon them till now. I cannot get over my dislike to Lady Lowborough. It is not founded on mere personal pique; it is the woman herself that I dislike, because I so thoroughly disapprove of her. I always avoid her company as much as I can without violating the laws of hospitality; but when we do speak or converse together, it is with the utmost civility, even apparent cordiality on her part; but preserve me from such cordiality! It is like handling brier-roses and may-blossoms, bright enough to the eye, and outwardly soft to the touch, but you know there are thorns beneath, and every now and then you feel them too; and perhaps resent the injury by crushing them in till you have destroyed their power, though somewhat to the detriment of your own fingers.

Of late, however, I have seen nothing in her conduct towards Arthur to anger or alarm me. During the first few days I thought she seemed very solicitous to win his admiration. Her efforts were not unnoticed by him: I frequently saw him smiling to himself at her artful manoeuvres: but, to his praise be it spoken, her shafts fell powerless by his side. Her most bewitching smiles, her haughtiest frowns were ever received with the same immutable, careless good-humour; till, finding he was indeed impenetrable, she suddenly remitted her efforts, and became, to all appearance, as perfectly indifferent as himself. Nor have I since witnessed any symptom of pique on his part, or renewed attempts at conquest upon hers.

This is as it should be; but Arthur never will let me be satisfied with him. I have never, for a single hour since I married him, known what it is to realise that sweet idea, 'In quietness and confidence shall be your rest.' Those two detestable men, Grimsby and Hattersley, have destroyed all my labour against his love of wine. They encourage him daily to overstep the bounds of moderation, and not unfrequently to disgrace himself by positive excess. I shall not soon forget the second night after their arrival. Just as I had retired from the dining-room with the ladies, before the door was closed upon us, Arthur exclaimed, 'Now then, my lads, what say you to a regular jollification?'

Milicent glanced at me with a half-reproachful look, as if I could hinder it; but her countenance changed when she heard Hattersley's voice,

shouting through door and wall, 'I'm your man! Send for more wine: here isn't half enough!'

We had scarcely entered the drawing-room before we were joined by Lord Lowborough.

'What can induce you to come so soon?' exclaimed his lady, with a most ungracious air of dissatisfaction.

'You know I never drink, Annabella,' replied he seriously.

'Well, but you might stay with them a little: it looks so silly to be always dangling after the women; I wonder you can!'

He reproached her with a look of mingled bitterness and surprise, and, sinking into a chair, suppressed a heavy sigh, bit his pale lips, and fixed his eyes upon the floor.

'You did right to leave them, Lord Lowborough,' said I. 'I trust you will always continue to honour us so early with your company. And if Annabella knew the value of true wisdom, and the misery of folly and - and intemperance, she would not talk such nonsense - even in jest.'

He raised his eyes while I spoke, and gravely turned them upon me, with a half-surprised, half-abstracted look, and then bent them on his wife.

'At least,' said she, 'I know the value of a warm heart and a bold, manly spirit.'

'Well, Annabella,' said he, in a deep and hollow tone, 'since my presence is disagreeable to you, I will relieve you of it.'

'Are you going back to them, then?' said she, carelessly.

'No,' exclaimed he, with harsh and startling emphasis. 'I will not go back to them! And I will never stay with them one moment longer than I think right, for you or any other tempter! But you needn't mind that; I shall never trouble you again by intruding my company upon you so unseasonably.'

He left the room: I heard the hall-door open and shut, and immediately after, on putting aside the curtain, I saw him pacing down the park, in the comfortless gloom of the damp, cloudy twilight.

‘It would serve you right, Annabella,’ said I, at length, ‘if Lord Lowborough were to return to his old habits, which had so nearly effected his ruin, and which it cost him such an effort to break: you would then see cause to repent such conduct as this.’

‘Not at all, my dear! I should not mind if his lordship were to see fit to intoxicate himself every day: I should only the sooner be rid of him.’

‘Oh, Annabella!’ cried Milicent. ‘How can you say such wicked things! It would, indeed, be a just punishment, as far as you are concerned, if Providence should take you at your word, and make you feel what others feel, that...’ She paused as a sudden burst of loud talking and laughter reached us from the dining-room, in which the voice of Hattersley was pre-eminently conspicuous, even to my unpractised ear.

‘What you feel at this moment, I suppose?’ said Lady Lowborough, with a malicious smile, fixing her eyes upon her cousin’s distressed countenance.

The latter offered no reply, but averted her face and brushed away a tear. At that moment the door opened and admitted Mr. Hargrave, just a little flushed, his dark eyes sparkling with unwonted vivacity.

‘Oh, I’m so glad you’re come, Walter?’ cried his sister. ‘But I wish you could have got Ralph to come too.’

‘Utterly impossible, dear Milicent,’ replied he, gaily. ‘I had much ado to get away myself. Ralph attempted to keep me by violence; Huntingdon threatened me with the eternal loss of his friendship; and Grimsby, worse than all, endeavoured to make me ashamed of my virtue, by such galling sarcasms and innuendoes as he knew would wound me the most. So you see, ladies, you ought to make me welcome when I have braved and suffered so much for the favour of your sweet society.’ He smilingly turned to me and bowed as he finished the sentence.

‘Isn’t he handsome now, Helen!’ whispered Milicent, her sisterly pride overcoming, for the moment, all other considerations.

‘He would be,’ I returned, ‘if that brilliance of eye, and lip, and cheek were natural to him; but look again, a few hours hence.’

Here the gentleman took a seat near me at the table, and petitioned for a cup of coffee.

‘I consider this an apt illustration of heaven taken by storm,’ said he, as I handed one to him. ‘I am in paradise, now; but I have fought my way through flood and fire to win it. Ralph Hattersley’s last resource was to set his back against the door, and swear I should find no passage but through his body (a pretty substantial one too). Happily, however, that was not the only door, and I effected my escape by the side entrance through the butler’s pantry, to the infinite amazement of Benson, who was cleaning the plate.’

Mr. Hargrave laughed, and so did his cousin; but his sister and I remained silent and grave.

‘Pardon my levity, Mrs. Huntingdon,’ murmured he, more seriously, as he raised his eyes to my face. ‘You are not used to these things: you suffer them to affect your delicate mind too sensibly. But I thought of you in the midst of those lawless roysterers; and I endeavoured to persuade Mr. Huntingdon to think of you too; but to no purpose: I fear he is fully determined to enjoy himself this night; and it will be no use keeping the coffee waiting for him or his companions; it will be much if they join us at tea. Meantime, I earnestly wish I could banish the thoughts of them from your mind - and my own too, for I hate to think of them - yes - even of my dear friend Huntingdon, when I consider the power he possesses over the happiness of one so immeasurably superior to himself, and the use he makes of it - I positively detest the man!’

‘You had better not say so to me, then,’ said I; ‘for, bad as he is, he is part of myself, and you cannot abuse him without offending me.’

‘Pardon me, then, for I would sooner die than offend you. But let us say no more of him for the present, if you please.’

At last they came; but not till after ten, when tea, which had been delayed for more than half an hour, was nearly over. Much as I had longed for their coming, my heart failed me at the riotous uproar of their approach; and Milicent turned pale, and almost started from her seat, as Mr. Hattersley burst into the room with a clamorous volley of oaths in his

mouth, which Hargrave endeavoured to check by entreating him to remember the ladies.

‘Ah! you do well to remind me of the ladies, you dastardly deserter,’ cried he, shaking his formidable fist at his brother-in-law. ‘If it were not for them, you well know, I’d demolish you in the twinkling of an eye, and give your body to the fowls of heaven and the lilies of the fields!’ Then, planting a chair by Lady Lowborough’s side, he stationed himself in it, and began to talk to her with a mixture of absurdity and impudence that seemed rather to amuse than to offend her; though she affected to resent his insolence, and to keep him at bay with sallies of smart and spirited repartee.

Meantime Mr. Grimsby seated himself by me, in the chair vacated by Hargrave as they entered, and gravely stated that he would thank me for a cup of tea: and Arthur placed himself beside poor Milicent, confidentially pushing his head into her face, and drawing in closer to her as she shrank away from him. He was not so noisy as Hattersley, but his face was exceedingly flushed: he laughed incessantly, and while I blushed for all I saw and heard of him, I was glad that he chose to talk to his companion in so low a tone that no one could hear what he said but herself.

‘What fools they are!’ drawled Mr. Grimsby, who had been talking away, at my elbow, with sententious gravity all the time; but I had been too much absorbed in contemplating the deplorable state of the other two - especially Arthur - to attend to him.

‘Did you ever hear such nonsense as they talk, Mrs. Huntingdon?’ he continued. ‘I’m quite ashamed of them for my part: they can’t take so much as a bottle between them without its getting into their heads...’

‘You are pouring the cream into your saucer, Mr. Grimsby.’

‘Ah! yes, I see, but we’re almost in darkness here. Hargrave, snuff those candles, will you?’

‘They’re wax; they don’t require snuffing,’ said I.

‘“The light of the body is the eye,”’ observed Hargrave, with a sarcastic smile. ‘“If thine eye be single, thy whole body shall be full of light.”’

Grimsby repulsed him with a solemn wave of the hand, and then turning to me, continued, with the same drawling tones and strange uncertainty of utterance and heavy gravity of aspect as before: 'But as I was saying, Mrs. Huntingdon, they have no head at all: they can't take half a bottle without being affected some way; whereas I - well, I've taken three times as much as they have tonight, and you see I'm perfectly steady. Now that may strike you as very singular, but I think I can explain it: you see their brains - I mention no names, but you'll understand to whom I allude - their brains are light to begin with, and the fumes of the fermented liquor render them lighter still, and produce an entire light-headedness, or giddiness, resulting in intoxication; whereas my brains, being composed of more solid materials, will absorb a considerable quantity of this alcoholic vapour without the production of any sensible result...'

'I think you will find a sensible result produced on that tea,' interrupted Mr. Hargrave, 'by the quantity of sugar you have put into it. Instead of your usual complement of one lump, you have put in six.'

'Have I so?' replied the philosopher, diving with his spoon into the cup, and bringing up several half-dissolved pieces in confirmation of the assertion. 'Hum! I perceive. Thus, Madam, you see the evil of absence of mind - of thinking too much while engaged in the common concerns of life. Now, if I had had my wits about me, like ordinary men, instead of within me like a philosopher, I should not have spoiled this cup of tea, and been constrained to trouble you for another.'

'That is the sugar-basin, Mr. Grimsby. Now you have spoiled the sugar too; and I'll thank you to ring for some more, for here is Lord Lowborough at last; and I hope his lordship will condescend to sit down with us, such as we are, and allow me to give him some tea.'

His lordship gravely bowed in answer to my appeal, but said nothing. Meantime, Hargrave volunteered to ring for the sugar, while Grimsby lamented his mistake, and attempted to prove that it was owing to the shadow of the urn and the badness of the lights.

Lord Lowborough had entered a minute or two before, unobserved by an one but me, and had been standing before the door, grimly surveying the company. He now stepped up to Annabella, who sat with her back

towards him, with Hattersley still beside her, though not now attending to her, being occupied in vociferously abusing and bullying his host.

‘Well, Annabella,’ said her husband, as he leant over the back of her chair, ‘which of these three “bold, manly spirits” would you have me to resemble?’

‘By heaven and earth, you shall resemble us all!’ cried Hattersley, starting up and rudely seizing him by the arm. ‘Hallo, Huntingdon!’ he shouted - ‘I’ve got him! Come, man, and help me! And d-n me, if I don’t make him drunk before I let him go! He shall make up for all past delinquencies as sure as I’m a living soul!’

There followed a disgraceful contest: Lord Lowborough, in desperate earnest, and pale with anger, silently struggling to release himself from the powerful madman that was striving to drag him from the room. I attempted to urge Arthur to interfere in behalf of his outraged guest, but he could do nothing but laugh.

‘Huntingdon, you fool, come and help me, can’t you!’ cried Hattersley, himself somewhat weakened by his excesses.

‘I’m wishing you God-speed, Hattersley,’ cried Arthur, ‘and aiding you with my prayers: I can’t do anything else if my life depended on it! I’m quite used up. Oh - oh!’ and leaning back in his seat, he clapped his hands on his sides and groaned aloud.

‘Annabella, give me a candle!’ said Lowborough, whose antagonist had now got him round the waist and was endeavouring to root him from the door-post, to which he madly clung with all the energy of desperation.

‘I shall take no part in your rude sports!’ replied the lady coldly drawing back. ‘I wonder you can expect it.’ But I snatched up a candle and brought it to him. He took it and held the flame to Hattersley’s hands, till, roaring like a wild beast, the latter unclasped them and let him go. He vanished, I suppose to his own apartment, for nothing more was seen of him till the morning. Swearing and cursing like a maniac, Hattersley threw himself on to the ottoman beside the window. The door being now free, Milicent attempted to make her escape from the scene of her husband’s disgrace; but he called her back, and insisted upon her coming to him.

‘What do you want, Ralph?’ murmured she, reluctantly approaching him.

‘I want to know what’s the matter with you,’ said he, pulling her on to his knee like a child. ‘What are you crying for, Milicent? - Tell me!’

‘I’m not crying.’

‘You are,’ persisted he, rudely pulling her hands from her face. ‘How dare you tell such a lie!’

‘I’m not crying now,’ pleaded she.

‘But you have been, and just this minute too; and I will know what for. Come, now, you shall tell me!’

‘Do let me alone, Ralph! Remember, we are not at home.’

‘No matter: you shall answer my question!’ exclaimed her tormentor; and he attempted to extort the confession by shaking her, and remorselessly crushing her slight arms in the gripe of his powerful fingers.

‘Don’t let him treat your sister in that way,’ said I to Mr. Hargrave.

‘Come now, Hattersley, I can’t allow that,’ said that gentleman, stepping up to the ill-assorted couple. ‘Let my sister alone, if you please.’

And he made an effort to unclasp the ruffian’s fingers from her arm, but was suddenly driven backward, and nearly laid upon the floor by a violent blow on the chest, accompanied with the admonition, ‘Take that for your insolence! and learn to interfere between me and mine again.’

‘If you were not drunk, I’d have satisfaction for that!’ gasped Hargrave, white and breathless as much from passion as from the immediate effects of the blow.

‘Go to the devil!’ responded his brother-in-law. ‘Now, Milicent, tell me what you were crying for.’

‘I’ll tell you some other time,’ murmured she, ‘when we are alone.’

‘Tell me now!’ said he, with another shake and a squeeze that made her draw in her breath and bite her lip to suppress a cry of pain.

‘I’ll tell you, Mr. Hattersley,’ said I. ‘She was crying from pure shame and humiliation for you; because she could not bear to see you conduct yourself so disgracefully.’

‘Confound you, Madam!’ muttered he, with a stare of stupid amazement at my ‘impudence.’ ‘It was not that - was it, Milicent?’

She was silent.

‘Come, speak up, child!’

‘I can’t tell now,’ sobbed she.

‘But you can say “yes” or “no” as well as “I can’t tell.” - Come!’

‘Yes,’ she whispered, hanging her head, and blushing at the awful acknowledgment.

‘Curse you for an impertinent hussy, then!’ cried he, throwing her from him with such violence that she fell on her side; but she was up again before either I or her brother could come to her assistance, and made the best of her way out of the room, and, I suppose, up-stairs, without loss of time.

The next object of assault was Arthur, who sat opposite, and had, no doubt, richly enjoyed the whole scene.

‘Now, Huntingdon,’ exclaimed his irascible friend, ‘I will not have you sitting there and laughing like an idiot!’

‘Oh, Hattersley,’ cried he, wiping his swimming eyes - ‘you’ll be the death of me.’

‘Yes, I will, but not as you suppose: I’ll have the heart out of your body, man, if you irritate me with any more of that imbecile laughter! - What! are you at it yet? - There! see if that’ll settle you!’ cried Hattersley, snatching up a footstool and hurting it at the head of his host; but he as well as missed his aim, and the latter still sat collapsed and quaking with feeble laughter, with tears running down his face: a deplorable spectacle indeed.

Hattersley tried cursing and swearing, but it would not do: he then took a number of books from the table beside him, and threw them, one by one, at the object of his wrath; but Arthur only laughed the more; and, finally, Hattersley rushed upon him in a frenzy and seizing him by the shoulders, gave him a violent shaking, under which he laughed and shrieked alarmingly. But I saw no more: I thought I had witnessed enough of my husband’s degradation; and leaving Annabella and the rest to follow when they pleased, I withdrew, but not to bed. Dismissing Rachel to her rest, I

walked up and down my room, in an agony of misery for what had been done, and suspense, not knowing what might further happen, or how or when that unhappy creature would come up to bed.

At last he came, slowly and stumblingly ascending the stairs, supported by Grimsby and Hattersley, who neither of them walked quite steadily themselves, but were both laughing and joking at him, and making noise enough for all the servants to hear. He himself was no longer laughing now, but sick and stupid. I will write no more about that.

Such disgraceful scenes (or nearly such) have been repeated more than once. I don't say much to Arthur about it, for, if I did, it would do more harm than good; but I let him know that I intensely dislike such exhibitions; and each time he has promised they should never again be repeated. But I fear he is losing the little self-command and self-respect he once possessed: formerly, he would have been ashamed to act thus - at least, before any other witnesses than his boon companions, or such as they. His friend Hargrave, with a prudence and self-government that I envy for him, never disgraces himself by taking more than sufficient to render him a little 'elevated,' and is always the first to leave the table after Lord Lowborough, who, wiser still, perseveres in vacating the dining-room immediately after us: but never once, since Annabella offended him so deeply, has he entered the drawing-room before the rest; always spending the interim in the library, which I take care to have lighted for his accommodation; or, on fine moonlight nights, in roaming about the grounds. But I think she regrets her misconduct, for she has never repeated it since, and of late she has comported herself with wonderful propriety towards him, treating him with more uniform kindness and consideration than ever I have observed her to do before. I date the time of this improvement from the period when she ceased to hope and strive for Arthur's admiration.

CHAPTER XXXII

October 5th.

Esther Hargrave is getting a fine girl. She is not out of the school-room yet, but her mother frequently brings her over to call in the mornings when the gentlemen are out, and sometimes she spends an hour or two in company with her sister and me, and the children; and when we go to the Grove, I always contrive to see her, and talk more to her than to any one else, for I am very much attached to my little friend, and so is she to me. I wonder what she can see to like in me though, for I am no longer the happy, lively girl I used to be; but she has no other society, save that of her uncongenial mother, and her governess (as artificial and conventional a person as that prudent mother could procure to rectify the pupil's natural qualities), and, now and then, her subdued, quiet sister. I often wonder what will be her lot in life, and so does she; but her speculations on the future are full of buoyant hope; so were mine once. I shudder to think of her being awakened, like me, to a sense of their delusive vanity. It seems as if I should feel her disappointment, even more deeply than my own. I feel almost as if I were born for such a fate, but she is so joyous and fresh, so light of heart and free of spirit, and so guileless and unsuspecting too. Oh, it would be cruel to make her feel as I feel now, and know what I have known!

Her sister trembles for her too. Yesterday morning, one of October's brightest, loveliest days, Milicent and I were in the garden enjoying a brief half-hour together with our children, while Annabella was lying on the drawing-room sofa, deep in the last new novel. We had been romping with the little creatures, almost as merry and wild as themselves, and now paused in the shade of the tall copper beech, to recover breath and rectify our hair, disordered by the rough play and the frolicsome breeze, while they toddled together along the broad, sunny walk; my Arthur supporting the feebler steps of her little Helen, and sagaciously pointing out to her the brightest beauties of the border as they passed, with semi-articulate prattle, that did as well for her as any other mode of discourse. From laughing at the pretty sight, we began to talk of the children's future life; and that made us thoughtful. We both relapsed into silent musing as we

slowly proceeded up the walk; and I suppose Milicent, by a train of associations, was led to think of her sister.

‘Helen,’ said she, ‘you often see Esther, don’t you?’

‘Not very often.’

‘But you have more frequent opportunities of meeting her than I have; and she loves you, I know, and reverences you too: there is nobody’s opinion she thinks so much of; and she says you have more sense than mamma.’

‘That is because she is self-willed, and my opinions more generally coincide with her own than your mamma’s. But what then, Milicent?’

‘Well, since you have so much influence with her, I wish you would seriously impress it upon her, never, on any account, or for anybody’s persuasion, to marry for the sake of money, or rank, or establishment, or any earthly thing, but true affection and well-grounded esteem.’

‘There is no necessity for that,’ said I, ‘for we have had some discourse on that subject already, and I assure you her ideas of love and matrimony are as romantic as any one could desire.’

‘But romantic notions will not do: I want her to have true notions.’

‘Very right: but in my judgment, what the world stigmatises as romantic, is often more nearly allied to the truth than is commonly supposed; for, if the generous ideas of youth are too often over-clouded by the sordid views of after-life, that scarcely proves them to be false.’

‘Well, but if you think her ideas are what they ought to be, strengthen them, will you? and confirm them, as far as you can; for I had romantic notions once, and - I don’t mean to say that I regret my lot, for I am quite sure I don’t, but...’

‘I understand you,’ said I; ‘you are contented for yourself, but you would not have your sister to suffer the same as you.’

‘No - or worse. She might have far worse to suffer than I, for I am really contented, Helen, though you mayn’t think it: I speak the solemn truth in saying that I would not exchange my husband for any man on earth, if I might do it by the plucking of this leaf.’

‘Well, I believe you: now that you have him, you would not exchange him for another; but then you would gladly exchange some of his qualities for those of better men.’

‘Yes: just as I would gladly exchange some of my own qualities for those of better women; for neither he nor I are perfect, and I desire his improvement as earnestly as my own. And he will improve, don’t you think so, Helen? he’s only six-and-twenty yet.’

‘He may,’ I answered,

‘He will, he WILL!’ repeated she.

‘Excuse the faintness of my acquiescence, Milicent, I would not discourage your hopes for the world, but mine have been so often disappointed, that I am become as cold and doubtful in my expectations as the flattest of octogenarians.’

‘And yet you do hope, still, even for Mr. Huntingdon?’

‘I do, I confess, “even” for him; for it seems as if life and hope must cease together. And is he so much worse, Milicent, than Mr. Hattersley?’

‘Well, to give you my candid opinion, I think there is no comparison between them. But you mustn’t be offended, Helen, for you know I always speak my mind, and you may speak yours too. I sha’n’t care.’

‘I am not offended, love; and my opinion is, that if there be a comparison made between the two, the difference, for the most part, is certainly in Hattersley’s favour.’

Milicent’s own heart told her how much it cost me to make this acknowledgment; and, with a childlike impulse, she expressed her sympathy by suddenly kissing my cheek, without a word of reply, and then turning quickly away, caught up her baby, and hid her face in its frock. How odd it is that we so often weep for each other’s distresses, when we shed not a tear for our own! Her heart had been full enough of her own sorrows, but it overflowed at the idea of mine; and I, too, shed tears at the sight of her sympathetic emotion, though I had not wept for myself for many a week.

It was one rainy day last week; most of the company were killing time in the billiard-room, but Milicent and I were with little Arthur and

Helen in the library, and between our books, our children, and each other, we expected to make out a very agreeable morning. We had not been thus secluded above two hours, however, when Mr. Hattersley came in, attracted, I suppose, by the voice of his child, as he was crossing the hall, for he is prodigiously fond of her, and she of him.

He was redolent of the stables, where he had been regaling himself with the company of his fellow-creatures the horses ever since breakfast. But that was no matter to my little namesake; as soon as the colossal person of her father darkened the door, she uttered a shrill scream of delight, and, quitting her mother's side, ran crowing towards him, balancing her course with outstretched arms, and embracing his knee, threw back her head and laughed in his face. He might well look smilingly down upon those small, fair features, radiant with innocent mirth, those clear blue shining eyes, and that soft flaxen hair cast back upon the little ivory neck and shoulders. Did he not think how unworthy he was of such a possession? I fear no such idea crossed his mind. He caught her up, and there followed some minutes of very rough play, during which it is difficult to say whether the father or the daughter laughed and shouted the loudest. At length, however, the boisterous pastime terminated, suddenly, as might be expected: the little one was hurt, and began to cry; and the ungentle play-fellow tossed it into its mother's lap, bidding her 'make all straight.' As happy to return to that gentle comforter as it had been to leave her, the child nestled in her arms, and hushed its cries in a moment; and sinking its little weary head on her bosom, soon dropped asleep.

Meantime Mr. Hattersley strode up to the fire, and interposing his height and breadth between us and it, stood with arms akimbo, expanding his chest, and gazing round him as if the house and all its appurtenances and contents were his own undisputed possessions.

'Deuced bad weather this!' he began. 'There'll be no shooting today, I guess.' Then, suddenly lifting up his voice, he regaled us with a few bars of a rollicking song, which abruptly ceasing, he finished the tune with a whistle, and then continued: 'I say, Mrs. Huntingdon, what a fine stud your husband has! not large, but good. I've been looking at them a bit this morning; and upon my word, Black Boss, and Grey Tom, and that young Nimrod are the finest animals I've seen for many a day!' Then followed a

particular discussion of their various merits, succeeded by a sketch of the great things he intended to do in the horse-jockey line, when his old governor thought proper to quit the stage. 'Not that I wish him to close his accounts,' added he: 'the old Trojan is welcome to keep his books open as long as he pleases for me.'

'I hope so, indeed, Mr. Hattersley.'

'Oh, yes! It's only my way of talking. The event must come some time, and so I look to the bright side of it: that's the right plan - isn't it, Mrs. H.? What are you two doing here? By-the-by, where's Lady Lowborough?'

'In the billiard-room.'

'What a splendid creature she is!' continued he, fixing his eyes on his wife, who changed colour, and looked more and more disconcerted as he proceeded. 'What a noble figure she has; and what magnificent black eyes; and what a fine spirit of her own; and what a tongue of her own, too, when she likes to use it. I perfectly adore her! But never mind, Milicent: I wouldn't have her for my wife, not if she'd a kingdom for her dowry! I'm better satisfied with the one I have. Now then! what do you look so sulky for? don't you believe me?'

'Yes, I believe you,' murmured she, in a tone of half sad, half sullen resignation, as she turned away to stroke the hair of her sleeping infant, that she had laid on the sofa beside her.

'Well, then, what makes you so cross? Come here, Milly, and tell me why you can't be satisfied with my assurance.'

She went, and putting her little hand within his arm, looked up in his face, and said softly:

'What does it amount to, Ralph? Only to this, that though you admire Annabella so much, and for qualities that I don't possess, you would still rather have me than her for your wife, which merely proves that you don't think it necessary to love your wife; you are satisfied if she can keep your house, and take care of your child. But I'm not cross; I'm only sorry; for,' added she, in a low, tremulous accent, withdrawing her hand from his arm, and bending her looks on the rug, 'if you don't love me, you don't, and it can't be helped.'

‘Very true; but who told you I didn’t? Did I say I loved Annabella?’

‘You said you adored her.’

‘True, but adoration isn’t love. I adore Annabella, but I don’t love her; and I love thee, Milicent, but I don’t adore thee.’ In proof of his affection, he clutched a handful of her light brown ringlets, and appeared to twist them unmercifully.

‘Do you really, Ralph?’ murmured she, with a faint smile beaming through her tears, just putting up her hand to his, in token that he pulled rather too hard.

‘To be sure I do,’ responded he: ‘only you bother me rather, sometimes.’

‘I bother you!’ cried she, in very natural surprise.

‘Yes, you - but only by your exceeding goodness. When a boy has been eating raisins and sugar-plums all day, he longs for a squeeze of sour orange by way of a change. And did you never, Milly, observe the sands on the sea-shore; how nice and smooth they look, and how soft and easy they feel to the foot? But if you plod along, for half an hour, over this soft, easy carpet - giving way at every step, yielding the more the harder you press - you’ll find it rather wearisome work, and be glad enough to come to a bit of good, firm rock, that won’t budge an inch whether you stand, walk, or stamp upon it; and, though it be hard as the nether millstone, you’ll find it the easier footing after all.’

‘I know what you mean, Ralph,’ said she, nervously playing with her watchguard and tracing the figure on the rug with the point of her tiny foot - ‘I know what you mean: but I thought you always liked to be yielded to, and I can’t alter now.’

‘I do like it,’ replied he, bringing her to him by another tug at her hair. ‘You mustn’t mind my talk, Milly. A man must have something to grumble about; and if he can’t complain that his wife harries him to death with her perversity and ill-humour, he must complain that she wears him out with her kindness and gentleness.’

‘But why complain at all, unless because you are tired and dissatisfied?’

‘To excuse my own failings, to be sure. Do you think I’ll bear all the burden of my sins on my own shoulders, as long as there’s another ready to help me, with none of her own to carry?’

‘There is no such one on earth,’ said she seriously; and then, taking his hand from her head, she kissed it with an air of genuine devotion, and tripped away to the door.

‘What now?’ said he. ‘Where are you going?’

‘To tidy my hair,’ she answered, smiling through her disordered locks; ‘you’ve made it all come down.’

‘Off with you then! - An excellent little woman,’ he remarked when she was gone, ‘but a thought too soft - she almost melts in one’s hands. I positively think I ill-use her sometimes, when I’ve taken too much - but I can’t help it, for she never complains, either at the time or after. I suppose she doesn’t mind it.’

‘I can enlighten you on that subject, Mr. Hattersley,’ said I: ‘she does mind it; and some other things she minds still more, which yet you may never hear her complain of.’

‘How do you know? - does she complain to you?’ demanded he, with a sudden spark of fury ready to burst into a flame if I should answer “yes.”

‘No,’ I replied; ‘but I have known her longer and studied her more closely than you have done. - And I can tell you, Mr. Hattersley, that Milicent loves you more than you deserve, and that you have it in your power to make her very happy, instead of which you are her evil genius, and, I will venture to say, there is not a single day passes in which you do not inflict upon her some pang that you might spare her if you would.’

‘Well - it’s not my fault,’ said he, gazing carelessly up at the ceiling and plunging his hands into his pockets: ‘if my ongoings don’t suit her, she should tell me so.’

‘Is she not exactly the wife you wanted? Did you not tell Mr. Huntingdon you must have one that would submit to anything without a murmur, and never blame you, whatever you did?’

‘True, but we shouldn’t always have what we want: it spoils the best of us, doesn’t it? How can I help playing the deuce when I see it’s all one to

her whether I behave like a Christian or like a scoundrel, such as nature made me? and how can I help teasing her when she's so invitingly meek and mim, when she lies down like a spaniel at my feet and never so much as squeaks to tell me that's enough?

'If you are a tyrant by nature, the temptation is strong, I allow; but no generous mind delights to oppress the weak, but rather to cherish and protect.'

'I don't oppress her; but it's so confounded flat to be always cherishing and protecting; and then, how can I tell that I am oppressing her when she "melts away and makes no sign"? I sometimes think she has no feeling at all; and then I go on till she cries, and that satisfies me.'

'Then you do delight to oppress her?'

'I don't, I tell you! only when I'm in a bad humour, or a particularly good one, and want to afflict for the pleasure of comforting; or when she looks flat and wants shaking up a bit. And sometimes she provokes me by crying for nothing, and won't tell me what it's for; and then, I allow, it enrages me past bearing, especially when I'm not my own man.'

'As is no doubt generally the case on such occasions,' said I. 'But in future, Mr. Hattersley, when you see her looking flat, or crying for "nothing" (as you call it), ascribe it all to yourself: be assured it is something you have done amiss, or your general misconduct, that distresses her.'

'I don't believe it. If it were, she should tell me so: I don't like that way of moping and fretting in silence, and saying nothing: it's not honest. How can she expect me to mend my ways at that rate?'

'Perhaps she gives you credit for having more sense than you possess, and deludes herself with the hope that you will one day see your own errors and repair them, if left to your own reflection.'

'None of your sneers, Mrs. Huntingdon. I have the sense to see that I'm not always quite correct, but sometimes I think that's no great matter, as long as I injure nobody but myself..'

'It is a great matter,' interrupted I, 'both to yourself (as you will hereafter find to your cost) and to all connected with you, most especially

your wife. But, indeed, it is nonsense to talk about injuring no one but yourself: it is impossible to injure yourself, especially by such acts as we allude to, without injuring hundreds, if not thousands, besides, in a greater or less, degree, either by the evil you do or the good you leave undone.'

'And as I was saying,' continued he, 'or would have said if you hadn't taken me up so short, I sometimes think I should do better if I were joined to one that would always remind me when I was wrong, and give me a motive for doing good and eschewing evil, by decidedly showing her approval of the one and disapproval of the other.'

'If you had no higher motive than the approval of your fellow-mortal, it would do you little good.'

'Well, but if I had a mate that would not always be yielding, and always equally kind, but that would have the spirit to stand at bay now and then, and honestly tell me her mind at all times, such a one as yourself for instance. Now, if I went on with you as I do with her when I'm in London, you'd make the house too hot to hold me at times, I'll be sworn.'

'You mistake me: I'm no termagant.'

'Well, all the better for that, for I can't stand contradiction, in a general way, and I'm as fond of my own will as another; only I think too much of it doesn't answer for any man.'

'Well, I would never contradict you without a cause, but certainly I would always let you know what I thought of your conduct; and if you oppressed me, in body, mind, or estate, you should at least have no reason to suppose "I didn't mind it."'

'I know that, my lady; and I think if my little wife were to follow the same plan, it would be better for us both.'

'I'll tell her.'

'No, no, let her be; there's much to be said on both sides, and now I think upon it, Huntingdon often regrets that you are not more like her, scoundrelly dog that he is, and you see, after all, you can't reform him: he's ten times worse than I. He's afraid of you, to be sure; that is, he's always on his best behaviour in your presence – but...'

‘I wonder what his worst behaviour is like, then?’ I could not forbear observing.

‘Why, to tell you the truth, it’s very bad indeed - isn’t it, Hargrave?’ said he, addressing that gentleman, who had entered the room unperceived by me, for I was now standing near the fire, with my back to the door. ‘Isn’t Huntingdon,’ he continued, ‘as great a reprobate as ever was d-d?’

‘His lady will not hear him censured with impunity,’ replied Mr. Hargrave, coming forward; ‘but I must say, I thank God I am not such another.’

‘Perhaps it would become you better,’ said I, ‘to look at what you are, and say, “God be merciful to me a sinner.”’

‘You are severe,’ returned he, bowing slightly and drawing himself up with a proud yet injured air. Hattersley laughed, and clapped him on the shoulder. Moving from under his hand with a gesture of insulted dignity, Mr. Hargrave took himself away to the other end of the rug.

‘Isn’t it a shame, Mrs. Huntingdon?’ cried his brother-in-law, ‘I struck Walter Hargrave when I was drunk, the second night after we came, and he’s turned a cold shoulder on me ever since; though I asked his pardon the very morning after it was done!’

‘Your manner of asking it,’ returned the other, ‘and the clearness with which you remembered the whole transaction, showed you were not too drunk to be fully conscious of what you were about, and quite responsible for the deed.’

‘You wanted to interfere between me and my wife,’ grumbled Hattersley, ‘and that is enough to provoke any man.’

‘You justify it, then?’ said his opponent, darting upon him a most vindictive glance.

‘No, I tell you I wouldn’t have done it if I hadn’t been under excitement; and if you choose to bear malice for it after all the handsome things I’ve said, do so and be d-d!’

‘I would refrain from such language in a lady’s presence, at least,’ said Mr. Hargrave, hiding his anger under a mask of disgust.

‘What have I said?’ returned Hattersley: ‘nothing but heaven’s truth. He will be damned, won’t he, Mrs. Huntingdon, if he doesn’t forgive his brother’s trespasses?’

‘You ought to forgive him, Mr. Hargrave, since he asks you,’ said I.

‘Do you say so? Then I will!’ And, smiling almost frankly, he stepped forward and offered his hand. It was immediately clasped in that of his relative, and the reconciliation was apparently cordial on both sides.

‘The affront,’ continued Hargrave, turning to me, ‘owed half its bitterness to the fact of its being offered in your presence; and since you bid me forgive it, I will, and forget it too.’

‘I guess the best return I can make will be to take myself off,’ muttered Hattersley, with a broad grin. His companion smiled, and he left the room. This put me on my guard. Mr. Hargrave turned seriously to me, and earnestly began:

‘Dear Mrs. Huntingdon, how I have longed for, yet dreaded, this hour! Do not be alarmed,’ he added, for my face was crimson with anger: ‘I am not about to offend you with any useless entreaties or complaints. I am not going to presume to trouble you with the mention of my own feelings or your perfections, but I have something to reveal to you which you ought to know, and which, yet, it pains me inexpressibly...’

‘Then don’t trouble yourself to reveal it!’

‘But it is of importance...’

‘If so I shall hear it soon enough, especially if it is bad news, as you seem to consider it. At present I am going to take the children to the nursery.’

‘But can’t you ring and send them?’

‘No; I want the exercise of a run to the top of the house. Come, Arthur.’

‘But you will return?’

‘Not yet; don’t wait.’

‘Then when may I see you again?’

‘At lunch,’ said I, departing with little Helen in one arm and leading Arthur by the hand.

He turned away, muttering some sentence of impatient censure or complaint, in which ‘heartless’ was the only distinguishable word.

‘What nonsense is this, Mr. Hargrave?’ said I, pausing in the doorway. ‘What do you mean?’

‘Oh, nothing; I did not intend you should hear my soliloquy. But the fact is, Mrs. Huntingdon, I have a disclosure to make, painful for me to offer as for you to hear; and I want you to give me a few minutes of your attention in private at any time and place you like to appoint. It is from no selfish motive that I ask it, and not for any cause that could alarm your superhuman purity: therefore you need not kill me with that look of cold and pitiless disdain. I know too well the feelings with which the bearers of bad tidings are commonly regarded not to...’

‘What is this wonderful piece of intelligence?’ said I, impatiently interrupting him. ‘If it is anything of real importance, speak it in three words before I go.’

‘In three words I cannot. Send those children away and stay with me.’

‘No; keep your bad tidings to yourself. I know it is something I don’t want to hear, and something you would displease me by telling.’

‘You have divined too truly, I fear; but still, since I know it, I feel it my duty to disclose it to you.’

‘Oh, spare us both the infliction, and I will exonerate you from the duty. You have offered to tell; I have refused to hear: my ignorance will not be charged on you.’

‘Be it so: you shall not hear it from me. But if the blow fall too suddenly upon you when it comes, remember I wished to soften it!’

I left him. I was determined his words should not alarm me. What could he, of all men, have to reveal that was of importance for me to hear? It was no doubt some exaggerated tale about my unfortunate husband that he wished to make the most of to serve his own bad purposes.

He has not alluded to this momentous mystery since, and I have seen no reason to repent of my unwillingness to hear it. The threatened blow has not been struck yet, and I do not greatly fear it. At present I am pleased with Arthur: he has not positively disgraced himself for upwards of a fortnight, and all this last week has been so very moderate in his indulgence at table that I can perceive a marked difference in his general temper and appearance. Dare I hope this will continue?

CHAPTER XXXIII

Seventh.

Yes, I will hope! Tonight I heard Grimsby and Hattersley grumbling together about the inhospitality of their host. They did not know I was near, for I happened to be standing behind the curtain in the bow of the window, watching the moon rising over the clump of tall dark elm-trees below the lawn, and wondering why Arthur was so sentimental as to stand without, leaning against the outer pillar of the portico, apparently watching it too.

‘So, I suppose we’ve seen the last of our merry carousals in this house,’ said Mr. Hattersley; ‘I thought his good-fellowship wouldn’t last long. But,’ added he, laughing, ‘I didn’t expect it would meet its end this way. I rather thought our pretty hostess would be setting up her porcupine quills, and threatening to turn us out of the house if we didn’t mind our manners.’

‘You didn’t foresee this, then?’ answered Grimsby, with a guttural chuckle. ‘But he’ll change again when he’s sick of her. If we come here a year or two hence, we shall have all our own way, you’ll see.’

‘I don’t know,’ replied the other: ‘she’s not the style of woman you soon tire of. But be that as it may, it’s devilish provoking now that we can’t be jolly, because he chooses to be on his good behaviour.’

‘It’s all these cursed women!’ muttered Grimsby: ‘they’re the very bane of the world! They bring trouble and discomfort wherever they come, with their false, fair faces and their deceitful tongues.’

At this juncture I issued from my retreat, and smiling on Mr. Grimsby as I passed, left the room and went out in search of Arthur. Having seen him bend his course towards the shrubbery, I followed him thither, and found him just entering the shadowy walk. I was so light of heart, so overflowing with affection, that I sprang upon him and clasped him in my arms. This startling conduct had a singular effect upon him: first, he murmured, ‘Bless you, darling!’ and returned my close embrace with a fervour like old times, and then he started, and, in a tone of absolute terror, exclaimed, ‘Helen! what the devil is this?’ and I saw, by the faint light

gleaming through the overshadowing tree, that he was positively pale with the shock.

How strange that the instinctive impulse of affection should come first, and then the shock of the surprise! It shows, at least, that the affection is genuine: he is not sick of me yet.

‘I startled you, Arthur,’ said I, laughing in my glee. ‘How nervous you are!’

‘What the deuce did you do it for?’ cried he, quite testily, extricating himself from my arms, and wiping his forehead with his handkerchief. ‘Go back, Helen - go back directly! You’ll get your death of cold!’

‘I won’t, till I’ve told you what I came for. They are blaming you, Arthur, for your temperance and sobriety, and I’m come to thank you for it. They say it is all “these cursed women,” and that we are the bane of the world; but don’t let them laugh or grumble you out of your good resolutions, or your affection for me.’

He laughed. I squeezed him in my arms again, and cried in tearful earnest, ‘Do, do persevere! and I’ll love you better than ever I did before!’

‘Well, well, I will!’ said he, hastily kissing me. ‘There, now, go. You mad creature, how could you come out in your light evening dress this chill autumn night?’

‘It is a glorious night,’ said I.

‘It is a night that will give you your death, in another minute. Run away, do!’

‘Do you see my death among those trees, Arthur?’ said I, for he was gazing intently at the shrubs, as if he saw it coming, and I was reluctant to leave him, in my new-found happiness and revival of hope and love. But he grew angry at my delay, so I kissed him and ran back to the house.

I was in such a good humour that night: Milicent told me I was the life of the party, and whispered she had never seen me so brilliant. Certainly, I talked enough for twenty, and smiled upon them all. Grimsby, Hattersley, Hargrave, Lady Lowborough, all shared my sisterly kindness. Grimsby stared and wondered; Hattersley laughed and jested (in spite of

the little wine he had been suffered to imbibe), but still behaved as well as he knew how. Hargrave and Annabella, from different motives and in different ways, emulated me, and doubtless both surpassed me, the former in his discursive versatility and eloquence, the latter in boldness and animation at least. Milicent, delighted to see her husband, her brother, and her over-estimated friend acquitting themselves so well, was lively and gay too, in her quiet way. Even Lord Lowborough caught the general contagion: his dark greenish eyes were lighted up beneath their moody brows; his sombre countenance was beautified by smiles; all traces of gloom and proud or cold reserve had vanished for the time; and he astonished us all, not only by his general cheerfulness and animation, but by the positive flashes of true force and brilliance he emitted from time to time. Arthur did not talk much, but he laughed, and listened to the rest, and was in perfect good-humour, though not excited by wine. So that, altogether, we made a very merry, innocent, and entertaining party.

9th

Yesterday, when Rachel came to dress me for dinner, I saw that she had been crying. I wanted to know the cause of it, but she seemed reluctant to tell. Was she unwell? No. Had she heard bad news from her friends? No. Had any of the servants vexed her?

‘Oh, no, ma’am!’ she answered; ‘it’s not for myself.’

‘What then, Rachel? Have you been reading novels?’

‘Bless you, no!’ said she, with a sorrowful shake of the head; and then she sighed and continued: ‘But to tell you the truth, ma’am, I don’t like master’s ways of going on.’

‘What do you mean, Rachel? He’s going on very properly at present.’

‘Well, ma’am, if you think so, it’s right.’

And she went on dressing my hair, in a hurried way, quite unlike her usual calm, collected manner, murmuring, half to herself, she was sure it was beautiful hair: she ‘could like to see ‘em match it.’ When it was done, she fondly stroked it, and gently patted my head.

‘Is that affectionate ebullition intended for my hair, or myself, nurse?’ said I, laughingly turning round upon her; but a tear was even now in her eye.

‘What do you mean, Rachel?’ I exclaimed.

‘Well, ma’am, I don’t know, but if...’

‘If what?’

‘Well, if I was you, I wouldn’t have that Lady Lowborough in the house another minute - not another minute I wouldn’t!’

I was thunderstruck; but before I could recover from the shock sufficiently to demand an explanation, Milicent entered my room, as she frequently does when she is dressed before me; and she stayed with me till it was time to go down. She must have found me a very unsociable companion this time, for Rachel’s last words rang in my ears. But still I hoped, I trusted they had no foundation but in some idle rumour of the servants from what they had seen in Lady Lowborough’s manner last month; or perhaps from something that had passed between their master and her during her former visit. At dinner I narrowly observed both her and Arthur, and saw nothing extraordinary in the conduct of either, nothing calculated to excite suspicion, except in distrustful minds, which mine was not, and therefore I would not suspect.

Almost immediately after dinner Annabella went out with her husband to share his moonlight ramble, for it was a splendid evening like the last. Mr. Hargrave entered the drawing-room a little before the others, and challenged me to a game of chess. He did it without any of that sad but proud humility he usually assumes in addressing me, unless he is excited with wine. I looked at his face to see if that was the case now. His eye met mine keenly, but steadily: there was something about him I did not understand, but he seemed sober enough. Not choosing to engage with him, I referred him to Milicent.

‘She plays badly,’ said he, ‘I want to match my skill with yours. Come now! you can’t pretend you are reluctant to lay down your work. I know you never take it up except to pass an idle hour, when there is nothing better you can do.’

‘But chess-players are so unsociable,’ I objected; ‘they are no company for any but themselves.’

‘There is no one here but Milicent, and she...’

‘Oh, I shall be delighted to watch you!’ cried our mutual friend. ‘Two such players - it will be quite a treat! I wonder which will conquer.’

I consented.

‘Now, Mrs. Huntingdon,’ said Hargrave, as he arranged the men on the board, speaking distinctly, and with a peculiar emphasis, as if he had a double meaning to all his words, ‘you are a good player, but I am a better: we shall have a long game, and you will give me some trouble; but I can be as patient as you, and in the end I shall certainly win.’ He fixed his eyes upon me with a glance I did not like, keen, crafty, bold, and almost impudent; - already half triumphant in his anticipated success.

‘I hope not, Mr. Hargrave!’ returned I, with vehemence that must have startled Milicent at least; but he only smiled and murmured, ‘Time will show.’

We set to work: he sufficiently interested in the game, but calm and fearless in the consciousness of superior skill: I, intensely eager to disappoint his expectations, for I considered this the type of a more serious contest, as I imagined he did, and I felt an almost superstitious dread of being beaten: at all events, I could ill endure that present success should add one tittle to his conscious power (his insolent self-confidence I ought to say), or encourage for a moment his dream of future conquest. His play was cautious and deep, but I struggled hard against him. For some time the combat was doubtful: at length, to my joy, the victory seemed inclining to my side: I had taken several of his best pieces, and manifestly baffled his projects. He put his hand to his brow and paused, in evident perplexity. I rejoiced in my advantage, but dared not glory in it yet. At length, he lifted his head, and quietly making his move, looked at me and said, calmly, ‘Now you think you will win, don’t you?’

‘I hope so,’ replied I, taking his pawn that he had pushed into the way of my bishop with so careless an air that I thought it was an oversight, but was not generous enough, under the circumstances, to direct his

attention to it, and too heedless, at the moment, to foresee the after-consequences of my move.

‘It is those bishops that trouble me,’ said he; ‘but the bold knight can overleap the reverend gentlemen,’ taking my last bishop with his knight; ‘and now, those sacred persons once removed, I shall carry all before me.’

‘Oh, Walter, how you talk!’ cried Milicent; ‘she has far more pieces than you still.’

‘I intend to give you some trouble yet,’ said I; ‘and perhaps, sir, you will find yourself checkmated before you are aware. Look to your queen.’

The combat deepened. The game was a long one, and I did give him some trouble: but he was a better player than I.

‘What keen gamesters you are!’ said Mr. Hattersley, who had now entered, and been watching us for some time. ‘Why, Mrs. Huntingdon, your hand trembles as if you had staked your all upon it! and, Walter, you dog, you look as deep and cool as if you were certain of success, and as keen and cruel as if you would drain her heart’s blood! But if I were you, I wouldn’t beat her, for very fear: she’ll hate you if you do - she will, by heaven! I see it in her eye.’

‘Hold your tongue, will you?’ said I: his talk distracted me, for I was driven to extremities. A few more moves, and I was inextricably entangled in the snare of my antagonist.

‘Check,’ cried he: I sought in agony some means of escape. ‘Mate!’ he added, quietly, but with evident delight. He had suspended the utterance of that last fatal syllable the better to enjoy my dismay. I was foolishly disconcerted by the event. Hattersley laughed; Milicent was troubled to see me so disturbed. Hargrave placed his hand on mine that rested on the table, and squeezing it with a firm but gentle pressure, murmured, ‘Beaten, beaten!’ and gazed into my face with a look where exultation was blended with an expression of ardour and tenderness yet more insulting.

‘No, never, Mr. Hargrave!’ exclaimed I, quickly withdrawing my hand.

‘Do you deny?’ replied he, smilingly pointing to the board. ‘No, no,’ I answered, recollecting how strange my conduct must appear: ‘you have beaten me in that game.’

‘Will you try another, then?’

‘No.’

‘You acknowledge my superiority?’

‘Yes, as a chess-player.’

I rose to resume my work.

‘Where is Annabella?’ said Hargrave, gravely, after glancing round the room.

‘Gone out with Lord Lowborough,’ answered I, for he looked at me for a reply.

‘And not yet returned!’ he said, seriously.

‘I suppose not.’

‘Where is Huntingdon?’ looking round again.

‘Gone out with Grimsby, as you know,’ said Hattersley, suppressing a laugh, which broke forth as he concluded the sentence. Why did he laugh? Why did Hargrave connect them thus together? Was it true, then? And was this the dreadful secret he had wished to reveal to me? I must know, and that quickly. I instantly rose and left the room to go in search of Rachel and demand an explanation of her words; but Mr. Hargrave followed me into the anteroom, and before I could open its outer door, gently laid his hand upon the lock. ‘May I tell you something, Mrs. Huntingdon?’ said he, in a subdued tone, with serious, downcast eyes.

‘If it be anything worth hearing,’ replied I, struggling to be composed, for I trembled in every limb.

He quietly pushed a chair towards me. I merely leant my hand upon it, and bid him go on.

‘Do not be alarmed,’ said he: ‘what I wish to say is nothing in itself; and I will leave you to draw your own inferences from it. You say that Annabella is not yet returned?’

‘Yes, yes - go on!’ said I, impatiently; for I feared my forced calmness would leave me before the end of his disclosure, whatever it might be.

‘And you hear,’ continued he, ‘that Huntingdon is gone out with Grimsby?’

‘Well?’

‘I heard the latter say to your husband - or the man who calls himself so...’

‘Go on, sir!’

He bowed submissively, and continued: ‘I heard him say, “I shall manage it, you’ll see! They’re gone down by the water; I shall meet them there, and tell him I want a bit of talk with him about some things that we needn’t trouble the lady with; and she’ll say she can be walking back to the house; and then I shall apologise, you know, and all that, and tip her a wink to take the way of the shrubbery. I’ll keep him talking there, about those matters I mentioned, and anything else I can think of, as long as I can, and then bring him round the other way, stopping to look at the trees, the fields, and anything else I can find to discourse of.”’ Mr. Hargrave paused, and looked at me.

Without a word of comment or further questioning, I rose, and darted from the room and out of the house. The torment of suspense was not to be endured: I would not suspect my husband falsely, on this man’s accusation, and I would not trust him unworthily - I must know the truth at once. I flew to the shrubbery. Scarcely had I reached it, when a sound of voices arrested my breathless speed.

‘We have lingered too long; he will be back,’ said Lady Lowborough’s voice.

‘Surely not, dearest!’ was his reply; ‘but you can run across the lawn, and get in as quietly as you can; I’ll follow in a while.’

My knees trembled under me; my brain swam round. I was ready to faint. She must not see me thus. I shrunk among the bushes, and leant against the trunk of a tree to let her pass.

‘Ah, Huntingdon!’ said she reproachfully, pausing where I had stood with him the night before - ‘it was here you kissed that woman!’ she looked back into the leafy shade. Advancing thence, he answered, with a careless laugh:

‘Well, dearest, I couldn’t help it. You know I must keep straight with her as long as I can. Haven’t I seen you kiss your dolt of a husband scores of times? - and do I ever complain?’

‘But tell me, don’t you love her still - a little?’ said she, placing her hand on his arm, looking earnestly in his face - for I could see them, plainly, the moon shining full upon them from between the branches of the tree that sheltered me.

‘Not one bit, by all that’s sacred!’ he replied, kissing her glowing cheek.

‘Good heavens, I must be gone!’ cried she, suddenly breaking from him, and away she flew.

There he stood before me; but I had not strength to confront him now: my tongue cleaved to the roof of my mouth; I was well-nigh sinking to the earth, and I almost wondered he did not hear the beating of my heart above the low sighing of the wind and the fitful rustle of the falling leaves. My senses seemed to fail me, but still I saw his shadowy form pass before me, and through the rushing sound in my ears I distinctly heard him say, as he stood looking up the lawn - ‘There goes the fool! Run, Annabella, run! There - in with you! Ah - he didn’t see! That’s right, Grimsby, keep him back!’ And even his low laugh reached me as he walked away.

‘God help me now!’ I murmured, sinking on my knees among the damp weeds and brushwood that surrounded me, and looking up at the moonlit sky, through the scant foliage above. It seemed all dim and quivering now to my darkened sight. My burning, bursting heart strove to pour forth its agony to God, but could not frame its anguish into prayer; until a gust of wind swept over me, which, while it scattered the dead leaves, like blighted hopes, around, cooled my forehead, and seemed a little to revive my sinking frame. Then, while I lifted up my soul in speechless, earnest supplication, some heavenly influence seemed to strengthen me within: I breathed more freely; my vision cleared; I saw distinctly the pure

moon shining on, and the light clouds skimming the clear, dark sky; and then I saw the eternal stars twinkling down upon me; I knew their God was mine, and He was strong to save and swift to hear. 'I will never leave thee, nor forsake thee,' seemed whispered from above their myriad orbs. No, no; I felt He would not leave me comfortless: in spite of earth and hell I should have strength for all my trials, and win a glorious rest at last!

Refreshed, invigorated, if not composed, I rose and returned to the house. Much of my new-born strength and courage forsook me, I confess, as I entered it, and shut out the fresh wind and the glorious sky: everything I saw and heard seemed to sicken my heart - the hall, the lamp, the staircase, the doors of the different apartments, the social sound of talk and laughter from the drawing-room. How could I bear my future life! In this house, among those people - oh, how could I endure to live! John just then entered the hall, and seeing me, told me he had been sent in search of me, adding that he had taken in the tea, and master wished to know if I were coming.

'Ask Mrs. Hattersley to be so kind as to make the tea, John,' said I. 'Say I am not well tonight, and wish to be excused.'

I retired into the large, empty dining-room, where all was silence and darkness, but for the soft sighing of the wind without, and the faint gleam of moonlight that pierced the blinds and curtains; and there I walked rapidly up and down, thinking of my bitter thoughts alone. How different was this from the evening of yesterday! That, it seems, was the last expiring flash of my life's happiness. Poor, blinded fool that I was to be so happy! I could now see the reason of Arthur's strange reception of me in the shrubbery; the burst of kindness was for his paramour, the start of horror for his wife. Now, too, I could better understand the conversation between Hattersley and Grimsby; it was doubtless of his love for her they spoke, not for me.

I heard the drawing-room door open: a light quick step came out of the ante-room, crossed the hall, and ascended the stairs. It was Milicent, poor Milicent, gone to see how I was - no one else cared for me; but she still was kind. I shed no tears before, but now they came, fast and free. Thus she did me good, without approaching me. Disappointed in her search, I heard her come down, more slowly than she had ascended. Would

she come in there, and find me out? No, she turned in the opposite direction and re-entered the drawing-room. I was glad, for I knew not how to meet her, or what to say. I wanted no confidante in my distress. I deserved none, and I wanted none. I had taken the burden upon myself; let me bear it alone.

As the usual hour of retirement approached I dried my eyes, and tried to clear my voice and calm my mind. I must see Arthur tonight, and speak to him; but I would do it calmly: there should be no scene - nothing to complain or to boast of to his companions - nothing to laugh at with his lady-love. When the company were retiring to their chambers I gently opened the door, and just as he passed, beckoned him in.

‘What’s to do with you, Helen?’ said he. ‘Why couldn’t you come to make tea for us? and what the deuce are you here for, in the dark? What ails you, young woman: you look like a ghost!’ he continued, surveying me by the light of his candle.

‘No matter,’ I answered, ‘to you; you have no longer any regard for me it appears; and I have no longer any for you.’

‘Hal-lo! what the devil is this?’ he muttered.

‘I would leave you tomorrow,’ continued I, ‘and never again come under this roof, but for my child’ - I paused a moment to steady, my voice.

‘What in the devil’s name is this, Helen?’ cried he. ‘What can you be driving at?’

‘You know perfectly well. Let us waste no time in useless explanation, but tell me, will you...?’

He vehemently swore he knew nothing about it, and insisted upon hearing what poisonous old woman had been blackening his name, and what infamous lies I had been fool enough to believe.

‘Spare yourself the trouble of forswearing yourself and racking your brains to stifle truth with falsehood,’ I coldly replied. ‘I have trusted to the testimony of no third person. I was in the shrubbery this evening, and I saw and heard for myself.’

This was enough. He uttered a suppressed exclamation of consternation and dismay, and muttering, ‘I shall catch it now!’ set down

his candle on the nearest chair, and rearing his back against the wall, stood confronting me with folded arms.

‘Well, what then?’ said he, with the calm insolence of mingled shamelessness and desperation.

‘Only this,’ returned I; ‘will you let me take our child and what remains of my fortune, and go?’

‘Go where?’

‘Anywhere, where he will be safe from your contaminating influence, and I shall be delivered from your presence, and you from mine.’

‘No.’

‘Will you let me have the child then, without the money?’

‘No, nor yourself without the child. Do you think I’m going to be made the talk of the country for your fastidious caprices?’

‘Then I must stay here, to be hated and despised. But henceforth we are husband and wife only in the name.’

‘Very good.’

‘I am your child’s mother, and your housekeeper, nothing more. So you need not trouble yourself any longer to feign the love you cannot feel: I will exact no more heartless caresses from you, nor offer nor endure them either. I will not be mocked with the empty husk of conjugal endearments, when you have given the substance to another!’

‘Very good, if you please. We shall see who will tire first, my lady.’

‘If I tire, it will be of living in the world with you: not of living without your mockery of love. When you tire of your sinful ways, and show yourself truly repentant, I will forgive you, and, perhaps, try to love you again, though that will be hard indeed.’

‘Humph! and meantime you will go and talk me over to Mrs. Hargrave, and write long letters to aunt Maxwell to complain of the wicked wretch you have married?’

‘I shall complain to no one. Hitherto I have struggled hard to hide your vices from every eye, and invest you with virtues you never possessed; but now you must look to yourself.’

I left him muttering bad language to himself, and went up-stairs.

‘You are poorly, ma’am,’ said Rachel, surveying me with deep anxiety.

‘It is too true, Rachel,’ said I, answering her sad looks rather than her words.

‘I knew it, or I wouldn’t have mentioned such a thing.’

‘But don’t you trouble yourself about it,’ said I, kissing her pale, time-wasted cheek. ‘I can bear it better than you imagine.’

‘Yes, you were always for “bearing.” But if I was you I wouldn’t bear it; I’d give way to it, and cry right hard! and I’d talk too, I just would - I’d let him know what it was to...’

‘I have talked,’ said I; ‘I’ve said enough.’

‘Then I’d cry,’ persisted she. ‘I wouldn’t look so white and so calm, and burst my heart with keeping it in.’

‘I have cried,’ said I, smiling, in spite of my misery; ‘and I am calm now, really: so don’t discompose me again, nurse: let us say no more about it, and don’t mention it to the servants. There, you may go now. Good-night; and don’t disturb your rest for me: I shall sleep well - if I can.’

Notwithstanding this resolution, I found my bed so intolerable that, before two o’clock, I rose, and lighting my candle by the rushlight that was still burning, I got my desk and sat down in my dressing-gown to recount the events of the past evening. It was better to be so occupied than to be lying in bed torturing my brain with recollections of the far past and anticipations of the dreadful future. I have found relief in describing the very circumstances that have destroyed my peace, as well as the little trivial details attendant upon their discovery. No sleep I could have got this night would have done so much towards composing my mind, and preparing me to meet the trials of the day. I fancy so, at least; and yet, when I cease writing, I find my head aches terribly; and when I look into the glass, I am startled at my haggard, worn appearance.

Rachel has been to dress me, and says I have had a sad night of it, she can see. Milicent has just looked in to ask me how I was. I told her I was better, but to excuse my appearance admitted I had had a restless

night. I wish this day were over! I shudder at the thoughts of going down to breakfast. How shall I encounter them all? Yet let me remember it is not I that am guilty: I have no cause to fear; and if they scorn me as a victim of their guilt, I can pity their folly and despise their scorn.

CHAPTER XXXIV

Evening.

Breakfast passed well over: I was calm and cool throughout. I answered composedly all inquiries respecting my health; and whatever was unusual in my look or manner was generally attributed to the trifling indisposition that had occasioned my early retirement last night. But how am I to get over the ten or twelve days that must yet elapse before they go? Yet why so long for their departure? When they are gone, how shall I get through the months or years of my future life in company with that man – my greatest enemy? for none could injure me as he has done. Oh! When I think how fondly, how foolishly I have loved him, how madly I have trusted him, how constantly I have laboured, and studied, and prayed, and struggled for his advantage; and how cruelly he has trampled on my love, betrayed my trust, scorned my prayers and tears, and efforts for his preservation, crushed my hopes, destroyed my youth's best feelings, and doomed me to a life of hopeless misery, as far as man can do it, it is not enough to say that I no longer love my husband - I HATE him! The word stares me in the face like a guilty confession, but it is true: I hate him - I hate him! But God have mercy on his miserable soul! and make him see and feel his guilt - I ask no other vengeance! If he could but fully know and truly feel my wrongs I should be well avenged, and I could freely pardon all; but he is so lost, so hardened in his heartless depravity, that in this life I believe he never will. But it is useless dwelling on this theme: let me seek once more to dissipate reflection in the minor details of passing events.

Mr. Hargrave has annoyed me all day long with his serious, sympathising, and (as he thinks) unobtrusive politeness. If it were more obtrusive it would trouble me less, for then I could snub him; but, as it is, he contrives to appear so really kind and thoughtful that I cannot do so without rudeness and seeming ingratitude. I sometimes think I ought to give him credit for the good feeling he simulates so well; and then again, I think it is my duty to suspect him under the peculiar circumstances in which I am placed. His kindness may not all be feigned; but still, let not the purest impulse of gratitude to him induce me to forget myself: let me remember the game of chess, the expressions he used on the occasion, and

those indescribable looks of his, that so justly roused my indignation, and I think I shall be safe enough. I have done well to record them so minutely.

I think he wishes to find an opportunity of speaking to me alone: he has seemed to be on the watch all day; but I have taken care to disappoint him - not that I fear anything he could say, but I have trouble enough without the addition of his insulting consolations, condolences, or whatever else he might attempt; and, for Milicent's sake, I do not wish to quarrel with him. He excused himself from going out to shoot with the other gentlemen in the morning, under the pretext of having letters to write; and instead of retiring for that purpose into the library, he sent for his desk into the morning-room, where I was seated with Milicent and Lady Lowborough. They had betaken themselves to their work; I, less to divert my mind than to deprecate conversation, had provided myself with a book. Milicent saw that I wished to be quiet, and accordingly let me alone. Annabella, doubtless, saw it too: but that was no reason why she should restrain her tongue, or curb her cheerful spirits: she accordingly chatted away, addressing herself almost exclusively to me, and with the utmost assurance and familiarity, growing the more animated and friendly the colder and briefer my answers became. Mr. Hargrave saw that I could ill endure it, and, looking up from his desk, he answered her questions and observations for me, as far as he could, and attempted to transfer her social attentions from me to himself; but it would not do. Perhaps she thought I had a headache, and could not bear to talk; at any rate, she saw that her loquacious vivacity annoyed me, as I could tell by the malicious pertinacity with which she persisted. But I checked it effectually by putting into her hand the book I had been trying to read, on the fly-leaf of which I had hastily scribbled:

'I am too well acquainted with your character and conduct to feel any real friendship for you, and as I am without your talent for dissimulation, I cannot assume the appearance of it. I must, therefore, beg that hereafter all familiar intercourse may cease between us; and if I still continue to treat you with civility, as if you were a woman worthy of consideration and respect, understand that it is out of regard for your cousin Milicent's feelings, not for yours.'

Upon perusing this she turned scarlet, and bit her lip. Covertly tearing away the leaf, she crumpled it up and put it in the fire, and then employed herself in turning over the pages of the book, and, really or apparently, perusing its contents. In a little while Milicent announced it her intention to repair to the nursery, and asked if I would accompany her.

‘Annabella will excuse us,’ said she; ‘she’s busy reading.’

‘No, I won’t,’ cried Annabella, suddenly looking up, and throwing her book on the table; ‘I want to speak to Helen a minute. You may go, Milicent, and she’ll follow in a while.’ (Milicent went.) ‘Will you oblige me, Helen?’ continued she.

Her impudence astounded me; but I complied, and followed her into the library. She closed the door, and walked up to the fire.

‘Who told you this?’ said she.

‘No one: I am not incapable of seeing for myself.’

‘Ah, you are suspicious!’ cried she, smiling, with a gleam of hope. Hitherto there had been a kind of desperation in her hardihood; now she was evidently relieved.

‘If I were suspicious,’ I replied, ‘I should have discovered your infamy long before. No, Lady Lowborough, I do not found my charge upon suspicion.’

‘On what do you found it, then?’ said she, throwing herself into an arm-chair, and stretching out her feet to the fender, with an obvious effort to appear composed.

‘I enjoy a moonlight ramble as well as you,’ I answered, steadily fixing my eyes upon her; ‘and the shrubbery happens to be one of my favourite resorts.’

She coloured again excessively, and remained silent, pressing her finger against her teeth, and gazing into the fire. I watched her a few moments with a feeling of malevolent gratification; then, moving towards the door, I calmly asked if she had anything more to say.

‘Yes, yes!’ cried she eagerly, starting up from her reclining posture. ‘I want to know if you will tell Lord Lowborough?’

‘Suppose I do?’

‘Well, if you are disposed to publish the matter, I cannot dissuade you, of course - but there will be terrible work if you do - and if you don’t, I shall think you the most generous of mortal beings - and if there is anything in the world I can do for you - anything short of - ‘ she hesitated.

‘Short of renouncing your guilty connection with my husband, I suppose you mean?’ said I.

She paused, in evident disconcertion and perplexity, mingled with anger she dared not show.

‘I cannot renounce what is dearer than life,’ she muttered, in a low, hurried tone. Then, suddenly raising her head and fixing her gleaming eyes upon me, she continued earnestly: ‘But, Helen - or Mrs. Huntingdon, or whatever you would have me call you - will you tell him? If you are generous, here is a fitting opportunity for the exercise of your magnanimity: if you are proud, here am I - your rival - ready to acknowledge myself your debtor for an act of the most noble forbearance.’

‘I shall not tell him.’

‘You will not!’ cried she, delightedly. ‘Accept my sincere thanks, then!’

She sprang up, and offered me her hand. I drew back.

‘Give me no thanks; it is not for your sake that I refrain. Neither is it an act of any forbearance: I have no wish to publish your shame. I should be sorry to distress your husband with the knowledge of it.’

‘And Milicent? will you tell her?’

‘No: on the contrary, I shall do my utmost to conceal it from her. I would not for much that she should know the infamy and disgrace of her relation!’

‘You use hard words, Mrs. Huntingdon, but I can pardon you.’

‘And now, Lady Lowborough,’ continued I, ‘let me counsel you to leave this house as soon as possible. You must be aware that your continuance here is excessively disagreeable to me - not for Mr. Huntingdon’s sake,’ said I, observing the dawn of a malicious smile of triumph on her face - ‘you are welcome to him, if you like him, as far as I

am concerned - but because it is painful to be always disguising my true sentiments respecting you, and straining to keep up an appearance of civility and respect towards one for whom I have not the most distant shadow of esteem; and because, if you stay, your conduct cannot possibly remain concealed much longer from the only two persons in the house who do not know it already. And, for your husband's sake, Annabella, and even for your own, I wish - I earnestly advise and entreat you to break off this unlawful connection at once, and return to your duty while you may, before the dreadful consequences...'

'Yes, yes, of course,' said she, interrupting me with a gesture of impatience. 'But I cannot go, Helen, before the time appointed for our departure. What possible pretext could I frame for such a thing? Whether I proposed going back alone - which Lowborough would not hear of - or taking him with me, the very circumstance itself would be certain to excite suspicion - and when our visit is so nearly at an end too - little more than a week - surely you can endure my presence so long! I will not annoy you with any more of my friendly impertinences.'

'Well, I have nothing more to say to you.'

'Have you mentioned this affair to Huntingdon?' asked she, as I was leaving the room.

'How dare you mention his name to me!' was the only answer I gave.

No words have passed between us since, but such as outward decency or pure necessity demanded.

CHAPTER XXXV

Nineteenth.

In proportion as Lady Lowborough finds she has nothing to fear from me, and as the time of departure draws nigh, the more audacious and insolent she becomes. She does not scruple to speak to my husband with affectionate familiarity in my presence, when no one else is by, and is particularly fond of displaying her interest in his health and welfare, or in anything that concerns him, as if for the purpose of contrasting her kind solicitude with my cold indifference. And he rewards her by such smiles and glances, such whispered words, or boldly-spoken insinuations, indicative of his sense of her goodness and my neglect, as make the blood rush into my face, in spite of myself - for I would be utterly regardless of it all - deaf and blind to everything that passes between them, since the more I show myself sensible of their wickedness the more she triumphs in her victory, and the more he flatters himself that I love him devotedly still, in spite of my pretended indifference. On such occasions I have sometimes been startled by a subtle, fiendish suggestion inciting me to show him the contrary by a seeming encouragement of Hargrave's advances; but such ideas are banished in a moment with horror and self-abasement; and then I hate him tenfold more than ever for having brought me to this! - God pardon me for it and all my sinful thoughts! Instead of being humbled and purified by my afflictions, I feel that they are turning my nature into gall. This must be my fault as much as theirs that wrong me. No true Christian could cherish such bitter feelings as I do against him and her, especially the latter: him, I still feel that I could pardon - freely, gladly - on the slightest token of repentance; but she - words cannot utter my abhorrence. Reason forbids, but passion urges strongly; and I must pray and struggle long ere I subdue it.

It is well that she is leaving tomorrow, for I could not well endure her presence for another day. This morning she rose earlier than usual. I found her in the room alone, when I went down to breakfast.

'Oh, Helen! is it you?' said she, turning as I entered.

I gave an involuntary start back on seeing her, at which she uttered a short laugh, observing, 'I think we are both disappointed.'

I came forward and busied myself with the breakfast things.

‘This is the last day I shall burden your hospitality,’ said she, as she seated herself at the table. ‘Ah, here comes one that will not rejoice at it!’ she murmured, half to herself, as Arthur entered the room.

He shook hands with her and wished her good-morning: then, looking lovingly in her face, and still retaining her hand in his, murmured pathetically, ‘The last - last day!’

‘Yes,’ said she with some asperity; ‘and I rose early to make the best of it - I have been here alone this half-hour, and you - you lazy creature.’

‘Well, I thought I was early too,’ said he; ‘but,’ dropping his voice almost to a whisper, ‘you see we are not alone.’

‘We never are,’ returned she. But they were almost as good as alone, for I was now standing at the window, watching the clouds, and struggling to suppress my wrath.

Some more words passed between them, which, happily, I did not overhear; but Annabella had the audacity to come and place herself beside me, and even to put her hand upon my shoulder and say softly, ‘You need not grudge him to me, Helen, for I love him more than ever you could do.’

This put me beside myself. I took her hand and violently dashed it from me, with an expression of abhorrence and indignation that could not be suppressed. Startled, almost appalled, by this sudden outbreak, she recoiled in silence. I would have given way to my fury and said more, but Arthur’s low laugh recalled me to myself. I checked the half-uttered invective, and scornfully turned away, regretting that I had given him so much amusement. He was still laughing when Mr. Hargrave made his appearance. How much of the scene he had witnessed I do not know, for the door was ajar when he entered. He greeted his host and his cousin both coldly, and me with a glance intended to express the deepest sympathy mingled with high admiration and esteem.

‘How much allegiance do you owe to that man?’ he asked below his breath, as he stood beside me at the window, affecting to be making observations on the weather.

‘None,’ I answered. And immediately returning to the table, I employed myself in making the tea. He followed, and would have entered into some kind of conversation with me, but the other guests were now beginning to assemble, and I took no more notice of him, except to give him his coffee.

After breakfast, determined to pass as little of the day as possible in company with Lady Lowborough, I quietly stole away from the company and retired to the library. Mr. Hargrave followed me thither, under pretence of coming for a book; and first, turning to the shelves, he selected a volume, and then quietly, but by no means timidly, approaching me, he stood beside me, resting his hand on the back of my chair, and said softly, ‘And so you consider yourself free at last?’

‘Yes,’ said I, without moving, or raising my eyes from my book, ‘free to do anything but offend God and my conscience.’

There was a momentary pause.

‘Very right,’ said he, ‘provided your conscience be not too morbidly tender, and your ideas of God not too erroneously severe; but can you suppose it would offend that benevolent Being to make the happiness of one who would die for yours? - to raise a devoted heart from purgatorial torments to a state of heavenly bliss, when you could do it without the slightest injury to yourself or any other?’

This was spoken in a low, earnest, melting tone, as he bent over me. I now raised my head; and steadily confronting his gaze, I answered calmly, ‘Mr. Hargrave, do you mean to insult me?’

He was not prepared for this. He paused a moment to recover the shock; then, drawing himself up and removing his hand from my chair, he answered, with proud sadness - ‘That was not my intention.’

I just glanced towards the door, with a slight movement of the head, and then returned to my book. He immediately withdrew. This was better than if I had answered with more words, and in the passionate spirit to which my first impulse would have prompted. What a good thing it is to be able to command one’s temper! I must labour to cultivate this inestimable quality: God only knows how often I shall need it in this rough, dark road that lies before me.

In the course of the morning I drove over to the Grove with the two ladies, to give Milicent an opportunity for bidding farewell to her mother and sister. They persuaded her to stay with them the rest of the day, Mrs. Hargrave promising to bring her back in the evening and remain till the party broke up on the morrow. Consequently, Lady Lowborough and I had the pleasure of returning tere-a-tete in the carriage together. For the first mile or two we kept silence, I looking out of my window, and she leaning back in her corner. But I was not going to restrict myself to any particular position for her; when I was tired of leaning forward, with the cold, raw wind in my face, and surveying the russet hedges and the damp, tangled grass of their banks, I gave it up and leant back too. With her usual impudence, my companion then made some attempts to get up a conversation; but the monosyllables 'yes,' or 'no' or 'humph,' were the utmost her several remarks could elicit from me. At last, on her asking my opinion upon some immaterial point of discussion, I answered - 'Why do you wish to talk to me, Lady Lowborough? You must know what I think of you.'

'Well, if you will be so bitter against me,' replied she, 'I can't help it; but I'm not going to sulk for anybody.'

Our short drive was now at an end. As soon as the carriage door was opened, she sprang out, and went down the park to meet the gentlemen, who were just returning from the woods. Of course I did not follow.

But I had not done with her impudence yet: after dinner, I retired to the drawing-room, as usual, and she accompanied me, but I had the two children with me, and I gave them my whole attention, and determined to keep them till the gentlemen came, or till Milicent arrived with her mother. Little Helen, however, was soon tired of playing, and insisted upon going to sleep; and while I sat on the sofa with her on my knee, and Arthur seated beside me, gently playing with her soft, flaxen hair, Lady Lowborough composedly came and placed herself on the other side.

'Tomorrow, Mrs. Huntingdon,' said she, 'you will be delivered from my presence, which, no doubt, you will be very glad of - it is natural you should; but do you know I have rendered you a great service? Shall I tell you what it is?'

‘I shall be glad to hear of any service you have rendered me,’ said I, determined to be calm, for I knew by the tone of her voice she wanted to provoke me.

‘Well,’ resumed she, ‘have you not observed the salutary change in Mr. Huntingdon? Don’t you see what a sober, temperate man he is become? You saw with regret the sad habits he was contracting, I know: and I know you did your utmost to deliver him from them, but without success, until I came to your assistance. I told him in few words that I could not bear to see him degrade himself so, and that I should cease to - no matter what I told him, but you see the reformation I have wrought; and you ought to thank me for it.’

I rose and rang for the nurse.

‘But I desire no thanks,’ she continued; ‘all the return I ask is, that you will take care of him when I am gone, and not, by harshness and neglect, drive him back to his old courses.’

I was almost sick with passion, but Rachel was now at the door. I pointed to the children, for I could not trust myself to speak: she took them away, and I followed.

‘Will you, Helen?’ continued the speaker.

I gave her a look that blighted the malicious smile on her face, or checked it, at least for a moment, and departed. In the ante-room I met Mr. Hargrave. He saw I was in no humour to be spoken to, and suffered me to pass without a word; but when, after a few minutes’ seclusion in the library, I had regained my composure, and was returning to join Mrs. Hargrave and Milicent, whom I had just heard come downstairs and go into the drawing-room, I found him there still lingering in the dimly-lighted apartment, and evidently waiting for me.

‘Mrs. Huntingdon,’ said he as I passed, ‘will you allow me one word?’

‘What is it then? be quick, if you please.’

‘I offended you this morning; and I cannot live under your displeasure.’

‘Then go, and sin no more,’ replied I, turning away.

‘No, no!’ said he, hastily, setting himself before me. ‘Pardon me, but I must have your forgiveness. I leave you tomorrow, and I may not have an opportunity of speaking to you again. I was wrong to forget myself and you, as I did; but let me implore you to forget and forgive my rash presumption, and think of me as if those words had never been spoken; for, believe me, I regret them deeply, and the loss of your esteem is too severe a penalty: I cannot bear it.’

‘Forgetfulness is not to be purchased with a wish; and I cannot bestow my esteem on all who desire it, unless they deserve it too.’

‘I shall think my life well spent in labouring to deserve it, if you will but pardon this offence - will you?’

‘Yes.’

‘Yes! but that is coldly spoken. Give me your hand and I’ll believe you. You won’t? Then, Mrs. Huntingdon, you do not forgive me!’

‘Yes; here it is, and my forgiveness with it: only, SIN NO MORE.’

He pressed my cold hand with sentimental fervour, but said nothing, and stood aside to let me pass into the room, where all the company were now assembled. Mr. Grimsby was seated near the door: on seeing me enter, almost immediately followed by Hargrave, he leered at me with a glance of intolerable significance, as I passed. I looked him in the face, till he sullenly turned away, if not ashamed, at least confounded for the moment. Meantime Hattersley had seized Hargrave by the arm, and was whispering something in his ear - some coarse joke, no doubt, for the latter neither laughed nor spoke in answer, but, turning from him with a slight curl of the lip, disengaged himself and went to his mother, who was telling Lord Lowborough how many reasons she had to be proud of her son.

Thank heaven, they are all going tomorrow.

CHAPTER XXXVI

December 20th 1824.

This is the third anniversary of our felicitous union. It is now two months since our guests left us to the enjoyment of each other's society; and I have had nine weeks' experience of this new phase of conjugal life - two persons living together, as master and mistress of the house, and father and mother of a winsome, merry little child, with the mutual understanding that there is no love, friendship, or sympathy between them. As far as in me lies, I endeavour to live peaceably with him: I treat him with unimpeachable civility, give up my convenience to his, wherever it may reasonably be done, and consult him in a business-like way on household affairs, deferring to his pleasure and judgment, even when I know the latter to be inferior to my own.

As for him, for the first week or two, he was peevish and low, fretting, I suppose, over his dear Annabella's departure, and particularly ill-tempered to me: everything I did was wrong; I was cold-hearted, hard, insensate; my sour, pale face was perfectly repulsive; my voice made him shudder; he knew not how he could live through the winter with me; I should kill him by inches. Again I proposed a separation, but it would not do: he was not going to be the talk of all the old gossips in the neighbourhood: he would not have it said that he was such a brute his wife could not live with him. No; he must contrive to bear with me.

'I must contrive to bear with you, you mean,' said I; 'for so long as I discharge my functions of steward and house-keeper, so conscientiously and well, without pay and without thanks, you cannot afford to part with me. I shall therefore remit these duties when my bondage becomes intolerable.' This threat, I thought, would serve to keep him in check, if anything would.

I believe he was much disappointed that I did not feel his offensive sayings more acutely, for when he had said anything particularly well calculated to hurt my feelings, he would stare me searchingly in the face, and then grumble against my 'marble heart' or my 'brutal insensibility.' If I had bitterly wept and deplored his lost affection, he would, perhaps, have condescended to pity me, and taken me into favour for a while, just to

comfort his solitude and console him for the absence of his beloved Annabella, until he could meet her again, or some more fitting substitute. Thank heaven, I am not so weak as that! I was infatuated once with a foolish, besotted affection, that clung to him in spite of his unworthiness, but it is fairly gone now - wholly crushed and withered away; and he has none but himself and his vices to thank for it.

At first (in compliance with his sweet lady's injunctions, I suppose), he abstained wonderfully well from seeking to solace his cares in wine; but at length he began to relax his virtuous efforts, and now and then exceeded a little, and still continues to do so; nay, sometimes, not a little. When he is under the exciting influence of these excesses, he sometimes fires up and attempts to play the brute; and then I take little pains to suppress my scorn and disgust. When he is under the depressing influence of the after-consequences, he bemoans his sufferings and his errors, and charges them both upon me; he knows such indulgence injures his health, and does him more harm than good; but he says I drive him to it by my unnatural, unwomanly conduct; it will be the ruin of him in the end, but it is all my fault; and then I am roused to defend myself, sometimes with bitter recrimination. This is a kind of injustice I cannot patiently endure. Have I not laboured long and hard to save him from this very vice? Would I not labour still to deliver him from it if I could? but could I do so by fawning upon him and caressing him when I know that he scorn me? Is it my fault that I have lost my influence with him, or that he has forfeited every claim to my regard? And should I seek a reconciliation with him, when I feel that I abhor him, and that he despises me? and while he continues still to correspond with Lady Lowborough, as I know he does? No, never, never, never! he may drink himself dead, but it is NOT my fault!

Yet I do my part to save him still: I give him to understand that drinking makes his eyes dull, and his face red and bloated; and that it tends to render him imbecile in body and mind; and if Annabella were to see him as often as I do, she would speedily be disenchanted; and that she certainly will withdraw her favour from him, if he continues such courses. Such a mode of admonition wins only coarse abuse for me - and, indeed, I almost feel as if I deserved it, for I hate to use such arguments; but they sink into

his stupefied heart, and make him pause, and ponder, and abstain, more than anything else I could say.

At present I am enjoying a temporary relief from his presence: he is gone with Hargrave to join a distant hunt, and will probably not be back before tomorrow evening. How differently I used to feel his absence!

Mr. Hargrave is still at the Grove. He and Arthur frequently meet to pursue their rural sports together: he often calls upon us here, and Arthur not unfrequently rides over to him. I do not think either of these soi-disant friends is overflowing with love for the other; but such intercourse serves to get the time on, and I am very willing it should continue, as it saves me some hours of discomfort in Arthur's society, and gives him some better employment than the sottish indulgence of his sensual appetites. The only objection I have to Mr. Hargrave's being in the neighbourhood, is that the fear of meeting him at the Grove prevents me from seeing his sister so often as I otherwise should; for, of late, he has conducted himself towards me with such unerring propriety, that I have almost forgotten his former conduct. I suppose he is striving to 'win my esteem.' If he continue to act in this way, he may win it; but what then? The moment he attempts to demand anything more, he will lose it again.

February 10th

It is a hard, embittering thing to have one's kind feelings and good intentions cast back in one's teeth. I was beginning to relent towards my wretched partner; to pity his forlorn, comfortless condition, unalleviated as it is by the consolations of intellectual resources and the answer of a good conscience towards God; and to think I ought to sacrifice my pride, and renew my efforts once again to make his home agreeable and lead him back to the path of virtue; not by false professions of love, and not by pretended remorse, but by mitigating my habitual coldness of manner, and commuting my frigid civility into kindness wherever an opportunity occurred; and not only was I beginning to think so, but I had already begun to act upon the thought – and what was the result? No answering spark of kindness, no awakening penitence, but an unappeasable ill-humour, and a spirit of tyrannous exaction that increased with indulgence, and a lurking gleam of self-complacent triumph at every detection of relenting softness in my

manner, that congealed me to marble again as often as it recurred; and this morning he finished the business: I think the petrification is so completely effected at last that nothing can melt me again. Among his letters was one which he perused with symptoms of unusual gratification, and then threw it across the table to me, with the admonition...

‘There! read that, and take a lesson by it!’

It was in the free, dashing hand of Lady Lowborough. I glanced at the first page; it seemed full of extravagant protestations of affection; impetuous longings for a speedy reunion - and impious defiance of God’s mandates, and railings against His providence for having cast their lot asunder, and doomed them both to the hateful bondage of alliance with those they could not love. He gave a slight titter on seeing me change colour. I folded up the letter, rose, and returned it to him, with no remark, but...

‘Thank you, I will take a lesson by it!’

My little Arthur was standing between his knees, delightedly playing with the bright, ruby ring on his finger. Urged by a sudden, imperative impulse to deliver my son from that contaminating influence, I caught him up in my arms and carried him with me out of the room. Not liking this abrupt removal, the child began to pout and cry. This was a new stab to my already tortured heart. I would not let him go; but, taking him with me into the library, I shut the door, and, kneeling on the floor beside him, I embraced him, kissed him, wept over with him with passionate fondness. Rather frightened than consoled by this, he turned struggling from me, and cried out aloud for his papa. I released him from my arms, and never were more bitter tears than those that now concealed him from my blinded, burning eyes. Hearing his cries, the father came to the room. I instantly turned away, lest he should see and misconstrue my emotion. He swore at me, and took the now pacified child away.

It is hard that my little darling should love him more than me; and that, when the well-being and culture of my son is all I have to live for, I should see my influence destroyed by one whose selfish affection is more injurious than the coldest indifference or the harshest tyranny could be. If I, for his good, deny him some trifling indulgence, he goes to his father, and

the latter, in spite of his selfish indolence, will even give himself some trouble to meet the child's desires: if I attempt to curb his will, or look gravely on him for some act of childish disobedience, he knows his other parent will smile and take his part against me. Thus, not only have I the father's spirit in the son to contend against, the germs of his evil tendencies to search out and eradicate, and his corrupting intercourse and example in after-life to counteract, but already he counteracts my arduous labour for the child's advantage, destroys my influence over his tender mind, and robs me of his very love; I had no earthly hope but this, and he seems to take a diabolical delight in tearing it away.

But it is wrong to despair; I will remember the counsel of the inspired writer to him 'that feareth the Lord and obeyeth the voice of his servant, that sitteth in darkness and hath no light; let him trust in the name of the Lord, and stay upon his God!'

CHAPTER XXXVII

December 20th 1825.

Another year is past; and I am weary of this life. And yet I cannot wish to leave it: whatever afflictions assail me here, I cannot wish to go and leave my darling in this dark and wicked world alone, without a friend to guide him through its weary mazes, to warn him of its thousand snares, and guard him from the perils that beset him on every hand. I am not well fitted to be his only companion, I know, but there is no other to supply my place. I am too grave to minister to his amusements and enter into his infantile sports as a nurse or a mother ought to do, and often his bursts of gleeful merriment trouble and alarm me; I see in them his father's spirit and temperament, and I tremble for the consequences; and too often damp the innocent mirth I ought to share. That father, on the contrary, has no weight of sadness on his mind; is troubled with no fears, no scruples concerning his son's future welfare; and at evenings especially, the times when the child sees him the most and the oftenest, he is always particularly jocund and open-hearted: ready to laugh and to jest with anything or anybody but me, and I am particularly silent and sad: therefore, of course, the child dotes upon his seemingly joyous amusing, ever-indulgent papa, and will at any time gladly exchange my company for his. This disturbs me greatly; not so much for the sake of my son's affection (though I do prize that highly, and though I feel it is my right, and know I have done much to earn it) as for that influence over him which, for his own advantage, I would strive to purchase and retain, and which for very spite his father delights to rob me of, and, from motives of mere idle egotism, is pleased to win to himself; making no use of it but to torment me and ruin the child. My only consolation is, that he spends comparatively little of his time at home, and, during the months he passes in London or elsewhere, I have a chance of recovering the ground I had lost, and overcoming with good the evil he has wrought by his wilful mismanagement. But then it is a bitter trial to behold him, on his return, doing his utmost to subvert my labours and transform my innocent, affectionate, tractable darling into a selfish, disobedient, and mischievous boy; thereby preparing the soil for those vices he has so successfully cultivated in his own perverted nature.

Happily, there were none of Arthur's 'friends' invited to Grassdale last autumn: he took himself off to visit some of them instead. I wish he would always do so, and I wish his friends were numerous and loving enough to keep him amongst them all the year round. Mr. Hargrave, considerably to my annoyance, did not go with him; but I think I have done with that gentleman at last.

For seven or eight months he behaved so remarkably well, and managed so skilfully too, that I was almost completely off my guard, and was really beginning to look upon him as a friend, and even to treat him as such, with certain prudent restrictions (which I deemed scarcely necessary); when, presuming upon my unsuspecting kindness, he thought he might venture to overstep the bounds of decent moderation and propriety that had so long restrained him. It was on a pleasant evening at the close of May: I was wandering in the park, and he, on seeing me there as he rode past, made bold to enter and approach me, dismounting and leaving his horse at the gate. This was the first time he had ventured to come within its inclosure since I had been left alone, without the sanction of his mother's or sister's company, or at least the excuse of a message from them. But he managed to appear so calm and easy, so respectful and self-possessed in his friendliness, that, though a little surprised, I was neither alarmed nor offended at the unusual liberty, and he walked with me under the ash-trees and by the water-side, and talked, with considerable animation, good taste, and intelligence, on many subjects, before I began to think about getting rid of him. Then, after a pause, during which we both stood gazing on the calm, blue water - I revolving in my mind the best means of politely dismissing my companion, he, no doubt, pondering other matters equally alien to the sweet sights and sounds that alone were present to his senses, he suddenly electrified me by beginning, in a peculiar tone, low, soft, but perfectly distinct, to pour forth the most unequivocal expressions of earnest and passionate love; pleading his cause with all the bold yet artful eloquence he could summon to his aid. But I cut short his appeal, and repulsed him so determinately, so decidedly, and with such a mixture of scornful indignation, tempered with cool, dispassionate sorrow and pity for his benighted mind, that he withdrew, astonished, mortified, and discomforted; and, a few days after, I heard that he had departed for

London. He returned, however, in eight or nine weeks, and did not entirely keep aloof from me, but comported himself in so remarkable a manner that his quick-sighted sister could not fail to notice the change.

‘What have you done to Walter, Mrs. Huntingdon?’ said she one morning, when I had called at the Grove, and he had just left the room after exchanging a few words of the coldest civility. ‘He has been so extremely ceremonious and stately of late, I can’t imagine what it is all about, unless you have desperately offended him. Tell me what it is, that I may be your mediator, and make you friends again.’

‘I have done nothing willingly to offend him,’ said I. ‘If he is offended, he can best tell you himself what it is about.’

‘I’ll ask him,’ cried the giddy girl, springing up and putting her head out of the window. ‘he’s only in the garden - Walter!’

‘No, no, Esther! you will seriously displease me if you do; and I shall leave you immediately, and not come again for months - perhaps years.’

‘Did you call, Esther?’ said her brother, approaching the window from without.

‘Yes; I wanted to ask you...’

‘Good-morning, Esther,’ said I, taking her hand and giving it a severe squeeze.

‘To ask you,’ continued she, ‘to get me a rose for Mrs. Huntingdon.’ He departed. ‘Mrs. Huntingdon,’ she exclaimed, turning to me and still holding me fast by the hand, ‘I’m quite shocked at you - you’re just as angry, and distant, and cold as he is: and I’m determined you shall be as good friends as ever before you go.’

‘Esther, how can you be so rude!’ cried Mrs. Hargrave, who was seated gravely knitting in her easy-chair. ‘Surely, you never will learn to conduct yourself like a lady!’

‘Well, mamma, you said yourself - ‘But the young lady was silenced by the uplifted finger of her mamma, accompanied with a very stern shake of the head.

‘Isn’t she cross?’ whispered she to me; but, before I could add my share of reproof, Mr. Hargrave reappeared at the window with a beautiful

moss-rose in his hand.

‘Here, Esther, I’ve brought you the rose,’ said he, extending it towards her.

‘Give it her yourself, you blockhead!’ cried she, recoiling with a spring from between us.

‘Mrs. Huntingdon would rather receive it from you,’ replied he, in a very serious tone, but lowering his voice that his mother might not hear. His sister took the rose and gave it to me.

‘My brother’s compliments, Mrs. Huntingdon, and he hopes you and he will come to a better understanding by-and-by. Will that do, Walter?’ added the saucy girl, turning to him and putting her arm round his neck, as he stood leaning upon the sill of the window - ‘or should I have said that you are sorry you were so touchy? Or that you hope she will pardon your offence?’

‘You silly girl! you don’t know what you are talking about,’ replied he gravely.

‘Indeed I don’t: for I’m quite in the dark!’

‘Now, Esther,’ interposed Mrs. Hargrave, who, if equally benighted on the subject of our estrangement, saw at least that her daughter was behaving very improperly, ‘I must insist upon your leaving the room!’

‘Pray don’t, Mrs. Hargrave, for I’m going to leave it myself,’ said I, and immediately made my adieux.

About a week after Mr. Hargrave brought his sister to see me. He conducted himself, at first, with his usual cold, distant, half-stately, half-melancholy, altogether injured air; but Esther made no remark upon it this time: she had evidently been schooled into better manners. She talked to me, and laughed and romped with little Arthur, her loved and loving playmate. He, somewhat to my discomfort, enticed her from the room to have a run in the hall, and thence into the garden. I got up to stir the fire. Mr. Hargrave asked if I felt cold, and shut the door - a very unseasonable piece of officiousness, for I had meditated following the noisy playfellows if they did not speedily return. He then took the liberty of walking up to the

fire himself, and asking me if I were aware that Mr. Huntingdon was now at the seat of Lord Lowborough, and likely to continue there some time.

‘No; but it’s no matter,’ I answered carelessly; and if my cheek glowed like fire, it was rather at the question than the information it conveyed.

‘You don’t object to it?’ he said.

‘Not at all, if Lord Lowborough likes his company.’

‘You have no love left for him, then?’

‘Not the least.’

‘I knew that - I knew you were too high-minded and pure in your own nature to continue to regard one so utterly false and polluted with any feelings but those of indignation and scornful abhorrence!’

‘Is he not your friend?’ said I, turning my eyes from the fire to his face, with perhaps a slight touch of those feelings he assigned to another.

‘He was,’ replied he, with the same calm gravity as before; ‘but do not wrong me by supposing that I could continue my friendship and esteem to a man who could so infamously, so impiously forsake and injure one so transcendently - well, I won’t speak of it. But tell me, do you never think of revenge?’

‘Revenge! No - what good would that do? - it would make him no better, and me no happier.’

‘I don’t know how to talk to you, Mrs. Huntingdon,’ said he, smiling; ‘you are only half a woman - your nature must be half human, half angelic. Such goodness overawes me; I don’t know what to make of it.’

‘Then, sir, I fear you must be very much worse than you should be, if I, a mere ordinary mortal, am, by your own confession, so vastly your superior; and since there exists so little sympathy between us, I think we had better each look out for some more congenial companion.’ And forthwith moving to the window, I began to look out for my little son and his gay young friend.

‘No, I am the ordinary mortal, I maintain,’ replied Mr. Hargrave. ‘I will not allow myself to be worse than my fellows; but you, Madam - I

equally maintain there is nobody like you. But are you happy?' he asked in a serious tone.

'As happy as some others, I suppose.'

'Are you as happy as you desire to be?'

'No one is so blest as that comes to on this side eternity.'

'One thing I know,' returned he, with a deep sad sigh; 'you are immeasurably happier than I am.'

'I am very sorry for you, then,' I could not help replying.

'Are you, indeed? No, for if you were you would be glad to relieve me.'

'And so I should if I could do so without injuring myself or any other.'

'And can you suppose that I should wish you to injure yourself? No: on the contrary, it is your own happiness I long for more than mine. You are miserable now, Mrs. Huntingdon,' continued he, looking me boldly in the face. 'You do not complain, but I see - and feel - and know that you are miserable - and must remain so as long as you keep those walls of impenetrable ice about your still warm and palpitating heart; and I am miserable, too. Deign to smile on me and I am happy: trust me, and you shall be happy also, for if you are a woman I can make you so - and I will do it in spite of yourself!' he muttered between his teeth; 'and as for others, the question is between ourselves alone: you cannot injure your husband, you know, and no one else has any concern in the matter.'

'I have a son, Mr. Hargrave, and you have a mother,' said I, retiring from the window, whither he had followed me.

'They need not know,' he began; but before anything more could be said on either side, Esther and Arthur re-entered the room. The former glanced at Walter's flushed, excited countenance, and then at mine - a little flushed and excited too, I daresay, though from far different causes. She must have thought we had been quarrelling desperately, and was evidently perplexed and disturbed at the circumstance; but she was too polite or too much afraid of her brother's anger to refer to it. She seated herself on the sofa, and putting back her bright, golden ringlets, that were scattered in

wild profusion over her face, she immediately began to talk about the garden and her little playfellow, and continued to chatter away in her usual strain till her brother summoned her to depart.

‘If I have spoken too warmly, forgive me,’ he murmured on taking his leave, ‘or I shall never forgive myself.’ Esther smiled and glanced at me: I merely bowed, and her countenance fell. She thought it a poor return for Walter’s generous concession, and was disappointed in her friend. Poor child, she little knows the world she lives in!

Mr. Hargrave had not an opportunity of meeting me again in private for several weeks after this; but when he did meet me there was less of pride and more of touching melancholy in his manner than before. Oh, how he annoyed me! I was obliged at last almost entirely to remit my visits to the Grove, at the expense of deeply offending Mrs. Hargrave and seriously afflicting poor Esther, who really values my society for want of better, and who ought not to suffer for the fault of her brother. But that indefatigable foe was not yet vanquished: he seemed to be always on the watch. I frequently saw him riding lingeringly past the premises, looking searchingly round him as he went - or, if I did not, Rachel did. That sharp-sighted woman soon guessed how matters stood between us, and descrying the enemy’s movements from her elevation at the nursery-window, she would give me a quiet intimation if she saw me preparing for a walk when she had reason to believe he was about, or to think it likely that he would meet or overtake me in the way I meant to traverse. I would then defer my ramble, or confine myself for that day to the park and gardens, or, if the proposed excursion was a matter of importance, such as a visit to the sick or afflicted, I would take Rachel with me, and then I was never molested.

But one mild, sunshiny day, early in November, I had ventured forth alone to visit the village school and a few of the poor tenants, and on my return I was alarmed at the clatter of a horse’s feet behind me, approaching at a rapid, steady trot. There was no stile or gap at hand by which I could escape into the fields, so I walked quietly on, saying to myself, ‘It may not be he after all; and if it is, and if he do annoy me, it shall be for the last time, I am determined, if there be power in words and looks against cool impudence and mawkish sentimentality so inexhaustible as his.’

The horse soon overtook me, and was reined up close beside me. It was Mr. Hargrave. He greeted me with a smile intended to be soft and melancholy, but his triumphant satisfaction at having caught me at last so shone through that it was quite a failure. After briefly answering his salutation and inquiring after the ladies at the Grove, I turned away and walked on; but he followed and kept his horse at my side: it was evident he intended to be my companion all the way.

‘Well! I don’t much care. If you want another rebuff, take it - and welcome,’ was my inward remark. ‘Now, sir, what next?’

This question, though unspoken, was not long unanswered; after a few passing observations upon indifferent subjects, he began in solemn tones the following appeal to my humanity:

‘It will be four years next April since I first saw you, Mrs. Huntingdon - you may have forgotten the circumstance, but I never can. I admired you then most deeply, but I dared not love you. In the following autumn I saw so much of your perfections that I could not fail to love you, though I dared not show it. For upwards of three years I have endured a perfect martyrdom. From the anguish of suppressed emotions, intense and fruitless longings, silent sorrow, crushed hopes, and trampled affections, I have suffered more than I can tell, or you imagine - and you were the cause of it, and not altogether the innocent cause. My youth is wasting away; my prospects are darkened; my life is a desolate blank; I have no rest day or night: I am become a burden to myself and others, and you might save me by a word - a glance, and will not do it - is this right?’

‘In the first place, I don’t believe you,’ answered I; ‘in the second, if you will be such a fool, I can’t hinder it.’

‘If you affect,’ replied he, earnestly, ‘to regard as folly the best, the strongest, the most godlike impulses of our nature, I don’t believe you. I know you are not the heartless, icy being you pretend to be - you had a heart once, and gave it to your husband. When you found him utterly unworthy of the treasure, you reclaimed it; and you will not pretend that you loved that sensual, earthly-minded profligate so deeply, so devotedly, that you can never love another? I know that there are feelings in your nature that have never yet been called forth; I know, too, that in your

present neglected lonely state you are and must be miserable. You have it in your power to raise two human beings from a state of actual suffering to such unspeakable beatitude as only generous, noble, self-forgetting love can give (for you can love me if you will); you may tell me that you scorn and detest me, but, since you have set me the example of plain speaking, I will answer that I do not believe you. But you will not do it! you choose rather to leave us miserable; and you coolly tell me it is the will of God that we should remain so. You may call this religion, but I call it wild fanaticism!

‘There is another life both for you and for me,’ said I. ‘If it be the will of God that we should sow in tears now, it is only that we may reap in joy hereafter. It is His will that we should not injure others by the gratification of our own earthly passions; and you have a mother, and sisters, and friends who would be seriously injured by your disgrace; and I, too, have friends, whose peace of mind shall never be sacrificed to my enjoyment, or yours either, with my consent; and if I were alone in the world, I have still my God and my religion, and I would sooner die than disgrace my calling and break my faith with heaven to obtain a few brief years of false and fleeting happiness - happiness sure to end in misery even here - for myself or any other!’

‘There need be no disgrace, no misery or sacrifice in any quarter,’ persisted he. ‘I do not ask you to leave your home or defy the world’s opinion.’ But I need not repeat all his arguments. I refuted them to the best of my power; but that power was provokingly small, at the moment, for I was too much flurried with indignation - and even shame - that he should thus dare to address me, to retain sufficient command of thought and language to enable me adequately to contend against his powerful sophistries. Finding, however, that he could not be silenced by reason, and even covertly exulted in his seeming advantage, and ventured to deride those assertions I had not the coolness to prove, I changed my course and tried another plan.

‘Do you really love me?’ said I, seriously, pausing and looking him calmly in the face.

‘Do I love you!’ cried he.

‘Truly?’ I demanded.

His countenance brightened; he thought his triumph was at hand. He commenced a passionate protestation of the truth and fervour of his attachment, which I cut short by another question:

‘But is it not a selfish love? Have you enough disinterested affection to enable you to sacrifice your own pleasure to mine?’

‘I would give my life to serve you.’

‘I don’t want your life; but have you enough real sympathy for my afflictions to induce you to make an effort to relieve them, at the risk of a little discomfort to yourself?’

‘Try me, and see.’

‘If you have, never mention this subject again. You cannot recur to it in any way without doubling the weight of those sufferings you so feelingly deplore. I have nothing left me but the solace of a good conscience and a hopeful trust in heaven, and you labour continually to rob me of these. If you persist, I must regard you as my deadliest foe.’

‘But hear me a moment...’

‘No, sir! You said you would give your life to serve me; I only ask your silence on one particular point. I have spoken plainly; and what I say I mean. If you torment me in this way any more, I must conclude that your protestations are entirely false, and that you hate me in your heart as fervently as you profess to love me!’

He bit his lip, and bent his eyes upon the ground in silence for a while.

‘Then I must leave you,’ said he at length, looking steadily upon me, as if with the last hope of detecting some token of irrepressible anguish or dismay awakened by those solemn words. ‘I must leave you. I cannot live here, and be for ever silent on the all-absorbing subject of my thoughts and wishes.’

‘Formerly, I believe, you spent but little of your time at home,’ I answered; ‘it will do you no harm to absent yourself again, for a while - if that be really necessary.’

‘If that be really possible,’ he muttered; ‘and can you bid me go so coolly? Do you really wish it?’

‘Most certainly I do. If you cannot see me without tormenting me as you have lately done, I would gladly say farewell and never see you more.’

He made no answer, but, bending from his horse, held out his hand towards me. I looked up at his face, and saw therein such a look of genuine agony of soul, that, whether bitter disappointment, or wounded pride, or lingering love, or burning wrath were uppermost, I could not hesitate to put my hand in his as frankly as if I bade a friend farewell. He grasped it very hard, and immediately put spurs to his horse and galloped away. Very soon after, I learned that he was gone to Paris, where he still is; and the longer he stays there the better for me.

I thank God for this deliverance!

CHAPTER XXXVIII

December 20th 1826.

The fifth anniversary of my wedding-day, and, I trust, the last I shall spend under this roof. My resolution is formed, my plan concocted, and already partly put in execution. My conscience does not blame me, but while the purpose ripens let me beguile a few of these long winter evenings in stating the case for my own satisfaction: a dreary amusement enough, but having the air of a useful occupation, and being pursued as a task, it will suit me better than a lighter one.

In September, quiet Grassdale was again alive with a party of ladies and gentlemen (so called), consisting of the same individuals as those invited the year before last, with the addition of two or three others, among whom were Mrs. Hargrave and her younger daughter. The gentlemen and Lady Lowborough were invited for the pleasure and convenience of the host; the other ladies, I suppose, for the sake of appearances, and to keep me in check, and make me discreet and civil in my demeanour. But the ladies stayed only three weeks; the gentlemen, with two exceptions, above two months: for their hospitable entertainer was loth to part with them and be left alone with his bright intellect, his stainless conscience, and his loved and loving wife.

On the day of Lady Lowborough's arrival, I followed her into her chamber, and plainly told her that, if I found reason to believe that she still continued her criminal connection with Mr. Huntingdon, I should think it my absolute duty to inform her husband of the circumstance - or awaken his suspicions at least - however painful it might be, or however dreadful the consequences. She was startled at first by the declaration, so unexpected, and so determinately yet calmly delivered; but rallying in a moment, she coolly replied that, if I saw anything at all reprehensible or suspicious in her conduct, she would freely give me leave to tell his lordship all about it. Willing to be satisfied with this, I left her; and certainly I saw nothing thenceforth particularly reprehensible or suspicious in her demeanour towards her host; but then I had the other guests to attend to, and I did not watch them narrowly - for, to confess the truth, I feared to see anything between them. I no longer regarded it as any

concern of mine, and if it was my duty to enlighten Lord Lowborough, it was a painful duty, and I dreaded to be called to perform it.

But my fears were brought to an end in a manner I had not anticipated. One evening, about a fortnight after the visitors' arrival, I had retired into the library to snatch a few minutes' respite from forced cheerfulness and wearisome discourse, for after so long a period of seclusion, dreary indeed as I had often found it, I could not always bear to be doing violence to my feelings, and goading my powers to talk, and smile and listen, and play the attentive hostess, or even the cheerful friend: I had just ensconced myself within the bow of the window, and was looking out upon the west, where the darkening hills rose sharply defined against the clear amber light of evening, that gradually blended and faded away into the pure, pale blue of the upper sky, where one bright star was shining through, as if to promise - 'When that dying light is gone, the world will not be left in darkness, and they who trust in God, whose minds are unobscured by the mists of unbelief and sin, are never wholly comfortless,' - when I heard a hurried step approaching, and Lord Lowborough entered. This room was still his favourite resort. He flung the door to with unusual violence, and cast his hat aside regardless where it fell. What could be the matter with him? His face was ghastly pale; his eyes were fixed upon the ground; his teeth clenched: his forehead glistened with the dews of agony. It was plain he knew his wrongs at last!

Unconscious of my presence, he began to pace the room in a state of fearful agitation, violently wringing his hands and uttering low groans or incoherent ejaculations. I made a movement to let him know that he was not alone; but he was too preoccupied to notice it. Perhaps, while his back was towards me, I might cross the room and slip away unobserved. I rose to make the attempt, but then he perceived me. He started and stood still a moment; then wiped his streaming forehead, and, advancing towards me, with a kind of unnatural composure, said in a deep, almost sepulchral tone, 'Mrs. Huntingdon, I must leave you tomorrow.'

'Tomorrow!' I repeated. 'I do not ask the cause.'

'You know it then, and you can be so calm!' said he, surveying me with profound astonishment, not unmingled with a kind of resentful bitterness, as it appeared to me.

‘I have so long been aware of - ‘ I paused in time, and added, ‘of my husband’s character, that nothing shocks me.’

‘But this - how long have you been aware of this?’ demanded he, laying his clenched hand on the table beside him, and looking me keenly and fixedly in the face.

I felt like a criminal.

‘Not long,’ I answered.

‘You knew it!’ cried he, with bitter vehemence - ‘and you did not tell me! You helped to deceive me!’

‘My lord, I did not help to deceive you.’

‘Then why did you not tell me?’

‘Because I knew it would be painful to you. I hoped she would return to her duty, and then there would be no need to harrow your feelings with such...’

‘O God! how long has this been going on? How long has it been, Mrs. Huntingdon? - Tell me - I must know!’ exclaimed, with intense and fearful eagerness.

‘Two years, I believe.’

‘Great heaven! and she has duped me all this time!’ He turned away with a suppressed groan of agony, and paced the room again in a paroxysm of renewed agitation. My heart smote me; but I would try to console him, though I knew not how to attempt it.

‘She is a wicked woman,’ I said. ‘She has basely deceived and betrayed you. She is as little worthy of your regret as she was of your affection. Let her injure you no further; abstract yourself from her, and stand alone.’

‘And you, Madam,’ said he sternly, arresting himself, and turning round upon me, ‘you have injured me too by this ungenerous concealment!’

There was a sudden revulsion in my feelings. Something rose within me, and urged me to resent this harsh return for my heartfelt sympathy, and defend myself with answering severity. Happily, I did not yield to the impulse. I saw his anguish as, suddenly smiting his forehead, he turned

abruptly to the window, and, looking upward at the placid sky, murmured passionately, 'O God, that I might die!' - and felt that to add one drop of bitterness to that already overflowing cup would be ungenerous indeed. And yet I fear there was more coldness than gentleness in the quiet tone of my reply:- 'I might offer many excuses that some would admit to be valid, but I will not attempt to enumerate them..'

'I know them,' said he hastily: 'you would say that it was no business of yours: that I ought to have taken care of myself; that if my own blindness has led me into this pit of hell, I have no right to blame another for giving me credit for a larger amount of sagacity than I possessed..'

'I confess I was wrong,' continued I, without regarding this bitter interruption; 'but whether want of courage or mistaken kindness was the cause of my error, I think you blame me too severely. I told Lady Lowborough two weeks ago, the very hour she came, that I should certainly think it my duty to inform you if she continued to deceive you: she gave me full liberty to do so if I should see anything reprehensible or suspicious in her conduct; I have seen nothing; and I trusted she had altered her course.'

He continued gazing from the window while I spoke, and did not answer, but, stung by the recollections my words awakened, stamped his foot upon the floor, ground his teeth, and corrugated his brow, like one under the influence of acute physical pain.

'It was wrong, it was wrong!' he muttered at length. 'Nothing can excuse it; nothing can atone for it - for nothing can recall those years of cursed credulity; nothing obliterate them! - nothing, nothing!' he repeated in a whisper, whose despairing bitterness precluded all resentment.

'When I put the case to myself, I own it was wrong,' I answered; 'but I can only now regret that I did not see it in this light before, and that, as you say, nothing can recall the past.'

Something in my voice or in the spirit of this answer seemed to alter his mood. Turning towards me, and attentively surveying my face by the dim light, he said, in a milder tone than he had yet employed - 'You, too, have suffered, I suppose.'

'I suffered much, at first.'

‘When was that?’

‘Two years ago; and two years hence you will be as calm as I am now, and far, far happier, I trust, for you are a man, and free to act as you please.’

Something like a smile, but a very bitter one, crossed his face for a moment.

‘You have not been happy, lately?’ he said, with a kind of effort to regain composure, and a determination to waive the further discussion of his own calamity.

‘Happy?’ I repeated, almost provoked at such a question. ‘Could I be so, with such a husband?’

‘I have noticed a change in your appearance since the first years of your marriage,’ pursued he: ‘I observed it to - to that infernal demon,’ he muttered between his teeth; ‘and he said it was your own sour temper that was eating away your bloom: it was making you old and ugly before your time, and had already made his fireside as comfortless as a convent cell. You smile, Mrs. Huntingdon; nothing moves you. I wish my nature were as calm as yours.’

‘My nature was not originally calm,’ said I. ‘I have learned to appear so by dint of hard lessons and many repeated efforts.’

At this juncture Mr. Hattersley burst into the room.

‘Hallo, Lowborough!’ he began - ‘Oh! I beg your pardon,’ he exclaimed on seeing me. ‘I didn’t know it was a tete-a-tete. Cheer up, man,’ he continued, giving Lord Lowborough a thump on the back, which caused the latter to recoil from him with looks of ineffable disgust and irritation. ‘Come, I want to speak with you a bit.’

‘Speak, then.’

‘But I’m not sure it would be quite agreeable to the lady what I have to say.’

‘Then it would not be agreeable to me,’ said his lordship, turning to leave the room.

‘Yes, it would,’ cried the other, following him into the hall. ‘If you’ve the heart of a man, it would be the very ticket for you. It’s just this,

my lad,' he continued, rather lowering his voice, but not enough to prevent me from hearing every word he said, though the half-closed door stood between us. 'I think you're an ill-used man - nay, now, don't flare up; I don't want to offend you: it's only my rough way of talking. I must speak right out, you know, or else not at all; and I'm come - stop now! let me explain - I'm come to offer you my services, for though Huntingdon is my friend, he's a devilish scamp, as we all know, and I'll be your friend for the nonce. I know what it is you want, to make matters straight: it's just to exchange a shot with him, and then you'll feel yourself all right again; and if an accident happens - why, that'll be all right too, I daresay, to a desperate fellow like you. Come now, give me your hand, and don't look so black upon it. Name time and place, and I'll manage the rest.'

'That,' answered the more low, deliberate voice of Lord Lowborough, 'is just the remedy my own heart, or the devil within it, suggested - to meet him, and not to part without blood. Whether I or he should fall, or both, it would be an inexpressible relief to me, if...'

'Just so! Well then...'

'No!' exclaimed his lordship, with deep, determined emphasis. 'Though I hate him from my heart, and should rejoice at any calamity that could befall him, I'll leave him to God; and though I abhor my own life, I'll leave that, too, to Him that gave it.'

'But you see, in this case,' pleaded Hattersley...

'I'll not hear you!' exclaimed his companion, hastily turning away. 'Not another word! I've enough to do against the fiend within me.'

'Then you're a white-livered fool, and I wash my hands of you,' grumbled the tempter, as he swung himself round and departed.

'Right, right, Lord Lowborough,' cried I, darting out and clasping his burning hand, as he was moving away to the stairs. 'I begin to think the world is not worthy of you!' Not understanding this sudden ebullition, he turned upon me with a stare of gloomy, bewildered amazement, that made me ashamed of the impulse to which I had yielded; but soon a more humanised expression dawned upon his countenance, and before I could withdraw my hand, he pressed it kindly, while a gleam of genuine feeling flashed from his eyes as he murmured, 'God help us both!'

‘Amen!’ responded I; and we parted.

I returned to the drawing-room, where, doubtless, my presence would be expected by most, desired by one or two. In the ante-room was Mr. Hattersley, railing against Lord Lowborough’s poltroonery before a select audience, viz. Mr. Huntingdon, who was lounging against the table, exulting in his own treacherous villainy, and laughing his victim to scorn, and Mr. Grimsby, standing by, quietly rubbing his hands and chuckling with fiendish satisfaction.

In the drawing-room I found Lady Lowborough, evidently in no very enviable state of mind, and struggling hard to conceal her discomposure by an overstrained affectation of unusual cheerfulness and vivacity, very uncalled-for under the circumstances, for she had herself given the company to understand that her husband had received unpleasant intelligence from home, which necessitated his immediate departure, and that he had suffered it so to bother his mind that it had brought on a bilious headache, owing to which, and the preparations he judged necessary to hasten his departure, she believed they would not have the pleasure of seeing him tonight. However, she asserted, it was only a business concern, and so she did not intend it should trouble her. She was just saying this as I entered, and she darted upon me such a glance of hardihood and defiance as at once astonished and revolted me.

‘But I am troubled,’ continued she, ‘and vexed too, for I think it my duty to accompany his lordship, and of course I am very sorry to part with all my kind friends so unexpectedly and so soon.’

‘And yet, Annabella,’ said Esther, who was sitting beside her, ‘I never saw you in better spirits in my life.’

‘Precisely so, my love: because I wish to make the best of your society, since it appears this is to be the last night I am to enjoy it till heaven knows when; and I wish to leave a good impression on you all,’ - she glanced round, and seeing her aunt’s eye fixed upon her, rather too scrutinizingly, as she probably thought, she started up and continued: ‘To which end I’ll give you a song - shall I, aunt? shall I, Mrs. Huntingdon? shall I ladies and gentlemen all? Very well. I’ll do my best to amuse you.’

She and Lord Lowborough occupied the apartments next to mine. I know not how she passed the night, but I lay awake the greater part of it listening to his heavy step pacing monotonously up and down his dressing-room, which was nearest my chamber. Once I heard him pause and throw something out of the window with a passionate ejaculation; and in the morning, after they were gone, a keen-bladed clasp-knife was found on the grass-plot below; a razor, likewise, was snapped in two and thrust deep into the cinders of the grate, but partially corroded by the decaying embers. So strong had been the temptation to end his miserable life, so determined his resolution to resist it.

My heart bled for him as I lay listening to that ceaseless tread. Hitherto I had thought too much of myself, too little of him: now I forgot my own afflictions, and thought only of his; of the ardent affection so miserably wasted, the fond faith so cruelly betrayed, the - no, I will not attempt to enumerate his wrongs - but I hated his wife and my husband more intensely than ever, and not for my sake, but for his.

They departed early in the morning, before any one else was down, except myself, and just as I was leaving my room Lord Lowborough was descending to take his place in the carriage, where his lady was already ensconced; and Arthur (or Mr. Huntingdon, as I prefer calling him, for the other is my child's name) had the gratuitous insolence to come out in his dressing-gown to bid his 'friend' good-bye.

'What, going already, Lowborough!' said he. 'Well, good-morning.' He smilingly offered his hand.

I think the other would have knocked him down, had he not instinctively started back before that bony fist quivering with rage and clenched till the knuckles gleamed white and glistening through the skin. Looking upon him with a countenance livid with furious hate, Lord Lowborough muttered between his closed teeth a deadly execration he would not have uttered had he been calm enough to choose his words, and departed.

'I call that an unchristian spirit now,' said the villain. 'But I'd never give up an old friend for the sake of a wife. You may have mine if you like, and I call that handsome; I can do no more than offer restitution, can I?'

But Lowborough had gained the bottom of the stairs, and was now crossing the hall; and Mr. Huntingdon, leaning over the banisters, called out, 'Give my love to Annabella! and I wish you both a happy journey,' and withdrew, laughing, to his chamber.

He subsequently expressed himself rather glad she was gone. 'She was so deuced imperious and exacting,' said he. 'Now I shall be my own man again, and feel rather more at my ease.'

CHAPTER XXXIX

My greatest source of uneasiness, in this time of trial, was my son, whom his father and his father's friends delighted to encourage in all the embryo vices a little child can show, and to instruct in all the evil habits he could acquire - in a word, to 'make a man of him' was one of their staple amusements; and I need say no more to justify my alarm on his account, and my determination to deliver him at any hazard from the hands of such instructors. I first attempted to keep him always with me, or in the nursery, and gave Rachel particular injunctions never to let him come down to dessert as long as these 'gentlemen' stayed; but it was no use: these orders were immediately countermanded and overruled by his father; he was not going to have the little fellow moped to death between an old nurse and a cursed fool of a mother. So the little fellow came down every evening in spite of his cross mamma, and learned to tipple wine like papa, to swear like Mr. Hattersley, and to have his own way like a man, and sent mamma to the devil when she tried to prevent him. To see such things done with the roguish naivete of that pretty little child, and hear such things spoken by that small infantile voice, was as peculiarly piquant and irresistibly droll to them as it was inexpresibly distressing and painful to me; and when he had set the table in a roar he would look round delightedly upon them all, and add his shrill laugh to theirs. But if that beaming blue eye rested on me, its light would vanish for a moment, and he would say, in some concern, 'Mamma, why don't you laugh? Make her laugh, papa - she never will.'

Hence was I obliged to stay among these human brutes, watching an opportunity to get my child away from them instead of leaving them immediately after the removal of the cloth, as I should always otherwise have done. He was never willing to go, and I frequently had to carry him away by force, for which he thought me very cruel and unjust; and sometimes his father would insist upon my letting him remain; and then I would leave him to his kind friends, and retire to indulge my bitterness and despair alone, or to rack my brains for a remedy to this great evil.

But here again I must do Mr. Hargrave the justice to acknowledge that I never saw him laugh at the child's misdemeanours, nor heard him utter a word of encouragement to his aspirations after manly

accomplishments. But when anything very extraordinary was said or done by the infant profligate, I noticed, at times, a peculiar expression in his face that I could neither interpret nor define: a slight twitching about the muscles of the mouth; a sudden flash in the eye, as he darted a sudden glance at the child and then at me: and then I could fancy there arose a gleam of hard, keen, sombre satisfaction in his countenance at the look of impotent wrath and anguish he was too certain to behold in mine. But on one occasion, when Arthur had been behaving particularly ill, and Mr. Huntingdon and his guests had been particularly provoking and insulting to me in their encouragement of him, and I particularly anxious to get him out of the room, and on the very point of demeaning myself by a burst of uncontrollable passion - Mr. Hargrave suddenly rose from his seat with an aspect of stern determination, lifted the child from his father's knee, where he was sitting half-tipsy, cocking his head and laughing at me, and execrating me with words he little knew the meaning of, handed him out of the room, and, setting him down in the hall, held the door open for me, gravely bowed as I withdrew, and closed it after me. I heard high words exchanged between him and his already half-inebriated host as I departed, leading away my bewildered and disconcerted boy.

But this should not continue: my child must not be abandoned to this corruption: better far that he should live in poverty and obscurity, with a fugitive mother, than in luxury and affluence with such a father. These guests might not be with us long, but they would return again: and he, the most injurious of the whole, his child's worst enemy, would still remain. I could endure it for myself, but for my son it must be borne no longer: the world's opinion and the feelings of my friends must be alike unheeded here, at least - alike unable to deter me from my duty. But where should I find an asylum, and how obtain subsistence for us both? Oh, I would take my precious charge at early dawn, take the coach to M..., flee to the port of..., cross the Atlantic, and seek a quiet, humble home in New England, where I would support myself and him by the labour of my hands. The palette and the easel, my darling playmates once, must be my sober toil-fellows now. But was I sufficiently skilful as an artist to obtain my livelihood in a strange land, without friends and without recommendation? No; I must wait a little; I must labour hard to improve my talent, and to produce something worth while as a specimen of my powers, something to speak favourably for me,

whether as an actual painter or a teacher. Brilliant success, of course, I did not look for, but some degree of security from positive failure was indispensable: I must not take my son to starve. And then I must have money for the journey, the passage, and some little to support us in our retreat in case I should be unsuccessful at first: and not too little either: for who could tell how long I might have to struggle with the indifference or neglect of others, or my own inexperience or inability to suit their tastes?

What should I do then? Apply to my brother and explain my circumstances and my resolves to him? No, no: even if I told him all my grievances, which I should be very reluctant to do, he would be certain to disapprove of the step: it would seem like madness to him, as it would to my uncle and aunt, or to Milicent. No; I must have patience and gather a hoard of my own. Rachel should be my only confidante - I thought I could persuade her into the scheme; and she should help me, first, to find out a picture-dealer in some distant town; then, through her means, I would privately sell what pictures I had on hand that would do for such a purpose, and some of those I should thereafter paint. Besides this, I would contrive to dispose of my jewels, not the family jewels, but the few I brought with me from home, and those my uncle gave me on my marriage. A few months' arduous toil might well be borne by me with such an end in view, and in the interim my son could not be much more injured than he was already.

Having formed this resolution, I immediately set to work to accomplish it, I might possibly have been induced to wax cool upon it afterwards, or perhaps to keep weighing the pros and cons in my mind till the latter overbalanced the former, and I was driven to relinquish the project altogether, or delay the execution of it to an indefinite period, had not something occurred to confirm me in that determination, to which I still adhere, which I still think I did well to form, and shall do better to execute.

Since Lord Lowborough's departure I had regarded the library as entirely my own, a secure retreat at all hours of the day. None of our gentlemen had the smallest pretensions to a literary taste, except Mr. Hargrave; and he, at present, was quite contented with the newspapers and periodicals of the day. And if, by any chance, he should look in here, I felt assured he would soon depart on seeing me, for, instead of becoming less

cool and distant towards me, he had become decidedly more so since the departure of his mother and sisters, which was just what I wished. Here, then, I set up my easel, and here I worked at my canvas from daylight till dusk, with very little intermission, saving when pure necessity, or my duties to little Arthur, called me away: for I still thought proper to devote some portion of every day exclusively to his instruction and amusement. But, contrary to my expectation, on the third morning, while I was thus employed, Mr. Hargrave did look in, and did not immediately withdraw on seeing me. He apologized for his intrusion, and said he was only come for a book; but when he had got it, he condescended to cast a glance over my picture. Being a man of taste, he had something to say on this subject as well as another, and having modestly commented on it, without much encouragement from me, he proceeded to expatiate on the art in general. Receiving no encouragement in that either, he dropped it, but did not depart.

‘You don’t give us much of your company, Mrs. Huntingdon,’ observed he, after a brief pause, during which I went on coolly mixing and tempering my colours; ‘and I cannot wonder at it, for you must be heartily sick of us all. I myself am so thoroughly ashamed of my companions, and so weary of their irrational conversation and pursuits - now that there is no one to humanize them and keep them in check, since you have justly abandoned us to our own devices - that I think I shall presently withdraw from amongst them, probably within this week; and I cannot suppose you will regret my departure.’

He paused. I did not answer.

‘Probably,’ he added, with a smile, ‘your only regret on the subject will be that I do not take all my companions along with me. I flatter myself, at times, that though among them I am not of them; but it is natural that you should be glad to get rid of me. I may regret this, but I cannot blame you for it.’

‘I shall not rejoice at your departure, for you can conduct yourself like a gentleman,’ said I, thinking it but right to make some acknowledgment for his good behaviour; ‘but I must confess I shall rejoice to bid adieu. to the rest, inhospitable as it may appear.’

‘No one can blame you for such an avowal,’ replied he gravely: ‘not even the gentlemen themselves, I imagine. I’ll just tell you,’ he continued, as if actuated by a sudden resolution, ‘what was said last night in the dining-room, after you left us: perhaps you will not mind it, as you’re so very philosophical on certain points,’ he added with a slight sneer. ‘They were talking about Lord Lowborough and his delectable lady, the cause of whose sudden departure is no secret amongst them; and her character is so well known to them all, that, nearly related to me as she is, I could not attempt to defend it. Curse me!’ he muttered, *par parenthese*, ‘if I don’t have vengeance for this! If the villain must disgrace the family, must he blazon it abroad to every low-bred knave of his acquaintance? I beg your pardon, Mrs. Huntingdon. Well, they were talking of these things, and some of them remarked that, as she was separated from her husband, he might see her again when he pleased.’

“Thank you,” said he; “I’ve had enough of her for the present: I’ll not trouble to see her, unless she comes to me.”

“Then what do you mean to do, Huntingdon, when we’re gone?” said Ralph Hattersley. “Do you mean to turn from the error of your ways, and be a good husband, a good father, and so forth; as I do, when I get shut of you and all these rollicking devils you call your friends? I think it’s time; and your wife is fifty times too good for you, you know...”

‘And he added some praise of you, which you would not thank me for repeating, nor him for uttering; proclaiming it aloud, as he did, without delicacy or discrimination, in an audience where it seemed profanation to utter your name: himself utterly incapable of understanding or appreciating your real excellences. Huntingdon, meanwhile, sat quietly drinking his wine - or looking smilingly into his glass and offering no interruption or reply, till Hattersley shouted out - “Do you hear me, man?”

“Yes, go on,” said he.

“Nay, I’ve done,” replied the other: “I only want to know if you intend to take my advice.”

“What advice?”

“To turn over a new leaf, you double-dyed scoundrel,” shouted Ralph, “and beg your wife’s pardon, and be a good boy for the future.”

“My wife! what wife? I have no wife,” replied Huntingdon, looking innocently up from his glass, “or if I have, look you, gentlemen: I value her so highly that any one among you, that can fancy her, may have her and welcome: you may, by Jove, and my blessing into the bargain!”

‘I - hem - someone asked if he really meant what he said; upon which he solemnly swore he did, and no mistake. What do you think of that, Mrs. Huntingdon?’ asked Mr. Hargrave, after a short pause, during which I had felt he was keenly examining my half-averted face.

‘I say,’ replied I, calmly, ‘that what he prizes so lightly will not be long in his possession.’

‘You cannot mean that you will break your heart and die for the detestable conduct of an infamous villain like that!’

‘By no means: my heart is too thoroughly dried to be broken in a hurry, and I mean to live as long as I can.’

‘Will you leave him then?’

‘Yes.’

‘When: and how?’ asked he, eagerly.

‘When I am ready, and how I can manage it most effectually.’

‘But your child?’

‘My child goes with me.’

‘He will not allow it.’

‘I shall not ask him.’

‘Ah, then, it is a secret flight you meditate! but with whom, Mrs. Huntingdon?’

‘With my son: and possibly, his nurse.’

‘Alone - and unprotected! But where can you go? what can you do? He will follow you and bring you back.’

‘I have laid my plans too well for that. Let me once get clear of Grassdale, and I shall consider myself safe.’

Mr. Hargrave advanced one step towards me, looked me in the face, and drew in his breath to speak; but that look, that heightened colour, that

sudden sparkle of the eye, made my blood rise in wrath: I abruptly turned away, and, snatching up my brush, began to dash away at my canvas with rather too much energy for the good of the picture.

‘Mrs. Huntingdon,’ said he with bitter solemnity, ‘you are cruel - cruel to me - cruel to yourself.’

‘Mr. Hargrave, remember your promise.’

‘I must speak: my heart will burst if I don’t! I have been silent long enough, and you must hear me!’ cried he, boldly intercepting my retreat to the door. ‘You tell me you owe no allegiance to your husband; he openly declares himself weary of you, and calmly gives you up to anybody that will take you; you are about to leave him; no one will believe that you go alone; all the world will say, “She has left him at last, and who can wonder at it? Few can blame her, fewer still can pity him; but who is the companion of her flight?” Thus you will have no credit for your virtue (if you call it such): even your best friends will not believe in it; because it is monstrous, and not to be credited but by those who suffer, from the effects of it, such cruel torments that they know it to be indeed reality. But what can you do in the cold, rough world alone? you, a young and inexperienced woman, delicately nurtured, and utterly...’

‘In a word, you would advise me to stay where I am,’ interrupted I. ‘Well, I’ll see about it.’

‘By all means, leave him!’ cried he earnestly; ‘but NOT alone! Helen! let me protect you!’

‘Never! while heaven spares my reason,’ replied I, snatching away the hand he had presumed to seize and press between his own. But he was in for it now; he had fairly broken the barrier: he was completely roused, and determined to hazard all for victory.

‘I must not be denied!’ exclaimed he, vehemently; and seizing both my hands, he held them very tight, but dropped upon his knee, and looked up in my face with a half-imploring, half-imperious gaze. ‘You have no reason now: you are flying in the face of heaven’s decrees. God has designed me to be your comfort and protector – I feel it, I know it as certainly as if a voice from heaven declared, “Ye twain shall be one flesh” - and you spurn me from you - ‘

‘Let me go, Mr. Hargrave!’ said I, sternly. But he only tightened his grasp.

‘Let me go!’ I repeated, quivering with indignation.

His face was almost opposite the window as he knelt. With a slight start, I saw him glance towards it; and then a gleam of malicious triumph lit up his countenance. Looking over my shoulder, I beheld a shadow just retiring round the corner.

‘That is Grimsby,’ said he deliberately. ‘He will report what he has seen to Huntingdon and all the rest, with such embellishments as he thinks proper. He has no love for you, Mrs. Huntingdon – no reverence for your sex, no belief in virtue, no admiration for its image. He will give such a version of this story as will leave no doubt at all about your character, in the minds of those who hear it. Your fair fame is gone; and nothing that I or you can say can ever retrieve it. But give me the power to protect you, and show me the villain that dares to insult!’

‘No one has ever dared to insult me as you are doing now!’ said I, at length releasing my hands, and recoiling from him.

‘I do not insult you,’ cried he: ‘I worship you. You are my angel, my divinity! I lay my powers at your feet, and you must and shall accept them!’ he exclaimed, impetuously starting to his feet. ‘I will be your consoler and defender! and if your conscience upbraid you for it, say I overcame you, and you could not choose but yield!’

I never saw a man go terribly excited. He precipitated himself towards me. I snatched up my palette-knife and held it against him. This startled him: he stood and gazed at me in astonishment; I daresay I looked as fierce and resolute as he. I moved to the bell, and put my hand upon the cord. This tamed him still more. With a half-authoritative, half-deprecating wave of the hand, he sought to deter me from ringing.

‘Stand off, then!’ said I; he stepped back. ‘And listen to me. I don’t like you,’ I continued, as deliberately and emphatically as I could, to give the greater efficacy to my words; ‘and if I were divorced from my husband, or if he were dead, I would not marry you. There now! I hope you’re satisfied.’

His face grew blanched with anger.

‘I am satisfied,’ he replied, with bitter emphasis, ‘that you are the most cold-hearted, unnatural, ungrateful woman I ever yet beheld!’

‘Ungrateful, sir?’

‘Ungrateful.’

‘No, Mr. Hargrave, I am not. For all the good you ever did me, or ever wished to do, I most sincerely thank you: for all the evil you have done me, and all you would have done, I pray God to pardon you, and make you of a better mind.’ Here the door was thrown open, and Messrs. Huntingdon and Hattersley appeared without. The latter remained in the hall, busy with his ramrod and his gun; the former walked in, and stood with his back to the fire, surveying Mr. Hargrave and me, particularly the former, with a smile of insupportable meaning, accompanied as it was by the impudence of his brazen brow, and the sly, malicious, twinkle of his eye.

‘Well, sir?’ said Hargrave, interrogatively, and with the air of one prepared to stand on the defensive.

‘Well, sir,’ returned his host.

‘We want to know if you are at liberty to join us in a go at the pheasants, Walter,’ interposed Hattersley from without. ‘Come! there shall be nothing shot besides, except a puss or two; I’ll vouch for that.’

Walter did not answer, but walked to the window to collect his faculties. Arthur uttered a low whistle, and followed him with his eyes. A slight flush of anger rose to Hargrave’s cheek; but in a moment he turned calmly round, and said carelessly:

‘I came here to bid farewell to Mrs. Huntingdon, and tell her I must go tomorrow.’

‘Humph! You’re mighty sudden in your resolution. What takes you off so soon, may I ask?’

‘Business,’ returned he, repelling the other’s incredulous sneer with a glance of scornful defiance.

‘Very good,’ was the reply; and Hargrave walked away. Thereupon Mr. Huntingdon, gathering his coat-laps under his arms, and setting his shoulder against the mantel-piece, turned to me, and, addressing me in a low voice, scarcely above his breath, poured forth a volley of the vilest and

grossest abuse it was possible for the imagination to conceive or the tongue to utter. I did not attempt to interrupt him; but my spirit kindled within me, and when he had done, I replied, 'If your accusation were true, Mr. Huntingdon, how dare you blame me?'

'She's hit it, by Jove!' cried Hattersley, rearing his gun against the wall; and, stepping into the room, he took his precious friend by the arm, and attempted to drag him away. 'Come, my lad,' he muttered; 'true or false, you've no right to blame her, you know, nor him either; after what you said last night. So come along.'

There was something implied here that I could not endure.

'Dare you suspect me, Mr. Hattersley?' said I, almost beside myself with fury.

'Nay, nay, I suspect nobody. It's all right, it's all right. So come along, Huntingdon, you blackguard.'

'She can't deny it!' cried the gentleman thus addressed, grinning in mingled rage and triumph. 'She can't deny it if her life depended on it!' and muttering some more abusive language, he walked into the hall, and took up his hat and gun from the table.

'I scorn to justify myself to you!' said I. 'But you,' turning to Hattersley, 'if you presume to have any doubts on the subject, ask Mr. Hargrave.'

At this they simultaneously burst into a rude laugh that made my whole frame tingle to the fingers' ends.

'Where is he? I'll ask him myself!' said I, advancing towards them.

Suppressing a new burst of merriment, Hattersley pointed to the outer door. It was half open. His brother-in-law was standing on the front without.

'Mr. Hargrave, will you please to step this way?' said I.

He turned and looked at me in grave surprise.

'Step this way, if you please!' I repeated, in so determined a manner that he could not, or did not choose to resist its authority. Somewhat reluctantly he ascended the steps and advanced a pace or two into the hall.

‘And tell those gentlemen,’ I continued - ‘these men, whether or not I yielded to your solicitations.’

‘I don’t understand you, Mrs. Huntingdon.’

‘You do understand me, sir; and I charge you, upon your honour as a gentleman (if you have any), to answer truly. Did I, or did I not?’

‘No,’ muttered he, turning away.

‘Speak up, sir; they can’t hear you. Did I grant your request?’

‘You did not.’

‘No, I’ll be sworn she didn’t,’ said Hattersley, ‘or he’d never look so black.’

‘I’m willing to grant you the satisfaction of a gentleman, Huntingdon,’ said Mr. Hargrave, calmly addressing his host, but with a bitter sneer upon his countenance.

‘Go to the deuce!’ replied the latter, with an impatient jerk of the head. Hargrave withdrew with a look of cold disdain, saying, ‘You know where to find me, should you feel disposed to send a friend.’

Muttered oaths and curses were all the answer this intimation obtained.

‘Now, Huntingdon, you see!’ said Hattersley. ‘Clear as the day.’

‘I don’t care what he sees,’ said I, ‘or what he imagines; but you, Mr. Hattersley, when you hear my name belied and slandered, will you defend it?’

‘I will.’

I instantly departed and shut myself into the library. What could possess me to make such a request of such a man I cannot tell; but drowning men catch at straws: they had driven me desperate between them; I hardly knew what I said. There was no other to preserve my name from being blackened and aspersed among this nest of boon companions, and through them, perhaps, into the world; and beside my abandoned wretch of a husband, the base, malignant Grimsby, and the false villain Hargrave, this boorish ruffian, coarse and brutal as he was, shone like a glow-worm in the dark, among its fellow worms.

What a scene was this! Could I ever have imagined that I should be doomed to bear such insults under my own roof - to hear such things spoken in my presence; nay, spoken to me and of me; and by those who arrogated to themselves the name of gentlemen? And could I have imagined that I should have been able to endure it as calmly, and to repel their insults as firmly and as boldly as I had done? A hardness such as this is taught by rough experience and despair alone.

Such thoughts as these chased one another through my mind, as I paced to and fro the room, and longed - oh, how I longed - to take my child and leave them now, without an hour's delay! But it could not be; there was work before me: hard work, that must be done.

'Then let me do it,' said I, 'and lose not a moment in vain repinings and idle chafings against my fate, and those who influence it.'

And conquering my agitation with a powerful effort, I immediately resumed my task, and laboured hard all day.

Mr. Hargrave did depart on the morrow; and I have never seen him since. The others stayed on for two or three weeks longer; but I kept aloof from them as much as possible, and still continued my labour, and have continued it, with almost unabated ardour, to the present day. I soon acquainted Rachel with my design, confiding all my motives and intentions to her ear, and, much to my agreeable surprise, found little difficulty in persuading her to enter into my views. She is a sober, cautious woman, but she so hates her master, and so loves her mistress and her nursling, that after several ejaculations, a few faint objections, and many tears and lamentations that I should be brought to such a pass, she applauded my resolution and consented to aid me with all her might: on one condition only: that she might share my exile: otherwise, she was utterly inexorable, regarding it as perfect madness for me and Arthur to go alone. With touching generosity, she modestly offered to aid me with her little hoard of savings, hoping I would 'excuse her for the liberty, but really, if I would do her the favour to accept it as a loan, she would be very happy.' Of course I could not think of such a thing; but now, thank heaven, I have gathered a little hoard of my own, and my preparations are so far advanced that I am looking forward to a speedy emancipation. Only let the stormy severity of

this winter weather be somewhat abated, and then, some morning, Mr. Huntingdon will come down to a solitary breakfast-table, and perhaps be clamouring through the house for his invisible wife and child, when they are some fifty miles on their way to the Western world, or it may be more: for we shall leave him hours before the dawn, and it is not probable he will discover the loss of both until the day is far advanced.

I am fully alive to the evils that may and must result upon the step I am about to take; but I never waver in my resolution, because I never forget my son. It was only this morning, while I pursued my usual employment, he was sitting at my feet, quietly playing with the shreds of canvas I had thrown upon the carpet; but his mind was otherwise occupied, for, in a while, he looked up wistfully in my face, and gravely asked - 'Mamma, why are you wicked?'

'Who told you I was wicked, love?'

'Rachel.'

'No, Arthur, Rachel never said so, I am certain.'

'Well, then, it was papa,' replied he, thoughtfully. Then, after a reflective pause, he added, 'At least, I'll tell you how it was I got to know: when I'm with papa, if I say mamma wants me, or mamma says I'm not to do something that he tells me to do, he always says, "Mamma be damned," and Rachel says it's only wicked people that are damned. So, mamma, that's why I think you must be wicked: and I wish you wouldn't.'

'My dear child, I am not. Those are bad words, and wicked people often say them of others better than themselves. Those words cannot make people be damned, nor show that they deserve it. God will judge us by our own thoughts and deeds, not by what others say about us. And when you hear such words spoken, Arthur, remember never to repeat them: it is wicked to say such things of others, not to have them said against you.'

'Then it's papa that's wicked,' said he, ruefully.

'Papa is wrong to say such things, and you will be very wrong to imitate him now that you know better.'

'What is imitate?'

'To do as he does.'

‘Does he know better?’

‘Perhaps he does; but that is nothing to you.’

‘If he doesn’t, you ought to tell him, mamma.’

‘I have told him.’

The little moralist paused and pondered. I tried in vain to divert his mind from the subject.

‘I’m sorry papa’s wicked,’ said he mournfully, at length, ‘for I don’t want him to go to hell.’ And so saying he burst into tears.

I consoled him with the hope that perhaps his papa would alter and become good before he died -; but is it not time to deliver him from such a parent?

CHAPTER XL

January 10th 1827.

While writing the above, yesterday evening, I sat in the drawing-room. Mr. Huntingdon was present, but, as I thought, asleep on the sofa behind me. He had risen, however, unknown to me, and, actuated by some base spirit of curiosity, been looking over my shoulder for I know not how long; for when I had laid aside my pen, and was about to close the book, he suddenly placed his hand upon it, and saying - 'With your leave, my dear, I'll have a look at this,' forcibly wrested it from me, and, drawing a chair to the table, composedly sat down to examine it: turning back leaf after leaf to find an explanation of what he had read. Unluckily for me, he was more sober that night than he usually is at such an hour.

Of course I did not leave him to pursue this occupation in quiet: I made several attempts to snatch the book from his hands, but he held it too firmly for that; I upbraided him in bitterness and scorn for his mean and dishonourable conduct, but that had no effect upon him; and, finally, I extinguished both the candles, but he only wheeled round to the fire, and raising a blaze sufficient for his purposes, calmly continued the investigation. I had serious thoughts of getting a pitcher of water and extinguishing that light too; but it was evident his curiosity was too keenly excited to be quenched by that, and the more I manifested my anxiety to baffle his scrutiny, the greater would be his determination to persist in it besides it was too late.

'It seems very interesting, love,' said he, lifting his head and turning to where I stood, wringing my hands in silent rage and anguish; 'but it's rather long; I'll look at it some other time; and meanwhile I'll trouble you for your keys, my dear.'

'What keys?'

'The keys of your cabinet, desk, drawers, and whatever else you possess,' said he, rising and holding out his hand.

'I've not got them,' I replied. The key of my desk, in fact, was at that moment in the lock, and the others were attached to it.

‘Then you must send for them,’ said he; ‘and if that old devil, Rachel, doesn’t immediately deliver them up, she tramps bag and baggage tomorrow.’

‘She doesn’t know where they are,’ I answered, quietly placing my hand upon them, and taking them from the desk, as I thought, unobserved. ‘I know, but I shall not give them up without a reason.’

‘And I know, too,’ said he, suddenly seizing my closed hand and rudely abstracting them from it. He then took up one of the candles and relighted it by thrusting it into the fire.

‘Now, then,’ sneered he, ‘we must have a confiscation of property. But, first, let us take a peep into the studio.’

And putting the keys into his pocket, he walked into the library. I followed, whether with the dim idea of preventing mischief, or only to know the worst, I can hardly tell. My painting materials were laid together on the corner table, ready for tomorrow’s use, and only covered with a cloth. He soon spied them out, and putting down the candle, deliberately proceeded to cast them into the fire: palette, paints, bladders, pencils, brushes, varnish: I saw them all consumed: the palette-knives snapped in two, the oil and turpentine sent hissing and roaring up the chimney. He then rang the bell.

‘Benson, take those things away,’ said he, pointing to the easel, canvas, and stretcher; ‘and tell the housemaid she may kindle the fire with them: your mistress won’t want them any more.’

Benson paused aghast and looked at me.

‘Take them away, Benson,’ said I; and his master muttered an oath.

‘And this and all, sir?’ said the astonished servant, referring to the half-finished picture.

‘That and all,’ replied the master; and the things were cleared away.

Mr. Huntingdon then went up-stairs. I did not attempt to follow him, but remained seated in the arm-chair, speechless, tearless, and almost motionless, till he returned about half-an-hour after, and walking up to me, held the candle in my face and peered into my eyes with looks and laughter

too insulting to be borne. With a sudden stroke of my hand I dashed the candle to the floor.

‘Hal-lo!’ muttered he, starting back; ‘she’s the very devil for spite. Did ever any mortal see such eyes? - they shine in the dark like a cat’s. Oh, you’re a sweet one!’ So saying, he gathered up the candle and the candlestick. The former being broken as well as extinguished, he rang for another.

‘Benson, your mistress has broken the candle; bring another.’

‘You expose yourself finely,’ observed I, as the man departed.

‘I didn’t say I’d broken it, did I?’ returned he. He then threw my keys into my lap, saying - ‘There! you’ll find nothing gone but your money, and the jewels, and a few little trifles I thought it advisable to take into my own possession, lest your mercantile spirit should be tempted to turn them into gold. I’ve left you a few sovereigns in your purse, which I expect to last you through the month; at all events, when you want more you will be so good as to give me an account of how that’s spent. I shall put you upon a small monthly allowance, in future, for your own private expenses; and you needn’t trouble yourself any more about my concerns; I shall look out for a steward, my dear - I won’t expose you to the temptation. And as for the household matters, Mrs. Greaves must be very particular in keeping her accounts; we must go upon an entirely new plan..’

‘What great discovery have you made now, Mr. Huntingdon? Have I attempted to defraud you?’

‘Not in money matters, exactly, it seems; but it’s best to keep out of the way of temptation.’

Here Benson entered with the candles, and there followed a brief interval of silence; I sitting still in my chair, and he standing with his back to the fire, silently triumphing in my despair.

‘And so,’ said he at length, ‘you thought to disgrace me, did you, by running away and turning artist, and supporting yourself by the labour of your hands, forsooth? And you thought to rob me of my son, too, and bring him up to be a dirty Yankee tradesman, or a low, beggarly painter?’

‘Yes, to obviate his becoming such a gentleman as his father.’

‘It’s well you couldn’t keep your own secret - ha, ha! It’s well these women must be blabbing. If they haven’t a friend to talk to, they must whisper their secrets to the fishes, or write them on the sand, or something; and it’s well, too, I wasn’t over full tonight, now I think of it, or I might have snoozed away and never dreamt of looking what my sweet lady was about; or I might have lacked the sense or the power to carry my point like a man, as I have done.’

Leaving him to his self-congratulations, I rose to secure my manuscript, for I now remembered it had been left upon the drawing-room table, and I determined, if possible, to save myself the humiliation of seeing it in his hands again. I could not bear the idea of his amusing himself over my secret thoughts and recollections; though, to be sure, he would find little good of himself therein indited, except in the former part; and oh, I would sooner burn it all than he should read what I had written when I was such a fool as to love him!

‘And by-the-by,’ cried he, as I was leaving the room, ‘you’d better tell that d-d old sneak of a nurse to keep out of my way for a day or two; I’d pay her her wages and send her packing tomorrow, but I know she’d do more mischief out of the house than in it.’

And as I departed, he went on cursing and abusing my faithful friend and servant with epithets I will not defile this paper with repeating. I went to her as soon as I had put away my book, and told her how our project was defeated. She was as much distressed and horrified as I was - and more so than I was that night, for I was partly stunned by the blow, and partly excited and supported against it by the bitterness of my wrath. But in the morning, when I woke without that cheering hope that had been my secret comfort and support so long, and all this day, when I have wandered about restless and objectless, shunning my husband, shrinking even from my child, knowing that I am unfit to be his teacher or companion, hoping nothing for his future life, and fervently wishing he had never been born - I felt the full extent of my calamity, and I feel it now. I know that day after day such feelings will return upon me. I am a slave - a prisoner - but that is nothing; if it were myself alone I would not complain, but I am forbidden to rescue my son from ruin, and what was once my only consolation is become the crowning source of my despair.

Have I no faith in God? I try to look to Him and raise my heart to heaven, but it will cleave to the dust. I can only say, 'He hath hedged me about, that I cannot get out: He hath made my chain heavy. He hath filled me with bitterness - He hath made me drunken with wormwood.' I forget to add, 'But though He cause grief, yet will He have compassion according to the multitude of His mercies. For He doth not afflict willingly nor grieve the children of men.' I ought to think of this; and if there be nothing but sorrow for me in this world, what is the longest life of misery to a whole eternity of peace? And for my little Arthur - has he no friend but me? Who was it said, 'It is not the will of your Father which is in heaven that one of these little ones should perish?'

CHAPTER XLI

March 20th

Having now got rid of Mr. Huntingdon for a season, my spirits begin to revive. He left me early in February; and the moment he was gone, I breathed again, and felt my vital energy return; not with the hope of escape - he has taken care to leave me no visible chance of that - but with a determination to make the best of existing circumstances. Here was Arthur left to me at last; and rousing from my despondent apathy, I exerted all my powers to eradicate the weeds that had been fostered in his infant mind, and sow again the good seed they had rendered unproductive. Thank heaven, it is not a barren or a stony soil; if weeds spring fast there, so do better plants. His apprehensions are more quick, his heart more overflowing with affection than ever his father's could have been, and it is no hopeless task to bend him to obedience and win him to love and know his own true friend, as long as there is no one to counteract my efforts.

I had much trouble at first in breaking him of those evil habits his father had taught him to acquire, but already that difficulty is nearly vanquished now: bad language seldom defiles his mouth, and I have succeeded in giving him an absolute disgust for all intoxicating liquors, which I hope not even his father or his father's friends will be able to overcome. He was inordinately fond of them for so young a creature, and, remembering my unfortunate father as well as his, I dreaded the consequences of such a taste. But if I had stinted him, in his usual quantity of wine, or forbidden him to taste it altogether, that would only have increased his partiality for it, and made him regard it as a greater treat than ever. I therefore gave him quite as much as his father was accustomed to allow him; as much, indeed, as he desired to have - but into every glass I surreptitiously introduced a small quantity of tartar-emetic, just enough to produce inevitable nausea and depression without positive sickness. Finding such disagreeable consequences invariably to result from this indulgence, he soon grew weary of it, but the more he shrank from the daily treat the more I pressed it upon him, till his reluctance was strengthened to perfect abhorrence. When he was thoroughly disgusted with every kind of wine, I allowed him, at his own request, to try brandy-

and-water, and then gin-and-water, for the little toper was familiar with them all, and I was determined that all should be equally hateful to him. This I have now effected; and since he declares that the taste, the smell, the sight of any one of them is sufficient to make him sick, I have given up teasing him about them, except now and then as objects of terror in cases of misbehaviour. 'Arthur, if you're not a good boy I shall give you a glass of wine,' or 'Now, Arthur, if you say that again you shall have some brandy-and-water,' is as good as any other threat; and once or twice, when he was sick, I have obliged the poor child to swallow a little wine-and-water without the tartar-emetic, by way of medicine; and this practice I intend to continue for some time to come; not that I think it of any real service in a physical sense, but because I am determined to enlist all the powers of association in my service; I wish this aversion to be so deeply grounded in his nature that nothing in after-life may be able to overcome it.

Thus, I flatter myself, I shall secure him from this one vice; and for the rest, if on his father's return I find reason to apprehend that my good lessons will be all destroyed - if Mr. Huntingdon commence again the game of teaching the child to hate and despise his mother, and emulate his father's wickedness - I will yet deliver my son from his hands. I have devised another scheme that might be resorted to in such a case; and if I could but obtain my brother's consent and assistance, I should not doubt of its success. The old hall where he and I were born, and where our mother died, is not now inhabited, nor yet quite sunk into decay, as I believe. Now, if I could persuade him to have one or two rooms made habitable, and to let them to me as a stranger, I might live there, with my child, under an assumed name, and still support myself by my favourite art. He should lend me the money to begin with, and I would pay him back, and live in lowly independence and strict seclusion, for the house stands in a lonely place, and the neighbourhood is thinly inhabited, and he himself should negotiate the sale of my pictures for me. I have arranged the whole plan in my head: and all I want is to persuade Frederick to be of the same mind as myself. He is coming to see me soon, and then I will make the proposal to him, having first enlightened him upon my circumstances sufficiently to excuse the project.

Already, I believe, he knows much more of my situation than I have told him. I can tell this by the air of tender sadness pervading his letters; and by the fact of his so seldom mentioning my husband, and generally evincing a kind of covert bitterness when he does refer to him; as well as by the circumstance of his never coming to see me when Mr. Huntingdon is at home. But he has never openly expressed any disapprobation of him or sympathy for me; he has never asked any questions, or said anything to invite my confidence. Had he done so, I should probably have had but few concealments from him. Perhaps he feels hurt at my reserve. He is a strange being; I wish we knew each other better. He used to spend a month at Staningley every year, before I was married; but, since our father's death, I have only seen him once, when he came for a few days while Mr. Huntingdon was away. He shall stay many days this time, and there shall be more candour and cordiality between us than ever there was before, since our early childhood. My heart clings to him more than ever; and my soul is sick of solitude.

April 16th

He is come and gone. He would not stay above a fortnight. The time passed quickly, but very, very happily, and it has done me good. I must have a bad disposition, for my misfortunes have soured and embittered me exceedingly: I was beginning insensibly to cherish very unamiable feelings against my fellow-mortals, the male part of them especially; but it is a comfort to see there is at least one among them worthy to be trusted and esteemed; and doubtless there are more, though I have never known them, unless I except poor Lord Lowborough, and he was bad enough in his day. But what would Frederick have been, if he had lived in the world, and mingled from his childhood with such men as these of my acquaintance? and what will Arthur be, with all his natural sweetness of disposition, if I do not save him from that world and those companions? I mentioned my fears to Frederick, and introduced the subject of my plan of rescue on the evening after his arrival, when I presented my little son to his uncle.

'He is like you, Frederick,' said I, 'in some of his moods: I sometimes think he resembles you more than his father; and I am glad of it.'

‘You flatter me, Helen,’ replied he, stroking the child’s soft, wavy locks.

‘No, you will think it no compliment when I tell you I would rather have him to resemble Benson than his father.’

He slightly elevated his eyebrows, but said nothing.

‘Do you know what sort of man Mr. Huntingdon is?’ said I.

‘I think I have an idea.’

‘Have you so clear an idea that you can hear, without surprise or disapproval, that I meditate escaping with that child to some secret asylum, where we can live in peace, and never see him again?’

‘Is it really so?’

‘If you have not,’ continued I, ‘I’ll tell you something more about him’; and I gave a sketch of his general conduct, and a more particular account of his behaviour with regard to his child, and explained my apprehensions on the latter’s account, and my determination to deliver him from his father’s influence.

Frederick was exceedingly indignant against Mr. Huntingdon, and very much grieved for me; but still he looked upon my project as wild and impracticable. He deemed my fears for Arthur disproportioned to the circumstances, and opposed so many objections to my plan, and devised so many milder methods for ameliorating my condition, that I was obliged to enter into further details to convince him that my husband was utterly incorrigible, and that nothing could persuade him to give up his son, whatever became of me, he being as fully determined the child should not leave him, as I was not to leave the child; and that, in fact, nothing would answer but this, unless I fled the country, as I had intended before. To obviate that, he at length consented to have one wing of the old hall put into a habitable condition, as a place of refuge against a time of need; but hoped I would not take advantage of it unless circumstances should render it really necessary, which I was ready enough to promise: for though, for my own sake, such a hermitage appears like paradise itself, compared with my present situation, yet for my friends’ sakes, for Milicent and Esther, my sisters in heart and affection, for the poor tenants of Grassdale, and, above all, for my aunt, I will stay if I possibly can.

July 29th

Mrs. Hargrave and her daughter are come back from London. Esther is full of her first season in town; but she is still heart-whole and unengaged. Her mother sought out an excellent match for her, and even brought the gentleman to lay his heart and fortune at her feet; but Esther had the audacity to refuse the noble gifts. He was a man of good family and large possessions, but the naughty girl maintained he was old as Adam, ugly as sin, and hateful as - one who shall be nameless.

‘But, indeed, I had a hard time of it,’ said she: ‘mamma was very greatly disappointed at the failure of her darling project, and very, very angry at my obstinate resistance to her will, and is so still; but I can’t help it. And Walter, too, is so seriously displeased at my perversity and absurd caprice, as he calls it, that I fear he will never forgive me - I did not think he could be so unkind as he has lately shown himself. But Milicent begged me not to yield, and I’m sure, Mrs. Huntingdon, if you had seen the man they wanted to palm upon me, you would have advised me not to take him too.’

‘I should have done so whether I had seen him or not,’ said I; ‘it is enough that you dislike him.’

‘I knew you would say so; though mamma affirmed you would be quite shocked at my undutiful conduct. You can’t imagine how she lectures me: I am disobedient and ungrateful; I am thwarting her wishes, wronging my brother, and making myself a burden on her hands. I sometimes fear she’ll overcome me after all. I have a strong will, but so has she, and when she says such bitter things, it provokes me to such a pass that I feel inclined to do as she bids me, and then break my heart and say, “There, mamma, it’s all your fault!”’

‘Pray don’t!’ said I. ‘Obedience from such a motive would be positive wickedness, and certain to bring the punishment it deserves. Stand firm, and your mamma will soon relinquish her persecution; and the gentleman himself will cease to pester you with his addresses if he finds them steadily rejected.’

‘Oh, no! mamma will weary all about her before she tires herself with her exertions; and as for Mr. Oldfield, she has given him to understand

that I have refused his offer, not from any dislike of his person, but merely because I am giddy and young, and cannot at present reconcile myself to the thoughts of marriage under any circumstances: but by next season, she has no doubt, I shall have more sense, and hopes my girlish fancies will be worn away. So she has brought me home, to school me into a proper sense of my duty, against the time comes round again. Indeed, I believe she will not put herself to the expense of taking me up to London again, unless I surrender: she cannot afford to take me to town for pleasure and nonsense, she says, and it is not every rich gentleman that will consent to take me without a fortune, whatever exalted ideas I may have of my own attractions.'

'Well, Esther, I pity you; but still, I repeat, stand firm. You might as well sell yourself to slavery at once, as marry a man you dislike. If your mother and brother are unkind to you, you may leave them, but remember you are bound to your husband for life.'

'But I cannot leave them unless I get married, and I cannot get married if nobody sees me. I saw one or two gentlemen in London that I might have liked, but they were younger sons, and mamma would not let me get to know them - one especially, who I believe rather liked me - but she threw every possible obstacle in the way of our better acquaintance. Wasn't it provoking?'

'I have no doubt you would feel it so, but it is possible that if you married him, you might have more reason to regret it hereafter than if you married Mr. Oldfield. When I tell you not to marry without love, I do not advise you to marry for love alone: there are many, many other things to be considered. Keep both heart and hand in your own possession, till you see good reason to part with them; and if such an occasion should never present itself, comfort your mind with this reflection, that though in single life your joys may not be very many, your sorrows, at least, will not be more than you can bear. Marriage may change your circumstances for the better, but, in my private opinion, it is far more likely to produce a contrary result.'

'So thinks Milicent; but allow me to say I think otherwise. If I thought myself doomed to old-maidhood, I should cease to value my life.

The thoughts of living on, year after year, at the Grove – a hanger-on upon mamma and Walter, a mere cumberer of the ground (now that I know in what light they would regard it), is perfectly intolerable; I would rather run away with the butler.’

‘Your circumstances are peculiar, I allow; but have patience, love; do nothing rashly. Remember you are not yet nineteen, and many years are yet to pass before any one can set you down as an old maid: you cannot tell what Providence may have in store for you. And meantime, remember you have a right to the protection and support of your mother and brother, however they may seem to grudge it.’

‘You are so grave, Mrs. Huntingdon,’ said Esther, after a pause. ‘When Milicent uttered the same discouraging sentiments concerning marriage, I asked if she was happy: she said she was; but I only half believed her; and now I must put the same question to you.’

‘It is a very impertinent question,’ laughed I, ‘from a young girl to a married woman so many years her senior, and I shall not answer it.’

‘Pardon me, dear madam,’ said she, laughingly throwing herself into my arms, and kissing me with playful affection; but I felt a tear on my neck, as she dropped her head on my bosom and continued, with an odd mixture of sadness and levity, timidity and audacity - ‘I know you are not so happy as I mean to be, for you spend half your life alone at Grassdale, while Mr. Huntingdon goes about enjoying himself where and how he pleases. I shall expect my husband to have no pleasures but what he shares with me; and if his greatest pleasure of all is not the enjoyment of my company, why, it will be the worse for him, that’s all.’

‘If such are your expectations of matrimony, Esther, you must, indeed, be careful whom you marry - or rather, you must avoid it altogether.’

CHAPTER XLII

September 1st

No Mr. Huntingdon yet. Perhaps he will stay among his friends till Christmas; and then, next spring, he will be off again. If he continue this plan, I shall be able to stay at Grassdale well enough - that is, I shall be able to stay, and that is enough; even an occasional bevy of friends at the shooting season may be borne, if Arthur get so firmly attached to me, so well established in good sense and principles before they come that I shall be able, by reason and affection, to keep him pure from their contaminations. Vain hope, I fear! but still, till such a time of trial comes I will forbear to think of my quiet asylum in the beloved old hall.

Mr. and Mrs. Hattersley have been staying at the Grove a fortnight: and as Mr. Hargrave is still absent, and the weather was remarkably fine, I never passed a day without seeing my two friends, Milicent and Esther, either there or here. On one occasion, when Mr. Hattersley had driven them over to Grassdale in the phaeton, with little Helen and Ralph, and we were all enjoying ourselves in the garden - I had a few minutes' conversation with that gentleman, while the ladies were amusing themselves with the children.

'Do you want to hear anything of your husband, Mrs. Huntingdon?' said he.

'No, unless you can tell me when to expect him home.'

'I can't. You don't want him, do you?' said he, with a broad grin.

'No.'

'Well, I think you're better without him, sure enough - for my part, I'm downright weary of him. I told him I'd leave him if he didn't mend his manners, and he wouldn't; so I left him. You see, I'm a better man than you think me; and, what's more, I have serious thoughts of washing my hands of him entirely, and the whole set of 'em, and comporting myself from this day forward with all decency and sobriety, as a Christian and the father of a family should do. What do you think of that?'

'It is a resolution you ought to have formed long ago.'

‘Well, I’m not thirty yet; it isn’t too late, is it?’

‘No; it is never too late to reform, as long as you have the sense to desire it, and the strength to execute your purpose.’

‘Well, to tell you the truth, I’ve thought of it often and often before; but he’s such devilish good company, is Huntingdon, after all. You can’t imagine what a jovial good fellow he is when he’s not fairly drunk, only just primed or half-seas-over. We all have a bit of a liking for him at the bottom of our hearts, though we can’t respect him.’

‘But should you wish yourself to be like him?’

‘No, I’d rather be like myself, bad as I am.’

‘You can’t continue as bad as you are without getting worse and more brutalised every day, and therefore more like him.’

I could not help smiling at the comical, half-angry, half-confounded look he put on at this rather unusual mode of address.

‘Never mind my plain speaking,’ said I; ‘it is from the best of motives. But tell me, should you wish your sons to be like Mr. Huntingdon - or even like yourself?’

‘Hang it! no.’

‘Should you wish your daughter to despise you - or, at least, to feel no vestige of respect for you, and no affection but what is mingled with the bitterest regret?’

‘Oh, no! I couldn’t stand that.’

‘And, finally, should you wish your wife to be ready to sink into the earth when she hears you mentioned; and to loathe the very sound of your voice, and shudder at your approach?’

‘She never will; she likes me all the same, whatever I do.’

‘Impossible, Mr. Hattersley! you mistake her quiet submission for affection.’

‘Fire and fury...’

‘Now don’t burst into a tempest at that. I don’t mean to say she does not love you - she does, I know, a great deal better than you deserve; but I am quite sure, that if you behave better, she will love you more, and if

you behave worse, she will love you less and less, till all is lost in fear, aversion, and bitterness of soul, if not in secret hatred and contempt. But, dropping the subject of affection, should you wish to be the tyrant of her life - to take away all the sunshine from her existence, and make her thoroughly miserable?’

‘Of course not; and I don’t, and I’m not going to.’

‘You have done more towards it than you suppose.’

‘Pooh, pooh! she’s not the susceptible, anxious, worriting creature you imagine: she’s a little meek, peaceable, affectionate body; apt to be rather sulky at times, but quiet and cool in the main, and ready to take things as they come.’

‘Think of what she was five years ago, when you married her, and what she is now.’

‘I know she was a little plump lassie then, with a pretty pink and white face: now she’s a poor little bit of a creature, fading and melting away like a snow-wreath. But hang it! - that’s not my fault.’

‘What is the cause of it then? Not years, for she’s only five-and-twenty.’

‘It’s her own delicate health, and confound it, madam! what would you make of me? - and the children, to be sure, that worry her to death between them.’

‘No, Mr. Hattersley, the children give her more pleasure than pain: they are fine, well-dispositioned children...’

‘I know they are - bless them!’

‘Then why lay the blame on them? - I’ll tell you what it is: it’s silent fretting and constant anxiety on your account, mingled, I suspect, with something of bodily fear on her own. When you behave well, she can only rejoice with trembling; she has no security, no confidence in your judgment or principles; but is continually dreading the close of such short-lived felicity; when you behave ill, her causes of terror and misery are more than any one can tell but herself. In patient endurance of evil, she forgets it is our duty to admonish our neighbours of their transgressions. Since you will mistake her silence for indifference, come with me, and I’ll show you one or

two of her letters - no breach of confidence, I hope, since you are her other half.'

He followed me into the library. I sought out and put into his hands two of Milicent's letters: one dated from London, and written during one of his wildest seasons of reckless dissipation; the other in the country, during a lucid interval. The former was full of trouble and anguish; not accusing him, but deeply regretting his connection with his profligate companions, abusing Mr. Grimsby and others, insinuating bitter things against Mr. Huntingdon, and most ingeniously throwing the blame of her husband's misconduct on to other men's shoulders. The latter was full of hope and joy, yet with a trembling consciousness that this happiness would not last; praising his goodness to the skies, but with an evident, though but half-expressed wish, that it were based on a surer foundation than the natural impulses of the heart, and a half-prophetic dread of the fall of that house so founded on the sand - which fall had shortly after taken place, as Hattersley must have been conscious while he read.

Almost at the commencement of the first letter I had the unexpected pleasure of seeing him blush; but he immediately turned his back to me, and finished the perusal at the window. At the second, I saw him, once or twice, raise his hand, and hurriedly pass it across his face. Could it be to dash away a tear? When he had done, there was an interval spent in clearing his throat and staring out of the window, and then, after whistling a few bars of a favourite air, he turned round, gave me back the letters, and silently shook me by the hand.

'I've been a cursed rascal, God knows,' said he, as he gave it a hearty squeeze, 'but you see if I don't make amends for it - d-n me if I don't!'

'Don't curse yourself, Mr. Hattersley; if God had heard half your invocations of that kind, you would have been in hell long before now - and you cannot make amends for the past by doing your duty for the future, inasmuch as your duty is only what you owe to your Maker, and you cannot do more than fulfil it: another must make amends for your past delinquencies. If you intend to reform, invoke God's blessing, His mercy, and His aid; not His curse.'

‘God help me, then - for I’m sure I need it. Where’s Milicent?’

‘She’s there, just coming in with her sister.’

He stepped out at the glass door, and went to meet them. I followed at a little distance. Somewhat to his wife’s astonishment, he lifted her off from the ground, and saluted her with a hearty kiss and a strong embrace; then placing his two hands on her shoulders, he gave her, I suppose, a sketch of the great things he meant to do, for she suddenly threw her arms round him, and burst into tears, exclaiming - ‘Do, do, Ralph - we shall be so happy! How very, very good you are!’

‘Nay, not I,’ said he, turning her round, and pushing her towards me. ‘Thank her; it’s her doing.’

Milicent flew to thank me, overflowing with gratitude. I disclaimed all title to it, telling her her husband was predisposed to amendment before I added my mite of exhortation and encouragement, and that I had only done what she might, and ought to have done herself.

‘Oh, no!’ cried she; ‘I couldn’t have influenced him, I’m sure, by anything that I could have said. I should only have bothered him by my clumsy efforts at persuasion, if I had made the attempt.’

‘You never tried me, Milly,’ said he.

Shortly after they took their leave. They are now gone on a visit to Hattersley’s father. After that they will repair to their country home. I hope his good resolutions will not fall through, and poor Milicent will not be again disappointed. Her last letter was full of present bliss, and pleasing anticipations for the future; but no particular temptation has yet occurred to put his virtue to the test. Henceforth, however, she will doubtless be somewhat less timid and reserved, and he more kind and thoughtful. Surely, then, her hopes are not unfounded; and I have one bright spot, at least, whereon to rest my thoughts.

CHAPTER XLIII

October 10th

Mr. Huntingdon returned about three weeks ago. His appearance, his demeanour and conversation, and my feelings with regard to him, I shall not trouble myself to describe. The day after his arrival, however, he surprised me by the announcement of an intention to procure a governess for little Arthur: I told him it was quite unnecessary, not to say ridiculous, at the present season: I thought I was fully competent to the task of teaching him myself - for some years to come, at least: the child's education was the only pleasure and business of my life; and since he had deprived me of every other occupation, he might surely leave me that.

He said I was not fit to teach children, or to be with them: I had already reduced the boy to little better than an automaton; I had broken his fine spirit with my rigid severity; and I should freeze all the sunshine out of his heart, and make him as gloomy an ascetic as myself, if I had the handling of him much longer. And poor Rachel, too, came in for her share of abuse, as usual; he cannot endure Rachel, because he knows she has a proper appreciation of him.

I calmly defended our several qualifications as nurse and governess, and still resisted the proposed addition to our family; but he cut me short by saying it was no use bothering about the matter, for he had engaged a governess already, and she was coming next week; so that all I had to do was to get things ready for her reception. This was a rather startling piece of intelligence. I ventured to inquire her name and address, by whom she had been recommended, or how he had been led to make choice of her.

'She is a very estimable, pious young person,' said he; 'you needn't be afraid. Her name is Myers, I believe; and she was recommended to me by a respectable old dowager: a lady of high repute in the religious world. I have not seen her myself, and therefore cannot give you a particular account of her person and conversation, and so forth; but, if the old lady's eulogies are correct, you will find her to possess all desirable qualifications for her position: an inordinate love of children among the rest.'

All this was gravely and quietly spoken, but there was a laughing demon in his half-averted eye that boded no good, I imagined. However, I thought of my asylum in -shire, and made no further objections.

When Miss Myers arrived, I was not prepared to give her a very cordial reception. Her appearance was not particularly calculated to produce a favourable impression at first sight, nor did her manners and subsequent conduct, in any degree, remove the prejudice I had already conceived against her. Her attainments were limited, her intellect noways above mediocrity. She had a fine voice, and could sing like a nightingale, and accompany herself sufficiently well on the piano; but these were her only accomplishments. There was a look of guile and subtlety in her face, a sound of it in her voice. She seemed afraid of me, and would start if I suddenly approached her. In her behaviour she was respectful and complaisant, even to servility: she attempted to flatter and fawn upon me at first, but I soon checked that. Her fondness for her little pupil was overstrained, and I was obliged to remonstrate with her on the subject of over-indulgence and injudicious praise; but she could not gain his heart. Her piety consisted in an occasional heaving of sighs, and uplifting of eyes to the ceiling, and the utterance of a few cant phrases. She told me she was a clergyman's daughter, and had been left an orphan from her childhood, but had had the good fortune to obtain a situation in a very pious family; and then she spoke so gratefully of the kindness she had experienced from its different members, that I reproached myself for my uncharitable thoughts and unfriendly conduct, and relented for a time, but not for long: my causes of dislike were too rational, my suspicions too well founded for that; and I knew it was my duty to watch and scrutinize till those suspicions were either satisfactorily removed or confirmed.

I asked the name and residence of the kind and pious family. She mentioned a common name, and an unknown and distant place of abode, but told me they were now on the Continent, and their present address was unknown to her. I never saw her speak much to Mr. Huntingdon; but he would frequently look into the school-room to see how little Arthur got on with his new companion, when I was not there. In the evening, she sat with us in the drawing-room, and would sing and play to amuse him or us, as she pretended, and was very attentive to his wants, and watchful to anticipate

them, though she only talked to me; indeed, he was seldom in a condition to be talked to. Had she been other than she was, I should have felt her presence a great relief to come between us thus, except, indeed, that I should have been thoroughly ashamed for any decent person to see him as he often was.

I did not mention my suspicions to Rachel; but she, having sojourned for half a century in this land of sin and sorrow, has learned to be suspicious herself. She told me from the first she was 'down of that new governess,' and I soon found she watched her quite as narrowly as I did; and I was glad of it, for I longed to know the truth: the atmosphere of Grassdale seemed to stifle me, and I could only live by thinking of Wildfell Hall.

At last, one morning, she entered my chamber with such intelligence that my resolution was taken before she had ceased to speak. While she dressed me I explained to her my intentions and what assistance I should require from her, and told her which of my things she was to pack up, and what she was to leave behind for herself, as I had no other means of recompensing her for this sudden dismissal after her long and faithful service: a circumstance I most deeply regretted, but could not avoid.

'And what will you do, Rachel?' said I; 'will you go home, or seek another place?'

'I have no home, ma'am, but with you,' she replied; 'and if I leave you I'll never go into place again as long as I live.'

'But I can't afford to live like a lady now,' returned I: 'I must be my own maid and my child's nurse.'

'What signifies!' replied she, in some excitement. 'You'll want somebody to clean and wash, and cook, won't you? I can do all that; and never mind the wages: I've my bits o' savings yet, and if you wouldn't take me I should have to find my own board and lodging out of 'em somewhere, or else work among strangers: and it's what I'm not used to: so you can please yourself, ma'am.' Her voice quavered as she spoke, and the tears stood in her eyes.

'I should like it above all things, Rachel, and I'd give you such wages as I could afford: such as I should give to any servant-of-all-work I

might employ: but don't you see I should be dragging you down with me when you have done nothing to deserve it?

'Oh, fiddle!' ejaculated she.

'And, besides, my future way of living will be so widely different to the past: so different to all you have been accustomed to...'

'Do you think, ma'am, I can't bear what my missis can? surely I'm not so proud and so dainty as that comes to; and my little master, too, God bless him!'

'But I'm young, Rachel; I sha'n't mind it; and Arthur is young too: it will be nothing to him.'

'Nor me either: I'm not so old but what I can stand hard fare and hard work, if it's only to help and comfort them as I've loved like my own bairns: for all I'm too old to bide the thoughts o' leaving 'em in trouble and danger, and going amongst strangers myself.'

'Then you sha'n't, Rachel!' cried I, embracing my faithful friend. 'We'll all go together, and you shall see how the new life suits you.'

'Bless you, honey!' cried she, affectionately returning my embrace. 'Only let us get shut of this wicked house, and we'll do right enough, you'll see.'

'So think I,' was my answer; and so that point was settled.

By that morning's post I despatched a few hasty lines to Frederick, beseeching him to prepare my asylum for my immediate reception: for I should probably come to claim it within a day after the receipt of that note: and telling him, in few words, the cause of my sudden resolution. I then wrote three letters of adieu: the first to Esther Hargrave, in which I told her that I found it impossible to stay any longer at Grassdale, or to leave my son under his father's protection; and, as it was of the last importance that our future abode should be unknown to him and his acquaintance, I should disclose it to no one but my brother, through the medium of whom I hoped still to correspond with my friends. I then gave her his address, exhorted her to write frequently, reiterated some of my former admonitions regarding her own concerns, and bade her a fond farewell.

The second was to Millicent; much to the same effect, but a little more confidential, as befitted our longer intimacy, and her greater experience and better acquaintance with my circumstances.

The third was to my aunt: a much more difficult and painful undertaking, and therefore I had left it to the last; but I must give her some explanation of that extraordinary step I had taken: and that quickly, for she and my uncle would no doubt hear of it within a day or two after my disappearance, as it was probable that Mr. Huntingdon would speedily apply to them to know what was become of me. At last, however, I told her I was sensible of my error: I did not complain of its punishment, and I was sorry to trouble my friends with its consequences; but in duty to my son I must submit no longer; it was absolutely necessary that he should be delivered from his father's corrupting influence. I should not disclose my place of refuge even to her, in order that she and my uncle might be able, with truth, to deny all knowledge concerning it; but any communications addressed to me under cover to my brother would be certain to reach me. I hoped she and my uncle would pardon the step I had taken, for if they knew all, I was sure they would not blame me; and I trusted they would not afflict themselves on my account, for if I could only reach my retreat in safety and keep it unmolested, I should be very happy, but for the thoughts of them; and should be quite contented to spend my life in obscurity, devoting myself to the training up of my child, and teaching him to avoid the errors of both his parents.

These things were done yesterday: I have given two whole days to the preparation for our departure, that Frederick may have more time to prepare the rooms, and Rachel to pack up the things: for the latter task must be done with the utmost caution and secrecy, and there is no one but me to assist her. I can help to get the articles together, but I do not understand the art of stowing them into the boxes, so as to take up the smallest possible space; and there are her own things to do, as well as mine and Arthur's. I can ill afford to leave anything behind, since I have no money, except a few guineas in my purse; and besides, as Rachel observed, whatever I left would most likely become the property of Miss Myers, and I should not relish that.

But what trouble I have had throughout these two days, struggling to appear calm and collected, to meet him and her as usual, when I was obliged to meet them, and forcing myself to leave my little Arthur in her hands for hours together! But I trust these trials are over now: I have laid him in my bed for better security, and never more, I trust, shall his innocent lips be defiled by their contaminating kisses, or his young ears polluted by their words. But shall we escape in safety? Oh, that the morning were come, and we were on our way at least! This evening, when I had given Rachel all the assistance I could, and had nothing left me but to wait, and wish and tremble, I became so greatly agitated that I knew not what to do. I went down to dinner, but I could not force myself to eat. Mr. Huntingdon remarked the circumstance.

‘What’s to do with you now?’ said he, when the removal of the second course gave him time to look about him.

‘I am not well,’ I replied: ‘I think I must lie down a little; you won’t miss me much?’

‘Not the least: if you leave your chair, it’ll do just as well-better, a trifle,’ he muttered, as I left the room, ‘for I can fancy somebody else fills it.’

‘Somebody else may fill it tomorrow,’ I thought, but did not say. ‘There! I’ve seen the last of you, I hope,’ I muttered, as I closed the door upon him.

Rachel urged me to seek repose at once, to recruit my strength for tomorrow’s journey, as we must be gone before the dawn; but in my present state of nervous excitement that was entirely out of the question. It was equally out of the question to sit, or wander about my room, counting the hours and the minutes between me and the appointed time of action, straining my ears and trembling at every sound, lest someone should discover and betray us after all. I took up a book and tried to read: my eyes wandered over the pages, but it was impossible to bind my thoughts to their contents. Why not have recourse to the old expedient, and add this last event to my chronicle? I opened its pages once more, and wrote the above account - with difficulty, at first, but gradually my mind became more calm and steady. Thus several hours have passed away: the time is drawing

near; and now my eyes feel heavy and my frame exhausted. I will commend my cause to God, and then lie down and gain an hour or two of sleep; and then!

Little Arthur sleeps soundly. All the house is still: there can be no one watching. The boxes were all corded by Benson, and quietly conveyed down the back stairs after dusk, and sent away in a cart to the M- coach-office. The name upon the cards was Mrs. Graham, which appellation I mean henceforth to adopt. My mother's maiden name was Graham, and therefore I fancy I have some claim to it, and prefer it to any other, except my own, which I dare not resume.

CHAPTER XLIV

October 24th.

Thank heaven, I am free and safe at last. Early we rose, swiftly and quietly dressed, slowly and stealthily descended to the hall, where Benson stood ready with a light, to open the door and fasten it after us. We were obliged to let one man into our secret on account of the boxes, &c. All the servants were but too well acquainted with their master's conduct, and either Benson or John would have been willing to serve me; but as the former was more staid and elderly, and a crony of Rachel's besides, I of course directed her to make choice of him as her assistant and confidant on the occasion, as far as necessity demanded, I only hope he may not be brought into trouble thereby, and only wish I could reward him for the perilous service he was so ready to undertake. I slipped two guineas into his hand, by way of remembrance, as he stood in the doorway, holding the candle to light our departure, with a tear in his honest grey eye, and a host of good wishes depicted on his solemn countenance. Alas! I could offer no more: I had barely sufficient remaining for the probable expenses of the journey.

What trembling joy it was when the little wicket closed behind us, as we issued from the park! Then, for one moment, I paused, to inhale one draught of that cool, bracing air, and venture one look back upon the house. All was dark and still: no light glimmered in the windows, no wreath of smoke obscured the stars that sparkled above it in the frosty sky. As I bade farewell for ever to that place, the scene of so much guilt and misery, I felt glad that I had not left it before, for now there was no doubt about the propriety of such a step - no shadow of remorse for him I left behind. There was nothing to disturb my joy but the fear of detection; and every step removed us further from the chance of that.

We had left Grassdale many miles behind us before the round red sun arose to welcome our deliverance; and if any inhabitant of its vicinity had chanced to see us then, as we bowled along on the top of the coach, I scarcely think they would have suspected our identity. As I intend to be taken for a widow, I thought it advisable to enter my new abode in mourning: I was, therefore, attired in a plain black silk dress and mantle, a

black veil (which I kept carefully over my face for the first twenty or thirty miles of the journey), and a black silk bonnet, which I had been constrained to borrow of Rachel, for want of such an article myself. It was not in the newest fashion, of course; but none the worse for that, under present circumstances. Arthur was clad in his plainest clothes, and wrapped in a coarse woollen shawl; and Rachel was muffled in a grey cloak and hood that had seen better days, and gave her more the appearance of an ordinary though decent old woman, than of a lady's-maid.

Oh, what delight it was to be thus seated aloft, rumbling along the broad, sunshiny road, with the fresh morning breeze in my face, surrounded by an unknown country, all smiling - cheerfully, gloriously smiling in the yellow lustre of those early beams; with my darling child in my arms, almost as happy as myself, and my faithful friend beside me: a prison and despair behind me, receding further, further back at every clatter of the horses' feet; and liberty and hope before! I could hardly refrain from praising God aloud for my deliverance, or astonishing my fellow-passengers by some surprising outburst of hilarity.

But the journey was a very long one, and we were all weary enough before the close of it. It was far into the night when we reached the town of L..., and still we were seven miles from our journey's end; and there was no more coaching, nor any conveyance to be had, except a common cart, and that with the greatest difficulty, for half the town was in bed. And a dreary ride we had of it, that last stage of the journey, cold and weary as we were; sitting on our boxes, with nothing to cling to, nothing to lean against, slowly dragged and cruelly shaken over the rough, hilly roads. But Arthur was asleep in Rachel's lap, and between us we managed pretty well to shield him from the cold night air.

At last we began to ascend a terribly steep and stony lane, which, in spite of the darkness, Rachel said she remembered well: she had often walked there with me in her arms, and little thought to come again so many years after, under such circumstances as the present. Arthur being now awakened by the jolting and the stoppages, we all got out and walked. We had not far to go; but what if Frederick should not have received my letter? or if he should not have had time to prepare the rooms for our reception,

and we should find them all dark, damp, and comfortless, destitute of food, fire, and furniture, after all our toil?

At length the grim, dark pile appeared before us. The lane conducted us round by the back way. We entered the desolate court, and in breathless anxiety surveyed the ruinous mass. Was it all blackness and desolation? No; one faint red glimmer cheered us from a window where the lattice was in good repair. The door was fastened, but after due knocking and waiting, and some parleying with a voice from an upper window, we were admitted by an old woman who had been commissioned to air and keep the house till our arrival, into a tolerably snug little apartment, formerly the scullery of the mansion, which Frederick had now fitted up as a kitchen. Here she procured us a light, roused the fire to a cheerful blaze, and soon prepared a simple repast for our refreshment; while we disencumbered ourselves of our travelling-gear, and took a hasty survey of our new abode. Besides the kitchen, there were two bedrooms, a good-sized parlour, and another smaller one, which I destined for my studio, all well aired and seemingly in good repair, but only partly furnished with a few old articles, chiefly of ponderous black oak, the veritable ones that had been there before, and which had been kept as antiquarian relics in my brother's present residence, and now, in all haste, transported back again.

The old woman brought my supper and Arthur's into the parlour, and told me, with all due formality, that 'the master desired his compliments to Mrs. Graham, and he had prepared the rooms as well as he could upon so short a notice; but he would do himself the pleasure of calling upon her tomorrow, to receive her further commands.'

I was glad to ascend the stern-looking stone staircase, and lie down in the gloomy, old-fashioned bed, beside my little Arthur. He was asleep in a minute; but, weary as I was, my excited feelings and restless cogitations kept me awake till dawn began to struggle with the darkness; but sleep was sweet and refreshing when it came, and the waking was delightful beyond expression. It was little Arthur that roused me, with his gentle kisses. He was here, then, safely clasped in my arms, and many leagues away from his unworthy father! Broad daylight illumined the apartment, for the sun was high in heaven, though obscured by rolling masses of autumnal vapour.

The scene, indeed, was not remarkably cheerful in itself, either within or without. The large bare room, with its grim old furniture, the narrow, latticed windows, revealing the dull, grey sky above and the desolate wilderness below, where the dark stone walls and iron gate, the rank growth of grass and weeds, and the hardy evergreens of preternatural forms, alone remained to tell that there had been once a garden - and the bleak and barren fields beyond might have struck me as gloomy enough at another time; but now, each separate object seemed to echo back my own exhilarating sense of hope and freedom: indefinite dreams of the far past and bright anticipations of the future seemed to greet me at every turn. I should rejoice with more security, to be sure, had the broad sea rolled between my present and my former homes; but surely in this lonely spot I might remain unknown; and then I had my brother here to cheer my solitude with his occasional visits.

He came that morning; and I have had several interviews with him since; but he is obliged to be very cautious when and how he comes; not even his servants or his best friends must know of his visits to Wildfell - except on such occasions as a landlord might be expected to call upon a stranger tenant - lest suspicion should be excited against me, whether of the truth or of some slanderous falsehood.

I have now been here nearly a fortnight, and, but for one disturbing care, the haunting dread of discovery, I am comfortably settled in my new home: Frederick has supplied me with all requisite furniture and painting materials: Rachel has sold most of my clothes for me, in a distant town, and procured me a wardrobe more suitable to my present position: I have a second-hand piano, and a tolerably well-stocked bookcase in my parlour; and my other room has assumed quite a professional, business-like appearance already. I am working hard to repay my brother for all his expenses on my account; not that there is the slightest necessity for anything of the kind, but it pleases me to do so: I shall have so much more pleasure in my labour, my earnings, my frugal fare, and household economy, when I know that I am paying my way honestly, and that what little I possess is legitimately all my own; and that no one suffers for my folly - in a pecuniary way at least. I shall make him take the last penny I owe him, if I can possibly effect it without offending him too deeply. I have a few

pictures already done, for I told Rachel to pack up all I had; and she executed her commission but too well - for among the rest, she put up a portrait of Mr. Huntingdon that I had painted in the first year of my marriage. It struck me with dismay, at the moment, when I took it from the box and beheld those eyes fixed upon me in their mocking mirth, as if exulting still in his power to control my fate, and deriding my efforts to escape.

How widely different had been my feelings in painting that portrait to what they now were in looking upon it! How I had studied and toiled to produce something, as I thought, worthy of the original! what mingled pleasure and dissatisfaction I had had in the result of my labours! - pleasure for the likeness I had caught; dissatisfaction, because I had not made it handsome enough. Now, I see no beauty in it - nothing pleasing in any part of its expression; and yet it is far handsomer and far more agreeable - far less repulsive I should rather say - than he is now: for these six years have wrought almost as great a change upon himself as on my feelings regarding him. The frame, however, is handsome enough; it will serve for another painting. The picture itself I have not destroyed, as I had first intended; I have put it aside; not, I think, from any lurking tenderness for the memory of past affection, nor yet to remind me of my former folly, but chiefly that I may compare my son's features and countenance with this, as he grows up, and thus be enabled to judge how much or how little he resembles his father - if I may be allowed to keep him with me still, and never to behold that father's face again - a blessing I hardly dare reckon upon.

It seems Mr. Huntingdon is making every exertion to discover the place of my retreat. He has been in person to Staningley, seeking redress for his grievances - expecting to hear of his victims, if not to find them there - and has told so many lies, and with such unblushing coolness, that my uncle more than half believes him, and strongly advocates my going back to him and being friends again. But my aunt knows better: she is too cool and cautious, and too well acquainted with both my husband's character and my own to be imposed upon by any specious falsehoods the former could invent. But he does not want me back; he wants my child; and gives my friends to understand that if I prefer living apart from him, he will indulge the whim and let me do so unmolested, and even settle a reasonable

allowance on me, provided I will immediately deliver up his son. But heaven help me! I am not going to sell my child for gold, though it were to save both him and me from starving: it would be better that he should die with me than that he should live with his father.

Frederick showed me a letter he had received from that gentleman, full of cool impudence such as would astonish any one who did not know him, but such as, I am convinced, none would know better how to answer than my brother. He gave me no account of his reply, except to tell me that he had not acknowledged his acquaintance with my place of refuge, but rather left it to be inferred that it was quite unknown to him, by saying it was useless to apply to him, or any other of my relations, for information on the subject, as it appeared I had been driven to such extremity that I had concealed my retreat even from my best friends; but that if he had known it, or should at any time be made aware of it, most certainly Mr. Huntingdon would be the last person to whom he should communicate the intelligence; and that he need not trouble himself to bargain for the child, for he (Frederick) fancied he knew enough of his sister to enable him to declare, that wherever she might be, or however situated, no consideration would induce her to deliver him up.

30th

Alas! my kind neighbours will not let me alone. By some means they have ferreted me out, and I have had to sustain visits from three different families, all more or less bent upon discovering who and what I am, whence I came, and why I have chosen such a home as this. Their society is unnecessary to me, to say the least, and their curiosity annoys and alarms me: if I gratify it, it may lead to the ruin of my son, and if I am too mysterious it will only excite their suspicions, invite conjecture, and rouse them to greater exertions - and perhaps be the means of spreading my fame from parish to parish, till it reach the ears of some one who will carry it to the Lord of Grassdale Manor.

I shall be expected to return their calls, but if, upon inquiry, I find that any of them live too far away for Arthur to accompany me, they must expect in vain for a while, for I cannot bear to leave him, unless it be to go to church, and I have not attempted that yet: for - it may be foolish weakness, but I am under such constant dread of his being snatched away,

that I am never easy when he is not by my side; and I fear these nervous terrors would so entirely disturb my devotions, that I should obtain no benefit from the attendance. I mean, however, to make the experiment next Sunday, and oblige myself to leave him in charge of Rachel for a few hours. It will be a hard task, but surely no imprudence; and the vicar has been to scold me for my neglect of the ordinances of religion. I had no sufficient excuse to offer, and I promised, if all were well, he should see me in my pew next Sunday; for I do not wish to be set down as an infidel; and, besides, I know I should derive great comfort and benefit from an occasional attendance at public worship, if I could only have faith and fortitude to compose my thoughts in conformity with the solemn occasion, and forbid them to be for ever dwelling on my absent child, and on the dreadful possibility of finding him gone when I return; and surely God in His mercy will preserve me from so severe a trial: for my child's own sake, if not for mine, He will not suffer him to be torn away.

November 3rd .

I have made some further acquaintance with my neighbours. The fine gentleman and beau of the parish and its vicinity (in his own estimation, at least) is a young

* * * * *

Here it ended. The rest was torn away. How cruel, just when she was going to mention me! for I could not doubt it was your humble servant she was about to mention, though not very favourably, of course. I could tell that, as well by those few words as by the recollection of her whole aspect and demeanour towards me in the commencement of our acquaintance. Well! I could readily forgive her prejudice against me, and her hard thoughts of our sex in general, when I saw to what brilliant specimens her experience had been limited.

Respecting me, however, she had long since seen her error, and perhaps fallen into another in the opposite extreme: for if, at first, her opinion of me had been lower than I deserved, I was convinced that now my deserts were lower than her opinion; and if the former part of this continuation had been torn away to avoid wounding my feelings, perhaps

the latter portion had been removed for fear of ministering too much to my self-conceit. At any rate, I would have given much to have seen it all - to have witnessed the gradual change, and watched the progress of her esteem and friendship for me, and whatever warmer feeling she might have; to have seen how much of love there was in her regard, and how it had grown upon her in spite of her virtuous resolutions and strenuous exertions to - but no, I had no right to see it: all this was too sacred for any eyes but her own, and she had done well to keep it from me.

CHAPTER XLV

Well, Halford, what do you think of all this? and while you read it, did you ever picture to yourself what my feelings would probably be during its perusal? Most likely not; but I am not going to descant upon them now. I will only make this acknowledgment, little honourable as it may be to human nature, and especially to myself - that the former half of the narrative was, to me, more painful than the latter, not that I was at all insensible to Mrs. Huntingdon's wrongs or unmoved by her sufferings, but, I must confess, I felt a kind of selfish gratification in watching her husband's gradual decline in her good graces, and seeing how completely he extinguished all her affection at last. The effect of the whole, however, in spite of all my sympathy for her, and my fury against him, was to relieve my mind of an intolerable burden, and fill my heart with joy, as if some friend had roused me from a dreadful nightmare.

It was now near eight o'clock in the morning, for my candle had expired in the midst of my perusal, leaving me no alternative but to get another, at the expense of alarming the house, or to go to bed, and wait the return of daylight. On my mother's account, I chose the latter; but how willingly I sought my pillow, and how much sleep it brought me, I leave you to imagine.

At the first appearance of dawn, I rose, and brought the manuscript to the window, but it was impossible to read it yet. I devoted half an hour to dressing, and then returned to it again. Now, with a little difficulty, I could manage; and with intense and eager interest, I devoured the remainder of its contents. When it was ended, and my transient regret at its abrupt conclusion was over, I opened the window and put out my head to catch the cooling breeze, and imbibe deep draughts of the pure morning air. A splendid morning it was; the half-frozen dew lay thick on the grass, the swallows were twittering round me, the rooks cawing, and cows lowing in the distance; and early frost and summer sunshine mingled their sweetness in the air. But I did not think of that: a confusion of countless thoughts and varied emotions crowded upon me while I gazed abstractedly on the lovely face of nature. Soon, however, this chaos of thoughts and passions cleared away, giving place to two distinct emotions: joy

unspeakable that my adored Helen was all I wished to think her - that through the noisome vapours of the world's aspersions and my own fancied convictions, her character shone bright, and clear, and stainless as that sun I could not bear to look on; and shame and deep remorse for my own conduct.

Immediately after breakfast I hurried over to Wildfell Hall. Rachel had risen many degrees in my estimation since yesterday. I was ready to greet her quite as an old friend; but every kindly impulse was checked by the look of cold distrust she cast upon me on opening the door. The old virgin had constituted herself the guardian of her lady's honour, I suppose, and doubtless she saw in me another Mr. Hargrave, only the more dangerous in being more esteemed and trusted by her mistress.

'Missis can't see any one today, sir - she's poorly,' said she, in answer to my inquiry for Mrs. Graham.

'But I must see her, Rachel,' said I, placing my hand on the door to prevent its being shut against me.

'Indeed, sir, you can't,' replied she, settling her countenance in still more iron frigidity than before.

'Be so good as to announce me.'

'It's no manner of use, Mr. Markham; she's poorly, I tell you.'

Just in time to prevent me from committing the impropriety of taking the citadel by storm, and pushing forward unannounced, an inner door opened, and little Arthur appeared with his frolicsome playfellow, the dog. He seized my hand between both his, and smilingly drew me forward.

'Mamma says you're to come in, Mr. Markham,' said he, 'and I am to go out and play with Rover.'

Rachel retired with a sigh, and I stepped into the parlour and shut the door. There, before the fire-place, stood the tall, graceful figure, wasted with many sorrows. I cast the manuscript on the table, and looked in her face. Anxious and pale, it was turned towards me; her clear, dark eyes were fixed on mine with a gaze so intensely earnest that they bound me like a spell.

'Have you looked it over?' she murmured. The spell was broken.

‘I’ve read it through,’ said I, advancing into the room, ‘and I want to know if you’ll forgive me - if you can forgive me?’

She did not answer, but her eyes glistened, and a faint red mantled on her lip and cheek. As I approached, she abruptly turned away, and went to the window. It was not in anger, I was well assured, but only to conceal or control her emotion. I therefore ventured to follow and stand beside her there - but not to speak. She gave me her hand, without turning her head, and murmured in a voice she strove in vain to steady, ‘Can you forgive me?’

It might be deemed a breach of trust, I thought, to convey that lily hand to my lips, so I only gently pressed it between my own, and smilingly replied - ‘I hardly can. You should have told me this before. It shows a want of confidence - ‘

‘Oh, no,’ cried she, eagerly interrupting me; ‘it was not that. It was no want of confidence in you; but if I had told you anything of my history, I must have told you all, in order to excuse my conduct; and I might well shrink from such a disclosure, till necessity obliged me to make it. But you forgive me? - I have done very, very wrong, I know; but, as usual, I have reaped the bitter fruits of my own error - and must reap them to the end.’

Bitter, indeed, was the tone of anguish, repressed by resolute firmness, in which this was spoken. Now, I raised her hand to my lips, and fervently kissed it again and again; for tears prevented any other reply. She suffered these wild caresses without resistance or resentment; then, suddenly turning from me, she paced twice or thrice through the room. I knew by the contraction of her brow, the tight compression of her lips, and wringing of her hands, that meantime a violent conflict between reason and passion was silently passing within. At length she paused before the empty fire-place, and turning to me, said calmly - if that might be called calmness which was so evidently the result of a violent effort - ‘Now, Gilbert, you must leave me - not this moment, but soon - and you must never come again.’

‘Never again, Helen? just when I love you more than ever.’

‘For that very reason, if it be so, we should not meet again. I thought this interview was necessary - at least, I persuaded myself it was so - that we might severally ask and receive each other’s pardon for the past;

but there can be no excuse for another. I shall leave this place, as soon as I have means to seek another asylum; but our intercourse must end here.'

'End here!' echoed I; and approaching the high, carved chimney-piece, I leant my hand against its heavy mouldings, and dropped my forehead upon it in silent, sullen despondency.

'You must not come again,' continued she. There was a slight tremor in her voice, but I thought her whole manner was provokingly composed, considering the dreadful sentence she pronounced. 'You must know why I tell you so,' she resumed; 'and you must see that it is better to part at once: - if it be hard to say adieu for ever, you ought to help me.' She paused. I did not answer. 'Will you promise not to come? - if you won't, and if you do come here again, you will drive me away before I know where to find another place of refuge - or how to seek it.'

'Helen,' said I, turning impatiently towards her, 'I cannot discuss the matter of eternal separation calmly and dispassionately as you can do. It is no question of mere expedience with me; it is a question of life and death!'

She was silent. Her pale lips quivered, and her fingers trembled with agitation, as she nervously entwined them in the hair-chain to which was appended her small gold watch - the only thing of value she had permitted herself to keep. I had said an unjust and cruel thing; but I must needs follow it up with something worse.

'But, Helen!' I began in a soft, low tone, not daring to raise my eyes to her face, 'that man is not your husband: in the sight of heaven he has forfeited all claim to...' She seized my arm with a grasp of startling energy.

'Gilbert, don't!' she cried, in a tone that would have pierced a heart of adamant. 'For God's sake, don't you attempt these arguments! No fiend could torture me like this!'

'I won't, I won't!' said I, gently laying my hand on hers; almost as much alarmed at her vehemence as ashamed of my own misconduct.

'Instead of acting like a true friend,' continued she, breaking from me, and throwing herself into the old arm-chair, 'and helping me with all your might - or rather taking your own part in the struggle of right against passion - you leave all the burden to me; - and not satisfied with that, you

do your utmost to fight against me - when you know that! - ' she paused, and hid her face in her handkerchief.

'Forgive me, Helen!' pleaded I. 'I will never utter another word on the subject. But may we not still meet as friends?'

'It will not do,' she replied, mournfully shaking her head; and then she raised her eyes to mine, with a mildly reproachful look that seemed to say, 'You must know that as well as I.'

'Then what must we do?' cried I, passionately. But immediately I added in a quieter tone - 'I'll do whatever you desire; only don't say that this meeting is to be our last.'

'And why not? Don't you know that every time we meet the thoughts of the final parting will become more painful? Don't you feel that every interview makes us dearer to each other than the last?'

The utterance of this last question was hurried and low, and the downcast eyes and burning blush too plainly showed that she, at least, had felt it. It was scarcely prudent to make such an admission, or to add - as she presently did - 'I have power to bid you go, now: another time it might be different,' - but I was not base enough to attempt to take advantage of her candour.

'But we may write,' I timidly suggested. 'You will not deny me that consolation?'

'We can hear of each other through my brother.'

'Your brother!' A pang of remorse and shame shot through me. She had not heard of the injury he had sustained at my hands; and I had not the courage to tell her. 'Your brother will not help us,' I said: 'he would have all communion between us to be entirely at an end.'

'And he would be right, I suppose. As a friend of both, he would wish us both well; and every friend would tell us it was our interest, as well as our duty, to forget each other, though we might not see it ourselves. But don't be afraid, Gilbert,' she added, smiling sadly at my manifest discomposure; 'there is little chance of my forgetting you. But I did not mean that Frederick should be the means of transmitting messages between us - only that each might know, through him, of the other's

welfare; - and more than this ought not to be: for you are young, Gilbert, and you ought to marry - and will some time, though you may think it impossible now: and though I hardly can say I wish you to forget me, I know it is right that you should, both for your own happiness, and that of your future wife; - and therefore I must and will wish it,' she added resolutely.

'And you are young too, Helen,' I boldly replied; 'and when that profligate scoundrel has run through his career, you will give your hand to me - I'll wait till then.'

But she would not leave me this support. Independently of the moral evil of basing our hopes upon the death of another, who, if unfit for this world, was at least no less so for the next, and whose amelioration would thus become our bane and his greatest transgression our greatest benefit - she maintained it to be madness: many men of Mr. Huntingdon's habits had lived to a ripe though miserable old age. 'And if I,' said she, 'am young in years, I am old in sorrow; but even if trouble should fail to kill me before vice destroys him, think, if he reached but fifty years or so, would you wait twenty or fifteen - in vague uncertainty and suspense - through all the prime of youth and manhood - and marry at last a woman faded and worn as I shall be - without ever having seen me from this day to that? - You would not,' she continued, interrupting my earnest protestations of unfailing constancy - 'or if you would, you should not. Trust me, Gilbert; in this matter I know better than you. You think me cold and stony-hearted, and you may, but...'

'I don't, Helen.'

'Well, never mind: you might if you would: but I have not spent my solitude in utter idleness, and I am not speaking now from the impulse of the moment, as you do. I have thought of all these matters again and again; I have argued these questions with myself, and pondered well our past, and present, and future career; and, believe me, I have come to the right conclusion at last. Trust my words rather than your own feelings now, and in a few years you will see that I was right - though at present I hardly can see it myself,' she murmured with a sigh as she rested her head on her hand. 'And don't argue against me any more: all you can say has been

already said by my own heart and refuted by my reason. It was hard enough to combat those suggestions as they were whispered within me; in your mouth they are ten times worse, and if you knew how much they pain me you would cease at once, I know. If you knew my present feelings, you would even try to relieve them at the expense of your own.'

'I will go - in a minute, if that can relieve you - and NEVER return!' said I, with bitter emphasis. 'But, if we may never meet, and never hope to meet again, is it a crime to exchange our thoughts by letter? May not kindred spirits meet, and mingle in communion, whatever be the fate and circumstances of their earthly tenements?'

'They may, they may!' cried she, with a momentary burst of glad enthusiasm. 'I thought of that too, Gilbert, but I feared to mention it, because I feared you would not understand my views upon the subject. I fear it even now - I fear any kind friend would tell us we are both deluding ourselves with the idea of keeping up a spiritual intercourse without hope or prospect of anything further - without fostering vain regrets and hurtful aspirations, and feeding thoughts that should be sternly and pitilessly left to perish of inanition.'

'Never mind our kind friends: if they can part our bodies, it is enough; in God's name, let them not sunder our souls!' cried I, in terror lest she should deem it her duty to deny us this last remaining consolation.

'But no letters can pass between us here,' said she, 'without giving fresh food for scandal; and when I departed, I had intended that my new abode should be unknown to you as to the rest of the world; not that I should doubt your word if you promised not to visit me, but I thought you would be more tranquil in your own mind if you knew you could not do it, and likely to find less difficulty in abstracting yourself from me if you could not picture my situation to your mind. But listen,' said she, smilingly putting up her finger to check my impatient reply: 'in six months you shall hear from Frederick precisely where I am; and if you still retain your wish to write to me, and think you can maintain a correspondence all thought, all spirit - such as disembodied souls or unimpassioned friends, at least, might hold - write, and I will answer you.'

'Six months!'

‘Yes, to give your present ardour time to cool, and try the truth and constancy of your soul’s love for mine. And now, enough has been said between us. Why can’t we part at once?’ exclaimed she, almost wildly, after a moment’s pause, as she suddenly rose from her chair, with her hands resolutely clasped together. I thought it was my duty to go without delay; and I approached and half extended my hand as if to take leave - she grasped it in silence. But this thought of final separation was too intolerable: it seemed to squeeze the blood out of my heart; and my feet were glued to the floor.

‘And must we never meet again?’ I murmured, in the anguish of my soul.

‘We shall meet in heaven. Let us think of that,’ said she in a tone of desperate calmness; but her eyes glittered wildly, and her face was deadly pale.

‘But not as we are now,’ I could not help replying. ‘It gives me little consolation to think I shall next behold you as a disembodied spirit, or an altered being, with a frame perfect and glorious, but not like this! - and a heart, perhaps, entirely estranged from me.’

‘No, Gilbert, there is perfect love in heaven!’

‘So perfect, I suppose, that it soars above distinctions, and you will have no closer sympathy with me than with any one of the ten thousand thousand angels and the innumerable multitude of happy spirits round us.’

‘Whatever I am, you will be the same, and, therefore, cannot possibly regret it; and whatever that change may be we know it must be for the better.’

‘But if I am to be so changed that I shall cease to adore you with my whole heart and soul, and love you beyond every other creature, I shall not be myself; and though, if ever I win heaven at all, I must, I know, be infinitely better and happier than I am now, my earthly nature cannot rejoice in the anticipation of such beatitude, from which itself and its chief joy must be excluded.’

‘Is your love all earthly, then?’

‘No, but I am supposing we shall have no more intimate communion with each other than with the rest.’

‘If so, it will be because we love them more, and not each other less. Increase of love brings increase of happiness, when it is mutual, and pure as that will be.’

‘But can you, Helen, contemplate with delight this prospect of losing me in a sea of glory?’

‘I own I cannot; but we know not that it will be so; - and I do know that to regret the exchange of earthly pleasures for the joys of heaven, is as if the grovelling caterpillar should lament that it must one day quit the nibbled leaf to soar aloft and flutter through the air, roving at will from flower to flower, sipping sweet honey from their cups, or basking in their sunny petals. If these little creatures knew how great a change awaited them, no doubt they would regret it; but would not all such sorrow be misplaced? And if that illustration will not move you, here is another:- We are children now; we feel as children, and we understand as children; and when we are told that men and women do not play with toys, and that our companions will one day weary of the trivial sports and occupations that interest them and us so deeply now, we cannot help being saddened at the thoughts of such an alteration, because we cannot conceive that as we grow up our own minds will become so enlarged and elevated that we ourselves shall then regard as trifling those objects and pursuits we now so fondly cherish, and that, though our companions will no longer join us in those childish pastimes, they will drink with us at other fountains of delight, and mingle their souls with ours in higher aims and nobler occupations beyond our present comprehension, but not less deeply relished or less truly good for that, while yet both we and they remain essentially the same individuals as before. But, Gilbert, can you really derive no consolation from the thought that we may meet together where there is no more pain and sorrow, no more striving against sin, and struggling of the spirit against the flesh; where both will behold the same glorious truths, and drink exalted and supreme felicity from the same fountain of light and goodness - that Being whom both will worship with the same intensity of holy ardour - and where pure and happy creatures both will love with the same divine affection? If you cannot, never write to me!’

‘Helen, I can! if faith would never fail.’

‘Now, then,’ exclaimed she, ‘while this hope is strong within us...’

‘We will part,’ I cried. ‘You shall not have the pain of another effort to dismiss me. I will go at once; but...’

I did not put my request in words: she understood it instinctively, and this time she yielded too - or rather, there was nothing so deliberate as requesting or yielding in the matter: there was a sudden impulse that neither could resist. One moment I stood and looked into her face, the next I held her to my heart, and we seemed to grow together in a close embrace from which no physical or mental force could rend us. A whispered ‘God bless you!’ and ‘Go - go!’ was all she said; but while she spoke she held me so fast that, without violence, I could not have obeyed her. At length, however, by some heroic effort, we tore ourselves apart, and I rushed from the house.

I have a confused remembrance of seeing little Arthur running up the garden-walk to meet me, and of bolting over the wall to avoid him - and subsequently running down the steep fields, clearing the stone fences and hedges as they came in my way, till I got completely out of sight of the old hall and down to the bottom of the hill; and then of long hours spent in bitter tears and lamentations, and melancholy musings in the lonely valley, with the eternal music in my ears, of the west wind rushing through the overshadowing trees, and the brook babbling and gurgling along its stony bed; my eyes, for the most part, vacantly fixed on the deep, chequered shades restlessly playing over the bright sunny grass at my feet, where now and then a withered leaf or two would come dancing to share the revelry; but my heart was away up the hill in that dark room where she was weeping desolate and alone - she whom I was not to comfort, not to see again, till years or suffering had overcome us both, and torn our spirits from their perishing abodes of clay.

There was little business done that day, you may be sure. The farm was abandoned to the labourers, and the labourers were left to their own devices. But one duty must be attended to; I had not forgotten my assault upon Frederick Lawrence; and I must see him to apologise for the unhappy deed. I would fain have put it off till the morrow; but what if he should

denounce me to his sister in the meantime? No, no! I must ask his pardon today, and entreat him to be lenient in his accusation, if the revelation must be made. I deferred it, however, till the evening, when my spirits were more composed, and when - oh, wonderful perversity of human nature! - some faint germs of indefinite hopes were beginning to rise in my mind; not that I intended to cherish them, after all that had been said on the subject, but there they must lie for a while, uncrushed though not encouraged, till I had learnt to live without them.

Arrived at Woodford, the young squire's abode, I found no little difficulty in obtaining admission to his presence. The servant that opened the door told me his master was very ill, and seemed to think it doubtful whether he would be able to see me. I was not going to be baulked, however. I waited calmly in the hall to be announced, but inwardly determined to take no denial. The message was such as I expected - a polite intimation that Mr. Lawrence could see no one; he was feverish, and must not be disturbed.

'I shall not disturb him long,' said I; 'but I must see him for a moment: it is on business of importance that I wish to speak to him.'

'I'll tell him, sir,' said the man. And I advanced further into the hall and followed him nearly to the door of the apartment where his master was - for it seemed he was not in bed. The answer returned was that Mr. Lawrence hoped I would be so good as to leave a message or a note with the servant, as he could attend to no business at present.

'He may as well see me as you,' said I; and, stepping past the astonished footman, I boldly rapped at the door, entered, and closed it behind me. The room was spacious and handsomely furnished - very comfortably, too, for a bachelor. A clear, red fire was burning in the polished grate: a superannuated greyhound, given up to idleness and good living, lay basking before it on the thick, soft rug, on one corner of which, beside the sofa, sat a smart young springer, looking wistfully up in its master's face - perhaps asking permission to share his couch, or, it might be, only soliciting a caress from his hand or a kind word from his lips. The invalid himself looked very interesting as he lay reclining there, in his elegant dressing-gown, with a silk handkerchief bound across his temples.

His usually pale face was flushed and feverish; his eyes were half closed, until he became sensible of my presence - and then he opened them wide enough: one hand was thrown listlessly over the back of the sofa, and held a small volume, with which, apparently, he had been vainly attempting to beguile the weary hours. He dropped it, however, in his start of indignant surprise as I advanced into the room and stood before him on the rug. He raised himself on his pillows, and gazed upon me with equal degrees of nervous horror, anger, and amazement depicted on his countenance.

‘Mr. Markham, I scarcely expected this!’ he said; and the blood left his cheek as he spoke.

‘I know you didn’t,’ answered I; ‘but be quiet a minute, and I’ll tell you what I came for.’ Unthinkingly, I advanced a step or two nearer. He winced at my approach, with an expression of aversion and instinctive physical fear anything but conciliatory to my feelings. I stepped back, however.

‘Make your story a short one,’ said he, putting his hand on the small silver bell that stood on the table beside him, ‘or I shall be obliged to call for assistance. I am in no state to bear your brutalities now, or your presence either.’ And in truth the moisture started from his pores and stood on his pale forehead like dew.

Such a reception was hardly calculated to diminish the difficulties of my unenviable task. It must be performed however, in some fashion; and so I plunged into it at once, and floundered through it as I could.

‘The truth is, Lawrence,’ said I, ‘I have not acted quite correctly towards you of late - especially on this last occasion; and I’m come to - in short, to express my regret for what has been done, and to beg your pardon. If you don’t choose to grant it,’ I added hastily, not liking the aspect of his face, ‘it’s no matter; only I’ve done my duty - that’s all.’

‘It’s easily done,’ replied he, with a faint smile bordering on a sneer: ‘to abuse your friend and knock him on the head without any assignable cause, and then tell him the deed was not quite correct, but it’s no matter whether he pardons it or not.’

‘I forgot to tell you that it was in consequence of a mistake,’ - muttered I. ‘I should have made a very handsome apology, but you

provoked me so confoundedly with your -. Well, I suppose it's my fault. The fact is, I didn't know that you were Mrs. Graham's brother, and I saw and heard some things respecting your conduct towards her which were calculated to awaken unpleasant suspicions, that, allow me to say, a little candour and confidence on your part might have removed; and, at last, I chanced to overhear a part of a conversation between you and her that made me think I had a right to hate you.'

'And how came you to know that I was her brother?' asked he, in some anxiety.

'She told me herself. She told me all. She knew I might be trusted. But you needn't disturb yourself about that, Mr. Lawrence, for I've seen the last of her!'

'The last! Is she gone, then?'

'No; but she has bid adieu to me, and I have promised never to go near that house again while she inhabits it.' I could have groaned aloud at the bitter thoughts awakened by this turn in the discourse. But I only clenched my hands and stamped my foot upon the rug. My companion, however, was evidently relieved.

'You have done right,' he said, in a tone of unqualified approbation, while his face brightened into almost a sunny expression. 'And as for the mistake, I am sorry for both our sakes that it should have occurred. Perhaps you can forgive my want of candour, and remember, as some partial mitigation of the offence, how little encouragement to friendly confidence you have given me of late.'

'Yes, yes - I remember it all: nobody can blame me more than I blame myself in my own heart; at any rate, nobody can regret more sincerely than I do the result of my brutality, as you rightly term it.'

'Never mind that,' said he, faintly smiling; 'let us forget all unpleasant words on both sides, as well as deeds, and consign to oblivion everything that we have cause to regret. Have you any objection to take my hand, or you'd rather not?' It trembled through weakness as he held it out, and dropped before I had time to catch it and give it a hearty squeeze, which he had not the strength to return.

‘How dry and burning your hand is, Lawrence,’ said I. ‘You are really ill, and I have made you worse by all this talk.’

‘Oh, it is nothing; only a cold got by the rain.’

‘My doing, too.’

‘Never mind that. But tell me, did you mention this affair to my sister?’

‘To confess the truth, I had not the courage to do so; but when you tell her, will you just say that I deeply regret it, and...?’

‘Oh, never fear! I shall say nothing against you, as long as you keep your good resolution of remaining aloof from her. She has not heard of my illness, then, that you are aware of?’

‘I think not.’

‘I’m glad of that, for I have been all this time tormenting myself with the fear that somebody would tell her I was dying, or desperately ill, and she would be either distressing herself on account of her inability to hear from me or do me any good, or perhaps committing the madness of coming to see me. I must contrive to let her know something about it, if I can,’ continued he, reflectively, ‘or she will be hearing some such story. Many would be glad to tell her such news, just to see how she would take it; and then she might expose herself to fresh scandal.’

‘I wish I had told her,’ said I. ‘If it were not for my promise, I would tell her now.’

‘By no means! I am not dreaming of that; - but if I were to write a short note, now, not mentioning you, Markham, but just giving a slight account of my illness, by way of excuse for my not coming to see her, and to put her on her guard against any exaggerated reports she may hear - and address it in a disguised hand - would you do me the favour to slip it into the post-office as you pass? for I dare not trust any of the servants in such a case.’

Most willingly I consented, and immediately brought him his desk. There was little need to disguise his hand, for the poor fellow seemed to have considerable difficulty in writing at all, so as to be legible. When the note was done, I thought it time to retire, and took leave, after asking if

there was anything in the world I could do for him, little or great, in the way of alleviating his sufferings, and repairing the injury I had done.

‘No,’ said he; ‘you have already done much towards it; you have done more for me than the most skilful physician could do: for you have relieved my mind of two great burdens - anxiety on my sister’s account, and deep regret upon your own: for I do believe these two sources of torment have had more effect in working me up into a fever than anything else; and I am persuaded I shall soon recover now. There is one more thing you can do for me, and that is, come and see me now and then - for you see I am very lonely here, and I promise your entrance shall not be disputed again.’

I engaged to do so, and departed with a cordial pressure of the hand. I posted the letter on my way home, most manfully resisting the temptation of dropping in a word from myself at the same time.

CHAPTER XLVI

I felt strongly tempted, at times, to enlighten my mother and sister on the real character and circumstances of the persecuted tenant of Wildfell Hall, and at first I greatly regretted having omitted to ask that lady's permission to do so; but, on due reflection, I considered that if it were known to them, it could not long remain a secret to the Millwards and Wilsons, and such was my present appreciation of Eliza Millward's disposition, that, if once she got a clue to the story, I should fear she would soon find means to enlighten Mr. Huntingdon upon the place of his wife's retreat. I would therefore wait patiently till these weary six months were over, and then, when the fugitive had found another home, and I was permitted to write to her, I would beg to be allowed to clear her name from these vile calumnies: at present I must content myself with simply asserting that I knew them to be false, and would prove it some day, to the shame of those who slandered her. I don't think anybody believed me, but everybody soon learned to avoid insinuating a word against her, or even mentioning her name in my presence. They thought I was so madly infatuated by the seductions of that unhappy lady that I was determined to support her in the very face of reason; and meantime I grow insupportably morose and misanthropical from the idea that every one I met was harbouring unworthy thoughts of the supposed Mrs. Graham, and would express them if he dared. My poor mother was quite distressed about me; but I couldn't help it - at least I thought I could not, though sometimes I felt a pang of remorse for my undutiful conduct to her, and made an effort to amend, attended with some partial success; and indeed I was generally more humanised in my demeanour to her than to any one else, Mr. Lawrence excepted. Rose and Fergus usually shunned my presence; and it was well they did, for I was not fit company for them, nor they for me, under the present circumstances.

Mrs. Huntingdon did not leave Wildfell Hall till above two months after our farewell interview. During that time she never appeared at church, and I never went near the house: I only knew she was still there by her brother's brief answers to my many and varied inquiries respecting her. I was a very constant and attentive visitor to him throughout the whole

period of his illness and convalescence; not only from the interest I took in his recovery, and my desire to cheer him up and make the utmost possible amends for my former 'brutality,' but from my growing attachment to himself, and the increasing pleasure I found in his society - partly from his increased cordiality to me, but chiefly on account of his close connection, both in blood and in affection, with my adored Helen. I loved him for it better than I liked to express: and I took a secret delight in pressing those slender white fingers, so marvellously like her own, considering he was not a woman, and in watching the passing changes in his fair, pale features, and observing the intonations of his voice, detecting resemblances which I wondered had never struck me before. He provoked me at times, indeed, by his evident reluctance to talk to me about his sister, though I did not question the friendliness of his motives in wishing to discourage my remembrance of her.

His recovery was not quite so rapid as he had expected it to be; he was not able to mount his pony till a fortnight after the date of our reconciliation; and the first use he made of his returning strength was to ride over by night to Wildfell Hall, to see his sister. It was a hazardous enterprise both for him and for her, but he thought it necessary to consult with her on the subject of her projected departure, if not to calm her apprehensions respecting his health, and the worst result was a slight relapse of his illness, for no one knew of the visit but the inmates of the old Hall, except myself; and I believe it had not been his intention to mention it to me, for when I came to see him the next day, and observed he was not so well as he ought to have been, he merely said he had caught cold by being out too late in the evening.

'You'll never be able to see your sister, if you don't take care of yourself,' said I, a little provoked at the circumstance on her account, instead of commiserating him.

'I've seen her already,' said he, quietly.

'You've seen her!' cried I, in astonishment.

'Yes.' And then he told me what considerations had impelled him to make the venture, and with what precautions he had made it.

'And how was she?' I eagerly asked.

‘As usual,’ was the brief though sad reply.

‘As usual - that is, far from happy and far from strong.’

‘She is not positively ill,’ returned he; ‘and she will recover her spirits in a while, I have no doubt - but so many trials have been almost too much for her. How threatening those clouds look,’ continued he, turning towards the window. ‘We shall have thunder-showers before night, I imagine, and they are just in the midst of stacking my corn. Have you got yours all in yet?’

‘No. And, Lawrence, did she - did your sister mention me?’

‘She asked if I had seen you lately.’

‘And what else did she say?’

‘I cannot tell you all she said,’ replied he, with a slight smile; ‘for we talked a good deal, though my stay was but short; but our conversation was chiefly on the subject of her intended departure, which I begged her to delay till I was better able to assist her in her search after another home.’

‘But did she say no more about me?’

‘She did not say much about you, Markham. I should not have encouraged her to do so, had she been inclined; but happily she was not: she only asked a few questions concerning you, and seemed satisfied with my brief answers, wherein she showed herself wiser than her friend; and I may tell you, too, that she seemed to be far more anxious lest you should think too much of her, than lest you should forget her.’

‘She was right.’

‘But I fear your anxiety is quite the other way respecting her.’

‘No, it is not: I wish her to be happy; but I don’t wish her to forget me altogether. She knows it is impossible that I should forget her; and she is right to wish me not to remember her too well. I should not desire her to regret me too deeply; but I can scarcely imagine she will make herself very unhappy about me, because I know I am not worthy of it, except in my appreciation of her.’

‘You are neither of you worthy of a broken heart - nor of all the sighs, and tears, and sorrowful thoughts that have been, and I fear will be,

wasted upon you both; but, at present, each has a more exalted opinion of the other than, I fear, he or she deserves; and my sister's feelings are naturally full as keen as yours, and I believe more constant; but she has the good sense and fortitude to strive against them in this particular; and I trust she will not rest till she has entirely weaned her thoughts...' he hesitated.

'From me,' said I.

'And I wish you would make the like exertions,' continued he.

'Did she tell you that that was her intention?'

'No; the question was not broached between us: there was no necessity for it, for I had no doubt that such was her determination.'

'To forget me?'

'Yes, Markham! Why not?'

'Oh, well!' was my only audible reply; but I internally answered - 'No, Lawrence, you're wrong there: she is not determined to forget me. It would be wrong to forget one so deeply and fondly devoted to her, who can so thoroughly appreciate her excellencies, and sympathise with all her thoughts, as I can do, and it would be wrong in me to forget so excellent and divine a piece of God's creation as she, when I have once so truly loved and known her.' But I said no more to him on that subject. I instantly started a new topic of conversation, and soon took leave of my companion, with a feeling of less cordiality towards him than usual. Perhaps I had no right to be annoyed at him, but I was so nevertheless.

In little more than a week after this I met him returning from a visit to the Wilsons'; and I now resolved to do him a good turn, though at the expense of his feelings, and perhaps at the risk of incurring that displeasure which is so commonly the reward of those who give disagreeable information, or tender their advice unasked. In this, believe me, I was actuated by no motives of revenge for the occasional annoyances I had lately sustained from him - nor yet by any feeling of malevolent enmity towards Miss Wilson, but purely by the fact that I could not endure that such a woman should be Mrs. Huntingdon's sister, and that, as well for his own sake as for hers, I could not bear to think of his being deceived into a union with one so unworthy of him, and so utterly unfitted to be the

partner of his quiet home, and the companion of his life. He had had uncomfortable suspicions on that head himself, I imagined; but such was his inexperience, and such were the lady's powers of attraction, and her skill in bringing them to bear upon his young imagination, that they had not disturbed him long; and I believe the only effectual causes of the vacillating indecision that had preserved him hitherto from making an actual declaration of love, was the consideration of her connections, and especially of her mother, whom he could not abide. Had they lived at a distance, he might have surmounted the objection, but within two or three miles of Woodford it was really no light matter.

'You've been to call on the Wilsons, Lawrence,' said I, as I walked beside his pony.

'Yes,' replied he, slightly averting his face: 'I thought it but civil to take the first opportunity of returning their kind attentions, since they have been so very particular and constant in their inquiries throughout the whole course of my illness.'

'It's all Miss Wilson's doing.'

'And if it is,' returned he, with a very perceptible blush, 'is that any reason why I should not make a suitable acknowledgment?'

'It is a reason why you should not make the acknowledgment she looks for.'

'Let us drop that subject if you please,' said he, in evident displeasure.

'No, Lawrence, with your leave we'll continue it a while longer; and I'll tell you something, now we're about it, which you may believe or not as you choose - only please to remember that it is not my custom to speak falsely, and that in this case I can have no motive for misrepresenting the truth..'

'Well, Markham, what now?'

'Miss Wilson hates your sister. It may be natural enough that, in her ignorance of the relationship, she should feel some degree of enmity against her, but no good or amiable woman would be capable of evincing

that bitter, cold-blooded, designing malice towards a fancied rival that I have observed in her.'

'Markham!'

'Yes - and it is my belief that Eliza Millward and she, if not the very originators of the slanderous reports that have been propagated, were designedly the encouragers and chief disseminators of them. She was not desirous to mix up your name in the matter, of course, but her delight was, and still is, to blacken your sister's character to the utmost of her power, without risking too greatly the exposure of her own malevolence!'

'I cannot believe it,' interrupted my companion, his face burning with indignation.

'Well, as I cannot prove it, I must content myself with asserting that it is so to the best of my belief; but as you would not willingly marry Miss Wilson if it were so, you will do well to be cautious, till you have proved it to be otherwise.'

'I never told you, Markham, that I intended to marry Miss Wilson,' said he, proudly.

'No, but whether you do or not, she intends to marry you.'

'Did she tell you so?'

'No, but...'

'Then you have no right to make such an assertion respecting her.' He slightly quickened his pony's pace, but I laid my hand on its mane, determined he should not leave me yet.

'Wait a moment, Lawrence, and let me explain myself; and don't be so very - I don't know what to call it - inaccessible as you are. I know what you think of Jane Wilson; and I believe I know how far you are mistaken in your opinion: you think she is singularly charming, elegant, sensible, and refined: you are not aware that she is selfish, cold-hearted, ambitious, artful, shallow-minded...'

'Enough, Markham, enough!'

'No; let me finish:- you don't know that, if you married her, your home would be rayless and comfortless; and it would break your heart at

last to find yourself united to one so wholly incapable of sharing your tastes, feelings, and ideas - so utterly destitute of sensibility, good feeling, and true nobility of soul.'

'Have you done?' asked my companion quietly.

'Yes; - I know you hate me for my impertinence, but I don't care if it only conduces to preserve you from that fatal mistake.'

'Well!' returned he, with a rather wintry smile - 'I'm glad you have overcome or forgotten your own afflictions so far as to be able to study so deeply the affairs of others, and trouble your head so unnecessarily about the fancied or possible calamities of their future life.'

We parted - somewhat coldly again: but still we did not cease to be friends; and my well-meant warning, though it might have been more judiciously delivered, as well as more thankfully received, was not wholly unproductive of the desired effect: his visit to the Wilsons was not repeated, and though, in our subsequent interviews, he never mentioned her name to me, nor I to him - I have reason to believe he pondered my words in his mind, eagerly though covertly sought information respecting the fair lady from other quarters, secretly compared my character of her with what he had himself observed and what he heard from others, and finally came to the conclusion that, all things considered, she had much better remain Miss Wilson of Ryecote Farm than be transmuted into Mrs. Lawrence of Woodford Hall. I believe, too, that he soon learned to contemplate with secret amazement his former predilection, and to congratulate himself on the lucky escape he had made; but he never confessed it to me, or hinted one word of acknowledgment for the part I had had in his deliverance, but this was not surprising to any one that knew him as I did.

As for Jane Wilson, she, of course, was disappointed and embittered by the sudden cold neglect and ultimate desertion of her former admirer. Had I done wrong to blight her cherished hopes? I think not; and certainly my conscience has never accused me, from that day to this, of any evil design in the matter.

CHAPTER XLVII

One morning, about the beginning of November, while I was inditing some business letters, shortly after breakfast, Eliza Millward came to call upon my sister. Rose had neither the discrimination nor the virulence to regard the little demon as I did, and they still preserved their former intimacy. At the moment of her arrival, however, there was no one in the room but Fergus and myself, my mother and sister being both of them absent, 'on household cares intent'; but I was not going to lay myself out for her amusement, whoever else might so incline: I merely honoured her with a careless salutation and a few words of course, and then went on with my writing, leaving my brother to be more polite if he chose. But she wanted to tease me.

'What a pleasure it is to find you at home, Mr. Markham!' said she, with a disingenuously malicious smile. 'I so seldom see you now, for you never come to the vicarage. Papa, is quite offended, I can tell you,' she added playfully, looking into my face with an impertinent laugh, as she seated herself, half beside and half before my desk, off the corner of the table.

'I have had a good deal to do of late,' said I, without looking up from my letter.

'Have you, indeed! Somebody said you had been strangely neglecting your business these last few months.'

'Somebody said wrong, for, these last two months especially, I have been particularly plodding and diligent.'

'Ah! well, there's nothing like active employment, I suppose, to console the afflicted; - and, excuse me, Mr. Markham, but you look so very far from well, and have been, by all accounts, so moody and thoughtful of late - I could almost think you have some secret care preying on your spirits. Formerly,' said she timidly, 'I could have ventured to ask you what it was, and what I could do to comfort you: I dare not do it now.'

'You're very kind, Miss Eliza. When I think you can do anything to comfort me, I'll make bold to tell you.'

'Pray do! - I suppose I mayn't guess what it is that troubles you?'

‘There’s no necessity, for I’ll tell you plainly. The thing that troubles me the most at present is a young lady sitting at my elbow, and preventing me from finishing my letter, and, thereafter, repairing to my daily business.’

Before she could reply to this ungallant speech, Rose entered the room; and Miss Eliza rising to greet her, they both seated themselves near the fire, where that idle lad Fergus was standing, leaning his shoulder against the corner of the chimney-piece, with his legs crossed and his hands in his breeches-pockets.

‘Now, Rose, I’ll tell you a piece of news - I hope you have not heard it before: for good, bad, or indifferent, one always likes to be the first to tell. It’s about that sad Mrs. Graham..’

‘Hush-sh-sh!’ whispered Fergus, in a tone of solemn import. ‘“We never mention her; her name is never heard.”’ And glancing up, I caught him with his eye askance on me, and his finger pointed to his forehead; then, winking at the young lady with a doleful shake of the head, he whispered - ‘A monomania - but don’t mention it - all right but that.’

‘I should be sorry to injure any one’s feelings,’ returned she, speaking below her breath. ‘Another time, perhaps.’

‘Speak out, Miss Eliza!’ said I, not deigning to notice the other’s buffooneries: ‘you needn’t fear to say anything in my presence.’

‘Well,’ answered she, ‘perhaps you know already that Mrs. Graham’s husband is not really dead, and that she had run away from him?’ I started, and felt my face glow; but I bent it over my letter, and went on folding it up as she proceeded. ‘But perhaps you did not know that she is now gone back to him again, and that a perfect reconciliation has taken place between them? Only think,’ she continued, turning to the confounded Rose, ‘what a fool the man must be!’

‘And who gave you this piece of intelligence, Miss Eliza?’ said I, interrupting my sister’s exclamations.

‘I had it from a very authentic source.’

‘From whom, may I ask?’

‘From one of the servants at Woodford.’

‘Oh! I was not aware that you were on such intimate terms with Mr. Lawrence’s household.’

‘It was not from the man himself that I heard it, but he told it in confidence to our maid Sarah, and Sarah told it to me.’

‘In confidence, I suppose? And you tell it in confidence to us? But I can tell you that it is but a lame story after all, and scarcely one-half of it true.’

While I spoke I completed the sealing and direction of my letters, with a somewhat unsteady hand, in spite of all my efforts to retain composure, and in spite of my firm conviction that the story was a lame one - that the supposed Mrs. Graham, most certainly, had not voluntarily gone back to her husband, or dreamt of a reconciliation. Most likely she was gone away, and the tale-bearing servant, not knowing what was become of her, had conjectured that such was the case, and our fair visitor had detailed it as a certainty, delighted with such an opportunity of tormenting me. But it was possible - barely possible - that some one might have betrayed her, and she had been taken away by force. Determined to know the worst, I hastily pocketed my two letters, and muttered something about being too late for the post, left the room, rushed into the yard, and vociferously called for my horse. No one being there, I dragged him out of the stable myself, strapped the saddle on to his back and the bridle on to his head, mounted, and speedily galloped away to Woodford. I found its owner pensively strolling in the grounds.

‘Is your sister gone?’ were my first words as I grasped his hand, instead of the usual inquiry after his health.

‘Yes, she’s gone,’ was his answer, so calmly spoken that my terror was at once removed.

‘I suppose I mayn’t know where she is?’ said I, as I dismounted, and relinquished my horse to the gardener, who, being the only servant within call, had been summoned by his master, from his employment of raking up the dead leaves on the lawn, to take him to the stables.

My companion gravely took my arm, and leading me away to the garden, thus answered my question - ‘She is at Grassdale Manor, in-shire.’

‘Where?’ cried I, with a convulsive start.

‘At Grassdale Manor.’

‘How was it?’ I gasped. ‘Who betrayed her?’

‘She went of her own accord.’

‘Impossible, Lawrence! She could not be so frantic!’ exclaimed I, vehemently grasping his arm, as if to force him to unsay those hateful words.

‘She did,’ persisted he in the same grave, collected manner as before; ‘and not without reason,’ he continued, gently disengaging himself from my grasp. ‘Mr. Huntingdon is ill.’

‘And so she went to nurse him?’

‘Yes.’

‘Fool!’ I could not help exclaiming, and Lawrence looked up with a rather reproachful glance. ‘Is he dying, then?’

‘I think not, Markham.’

‘And how many more nurses has he? How many ladies are there besides to take care of him?’

‘None; he was alone, or she would not have gone.’

‘Oh, confound it! This is intolerable!’

‘What is? That he should be alone?’

I attempted no reply, for I was not sure that this circumstance did not partly conduce to my distraction. I therefore continued to pace the walk in silent anguish, with my hand pressed to my forehead; then suddenly pausing and turning to my companion, I impatiently exclaimed, ‘Why did she take this infatuated step? What fiend persuaded her to it?’

‘Nothing persuaded her but her own sense of duty.’

‘Humbug!’

‘I was half inclined to say so myself, Markham, at first. I assure you it was not by my advice that she went, for I detest that man as fervently as you can do - except, indeed, that his reformation would give me much greater pleasure than his death; but all I did was to inform her of the circumstance of his illness (the consequence of a fall from his horse in

hunting), and to tell her that that unhappy person, Miss Myers, had left him some time ago.'

'It was ill done! Now, when he finds the convenience of her presence, he will make all manner of lying speeches and false, fair promises for the future, and she will believe him, and then her condition will be ten times worse and ten times more irremediable than before.'

'There does not appear to be much ground for such apprehensions at present,' said he, producing a letter from his pocket. 'From the account I received this morning, I should say...'

It was her writing! By an irresistible impulse I held out my hand, and the words, 'Let me see it,' involuntarily passed my lips. He was evidently reluctant to grant the request, but while he hesitated I snatched it from his hand. Recollecting myself, however, the minute after, I offered to restore it.

'Here, take it,' said I, 'if you don't want me to read it.'

'No,' replied he, 'you may read it if you like.'

I read it, and so may you.

Grassdale, Nov. 4th.

Dear Frederick,

I know you will be anxious to hear from me, and I will tell you all I can. Mr. Huntingdon is very ill, but not dying, or in any immediate danger; and he is rather better at present than he was when I came. I found the house in sad confusion: Mrs. Greaves, Benson, every decent servant had left, and those that were come to supply their places were a negligent, disorderly set, to say no worse - I must change them again, if I stay. A professional nurse, a grim, hard old woman, had been hired to attend the wretched invalid. He suffers much, and has no fortitude to bear him through. The immediate injuries he sustained from the accident, however, were not very severe, and would, as the doctor says, have been but trifling to a man of temperate habits, but with him it is very different. On the night of my arrival, when I first entered his room, he was lying in a kind of half

delirium. He did not notice me till I spoke, and then he mistook me for another.

‘Is it you, Alice, come again?’ he murmured. ‘What did you leave me for?’

‘It is I, Arthur - it is Helen, your wife,’ I replied.

‘My wife!’ said he, with a start. ‘For heaven’s sake, don’t mention her - I have none. Devil take her,’ he cried, a moment after, ‘and you, too! What did you do it for?’

I said no more; but observing that he kept gazing towards the foot of the bed, I went and sat there, placing the light so as to shine full upon me, for I thought he might be dying, and I wanted him to know me. For a long time he lay silently looking upon me, first with a vacant stare, then with a fixed gaze of strange growing intensity. At last he startled me by suddenly raising himself on his elbow and demanding in a horrified whisper, with his eyes still fixed upon me, ‘Who is it?’

‘It is Helen Huntingdon,’ said I, quietly rising at the same time, and removing to a less conspicuous position.

‘I must be going mad,’ cried he, ‘or something - delirious, perhaps; but leave me, whoever you are. I can’t bear that white face, and those eyes. For God’s sake go, and send me somebody else that doesn’t look like that!’

I went at once, and sent the hired nurse; but next morning I ventured to enter his chamber again, and, taking the nurse’s place by his bedside, I watched him and waited on him for several hours, showing myself as little as possible, and only speaking when necessary, and then not above my breath. At first he addressed me as the nurse, but, on my crossing the room to draw up the window-blinds, in obedience to his directions, he said, ‘No, it isn’t nurse; it’s Alice. Stay with me, do! That old hag will be the death of me.’

‘I mean to stay with you,’ said I. And after that he would call me Alice, or some other name almost equally repugnant to my feelings. I forced myself to endure it for a while, fearing a contradiction might disturb him too much; but when, having asked for a glass of water, while I held it to his lips, he murmured, ‘Thanks, dearest!’ I could not help distinctly observing,

‘You would not say so if you knew me,’ intending to follow that up with another declaration of my identity; but he merely muttered an incoherent reply, so I dropped it again, till some time after, when, as I was bathing his forehead and temples with vinegar and water to relieve the heat and pain in his head, he observed, after looking earnestly upon me for some minutes, ‘I have such strange fancies - I can’t get rid of them, and they won’t let me rest; and the most singular and pertinacious of them all is your face and voice - they seem just like hers. I could swear at this moment that she was by my side.’

‘She is,’ said I.

‘That seems comfortable,’ continued he, without noticing my words; ‘and while you do it, the other fancies fade away - but this only strengthens. - Go on - go on, till it vanishes, too. I can’t stand such a mania as this; it would kill me!’

‘It never will vanish,’ said I, distinctly, ‘for it is the truth!’

‘The truth!’ he cried, starting, as if an asp had stung him. ‘You don’t mean to say that you are really she?’

‘I do; but you needn’t shrink away from me, as if I were your greatest enemy: I am come to take care of you, and do what none of them would do.’

‘For God’s sake, don’t torment me now!’ cried he in pitiable agitation; and then he began to mutter bitter curses against me, or the evil fortune that had brought me there; while I put down the sponge and basin, and resumed my seat at the bed-side.

‘Where are they?’ said he: ‘have they all left me - servants and all?’

‘There are servants within call if you want them; but you had better lie down now and be quiet: none of them could or would attend you as carefully as I shall do.’

‘I can’t understand it at all,’ said he, in bewildered perplexity. ‘Was it a dream that...’ and he covered his eyes with his hands, as if trying to unravel the mystery.

‘No, Arthur, it was not a dream, that your conduct was such as to oblige me to leave you; but I heard that you were ill and alone, and I am

come back to nurse you. You need not fear to trust me tell me all your wants, and I will try to satisfy them. There is no one else to care for you; and I shall not upbraid you now.'

'Oh! I see,' said he, with a bitter smile; 'it's an act of Christian charity, whereby you hope to gain a higher seat in heaven for yourself, and scoop a deeper pit in hell for me.'

'No; I came to offer you that comfort and assistance your situation required; and if I could benefit your soul as well as your body, and awaken some sense of contrition and..'

'Oh, yes; if you could overwhelm me with remorse and confusion of face, now's the time. What have you done with my son?'

'He is well, and you may see him some time, if you will compose yourself, but not now.'

'Where is he?'

'He is safe.'

'Is he here?'

'Wherever he is, you will not see him till you have promised to leave him entirely under my care and protection, and to let me take him away whenever and wherever I please, if I should hereafter judge it necessary to remove him again. But we will talk of that tomorrow: you must be quiet now.'

'No, let me see him now, I promise, if it must be so.'

'No...'

'I swear it, as God is in heaven! Now, then, let me see him.'

'But I cannot trust your oaths and promises: I must have a written agreement, and you must sign it in presence of a witness: but not today - tomorrow.'

'No, today; now,' persisted he: and he was in such a state of feverish excitement, and so bent upon the immediate gratification of his wish, that I thought it better to grant it at once, as I saw he would not rest till I did. But I was determined my son's interest should not be forgotten; and having clearly written out the promise I wished Mr. Huntingdon to give upon a

slip of paper, I deliberately read it over to him, and made him sign it in the presence of Rachel. He begged I would not insist upon this: it was a useless exposure of my want of faith in his word to the servant. I told him I was sorry, but since he had forfeited my confidence, he must take the consequence. He next pleaded inability to hold the pen. 'Then we must wait until you can hold it,' said I. Upon which he said he would try; but then he could not see to write. I placed my finger where the signature was to be, and told him he might write his name in the dark, if he only knew where to put it. But he had not power to form the letters. 'In that case, you must be too ill to see the child,' said I; and finding me inexorable, he at length managed to ratify the agreement; and I bade Rachel send the boy.

All this may strike you as harsh, but I felt I must not lose my present advantage, and my son's future welfare should not be sacrificed to any mistaken tenderness for this man's feelings. Little Arthur had not forgotten his father, but thirteen months of absence, during which he had seldom been permitted to hear a word about him, or hardly to whisper his name, had rendered him somewhat shy; and when he was ushered into the darkened room where the sick man lay, so altered from his former self, with fiercely flushed face and wildly-gleaming eyes - he instinctively clung to me, and stood looking on his father with a countenance expressive of far more awe than pleasure.

'Come here, Arthur,' said the latter, extending his hand towards him. The child went, and timidly touched that burning hand, but almost started in alarm, when his father suddenly clutched his arm and drew him nearer to his side.

'Do you know me?' asked Mr. Huntingdon, intently perusing his features.

'Yes.'

'Who am I?'

'Papa.'

'Are you glad to see me?'

'Yes.'

‘You’re not!’ replied the disappointed parent, relaxing his hold, and darting a vindictive glance at me.

Arthur, thus released, crept back to me and put his hand in mine. His father swore I had made the child hate him, and abused and cursed me bitterly. The instant he began I sent our son out of the room; and when he paused to breathe, I calmly assured him that he was entirely mistaken; I had never once attempted to prejudice his child against him.

‘I did indeed desire him to forget you,’ I said, ‘and especially to forget the lessons you taught him; and for that cause, and to lessen the danger of discovery, I own I have generally discouraged his inclination to talk about you; but no one can blame me for that, I think.’

The invalid only replied by groaning aloud, and rolling his head on a pillow in a paroxysm of impatience.

‘I am in hell, already!’ cried he. ‘This cursed thirst is burning my heart to ashes! Will nobody -?’

Before he could finish the sentence I had poured out a glass of some acidulated, cooling drink that was on the table, and brought it to him. He drank it greedily, but muttered, as I took away the glass - ‘I suppose you’re heaping coals of fire on my head, you think?’

Not noticing this speech, I asked if there was anything else I could do for him.

‘Yes; I’ll give you another opportunity of showing your Christian magnanimity,’ sneered he: ‘set my pillow straight, and these confounded bed-clothes.’ I did so. ‘There: now get me another glass of that slop.’ I complied. ‘This is delightful, isn’t it?’ said he with a malicious grin, as I held it to his lips; ‘you never hoped for such a glorious opportunity?’

‘Now, shall I stay with you?’ said I, as I replaced the glass on the table: ‘or will you be more quiet if I go and send the nurse?’

‘Oh, yes, you’re wondrous gentle and obliging! But you’ve driven me mad with it all!’ responded he, with an impatient toss.

‘I’ll leave you, then,’ said I; and I withdrew, and did not trouble him with my presence again that day, except for a minute or two at a time, just to see how he was and what he wanted.

Next morning the doctor ordered him to be bled; and after that he was more subdued and tranquil. I passed half the day in his room at different intervals. My presence did not appear to agitate or irritate him as before, and he accepted my services quietly, without any bitter remarks: indeed, he scarcely spoke at all, except to make known his wants, and hardly then. But on the morrow, that is to say, in proportion as he recovered from the state of exhaustion and stupefaction, his ill-nature appeared to revive.

‘Oh, this sweet revenge!’ cried he, when I had been doing all I could to make him comfortable and to remedy the carelessness of his nurse. ‘And you can enjoy it with such a quiet conscience too, because it’s all in the way of duty.’

‘It is well for me that I am doing my duty,’ said I, with a bitterness I could not repress, ‘for it is the only comfort I have; and the satisfaction of my own conscience, it seems, is the only reward I need look for!’

He looked rather surprised at the earnestness of my manner.

‘What reward did you look for?’ he asked.

‘You will think me a liar if I tell you; but I did hope to benefit you: as well to better your mind as to alleviate your present sufferings; but it appears I am to do neither; your own bad spirit will not let me. As far as you are concerned, I have sacrificed my own feelings, and all the little earthly comfort that was left me, to no purpose; and every little thing I do for you is ascribed to self-righteous malice and refined revenge!’

‘It’s all very fine, I daresay,’ said he, eyeing me with stupid amazement; ‘and of course I ought to be melted to tears of penitence and admiration at the sight of so much generosity and superhuman goodness; but you see I can’t manage it. However, pray do me all the good you can, if you do really find any pleasure in it; for you perceive I am almost as miserable just now as you need wish to see me. Since you came, I confess, I have had better attendance than before, for these wretches neglected me shamefully, and all my old friends seem to have fairly forsaken me. I’ve had a dreadful time of it, I assure you: I sometimes thought I should have died: do you think there’s any chance?’

‘There’s always a chance of death; and it is always well to live with such a chance in view.’

‘Yes, yes! but do you think there’s any likelihood that this illness will have a fatal termination?’

‘I cannot tell; but, supposing it should, how are you prepared to meet the event?’

‘Why, the doctor told me I wasn’t to think about it, for I was sure to get better if I stuck to his regimen and prescriptions.’

‘I hope you may, Arthur; but neither the doctor nor I can speak with certainty in such a case; there is internal injury, and it is difficult to know to what extent.’

‘There now! you want to scare me to death.’

‘No; but I don’t want to lull you to false security. If a consciousness of the uncertainty of life can dispose you to serious and useful thoughts, I would not deprive you of the benefit of such reflections, whether you do eventually recover or not. Does the idea of death appal you very much?’

‘It’s just the only thing I can’t bear to think of; so if you’ve any...’

‘But it must come some time,’ interrupted I, ‘and if it be years hence, it will as certainly overtake you as if it came today - and no doubt be as unwelcome then as now, unless you...’

‘Oh, hang it! don’t torment me with your preachments now, unless you want to kill me outright. I can’t stand it, I tell you. I’ve sufferings enough without that. If you think there’s danger, save me from it; and then, in gratitude, I’ll hear whatever you like to say.’

I accordingly dropped the unwelcome topic. And now, Frederick, I think I may bring my letter to a close. From these details you may form your own judgment of the state of my patient, and of my own position and future prospects. Let me hear from you soon, and I will write again to tell you how we get on; but now that my presence is tolerated, and even required, in the sick-room, I shall have but little time to spare between my husband and my son - for I must not entirely neglect the latter: it would not do to keep him always with Rachel, and I dare not leave him for a moment with any of the other servants, or suffer him to be alone, lest he

should meet them. If his father get worse, I shall ask Esther Hargrave to take charge of him for a time, till I have reorganised the household at least; but I greatly prefer keeping him under my own eye.

I find myself in rather a singular position: I am exerting my utmost endeavours to promote the recovery and reformation of my husband, and if I succeed, what shall I do? My duty, of course - but how? No matter; I can perform the task that is before me now, and God will give me strength to do whatever He requires hereafter. Good-bye, dear Frederick.

HELEN HUNTINGDON.

‘What do you think of it?’ said Lawrence, as I silently refolded the letter.

‘It seems to me,’ returned I, ‘that she is casting her pearls before swine. May they be satisfied with trampling them under their feet, and not turn again and rend her! But I shall say no more against her: I see that she was actuated by the best and noblest motives in what she has done; and if the act is not a wise one, may heaven protect her from its consequences! May I keep this letter, Lawrence? - you see she has never once mentioned me throughout - or made the most distant allusion to me; therefore, there can be no impropriety or harm in it.’

‘And, therefore, why should you wish to keep it?’

‘Were not these characters written by her hand? and were not these words conceived in her mind, and many of them spoken by her lips?’

‘Well,’ said he. And so I kept it; otherwise, Halford, you could never have become so thoroughly acquainted with its contents.

‘And when you write,’ said I, ‘will you have the goodness to ask her if I may be permitted to enlighten my mother and sister on her real history and circumstance, just so far as is necessary to make the neighbourhood sensible of the shameful injustice they have done her? I want no tender messages, but just ask her that, and tell her it is the greatest favour she could do me; and tell her - no, nothing more. You see I know the address, and I might write to her myself, but I am so virtuous as to refrain.’

‘Well, I’ll do this for you, Markham.’

‘And as soon as you receive an answer, you’ll let me know?’
‘If all be well, I’ll come myself and tell you immediately.’

CHAPTER XLVIII

Five or six days after this Mr. Lawrence paid us the honour of a call; and when he and I were alone together - which I contrived as soon as possible by bringing him out to look at my cornstacks - he showed me another letter from his sister. This one he was quite willing to submit to my longing gaze; he thought, I suppose, it would do me good. The only answer it gave to my message was this:

‘Mr. Markham is at liberty to make such revelations concerning me as he judges necessary. He will know that I should wish but little to be said on the subject. I hope he is well; but tell him he must not think of me.’

I can give you a few extracts from the rest of the letter, for I was permitted to keep this also - perhaps, as an antidote to all pernicious hopes and fancies.

* * * * *

He is decidedly better, but very low from the depressing effects of his severe illness and the strict regimen he is obliged to observe - so opposite to all his previous habits. It is deplorable to see how completely his past life has degenerated his once noble constitution, and vitiated the whole system of his organization. But the doctor says he may now be considered out of danger, if he will only continue to observe the necessary restrictions. Some stimulating cordials he must have, but they should be judiciously diluted and sparingly used; and I find it very difficult to keep him to this. At first, his extreme dread of death rendered the task an easy one; but in proportion as he feels his acute suffering abating, and sees the danger receding, the more intractable he becomes. Now, also, his appetite for food is beginning to return; and here, too, his long habits of self-indulgence are greatly against him. I watch and restrain him as well as I can, and often get bitterly abused for my rigid severity; and sometimes he contrives to elude my vigilance, and sometimes acts in opposition to my will. But he is now so completely reconciled to my attendance in general that he is never satisfied when I am not by his side. I am obliged to be a little stiff with him sometimes, or he would make a complete slave of me;

and I know it would be unpardonable weakness to give up all other interests for him. I have the servants to overlook, and my little Arthur to attend to - and my own health too, all of which would be entirely neglected were I to satisfy his exorbitant demands. I do not generally sit up at night, for I think the nurse who has made it her business is better qualified for such undertakings than I am; - but still, an unbroken night's rest is what I but seldom enjoy, and never can venture to reckon upon; for my patient makes no scruple of calling me up at an hour when his wants or his fancies require my presence. But he is manifestly afraid of my displeasure; and if at one time he tries my patience by his unreasonable exactions, and fretful complaints and reproaches, at another he depresses me by his abject submission and deprecatory self-abasement when he fears he has gone too far. But all this I can readily pardon; I know it is chiefly the result of his enfeebled frame and disordered nerves. What annoys me the most, is his occasional attempts at affectionate fondness that I can neither credit nor return; not that I hate him: his sufferings and my own laborious care have given him some claim to my regard - to my affection even, if he would only be quiet and sincere, and content to let things remain as they are; but the more he tries to conciliate me, the more I shrink from him and from the future.

'Helen, what do you mean to do when I get well?' he asked this morning. 'Will you run away again?'

'It entirely depends upon your own conduct.'

'Oh, I'll be very good.'

'But if I find it necessary to leave you, Arthur, I shall not "run away": you know I have your own promise that I may go whenever I please, and take my son with me.'

'Oh, but you shall have no cause.' And then followed a variety of professions, which I rather coldly checked.

'Will you not forgive me, then?' said he.

'Yes - I have forgiven you: but I know you cannot love me as you once did - and I should be very sorry if you were to, for I could not pretend to return it: so let us drop the subject, and never recur to it again. By what I have done for you, you may judge of what I will do - if it be not

incompatible with the higher duty I owe to my son (higher, because he never forfeited his claims, and because I hope to do more good to him than I can ever do to you); and if you wish me to feel kindly towards you, it is deeds not words which must purchase my affection and esteem.'

His sole reply to this was a slight grimace, and a scarcely perceptible shrug. Alas, unhappy man! words, with him, are so much cheaper than deeds; it was as if I had said, 'Pounds, not pence, must buy the article you want.' And then he sighed a querulous, self-commiserating sigh, as if in pure regret that he, the loved and courted of so many worshippers, should be now abandoned to the mercy of a harsh, exacting, cold-hearted woman like that, and even glad of what kindness she chose to bestow.

'It's a pity, isn't it?' said I; and whether I rightly divined his musings or not, the observation chimed in with his thoughts, for he answered - 'It can't be helped,' with a rueful smile at my penetration.

* * * * *

I have I seen Esther Hargrave twice. She is a charming creature, but her blithe spirit is almost broken, and her sweet temper almost spoiled, by the still unremitting persecutions of her mother in behalf of her rejected suitor - not violent, but wearisome and unremitting like a continual dropping. The unnatural parent seems determined to make her daughter's life a burden, if she will not yield to her desires.

'Mamma does all she can,' said she, 'to make me feel myself a burden and incumbrance to the family, and the most ungrateful, selfish, and undutiful daughter that ever was born; and Walter, too, is as stern and cold and haughty as if he hated me outright. I believe I should have yielded at once if I had known, from the beginning, how much resistance would have cost me; but now, for very obstinacy's sake, I will stand out!'

'A bad motive for a good resolve,' I answered. 'But, however, I know you have better motives, really, for your perseverance: and I counsel you to keep them still in view.'

'Trust me I will. I threaten mamma sometimes that I'll run away, and disgrace the family by earning my own livelihood, if she torments me

any more; and then that frightens her a little. But I will do it, in good earnest, if they don't mind.'

'Be quiet and patient a while,' said I, 'and better times will come.'

Poor girl! I wish somebody that was worthy to possess her would come and take her away - don't you, Frederick?

* * * * *

If the perusal of this letter filled me with dismay for Helen's future life and mine, there was one great source of consolation: it was now in my power to clear her name from every foul aspersion. The Millwards and the Wilsons should see with their own eyes the bright sun bursting from the cloud - and they should be scorched and dazzled by its beams; - and my own friends too should see it - they whose suspicions had been such gall and wormwood to my soul. To effect this I had only to drop the seed into the ground, and it would soon become a stately, branching herb: a few words to my mother and sister, I knew, would suffice to spread the news throughout the whole neighbourhood, without any further exertion on my part.

Rose was delighted; and as soon as I had told her all I thought proper - which was all I affected to know - she flew with alacrity to put on her bonnet and shawl, and hasten to carry the glad tidings to the Millwards and Wilsons - glad tidings, I suspect, to none but herself and Mary Millward - that steady, sensible girl, whose sterling worth had been so quickly perceived and duly valued by the supposed Mrs. Graham, in spite of her plain outside; and who, on her part, had been better able to see and appreciate that lady's true character and qualities than the brightest genius among them.

As I may never have occasion to mention her again, I may as well tell you here that she was at this time privately engaged to Richard Wilson - a secret, I believe, to every one but themselves. That worthy student was now at Cambridge, where his most exemplary conduct and his diligent perseverance in the pursuit of learning carried him safely through, and eventually brought him with hard-earned honours, and an untarnished reputation, to the close of his collegiate career. In due time he became Mr.

Millward's first and only curate - for that gentleman's declining years forced him at last to acknowledge that the duties of his extensive parish were a little too much for those vaunted energies which he was wont to boast over his younger and less active brethren of the cloth. This was what the patient, faithful lovers had privately planned and quietly waited for years ago; and in due time they were united, to the astonishment of the little world they lived in, that had long since declared them both born to single blessedness; affirming it impossible that the pale, retiring bookworm should ever summon courage to seek a wife, or be able to obtain one if he did, and equally impossible that the plain-looking, plain-dealing, unattractive, unconciliating Miss Millward should ever find a husband.

They still continued to live at the vicarage, the lady dividing her time between her father, her husband, and their poor parishioners - and subsequently her rising family; and now that the Reverend Michael Millward has been gathered to his fathers, full of years and honours, the Reverend Richard Wilson has succeeded him to the vicarage of Lindenhope, greatly to the satisfaction of its inhabitants, who had so long tried and fully proved his merits, and those of his excellent and well-loved partner.

If you are interested in the after fate of that lady's sister, I can only tell you - what perhaps you have heard from another quarter - that some twelve or thirteen years ago she relieved the happy couple of her presence by marrying a wealthy tradesman of L...; and I don't envy him his bargain. I fear she leads him a rather uncomfortable life, though, happily, he is too dull to perceive the extent of his misfortune. I have little enough to do with her myself: we have not met for many years; but, I am well assured, she has not yet forgotten or forgiven either her former lover, or the lady whose superior qualities first opened his eyes to the folly of his boyish attachment.

As for Richard Wilson's sister, she, having been wholly unable to recapture Mr. Lawrence, or obtain any partner rich and elegant enough to suit her ideas of what the husband of Jane Wilson ought to be, is yet in single blessedness. Shortly after the death of her mother she withdrew the light of her presence from Ryecote Farm, finding it impossible any longer to endure the rough manners and unsophisticated habits of her honest brother Robert and his worthy wife, or the idea of being identified with such vulgar people in the eyes of the world, and took lodgings in - the

county town, where she lived, and still lives, I suppose, in a kind of close-fisted, cold, uncomfortable gentility, doing no good to others, and but little to herself; spending her days in fancy-work and scandal; referring frequently to her 'brother the vicar,' and her 'sister, the vicar's lady,' but never to her brother the farmer and her sister the farmer's wife; seeing as much company as she can without too much expense, but loving no one and beloved by none - a cold-hearted, supercilious, keenly, insidiously censorious old maid.

CHAPTER XLIX

Though Mr. Lawrence's health was now quite re-established, my visits to Woodford were as unremitting as ever; though often less protracted than before. We seldom talked about Mrs. Huntingdon; but yet we never met without mentioning her, for I never sought his company but with the hope of hearing something about her, and he never sought mine at all, because he saw me often enough without. But I always began to talk of other things, and waited first to see if he would introduce the subject. If he did not, I would casually ask, 'Have you heard from your sister lately?' If he said 'No,' the matter was dropped: if he said 'Yes,' I would venture to inquire, 'How is she?' but never 'How is her husband?' though I might be burning to know; because I had not the hypocrisy to profess any anxiety for his recovery, and I had not the face to express any desire for a contrary result. Had I any such desire? - I fear I must plead guilty; but since you have heard my confession, you must hear my justification as well - a few of the excuses, at least, wherewith I sought to pacify my own accusing conscience.

In the first place, you see, his life did harm to others, and evidently no good to himself; and though I wished it to terminate, I would not have hastened its close if, by the lifting of a finger, I could have done so, or if a spirit had whispered in my ear that a single effort of the will would be enough - unless, indeed, I had the power to exchange him for some other victim of the grave, whose life might be of service to his race, and whose death would be lamented by his friends. But was there any harm in wishing that, among the many thousands whose souls would certainly be required of them before the year was over, this wretched mortal might be one? I thought not; and therefore I wished with all my heart that it might please heaven to remove him to a better world, or if that might not be, still to take him out of this; for if he were unfit to answer the summons now, after a warning sickness, and with such an angel by his side, it seemed but too certain that he never would be - that, on the contrary, returning health would bring returning lust and villainy, and as he grew more certain of recovery, more accustomed to her generous goodness, his feelings would become more callous, his heart more flinty and impervious to her

persuasive arguments - but God knew best. Meantime, however, I could not but be anxious for the result of His decrees; knowing, as I did, that (leaving myself entirely out of the question), however Helen might feel interested in her husband's welfare, however she might deplore his fate, still while he lived she must be miserable.

A fortnight passed away, and my inquiries were always answered in the negative. At length a welcome 'yes' drew from me the second question. Lawrence divined my anxious thoughts, and appreciated my reserve. I feared, at first, he was going to torture me by unsatisfactory replies, and either leave me quite in the dark concerning what I wanted to know, or force me to drag the information out of him, morsel by morsel, by direct inquiries. 'And serve you right,' you will say; but he was more merciful; and in a little while he put his sister's letter into my hand. I silently read it, and restored it to him without comment or remark. This mode of procedure suited him so well, that thereafter he always pursued the plan of showing me her letters at once, when 'inquired' after her, if there were any to show - it was so much less trouble than to tell me their contents; and I received such confidences so quietly and discreetly that he was never induced to discontinue them.

But I devoured those precious letters with my eyes, and never let them go till their contents were stamped upon my mind; and when I got home, the most important passages were entered in my diary among the remarkable events of the day.

The first of these communications brought intelligence of a serious relapse in Mr. Huntingdon's illness, entirely the result of his own infatuation in persisting in the indulgence of his appetite for stimulating drink. In vain had she remonstrated, in vain she had mingled his wine with water: her arguments and entreaties were a nuisance, her interference was an insult so intolerable that, at length, on finding she had covertly diluted the pale port that was brought him, he threw the bottle out of window, swearing he would not be cheated like a baby, ordered the butler, on pain of instant dismissal, to bring a bottle of the strongest wine in the cellar, and affirming that he should have been well long ago if he had been let to have his own way, but she wanted to keep him weak in order that she might have him under her thumb - but, by the Lord Harry, he would have no

more humbug - seized a glass in one hand and the bottle in the other, and never rested till he had drunk it dry. Alarming symptoms were the immediate result of this 'imprudence,' as she mildly termed it - symptoms which had rather increased than diminished since; and this was the cause of her delay in writing to her brother. Every former feature of his malady had returned with augmented virulence: the slight external wound, half healed, had broken out afresh; internal inflammation had taken place, which might terminate fatally if not soon removed. Of course, the wretched sufferer's temper was not improved by this calamity - in fact, I suspect it was well nigh insupportable, though his kind nurse did not complain; but she said she had been obliged at last to give her son in charge to Esther Hargrave, as her presence was so constantly required in the sick-room that she could not possibly attend to him herself; and though the child had begged to be allowed to continue with her there, and to help her to nurse his papa, and though she had no doubt he would have been very good and quiet, she could not think of subjecting his young and tender feelings to the sight of so much suffering, or of allowing him to witness his father's impatience, or hear the dreadful language he was wont to use in his paroxysms of pain or irritation.

The latter (continued she) most deeply regrets the step that has occasioned his relapse; but, as usual, he throws the blame upon me. If I had reasoned with him like a rational creature, he says, it never would have happened; but to be treated like a baby or a fool was enough to put any man past his patience, and drive him to assert his independence even at the sacrifice of his own interest. He forgets how often I had reasoned him 'past his patience' before. He appears to be sensible of his danger; but nothing can induce him to behold it in the proper light. The other night, while I was waiting on him, and just as I had brought him a draught to assuage his burning thirst, he observed, with a return of his former sarcastic bitterness, 'Yes, you're mighty attentive now! I suppose there's nothing you wouldn't do for me now?'

'You know,' said I, a little surprised at his manner, 'that I am willing to do anything I can to relieve you.'

'Yes, now, my immaculate angel; but when once you have secured your reward, and find yourself safe in heaven, and me howling in hell-fire,

catch you lifting a finger to serve me then! No, you'll look complacently on, and not so much as dip the tip of your finger in water to cool my tongue!

'If so, it will be because of the great gulf over which I cannot pass; and if I could look complacently on in such a case, it would be only from the assurance that you were being purified from your sins, and fitted to enjoy the happiness I felt. - But are you determined, Arthur, that I shall not meet you in heaven?'

'Humph! What should I do there, I should like to know?'

'Indeed, I cannot tell; and I fear it is too certain that your tastes and feelings must be widely altered before you can have any enjoyment there. But do you prefer sinking, without an effort, into the state of torment you picture to yourself?'

'Oh, it's all a fable,' said he, contemptuously.

'Are you sure, Arthur? are you quite sure? Because, if there is any doubt, and if you should find yourself mistaken after all, when it is too late to turn...'

'It would be rather awkward, to be sure,' said he; 'but don't bother me now - I'm not going to die yet. I can't and won't,' he added vehemently, as if suddenly struck with the appalling aspect of that terrible event. 'Helen, you must save me!' And he earnestly seized my hand, and looked into my face with such imploring eagerness that my heart bled for him, and I could not speak for tears.

* * * * *

The next letter brought intelligence that the malady was fast increasing; and the poor sufferer's horror of death was still more distressing than his impatience of bodily pain. All his friends had not forsaken him; for Mr. Hattersley, hearing of his danger, had come to see him from his distant home in the north. His wife had accompanied him, as much for the pleasure of seeing her dear friend, from whom she had been parted so long, as to visit her mother and sister.

Mrs. Huntingdon expressed herself glad to see Milicent once more, and pleased to behold her so happy and well. She is now at the Grove,

continued the letter, but she often calls to see me. Mr. Hattersley spends much of his time at Arthur's bed-side. With more good feeling than I gave him credit for, he evinces considerable sympathy for his unhappy friend, and is far more willing than able to comfort him. Sometimes he tries to joke and laugh with him, but that will not do; sometimes he endeavours to cheer him with talk about old times, and this at one time may serve to divert the sufferer from his own sad thoughts; at another, it will only plunge him into deeper melancholy than before; and then Hattersley is confounded, and knows not what to say, unless it be a timid suggestion that the clergyman might be sent for. But Arthur will never consent to that: he knows he has rejected the clergyman's well-meant admonitions with scoffing levity at other times, and cannot dream of turning to him for consolation now.

Mr. Hattersley sometimes offers his services instead of mine, but Arthur will not let me go: that strange whim still increases, as his strength declines - the fancy to have me always by his side. I hardly ever leave him, except to go into the next room, where I sometimes snatch an hour or so of sleep when he is quiet; but even then the door is left ajar, that he may know me to be within call. I am with him now, while I write, and I fear my occupation annoys him; though I frequently break off to attend to him, and though Mr. Hattersley is also by his side. That gentleman came, as he said, to beg a holiday for me, that I might have a run in the park, this fine frosty morning, with Milicent and Esther and little Arthur, whom he had driven over to see me. Our poor invalid evidently felt it a heartless proposition, and would have felt it still more heartless in me to accede to it. I therefore said I would only go and speak to them a minute, and then come back. I did but exchange a few words with them, just outside the portico, inhaling the fresh, bracing air as I stood, and then, resisting the earnest and eloquent entreaties of all three to stay a little longer, and join them in a walk round the garden, I tore myself away and returned to my patient. I had not been absent five minutes, but he reproached me bitterly for my levity and neglect. His friend espoused my cause.

'Nay, nay, Huntingdon,' said he, 'you're too hard upon her; she must have food and sleep, and a mouthful of fresh air now and then, or she can't stand it, I tell you. Look at her, man! she's worn to a shadow already.'

‘What are her sufferings to mine?’ said the poor invalid. ‘You don’t grudge me these attentions, do you, Helen?’

‘No, Arthur, if I could really serve you by them. I would give my life to save you, if I might.’

‘Would you, indeed? No!’

‘Most willingly I would.’

‘Ah! that’s because you think yourself more fit to die!’

There was a painful pause. He was evidently plunged in gloomy reflections; but while I pondered for something to say that might benefit without alarming him, Hattersley, whose mind had been pursuing almost the same course, broke silence with, ‘I say, Huntingdon, I would send for a parson of some sort: if you didn’t like the vicar, you know, you could have his curate, or somebody else.’

‘No; none of them can benefit me if she can’t,’ was the answer. And the tears gushed from his eyes as he earnestly exclaimed, ‘Oh, Helen, if I had listened to you, it never would have come to this! and if I had heard you long ago - oh, God! how different it would have been!’

‘Hear me now, then, Arthur,’ said I, gently pressing his hand.

‘It’s too late now,’ said he despondingly. And after that another paroxysm of pain came on; and then his mind began to wander, and we feared his death was approaching: but an opiate was administered: his sufferings began to abate, he gradually became more composed, and at length sank into a kind of slumber. He has been quieter since; and now Hattersley has left him, expressing a hope that he shall find him better when he calls tomorrow.

‘Perhaps I may recover,’ he replied; ‘who knows? This may have been the crisis. What do you think, Helen?’ Unwilling to depress him, I gave the most cheering answer I could, but still recommended him to prepare for the possibility of what I inly feared was but too certain. But he was determined to hope. Shortly after he relapsed into a kind of doze, but now he groans again.

There is a change. Suddenly he called me to his side, with such a strange, excited manner, that I feared he was delirious, but he was not.

‘That was the crisis, Helen!’ said he, delightedly. ‘I had an infernal pain here - it is quite gone now. I never was so easy since the fall - quite gone, by heaven!’ and he clasped and kissed my hand in the very fulness of his heart; but finding I did not participate his joy, he quickly flung it from him, and bitterly cursed my coldness and insensibility. How could I reply? Kneeling beside him, I took his hand and fondly pressed it to my lips - for the first time since our separation - and told him, as well as tears would let me speak, that it was not that that kept me silent: it was the fear that this sudden cessation of pain was not so favourable a symptom as he supposed. I immediately sent for the doctor: we are now anxiously awaiting him. I will tell you what he says. There is still the same freedom from pain, the same deadness to all sensation where the suffering was most acute.

My worst fears are realised: mortification has commenced. The doctor has told him there is no hope. No words can describe his anguish. I can write no more.

* * * * *

The next was still more distressing in the tenor of its contents. The sufferer was fast approaching dissolution - dragged almost to the verge of that awful chasm he trembled to contemplate, from which no agony of prayers or tears could save him. Nothing could comfort him now; Hattersley’s rough attempts at consolation were utterly in vain. The world was nothing to him: life and all its interests, its petty cares and transient pleasures, were a cruel mockery. To talk of the past was to torture him with vain remorse; to refer to the future was to increase his anguish; and yet to be silent was to leave him a prey to his own regrets and apprehensions. Often he dwelt with shuddering minuteness on the fate of his perishing clay - the slow, piecemeal dissolution already invading his frame: the shroud, the coffin, the dark, lonely grave, and all the horrors of corruption.

‘If I try,’ said his afflicted wife, ‘to divert him from these things - to raise his thoughts to higher themes, it is no better:- “Worse and worse!” he groans. “If there be really life beyond the tomb, and judgment after death, how can I face it?” - I cannot do him any good; he will neither be

enlightened, nor roused, nor comforted by anything I say; and yet he clings to me with unrelenting pertinacity - with a kind of childish desperation, as if I could save him from the fate he dreads. He keeps me night and day beside him. He is holding my left hand now, while I write; he has held it thus for hours: sometimes quietly, with his pale face upturned to mine: sometimes clutching my arm with violence - the big drops starting from his forehead at the thoughts of what he sees, or thinks he sees, before him. If I withdraw my hand for a moment it distresses him.

“Stay with me, Helen,” he says; “let me hold you so: it seems as if harm could not reach me while you are here. But death will come - it is coming now - fast, fast! - and - oh, if I could believe there was nothing after!”

“Don’t try to believe it, Arthur; there is joy and glory after, if you will but try to reach it!”

“What, for me?” he said, with something like a laugh. “Are we not to be judged according to the deeds done in the body? Where’s the use of a probationary existence, if a man may spend it as he pleases, just contrary to God’s decrees, and then go to heaven with the best - if the vilest sinner may win the reward of the holiest saint, by merely saying, “I repent!””

“But if you sincerely repent...”

“I can’t repent; I only fear.”

“You only regret the past for its consequences to yourself?”

“Just so - except that I’m sorry to have wronged you, Nell, because you’re so good to me.”

“Think of the goodness of God, and you cannot but be grieved to have offended Him.”

“What is God? - I cannot see Him or hear Him. - God is only an idea.”

“God is Infinite Wisdom, and Power, and Goodness - and LOVE; but if this idea is too vast for your human faculties - if your mind loses itself in its overwhelming infinitude, fix it on Him who condescended to take our nature upon Him, who was raised to heaven even in His glorified human body, in whom the fulness of the Godhead shines.”

‘But he only shook his head and sighed. Then, in another paroxysm of shuddering horror, he tightened his grasp on my hand and arm, and, groaning and lamenting, still clung to me with that wild, desperate earnestness so harrowing to my soul, because I know I cannot help him. I did my best to soothe and comfort him.

“Death is so terrible,” he cried, “I cannot bear it! You don’t know, Helen - you can’t imagine what it is, because you haven’t it before you! and when I’m buried, you’ll return to your old ways and be as happy as ever, and all the world will go on just as busy and merry as if I had never been; while I...” He burst into tears.

“You needn’t let that distress you,” I said; “we shall all follow you soon enough.”

“I wish to God I could take you with me now!” he exclaimed: “you should plead for me.”

“No man can deliver his brother, nor make agreement unto God for him,” I replied: “it cost more to redeem their souls - it cost the blood of an incarnate God, perfect and sinless in Himself, to redeem us from the bondage of the evil one:- let Him plead for you.”

‘But I seem to speak in vain. He does not now, as formerly, laugh these blessed truths to scorn: but still he cannot trust, or will not comprehend them. He cannot linger long. He suffers dreadfully, and so do those that wait upon him. But I will not harass you with further details: I have said enough, I think, to convince you that I did well to go to him.’

* * * * *

Poor, poor Helen! dreadful indeed her trials must have been! And I could do nothing to lessen them - nay, it almost seemed as if I had brought them upon her myself by my own secret desires; and whether I looked at her husband’s sufferings or her own, it seemed almost like a judgment upon myself for having cherished such a wish.

The next day but one there came another letter. That too was put into my hands without a remark, and these are its contents:

Dec. 5th .

He is gone at last. I sat beside him all night, with my hand fast looked in his, watching the changes of his features and listening to his failing breath. He had been silent a long time, and I thought he would never speak again, when he murmured, faintly but distinctly - 'Pray for me, Helen!'

'I do pray for you, every hour and every minute, Arthur; but you must pray for yourself.'

His lips moved, but emitted no sound; - then his looks became unsettled; and, from the incoherent, half-uttered words that escaped him from time to time, supposing him to be now unconscious, I gently disengaged my hand from his, intending to steal away for a breath of air, for I was almost ready to faint; but a convulsive movement of the fingers, and a faintly whispered 'Don't leave me!' immediately recalled me: I took his hand again, and held it till he was no more - and then I fainted. It was not grief; it was exhaustion, that, till then, I had been enabled successfully to combat. Oh, Frederick! none can imagine the miseries, bodily and mental, of that death-bed! How could I endure to think that that poor trembling soul was hurried away to everlasting torment? It would drive me mad. But, thank God, I have hope - not only from a vague dependence on the possibility that penitence and pardon might have reached him at the last, but from the blessed confidence that, through whatever purging fires the erring spirit may be doomed to pass - whatever fate awaits it - still it is not lost, and God, who hateth nothing that He hath made, will bless it in the end!

His body will be consigned on Thursday to that dark grave he so much dreaded; but the coffin must be closed as soon as possible. If you will attend the funeral, come quickly, for I need help.

HELEN HUNTINGDON.

CHAPTER L

On reading this I had no reason to disguise my joy and hope from Frederick Lawrence, for I had none to be ashamed of. I felt no joy but that his sister was at length released from her afflictive, overwhelming toil - no hope but that she would in time recover from the effects of it, and be suffered to rest in peace and quietness, at least, for the remainder of her life. I experienced a painful commiseration for her unhappy husband (though fully aware that he had brought every particle of his sufferings upon himself, and but too well deserved them all), and a profound sympathy for her own afflictions, and deep anxiety for the consequences of those harassing cares, those dreadful vigils, that incessant and deleterious confinement beside a living corpse - for I was persuaded she had not hinted half the sufferings she had had to endure.

‘You will go to her, Lawrence?’ said I, as I put the letter into his hand.

‘Yes, immediately.’

‘That’s right! I’ll leave you, then, to prepare for your departure.’

‘I’ve done that already, while you were reading the letter, and before you came; and the carriage is now coming round to the door.’

Inly approving his promptitude, I bade him good-morning, and withdrew. He gave me a searching glance as we pressed each other’s hands at parting; but whatever he sought in my countenance, he saw there nothing but the most becoming gravity - it might be mingled with a little sternness in momentary resentment at what I suspected to be passing in his mind.

Had I forgotten my own prospects, my ardent love, my pertinacious hopes? It seemed like sacrilege to revert to them now, but I had not forgotten them. It was, however, with a gloomy sense of the darkness of those prospects, the fallacy of those hopes, and the vanity of that affection, that I reflected on those things as I remounted my horse and slowly journeyed homewards. Mrs. Huntingdon was free now; it was no longer a crime to think of her - but did she ever think of me? Not now - of course it was not to be expected - but would she when this shock was over? In all

the course of her correspondence with her brother (our mutual friend, as she herself had called him) she had never mentioned me but once - and that was from necessity. This alone afforded strong presumption that I was already forgotten; yet this was not the worst: it might have been her sense of duty that had kept her silent: she might be only trying to forget; but in addition to this, I had a gloomy conviction that the awful realities she had seen and felt, her reconciliation with the man she had once loved, his dreadful sufferings and death, must eventually efface from her mind all traces of her passing love for me. She might recover from these horrors so far as to be restored to her former health, her tranquillity, her cheerfulness even - but never to those feelings which would appear to her, henceforth, as a fleeting fancy, a vain, illusive dream; especially as there was no one to remind her of my existence - no means of assuring her of my fervent constancy, now that we were so far apart, and delicacy forbade me to see her or to write to her, for months to come at least. And how could I engage her brother in my behalf? how could I break that icy crust of shy reserve? Perhaps he would disapprove of my attachment now as highly as before; perhaps he would think me too poor - too lowly born, to match with his sister. Yes, there was another barrier: doubtless there was a wide distinction between the rank and circumstances of Mrs. Huntingdon, the lady of Grassdale Manor, and those of Mrs. Graham, the artist, the tenant of Wildfell Hall. And it might be deemed presumption in me to offer my hand to the former, by the world, by her friends, if not by herself; a penalty I might brave, if I were certain she loved me; but otherwise, how could I? And, finally, her deceased husband, with his usual selfishness, might have so constructed his will as to place restrictions upon her marrying again. So that you see I had reasons enough for despair if I chose to indulge it.

Nevertheless, it was with no small degree of impatience that I looked forward to Mr. Lawrence's return from Grassdale: impatience that increased in proportion as his absence was prolonged. He stayed away some ten or twelve days. All very right that he should remain to comfort and help his sister, but he might have written to tell me how she was, or at least to tell me when to expect his return; for he might have known I was suffering tortures of anxiety for her, and uncertainty for my own future prospects. And when he did return, all he told me about her was, that she had been greatly exhausted and worn by her unremitting exertions in behalf

of that man who had been the scourge of her life, and had dragged her with him nearly to the portals of the grave, and was still much shaken and depressed by his melancholy end and the circumstances attendant upon it; but no word in reference to me; no intimation that my name had ever passed her lips, or even been spoken in her presence. To be sure, I asked no questions on the subject; I could not bring my mind to do so, believing, as I did, that Lawrence was indeed averse to the idea of my union with his sister.

I saw that he expected to be further questioned concerning his visit, and I saw too, with the keen perception of awakened jealousy, or alarmed self-esteem, or by whatever name I ought to call it, that he rather shrank from that impending scrutiny, and was no less pleased than surprised to find it did not come. Of course, I was burning with anger, but pride obliged me to suppress my feelings, and preserve a smooth face, or at least a stoic calmness, throughout the interview. It was well it did, for, reviewing the matter in my sober judgment, I must say it would have been highly absurd and improper to have quarrelled with him on such an occasion. I must confess, too, that I wronged him in my heart: the truth was, he liked me very well, but he was fully aware that a union between Mrs. Huntingdon and me would be what the world calls a mesalliance; and it was not in his nature to set the world at defiance; especially in such a case as this, for its dread laugh, or ill opinion, would be far more terrible to him directed against his sister than himself. Had he believed that a union was necessary to the happiness of both, or of either, or had he known how fervently I loved her, he would have acted differently; but seeing me so calm and cool, he would not for the world disturb my philosophy; and though refraining entirely from any active opposition to the match, he would yet do nothing to bring it about, and would much rather take the part of prudence, in aiding us to overcome our mutual predilections, than that of feeling, to encourage them. 'And he was in the right of it,' you will say. Perhaps he was; at any rate, I had no business to feel so bitterly against him as I did; but I could not then regard the matter in such a moderate light; and, after a brief conversation upon indifferent topics, I went away, suffering all the pangs of wounded pride and injured friendship, in addition to those resulting from the fear that I was indeed forgotten, and the knowledge that

she I loved was alone and afflicted, suffering from injured health and dejected spirits, and I was forbidden to console or assist her: forbidden even to assure her of my sympathy, for the transmission of any such message through Mr. Lawrence was now completely out of the question.

But what should I do? I would wait, and see if she would notice me, which of course she would not, unless by some kind message intrusted to her brother, that, in all probability, he would not deliver, and then, dreadful thought! she would think me cooled and changed for not returning it, or, perhaps, he had already given her to understand that I had ceased to think of her. I would wait, however, till the six months after our parting were fairly passed (which would be about the close of February), and then I would send her a letter, modestly reminding her of her former permission to write to her at the close of that period, and hoping I might avail myself of it - at least to express my heartfelt sorrow for her late afflictions, my just appreciation of her generous conduct, and my hope that her health was now completely re-established, and that she would, some time, be permitted to enjoy those blessings of a peaceful, happy life, which had been denied her so long, but which none could more truly be said to merit than herself - adding a few words of kind remembrance to my little friend Arthur, with a hope that he had not forgotten me, and perhaps a few more in reference to bygone times, to the delightful hours I had passed in her society, and my unfading recollection of them, which was the salt and solace of my life, and a hope that her recent troubles had not entirely banished me from her mind. If she did not answer this, of course I should write no more: if she did (as surely she would, in some fashion), my future proceedings should be regulated by her reply.

Ten weeks was long to wait in such a miserable state of uncertainty; but courage! it must be endured! and meantime I would continue to see Lawrence now and then, though not so often as before, and I would still pursue my habitual inquiries after his sister, if he had lately heard from her, and how she was, but nothing more.

I did so, and the answers I received were always provokingly limited to the letter of the inquiry: she was much as usual: she made no complaints, but the tone of her last letter evinced great depression of mind: she said she was better: and, finally, she said she was well, and very busy

with her son's education, and with the management of her late husband's property, and the regulation of his affairs. The rascal had never told me how that property was disposed, or whether Mr. Huntingdon had died intestate or not; and I would sooner die than ask him, lest he should misconstrue into covetousness my desire to know. He never offered to show me his sister's letters now, and I never hinted a wish to see them. February, however, was approaching; December was past; January, at length, was almost over - a few more weeks, and then, certain despair or renewal of hope would put an end to this long agony of suspense.

But alas! it was just about that time she was called to sustain another blow in the death of her uncle - a worthless old fellow enough in himself, I daresay, but he had always shown more kindness and affection to her than to any other creature, and she had always been accustomed to regard him as a parent. She was with him when he died, and had assisted her aunt to nurse him during the last stage of his illness. Her brother went to Staningley to attend the funeral, and told me, upon his return, that she was still there, endeavouring to cheer her aunt with her presence, and likely to remain some time. This was bad news for me, for while she continued there I could not write to her, as I did not know the address, and would not ask it of him. But week followed week, and every time I inquired about her she was still at Staningley.

'Where is Staningley?' I asked at last.

'In-shire,' was the brief reply; and there was something so cold and dry in the manner of it, that I was effectually deterred from requesting a more definite account.

'When will she return to Grassdale?' was my next question.

'I don't know.'

'Confound it!' I muttered.

'Why, Markham?' asked my companion, with an air of innocent surprise. But I did not deign to answer him, save by a look of silent, sullen contempt, at which he turned away, and contemplated the carpet with a slight smile, half pensive, half amused; but quickly looking up, he began to talk of other subjects, trying to draw me into a cheerful and friendly

conversation, but I was too much irritated to discourse with him, and soon took leave.

You see Lawrence and I somehow could not manage to get on very well together. The fact is, I believe, we were both of us a little too touchy. It is a troublesome thing, Halford, this susceptibility to affronts where none are intended. I am no martyr to it now, as you can bear me witness: I have learned to be merry and wise, to be more easy with myself and more indulgent to my neighbours, and I can afford to laugh at both Lawrence and you.

Partly from accident, partly from wilful negligence on my part (for I was really beginning to dislike him), several weeks elapsed before I saw my friend again. When we did meet, it was he that sought me out. One bright morning, early in June, he came into the field, where I was just commencing my hay harvest.

‘It is long since I saw you, Markham,’ said he, after the first few words had passed between us. ‘Do you never mean to come to Woodford again?’

‘I called once, and you were out.’

‘I was sorry, but that was long since; I hoped you would call again, and now I have called, and you were out, which you generally are, or I would do myself the pleasure of calling more frequently; but being determined to see you this time, I have left my pony in the lane, and come over hedge and ditch to join you; for I am about to leave Woodford for a while, and may not have the pleasure of seeing you again for a month or two.’

‘Where are you going?’

‘To Grassdale first,’ said he, with a half-smile he would willingly have suppressed if he could.

‘To Grassdale! Is she there, then?’

‘Yes, but in a day or two she will leave it to accompany Mrs. Maxwell to F- for the benefit of the sea air, and I shall go with them.’ (F- was at that time a quiet but respectable watering-place: it is considerably more frequented now.)

Lawrence seemed to expect me to take advantage of this circumstance to entrust him with some sort of a message to his sister; and I believe he would have undertaken to deliver it without any material objections, if I had had the sense to ask him, though of course he would not offer to do so, if I was content to let it alone. But I could not bring myself to make the request, and it was not till after he was gone, that I saw how fair an opportunity I had lost; and then, indeed, I deeply regretted my stupidity and my foolish pride, but it was now too late to remedy the evil.

He did not return till towards the latter end of August. He wrote to me twice or thrice from F-, but his letters were most provokingly unsatisfactory, dealing in generalities or in trifles that I cared nothing about, or replete with fancies and reflections equally unwelcome to me at the time, saying next to nothing about his sister, and little more about himself. I would wait, however, till he came back; perhaps I could get something more out of him then. At all events, I would not write to her now, while she was with him and her aunt, who doubtless would be still more hostile to my presumptuous aspirations than himself. When she was returned to the silence and solitude of her own home, it would be my fittest opportunity.

When Lawrence came, however, he was as reserved as ever on the subject of my keen anxiety. He told me that his sister had derived considerable benefit from her stay at F- that her son was quite well, and - alas! that both of them were gone, with Mrs. Maxwell, back to Staningley, and there they stayed at least three months. But instead of boring you with my chagrin, my expectations and disappointments, my fluctuations of dull despondency and flickering hope, my varying resolutions, now to drop it, and now to persevere - now to make a bold push, and now to let things pass and patiently abide my time - I will employ myself in settling the business of one or two of the characters introduced in the course of this narrative, whom I may not have occasion to mention again.

Some time before Mr. Huntingdon's death Lady Lowborough eloped with another gallant to the Continent, where, having lived a while in reckless gaiety and dissipation, they quarrelled and parted. She went dashing on for a season, but years came and money went: she sunk, at length, in difficulty and debt, disgrace and misery; and died at last, as I have

heard, in penury, neglect, and utter wretchedness. But this might be only a report: she may be living yet for anything I or any of her relatives or former acquaintances can tell; for they have all lost sight of her long years ago, and would as thoroughly forget her if they could. Her husband, however, upon this second misdemeanour, immediately sought and obtained a divorce, and, not long after, married again. It was well he did, for Lord Lowborough, morose and moody as he seemed, was not the man for a bachelor's life. No public interests, no ambitious projects, or active pursuits - or ties of friendship even (if he had had any friends), could compensate to him for the absence of domestic comforts and endearments. He had a son and a nominal daughter, it is true, but they too painfully reminded him of their mother, and the unfortunate little Annabella was a source of perpetual bitterness to his soul. He had obliged himself to treat her with paternal kindness: he had forced himself not to hate her, and even, perhaps, to feel some degree of kindly regard for her, at last, in return for her artless and unsuspecting attachment to himself; but the bitterness of his self-condemnation for his inward feelings towards that innocent being, his constant struggles to subdue the evil promptings of his nature (for it was not a generous one), though partly guessed at by those who knew him, could be known to God and his own heart alone; - so also was the hardness of his conflicts with the temptation to return to the vice of his youth, and seek oblivion for past calamities, and deadness to the present misery of a blighted heart a joyless, friendless life, and a morbidly disconsolate mind, by yielding again to that insidious foe to health, and sense, and virtue, which had so deplorably enslaved and degraded him before.

The second object of his choice was widely different from the first. Some wondered at his taste; some even ridiculed it - but in this their folly was more apparent than his. The lady was about his own age - i.e., between thirty and forty - remarkable neither for beauty, nor wealth, nor brilliant accomplishments; nor any other thing that I ever heard of, except genuine good sense, unswerving integrity, active piety, warm-hearted benevolence, and a fund of cheerful spirits. These qualities, however, as you may readily imagine, combined to render her an excellent mother to the children, and an invaluable wife to his lordship. He, with his usual self-depreciation, thought her a world too good for him, and while he wondered at the

kindness of Providence in conferring such a gift upon him, and even at her taste in preferring him to other men, he did his best to reciprocate the good she did him, and so far succeeded that she was, and I believe still is, one of the happiest and fondest wives in England; and all who question the good taste of either partner may be thankful if their respective selections afford them half the genuine satisfaction in the end, or repay their preference with affection half as lasting and sincere.

If you are at all interested in the fate of that low scoundrel, Grimsby, I can only tell you that he went from bad to worse, sinking from bathos to bathos of vice and villainy, consorting only with the worst members of his club and the lowest dregs of society - happily for the rest of the world - and at last met his end in a drunken brawl, from the hands, it is said, of some brother scoundrel he had cheated at play.

As for Mr. Hattersley, he had never wholly forgotten his resolution to 'come out from among them,' and behave like a man and a Christian, and the last illness and death of his once jolly friend Huntingdon so deeply and seriously impressed him with the evil of their former practices, that he never needed another lesson of the kind. Avoiding the temptations of the town, he continued to pass his life in the country, immersed in the usual pursuits of a hearty, active, country gentleman; his occupations being those of farming, and breeding horses and cattle, diversified with a little hunting and shooting, and enlivened by the occasional companionship of his friends (better friends than those of his youth), and the society of his happy little wife (now cheerful and confiding as heart could wish), and his fine family of stalwart sons and blooming daughters. His father, the banker, having died some years ago and left him all his riches, he has now full scope for the exercise of his prevailing tastes, and I need not tell you that Ralph Hattersley, Esq., is celebrated throughout the country for his noble breed of horses.

CHAPTER LI

We will now turn to a certain still, cold, cloudy afternoon about the commencement of December, when the first fall of snow lay thinly scattered over the blighted fields and frozen roads, or stored more thickly in the hollows of the deep cart-ruts and footsteps of men and horses impressed in the now petrified mire of last month's drenching rains. I remember it well, for I was walking home from the vicarage with no less remarkable a personage than Miss Eliza Millward by my side. I had been to call upon her father - a sacrifice to civility undertaken entirely to please my mother, not myself, for I hated to go near the house; not merely on account of my antipathy to the once so bewitching Eliza, but because I had not half forgiven the old gentleman himself for his ill opinion of Mrs. Huntingdon; for though now constrained to acknowledge himself mistaken in his former judgment, he still maintained that she had done wrong to leave her husband; it was a violation of her sacred duties as a wife, and a tempting of Providence by laying herself open to temptation; and nothing short of bodily ill-usage (and that of no trifling nature) could excuse such a step - nor even that, for in such a case she ought to appeal to the laws for protection. But it was not of him I intended to speak; it was of his daughter Eliza. Just as I was taking leave of the vicar, she entered the room, ready equipped for a walk.

'I was just coming to see, your sister, Mr. Markham,' said she; 'and so, if you have no objection, I'll accompany you home. I like company when I'm walking out - don't you?'

'Yes, when it's agreeable.'

'That of course,' rejoined the young lady, smiling archly.

So we proceeded together.

'Shall I find Rose at home, do you think?' said she, as we closed the garden gate, and set our faces towards Linden-Car.

'I believe so.'

'I trust I shall, for I've a little bit of news for her - if you haven't forestalled me.'

'I?'

‘Yes: do you know what Mr. Lawrence is gone for?’ She looked up anxiously for my reply.

‘Is he gone?’ said I; and her face brightened.

‘Ah! then he hasn’t told you about his sister?’

‘What of her?’ I demanded in terror, lest some evil should have befallen her.

‘Oh, Mr. Markham, how you blush!’ cried she, with a tormenting laugh. ‘Ha, ha, you have not forgotten her yet. But you had better be quick about it, I can tell you, for - alas, alas! - she’s going to be married next Thursday!’

‘No, Miss Eliza, that’s false.’

‘Do you charge me with a falsehood, sir?’

‘You are misinformed.’

‘Am I? Do you know better, then?’

‘I think I do.’

‘What makes you look so pale then?’ said she, smiling with delight at my emotion. ‘Is it anger at poor me for telling such a fib? Well, I only “tell the tale as ‘twas told to me:” I don’t vouch for the truth of it; but at the same time, I don’t see what reason Sarah should have for deceiving me, or her informant for deceiving her; and that was what she told me the footman told her:- that Mrs. Huntingdon was going to be married on Thursday, and Mr. Lawrence was gone to the wedding. She did tell me the name of the gentleman, but I’ve forgotten that. Perhaps you can assist me to remember it. Is there not some one that lives near - or frequently visits the neighbourhood, that has long been attached to her? - a Mr. ...oh, dear! Mr. ...’

‘Hargrave?’ suggested I, with a bitter smile.

‘You’re right,’ cried she; ‘that was the very name.’

‘Impossible, Miss Eliza!’ I exclaimed, in a tone that made her start.

‘Well, you know, that’s what they told me,’ said she, composedly staring me in the face. And then she broke out into a long shrill laugh that put me to my wit’s end with fury.

‘Really you must excuse me,’ cried she. ‘I know it’s very rude, but ha, ha, ha! - did you think to marry her yourself? Dear, dear, what a pity! - ha, ha, ha! Gracious, Mr. Markham, are you going to faint? Oh, mercy! shall I call this man? Here, Jacob...’ But checking the word on her lips, I seized her arm and gave it, I think, a pretty severe squeeze, for she shrank into herself with a faint cry of pain or terror; but the spirit within her was not subdued: instantly rallying, she continued, with well-feigned concern, ‘What can I do for you? Will you have some water - some brandy? I daresay they have some in the public-house down there, if you’ll let me run.’

‘Have done with this nonsense!’ cried I, sternly. She looked confounded - almost frightened again, for a moment. ‘You know I hate such jests,’ I continued.

‘Jests indeed! I wasn’t jesting!’

‘You were laughing, at all events; and I don’t like to be laughed at,’ returned I, making violent efforts to speak with proper dignity and composure, and to say nothing but what was coherent and sensible. ‘And since you are in such a merry mood, Miss Eliza, you must be good enough company for yourself; and therefore I shall leave you to finish your walk alone - for, now I think of it, I have business elsewhere; so good-evening.’

With that I left her (smothering her malicious laughter) and turned aside into the fields, springing up the bank, and pushing through the nearest gap in the hedge. Determined at once to prove the truth - or rather the falsehood - of her story, I hastened to Woodford as fast as my legs could carry me; first veering round by a circuitous course, but the moment I was out of sight of my fair tormentor cutting away across the country, just as a bird might fly, over pasture-land, and fallow, and stubble, and lane, clearing hedges and ditches and hurdles, till I came to the young squire’s gates. Never till now had I known the full fervour of my love - the full strength of my hopes, not wholly crushed even in my hours of deepest despondency, always tenaciously clinging to the thought that one day she might be mine, or, if not that, at least that something of my memory, some slight remembrance of our friendship and our love, would be for ever cherished in her heart. I marched up to the door, determined, if I saw the

master, to question him boldly concerning his sister, to wait and hesitate no longer, but cast false delicacy and stupid pride behind my back, and know my fate at once.

‘Is Mr. Lawrence at home?’ I eagerly asked of the servant that opened the door.

‘No, sir, master went yesterday,’ replied he, looking very alert.

‘Went where?’

‘To Grassdale, sir - wasn’t you aware, sir? He’s very close, is master,’ said the fellow, with a foolish, simpering grin. ‘I suppose, sir...’

But I turned and left him, without waiting to hear what he supposed. I was not going to stand there to expose my tortured feelings to the insolent laughter and impertinent curiosity of a fellow like that.

But what was to be done now? Could it be possible that she had left me for that man? I could not believe it. Me she might forsake, but not to give herself to him! Well, I would know the truth; to no concerns of daily life could I attend while this tempest of doubt and dread, of jealousy and rage, distracted me. I would take the morning coach from L- (the evening one would be already gone), and fly to Grassdale - I must be there before the marriage. And why? Because a thought struck me that perhaps I might prevent it - that if I did not, she and I might both lament it to the latest moment of our lives. It struck me that someone might have belied me to her: perhaps her brother; yes, no doubt her brother had persuaded her that I was false and faithless, and taking advantage of her natural indignation, and perhaps her desponding carelessness about her future life, had urged her, artfully, cruelly, on to this other marriage, in order to secure her from me. If this was the case, and if she should only discover her mistake when too late to repair it - to what a life of misery and vain regret might she be doomed as well as me; and what remorse for me to think my foolish scruples had induced it all! Oh, I must see her - she must know my truth even if I told it at the church door! I might pass for a madman or an impertinent fool - even she might be offended at such an interruption, or at least might tell me it was now too late. But if I could save her, if she might be mine! - it was too rapturous a thought!

Winged by this hope, and goaded by these fears, I hurried homewards to prepare for my departure on the morrow. I told my mother that urgent business which admitted no delay, but which I could not then explain, called me away.

My deep anxiety and serious preoccupation could not be concealed from her maternal eyes; and I had much ado to calm her apprehensions of some disastrous mystery.

That night there came a heavy fall of snow, which so retarded the progress of the coaches on the following day that I was almost driven to distraction. I travelled all night, of course, for this was Wednesday: tomorrow morning, doubtless, the marriage would take place. But the night was long and dark: the snow heavily clogged the wheels and balled the horses' feet; the animals were consumedly lazy; the coachman most execrably cautious; the passengers confoundedly apathetic in their supine indifference to the rate of our progression. Instead of assisting me to bully the several coachmen and urge them forward, they merely stared and grinned at my impatience: one fellow even ventured to rally me upon it - but I silenced him with a look that quelled him for the rest of the journey; and when, at the last stage, I would have taken the reins into my own hand, they all with one accord opposed it.

It was broad daylight when we entered M- and drew up at the 'Rose and Crown.' I alighted and called aloud for a post-chaise to Grassdale. There was none to be had: the only one in the town was under repair. 'A gig, then - a fly - car - anything - only be quick!' There was a gig, but not a horse to spare. I sent into the town to seek one: but they were such an intolerable time about it that I could wait no longer - I thought my own feet could carry me sooner; and bidding them send the conveyance after me, if it were ready within an hour, I set off as fast as I could walk. The distance was little more than six miles, but the road was strange, and I had to keep stopping to inquire my way; hallooing to carters and clodhoppers, and frequently invading the cottages, for there were few abroad that winter's morning; sometimes knocking up the lazy people from their beds, for where so little work was to be done, perhaps so little food and fire to be had, they cared not to curtail their slumbers. I had no time to think of them, however; aching with weariness and desperation, I hurried on. The

gig did not overtake me: and it was well I had not waited for it; vexatious rather, that I had been fool enough to wait so long.

At length, however, I entered the neighbourhood of Grassdale. I approached the little rural church - but lo! there stood a train of carriages before it; it needed not the white favours bedecking the servants and horses, nor the merry voices of the village idlers assembled to witness the show, to apprise me that there was a wedding within. I ran in among them, demanding, with breathless eagerness, had the ceremony long commenced? They only gaped and stared. In my desperation, I pushed past them, and was about to enter the churchyard gate, when a group of ragged urchins, that had been hanging like bees to the window, suddenly dropped off and made a rush for the porch, vociferating in the uncouth dialect of their country something which signified, 'It's over - they're coming out!'

If Eliza Millward had seen me then she might indeed have been delighted. I grasped the gate-post for support, and stood intently gazing towards the door to take my last look on my soul's delight, my first on that detested mortal who had torn her from my heart, and doomed her, I was certain, to a life of misery and hollow, vain repining - for what happiness could she enjoy with him? I did not wish to shock her with my presence now, but I had not power to move away. Forth came the bride and bridegroom. Him I saw not; I had eyes for none but her. A long veil shrouded half her graceful form, but did not hide it; I could see that while she carried her head erect, her eyes were bent upon the ground, and her face and neck were suffused with a crimson blush; but every feature was radiant with smiles, and gleaming through the misty whiteness of her veil were clusters of golden ringlets! Oh, heavens! it was not my Helen! The first glimpse made me start - but my eyes were darkened with exhaustion and despair. Dare I trust them? 'Yes - it is not she! It was a younger, slighter, rosier beauty - lovely indeed, but with far less dignity and depth of soul - without that indefinable grace, that keenly spiritual yet gentle charm, that ineffable power to attract and subjugate the heart - my heart at least. I looked at the bridegroom - it was Frederick Lawrence! I wiped away the cold drops that were trickling down my forehead, and stepped back as he approached; but, his eyes fell upon me, and he knew me, altered as my appearance must have been.

‘Is that you, Markham?’ said he, startled and confounded at the apparition - perhaps, too, at the wildness of my looks.

‘Yes, Lawrence; is that you?’ I mustered the presence of mind to reply.

He smiled and coloured, as if half-proud and half-ashamed of his identity; and if he had reason to be proud of the sweet lady on his arm, he had no less cause to be ashamed of having concealed his good fortune so long.

‘Allow me to introduce you to my bride,’ said he, endeavouring to hide his embarrassment by an assumption of careless gaiety. ‘Esther, this is Mr. Markham; my friend Markham, Mrs. Lawrence, late Miss Hargrave.’

I bowed to the bride, and vehemently wrung the bridegroom’s hand.

‘Why did you not tell me of this?’ I said, reproachfully, pretending a resentment I did not feel (for in truth I was almost wild with joy to find myself so happily mistaken, and overflowing with affection to him for this and for the base injustice I felt that I had done him in my mind - he might have wronged me, but not to that extent; and as I had hated him like a demon for the last forty hours, the reaction from such a feeling was so great that I could pardon all offences for the moment - and love him in spite of them too).

‘I did tell you,’ said he, with an air of guilty confusion; ‘you received my letter?’

‘What letter?’

‘The one announcing my intended marriage.’

‘I never received the most distant hint of such an intention.’

‘It must have crossed you on your way then - it should have reached you yesterday morning - it was rather late, I acknowledge. But what brought you here, then, if you received no information?’

It was now my turn to be confounded; but the young lady, who had been busily patting the snow with her foot during our short sotto-voce colloquy, very opportunely came to my assistance by pinching her companion’s arm and whispering a suggestion that his friend should be invited to step into the carriage and go with them; it being scarcely

agreeable to stand there among so many gazers, and keeping their friends waiting into the bargain.

‘And so cold as it is too!’ said he, glancing with dismay at her slight drapery, and immediately handing her into the carriage. ‘Markham, will you come? We are going to Paris, but we can drop you anywhere between this and Dover.’

‘No, thank you. Good-bye - I needn’t wish you a pleasant journey; but I shall expect a very handsome apology, some time, mind, and scores of letters, before we meet again.’

He shook my hand, and hastened to take his place beside his lady. This was no time or place for explanation or discourse: we had already stood long enough to excite the wonder of the village sight-seers, and perhaps the wrath of the attendant bridal party; though, of course, all this passed in a much shorter time than I have taken to relate, or even than you will take to read it. I stood beside the carriage, and, the window being down, I saw my happy friend fondly encircle his companion’s waist with his arm, while she rested her glowing cheek on his shoulder, looking the very impersonation of loving, trusting bliss. In the interval between the footman’s closing the door and taking his place behind she raised her smiling brown eyes to his face, observing, playfully - ‘I fear you must think me very insensible, Frederick: I know it is the custom for ladies to cry on these occasions, but I couldn’t squeeze a tear for my life.’

He only answered with a kiss, and pressed her still closer to his bosom.

‘But what is this?’ he murmured. ‘Why, Esther, you’re crying now!’

‘Oh, it’s nothing - it’s only too much happiness - and the wish,’ sobbed she, ‘that our dear Helen were as happy as ourselves.’

‘Bless you for that wish!’ I inwardly responded, as the carriage rolled away - ‘and heaven grant it be not wholly vain!’

I thought a cloud had suddenly darkened her husband’s face as she spoke. What did he think? Could he grudge such happiness to his dear sister and his friend as he now felt himself? At such a moment it was impossible. The contrast between her fate and his must darken his bliss for a time. Perhaps, too, he thought of me: perhaps he regretted the part he

had had in preventing our union, by omitting to help us, if not by actually plotting against us. I exonerated him from that charge now, and deeply lamented my former ungenerous suspicions; but he had wronged us, still - I hoped, I trusted that he had. He had not attempted to check the course of our love by actually damming up the streams in their passage, but he had passively watched the two currents wandering through life's arid wilderness, declining to clear away the obstructions that divided them, and secretly hoping that both would lose themselves in the sand before they could be joined in one. And meantime he had been quietly proceeding with his own affairs; perhaps, his heart and head had been so full of his fair lady that he had had but little thought to spare for others. Doubtless he had made his first acquaintance with her - his first intimate acquaintance at least - during his three months' sojourn at F..., for I now recollected that he had once casually let fall an intimation that his aunt and sister had a young friend staying with them at the time, and this accounted for at least one-half his silence about all transactions there. Now, too, I saw a reason for many little things that had slightly puzzled me before; among the rest, for sundry departures from Woodford, and absences more or less prolonged, for which he never satisfactorily accounted, and concerning which he hated to be questioned on his return. Well might the servant say his master was 'very close.' But why this strange reserve to me? Partly, from that remarkable idiosyncrasy to which I have before alluded; partly, perhaps, from tenderness to my feelings, or fear to disturb my philosophy by touching upon the infectious theme of love.

CHAPTER LII

The tardy gig had overtaken me at last. I entered it, and bade the man who brought it drive to Grassdale Manor - I was too busy with my own thoughts to care to drive it myself. I would see Mrs. Huntingdon - there could be no impropriety in that now that her husband had been dead above a year - and by her indifference or her joy at my unexpected arrival I could soon tell whether her heart was truly mine. But my companion, a loquacious, forward fellow, was not disposed to leave me to the indulgence of my private cogitations.

‘There they go!’ said he, as the carriages filed away before us. ‘There’ll be brave doings on yonder today, as what come to-morra. - Know anything of that family, sir? or you’re a stranger in these parts?’

‘I know them by report.’

‘Humph! There’s the best of ‘em gone, anyhow. And I suppose the old missis is agoing to leave after this stir’s gotten overed, and take herself off, somewhere, to live on her bit of a jointure; and the young ‘un - at least the new ‘un (she’s none so very young) - is coming down to live at the Grove.’

‘Is Mr. Hargrave married, then?’

‘Ay, sir, a few months since. He should a been wed afore, to a widow lady, but they couldn’t agree over the money: she’d a rare long purse, and Mr. Hargrave wanted it all to hisself; but she wouldn’t let it go, and so then they fell out. This one isn’t quite as rich, nor as handsome either, but she hasn’t been married before. She’s very plain, they say, and getting on to forty or past, and so, you know, if she didn’t jump at this hoportunity, she thought she’d never get a better. I guess she thought such a handsome young husband was worth all ‘at ever she had, and he might take it and welcome, but I lay she’ll rue her bargain afore long. They say she begins already to see ‘at he isn’t not altogether that nice, generous, perlite, delightful gentleman ‘at she thought him afore marriage - he begins a being careless and masterful already. Ay, and she’ll find him harder and carelesser nor she thinks on.’

‘You seem to be well acquainted with him,’ I observed.

‘I am, sir; I’ve known him since he was quite a young gentleman; and a proud ‘un he was, and a wilful. I was servant yonder for several years; but I couldn’t stand their niggardly ways - she got ever longer and worse, did missis, with her nipping and screwing, and watching and grudging; so I thought I’d find another place.’

‘Are we not near the house?’ said I, interrupting him.

‘Yes, sir; yond’s the park.’

My heart sank within me to behold that stately mansion in the midst of its expansive grounds. The park as beautiful now, in its wintry garb, as it could be in its summer glory: the majestic sweep, the undulating swell and fall, displayed to full advantage in that robe of dazzling purity, stainless and printless - save one long, winding track left by the trooping deer - the stately timber-trees with their heavy-laden branches gleaming white against the dull, grey sky; the deep, encircling woods; the broad expanse of water sleeping in frozen quiet; and the weeping ash and willow drooping their snow-clad boughs above it - all presented a picture, striking indeed, and pleasing to an unencumbered mind, but by no means encouraging to me. There was one comfort, however - all this was entailed upon little Arthur, and could not under any circumstances, strictly speaking, be his mother’s. But how was she situated? Overcoming with a sudden effort my repugnance to mention her name to my garrulous companion, I asked him if he knew whether her late husband had left a will, and how the property had been disposed of. Oh, yes, he knew all about it; and I was quickly informed that to her had been left the full control and management of the estate during her son’s minority, besides the absolute, unconditional possession of her own fortune (but I knew that her father had not given her much), and the small additional sum that had been settled upon her before marriage.

Before the close of the explanation we drew up at the park-gates. Now for the trial. If I should find her within - but alas! She might be still at Staningley: her brother had given me no intimation to the contrary. I inquired at the porter’s lodge if Mrs. Huntingdon were at home. No, she was with her aunt in -shire, but was expected to return before Christmas. She usually spent most of her time at Staningley, only coming to Grassdale occasionally, when the management of affairs, or the interest of her tenants and dependents, required her presence.

‘Near what town is Staningley situated?’ I asked. The requisite information was soon obtained. ‘Now then, my man, give me the reins, and we’ll return to M-. I must have some breakfast at the “Rose and Crown,” and then away to Staningley by the first coach for...’

At M... I had time before the coach started to replenish my forces with a hearty breakfast, and to obtain the refreshment of my usual morning’s ablutions, and the amelioration of some slight change in my toilet, and also to despatch a short note to my mother (excellent son that I was), to assure her that I was still in existence, and to excuse my non-appearance at the expected time. It was a long journey to Staningley for those slow-travelling days, but I did not deny myself needful refreshment on the road, nor even a night’s rest at a wayside inn, choosing rather to brook a little delay than to present myself worn, wild, and weather-beaten before my mistress and her aunt, who would be astonished enough to see me without that. Next morning, therefore, I not only fortified myself with as substantial a breakfast as my excited feelings would allow me to swallow, but I bestowed a little more than usual time and care upon my toilet; and, furnished with a change of linen from my small carpet-bag, well-brushed clothes, well-polished boots, and neat new gloves, I mounted ‘The Lightning,’ and resumed my journey. I had nearly two stages yet before me, but the coach, I was informed, passed through the neighbourhood of Staningley, and having desired to be set down as near the Hall as possible, I had nothing to do but to sit with folded arms and speculate upon the coming hour.

It was a clear, frosty morning. The very fact of sitting exalted aloft, surveying the snowy landscape and sweet sunny sky, inhaling the pure, bracing air, and crunching away over the crisp frozen snow, was exhilarating enough in itself; but add to this the idea of to what goal I was hastening, and whom I expected to meet, and you may have some faint conception of my frame of mind at the time - only a faint one, though: for my heart swelled with unspeakable delight, and my spirits rose almost to madness, in spite of my prudent endeavours to bind them down to a reasonable platitude by thinking of the undeniable difference between Helen’s rank and mine; of all that she had passed through since our parting; of her long, unbroken silence; and, above all, of her cool, cautious aunt,

whose counsels she would doubtless be careful not to slight again. These considerations made my heart flutter with anxiety, and my chest heave with impatience to get the crisis over; but they could not dim her image in my mind, or mar the vivid recollection of what had been said and felt between us, or destroy the keen anticipation of what was to be: in fact, I could not realise their terrors now. Towards the close of the journey, however, a couple of my fellow-passengers kindly came to my assistance, and brought me low enough.

‘Fine land this,’ said one of them, pointing with his umbrella to the wide fields on the right, conspicuous for their compact hedgerows, deep, well-cut ditches, and fine timber-trees, growing sometimes on the borders, sometimes in the midst of the enclosure: ‘very fine land, if you saw it in the summer or spring.’

‘Ay,’ responded the other, a gruff elderly man, with a drab greatcoat buttoned up to the chin, and a cotton umbrella between his knees. ‘It’s old Maxwell’s, I suppose.’

‘It was his, sir; but he’s dead now, you’re aware, and has left it all to his niece.’

‘All?’

‘Every rood of it, and the mansion-house and all! every hatom of his worldly goods, except just a trifle, by way of remembrance, to his nephew down in -shire, and an annuity to his wife.’

‘It’s strange, sir!’

‘It is, sir; and she wasn’t his own niece neither. But he had no near relations of his own - none but a nephew he’d quarrelled with; and he always had a partiality for this one. And then his wife advised him to it, they say: she’d brought most of the property, and it was her wish that this lady should have it.’

‘Humph! She’ll be a fine catch for somebody.’

‘She will so. She’s a widow, but quite young yet, and uncommon handsome: a fortune of her own, besides, and only one child, and she’s nursing a fine estate for him in... There’ll be lots to speak for her! ‘fraid there’s no chance for uz’ - (facetiously jogging me with his elbow, as well as

his companion) - 'ha, ha, ha! No offence, sir, I hope?' (to me). 'Ahem! I should think she'll marry none but a nobleman myself. Look ye, sir,' resumed he, turning to his other neighbour, and pointing past me with his umbrella, 'that's the Hall: grand park, you see, and all them woods - plenty of timber there, and lots of game. Hallo! What now?'

This exclamation was occasioned by the sudden stoppage of the coach at the park-gates.

'Gen'leman for Staningley Hall?' cried the coachman and I rose and threw my carpet-bag on to the ground, preparatory to dropping myself down after it.

'Sickly, sir?' asked my talkative neighbour, staring me in the face. I daresay it was white enough.

'No. Here, coachman!'

'Thank'ee, sir. - All right!'

The coachman pocketed his fee and drove away, leaving me, not walking up the park, but pacing to and fro before its gates, with folded arms, and eyes fixed upon the ground, an overwhelming force of images, thoughts, impressions crowding on my mind, and nothing tangibly distinct but this: My love had been cherished in vain - my hope was gone for ever; I must tear myself away at once, and banish or suppress all thoughts of her, like the remembrance of a wild, mad dream. Gladly would I have lingered round the place for hours, in the hope of catching at least one distant glimpse of her before I went, but it must not be - I must not suffer her to see me; for what could have brought me hither but the hope of reviving her attachment, with a view hereafter to obtain her hand? And could I bear that she should think me capable of such a thing? - of presuming upon the acquaintance - the love, if you will - accidentally contracted, or rather forced upon her against her will, when she was an unknown fugitive, toiling for her own support, apparently without fortune, family, or connections; to come upon her now, when she was reinstated in her proper sphere, and claim a share in her prosperity, which, had it never failed her, would most certainly have kept her unknown to me for ever? And this, too, when we had parted sixteen months ago, and she had expressly forbidden me to hope

for a re-union in this world, and never sent me a line or a message from that day to this. No! The very idea was intolerable.

And even if she should have a lingering affection for me still, ought I to disturb her peace by awakening those feelings? To subject her to the struggles of conflicting duty and inclination - to whichever side the latter might allure, or the former imperatively call her - whether she should deem it her duty to risk the slights and censures of the world, the sorrow and displeasure of those she loved, for a romantic idea of truth and constancy to me, or to sacrifice her individual wishes to the feelings of her friends and her own sense of prudence and the fitness of things? No - and I would not! I would go at once, and she should never know that I had approached the place of her abode: for though I might disclaim all idea of ever aspiring to her hand, or even of soliciting a place in her friendly regard, her peace should not be broken by my presence, nor her heart afflicted by the sight of my fidelity.

‘Adieu then, dear Helen, forever! Forever adieu!’

So said I - and yet I could not tear myself away. I moved a few paces, and then looked back, for one last view of her stately home, that I might have its outward form, at least, impressed upon my mind as indelibly as her own image, which, alas! I must not see again - then walked a few steps further; and then, lost in melancholy musings, paused again and leant my back against a rough old tree that grew beside the road.

CHAPTER LIII

While standing thus, absorbed in my gloomy reverie, a gentleman's carriage came round the corner of the road. I did not look at it; and had it rolled quietly by me, I should not have remembered the fact of its appearance at all; but a tiny voice from within it roused me by exclaiming, 'Mamma, mamma, here's Mr. Markham!'

I did not hear the reply, but presently the same voice answered, 'It is indeed, mamma - look for yourself.'

I did not raise my eyes, but I suppose mamma looked, for a clear melodious voice, whose tones thrilled through my nerves, exclaimed, 'Oh, aunt! here's Mr. Markham, Arthur's friend! Stop, Richard!'

There was such evidence of joyous though suppressed excitement in the utterance of those few words - especially that tremulous, 'Oh, aunt' - that it threw me almost off my guard. The carriage stopped immediately, and I looked up and met the eye of a pale, grave, elderly lady surveying me from the open window. She bowed, and so did I, and then she withdrew her head, while Arthur screamed to the footman to let him out; but before that functionary could descend from his box a hand was silently put forth from the carriage window. I knew that hand, though a black glove concealed its delicate whiteness and half its fair proportions, and quickly seizing it, I pressed it in my own - ardently for a moment, but instantly recollecting myself, I dropped it, and it was immediately withdrawn.

'Were you coming to see us, or only passing by?' asked the low voice of its owner, who, I felt, was attentively surveying my countenance from behind the thick black veil which, with the shadowing panels, entirely concealed her own from me.

'I... I came to see the place,' faltered I.

'The place,' repeated she, in a tone which betokened more displeasure or disappointment than surprise.

'Will you not enter it, then?'

'If you wish it.'

'Can you doubt?'

‘Yes, yes! he must enter,’ cried Arthur, running round from the other door; and seizing my hand in both his, he shook it heartily.

‘Do you remember me, sir?’ said he.

‘Yes, full well, my little man, altered though you are,’ replied I, surveying the comparatively tall, slim young gentleman, with his mother’s image visibly stamped upon his fair, intelligent features, in spite of the blue eyes beaming with gladness, and the bright locks clustering beneath his cap.

‘Am I not grown?’ said he, stretching himself up to his full height.

‘Grown! three inches, upon my word!’

‘I was seven last birthday,’ was the proud rejoinder. ‘In seven years more I shall be as tall as you nearly.’

‘Arthur,’ said his mother, ‘tell him to come in. Go on, Richard.’

There was a touch of sadness as well as coldness in her voice, but I knew not to what to ascribe it. The carriage drove on and entered the gates before us. My little companion led me up the park, discoursing merrily all the way. Arrived at the hall-door, I paused on the steps and looked round me, waiting to recover my composure, if possible - or, at any rate, to remember my new-formed resolutions and the principles on which they were founded; and it was not till Arthur had been for some time gently pulling my coat, and repeating his invitations to enter, that I at length consented to accompany him into the apartment where the ladies awaited us.

Helen eyed me as I entered with a kind of gentle, serious scrutiny, and politely asked after Mrs. Markham and Rose. I respectfully answered her inquiries. Mrs. Maxwell begged me to be seated, observing it was rather cold, but she supposed I had not travelled far that morning.

‘Not quite twenty miles,’ I answered.

‘Not on foot!’

‘No, Madam, by coach.’

‘Here’s Rachel, sir,’ said Arthur, the only truly happy one amongst us, directing my attention to that worthy individual, who had just entered to take her mistress’s things. She vouchsafed me an almost friendly smile of

recognition - a favour that demanded, at least, a civil salutation on my part, which was accordingly given and respectfully returned - she had seen the error of her former estimation of my character.

When Helen was divested of her lugubrious bonnet and veil, her heavy winter cloak, &c., she looked so like herself that I knew not how to bear it. I was particularly glad to see her beautiful black hair, unstinted still, and unconcealed in its glossy luxuriance.

‘Mamma has left off her widow’s cap in honour of uncle’s marriage,’ observed Arthur, reading my looks with a child’s mingled simplicity and quickness of observation. Mamma looked grave and Mrs. Maxwell shook her head. ‘And aunt Maxwell is never going to leave off hers,’ persisted the naughty boy; but when he saw that his pertness was seriously displeasing and painful to his aunt, he went and silently put his arm round her neck, kissed her cheek, and withdrew to the recess of one of the great bay-windows, where he quietly amused himself with his dog, while Mrs. Maxwell gravely discussed with me the interesting topics of the weather, the season, and the roads. I considered her presence very useful as a check upon my natural impulses - an antidote to those emotions of tumultuous excitement which would otherwise have carried me away against my reason and my will; but just then I felt the restraint almost intolerable, and I had the greatest difficulty in forcing myself to attend to her remarks and answer them with ordinary politeness; for I was sensible that Helen was standing within a few feet of me beside the fire. I dared not look at her, but I felt her eye was upon me, and from one hasty, furtive glance, I thought her cheek was slightly flushed, and that her fingers, as she played with her watch-chain, were agitated with that restless, trembling motion which betokens high excitement.

‘Tell me,’ said she, availing herself of the first pause in the attempted conversation between her aunt and me, and speaking fast and low, with her eyes bent on the gold chain - for I now ventured another glance - ‘Tell me how you all are at Linden-hope - has nothing happened since I left you?’

‘I believe not.’

‘Nobody dead? nobody married?’

‘No.’

‘Or... or expecting to marry? - No old ties dissolved or new ones formed? no old friends forgotten or supplanted?’

She dropped her voice so low in the last sentence that no one could have caught the concluding words but myself, and at the same time turned her eyes upon me with a dawning smile, most sweetly melancholy, and a look of timid though keen inquiry that made my cheeks tingle with inexpressible emotions.

‘I believe not,’ I answered. ‘Certainly not, if others are as little changed as I.’ Her face glowed in sympathy with mine.

‘And you really did not mean to call?’ she exclaimed.

‘I feared to intrude.’

‘To intrude!’ cried she, with an impatient gesture. ‘What...’ but as if suddenly recollecting her aunt’s presence, she checked herself, and, turning to that lady, continued - ‘Why, aunt, this man is my brother’s close friend, and was my own intimate acquaintance (for a few short months at least), and professed a great attachment to my boy - and when he passes the house, so many scores of miles from his home, he declines to look in for fear of intruding!’

‘Mr. Markham is over-modest,’ observed Mrs. Maxwell.

‘Over-ceremonious rather,’ said her niece - ‘over - well, it’s no matter.’ And turning from me, she seated herself in a chair beside the table, and pulling a book to her by the cover, began to turn over the leaves in an energetic kind of abstraction.

‘If I had known,’ said I, ‘that you would have honoured me by remembering me as an intimate acquaintance, I most likely should not have denied myself the pleasure of calling upon you, but I thought you had forgotten me long ago.’

‘You judged of others by yourself,’ muttered she without raising her eyes from the book, but reddening as she spoke, and hastily turning over a dozen leaves at once.

There was a pause, of which Arthur thought he might venture to avail himself to introduce his handsome young setter, and show me how wonderfully it was grown and improved, and to ask after the welfare of its

father Sancho. Mrs. Maxwell then withdrew to take off her things. Helen immediately pushed the book from her, and after silently surveying her son, his friend, and his dog for a few moments, she dismissed the former from the room under pretence of wishing him to fetch his last new book to show me. The child obeyed with alacrity; but I continued caressing the dog. The silence might have lasted till its master's return, had it depended on me to break it; but, in half a minute or less, my hostess impatiently rose, and, taking her former station on the rug between me and the chimney corner, earnestly exclaimed:

‘Gilbert, what is the matter with you? - why are you so changed? It is a very indiscreet question, I know,’ she hastened to add: ‘perhaps a very rude one - don't answer it if you think so - but I hate mysteries and concealments.’

‘I am not changed, Helen - unfortunately I am as keen and passionate as ever - it is not I, it is circumstances that are changed.’

‘What circumstances? Do tell me!’ Her cheek was blanched with the very anguish of anxiety - could it be with the fear that I had rashly pledged my faith to another?

‘I'll tell you at once,’ said I. ‘I will confess that I came here for the purpose of seeing you (not without some monitory misgivings at my own presumption, and fears that I should be as little welcome as expected when I came), but I did not know that this estate was yours until enlightened on the subject of your inheritance by the conversation of two fellow-passengers in the last stage of my journey; and then I saw at once the folly of the hopes I had cherished, and the madness of retaining them a moment longer; and though I alighted at your gates, I determined not to enter within them; I lingered a few minutes to see the place, but was fully resolved to return to M... without seeing its mistress.’

‘And if my aunt and I had not been just returning from our morning drive, I should have seen and heard no more of you?’

‘I thought it would be better for both that we should not meet,’ replied I, as calmly as I could, but not daring to speak above my breath, from conscious inability to steady my voice, and not daring to look in her face lest my firmness should forsake me altogether. ‘I thought an interview

would only disturb your peace and madden me. But I am glad, now, of this opportunity of seeing you once more and knowing that you have not forgotten me, and of assuring you that I shall never cease to remember you.'

There was a moment's pause. Mrs. Huntingdon moved away, and stood in the recess of the window. Did she regard this as an intimation that modesty alone prevented me from asking her hand? and was she considering how to repulse me with the smallest injury to my feelings? Before I could speak to relieve her from such a perplexity, she broke the silence herself by suddenly turning towards me and observing...

'You might have had such an opportunity before - as far, I mean, as regards assuring me of your kindly recollections, and yourself of mine, if you had written to me.'

'I would have done so, but I did not know your address, and did not like to ask your brother, because I thought he would object to my writing; but this would not have deterred me for a moment, if I could have ventured to believe that you expected to hear from me, or even wasted a thought upon your unhappy friend; but your silence naturally led me to conclude myself forgotten.'

'Did you expect me to write to you, then?'

'No, Helen - Mrs. Huntingdon,' said I, blushing at the implied imputation, 'certainly not; but if you had sent me a message through your brother, or even asked him about me now and then...'

'I did ask about you frequently. I was not going to do more,' continued she, smiling, 'so long as you continued to restrict yourself to a few polite inquiries about my health.'

'Your brother never told me that you had mentioned my name.'

'Did you ever ask him?'

'No; for I saw he did not wish to be questioned about you, or to afford the slightest encouragement or assistance to my too obstinate attachment.' Helen did not reply. 'And he was perfectly right,' added I. But she remained in silence, looking out upon the snowy lawn. 'Oh, I will relieve her of my presence,' thought I; and immediately I rose and advanced

to take leave, with a most heroic resolution - but pride was at the bottom of it, or it could not have carried me through.

‘Are you going already?’ said she, taking the hand I offered, and not immediately letting it go.

‘Why should I stay any longer?’

‘Wait till Arthur comes, at least.’

Only too glad to obey, I stood and leant against the opposite side of the window.

‘You told me you were not changed,’ said my companion: ‘you are - very much so.’

‘No, Mrs. Huntingdon, I only ought to be.’

‘Do you mean to maintain that you have the same regard for me that you had when last we met?’

‘I have; but it would be wrong to talk of it now.’

‘It was wrong to talk of it then, Gilbert; it would not now - unless to do so would be to violate the truth.’

I was too much agitated to speak; but, without waiting for an answer, she turned away her glistening eye and crimson cheek, and threw up the window and looked out, whether to calm her own, excited feelings, or to relieve her embarrassment, or only to pluck that beautiful half-blown Christmas-rose that grew upon the little shrub without, just peeping from the snow that had hitherto, no doubt, defended it from the frost, and was now melting away in the sun. Pluck it, however, she did, and having gently dashed the glittering powder from its leaves, approached it to her lips and said:

‘This rose is not so fragrant as a summer flower, but it has stood through hardships none of them could bear: the cold rain of winter has sufficed to nourish it, and its faint sun to warm it; the bleak winds have not blanched it, or broken its stem, and the keen frost has not blighted it. Look, Gilbert, it is still fresh and blooming as a flower can be, with the cold snow even now on its petals. - Will you have it?’

I held out my hand: I dared not speak lest my emotion should overmaster me. She laid the rose across my palm, but I scarcely closed my

fingers upon it, so deeply was I absorbed in thinking what might be the meaning of her words, and what I ought to do or say upon the occasion; whether to give way to my feelings or restrain them still. Misconstruing this hesitation into indifference - or reluctance even - to accept her gift, Helen suddenly snatched it from my hand, threw it out on to the snow, shut down the window with an emphasis, and withdrew to the fire.

‘Helen, what means this?’ I cried, electrified at this startling change in her demeanour.

‘You did not understand my gift,’ said she - ‘or, what is worse, you despised it. I’m sorry I gave it you; but since I did make such a mistake, the only remedy I could think of was to take it away.’

‘You misunderstood me cruelly,’ I replied, and in a minute I had opened the window again, leaped out, picked up the flower, brought it in, and presented it to her, imploring her to give it me again, and I would keep it for ever for her sake, and prize it more highly than anything in the world I possessed.

‘And will this content you?’ said she, as she took it in her hand.

‘It shall,’ I answered.

‘There, then; take it.’

I pressed it earnestly to my lips, and put it in my bosom, Mrs. Huntingdon looking on with a half-sarcastic smile.

‘Now, are you going?’ said she.

‘I will if.. if I must.’

‘You are changed,’ persisted she - ‘you are grown either very proud or very indifferent.’

‘I am neither, Helen - Mrs. Huntingdon. If you could see my heart..’

‘You must be one - if not both. And why Mrs. Huntingdon? - why not Helen, as before?’

‘Helen, then - dear Helen!’ I murmured. I was in an agony of mingled love, hope, delight, uncertainty, and suspense.

‘The rose I gave you was an emblem of my heart,’ said she; ‘would you take it away and leave me here alone?’

‘Would you give me your hand too, if I asked it?’

‘Have I not said enough?’ she answered, with a most enchanting smile. I snatched her hand, and would have fervently kissed it, but suddenly checked myself, and said:

‘But have you considered the consequences?’

‘Hardly, I think, or I should not have offered myself to one too proud to take me, or too indifferent to make his affection outweigh my worldly goods.’

Stupid blockhead that I was! - I trembled to clasp her in my arms, but dared not believe in so much joy, and yet restrained myself to say:

‘But if you should repent!’

‘It would be your fault,’ she replied: ‘I never shall, unless you bitterly disappoint me. If you have not sufficient confidence in my affection to believe this, let me alone.’

‘My darling angel - my own Helen,’ cried I, now passionately kissing the hand I still retained, and throwing my left arm around her, ‘you never shall repent, if it depend on me alone. But have you thought of your aunt?’ I trembled for the answer, and clasped her closer to my heart in the instinctive dread of losing my new-found treasure.

‘My aunt must not know of it yet,’ said she. ‘She would think it a rash, wild step, because she could not imagine how well I know you; but she must know you herself, and learn to like you. You must leave us now, after lunch, and come again in spring, and make a longer stay, and cultivate her acquaintance, and I know you will like each other.’

‘And then you will be mine,’ said I, printing a kiss upon her lips, and another, and another; for I was as daring and impetuous now as I had been backward and constrained before.

‘No - in another year,’ replied she, gently disengaging herself from my embrace, but still fondly clasping my hand.

‘Another year! Oh, Helen, I could not wait so long!’

‘Where is your fidelity?’

‘I mean I could not endure the misery of so long a separation.’

‘It would not be a separation: we will write every day: my spirit shall be always with you, and sometimes you shall see me with your bodily eye. I will not be such a hypocrite as to pretend that I desire to wait so long myself, but as my marriage is to please myself, alone, I ought to consult my friends about the time of it.’

‘Your friends will disapprove.’

‘They will not greatly disapprove, dear Gilbert,’ said she, earnestly kissing my hand; ‘they cannot, when they know you, or, if they could, they would not be true friends - I should not care for their estrangement. Now are you satisfied?’ She looked up in my face with a smile of ineffable tenderness.

‘Can I be otherwise, with your love? And you do love me, Helen?’ said I, not doubting the fact, but wishing to hear it confirmed by her own acknowledgment.

‘If you loved as I do,’ she earnestly replied, ‘you would not have so nearly lost me - these scruples of false delicacy and pride would never thus have troubled you - you would have seen that the greatest worldly distinctions and discrepancies of rank, birth, and fortune are as dust in the balance compared with the unity of accordant thoughts and feelings, and truly loving, sympathising hearts and souls.’

‘But this is too much happiness,’ said I, embracing her again; ‘I have not deserved it, Helen - I dare not believe in such felicity: and the longer I have to wait, the greater will be my dread that something will intervene to snatch you from me - and think, a thousand things may happen in a year! - I shall be in one long fever of restless terror and impatience all the time. And besides, winter is such a dreary season.’

‘I thought so too,’ replied she gravely: ‘I would not be married in winter - in December, at least,’ she added, with a shudder - for in that month had occurred both the ill-starred marriage that had bound her to her former husband, and the terrible death that released her - ‘and therefore I said another year, in spring.’

‘Next spring?’

‘No, no - next autumn, perhaps.’

‘Summer, then?’

‘Well, the close of summer. There now! be satisfied.’

While she was speaking Arthur re-entered the room - good boy for keeping out so long.

‘Mamma, I couldn’t find the book in either of the places you told me to look for it’ (there was a conscious something in mamma’s smile that seemed to say, ‘No, dear, I knew you could not’), ‘but Rachel got it for me at last. Look, Mr. Markham, a natural history, with all kinds of birds and beasts in it, and the reading as nice as the pictures!’

In great good humour I sat down to examine the book, and drew the little fellow between my knees. Had he come a minute before I should have received him less graciously, but now I affectionately stroked his curling locks, and even kissed his ivory forehead: he was my own Helen’s son, and therefore mine; and as such I have ever since regarded him. That pretty child is now a fine young man: he has realised his mother’s brightest expectations, and is at present residing in Grassdale Manor with his young wife - the merry little Helen Hattersley of yore.

I had not looked through half the book before Mrs. Maxwell appeared to invite me into the other room to lunch. That lady’s cool, distant manners rather chilled me at first; but I did my best to propitiate her, and not entirely without success, I think, even in that first short visit; for when I talked cheerfully to her, she gradually became more kind and cordial, and when I departed she bade me a gracious adieu, hoping ere long to have the pleasure of seeing me again.

‘But you must not go till you have seen the conservatory, my aunt’s winter garden,’ said Helen, as I advanced to take leave of her, with as much philosophy and self-command as I could summon to my aid.

I gladly availed myself of such a respite, and followed her into a large and beautiful conservatory, plentifully furnished with flowers, considering the season - but, of course, I had little attention to spare for them. It was not, however, for any tender colloquy that my companion had brought me there:

‘My aunt is particularly fond of flowers,’ she observed, ‘and she is fond of Staningley too: I brought you here to offer a petition in her behalf,

that this may be her home as long as she lives, and - if it be not our home likewise - that I may often see her and be with her; for I fear she will be sorry to lose me; and though she leads a retired and contemplative life, she is apt to get low-spirited if left too much alone.'

'By all means, dearest Helen! - do what you will with your own. I should not dream of wishing your aunt to leave the place under any circumstances; and we will live either here or elsewhere as you and she may determine, and you shall see her as often as you like. I know she must be pained to part with you, and I am willing to make any reparation in my power. I love her for your sake, and her happiness shall be as dear to me as that of my own mother.'

'Thank you, darling! you shall have a kiss for that. Good-bye. There now... there, Gilbert - let me go - here's Arthur; don't astonish his infantile brain with your madness.'

* * * * *

But it is time to bring my narrative to a close. Any one but you would say I had made it too long already. But for your satisfaction I will add a few words more; because I know you will have a fellow-feeling for the old lady, and will wish to know the last of her history. I did come again in spring, and, agreeably to Helen's injunctions, did my best to cultivate her acquaintance. She received me very kindly, having been, doubtless, already prepared to think highly of my character by her niece's too favourable report. I turned my best side out, of course, and we got along marvellously well together. When my ambitious intentions were made known to her, she took it more sensibly than I had ventured to hope. Her only remark on the subject, in my hearing, was...

'And so, Mr. Markham, you are going to rob me of my niece, I understand. Well! I hope God will prosper your union, and make my dear girl happy at last. Could she have been contented to remain single, I own I should have been better satisfied; but if she must marry again, I know of no one, now living and of a suitable age, to whom I would more willingly resign her than yourself, or who would be more likely to appreciate her worth and make, her truly happy, as far as I can tell.'

Of course I was delighted with the compliment, and hoped to show her that she was not mistaken in her favourable judgment.

‘I have, however, one request to offer,’ continued she. ‘It seems I am still to look on Staningley as my home: I wish you to make it yours likewise, for Helen is attached to the place and to me - as I am to her. There are painful associations connected with Grassdale, which she cannot easily overcome; and I shall not molest you with my company or interference here: I am a very quiet person, and shall keep my own apartments, and attend to my own concerns, and only see you now and then.’

Of course I most readily consented to this; and we lived in the greatest harmony with our dear aunt until the day of her death, which melancholy event took place a few years after - melancholy, not to herself (for it came quietly upon her, and she was glad to reach her journey’s end), but only to the few loving friends and grateful dependents she left behind.

To return, however, to my own affairs: I was married in summer, on a glorious August morning. It took the whole eight months, and all Helen’s kindness and goodness to boot, to overcome my mother’s prejudices against my bride-elect, and to reconcile her to the idea of my leaving Linden Grange and living so far away. Yet she was gratified at her son’s good fortune after all, and proudly attributed it all to his own superior merits and endowments. I bequeathed the farm to Fergus, with better hopes of its prosperity than I should have had a year ago under similar circumstances; for he had lately fallen in love with the Vicar of L-’s eldest daughter - a lady whose superiority had roused his latent virtues, and stimulated him to the most surprising exertions, not only to gain her affection and esteem, and to obtain a fortune sufficient to aspire to her hand, but to render himself worthy of her, in his own eyes, as well as in those of her parents; and in the end he was successful, as you already know. As for myself, I need not tell you how happily my Helen and I have lived together, and how blessed we still are in each other’s society, and in the promising young scions that are growing up about us. We are just now looking forward to the advent of you and Rose, for the time of your annual visit draws nigh, when you must leave your dusty, smoky, noisy, toiling, striving city for a season of invigorating relaxation and social retirement with us.

Till then, farewell,

GILBERT MARKHAM.

STANINGLEY: June 10th 1847.

ANNE BRONTË

17 DE JANEIRO DE 1820 - 28 DE MAIO DE 1849

Anne Brontë, a mais jovem das famosas Irmãs Brontë, nasceu em 17 de janeiro de 1820 no número 74 da Market Street na vila de Thornton, Bradford, Yorkshire County, Inglaterra. Ela foi a filha caçula dos cinco filhos de Maria Branwell (1783-1821) e do reverendo Patrick Brontë (1777-1861), tendo como irmãos: Maria (1814-1825), Elizabeth (1815-1825), Charlotte (1816-1855), Patrick Branwell “Branwell” (1817-1848), e Emily (1818-1849).

Logo após o nascimento de Anne a família Brontë se mudou para Haworth onde Patrick foi indicado como clérigo local. Anne tornou-se especialmente ligada às suas irmãs Elizabeth e Emily, sendo que muitas vezes ambas eram inseparáveis. Juntas elas criaram um mundo imaginário – Gondal – em resposta à terra de Angria, criada por Charlotte e Patrick, com personagens e situações imaginárias que foram a fonte de numerosos poemas. Anne também era uma exímia desenhista. Anne foi uma estudante dedicada passando dois anos sob os cuidados de sua irmã Charlotte na Roe Head School em Mirfield, sendo que é neste período que ela produz alguns de seus melhores poemas, “The Doubter’s Prayer” and “Self-Communion”, influenciados por várias de suas crises espirituais. Do mesmo modo que suas irmãs Charlotte e Emily, Anne não pretendia ser um estorvo financeiro para seus pais e logo procurou contribuir para as finanças domésticas. Como filha bem instruída do clérigo local na era Vitoriana era fácil para ela obter uma posição respeitável como governanta após o término de seus estudos. Ela também experimentou algumas dificuldades para controlar e instruir algumas crianças que eram resistente ao ensinamento. Os poucos meses como tutora em Blake Hall forneceram-lhe inspiração para a trama e os personagens de Agnes Grey, um dos seus romances publicados em 1847. O próximo emprego de Anne durou cinco anos, em Thorp Green: em 1840, ela passou a ser a dama de companhia da esposa do reverendo Edmundo Robinson, Lydia, e de seus quatro filhos, viajando frequentemente para a região de York e para a cidade balneária de Scarborough, no mar do Norte, próximo a North Yorkshire. Esses foram anos maravilhosos, o que pode ser comprovado por sua produção poética. Em 1842, sua irmã Elizabeth vem a

falecer, bem como William Weightman (1814-1842), auxiliar de seu pai e segundo alguns a grande paixão de sua vida, o que se intui pela dedicação de vários de seus poemas. Sua relação com os Robinsons durou muito além do período em que esta trabalhou na residência da família, mantendo contato com as filhas do casal até sua morte, e mesmo após o envolvimento escandaloso de seu irmão com Lydia Robinson, o que o viria a lançar em desgraça em 1845. Ao retornar para sua casa, Anne começou a escrever novamente. Charlotte estava editando o manuscrito para Poemas de Currerm Ellis e Acton Bell, publicado em 1846 por Aylott e Jones, de Londres, com os custos bancados pelas economias da família. Um ano mais tarde, Anne publica seu primeiro romance – "Agnes Grey" – também sob o pseudônimo de Acton Bell, recedendo algumas críticas favoráveis sobre a produção. Seu segundo romance – "A Moradora de Wildfell Hall" – a levou a ter grandes esperanças de iniciar uma carreira promissora, mas infelizmente a morte de seu irmão Patrick, em setembro de 1848 e de Emily, em dezembro do mesmo ano, obscureceu seu ânimo.

Com muitos paralelos encontrados na própria vida de Anne, "A Moradora de Wildfell Hall" é por muitos considerado chocante e sombrio, ao mesmo tempo que é encarado como uma história de coragem e esperança moral. Examinando os valores e as virtudes da era Vitoriana, a jovem Helen Graham, a personagem principal do romance, lança-se em busca de uma vida melhor, em companhia de seu filho Arthur, abandonando um marido violento. Esse romance recebeu toda sorte de críticas favoráveis ou não, em virtude do conteúdo de sua trama e da estrutura complexa. Entretanto, hoje o mesmo é encarado como um dos primeiros exemplares do movimento feminista. Anne Brontë era uma cristã universalista, uma vertente do Cristianismo, que prega a salvação de todos os homens. Tal concepção refuta a ideia de Inferno, já que todas as almas, pecadoras ou não, voltarão aos braços de seu criador. A doutrina permeia toda a conduta da protagonista Helen. A escritora casou-se tarde, apenas poucos meses antes de sua morte. No entanto, ela tinha uma inspiração muito próxima de si para criar alguns de seus personagens. Especula-se que o incorrigível Arthur Huntingdon seja um retrato de seu irmão, Branwell, também poeta (que teria ainda inspirado sua irmã Charlotte em "Jane Eyre"). Além disso,

acredita-se que muito do livro foi concebido enquanto Brontë trabalhou como governanta.

Anne possuía um espírito profundamente apaixonado e extremamente espiritualizado, embora muitas vezes fosse vista como uma pessoa extremamente séria, exatamente como também era vista sua irmã Emily. Anne sempre teve que lidar com a doença e a depressão dentro de sua família, e embora tenha vivido brevemente, seus romances e seus poemas tem sido sempre lidos, estudados e admirados desde seu lançamento. Anne viria também a adoecer de tuberculose, e embora sabedora da gravidade da doença, a mesma ainda mantinha esperança de se curar, viajando por várias vezes até Scarborough, para tratamentos, em companhia de sua irmã Charlotte e de sua amiga Ellen Nussey. Entretanto, a doença como se esperava foi vitoriosa: aos vinte e oito anos, em 28 de maio de 1849, ela viria a falecer, permanecendo os seus restos mortais sepultados no cemitério da igreja de Santa Maria de Scarborough, voltados para o mar que ela tanto amava.

Em sua lápide, Charlotte, que viveu apenas mais seis anos além de sua irmã, mandou gravar um pequeno poema dedicado à Anne, intitulado “Sobre a morte de Anne Brontë”, onde a mesma declara que o Firmamento agora está mais feliz com a presença de Anne junto de Deus e que só resta aos homens que aqui permaneceram a escuridão e a decadência da alegria.